O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

VOLUME 47.º

1900

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1900

O INSTITUTO

VOLUME 47.º

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

VOLUME 47.º

1900

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1900

COLLABORADORES DO VOLUME 47.º

A. A. Cortesão
A. A. Pires de Lima
A. A. de Sousa Pinto
Agostinho Viegas da Cunha Lucas
Alfonso Hincker
A. Ismael Gracias
A. J. Ferreira da Silva
Antonio Aurelio da Costa Ferreira
Antonio José Teixeira (Dr.)
Antonio Machado
Antonio Manuel da Cunha Bellem
Assis Teixeira (Dr.)
Augusto Schiappa Monteiro
Bernardino Machado (Dr.)
Carlos de Mesquita
Carolina Michaëlis de Vasconcellos
Corrêa Barata (Dr.)
Eloy José de Carvalho
F. Adolpho Coelho
Francesco P. Garofalo (Dott.)
Francisco Ferraz de Macedo (Dr.)
José Julio Rodrigues
Julio Brandão
Julio de Castilho (Visconde de Castilho)
L. C. Almeida (Dr.)
Madame Clémence Royer
Manuel da Silva Gayo
Philéas Lebesgue
Sousa Viterbo
Zeferino Falcão.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME 47.º

A

Ahasvero (poesia), 367.
Alexandre Herculano, 755.
Allocução proferida á beira da sepultura do licenciado Alberto Pessoa, 129.
Allocução proferida á beira da sepultura do dr. Julio Cesar de Sande Saccadura Botte, 1.
Ame (L') Portugaise, 179.
Angulo (O) biorbitario dos cranios portuguêses, 347.
Antonio Homem, 47, 115.
Apontamentos de mechanica, 544, 609.
Architecto (O) João de Castilho, 753.

B

Bibliographia, 698.

C

Canção (poesia), 428.
Constitution (La) do Monde, 208, 268.
Contributi alla storia delle provincie occidentali dell'Impero Romano, 257, 321.
Cranios portuguêses, III, 85, 336, 407.
Creança (A uma) (poesia), 427.
Curso de pedagogia, 80, 130, 193.

D

Differenças phoneticas das linguas e differenças anatomicas dos orgãos da falla, 513, 577, 641, 705.
Diluvio (O) (poesia), 429.
Doutrinas (As) economicas de Karl Marx, 2, 65.
Duas palavras sôbre a organização social hindú, 263.

E

Elementos elucidativos sôbre a relação dos indices cephalicos e da estatura com a capacidade craniana, 552.
Ensino (O) historico, philologico e philosophico em Portugal até 1858, 449.
Eschola Maria Pia, 328, 385.
Estudos sôbre a mandibula, 685, 743.
Estudos sôbre Damião de Goes, 50, 173, 241, 376, 435, 507, 569, 620.

F

Francisco Augusto Corrêa Barata (Dr.), 256.
Fulmen (poesia), 617.

H

Heraldica litteraria, 764.
Historia da litteratura portuguêsa, 225, 356.

I

Ideal pagão (poesia), 690.
Ideal (poesia), 567.
Ignota Dea (poesia), 483.
Inverno (No) (poesia), 426.

L

Lenda (A) de Santo Eloy, 118, 182, 246, 308, 632.
Livro das obediencias dos geraes, 124, 190, 252, 319, 381, 445, 511, 575, 638, 702, 767.

M

Manoel da Silva Gayo, 294.
Materialismo (poesia), 279.
Memorias de Castilho, 37, 101, 160, 231, 280.

N

Notas d'um pae, 12, 74, 391, 469, 530, 593, 659, 721.
Notas historicas da cadeira de desenho da Eschola Polytechnica e rapidas considerações sôbre o ensino do desenho em geral, 96, 154, 221, 418.
Noticia dum romancista inedito, 485.
Noviça (poesia), 224.
Novo (O) seculo, 20.

P

Poetas (Tres) portuguêses desconhecidos, 694.
Prophylaxia das tinhas na eschola, 30.

R

Relatorio da eschola parochial de Belem, 149.
Representação, 254.
Rimas (poesia), 354.
Ruines, 158.

S

Santa Cecilia, 441.
Saudade (poesia), 615.
Sôbre o livro de M. Alphonse Bertillon, 216.
Sôbre uma reacção da cocaïna e seus saes, 198.
Subsídios para um diccionário completo (histórico-etymológico) da língua portuguêsa, 57, 127.
Sulla legislazione di Draconte, 677, 737.
Sur une cause d'erreur dans la recherche de l'acide salicylique dans les vins portugais, 550.

RELAÇÃO DOS LIVROS OFFERECIDOS AO INSTITUTO

Aguardentes (As) naturaes de bagaço e de vinho e os alcooes industriaes, por A. J. Ferreira da Silva. Porto, Typographia Gutenberg, 1900.

Alcool e vinhos, por Augusto Gama. Porto, Typographia Seculo XX, 1900.

Algumas noticias para a descripção historica dos logares de Alcainça, Malveira e Carrasqueira do concelho de Mafra, por J. J. Ascensão Valdez. Lisboa, Typographia do jornal *Dia*, 1897.

Algumas palavras sobre o eclipse do sol de 1900 e sua influencia no magnetismo terrestre, por Augusto Ramos da Costa. Lisboa, Manuel Gomes, editor, 1900.

Allocução proferida pelo bispo de Coimbra na primeira communhão de Sua Alteza o Principe Real, no dia 28 de maio de 1899. Coimbra, Imprensa Academica, 1899.

Alvaro de Braga. Reflexões ao sr. Pereira Caldas, por José Machado. Braga, Typographia de J. M. de Sousa Cruz, 1900.

Ame (L') antique, par Marc Legrand. Paris, juillet, 1898.

Amor di Patria! Al polo nord, 1900, por A. Volante. Torino, Tip. G. U. Cassone, 1900.

Andaço (O) do Porto, pelo dr. José Gomes da Silva. Porto, Typographia do *Commercio do Porto*, 1899.

Annaes do orpheon portuense desde a sua fundação em 12 de janeiro de 1881 até ao fim de maio de 1897. Porto, Typographia do *Commercio do Porto*, 1897.

Annaes do orpheon portuense. Primeiro supplemento.—Epoca 17 de dezembro de 1897 a 3 de junho de 1898. Porto, Typographia do *Commercio do Porto*, 1898.

Annaes do orpheon portuense. Segundo supplemento.—Epoca de 10 dezembro de 1898 a 29 de maio de 1899. Porto, Typographia do *Commercio do Porto*, 1899.

Annuaire de la législation du travail, 2e année, 1898. Bruxelles, 1899.

Annual report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution, showing the operations, expenditures, and condition of the institution to july, 1897. Washington-Governement Printing Office, 1898.

Annuario da Academia Polytechnica do Porto. Anno lectivo de 1898-1899. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1899.

Annuario da Academia Polytechnica do Porto. Anno lectivo de 1899-1900. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900.

Annuario estatistico da provincia de Angola, 1898 (segundo anno). Loanda, Imprensa Nacional, 1900.

Assistencia judiciaria—Serviços medico-legaes—Alienados criminosos—Notariado—Annotações aos diplomas que criaram estes serviços, por Antonio Ferreira Augusto. Porto, Imprensa Commercial, 1900.

Associação dos jornalistas de Lisboa. Relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal (Gerencia de 1899). Lisboa, Typographia Universal, 1900.

Associação (A) e a eschola. Estudo critico, 1884–1890, 1.ª parte, por Custodio Dias Guerreiro. Coimbra, Typ. França Amado, 1899.
Atheneu Commercial do Porto. Extracto do relatorio de 1899 sobre os trabalhos para o projectado monumento a Almeida Garrett. Porto, Typographia de Arthur J. de Sousa & Irmão, 1900.
Autour de la Sicile, 1861-1863, par Léon Verhaeghe de Naeyer. Paris, Librairie Internationale, 1864.
Azucar (El) como alimento del hombre, pelo doctor Antonio de Gordon y de Acosta. Habana, Imprenta Militar, 1899.

Bibles (Les) castillanes avec un appendice sur les bibles portugaises, par M.me C. Michaëlis de Vasconcellos et S. Berger, par Samuel Berger. Paris, 1899.
Brazil (O) e o soberano congresso (Ephemerides historicas), por A. X. da Silva Pereira. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1900.
Breve memoria ácerca da instituição das religiosas maltezas em Portugal, pelo dr. José Epiphanio Marques. Coimbra, Typographia França Amado, 1899.

Cadix (Étude historique), por Antonio de Portugal de Faria. Saint-Valéry-en-Caux, 1898.
Caixa economica escholar da Varzea de Goes. Relatorio da gerencia de 12 de agosto de 1898 a 30 de junho de 1899, por Custodio Dias Guerreiro. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900.
Calculo (Sobre o) das phases de uma funcção simples, 2.ª secção, tom. VI, n.º XXI. Extracto do *Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes*, por Antonio Cabreira. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1900.
Carta organica das instituições administrativas nas provincias ultramarinas, por J. A. Ismael Gracias. Nova Goa, Imprensa Nacional, 1899.
Caso (Um) agricolo-legal, por Adolpho A. Baptista Ramires. Coimbra, Typographia França Amado, 1899.
Causas (As) da febre typhoide em Portugal. Relatorio apresentado ao congresso nacional de medicina (maio de 1898), por Lopo de Carvalho. Guarda, Typographia do *Districto da Guarda*, 1899.
Classificação (Uma) dos phenomenos e das sciencias sociaes, por M. I. Abundio da Silva. Coimbra, 1899.
Centenario da India—Adamastor. Notas para a historia do cruzador de guerra portuguez, construido pela grande subscripção nacional a favor da defesa do paiz, por Antonio de Portugal de Faria. Leorne, Typ. de Raphael Giusti, 1898.
Centenario da India.—Torquato Tasso a Luiz de Camões. Soneto: Vasco da Gama, por Antonio de Portugal de Faria. Leorne, Typ. de Raphael Giusti, 1898.
Commission des pensions ouvrières. Rapport sur les travaux de la commission. Bruxelles-Hayez, Imprimerie de l'Académie Royale de Belgique, 1900.
Com todos os sacramentos, por Joaquim dos Reis Torgal. Lisboa, Typographia do *Dia*, 1899.
Concordismus et Idealismus. Commentarius in hexaemeron, per Augustus Joachimus Alves dos Santos. Conimbricae, Typis Academicis, MDCCCC.
Conde (O) de Villa Franca e a inquisição, por Anselmo Braamcamp Freire. Lisboa, Imprensa Nacional, 1899.

Congrès des sociétés savantes. Rapport sommaire sur l'exposition des appareils de mesure du temps et des angles gradués suivant le système décimal, por M. J. de Rey-Pailhade. Toulouse, Imp. Lagarde & Sebille, 1899.

Consideraciones sobre la voz humana, pelo dr. Antonio de Gordon y de Acosta. Habana, Imprenta Militar, 1899.

Constitucion politica de la Republica filipina promulgada el dia 22 de enero de 1899. Reproducida de la 1.ª edicion oficial, 1899.

Contas e Bordão, comedia em 1 acto em verso, por Maximiliano de Azevedo. Lisboa, Typographia Casa Minerva, 1886.

Contribuições para a bibliographia indo-portugueza. Fasciculo 1, por Ignacio Salvador Leonardo Dias. Bastorá, Typographia Rangel, 1899.

Crédito (Do) e da circulação fiduciária, por Antonio Candido d'Almeida Leitão. Coimbra, Imprensa da Universidade. Livraria de J. Diôgo Pires, editor, 1899.

Criterii sulla educazione morale e civile nelle scuole, por Antonio Padula. Napoli, Stab. Tip. Pierro-Veraldi, 1899.

Curso de geometria descriptiva da Eschola Polytechnica. Tomo I, Texto. Tomo II, Atlas, por Luiz Porfirio da Motta Pegado. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias,1899.

Declaremos en Cuba guerra a la tuberculosis, pelo dr. Antonio de Gordon y de Acosta. Habana, Imprenta Compostela, 1899.

Demographia e hygiene da cidade do Porto. I—Clima—População—Mortalidade, por Ricardo Jorge. Repartição de saude e hygiene da camara do Porto, 1899.

Descobrimento (O) do Brazil. Narrativa de um marinheiro, edição popular commemorativa do 4.º centenario do descobrimento do Brazil. Lisboa, Empreza do *Occidente*, 1900.

Discursos leidos ante la Real Academia de la Historia en la recepcion pública del excmo. sr. D. Juan Jordán de Uiries. Madrid, Imprenta del Asilo de Huerfanos del Sagrado Corazón de Jesús, 1899.

Diu. Apontamentos para a sua historia e chorographia com uma carta-prefacio de José Antonio Ismael Gracias, por Jeronymo Quadros. Nova Goa, Typ. Fontainhas, 1899.

Doutrinas (As) economicas de Karl Marx, por A. A. Pires de Lima. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900.

Eaux (Les) minérales de Vidago, source Campilho—Portugal. Analyse chimique, par A. J. Ferreira da Silva. Porto, Imprimerie du journal *O Commercio do Porto*, 1900.

Eclipse (O) do sol de 1900, maio 28, em Portugal. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, 1.ª parte, tomo x, por Eduardo Freire de Oliveira. Lisboa, Typographia Universal, 1899.

Elogio de José Joaquim de Barros e Vasconcellos, com notas de Antonio de Portugal de Faria, por Francisco de Borja Garção Stockler. Leorne, Typ. de Raphael Giusti, 1897.

Episodio (O) do Adamastor nos Lusiadas de Luis de Camões, por Antonio de Portugal de Faria. Livorno, Tip. di Raffaello Giusti, 1897.

Escorços juridicos. Contribuições indirectas municipaes—Farinhas— O pão—uma sentença proferida em 1.ª instancia, por Diogo Tavares de Mello Leote, Tavira, Typographia Burocratica, 1899.

Essai d'une théorie des droits subjectives des administrés dans le droit administratif français, por Joseph Barthélemy. Paris, 1899.
Estação (A) archeologica d'Alvarelhos. I, por José T. M. Fortes Junior. Porto, Typographia central, 1899.
Estatutos da sociedade assistencia nacional aos tuberculosos.
Estudios y fragmentos sobre la teoria de la pesona social, por Francisco Giner. Madrid, Imprenta de Enrique Rojas, 1899.
Estudo chimico e technologico sobre a ceramica portugueza moderna, por Charles Lepierre. Lisboa, Imprensa Nacional, 1899.
Estudo historico hydrographico sobre a barra e o porto de Lisboa. Tomo I texto e tomo II atlas, por A. A. Baldaque da Silva. Lisboa, Imprensa Nacional, 1893.
Estudos historicos. I—*Aspecto da arte brasileira colonial*. II—*A litteratura brasileira colonial*, pelo dr. Arthur da Cunha Barbosa. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1899.
Evolução dos contractos (Breve ensaio de estudos juridico-sociaes), por M. I. Abundio da Silva. Coimbra, Imprensa Academica, 1898.
Excentricos (Os) do meu tempo, por L. A. Palmeirim. Lisboa, Imprensa Nacional, 1891.
Exposição dirigida a Sua Alteza Real o Principe Regente. (Separata do *Instituto*), por D. Francisco de Lemos. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1899.
Extension du système métrique à la mesure du temps et des angles, por J. de Rey-Pailhade. Paris, 1899.
Extracto do mare magnum de Francisco Marucelli-Lusitania, por Antonio de Portugal de Faria. Leorne, Typ. de Raphael Giusti, 1898.

Fazenda (A) do paraiso. I, 2.ª edição melhorada, por Arthur Guimarães. Lisboa, Typographia da Companhia Nacional Editora, 1899.
Florence. Étude politique, par Léon Verhaeghe de Naeyer. Paris, E. Dentu, éditeur, 1880.
Força (A) do direito (Questões confrariaes), por Soares Rebello. Margão, Typographia das *Noticias*, 1899.
Friedrich Niebfche, pelo dr. Theobald Ziegler. Berlin, Georg Bondi, 1899.

Garrett e o Panthéon, artigo estampado no n.º 5454 do *Conimbricense*, por Theophilo Braga. Coimbra, 1900.
Gigante (O) adamastor, episodio dos Lusiadas de Luiz de Camões com a traducção em versos italianos de Prospero Peragallo e um prefacio de Xavier da Cunha. Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1898.

Historia das plantas medicinaes portuguezas, por Manuel dos Santos Costa. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1899.
Historias das Ilhas, por Maximiliano de Azevedo. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1899.
Homenagem á memoria do grande orador viziense o Conego Martins. Vizeu, 1899.
Homenagem da camara dos dignos pares do reino ao doutor Gomes Teixeira, por iniciativa do doutor Gonçalo de Almeida Garrett, 8 de maio de 1900. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900.
Indice (L') cephalique et la pseudo-sociologie. Extracto da *Revue de l'école*

d'anthropologie de Paris, 9ème année, XI, 15 de agosto de 1899, par L. Manouvrier. Paris, Felix Alcalan, éditeur, 1899.
Industrias (As) do leite, por Adolpho A. Baptista Ramires. Coimbra, Typographia França Amado, 1894.
Industries (Les) à domicile en Belgique, vol. I. Bruxelles, 1899.
Industries (Les) à domicile en Belgique, vol. II. Bruxelles, 1900.

Jornaes indo-portuguezes. Publicação commemorativa da exposição da imprensa, realisada em maio de 1898, contendo a descripção dos jornaes publicados em Goa, Damão, Diu e Bombaim desde 1821 até ao presente, por Silva Leal. Lisboa, Imprensa de Libanio da Silva, 1898.
Journal of the Péking Oriental Society. Vol. I, number 1. Péking, Pei-Tang Press, 1885.
Journal of the Péking Oriental Society. Vol. II, number 5. Péking, Pei-Tang Press, 1890.

Legislação (La) sanitaria escolar en los principales estados de Europa, por Antonio de Gordon y de Acosta. Habana, Imprenta *La Universal* de Ruiz y Hermano, 1899.
Legislation électorale comparée des principaux pays de l'Europe, par Edmond Villey. Paris, Librairie L. Larose, 1900.
Lettre à messieurs les auteurs du Journal des Sçavans *sur la navigation des Portugais aux Indes Orientales*, par José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos e Antonio de Portugal de Faria. Livourne, Typ. de Raphael Giusti, 1898.
Lições de chimica pharmaceutica. Medicamentos organicos, por Alfredo Pereira. Porto, Typographia Occidental, 1900.
Lucta (A) de 1828-34. Tentativa de auxiliar bibliographico, por Antonio de Portugal de Faria. Leorne, Typ. de Raphael Giusti, 1897.

Manuel Bento de Sousa. Elogio recitado na sessão solemne commemorativa, celebrada pela Associação dos medicos portuguezes na noite de 23 de novembro de 1899, por Joaquim Alves Crespo. Lisboa, Typographia do *Dia*, 1899.
Mendo bem. Notas de viagem, por F. J. Moniz de Bettencourt. Ponta Delgada, Typographia Popular, 1899.
Modern Theatricals in Turkey. Péking, Pei-Tang Press, 1886.
Monographias historicas, por Juan Silvano de Godoi. Versão e notas de J. Arthur Montenegro. Rio Grande, Officinas a vapor da Livraria Americana, Carlos Pinto & C.ª Successores, 1895.
Musée Guimet. Revue de l'histoire des religions. Tome XXXIX, n.os 1 et 2 Paris, Ernest Leroux, éditeur, 1899.

Nélombos (Les), par Jules Daveau. Montpellier, Imp. Central du Midi, 1900.
Néphrite (De la) pneumonique, por Henry Dussand. Toulouse, Imp. Édouard Privat, 1898.
Nota dos seus trabalhos publicados de 1880 a 1899, par L. Manouvrier.
Notas hortico-agricolas. Dois annos de chronica no Archivo Rural, por Eduardo Sequeira. Lisboa, Imprensa de Libanio da Silva, 1900.
Notas para a carta geographica do Rio Grande do Sul, por J. Arthur Mon-

tenegro. Rio Grande, Officinas a vapor da Livraria americana, Carlos Pinto & C.ª Successores, 1895.

Notice sur les études de résistance et essais des matériaux de construction en Portugal, par J. P. Castanheira das Neves. Lisbonne, Imprensa Libanio da Silva, 1900.

Noticia sobre a vida e os trabalhos scientificos de Charles Friedel, por A. J. Ferreira da Silva. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1899.

Observações meteorologicas e magneticas, feitas no Observatorio Meteorologico de Coimbra no anno de 1899, vol. XXXVIII. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900.

Observation d'un microcéphale vivant et la cause probable de sa monstruosité. Extrait des *Bulletins de la société d'anthropologie de Paris*, par L. Manouvrier.

Official (O) de marinha, por Vicente Almeida d'Eça Lisboa, Imprensa Nacional, 1899.

Ouvrages de José Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos, por Antonio de Portugal de Faria. Livourne, Typ. de Raphael Giusti, 1899.

Parasitismo (O) das grandes plantas lenhosas, por Adolpho Baptista Ramires. Lisboa, Administração do *Portugal Agricola*, 1899.

Pareceres ao governo do estado da India pelo procurador da corôa e fazenda junto da relação de Goa, por Arnaldo Mendes Norton de Mattos. 1 vol. Nova Goa, Imprensa Nacional, 1899.

Portugal e Italia. Elenco de manuscriptos portuguezes ou referentes a Portugal existentes nas bibliothecas de Italia, precedido de um supplemento geral ao *Ensaio de Diccionario bibliographico*, por Antonio de Portugal de Faria. Leorne, Typ. de Raphael Giusti, 1900.

Portugal e Italia.—Ensaio de Diccionario bibliographico, por Antonio de Portugal de Faria. Leorne, Typ. de Raphael Giusti, 1898.

Primeiros elementos de chimica analytica mineral e organica. I. Analyse qualitativa, por A. J. Ferreira da Silva. Porto, Typographia do *Commercio do Porto*, 1900.

Primeiros elementos de chimica analytica mineral e organica, por A. J. Ferreira da Silva. Porto, Typographia do *Commercio do Porto*, 1900.

Primera reunion del congresso cientifico latino americano, por iniciativa de la Sociedad cientifica argentina. I. Organizacion y resultados generales del congresso. Buenos Aires, 1898.

Primera reunión del congresso cientifico latino americano, por iniciativa de la Sociedad cientifica argentina. II. Trabajos de la 1.ª sección (ciencias exactas y ingeniería). Buenos Aires, 1898.

Primera reunión del congreso cientifico latino americano. III. Trabajos de la 2.ª sección. Buenos Aires, 1899.

Primera reunion del congresso cientifico latino americano, por iniciativa de la Sociedad cientifica argentina. IV. Trabajos de la 3.ª seccion. Buenos Aires, 1898.

Programa de psicologia, logica y ética, curso academico de 1898-99, por D. Hermenegildo Giner de los Rios. Barcelona, Casa editorial Bastinos, 1899.

Programme d'histoire de Chine, par Léon Verhaeghe de Naeyer. Péking, Typ. du Pei-Tang, 1890.

Projet d'établissement d'une système métre-gramme-jour pour l'unification des mesures physiologiques, por M. J. de Rey-Pailhade. Toulouse, Imp. Lagarde & Sebille, 1899.

Projectos de reforma de ensino da pharmacia, por Vicente José de Seiça. Coimbra, Typographia Minerva Central, 1900.

Propriedades (Sobre as) polares ou pontos, 2.ª secção, tom. VI, n.º XXII. Extracto do *Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes,* por Antonio Cabreira. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1900.

Questão (A) do Gerez nos tribunaes, 3.ª parte. Tenções e accordam no Tribunal da Relação, pelo dr. Eduardo Alves de Sá. Porto, Typographia Occidental, 1900.

Rapeira, com uma carta do sr. conselheiro dr. Bernardino Machado. Prefacção do sr. dr. Bernardo Ayrez e escriptos dos srs. dr. Ferreira da Silva, Baldaque da Silva, Augusto Nobre e Eduardc Sequeira, por Joaquim Ferreira Moutinho. Porto, Papelaria e Typographia Academica, 1899.

Rapports annuels de l'inspection du travail, 4ª année, 1898. Bruxelles, 1899.

Reacção (Sobre uma) da cocaïna e seus saes, por A. J. Ferreira da Silva. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900.

Reflexos. Poesias, por Ramos Coelho. Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1898.

Relatorio de 1899 da Associação de soccorros mutuos de empregados no commercio de Lisboa. Lisboa, Typographia de Adolpho de Mendonça & Duarte, 1900.

Relatorio e contas da Associação de soccorros mutuos dos artistas de Coimbra respeitante ao anno de 1898. Coimbra, Typographia Casa Minerva, 1899.

Relatorio e contas da direcção da Associação academica. Gerencia de 1898 a 1899. Coimbra, Imprensa Academica, 1899.

Relatorio e contas da direcção do Atheneu commercial do Porto. Gerencia do anno de 1899. Porto, Typographia de Arthur José de Sousa & Irmão, 1900.

Relatorio e contas da gerencia de 1899 e parecer do conselho fiscal do Monte-Pio conimbricense Martins de Carvalho. Coimbra, Nova Casa Minerva, 1900.

Relatorio e contas do conselho director e parecer da commissão revisora de contas. Gerencia de 1899. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900.

Relatorio.—Inspecção geral dos vinhos e azeites. Lisboa, Imprensa Nacional, 1900.

Relatorio sobre a identidade e pureza dos naphtoes, por Joaquim Marques dos Santos. Lisboa, Typographia de Francisco Manoel Pereira, 1900.

Resposta a S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo Conde, sobre a intervenção dos empregados do Seminario de Coimbra em luctas eleitoraes, pelo Vice-Reitor do mesmo Seminario. Coimbra, Typographia do Seminario, 1899.

Resumen de ética, por H. Giner de los Rios. Barcelona, Tip. *L'Avenç,* 1899.

Resumen de psicología, por H. Giner de los Rios. Barcelona, Librería de Bastinos, 1899.

Retrato (Um) de D. Constantino de Bragança, viso rey da India, por Antonio de Portugal de Faria. Livorno, Tip. di Raffaello Giusti, 1897.

Revista de Guimarães. Numero especial—Francisco Martins Sarmento. Porto, Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1900.

Santa (A) cruz dos milagres de Gôa. Memoria historica, por Caetano Filippe de Albuquerque. Bastorá, Typographia Rangel, 1899.

Syndicato (O) agricola. Separata do *Boletim da Real associação central da agricultura portugueza*, por D. Luiz de Castro.

Synthese economica social. Tomo I. *Classificação dos phenomenos sociaes*, por Jacintho Machado de Faria e Maia. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1899.

Tecidos liquidos dos animaes. Dissertação para o acto de licenciado na Faculdade de Philosophia natural, por Antonio Maria Vellado da Fonseca. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898.

Theatro em verso. Um jogo de cartas, João Maria e *A banhos*, 1 vol., por Alves Crespo. Lisboa, Typographia do *Dia*, 1900.

Theses ex Universa Theologia decerptae quas pro laurea doctorali obtinenda in Conimbricensi Academia, per Augustus Joachimus Alves dos Santos. Typis Academicis, MDCCCC.

Tratado pratico de therapeutica moderna, por Oliveira e Castro e Cardia Pires. Porto, Typographia da Empreza Litteraria, 1900.

Vasco da Gama. Memoria historica 1498-1898, por Antonio Filippe Nery de Sousa. Margão, Typographia das *Noticias*, 1898.

Versos, vol. I. (Brinde do *Diario de Noticias* em 1899), por Alfredo da Cunha. Lisboa, Typographia Universal (Imprensa da Casa Real).

Vingt ans d'Etapes, par Léon Verhaeghe de Naeyer. Bruxelles, Librairie Europ. C. Muquardt, 1888.

Voyage en Orient, 1862-1863, par Léon Verhaeghe de Naeyer. Paris, Librairie Internationale, 1865.

Xeroderma (O) pigmentosum na velhice. Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa, por Zeferino Falcão. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1899.

Zoologischer Theil Band III, Abth. l'Amphibien und Reptilien, pelo dr. J. v. Bedriaga. S^{t}. Petersburg, 1898.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

ENCARREGADA DE SUPERINTENDER NA PUBLICAÇÃO DESTE VOLUME

Affonso Costa, secretario
Bernardo Ayres
Eugenio de Castro
José Frederico Laranjo, 1.º redactor
Luciano Antonio Pereira da Silva
Manuel d'Azevedo Araujo e Gama.

ALLOCUÇÃO PROFERIDA Á BEIRA DA SEPULTURA DO DR. JULIO CESAR DE SANDE SACCADURA BOTTE

MEUS SENHORES!

Poucas pessôas passarão tão serenamente pelo mundo como o dr. Julio Cesar de Sande Saccadura Botte. Não faltando em nenhum logar e em nenhuma occasião ao chamamento do dever e ás responsabilidades do seu desempenho, parecia ter sempre o proposito de o cumprir sem ruido, nem ostentação, com o maior desprendimento pessoal, como quem achava em si mesmo, na intimidade da consciencia, a melhor recompensa dos seus serviços.

Mas este retrahimento não era frieza. Elle não soffreu nunca o contagio da aridez do coração que, em Coimbra, onde aliás a mocidade e a natureza estão perennemente em festa, emmurchece e definha, que é uma dôr! muitas das intelligencias mais cultas. A sua compostura, genuinamente cathedratica, nada tinha, porém, de agreste, antes se amenizava com todos os donaires da mais fina affabilidade; e a sua mão delicada tanto se estendia affectuosamente para os seus eguaes, como era prompta em abrir-se a quem quer que necessitasse da sua generosa protecção.

Na sua palavra revia-se toda a polidez do seu trato. E, pela distincção com que expunha os assumptos ainda mais triviaes ou ingratos, elle foi um dos professores que melhor têem sabido honrar a fidalga tradicção de vernaculidade e apuro da linguagem universitaria.

A sua morte arrebata-nos um illustre homem de sciencia, e, o que é mais, um primoroso exemplar do homem de sociedade e do homem de bem. Eu, que de perto o conheci e devéras o apreciava, ponho nesta homenagem, que venho render-lhe em nome do Instituto, toda a sensibilidade das minhas proprias recordações.

29-12-1899. BERNARDINO MACHADO.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

AS DOUTRINAS ECONOMICAS DE KARL MARX

(Cont. do vol. 46.°, pag. 1097)

PARTE CRITICA

II

A NOSSA CRITICA Á THEORIA DO VALOR DE KARL MARX

Analyse do systema de determinação dos valores segundo Karl Marx. Qual é, em nosso juizo, a verdadeira e unica origem do valor.

Todo o valor vem do trabalho—disseram os economistas, desde Adam Smith; e Rodbertus Jagetzow, e Karl Marx, vendo nesta affirmação uma contradição notavel com o systema capitalista que abominavam, aproveitaram victoriosamente, como lemma, a idéa dos adversarios. O *Capital,* que todos são obrigados a respeitar como uma obra superior e extraordinaria, não passa de uma serie de deducções engenhosas, extrahidas fundamentalmente d'este principio.

Hoje, porém, essa idéa deixou de ser acatada em toda a sua pureza. Com ou sem razão? Eis o que vamos investigar, occupando-nos por conta propria da analyse do conceito marxista do valor.

Karl Marx inicia a sua obra monumental, estabelecendo que, para haver equidade ou verdade na troca, tem de haver um elemento commum de comparação entre os objectos trocados.

Não é, porém, exacto, ao que nos parece, este principio, não só porque a comparação se dá entre as duas mercadorias

consideradas no seu conjuncto, e não entre um elemento commum que possuam, mas porque o valor não tem uma medida objectiva determinada, sendo uma dependencia de condições inherentes aos individuos que trocam. Pouco nos importa, com effeito, que dois objectos tenham um elemento commum, se nos restantes differem. Trocamos os objectos, e não os elementos communs. Duas obras d'arte, por exemplo, em que haja a mesma despeza de energia, podem ter valores diversissimos.

Sigâmos, não obstante, o nosso auctor, quando investiga qual seja o elemento commum a todas as mercadorias, sobre que se haja de assentar o valor da troca.

Excluidas as *qualidades naturaes,* a *utilidade,* julga que só o trabalho do homem, a despeza de força humana empregada na producção do objecto util, póde satisfazer como origem do seu valor.

Uma certa coherencia de conclusões, que se deduzem d'este principio, tem levado grande numero de espiritos a acatá-lo, na sua pureza, ou com restricções.

A fonte do valor ha de ser uma só, embora complexa; não podemos conceber que sejam varias em diversos momentos, como julgaram Laveleye e Schäffle: admittir como origem do valor, ora o trabalho, ora a raridade, ora a utilidade, é admittir que um mesmo effeito póde ser proveniente de causas heterogeneas. Mas será o *trabalho,* o trabalho *util* de Marx, essa fonte exclusiva?

E' o contrario que vamos demonstrar.

Não terá valor o esforço *inutil* de um individuo, que passa a vida numa pesquiza baldada de utilidades? Não será egualmente remunerado o operario que anda, por exemplo, em busca de aguas subterraneas, quer as encontre, quer não? Não será mesmo digno de remuneração por trabalhos idos, ou por soffrimentos de que é innocente, o desvalido, o incapaz, o ancião?

Se só o trabalho produzisse valor, só o trabalho seria fundamento legitimo da propriedade; e neste caso todos os que não trabalham, inclusivamente as creanças, não teriam direito, nem mesmo aos alimentos indispensaveis á vida: tudo o que lhes fosse dado seria uma usurpação e um roubo a quem trabalha.

Mais ainda. O valor do producto não é proporcional á quantidade da energia gasta, e não é por isso identificavel a medida do trabalho com os seus effeitos: um cerebro, por natureza mais ou menos aperfeiçoado, produz objectos de mais ou menos valor, sem que a quantidade do esforço varie; o que varia é a força potencial, congenita, do cerebro.

*

Mais ainda. Ha homens que produzem utilidades para sempre ignoradas: onde é que existe o valor dos seus productos?

A utilidade na crystallisação de trabalho numa mercadoria não é reductivel a nenhum principio absoluto; fallecem muitos trabalhos que não são considerados valores, outros que o não são devidamente, e outros que o vêm a ser só depois da morte do productor.

Karl Marx, antevendo a difficuldade, que mais tarde havia de apresentar João Grave, da impossibilidade da existencia, mesmo idealista na sua applicação, de um dynamometro capaz de medir a força dispendida por um individuo em determinada producção, cedeu muito da pureza da sua theoria. Abandonando as idéas classicas da medição do valor pela quantidade absoluta do esforço empregado, recorreu a uma outra ficção, a do trabalho, não individual, mas *socialmente necessario* para a producção de cada especie de mercadorias.

Não era a absoluta justiça. Mas parecia-lhe approximar-se mais da realidade; e, reduzido a systema puro, devia trazer um notavel equilibrio á distribuição das riquezas: todos os trabalhadores de um mesmo mistér seriam retribuidos egualmente.

E' irreal este systema. Karl Marx pretendeu encontrar a genese quantitativa do valor de troca, qualitativamente commum a todas as mercadorias, coadunada com a sua concepção do trabalho socialmente necessario para cada especie de producção, servindo-se, como expozemos (1), do seguinte raciocinio:

Imagina um homem executando ao mesmo tempo dois mistéres. Neste caso, póde esse homem comparar o tempo necessario ás duas especies de trabalho, do que resulta a realisação da razão dos valores das duas especies de mercadorias.

Parece á primeira vista natural e procedente este raciocinio, que fundamenta uma grande parte da theoria marxista. A nós, porém, parece-nos que estão nelle encobertos erros graves, que redundam no desabar de todo o grandioso edificio architectado pela razão genial de Karl Marx.

Em primeiro logar, o illustre socialista parece esquecer que eliminara da investigação da genese do valor mercantil o trabalho absoluto do individuo, para recorrer ao trabalho con-

---

(1) Vide o capitulo 1 do nosso resumo do *Capital*, pagg. 773-774 do volume 46.º do *Instituto*.

globado da classe. E agora vem, para correlacionar os valores das differentes mercadorias, servir-se das especies de trabalho executados por um individuo só. Como se o trabalho d'esse individuo fosse o trabalho socialmente necessario á producção dos objectos do seu mistér!

E' certo que póde um individuo, por acaso, possuir a força exacta do trabalho medio da classe; mas isso não quer dizer que possua essa mesma força média noutra classe, em que se requerem novos temperamentos, novas aptidões, em que ha outro numero de trabalhadores, etc.

Em segundo logar, não é tão commum como julga Karl Marx a juncção num só homem de mistéres variados.

Não seria inteiramente verificavel o estabelecimento de uma gradação comparativa entre todos os mistéres, porque se iriam encontrar talvez soluções de continuidade insuperaveis.

Por ultimo, surge-nos uma difficuldade verdadeiramente invencivel, que é a impossibilidade de determinar o gráu medio de tempo, ou o tempo socialmente necessario, nos mistéres mais complexos. Verifiquemos, por exemplo, se podem comparar-se para o fim desejado, os trabalhos seguintes, do mesmo mistér: o de um homem de genio, que executa um grande poema, o de um artista que, embora executando trabalho util, fica infinitamente inferior áquelle, e o de um terceiro que, illudido com os seus meritos, passa a vida executando verdadeiras inutilidades; ou o do mathematico que faz uma descoberta de utilidade unica para a humanidade, e o do que emprega a sua vida inteira descobrindo uma formula, ou mesmo não chega a descobri-la.

Não é possivel, nestes casos, a determinação dos tempos socialmente necessarios para a producção. E tanto isto é verdade, que assistimos na pratica, todos os dias, a uma pessima e desegual retribuição das producções mais complexas. E ao mesmo tempo, que horrivel não seria o estabelecimento de uma média nestes casos, que deixaria morrendo de fome, ou na miseria, os grandes sabios e os grandes artistas: tanta nullidade parasita vegeta ao lado dos verdadeiros meritos!

Vê-se por esta exposição, que nos foi suggerida por uma analyse da genese do valor de troca segundo Marx, que a theoria marxista do valor se mostra impotente para explicar a objectividade do mechanismo mercantil. Não é, pois, do trabalho de producção, quer individual, quer social, que resulta o valor das mercadorias.

E' precisamente a inversão do lemma de Karl Marx que nos dá o verdadeiro conceito da origem do valor. *Todo o valor*

vem realmente do trabalho, mas não do trabalho do productor: do trabalho do consumidor.

Aclaremos o paradoxo.

Karl Marx, embora attendesse á concorrencia, á lei da offerta e da procura, desvirtuou esta lei, não lhe dando a importancia que merecia. Supponhâmos que determinados productores gastaram em certa producção o periodo até ahi normal de tempo, e que um excesso inexperado d'esses objectos, ou de objectos mais commodos e mais baratos, fez baixar muito ou quasi annullar o seu preço. Para onde foi o valor creado pelos operarios? Que relação necessaria se poderá encontrar entre o trabalho e o valor? O que vemos é que uma parte ou a totalidade do valor desapparece, com manifesto damno dos productores. E desapparece, não ante a diminuição do trabalho, mas ante a diminuição da força das *necessidades.*

E' certo que Karl Marx teve pretensões a obviar a esta difficuldade, invocando, como se vê de um caso analogo (1), o facto de a variação não ser dependente do funccionalismo mercantil normal dos objectos. Mas o certo é que, sejam quaes forem os motivos, o valor muda constantemente.

Estabeleçâmos as condições geraes do phenomeno.

Existe no mercado uma certa quantidade de determinada mercadoria. Todos os interessados, estimulados por uma impulsão interna, sentem uma necessidade de possuir aquelles objectos; do concurso d'essas *necessidades* resulta a sua distribuição pelos mais ricos, o que vai fixar o valor. Se apparece, em seguida, maior numero d'esses objectos, mesmo sem que o trabalho de producção diminua, o concurso das necessidades torna-se menos vivo, porque ha mercadorias para mais individuos: o limite anterior do gráu indispensavel de riqueza diminue; os preços tornam-se inferiores—baixou o valor. Dá-se este caso, por exemplo, quando um productor, tendo em seu poder uma determinada mercadoria, começa por offerece-la em pequenas quantidades; *com a mesma crystallisação de trabalho,* o valor da mercadoria torna-se inversamente proporcional á quandidade em que afflue no mercado.

Se a abundancia de mercadorias se torna tão consideravel, que deixa de existir o conflicto das necessidades na sua acquisição, isto é, quando as mercadorias superabundam, o valor desce até ao anniquilamento. Uma nascente de agua, por exem-

---

(1) Vide o nosso resumo do *Capital,* capitulo v, pag. 1027 do volume 46.º do *Instituto.*

plo, que custou trabalho importante, onde se dispenderam innumeros capitaes, perderá todo o seu valor, desde que junto d'ella rebente espontaneamente outra nascente que torne a primeira superflua, ou desde que as aguas pluviaes a tornem dispensavel. O valor desappareceu, porque desappareceu a necessidade, embora permanecessem vestigios indeleveis do trabalho productor, que antes era util, e depois se tornou inutil e talvez ruinoso.

Não ha aqui, como vemos, nem mesmo uma remota influencia essencial do gráu de trabalho productor na creação do valor da mercadoria. E' unicamente a necessidade do objecto que determina o seu valor e o seu preço. Seria um absurdo pretender marcar valor a uma mercadoria, embora com mil annos de trabalho, se os outros d'ella não carecessem, isto é, se o objecto não tivesse consumidores. E' certo que Karl Marx attendeu, para a determinação dos valores dos productos, apenas ao trabalho *util*. Mas a utilidade não é nenhum principio absoluto: um objecto é, como vimos já, util em determinadas circumstancias e inutil ou nocivo em circumstancias diversas.

Além d'isso, equiparar todos os trabalhos da mesma classe, mesmo nos labores simples, para o fim da remuneração, conduz-nos a um lamentavel absurdo: quem pensaria em retribuir egualmente os esforços de musculaturas de differença enorme, obrigando-as assim tacitamente á mesma alimentação e ao mesmo repouso?

Notemos, porém, que a theoria de Karl Marx não deixa de ser seductora, e parece mesmo verdadeira sob o reinado utopico da absoluta ordem; mas a propria natureza inanimada, que está tão intimamente unida aos phenomenos economicos, que d'ella estão tão poderosamente dependentes, está cheia de desequilibrios, de desordens constantes: é um vai-vem interminavel de luctas. E aqui são os desequilibrios que nos deixam ver a falsidade da lei, porque as leis scientificas não têm excepções.

E', pois, da necessidade do objecto que provém o seu valor (1). Corresponderá porventura esta lei á lei por nós antes formulada, de que é o trabalho do consumidor que cria o valor? Facil é demonstrá-lo.

---

(1) A propria etymologia da palavra *caro* nos dá a mesma significação: objecto *caro*, ou objecto *querido*, é aquelle para que o possuidor sente mais affinidades, que mais deseja possuir, e a que, portanto, mais valor dá.

A necessidade externamente patenteada é sempre a resultante de um conjuncto de impressões internas, originadas no labutar intimo do organismo. *Todo o individuo, mesmo que pareça não trabalhar, lá está trabalhando realmente,* dispendendo energia na sua conservação, creando *necessidades.* O que trabalha externamente, augmentando a despeza de energia interna, differe apenas do ocioso no gráu do dispendio de energia. Todos, assim, interna ou externamente trabalham, creando necessidades correspondentes.

E', pois, correcta a nossa affirmação de que o valor provém do trabalho do consumidor. *A utilidade é quem apparentemente manifesta o valor; mas ella não é mais do que a symbolisação da necessidade individual, assim como esta é simplesmente a expressão do trabalho.*

O operario não é retribuido segundo os objectos produzidos, nem segundo o tempo gasto, mas segundo a energia que dispende, medida externamente pelos objectos de que necessita para refazer-se.

E' certo que a necessidade não tem medida rigorosamente possivel, e varia no decorrer dos tempos e na mudança dos individuos, partindo desde os objectos indispensaveis á vida até um gráu de riqueza indefinidamente grande. E' todavia por esse elemento que se mede o valor dos objectos, desde a força de trabalho do operario até ás mais raras mercadorias: e d'ahi as oscillações constantes e consideraveis dos preços.

Analysemos, por exemplo, a compra e venda da força de trabalho.

O capitalista organisa industrias, porque sente necessidades. E' com o fim de as satisfazer que adquire todos os factores productivos, e que procura vender o producto pelo maior preço.

Entre os elementos productivos apparece o trabalho humano. O capitalista faz os seus calculos, determina mais ou menos vagamente os lucros que pretende auferir, e é por esse padrão que elle afere a remuneração do trabalho. O operario, pelo seu lado, calcula tambem as suas necessidades, e, se a remuneração proposta lh'as satisfaz, acceita. Nada tem que ver depois com o que produz: isso é com a astucia do patrão, com a escolha das machinas, com a vigilancia exercida sobre o operario.

Quando este sente mais imperiosas necessidades, determinadas em geral pelo progresso da producção, e muitas vezes, é verdade, pelo augmento visivel de lucros do capitalista, que criam neste um desusado luxo e uma inveja legitima da parte

dos operarios na miseria, nasce a lucta por parte dos opprimidos. E' assim determinada a guerra entre o operario e o patrão.

As estatuições mathematicas de Marx sobre a determinação dos valores dos productos são, á vista d'isto, uma chimera. A formula $M = P + U + T$, em que synthetisámos a determinação, segundo Marx, do valor dos productos (1), não resiste a uma rigorosa analyse. O valor das materias primas não póde ser fixado, assim, mathematicamente, numa formula, porque nada representa de fixo: depende, como todos os valores, das oscillações contínuas do preço, isto, é, do gráu de attricto existente na convergencia das necessidades. O valor da usura dos instrumentos e das machinas é tambem o que ha de mais variavel: está sujeito a variações de temperatura, de acceleração, de desastres, de qualidade da materia prima, do preço inicial dos instrumentos, etc. O trabalho, por ultimo, desnecessario seria repeti-lo, não só não representa nada de absoluto, mas não influe de fórma alguma, como temos demonstrado, na fixação do valor do producto. Supponhâmos, para este caso particular, um desastre enorme succedido numa fabrica: o preço das mercadorias subsiste, não soffreu alteração a remuneração do trabalho condensado nos objectos destruidos, e só o capitalista soffreu o damno, porque as despezas que fizera com materias primas, machinas e *trabalho* excederam o valor total dos productos.

Não deixaremos de notar que, em regra, ha uma certa correspondencia entre a quantidade de trabalho gasto e os objectos produzidos; mas isto indica apenas que o productor, quanto possivel previdente, procura não applicar o trabalho comprado em inutilidades, ou trabalho excessivo em utilidades minimas.

Parece-nos que este criterio deve ser o do homem de sciencia em face da moderna *questão social,* ou antes questão *economica*. Para nós, a questão economica, esse problema que espanta e seduz os cerebros mais bem constituidos da actualidade, não é mais que uma simples e grandiosa lucta de classes, em que a inferior, muito mais forte e numerosa, e sob o peso de necessidades cada vez maiores, pretende obrigar á força a classe oppressora a dar-lhe uma remuneração tambem maior, que satisfaça as necessidades que vai creando.

E não é só á mercadoria que se chama—força de trabalho—

---

(1) Vide no capitulo v do nosso resumo do *Capital,* pagg. 963-964 do volume 46.º do *Instituto*, a exposição d'essa doutrina.

que se applica o nosso modo de ver sobre a fonte do valor. Os objectos produzidos espontaneamente pela natureza, ou os que quasi não custam trabalho humano, como sejam a caça, a pesca, as pedras preciosas casualmente encontradas, etc., têm da mesma fórma um valor de troca apenas determinado pela necessidade do consumidor.

Os productos agricolas têm a medida do valor tambem na necessidade; e a prova é que, custando approximadamente, todos os annos, o mesmo trabalho, oscillam constantemente de preço. Os proprios objectos de producção mais especial e complexa são tambem fielmente dependentes, e até de um modo mais frisante, relativamente ao seu valor, do gráu da necessidade do consumidor; uma obra d'arte, por exemplo, um quadro, uma estatua, um poema, não têm, mesmo approximadamente, o valor dependente do tempo de trabalho gasto na producção. O valor é-lhe dado pela necessidade que a gente sente de ver, de possuir, de admirar o objecto. Seria alcunhado de louco quem désse a Camões pelos *Lusiadas* a decima, ou mesmo a centesima parte do seu valor, medido pelo trabalho gasto, ainda considerado como trabalho simples medio: porque ninguem sentia a necessidade, ao tempo, de o possuir e admirar; adquirida, porém, essa necessidade, o valor dos *Lusiadas* tornou-se fabulosamente superior ao valor material do trabalho de Camões.

O colossal *Moysés* de Miguel Angelo deve ter rendido juros de um capital milhares de vezes maior que aquelle por que seria liberalmente pago ao seu genial auctor; e mil obras da mesma arte, que no seu tempo foram elaboradas, com tanto e mais trabalho, jazem no esquecimento: tiveram um valor infimo, talvez um valor nullo.

Não demonstra tudo isto que o valor de um objecto não provém senão da necessidade que o homem experimenta de o possuir, de o gosar?

*

Uma difficuldade, á primeira vista importante, se póde oppôr á nossa theoria. Se é a necessidade que determina o valor de troca, parece que não deveria ser o productor ou o vendedor, mas sim o consumidor, quem fixa o preço da mercadoria, o que é precisamente o contrario do que normalmente vemos.

Esta objecção esvahe-se, porém, ante uma analyse mais profunda do acto banal da compra e venda.

O vendedor da mercadoria é quem, em geral, lhe fixa

o preço; mas notemos que esse preço não designa o tempo gasto na producção, mas, dentro da contingencia do mercado, o desejo de adquirir o maximo de satisfação para as suas necessidades—desejo identico ao do comprador relativamente ao objecto; porque, como disse Quesnay, e repetiu Karl Marx, não ha distincção real entre os actos da compra e da venda.

O vendedor, fixando o preço que ha de auferir, mede a necessidade inherente ao seu organismo, ao seu espirito, e não alguma coisa de inherente ao objecto que aliena.

Pelo seu lado, o comprador, satisfazendo essa quantia, não dá ou manifesta valor ao dinheiro, mas sim ao objecto que recebe. O vendedor fixa, pois, valor ao dinheiro, e o comprador á mercadoria. Nos casos de troca directa, dá-se o facto mais claro: cada um dos alienantes não possue no objecto possuido um meio de satisfazer as necessidades, um *valor,* ou pelo menos um valor tão completo como o do outro objecto.

D'esta fórma, *consistindo a compra e venda na combinação de dois actos distinctos, mas homogeneos, o preço de uma mercadoria vem a resultar da combinação da necessidade do vendedor com a necessidade do comprador* (1).

(Continúa). A. A. Pires de Lima.

---

(1) Entre a elaboração e a publicação d'este opusculo, encontrámos numa obra de Eugenio Petit (*Étude critique des différentes théories de la valeur,* Paris, 1897, pag. 186), uma critica á doutrina de Karl Marx, em que o auctor apresenta vagamente a nossa idéa sobre a origem do valor. Diz que o *desejo* do homem é a causa verdadeira do valor de uso e o *appoio* necessario, *mas não a causa,* do valor de troca. O que deixamos dicto no texto mostra como o desejo, ou a necessidade, é, não só o appoio, mas a fonte real do valor de troca.

NOTAS D'UM PAE

(Cont. do vol. 46.º, pag. 1040)

A creança pede a lua, como pede o que se lhe póde dar, ignorando ainda os impossiveis, como ignora as difficuldades.

Neste estado infantil se encontra muita gente de todas as classes sociaes, que pede quanto ha aos governos e tudo julga que elles lhe podem fazer.

Ao Domingos, que vinha do jardim com um arame retorcido na mão, perguntei: «Que anda a fazer?» Resposta: «Ando a achar coisas!» Já é mais ambicioso do que um quintanista das nossas Faculdades, que nem procura sequer nada por si.

As creanças, por todos os modos, procuram encostar-se a uma lei que as desculpe: «Eu nunca sei isto!» «Não sou eu só que perco as coisas!»

Outras vezes pretendem desauctorizar-nos, filiando as nossas advertencias numa lei absurda: «Não tenho senão defeitos!»

Tambem os nossos politicos avariados cuidam desculpar-se, condemnando o paiz á fatalidade historica da decadencia: «Isto é um paiz perdido!»

O minimo raciocinio sôbre as coisas concretas obriga a comparar as suas propriedades, e não podemos alcançar a minima noção das propriedades senão por meio da observação das coisas concretas.

Entre nós, um professor, por exemplo, de physica, na Universidade ha de cançar-se e banalizar-se a percorrer cada anno todo o dominio do seu programma, para que o professor de astronomia se não queixe de que os discipulos lhe não chegam sufficientemente preparados em optica, o de physiologia não reclame, porque os seus não sabem bem a electricidade, etc.,

etc. E' o principio da subordinação das cadeiras. Nada mais funesto e deploravel no ensino superior.

Como é possivel assim estudar especialmente seja que sciencia fôr? E' um estudo extensivo, não intensivo. E onde ha memoria que de repente abarque tantos factos e tantas palavras? Pouco mais do que em palavras se ficará effectivamente, observando apenas os caracteres exteriores dos exemplares, como o fazem alumnos de instrucção primaria, quasi sem tempo para dissecções e preparações e sem tempo algum para novos ensaios e experiencias.

Que os nossos habitos litterarios de fazer sciencia tambem nos envergonhariam de apresentar para dissecção numa aula superior um coelho, uma gallinha, uma osga ou uma pescada. Que *grosseria!*

Tão necessaria é a anatomia á cirurgia como esta áquella, e o mesmo direi da physiologia e da pathologia, e de ambas e da hygiene e medicina; até Augusto Comte julgava que a unica experimentação em biologia era a medica. A mechanica racional e a mechanica celeste prendem-se intimamente entre si; apontarei, por exemplo, a theoria do potencial, que ainda modernamente veiu da mechanica celeste para a mechanica racional. Do calculo e da physica, poderá porventura dizer-se qual dos dois ministra subsidios ao outro?

Que é mais necessaria, a optica á crystallographia ou reciprocamente?

A chimica biologica é o mesmo que a biologia chimica.

Das leis astronomicas deduziu Le Verrier a existencia do planeta Neptuno, que depois Galle observou; da sua observação dos sons resultantes chegou o proprio Helmoltz á lei mais exacta das vibrações sonoras, e para a observação do phenomeno tinha inventado um instrumento novo e para a determinação da lei creou um novo processo de calculo.

Que é a experimentação, a invenção dos instrumentos, senão uma industria? e não é indispensavel á sciencia?

O physico precisa de ser ao mesmo tempo mathematico e naturalista, o homem de sciencia ao mesmo tempo industrial,

Tão necessarios são os instrumentos, e portanto a sua invenção industrial, á physica, como á biologia, como á mathematica. Muitos mesmo na physica não são senão para observação ou medida.

As sciencias, para serem completas, hão de pôr em jogo as faculdades intellectuaes de observação, de reflexão e de applicação; mas umas exercitam mais a observação, são as naturaes, outras mais a reflexão, são as mathematicas, outras mais a applicação, são as physico-chimicas. E por isto a educação geral tem de abranger todos os tres grupos.

Mas a mesma instrucção geral, é preciso não a dispersar.

A' formação espiritual do homem são egualmente necessarias as artes, as industrias e as sciencias, para que elle não desenvolva uma faculdade em prejuizo das outras; e o mesmo diremos da sua instrucção scientifica, que não póde limitar-se só a alguma ou a algum grupo das sciencias. Mas não ha duvida que, desde que as faculdades chegam á maturidade e estão na posse segura da sua fôrça, ha que attender ás vocações e portanto especializar cada um segundo a ordem das suas aptidões.

Desde que o espirito chega á maioridade, é livre de se exercitar segundo a sua vocação especial; não se esquecendo aliás nunca de que precisa successivamente de preencher as lacunas da sua instrucção geral, por amor mesmo do seu desenvolvimento profissional.

Ainda que alguem possuisse harmonicamente todas as aptidões, não teria remedio senão especializar-se para attingir o automatismo indispensavel ao franco exercicio da sua iniciativa.

A' maioridade do espirito e á sua especialização corresponde a maioridade e a liberdade de cada disciplina, que, embora sempre em communhão com todas as outras, cresce por elaboração propria. Por isso, quando se passa da instrucção geral para a especial, deixa-se a interdependencia das disciplinas para se cultivar independentemente qualquer d'ellas. Não se trata já de saber o que umas prestam ás outras, mas de procurar em qualquer d'ellas a sua nova contribuição para o patrimonio espiritual. Por isso tambem só é propriamente independente a instrucção especial superior, e não a média ou

inferior, em que o espirito não alcança ainda a sua autonomia. O operario e o mestre precisam da direcção superior do engenheiro.

As sciencias são interdependentes, como todos os seres do universo, mas cada uma cresce por si, por efficacia das proprias fôrças; senão, confinadas no circulo do reciproco auxilio, umas a precisarem das outras, o resultado seria não poder nenhuma desenvolver-se, todas se immobilizariam.

O futuro medico devia começar a fazer medicina, desde que sai do lyceu, como o futuro homem de sciencia começa logo a fazer sciencia.

A antiga subordinação das cadeiras fazia com que os mathematicos se considerassem superiores aos naturalistas e um estudante premiado em mathematica não precisasse de estudar para ser approvado em naturaes. Por isso tambem um professor de physica tinha os maiores desdens pelos seus collegas de botanica ou zoologia. E, se a aula era de agricultura ou minas, ninguem na Universidade fazia caso d'ella.

Ouvi um professor queixar-se de que, ainda no 5.º anno do seu curso superior, não podia confiar na iniciativa dos discipulos. Que regimen, pois, de ensino o nosso! Que homens lança na vida!

Inventou-se ultimamente um curso industrial superior, que é pyramidal. E' a somma dos cursos industriaes medios!

Quando ha uma corrente de opinião para as escholas agricolas e industriaes, é quando os governos as reduzem e desorganizam.

Pessôas ha para quem as descobertas scientificas ou as reformas politicas são meros enfeites pessoaes. Por isso trocam facilmente idéas e principios, e põem sempre os que estão na moda e lhes dêem mais prestigio. D'ellas não se espere sacrificio ou esforço pelo progresso. São grãos senhores que trajam de sêda, mas não a fabricam. Pertencem ao genero varios nossos oradores da cathedra e da tribuna.

A um medico, a quem alguem consultava para saber se havia de embalsamar o cadaver d'um filho, ouvi eu: «E' mais bonito!»

Na futilidade e incoherencia dos nossos estudos, não se chega a ganhar gôsto por nada. Quasi que só se applica a alguma disciplina quem nunca a apprendeu nas aulas. Nem os Lusiadas, lido nellas, se salva: nunca mais se abre!

A arte domestica é que é sobretudo caracteristica dos povos: ella toma todos os tons ethnicos e locaes. A grande arte é um tanto cosmopolita, como os grandes, como os reis.

A muitos respeitos, estamos ainda na *Renascença*.

Os meus filhos cantam versos para fazerem apparecer gomminhos dentro das tangerinas.

Eu, em pequeno, se não rezasse o rosario, ia inquieto para as aulas, e, quando tinha de fazer exame, pedia a um bom velho amigo que me encommendasse nas suas orações. O povo tambem crê applacar a trovoada com a *magnifica,* e confia nas formulas das feiticeiras para conquistar os corações e descobrir os objectos perdidos.

Não é só porque creanças e povo imaginem communicar pela palavra com os espiritos; mas tambem porque nos habituamos na infancia a falar e ter ali logo tudo que queremos por obra e graça de nossos paes, e porque infelizmente o povo vive ainda tão escravizado, que, por mais que labute para obter seja o que fôr, até o pão para a bocca, tudo tem de supplicar.

Todos continuamos sempre, mais ou menos, a acreditar na efficacia dynamica do verbo para levantar as almas e as pedras.

Quem é que, para mais fortemente se decidir e convencer-se do seu bom exito, não exclamou logo para si em voz alta: «Hei de fazê-lo!» «Hei de consegui-lo!»?

Politicos ha até, e até ministros, que, tendo proferido um discurso ou promulgado um decreto, immediatamente se persuadem de que tudo está feito e prompto.

São sobretudo os filhos das raças conquistadas, quando libertos, que mais soffrem d'este fetichismo verbal, tanto ellas foram violentadas á rigorosa observancia da palavra dos seus senhores.

As creanças amimalhadas não procuram o que devam fazer para comprazer, mas sim a explicação que hão de urdir para recalcitrar.

Quando alguem se embaraça em qualquer serviço, a tendencia é logo para se desculpar com elle, com as suas difficuldades, e principalmente com a falta de auxilios. Os outros é que têem a culpa.

Quando admoestamos alguem, especialmente rapariga, a tendencia d'essa pessôa é de ordinario para attribuir a admoestação a uma mudança nossa, do nosso estado d'alma, a um nosso estado anormal, de excitação, disputando-nos assim a legitimidade da admoestação. Quer dizer que á nossa oppõe ella a sua. E, por pouco que nos tenhamos com effeito exaltado, sentimo-nos feridos certeiramente no nosso fraco e vacillamos na nossa auctoridade. A diversão vinga. Com quanto cuidado não devemos, pois, manter a maxima serenidade em todos os actos da disciplina!

Argumentos das classes dirigentes em Portugal, quando se pretende d'ellas qualquer reforma: «O português ha de ser sempre assim, está-lhe na massa do sangue.» Como se os males accusados não proviessem do regimen vigente! Preferem deprimir-nos.

As pessôas distrahidas, desattentas, são tambem desattenciosas.

E' preciso não banalizar os cumprimentos. Mas ha pessôas que difficultam e ratinham tanto as suas attenções e homenagens, que só as prestam a quem está acima d'ellas e pouco por isso as aprecia. Os individuos e as corporações devem ter alma para mais do que a estricta justiça.

E' geralmente entre as classes cultas que primeiro desponta a verdade e com ella a lucta por um novo ideal. E' por isso que lá tambem primeiro se evidenciam flagrantemente os preconceitos e os vicios.

E' mais facil ter caracter nas classes inferiores da sociedade. Nas classes elevadas a posição pésa demasiadamente sôbre a maior parte da gente.

A posição de muita gente é excessivamente desproporcionada não só á sua capacidade intellectual, mas sobretudo ás suas fôrças moraes. D'ahi a sua idolatria pusillanime para com os poderosos e a sua hypocrisia para com o publico.

Das nossas classes elevadas não sei os que fazem peor, se os depravados, se os que os acompanham por covardia.

Como é triste a covardia dos novos, que attingem prematuramente os postos elevados! Sente-se logo que os não merecem ainda, nem merecerão talvez nunca. E até alguns que os escalaram pelos rasgos da sua audacia, procuram depois fazê-la esquecer e perdoar.

Felizes os que começam bem! logo os applaudem e levam em triumpho. Ai dos que vacillam nos seus primeiros passos! logo os desacreditam. Por isso tambem mais tarde ha sempre tantos desenganos.

Não só a ignorancia, o erro escraviza. Não custa só chamar á liberdade a massa ignorante; é bem mais difficil ás vezes as classes cultas. Recordo-me d'uma reunião de professores de ensino superior, onde, proclamando eu o principio da independencia de cada cadeira, para que, livre dentro do seu programma, o professor pudesse especializar-se nelle e profundá-lo, ninguem votou commigo.

Ha que distinguir entre quem gósta de merecer elogio por deferencia aos que lh'o fazem, e quem o requesta e aprecia egoistamente só por vaidade.

Ha pessôas que tudo que apprendem, não é para melhor servirem ninguem; pelo contrario, é para o aperrarem á cara de toda a gente. A instrucção para ellas é uma arma de ataque. Quanto mais sabem, mais descompõem e maltratam. Odientos e odiosos.

A lucta, até só por instincto insocial, é tão aspera na sociedade portuguêsa, que nem doente póde alguem estar. Immediatamente se affirma e espalha a sua invalidez e inutilidade.

A philosophia pratica em quasi todas as corporações e terras de Portugal é *não conviver com ninguem!*

Quando alguem possue uma aptidão notavel, não o honrarão por ella, mas logo o condemnam para tudo mais.

Se alguem tem merecimento numa familia, já se não reconhece em nenhum outro dos seus membros. «Não, não, talento, o pae!» Ou o irmão, ou o tio.

Na educação, como no governo, é preciso prevenir para não reprimir. Ha pessôas que, por não prevenirem nada nunca, passam a vida a reprehender por tudo os seus subordinados.

E' preciso não habituar as creanças ás admoestações. Senão não fazem nada capaz sem lhe estarmos sempre a ralhar. E afinal nem assim, porque já não dão por isso.

Estimar as pessôas com quem tratamos, é ainda o melhor modo de nos servirmos d'ellas, porque satisfazemos tambem assim as nossas necessidades affectivas.

Como o melhor que temos que fazer para nos não parecer longo e enfadonho o tempo que nos tomam os importunos, é prestar-lhes attenção. Discretamente, é claro. A nossa effusão póde acoroçoa-los; mas tambem o retrahimento muitas vezes os acirra.

Vendo a Gigi com uma thesoura nas mãos, todos ficaram inquietos. Quizeram-lh'a tirar: ella chorou com paixão. Pediram-lh'a: era demais para as suas forçasinhas de renuncia. «Empresta-m'a?» disse-lhe eu; e ella veiu entregar-m'a, condicionando: «Depois dê-m'a.»

Que vantagem a d'um paiz bem governado, onde cada um póde levar serenamente a sua vida! Eu dizia a um amigo, com quem admirava uma paisagem de Coimbra: «Que belleza, se não houvesse politica!» A nossa má politica, é claro.

(Continúa).

BERNARDINO MACHADO.

O NOVO SECULO

Considerações philosophicas

«O seculo XIX ligou os continentes pelo telegrapho e os espiritos pela fraternidade; libertou a Belgica, libertou a Grecia, libertou a Hespanha, libertou Portugal e libertou a Italia; destruiu os dogmas; inventou a locomotiva e abriu o isthmo de Suez; resolveu o problema politico e formulou o problema social; descobriu a lei das correntes maritimas, a lei da historia, a lei das tempestades; com o telescopio viu o infinitamente grande, com o microscopio o infinitamente pequeno; sondou os mares, abriu as montanhas, estudou as linguas, examinou as raças, liquidou o universo.»

GUERRA JUNQUEIRO.

Era um thema interessantissimo, que até hoje não se tem tratado em Portugal, mas que era conveniente que se tratasse, a resenha das ideas do seculo que está findando. E este thema seria ainda mais attrahente e valioso, quando se estudassem as correntes intellectuaes e sociaes d'este seculo em relação com as ideas e tendencias da Peninsula, especializando Portugal.

Mas surgem logo aqui duvidas ácerca da legitimidade d'este projecto. Para que é que se fala tanto em *fin de siècle?* O tempo e o que nelle decorre, a historia, não soffre soluções de continuidade; não ha saltos, e por isso o anno de 1901 não terá aspecto muito differente do fim do actual seculo. O seculo é uma unidade de todo arbitraria, e o seu principio não é um principio real, nem o seu fim um fim real. Heraclito tem razão: Tudo está em movimento.

São palavras que, por quererem provar tudo, não provam absolutamente nada e ficam destituidas de valor. Sabemos todos, escusado é mesmo dizel-o, que os homens no dia do anno novo de 1901 não acordam de repente outros, com vida nova e novas ideas. Assim como a vida de cada um de nós,

assim tambem a vida dos povos e da humanidade é uma cadeia ininterrupta. Mas quem sabe? Tenho deante de mim um livrinho, intitulado *Monologos* (1), offerecido á entrada do seculo XIX, onde o seu auctor procura afastar estas duvidas.

«Cortamos», diz Schleiermacher, «a linha indefinida do tempo a distancias eguaes, em pontos muitas vezes meramente arbitrarios, definidos por levissima apparencia, e imaginamo-los de todo indifferentes para a vida, como se nada se sujeitasse a um rythmo regular, nem o edificio das nossas obras, nem a cadeia dos nossos sentimentos, nem o jogo do nosso destino. Mas a verdade é, sem embargo, que designamos com estas divisões alguma coisa mais do que uma mnemonica de algarismos, ou um mero artificio de chronologos; pelo contrario, cada uma liga-se indissoluvelmente ao pensamento bem serio de que uma divisão da vida é sempre possivel, embora poucos o penetrem na sua profundeza.»

A este idealismo que penetra no fundo das coisas, é um tal marco um estimulo á meditação que conduz do mundo exterior ao mundo interior e, por elle, ao reino da eternidade, onde o homem, fóra do dominio do tempo e libertado da sua lei, contempla a vida do espirito, que nada pode alterar, porque é ella a propria força creadora de tudo quanto existe.

Se porém um tal modo de ver idealista for muito remontado e muito subtil para a estructura um tanto rude da nossa vida de espirito moderna, ahi está a propria historia a dar testemunho de que os seculos teem, apezar de tudo, alguma coisa de caracteristico, distinguem-se entre si e cada um se differenceia e se destaca dos outros com traços extremamente marcantes. Bastará lembrar, para não ir mais longe, os seculos XV, XVI, XVII e XVIII. E com o nosso parece succeder a mesma coisa.

Assim, em todos os tempos os homens sentiram a entrada de um novo seculo de uma maneira vivissima, e sentiram-na como verdadeiro acontecimento. Se o receio extremo, o temor do mundo antes do anno 1000 nos parece muito supersticioso, podemos pelo menos dar credito ao poeta Schiller, uma das cabeças mais lucidas do seculo XVIII, que em 1789, no bello optimismo da sua epocha, saudava o novo seculo do seguinte modo:

«Como tu és bello, ó homem, com as tuas palmas de trium-

---

(1) Monologen. *Eine Neujahrsgabe von Friedrich Schleiermacher*, 1800.

pho, no declinar d'este seculo, e com a tua nobre e altiva virilidade! Tens todos os sentidos apurados, abundancia de espirito e uma doce e serena laboriosidade, tu, ó filho eleito d'este tempo. E's livre pela razão, forte pelas leis, grande pela doçura de caracter e rico pelos thesouros por tanto tempo occultos em ti proprio. Senhor da natureza, que ama as tuas algemas e exercita em mil combates a tua força, tu arrancaste-a, do seu rude estado silvestre, para a elevares a toda a magnificencia e brilhantismo».

Tambem os nossos sentimentos parecem estar debaixo da impressão de uma verdadeira crise, entre um periodo que finda e outro que começa, sem nos importar por ora se lamentamos este fim com dôr e saudades como a um morto querido, do qual temos que nos despedir, ou se saudamos, cheios de alegria e de esperança, a nova aurora. Diluculo da manhã ou da tarde, a uns annunciam como a Fausto, os sinos longinquos já a primeira hora da festa da alleluia, a outros, como a Margarida, parece chamar a trombeta do ultimo Juizo e dizer: *dies irae, dies illa solvet saeclum in favilla*.

E, por sermos homens da transição e por o sentirmos, é conveniente entrarmos em nós mesmos nesta noite secular de S. Silvestre para meditar o que significa para nós esta transição.

Se nos propuzessemos descrever as correntes intellectuaes e sociaes do seculo XIX, tinhamos, no fim d'este seculo, assim como cada um de nós o costuma fazer no fim de cada anno, de colher os resultados e ponderar os lucros e perdas durante todo este lapso de tempo. Já se fez isto?

Guerra Junqueiro na sua *Morte de D. João* procura pintar em versos pungentes e sentidos o seculo XIX. Mas o poeta só nos desenrola um dos lados da nossa epocha, porque o seu Dom Juan «*resume em si tudo o que ha de doentio na sociedade moderna: o idealismo, o tedio, as nevroses, a indifferença, a duvida, os paradoxos, a falta de caracter*».

Tenho deante de mim um magnifico volume, que trata desenvolvidamente das correntes intellectuaes e sociaes durante o seculo XIX na Allemanha (1). Foi escripto por um socio d'este illustre Instituto de Coimbra, com toda a profundidade de conhecimentos de que dispõe o auctor, e com toda a finura de expressão e de caracterização das importantes correntes intellectuaes e sociaes d'este nosso seculo que vae agora

---

(1) Dr. Theobald Ziegler: *Die geistigen und sozialen Strömungen des Neunzehnten Jahrhunderts*. Berlin, 1899.

findar. O seu livro inspirou-me as considerações que estou a fazer.

Talvez se ache uma formula que dê a definição concisa do que foi este seculo XIX, assim como se pode caracterizar com uma palavra o seculo XVIII, que é o seculo do racionalismo.

Para Schopenhauer é o seculo XIX «*um seculo philosophico, porque está tão preparado para a philosophia, como precisado d'ella*». «*Seculo mimoso da historia moderna*» chama-lhe Henrique de Treitschke, porque «*está a colher a semente da epocha da Reforma*». Kuno Fischer vê nelle «*um seculo da critica*» porque «*destroe os mythos existentes, sem tambem deixar de crear outros*». Uns chamam-lhe epocha historica ou social, outros, e esses são o maior numero, o seculo das sciencias naturaes e da technica, que triumpharam sobre as sciencias philosophicas. Varios, como tambem Guerra Junqueiro, definem-no como sendo «*uma epocha de analyse, de critica, de observação*».

Mas estas formulas todas, por mais verdadeiras e acertadas que sejam, nunca poderão, na sua concisão e brevidade, exprimir—mostram-no as contradicções em que estão redigidas—a variedade infinita e a riqueza da vida do espirito no decurso de um seculo inteiro.

Segue-se d'isto que a tarefa não é tão facil como podia parecer. Não ha formula nenhuma que possa servir de varinha de condão para revelar-nos de repente as correntes sociaes e intellectuaes de todo o seculo; não se formula com uma só palavra o caracter philosophico de uma tão extensa epocha. Tambem do seculo do racionalismo falamos só *a parte potiore*, uns, porque o racionalismo é o que ha de mais precioso no seculo XVIII, e outros, porque o racionalismo lhes é o mais odioso nelle. E' preciso portanto muito trabalho paciente e uma exposição bem larga para poder especializar-se o quadro monumental das ideas e das aspirações de que o seculo XIX foi actor.

Vem outra objecção talvez justificada: Não escassearão os elementos para o historiador dos factos das correntes philosophicas peninsulares? Não será preciso filiar as ideas que teem surgido na Peninsula, e principalmente em Portugal, na influencia estrangeira? Assim será. Mas quem poderia, para mencionar só um exemplo, escrever sobre a vida intellectual d'Allemanha pelo fim do nosso seculo, sem mencionar Kierkegaard e Ibsen, ou apontar os dois antipodas Zola e Leão XIII?

Não seria tambem preciso recorrer ao methodo compara-

tivo, e conferir e ver se Portugal tem seguido ou antecipado as ideas preponderantes dos outros paizes, se aqui succedeu por exemplo ao intellectualismo o periodo do voluntarismo, como na Allemanha, onde Bismarck constituiu o grande centro da vontade intransigente na vida nacional d'aquelle paiz. Se, depois d'esse periodo do voluntarismo, não parece já apontar uma nova epocha dos imponderaveis e do sentimento, que o mesmo Bismarck tinha declarado mais forte e mais constante do que a intelligencia dos intellectuaes, como parece ir-se comprovando até no espectaculo que nos está agora offerecendo o Transvaal.

E quaes serão as fontes, onde devemos haurir as nossas inspirações? Os livros? Nos livros continuam decerto a subsistir os problemas, os interesses e as ideas que movem uma epocha; é por isso que será preciso recorrer a elles em primeiro logar. Mas não basta: o espirito não fala só em palavras, mas tambem em factos e nos homens.

Outra questão, não menos importante, está a surgir: Os individuos ou as massas? grandes personalidades ou largas camadas? ou, consoante a formulação dos oppostos que costumamos fazer modernamente, o genio ou o meio? E' uma questão da philosophia da historia, se os grandes homens são os productos do seu tempo, ou se elles é que são os creadores e espiritos governativos do mundo, que se forma como seu producto á volta d'elles? O collectivismo decide a questão por maneira diversa da concepção historica individualista. Resolver esta questão era resolver ao mesmo tempo o grande problema da liberdade e da necessidade, da culpa e do merito individual. Para os nossos fins sirva-nos sómente uma palavra do philosopho Hegel: «*Quem diz e executa o que o seu tempo quer e diz, é o grande homem do seu tempo. Elle faz o que é o intimo e a essencia do seu tempo. E quem não sabe desprezar, quando o ache conveniente, a opinião publica, nunca chegará a ser grande*». Portanto, quer producto, quer creação, para nós são os grandes homens do seculo as grandes lettras em que podemos lêr claramente o que o seu tempo quer e o que o move no seu intimo.

Um grande homem não é grande, quando isolado ou quando o successo se lhe recuse; uma vez sem echo ou resonancia, ha de sumir-se por mais clara e forte que seja a sua voz. E' por isso que só quem entende o tempo, entende tambem os seus grandes homens. Portanto, para descobrir a grande corrente das ideas, são precisos algarismos e zeros, são precisos individuos e massas. A historia deve reconhecer a importancia

dos espiritos governantes, e é por isso que é aristocrata, e a influencia das massas, e por isso deve ser democrata. Não temos genio *ou* meio, mas sim genio *e* meio. E' a solução do problema para quem quer resolvel-o integralmente.

Uma outra questão, e essa bastante difficil, é a da estructura e composição da resenha intentada. Quaes as difficuldades que se apresentam, pode mostral-o um exemplo. A obra de Schopenhauer *O mundo como vontade e representação* foi escripta em 1818, e é intelligivel pelas correntes intellectuaes d'então. Mas principia a actuar sómente meio seculo mais tarde, só então a recebe o espirito do tempo, acceita-a e apropria-se d'ella o publico, e ella torna-se uma potencia que, por differentes vezes repellida, ainda hoje em toda a parte,—em Portugal desde Anthero de Quental,—continua a erguer a sua cabeça. E a obra das grandes personalidades do seculo XVIII, do marquez de Pombal, por exemplo, não tem continuado neste seculo, e não ha de continuar a exercer a sua influencia benefica ainda no seculo XX?

Em que momento então se deve falar de Schopenhauer? Duas vezes não pode ser, e em todo o caso melhor onde a theoria do pessimismo principia a influencia sobre os animos, desde 1860, do que logo depois da primeira publicação da obra. E não se ha de falar no marquez de Pombal, só por elle pertencer ao seculo XVIII?

E' como que uma lei dos espiritos que as novas ideas sempre precisem de uma, duas ou mais gerações de incubação, como os medicos costumam chamar a este periodo latente, até serem comprehendidas e adoptadas, até actuarem e ganharem raizes. E' um facto com que é preciso contar, e que difficulta singularmente a tarefa da coordenação, obrigando muita vez a repetições.

Esboçado assim o programma para um importante trabalho a fazer sobre as correntes intellectuaes e sociaes do seculo XIX, que já pertence ao dominio da historia, vamos traçar em duas linhas um quadro de critica para esse seculo, e outro de espectativa para o seculo XX. Que nos trará este novo seculo? qual o caminho a seguir no amanhecer d'este novo seculo? em que sentido havemos de trabalhar nessa nova phase de uma era nascente? são tudo perguntas que naturalmente se suggerem tambem.

Limitando-nos a Portugal e olhando para traz, para a litteratura, em que soe mirar-se o genio de um povo e as suas aspirações e tendencias, o observador repara que «*a poesia moderna em geral completamente estranha á grande corrente*

do trabalho e á grande corrente das ideas não pode de forma alguma dar-nos a medida da sociedade actual» (1).

No povo portuguez ainda não predomina a impressão do trabalho gigantesco originado pelo vapor e pela electricidade, que, nos povos do Norte, se apoderaram de toda a actividade com uma violencia e rapidez vertiginosa. O que predomina, é a poesia popular, que vae de bocca em bocca, e alegra o lar e faz esquecer as miserias d'este povo soffredor.

Além d'isso, a influencia franceza tem-se pronunciado demasiadamente. Em tudo o que se faz e o que se quer fazer, a França serve de consultora e de norma. O que ainda falta, é o momento da vontade, da energia e da propria iniciativa.

Com os versos lyricos com que se costumam estreiar os versejadores noviços, sem alma de poetas, não se faz uma litteratura independente, nacional. Precisa-se para isso uma outra base, uma base philosophica e ethica, que corresponda ás nossas aspirações modernas. E, para elaborar e propagar essa litteratura, são precisos homens que, sentindo em si o fogo sagrado do sacerdocio da poesia, sejam capazes de retratar a verdadeira alma popular, formular e synthetizar os grandes pensamentos modernos e as conquistas do progresso. As obras de Guerra Junqueiro, as de Guilherme de Azevedo e outras são já grandes passos nesse sentido.

O symbolismo, mysticismo e nephelibatismo é estranho á vida real, é alguma coisa mesmo nascida talvez em opposição a essa vida. E nesta renovação do romanticismo ha um grave perigo: pelo tedio da vida muitos nervos se estragam e já não podem com a sua tarefa, muitas forças se vão emmurchendo e definhando antes do tempo, e muitos de nós nos tornámos decadentes. Esta nervosidade dá a illusão de novos sentimentos desconhecidos, de uma vida sentimental sublimada, e, d'est'arte, o pathologico e o perverso se geram como se fossem elevados e justificados, quando não passam de superexcitações, que consideramos falsamente como forças e azas de que nos vangloriamos de ser providos.

No ensino, de um lado o reconhecimento da necessidade da sua reforma, e do outro o espirito reaccionario, conservador e indifferente em face dos problemas que o assumpto evoca.

E em todo elle, os processos scientificos com a sua divisão de trabalho, nas universidades com a sebenta, nas escolas pri-

---

(1) Guerra Junqueiro.

marias e secundarias com os livros officialmente adoptados, lembram mais um movimento fabril do que um tranquillo aprofundamento dos problemas e a livre explanação das doutrinas e dos ensinamentos.

Na importante questão da mulher, a prostituição vae-se alastrando e vae minando as camadas sociaes do proletariado, mantida pela *jeunesse dorée,* que a acaricia e considera como instituição necessaria de alta significação hygienica; e os preconceitos e a ignorancia exercem pressão sobre a mulher portugueza, difficultando em grande parte a sua emancipação social.

Na propria constituição da sociedade portugueza, o anniquilamento dos privilegios e a diminuição significativa de consideração pelos titulos de fidalguia por serem venaes e raras vezes corresponderem ao valor pessoal e moral do titular, conjunctamente o empenho, «verruma surda, que hoje perfurou de galerias estreitas o terreno todo da administração» (1). E no estado moral da mesma sociedade abusões sem numero que muitas vezes desnorteiam a consciencia publica; e a pobreza de mãos e de homens para combatel-as.

Na vida economica da Nação, um certo desleixo dos interesses materiaes, a falta de acção nas questões coloniaes e commerciaes, e uma certa desconfiança de si propria proveniente dos acontecimentos que se teem dado *fin de siècle.*

Os partidos politicos acham-se num certo entorpecimento, sem cabeças dirigentes que se imponham pelo seu valor pessoal, porque teem afastado de si os melhores elementos do paiz. No parlamento já não influe a auctoridade de um personagem superior, que Portugal deixou de ter, quer á mesa ministerial, quer nos bancos dos deputados da nação, depois de Fontes. Para isso contribuem um suffragio ainda noviço, em que os votos não são pesados, mas apenas contados, e o côro discordante da Imprensa, pouco substancial, com o seu juizo já de todo prompto e adaptado ao entendimento da maioria, que não deixa aprofundar as questões e meditar tranquillamente sobre os acontecimentos.

Para crear condições de existencia social inteiramente novas, não ha de ser, como alguns pensam, por via da revolução. O problema social que o seculo XIX formulou e assentou, não se resolverá de um dia para o outro por um golpe de estado revolucionario, mas repartir-se-ha numa larga serie de tarefas

---

(1) Julio de Castilho.

sociaes distinctas, e só sobre a ordem e a urgencia da sua solução continuarão as dissidencias de opinião. Ainda ha de decorrer muito tempo, antes que se dê por vencida esta nova hegemonia plutocrata, que, em contraste com a antiga hegemonia espiritual da Egreja, tenta apoderar-se do mundo.

Qual será o aspecto do seculo xx e como resolverá os seus problemas, nenhum de nós o sabe, mórmente porque no destino exterior do paiz é preciso contar com as suas casualidades e surprezas. Nem se pode dizer sequer com certeza absoluta quaes serão os proximos problemas do futuro, apezar d'elles se impôrem pelo presente. Mas decerto se manterá, acima de todas as correntes desencontradas, ainda mais do que nunca, a tendencia para deixar entrar todas as camadas sociaes na vida da historia e da politica, em logar de as tratar sómente como passageiros que pagam os seus impostos, e vão arrastados, como lastro, como e por onde uma pequena minoria governativa dirige a nau commum; e o pensamento da internacionalidade, iniciado pelos descobrimentos dos portuguezes, que rasga, nos nossos dias, um tão vasto horizonte, tão differente da antiga vida meramente particular e local. E, com a comprehensão de politica internacional, de trabalho internacional, de commercio internacional liga-se o sentimento naturalista para a realidade, que desvia os olhos de todo transcendente, como sendo objecto eternamente incomprehensivel e desconhecido, e os dirige para o mundo e para a vida. *E' d'esta terra que brotam as nossas alegrias, e é este sol que luz ás nossas dôres!* exclamamos com o Fausto de Goethe. E' nisto que está a nossa melhor arma contra todo o intellectualismo doentio.

Não obstante, embora o mundo continue a afastar-se cada vez mais dos dogmas infructiferos, o renascimento da crença na immortalidade da alma em circulos mais largos não é coisa impossivel. O socialismo racional, iniciado por Colins (1), e a philosophia colinsiana (2), assentou-lhe já novas bases, infelizmente até hoje ainda pouco estudadas.

---

(1) *Sciencia Social*, 20 vol. in-8.º.

(2) Um dos discipulos mais distinctos de Colins é Agathon de Potter, que, juntamente com Frédéric Borde redige uma Revista do Socialismo Racional, com o titulo, A philosophia do Futuro, que tem 25 annos de existencia. A sua *Logique* é um livro apreciavel e que merecia ser traduzido. O seu *Dictionnaire rationnel des mots les plus usités en sciences, en philosophie, en politique, en morale et en religion avec leur signification déterminée et leur rapport aux questions d'ordre social* é uma obra notavel.

Sommando as considerações todas que acabamos de expôr neste pequeno estudo, pode dizer-se, sem querer ser propheta, que o seculo xx não nos trará a paz universal, o céu na terra. O seculo xix demonstrou-nos bastante isto com os seus contrastes irreconciliaveis e com as suas guerras exteriores, ao desenlace das quaes assistimos. Deixou-nos comtudo um grande ensinamento: mostrou que depende só de nós e do nosso esforço o nortearmo-nos na maré nova e desconhecida do novo seculo. Cruzar os braços em meio do combate é ruina certa.

Mas uma coisa em que temos feito regressões consideraveis, havemos de apprender, não d'elle, mas do seculo xviii. Na lide e combate da vida tornámo-nos mais intolerantes. Se quizermos juntar á bravura do combate e ao amor pela verdade o animo tolerante do racionalismo, o seculo xx ha de vir a ser forçosamente não só mais pacifico do que o seculo xix, levando os adversarios a entender-se e apreciar-se, mas tambem alcançará a gloria de impôr mais fundo na consciencia publica o respeito da Justiça. E será esse o progresso mais apreciavel e valioso.

Nesta esperança, ao despedir-me do seculo xix, cujo filho tenho sido, saudo o novo seculo que está a despontar e cuja aurora já annuncia uma phase mais nobre de acção.

Ó da manhã crepusculo indeciso!
Momento mysterioso e sacrosanto,
Doce como um sorriso
Que luz por entre o pranto! (1)

Coimbra, 1 de Janeiro de 1900. ALFONSO HINCKER.

---

(1) Guerra Junqueiro, *A morte de D. João.*

ERRATAS

Pag. 1142, linhas 2 e 15, onde se lê — *escriptor* — leia-se — *scrtptor*.
Pag. 1143, nota 1, onde se lê — *1897* — leia-se — *1697*.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

PROPHYLAXIA DAS TINHAS NA ESCHOLA (*)

As tinhas, conhecidas já pelos medicos arabes e por elles descriptas, abrangiam sob a mesma denominação um grande numero de molestias dissemelhantes. A' medida, porém, que os progressos da dermatologia se foram accentuando, foram-se pouco a pouco eliminando d'esse grupo as molestias que alli se achavam indevidamente.

O microscopio, revelando a sua natureza parasitaria e isolando o parasita especifico de cada uma, deu o ultimo retoque a esse trabalho de depuração, restando hoje apenas duas enfermidades, que realizam as condições fixadas pela moderna sciencia dermatologica: a tinha favosa ou favus e a tinha tricophytica ou herpes tonsurans dos allemães.

No emtanto, o vulgo continuou considerando como pertencendo ao grupo das tinhas a antiga teigne pelade de Bazin —a alopecia em areas—, e hoje alguns medicos, comquanto reconheçam que lhe falta um caracter de primeira ordem (a natureza parasitaria estabelecida com as exigencias da bacteriologia moderna), inclinam-se a este modo de ver.

Mais tarde veremos os motivos que a isso os impellem, e mostrarei a justificada razão que lhes assiste.

Não sendo da indole d'este trabalho apresentar a descripção nosologica d'estas molestias, limitar-me-hei á exposição rapida de alguns pontos da sua etiologia,—que convém conhecer para melhor fixar as bases da prophylaxia e alcançar scientificamente a razão de medidas que, sem este subsidio, poderiam parecer menos cabidas.

(*) Memoria apresentada ao Congresso pedagogico hispano-português-americano celebrado em Madrid em 1892.

*

A tinha favosa, favus, tem por causa um parasita — o achorion Schönlein —, descoberto em 1839, que se observa facilmente levando ao microscopio um cabello atacado, tendo o cuidado de previamente o embeber numa solução de potassa caustica (40 %), depois de desengordurado pelo ether.

Encontra-se sempre nesta molestia este parasita em abundancia, e com elle póde-se experimentalmente produzir a mesma doença em individuos sãos. A inoculação com culturas puras tem tambem dado resultados positivos.

Acham-se, portanto, realizadas as condições necessarias para que um parasita deva ser considerado como causa de uma molestia e, com todo o rigor scientifico, se póde affirmar que sem achorion não ha favus.

A prophylaxia d'esta molestia resume-se, pois, a proteger os individuos sãos contra o contagio do parasita e obstar á diffusão d'este.

Para o conseguirmos, necessitamos de conhecer o modo pelo qual se effectua o contagio, as condições de meios favoraveis ao achorion, e a sua proveniencia.

O contagio mais frequente dá-se do homem ao homem.

—Sabe-se que o favus é raro nos centros em que ha um certo gráu de civilização, e ao contrario frequente nos campos, em que, pela natureza do trabalho e pela falta de cultivo intellectual, o aceio é palavra desconhecida, senão como palavra, ao menos como significação.

D'aqui deriva um preceito de prophylaxia: o cuidado da hygiene individual, sobretudo no que respeita a limpeza da cabeça, preceito este aliás subentendido, attenta a causa da doença, pois, quanto maior fôr o aceio, menor será a quantidade do agente do contagio.

—A medicina veterinaria descreve o favus com os mesmos caracteres frequente no rato, no gato e no cão, manifestando-se tambem, ainda que mais raramente, no cavallo, gallinha, boi e coelho.

Escusado será mostrar quanto estes dados são prenhes de indicações prophylaticas. E á concepção theorica da possibilidade do contagio por intermedio d'estes animaes vem juntar-se a confirmação pratica, pois a sciencia registra nos seus annaes numerosos casos de contagio do favus dos animaes ao homem, e pela experimentação tem-se conseguido transmittir esta molestia dos animaes ao homem e reciprocamente.

O gato domestico é o animal que mais frequentemente serve de agente de contaminação, agente tanto mais para temer, quanto a doença, sendo fugaz nestes animaes, póde passar despercebida, achando-se o animal já são, quando a tinha se manifesta no individuo da especie humana. A prohibição da existencia d'estes animaes nos edificios escholares seria para desejar.

—Dissemos acima que a experimentação consegue produzir o favus inoculando o achorion em tecidos sãos. Multiplicados factos de observação corroboram estas experiencias: são numerosos os casos de individuos contaminados por se servirem de objectos pertencentes a tinhosos.

E' logico, pois, evitar o contacto com objectos em que se possam encontrar parasitas, e neste caso estão não só os objectos de uso ordinario ou accidental dos tinhosos, mas os logares em que esses objectos sejam collocados como cabides, etc.

—Sendo tenuissimo o agente parasitario e por consequencia extremamente facil a sua diffusão, é de prophylaxia banal fazer a occlusão a mais rigorosa das superficies em que elle se encontre.

—O diagnostico facil, quando a doença é limitada a fócos dispersos, torna-se extremamente difficil no inicio dos primeiros symptomas, ou quando a molestia não é recente e apresenta uma certa extensão, confundindo-se neste caso com o eczema, seborrhêa, psoriasis capitis, lupus erythematose, por tal fórma que o exame microscopico se torna indispensavel, e por vezes não basta, tendo de se recorrer a culturas bacteriologicas.

D'aqui decorre a necessidade de que o medico encarregado de examinar as creanças nas escholas possua conhecimentos muito especiaes de dermatologia, e que as visitas d'este sejam amiudadas, destinando-se dias na semana em que os alumnos sejam examinados, um por um com o preciso cuidado, lançando-se mão do microscopio á minima suspeita.

*

A tinha tricophytica, o herpes tonsurans dos allemães, tem por causa um parasita denominado tricophyton tonsurante, descoberto quasi ao mesmo tempo por Gruby et Malmsten, e que se observa como o do favus, servindo-nos da mesma technica.

Tudo o que disse a respeito da etiologia da tinha favosa tem rigorosa applicação á tinha tricophytica, accrescendo que esta é excessivamente mais contagiosa e é de todas as dermatomycoses a mais facilmente transmissivel. Em compensação não produz como o favus uma alopecia definitiva.

E' tambem transmissivel dos animaes ao homem, sendo o gato e o cão que mais frequentemente operam o contagio e em seguida as vitellas e os poldros.

Manifesta-se nestes animaes com os mesmos caracteres que na especie humana, mas com menor duração e intensidade.

E' uma doença da juventude, quer nos animaes, quer no homem, e neste passados os quinze annos torna-se muito rara.

Esta particularidade é devéras interessante para o objecto que nos occupa, porque é precisamente nessa epocha da vida que a eschola é frequentada.

Sendo as condições etiologicas identicas, as deduções prophylaticas que estabeleci com respeito á tinha favosa, mantêem-se por completo em relação a esta enfermidade.

*

O vulgo considera ainda uma outra especie de tinha — a alopecia em areas, a antiga teigne pelade de Bazin.

Comprehendida na classe das tinhas, emquanto a sua origem parasitaria se teve como certa, foi d'ella separada, logo que a acção causal do microsporon Audouini e dos outros parasitas (de Malassez, de Thin, de Schlen, etc.) foi contestada, e se averiguou que os cabellos das areas não apresentavam as alterações de destruição directa que se encontram nas verdadeiras tinhas.

Passou então a ser considerada como uma trophonevrose, concepção ainda hoje acceita pela eschola allemã, que tem por seu lado factos de valia. Assim: as placas de alopecia que succedem a uma nevralgia, as que apparecem após accessos repetidos de enxaquecas, as que se manifestam em seguida a uma sensação de terror, e as que acompanham o cortejo de symptomas da hysteria só podem ser cabalmente explicadas por alterações nervosas.

Autopsias de individuos atacados de alopecia em areas, mortos em virtude de molestia intercorrente, revelando a existencia de nevrite degenerativa atrophica dos nervos cutaneos, e a experimentação produzindo placas de alopecia, com os caracteres da molestia que nos occupa, pela secção do

ramo posterior do segundo nervo cervical no ponto de emergencia do ganglio, vieram corroborar esta affirmação, trazendo-lhe a confirmação experimental e anatomo-pathologica.

Por outro lado o contagio é claramente affirmado nas verdadeiras epidemias que por diversas vezes se têem manifestado nos regimentos e nas escholas, sendo algumas bastantes extensas, como a que se deu num regimento aquartelado em Montpellier, em que o numero dos atacados subiu a cento e vinte, e a da eschola de Nogent, em que foram atacados quarenta alumnos.

Muitas vezes chega-se a conhecer o mechanismo do contagio. Os factos bem conhecidos do soldado apresentar uma placa de alopecias em areas precisamente no sitio correspondente áquelle em que a tinha um seu camarada, anterior dono do kepi que lhe fôra distribuido, e do actor que contrahiu a molestia, servindo-se da cabelleira de um collega, e, como estes, muitos outros citados por Lailler, Hardy, Vidal, etc., estão neste caso.

Nem mesmo ha necessidade de ir buscar exemplos a auctores estrangeiros. Cada medico que se entrega á clinica dermatologica, tem observações pessoaes em que o contagio se revela de uma maneira nitida. Assim varias vezes tenho presenceado pequenas epidemias de familia, e tratado creanças que se têem contagiado pela troca de bonets. Durante o inverno passado, tive occasião de tratar oito individuos todos freguezes do mesmo barbeiro, o qual apresentava na região parietal esquerda e occipital duas placas de alopecia em areas.

E' de valor tambem a observação de Brocq, de que um numero relativamente grande de estudantes que frequentam as enfermarias em que se tratam estas affecções, apresentam placas de alopecia na barba.

Todos estes factos levaram a convicção da contagiosidade da alopecia em areas a grande numero de medicos, e a eschola dermatologica francêsa, representada pela totalidade dos actuaes medicos do hospital de S. Louis, admitte-a sem reserva.

Como, porém, conciliar a origem nervosa com a contagiosidade, que involve implicitamente a idéa da origem parasitaria?

Ou póde-se admittir que o parasita actua primitivamente sobre o nervo, perturbando indirectamente a nutrição do pêllo; ou que, sob a mesma denominação, são designadas molestias dependentes de causas diversas, mas que clinicamente se manifestam pelos mesmos symptomas, o que é a opinião mais geralmente seguida.

Vemos, pois, que um dos signaes mais importantes das tinhas,—a contagiosidade—, é predicado d'esta affecção.

A séde no couro cabelludo, produzindo alopecia; a formação de fócos em torno do individuo affectado; a transmissão dos animaes domesticos ao homem, como no caso tantas vezes citado de Hillairet, em que seis empregados do caminho de ferro foram contagiados por um gato que se aninhava nos seus bonets, facto corroborado pela frequencia da alopecia em areas nas escholas de medicina veterinaria; e a edade em que se manifesta: são outros tantos caracteres communs com as tinhas verdadeiras.

Se juntarmos a isto a consideração de que os meios prophylaticos empregados para debellar os fócos creados pelas tinhas, ou impedir a sua formação, são egualmente proficuos nesta molestia, podemos com justificada razão considerar as tinhas, para o effeito prophylatico, formando uma triade, constituida pela tinha favosa ou favus, a tinha tricophytica ou herpes tonsurans dos allemães e a alopecia em areas, que os francêses denominam pelade.

Meios prophylaticos

I. Creação de escholas especiaes para tinhosos, nas quaes os alumnos, ao mesmo tempo que recebam a instrucção, sejam convenientemente tratados para poderem entrar nas escholas communs: illação necessaria da exigencia da lei, que não permitte a matricula na eschola, sem attestado de que a creança não soffre de molestia contagiosa.

II. As creanças terão sempre o cabello cortado á escovinha e a cabeça em perfeito estado de aceio.

III. Haverá nas escholas cabides devidamente numerados para que cada alumno colloque sempre no mesmo cabide o seu chapéo.

IV. Far-se-hão amiudadas visitas sanitarias, em que serão cuidadosamente examinadas as cabeças dos alumnos por um medico que tenha conhecimentos especiaes de dermatologia.

V. Reconhecido affectado, o alumno será excluido temporariamente da eschola, e desinfectados os objectos que possam ter estado em contacto com a cabeça, como encostos de banco, etc.

VI. Depois de tratada a molestia, o tinhoso não poderá ser restituido á eschola commum, sem que um exame microsco-

pico rigoroso e feito repetidas vezes não denuncie a presença do achorion ou tricophyton.

VII. Nos casos de alopecia em areas de pouca intensidade, em que não haja necessidade de excluir o alumno da eschola, as placas manter-se-hão cobertas com um emplasto fino de Vigo.

VIII. Não será permittida a existencia de gatos ou cães nos edificios das escholas.

IX. Nas escholas em que houver internato, será exercida a mais rigorosa vigilancia sobre todos os objectos que estejam em contacto com a cabeça, como pentes, escovas, travesseiros, etc., tendo todo o cuidado em evitar que os alumnos se sirvam dos objectos que lhe não pertençam.

X. Os alumnos, quando tiverem de cortar o cabello, servir-se-hão das suas toalhas, pentes e escovas, e as thesouras serão mergulhadas em alcool e passadas pela chamma antes de cada corte.

Lisboa, outubro de 1892.

ZEFERINO FALCÃO,

Medico dos hospitaes, director do serviço
de molestias de pelle na Policlinica de Lisboa.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

MEMORIAS DE CASTILHO

LIVRO VII

1853-1854

(Cont. do vol. 46.º, pag. 1119)

III

Fallecimento da Rainha, a Senhora D. Maria II.—Commemora Castilho com um sarau artistico esse prematuro e triste acontecimento.—Versos de Lima Leitão, Chiappe, Canuto, Pusich, Mendes Leal, Aboim, Lobato Pires, Cabedo, Antonio Urbano de Castro, Avellino, João de Lemos, e outros.—Descreve-se outra vez o Curso normal.—Menção do Ministro de Hespanha Alcalá Galliano.

Entremeavam-se com as tarefas didacticas do curso dos Paulistas os chamados saraus artisticos aos sabbados. Ahi concorreram, como ao palacio Sarmento, muitos poetas, e ahi receberam animações e consagrações.

A mais notavel sessão d'este genero foi a commemoração prestada pelo illustre poeta á memoria da Senhora D. Maria II.

Depois de uma curta enfermidade de poucos dias, finou-se, entre a mais sincera dôr d'alma de todos os Portuguezes, a Rainha EDUCADORA. Lembro-me bem de que no fatal dia 15 de Novembro de 1853, achando-nos todos em casa, começaram a ouvir-se as salvas funebres no castello e nos navios de guerra, o que nos trouxe, a nós, creanças sensiveis e impressionaveis, a mais profunda commoção. Tempo depois, vimos chegar meu Pae, já de gravata negra e fumo no chapeo, e acompanhado do seu amigo o sr. Luiz Filippe Leite, tambem de lucto pesado. Era a primeira vez que presenceavamos acontecimento politico de tanta magnitude como aquelle: a morte do Chefe da Monarchia. Quanto a Castilho, e aos homens da sua ge-

ração, era a primeira vez, desde 24 de Setembro de 1834, que um lucto politico geral, sincerissimo, entenebrecia as suas almas. A perda da *nossa adorada Soberana* (como então se dizia) foi calamidade publica que pungiu o âmago do coração de todas as classes.

Castilho sentia-se muito triste, e não o podia disfarçar.

Acompanhou a pé, e de tocha na mão, como toda a gente, o prestito funebre desde o paço das Necessidades até S. Vicente, e prestou á honrada memoria da Augusta Finada a maior homenagem que lhe podia prestar, dedicando-lhe durante o curso dos Paulistas um sarau funebre a 26 de Novembro.

Tenho á vista o numero do jornal de Rodrigues Sampaio *A Revolução de Setembro* de 29 de Novembro, em que o illustre publicista se expressa por estes termos:

«Sabbado á noite, na livraria do extincto convento dos Paulistas, que o Governo concedeu ao sr. Antonio Feliciano de Castilho, para ali dar um Curso normal do seu Methodo de leitura, houve uma solemne oblação poetica á saudosa memoria de Sua Majestade a Senhora D. Maria II.

«A's 6 horas da tarde já toda aquella bella sala, e a galeria que a circunda, estavam completamente cheias. Entre homens e senhoras estariam ali mil e duzentas pessoas, que tinham tomado bilhetes para esta solemnidade.

«O sr. Castilho, n'uma concisa mas mui affectuosa oração, expoz, que tendo a Soberana fallecida sido tão sollicita em proteger a Instrucção popular, especialmente nos Asylos de infancia, onde havia ordenado se seguisse o novo Methodo de leitura, a cujo ensino por vezes assistira, era de razão que fosse n'aquella eschola que se lhe prestassem as primeiras homenagens litterarias, devidas á sua gloriosa Memoria; que para isso tinha convidado os poetas seus amigos, aos quaes rogava de novo se dignassem acceder ao seu pedido, prevenindo os espectadores de que se deveriam abster de toda e qualquer manifestação com que nas outras noites costumavam applaudir as composições que ali se apresentavam.

«Então o sr. Dr. Lima Leitão recitou um longo Epicedio exalçando as virtudes da Rainha, e deplorando que a sua morte se tenha na posteridade de attribuir á insciencia dos facultativos aulicos.

«Seguiram-se as senhoras Chiappe, Silva Canuto, e D. A. Pusich, lendo cada uma sua composição poetica.

«Depois o sr. Furtado Coelho tocou ao piano um acompanhamento funebre a uma poesia, tambem de sua composição, que produziu um singular effeito de melancolia.

«Logo após recitaram successivamente os srs....., Mendes Leal, Aboim, Lobato Pires, Cabedo, Urbano de Castro, Avellino, e Alexandre de Castilho a poesia do sr. João de Lemos intitulada *O Funeral e a Pomba*.

«Ficámos em sitio d'onde mal poderiamos apreciar o merito relativo d'estas composições; por isso apenas podemos dizer que o que causou uma impressão vehementissima, a ponto de não poder o auditorio guardar o silencio recommendado, foi..... a do sr. João de Lemos, como era bem de prever.

«A's 10 horas terminou o acto, que foi tão digno da Augusta Personagem a quem era dedicado, como dos que n'elle tomaram parte.

«Ao sr. Castilho pertence pois a primeira oblação litteraria offerecida á Memoria de D. Maria II, como já lhe pertencia o primeiro tributo dado á Memoria de D. Pedro IV.»

*

Em 6 de Janeiro de 1854 encerrou-se o Curso.

E note-se uma coisa: esses pesadissimos trabalhos, tão pontualmente proseguidos, e tão deprimentes, e tão fatigantes, foram entremeados com o expediente ordinario do Commissariado Geral (ou da *Commissão* Geral, como se entrou a dizer). Esse expediente, cuja minuta existe, é assombroso! circulares aos Bispos, circulares aos Governadores Civís, officio a tal ou tal Camara Municipal que pedia informações directas, correspondencia assidua com muitos professores officiaes ou particulares, remunerados ou officiosos, revisão de provas de muitas publicações especiaes, que appareciam no *Diario do Governo* e n'outras folhas ácerca do novo Methodo, polemicas com este ou aquelle adversario, visitas recebidas, inspecção frequente e pessoal aos Asylos e outras aulas..... em summa: um não acabar, que eu presenciei, que muita gente presenciou, que attesto, que muitos attestariam, mas que não chego a comprehender!!!

Além d'isto, apparecia Castilho com assiduidade nas sociedades de instrucção, onde a sua presença e a sua palavra eram apreciadissimas. No *Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas,* presidido pelo celebre publicista Antonio Rodrigues Sampaio, advogou Castilho com fogo e persistencia a sagrada causa da instrucção popular. Ahi estão testemunhas: os srs. João José de Sousa Telles, Luiz Filippe Leite, Valentim Silveira Lopes, e quantos mais!

*

Esteve por estes annos Ministro de Hespanha em Lisboa o celebre orador D. Antonio Alcalá Galliano, homem muito feio, mas talento de primeira ordem. Morava no palacio da familia Caldas Aulete na calçada do Duque (hoje anti-artisticamente transformado nos casarões da «Eschola Academica» dos srs. Santos).

Alcalá Galliano teve relações com Castilho; não me é já possivel dizer até que ponto, nem por intermedio de quem. Sei que visitou as escholas do Methodo portuguez, e disse ao poeta as coisas mais agradaveis, chegando a escrevel-as e assignal-as do seu punho. Talvez lá mais para diante me seja dado esclarecer o assumpto.

Vendo os enthusiasmos de Alcalá Galliano, e a sua pena de que em Hespanha não fosse conhecido o Methodo, offereceu-se-lhe Castilho para ir pessoalmente reger em Madrid um curso de um ou dois mezes aos professores officiaes. Chegou a haver troca de correspondencias no assumpto; e Alcalá Galliano chegou a perguntar a Castilho quaes seriam as condições da sua ida a Madrid, para poder esclarecer o seu Governo. Castilho (lembro-me bem) respondeu:

—A condição unica apresentada por mim é a acceitação d'este pequeno serviço por Sua Majestade Catholica; nada mais.

A quéda do Ministerio hespanhol, e creio que a immediata sahida do seu representante diplomatico, mallograram o plano.

*

Em Portugal, porém, a opinião geral continuava a acompanhar o bardo n'esta propaganda theorica e pratica: e o talentoso escriptor Antonio Pedro Lopes de Mendonça chegou a propôr pela imprensa uma subscripção nacional para o evangelisador do progresso portuguez (1).

Lopes de Mendonça era amigo, mas insuspeito: recusára a Castilho (como já apontei) um dos bastões dos Marechaes litterarios portuguezes; estava no seu direito; n'isto procedia imparcialmente, e não como inimigo. N'este caso, vencido da evidencia da verdade, proclamava-o benemerito da Patria.

---

(1) Allude-se a isso a pag. 46 do folheto *Tosquia de um camello.*

IV

Violentissimas invectivas de um pamphleto anonymo contra Antonio Feliciano de Castilho.—A *Tosquia de um camello*.—Demonstra-se a legitimidade da vigorosa resposta do poeta.—Opinião de um altissimo Personagem sobre a *Tosquia*.—Rebate-se vigorosamente essa opinião.—Carta de Castilho ao poeta Gomes de Amorim ácerca dos seus *Cantos matutinos*.

Entre os maiores e mais amargos desgostos da vida de Castilho n'este periodo figuram as invectivas, anonymas e improvocadas, de um pobre homem..... a quem elle immortalisou com a memoravel e deploravel *Tosquia de um camello*.

O caso foi como vou contar; tal qual.

Em 5 ou 6 de Novembro d'este anno de 1854, recebeu o poeta, pelo correio, na sua casa do becco do Norte, a seguinte carta:

«Doutor Castilho.—Rogo-te que leias o impresso publicado «hoje na *Revolução de Setembro*—CARTA A UM PROFESSOR «D'ALDÊA SOBRE A LEITURA REPENTINA.—Responde-lhe, mas já «se sabe em termos scientificos, e não em descomposturas «de regateiras. Custa 60 réis.—5 de Novembro de 1853—«*Um Anti-Castilho.*»

Esse escripto, immediatamente lido, era uma serie de insultos sem provas, um amontoado de phrases e insinuações grosseiras e malevolas, sem um só testemunho, sem um unico documento. O auctor encoberto fazia-se eccho de quantas inepcias se tinham já espalhado contra o Methodo, e reforçava-as com aleivosas asserções; mas (o que era mais para estranhar) revelava bem, no decurso d'aquellas tristes paginas cheias de ira, ser com effeito, antes de qualquer outra coisa, não tanto um adversario leal do Methodo (como houve muitos) quanto um adversario pessoal do auctor; era o que o seu cryptonymo indicava: um *anti-Castilho,* um sujeito mal intencionado, suando odio por todos os póros da pelle contra o poeta, que o não conhecia, e que nunca lhe tinha feito mal.

A's vezes ha isto: todos temos experimentado repulsões invenciveis contra pessoas, que a nossa consciencia nos diz muito baixinho não serem más; felizes quando nos sabemos dominar, e nos não deixâmos arrastar a algum desmando. E não se dão estas incompatibilidades só para com os vivos. A natureza humana é tão impressionavel, que até para com os mortos de seculos se leva de sympathias ou antipathias injustificaveis. Seriam numerosos os exemplos, aqui, lá fóra, em toda a parte.

Ora o anonymo (*anonymo* é um modo de dizer; logo se soube quem era; e Castilho, podendo, como lá diz, rasgar-lhe na cara a mascara, limitou-se em duas ou tres allusões a mostrar-lhe, a elle, que muito bem lhe sabia a antiga profissão, e o nome), esse anonymo que assim quiz para si, em hora de irreflexão doentia, a mais miseranda das celebridades, esse escrevedor lastimavel, que tomava ares de mestre de mestres, e representava muito á propria o papel de sicario, que sahe ao caminho a atacar os madrugadores do trabalho, e a roubar-lhes, não só a bolsa mas a vida; esse desgraçado, cujos nomes proprios e appellido não mencionarei, mas que não escaparam a Innocencio, era, como se vê, atrabiliario, precipitado, e injustissimo; comtudo (segundo ouvi a um dos homens mais honrados que tenho conhecido, o velho Bordallo Pinheiro, amigo pessoal e constante de Castilho) não era perverso no fundo.

Julgou que fazia bem, e dava prova de grande austeridade e imparcialidade, atacando aquella innovação que muitos louvavam, e atacando aquelle homem celebre, que se não podia defender! sem ver que o calumniava! que o vilipendiava no mais intimo do coração: a independencia, a sinceridade, a probidade!!

Deus já sem duvida lhe perdoou aquella bilis rancorosa; e se n'este momento falo d'elle, é a muito custo. Se o menciono e o discuto, é porque entendo cumprir um dever, livrando o meu biographado da accusação que lhe fizeram alguns amigos de se ter deixado levar a excessivos rigores no castigo que deu ao seu gratuito accusador.

A *Tosquia de um camello,* dictada quasi de um jacto, a passear de lado a lado na livraria, deixou o auctor n'um estado de excitação indizivel, que elle tratava de disfarçar, mas que nós lhe reconheciamos.

No tal pamphleto tocava-se-lhe até na probidade, que foi sempre inconcutivel. Essas injustiças, muito mais, incomparavelmente mais, que as inepcias doutrinaes do escripto, indignaram, irritaram por fórma o pobre Castilho, que o obrigaram a sahir da norma, e o constrangeram a verberar contra o seu detractor um folheto de insultos.

*

Sim, são *improperios.* como dizia um altissimo Personagem, com a injustiça que ás vezes teem as indoles bondosas; *improperios;* de accordo; e faz-me pena que o poeta os escre-

vesse. Mas faz-me muito mais pena ver que o obrigaram a escrevel-os. Aquelle desforço é legitimo; é defensa propria.

São *improperios,* são; mas não são só isso; ha argumentos; ha documentos, que destroem as insinuações do anonymo; as torpes insinuações, umas claras, outras apenas formuladas em reticencias.... ficam inteiramente despontadas na opinião dos leitores imparciaes.

São *improperios*. Dizia-o Aquelle que ninguem atacava, nem podia atacar, porque era inviolavel. São; mas que homem não se sentiria ferido, quando o arranhassem no seu proprio pondonor de homem de bem? quando chasqueassem da lizura das suas intenções? da espontaneidade dos seus serviços? quando se trazia á baila, e envenenado, o caso do supposto legado de Esteves Freire? Quem quer que não sahisse a taes e tão cobardes provocações, auctorisava-as pela sua propria cobardia.

Pobre poeta! encarcerado na sua cegueira! e ainda em cima querem fazer-lhe um crime de pugnar com a sua penna, e com toda a sua alma, pela honra de seus filhos!!

Se esse altissimo Personagem tivesse assistido ao silencio de Castilho perante asserções que lhe maculavam a honra, hesitaria talvez, e daria algum credito, pouco que fosse, ao accusador. *Calomniez, calomniez; il en reste toujours quelque chose.*

Se, depois de ler a *Tosquia,* tivesse reflectido na posição especial d'aquelle homem, cheio da sua ideia, ufano da sua sinceridade, mas impossibilitado de qualquer outro desforço pessoal, havia de ter visto nos taes *improperios,* Elle, justiceiro como foi, um desculpavel, e até louvavel, fundo de justiça; e havia de pensar no cego utopista, já cançado de trabalho, quando lesse alguma vez estas palavras tocantes do Propheta, que certamente o seu bom mestre Viale lhe havia de commentar:

Et ego erudivi eos, et confortavi brachia eorum, et in me cogitaverunt malitiam (1).

*

A verdade é esta, e só esta; cifra-se n'estes pontos:

1.º — Desde que o anonymo sahira a lume com um ataque directo, era indispensavel responder-lhe.

2.º — A resposta podia ser em termos muito urbanos, muito

---

(1) Oseas, VII, D. 15.

commedidos, ou em termos asperos que o escarmentassem. Pergunto: para a replica urbana havia motivo, desde que todos viam a aspereza improvocada das cobardes e não provadas accusações? e para a replica apaixonada e fogosa havia, ou não, toda a desculpa nas circumstancias especiaes do insultado?

Castilho respondeu, e respondeu logo, com documentos, com factos; o envolver a sua replica em termos acres era a consequencia logica, legitima, da sua justissima indignação.

Limitar-se aos factos e documentos seria pouco, e mostraria fraqueza. Limitar-se a *improperios* seria indigno. Juntou a resposta documental á sua indignação e ira irrefreavel.

Logo, foi injustissimo para com o poeta, e para com a equidade, e para com o senso commum, Aquelle que (por uma obcecação imperdoavel na sua lucida intelligencia) só via *improperios* na *Tosquia de um camello.*

Apreciar com pouca justiça um litterato nos seus dotes litterarios, é venial; toda a gente, o escriptor, o escrevedor, o escrevedeiro, tem o direito de aquilatar (como souber e quizer) as obras litterarias de um homem de lettras, embora com rigor, embora com violencia. Para o insulto pessoal improvocado, para a reticencia affrontosa, para a calumnia desbragada, ninguem tem direito.

O anonymo, que sabia que o seu insultado não podia ter o desforço de pegar n'um chicote ou n'um bengalão, insultava, como um miseravel, a são e salvo. Foi então que, pela mais legitima das metamorphoses, a penna energica de Castilho se transformou em bengalão, em chicote, e em clava.

Quem podér assistir mudo e immovel á deploravel scena de se ver sevandijado, conspurcado, queimado em estatua, lance a primeira pedra. A esse tal não darei eu os meus parabens, nem lh'os daria de certo o Personagem brioso que só conseguiu ver *improperios* onde estão provas e documentos.

*

Como respondeu o *tosquiado* á *Tosquia de um camello?* — perguntam os meus leitores.

Sahiu-se com uma folha de papel intitulada *Jupiter | vibrando o raio | ou | exemplo terrivel | a inimigos | do | Methodo de Leitura repentina* | .

E diz:

«*Carta a um professor de aldeia sobre a leitura repentina.* Com este titulo, se publicou ahi um folheto de trinta e oito

paginas, de auctor occulto (1) contra o methodo de leitura que *in principio* foi denominado *repentino,* e hoje se chama *portuguez*. Para refutação da materia contida no dito folheto, publicou o sr. dr. Antonio Feliciano de Castilho, um outro folheto de cincoenta e duas paginas, intitulado *Tosquia de um camello, Carta a todos os professores das aldeias e das cidades.*

«Sem que, por ora, (2) entremos na magna questão, (3) pedimos ao publico imparcial, que nos permitta apresentar-mos-lhe a curiosissima collecção de denominações injuriosas, ou doestos extrahidos das supramencionadas cincoenta e duas paginas; doestos com os quaes o sr. dr. Antonio Feliciano de Castilho intendeu reforçar as suas razões, e mimozear o occulto antagonista. São ao todo, salvo o erro, cento e sete; ao dobro das paginas excedem tres (!) não é muito, e sem mais preambulo, são como seguem.»

Segue a lista dos taes termos: *Idiota protervo e mal creado — Nescio — Sicophante* — etc., etc., etc., etc.

N'esta má tactica pretendeu o vencido insinuar que o poeta se limitara a *denominações injuriosas, ou doestos.* Esta fuga atirando as ultimas pedradas é digna do ataque.

Basta, e já talvez extravasou para fóra da paciencia dos leitores.

*

Para lhes não deixar no animo uma impressão penosa ao terminar este capitulo, quero saltar de repente para outro assumpto: quero citar-lhes uma carta, bella e sincerissima, com que o poeta agradeceu ao sr. F. Gomes de Amorim o presente dos seus *Cantos matutinos*. Como testemunha presencial, juro quanto agradaram ao auctor dos *Quadros historicos* as poesias maritimas do sr. Amorim, entre todas as do mesmo auctor.

Diz-lhe Castilho em 10 de Novembro d'este anno trabalhoso de 53:

... «Os seus *Cantos matutinos* (se me concedem algum «voto em coisas d'estas), podiam merecer o titulo de *cantos «para todas as horas do dia, e de todos os dias, e em todas «as edades da vida;* porque todas as especies de amores se

---

(1) *Occulto* não; tanto peor para elle. *J. de C.*

(2) Este *por ora* tem muito chiste; é uma ameaça, mas ficou em *por ora.* *J. de C.*

(3) Porque não entrou? *J. de C.*

«encontram n'elles: os do menino, os do mancebo namorado, «os do patriota, os do liberal, os do religioso.

«Depois, por cima de todos estes amores, com que é im-«possivel se não sympathise, e cujo complexo sobraria para «desarmar a inveja (se ella soubesse depôr as armas antes «de haver morto e enterrado), por cima de todos estes amores, «e de envolta com todos elles, anda uma não sei que fragran-«cia da terra natal, um soído, tão sincero e tão bom, do legi-«timo falar da nossa gente, e uns taes reflexos cambiantes de «passadas glorias, que não quero que haja leitor portuguez, «douto ou inculto, classico, romantico, ecclectico, ou sceptico «(a não ser algum satyrico d'estes escalados e sem entranhas), «que, acertando de abrir este livro em qualquer pagina, deixe de «proseguir até ao fim, e, concluida a leitura, de a recomeçar.

«A poesia maritima é que sobretudo me pareceu aqui mara-«vilhosa! é um bello genero, que o meu caro poeta nos creou, «e que lhe sahiu logo da cabeça adulto e armado como a «Pallas. Quasi que estou tentado a querer bem aos trabalhos «da sua vida, por ver as opulencias com que o prendou o «Oceano, esse glorioso parente nosso por tantos titulos... (1)».

Assim acolhia o bardo os poetas da geração seguinte. A respeito do sr. G. de Amorim hei de ter que falar muito mais detidamente, e até mostrarei ao leitor expressivos trechos de cartas suas, em que a sua admiração a Castilho (então vivo e influente) se manifesta de maneira nobilissima. Sirvam estas mostras de boa camaradagem para nos compensarem as ingratas insinuações dos *camellos,* já *tosquiados* ou ainda não *tosquiados*. Sirvam estas brizas refrigerantes do Parnaso portuguez, para varrer da atmosphera o fetido de certas obras, como essa *Carta a um professor de aldeia,* e outras mais.

A desculpa unica (ou attenuante) do comportamento do irreflectido auctor da *Carta* que motivou a *Tosquia,* está n'isto ainda assim: não esperou pela morte de Castilho para o atassalhar; atacava um vivo, e atacava-o expondo-se a experimentar-lhe depois o tagante, como com effeito experimentou, motivando os taes *improperios* a que me referi. Encher de encomios um auctor vivo, e esperar cauteloso pela morte d'elle para o picar, é que é a mais vil das vilezas.

Por ora basta do assumpto. No competente logar voltarei a elle.

(Continúa.) JULIO DE CASTILHO.

---

(1) Póde ver-se a integra d'esta carta no *Archivo Universal,* t. 1, n.º 3, pag. 35.

ANTONIO HOMEM

(Ao meu prezado amigo, patricio e collega, o sr. Augusto Mendes Simões de Castro)

XIV

(Cont. do vol. 46.º, pag. 1126)

As pessoas que juraram no processo da rainha sancta Isabel fôram além do dr. Antonio Homem as seguintes:

Em 20 de fevereiro de 1612.—Dr. Antonio Velho, protonotario, e provisor nesta cidade e bispado de Coimbra, de 66 annos de edade pouco mais ou menos, era sacerdote natural da cidade de Lisboa e vivia das rendas de seus beneficios, officio e pensão que tinha, etc.

Em 10 de março de 1612.—Licenciado André de Almeida, provedor das pontes, natural de Lisboa, teria de edade 44 annos pouco mais ou menos e vivia do seu rendimento e fazenda que em tudo seriam de 500 até 600 mil réis de renda cada um anno.

Em 10 de março de 1612.—Joanna Ayres, mulher do dr. Antonio Sebastião desta cidade na freguezia de S. João de Sancta Cruz natural de Coimbra, teria de edade 50 annos e vivia do uso das letras de seu marido e da sua fazenda, etc., e al não disse.

Em 19 de março de 1612.—Miguel da Fonseca, escrivão de fazenda da Universidade, natural de Coimbra e teria de edade 52 annos pouco mais ou menos e vivia do dicto seu officio, e al não disse.

Em 20 de março de 1612.—Catharina Travassos, e era casada com Miguel da Fonseca, natural da villa de Montemór deste bispado, teria de edade pouco mais de 50 annos e vivia do officio de seu marido e sua fazenda, e al não disse.

Em 23 de março de 1612.—D. Luiza Perestrello Botelha, natural desta cidade de Coimbra e teria de edade 38 annos pouco mais ou menos, vivia de suas rendas e fazendas, que passariam de 1:500 cruzados, e al não disse.

Em 1 de março de 1612.—Dr. Francisco da Costa teria de edade 60 annos pouco mais ou menos, natural de Coimbra, vivia da sua renda e fazenda.

Em 1 de março de 1612.—Dr. Antonio Sebastião, doutor em Medicina, de 60 annos pouco mais ou menos, natural de Casalvasio, bispado de Vizeu, e vivia do exercicio de suas lettras e fazenda, e al não disse..

Em 10 de março de 1612.—Guiomar Correia, mulher do dr. Francisco Costa, natural da villa de Serpa, arcebispado de Evora, de 50 annos pouco mais ou menos, e vivia da sua fazenda e da de seu marido.

Em 9 de março de 1612.—Bartholomeu Coelho, beneficiado da egreja de Sancta Justa de Coimbra, natural de Telhadella, bispado de Coimbra, teria de edade 55 para 56 annos, e vivia do seu beneficio que tinha na egreja de Sancta Justa de Coimbra.

Em 16 de março de 1612.—Antonio Sebastião, natural de Casalvasio, bispado de Vizeu (já tinha sido testemunha nesta causa em outra materia), edade de 60 annos, e vivia do uso das suas letras que era doutor em Medicina.

Numa carta a um religioso portuguez, que se lê nas obras ineditas do padre Antonio Vieira a paginas 146 e 147 do tomo III, segunda edição, publicado em 1857 affirma o eloquente orador, se com effeito a carta é delle:

«O mesmo digo do Cordeiro Paschal, que publicaram se comêra em casa de Antonio Homem, entre elles e outros quatro conegos no dia da paschoa dos judeus. Sendo certo que a dicta paschoa vem sempre na nossa semana sancta; quem em tal tempo comprou este cordeiro, que para ser confórme á lei havia de ter um anno? Quem o esfolou? Quem o assou inteiro? Como não cheirou a carne assada, em tempo que se não assava outra carne na visinhança, como era necessario? Quem poz a mesa, e fez nesta o que o dictame natural ensina era necessario para tão celebre ceia? E que tudo se fizesse com tanto silencio, que nem visinho nem criado os sentisse? Sendo assim que Antonio Homem devia ter em casa cinco ou seis criados christãos velhos, não fôra bom que lhes fizeram perguntas, se viram estes ajunctamentos de tantas pessoas, e se seu amo em alguns dias ou noutes os mandára a todos fora de casa, e quando tornaram se acharam algum signal, ou rastro do que se disse nas sentenças?

«O mesmo digo dos outros conegos, que cada um delles

teria outros tantos criados. Não fôra bom saber delles, se seus amos saíam de noute de casa, e se saíam acompanhados ou sós, e a que hora entravam, e se para entrarem batiam á porta, ou tinham chave, e outras muitas circumstancias com que se apurasse a verdade, e não á carga cerrada publicar cousas taes, que a quem as ouve parecem patranhas, e qualquer juizo, por mais rasteiro que seja, alcança serem delirios de falsarios?

«E com tudo isto por elles condemnaram a muitos homens, e alguns delles ecclesiasticos, com perda de honra, vida e fazenda. Não faltou mais que confessarem levaram o carneiro na algibeira, e o assaram ao lume da candeia, e que enguliram o candieiro, e que quando (ou fosse de dia ou de noute) íam a estas festas, se faziam invisiveis. Se apertassem mais com elles, tambem o confessariam.

«Isto é confórme alguns dos mesmos cumplices, e outras pessoas desinteressadas disseram, affirmando que se em logar da lei de Moysés tomassem por objecto um cantaro, procedendo o estylo com que procedem, todos confessariam que adoraram o cantaro, se não faça-se uma experiencia.

«Imagine cada um entre si uma cousa, qual quizer, e comece a processar; e assim como dizem, tendes aqui quinze testemunhas com quem vos declarastes, que ninguem se podia salvar, senão na lei de Moysés, diga, senão adorando o cantaro, ou aquélla cousa que tiver mais imaginado, e verá que em poucos dias a rede será feita, e enredados nella muitos confessos que darão cumplices, como fazem na lei de Moysés. Torno a dizer, que os inconvenientes sobredictos não nascem de defeitos dos ministros, senão da malicia e miseria dos réus occasionada da escuridade do modo.»

(Continúa). ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.

ESTUDOS SOBRE DAMIÃO DE GOES

(Cont. do vol. 46.º, pag. 1140)

XIII

Mais irmãos de Damião de Goes—Propriedades da familia

Francisco de Macedo é o irmão mais velho de Damião de Goes, filho de Ruy Dias de Goes e de sua primeira esposa Ignez de Oliveira de Macedo. Cremos ser elle o que em 18 de setembro de 1540 escreveu de Alemquer á rainha D. Catharina, remettendo-lhe a copia do Regimento; ordenado por D. Manuel, pelo qual se governava a Casa do Espirito Santo d'aquella villa, fundação da rainha D. Isabel, mulher de D. Diniz (1).

Francisco de Macedo teve um filho chamado Bastião ou Sebastião de Macedo, camareiro da guarda-roupa do cardeal infante. A seu pedido concedeu el-rei D. João III a seu cunhado João Borges, juiz dos orphãos da villa de Alemquer, que podesse renunciar aquelle officio em pessoa habilitada para o exercer que casasse com uma sua filha, que elle nomeasse. Carta de 4 de outubro de 1550 (2).

Sebastião de Macedo teve um filho de egual nome, fidalgo da casa do cardeal infante, e nelle renunciou parte de uma terra de quatro moios de semeadura, nas leziras da Azambuja, no sitio das Quebradas. D. Sebastião confirmou esta renuncia em carta de 14 de dezembro de 1565 (3).

Sebastião de Macedo, o 2.º, devia ser fallecido por 1584, pois neste anno, por aquelle motivo, foi nomeado Manuel de Macedo para o substituir no officio de procurador da Casa do Espirito Santo da villa de Alemquer, officio que já tinha

---

(1) Vide documento n.º 22.
(2) Vide documento n.º 23.
(3) Vide documento n.º 24.

sido desempenhado por seu pae e que parecia andar em successão na familia (1).

O pae de Manuel tinha obtido auctorisação, em janeiro de 1561, para renunciar vinte mil reaes de tença que tinha com o habito de Christo em um seu filho e em 1568 os renunciou no Manuel, que era fidalgo da Casa Real (2).

Irmãos inteiros de Damião de Goes, filhos de Isabel Gomes de Limi, quarta mulher de Ruy Dias de Goes, foram, entre outros, Manuel e Balthesar de Goes.

No livro das Addições que se pagaram ás pessoas nelle conteúdas, no anno de 1529, lêem-se as duas seguintes verbas:

«Baltesar Dias, Irmão de Fruytos de Goes, avera todo este quartel com ceuada $\overline{j}$ ix^{c}lxxxiij rs. (1583).»

«R.^{o} (recebeu) em Almeirim a bj (6) de nouembro de 1525 per si os mill nouecentos e oitenta tres rs. — Baltasar Dias de Goes.»

«Manuel de Goes, irmão de Fruytos de Goes, avera doze dias dabrill e mayo e junho com ceuada $\overline{j}$ b^{c}lxxxbij rs.»

«R.^{o} de N.^{o} (Nuno) Ribeiro os mill e quinhentos e oytenta e sete rs. — Manuel de Goes» (3).

Em carta de 8 de novembro de 1540, D. João III apresentou a Manuel de Goes na commenda de Santa Maria de Lamas, da Ordem de Christo, vaga por morte de Francisco Ferreira, em attenção a elle ter servido dois annos na guerra contra os infieis (4).

Manuel de Goes é um nome a inscrever nos annaes da industria portugueza. Fundou, ou pelo menos pretendeu fundar, uma fabrica de papel proximo de Alcobaça, no caminho d'esta villa para Maiorga. No 1.º de outubro de 1537 os frades d'aquelle convento lhe emprazavam para tal fim a agua da levada acima dos moinhos da Fervença. O fôro era de duas resmas de bom papel em cada um anno. Com pouco se contentavam os frades, o que dá a entender que desejavam favorecer o fabrico de um producto, que, se não era novo entre nós, era pouco vulgar. Em 10 de outubro do mesmo anno D. João III lhe passava carta de privilegio para que, durante a sua vida, ninguem mais podesse fazer nem ter similhantes engenhos, com a condição, porém, de que seriam feitos no prazo de dous annos.

---

(1) Vide documento n.º 25.
(2) Vide documento n.º 26.
(3) Armario 15 do interior da Casa da Corôa, maço 1, n.º 7, fl. 190 *v.*
(4) Torre do Tombo, chave de D. João III, *Doações,* liv. 34, fl. 16 *v.*

Tanto na escriptura de emprazamento como na carta de privilegio se allega a circumstancia de que taes engenhos eram os primeiros que se construiam e que Manuel de Goes se veria obrigado a grandes despezas para trazer de fóra pessoal competente não só para a construcção das moendas como para o fabríco do papel.

Se os documentos querem significar que os engenhos ou moendas eram de um systema novo e desconhecido entre nós, não ha contradizel-os, mas se querem significar que Manuel de Goes era o introductor de uma industria nova, não fallam verdade, pois ha provas documentaes de que muito antes já se fabricava papel em Portugal.

E' muito possivel que Damião de Goes coadjuvara o irmão nesta empreza, que até mesmo lh'a suggerisse e que de Flandres lhe mandasse os apparelhos e o pessoal habilitado.

Tanto no decorrer d'esta série de estudos como na primeira temos já alludido incidentalmente a diversas propriedades da familia Goes. Ajuntaremos agora aqui mais algumas indicações sobre esta materia.

Damião de Goes tinha duas moradas de casas ás Fangas da Farinha, *que vagaram por fallecimento de Isabel Marchoa, as quaes Antonio d'Almastro, seu marido, houve por titulo de compra de Damião de Goes, fidalgo de minha casa, guarda-mór da Torre do Tombo*. Sabe-se d'esta circumstancia por um documento de 13 de janeiro de 1568, *carta de confirmação de aforamento de tres pessoas ao dr. João de Valladares, juiz dos feitos da fazenda do negocio da India e Mina, do desembargo* (1).

No emprazamento do casal de Esteve Anes, e ora de Jorge de Sequeira, porteiro da camara, junto com Villa Longa, onde chamam Santa Cruz, termo de Lisboa, nota-se a seguinte confrontação:

«E desta coua do mouro pera abaixo indo contra ho leuante vay esta dita courella entestar com *terras de Fruytos de Goes*» (2).

Aqui temos nós agora associadas por uma transacção mercantil as familias de Damião de Goes e de Garcia de Resende.

Este trouxera de aforamento em vida de tres pessoas umas casas na rua da Tenoaria, junto da porta que foi da judaria,

---

(1) Torre do Tombo, chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique, *Doações*, liv. 24, fl. 5.

(2) Torre do Tombo, cartorio de Alcobaça, liv. 7 dos Dourados, fl. 32 *v*.

que está pegada á moeda. Houvera-as por compra de uma Catherina Dias.

Seu filho, Sebastião de Resende, querendo fazer nellas importantes bemfeitorias, em que havia de gastar muito, pediu para que lhe fossem aforadas emfatistas. D. João III annuiu, impondo o fôro annual de 400 reaes. Carta de 3 de março de 1536 (1).

Este fôro foi comprado, pelo preço de dez mil reaes, por Sebastião de Macedo, camareiro e guarda-roupa do cardeal infante D. Henrique. Carta de 22 de fevereiro de 1554 (2).

XIV

O conde de Mansfelt—Conclusão

O sr. Joaquim de Araujo no seu opusculosinho impresso em Livorno em 1899, *O retrato de D. Maria de Portugal, filha do infante D. Duarte,* insere, ao fundo da pagina 4 a seguinte nota:

«Pinheiro Chagas, *Migalhas de historia patria,* e o sr. dr. Sousa Viterbo, *Damião de Goes e D. Antonio Pinheiro,* attribuiram a qualidade de embaixador ao conde de Mansfelt, que, com sua esposa e filho, expressamente fôra a Lisboa para acompanhar e dirigir a viagem da filha do infante D. Duarte. Mansfelt foi, tão só, commandante da armada que conduziu a Princeza.»

O sr. Joaquim de Araujo, como acaba de lêr-se, produz a sua negativa, sem a demonstrar e sem a auctorisar com documento comprovativo. Nas suas breves palavras está, porém, inclusa uma contradição flagrante. Se Mansfelt era simplesmente o commandante da armada, como era ao mesmo tempo o encarregado, com toda a sua numerosa comitiva, de acompanhar e dirigir a viagem da Princeza? De alguma cousa mais, que das simples funcções de um marinheiro, estava elle, portanto, incumbido.

Uma cousa impressiona desde logo e vem a ser que dous escriptores, não sabendo um do outro e tendo pontos de

---

(1) Torre do Tombo, chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 21, fl. 62 ɣ.

(2) Torre do Tombo, liv. 53, fl. 68.

vista tão diversos, se encontrassem unanimes em conceder ao conde de Mansfelt as mesmas attribuições diplomaticas. E' que ambos beberam na mesma fonte de informação; é que ambos tiveram o mesmo guia, senão infallivel, pelo menos de toda a confiança. Esse guia é a memoria do sr. Augusto Castan, da Academia Real da Belgica, intitulada *Les noces d'Alexandre Farnèse et de Marie de Portugal*. Esta memoria não escapou ao sr. Joaquim de Araujo e só admira que elle não tivesse envolvido o seu auctor na mesma critica em que incluiu Pinheiro Chagas e o obscuro auctor d'estas linhas. Ora o sr. Castan logo a paginas 6 escreve: «L'ambassadeur demandé pour cette mission fut le comte Pierre-Ernest de Manfeld, que se fit accompagner de sa femme, de son fils et d'une suite d'environ cent vingt personnes.» Ainda mais; na segunda parte da sua memoria, em quasi todos os titulos dos capitulos se falla da embaixada: *Préparatifs d'une expédition maritime pour conduire en Portugal l'ambassade... Proposition faite au comte de Mansfeld et à sa femme d'être à la tête de l'ambassade...* Seria fastidioso citar os restantes.

E' possivel que o nome de Mansfelt não fosse investido na sua missão com todas as formalidades diplomaticas exigidas pelos mais meticulosos canonistas do protocolo, mas a qualidade do serviço especial que lhe foi incumbido, o sequito brilhante e numeroso que o acompanhou, a maneira como elle deu cumprimento ao seu encargo, tudo isto demonstra evidentemente *à priori*, que o illustre fidalgo belga foi mais alguma cousa, naquella occasião solemne, que um simples lobo do mar, um mero commandante de esquadra. Como se comprehende, limitando-se elle a este exercicio maritimo, que viesse acompanhado de sua esposa, rodeada por uma constellação de damas, algumas das quaes, verdadeiras estrellas, que deixaram deslumbrados os nossos cortesãos e os nossos poetas, sobresahindo entre elles Pedro de Andrade Caminha, que não se cançou de fazer vibrar as cordas da lyra em seu louvor?

Que admira, pois, que o sr. Castan considerasse a missão do conde de Mansfelt como a de um verdadeiro embaixador? Era-o na essencia e admittir o contrario é que pareceu absurdo. Ainda quando isto não passasse de uma hypothese, bastavam as circumstancias para lhe darem visos da mais incontestavel realidade. Além d'isso o facto era commum. Os nossos argonautas, como Vasco da Gama, além do commando da expedição, iam encarregados de celebrar tractados com os principes que avassallassem ou com quem travassem relações de

amizade. O proprio Goes, na sua Chronica de D. Manuel, como já tivemos occasião de apontar no capitulo VIII d'estes estudos, se refere ao almirante veneseano Alexandre de Pesaro, que, aportando a Lisboa em 1521, veio incumbido pelo governo da sua republica de tratar assumptos de alta importancia com o nosso monarcha.

Augusto Castan funda a sua memoria sobre a narrativa epistolar de Pierre Borday, testemunha de vista, que communicou as suas impressões ao Cardeal Granvelle. E' certo que elle não dá o titulo de embaixador ao conde, mas estava naturalmente implicito e da natureza da sua missão nos proporciona uma convincente prova quando falla da sua recepção na côrte e dos discursos que por essa occasião proferiu.

Que o conde fosse simplesmente commandante da esquadra ou que desempenhasse conjuntamente os attributos de embaixador, como era natural e como realmente succedeu, era isso uma questão secundaria e perfeitamente indifferente para o nosso caso, não influindo em nada no que dissémos e tinhamos a dizer de Damião de Goes com relação a este acontecimento. Julgamos todavia que não deviamos deixar passar o reparo do sr. Joaquim de Araujo sem alguma contestação por isso que se tratava de uma supposta inexactidão do facto. São tantas as faltas e os descuidos que se nos podem notar e que estimamos que notem para bem da verdade historica, que bem poderiamos abandonal-o ao criterio do leitor, deixando-o sem resposta, senão fôra a consideração que nos merece quem o fez.

*

Damos terminada por aqui esta segunda série de estudos, que já se alongou bem mais do que haviamos projectado e imaginado. O nosso intento restringia-se a apresentar brevemente o resultado de algumas pesquisas, mas os materiaes foram-se accumulando e os pontos de vista novos que se offereciam ao nosso exame, ainda que passageiro, iam-se de tal sorte multiplicando, que nos foi muito difficil conter-nos nos limites primitivamente traçados e como que nos arrependemos de não ter traçado desde logo outro plano, porque assim, ampliando uns capitulos, remodelando outros, quasi que poderiamos ter escripto a monographia de Damião de Goes.

Hoje a empresa tornou-se relativamente facil, sobretudo apossando-se d'ella um espirito, que ao talento narrativo reuna

um apurado criterio. Os factos elucidativos da vida de Damião de Goes e de quasi tudo que se relaciona com elle e com a sua epocha não escasseiam e é até para surprehender gostosamente a quantidade de materiaes que se tem ultimamente desentranhado para a construcção do edificio. Se o mesmo systema de exploração tivesse sido applicado a outras individualidades, a historia de Portugal, tanto a politica, como a litteraria e artistica, não offereceria, como ainda offerece, tão grande numero de enigmas e lacunas.

Ainda nos restam alguns apontamentos por coordenar, que talvez aproveitemos para a elaboração de uma terceira série.

As circumstancias em que foi traçada esta especie de memorias; a necessidade de satisfazer as imposições de uma publicação periodica, explicam, embora não desculpem, os defeitos que apparecem com frequencia. Salva-nos todavia a intenção de produzir quanto antes elementos, que podem servir de materia prima a mais brilhantes e a mais ponderadas lucubrações.

E agora fallem, mais auctorisadamente do que nós, os documentos.

SOUSA VITERBO.

(Cont. do vol. XLVI, pag. 1088)

* **Asperooes.** Arch. Esperoes, esporões, contrafortes? Ex.: E feita (a az do curral) d'*asperooes* chantaados nas astas no campo, e teem os esperoes ferros de tres quadras. (*Script.*, p. 185).

* **Aspersar-se.** Aspergir-se. Ex.: Que as ovas dos peixes, e serpentes dagoa *se aspersam* da semente do macho, são subventaneas. (Arraiz, fl. 135 v.).

Assadura. * Da b. lat. *assatura* (de *assare*). Ex.: Dabunt Maiordomo unun panem, et unam *assaturam*, et unam postam de carne. (*Elucid.*, 2.º, p. 59). — *Leges*, p. 484.

* **Assamassas?** Arch. Ex.: Per illam uallem pro ad uillam de froila tosariz usque ad illas *assamassas*. (*Diplom.*, p. 350-A. 1080).

Assembleia. Do fr. *assemblée* (de *assembler*, do lat. *assimulāre*, de *ad* + *simul*). Cf. o hisp. *asemblar*, juntar, reünir.

Assarapantado. * Ex.: Recebeu a carta o *assarapantado* fidalgo.... (Cam., *Myst. de Fafe*, p. 72).

Assaz (e não *assás*). Do lat. *ad satiem*. Vidè *Rev. L.*, 2.º, p. 267.

* **Asseetar.** Antiq. Assettear. Ex.: Começaram de *asseetar* aos que hyam nos batees. (Azur., p. 401). Do antiq. *seeta* (do lat. *sagitta*).

Assediar. Do lat. * *obsidiare*. (Meyer-L., 2.º, p. 667).

Asselvajado. * Ex.: É acertado que do baluarte do pulpito se desembestem frechas ao peito perversissimo do diabo, embora a lingua seja *asselvajada*. (Cam., *Quatro h. inn.*, pref.).

Assi. Arch. Assim. * Da b. lat. *ad sic*. Ex.: Et si *adsi* non fecerit, per hi cadat. (*Leges*, p. 769-A. 1188-1230). — Quomodo ad illos respondieren in ferias *assi* faciant illos a los alteros. (*Id.*, p. 777). — *Id.*, p. 828 e 834.

* **Assentação.** Adulação? Ex.: Nem por isso deixou Camões de ser admiravel na integridade e constancia, com que sempre fugia de *assentações*. (*Antidoto da ling. port.*, p. 29). Do lat. *assentationem*.

Assessegamento. Arch. * Ex.: Grande *assessegamento* de meu stado e de meu reyno. (*Leges*, p. 229-A. 1275).

* **Assessegar-se.** Antiq. Assossegar-se, ageitar-se. Ex.: Porque nas largas (estrebeiras) os pees *se* nom *assessegam* tambem. (*L. da ensin.*, p. 536).

Assimilação. Termo de phonética. Identificação ou transformação dum phonema noutro, seguinte ou precedente. A assimilação da-se tanto nas vogaes como nas consoantes.

Eis os principaes casos de assimilação:

Vogaes

A → e: mestre < m*ee*stre < m*ae*stre < magister; bésta < b*ee*sta < b*a*lista; Miguel < Mig*ee*l < * Mig*ae*l.

A → o: pomba < p*oo*mba < p*ao*mba < palumba; matò < mat*oo* < mat*a*-o; mor < m*oo*r < m*ao*r; mó < mo*o* < mol*a*.

A → u: S*o*turno (Sutur*n*o) < S*a*turno.

E → a: pi*a*dade < pi*e*dade; P*a*rafita < P*e*rafita; Paiz < P*aa*iz < Pelagiz; núm*a*ro < núm*e*ro.

E → i: consirar < consiirar < consierar < considerar.

E → o: anjo < anjoo < angeo; pôr < poor < poer.

I → e: crèdor < creedor < creditore.

O → a: devação < devoção; Salamão < Salomão; cangar < conj'gar < conjugare.

U → o: vontade < voontade < voluntate.

Estes casos sam de assimilação *total*, ou conversão da vogal assimilavel ao timbre da assimilante. Póde porém a assimilação ser *parcial*, approximando apenas os timbres das duas vogaes, ficando distinctas, como — dêvo comp. com — déve, élla comp. com — — élle, cobre comp. com — cubrir, etc.

Uma espécie de assimilação é a condensação ou crase das duas vogaes dum diphthongo em uma so, ordinariamente a dominante. Assim: càveira < caiveira, fruto < fruito. Nalguns dialectos tambem se pronuncía — côve < couve, mantêga < manteiga, mê pae < meu pae, etc.

Consoantes

B → d: recado < recab'do < recabedo < recapito (arch.).

B → l: falar < fab'lar < fabulare.

B → r: arroteia < abrutela.

B → s: assolver < absolver; sustáncia < substáncia.

B → t: sôto < subtus.

D → g: vingar < vind'gar < vindicare.

D → n: funil < * infundile; inàgora (pop.) < inda agora; Anreade (?) < Andriati.

D → s: assaz < ad satiem.

J → g: cangar < conj'gar < conjugare.

L → n: Anobra < Anlubria.

M → n: dono < dom'no < dominu.

N → f: iffante (arch.) < infante.

N → l: salitre < salnitre; moleiro < mol'neiro < molinariu.

N → m: ecomizar (pop.) < econ'mizar < economizar.

N → r: Correlhã < Corneliana.

P → s: esse < ipse.

P → t: contar < comp'tar < computare.

R → l: palatório (arch.) < parlatório; fazê-lo < fazêllo < fazerlo; Melo < mer'lo < merulu.

R → s: pessôa < persoa < persona; usso < urso.

S → f: difforme < disforme.

S → t: nosso < nosto < nostro.

T → c: mascar < mast'car < masticare.

T → d: perda < perd'ta < perdita.

T → m: semana < sett'mana < septimana; esmar < est'mar < aestimare.

V → d: cidade < civ'dade < civitate.

N. B. As geminações resultantes da assimilação em geral simplificam-se, excepto quando uma das consoantes pertence ao prefixo, ou quando é o grupo *ss* ou *rr*.

* **Assinaado** ou **asinaado.** Arch. Assignalado. Ex.: Se tever ferida *asinaada*. (*F. de S.*, 4.º, p. 565). — Desque me fazem a ferida *asinaada*, e a mostro aa justiça. (*Id., ib*).

* **Assolvimento.** Antiq. Absolvimento, absolvição. Ex.: Se nom provar cá foy aa justiça dizelo, que nom valha o *asolvymento*. (*F. de S.*, p. 561).

* **Assopear.** Antiq. Sopear, dominar, vencer. Ex.: A fortuna ha medo aos esforçados, e *assopea* os fracos. (J. F. V., *Ulys.*, p. 125).

* **Asso si** ou **a so si.** Arch. Debaixo de ou sob as suas ordens. (*Inéd. de Alc.*, 3.º).

Assunda. * Da b. lat. *assunata*. Cf. *assuar* e *consuar*. Vidè *assunada*.

Assuar. Juntar o povo, fazer assuada, amotinar. * Ex.: Defendo que rricome nom se *asue* nem uaa aiuda doutrem. (*Leges*, p. 222-A. 1272). Do lat. *ad-subunare*. Vidè *Rev. L.*, 1.º, p. 125 e 131. Cf. *asunar*.

* **Assuceder.** Pop. Suceder. Ex.: e dos que após elle *asoçederam*. (*Script.*, p. 236).

* **Assunada.** Arch. Assuada. Ex.: Sobre feyto das *assunadas* que se faziam. (*Leges*, p. 221-A. 1272).

Açucar (e não **assucar**). Do ár. *açuccar*. (Cf. o hisp. *azúcar*). Do mesmo modo *açucarar*, *açucareiro*, etc.

* **Assunadamente.** Arch. Juntamente. (*Inéd. de Alc.*, 3.º).

* **Assunado.** Arch. Junto, reünido. Ex.: Vaamos alá todos *asunados* contra el. (*Inéd. de Alc.*, 3.º, p. 61). Cf. *assuada* e *assuar*.

* **Assurgir.** Surgir, erguer-se, apparecer. Ex.: Uma cabeça de camello, horrenda no tamanho e no feitio, *assurge* na janella. (Cam., *Amores do d.*, p. 71).

Astil. Ex.: Custume he, que toda herdade que demandam, que se mede per *astijs*, e pedem apeegamento.... (*F. de S.*, 4.º, p. 574).

* **Astreitar.** Antiq. Estreitar, restringir, corrigir. Ex.: Em no bever *astreite* seu regimento. (Leal C., p. 484).

* **Astrever-se.** Pop. Atrever-se.

Astuciar. * Ex.: *Astuciava* com ella, impetrando-lhe exclusivamente a piedade. (Cam., *Fanny*, p. 44). — Antes queria *astuciar* que combater. (Id., *ib.*, p. 107).

* **Asunar.** Arch. Juntar, congregar. Ex.: O Cabedel... mandou *asunar* todolos Sacerdotes, e todo o Conselho. (*Inéd. de Alc.*, 1.º, p. 106). Vidè *assuar*.

* **Ataa.** Arch. Atá, até. Ex.: Deveo teer *ataa* tres anos, e tres messes, e tres dias. (*F. de B.*, 5.º, p. 496). Da b. lat. *adta?* Ex.: Qui corrent cauallo de la ponte *adta* la deffesa.... (*Leges*, p. 826-A. 1188-1230).

* **Ataeigado.** Arch. Ataleigado, ateigado. Ex.: xxiiij. modios de pam *ataeigados* per midida regaenga. (*Inquis.*, p. 330-A. 1258).

* **Atá en.** Arch. Atém, até. * Ex.: E dessa agua que vem dEspineiro *atá en* nas levadas de Savariz. (*Inquis.*, p. 306-A. 1258). — In ribeiro de Purizo da bouza redonda *ata en* Bustelo. (*Id.*, p. 298). — *Id.*, p. 302. Vidè *atém*.

* **Ataes.** Arch. Até. Ex.: Am dir de Doyro *ataes* Minio. (*Inquis.*, p. 315-A. 1258).

* **Atahem.** Arch. Atém, até. Ex.: Pro isto pam *atahem* sancti Michaelis de setembrio. (*Leges*, p. 566-A. 1212).

Atalaia. * Ex.: De *talaya* de villa debet Rex tenere medietatem. (*Leges*, p. 665-A. 1255).

* **Atalhadoiro.** Arch. Atalho? Ex.: Et inde ad cimam de serra ad directum o *ataliadoiro* de mouru. (*Leges*, p. 632-A. 1244). Da b. lat. *ataliatoriu?*

Atamancar. * Ex.: A gente cá vai *atamancando* a sua autonomia. (Cam., *Narcot.*, 2.º, p. 238).

Atanger. Arch. Attingir, alcançar. * Ex.: Se queremos *atanger* a grande alteza d'omildade. (*Inéd. de Alc.*, 1.º, p. 263).

Atapulhar. * Ex.: *Atapulhára* na consciencia, como em uma latrina, todas as immundicies... (Cam., *Volcões de l.*, p. 185).

Ataúde. * Ex.: Meteromno em muy nobre *ataúde* e tragiamno comssigo. (*Script.*, p. 285).

Atauxiar. Fig. * Ex.: A poesia *atauxiada* de erudição, por via de regra, é cançativa e enfadonha. (Cam., *Narc.*, 2.º, p. 240).

* **Atazanar.** Pop. Atanazar ou atenazar. Ex. no voc. *arreitado.*

Até. Do lat. *ad tenus*, segundo Diez (vidè *Rev. Lus.*, 2.º, p. 106), ou de *hactenus* segundo Julio Rib. (*Gram. port.*). * Ex.: De piscibus regalibus sicut *actenus* ecclesie persoluerunt. (*Leges*, p. 627-A. 1237). Cf. tambem *Dicc. etym. lat.* de Bréal no voc *teneo. Qu'até* (pop.) muito. Vidè os voc. *ataa* e *inté.*

Atediar. * Ex.: Os escriptores classicos mal poderiam exprimir sem *atediarem* pela redundancia ou frouxeza da palavra. (Cam., *Esb. de aprec. lit.*, p. 226).

* **Atees.** Arch. Até. Ex.: Des kaendas agustas *atees* dia de san Migael. (*Leges*, p. 653-A. 1255). Vidè *ataes.*

* **Ateigado.** Medido por teiga, ataleigado. Ex : Et sint istos modios *atay gatos* (ou *ateigatos*) et stantes. (*Leges*, p. 399-A. 1224).

* **Ateigamento.** Medição pela teiga. Ex.: Et j alqueire de *ateeigamento* per midida de Barcellos. (*Inquis.*, p. 324-A. 1258).

Atém. Antiq. Até. * Ex.: Dam cada ano al Rey de Sancto Johanne *ataen* Sancto Michaele senas gallinas. (*Inquis.*, p. 411).

* **Atemperar-se.** Temperar-se, modificar-se, accommodar-se. Ex.: Como a graça do Senhor se *atempera*, e accomoda ao nosso modo.... (M. B., *Luz e calor*, p. 378). — Chamo «temperados» aos que se *attemperam* ás circumstancias do tempo e do meio. (Cam., *Perfil do M. de P.*, p. VII).

* **Atendudo.** Arch. Esperado. Ex.: Enton vẽrra o Salvador, que será *atendudo* que venha ao Juizo. (*Inéd. de Alc.*, 2.º, p. 80).

* **Atens.** Arch. Até. Ex.: E se uolo nom receberem *ateens* este tempo nom respondades dele por esse ano. (*Leges*, p. 653-A. 1255).

* **Aterceirar.?** Ex.: E pera os atalhos algũa maneira d*aterceirar*, o que todo por voontade daver esta manha, e grande costume, se deprende. (*L. da ensin.*, p. 638).

* **Atermeter.** Arch. Intrometter. Ex.: Ca se *atermeteo* huũ Ourivez, que obrava de prata. (*Inéd. de Alc.*, 1.º, p. 92). Vidè *tremetter.*

Ater-se. * Ex.: Foy particular merce de Deos, que Portugal *se ativesse* sempre ao verdadeiro Pontifice. (M. B., *Nova Fl.*, 3.º, p. 154).

A ti. * Ex.: Ego Leegundia Pelaiz *a tibi* Guntina Gundesindis... (*Diplom.*, p. 479-A. 1094).

Atibecer. Arch. Entibecer, entibiar. Ex.: Com preguiça *atibece* pera a acabar. (*Inéd. de Alc.*, 1.º, p. 149).

Atiçar. * Do lat. v. *attitiare.* Vide Meyer-L., 2.º, p. 671.

Atiçoado. * Fig. Ex.: Alvaro, *atiçoado* pelos olhos ardentes da velha.... (Cam., *Quatro h. inn.*, p. 202).

* **Atido.** Confiado, esperançado. Ex.: Tirante as amigas da liberdade, e as que, *attidas* á idade e achaques, confiavam.... (Cam., *A bruxa...*, p. 75). — *Attida* á certeza de que brevemente estaria desempedida de inimigos a estrada.... (Id., *ib.*, p. 96).

Atoar. Pop. * Não crescer, não se desinvolver, não pegar: esta enxertia *atoou* ou está *atoada;* aquella arvore ou enxerto *atoou.*

* **Atolambado.** Atoleimado. Ex.: Muito *atolambada* é esta menina! (Cam., *O ass. de Macario*, p. 14).

* **Atolambar.** Atoleimar. Ex.: Como se um impulso celeste nos *atolambasse.* (Cam., *Othello*, p. 66).

* **Atomizar.** Reduzir a pó, a átomos. Ex.: Desabrocham numa florescencia que os ardores do estio requeimam e *atomisam.* (Cam., *Quatro h. inn.*, p. 193).

Atontar. * Ex.: Acho que foi a pobreza que o *attontou.* (Cam., *As virt. ant.*, p. 192).

Atopir. Arch. Entupir, tapar, obstruir. * Ex.: Mandou *atopijr* todas as augas de terra de Judea. (*Inéd. de Alc.*, 3.º, p. 77).

* **Atortulhoar.** Arch. Atormentar, dar ou causar torturas. Ex.: Mandou-o açoutar, e *aturtulhoar* muy fortemente. (*Inéd. de Alc.*, 1.º, p. 105). Do lat. * *ad-tortuleare,* por *ad-tortureare* (de *tortura*)?

* **Atouguia.** N. de pov. Da b. lat. *Tauguiam.* (*Leges*, p. 450).

* **Atranqueirado.** Atrincheirado. Ex.: O acampamento... parecia uma feira de lavradores, e pescadores... *atranqueirada* com barcos de couro e carros. (Cam., *Os martyres de Chat.*, 1.º, p. 134).

Atravessar. * Ex.: Et inde per illo morauzo et *atrauesa* illa carreira antiqua. (*Diplom.*, p. 94-A. 986).

* **Atrevudo.** Arch. Atrevido. Ex.: Nom conssentas aos teus homeens seer soberuosos e *atreuudos* em mal fazer. (*Script.*, p. 26).

* **Atrídas.** Descendentes de Atreu. Ex.: A sciencia e a arte chegaram aos resultados do velho oriente dos *atridas.* (Cam., *Narc.*, 1.º, p. 271).

* **Atromentar.** Antiq. Atormentar. Ex.: Que em tanto estremo *atromentam* as almas affeyçoadas. (J. F. V., *Memorial...*, p. 124).

* **Atroxado.** Apertado com fivellas ou cintos? Ex.: Em este caso eu achey, segundo nosso costume, de andar *atroxados* huũ pouco alto, e os atroxamentos folgados, e a sella em razoada maneira. (*L. da ensin.*, p. 600).

* **Atroxamento.** Vidè o ex. no voc. *atroxado.*

* **Attendudo.** Vidè *atendudo.*

Attinente. * Ex.: Já experimentado em analogas missões *attinentes* ás corregedorias. (Cam., *Narc.*, 2.º, p. 295).

Attracção. * Termo de phonética. Transposição duma vogal para junto da tónica formando com ella um diphthongo: *vigairo* (antiq.) por — *vigário, primairo* (primeiro) por — *primário, coima* por — *caómia* ou *coomia* (arch.). *feira* por — *féria, marteiro* (antiq.) por — *martírio, capitaina* por — *capitánia,* etc. — Termo de syntaxe. É uma alteração syntáctica, que consiste em fazer concordar palavras invariaveis (ou que como taes deviam ser empregadas) com as variaveis, dando-lhe flexão de número e género. Assim dizemos: porta *meia* aberta, arvores *meias* serradas,

em vez de — *meio* abertas, *meio* serradas; e semilhantemente: *toda* vestida de branco, havia *umas poucas* de horas, etc. — Os cavalleiros do torneio vieram vestidos muito *galantes*. (J. F. V., *Memor.*, p. 356). — Sangrem tuas feridas *incessantes*, as tuas lagrimas... (Cam., *Quatro h. inn.*, p. 58).

* **Attrectação.** Appropriação. Ex.: Todos significam... ou propria ou metaforicamente *attrectação* injusta daquillo, que he alheio. (*Antid. da l. p.*, p. 40). Do lat. *attrectationem*.

Aturar. Do lat. *obturare* (segundo Meyer-L., *Gram.*, 2.º, p. 667).

* **Au.** Diphthongo. Nas palavras de formação pop. este diphthongo provém normalmente de *a* ou *o* + consoante vocalizada, ou de *a* + *u* pela sýncope de consoante intervocálica.

Assim: *au*to < actu, *au*ção < actio, *au*sente < *ab*sente, *au*stinado < *ob*stinado, b*au*tismo < bap*t*ismo, c*au*del < ca*b*del (< capitale), *au*tro (arch.) < alterum; gr*au* < gra*d*u, m*au* < ma*l*u, p*au* < pa*l*u.

Au lat. dá geralmente em português — *ou, oi, ó, ô*, e algumas vezes *a*, ou *e* por intermédio de *a*: p*ou*co < p*au*cu, t*ou*ro ou t*oi*ro < t*au*ru, c*ôv*e, c*ouv*e ou c*oiv*e < c*au*le, f*oz* < f*au*ce, p*obr*e < p*au*per, *a*gosto < *au*gustu, *e*scutar < *a*scutar < *au*scultare.

As palavras em que *au* lat. se mantém sam devidas a formação erudita, como — *au*ra, fr*au*de, p*au*sa, p*au*perismo, etc.; havendo todavia algumas que, sem terem tal formação, não apresentam o característico genuinamente popular: *au*ctorizar, c*au*da, c*au*sa, cl*au*stro, P*au*lo, etc.

Aução. Antiq. Acção. * Ex.: De que temos perdido a posse, & não a *aução* de a cobrar. (B., *Déc.* 2.ª, p. 118 v.). — E a soberba não ter *aução* contra mim. (J. F. V., *Ulys.*, p. 115). Aínda usado pelo povo.

Auctorizar. * Da b. lat. *auctorizare*. Ex.: Deuindicare et uestre parti *auctorizare* noluerimus. (*Diplom.*, p. 480-A. 1094). Vidè *autorizar*.

Auga. Arch. e pop. * Ex.: Poserom seu arreal a par duũs canos d'*auga*, que vijnham de fora pera a cydade, e tyrarom *auga* aa cydade. (*Inéd. de Alc.*, 3.º, p. 75). — Ferirey com a vara a *auga* do rryo. (*Id.*, 2.º, p. 99). — Rações dentrada ou de sayda e lume e *auga* e sal quanto lhe fezer mester. (Figan., *Mem. das rainhas de P.*, p. 122). Aínda usado pelo povo.

* **Augua.** Antiq. Água. Ex.: Et uadit... de Gosendo *auguas* vertentes. (*Leges*, p. 593-A. 1223). — E porque a *augua* crecia, passousse a alem huũ barco de Guineus. (Azur., p. 400). — E nom colhe as *auguas*, nem as torna a a madre. (Id., ib., p. 298). Do lat. * *acqua?*

* **Aurego.** Antiq. Áurego, abrego, áfrico. Ex.: Ha ally (o sol) o poder de todo o seu fervor, e bafos de *aurego*. (Azur., p. 298). Vidè *ávegro*.

* **Aurifactório.** Que ensina a fazer oiro. Ex.: Tratava da chrysopeya ou arte *aurifactoria*, que promette e ensina a tirar oiro dos outros metaes. (M. B., *N. Flor.*, 4.º, p. 254).

* **Auri-fúlgido.** Aurifulgente. Ex.: Para que fujam lhes intrega *auri-fulgido* carneiro. (Cast, *Fastos de Ov.*, 2.º, p. 101).

* **Aurigemmante.** Brilhante como o oiro e as gemmas ou pedras preciosas. Ex.: Quando o seguinte sol houver soltado rubros corceis do *aurigemmante* coche. (Cast., *Fastos de Ov.*, 1.º, p. 85).

O INSTITUTO

Aurígero. * Fig. Que tem a côr do oiro, aloirado. Ex.: Que semeie, e que recolha... *aurigeras* searas. (Cast., *Fastos de Ov.*, 2.º, p. 167). — Té que o *aurigero* carneiro poude á patria conduzir. (Id., *Amores de Ov.*, 2.º, p. 59).

* **Auripurpúreo.** Que tem as côres do oiro e da púrpura. Ex.: De *auripurpureas* magestosas roupas turgido seio a trasbordar delicias. (Cast., *Fastos de Ov.*, 1.º, p. 109).

* **Auri-splendente.** Brilhante como o oiro. Ex.: A quem eu puz moldura *auri-esplendente*. (J. A. M., p. 177).

* **Ausança.** Antiq. Usança. Ex.: Non avendo dello boa contynuada *ausança*. (*Leal C.*, p. 498).

* **Ausservar.** Pop. Observar.

* **Auster-se.** Antiq. Abster-se. Ex.: Todos aquelles que em campo pellejam, de todas cousas *se austeem*. (*Leal C.*, p. 481).

Austinado. Antiq. Austinente, mortificado com abstinéncias. * Ex.: E o corpo assy *austinado* que casy parecya que reformava outra natureza. (Azur., p. 21).

* **Austinente.** Antiq. Abstinente, com abstinéncia. Ex.: Vivo mui *austinente*, marteirando a carne e ossos. (G. V., 2.º, p. 510).

* **Austinar-se.** Pop. Obstinar, irar-se, enfadar-se, zangar-se.

Autòchthóno. * Ex.: Das raças *autochthonas* varejadas por Vasco da Gama não achou tradição. (Cam., *Narc.*, 2.º, p. 239). — Povos que blasonavam de ser *autochthonos*. (Id., *Jesus Chr. p. o s.*, p. 278).

Autoria. * Autoridade? Ex.: Um astronomo allemão dava o nome, senão a *auctoria* a uma supposta lei.... (L. C., p. LXXXV).

Autorizar. * Da b. lat. *auctorizare* (de *auctorigare* < *auctoricare*?) Ex.: Vendere aut extraneare in aliaque parte aut *auctorizare*.... (*Diplom.*, p. 1-A. 733).

* **Auvida.** Arch. Outiva. Ex.: Nuno Pelaiz et Petrus Suariz et Goterri Suariz dixerunt de *auvida*. (*Inquis.*, p. 334-A. 1258).

Avarca. Arch. Abarca, calçado rústico. * Ex.: Media octaua de sal et III pares de *auarcas* bonas. (*Leges*, p. 756).

* **Avaricia.** Arch. Avareza. Ex.: Da *avaricia* nascem estas filhas.... (*Inéd. de Alc.*, 1.º, p. 149). — A *avaricia* vence no coraçon con esta razon. (*Id.*, *ib.*, p. 153).

* **Avancorda.** Arch. Ex.: De bestia morta em capelo de ferro ó espada ó baesta con una corda e con *avancorda* e con cinto. (*Leges*, p. 853).

Avangelho. Arch. Evangelho. * Ex.: Que seia iurado sobre lhos santos *auangelhos*. (*Leges*, p. 222-A. 1272).

* **Avantal.** Pop. Avental.

* **Ave** (have). Arch. Imperat., 2.ª pess. sing. do v. haver. Ex.: Conselha-te sempre com el, e *ave*-o sempre na tua memoria. (*Inéd. de Alc.*, 1.º, p. 161). — *Ave* por tua santa piedade com nosco misericordya. (Azur., p. 253).

Avèccer. * Do lat *valescere* (> * *a-vaecer* > * *aveecer* > *avecer*). Vidè *Rev. L.*, 4.º, p. 128.

Aveença. Antiq. Avença. * Ex.: Mandou Fernamdez Destobar a Portugal, pera firmar novas *aveenças*. (*Chr. de D. F.*, 4.º, p. 325).

* **Aveendiço.** Arch. Vindiço, extranho, forasteiro. Ex.: Severom em outra parte... e os irmaãos de Josep a de part come *aveendiços*. (*Inéd. de Alc.*, 2.º, p. 69).

* **Ávegro.** Arch. Ávrego ou ábrego, áfrico. Ex.: E aduse Deus o vento *avegro* em aquel dia. (*Inéd. de Alc.*, 2.º, p. 104).

* **Àveiro.** N. de cidade * Da b. lat. *Alabariu?* Ex.: In esteiro unde non dam ciuadera ad rex. et de ganantia tertia de *alaueiro*. (*Diplom*, p. 334-A. 1077). Cf. *Tàveiro* < *Talabariu*.

Avejão. O mesmo que *abujão*. Do lat. *abusionem*.

* **Avellãs.** Nome de differentes pov. Do lat. *avellanas* (de *Avella* ou *Abella*). Ex.: Et de alia parte cum *avelanas* et cum sangalias. (*Diplom.*, p. 53-A. 961).

Avença. * Do antiq *aveença*. Da b. lat. *advenentia*. Ex.: Interrogatus cujusmodi *advenencia* est illa, dixit.... (*Inquis.*, p. 457-A. 1258). — *Id.*, p. 472. Cf. o hisp. *avenencia*, e *pendença* < *penitentia*.

* **Aventrulhado.** Arch. Ex.: Costume he, do Orio *aventrulhado* que devem a dar do boy, hum quarteiro de dija. (*F. de S.*, 4.º, p. 550).

* **Aventuira.** Arch. Aventura. Ex.: Estando os cristaãos em esta préssa e coita e *aventuira*, sen esperança.... (*Script.*, p. 187). E ouue comtra elles muy boas *auentuyras*. (*Id.*, p. 266). Cf. o antiq. *ventuira*.

* **Àvérga.** Pop. Muito, demasiadamente.

Avergar. * Pop. Fartar-se.

Avernal. * Ex.: Tem por fado irremissivel do principe *avernal* ficar-se esposa. (Cast., *Fastos*, 2.º, p. 171). De *Averno*.

* **Aversairo.** Arch. Adversário. * Ex.: Por revelia de seu *aversayro*. (*F. da G.*, 5.º, p. 439). — O outro leyxe ao *avessayro* como quer que sabya sa confisso. (*Id.*, *ib.*, p. 437).

* **Avessada** (e não *avesada*). Ex.: As (correias) com que atam o Falcão na vara chamam *avessadas*. (*A. da caça*, p., 1.º, p. 19).

Avessado. * Do lat. *adversatum* (de *adversor*).

Avessar. * Do lat. * *adversare*. Cf. *avessado*.

Avidor. Arch. Avindor. * De *avir* (< *advenire*).

* **Avidoiro.** Arch. Vindoiro. Ex.: A todolos pobradores destremoz presentes e *auiidoiros*. (*Leges*, p. 679).

Avitador. * Ex. em Cam., *Vida de Pio IX*, p. VI.

* **Avincar.** Enrugar, engelhar. Ex.: É o que elle dizia, encaracolando o bigode e *avincando* a testa. (Cam., *Livro de consol.*, p. 138).

Avir-se. * Da b. lat. *avenire* (por *advenire*). Ex.: Pectet D solidos, et *aueniat* se cum Episcopo. (*Leges*, p. 617-A. 1229).

* **Avis.** N. de villa. Ex.: Sciatis quia ego concedo populatoribus de *Auis* illud primum forum. (*Leges*, p. 579-A. 1218). — Eu frei martin fernandez per graça de deus Mestre d*auis*. (*Id.*, p. 595-A. 1223).

(Continúa.)

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

AS DOUTRINAS ECONOMICAS DE KARL MARX

(Cont. do n.º 1, pag. 11)

PARTE CRITICA

II

A NOSSA CRITICA Á THEORIA DO VALOR DE KARL MARX

Onde deve existir a maxima remuneração do trabalho humano. Socialismo auctoritario e socialismo libertario.—Comparação geral.

Assentes os principios atraz expostos sobre a origem do valor, podemos d'elles extrahir larga copia de consequencias, que nos conduzem até ao gráu supremo das leis sociaes: até á creação do mais alto ideal a assignar á evolução da humanidade, no ponto de vista economico.

E não nos seja censurada esta pesquiza de ideal, por muitos alcunhada de chimerica.

Se na synthese primordial dos elementos vitaes existe já, latente, toda a evolução essencial do individuo, tambem no cerebro do homem, na sua especulação abstracta, que é, por assim dizer, a synthese dos elementos da vida social, deve existir, embryonario, todo o futuro da sociedade.

O espirito humano é fatalmente arrastado á pesquiza da unidade, da generalisação suprema, do absoluto natural. «A sociedade como um organismo, diz o professor Ricardo Jorge, é um sigma de individualidades; nos organismos os bio-elementos autonomicos estão poderosamente unificados pelas correntes nervosas determinantes de toda a funccionalidade;

assim nas sociedades as correntes de idéas, avassalando-nos com um imperio progressivo, subjugarão as nossas acções á realisação de uma aspiração suprema, a sua unidade» (1).

De resto, possuir um ideal, patenteá-lo, não implica pretende-lo realisado, ou para logo realisavel. Antever o seculo xxx não importa supprimir 10 seculos.

Accresce ainda que do pensamento á acção vai um abysmo, quando o ser pensante não é mais que uma molecula do proprio corpo sobre que pretende actuar.

Abalancemo-nos, pois, ao trabalho proposto.

A doutrina de Karl Marx, assim como a de Adam Smith, estipulando que o trabalho é a fonte do valor, confundiu este com o quantitativo da riqueza. Esqueceu que o gráu material da riqueza, estando em proporção directa com o gráu de trabalho, está comtudo na razão inversa do quantitativo do valor. E' tambem neste criterio que se encontra a explicação das velhas questões dos *mercantilistas* e *physiocratas*. Os primeiros illudiam-se, não se lembrando que, quanto mais ouro existe, menos valor tem: não só porque as necessidades se tornam cada vez menores, mas tambem porque as restantes mercadorias, rareando, sobem de valor. Os segundos illudiam-se tambem, inversamente, não considerando que os productos agricolas, emquanto maior abundancia existem, menos valor possuem, emquanto o ouro vai subindo de valor.

Fica, pois, demonstrado que a origem do valor dos objectos que affluem ao mercado é unicamente o trabalho e a consequente necessidade do consumidor. Sendo assim, não consistindo a remuneração do trabalho em mais que na satisfação das necessidades, não será a extrema simplicidade que cada homem trabalhe no mistér que seja indicado pelas suas aptidões naturaes, e receba em troca geral os objectos de que necessite?

Pouco importa o gráu de intelligencia ou de aptidão: são qualidades naturaes e fataes. Cada homem é o que nasce, e aquillo que d'elle fazem: porque ha de um ser pobre outro rico, um feliz outro desgraçado?

A satisfação das necessidades, bem o sabemos, nunca será possivel completamente; essa aspiração confunde-se com as eternas pesquizas da humanidade em ancias de absoluto. Eis porque nós desejamos a *maxima* remuneração do trabalho humano, e não a remuneração *integral,* de que hoje tanto se falla, e que se perde na região abstracta de utopia.

---

(1) Ricardo Jorge, *Ensaios scientificos e criticos,* pag. 32.

Todavia, a remuneração do trabalho pela satisfação das necessidades é, ao mesmo tempo que a realidade imperfeita, o ideal a que anda ligada a maior perfeição possivel na distribuição das riquezas; e caminha, com o progresso das sciencias e das artes, e com a crescente perfectibilidade moral, na senda perpetua do indefinido.

Investiguemos mais profundamente estas idéas.

Outr'ora, as aspirações egoistas e metaphysicas do socialismo dirigiam-se, do meio de um odio muitas vezes confessado, no sentido de anniquilar ou deixar morrer de fome os ociosos, e de exaltar, encher de goso e felicidades, as classes trabalhadoras.

Hoje, porém, a sciencia, caminhando na sua campanha de luz, veio fazer surgir verdades taes, que não permittem, pelo menos ao homem superior, odiar ninguem, abominar instituição alguma. A philosophia de Augusto Comte, verdadeiramente immortal e inabalavel nos seus pontos de vista fundamentaes, ensinou a estudar os factos, não com o criterio rancoroso de quem olha apenas os máos resultados, nem com o optimismo dos felizes, mas friamente; ensinou a olhar a natureza, sem que diante dos olhos do observador se colloque o prisma do sentimento.

Os factos são o que são, e a sua producção é fatal. Ao homem de sciencia compete-lhe apenas estudá-los nas suas causas e nos seus effeitos, para depois induzir as leis.

E' por isso que o criterio d'outr'ora, que incitava os clamores da multidão esfaimada contra o capitalista explorador, subsiste hoje apenas, no que toca aos homens de sciencia, como vestigio atavico de uma epocha de sentimentalismo vão. Não quer isto dizer que hajam de cessar as imprecações dos miseraveis contra o capital, ou dos opprimidos contra o Estado. O ideal é, e será sempre, o propulsor supremo de toda a actividade humana. Quer dizer, porém, que, comparando á luz da verdadeira philosophia as descobertas da sciencia moderna com o modo de ver das gerações passadas, e em parte das presentes, encontramos contradicções importantes.

E' notavel, sobretudo, o *determinismo,* essa grandiosa descoberta da psycho-physiologia, que fez transferir ao pó do sepulchro a velha doutrina do livre-arbitrio, pela qual se julgava o homem uma entidade abstracta e mysteriosa, superior a si mesma, independente do meio que a gerava. Hoje a psychologia experimental, constatando a interdependencia, até á confusão quasi completa, que existe entre as actividades psychicas e a organisação cerebral, assentou a verdade, d'ora

ávante incontestavel, de que o acto voluntario não é mais que o effeito das varias impressões externas, dos motivos, operado atravez do prisma tambem fatal do temperamento do individuo. O acto voluntario é um producto das mil condições em que nos collocamos; e cada uma d'essas condições, na parte que têm de humanas, se não representa uma pura coacção externa, é já um facto dependente de motivos. Só assim se chegou a conceber e justificar sensatamente a existencia do homem sobre a terra, como a dos outros animaes. Só assim se desfez o imperio esterilisador da exaggerada metaphysica. Só assim se chegou a aspirar á vida real, á verdadeira vida.

Vejâmos se d'estes elementos podemos deduzir alguma coisa de importante no ponto de vista social de que nos occupamos.

Todo o homem que existe neste mundo, rico ou pobre, forte ou fraco, sabio ou ignorante, diligente ou ocioso, existe nessa fórma especial porque o impulsionaram condições fataes. Os que são ricos, é que receberam a riqueza de seus paes, ou da natureza, ou emfim de condições externas; os que são pobres não encontraram, na ordem natural da sua existencia, essas felizes circumstancias. Os que são fortes receberam a força da natureza; os fracos d'ella receberam a fraqueza. Os diligentes obtiveram do exterior os incentivos laboriosos do habito; os ociosos, se não são naturalmente inhabeis, não tiveram a fortuna de quem lhes communicasse os beneficos motores de uma segunda natureza mais activa.

Este positivismo pratico, combinado com as consequencias da nossa these sobre a medida do valor do trabalho humano, vai logicamente conduzir-nos ao ideal que defendemos.

Se os homens não têm culpa do modo de ser em que vivem, se são externamente coagidos nas suas deliberações, se trabalham ou não conforme a isso são obrigados, não representará uma aspiração de suprema justiça a inteira liberdade de acção, a ausencia de propriedade exclusiva, o puro communismo? Não será essa a verdadeira expansão da natureza?

Todos os homens, num regimen communista, trabalhariam segundo os impulsos da sua especial aptidão; a retribuição seria a posse dos objectos que satisfizessem, quanto fosse possivel, as suas necessidades. A moeda não deveria existir. Os productos do trabalho humano não deviam ser comprados, ou transmittidos por contracto oneroso, porque á parte fornecida pela natureza ninguem póde arrogar-se direitos particulares, e a parte produzida pelo trabalho humano, para ser sufficientemente retribuida, ha de satisfazer, não ao trabalho productor, mas ás necessidades creadas por esse e outros tra-

balhos: e todos os homens sentem necessidades. Não é como productor que um individuo dá valor a um objecto, mas como consumidor.

Não extranharemos este criterio natural, desde que nos habituemos a dar o devido valor á doutrina determinista, e que consideremos o trabalho, não como uma imposição brutal, uma pena, mas simplesmente como um corollario fatal da existencia humana.

Todos no mundo deveriam resignar-se a trabalhar para todos: a produzir o egoismo geral pela fusão de todos os altruismos.

O ocioso não o é no sentido rigoroso da palavra. Todo o homem dispende energia, e a prova é que necessita de refazê-la; todos exercem actividades, quer trabalhando externamente, quer na actividade interior do organismo. A differença entre os dois processos de trabalho está na presença ou ausencia de utilidade geral. Todavia, o proprio ocioso trabalha: e muitas vezes, se não trabalha utilmente, é isso causado pela imposição dos outros homens, pela obediencia aos habitos, ou pela sujeição a leis perniciosas.

Mas, objectar-nos-hão, se não trabalha utilmente, se os seus esforços não são em proveito alheio, a sociedade não tem obrigação de alimentá-lo: o ocioso deve morrer de fome. E' falso o argumento, o celebre argumento de que, com nobres intuitos, já se servia o apostolo S. Paulo. O ocioso deve ter pelo menos direito á parte da natureza bruta que lhe compete, embora a não queira transformar: já por isso deve receber uma remuneração dos que tiram proveito d'essa parte. Mas não é ainda por este campo, situado em plena Economia classica, que temos de resolver a questão. O que é mais importante é que o ocioso é um producto do meio em que vive; se não trabalha é porque, ou a natureza, ou a educação, ou emfim quaesquer condições externas, a isso o impellem necessaria e fatalmente.

O ocioso, scientificamente considerado, deve ser inteiramente equiparado a um doente, a um velho, a uma creança, a todos os physicamente incapazes de trabalho util. A unica differença que ha, ordinariamente, entre os physicamente inhabeis e os ociosos, é a possibilidade da regeneração d'estes ultimos. E é por isso que, assim como a sociedade é inteiramente responsavel pelo facto de os ociosos que têm saude não trabalharem, tambem a ella compete regenerá-los, educá-los, obrigá-los por qualquer fórma a abandonar a natureza adquirida de ociosos, e contribuir assim com mais um obulo para o mercado gratuito das riquezas universaes. Se não obrar,

dentro dos limites do possivel, no sentido de realisar este ideal, não póde imputar culpas aos que não trabalham.

O ocioso, como toda a gente, exerce a sua vida segundo as propensões com que nasceu, e as condições em que a sociedade o collocou. A sociedade, portanto, não deve castigá-lo, porque elle é innocente; se não póde regenerá-lo, se do seu ventre impuro brota um filho com o estigma perpetuo da inutilidade, cubra-se a si propria de ignominia, porque só ella é a culpada.

Continuemos na região abstracta do ideal. Como harmonisar a obrigação que a sociedade tem de educar e forçar ao trabalho os seus membros, com a eliminação da interferencia do Estado nos actos individuaes?

A questão não deve ser resolvida com os elementos de que habitualmente dispomos. A sociedade não é o Estado: este representa a mais complexa das categorias de phenomenos sociaes, a categoria *reflexa,* emquanto que a sociedade, muito mais ampla, abrange todo o conjuncto das relações humanas. Assim, a actividade economica, espontanea, da sociedade, não é a regulamentação economica por parte do Estado.

Não é, pois, á sociedade constituida em Estado que nos referimos, mas sim a cada uma das manifestações naturaes da sociedade.

Se nos referissemos ao Estado, ver-nos-hiamos forçados, para o tornar compativel com as nossas idéas, a remodelá-lo desde os fundamentos. O Estado constitucional moderno representa uma burla e uma falsidade. E' o governo da aristocracia real, dos homens habeis para escalar o poder e conservar na cegueira as multidões desorganisadas. Não é um governo do povo: é um governo da astucia. Quem tem feito todas as instituições? Ou reis, ou homens intelligentes de um paiz. Mas, mesmo neste ultimo caso, as constituições representam ainda um preito fiel á velha tradicção absolutista, porque os homens mais intelligentes e dominadores, pertencendo ás espheras elevadas, não sabem nem querem exprimir o interesse puro do povo.

Porventura estará na consciencia collectiva de alguma nação a necessidade dos exercitos, da guerra, ou não existirá isto apenas na consciencia e na vontade dos governantes?

Ha um velho preconceito, que diz que, sendo a nação o conjuncto dos individuos, a lei que cria o bem-estar do Estado cria o bem-estar dos cidadãos. Mas ponhâmos de parte o altruismo dos oppressores.

O povo deseja bem que o Estado lhe produza a felicidade, mas não que lhe sugue o sangue das veias. Ha leis e instituições que não causam senão damno ao povo. Os exercitos, por exemplo, que são os unicos elementos conservadores da guerra, servem apenas para arruinar e desgraçar os povos. E que vale a existencia e a felicidade de um Estado, se os povos são infelizes?

O Estado devia ser o reflexo do modo de ser natural do povo. O povo está dividido em classes, delimitadas pela particularidade dos interesses: pois regule cada classe, independentemente, as suas actividades.

Deixem-se crear e expandir espontaneamente as classes, deixe-se cada uma estabelecer as normas do governo proprio, e, após a harmonisação fatal de todas ellas, teremos plenamente realisado o ideal politico-administrativo.

A divisão administrativa territorial, como hoje existe, é absurda, porque vem a limitar os interesses de uma collectividade pelo logar arbitrario que ella habita, e a fundir assim numa só norma a regulamentação de interesses divergentes. Se uma collectividade, disseminada por todo um paiz, quizer unir-se para a consecução de um fim politico, não póde fazê-lo, visto que a especialisação dos interesses não é formulada pelo povo que os sente, mas arbitrariamente pelo governo central.

Num regimen de formação espontaneamente popular, cada homem, directamente interessado nos phenomenos sociaes que lhe dizem respeito, tratará d'elles como de negocios proprios.

E' por isso que num regimen communista não haveria ocio. O que hoje cria esse mal é a divisão das classes, não segundo o genero das actividades, mas segundo o gráu de riqueza, vendo-se os pobres submettidos aos ricos, e estes desobrigados de trabalhar.

Este mal desappareceria com a egualdade economica dos homens. Accresce que a sociedade, livre do freio despotico das circumstancias, conserva sempre, a produzir a verdadeira ordem, a coacção social espontanea, de todos os individuos, que sentem a imperiosa necessidade de se alliar para o trabalho, de forçar os ociosos a juntar-se-lhes nessa laboriosa campanha, por meio de penas e incentivos naturaes.

Não se diga que estamos cahindo noutra especie de auctoritarismo: expomos apenas a verdade e o naturalismo social.

Tyrannicos em extremo são os que pretendem que o Estado vigie, pelos seus delegados, o trabalho dos cidadãos, e imponha penas aos ociosos. Nesse caso, a liberdade natural do individuo

encontra um freio no Estado, e as aspirações generosas de todos os que se afastam da vulgaridade morrerão diante da ignorancia dos commissarios do governo. Ninguem crê que no centro de cada Estado se reunam as primicias intellectuaes de cada povo.

Uma tentativa de implantação socialista, realisada na colonia dos indios do Paraguay fundada pelos jesuitas, dava como pena aos preguiçosos cultivarem uma parte em excesso do campo, o que servia de cura á ociosidade, ao mesmo tempo que redundava em proveito geral. Esta pena era revoltante e absurda, levando ao extremo de forçar ao trabalho quem muitas vezes, por incommodo externamente imperceptivel, não podia trabalhar; e dava margem a vinganças mesquinhas da parte dos encarregados da vigilancia dos trabalhadores.

O socialismo auctoritario moderno, condensado, segundo a eschola integralista, na obra monumental de Bénoit Malon, repudiou este genero de prepotencias, para abraçar a adoração mystica do trabalho, pretendendo que essa panacêa metaphysica transformará em activa diligencia os habitos de preguiça enraizados na humanidade (1). Mas não é com taes crendices e idealidades mythicas que se ha de resolver o problema. Terrores de imaginação e religiosidade vã tiveram o seu logar no passado, não o têm no futuro.

O homem, sob a vigencia de um regimen artificial que o sustentasse, difficilmente trabalharia. Para isso é necessario que, desligado de prisões sociaes ficticias, se veja impulsionado, e apenas contrariado, pelas leis naturaes. Quanto mais liberdade existir, mais se sentirão todos robustecer. O homem que é obrigado a trabalhar por um Estado prepotente vive infeliz na sua sujeição, e é incitado a burlar constantemente as ordens do despotismo.

Os premios e castigos, idealisados pelos integralistas, são puerilidades: admissiveis quando muito numa eschola de creancinhas meigas, dirigidas por um mestre venerando. Na realidade, o premio apenas serve para causar uma affronta ao que não é premiado, e o castigo para suggerir a revolta do que é punido. Raras vezes succede o contrario.

Onde se irá buscar a justa, a legitima, a respeitavel auctoridade? Onde se encontrarão remedios para as podridões constitucionaes de que enferma o Estado hodierno? Pretender

---

(1) Póde ver-se um d'esses processos de incentivo ao trabalho, na *Historia do socialismo,* de Bénoit Malon, pagg. 403-404 (nota 1).

que o Estado absorva ainda mais funcções sociaes, que se torne o director e regulador supremo da sociedade, é desconhecer a base falsa em que o Estado já de si assenta, e preparar uma ruina fatal á independencia, á liberdade e á dignidade dos individuos.

Moralisar o Estado importa previamente moralisar os membros que o devem compôr: e todos concordam em que é impossivel extirpar do coração humano a ambição de gloria e de despotismo. A reforma, portanto, no sentido do melhoramento do bem-estar do povo, ha de ser orientada de fórma que a independencia individual cresça progressivamente, o individuo gose cada vez mais do governo proprio, a fim de que o bom governo de cada um crie o bom governo da collectividade.

Neste ponto de vista, portanto, é inapplicavel e seria ruinoso o socialismo auctoritario e centralisador.

No ponto de vista economico não o é menos. Karl Marx, fazendo um estudo unicamente de observação, não levantou um edificio que possamos qualificar de systema social. Tratando do valor das mercadorias como derivando do trabalho, não curou de saber como haviam de adquirir meios de subsistencia os que não trabalhassem utilmente, como os velhos, os inválidos, ou mesmo as creanças. Assentou a sua doutrina sobre a base egoista do trabalho util, sem definir essa utilidade, e sem procurar um remedio para os que não podessem creá-la, por culpa da propria sociedade ou da natureza.

Tentaram preencher a lacuna os seus successores, admittindo, em regra, o sustento dos incapazes á custa da collectividade. Esta clausula, porém, é incoherente com a formula da medida do valor que em geral acceitam: com effeito, se o valor vem do trabalho do productor, como admittir a obrigação de os trabalhadores sustentarem os desgraçados, os velhos, as creanças, os mendigos? Estas classes são inteiramente improductivas, não têm valores de troca que compensem a protecção de que são alvo.

Por mais que a nossa imaginação vá bater de encontro ao mundo utopico das reorganisações sociaes auctoritarias, nunca encontrará guarida segura onde abrigar-se.

No communismo puro, de meios de producção e de consumo, combinado com a substituição do Estado actual pela representação fraccionada e pura dos interesses do povo, existe, não só a maxima remuneração de todo o trabalho humano, mas a maxima satisfação de todos os ideaes politico-sociaes.

A. A. Pires de Lima.

NOTAS D'UM PAE

(Cont. do n.º 1, pag. 19)

Ha pessôas que não têem bocca, têem fauces; não comem e bebem, engolem, devoram. O seu prazer de mesa não é dos sentidos, mas sómente organico. Quantas creanças ricas não descem a esta degradação! E ficam antipathicamente enfartadas, depois das refeições, quasi dormentes, sem fôrças sequer para digerir.

Póde seguir-se o que as creanças fazem, nos movimentos do seu rosto. Então, a escrever, que engraçadas caretas!

As creanças, de rude trato, que incommodam a todos e tudo estragam, até a propria vista tornam grosseira: estão deante do objecto que procuram, e não o acham; e menos podem dar pelas delicadezas das coisas e das acções.

A analyse dos seres póde ser feita pelas fôrças da propria natureza, inorganica ou organica,—foi assim que a quéda d'um crystal se tornou reveladora para Haüy, não é outra toda a analyse chimica—; ou pelas faculdades emotiva e sensitivo-motriz,—é assim que se separam o prazer e a dôr e a luz, o som, etc.—; ou pela intelligencia—assim discriminamos o movimento, a fórma, etc. São a analyse externa e a analyse interna, subdividindo-se esta em emotiva, sensitivo-motriz e intellectual. D'uma para outra ha todas as transições.
A synthese offerece as mesmas variedades.

Tanto o mundo material, inorganico e organico, como o mundo do espirito, emotivo, sensitivo-motor e intellectual, estão num incessante trabalho de differenciação e integração.

Ha, pois, uma analyse e uma synthese material e uma analyse e uma synthese espiritual, que póde ser sensitivo-motriz ou intellectual. O poder de analyse e synthese intellectual é o que se chama imaginação e idealização. A imaginação compõe e decompõe as imagens, a idealização as idéas.

E' sobre os productos d'estas analyses e syntheses, quer sejam massas de sensações, quer sensações puras, quer particulas de sensações, que se exercem a percepção, a reflexão e a applicação.

A dialectica *in herbis*. «Não esfregue essa caixa com tanta fôrça, que lhe tira a tinta!» recommendo ao Domingos. Mas elle logo: «Eu não tenho muita fôrça!»

E a petulancia dialectica. Vou a sentar-me e vejo agua debaixo da minha cadeira. «Quem deitou agua aqui?» Responde-me uma rapariga: «Eu não, que não cabia debaixo da cadeira.»

Em geral, quem tem que dizer é breve; quem não tem, diffuso. De improviso quasi sempre falamos de mais; não é logo que se alcança o assumpto, nem a sua expressão. Recordo-me de que, encontrando-me de surpreza com um sujeito das minhas relações, me demorei demais a cumprimentá-lo, e um amigo meu, que me esperava, ficou muito espantado da minha desculpa: «Eu não tinha nada que lhe dizer!» «Ora essa, replicou-me, que faria se tivesse!» «Não! expliquei-lhe, dava-lhe logo o meu recado, e vinha-me embora.» Assim custou-me a acertar com o que lhe havia de dizer, e tambem não quiz deixá-lo sob as primeiras impressões, que estavam longe de corresponder ao meu interesse por elle.

A propria memoria, por mais fiel e prompta que seja, exige sempre um tempo de adaptação. Não é de salto que mudamos para qualquer assumpto, embora muito nosso conhecido, encontrando immediatamente todo o seu diccionario. D'ahi as redundancias e circumloquios a que nos expomos, quando falamos sem preparação.

O que não quer dizer que os improvisos não tenham as suas felicidades. A originalidade do conceito e a palavra faiscante brotam por vezes do encontro casual e do choque das imagens e idéas postas improvisamente em alvorôço.

Ninguem conscientemente está nunca na plena posse de todos os seus recursos. A reflexão é tambem uma prisão. Soltando as redeas ás nossas faculdades, não ha duvida que é como ellas desafogadamente ostentam muitos dos seus mais arrojados e bellos movimentos. Mas é, em todo caso, uma sorte.

Nós, intervindo pela reflexão nas nossas faculdades, fazemos fatalmente como os medicos ao organismo: mais ou menos perturbamo-las sempre. Por isso, assim como não devemos estar a cada instante a medicar-nos por tudo, não exaggeremos tambem a reflexão. Tenhamos confiança na nossa natureza, e deixemo-la desembaraçadamente exercitar-se e crescer.

Tão absurdo é crer só no genio impulsivo dos nevroticos, como só na gravidade solemne dos reconcentrados.

A este respeito, tenho conhecido typos muito caracteristicos. Uns, tão pautados, que suffocam a propria natureza e tornam-se mediocres á fôrça de razão. Outros, que falam de tudo com extrema vivacidade, parecendo uns talentos, mas não tomam nunca as redeas do seu espirito e são incapazes do minimo raciocinio pessoal que os obrigue a um esforço de reflexão.

A mudez da diplomacia não é sempre discreção, é afinal tambem aphasia.

As pessôas muito pautadas fazem-me lembrar os grammaticos que são escriptores pobrissimos, porque banem das suas obras os giros de linguagem que se não submettem ás suas regras. Não vêem que o defeito e a insufficiencia é d'ellas.

O relevo, a côr e o encanto que tem a linguagem viva do povo!

Um homem do campo: «Este anno veiu muita humidade depois da grande secca, e, como as plantas estavam tão *desejosas,* muitas floriram e fructificaram segunda vez.»

A's vezes os ignorantes, que não medem bem as difficuldades, atrevem-se com ellas e vencem-nas.

Os erros dos espiritos superiores proveem muita vez do proprio engenho com que tudo explicam. Levados da sua theoria, não ha phenomeno que lhes resista e elles não subordinem a essa idéa. Lembro Newton, explicando toda a optica até ás interferencias pela sua hypothese das emissões.

Muitas pessôas parecem ter grande intelligencia, emquanto a não subordinam ao estudo. São naturezas exuberantes, mas inconsistentes.

A philosophia natural do Domingos.

«Como se fazem as pedras? E' com massa que Deus faz as pedras, como a mamã faz os biscoitos? Nosso Senhor é quem faz a massa para ellas?»

«E como se póde fazer o lume? que é o lume que se accende?» cogita elle.

Está longe ainda de fazer-se a unificação artistica em volta do ideal moderno. Já temos uma philosophia, mas não ainda a religião do nosso tempo. Onde estão pelas aldeias os novos templos? O povo, se quer expandir a sua affectividade, ha de entrar na velha egreja e lá adorar, com o bello eterno, os erros da velha religião. O povo, e quasi todos os outros. E' a nossa maior crise.

E', porque a religião é a unificação artistica, que nós erguemos á nossa emoção moral um throno de luzes e flôres, cercando-a dos primores da architectura, esculptura e pintura, e entoando em sua honra os canticos mais poeticos.

Porque é que a egreja, que é um grande centro artistico, não ha de evolucionar, como a arte, como o coração humano? Não quer. E assim se torna tão longa e dolorosa a alliança da tradição com o progresso moral.

A sociedade moderna ainda não achou ritual para o seu novo culto e teve de adoptar o antigo. D'ahi a contradicção e duplicidade das nossas solemnidades publicas. Faz-se, por exemplo, uma festa de distribuição de premios numa eschola, e sóbe ao pulpito um sacerdote que préga o nada da sciencia e a adoração do sobrenatural, precisamente no acto do coroamento da razão e do trabalho.

O que ainda a moderna civilização não tem!

A falta que faz á nossa sociedade a cathedra e o confessionario da egreja! Quem nos ensinará a ser bons? A quem confiaremos os nossos escrupulos e angustias moraes?

A poesia do campanario! Quem nos acordará para a piedade dos moribundos que agonizam?

A Gigi, radiante de me ver, faz-me á queima-roupa esta declaração: «A Gigi estava lá em baixo a chorar pelo papá.» E, num sorriso aberto, faisca sobre mim toda a alvura dos seus vinte dentinhos.

Jogos affectivos. A Gigi, pegando-me na mão, leva-me para onde minha mulher. «A sua mão, mamã!» E então, com as suas mãosinhas nas nossas, trina num terno alvoroço, a andar entre nós: «Vou no meio!»

As mães! Vejo-as passar, ainda tão pallidas, com as creancinhas recemnascidas nos braços, rosto com rosto, para as não perderem um só momento de vista.

Mas quantas vezes a creança do pobre fica sem mãe, que vai para ama; e a do rico sem mãe, que se troca pela ama!

Nos anniversarios de familia são as pequenas que têem sempre alguma prenda para offerecer. E' que a sua educação é mais pratica e delicada do que a dos rapazes.

As mulheres são a cada passo a memoria e a previdencia dos maridos.

O espirito de ordem, de arranjo e de previdencia que predomina no sexo feminino provém da sua educação mais pratica e social, da sua educação da paciencia.

Para se ver o que póde a paciencia, e como, na sua disciplina, o tempo chega para tudo, citarei a sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, que, ao mesmo tempo que era a brilhante escriptora Valentina de Lucena, vestia e penteava a sua mãe e passava horas inteiras ao lado d'ella a ler-lhe, a entretê-la.

A arte e a industria domestica estão confiadas á mulher. E a sciencia tambem. Não é ella só quem borda e canta, dispõe as flôres á mesa e lê o folhetim, quem cosinha, jardina, receita e prepara os remedios caseiros, quem talha e coze; mas tambem quem faz as contas, quem lembra, previne e põe tudo em ordem, e quem estuda e conhece os generos do mercado e até as pessôas das relações da casa. E ainda quem educa os filhos. Faz quasi tudo.

A mulher está, pois, pela vida domestica mais preparada que o homem para a vida civica.

E' preciso que elle faça mais vida domestica, e ella mais vida civica. Não ha só que socializar o povo, ha que socializar tambem a mulher. E' preciso dar mais ambito á sua educação social, não a contrahir só aos cuidados domesticos.

A inferioridade civica do sexo feminino. O rico já vai estendendo a mão ao pobre, mas o homem, não a mulher; porque o homem pobre é já o companheiro politico do homem rico, e entre a mulher rica e a mulher pobre ainda não ha esses laços. Ou ha só nos conventos.

Admiram-se de que, educadas no sacrificio, as mulheres vão professar nas ordens religiosas! E quantas vezes não é só assim que a muitas, ás pobres, se abrem as portas da sociedade e da virtude? Mas está claro que é um grande mal que o nosso tempo não saiba ainda chama-las á vida civica, sem as deixar apartar-se da vida de familia.

As congregações femininas são uma fôrça politica? De certo. Mas o meio efficaz de as combater é dar á mulher francamente os direitos politicos, de modo que, para os exercer, ella não tenha de abdicar a liberdade.

Ha duas riquezas, a exterior e a interior; e é por esta, que se diffunde sem se dividir, antes augmentando, que se ha de ir socializando aquella.

O operario das fabricas é o collaborador d'uma machina, e tem os prós e os contras respectivos.

Meu avô paterno, lavrador, pensava como um physiocrata: «Somos nós quem paga para tudo isto!»

Ninguem se importa com a lei; mas, se ella dispensa trabalhos, logo se invoca. «Eu não tenho obrigação d'isso!» Até o estudantinho que tanto alardêa de republicano e livre-pensador, proclama: «Hoje é dia santo de guarda!» «Hoje fazem annos o rei e a rainha: é dia de grande gala!»

Dizia-me um politico noviço: «Gósto de entrar na politica para fazer favores.» Não olhava aos encargos que por causa do favoritismo o povo soffre; mas, assim mesmo, provava a attracção que todos sentem pelo bem, e como só póde fazê-lo verdadeiramente quem tome parte na vida publica.

Politica do ensino? Mas o ensino é já uma parte da politica.

(Continúa). BERNARDINO MACHADO.

CURSO DE PEDAGOGIA

LIÇÃO INAUGURAL EM 21 DE JANEIRO DE 1900

(Notas)

Todos falam de ensino, varios o professam, mas poucos sabem o que é. O que não admira, porque entre nós ensinam-se já muitas coisas, mas ainda mal se ensina a ensinar.

Que é ensino? Vê-se no mais simples facto. Vamos de excursão, e pedimos a uma creança que nos ensine o caminho. Nesse momento a creança guiou-nos, dirigiu-nos. O ensino é uma direcção, um governo.

O ensino, é pois, uma parte da politica, da moral.

A politica trata do governo dos estudos ou do governo do trabalho. E com isto não quero dizer que o estudo seja essencialmente diverso do trabalho; pelo contrario, entendo que o estudo, que é a preparação para o trabalho, só se póde fazer pelo trabalho. Mas, se com o estudo se deve sempre procurar prestar um serviço, a verdade é que elle é ainda apenas uma tentativa inicial, que elle não passa ainda de ensaio que mal assegura desde logo resultado.

A parte da politica que trata do governo dos estudos, é a pedagogia; a outra, que trata do governo do trabalho, a politica no seu sentido estricto.

Para accentuar bem o caracter moral de todo o ensino, mostrarei em que consiste o governo dos estudos.

Dirigir é coordenar. A ordem, creando um centro mais poderoso de fôrça, determina sempre uma direcção, um governo, é sempre o fundamento e a causa de todo o progresso. Ora nós coordenamo-nos de tres modos, artisticamente, industrialmente e scientificamente e, de qualquer dos tres modos, a nossa coordenação deve ser sempre moral.

Quando fazemos arte, industria ou sciencia, esforçando-nos o mais possivel pelo desenvolvimento das nossas faculdades, pela nossa instrucção, fazemos educação; quando o fazemos pelos outros, esforçando-nos sobretudo por que elles desenvolvam as suas faculdades, por que elles se eduquem, fazemos ensino.

Está claro que é, desenvolvendo as nossas faculdades, que podemos servir bem os outros, e que, servindo-os, as desenvolvemos. Não deixa, porém, de haver aqui uma distincção: a educação pertence á categoria do estudo, e o ensino, o nosso governo sôbre os outros, á do trabalho. Para estudarmos, sacrificam-se quasi sempre por nós os outros, a familia e a sociedade; para ensinarmos, temos nós de ser capazes de nos sacrificarmos pelos outros. O estudo não deve nunca ser egoista, mas nem sempre póde ser benefico; o ensino é um serviço, uma assistencia social. Estuda-se, ensinando; mas cautela! ninguem se metta a ensinar, sem ter já estudado.

A aula não é só um laboratorio, é sobretudo um sanctuario da virtude.

Mas não será dispensavel o ensino? Não ha tantos homens que se formam por si, pela experiencia da vida? Não! são muitas as fórmas de ensino, oral, escripto, real, pratico, e não é preciso ir á aula para o receber. Não se confunda aula com ensino.

O homem não entra logo na plena posse das suas faculdades, e está um tanto como o cego, que precisa d'alguem que o guie. As nossas faculdades estão em successiva differenciação e desabrochamento, principalmente até á edade madura; estão-nos continuamente a nascer como que novas faculdades, novos sentidos, novos olhos. Ha uma gestação espiritual, como ha a organica. Não se imagine comtudo que ellas faltavam de todo antes. Não! existem de todo principio em germen, e é preciso cultivá-las desde logo. A fraqueza da vista não é cegueira. E' preciso não tratar nunca o discipulo como um cego. A creança não é um enfermo.

Passeando com um primo meu, rapazito ainda, encontrámos um cego de lunetas, e elle ficou muito espantado; ao que eu lhe observei para o ouvir: «Pois se as lunetas são para ver, quem precisará mais d'ellas do que um cego?» Mas o pequeno tinha razão.

O ensino é como as lunetas, que se não fizeram para cegos.

E esta differenciação espiritual vai augmentando com a civilização; o que quer dizer que o homem vai cada vez mais necessitando da assistencia do ensino, e que a obra do ensino vai sendo cada vez mais complexa e por isso o proprio ensino tem de progredir para a effectuar.

Tudo progride; até a natureza inorganica vai sendo cada vez menos cahotica, acompanhando assim o aperfeiçoamento das fórmas vegetaes e animaes, que seria incompativel com a desordem primitiva dos elementos. E, acima de tudo e mais que tudo, progride o espirito humano, a socialização humana, e, com ella, a assistencia, o ensino.

Sem ensino, a civilização torna-se contraproducente, porque deixa de estar ao alcance do homem. O homem fica escravo d'ella.

Veja-se o que succedeu com a applicação do vapor á industria. As machinas dividiram a officina em duas classes, separando-as profundamente: abaixo d'ellas o operario, como seu serventuario, acima o engenheiro, seu dirigente; e, difficultando assim o ensino officinal pela suppressão do mestre, tornaram-se numa causa de perturbação social, de dissociação e portanto de injustiça, que só pela eschola industrial se tem podido combater.

A média da duração da vida augmenta, mas mais rapido que esse augmento é o progresso da civilização. Por isso, todos os instantes vão sendo cada vez mais preciosos para a adolescencia espiritual. Não se póde perder nenhum.

Estamos todos como o medico que, chamado a ver um doente na aldeia, pede áquella creancinha de que falámos, que lhe ensine o caminho mais curto por entre os campos. Havia-se de lhe dizer: apprenda-o por si? Entretanto peorava e morria o doente a que elle vai acudir. Para cada homem ha sempre verdadeiramente um doente, alguem que póde soffrer com a sua demóra e ausencia, para cada homem ha sempre um bem urgente a fazer. Diffundamos largamente o ensino para que ninguem deixe de o fazer.

A sciencia, a arte e a industria tornam-se, dia a dia, mais solidarias. Ninguem póde procurar e achar tudo por si. O

ensino transmitte o deposito da civilização, que o trabalho pessoal vai engrandecendo sempre.

A importancia do ensino é hoje reconhecida em toda a parte. Honram-no os principaes estadistas, dotam-no ricos e pobres. E do proprio seio das Universidades partiu uma generosa campanha para se levar o ensino ás classes mais infelizes, aos bairros operarios, aos campos e minas. Tanto se reconhece o seu caracter moral!

O nosso seculo é o seculo da socialização e do ensino.

Se todo o ensino é necessario e importante, não póde deixar de o ser tambem o do proprio ensino.

As nações estrangeiras ha muito que prestam todo o cuidado a este ensino, que é parte da pedagogia, a qual, como dissemos, se occupa da educação e do ensino.

Na Allemanha já no seculo passado Kant na sua cadeira de philosophia professava a pedagogia, e, logo nos primeiros annos d'este seculo, Herbart estreiava-se, como *Privatdocent,* tratando da pedagogia. Desde o seculo passado tambem que naquella nação se foram disseminando os seminarios, que é como lá se chamám as escholas ou aulas normaes. E hoje ha nas suas Universidades cursos de pedagogia regidos por homens tão distinctos como Henrique Schiller e Theobaldo Ziegler.

Em França já os grandes revolucionarios se occuparam de pedagogia, sendo o professor Lakanal o relator do projecto de creação da primeira eschola normal. A terceira republica organizou poderosamente a pedagogia para o ensino do povo, chamando os seus primeiros homens á regencia das aulas nas escholas normaes superiores do ensino primario em Fontenay-aux-Roses e em Saint Cloud, escholas que têem tido á sua frente homens eminentes, entre os quaes lembro com saudade Pécaut, o venerando educador. Lá preside ao movimento pedagogico o vice-reitor da Academia de Paris, o academico Gréard, auctor de magistraes memorias sôbre o ensino, ultimamente auxiliado pela poderosa propaganda de outro academico, o professor Lavisse; lá se creou nos ultimos tempos a cadeira de pedagogia em Paris, na Sorbonne, que foi confiada a Marion e depois a Buisson, e têem-se instituido cursos

pedagogicos nas Universidades de provincia sob a direcção de illustres professores como Espinas e Thamin.

Na Inglaterra, a patria de Bain e de Spencer, e a antiga patria de Locke, que tanto influiu em Rousseau, que por sua vez tanto influiu em Kant, ha subsidiadas pelo estado muitas escholas pedagogicas, lá chamadas *traning colleges;* e já em 1891 James Sully propoz á Universidade de Londres a collação de graus pedagogicos.

Nos Estados Unidos, além de todas as escholas normaes, ha nas Universidades cursos e até verdadeiras faculdades de pedagogia, com bachareis e doutores. Numa, na de Stanford, ha mesmo annexo um laboratorio experimental com creanças de 2 a 12 annos, o qual tem com o ensino pedagogico, diz o sr. Barnes na Educational Review (citada pelo sr. Compayré) as mesmas relações que o hospital com o ensino medico.

Junto a nós, aqui mesmo em Hespanha, os principaes professores, á frente dos quaes o meu querido amigo D. Francisco Giner, em quem me inspiro tambem, procuram dirigir o ensino nacional.

Em Portugal a pedagogia apenas se esboça nas escholas normaes primarias. A lei já exige provas pedagogicas dos candidatos ao magisterio secundario, mas ainda não ha onde elles se preparem para as dar. Em todo o ensino sente-se a deficiencia de habilitação profissional.

Tentemos preencher esta lacuna.

BERNARDINO MACHADO.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

CRANIOS PORTUGUÊSES

(Cont. do vol. 46.º, pag. 923)

VI

Variações sexuaes da capacidade

Em todas as idades, em todos os tempos e em todas as raças, o cerebro do homem é maior do que o da mulher. Pezem-se cerebros de quaesquer idades e até mesmo os de recem-nascidos (1) e encontrar-se-ha sempre um excesso em favor dos individuos do sexo masculino.

Proceda-se á cubagem de cranios das epochas mais diversas, e mesmo mais remotas, e ver-se-ha o cranio do homem exceder sempre, em alguns centimetros cubicos, o cranio da mulher (2).

Faça-se a pesagem directa dos cerebros, ou meça-se a capacidade dos cranios, nas raças mais differentes, naquellas mesmo em que a mulher por muitos dos seus caracteres somaticos, moraes, intellectuaes e sociaes mais se approxima do homem, e ver-se-ha ainda o cerebro deste exceder em peso e em volume o cerebro daquella (3).

---

(1) Danielbékoff, pesando cerebros de recem-nascidos de naturalidade russa, encontrou 415 gr. de cerebro nos individuos do sexo masculino, e 400 gr. nos do sexo feminino. (Debierre, *La moelle épinière et l'encéphale*, 1893, pag. 178.)

Mies, no seu estudo *Le poids du cerveau des nouveau-nés* (*Rev. d'Anth.*, 1889, pag. 370), consigna observações que mostram que o peso cerebral medio de 79 creanças do sexo masculino é de 399 gr., emquanto que o de 69 do sexo feminino é de 329 gr.

(2) Vid. Topinard, *Éléments d'Anthropologie générale*, 1885, pag. 611.

(3) Vid. Topinard, *loc. cit.*, pagg. 559, 611 e seguintes.

A inferioridade do peso cerebral da mulher é um facto incontestavel. Traduzirá, porém, uma inferioridade intellectual? Justificará a inferioridade social a que a mulher tem estado e continúa ainda condemnada; a privação de direitos a que está ainda subjeita? A questão é devéras melindrosa e complexa; perde-se mesmo mais nos dominios vastissimos da sociologia, do que no campo da anthropologia propriamente dicta. No entanto, não nos podemos esquivar neste nosso estudo á discussão dum facto, a que tantos, numa pretensão scientifica atrevida, e numa interpretação arriscada, e talvez falsa, têm recorrido para a defesa da velha e já caduca these, de que a mulher é um ser inferior ao homem.

Para poder apreciar o valor do *substractum psychico* dum dado cerebro, para indagar se uma dada differença cerebral deve attribuir-se a uma desegualdade nas aptidões mentaes ou na actividade psychica, ha que eliminar, como dissemos logo no principio deste trabalho (1), a influencia intellectualmente inactiva da massa do organismo. E é por isso que varios anthropologistas, debatendo a questão da inferioridade cerebral da mulher, têm procurado ver se a differença sexual da capacidade craniana e do peso do cerebro será devida ou não a uma influencia da massa organica, factor que, como se sabe, é maior no homem do que na mulher.

Bischoff (2), em vez de tomar o peso cerebral absoluto, toma o peso cerebral relativo, comparando aquelle ao peso total do corpo, e nota que a differença sexual se mantem, apesar de attenuada; affirmando assim mais uma vez a inferioridade cerebral da mulher. Topinard (3), impugnando o processo da determinação do peso cerebral relativo, adoptado por Bischoff, e cujos inconvenientes já mostrámos (4), prefere tomar para ponto de referencia a estatura, e chega, ora comparando directamente o peso do cerebro á estatura, ora calculando separadamente as relações das estaturas e as dos pesos encephalicos, nos dois sexos, á conclusão tambem de que o peso do encephalo da mulher é sempre inferior ao do homem, mesmo quando se abstrahe da influencia da massa organica.

E' preciso, porém, fazer-se notar, que, se é inconveniente tomar para ponto de referencia, na determinação do peso

---

(1) Capitulo II, pagg. 16, 19 e seguintes.
(2) Topinard, *Éléments d'Anthropologie générale*, 1885, pag. 559.
(3) *Loc. cit*, pagg. 560-562.
(4) Pag. 19.

cerebral relativo, o peso total do corpo, é tambem, por egual, inconveniente considerar como tal a estatura (1). Já tivemos ensejo de mostrar que o melhor termo de referencia para a determinação do peso cerebral relativo é o peso humero-femoral, e que o melhor processo de eliminação da massa activa do organismo, no estudo do peso do encephalo, é o de Manouvrier (2). Ora, por um lado, a differença que existe entre os pesos humero-femoraes dos dois sexos é de 150, precisamente egual á que Topinard (3) diz existir entre o peso cerebral do homem e o da mulher; e, por outro, factos ha que levam admittir que a cada gramma de peso humeral corresponde, proximamente, uma gramma de encephalo. Depois, sabe-se que muitas vezes se vai encontrar um cerebro dum idiota, mesmo muito bem caracterisado, superior ao duma mulher normal (4), e achar sempre o peso cerebral masculino maior que o feminino, entre cretinos (5).

Não ha, pois, que extranhar, se rebatermos, baseado nestes factos de observação, as affirmações daquelles que vêm, na differença sexual do peso do encephalo e da capacidade do cranio, um attestado de uma inferioridade intellectual, na mulher.

O facto de o cerebro desta pesar menos do que o do homem não traduz uma inferioridade na sua capacidade intellectual, na sua actividade psychica; é, simplesmente, uma consequencia da sua inferioridade physica.

A fracção cerebral de que o homem excede a mulher não corresponde a um aperfeiçoamento intellectual, a uma superioridade de aptidões; resulta, unicamente, do maior valor que neste tem a massa geral do organismo. Dum modo geral, o valor do *substractum psychico* é o mesmo nos dois sexos.

Os factos, porém, que acima adduzimos, se são bastantes para justificar estas affirmações e collocar nos devidos termos a questão da mulher, deixam ainda obscuros alguns pontos de tal questão. Não se comprehende assim, facilmente, porque

---

(1) Pagg. 19, 36 e 37.
(2) Pagg. 21 e 22.
(3) A conclusão de Topinard é deduzida da analyse das estatisticas reunidas de Bischoff, Boyd e Broca. (Topinard, *Élements d'Anthropologie générale*, 1885, pag. 562.)
(4) Parchappe, *Premier mémoire sur l'encéphale*, pag. 34.
(5) Observações de Crochley-Claphaur (Manouvrier, *De la quantité dans l'encéphale*, pag. 267, e Bra, *Étude sur le poids de l'encéphale dans les maladies mentales*, 1882, pag. 91.)

é que nos recem-nascidos se mantem a differença sexual; porque é que o ser masculino nasce cerebralmente mais bem dotado que o feminino, e porque é que a differença da capacidade craniana e peso cerebral se vão accentuando, subindo de valor, ao mesmo tempo que se passa das raças inferiores para as superiores.

A differença sexual dos recem-nascidos não se póde imputar, pelo menos em totalidade, a uma differença de massa organica. Explica-se, porém, convenientemente, se acceitarmos a hypothese razoavel, que expende Manouvrier, de que «o desenvolvimento futuro do cerebro é preparado desde o estado fetal por uma provisão, *hereditariamente* transmittida, de elementos ainda desprovidos da sua estructura histologica (1), mas que poderão individualisar-se mais tarde sob a influencia das solicitações *organicas* ou exteriores transmittidas pelos nervos» (2). O feto traz uma quantidade de cerebro proporcional ás suas necessidades futuras. A hereditariedade transmitte a differença sexual.

O facto do peso cerebral da mulher se ir differenciando cada vez mais do do homem, ao passo que se sobem os degraus da especie humana, passando das raças inferiores, selvagens, ás superiores, civilisadas, é uma consequencia duma differenciação somatica geral dos dois sexos. Nenhumas observações temos que nos mostrem que este augmento da differença sexual da capacidade craniana e do peso cerebral não seja devida a um augmento da differença que existe entre a massa organica do homem e da mulher.

Nas raças inferiores, a mulher vive quasi a mesma vida que o homem; tem as mesmas occupações; desenvolve, e bem, a sua musculatura; recebe uma forte educação physica; approxima-se daquelle pelos seus caracteres somaticos; masculinisa-se. Todos sabem que a estatura dos dois sexos, nestas

---

(1) Manouvrier, *De la quantité dans l'encéphale* (*Mém. de la Soc. d'Anth.*, vol. troisième, 1888, pag. 271).

(2) As observações de Parrot (*Le développement du cerveau chez les enfants du premier âge — Bull. de la Soc. d'Anth.*, 1880) e as de Betz (*Recherches sur la structure des circonvolutions cérébrales — Rev. d'Anth.*, 1881) mostram que a individualisação dos elementos nervosos do cerebro começa na região média deste orgão, na zona motriz, e se manifesta, por ultimo, na região frontal. E' um facto, que está de perfeito accordo com a lei biogenetica. A região que se desenvolve mais tardiamente na evolução ontogenica é a mesma que se desenvolve mais tardiamente na evolução phylogenica.

raças não se distancia tanto como nas superiores; e que entre o cranio dum polynesio e o duma polynesia, por exemplo, não ha differenças tão grandes, como entre o dum parisiense e o duma parisiense. Ao passo, porém, que se vai passando das raças menos civilisadas ás mais adiantadas, a mulher pelos seus habitos, pela sua educação, pelo seu papel social, vai-se cada vez mais differenciando do homem. Vai conquistando a sua gracilidade, entregando-se a mesteres, que, ao inverso dos do homem, não activam o desenvolvimento physico, o aperfeiçoamento da musculatura, o crescimento da massa organica.

O homem, pelo contrario, vai tomando uma vida rude, activa, mais trabalhosa, muitas vezes, que a dos selvagens e até do dos nossos antepassados mais remotos, como diz Manouvrier (1).

Não ha necessidade nenhuma, como se vê, de recorrer a qualquer differença que de facto exista no grau de cultura e na educação psychica dos dois sexos. No entanto, nas considerações que fizemos vai por certo modo implicita a explicação invocada por Broca, que attribuia a inferioridade feminina a uma inferioridade educativa (2).

Se tivessemos tanta facilidade em medir a capacidade dos cranios das camadas superiores das nossas sociedades, como temos em medir a das nossas classes menos cultas, decerto se encontraria nestas, onde os dois sexos se acham menos afastados pelos seus mesteres, pela sua educação, e consequentemente pelo seu desenvolvimento organico, uma differença sexual da capacidade bastante inferior á das primeiras.

Póde parecer, á primeira vista, fóra de proposito a explanação que acabamos de fazer; não extranhamos isso. Estamos, porém, certos que todos a considerarão como bem cabida, e até como necessaria ao nosso estudo, se dissermos que ella foi feita com o unico fim de afastarmos quaesquer interpretações erroneas, a que muitos haviam decerto de recorrer para explicar a differença sexual que existe entre o homem e a mulher, nos portuguêses. De resto, este facto, que confirma a regra exposta logo no principio deste capitulo, traz, sem esforço, á liça, uma questão hoje muito debatida, palpitante, cheia de interesse, e que tem fornecido assumpto a livros de

---

(1) *De la quantité dans l'encéphale, loc. cit.*, pag. 260.
(2) Manouvrier, *loc. cit.*, pag. 256.

valor subido, como o que o dr. Thulié escreveu, não ha muito ainda, com o titulo de *La femme*.

Segundo as observações do dr. Ferraz de Macedo, a capacidade média dos portuguêses é de 1572^{cc} nos cranios ♂ e de 1399^{cc} nos ♀. O cranio da mulher portuguêsa tem, por consequencia, approximadamente 173^{cc} de capacidade a menos que o cranio do português.

O estudo da frequencia dos cranios grandes, medios e pequenos, feito por nós, mostra tambem, por um lado, que nos nossos cranios masculinos predominam os cranios da segunda categoria, emquanto que nos femininos predominam os da primeira, e deixa ver, por outro: 1.º que a frequencia dos cranios grandes é de 13,43 % nos ♂, e de 1,88 % nos ♀; 2.º que a frequencia dos medios é de 57,46 % nos ♂, e 20,75 % nos ♀; e por ultimo que a dos pequenos é de 28,35 % nos ♂, e 75,47 % nos ♀. Todas estas observações attestam a inferioridade do cerebro da mulher portuguêsa, relativamente, é claro, ao do homem português. Não póde, porém, dizer-se que ella traduza uma inferioridade intellectual. Faltam-nos estudos que permittam proceder á eliminação do valor da massa organica na analyse do peso cerebral dos portuguêses (1), a fim de poder determinar a extensão da influencia que neste exerce aquella massa; mas ha de sobejo razões para fazer suppôr que não é duma inferioridade de capacidade e trabalho intellectual que resulta a differença que existe entre a capacidade dos cranios dos homens e a dos das mulheres portuguêsas. A cultura dessa pobre gente, que vem acabar seus dias nos catres dos hospitaes, e cujos cranios enchem as estantes dos nossos laboratorios, é quasi nulla. Homens e mulheres recebem a mesma educação, entregam-se de ordinario aos mesmos trabalhos, e o seu fraco exercicio intellectual tem em ambos egual valor. A' vista de taes considerações, não encontramos, para explicar a differença sexual da capacidade dos nossos cranios, outra razão que não seja a duma differença de massa organica. E fica em nós, podemol-o dizer, segura esperança de ainda, de futuro, vermos confirmada a nossa, hoje, pouco auctorisada opinião.

A' parte a differença que existe entre a capacidade do cranio

---

(1) Não conhecemos de facto nenhum estudo, feito entre nós, com o fim de determinar o valor do peso humero-femoral, do peso total do corpo, da distancia bi-acromial, ou da estatura, nos dois sexos.

masculino e a do feminino, ha nos cranios portuguêses ainda outras differenças sexuaes da capacidade, de não menos importancia, como são as que se notam no estudo das variações da capacidade com o indice cephalico e com a idade, nos dois sexos.

Na série de cranios femininos que estudámos, preponderam os cranios dolichocephalos (45) e mesaticephalos (35). Ultradolichocephalos apparecem apenas 2, e brachycephalos e ultrabrachycephalos faltam por completo.

O estudo das duas unicas séries sufficientes, dos dolichocephalos e mesaticephalos, mostra uma diminuição da capacidade na passagem dos primeiros para os segundos (1315^{cc} a 1309^{cc}) (1).

O valor da frequencia dos cranios medios é maior nos mesaticephalos do que nos dolichocephalos, a dos pequenos ligeiramente mais elevado nestes do que naquelles. Não obstante isto, deve manter-se, embora com reserva, a superioridade da dolichocephalia nas mulheres portuguêsas em opposição ao que dissemos dos homens portuguêses (2). Um facto, tal como o que apparece na analyse das variações dos diametros principaes dos cranios das mulheres portuguêsas (3), nos justifica em grande parte neste ponto. Na verdade, estudando o mechanismo da elevação do indice cephalico ordinario do cranio destas, pela comparação cuidadosa dos valores medios dos seus principaes diametros cranianos, vê-se que quando o indice sóbe de 70 a 75, para 75 a 80, o diametro antero-posterior maximo passa de 182^{cc}.07 a 177^{cc}.95, o transversal maximo de 132^{cc}.14 a 135^{cc}.78 e o vertical maximo de 131^{cc}.46 a 128^{cc}.28. A elevação do indice cephalico dá-se, por consequencia, com um decrescimento predominante do diametro antero-posterior

---

(1) E' preciso notar que nos mesaticephalos excluimos dois cranios de 1605^{cc}, dois de 1515^{cc} e 1525^{cc}, e na dos dolichocephalos um de 1525^{cc} e outro de 1020^{cc}, por serem declaradamente anormaes, e afastarem-se muito dos valores da maior parte dos cranios da série. Não fazendo esta exclusão, a capacidade dos primeiros é de 1349^{cc}, e a dos segundos é de 1313^{cc}. No estudo de variações da capacidade com o indice cephalico nos cranios masculinos, excluímos tambem os cranios anormaes, para uniformisar as nossas pequenas séries. Seguimos assim a opinião de Broca, Manouvrier e outros anthropologistas. Os documentos, que vão no fim deste livro, deixarão ver o cuidado com que fizemos tal eliminação.

(2) Capitulo IV.

(3) Dr. Alvaro Basto, *Índices cephálicos dos portuguêses*. Quadro II, pag 55.

maximo, acompanhando tambem duma diminuição no diametro vertical maximo, de que deve resultar uma diminuição na capacidade craniana.

A analyse das variações da capacidade com o indice cephalico é, porém, tão difficil, complica-se por tal modo, que não nos queremos abalançar para lá do dominio dos factos, e tememos até fazer certas affirmações, mesmo dentro deste.

Por emquanto, faltam-nos muitos elementos para o esclarecimento destes pontos melindrosos. Não deixaremos, contudo, de approximar as nossas observações das de Topinard, que encontrou em 182 individuos *masculinos* 27 gr. *em favor dos brachycephalos* e em 62 individuos *femininos* uma differença *em favor dos dolichocephalos* (1).

Passando agora a um outro assumpto, estudaremos as variações da capacidade craniana das mulheres, com a idade.

Uma das tabellas do dr. Ferraz de Macedo, que aqui temos presente, e em que aquelle anthropologista consignou os valores da capacidade média dos cranios ♀ portuguêses, em diversas idades, mostra que esta é de:

1405.66	em	170	cranios	de	18 a 30	annos
1384.72	»	111	»	»	31 a 40	»
1406.19	»	105	»	»	41 a 50	»
1402.71	»	109	»	»	51 a 60	»
1393.05	»	76	»	»	61 a 70	»

Postas em ordenadas os valores destas médias, e em abcissas as idades, obtem-se como expressão graphica destas variações uma linha quebrada, composta de 3 ramos; o primeiro, descendente e extendendo-se dos 18 aos 30 annos; o segundo, ascendente, formando com o primeiro um angulo de perto de 90°, e extendendo-se dos 40 aos 50 annos; e o terceiro, por ultimo, descendente, ligeiramente curvo, convexo, formando com o segundo um angulo proximamente de 110°, e comprehendido entre as abcissas representativas das idades de 50 a 70 annos.

---

(1) Debierre, *La moelle épinière et l'encéphale*, 1893, pag. 181.

Uma outra tabella do dr. Ferraz de Macedo, e que temos aqui tambem á mão, mostra, por outro lado, que a capacidade média dos cranios ♀ portuguêses é de:

1399.37	em	107	cranios	de	18	a 25	annos
1416.33	»	63	»	»	26	a 30	»
1390.84	»	55	»	»	31	a 35	»
1378.71	»	56	»	»	36	a 40	»
1412.04	»	50	»	»	41	a 45	»
1400.87	»	55	»	»	46	a 50	»
1416.71	»	51	»	»	51	a 85	»
1390.40	»	58	»	»	56	a 60	»
1379.81	»	37	»	»	61	a 65	»
1405.62	»	39	»	»	66	a 70	»

A graphica representativa destas variações, construida pelo mesmo processo que anteriormente, é uma sinusoide irregular, de ramos de differente extensão e de inclinação diversa.

De todas estas observações, as que levam a resultados mais interessantes são as que dizem respeito ao estudo da variação da capacidade de 10 em 10 annos. Confrontando, na verdade, a graphica das variações a que acima alludimos com as curvas do peso cerebral da mulher, de 20 aos 90 annos, construida com os dados das observações de Broca, Bischoff e Boyd (1), nota-se, entre ellas, uma certa semelhança. Esta semelhança é principalmente notavel entre a graphica da variação da capacidade de 10 em 10 annos com a da variação do peso cerebral, tambem de 10 em 10 annos, construida segundo as observações de Boyd.

Tanto numa como noutra, vê-se o peso cerebral e a capacidade do cranio decrescer dos 20 aos 40 annos; elevar-se depois destes aos 50, mas sem voltar á altura do ponto de partida, decrescer de novo dos 50 annos em diante, accele-

---

(1) No livro *Éléments d'Anthropologie générale*, de Topinard, encontra-se a pag. 558 um quadro com duas graphicas, uma a traço cheio, representando a variação do peso do cerebro ♀ dos 15-20 annos aos 90 annos, conforme as observações de Broca e Bischoff (481 casos), e outra a linha pontuada, representando tambem esta variação, mas conforme as observações de Boyd (760 casos). São estas as graphicas a que acima nos referimos.

rando principalmente a sua quéda dos 60 annos para baixo. O maximo do peso cerebral e da capacidade craniana tem logar aos 20 annos e começa logo a decrescer. O cerebro da mulher apresenta, como assim se vê, um avanço bastante grande sobre o do homem; attinge o maximo mais depressa; mas, em compensação, cança muito mais rapidamente, começando a atrophiar-se sem apresentar o periodo de estacionamento, de *statu quo,* que se encontra no homem. Da discussão deste facto, poderiam radiar valiosos elementos para o estudo de questões importantes, d'alto valor, debatidas nos campos vastissimos da sociologia, da pedagogia, e mesmo da anthropologia propriamente dicta; mas não seremos nós que os iremos agora recolher.

Do que dissemos, apuraremos apenas o facto curioso da lei da variação da capacidade craniana com a idade coincidir com a da variação, com a idade tambem do peso cerebral. Na mulher, pelo menos nas portuguêsas, o cranio parece sempre ser solidario com o cerebro, acompanhando-o em todas as phases da sua vida. No homem, pelo contrario, cerebro e cranio seguem apenas a mesma lei, ahi até aos 50 annos. Este facto talvez tenha a sua justificação em o cranio feminino se prestar melhor a acompanhar a marcha do encephalo, pelas suas condições organicas, do que o cranio masculino. Aquelle é mais fraco, conserva mais facilmente a plasticidade do cranio infantil; as suas paredes são mais delgadas, permittem mais facilmente o rebaixamento da abobada, e estão subjeitas a phenomenos de erosão menos importantes do que aquelles que se dão, normalmente, na velhice do cranio do homem. Approximem-se estas considerações das que fizemos no capitulo anterior, e ver-se-ha talvez mais claramente as explicações a que nos parece dever recorrer para explicar melhor esta differença sexual.

Resumindo, finalmente, a materia deste capitulo, podemos formular as proposições seguintes:

1.ª—A capacidade média do cranio da mulher portuguêsa é 173^{cc} menor que a do cranio do homem português;

2.ª—A differença sexual dos valores da capacidade absoluta do cranio deve, dum modo geral, imputar-se a uma differença no valor da massa organica;

3.ª—Nas raças superiores, póde attribuir-se parte desta differença a uma desegualdade educativa dos dois sexos;

4.ª—A elevação do indice cephalico nas mulheres portuguêsas dá-se em virtude dum encurtamento predominante do

diametro antero-posterior maximo e dum ligeiro augmento de diametro transversal maximo, acompanhado dum decrescimento no diametro vertical;

5.ª—A capacidade do cranio português é maior nas mulheres dolichocephalas do que nas mesaticephalas. Referimonos só á dolichocephalia e á mesaticephalia, por estas serem as unicas fórmas do cranio, que pudémos estudar;

6.ª—A lei da variação da capacidade craniana da mulher, com a idade, é proximamente a mesma que a da variação, que com a idade tambem experimenta o peso cerebral;

7.ª—Na mulher portuguêsa, a capacidade craniana attinge o seu maximo aos 20 annos, começando a decrescer logo em seguida.

(Continúa). ANTONIO AURELIO DA COSTA FERREIRA.

NOTAS HISTORICAS DA CADEIRA DE DESENHO DA ESCHOLA POLYTECHNICA E RAPIDAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DO DESENHO EM GERAL (*)

Setembro de 1892

O decreto de 11 de janeiro de 1837, que creou a Eschola polytechnica, determinava que, além das disciplinas comprehendidas nas dez cadeiras estabelecidas, e no curso de introducção á historia natural dos tres reinos, houvesse tambem *o ensino do desenho linear, convenientemente desenvolvido, de principios geraes de desenho de figura, de plantas, de animaes, e de quaesquer outros productos da natureza, bem como da representação de instrumentos, machinas e apparelhos.*

Todos os alumnos eram obrigados ao estudo do desenho, ministrando-se-lhes este ensino em harmonia com o destino de cada classe de alumnos, e com o tempo que tivessem de permanecer na eschola.

O preparatorio de desenho linear, então exigido, podia ser dispensado até ao segundo anno do curso, devendo ser instruidos os respectivos alumnos antes d'este prazo pelo professor especial de desenho da eschola, a fim de se poderem habilitar com o referido preparatorio.

O mesmo decreto determinava que, além do professor proprietario d'esta cadeira, houvesse um professor denominado ajudante, correspondendo naturalmente á categoria dos lentes substitutos das outras cadeiras, tendo o primeiro professor de ordenado 500$000 réis e o segundo 300$000 réis.

Não só as vantagens e garantias, mas ainda os vencimentos, collocavam estes professores numa plana mui inferior á dos lentes das outras cadeiras, certamente por se lhes exigirem habilitações mui reduzidas, ou por serem considerados simples artistas, tendo-se em vista as poucas noções theoricas, que naturalmeute possuiam então; devendo, comtudo,

---

(*) Memoria apresentada ao Congresso pedagogico hispano-português-americano de 1892.

notar-se que, na propria categoria de lentes, existia differença, se compararmos, não só as vantagens e garantias, mas os vencimentos. Assim o lente proprietario da 10.ª cadeira tinha o ordenado de 600$000 réis e o substituto o de 350$000 réis, ao passo que os proprietarios das outras cadeiras tinham o ordenado de 700$000 réis e os substitutos o de 400$000 réis; o que prova ser então considerada aquella cadeira menos importante do que as outras, já pela materia, já tambem, como succedeu com o desenho, pela natureza das habilitações exigidas no concurso aos candidatos.

Nessa epocha era realmente difficil encontrar artistas que estivessem nos casos de reger convenientemente a cadeira de desenho, e mais difficil seria encontrar individuos que reunissem a aptidão scientifica á artistica; e, quando mesmo os houvesse, de certo não se sujeitariam a exercer a regencia d'uma cadeira de categoria mui inferior á das outras, tendo habilitações eguaes ou superiores aos lentes, visto que o decreto não previra este caso.

Pela consulta do conselho da Eschola, de 8 de fevereiro de 1840, sendo director interino José de Freitas Spinola de Castel-Branco, lente da 2.ª cadeira, se vê qual a difficuldade de encontrar professores devidamente habilitados para o ensino de desenho exigido.

Com effeito, abriu-se concurso, e decorreu mais de um anno, sem que requerimento algum apparecesse no prazo marcado, apesar do conselho ter modificado e especializado a materia sôbre que havia de versar o concurso, para assim facilitar a apresentação dos candidatos, exigindo-lhes o que era estrictamente necessario para o aproveitamento dos alumnos.

Abrindo a Eschola segundo concurso, as reducções na materia exigida para as provas theoricas dos candidatos eram taes, que facil seria poderem-se habilitar em poucos mezes alguns dos nossos artistas.

Neste segundo concurso apresentou-se um candidato, mas, ainda assim, o conselho não o julgou, pelas provas dadas, nas circumstancias de ser proposto.

Por este facto, que prova bem o grande atrazo da arte naquella epocha, o conselho foi obrigado a lançar mão da faculdade que lhe concedia o art. 83 da lei da creação da Eschola, propondo provisoriamente para dar lições de desenho aos alumnos o pintor hespanhol D. Luiz Muriel, que, perante o conselho da Eschola do exercito, dera provas de estar á altura do ensino do desenho que era indispensavel ministrar sem perda de tempo aos alumnos que frequentavam os diffe-

rentes cursos, abonando-se-lhe o vencimento de 500$000 réis, que a lei marcava para o professor proprietario de desenho.

Tendo sido approvada a proposta, este professor foi nomeado provisoriamente por portaria de 18 de março de 1840.

Como se vê, a cadeira de desenho esteve perto de tres annos sem funccionar.

O curso de desenho até 1841 foi dividido em duas turmas e cada uma d'estas em duas classes, attendendo a haver alumnos que já tinham recebido algumas noções de desenho do programma, e a que se subdividiam em harmonia com o seu gráu de adeantamento, já pela sua maior applicação, já pela sua decidida aptidão para este estudo.

A duração do trabalho para cada turma era de cinco quartos de hora.

D'este anno lectivo em diante o professor Muriel passou a dividir o curso em quatro turmas, que continuou a subdividir em classes, como anteriormente. Cada turma tinha exercicio na aula em dias alternados, não só para facilitar o ensino da cadeira, mas ainda para não prejudicar os outros trabalhos escholares.

A primeira e segunda turma eram compostas de alumnos do primeiro anno, a terceira dos do segundo, e a quarta dos do terceiro e quarto anno; sendo ainda a duração do trabalho para cada turma a anteriormente determinada.

O numero approximado de dias de aula para cada turma era em todo o anno lectivo de 82.

O curso ficou assim organizado não só em harmonia com os outros cursos, mas tambem em attenção ao mutuo auxilio que devia existir entre os estudos theoricos e o desenho.

No fim de cada trimestre do anno lectivo eram examinados os trabalhos, que nesse periodo tinham sido executados por cada alumno, por um jury composto de um lente proprietario, de um substituto e do professor de desenho. As classificações eram graduadas com as denominações de *mau, soffrivel, sufficiente, bom* e *optimo*. Esta apreciação denominava-se *exame trimestre*.

Perante um jury composto do mesmo modo se realizava o *exame final* ou *annual* em cada anno lectivo, sôbre a materia que tivesse sido ensinada. O exame durava quatro horas, tirando-se á sorte um ponto na propria occasião do exame. Os pontos tinham por objecto trabalho que sem grande difficuldade se pudesse executar nas quatro horas. Ás vezes continham tambem perguntas relativas á parte pratica, ás quaes os alumnos deviam responder por escripto.

A cada ponto era dado um certo valor, tanto com respeito á parte pratica, como em relação ás perguntas; analogamente ao que se praticava nas outras cadeiras.

Os examinandos que na classificação obtinham pelo menos metade dos valores arbitrados ao ponto, ficavam *approvados;* no caso contrario, eram *reprovados.* Quando obtinham tres quartos dos ditos valores, correspondia-lhes a classificação de *approvados com distincção.*

O programma adoptado era o seguinte:

1.º ANNO. — *Exercicios de desenho linear. Applicações do desenho linear ao desenho de ornato. Elementos do desenho de figura.*

2.º ANNO. — *Noções de perspectiva linear. Continuação do desenho de figura e do desenho de ornato.*

3.º ANNO. — *Elementos de desenho de historia natural. Desenho e pintura de paisagem. Desenho geometrico de machinas. Noções de desenho topographico.*

4.º ANNO. — *Recapitulação dos objectos ensinados nos annos anteriores, procurando quanto possivel desenvolver a maior propensão que para cada um d'elles se tiver achado em cada alumno.*

O professor Muriel, além da materia exigida no programma, que estabeleceu de accordo com o conselho, prestava-se a ensinar aos seus alumnos mais distinctos o que, cabendo nos limites do possivel, lhes ampliasse a sua instrucção para mais completa e utilmente desempenharem a missão a que se destinavam.

Este illustre professor foi sempre incançavel nos seus esforços para bem instruir e habilitar os seus alumnos, apesar de luctar constantemente com a difficuldade de reger, sem auxilio de outros professores, uma cadeira, onde o numero de alumnos era considerabilissimo, e com a repugnancia que, em geral, entre elles existia para se applicarem a este estudo, e que ainda hoje se manifesta em subido grau, não só por causa da organização do ensino do desenho na instrucção secundaria, mas tambem pela desharmonia entre a direcção do ensino scientifico e do das bellas-artes.

No anno lectivo de 1844 a 1845 apresentou o seu programma ao conselho, onde a distribuição da materia pelos differentes annos era ainda a mesma, mas accrescentando mais alguns principios regulamentares, além de notaveis considerações geraes sôbre a organização do curso de desenho,

que só por si bastariam para revelar a sua alta competencia e o inexcedivel zelo pelo ensino a seu cargo, correspondendo assim honrosamente ao fim para que a Eschola o escolhera.

O primeiro anno do curso de desenho era exigido aos alumnos que seguiam os cursos de infanteria, cavallaria, e para pilotos; os tres primeiros annos, para os que se destinavam para artilheria, marinha, ou engenharia naval; e, finalmente, os quatro annos para os que estudassem os cursos de estado maior, engenharia ou o curso geral.

Por portaria de 15 de março de 1848 foi nomeado João Pedro Monteiro, mediante concurso de provas publicas, para servir provisoriamente de ajudante do professor de desenho.

Era artista de comprovada aptidão, possuindo subida instrucção scientifica e grande assiduidade, qualidades estas que o collocavam á verdadeira altura da missão da cadeira.

Com o mutuo auxilio de tão distinctos professores, melhorou consideravelmente o ensino na Eschola.

Exonerado o professor Muriel, a seu pedido, em portaria de 25 de fevereiro de 1851, passou na mesma data a proprietario o professor Monteiro.

Achando-se só na cadeira, teve de luctar com as grandes difficuldades que encontrara o seu predecessor, o que de certo concorreu para lhe aggravar ultimamente os seus soffrimentos, fallecendo em 24 de março de 1853.

Em consequencia da doença d'este illustre professor, que já anteriormente o impossibilitára da regencia da cadeira, propoz o conselho, para seu ajudante, a Pedro José Pezarat, que foi nomeado para exercer este cargo, como commissionado, por portaria de 26 de fevereiro do mesmo anno.

Este novo professor apresentou documentos pelos quaes provava ter sido antigo alumno da eschola polytechnica de Paris, e ter tido as nomeações de major de engenharia ao serviço do imperio do Brazil e architecto do governo francês em Oran. Além de excellente caracter tinha subida capacidade scientifica e todos os mais requisitos para bem dirigir o curso de desenho.

(Continúa.) AUGUSTO SCHIAPPA MONTEIRO.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

MEMORIAS DE CASTILHO

LIVRO VII

1853-1854

(Cont. do n.º 1, pag. 46)

V

Anecdotas e ditos de Castilho apanhados de relance.

Fala-se por ahi de ditos, mais ou menos salgados, mais ou menos semsabores, attribuidos a Castilho. Muitos d'elles são apocryphos. E' preciso pôl-os de quarentena, e indagar-lhes a origem. Em vida d'elle lhe foram assacadas replicas, já safadas no tempo de Bocage ou de Tolentino.

—Teem-me feito cabide de tanto fato velho!—dizia elle proprio.

Julio Cesar Machado no seu *humoristico* livro *Mil e uma historias* toma a Castilho por protagonista de historietas que inventava com muita graça, ou de antigas anecdotas, que vestia á moderna. O mesmo fez com o respeitavel Marquez de Fronteira D. José Trasimundo, e com outros. Imperdoavel sestro!

Um homem meu conhecido confessava uma vez a outro:

—Quando apresento em meu nome um chiste qualquer, ninguem se ri; não faz effeito. Se o attribuo a Teixeira de Vasconcellos, a Camillo, a Duarte de Sá, ou a Castilho, todos me acham graça, e repetem o dito.

Vê-se que era tambem a convicção de Cesar Machado.

E' innegavel que a *suggestão* exerce muito poder na alma humana. Tudo quanto provém de um homem notavel tem sobre nós um prestigio que se não explica.

A este respeito, peço licença (antes de entrar em materia) para contar quatro *verdadeirissimas* anecdotas; eil-as:

*

Um rapaz de talento, o fallecido Alfredo de Oliveira Pires, viveu em París alguns annos. Nos primeiros tempos da sua estada na capital da França, não fazia senão pedir aos amigos lhe mostrassem, de longe que fosse, as celebridades, que elle se habituára a admirar por fama; e ficava alegrissimo quando n'um *boulevard,* n'um theatro, n'um passeio, n'um caminho de ferro, lhe apontavam para um Daudet, um François Coppée, um Courbet, um Pailleron.

Certo dia, achava-se á porta de um caffé com varios amigos, quando passa um omnibus; e um dos presentes, indicando-lhe a almofada (*impériale*) diz:

—Vê? lá vai Victor Hugo.

Com effeito, lá ia o grande e incomparavel Poeta! de braços cruzados! com a sua bella barba! a sua physionomia homerica! o seu olhar absorto!

Oliveira Pires exulta, manda parar o carro, e trepa agilmente para o unico logar vago, que, por fortuna, se achava ao lado do auctor dos *Miseraveis*.

Ver-se ali, hombro a hombro com aquelle Immortal, foi para o nosso compatriota uma ventura. Quereria ouvil-o, daria tudo por se atrever a dirigir-lhe a palavra; mas como? primeiro, n'aquellas terras não é uso dirigir a palavra a quem se não conhece; em segundo logar.... que lhe diria? que fazia um tempo lindo? que tinha muito gosto em o conhecer? que tinha lido os seus versos? tudo semsaborias. Pires preferiu calar-se, deitando o canto do olho para Victor Hugo (que aliás nem dera por tal visinho), e contando já entre as felicidades da sua vida o ter podido approximar-se da maior notabilidade europêa.

Passado tempo, devia apear-se, porque tinha que fazer, e com grande pena sua, mandou parar. Quando desceu da almofada, deixou lá, muito de proposito, um livrito que levava; e ao pôr pé em terra revirou-se, e falando com o grande homem pediu-lhe, com o modo mais natural do mundo, se tinha a bondade de lhe dar um livro que ali lhe esquecera.

—*Monsieur*—lhe disse o Portuguez—*seriez-vous assez bon pour me passer ce livre que je viens d'oublier sur l'impériale? Excusez-moi....*

Victor Hugo, olhou, com o seu olhar de aguia, pegou no livro, e entregando-o respondeu apenas:

—*Mais volontiers, Monsieur*.

—*Merci*—volveu o outro afastando-se, mas contemplando o Mestre em quanto o poude avistar.

E caminhou, repetindo comsigo, e forcejando decoral-as, como se decora um hemistichio harmonioso, aquellas palavras sublimes, unicas que ouvira ao timbre grave e cheio do cantor das *Vozes interiores:—Mais volontiers, Monsieur! Mais volontiers, Monsieur!*

E dizia-me elle proprio:

—Aquella phrase parecia-me um cantico! e fiquei para sempre impressionado com aquelle *Mais volontiers, Monsieur!...*

.....

*

Segunda anecdota:

Era uma vez um insulano michaelense, que veio a Lisboa, ou ver a cidade, ou tratar dos seus negocios; nunca averiguei o ponto. Recommendado ao fallecido e elegante Pedro Jacome Corrêa, Deputado perpetuo da sua ilha, foi por elle muito obsequiado, apresentado em varias casas, e levado ao Gremio Litterario, na rua de S. Francisco, onde se reunia muita gente, e onde o insulano podia conhecer as summidades da politica e das lettras. Sempre que havia occasião, mostrava-lhe Pedro Jacome a Thomaz de Carvalho, Fontes Pereira de Mello, Silva Tullio, José Estevão, Magalhães Coutinho, Antonio Pereira da Cunha, Anselmo José Braamcamp; e o insulano contemplava-os em silencio.

Uma noite entram os dois na sala dos jornaes. Eram 10 horas.

—Repare:—diz baixinho Pedro Jacome detendo o amigo —ali está Alexandre Herculano!...

Com effeito, a uma meza, com os cotovellos fincados e a fronte entre as mãos, o eminente historiador lia por desfastio, e com ar carrancudo, um artigo qualquer. De roda conversavam os grupos; e n'uma poltrona dormia a somno solto Vicente Ferrer, que tinha entrado uma hora antes em companhia de Herculano.

O michaelense perdeu a voz, parou, deixou cahir os braços, e ficou admirando em silencio respeitoso o grande auctor do *Monge de Cister!*... Quanto daria elle por ouvil-o falar! mas Herculano lia em silencio.

Passou longo tempo. Herculano a final deixou o periodico, estirou os braços, esfregou os olhos, e pondo o chapéo levantou-se.

—Boas noites, meus senhores.

—Muito boa noite.

E caminhou, e pegou na bengala.

O insulano não lhe perdia um movimento.

O cantor da *Voz do propheta* passou junto a Vicente Ferrer, bateu-lhe no hombro, e disse apenas, acordando-o:

—Ó amigo, quem quer dormir, paga á guarda.

E sahiram juntos.

O michaelense, absorto, repetia depois:

—«Quem quer dormir paga á guarda!» Que linda coisa! um dictado tão nosso! tão nacional! E' mesmo proprio do auctor d'aquella prosa valente da sua *Historia!* veja isto, meu caro Pedro Jacome! «Quem quer dormir paga á guarda!» Que belleza de phrase!...

E entre as suas recordações das grandezas lisbonenses levou aquelle conceito profundo, que só a Herculano podia occorrer: «Quem quer dormir paga á guarda.»

.....

*

Terceiro caso:

Gomes de Amorim, recem-chegado do Brazil, dirigiu-se a casa de Garrett, com quem tinha já algumas relações epistolares. Annunciado ao grande poeta, esperava-o ancioso n'uma saleta, quando, depois de muito tempo, sente chegarem dois homens. Era Garrett, e um Conde francez, que o poeta recebera no seu gabinete interior, e a quem reconduzia. E Gomes de Amorim ouviu, ancioso, e cheio de commoção, o eminente lyrico das *Folhas cahidas* dizer á despedida:

—*Oui, Monsieur le Comte.*

E reteve na memoria da alma aquellas singelas palavras, que lhe pareciam espantosas!...

.....

*

Quarta anecdota:

Dom Thomaz de Napoles (meu intimo amigo, e ultimamente Visconde de Alemquer) encontrou uma vez a Castilho n'uma reunião grande no palacio da rua da Barroca. Depois de o ter

examinado de longe muito tempo, chegou a romper no excesso de pedir para lhe ser apresentado.

O poeta poz-se de pé. Dom Thomaz, inclinando-se respeitoso, e apertando a mão que elle lhe estendia, disse, com os seus geitos cortesãos e madrigalescos:

—Sr. Visconde, dizer a V. Ex.ª que tenho muita honra em o conhecer, seria uma banalidade; digo apenas que entre os momentos felizes da minha vida conto este, em que posso apresentar a V. Ex.ª as minhas homenagens pessoaes.

—E que te disse elle?—perguntava eu quando Dom Thomaz me narrava a apresentação.

—Lembro-me bem;—respondia enthusiasmado o moço—lembro-me bem; decorei as palavras do Mestre; disse-me assim: «Sr. Dom Thomaz, já conheço algumas pessoas da sua familia; estimo immenso conhecer tambem a V. Ex.ª» Como isto é bonito!...

*

Francamente: eu acho esta resposta tão conceituosa, como *Oui Monsieur le Comte,* como *Quem quer dormir paga á guarda,* e como *Mais volontiers Monsieur;* mas repito: a suggestão é tudo. Ora agora, querer que um homem, porque é escriptor notavel, só tenha, nas occasiões mais banaes, ditos agudos e engraçados.... é lisongeiro, mas, palavra de honra, é seccante.

Darei aqui uma leve amostra de algumas das numerosas anecdotas *authenticas* conservadas por amigos muito intimos de Castilho, e reservarei para o diante muitas outras do mesmo genero. Será o modo de repoisar de vez em quando o espirito dos leitores, cançado com a aridez d'estes volumes. Irão ao acaso estes apontamentos, como os tenho na carteira; subsidios para os futuros Supicos de Portugal.

*

A' *memoria* do Rocio (o chamado «galheteiro», que ali jazeu tantos annos) chamava elle *um esquecimento.*

*

Morreu um Barão deixando por herdeiro um filho muito mentecapto, mas com presumpções. Disse alguem:

—Esse homem, tão economico, e tão rico, deixou por força uma grande burra.

—Não sei—respondeu Castilho;—agora, que deixou um grande *burro,* é certo.

*

Falava-se em união iberica, ideia contra a qual se insurgia sempre o poeta.

—Os hespanhoes desejam tanto a união—dizia elle—porque, feita ella, em vez de fuzilarem castelhanos fuzilam só portuguezes.

*

Queixava-se alguem de que certo traductor portuguez de um grande auctor estrangeiro não tinha percebido o original.

—Talvez entendesse—tornava Castilho com ironia—; nós é que o não entendemos a elle.

*

Lia-se n'um noticiario: «Chegou a Lisboa o distincto poeta «Fulano.»

—Ora vejam isto! como se prostituem os adjectivos! Chamar *distincto* a Fulano!!

—Perfeitamente—volveu Castilho;—está muito bem. *Distincto* quer dizer ahi, que esse sujeito se *distingue* dos poetas todos; e não é isso verdade?

*

N'uma soirée, tinha Castilho deixado o chapéo em cima de um sofá. Vem distrahidamente uma senhora, senta-se-lhe em cima, e ali ficou, inadvertidamente, esmagando-o. Foi logo alguem contar o caso ao poeta, para o provocar.

—Paciencia—replicou elle;—é uma gallinha que está a chocar seis pintos.

*

—Quebrou o droguista Cicrano.

—Oh! coitado! d'esse é que se póde dizer litteralmente que deu *em droga*.

*

Encarecia um sujeito a outro certos medicamentos, insistindo para os tomar.

—Ora o sr. Castilho que diga; não me acha razão? não lhe parece que estes remedios seriam optimos?

—Eu?—tornou elle—acho-os de certo optimos. Esses remedios fazem muito bem.... (*Pausa, e muito serio*) aos boticarios; andam gordos, que é um gosto vel-os.

*

Castilho, seus irmãos, e sua irmã, brincavam muito uns com os outros, e epigrammavam-se reciprocamente, com chiste e bonhomia.

Uma vez contava essa senhora que para curar certo defluxo n'um só dia bastava-lhe tomar um sudorifico energico.

—Jorros de agua!—encarecia ella.

Atalhou logo Antonio Feliciano com malicia:

—Então ainda melhor ficaste parecendo.... uma *cascata*.

O que ella riu!...

*

Contava alguem a Castilho o modo cauteloso como embrulhara uma bonita jarra de Sèvres n'um jornal, e a trouxera para casa, depois de a ter comprado n'um basar.

—Esse é que é o modo—dizia Castilho—de tornar interessante um jornal politico; então, póde-se dizer que contém um artigo precioso.

*

Uma vez, n'uma reunião, falava-se da eleição e investidura dos Papas no Summo Pontificado de Roma. Desejoso de saber não sei que pormenor, perguntou Francisco Palha a Castilho:

—V. Ex.ª, que sabe tudo, não me explicará de que ceremonias consta aquelle acto solemne?

—Olhe, meu amigo—respondeu o interpellado—ha duas maneiras distinctas de realisar esse acto, isto é, de fazer Papas: um é por eleição d'entre os membros do Sacro Collegio; o

segundo.... é com farinha de milho cosida ao lume, mechendo sempre com uma colher.

(E' impossivel descrever o serio chistosissimo e a vibração espirituosa do rosto e da voz. Tudo isso é fugaz.)

*

De uns que tinham atacado o poeta, dizia alguem:

—Isto a final não passam de uns borrachos.

—*Borrachos?*—*dizia* Castilho—*Não senhor*; *chame-lhes* antes pombos mariolas.

*

Um taverneiro da rua do Olival tinha presumpções a poeta, e rimava umas coisas, que alguem mostrou a Castilho. Perguntou-se-lhe que tal as achára.

—Eu? acho que são como os seus vinhos: zurrapa.

*

Estrepito e voseria de creançada interrompiam uma vez no trabalho litterario o traductor de Ovidio.

—Ha occasiões,—trovejou elle desesperado—em que um homem chega a comprehender o Herodes.

*

Lia-se um artigo de viagens, pessimo.

—Quem assigna isso?—perguntou Castilho.

—Vem anonymo—respondeu o secretario.

—Ah! tanto melhor!—tornou o poeta com ar convicto—Isso prova que ainda ha gente de vergonha n'este mundo.

*

Falava-se de um critico mordacissimo, que, depois de verberar um joven poeta, e enxovalhar-lhe as obras, lhe ridicularisava o pobre trajo. Disse Castilho indignado:

—Com o fato de cada um só embirram os cães, que rompem as calças quando se atiram ás canellas de quem passa.

*

O *mediocre* em poesia—dizia Castilho—é peor, e muito peor, que o *pessimo*.

*

Desesperado uma vez com certas provas erradissimas que tinham chegado de uma typographia de má morte, exclamava Castilho depois de muitas outras coisas:

—Em summa: está visto e provado, que o mundo não se salva, em quanto se não enforcar o ultimo compositor na tripa do ultimo impressor!

*

—Não lhes chamo cães—bradava Castilho ácerca de uns adversarios—para não deshonrar o animal mais fiel á raça humana.

*

De um sujeito bem conhecido, mau, presumpçoso, mas pouco intelligente, dizia:

—Sim, é um maroto monumental; mas nunca ninguem lh'o chamou, porque n'elle a qualidade de tolo eclypsa todas as outras.

*

—Em assumptos de furto,—dizia Castilho uma vez, desculpando uma menina que tinha subtrahido certo retrato de um album de photographias—Em assumptos de furto, o mais que é permittido é isso: *tirar* retratos.

*

Passava na rua um collega do

... misero cavallo laẓarento

de Tolentino.

—Como elle vai, pobre bicho!—dizia alguem—Que magreza! que espinhaço! como troca as pernas!

—Oh! se elle *trocasse as pernas,*—respondia Castilho—então é que a dava em cheio!

*

De um poemeto incorrectissimo, composto por um poetastro sem cultura nem talento, dizia:

—Sim; bem se póde dizer que de Fulano *brutou* aquelle poema.

*

Lamentava-se um amigo:

—Lá para a minha obra tenho querido um carpinteiro, e não é possivel encontral-o. Não sei já onde o procure.

—Olhe, procure-o ali nos Diccionarios, e acha-o com certeza, de qualquer nacionalidade.

*

De um Judeu, que em publico e solemnemente abjurára a sua crença, dizia Castilho:

—Cortou o rabo em publico.

*

—Fulano é creatura bulhenta e má;—ponderava uma pessoa—Imagine que anda ha tempo sempre com uma navalha grande na algibeira.

—Isso não será por mal, coitado!—tornava Castilho—Será para a mandar amolar, e tem-lhe esquecido.

*

Tomando caffé uma vez, dizia sorrindo:

—Isto anda agora tão falsificado, que mandar um homem á fava, ou ao caffé, é quasi a mesma coisa.

*

Houve um tempo em que Lisboa se viu revôlta e excavada,

na maior parte das ruas, com as obras da canalisação do gaz, das aguas, dos despejos, etc. Impacientado Castilho, a quem isso mais que a ninguem contrariava, exclamou:

—Esta desordem, só no tempo de Ulysses é que se podia aturar, quando elle andasse edificando a sua Lisboa velha; então sim; mas hoje não. Que eu tambem,—continuava o poeta com ar serio—nunca pude perceber por que o Ulysses não edificaria antes a sua cidade aqui para estes bairros de Buenos-Ayres, onde ha tão boas casas, em logar de escolher o Castello e a Alfama, sitios tão feios!...

*

Contar esses chistes, que pela maior parte precisam commentario, e a que falta o ar e o tom, que eram pasmosos, é quasi impossivel.

Ahi fica um braçado de flores mortas. Tiveram vida e côr; e quem conheceu o poeta, e as aspira n'este herbario saudoso, sente reviver o que quer que seja d'aquella sociedade, e avultar entre ella aquelle singularissimo homem, cujos epigrammas lhe sahiam dos labios, mas (por mais acerados que viessem) nunca tiveram raizes no coração.

Basta por hoje. Continuarei na narrativa, e lá para o diante apresentarei novos ditos chistosos d'este extraordinario conversador.

VI

Publicação util auspiciada por Antonio Feliciano de Castilho, intitulada *Livrinhos de ouro.*

Em 10 de Janeiro de 1854 publicava o *Diario do Governo* o seguinte prospecto da Casa editora «Faria e Companhia», da rua dos Calafates:

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

LIVRINHOS DE OURO

Publicação inteiramente nova em Portugal, por Faria e Companhia, proprietarios da «Bibliotheca economica», e dos «Livrinhos de ouro».

«Esta publicação, fundada pelos empresarios *Faria e Com*

«*panhia,* segundo os conselhos do Ex.mo Sr. Dr. Antonio Fe-«liciano de Castilho, já publicos no seu officio de 6 de Dezem-«bro ultimo (*Diario do Governo*), será distribuida, e achar-«se-ha á venda desde o dia 15 do corrente mez de Janeiro. «Para as provincias será remettida no fim do mesmo mez.

«Os *Livrinhos de ouro* achar-se-hão unicamente á venda «em Lisboa na loja do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8, e na «Typographia Universal, rua dos Calafates n.º 113, estabele-«cimento dos proprietarios da sobredita publicação.

«O primeiro *Livrinho de ouro* intitula-se

DONA MARIA SEGUNDA A VIRTUOSA

«Preço d'esta primeira publicação, 40 réis.

«Todas as obras que se seguirem em publicação, sob este «pensamento verdadeiramente instructivo e patriotico, de que «o grande genio do Ex.mo Sr. Antonio Feliciano de Castilho «foi o precursor, hão de ser, como esta, modicissimas no «preço, nitidas na impressão, e escriptas pelas pessoas mais «auctorisadas do Paiz.»

*

Transcrevi este annuncio por varios motivos:

1.º — mostrar a influencia que no mundo das Lettras exercia Castilho;

2.º — provar documentadamente que foram seus os primeiros incitamentos e esforços para se conseguir o grande *desideratum* de dar ao Povo leitura boa, e accessivel.

Já lá contei quanto elle pugnou, desde os seus annos de S. Miguel, em crear leitores, e em lhes dar que lerem. Quanto a mim, deveriam os Governos empenhar-se em promover antes de mais nada toda a sorte de leituras uteis; os *methodos* viriam depois.

Eduardo de Faria era então um moço de trinta annos. Lembro-me pouco d'elle, mas o bastante para dizer que era amabilissima pessoa, de optima apresentação, e galante. Pelas familias a que pertencia, por seu pae, antigo diplomata, e por sua mãe, andava na sociedade, e era conhecido de todos. Tinha o fôro grande, e depois de exercer um logar burocratico, de que se demittiu, entregou-se á vida de editor, e publicou muita coisa.

Estes seus *Livrinhos de ouro* não tiveram, me parece, muita duração. A opinião em geral ainda os não comprehendia; só

um ou outro pensador media o alcance de taes publicações modestas e utilitarias. Existe, por exemplo, um officio caloroso, em que o Commissario Geral da Instrucção Primaria as recommenda ao Governo.

*

Como a actividade cerebral de Castilho era enorme, quiz elle accrescentar ás suas tarefas outra, e não pequena: principiou nas horas vagas a traduzir o *Genio do Christianismo* do Visconde de Châteaubriand. Tomava essa occupação como estudo da nossa lingua; com effeito, nada apura melhor o estylo do que traduzir conscienciosamente uma obra de cunho. Servi-lhe quasi sempre de secretario, e posso attestar as victorias de fórma que o poeta ia alcançando de pagina para pagina.

Começava Castilho por tomar, antes de entrar ao trabalho, um *banho de portuguez* (expressão d'elle); isto é: ouvia ler por meia hora uns trechos de Filinto e de Bernardes. Afinado o ouvido, dictava; e de que modo! Infelizmente essa faina, emprehendida por Janeiro de 1854, e proseguida nos mezes seguintes, ficou em meio.

*

O Methodo, esse caminhava.

Possuo rascunho, ou traslado, de um exame, a que na aula publica de Rio Tinto, freguezia de Gondomar, procedeu uma Commissão, por convite da respectiva Municipalidade, ácerca das excellencias do novo systema pedagogico. A Commissão compunha-se do Medico-cirurgião Antonio Corrêa de Almeida, Presidente, e dos Vogaes Padre José de Sousa Barbedo, Reitor de Rio Tinto, João Martins Ferreira, Administrador de Gondomar, Manuel Fernandes da Rocha, Medico-cirurgião, e Domingos José Soares, Tabellião do Julgado, Secretario da Commissão.

Em 8 de Abril de 1854, constituidos em jury, examinaram os alumnos, assistiram aos exercicios dirigidos pelo respectivo professor, a leitura auricular, leitura por figuras, leitura no quadro preto, e por fim leitura em livro. Observaram (formaes palavras) «com grande surpreza e admiração, que os alumnos n'estes exames e exercicios mostraram de um modo

muito notavel facilidade de comprehensão e execução nos supramencionados objectos de ensino, estudados pelos meninos — (note-se) — não só sem violencia e constrangimento, muito commum em aulas de primeiras lettras, mas como gosando elles n'este estudo uma especie de recreativa diversão.»

A Commissão declara mais que tudo quanto observou «lhe evidenciou a grande superioridade d'este Methodo relativamente ao antigo, principalmente em quanto ao verdadeiro valor das lettras, pureza e exactidão de pronuncia, e certeza de pontuação, não podendo á mesma Commissão deixar de reconhecer de um modo especial, n'este novo Methodo, a grande vantagem que resulta da continuada repetição das ideias anteriormente adquiridas, tornando-se assim quasi impossivel o esquecimento das mesmas. Tudo isto — (continúa o documento) — a surprehendeu tanto mais, quanto o curto espaço de oito mezes, que tem de existencia esta aula, não fazia esperar o adiantamento que a dita Commissão notou em seus alumnos.»

A ponderação que segue tem muito pezo. Diz o relator:

«Notando estas vantagens que mais obvias se offereceram á sua observação, não deixou a Commissão de reconhecer muitas outras, que facilmente se poderão avaliar assistindo a algumas lições de qualquer aula, aonde por um habil Professor seja empregado este novo Methodo de ensino, a respeito do qual nenhum outro inconveniente encontra a mesma Commissão se não a difficuldade de apparecerem Professores idoneos, com a intelligencia, instrucção, e paciencia necessarias para o devido desempenho de tão importante magisterio.»

Conclue a Commissão elogiando o Professor, cujo zelo e capacidade eram notorios.

(Continúa.)

JULIO DE CASTILHO.

ANTONIO HOMEM

(Ao meu presado amigo, patricio e collega, o sr. Augusto Mendes Simões de Castro)

(Cont. do n.º 1, pag. 49)

XV

Antonio Homem recorreu a algumas destas testemunhas, que tinham jurado com elle no processo da rainha sancta Isabel, allegando em sua defesa que provinham as accusações: 1.º de ter inimigos poderosos que déra já por suspeitos, 2.º das conspirações delles e doutras pessoas que lhe queriam mal, 3.º que não podia physicamente commetter o crime do peccado nefando, 4.º que os depoimentos se contradiziam, 5.º que eram inverosimeis, 6.º apenas singulares, 7.º feitos por individuos socios do supposto crime, e que sendo menores e leigos se mostravam vis e infames, 8.º que não cabia na capacidade das testemunhas referir os contos que se lêem, 9.º que estes parecem de inimigos ou de pessoas dependentes de inimigos, 10.º que respondia a todas as affirmações e a cada uma em particular (1).

Similhantemente apresentou as razões relativas ao judaismo (2).

Poucos delles, porém, depozeram a favor do dr. Antonio Homem: apenas dona Luiza Perestrello Botelha, Catharina Travassos, Cid de Almeida, Antonio Barreiros, e Manuel Duarte Salazar, condiscipulo do accusado na eschola de primeiras letras.

O *præceptor infelix* tinha muitos inimigos. Afora dom Francisco de Menezes, Christovão Mousinho, o dr. João de Carvalho, Simão Barreto, Bento de Almeida e quasi todos os collegiaes de S. Pedro, muitos outros, quando o viram na

---

(1) Processo n.º 15:421, fl. 224 a 236 v.º
(2) Processo n.º 16:255, fl. 281.

desgraça, se esqueceram das antigas relações, e tractaram de lhe avolumar as culpas.

Já em 1616 o conego Alvaro Soares Pereira, seu visinho na rua do provisor Antonio Velho, ou rua do arco de dona Philippa, que é a actual rua dos Coutinhos, o denunciára á inquisição dando como testemunhas Manuel Rodrigues, Francisco de Sousa, dom João Pereira, dom Gomes de Mello, dona Violante de Sequeira, André Gonçalves Homem, Pero Homem, Martim Affonso Mexia, Martim Affonso Pereira, João Vasco Bainico, Pero Rodrigues, Isabel Jorge, Barreto (lacaio), dois pagens, criados de dom João Pereira, e de dom Gomes de Mello, Jorge Fernandes, criado do bispo Mexia, Jorge Mexia, moço de casa do referido bispo, Antonio Velho. Não teve, porém, resultado, como já dissemos; e o denunciante escrevia cartas para o chamado sancto officio affirmando, que não ia pessoalmente por ter medo do accusado.

Em todos os annos consecutivos desde 1619 até 1623, fôram testemunhas contra elle os seguintes individuos:

Jacintho Pereira de Sampaio, João da Cunha (duas vezes), Manuel Carneiro, Manuel Henriques (seis vezes), Francisco Gomes (quatro vezes), Gaspar Cordeiro, Manuel Pereira, Manuel de Beja, Francisco Pinto de Faria (tres vezes), Antonio de Faria (duas vezes), João Correia (tres vezes), André da Cruz, Thomé da Fonseca, Bento Rodrigues (quatro vezes), Simão da Silva (tres vezes), Manuel de Almeida, Manuel Fernandes, Agostinho Sereno, Antonio de Asevedo, Francisco Talesio (tres vezes), Manuel de Andrade, Jorge Rodrigues, Paulo de Almeida (duas vezes), Gabriel de Bacellar, Manuel de Lemos (tres vezes), Diogo de Beja (duas vezes), Agostinho de Faria, Paulo da Silva, Isabel Jorge (duas vezes), Estevão de Napoles, Bernardo Esteves de Napoles, Francisco de Miranda, João de Brito, frei Pedro de Sousa, Jorge Mexia.

Já dissemos que os denunciantes do *doctor infelix* tinham sido os seus tres parentes Diogo Lopes de Sequeira, André Nunes de Pina, e Thomé Vaz. Posteriormente, a 28 de janeiro de 1623, foi a Coimbra o padre Jorge Fernandes Franco, prior de S. Julião de Mouronho denunciar o dr. Antonio Homem, depois de este estar para ser sentenciado.

Como o dr. Antonio Homem tinha dado por suspeito Simão Barreto, que perguntára as testemunhas, a que o *præceptor infelix* se referia nas suas defezas, determinou o bispo inquisidor geral em 21 de junho de 1622, que fossem novamente inquiridas por João Alvres Brandão; com o que o preso depois

de algumas hesitações concordou, havendo antes recusado aquelle desembargador.

Assim fôram novamente chamados a depôr João da Cunha, Manuel Henriques, Francisco Gomes, Francisco Pinto de Faria, Antonio de Faria, João Correia, Bento Rodrigues, Simão da Silva, Francisco Talesio, Paulo de Almeida, Manuel de Lemos, Diogo de Beja, e Isabel Jorge.

Destas inquirições resultou apurar-se, que effectivamente alguns moços se revogaram affirmando, que tinham sido ameaçados pelo inquisidor Simão Barreto, mandando-lhes o confessor que fossem declarar a verdade. E o secretario confirmou que o desembargador era colerico e algumas dessas testemunhas bastante timidas.

Nada, porém, lhe valeu. A grande quantidade de testemunhas, que affirmavam elle era dogmatista ensinando a lei de Moysés, que officiava nas festividades hebreias, que tinha ordenado a confraria para enviar soccorros a judeus pobres, e para o azeite da alampada que ardia no extrangeiro, tornou procedentes as accusações e certa a condemnação inquisitorial.

E' verdade que muito haveria a censurar na fórma da inquirição das testemunhas, no uso das torturas e em todo o systema que empregava o chamado sancto officio. Felizmente que as côrtes de 1822 aboliram sem discussão tão nefando tribunal.

O *præceptor infelix,* ou porque as testemunhas tiveram medo, e depozeram quanto a inquisição queria, ou porque a tortura lhes arrancava as confissões desejadas pelos desembargadores, ou porque o odio de dom Francisco de Menezes, e do seu parente Simão Barreto, inventava affirmações, e transformava e invertia os dictos dos depoentes, foi victima das suas ideias, se com effeito era judeu, ou da calumnia propalada pelos seus inimigos, se porventura era catholico.

(Continúa). ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.

A LENDA DE SANTO ELOY

Estudo critico de um manuscripto, do seculo XV, da collecção pombalina, existente sob o n.º 746 na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e pela primeira vez publicado

POR

Alfonso Hincker

(Cont. do vol. 46.º, pag. 1149)

II

Texto critico do Manuscripto

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

(fol. 2 a) mui pronto (1). E todo aquello que em a igreja das sanctas scripturas ouvia, cõ gram cura e cuydado em as entradanhas do *alveario* (2) do seu coraçom (3) o guardava e depois em sua casa, obrando sempre, o rremoya e na sua alma o mastigava (4). Obrando das maãos em as obras de fora que fazia, pero as obras do seu ẽtẽdimento nõ leixava: Tiinha isso meesmo o santo mançebo custume de leer per os sanctos livros da sagrada scriptura. E sempre quãdo obrava, tiinha o livro aberto por tal que o seu spirito nõ se occupase em alguũ pensamento de fora nõ liçito, assy que, obrando cõ suas maãos nõ çessava conthinuadamente guaanhar thesouro do lume divinal e sçiençia da alma supernal (5). E seendo ja o servo de deus Ellisio muy compridamente acabado ẽ a arte do seu oficio e veendo ja a idade e sua juventude ou mancebia, por võtade de deus assy foi feito que elle se foy aa corte delRey de França *na qual* (6) entom era Rey Lotario, homẽ de grande mansidom e temente a deus.

---

(1) «quidquid operis suae aetati congruum arripuisset, mira agilitate perficiebat» Acherio I 3. Vid. Introd. § 4.º

(2) por *almario* do Ms., erro graphico; cf. a lista dos nomes proprios corrompidos (Introd. § 1.º), e o Glossario.

(3) «in alvearium sui pectoris optima quaeque recondebat» Surio I 12.

(4) «et quaecumque ibi ex divinis scripturis recitabantur, aurem libenter accomodans, avidissime hauriebat, atque ita in corde suo memoria recondebat, ut etiam cum absens esset, ea quae didicerat, meditatione intentissima ruminaret» Surio I 3.

(5) «sedens ergo Eligius ad opus praedictum, codicem sibimet prae oculis praeparabat apertum, ut quoque genere laborans divinum perciperet mandatum: sic igitur duplum gerens officium manus usibus hominum, mentem usui mancipabat divino» Acherio I 10.

(6) Uma ou duas palavras manchadas e illegiveis; a ultima lettra acaba em [*a*?]*l*.

E pousou o sancto mançebo Elligio ẽ cas de hũm ourivez do dict Rey, o qual era muy famoso e subtil e de grande engenho. E seendo cõ el per alguũ tempo, em todas cousas que fazia, se avya muy sabedor e discretamente; assy que seu amo ou meestre esguardando ẽ seu *ẽgenho* (1) e subtileza e sua familiar e virtuosa converssaçom e amorosa e doce palavra, amavao muito e o avia em gram conta e stima e fallava **(fol. 2 b)** da sua bondade e engenho a muytos. Assy que ja delle se fallava muyto em a corte e paaço delRey (2).

Em estes dias o piadoso e nobre Rey Lotario penssou em seu coraçom como mandase fazer hũa seeda ou cadeira real e honrradoira e bem pareçente, a qual fosse toda d'ouro fino e de pedras preciosas da qual se servise e usase honrrosamente ẽ algũas prinçipaaes festas e ajunctamentos de seus povoos por magnifiçencia de deus e honrra e excellençia de seu estado. E falládo seu conçepto e desejo cõ algũas pessoas, nõ se achava nẽ huũ oficial que se atrevesse a ffazer a dicta obra segundo que elRey desejava. E seendo pera esta obra Requirido o meestre ou ourivez moor delrrey, ẽ cuja casa pousava Elligio, nõ se estrevẽdo o dicto meestre fazer semelhante obra assy sotil e nobre qual se requiria, disse a elrrey: «Senhor, em minha casa he huũ mançebo chamado Elligio, de muy maravilhoso engenho e subtileza e muyto comprido da arte do nosso officio e mester, o qual peenso que fara esta obra segundo vosso desejo e vontade.» E logo Ellisio foy chamado, e veo perante elRey o qual, vendo sua perssoa e ouvído suas palavras as quaaes erã simplizes e humildes cõ hũa graçiosa e prazivel compisiçom (3), foy elle muy paguado e prazente del. Porem lhe disse: «Ellisio, farmeas tu hũa tal obra?» E o virtuoso mançebo Respondeo: **(fol. 3 a)** «Senhor, eu me confiio ẽ deus que m'ẽsignara em isso fazer todo vosso conçepto e desejo.» E seendo elrrey muy allegre e prazente da sua reposta, logo lhe mãdou dar grande quãtidade douro segundo a obra que el quiria e elle pedisse, ho qual Requereo que lhe fosse dado per peso e toque. Finalmente Elligio começou aquella obra em nome de deus. A qual acabou em muy breve tempo; e pesou a cadeira, e esguardou no ouro que sobejava, e consirou que joya faria a elrrey cõ que elle fosse mais prazẽte e penssou ẽ lhe fazer hũa sella real. Empero pareçialhe que nõ abondaria aquel ouro que sobejara da cadeira pera a sella que elle quiria fazer. Empero cõ a ajuda de deus a começou e acabou em sua perfeiçõ. E ffez cadeira e sella ambas de ygual peso d'ouro. Assi que cada hũa pesava tanto como el Reçebera pera a cadeira. A qual cousa sem duvida quis o senhor deus assy fazer por tal que se conheçese o sseu servo segundo a sua virtude (4).

Acabada assy a dicta obra sem nem huũ desto seer sabedor salvo deus e ele, levou o sancto homẽ a cadeira a elrrey, levando a sela scondida. E veendo elRey tã maravilhosa obra foy muy spãtado, assy elle como os nobres baroões da sua corte que presentes erã, e diziam como de tã pouco ouro se fizera tã grande obra. E Eligio respondeo: «Pois, Senhor, ainda **(fol. 3 b)** sobejou huũ pouco de ouro e veome por maginaçom fazervos outra joya que aquy trago.» E apresentou a sella ante elrrey, dizendo cõ face rysonha e alegre sem mudança nẽ alteraçõ de collor, nẽ sinal de *vaã* (5) gloria, mas cõ esguardo e louvores de deus,

---

(1) O Ms. não tem til; vid. mais adeante a mesma fol. e fol. 2 *b*.
(2) Cf. Acherio 1 3 e 4.
(3) por *composiçom*, uma especie de prolepse orthographica. Vid. 5 *b*.
(4) Cf. Acherio 1 5.
(5) O Ms. não tem til.

disse: «Senhor, esta sella fiz dalgũa cousa do vosso ouro por se nõ perder.» A qual cousa como visse elRey foy muy maravilhado e quasy fora de sy cõ prazer e espanto. Assy elle como todos que de presente estavam, falãdo antre sy, conheçerom sem duvida seer em o sancto mançebo Eligio grande graça e virtude do senhor deus. Porem ho tomou elRey logo por seu, poendolhe grande teença. E el fazialhe suas obras: ca tanta virtude posera deus ẽ el que as cousas criçiam ẽ suas maãos (1).

E elrrey o amava muyto e o criia em todas cousas. E encomẽdãdoo aos seus que o hõrrasẽ muito, disselhes: «Certamente eu penssava em meu coraçom que se a cadeira fosse feita qual eu desejava, eu propuunha ẽ minha vontade de lhe mandar fazer a sella; mas pois a deus prouve elle aver de saber meu conçepto: elle seja louvado. E ponho de me servir destas joyas nas principaaes festas do Senhor, e aas vezes segundo aqueecer honestamente nas fumeas (2) deste mundo, segundo o graao e estado e hõrra em que me deus pos, e ainda do **(fol. 4 a)** meu poboo e dos que aa minha corte vierem (3).»

Entom começou o sancto de deus Eligio creçer muito mais em toda virtude, humildandose muyto mais ẽ todas cousas, segundo diz a palavra da sancta scriptura: Quanto mayor es, humildate em todo. Era sobretodo o sancto homẽ muyto piadoso aos pobres, asy que quanto ganhava e da sua moradia delrrey avya, todo cõ os pobres de Jesuu Christo despendia (4).

Era outrosy muy devoto, e per todas maneiras que podia se trabalhava aver reliquias dos sanctos. As quaees tiinha muy honrrada e exçellentemente collocadas sobre o sseu leito ẽ que dormia, o qual mais era oratorio que dormitorio. Ca o sancto homem atormentava muyto seu corpo per vigillias e jejuũs, assy que em seu strado e camara avia sempre o lume acçeso, ẽ o qual luguar desque çessava de seu mester manual, viinha o silencio da noyte e liia muy loguamente pellas sanctas scripturas. E depois mais compridamente se dava aa contemplaçõ e sancta meditaçõ em a qual durava atee que se adormicia em aquelles sanctos penssamentos. Jazia vestido sob as reliquias dos sanctos, asy que o seu dormir mais era orar e contemplar que dormir. E jazendo elle hũa noyte em aquel graçioso e virtuoso sono, pareceolhe que o chamavã os sanctos cujas reliquias **(fol. 4 b)** alli eram e fallavã cõ elle dos goyvos e prazeres da outra vida; e passando huũ boõ espaço em aquella visõ, acordou cõ hũa grãde dulçidom de coraçom e achouse todo perfuso ou derramado de lagrimas, assy que lhe pareçia como se verdadeiramente andara em aquellas cousas. E esguardando pera as reliquias, viio huũ gram resplandor e hũa estillaçom de ollyo, o qual cahia sobre elle e lançava de sy huũ maravilhoso odor, asy como coussa celestial e nõ terreal. Entom foy todo transmudado o sancto homẽ de hũa sobrenatural transmutaçõ e ficoulhe huũ tal sentimento das cousas da outra vida que nũca ja mais o perdeo (5).

E era em todos seus feitos aceeso em amor e desejo de deus assy que todos os que o vyam e ouviiam, podiam bem conheçer seer elle morada e casa do spirito sancto e da graça de deus. E conheçẽdo todos a sua

---

(1) Cf. Surio 1 5.
(2) Uma das palavras mais curiosas do nosso texto; vid. *fumea* no Glossario, e Introd. § 1.º
(3) Cf. Acherio 1 5.
(4) Cf. Acherio 1 7.
(5) Cf. Surio 1 8.

sanctidade e a sua misericordia açerca dos pobres, davãlhe muy larguamente e offericiãlhe grandes doas por tal que as destribuise per suas maãos aos pobres. E elle assy como boõ e fiel despenseiro, assy o que lhe era dado como o que lhe era encomendado como o que avia de sua teença e guaanhava per seu oficio, todo despendia ẽ esmolas aos pobres e aos minguados *religiossos* (1), e em casar horfaans e em sostẽtar as viuvas e ẽ remir **(fol. 5 a)** os captivos e em livrar os *encarcerados* (2).

E veendo o piadoso e nobre Rey tãta virtude ẽ o sancto barom, cõ prazer lhe dava muy avõdosa e larguamente de seus thesouros, conheçendo que elle era fiel dispenseiro e muy sages e caridoso esmoller. Oo se *vir*[*i*]*as* (3) o sancto homẽ muytas vezes sahir de sua casa, o qual assy aguardavam aa sua porta, e outrosy os luguares per hu sabiam que ell avia d'ir, como fazem os mininos aos que fazem alguũs jogos ou dam pam por deus a todos: assy o sancto barom, vendoos assy, se allegrava como sooe a fazer aquel que se alegra quando acha a cousa que muyto ama e avia perdida. E dessy dava a cada huũ sua esmolla hordenadamente, assy como se sooe a dar bollos e fruyta ou outras viandas ẽ os vodos hu se nõ negua o que he ordenado a todos. Muytas vezes eram tãtos que nõ os podiam abastar os dinheirros que o sancto de deus Eligio trazia ẽ seu bolso hordenadamẽte, e nõ em pouca quantidade, e por tal que nem huũ se partise del sem esmola e caridade, elle dava todas outras cousas de seu uso atee çinta. E assi virias (4) o sancto de deus hir esbulhado sem saya e sem çinta (5), çingido cõ huũ pedaço de baraço ou de jũcos. E assy se hiia ao paaço, nõ esguardando como hiia; ca nẽ por isso ho Riiam nẽ escarneçiam os que o viam como se sooe a fazer aos que assy voom apparelhados como bragantes e tafuis; antes eram todos provo-**(fol. 5 b)**-cados e amoestados por esto aa compaixom dos pobres e louvavam a deus em o sseu servo, conhecẽdo a ssua grande virtude. E muytas vezes o Rey e alguũs outros Senhores cõ gram prazer lhe davã logo suas vestiduras e dinheirros que destribuise cõ os pobres.

E tanto crecia a ffama do sancto homẽ que em muitas partes assy preto como longe fallavam da sua sanctidade. E porquanto a cãdea, segundo diz o senhor, se nõ pode scõder que nõ alomee os que som em a casa, porẽ começou o sancto de deus Elligio resplandeçer per millagres, querendo o senhor deus em elle mostrar a sua virtude. E por se conheçer quejando era na alma, pos deus em elle tanta fremosura e composiçom de fora que quẽ o visse, poderia julgar quẽ era. E esta era sua forma: d'estatura era comprido, a face fremosentada de hũa temperada ruyveza ou collor, os cabellos fremosos, as maãos honestas e os dedos compridos, ho vulto angellico e a vista simplez e honesta (6); ho uso das suas vestiduras acustumadas era sempre tal que nẽ era de preço, nẽ muy desprazivel, mas de huũ bõo modo tẽperado e honesto assy que a todos os que o viiam, era precioso exemplo de honestidade e temperança (7).

---

(1) *religiolhos* é erro graphico.
(2) A forma *encacerados* do texto, sem o *r*, é erro graphico.
(3) O Ms. traz a forma *viras*, que foi emendada para *virias*; vid. a forma *virias* mais adeante, na mesma fol. 5 *a*.
(4) «*videres*» Surio I 12.
(5) «usque ad cingulum et amphibalum cuncta se expoliabat» Surio I 10.
(6) «erat enim statura prolixus, et facie rubicundus; gerebat caesariem formosam, et crinem quoque circillatum, manus habebat honestas et digitos longos, angelicum vultum, simplicem et prudentem visum» Acherio I 12.
(7) Cf. Acherio I 12.

Tanto era prazente e gracioso que assy os grandes como os meaãos e pequenos ho amavam muyto. E o piadoso Rey sobre todos se dileitava e allegrava cõ el em tal guisa que muitas vezes, **(fol. 6 a)** leyxando a companha dos grandes homẽs e dos prelados e grandes saybhos, apartavase soo cõ elle (1) e fallava do bẽ e consollaçom da alma (2).

Nem por isso lhe *aviã* (3) alguũ odio ou maa vontade como sooe a aqueçeer aos famillíares e privados dos senhores, mas todos o amavã doçemente. Este Rey Dõ Goberto (4), nobre e virtuoso, qual nõ foy alguũ outro ante el em os Reis de Frãça, tanto era legado per amor divinal cõ homẽ Elligio que toda cousa que lhe demãdava, lhe outorgava de grado. E antre as outras cousas que lhe o sancto de deus Elligio pedio, foy huũa aldea, termo de Lemogena, chamada Sollẽniaco, dizendo (5): «Aqueste luguar, Senhor Rey, me conçeda a tua serenidade e bondade, porque eu possa aquy hedifficar pera ty e pera mi huũa escaada per a qual subamos ao çeeo que he seeda de deus (6).» A qual cousa Elrrey cõ gram prazer lh'a outorgou, dandolhe outrosy pera ajuda da obra todos direitos reaaes daquel meesmo luguar, e toda achegãça e cousas que lhe demandou e compridoiras erã a tal obra. Em o qual luguar muy em breve ajudãdoo todo o poboo de huũ coraçom, e toda a terra e comarca em redor, cõ gram devoçõ e prazer foy acabado huũ solẽne moesteiro. Em o qual pos huũ sancto homẽ por abade cõ çertos monges, mas em breve espaço foró hy ajũctados mais de çem monges. O qual moesteiro sancto Elligio enrriquentou de possisoões e joyas muy **(fol. 6 b)** acabadas (7); e elle outrosy muytas vezes e per muitos dias estava cõ os monges, cõprindo a rregra muy acabadamente em tal guisa que a todos era exemplo.

Depois desto prepos o sancto barom hedifficar em Paris huũ spital pera os pobres; mas per conselho supernal de deus veo ẽ seu coraçom hedificar aquella casa, que el hi ouvera graçiosamente delRey, ẽ moesteiro de servas de deus (8). A qual cousa ẽ breve tempo comprida e perfectamente se acabou, dandolhe todas as cousas neçesarias. Em este moesteiro ẽ breve espaço forom jũctas virgẽes e honestas donas de toda raça, mais de trezentas, as quaaes *cohortou* (9) e ẽçarrou muy discretamente per regras e ẽçarramentos muy convenyentes e honestos, ẽ as quaaes pos por abadesa hũa sancta virgem, chamada Aureea, filha de devotos e nobres pessoas, scilicet, Mauriny e Querie (10). Em o qual luguar outrosy pos grande e nobre livraria da sagrada escriptura e outrosy muytos vasos sagrados. E avendo todo acabado, soomente lhe falliçia hũa oficina; e o luguar honde compria seer feita, era delRey. E porem fez midir o es-

---

(1) «*in tantum diligebat eum, ut frequenter catervis Principium, Optimatum quoque, et* Ducum atque Episcoporum se subtrahens, Eligii secreta expeteret conciliabula» Acherio 1 14.

(2) Cf. Acherio e Surio 1 14.

(3) O Ms. não tem o til.

(4) Dõ Goberto = Dagoberto (etymologia popular).

(5) «denique inter caetera petiit ab eo villam quandam in rure Lemovicino, quam Solenniacam vocabant» Surio 1 15.

(6) «hanc mihi, inquiens, domine mi Rex, serenitas tua concedat, quo possim ibi, et tibi et mihi scalam construere, per quam mereamur ad caelestia regna uterque conscendere» Surio 1 15.

(7) Cf. Surio 1 15.

(8) «isto igitur perfecto, cogitabat in Parisiensi urbe fabricare xenodochium. Sed excellentiori concilio, Deo inspirante, concepto, coepit ex domo sua, quam in eadem urbe ex *munere Regis acceperat, virginum Christi aedificare domicilium*» Surio 1 17.

(9) A forma *cohartou* (com *a*) do Ms. é erro graphico; vid. o Glossario.

(10) «usque ad trecentarum numerum puellarum ex diversis gentibus, tam ex ancillis suis, quam ex nobilibus Franciae matronis congregavit. Quibus et Abbatissam, dignam Deo puellam, nomine Auream, filiam scilicet Maurini et Quiriae, constituit» Surio 1 17.

paço (1). E em aquella cãtidade que lhe *pareçia* (2) asaz, a pedio a elrrey, o qual lh'a outorgou de bõa vontade. E outra vez tornando el cõ os meestres da dicta obra a medir o espaço que era cõveniente, achou que era mais huũ pee ou dous (3), pella qual razom cõ grande vergonha e tristeza se tornou outra vez a elrrey, **(fol. 7 a)** e lançouse em terra ante el, pedindolhe perdom daquella mintira ou faucta (4) que por elle passara por erro, em tal modo que elrrey se maravilhava da simpleza e humildade do sancto homem. E porem lhe dobrou a terra (5) graçiosa e prazivelmente e que fizesse a dicta offiçina camanha quisese e ainda mais se necesario fosse (6).

Edificou outrosy huũa igreja de sam Paulo açerca deste moesteiro pera sepultura das servas de deus; a qual cobrio toda de chumbo e hordenou de maravilhosa obra (7), hu trelladou ho corpo de sam Pedro appostollo. Outrosy renovou a igreja de sam Marçal, bispo de *Lemogena* (8); a qual de maravilhosa obra comprio, cobrindo o teyto della outrosy de chũbo (9) e hi traladou as relliquias desse glorioso sancto cõ muy gram solẽnidade e diverssidade de stormentos de muitos tangeres, e cantares de grandes mellodias. E alli foy jũcta gram multidom de poboo e gẽtes d'outras naçoões, o qual cõ grande prazer fazia gram festa honesta e a todos prazivel e graciosa (10).

(Continúa.)

---

(1) «precepit ergo metiri terram» Surio 1 17.
(2) O Ms. tem erradamente *paria*, e sem signal d'abreviatura.
(3) «invenit quasi pedem unum amplius spatium» Surio 1 17.
(4) «contristatus igitur ad aulam mœstus rediit, humi se stravit, mendacium indicavit, aut veniam, aut mortem poposcit» Surio 1 17.
(5) «duplicavit donum» Surio 1 17.
(6) Cf. Surio 1 17.
(7) «aedificavit postremo Basilicam in honore S. Pauli Apostoli, ad Ancillarum Dei corpora sepelienda, cujus tecta sublimia operuit plumbo cum elegantiâ» Acherio 1 18.
(8) O espaço que é preenchido pela palavra *Lemogena* ficou em branco no Ms. Cf. Acherio 1 18: «S. Martialis, Lemovicensium Pontificis», e Surio 1 18 «Lemovicini pontificis»; vid. fol. 6 *a* e Introd. § 1.º
(9) «immo renovavit Basilicam in honore S. Martialis Lemovicensium Pontificis et Confessoris, quâ ubique urbanè stabilitâ, plumbo ejus cooperuit tecta» Acherio 1 18.
(10) Cf. Surio 1 18.

ERRATA

Lapso typographico na pag. 1149 do vol. anterior. Linha 12, deve-se lêr: —pois que os *dois* primeiros livros portuguezes apparecem em 1495 e 1496, e *ambos* impressos em *Lisboa*. São o «Livro de Vita Christi» (2) etc.—A nota 2 da mesma pag. deve ser substituida pela seguinte: —Versão portugueza por Fr. Bernardo de Alcobaça da obra originariamente escripta em latim por Ludolpho de Saxonia. Vid. Innocencio, Diccionario Bibliographico Portuguez — art. «Fr. Bernardo de Alcobaça».—

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.* — Cont. do vol. 46.º, pag. 1152)

Ex respons::: Indi::: Oriẽtali.

Circa regulã 90. officij Prouinc. in qua d*icitu*r ne ferat no*s*tros petere etc. actum e*st*, quinã eius usus esse deberet.

R. Nõ e*st* ferendũ ut petat*ur* quicq*uam* a parẽtib*us*, cognatis, uel amicis in p*ro*priũ cõmodũ, ut sunt libri, uestes, et h*uius*mod*i*, quæ petun*tu*r tãq*uam* a suis. Tunc u*ero* et uideretu*r* h*abe*re quãdã speciẽ p*ro*prietatis, et fiducia quædã collocaretu*r* in h*uius*mod*i* ho*mini*b*us*, a qua longe abesse debẽt uere pauperes. Si aut*em* no*st*ror*um* ali*quis* aliquo utat*ur*, et reue*r*a in eo statu cõstituat*ur*, ut illi petenda eleemosina sit, poterit sup*eri*or cõcedere si cũ ædificatione, et no*mi*ne eleemosinæ fiat, ut sicut ab alijs petere po*ssi*t, ita ab ijs petat.

Act*u*m est de praxi 3æ regulæ admonitoris, in qua ei p*ræ*cipitur ut de ijs sup*erio*rem admoneat, q*uæ* maiori parti cõsultor*um* visa fuerĩt, an uidet*ur* admonitoris sit cõsultores cõuocare ad ag*endu*m de ijs quæ ipsi visa fuerint superiori dicẽda, an u*er*o seorsũ ex singulis sit quaesitur*us* aut denique q̃ ab hoc, et ab illo sibi e*tiam* nõ roganti fuerint insinuata propositur*us*.

R. Admonitor nec debet, nec pote*st* cõuocare cõsultores ad ag*endu*m de ijs q*uæ* ipsis visa fuerint superiori dicẽda, nec e*tiam* quærere debet ex singulis, quid sentiãt etc. sed quæ cõsultores illi p*ro*posuerint ad superiorẽ referre, eũq*ue* admonere. Quod aut*em* d*icitu*r in regula (quæ maior pars cõsultor*um* ei dicẽda iudicauerit) eũ h*abe*t sensũ ut intelligat*ur* admonitor *non* teneri ad monẽdũ sup*erio*rem de ijs *quæ* quisq*ue* cõsultorũ dixerit, sed de ijs t*antu*m, quæ maior illor*um* pars dicẽda iudicauerit, quãuis de ijs quæ ipsi in mẽtẽ uenerĩt, si adhuc dubitaret, an proponendæ essent, nihil impediret quomin*us* possit ab aliquo cõsultor*um* cõsiliũ petere, modo id

modeste faciat et sincere, nõ ut cõsultor : : : suã sententiam trahat, aut eorum nomine utatur.

Ex memoriali Pr : : : Neapolitani.

An claues quæ cõ : : : concedi possint quibus per sacristiã et intra per ecclesiã q : : :, an saltẽ sacerdotibus.

R. Nõ sunt omnibus : : : illæ, sed tantum sacerdotibus quibus ration : : : alicui : : : necessariũ iudicabitur esse cõcedẽdas.

An ullæ expensæ saltẽ extraordinariæ et medicinarum soluẽdæ sint ab ijs collegijs aut locis, quorũ personæ in itinere, uel extra Prouinc. in aliquo collegio infirmantur.

R. Dum quis ex domo, uel collegio aliquo in aliud uel ex una Prouincia in aliã recuperandæ ualetudinis causa mittitur, debet ille viuere et ualetudinẽ curare expensis loci, a quo mittitur. Qui uero iter agens siue per suã, siue per aliã Prouinciã in morbũ inciderit loci eius, uel in quo infirmatus est, vel, ad quẽ 1^m^ infirmus accessit, expensis et sustentari et medicamẽ ei adhiberi debuerit nõ secus ac si unus esset ex ordinarijs loci illius habitatoribus. Si tamen infirmitas esset admodũ grauis, uel diuturna, et hac de causa facta fuisset impensa magna, si infirmus sit eiusdem Prouinciæ arbitrio Prouincialis poterit fieri aliqua cõpensatio, quod si fuerit alterius Prouinciæ scribatur ad Generalem.

An licentiæ seu cõcessiones quorũcunque superiorũ superiore illo officio functo, cessent, an potius reuocari debeant.

R. Cessent nec est opus reuocatione.

An liceat ad admonitorẽ Prouinc. scribere, siquid occurrat de quo Prouincialis monendus sit, ita ut ab immediato superiore videri nõ debeant litteræ.

R. Nullo modo expedit prohibere superiorẽ ne litteras inferioris cuiuscunque aperire possit.

An ordinarius cõfessarius alicuius collegij, aut domus possit absoluere itinerantẽ a reseruatis cũ obligatione etc. uel non. Sed necesse sit superiorẽ illius collegij, aut domus adire? et

an miss*us* Nolã : : : ut ibi faciat : : : er : : : tra per aliq*uot* dies, possit ut is qui in itinere est simpl*iciter* absolui a *re*seruatis.

R. Cum cõfessari*us* ordinari*us* : : : *s*it loci sup : : : nõ h*ab*eat facultatẽ a reseruatis nõ poterit magis : : : agentẽ : : : aliũ quẽpiã e nostris qui ibidẽ habitant. : : : riori : : : cõfiteri, uel facult*at*e ab eo accepta cõfe : : : iux*ta* ea t*amen* quæ et Pater Euerardus et nos : : : tenebi*tur* ille qui sic fuerit absolutus cõfessionẽ illã : : : apud pr*o*priũ suũ superiorẽ qui ille censendus est a qu*o* : : : entiã : : : illud iter aggrediendũ habuerit, ut ad eũ esset reuersurus, aut si reuersurus n*on* sit, cẽsend*us* erit ille ad quẽ mittit*ur*. Nulli enim alij superiori, aut cõfessario siue e n*ost*ris siue externo facultas sit ab h*uiusmodi* casibus n*ost*ros absoluẽdi, n*isi* pænitẽs p*er*mittat se ad suũ superiorẽ recursum habiturũ. De ijs u*er*o qui Nolam mittunt*ur*, ut exercitia faciant q*uoniam* eo fine mittunt*ur*, ut renouationẽ quãdã sp*irit*us cõcipiant, et g*eneraliter* solent cõfiteri, expedit, ut ad majorẽ eorũ cõsolationẽ Prouincialis cõcedat hanc facultatẽ quãuis si esset aliquid quod necesse e*sset* Prouincial*em* nõ ignorare, omnino debebit cõfessarius obligare ponitẽtẽ ut Prouinciali se manifestet.

An horologia cũ rotis his, qui ordinarie fere iter h*ab*ent, ut cõcionatores permitti possint.

R. Nulla ratione permittant*ur* h*ujus*mo*d*i horologia, nec reliquiaria, ut uocãt curiosa, sed retineat*ur* diligenter religiosa paupertas societatis.

(Continúa.)

(Cont. do n.º 1, pag. 64)

Avizella. Vizella. N. de rio. Ex.: Inter duas amnes Aue et *auiẓella*. (*Diplom.*, p. 201-A. 1043). — *Id.*, p. 46-A. 959.

Avó. * Da b. lat. *abŭla*. — Cf. o hisp. *abuela* Ex.: Medietate que fuit de nostra *auola* baga. (*Diplom.*, p. 130-A. 1010). *Id.*, p. 379. — Habeo illa hereditate de mea *auola* donam. (*Id.*, p. 475-A. 1093).

Avô. * Da b. lat. *abŭlus* (< *aviŏlus*, do lat. *avus*). Ex.: Uilla que dicent uillar de *auolo*. (*Diplom.*, p. 11-A. 908). — Et tenuimus ila de uestro *abolo* don rudorigu. (*Id.*, p. 215-A. 1047) — Contra suos eredes, qualiter abuerunt *avolus*, et bisavolus, et tresavus, de Sindila Presbitero. (*Dissert. chron.*, 1.º, p. 212). — Concedente *Auuo* meo illustrissime memorie Rege domno Alfonso. (*Leges*, p. 450). Cf. o hisp. *abuelo*.

Avoenga. * Da b. lat. *abolenga*. Ex.: Quantaque aueo de *auolenga* et de mea parentela. (*Diplom.*, p. 11-A. 908).

Avoengo. * Da b. lat. *abolengu*. Ex.: In saltarios tam de *avolengo* quam etiam in nostras cartas resonat. (*Diplom.*, p. 154-A. 1021).

* **Avogado.** Arch. Advogado. Ex.: Stabeleçudo é, que se dous *avogados* boos seyam na Corte.... (*F. da G.*, p. 437). — São os maos *avogados*, não os justos, mas os viciosos. (H. P., 2.º, p. 250).

* **Avoo.** Arch. Avô. Ex.: Sabedes bem... e eu como vossos *avoos*, d'onde descendedes... ganharam o reino de portugal. (*Script*, p. 186).

* **Avoreria?** Ex.: Faciant *auoreria* usque ad L.ª caualeros, et de C caualeros II *auorerias*. (*Leges*, p. 765-A. 1188–1230).

* **Ávrego.** Arch. Ábrego, aurego.

Avudo. Arch. Havido, tendo tido. * Ex.: E eu *auudo* consselho com mha corte sobre aquesto. (*Leges*, p. 233-A. 1275).

* **Axa.** Acha. A derivação do lat. *assula* (por *astula*), demin. de *axis*, justifica mais a graphia *axa*, do que *acha*. Cf. paixão < *passione*, graxa < *crassa*, etc.

* **Axar.** Arch. Achar. Ex.: Se ambos furem, et alcaide non *axarem*, uaam buscar alcalde. (*Leges*, p. 848-A. 1188–1230).

Az. Ala do exército. * Do lat. *aciem*.

* **Azambugeiro.** Zambugeiro. Ex.: Per illum uallezinum de illis *aẓambugeiros* usque plicat in illo fontano. (*Diplom.*, p. 398-A. 1086). — *Id.*, p. 458.

* **Azão.** Suff. comp. (*aẓ* + *ão*).

Azaqui? * Ex.: E que dedes a mim Alfitre, e *Aẓaqui*, e a dizima de todo vosso trabalho. (*Leges*, p. 396).

Azeite. * Ex.: De carrega de *aẓeite* V solidos. (*Leges*, p. 458-A. 1186).

Azenha. * Da b. lat. *acenia*. Ex.: Illas vineas, et terras, quæ in Testamentis ipsius Cenobii sunt, et illa *acenia*... et illos molendinos de Forma. (*Elucid.*, 1.º, p. 157). — Et medietatem de illa *aẓenia* de Colimbria cum suis molinis. (*Id.*, *ib.*, p. 129). A graphia deve pois ser *aẓenha* e não *asenha*. Vidè *acenha*.

Ázeo. * Arch. Cacho. Ex.: Hũa borda de pedra, de que pendiam feguras d'*aʒeos* d'uvas douradas. (*Inéd. de Alc.*, 3.º, p. 14). — Avia as cepas de prata, e as vides d'ouro, e os *aʒeos* de pedras preciosas. (*Id., ib.*, p. 147).

* **Azevedo.** N. de differentes pov. e appellido. Ex.: Kartulam testamenti de mẹas uarzenas que abeo in uilla de *aʒevedo*. (*Diplom*, p. 78-A. 978). — Illos acisterios inter durio et uoaga *aciueto* et sangane. (*Id.*, p. 8-A. 897). — In *aʒiuedo* ripa aue alia incommuniatione. (*Id.*, p. 258–1059). — Inter uilla iuliani et cassal de ero et uilla *aʒeueto*. (*Id.*, p. 258–1078). Da b. lat. *Acibetu* (de *acibu*? Cf. *Aʒevo*, n. de pov.).

Azimut (e não *aʒimuth*). * Do hisp. *aʒimut* (do ár. *açomut*, ponto do horizonte, direcção).

Azimutal. De azimut.

* **Azinaga.** Arch. Azinhaga? Ex.: Nom he costume, de chamarem os almotaçees sobre aguas, ou sobre paredes, ou sobre *aʒinagas*, as molheres sem seos maridos. (*F. de S.*, p. 564).

Azinheira. * Ex.: Et inde aqua uertente per lumbum de *aʒineira*. (*Leges*, p. 668-A. 1257).

Ázio. Suff. * Do lat. *aceus*.

* **Azmo.** Azimo ou ázymo. Ex.: E nos set dias comeredes pam *aʒmo*. (*Inéd. de Alc.*, 2.º, p. 107).

Azoar. * Ex.: O fidalgo foi esclarecido a este respeito, e *aʒoou*. (Cam., *Estr. propicias*, p. 95). A derivação de *ad-sonare* não pode phoneticamente justificar *aʒoar*. Cf. o hisp. *aʒorar* (de *aʒor*).

Azoinar. * Ex.: O arcediago nos furtivos instantes em que podia *aʒoiná*-la.... (Cam., *Mem. do carc.*, 2.º, p. 29).

Azoratado. * Ex.: Aquelle goberno... é que andava mêsmo *aʒoratado!* (Cam., *A Morgadinha...*, p. 25).

* **Azougue.** Arch. Açougue. Ex.: Portagem de cavalo, que vendiderint in *aʒougue*, unum solidum. (*Elucid.*, 2.º, p. 230).

Azulado. * Ex.: Et qui ibi lanza *aʒulada* perdiderit dent illi II morabitinos. (*Leges*, p. 765-A. 1188-1230).

Azulejar. Azular, tornar azul. * Ex.: Rochas áridas, que a luz *aʒulejára* como kioskes. (Cam., *Livro de consol.*, p. 188).

Azulejo. * Do hisp. *aʒulejo* (do ár. *aʒuleich*, pequena pedra polida).

* **Azurara.** N. de pov. Ex.: Cartulam facimus ad populationes de *aʒurara* de foro inter rybulo adon et mondego. (*Leges*, p. 353).

(Conclusão da letra A).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

ALLOCUÇÃO PROFERIDA Á BEIRA DA SEPULTURA DO LICENCIADO ALBERTO PESSOA

MEUS SENHORES!

A cruel doença acaba de arrebatar-nos de golpe, na plenitude da fôrça, um dos espiritos mais activos, mais cultos e prestantes, da nossa sociedade.

Devéras dedicado á sua terra natal, a esta sorridente Coimbra, cujos progressos acariciava com deleite, Alberto Pessoa, á frente d'um importante estabelecimento annexo á nossa Universidade e d'uma afamada casa de educação que fundara, serviu exemplarmente, com desinteresse e nobreza, a sagrada causa do ensino nacional.

Mais que modesto, austero para comsigo, se, pela recta conformação do seu procedimento, o seu caracter se impunha ao respeito geral, a sua delicada singeleza insinuava-se brandamente na intimidade, careando-lhe as sympathias de quantos com elle tratassem de perto, especialmente das creanças, dos seus discipulos, em cujo convivio a pallidez um tanto severa da sua physionomia parecia aquecer e colorir-se com os mais dôces clarões da sua cordialidade.

O Instituto de Coimbra deveu-lhe, como funccionario publico e como consocio, serviços inapreciaveis, que venho relembrar neste angustioso lance com um reconhecimento que tem muito tambem de pessoal.

23-2-1900. BERNARDINO MACHADO.

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

CURSO DE PEDAGOGIA

(Notas)

SEGUNDA LIÇÃO EM 28 DE JANEIRO DE 1900

Dissemos: O ensino é uma funcção social, é obra de assistencia, de dedicação, de sacrificio. A aula é um sacerdocio; o professor, o sacerdote.

Certamente o professor precisa de ser instruido, precisa de ter capacidade para prestar serviço.

A inexperiencia e o desastramento communicam-se, e tornam mesmo a intervenção do mestre contraproducente para o discipulo. Todos que tentaram a bicycleta, sabem como, já depois de começarem a equilibrar-se, se sentiam vacillantes cada vez que sahissem de excursão com algum companheiro ainda menos firme. Ao contrario, joga-se melhor com bons jogadores. Recordo-me de que, em rapaz, ia varias vezes saltar para a antiga quinta, hoje bairro de Santa Cruz, com Gonçalves Crespo, e nem elle nem eu eramos prodigiosos; mas, quando succedia ir comnosco outro amigo, tambem já fallecido, o Gonçalo Lindoso, que tinha grandes pernas e dava grandes saltos, lá se atirava após d'elle o Crespo, e logo eu, acompanhando-os. Não têem observado como os bons oradores elevam sempre o nivel geral da oratoria nos parlamentos?

Não se exaggere o principio de que se apprende, ensinando! Essa é, por nosso mal, a tendencia indigena. Todos se julgam,

entre nós, aptos para tudo, e estamos continuamente a ver nomeações de professores, que nos espantam. Surprehendenos que se façam, e não menos que se solicitem ou acceitem. Para ensinar é requisito indispensavel a competencia technica; o professor de chimica, por exemplo, precisa, evidentemente, de ser um chimico.

Mas o ensino, senão de profissão, pelo menos accidental, occasional, é accessivel a todos. Temos sempre que apprender uns com os outros, e, mais ou menos vezes, conforme a nossa cultura, tambem podemos da nossa parte retribuir essas lições. Alguns dos grandes mestres não se distinguiram tanto em qualquer arte, industria ou sciencia, como nesta incarnação moral de todas ellas que se chama pedagogia. Exemplo notavel: Pestalozzi.

É que para o ensino requer-se mais do que instrucção. O professor precisa, sem duvida, ser instruido, mas sobretudo de ser bom, de ser um homem de bem.

Não basta ser physico ou geologo para ensinar. O bello, o util, a verdade, attrahem a si as almas, mas o que as prende e enlaça, é a sociabilidade, é a bondade. Porque é que os rapazes se procuram tanto e tanto gostam de andar juntos? É o enlevo da camaradagem. Por isso o professor, para conduzir os discipulos, ha de tambem fazer-se seu camarada, abrir-se expansivamente com elles, amoldar-se-lhes. E não o póde fazer senão affeiçoando-se-lhes, repartindo cordialmente com elles o seu tempo e os seus cuidados, dedicando-se-lhes, sacrificando-se-lhes mesmo. O primeiro condão do professor é a virtude.

E é preciso que elle seja sempre um claro exemplo de dignidade e de abnegação. Não só na aula; dentro e fóra d'ella. Na vida de familia; como cidadão.

O ensino é parte da politica, e não se póde ser conjunctamente mau cidadão e bom professor. Como ha de o discipulo esquecer o que o mestre é fóra da aula, para o estimar dentro d'ella? Como ha de querer viver ao seu lado, se não puder honrar-se do seu trato? A aula é sociedade, collaboração, intimidade, e a intimidade dos maus repugna sempre a todos, muito principalmente ás almas candidas da mocidade.

* *

Por isso o professor, e mais que nenhum o de ensino superior, deve ser radicalmente intransigente com o mal, com a corrupção; e, nem mesmo no interesse technico do seu ensino, se deve deixar tentar. Se é só pela complacencia, ou, mais exactamente, pela sua cumplicidade com um poder immoral que acha meio de alcançar exemplares, apparelhos e instrumentos para a sua aula, antes não os ter. Melhoraria materialmente a aula, mas peorava o professor, que é o principal.

Por tudo isto, para o exercicio do magisterio é imprescindivel a experiencia moral, o apprendizado do bem. A virtude não se improviza. Ninguem se habilita em regra para o ensino, que não comece por o servir modestamente, praticando como simples ajudante com mestres já abalizados. E, para ascender a professor de ensino superior, ninguem devia deixar de percorrer a escala desde o ensino primario. Por falta d'este tirocinio social é que lastimosamente ás vezes se encontram, e até no fastigio do magisterio, individuos, aliás talentosos e instruidos, mas socialmente ineptos, infantis.

Sem assistencia e sacrificio, não ha ensino. E o mestre que se não occupe zelosamente do discipulo, se não é um egoista, só se acredita na omnipotencia das fôrças que actuam sôbre cada individuo ou nos milagres do individualismo na lucta pela existencia.

Ha, effectivamente, partidarios d'uma e d'outra theoria; mas em ambas ellas, com a assistencia, desapparece o ensino.

Uns dizem: Por amor dos outros, ninguem se desvie do seu caminho, do caminho do seu interesse. Para quê? O homem é o producto fatal da herança e do meio. *Tal pae, tal filho. Chega-te aos bons, serás um d'elles; chega-te aos maus, serás peor do que elles. Dize-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens.* E estes apophtegmas populares, varios sabios pretendem corroborá-los com as suas observações. Citarei as duas seguintes. Na Australia, indigenas,—que tinham sido arrancados ao collo das mães—, já depois de instruidos nas mathematicas e litteraturas antigas, aos vinte annos, fugiram para ir viver nús, comendo lagartos, com os seus irmãos de raça, para vagabundear, bandoleirar. Um pretinho das Philippinas, educado por um americano, tendo vivido em New York, Paris e Londres, fez-se um janota, falava as linguas, calçava luvas e botas de verniz; pois, de volta a Manilha, desappareceu, e

um naturalista allemão foi encontrá-lo, annos depois, na montanha entre os negros.

Nesta theoria, o caracter de cada um tinge-se indelevelmente com as côres do sangue dos seus progenitores e do ceu da sua patria. Dos que a defendem, uns attribuem tudo á herança, outros dão immensa importancia ao meio, e ha ainda os que mais judiciosamente combinam os dois factores na fôrça ineluctavel da evolução.

O homem evolve fatalmente. Não pretenda ninguem intervir no seu desenvolvimento, que não o altera, e, quando muito, só vingará perturbá-lo temerariamente! Seria inutil, senão até indiscreto e nocivo. E nem temos motivo para o deplorar, porque sôbre os seus mesmos escombros a evolução ergue cada vez mais grandioso o edificio do progresso. O universo melhora por si.

Está claro que este determinismo esquece que, além da herança e do meio, ha o proprio homem, que é tambem uma fôrça, e esquece o professor, que é ao mesmo tempo um coefficiente poderoso do passado e do presente, um elemento consideravel não só do meio, porque a herança é mais do que simplesmente uma herança organica. O professor é a fôrça externa organizadora de todas essas influencias que pesam sôbre a liberdade humana, é elle quem a dirige na sua faina de consolidar as bôas, extirpando as que lhe sejam perniciosas.

O ensino tem por primeira missão transmittir em toda a sua pureza o patrimonio de civilização dos antepassados. E não póde decliná-la.

Quantas vezes eu tenho visto oscillar a consciencia d'um pobre rapaz, filho de gente corrupta, sem saber se ha de contribuir para que a virtude illumine mais a terra, não vá tambem pôr mais em evidencia os vicios dos paes! Como póde então ser benefica a voz auctorizada do professor, que, estendendo-lhe affectuosamente a mão, o sustente e ampare na sua ascenção moral, assignalando-lhe como um ponto de honra o enobrecimento do seu nome de familia até á obliteração de toda a mancha originaria!

Ah! Quanto entre nós o ensino necessita de ser não só esta fôrça hereditaria, que nos expurgue da corrupção d'uma geração, mas a herculea fôrça atavica que nos permitta rehabilitarmo-nos perante a historia, restituindo-nos o genio, o es-

forço, a virtude dos antigos portuguêses, infelizmente tão polluída!

E não basta assegurar ás novas gerações a civilização herdada, é mister tambem fomentar o seu progresso futuro. Ao mestre cumpre velar por que as variações impressas pelo meio sejam sempre vantajosas e nunca regressivas ou funestas. Que trabalho não tem para rasgar um amplo horizonte ao espirito e ao coração do discipulo, para que elle não seja escravo das pequenezas e mesquinharias do seu rincão; e, sobretudo, quanto não precisa de robustecer-lhe o caracter para que elle não seja victima das emanações deleterias da podridão moral!

Como sem o ensino se sanearão ahi nas cumiadas sociaes esses mortiferos pantanos que por toda a parte infectam profundamente a atmosphera da vida nacional?

A conclusão a tirar da magnitude das influencias da herança e do meio, do poderio da evolução, é, reconhecendo-as, que o ensino se torna por isso mesmo mais necessario e instante, porque tem de travar a lucta com varias d'ellas; é, reconhecendo as difficuldades da lucta, que, sem embargo, a victoria do ensino, do mestre, é certa, pois que d'essas influencias as mais fortes, as eternas, que são as bôas, estão do seu lado, e as que elle tem de combater, são as que pela sua propria natureza deleteria estão destinadas a extinguir-se.

O mundo vai pertencendo cada vez mais ao bem. Mas não imaginemos nunca os nossos discipulos, os nossos filhos, educados, só porque calçam luvas e botas de verniz.

TERCEIRA LIÇÃO EM 4 DE FEVEREIRO DE 1900

O ensino é uma assistencia, uma socialização; e por isso tambem o não querem todos os adversarios do socialismo, todos os individualistas.

Assim como os deterministas são os fanaticos da herança e do meio, da evolução, os individualistas são os fanaticos da personalidade humana, da educação pessoal, do auto-didactismo, da *self-instruction*.

Tempere-se cada um por si só na frágua, nas refregas, da vida. A grande eschola é essa, a da experiencia da vida. Para que tentaremos defender os outros das más instigações internas e externas? Defendam-se elles a si. Assim se aguerrirão. Quantos tombarem mortos no campo da batalha, serão victimas heroicas immoladas ao progresso geral da humanidade. Barato ou caro, tal é o preço da perfectibilidade, da emancipação.

Para os fatalistas o esforço de cada homem é infinitesimo no turbilhão do universo; para os individualistas esse esforço, só de per si, é capaz de levantar cada homem ao nivel, á flôr da civilização. Uns e outros abandonam-no na lucta pela existencia. Assistir-lhe, afigura-se-lhes quasi uma profanação, tanto divinisam as fôrças do destino ou da vontade.

Proclamando esta doutrina, em Portugal cita-se logo Alexandre Herculano e mais modernamente Oliveira Martins, que pouco ou nada deveram ás aulas. Podia citar-se tambem o exemplo da sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Mas, sem falar das influencias pessoaes que de perto contribuiram para a formação d'estas poderosas individualidades, quem não sabe do amor, da paixão absorvente de todas ellas pelos livros, isto é, da sua intimidade com os grandes mestres do espirito humano?

Os Robinsons não se comprehendem sem uma solida armadura, que a ninguem é licito alcançar sem o ensino.

Alguns individualistas temem tanto o ensino, que desejariam segregar o homem de toda a convivencia social. Ensino, ou governo, é sempre atrophiante e corrosivo, enfraquece e despedaça as molas da alma humana; e na sociedade o homem corre sempre o risco de ser dirigido, o que vale o mesmo que dizer violentado. A grande e salutar educação é unicamente a das reacções naturaes.

Para estes o homem nasce bom e é bôa a natureza, só é má a sociedade.

Que accumulação de absurdos!

Se todos os homens nascessem bons, como é que o trato de qualquer d'elles com os outros, egualmente bons, o depravaria? D'onde lhe viria o mal, se a natureza que o cerca, é inalteravelmente, é eternamente bôa?

E condemna-se o ensino para se concluir por uma fórma barbara de ensino, o isolamento social. E, em vez da assistencia,

do amor, a tortura cellular. Desgraçadamente, é isso já de facto, é a Penitenciaria, quando alguem, decahido pelos seus crimes, mais necessitaria de todo o magnetismo da fraternidade, da bondade, para de novo se levantar á dignidade humana.

O homem é sobretudo o homem social. Já Aristoteles o definia *o animal politico*. Como haviam de desenvolver-se sciencias, artes e industrias na quasi cega insconsciencia em que cada alma dormitasse, longe das outras almas, em cujo seio, tomando accordo de si, ella enamoradamente se revê? Podem elaborar-se assim os lentos instinctos. Mas quando uma civilização, e uma civilização tão vertiginosa como a nossa?

Que seria do homem sem a palavra, este luminoso instrumento não só de communicação espiritual, mas tambem de exame interior? E quem se não lembra dos extremos de paciencia que custou a nossas mães a nossa primeira educação oral?

Bem sei que as creanças são prodigiosas nessa gymnastica, e como é extraordinaria a presteza com que a descoberta d'uma palavra nova lhes concentra novos fócos de luz na sua mentesinha. Ainda hontem o pude admirar na minha Jeronyma, que os irmãositos chamam Gigi. Chegando eu a casa, veiu perguntar-me pelas barretinas que me tinha pedido para elles, e eu ia responder-lhe, quando vi uma lagrima ainda pendente dos seus olhos.—«A Gigi chorou?» «*Xerei,* porque o Domingos não me quiz dar a pistola.» «Ora! as pistolas não são para meninas, são para rapazes, para meninas são as bonecas; e o Dino e o Domingos é que são rapazes, a Gigi, a Rita, a Maria e a Joaquina não, são meninas.» Ouviu-se então o tropido do Domingos á porta do meu quarto, e logo a Gigi, annunciando-m'o: «Papá, ahi vem um rapaz!»

Mas, se na acquisição da linguagem, como de tudo, é admiravel a promptidão das creanças, mais admiravel ainda é o carinho com que as santas das mães velam sorridentes pelo desabrochamento das suas faculdades. Ellas é que em grande parte fazem o milagre.

E como se ha de formar o homem moral, só em presença da natureza?

Ha, sem duvida, uma moral natural, uma disciplina das leis naturaes, da necessidade.

Quem não passou necessidades, não formou o seu caracter.

A necessidade é a primeira educadora da vontade. É, como se diz, a mãe de todas as industrias.

Sem ella, ninguem faria nada. Os que imaginam que, desapressados das suas obrigações quotidianas, produziriam grandes obras, illudem-se. Quem tem muito tempo deante de si, fica-se quasi sempre em projectos.

Aqui mesmo, a nossa Universidade resente-se da falta de necessidades intellectuaes. Um professor, depois de reger a sua cadeira, dois, tres annos, já com pouco se prepara para esta mediocre tarefa a que está condemnado pela lei todo o nosso magisterio superior, de apenas exhibir, quando não é só noticiar, as investigações alheias. Os discipulos não exigem mais. E, como o professor não vive de perto com elles, nem póde salvar-se, excitando a sua diligencia para o estudo pedagogico dos melhores methodos de ensino. Por isso, nesta vida umbratil do nosso pobre ensino superior, tantos talentos, de tão sanguineas esperanças, se estiolam.

Em geral, quem tem muito que fazer, acha sempre tempo para tudo. Ninguem incumba qualquer negocio a um ocioso, que não lhe tratará d'elle. Uma vez, que Sousa Martins, que levava uma vida cheia de canceiras até á completa abnegação de si, dos seus interesses e da sua saude, se desculpava commigo, allegando as suas constantes occupações, de se não ter, talvez, desempenhado perfeitamente d'uma incumbencia minha, eu escrevi-lhe: «Ao contrario, é por isso mesmo que ninguem faria tão bem.»

A pressão da necessidade parece despertar imprevistas energias. Os typographos, por exemplo, declaram-me impossivel a publicação das minhas Notas, se lhes não envio o original até tal dia; mas outros trabalhos me retêem, só á ultima hora as concluo, é já tarde, disseram, falta effectivamente quasi de todo o tempo, e ellas compõem-se e imprimem-se, e eu posso ter o gôsto de as distribuir no dia aprazado. É a necessidade, porque o tempo não pára, que assim me põe de manifesto a bôa vontade d'estes excellentes collaboradores.

De certo, é preciso passar pela eschola da necessidade. Ella tonifica a vontade; ella desenvolve pelas suas resistencias o calor que tambem é necessario á vida activa do espirito. É por isso que as creanças pobres têem quasi sempre mais esperteza e decisão do que as creanças ricas. E não serei eu que maldiga d'este apprendizado, eu, descendente de portuguêses que, na disciplina e nas tormentas do mar, recaldea-

ram o seu animo para as immorredoiras façanhas com que engrandeceram o mundo e o seu nome.

Mas não se fique por ahi! Como os nossos antepassados, procuremos uma inspiração superior, um ideal. As necessidades individuaes, egoistas, impõem-se primeiro; mas, além da disciplina das leis naturaes, ha outra mais alta, a das leis moraes, a das obrigações affectivas. Esta é que é verdadeiramente a disciplina moral.

Não se perpetue ninguem no regimen das necessidades; e sobretudo não se exaggerem, não se encrueçam!

Que são os selvagens, que são muitos degenerados senão almas penadas, almas amarradas ao poste do obscurantismo pelas necessidades, pelas fatalidades organicas? Tentemos tudo por desatá-los quanto possivel d'essas prisões.

E envidemos sempre os melhores esforços para ninguem bem-nascido cahir na miseria physica ou na miseria intellectual, que fatalmente se converterá em miseria moral.

Não se faça nunca á creança como me contou o meu querido amigo Alfredo Barjona que lhe fizeram ao avô materno. Para elle apprender a nadar, atiraram com elle a uma valla do Mondego. Nunca se faça, nem mesmo ficando alguem ao pé, prompto para acudir á creança.

Os fanaticos da personalidade humana ainda fazem peor: lançam o individuo nas luctas da existencia, luctas naturaes e sociaes, e deixam-no! Esse abandono é mais que desastroso, é um perigo para a moralidade.

Não tirem á creança as pedras do caminho. Deixá-la tropeçar e cahir. Ella se levantará. Cahindo, é que apprende a andar. Se lhe acodem, até chora mais.

Podera! A sós com a natureza, nem ella tem com quem desafogar a sua dôr.

Não! as reacções naturaes não só não bastam para formar o homem, mas não encerram em si balsamo e conforto para todas as feridas que rasgam.

O desastre ensina? Effectivamente quasi parece necessario soffrê-lo para lhe perder o medo. Mas já basta o desastre inseparavel de todo o apprendizado e estudo, de todo o ensaio; não o aggravemos. A funcção do mestre não é suppri-

mi-lo, que seria chimerico, mas attenuá-lo, mas torná-lo o mais supportavel e o menos damnoso possivel.

A minha Gigi pega com ambas as mãos numa das cadeiras do meu quarto, levanta-a ao ar pelas pernas, e vem andando com ella triumphantemente para mim, que estou todo admirado. Mas de repente, a um passo mais vivo, a cadeira oscilla, o seu desequilibrio communica-se-lhe aos bracinhos, e ella ataranta-se e chora com o susto de cahir com a cadeira ao chão.

Não lhe havia de acudir? Havia de deixá-la cahir e ferir-se? Nem se pergunta. Só se não fôsse pae.

Pois todos devem ter um coração paternal para com os pequenitos!

Abandoná-los é deixá-los enleados na sua desordem ingenita, desordem exterior e interior, a que elles mal podem de per si arrancar-se. E o resultado é não só o desastre physico e o estrago em casa, na officina, laboratorio ou *atelier,* mas tambem a confusão intellectual, o erro, a superstição.

A mesma Gigi, que tenho sempre de memoria, servirá de exemplo. Tinha-me espalhado varios papeis pelo chão, e eu intimei-a a apanhá-los. Mas eram muitos, ella cançou-se, e pediu-me commutação da pena. «Só mais tres!» Concordei; um dos tres, porém, estava tão collado ao chão, que, por mais que ella fizesse, não podia tirá-lo. Então exclamou para mim, desistindo: «Este não quer vir.»

O desastre esmorece. «Não sou para isto!» É a conclusão que tantas vezes se tira.

Até nos jogos athleticos, que tamanho prazer causam aos rapazes, os que são infelizes ás primeiras tentativas, nem é preciso que trambolhem e se machuquem para descoroçoarem.

Ás vezes a só lembrança do risco por que se passou, da atrapalhação em que se esteve, ou simplesmente do enfado da propria impericia, desalenta, paralysa.

São as proprias creanças que nos veem supplicar auxilio.

A Gigi pede-me fôrça. «Papá, eu sou pequenita, não posso, não posso, ajude-me.» O Domingos pede-me um regulamento. «Papá, que vou fazer agora?»

E, para pôr a pé, de manhã, os meus filhos mais velhos,

preciso dar a mão á sua vontade ainda dormente tambem, para elles poderem levantar-se de todo o peso do seu somno de rapazes. Não basta accordá-los: «A pé, meninos!» Se vou com um livro na mão e fico distrahido a ler, elles voltam-se para o outro lado e continuam a dormir. Tanto o ensino, no minimo acto, ha de revestir o seu caracter de devotada assistencia!

Ainda os adultos, é mister vigiar, guiar sem negligencia. Nenhum chefe de casa ou repartição imagine que os creados ou os empregados são machinismos de relojoaria, que baste dictar-lhes a sua tarefa para elles trabalharem por si. Descurá-los é quasi sempre desmazelar e comprometter os serviços, é dentro em pouco a casa ou a repartição um cahos.

A desordem dos mais, creanças ou adultos importa para nós um sacrificio. Se não nos sujeitarmos ao do ensino, soffreremos outros peores.

A lucta do homem com a natureza é uma necessidade; mas, para elle se sahir victorioso, não o é menos dirigi-lo, como se dirige um soldado noviço na arte da guerra.

O abandono do individuo ás reacções naturaes é mesmo um perigo para a sua moralidade.

Como ha de elle de per si só conter as suas paixões grosseiras? Por idéas e sentimentos que ainda não possue? Sentimentos e idéas não surgem, logo que são precisos; como o vestuario, que a creança não está habilitada para fazer, desde que precisa de se resguardar dos excessos do calor e do frio.

E que mestre a natureza!

Castiga só responsaveis? Assim se pensa muitas vezes. *Ao menino e ao borracho põe-lhe Deus a mão por baixo.* Engano!

O seu castigo fere quasi sempre a ignorancia, que o não merece. Ás leis naturaes não é justo applicar o principio de que a ignorancia da lei não aproveita a ninguem.

Quando a Gigi ia cahindo com a cadeira no chão, se se maguasse, era por culpa sua? Não, que ainda não podia entender mais, e até fez, para a sua edade, um esforço digno de melhor sorte.

A natureza é cega, impessoal, impassivel? D'isso nos devemos queixar.

Para me prestar um serviço urgente que eu lhe acabava de pedir, um amigo meu corre, precipita-se pelas minhas escadas abaixo, e escorrega, cahe e aleija-se; quando, se a pedra tivesse alma, sustinha-o na carreira e amparava-o na quéda.

A natureza castiga egualmente? Proporciona a pena ao delicto? Attende ás circumstancias? Quem o dirá?

Uma pobre mulher ia segar fêno para as suas vaccas numa insua do Mondego, chega-se para uma mota que a agua solapara, falta-lhe o chão, e ella resvala no rio e afoga-se. Onde estava aqui o crime para a pena ultima? Onde sequer o delicto?

Este verão, durante as ferias, em Molêdo, fui chamar medico para uma rapariga que, estando com uma pequerrucha ao collo, sente-a de repente soltar-se-lhe por um brusco movimento, vai a aparál-a no ar, estrebuxa, cahe de chofre sobre o braço com todo o peso do seu robusto corpo, e quebra-o. Se tinha havido descuido seu, estava de certo resgatado pela provação do afflictivo transe. Mas nada lhe valeu. Cahiu, só por amor da creança, ella de si agil como uma corça? Cahiu: estropiou-se.

Ai! Quanto soffrem os que a todo o instante lidam de perto com as agruras da natureza!

O desastre não só esmorece a vontade, esmorece e escraviza. É a submissão do espirito á fatalidade. E, sem liberdade, não ha moralidade.

A moral das reacções naturaes é a sagração do fatalismo, da fôrça e do acaso. Não desapparece o governo, mas o homem decahe no governo da fôrça bruta e da superstição.

As creanças, sem alguem que lhes vá alumiando os caminhos da vida e dirigindo o espirito, crêem em bruxas e papões, batem nas mezas e nas portas e fazem-se acrimoniosas e violentas. E veja-se o que succede aos selvagens. No desamparo em que labutam, mal podem ir mitigando as suas penosas condições. Se algum, por mais zeloso ou afortunado, salvou o seu campo d'um furacão, d'uma tempestade, que devastasse a cultura dos outros, é um feiticeiro: torna-se victima da atroz crendice geral.

Aqui está como, no regimen da educação pelas reacções naturaes, o homem, não achando por si só a lei natural, é

levado contradictoriamente ao acatamento e religião do sobrenatural, que tanto ás vezes parece um appello da sua desvalidez e angustia para a piedade das coisas.

E nem ha contradicção, esse é o corollario logico da divinização da natureza.

A theoria do endurecimento das faculdades no aspero conflicto com a natureza, a admittir-se, provava demais, e refuta-se até pela sua reducção a absurdo. Se não se deve prestar ao homem em meio dos rigores materiaes da vida a assistencia do professor, não se lhe preste nenhuma outra. Elle que procure, faça e alcance tudo por si. Mas nem roupa, nem alimentos? Nada. Não lhe aplanemos as estradas, que lhe atrophiamos os musculos e entorpecemos a vontade. Seria a condemnação de toda a civilização. Seria uma barbaridade e a immolação da creança.

Não, nem tanto! Acudirão.

Conheci um homem em Viseu que, increpado de gastar quanto tinha, sem olhar pela educação dos filhos, redarguiu: «Não faço nada por elles? Dou-lhes estradas, caminhos de ferro, telegraphos, dou-lhes tudo que no meu tempo não havia e para que tenho contribuido do meu bolso.» Dava-lhes tudo, menos a si.

Pois esse é o primeiro dom na educação.

QUARTA LIÇÃO EM 11 DE FEVEREIRO DE 1900

Não basta a lucta natural pela existencia para formar o homem civilizado. As suas consequencias podem mesmo ser ruinosas á felicidade e á moral. Todos precisam de que os inicie em meio das reacções naturaes, tão aleatorias! a acção esclarecida e amoravel do ensino. Ponha, pois, cada qual ao serviço dos outros a sua instrucção e auctoridade, não só para que elles tropecem e caiam o menos possivel e se não molestem, mas ainda para que do choque com as fôrças physicas não saia tambem mal ferida a sua emotividade e a sua razão, e, com ellas, a sua dignidade.

Não! contravem o individualismo, sem se dar por vencido.

Não é isso. Não basta á educação a lucta natural, porque é necessaria ao mesmo tempo a lucta social. O regimen da necessidade de certo que é insufficiente, porque se faz mister tambem o da liberdade, a livre disciplina das energias individuaes no seu vivo e fecundo recontro. Na lucta social a alma humana acabará por si mesma de se temperar virilmente. Nada de intervirem na educação! *Laissez faire, laissez passer*.

Até onde póde chegar o culto fanatico da personalidade! É, em todo o desabrimento da sua intratavel rispidez, pretender, como de nós dizia Voltaire, curar os damnos do terremoto com os supplicios do auto de fé.

Imaginarão tão descaroados individualistas que vivemos num mundo celestial todo perfeições?

Leibnitz, ao sustentar que este mundo era o melhor dos mundos possivel, não negava a existencia do mal; e, desde a sua mocidade, que, para o debellar, elle appelou para o ensino, cuja efficacia poz em relevo, parodiando Archimedes, na celebre asserção: *Dae-me o ensino e eu vos mudarei a face da Europa*.

O optimismo, infelizmente, não resiste á critica. Já não ha Candidos e Pangloss que acreditem e professem tal doutrina. Se até o pobre doutor Pangloss, que achava que os narizes tinham sido feitos para usar lunetas e por isso havia lunetas, os porcos para ser comidos e por isso se comiam, e que procurava consolar-nos do grande terremoto de 1775, explicando-nos que, se elle rebentara em Lisboa, fôra porque tinha de rebentar em alguma parte e não pudera ser noutra, coitado! pagou com a vida o seu optimismo, morrendo enforcado pela Inquisição por se ter atrevido a conciliar a liberdade com o peccado original!

Não é licito attender só ás harmonias em que os conflictos sociaes se vão cada vez mais resolvendo, para nos eximirmos a promover e facilitar a sua resolução. Assistencia não significa perturbação, pelo contrario.

Olhem as moleculas liquidas como tomam por si mesmas o seu nivel geral, sem que seja preciso ninguem intervir, ponderava Bastiat. Ai! nós, povo de navegantes, sabemos de cór pelas tragedias maritimas da nossa historia como ellas ó tomam.

A lucta social não é um jogo festivo de livres iniciativas. Atravez das harmonias da civilização, que é doce escutar como Platão escutava a musica das espheras, quem é que

não ouve distinctamente os soluços e as imprecações das victimas da liberdade humana? A liberdade é a condição de todo o bem, mas não se confunde com elle.

A humanidade avança, mas a victoria do progresso vai deixando a arena embebida de sangue e os corações tarjados de lucto. Não é preciso o talento d'um Proudhon para oppôr á theoria das harmonias a analyse das flagrantes contradicções e miserias sociaes.

A sociedade não é um inferno de vicios, mas tão pouco é um paraizo de virtudes. O optimismo não se justifica mais do que o pessimismo.

Reconhecendo a lastimosa realidade da lucta social, affirmamos com isso a sua necessidade, a sua fatalidade? A lucta pela vida rege tambem a nossa especie? Será verdadeiro o aphorismo de Hobbes, adoptado por Malthus: *Homo homini lupus*? O homem terá necessidade de luctar com o homem, como tem a de comer e exercitar os seus musculos? Terá de educar-se na lucta para a lucta? *A la guerre comme à la guerre?*

O que é necessario ou obrigatorio, é a lei, physica ou moral, e não a desordem. A lucta social é comparavel á fome, ao calafrio. Como estas perturbações, que revelam a necessidade das leis organicas a que todos temos de obedecer para conservar a vida, ella denuncia uma infracção á lei moral. E, assim como a facilidade dos meios de existencia, regulados pela hygiene, até da negra fome faz um grato appetite, assim tambem o progresso da humanidade vai fazendo com que a ferina lucta social se transforme numa fraterna emulação, ou, quando muito, numa passageira desintelligencia, inoffensiva como o amúo que se dá entre pessôas que se querem, depois do qual até parece que as relações affectuosas ainda mais se estreitam.

A sociedade vem do estado de guerra para o de paz. O drama da historia abre, como as tragedias gregas, por um côro, côro lugubre de estertôres e maldições, que só muito lentamente vai enfraquecendo; mas, pouco a pouco, começa a ouvir-se suavemente a carinhosa e animadora voz do amor pela bocca dos principaes actores, Socrates, Christo, os santos e os moralistas, e esta voz nunca mais se some, nem mesmo quando o panno desce sobre cada um d'esses personagens, antes vai crescendo sempre e reboando cada vez mais profundamente por todas as quebradas da aspera carreira da vida humana.

O homem até a natureza pacifica. As aguas correm de rôjo pela montanha, descalçam e arrazam os vinhêdos da encosta, e, arremessando-se impetuosamente sôbre a veiga, inundam as habitações e destroçam os milharaes? Intervem o homem: planta a montanha de arvoredo, e, coando a chuva atravez da sua folhagem, pacifica a devastadora torrente, convertendo a num oryalho fertilizante.

Necessaria a lucta social! Falo a um publico, em grande parte composto de gente moça, que demonstra exuberantemente que não, tão effusiva é a cordialidade que briosamente se agita no seu seio! É verdade que a juventude esboça physica e moralmente um estado futuro que o adulto actual ainda não attinge.

O homem tem de educar-se para a sociabilidade, para a cooperação, para a virtude, não para a lucta.

Mas, se a lucta social não é uma necessidade essencial, permanente, da natureza humana, não será comtudo uma necessidade transitoria, uma condição impreterivel de aperfeiçoamento? Para nos formarmos, não teremos de passar pela sua eschola? Numa palavra, não será educativa? E, portanto, subtrahir-lhe alguem pelo regimen do ensino não será um mal?

Constituirá a lucta social o preparatorio indispensavel para alcançarmos a virtude?

A este respeito, pronunciam-se affirmativamente tres opiniões, duas dos que julgam egualmente necessario deixar o homem fazer o mal, e uma dos que julgam necessario deixá-lo, senão fazer o mal, ao menos transigir com elle.

Ha quem pense que o homem, para ser bom, necessita de cançar o seu instincto de combatividade, de saciar a sua animalidade, ou, pelo menos, de lhe dar uma satisfação.

Il faut que jeunesse se passe, dizem os francêses. E nós: *É preciso ser rapaz.* Comer e beber de mais, fumar, mentir, seduzir... são *rapaziadas.* Quem não pagou ao vicio o seu tributo, o seu contingente na mocidade, vem a pagá-lo fóra de tempo e ainda é peor. Corre até, entre nós, a anecdota d'um pae que recusou a mão de sua filha a um rapaz por elle ser demasiado virginal.

Felizmente que a torpe doutrina não se applica á mulher!

Os que a seguem, procedem como os donos das confeitarias, que deixam os pequenos, quando entram para o seu serviço, comer tanto doce, que o fiquem enjoando para sempre. Esperam que o vicio caia de maduro, de pôdre.

Mas será pela saciedade que o homem perca o gôsto ao vicio? Não. O effeito da saciedade não é a temperança, é o tédio, a irritabilidade, a doença physica e moral; será o cançaço do vicio, mas é com certeza a extincção da alma e da vida.

Deixem, ao menos, que o homem prove do fructo prohibido, que é para tirar d'ahi a idéa e o desejo! clamam obstinadamente.

São as mesmas pessôas que offerecem charutos e bebidas espirituosas aos filhos e os conduzem aos lupanares, no desvairado intuito de que elles assim matem o bicho, como se exprime o nosso povo. Mas o bicho, neste caso, não é a fome e o frio do pobre, é a sensualidade degradante dos ricos.

O vicio provoca a nossa curiosidade? E deixa sempre nos labios de quem o prova, um travo doloroso que o vem a apartar d'elle?

A advertencia da dôr chega muita vez tarde de mais; e nem sempre é escutada, porque fala já então mais forte a voz do mau habito contrahido.

O vicio não se corrige por si mesmo. É preciso preveni-lo, reprimi-lo, sobretudo preveni-lo. Os grandes meios são os moraes. Ninguem come ou bebe de mais, se se recorda sympathicamente dos que têem fome e sêde. Mas, para livrar das tentações do vicio, que é sempre um excesso ou um abuso do prazer, basta mesmo em geral proporcionar a cada um a posse dos gosos legitimos. Todo o prazer é um fructo da vida que tem a sua estação propria, o seu momento em que é licito colhê-lo e saborear-lhe o perfume e o gôsto. Espere-se por esses momentos. Antecipá-los, multiplicá-los só póde fazer-se á custa da propria seiva.

Ha tambem quem entenda necessario entregar o homem á lucta social para que o seu vicio encontre os vicios dos mais e se modere.

Deixem os rapazes *quebrar a cabeça*. Deixá-los fazer a experiencia do mal. Ao tempo, é que o fructo se sazona: deixá-los curar-se das suas verduras. São depois os melhores.

Inspiram-se no mesmo principio os que dizem que todos

precisam de ter sido republicanos em rapazes para darem depois bons monarchicos. A verdura, aqui, é o republicanismo.

Para estes a lucta social é uma especie de purgatorio, de cadinho ardente, por cujo fogo têem de passar as paixões para que a virtude se acendre. O vicio, fazendo erupção, até limpa.

Contam com as violencias da sociedade para a educação pessoal. O homem ha de refrear os seus arrebatamentos, porque lhe pagam o mal com o mal. Do choque dos vicios é que resalta para as almas a scentelha da virtude.

Nesta theoria não se faz o mal, unicamente porque os outros o não deixam fazer. E, quando deixarem? Quando quem se desmande, fôr o mais forte, o mais intelligente? É a exploração de todos os fracos, da mulher, da creança, do povo, de todos os que não possam ou não saibam rebater o mal.

É por isso que tantos homens de talento ou de elevada jerarchia se julgam tudo permittido.

Ha ainda a opinião dos que declaram necessario que o homem se lance na lucta social para alcançar a virtude, não propriamente fazendo o apprendizado do mal, mas apprendendo a tratar, a comprazer com elle.

Para poder exercitar o bem, não ha remedio senão fazer a bocca doce aos maus, captar o seu concurso, domesticá-los. E, associando-nos primeiro com elles, servindo-os, que depois os podemos ter do nosso lado.

Pertencem a este grupo os politicos que, tendo-se sinceramente, talvez, na conta de honestos, não duvidam acercar-se d'uma alcateia de depravados para mais facilmente abrirem caminho e se desempenharem dos seus encargos da governação publica. É indispensavel! dizem. A arte de governar é a arte de saber transigir, e de transigir a tempo. Não se deixe passar a opportunidade!

E ha-os de duas especies: os que são capazes dos maiores rasgos para servir e dispôr a clientella, e os que têem medo aos grandes escandalos, mas vão semeando e multiplicando largamente os pequenos.

A todos successivamente se enroscam e os esmagam e sugam até á ultima gotta de sangue generoso os innumeros tentaculos do insaciavel pôlvo da corrupção.

Se ao menos os que transigem com o mal, o denunciassem, manifestando por elle a sua repulsão, como o grande Pitt, de quem conta Macaulay que, forçado a entrar com um ministro

pouco escrupuloso para um gabinete de salvação nacional, quando a Inglaterra se debatia nas grandes luctas do seculo passado, se lhe apparecesse alguem a solicitar um escandalo, despedia-o, indignado, exclamando: «Isso é lá com o meu collega, não é commigo!»

Não! não é, passando pelo vicio, que se chega á virtude. Não é ludibriando, prostituindo o amor, seja elle qual fôr, o amor, centro da vida de familia e fundamento de toda a solidariedade social, que se apprende a bem-querer, a amar.

Que paradoxo, a virtude do vicio!

A virtude não é como as terras d'aquelles antigos fidalgos arruinados, que, quando faziam um casamento vantajoso com pessôa menos qualificada, se desculpavam cynicamente, chamando a isso «estrumar as suas terras». Ella não floresce na podridão.

BERNARDINO MACHADO.

RELATORIO DA ESCHOLA PAROCHIAL DE BELEM (*)

Anno lectivo de 1891 a 1892

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Começou e terminou o anno lectivo de 1891 a 1892 sem incidente que perturbasse o regular andamento do serviço escholar.

Achavam-se matriculados nesta eschola, no dia 1 de outubro de 1891, 120 alumnos; entraram durante o anno 58; sahiram 56; ficam inscriptos na matricula para o novo anno lectivo 122.

Dos que entraram 34 eram analphabetos, 7 conheciam já as letras vogaes e invogaes, 5 liam por elementos, escreviam o alphabeto e faziam a primeira operação de numeros inteiros e 12 exercitavam-se em leitura corrente, escreviam bastardo e praticavam as tres primeiras operações de numeros inteiros.

Dos que sahiram, 8 liam por syllabas, escreviam bastardo e faziam a primeira operação de inteiros; 15 liam e escreviam correntemente, sabiam as quatro operações de inteiros e desenhavam; 26 liam e escreviam correctamente, praticavam as quatro operações de numeros inteiros e decimaes, desenhavam objectos de uso commum e possuiam conhecimentos de grammatica, historia patria e chorographia; 1 tinha approvação em exame elementar e 6 no de admissão aos lyceus. Todos os alumnos sahidos estavam mais ou menos desenvolvidos em principios de moral e doutrina christã. Passaram de classe 25 alumnos, e fizeram exame de ensino elementar 6 e de admissão aos lyceus 7.

Houve durante o anno 223 dias lectivos, sendo a frequencia média 81 alumnos. Edade dos alumnos: de 6 a 8 annos, 34; de 8 a 10, 70; de 10 a 12, 47; e de mais de 12, 27.

Frequentaram regularmente 101 alumnos e irregularmente 77.

O *modo de ensino* preferido é o *simultaneo;* a *fórma*—a socratica ou a expositiva, conforme a materia de que a lição

---

(*) Apresentado ao Congresso hispano-português-americano de 1892.

trata; e o *processo*—o intuitivo. O methodo—*analytico-synthetico.*

O programma das disciplinas ensinadas na eschola acha-se elaborado pela fórma seguinte:

1.ª classe: leitura, escripta, arithmetica (calculo mental e pratico), systema metrico, grammatica, desenho, moral e doutrina;

2.ª classe: leitura, calligraphia, arithmetica, systema metrico decimal, grammatica, desenho, orthographia, moral e doutrina;

3.ª classe: as mesmas disciplinas que a 2.ª com maior extensão e intensidade, e ainda a historia patria, chorographia e desenho geometrico.

A eschola começa a funccionar ás 9 ¼ horas da manhã e termina ás 2 ½ da tarde, durando os exercicios 4 horas para a 1.ª classe, 4 ¼ para a 2.ª e 4 ½ para a 3.ª, havendo intervallos de 15 minutos, de hora a hora, para descanço dos alumnos, excepto na occasião do lanche em que lhes são concedidos 45 minutos em vez de 15.

Como já acima tive a honra de informar a V. Ex.ª, fizeram exame de ensino elementar 6 alumnos e de admissão aos lyceus outros 7, ficando todos approvados, menos 1 dos comprehendidos no 2.º d'estes dois grupos, que foi adiado.

Cabe-me aqui o mui grato dever de apresentar á elevada consideração de V. Ex.ª o nome de um intelligentissimo examinando, o qual alcançou do jury uma bem merecida distincção, que representa, pelas condições especiaes do candidato em quem ella recahiu, uma immensa gloria para Portugal e Hespanha, como nação alguma da Europa poude até hoje registar nos annaes da sua instrucção popular. Refiro-me ao brilhante exame de ensino elementar feito em Lisboa, no dia 23 de agosto ultimo, na eschola central n.º 13,ª pelo sr. Joaquim Carlos da Silva Lobo de Miranda, de 34 annos de edade, cego de nascença.

Dizer aqui a fórma correcta por que este illustradissimo examinando respondeu a todas as interrogações do jury, junto do qual se achavam dois delegados do governo, varios representantes da imprensa, muitos professores da capital e um grande numero de cavalheiros e senhoras, é, sem duvida alguma, desnecessario. Os jornaes de Lisboa, como o *Seculo,* o *Correio da Noite* e outros, descreveram largamente a maneira distincta e admiravel como o intelligente examinando satisfez á parte escripta e oral do seu exame.

Basta que digamos sómente que o digno presidente do jury,

concluido que foi o exame do sr. Lobo de Miranda, dirigiu a este cavalheiro palavras de merecido louvor pela correcção com que, nas tristes condições physicas do seu viver, tinha satisfeito ás provas exigidas, maravilhando a todos com a execução dos seus trabalhos praticos e com a promptidão e acerto das suas respostas. Estas palavras foram cobertas por uma salva de palmas de todos os cavalheiros e damas presentes, como demonstração do alto apreço em que tinham o merecimento do sr. Lobo de Miranda. Este, sensivelmente commovido, agradeceu ao illustre presidente do jury as palavras de louvor que s. ex.ª acabava de lhe endereçar, a todos os membros do mesmo jury a benevolencia com que durante o acto do seu exame se dignaram de o tratar, e á assembléa as provas de sympathia e affecto que ella acabava de lhe testimunhar.

Em seguida, o meritissimo presidente do jury poz em relevo as vantagens e excellencia do methodo de leitura e escripta para cegos inventado pelo habil especialista em doenças de olhos, dr. Mascaró, de nacionalidade hespanhola, mas residente, ha perto de 20 annos, em Portugal, onde este honrado cavalheiro tem prestado relevantissimos serviços, que lhe grangearam a mais alta estima e consideração entre todas as classes da sociedade.

Terminadas estas justas reflexões, rompeu de novo outra salva de palmas em honra do dr. Mascaró, d'este conspicuo e prestante homem de sciencia que, inspirando-se nos mais verdadeiros sentimentos de humanidade para com os infelizes privados da vista, poude descobrir, ao fim de um aturado estudo e perseverante dedicação, um methodo de leitura e escripta, relativamente facil, que põe em communicação de pensamentos não só os cegos entre si, mas tambem estes com os videntes.

Apresenta este methodo vantagens como nenhum outro dos conhecidos até hoje poude ainda conseguir. Consistem as vantagens (e nisso está o seu grande merito) em poder a escripta que o cego faz, ser de prompto lida por qualquer vidente, sem necessidade de haver previamente estudado o methodo, o que não succede com os outros systemas, cujo estudo antecipado se torna indispensavel para que possamos ler o que um cego nos escreveu.

Já que me tenho alongado, talvez em demasia, ácerca d'este exame sem egual, seja-me permittido dizer tambem duas palavras a respeito do nosso querido examinando.

O sr. Joaquim Carlos da Silva Lobo de Miranda pertence

a uma respeitavel familia, cujos membros têem, na sua maioria, seguido a carreira militar.

Nasceu, já privado da vista, em Villa-Viçosa, no dia 27 de outubro de 1857. E' filho do fallecido major reformado, Duarte Carlos de Miranda e D. Epiphania Ricarda da Silva Lobo de Miranda, sobrinho do general de brigada, D. Polycarpo Lobo, do major governador da praça de Cascaes, D. Miguel Lobo, neto do fallecido general, D. Francisco Lobo, e irmão do capitão de cavallaria 3, Francisco Lobo de Miranda.

Tendo vindo para Lisboa em 1860 em companhia de seus paes, aqui começou, auditivamente, a sua educação litteraria, que foi confiada aos cuidados de abalizados professores d'esta capital.

Estudou com distincção notavel o português, o francês, humanidades, o latim e rudimentos de physica, merecendo sempre de seus mestres os maiores testimunhos de louvor pela sua constante dedicação ao estudo, em que fazia admiraveis progressos.

Terminando aos 22 annos de edade a sua desvellada educação, o sr. Lobo de Miranda, cujo espirito investigador lhe não permittia conservar-se em ocio, continuou a aperfeiçoar-se nas disciplinas que havia já estudado, adquirindo, com o correr do tempo, novos conhecimentos com que veiu enriquecer mais a sua erudição.

Ultimamente, tendo o sr. Lobo de Miranda resolvido dedicar-se á carreira do magisterio, para o que tem muita competencia e decidida vocação, dispoz-se a entrar numa eschola publica, onde pudesse iniciar-se em certos exercicios praticos, indispensaveis para o primeiro exame que se propunha fazer. Teve a eschola parochial de Belem, regida pelo signatario d'este modesto relatorio, a honra de receber, em 10 de junho do anno proximo passado, tão intelligente quanto illustrado alumno.

Dotado de muitos conhecimentos e saber, como facilmente se deprehende do que acima deixamos escripto, não possuia, comtudo, o sr. Lobo de Miranda, ao entrar para a nossa eschola, noções algumas sôbre arithmetica. Apenas escrevia e lia os algarismos de 1 a 9. Mas foi tão extraordinario o progresso alcançado nesta como em todas as disciplinas em que o sr. Lobo de Miranda se matriculou, que, ao fim de 8 mezes de frequencia, resolvia já, sem auxilio de ninguem, problemas arithmeticos mais difficultosos do que os exigidos nos exames de admissão aos lyceus.

O sr. Lobo de Miranda prosegue nos seus estudos, a fim

de se habilitar para fazer, na proxima epocha, exame de admissão aos lyceus e á eschola normal que deseja frequentar.

O jury especial que presidiu ao exame do sr. Lobo de Miranda, era composto pelos distinctos e bem conceituados professores Antonio Servulo da Matta, antigo vogal da secção electiva do Conselho Superior de Instrucção Publica, actual regente da Eschola Real das Necessidades e presidente da Associação dos Professores Primarios de Lisboa, Arthur Marinho da Silva, professor das Escholas centraes e director dos estudos do Asylo d'Ajuda, e José Antonio de Deus Alves Mendes, professor da Eschola de Pedrouços.

Estes tres examinadores são credores dos mais subidos elogios pela fórma nobre e digna como se desempenharam da sua ardua e difficilima missão.

Eis o que, Ex.mo Sr., neste meu deficientissimo relatorio, tenho a honra de expôr a V. Ex.a—Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Bernardino Machado.—Eschola parochial de Santa Maria de Belem, 30 de setembro de 1892.—O professor, *Eloy José de Carvalho.*

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

NOTAS HISTORICAS DA CADEIRA DE DESENHO DA ESCHOLA POLYTECHNICA E RAPIDAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DO DESENHO EM GERAL

Setembro de 1892

(Cont. do n.º 2, pag. 100)

O regulamento que fôra impresso em 1854 estabelecia proximamente os mesmos principios para a cadeira de desenho que se adoptaram durante a regencia de Muriel, a não ser no que dizia respeito aos alumnos que se destinassem para marinha, que passaram a ser obrigados só ao primeiro e segundo annos do curso de desenho.

Em 1856, tendo sido o professor Pezarat convidado pelo director interino Albino de Figueiredo e Almeida, lente jubilado, com exercicio na 3.ª cadeira, a enviar-lhe um novo programma da sua cadeira, visto ter elle mostrado a impossibilidade de seguir o que estava adoptado, fez notar, em officio de 29 de julho d'esse anno, ser-lhe tambem impossivel formular programma algum de estudos progressivos para cada anno lectivo, em consequencia da cadeira estar a cargo de um só professor, incumbido de dar lições ordinariamente a mais de 200 alumnos com aptidões e applicações tão variadas, que se dava o caso de se encontrarem alguns no primeiro anno melhores desenhadores do que os do quarto, especialmente quando tinham sido alumnos do real collegio militar. Apontando todas as difficuldades que se levantam na realização do ensino individual de cursos tão numerosos, mostrou a conveniencia de, além do professor proprietario, haver mais dois ou tres substitutos, pois que só assim se podia organizar um programma regular e exequivel.

Em vista das considerações que apresentara, propoz a re-

forma da cadeira, por julgar a occasião favoravel para este fim, não tendo a menor duvida em sujeitar-se ás provas de um concurso para preencher as condições da lei, apesar de já ter quatro annos de tirocinio na eschola; mas, desejando que o programma para o provimento dos logares de professor proprietario e de substitutos fôsse mais elevado, não versando só sôbre desenho, mas tambem sôbre todas as applicações de engenharia civil, militar, minas, geodesia, architectura e construcções de machinas.

É certo que naquella epocha já havia muitos individuos que estivessem no caso de se apresentarem como candidatos, segundo aquelle programma proposto pelo professor Pezarat; mas parece-nos que, como dissemos anteriormente, só por excepção concorreriam candidatos que se sujeitassem a não ter, pelo menos, os mesmos ordenados, bem como as mesmas vantagens e garantias, dos lentes da 10.ª cadeira.

Tendo conservado a cadeira a mesma organização, foi aberto concurso em 1857 para o provimento definitivo de professor proprietario e de ajudante, apresentando-se como candidatos o professor Pezarat e Luiz Augusto Parada Leitão.

Como o director interino Julio Maximo de Oliveira Pimentel, lente da 6.ª cadeira, já depois de aberto concurso, não achasse convenientemente regulado o curso de desenho, nem resolvido qual a especie de desenho em que se devia insistir mais, não julgou prudente, e até lhe pareceu irregular, proceder-se logo ao provimento da cadeira; em vista do que, mostrou ao governo a absoluta e urgente necessidade de organizar o curso de desenho em harmonia com as habilitações exigidas aos alumnos que se destinavam para os diversos ramos de serviço publico.

Então o Ministerio da guerra, conformando-se com a opinião do director interino Pimentel, determinou por portaria de 13 de abril de 1857 (tendo os candidatos já satisfeito ás provas):

1.º que fôsse suspensa a votação;

2.º que se organizasse o curso de desenho em attenção aos cursos preparatorios que estavam a cargo da eschola;

3.º que se propozesse o quadro do pessoal instructivo, e as habilitações que deviam ter os respectivos professores;

4.º finalmente, que emquanto não se tomasse uma resolução definitiva sôbre todas estas questões, se conservasse provisoriamente o professor interino.

Em virtude da portaria de 23 de dezembro d'esse anno, ficou novamente o professor Pezarat considerado como commissionado, na qualidade de professor proprietario.

Parada Leitão tambem, em virtude da portaria de 24 do mesmo mez e anno, foi nomeado, como commissionado, ajudante do professor de desenho; sendo, porém, exonerado, a seu pedido, em outubro de 1858, por allegar não poder reger a cadeira por motivo de doença.

Em abril de 1857, o dr. Guilherme Dias Pegado, lente da 5.ª cadeira, na qualidade de deputado, desejando interpellar o ministro da guerra sôbre as habilitações litterarias e scientificas dos professores de desenho dos estabelecimentos scientificos, em consequencia de uma proposta do sr. deputado Joaquim Gonçalves Mamede para ser elevado a 800$000 réis o ordenado do professor de desenho da Universidade e a 500$000 réis o do seu substituto (proposta que não chegou a ser approvada), pediu á Eschola para lhe dar as devidas informações neste sentido com respeito ao professor Pezarat, que era então o unico professor que havia na cadeira.

Em vista da informação dada pela Eschola, este illustre professor estava nas condições exigidas para ser equiparado aos professores de desenho da Universidade, e, portanto, para ser provido por concurso de provas publicas, como lente proprietario da cadeira de desenho da Eschola, se o projecto tivesse sido approvado.

Neste mesmo anno, por portaria de 12 de novembro, foi approvada a alteração do programma da cadeira, que passou a ser o seguinte:

1.º ANNO. — *Desenho geometrico. Esboços de paisagem, de figura humana, animaes e vegetaes. Marinhas.*

2.º ANNO. — *Traçados elementares de geometria descriptiva. Perspectiva e sombras. Desenhos topographicos. Paisagem a aguarella e sepias. Cópia de modelos de gesso.*

3.º ANNO. — *Desenho de architectura. Continuação dos traçados de geometria descriptiva, engrenagens, orgãos mechanicos e machinas.*

4.º ANNO. — *Construcções geodesicas. Chorographia. Stereometria. Levantamentos de plantas de terrenos, de edificios e de machinas. Traçados de geometria descriptiva e suas applicações superiores.*

Esta alteração do programma, bem como do regulamento da Eschola e do desenho em especial, foi baseada sôbre as consultas que o governo exigira das escholas superiores de applicação, para assim os cursos preparatorios d'estas escholas poderem ser convenientemente dirigidos.

Em virtude do decreto de 2 de dezembro d'este mesmo anno, que tambem alterou os decretos da creação da Eschola polytechnica e da Eschola do exercito, passaram as notas de lições, repetições, etc., dadas aos alumnos, a ser expressas em numeros de 1 a 20, com as seguintes designações:

De 1 a 4 para classificação de máu.
De 5 a 9 para classificação de mediocre.
De 10 a 14 para classificação de sufficiente.
De 15 a 19 para classificação de bom.
De 20 para classificação de muito bom.

O tempo de cada lição semanal em todas as aulas era de hora e meia, com excepção da aula de desenho, onde esse tempo seria regulado pelo conselho. Ordinariamente variava entre hora e meia a duas horas.

O exame final da cadeira de desenho continuou a ser feito como anteriormente, assim como os exames ou revisões trimestraes. Além d'estas revisões, passou a haver tambem revisões mensaes, que deviam ser feitas pelo professor de desenho, auxiliado pelo seu ajudante.

Tendo sido creado o semi-internato, os alumnos dos diversos cursos podiam ser admittidos a trabalhar na aula de desenho, nos intervallos das aulas que frequentavam, e em todo o tempo que lhes ficasse livre dos outros exercicios escholares, desde as nove horas da manhã até ás quatro da tarde, de modo analogo ao que se praticava com respeito ás salas de estudo e laboratorios.

Póde-se dizer que a aula de desenho era propriamente uma sala de estudo.

Só podiam ser obrigados a recolher á aula de desenho ou ás salas de estudo os alumnos militares.

A distribuição do estudo do desenho pelos diversos cursos preparatorios não foi alterada.

Em março de 1859 foram supprimidas as salas de estudo, e, portanto, deixaram de ser obrigados os alumnos militares a recolher-se á aula de desenho nos intervallos dos outros exercicios ou das aulas.

Foi o illustre lente da 6.ª cadeira, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, que em 1857, como director interino, alcançara do visconde de Sá, então ministro da guerra, a auctorização para o estabelecimento do meio-internato, abrindo as salas de estudo aos alumnos militares.

(Continúa.) AUGUSTO SCHIAPPA MONTEIRO.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

RUINES

De Guerra Junqueiro

I

Frêles illusions, charmantes fleurs écloses
Sur cet autel sacré, sur le sein maternel,
Qu'il est triste de voir vos pétales moroses
Si tendres autrefois, s'épandre aux vents du ciel!

Quand donc viendra la fin de ton tourment cruel,
Pauvre âme humaine, toi qui jamais ne reposes
Et qui t'en vas flottant dans l'abîme éternel?
Nul ne sait, nul ne peut sonder le fond des choses.

Science! O mon amante, ô songe noble et fier,
Ton farouche baiser est plus froid que le fer
Et jamais la pitié n'émut ta lèvre blême:

Eh bien! puisqu'il le faut, ô Colosse irrité,
Que les vieux paradis, que la Foi, que Dieu-même
Croulent au nom du Droit et de la Vérité!

II

La Croyance en mon cœur est morte, blancheur frêle,
Pâle et candide vierge aux longues tresses d'or:
Dans la tombe où l'on met les enfants, elle dort!
Que ne puis-je dormir et reposer comme elle?

Amour, illusion, grâce immatérielle,
Cathédrales d'argent de mon passé bien mort,
Tout est tombé, tout a croulé sous l'âpre effort,
Dans les sanglants combats de la Raison cruelle.

Ainsi qu'un chevalier jusqu'alors invaincu,
Je suis demeuré seul, sans heaume et sans écu,
Ayant perdu la foi, ressource de vaillance.

La Providence seule est encore debout:
Tout le reste est détruit, ó rigide Science!
Mais puisque Dieu subsiste, oh! j'ai conservé tout!

Traduit par PHILÉAS LEBESGUE.

MEMORIAS DE CASTILHO

LIVRO VII

1853-1854

(Cont. do n.º 2, pag. 114)

VII

Parte Castilho para Leiria.—A viagem; a chegada; pormenores dados por uma testemunha presencial.—Menciona-se o Governador Civil Antonio Vaz da Fonseca e Mello, e o Secretario Geral D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo.

Passarei a historiar o segundo Curso Normal pelo Methodo Portuguez.

Era indispensavel não esmorecer; tornava-se urgente pôr outra vez o ferro na bigorna. O Ministro do Reino, o talentoso Rodrigo da Fonseca, expediu as suas ordens para os preparos burocraticos d'esta nova campanha, e Castilho, prompto sempre e sempre activo, levantou-se á primeira voz.

Foi escolhido o Districto de Leiria, nem eu sei bem porquê; provavelmente por causa das boas aragens de civilisação que de lá sopravam.

Com effeito, desde a chegada de um moço Secretario Geral do Governo Civil chamado D. Antonio da Costa, isto é, desde Setembro de 1851, raiara para aquellas boas terras uma era nova. Depois, a fundação de uma sociedade de instrucção publica tinha sido em Leiria um rebate de clarim, e toda a gente ali confraternisava na ideia do bem. Era propicio o momento: aproveitou-se.

*

Em 16 de Março de 1854, pelas 8 horas da manhã, com um tempo lindissimo, largava da ponte do Terreiro do Paço o vapor de Villa-Nova, chaveco immortalisado pelo celebre

auctor das *Viagens na minha terra*. Levava a bordo, entre muitos outros passageiros, Antonio Feliciano de Castilho e um filho.

Para um rapaz que estava a tocar nos seus quatorze annos, aquella jornada assumia proporções de viagem longa; o mais leve accessorio era digno de reparo; tudo o interessava, tudo o impressionava: a sineta da abalada, as primeiras voltas das rodas, o espectaculo, que elle nunca vira, da velha Alfama historica a deslisar, como o *Mississipi* de S. Carlos, as amenidades do Beato, do Poço do Bispo, e dos Olivaes, a ria de Sacavem, as insuas ou mouchões, com o seu aspecto originalissimo, todo esse scenario archaico e primitivo, ia sendo descripto pelo mancebo, descripto em côres vivas ao pae, que tanto gosava em assistir áquellas *primicias!*

Ao tocar o vapor em Villa-Nova, tomaram-se quatro cavallos; dois para os dois viajantes, o terceiro para as mallas, o quarto para o arrieiro que acompanhava. Começou a jornada por entre as charnecas, olivaes, e pinhaes do caminho de Alcoentre. Não se encontrava viva alma; e a chamada *estrada* era um trilho mal gradado, obstruido de pedras, tortuoso, e soalheiro. Então.... começou o embevecido mancebo a perceber que tudo quanto se vociferava contra as estradas portuguezas tinha farta razão de ser. Este passeio a cavallo foi para elle uma iniciação nas furias opposicionistas do jornalismo. Que progressos desde 1854 até hoje!

Chegaram ao Moinho do Cuvo; eram 2 horas da tarde. Sirvo-me de um pobre diario, que, por instigação e ordem do pae, escreveu o filho, como exercicio, e cujos fragmentos existem. Passaram á Ameixoeira, ruinas de uma antiga egreja, e couto afamado de salteadores em tempo das nossas desgraças politicas.

A' tarde entraram em Alcoentre; e em quanto na hospedaria se apromptava o jantar, foi o poeta com o filho procurar o Commandante da força ali destacada, e apresentou-lhe uma determinação do Marechal Saldanha, então Commandante em chefe do Exercito, a fim de se haver de dar ali a Castilho uma pequena escolta para o resto da viagem; lembrança carinhosa e espontanea do Marechal, motivada pela pouca segurança que então apresentavam aquelles sitios.

Com effeito, á ordem do amavel Commandante de Alcoentre, dois soldados a cavallo fizeram guarda de honra ao poeta, que, terminado o jantar, retomou o caminho.

Pouco depois, assistiram todos ao esplendido espectaculo do pôr do sol. Uma charneca immensa ondulada até ao hori-

zonte! o sol muito vermelho atufando-se atraz da linha sinuosa, entre um cortinado de nuvens de todos os coloridos da palheta!

Anoitecia quando passavam á Ceiceira, onde soldados e arrieiros molharam a palavra. Pouco depois penetravam no espesso pinhal de Rio-Maior, onde o escuro foi completo até nascer a lua.

Pernoitaram em Rio-Maior.

*

N'essa mesma tarde, ainda com muito dia, succedeu ao poeta um caso, que lhe ficou sendo mysteriosissimo.

Subia a cavalgada uma ladeira; poucos passos adiante, ia, laboriosamente encostado a um grande varapau, um homem alto, com o triste e avelhentado aspecto de um *Jean-Valjean* civilisado. Trajava sobrecasaca muito comprida, ruça, ou de panno côr de tabaco, e chapéo alto. Tinha ar cançado e infeliz. Mas não era sujeito ordinario; parecia um homem de certa cultura, empobrecido. Caminhava como quem quer alcançar poisada antes da noite, com certa pressa, afadigado.

Ao ouvir o pae e o filho conversarem em francez, lingua habitual entre elles, voltou a cabeça, observou, e escutou. Depois disse:

—*Bonsoir, Monsieur.*

Bonsoir—respondeu Castilho, sem saber a quem respondia.

—*Vous ne me connaissez certainement pas*—volveu o homem, em francez, cuja pronuncia, aliás boa, revelava comtudo um portuguez da gemma;—*je vous connais, vous; j'ai lû tous vos ouvrages.*

—*Merci*—tornou o poeta.

—*Au contraire. C'est moi qui vous en dois des remercîments. Cependant, il y a entre tous vos vers une pièce qui me déplait souverainement.*

—*Laquelle, s il vous plait?*

—*Eh! qu'est ce que celà peut vous faire?*

—*C'est fort utile pour un artiste d'entendre une remarque intelligente.*

—*Allons bon! puisque vous y tenez, je m'en vais vous le dire. Vous voyez, Monsieur, j'ai bien mon franc parler.*

—*J'aime la franchise, moi. Je vous écoute.*

—*Eh bien, la pièce de poésie qui m'agace les nerfs c'est votre dédicace du drame «Camoens« à l'Empereur du Brésil.*

—*Tiens! et pourquoi?*

—*Dame! vous avez fort mal choisi votre sujet. L'Empereur ne mérite pas vos éloges. C'est une médiocrité tout au plus.*

—*Monsieur*—volveu o poeta—*je ne connais pas personnellement l'Empereur; pourtant je tiens de fort bonne part tout ce que j'en pense, et tout ce que j'en ai dit.*

—*Moi je le déteste*—atalhava o homem desconhecido, continuando em termos asperos a sua diatribe, em que bem revelava um pessoal inimigo do Imperador; e concluiu: *Oui, je le déteste.*

—*Moi je l'admire*—respondeu Castilho.

—*Affaire d'opinion.*

—*C'est possible; mais, Monsieur, brisons-là, je vous en prie. Bonsoir.*

—*Bonsoir.*

E largando a redea aos cavallos, que iam sopeados durante a ladeira, seguiu a cavalgada, ao passo que o incognito e atrabiliario transeunte ia ficando á pôppa, esvahido nas penumbras do entardecer.

Quem era? quem podia ser aquelle descontente? Seria uma nobre victima das vicissitudes politicas? Seria apenas um invejoso opposicionista por officio? Era um Brazileiro? Era um Portuguez? Para onde ia? O que o levava a exhalar assim a sua bilis rancorosa pelo ermo das estradas? Que fim o incitava ao escolher Castilho para seu confidente? Tudo mysterios, que nunca penetrámos, e ninguem penetrará jámais.

*

A proposito d'esse enigmatico sujeito, peço licença para uma breve digressão.

Nas phrases ardentemente elogiosas e enthusiasticas de Castilho a Sua Majestade O Imperador, poderá (quem sabe?) a malignidade dos posteros entrever, pela má interpretação que tanta vez transvia os criticos, servilismo de dependencia. Mas, por Deus! façamos melhor juizo do encomiasta e do encomiado. Esses raptos de louvores poeticos são vulgares nas relações litterarias dos escriptores com os maximos da terra; ora em Castilho, de mais a mais, era tendencia innocente da sua indole magnanima isso de realçar os meritos alheios.

E diga-se toda a verdade:

Um Principe como o senhor D. Pedro II, gazalhador de engenhos, amante e cultor das boas lettras, affavel até á intimidade; um Soberano poderoso que lê os poetas, e, sem

*

deixar de ser quem é, lhes envia livros, os manda visitar pelos seus Ministros diplomaticos, lhes escreve do seu punho, os honra nas suas poisadas, os consulta como discipulo, é muito mais que um Imperador usual; é um ente á parte; dá na vista; é por força uma figura de notavel grandeza. N'um Principe d'aquella estatura moral assentam bem os mais elogiosos assombros; a Musa (deixem-me dizer assim) *compõe-se* na presença de taes Monarchas.

Ninguem poderia dizer que a dependencia dictasse as hyperbolicas expressões de Castilho; dictava-as a sua justiça intima, ou o que elle reputava tal. Castilho em nada dependeu nunca de Sua Majestade; o Imperador recebeu a dedicatoria do *Camões,* e fez a Castilho Official da Ordem da Rosa; nada mais; fel-o Gran-Cruz, e Castilho declinou essa honra.

Estão no caso d'estes os constantes elogios de Horacio e Virgilio ao Imperador Augusto: não podem, nem devem, ser-lhes assacados á má parte. Bem o demonstra o sabio H. Patin n'um seu estudo parallelo, que li ainda hontem, dos dois grandes poetas romanos. Já que estou com as mãos na massa, eis as proprias expressões do erudito critico francez:

«Eram cortesãos de novo genero aquelles dois homens. Singelos de alma e de modos, sem cubiçar nem enredar, sabiam furtar-se aos contras da riqueza, dos empregos, da influencia, a toda a casta, emfim, de escravidões; só queriam bem á mediania, comtanto que podessem disfructal-a a seu talante, n'algum esconderijo campestre e estudioso. Cidades e paços não os tentavam; tambem, ninguem lá os detinha; deixavam-n'os entregar-se ao gosto de viverem comsigo, e para si.

«Esse espirito retrahido e independente dava-lhes as maiores entradas com Mecenas, porque Mecenas, gerindo o Estado pelo seu alvedrio, libertava-se das seccas officiaes do poder; vivia entre os negocios como simples particular, e conseguia ter em Roma um retiro solitario.

«A Augusto tambem os dois agradavam, porque esse descançava com prazer do abhorrimento das magnificencias imperiaes na singeleza do viver caseiro; e um ao outro agradavam reciprocamente Virgilio e Horacio, agradando ao Ministro, e ao Imperador, que a sorte lhes dera por patronos, e de quem elles fizeram dois amigos.»

Depois de citar e extractar varias cartas de Augusto a Virgilio, em que o requesta e chega a pedir-lhe que o cite nas suas obras, que se lhe dirija e o considere amigo, accrescenta Patin:

«Cartas de veras encantadoras! parece houve troca de papeis, mutação de categorias; é o Imperador quem corteja o poeta. Tratados d'esse modo pelo seu Soberano (e que soberano! o homem perante quem se inclinava o universo!), pergunto: não são Horacio e Virgilio bem menos culpados do que ás vezes se diz, por não regatearem a Augusto louvores aliás merecidos? louvores uteis, e politicamente motivados? por lhe terem prestado em verso um culto, justificado de sobra pelos usos do tempo, e pelas geraes apotheoses publicas e officiaes?...

. . . . . .

«Injustiça grave é pois isso de assim rebaixar tão grandes almas, tão nobres corações, ao nivel banal dos aduladores. Nas proprias hyperboles que ao louvor impõem certas conveniencias, que a posteridade nem sempre póde julgar com imparcialidade, saibamos distinguir, sempre que ahi as encontremos, a expressão sincera do reconhecimento, da dedicação, da amisade, emfim.»

E eu concluirei dizendo: nós outros appliquemos a Castilho, peninsular dos quatro costados, enthusiasta e sonhador, essa indulgencia justiceira, que o eminente Patin invocava para Virgilio e para Horacio; raivasse muito embora o desconhecido rabujento da estrada de Alcoentre quando lesse em formoso alexandrino este encarecimento cortesão:

Quem mede em ti o sabio, esquece o Imperador.

*

Póde-se ter muita dignidade, muita altivez natural, e ser convicto respeitador das grandezas sociaes.

Peço licença para a seguinte consideração:

E' sempre util a um artista conversar na intimidade com um Grande intellectual, morto ou vivo. Assim, pois, são de incalculavel utilidade, muito pratica, os volumes de Eckermann *Conversações de Gœthe*. O narrador nada poz ali de sua casa; limita-se a ser modestamente um canal, que vem abastecer de aguas salutares a maioria dos espiritos. Ahi tenho encontrado reflexões uteis, d'aquellas que fazem pensar, e nos abrem pela meditação mundos sem fim.

Li, por exemplo, esta maxima memoravel:

A liberdade não consiste em recusar reconhecer o que se acha acima de nós, mas sim em respeital-o; porque o respeito levanta-nos á altura do objecto ou do ente que respeitâmos; pela nossa

homenagem demonstrâmos que tambem em nós reside a dignidade, e que somos capazes de hombrear com as grandezas (1).

*

Na madrugada do dia 17, davam as 4 horas na torre de Nossa Senhora da Conceição de Rio-Maior, quando a cavalgada se poz em marcha, com um lindo luar, e muita nevoa. Silencio completo, absoluto, na villa e no campo. No alto da Serra a nevoa repassava tudo, e interceptava toda a vista. A's 9 horas apeavam-se na aldeia dos Molianos, a quatro leguas de Rio-Maior.

Depois do almoço, e proximo a continuar a caminhada, planeou Castilho torcer pela Batalha para mostrar ao filho aquella maravilha monumental.

Aqui são já muito claras as minhas impressões; e até me lembro de um dito galhofeiro do poeta n'essa occasião. Foi isto:

Chegados á estalagem, perguntámos:

—Ha que jantar?

—Não senhor (E' sempre a resposta; o vendeiro portuguez julga de sua obrigação começar por afugentar os freguezes).

—Mas emfim, que ha ahi que se coma n'uma pressa?

—Não ha nada, senhor.

—Nada? pois você não tem pão?

—Sim senhor.

—Não tem vinho?

—Sim senhor.

—Não tem manteiga? bacalhau? ovos? café?

—Temos sim senhor.

—Então estamos contentes. Mande fazer bacalhau com ovos, café com leite, arroz de manteiga, traga vinho, e estamos jantados. Ouviu?

—Prompto, meu amo.

D'ahi a meia hora sentavamo-nos á meza, e jantavamos opiparamente, apesar da seccura do bacalhau.

Castilho chamando o creado para lhe pagar, dizia-lhe então com uma fleugma muito comica:

---

(1) Eckermann, *Conversations de Gœthe*, traducção franceza de Délerot, t. 1, pag. 284.

—Estava tudo muito bom; mas você não percebeu bem o que eu lhe tinha dito.

—?

—Eu tinha-lhe recommendado bacalhau com ovos; e você deu-nos *bacalhaus* com *ovo*.

*

Iamos a penetrar na egreja do monumental convento de D. João I, quando sentimos umas vozes amigas:

—O' Mestre! ó Mestre! ó Julinho!

Eram D. Antonio da Costa, Rodrigues Cordeiro, e Raymundo de Bulhão Pato. Cahimos nos braços uns dos outros.

Ali! aquelles tres?!

Explica-se bem. D. Antonio da Costa, Secretario Geral de Leiria, sabendo que o poeta se approximava, sahiu ao seu encontro. Cordeiro, aquella alma expansiva, quiz aggregar-se-lhe, e montou no seu bellissimo cavallo negro; o terceiro ginete coube a Bulhão Pato, então rapaz de vinte e quatro annos, encantador de pujança e graça, e por então hospede de Cordeiro na sua casa das Córtes; e galoparam todos tres ao nosso encontro. Eis ahi tudo como foi.

Aquella legua e meia da Batalha a Leiria, com uma tarde lindissima, e com o espirito embevecido ainda nas maravilhas do magnifico cenobio, foi uma delicia. Iamos a passo, e eu escutava a chistosa conversação dos quatro, e as recitações com que os enthusiasmos de Bulhão Pato e Cordeiro, D. Antonio e Castilho, encurtavam e amenisavam aquelle final da viagem.

Apeámo nos na casa que habitava D. Antonio da Costa, á entrada da povoação, sobre a estrada de Lisboa. O nosso Bulhão Pato, que tinha ido a Leiria espairecer, em visita a Rodrigues Cordeiro, sumiu-se na madrugada seguinte a caminho da capital.

*

Leiria é uma bonita cidade, pequena, de feição antiquada, estendida na falda de um oiteiro coroado do Castello. Corre entre a povoação e o campo uma deliciosa ribeira, chamada o Liz, que vai murmurando á sombra de salgueiraes e choupaes, a perder de vista.

Tinha então a cidade de Leiria (apesar de cabeça de Dis-

tricto) uma feição pronunciadamente aldeã, de que hei de lembrar-me sempre; e a maior parte do tempo levei-a a passear nos arredores, ou a desenhar (como sabia) o que avistava, ou a devanear longas horas n'algum cabeço d'onde se podia mirar o Castello, ou a redigir em caderno as minhas impressões.

.....

*

Logo que chegámos, n'essa mesma noite, veio o Governador Civil, o sympathico Antonio Vaz da Fonseca e Mello. Não sei se já conhecia a Castilho; o que sei é que lhe fez com muita cordealidade as honras da terra, e o gazalhou o melhor que podia ser.

Era um homem alto, grosso, gordo, typo fino e muito portuguez, maneiras francas, falando alto, rindo alegremente, e respirando bonhomia. Tinha um rosto cheio, olhar vivo, cabello grizalho, e suissa curta que lhe atravessava por baixo do queixo. Todos gostavam d'elle; e ouvi sempre, que fazia bom governo; era um pratico da carreira administrativa. Como pessoa affectuosa que sempre foi, tributava grande amisade a irracionaes, e possuia um cãosinho muito valido chamado Tareco. O Tareco tinha historia; ella aqui vai.

No tempo das nossas luctas politicas de 1846, estava Antonio Vaz, Governador Civil não sei onde, e quizeram matal-o os adversarios. N'uma tarde de revolução, achava-se elle no seu gabinete trabalhando só, quando uns sicarios armados lhe penetraram em casa, e sabendo-o isolado, iam a approximar-se-lhe, pé ante pé, a fim de o apunhalarem. Não pareça isto hoje fabula de romancista. Aquelle periodo politico de 1846 teve scenas d'estas, que são pura edade média. Nas guerrilhas, nas camaras, nas secretarias, no jornalismo, nas familias, os odios e paixões partidarias tomavam desusadas fórmas, que hoje nos espantam. Mas vamos ao caso.

Tareco dormia aos pés do dono. Farejou gente estranha, deu signal, o Governador Civil levantou-se, pegou n'uma pistola, correu sobre os malfeitores, que poderam fugir, mas não lograram levar a effeito o seu proposito infame. Tareco tinha salvo a pessoa do dono.

Quanta vez ouvi este excellente homem, afagando o velho bicho (tão feio como bom), memorar aquelle caso!

Fonseca e Mello era muito dado e franco, mas ao mesmo

tempo muito cumpridor de formulas. Tinha vindo visitar Castilho como particular; precisava, como funccionario, comprimental-o em nome da terra.

No dia seguinte, pela manhã, depois do nosso almoço com D. Antonio da Costa, entra o Governador Civil, de casaca e commenda, presidindo os membros do Conselho de Districto. Ninguem diria que era o brincalhão da vespera; trazia cara de caso e modo solemne; e quando Castilho se approximava familiarmente, o Governador, inclinando-se e collocando-se-lhe a certa distancia, dizia em voz compassada estas palavras pouco mais ou menos:

O Conselho de Districto, a que tenho a honra de presidir, sabendo da feliz chegada de V. Ex.ª a esta cidade, appressa-se em vir apresentar a V. Ex.ª as suas homenagens de respeito, felicitando-o pela escolha que o Governo de Sua Majestade fez de V. Ex.ª para a ardua missão de diffundir a instrucção primaria. Eu sou interprete dos bons desejos do Conselho de Districto, e asseguro a V. Ex.ª, etc., etc., etc., etc., etc.

Fez um *speech* em fórma, muito cordeal, muito bem redigido, e pronunciado no tom solemne e sentencioso que a situação estava mesmo a exigir. Acabou, e esperou em silencio.

Ora é preciso que o leitor saiba que uma das coisas que mais incommodavam o serrano da Castanheira do Vouga eram estes actos officiaes solemnes. Pareceu-lhe descabida aquella representação; devia ter-se dominado, de certo; mas não poude; não estava mais na sua mão; e quando Fonseca e Mello terminou as suas felicitações, Castilho abraçando-o, dizia, com espanto dos boquiabertos Conselheiros de Districto:

—O meu querido Antonio Vaz! dê cá um abraço; sentemo-nos e conversemos.

Houve dois segundos de frio. Depois todos se sentaram, e conversaram.

Esperavam discurso; enganaram-se; para isso é que elle não era.... ou não estava n'aquella occasião.

VIII

O Curso normal de Leiria.—Menção muito honrosa do «Centro promotor da instrucção primaria do Districto de Leiria.»

Logo d'ahi a dois dias, n'este mez de Março, principiou o Curso Normal. O Governo Civil tinha sido prevenido com antecedencia pelo Commissario Geral e pelo Ministro do

Reino; e «avaliando devidamente o dever que lhe assistia de «empregar os meios para se apresentar o maior numero de «professores publicos, removeu as duas causas que obstariam «á comparencia.» São palavras do Secretario Geral de Leiria D. Antonio da Costa na sua notavel *Estatistica* (1). «A pri-«meira—continúa o mesmo zelosissimo funccionario—seria «a falta de meios, attentos os diminutos ordenados dos pro-«fessores. Para cortar este inconveniente expediu uma circular «ás Municipalidades, apresentando-lhes as considerações que «a tal respeito julgou razoaveis, convidando-as por ultimo a «arbitrar aos professores dos seus Concelhos a gratificação «que entendessem justa para elles poderem assistir ao Curso «do novo Methodo de Leitura..... Quanto ao segundo obsta-«culo, a auctoridade fez saber a todos os professores publicos «do Districto, que, vindo ao Curso normal, não perderiam os «seus ordenados.....»

E exclama com justa ufania D. Antonio da Costa:

«A auctoridade empregou os maiores esforços, e é possivel «que n'este ramo seja egualada, mas de certo não será exce-«dida pelas dos outros Districtos do Reino, onde o Commis-«sario do Governo haja de abrir Cursos normaes.»

*

Entre as causas que mais efficazmente contribuiram para o bom exito d'esta campanha escholar, uma foi ser ali Governador um homem bom, e rasgadamente partidario da innovação castiliana em pedagogia.

Outra foi, ser Administrador do Concelho o leal e enthusiastico Rodrigues Cordeiro.

Outra foi, a existencia ali do *Centro de Instrucção primaria*, recem-fundado por D. Antonio da Costa.

Outra foi, ser Presidente a alma d'esse Centro D. Antonio da Costa.

Outra foi, ser Secretario Geral do Governo Civil D. Antonio da Costa.

Esse homem notavel, cuja actividade equivalia então á de uns poucos de homens, este funccionario, que, pelo seu relance aquilino em questões administrativas, tanto estava talhado para Ministro, e que a final (por desgraça d'este paiz) só o foi tres

---

(1) Pag. 286.

mezes, esse Secretario geral modelo, que desde os seus primeiros passos na carreira mostrou o que valia, compenetrou-se do poder civilisador da instrucção, e deu a Castilho todo o auxilio imaginavel. E é bom saber o seguinte:

Na celeuma jornalistica levantada então, houve um folicular qualquer, que, para fazer guerra a Castilho e ao Methodo, accusou D. Antonio da Costa de ter, como auctoridade, sido demasiado parcial, ter desenvolvido excessivo zelo, ter obrigado as Camaras a despezas, etc., etc. O accusado sahiu-se a campo, e, sem negar nenhuma das accusações, confirmou-as, concluindo com dizer, que, á vista do ataque de que era alvo, só lhe restava uma pena: não ter sido da sua alçada realisar o dobro ou o triplo do que realisára em favor do Methodo, e em favor da instrucção do Districto.

Ora com taes predicados de intelligencia, de coração, e de energia, não admira que fosse D. Antonio da Costa o creador, o presidente, e a alma, do mencionado Centro, que em Leiria se estabeleceu no mez de Setembro de 1853.

*

Era o intuito d'essa Sociedade, dizem os Estatutos, que tenho diante de mim, desenvolver a instrucção elementar. Para isso se dariam annualmente em Leiria *Cursos normaes de leitura e escripta pelo methodo Castilho, arithmetica, e escripturação commercial, grammatica e lingua portugueza, principios geraes de historia e geographia, historia e chorographia portugueza em particular, doutrina christã, moral, civilidade, e desenho linear*. Organisou-se uma pequena bibliotheca, promoveram-se sessões litterarias, etc.

Que vinha a ser isso tudo? a instrucção propriamente *popular*, pela qual D. Antonio da Costa se desvelou sempre, como particular, como Secretario de um Governo civil, como Official chefe de repartição na Direcção geral, como Ministro, e como escriptor; a instrucção que prepara para caixeiros de balcão nas lojas, para caixeiros viajantes, para desenhadores de obras publicas, etc., a instrucção elementar e geral, indispensavel ás massas populares, a instrucção ordeira.

O que tem muita graça é que o artigo 5.º determinava que os associados do dito Centro não seriam menos de seis, nem mais de onze, na classe dos effectivos, por ser notorio quanto as grandes assemblêas geraes, palradoras como Côrtes constituintes, empecem os trabalhos!

Presidente, foi D. Antonio da Costa; thesoureiro, Candido Maria Cau da Costa; secretario, Augusto Rogerio de Sousa Bastos; membros, José Barbosa Leão, e Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

Do Governo obteve-se um pequeno auxilio de 209$560 réis; deu-se um baile de subscripção, que rendeu 14$355 réis; a nobre viuva de Mousinho de Albuquerque offereceu livros, que vendidos renderam 49$880 réis; e a administração da Real Casa da Nazareth contribuiu com 24$000 réis. Total —297$795 réis.

Com esses escassos recursos, é incalculavel o que se fez! (1).

*

Os estudiosos populares tinham ali aulas regidas com philanthropia inexcedivel por alguns altruistas: D. Antonio da Costa, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Fernando Mousinho de Albuquerque, Candido Maria Cau da Costa, Augusto Luso da Silva, e Augusto Rogerio de Sousa Bastos.

Com este preparo intellectual, não admira que o Methodo portuguez e o seu auctor encontrassem na sertaneja Leiria excepcional acolhimento.

Vejamos.

(Continúa.)

JULIO DE CASTILHO.

---

(1) Veja-se a *Estatistica do Districto de Leiria*, por D. Antonio da Costa, pag. 288 e seg.

ESTUDOS SOBRE DAMIÃO DE GOES

(Cont. do n.º 1, pag. 56)

DOCUMENTOS

I

Carta regia de D. João III, de 16 de julho de 1550, nomeando seu chronista D. Antonio Pinheiro

«Dom Johão &c A quantos esta minha carta virem faço saber que avendo eu respeito aas vertudes, letras, bondade, saber e discrição do doctor Antonio Pinheiro, meu preguador e capellão, e confiando delle que em tudo o em que o encarreguar me seruira muy inteiramente, e como delle confio, por todos estes respeitos e por folguar de lhe fazer graça e merce, tenho por bem e me praaz de lhe fazer merce do carreguo de meu coronista. E quero que elle em sua vida escreua a minha caroniqua e a dos reis destes Reinos, com o qual carreguo ey por bem que elle tenha e aja de mantimento, de janeiro que ora passou de mil bº e cinquoenta em diante cinquoenta mill rs em cada hum anno, e os proes, percalços, intereces e priuilegios que sempre ouuerão e de que vsarão os coronistas dos reis destes Reinos e milhor se os elle dicto doctor Antonio Pinheiro com direito milhor poder aver. E asy ey por bem e me praaz que aja mais seis mill rs cadanno pera mantimento de hum escriuão que o ajude a escreuer, e os perguaminhos, papel e tinta, que he ordenado pera as cousas que elle dito doctor fizer e mandar fazer e tresladar como ao dito carreguo pertence. E por firmeza dello lhe mandey daar esta minha carta asinada per mym e asellada do meu sello pendente e passada por minha chancelaria, e elle dito doctor Antonio Pinheiro tem feito juramento de bem e verdadeiramente e como deue seruir e vsar do dito officio guardando em tudo meu seruiço. Dada em a cidade de Lixboa a xbj dias do mes de julho — Antonio Ferraz a fez — anno do nascimento de noso Senhor Ihũ x̄po de mil bºl.tª annos» (1).

II

Carta de el-rei a Damião de Goes sobre os papeis para a chronica de D. João III — 22 de agosto de 1570

«Damiam de Guoes, eu elRey vos envio muito saudar, pera a cronica delRey meu sôr e avo, que sancta gloria aja, que tenho encomendada ao

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 66, fl. 98 v.

Bispo de Miranda pera a fazer, são necessarios os papeis e cartas das cousas que em tempo de sua A. se fizerão e passaram; de que deuem estar muitos nos papeis que vos entreguou P.º d'Alcaçoua (como ja mo escreuestes) e os mais se deuem achar nessa torre do tombo, pello que vos encomendo que os busqueis loguo. E pera vossa conformaçan irá com esta hũa folha que o dito Bispo enuiou dos papeis que nella aponta; e porem diz que muytos mais sam os de que tem necessidade pera fazer a dita cronica, E portanto cũpre que busqueis bem todos os papeis que seruirem pera este effeito e os aparteis entendendo nisso com o cuidado que sabeis que cumpre que aja de cousa de tanta ymportancia e calidade. E de todos os ditos papeis fareis hũa folha que me eviareis e será entregue a Miguel de Moura, e isto fareis com toda diligencia possiuel desocupandouos pera ysso de todos os outros negocios que vos ympedirem fazerdes este com a dita diligencia. Escripta em Sintra a xxij de agosto de 1570 Rey.»

Sobrescripto—Por ElRey A Damião de Guoes fidalgo de sua casa e goarda mor da Torre do Tombo (1).

III

Carta da rainha D. Catharina ao bispo de Miranda sobre a composição da chronica de D. João III — 20 de setembro de 1572

«Rdo Bpo Eu a Rainha vos enuio muito saudar. Pois o Doctor Antonio de Castilho tem ja mandado os papeis necessarios, e vos tendes tanto desejo e o tempo dedicado pera vos delles aproveitar, estou com muita esperança de cedo começar a ver cõprido meu desejo. | E se ainda pera isto poder ser falecem algũs papeis, encomendouos muito mo auiseis, pera os mandar buscar, e dar ordem como se vos leuem. Os que pedistes ao Duque d'Aveiro, e aos Condes de Vimioso e Castanheira lhes mandei lembrar por hum recado meu A que me responderam que elles cumpririam com o que lhes pedistes no tempo que por vos foi assinado. Mas porque nisto não aja falta tornarey a mandarlhes recado. A Pedro d'Alcaçoua escrevi, encomendandolhe (conforme ao que me em vossa carta pedis) o Memorial das cousas dignas de lembrança delRey meu snór que Dª tem a que me respondeo o que a meu secretario mandei que vos escreuesse. Tambem escreui a Francisco de Saa: mas não tenho ainda reposta. De Jorge Rodriguez me informei. E segundo a informação que me seu genro Miguel de Moura deu, a muita idade lhe fez perder a lembrança das cousas: E não poderá ajudar senão for lembrandolhas com lhe fazer pregunta de cada hũa dellas em particular. De mim vos sei dizer que tenho necessidade do mesmo pera poder poër em memorial as cousas de que posto que então eu tivesse mais particular noticia, agora tenho mais confusa lembrança.

Quando me deram a vossa carta de xxij de Julho vos tinha ja mãdado o secretario os traslados dos Epitaphios que se hão de por em Beleem. Porque estes pareceram bem ao Cardeal meu Irmão. | E folguey de saber por outra carta vossa que vos não desagradarão.

---

(1) Original—Torre do Tombo, Manuscriptos de Alcobaça, (Alcobaça 52) Livro 35 das Sentenças, fl. 448.

Agradeçouos o nouo contentamento que recebi deste studo que fundey no Moesteiro de S. Domingos com ter vossa approvação: e folgarei muito que as lembranças que se vos offerecerem pera esta obra poder ser de mais seruiço de nosso S^or^ mas escreuais. | Porque hum dos bẽes que pretendi com se começar em minha vida, he poderse emẽdar o que não for bem ordenado, e melhorarse o que o for. E assy vos agradeço querdes saber tão particularmente de minha disposição | seja nosso snõr louvado que ao presente a tenho bóa. Encomendouos muito lhe peçais que seja pera seruiço seu como eu desejo. Escripta em Enxobregas xx de Septembro de M. D. Lxxij. Raynha.»

E' original — Endereço — Por A Rainha Ao R^do^ Dom Antonio Pinheiro Bpo de Miranda do conselho do snõr Rey seu neto e seu chronista (1).

IV

Deposição inquisitorial de D. Antonio Pinheiro contra fr. Sebastião Toscano

«Aos xxiij dias do mes de setembro de jb^cl.ta^ (1550) annos, em Lixboa, na casa do despacho da Santa Imquysição, estando hy os senhores deputados da St^a^ Inquysição, perante elles pareceo Antonio Pinheiro, pregador delRey noso senhor &c e pero juramento dos samtos avamgelhos lhe foy feita pergunta acerca do referimento atras do que ouuira dizer ao Toscano na pregação que dise dia de Santo Agostinho, e bem asy ao padre Valemcoula (Valemciola) dia de Nosa Senhora, dise elle testemunha que he verdade que dia de Santo Agostinho, este que ora pasou elRey noso senhor foy ouuir misa ao mosteiro de Nosa Senhora da Graça e que pregou mestre Sebastião Toscano, frade da dita ordem de Samto Agostinho, e que no cabo da pregaçã, tratamdo aquellas palauras de Samto Agostinho que dyzem *syne vobis saluus esse nolo,* emcareceo e dise que nem Moyses nem são Paulo mostrarão tanta caridade como Samto Agostinho nas palauras que cada huũ delles dise-s- Moyses: *Si nõ parcis populo hic dereme de libro tuo,* e são Paulo *ob tabaz anathema ese pro fratribus,* e que depois de x̄po nynguem teuera ou mostrara tanta caridade como Santo Agostinho, imdo emcarecendo isto com outras palauras que parecyão mais duras equiuocando do parecer ao ser e que lhe pareceo a elle testemunha isto mais feruor de o querer encarecer que ero de o entemder, e que estando ahy Payo Rodrigues, mestre Romeiro e mestre Lomedo e mestre Aluaro dAfomseca e que a todos pareceo, a hũus mais e a outros menos, aquillo duro e que se deuera de escusar, e dise mais elle testemunha que he verdade que dia de Nosa Senhora de setembro, esta que ora pasou, pregamdo o padre Valemcoula a elRey noso senhor dise, segundo sua lembrança, que os meninos que moryão sem bautismo nom padecyão aquella pena que algũus theologos chamã *pena dani,* reprouando soltamente esta distinção de *pena sensus* e *pena dani,* dizendo que se sentisem carecerem da visam de D^s^ seria pena de sentido, avemdo esta rezam per tão eficaz que com ella soo se atreuia afirmalo, e que tambem dise na mesma pregação que Nosa Senhora teue mor poder dordem que o sacerdote, e a rezam era por que Nosa Senhora

---

(1) Torre do Tombo — Manuscriptos de Alcobaça — Livro 35 das Sentenças (Alcobaça 32) fl. 447.

comsagrara da sustaneja propia e o sacerdote consagraua de sustaneya alhea e que concorera na comceyção de Xpo autiuamente com o Espirito Santo, e que disera mais, tratando aquelas palauras *dominus posedet me*, que de nenhuũa creatura Dª teuera pose e propiedade senão de nosa Senhora e que lhe parecia que queria dizer nisto que dos pecadores nom tinha Dª pose per graça e que de Nosa Senhora a teuera sempre, e dise mais elle testemunha que tratamdo aquela preposyção *ego erã cum eo cunta componẽs*, dise que Nosa Senhora esteuera na composyção dos artigos da fee com Jhuũ Xº asy da humanidade como da deuymdade, e que lhe pareceo a elle testemunha que declaramdo isto o dezya por rezam da humanidade de Xpo formada da sustancia de Nossa Senhora, e que asy dise mais falando sobre as palauras da mesma *Epistula ethera firmavat sursum* que quãdo Xpo sobio aos Ceos comfirmara os que nelles estauão por que amtes de sua acemção cayrão os anjos, e dise mais elle testemunha que em outra pregação que o dito padre Valemcoula fez a elRey noso senhor dia de Nosa Senhora ante de Natal este que ora pasou desera que a Xpo fora dado a gloria sem graça ou sem ha merecer com graça e que doutra cousa nom he lembrado e al nom diseª e do costume dise nada Antonio Royz o escreuy com os tres riscados que se fizerão por verdade. = frei hieronimo dazambuja = Antº Pinhº = L. Jorge Gllz Rybeiro = Ambrosius.

Tem ao lado:

«foy amoestado por sua A. este padre pregador e asy o outro.»

O dr. Payo Rodrigues, m.te em Santa Theologia e cathedratico na Universidade de Coimbra, é que foi o 1.º denunciante, aos 10 de setembro de 1550 — D.º livro fl. 20 v.

Aos 19 do mesmo mez. Denuncia de mestre Lomedo (Olmedo) mestre em Santa Theologia. Idem, fl. 24 (1).

V

Depoimento de Urbano Fernandes, guarda menor da Torre do Tombo contra Fernão de Pina — 8 de novembro de 1548

«Aos biij dias de nouembro de jbª Rlrij annos em Lixboa, na casa do despacho de sãta Imquisyçam o senhor Joam de Melo Imquysidor mãdou chamar Vrbano Frz, que tem carego de guarda piqueno da Tore do Tombo, ao qual deu juramento dos santos avangelhos, e foy pergumtado pello referymento que nelle fazyão outras testemunhas, e logo dise que elle primeiramente pedia perdam de não vyr satisfazer com sua concyencya e descobrir a santa Imquisyção o que teuese sabido de Fernam de Pina, coronista moor e porem que sempre em suas comfisões protestaua de ho fazer e comprir com sua concyencia e o não fizera os tempos pasados por ser em muita obrigaçam ao dito Fernam de Pina, e o seruir quatorze annos e ser pesoa em que elle comfiaua todas suas cousas e segredos, e logo dise que era verdade que elle ouuira dizer ao dito Fernam de Pina per muitas vezes que na primitiua Igreja não avya comfisam nem os apostolos se comfesauão e que muitos segredos se descobriram pella comfisam e se fizeram muitos males, e que asy lhe ouuira dizer que se a openiam

---

(1) Livro das denunciações da Inquisição do anno de bel.ta annos, fl. 29 v.

dos lutheros acerca da comfisam chegara a estas partes que tambem achara alguũs que votaram por elles, e que alguuas vezes falamdo na comfisam marchaua, dizendo comfisam, comfisam! E que elle testemunha ouuira dizer a huũa filha do dito Fernam de Pina, que se chama Isabel de Pina, moça solteira, que vymdo espreytar per huũa guarda porta estamdo seu pay demtro com huũ moço filho de Francisco Chama, cantor, lhe ouuira dizer a seu pay que nem tudo se avya de comfesar, e isto era na coresma e parece que o moço estaua pregumtando como se comfesarya acerca dalguũa cousa que ambos pasasem. E dise mais elle testemunha que ouuyo dizer a Symão da Gama, sobrinho do dito Fernão de Pina, e Aluaro Colaço, criado que foy do dito Fernam de Pina, que ora esta na cidade da Guarda, casado, que o dito Fernam de Pina estiuera na Beyra seys ou sete annos sem se comfesar, e depois, estamdo aquy em esta cydade se comfesaua cadano dia de pascoa pella minham e punha muito pouco espaço de tempo em se comfesar porque verdadeiramente lhe parece a elle testemunha que não punha mais espaço de tempo do que poem huua pesoa quãdo se vay reconcylyar depois de comfesada pera tomar o samto sacramemto, e que ha coresma pasada, antes de sua prisam, elle testemunha fora dia de pascoa pella minham com o dito Fernam de Pina a igreja de Santa Cruz e se fora comfesar e as pesoas que estauam pera se reconcilyar se agastaram dizendo que os fidalgos punham muito em se comfesar e que o dito Fernam de Pina se detiuera tão pouco que ouue elle testemunha vergonha das ditas pesoas e lhes disera que elle que estaua Jaa comfesado que nó era aquilo senão reconcylyar, e que he lembrado elle testemunha ouuyr dizer ao dito Symão da Gama que imdo com o dito Fernam de Pina a Castela pera irem ter as amdoenças a nosa Senhora dAgoa de Lupe pera se comfesarem e comungarem la, e depois que vyeram lhe dise que se nom comfesarem la, que elle que se querya comfesar por que nenhuũ delles se comfesara la, semdo isto ja jumto da festa do Samto Sprito. E dise mais elle testemunha que era verdade que elle muito poucas vezes vira rezar ao dito Fernam de Pina e que ordinaryamente comya carne a sesta feira e ao sabado e que alguũas vezes comya peixe em alguũ dia da somana e quãdo vynha a sestafeira e ao sabado comya carne. E que elle testemunha ouuyo dizer a Jm^{o} (João) Manuel, clerigo que ora esta em Tauila, o qual clerigo foy capelam do dito Fernam de Pina seys meses e lhe dise que, estamdo na quymtaã que o dito Fernã de Pina tem em Sacavem, estamdo elle dito clerigo huũa sesta feira pera lhe dizer misa, o dito Fernam de Pina lhe disera que nõ curase de dizer misa, e se pos a comer huũa galynha, e que o dito clerigo lhe contara isto, estamdo muito agastado do dito Fernam de Pina por fazer o sobre dito, e que nõ he lembrado elle testemunha ver jejuar nunca o dito Fernam de Pina em dia que mãdase a Santa Madre Igreja, e que asy era lembrado que huũ dia estamdo elle testemunha a noyte com o dito Fernam de Pina a huũa chymine ao fogo, lhe ouuira elle testemunha dizer ao dito Fernam de Pina dizendo—querem-me a my fazer crer que ha ostea que o clerigo esta fregindo ha noyte com sua manceba que ao outro dia esta aly D^{s} inteiro e verdadeiro, e que estas palauras notara emtão elle testemunha e nõ he lembrado a pratica sobre que isto começara e que lhe parecia que eram presentes a isto dous criados tem huũ per nome Antonio Lopez e outro Nuno, ambos naturaes de Gouuea, e que la estam ambos, segundo seu parecer. E que he lembrado elle testemunha que imdo o dito Fernam de Pina huũa festa do dia do Corpo de D^{s} dos pescadores dAlfama a huũas casas suas que tem a Porta do Sol pera dahy ver a procisam, elle testemunha ouuira a huũ Francisco Rodriguez, ouriuez, natural da Guarda,

que ora esta em Seuilha, vyr espantado e benzendose dizendo que lhe disera dom Antonio, sobrinho do dito Fernam de Pina, que o dito Fernam de Pina disera certa cousa do Santo Sacramento, que ao presente lhe nõ lembra. E que asy he lembrado elle testemunha ouuyr ao dito Fernam de Pina, quãdo tomaram o Cabo de Guee, dizer se ouuese algũa cousa nõ fora bom que se mostrara aly e tomara aqueles mourinhos e deytalos fora e fauorecer o seu povoo xpaão e ficaua asy sospenso, dando com a cabeça e o mesmo lhe ouuyo dizer quãdo o emperador foy sobre Argel que se perdeo a armada que leuaua, dizendo que se hy ouuera alguũa cousa que como nõ fauorecya Dª o emperador tão xpianisymo com a cruz ao pescoço, e asy tambem lhe ouuyo dizer quãdo os ladroẽs roubaram a Igreja de Nosa Senhora das Chagas que se ahy ouuera alguũa cousa que como aquelles ladroẽs nom ficaram com as maãos apegadas no altar e naquelas cousas sagradas, e quando isto falaua ficaua marchando e habanando com a cabeça. E que Thome Diaz, homem velho, natural de Gouuea, que anda em esta cydade como ermitão, que se espantaua muitas vezes do que lhe ouuya. E Fernão das Naos, esprivam da Tore do Tombo, podera saber dalgũa cousa, posto que nõ teuese muita conversaçam com Fernam de Pina, e al nõ dise, e pergumtado por costume dise que no tempo que ouuira as sobre ditas cousas estauam em graça e em grãde amizade com o dito Fernam de Pina e ho seruya, e que depois sobcedera sua prisam delle Fernam de Pina, em que elle fora a pryncipal testemunha e que dahy por diante sabe elle testemunha que o dito Fernã de Pina nõ lhe tem boa vontade, e asy elle testemunha lha nom tem boa e porem que elle testemunha por descarego de sua concyencya e por o juramento que tomara elle falou uerdade neste caso e al nõ dise. Antonio Roiz o escreui. Jº de Mello. Vrbano Frz.»

VI

Sentença Inquisitorial de Fernão de Pina

«Acordam os deputados da sancta Inquisiçã e ordinario etc. que vistos estes autos—s—libello da Justiça. A. defesa e cõtra dictas do R. Fernã de Pina, e como se proua, sendo elle Reo xpaão dizer algũas palauras per que mostraua sentir mal do sancto sacramẽto da confissam e estar per espaço de tres annos sem se confessar, não tendo causa justa, que disso ho escusasse, e bem asy dizer outras palauras per que outro sy mostraua sentir mal do Sanctisimo Sacramento da Eucharistia, e asy dizer palauras outras muitas sospectas na fee e escandalosas, o que tudo visto com ho mais que dos autos se mostra, avendo porem respecto aa qualidade da proua, cõdenão ho dito R. Fernã de Pina que faça abjuraçam de leui sospecto na fee e en dozentos cruzados pera obras pias e ho condenão nas custas.

Ambrosius = Johanes = Imanuel doctor = O bpõ dãgra = Manuel doctor = frei hieronimo dazambuja = Jorge Gllz Rybr.º = Martim Lopez Lobo.»

(Continúa.)

SOUSA VITERBO.

L'AME PORTUGAISE

Tous les peuples ont une mission, synthèse de leurs tendances, de leurs goûts, geste sacré vers l'avenir, et l'heure vient pour chacun d'eux, tôt ou tard, d'affirmer hautement cette mission à la face du monde. L'importance du nombre n'y fait rien, ni les obstacles politiques: l'Idée qui germe aux flancs de la Race doit produire ses héros, ses hordes, ses génies de tout ordre; elle enseigne le courage de lutter et la patience de souffrir. Nulle patrie vraie sans cela! D'autant plus vivace qu'on prétend l'étouffer davantage, l'âme de la Race se trahit partout, dans la forme des temples et l'agenouillement des fidèles, dans la physionomie changeante des phrases et des mots, dans le mode musical des champêtres mélodies, dans l'attitude même du noble e du rustre. Aucun peuple ne saurait répudier sa tradition, sans se condamner soi-même à mourir; les abjurations de cet ordre ne sont pas tolérées par Dieu.

Cet individualisme des nations ne prouve rien, toutefois, contre leur solidarité possible: il est des peuples qui, de par leurs affinités subconscientes sont prédestinés à s'unir; comme il en est d'autres qui se trouvent désignés par la force même des principes qui les dirigent du fond de l'être pour se combattre toujours. Tant il est vrai que les tempéraments sollicitent les événements à s'accomplir.

Nul exemple n'est plus hautain que celui du Portugal, et l'on peut dire, au simple coup d'œil jeté sur son histoire, que sa mission fut toute d'heroïsme. D'un caractère à la fois audacieux et prudent comme le contour de ses côtes, la Lusitanie n'avait devant soi qu'un champ de lutte où pouvoir exercer sa vaillance aventureuse: l'océan. Elle s'y jeta. Colomb découvrit ce qu'il ne cherchait pas; mais Vasco da Gama savait où il allait. La différence est notable. Le premier, il ouvrit vers l'orient et les pays inconnus la brèche par où devait passer toute la civilisation européenne. Le XVIe siècle vit le triomphe incroyable du Portugal: à cette époque, il s'impose véritablement au monde entier. Pareil effort, quoique passager, nul autre peuple, aussi faible de moyens, ne l'a réédité depuis. Mais la puissance lusitanienne fut vite écrasée

*

par les conflits politiques et les rivalités jalouses: du moins la gloire n'en a pas péri.

Camoëns, l'un des héros du grand siècle, s'est chargé de l'éterniser dans ses chants. En lui s'est incarnée toute l'âme de sa patrie, et l'on peut dire que nul autre poète au monde, Mickiewiez peut-être excepté, ne sut enfiévrer ses vers d'un pareil amour du pays.

Abaissé, ruiné, le Portugal n'a pas cessé de croire à sa resurrection; l'esprit de jadis (on l'a bien vu lors de l'ultimatum anglais), le possède encore. Ce sera sans doute son salut. En attendant, il prépare sa renaissance en célébrant le centenaire de ses gloires, celles qu'on discute plus.

De tels peuples sont des fanatiques de la Liberté.—Initiée de bonne heure au troubadourisme, la littérature portugaise s'est imprégnée d'une sorte de mysticisme sensuel, souvenir réussi de chants africains, qui va bien avec l'esprit d'aventures et qui est surtout épris de beauté. Aussi bien, les modèles grecs sont-ils devenus de bonne heure une tradition chez les lettrés lusitaniens, qui par là même oublièrent trop souvent de se rapprocher du peuple. Grecs, Provençaux et Portugais pourraient, certes, même à l'heure actuelle fraterniser dans la même pensée.—Peuples de la mer, peuples épris de rêve ensoleillé, ils semblent se compléter l'un l'autre et se promener à travers les mêmes angoisses d'idéal. Ils font partie de la même tradition psychologique, que la vieille Grèce inaugura et qui fut continuée par les troubadours. Placé à part, en face du mystère mouvant d'une mer dont on ignora longtemps l'autre bord, le Portugal représente mieux l'expansion de l'Idée vers l'Inconnu, vers la Vie active. Il est le seul des trois groupes qui, depuis de longs siècles, se soit réalisé térritorialement: la Grèce moderne date d'hier et le Pays d'or ne peut aspirer à reconquérir que sa gloire littéraire, étant devenu la France.

C'est par le troubadourisme que s'insinua en Portugal l'influence française; légitime ou non, elle s'est imposée, comme jamais elle ne le fit ni en Espagne, ni en Italie même. Un grand secret du Destin doit se cacher sous cette sympathie séculaire. Pour nous, certes, il eût été profitable que le Portugal nous rendît ce que nous lui prêtions: il eût empêché le déssèchement de notre littérature à certaines époques; il nous eût aidé peut-être à devenir ce que nous ne fûmes jamais, les véritables continuateurs de la Grèce.

Reconnaissons d'ailleurs que l'âme portugaise a quelque chose de plus que l'âme hellénique. Elle raisonne mieux pour ressentir davantage. Elle a la mélancolie et la passion. Elle

ressemble à ces brumes doreés que le soleil pénètre à l'aube, en y mêlant sa lumière et qu'on voit ondoyer au dessus des vagues.

Ivre d'images colorées et nombreuses, le lyrisme scintillant des poétes lusitaniens garde souvent un accent biblique, introuvable ailleurs en Europe; mais les combinaisons savantes de la pensée portugaise n'ont pas le même cachet puissamment original. La *Lusiade* elle-même n'est qu'une ode admirable à la patrie, et tout l'appareil épique pourrait en être avantageusement retranché. C'est par devant la mer qu'il faut ouïr monter dans le soleil du soir le chant de Camoëns, de Garrett, de João de Deus, trinité glorieuse qui place le Portugal à côté des peuples les plus fiers de leur poésie. Pareil accent de sincérité enthousiaste ne se retrouve nulle part. Que d'autres nations s'enorgueillissent de leurs épopées, de leurs tragédies ou de leurs drames plus ou moins savants, nulle d'entre elles ne saurait disputer au Portugal la palme certaine du lyrisme.

La langue, d'ailleurs, est un instrument merveilleux, que ne saurait dépasser en caresse mélodieuse le provençal lui-même, celui de Mistral.

Comme le français, le portugais possède les sons nasaux; mais l'expression qu'il en retire est toute autre. Il s'y bémolise en quelque sorte pour le rêve, et nulle musique de verbe n'égale l'harmonie des belles phrases portugaises. Les Espagnols, dont l'accent guttural est si différent de la prononciation chuintée de leurs voisins, n'avaient-ils pas surnommé le portugais la «*langue des fleurs*»?

Avec un tel passé, il n'est pas à craindre que ce peuple, quel que soit le sort qui l'attende en un fédéralisme possible, perde jamais son individualité. Sa conscience ethnique est établie depuis de longs siècles; elle s'est affirmée en toutes sortes d'aventures fières ou désastreuses; elle a vibré en d'immortels poèmes, dont le flot coule encore et n'est pas près de tarir.

C'est plus qu'il n'en faut pour ne pas disparaître.

PHILÉAS LEBESGUE.

A LENDA DE SANTO ELOY

Estudo critico de um manuscripto, do seculo XV, da Collecção Pombalina, existente sob o n.º 746 na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e pela primeira vez publicado

POR

Alfonso Hincker

II

Texto critico do Manuscripto

(Cont. do n.º 2, pag. 123)

E hiindo elle assy cõ aquellas sanctas reliquias, neçessario era passarẽ per hu stava huũ carcer ou cadea cõ muytos presos. E chegando aly, assy aveo per millagre de deus que aquel que levava as sanctas relliquias steve assy fixo e quedo açerca do carcer sem se poder mover, atee tanto que foy ouvido huũ gram *sõo* (1) ẽ o carcer assy como de torvã. **(fol. 7 b)** E fforom logo de suppito deslegados todos os atamentos e prisoões dos presos e as portas abertas e os presos soltos, e hũa voz que lhe disse: sahiivos; e sahiindose todos acolherãse aa igreja e fforom livres per meriçimentos do bem aventuyrado Sam Marçal e do amigo de deus sancto Elloy (2).

Outrosy ẽ aquel tempo se accendeo muy gram fogo ẽ a çidãde de Paris em tal maneira que gram chama se acçẽdia a cada parte da çidade. E chegandose ja o fogo jũctamente, e as chamas grandes subindo sobre a igreja de sam *Marçal* (3), e a gente nõ podia chegar a lhe socorrer com a força do fogo, veẽdoo Sancto Elligio, disse com gram voz: «Oo Sam Marçal, por çerto sabe que se tu agora por tua nõcura a tua igreja se queymar, nũca ja mais per Elligio sera restaurada, nẽ allevantada» (4). Maravilhosa obra do senhor foy que tãto que esto disse o sancto de deus Eligio, logo de subpito se allevantou huũ gram vento, o qual virou as chamas do fogo pera outra parte. E assy quedou a igreja sẽ nem hũa lesura, nẽ tocamento do fogo (5).

Depois desto o sancto homẽ mais e mais creçia em toda virtude e piedade ẽ tal modo que era maravilha a todos. E assy os religiosos como

---

(1) No Ms. falta o til.
(2) Cf. Surio 1 18.
(3) O Ms. tem a forma corrompida *Braçal;* vid. Introd. § 1.º
(4) «Molens ergo Eligius vocem, cum gemitu dixit: O sancte Martialis, cur domui tuae modo non succurris? Certe enim noveris, quod si hodie te non curante crematur, nunquam iam ab Eligio in aevum restaurabitur» Surio 1 19.
(5) Cf. Surio 1 19.

os leigos corriam a elle como a ffonte perenal e muy limpa. E em elle achavam todo remedio, exemplo, esmolla, ajuda e conselho (1).

Esto era outrossy no sancto homem ẽ custume que quando quer que caminhava pera algũa parte, se era cousa possivel, sempre **(fol. 8 a)** avia de hir dormir em casas de religiosos. Assy se trabalhava per algũas vezes a chegar e per outras se leixar ficar por se apousẽtar em casas religiosas e honestas. E era assy elle antre os relligiosos, como cada huũ delles. E todos reçebiam delle hedifficaçom, conselho e bõo exemplo. Mas por se conheçer, segundo ja disse, quejando e de quanto meriçimento era o servo de deus, começou o Senhor obrar per elle millagres e maravilhas (2).

E aveeo assy que, seendo elle huũ dia ẽ Paris e viindo ho dia da festa do glorioso Sã Dinis martir, foy elle aa igreja e fazendo sua oraçõ, viio jazer ante o sepulcro do glorioso martir huũ homem miseravel de ver, ca era tolheito de todos seus membros (3) e nõ se podia ajudar, nẽ moxer. E avendo o sancto homẽ del compaixom, asentouse açerca del e perguntavao do tempo e modo de sua infirmidade, ao qual depois que lhe a todo respondeo disselhe: «Crees tu, irmaão, ẽ a rrussurreiçõm dos mortos e que o nosso Senhor Jesuu Christo te pode dar saude pollos mericimentos do seu glorioso martir?» E aquel enfermo respondeo: «Senhor, creo verdadeiramente, e isso de todo coraçõ e desejo.» E logo sancto Elloy ho tomou pella maão dizendo: «Em nome de Jesuu Christo sta sobre teus pees (4). E suppitamẽte aquel que de todo era tolheito, foy compridamente saão, e começou louvar o senhor deus ẽ o sseu servo Elligio. Mas el **(fol. 8 b)** ho esconjurou que em quanto vivesse, nõ dissese al (5), salvante que o senhor deus ho guareçeo, e esto per mericimentos do seu martir Sam Dinis (6).

Outro dia hindo ho amigo de deus sancto Yligio pella çidade, encontrou cõ huũ muy grande ajũctamento de pobres, e dando a todos esmolla veeo a huũ que avia a maão direita seca e encolheita, e apparelhando a outra pera receber a esmolla, disse Elligio: «Nõ essa, mas es' outra demostra» (7). A qual como lh'a visse de todo encolheita e ẽferma, tomoulhe a maão e tirandolhe pollos dedos, e logo subitamente se tornou direita e saã. E querendo ho sancto homẽ Elloy encubrir a virtude do senhor em sy, disse aos seus *companheiros* (8) pobres: «Eu pẽssey que o enfermo me dizia aquello por reçeber de mim mais esmolla (9), mas o senhor Jesuu Christo por sua piedade o curou» (10).

Hũa outra vez indo o sancto homẽ Elligio per seu caminho cõ seus companheiros, encontrou cõ hũa soma de pobres (11) e dando cõ prazer

---

(1) Cf. Acherio 1 21.
(2) Cf Acherio 1 22.
(3) «vidit virum cunctis membris contractum, contra sancti sepulcrum iacere» Surio 1 23.
(4) «in nomine Domini Jesu Christi surge, et sta super pedes tuos» Surio 1 23.
(5) «comminans autem ei Eligius et contestans, praecepit, ut si nollet rursus talia pati, nullum *aliud* de reddita ipsi sanitate verbum ediceret, nisi quod Dominus Jesus per sanctum Dionysium eum sanasset» Surio 1 23.
(6) Cf. Surio 1 23.
(7) «cum ad quendam ventum esset, qui contractam aridamque habebat manum, illamque non valens extendere, alteram ad stipem extendebat. Non hanc, inquit Eligius, sed alteram porrige» Surio 1 24.
(8) O Ms. tem erradamente em logar do *n*, um *l*.
(9) «ego putavi ideo illum fingere, ut a me facilius eleemosynam posset percipere» Surio 1 24.
(10) Cf. Surio 1 24.
(11) «alio praeterea tempore cum iter quoddam in proximo carperet, habuit obviam pauperum turbam» Acherio 1 25.

largamente esmolla a todos vio que padeçiam grande sede pella gram quẽtura e trabalho do caminho (1). Porẽ disse aos companheiros: «Pella vẽtura alguũ de vos traz cõ que consollemos estes pobres de Christo?» E disse huũ que trazia huũ barril pequeno consigo que levaria atee tres quartilhos de vinho; mas ẽnhadeo logo: «Que sera esto antre tantos?» (2). Entom Elligio cõ prazer **(fol. 9 a)** disse: «Mostra, irmaão, ca poderoso he deus pera o acreçentar.» E benzeo, e com huũ vaso começou dar a todos avondosamente em tal maneira que todos forom abastados e ainda sobejou (3).

Em outro tempo seendo ho sancto homem em Paris e hindo aa igreja de sam Germom confessar, viio em ho adro huũ homẽ privado de andar, o qual padeçia muy gram door e dava muy miseraveis braados. E *este trazia* (4) aa igreja em hũa carreta a pedir esmolla, e Illigio vendoo ouve del gram compaixom (5); mas temendo de ho tocar e que guarecẽdo reçebese louvores dos homẽs, disse aos seus famillios que o metesẽ na igreja. E elle lançouse em oraçom ao Senhor deus por el e amoestouo isso meesmo que orase cõ paçiẽçia e pedisse a deus graça e misericordia. E logo subpitamente aquel enfermo começou a tremer muy fortemente, e sentindo em sy a virtude de deus, braadando cõ vozes de louvores, foy logo feito saão, andando livremente (6).

Outrosy semelhante caso lhe aqueceço em huũ luguar chamado *Gamapio* (7). Ca entrando el em a igreja daquel luguar, esguardãdo em Eligio huũ pobre **(fol. 9 b)** que jazia aa porta da igreja, o qual era tolheito de todos seus membros: este cõ gram piedade lhe demandava esmolla e que lhe fizesse algũa consolaçom (8). E esguardando o sancto homẽ Elloy, ouve del compaixom e amoestou todos os circũstãtes que orasem jũctamente cõ el ao Senhor deus por aquel enfermo. E ex que dos olhos do sancto homẽ Eligio corria fonte de lagrimas atee terra, e dessy alçãdose filhou o enfermo pella maão e disse: «ẽ nome de Jesuu Christo sey saão.» E logo suppitamẽte foy saão em tal maneira que os que hy stavam, ouvirom estrugir os nervos e jũcturas (9). E aquel logo começou andar e louvar o senhor deus; e o sancto barom (10) esconjurou todos que em sua vida cousa algũa nõ disesẽ (11).

Em estes dias outrosy acõteçeo que veeo ao sancto homẽ hũa gram companha de pobres, aos quaaes per ordem, segundo seu custume, deu esmolla, a qual sempre hordenadamente trazia pera os pobres a que el deu todo atee sacudir cõ dilligençia o bolsso. E hiindo avante, achou outros pobres, e nõ havendo que lhes dar foy triste em seu coraçom; pero tornãdo ẽ sy meesmo, ouve grande cõfiança em o senhor deus e alçou os olhos da alma a el que nas altezas do ceeo mora. E ffez brevemente sua oraçom e esguardou a bolssa que antes de huũ pouco espaço avia vazia, e achou em ella tantos dinheiros d'ouro, quantos forom ne-

---

(1) «labor itineris» Surio 1 25.
(2) «quid erat tam exigua mensura, trium fortasse cotylarum, in tantam pauperum turbam?» Surio 1 25.
(3) Cf. Surio 1 25.
(4) O Ms. diz *esto trazia*.
(5) «eius valde misertus» Surio 1 26.
(6) Cf. Surio 1 26.
(7) A forma *Ganopio* do Ms. é corrompida; vid. Introd. § 1.º
(8) «coepit clamoribus petere eleemosynam ab eo, vel aliquam sibi adhiberi consolationem» Surio 1 27.
(9) «omnes, qui aderant, audiebant iuncturas et nervos cruscire ac solidari» Acherio 1 27.
(10) «tunc Eligius terribiliter coepit conjurare pueros et cunctos comites suos, ne quousque ipse in corpore maneret rem gestam cuilibet homini indicarent» Acherio 1 27.
(11) Cf. Surio 1 27.

cessarios pera aquelles pobres, os quaaes lhes deu cõ gram prazer, conhecẽdo que lh'os en- **(fol. 10 a)** -viara deus pera os seus pobres seerem satisfectos e a ssua fe e devaçom crecer (1). E daly avante o sancto homem com muyta mayor confiança e mais largamente dava aos pobres, mais do que se podia cuydar. Em tal modo e asy largamente dava aos pobres que elles em todo luguar o buscavam e aguardavam. E todos per elle eram consollados e ajudados (2).

Onde huũ dia seendo el em Paris, grande ajũctamento de pobres espreitarom per hu el avia de sahir. E aguardarõno em hũa ponte per hu avia de passar, aos quaaes como chegase deu a todos esmolla. E antre estes era huũ çego que nẽ hũa cousa viia, nẽ signal de olhos avia. E ainda mais que em aquel luguar du diviam seer os olhos, padeçia muy gram pẽna e tormento nas cavernas delles. Este, chegando a el sancto Eligio, disse: «Oo padre, ave de mĩ piedade» (3). E esto disse cõ grande e doorida voz. E seendo desto o sancto de deus movido. mais largamente que aos outros lhe dava esmolla, mas el retrahendo sua maão disse: «Oo padre, nõ demãdo ysso, mas que faças ho signal da cruz sobre meus olhos e veja, e aquello que mais desejo me outorga» (4). Ouvindo esto o sancto barom, steve quedo, e dissimulado (5) disse: «Amigo, e non te sabes tu signar?» (6). E esto lhe dizia sorrindose (7). E aquel mais e mais braadava, dizendo: «Tu padre **(fol. 10 b)** Senhor me signa com tua maão» (8). E veendo Elligio sua fe, fezlhe o signal da cruz em a fronte (9), e logo suppitamente se abrirom huũas freestas (10) nas cavernas hu diviã star os olhos, e corria de cada caverna huũ ʀyo de podridom e venino. E alimpandose, quedarom os olhos claros, e cõpridamente cobrou vista. E rreçebendo a esmolla cõ o dobrez dom (11) daquel que dantes ne viia, e vendoo, louvavom el e todos os outros o Senhor deus ẽ o sseu servo Elligio (12).

Nem he pera esqueçer que seendo o sancto homẽ em Paris, huũ dia muyto de menhaã, fugĩdo correo a elle huũ Sam christaão da igreja de sancta Colũba, e lãçãdose ante el, cõ gram coyta e medo disse (13): «Sancto padre, ave de mĩ merçee e da minha perda e vergonha, ca esta noyte forom roubadas todallas joyas e vasos e hornamentos da igreja de que hey a cura.» Ouvindo esto sancto Eligio steve huũ pouco callado e como triste, mas logo, segundo seu custume, lançou seu cuydado e pensamẽto em o senhor deus. E falando cõ piedade ao samchristaão, cõsolouo dizendo que deus proveeria. E ffoyse cõ el aa dicta igreja roubada, e fazendo oraçõ, steve ante a sancta dizendo: **(fol. 11 a)** «Sancta Colũba, porque non guardaste tua casa e cousas do serviço della pellas quaaes o samcristaão he posto em trabalhos e vergõça. Por çerto sabe que se tu nõ fazes tornar todo ho que daquy he tomado, eu farey çarrar

---

(1) Cf. Surio 1 28.
(2) Cf. Acherio 1 28.
(3) «Domine Eligi, habe in me pietatem» Acherio 1 29.
(4) «oculis crucem imprime, quod magis desidero praebe» Acherio 1 29.
(5) «dissimulans» Acherio 1 29.
(6) «tu, inquit, amice, non te nosti signare? Acherio 1 29.
(7) «subridens» Acherio 1 29.
(8) «tu, inquiens, Domine, tu signa» Acherio 1 29.
(9) «ille fidem hominis cernens, signum Crucis impressit» Acherio 1 29.
(10) «diu clausas illico reseravit sub fronte fenestras» Acherio 1 29.
(11) «duplo munere recepto» Acherio 1 29.
(12) Cf. Acherio e Surio 1 29.
(13) «quadam die mane confugit ad eum tremebundus custos Basilicae S. Columbae Virginis, provolutusque pedibus eius, nunciavit» Acherio 1 30.

esta tua porta com mato, espinhas e silvado por tal guisa que nẽ huũ venha, nem entre aquy, e esta tua casa seja como deserta.» E esto dizendo, partyose (1). Mas muy maravilhosas som as obras de deus ẽ os seus sanctos que logo aquella noyte seguinte allevãtouse ho Sam christaão mais cedo do que sohiia, e entrando em a igreja, achou todallas cousas sem falleçer algũa. E cõ gram prazer correo ao sancto homẽ Elligio, e recõtoulhe todo. O qual outrosy se tornou cõ elle aa igreja e veendo todo, deu muitas graças ao Senhor deus e aa sua gloriosa virgẽ sancta Colũba (2).

Outrosy antre todos os outros beneficios e graças que o devoto e nobre Rey virtuoso Dom Goberto dera a Eligio, assy era poder el enterrar quaaes quer justiçados ou penados per justiça que elle quisese ou achase: a qual cousa ho amigo de deus Elligio fazia cõ tanta dilligençia que todos os que justiçavam, elle cõ seus serventes os sepultava, fazendolhe (3) todo seu ofiçio compridamente, **(fol. 11 b)** per a qual cousa sẽpre trazia as cousas neçessarias e cõvenientes. E aveo huũ dia que indo el per huũ caminho cõ seus companheiros, virom estar huũ homem que aquel dia fora enforcado. E logo se aly chegarom e aparelharom pera o sepultar. E seendo ja deçido da forca e posto ẽ terra, elle se pos ẽ giolhos açerca del, e os outros abriam a cova e começou o sancto homem orar a deus. E sentindo em sy grande ardor de amor de deus e cõpaixom, palpou ho corpo do morto, e pareçeolhe que era ẽ algũa maneira quente. Porẽ braadou aos serventes dizendo: «Irmaãos, aynda em este corpo he vida. Roguemos ao senhor deus que o resuçite, se vir que he seu serviço.» E orarõ todos. E logo aquel penado se allevantou vivo, bẽzendo deus em o sseu servo Elligio. Entom o sancto homẽ, por encubrir milhor sua virtude, disse aos companheiros: «Oo irmaãos, de grande periigo nos livrou deus, scilicet, de soterrarmos este homẽ em que ainda era vida.» E assy cobrindo a virtude, louvou o senhor deus (4).

Ffoy outrosy o sancto homem [*de*] muy grande cura em fabricar sepulturas de sanctos assy d'ouro como de prata preciosas, das quaaes relembrarey algũas, scilicet, de Germano **(fol. 12 a)** e Severino; Piatom (5), Quintino, Lucio, Genovefa (6), Colũba, *Maximyam* (7) e *Loliano* e Juliano, e de muitos e prinçipalmente a sepultura de Sam Martinho de Thurom (7), dandolhe Elrey muyto ouro e muita prata e pedras preciosas de que el fez hũa maravilhosa sepultura ricamente obrada. Fez outrosy a sepultura de sam Briço e outra maravilhosa obra hu primeiramente jouvera ho corpo de Sam Martinho (8). E ouve elrrey grandes graças e privilegios pera aquella igreja e muytas possisoões, as quaaes atee o presente tempo (9) tem. Obrou outrosy hũa obra notavel e gra-

---

(1) «dixit haec, et recessit» Surio 1 30.
(2) Cf. Acherio 1 30.
(3) «lhe» por «lhes», vid. 17 *a*, 18 *a*.
(4) Cf. Acherio 1 31.
(5) Vid. 15 *b*.
(6) O Ms. traz a forma errada *Geneufe;* vid. Introd. § 1.º e Glossario.
(7) O Ms. traz as formas *Maximy Amploliano:* comparando o texto latino com o portuguez pode-se introduzir a seguinte emenda: em logar de *Maximy*, deve-se ler Maximyam. D'esta forma, tirando o *am* da palavra seguinte, fica *Ploliano*, forma errada, por *e Loliano*, tirado do latim *et Loliani*. Supponho pois devermos lêr: «Maximyam, Loliano e Juliano» etc. Segue o texto latino (Acherio 1 32): «id est, Germani, Severini, Piatonis, Quintini, Lucii, Genovefae, Columbae, Maximiani, et Loliani, ac Juliani, adhuc autem et aliorum multorum; sed praecipue Beati Martini Turonis civitate».
(8) «in qua corpus beati Martini autea iacuerat» Surio 1 32.
(9) «usque in praesens» Surio 1 32.

çiosa em Paris sobre o sepulcro de Sam Dinis martir, a qual obra he muy maravilhosa em toda França (1).

E acabadas estas cousas, em esses dias se finou ho virtuoso, piadoso e nobre Rey Dom Goberto (2), cõprido de virtudes e maravilhosas obras e grandes victorias, o qual foy sepultado em esta igreja de Sam Dinis (3). E regnou seu filho *Clodoveu* (4). Em o qual tempo se levantou hũa malina heresia, a qual nasçeo nas partes do ouriente, regnando ho Emperador Costãtino (5). A qual heresia gravemente atormentou a sancta igreja, ca estes ereges affirmavam antre as outras cousas e suas malignas doctrinas ho nosso Senhor **(fol. 12 b)** Jesuu Christo nõ aver tomada verdadeira humanidade por nos salvar, nem aver recebida carne da gloriosa virgem Maria (6). E nõ soomẽte per diversas partes per esta falsa doctrina muytos magoavam, mas ainda em a cabeça da igreja, scilicet em Roma, muytos empeçonhentavam. E era entom Papa o bem aventurado Martinho, o qual com todas suas forças pelejava contra esta maligna heresia, o qual por esto padeçia muitos trabalhos e combates (7). Porem lhe foy forçado fazer conçelho ẽ o qual, avendo sãão conselho, enviou epistollas ou cartas a todollos principes christaãos e espeçialmente a elrrey de França, requirindo e chamando quaaesquer sabedores e zelladores da ley sẽ magoa de nosso Senhor Jesuu Christo salvador, requirindo ao devoto rey que lh'os enviase. Entomçe foy sancto Eligio desposto pera hir cõ gram zello e cuydado com outros que forõ ẽviados, mas per voõtade de deus foy assy empedido que nõ pode hir (8).

E em quanto se estas cousas faziam, o sancto padre Martinho foy cõ muytas pẽnas aflicto e perseguido atee seer per vezes açoutado e gravemente atormẽtado e ffinalmente desterrado. Ca seendo pellos **(fol. 13 a)** hereges levado cõ muytas injurias e querellas a Costantinopla ao emperador Costantino que era ja induzido e corrupto per esta malvada eresia, reçebeo delle muitos dãnos e sẽ razoões. E seendo encarçerado, assy deu sua alma a deus por cuja fe pugnia (9).

Em este tempo veo huũ semeador daquella meesma maligna semente a França, o qual começou a semear sua pestiffera doctrina assy escõdida captamente que nõ podia dalguũ magnifestamente seer comprehendido ou conheçido, nem magnifestamente fallado. A qual cousa como ho sancto homẽ Elligio conheçese, non çessava de dia e de noite inquirir e buscar, avisãdo muy vivamẽte os prellados e o rey e principes do regno que vigiasem. Per cujo conselho o devoto mançebo *Clodoveu* (10) rey mandou ajũctar conçelho de todos os prellados em Aurelia. E seendo cõprehen-

---

(1) Cf. Acherio 1 32.

(2) Glossa: «mortuus est rex Gobertus».

(3) «His operibus mirifice perfectis, atque omnibus circumquaque gentibus sedatis, ferocissimis etiam Vaceis ditioni propriae hostili gladio subactis, *mortuus est Rex* magnus et inclytus *Dagobertus*, et sepultus est in eadem sancti Dionysii Basilica» Acherio 1 33.

(4) O Ms. tem «Lodoneu»; vid. Introd. § 1.º

(5) «Sub huius regni principio nefanda haeresis in portibus Orientis coeperat pullulare, Constantino tunc Romani Imperii apicem gubernante» Acherio 1 33.

(6) «cœperunt ergo hæresiarches asserentes Dominum et Salvatorem nostrum Jesum Christum minime habere secundum formam servi, et neque eum ex Maria veram assumsisse carnem» Acherio 1 33.

(7) «erat autem eo tempore Romae Praesul Beatissimus Papa Martinus, qui sollicite ac viriliter pro hac causa invigilans, imoque pugnans, multa probra et adversa ab hæreticis sustinebat» Acherio 1 33.

(8) Cf. Acherio 1 33.

(9) Cf. Acherio 1 34. A forma *pugnia* por *pugnava* é popular. O povo diz *pugnir por alguem*, no sentido de *pugnar por alguem, defender alguem*. Contaminação de palavras.

(10) O Ms. tem a forma errada *Loduneu*; vid. Introd. § 1.º

dido ho dicto hereje, foy trazido em meo de todos, e como desputasem contra el muitos saybhos homeẽs honde pensavam o teer mais apertado e vencido, dally assy como serpente logo diante se puunha (1). Mas o senhor deus o confõdeo de todo per seu servo *Salvio* (2) bispo, o qual ẽ todas suas razoões e falsos arguymẽtos o vençeo. E seendo publicamẽte condepnado de todos, foy lãçado e baydo de todo o regno de França, **(fol. 13 b)** persiguindoo Sancto Eloy e nõ no leixando acuar em toda parte (3).

Outrosy huũ appostata de todo o regno o lançou fora, e tãbem huũ outro que ẽ semelhança de bispo ẽguanava muitos (4), o qual perseguindoo Eloy, de toda a terra de França o desterrou. E assy doutros muitos que seeria *lõgo* (5) de contar, os quaaes nõ consentia viver em França, nem empeçonhentar a gente *christaã* (6).

Era este sancto ẽ todas as cousas mui perfecto ao Senhor deus e ao rey muyto subgeito (7) e del e de todos muy quirido e amado, a sy soo *cruel* (8) e a todos os outros piadoso (9).

*

E viveo ẽ carne mortal per todo o tempo do muy manso rey Lotario e Dom Goberto, principe esclariçido e per todo o tempo de *Clodoveu* (10) seu filho e atee o tẽpo de Lotario mais moço (11). E vendo o nobre rey *Clodoveu* e catholico poboo as graves heresias, avendo saão conselho hordenarom que nẽ hũa pessoa fosse promovida a dignidade per peita nẽ parẽtesco, favor, amizade, afeiçom, criaçom nẽ geeraçõ, mas per sancta e pura ẽleyçom (12).

Esto assy hordenado e conheçendo todos a virtude e zello de sancto Elligio, enlegerõno em bispo de *Naiõ* (13) e esto per finamento de *Acario* (14) bispo dessa çidade. E escolherõ outro seu companheiro *Audoeno* (15) por bispo de Ruã (16). E assy muy constrãgidamente

---

(1) «ubi praefato haeretico in medio deducto, conabantur eum docti quique diversis ex causis interpellare, sed nullo poterant genere concludere; tanta quippe dicendi arte objectis quæstionibus occurrebat, ut ubi maxime putaretur adstrictus, ibi quasi anguis lubricus quibusdam foraminibus lapsus eorum se fronti opponeret» Acherio I 35.

(2) O Ms. traz a forma errada *Salino;* vid. Introd. § 1.º

(3) Cf. Acherio I 35.

(4) «Episcopum se simulans circuibat villas et plateas decipiendo populum» Acherio I 36.

(5) O Ms. não tem til sobre o *o*.

(6) Cf. Acherio I 36. No Ms. falta o til sobre *christaã*.

(7) «Regi pariter subjectus, et Christo devotus» Acherio I 38.

(8) Palavra abreviada. São escriptas as letras *cel* com signal de abreviatura sobreposto, que talvez corresponda a *ru*. *Cruel* formaria contraste com *piadoso*, no sentido de *severo, rigoroso*. Encontramos *cruel, cruees,* 14 *a*.

(9) Cf. Acherio I 38.

(10) O Ms. traz a forma errada *Elodoneu;* vid. Introd. § 1.º

(11) «temporibus Lotharii mediani, mansueti Regis Francorum, et toto tempore Dagoberti inclyti Principis, necnon et Clodovei filii ejus, et usque ad initium regni junioris Lotharii mansit in corpore» Acherio II 1.

(12) Cf. Acherio II 1.

(13) ou *Nayom (Nayõ);* a forma *Nais* do Ms. é erro graphico; vid. Introd. § 1.º Uma glossa tem *bispo de Nays*.

(14) A forma do Ms. *Acano* será erro de transcripção.

(15) ou *Audairio;* a forma *Audamo* do Ms. é erro graphico; vid. Introd. § 1.º e a glossa fol. 14 *a*.

(16) «elegerunt autem cum eo et Audoenum sodalem eius, ut praeesset Ecclesiae Rothomagensi» Surio II 2.

(fol. 14 a) foy o virtuoso ourivez Eloy mudado ẽ saçerdote do Senhor deus por tal que lhe obrase baixella digna, nõ d'ouro nẽ prata, mas que lhe acquirisse poboo salvando a manada da boca do liom imiigo. E foylhe dada e cometida cura de todas estas çidades e provençias, scilicet, Bermadẽsy que he çidade metropolitana, e Tornacensy que em outro tempo foy çidade real, e Noviomagensy, *Flandrensy* (1), *Gandensy* (2), [*Corturiacensy*] (3), em as quaaes çidades prinçipalmẽte era derramada a maligna pestillençia e cruel heresia. E ainda muito poboo daquellas çidades era leguado em os errores da gentilidade, os quaaes assy erã cruees e silvestres que nõ quiriam consentir nẽ hũa doctrina de saude e salvaçom (4). E veẽdo o sancto barom de deus Eligio que per nẽ huũ modo se podia sacudir ou escusar do offiçio (5) e carrego que lhe puunhã aos seus hombros, nõ quis logo ẽ algũa maneira consentir de reçeber a dignidade atee que per alguũs dias passou em a hordẽ saçerdotal, aprendẽdo muy compridamente o que queria seu officio segundo a fforma do sancto dirreito, scilicet os dias hordenados. E elle e eu, diz o que screveo (6) e cõpos esta storia, somos consegrados, çelebrandose geeraaes **(fol. 14 b)** ladaynhas, e seendo muy gram multidõ de poboo jũctamente cõ os bispos e clerizia ẽ a cidade de Ruam, em o quarto deçimo dia do mes terçeiro, ẽ o terçeiro anno do regno de *Clodoveu* (7) mançebo, em o domingo ante as ladaynhas antre os cantares dos poboos, elle, scilicet, sancto Eloy bispo *na* çidade de Nayom e [*eu*] (8) em Ruam, e cellebrada assy a festa da consegraçom, tornouse elle a ssua çidade (9).

Onde quantos sejam as virtudes que deus obrou per elle depois que foy bispo, nõ as poderia cõtar nẽ screver, ca o barom do senhor, armado da virtude de Christo, foy muy mais forte, e nõ temendo as aseitanças do ymiigo, foy feito seu perseguidor. E reçebendo a dignidade, reçebeo mais alta caridade e carreira de virtudes. E aquello que assy começou, atee fim fortemente ho teve, e esto hordenou logo em seu coraçõ depois de muytas vigilias e oraçoões. Quando viinha a hora de comer, dava de comer a xii pobres; e elle os servia e ministrava, e em fim comia el cõ outros pouco e refeçe (10).

(Continúa.)

---

(1) A forma *Filladensy* do Ms. é corrompida; vid. Introd. § 1.º

(2) A forma *Guadensy* do Ms. é errada; vid. Introd. § 1.º

(3) O Ms. traz por engano, outra vez, *Tornacensy*. Segue o texto latino: «hoc ergo modo aurificem invitum detonsum constituerunt custodem urbium, seu municipiorum, his vocabulis, Vermandensi scilicet, quae est metropolis urbs, Tornacensi vero quae quondam regalis exstitit civitas, Noviomagensi quoque, et *Flandrensi, Gandensi* etiam, et *Corturiacensi*» Acherio II 2.

(4) «... quod eius regionis incolae magna adhuc ex parte gentilitatis errore detinerentur, vanisque superstitionibus satis dediti essent, et tanquam agresteo ferae nullius salutem sermonem admitterent» Surio II 2.

(5) «cum se nullo modo, ab officio disposito discutere posset, non se permisit priùs Sacerdotem consecrari, nisi sub normulâ Clericatûs aliqua temporis curricula exigeret» Acherio II 2.

(6) Glossa: *Este scriptor parece ser Audairio, bispo de Ruão, consagrado jũtamente com este sancto, ut colliges en Andilly*. Vid. Introd. § 4.º

(7) O Ms. tem *Clodoneu*, erro graphico; vid. Introd. § 1.º

(8) A julgar pelo texto latino («ego Rodomo, ille Noviomo» Acherio II 2), o redactor portuguez escreveu: *elle na* (o Ms. tem *da*) cidade de Nayom e *eu* em Ruam. Cf. de resto 14 *a*: «e *elle* e *eu*... somos consagrados».

(9) «convenientes igitur simul in civitatem Rothomagensem quartodecimo die mensis tertii, tertio anno Clodovei, juvenculi adhuc Regis, die Dominico aute Litanias, inter catervas populi, inter agmina Clericorum, inter choros psallentium consecrati sumus gratis ab Episcopis pariter Episcopi, ego Rodomo, ille Noviomo» Acherio II 2.

(10) Cf. Surio II 2.

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.*—Cont. do n.º 2, pag. 126)

Ex responsis ad dubia Prouincialis Neapolitanj circa regulas.

In Summariũ Constitutionũ.

Reg. 7.ª—An qui suo superiori extraordinarie cõfitetur teneatur repetere cõfessionem cũ suo ordinario.

R.—Si superiori cõfessus fuerit nõ est cur repetat cõfessionem quãuis si faceret laudandus esset.

Reg. 10.—An quis teneatur repetere superiori petenti rem aliquã quã is a quo petitur alteri secreto dixit et similiter an aliquid tale ab aliquo secreto acceperit.

R.—Ex regula ::: aret nõ esse aliquod secretũ, quod debeatur cælare superiori, nisi quod ::: sub sigillo cõfessionis; a cõfessario tamen uel præfecto rerũ spiritualiũ nihil peti debetur ad dimittendum eũ qui ::: cõfessionẽ insinuauerit.

Reg. 26.—An utrũque ::: petere? an satis sit alteram eorum? Itẽ an scrip ::: possint, cũ non uideatur esse ex ijs :::

R. De 1.º nõ ::: dubiũ q ::: sit alteram petere licẽtiã. In 2.º comprehenduntur in regula et scripta quæ nec dari nec accipi possunt sine facultate.

Reg. 30.—An quis possit eo tempore quo aliqua sacra lectio legitur aliud meditari.

R.—Lectio quidẽ ideo habetur in mẽsa ut ex illa etiã mens referatur: si tamen alicui interdũ aliquid ex ea occurrat, quo afferatur ad aliquid pie meditandũ, is nihil malefaceret si id meditetur. Sed hæc particularia sunt, et cuique cũ præfecto rerum spiritualium uel cõfessario tractanda. Nõ sunt tamen ulla ratione permittendi ut ex professo instituant meditationem, dũ referuntur.

Reg. 46.—An in petendis pænitentiis oratio præmittenda sit?

R. Agit const*itutio* et regula ibi de rebus petinẽtib*us* ad ualetudinẽ etc. in quibus maiori opus e*st* præparatio*ne* ad petẽdũ in pæni*tent*ijs t*am*en laudab*ilit*er faceret, si etiã mẽtem ad deũ eleuet.

In regulas cõmunes

Reg. 1.—An ubi nõ e*st* cõcio ordinarie diebus festis ut in nouitiatu examẽ matutinũ prætermitti possit?
R. Alias fuit responsũ nõ deberi prætermitti.

An lectionis t*em*pus no*st*ris præscribi debet ut regula indicat?
R. Nõ e*st* præscribendũ t*em*pus aliquod, quia id p*r*æfectus rer*um* sp*irit*ualiũ faciet.

Reg. 2.—An qui in collegio ::: *t*eneant*ur* in do ::: p*ro*fessa lectionẽ, uel cõcionem audire?
R.—Tenent*ur* alterutrã.

Reg. 11.—An clauo arcã obserar ::: clau*is* extrahi possit?
R.—Nõ licet: Nã si ::: esset, ac si claue claudere*tur* arca, si sit manifes :::

Reg. 12.—An fenestra t*antu*m cartha ::: serata dormire liceat?
R.—Nõ expedit: quia si aer nocturnus penetrat, nocebit, si nõ penetrat perinde est claudere ligneas.

Reg. 14.—An docere, aut discere aritmethicã sit *contra* hanc regulã?
R.—Nõ licet.

Reg. 15.—An initio, an in fine signi seruanda sit hæc regula?
R.—Moral*it*er intelligenda est hæc regula, sed siquis intẽpestiue ueniat det*ur* poeni*tentia*.

Reg. 16.—An comedere extra domũ p*r*ofessor*um* in collegio no*st*ro sit cõtra hanc regulam?
R.—Seruanda est regula et*iam* quoad hoc, quãuis sit locus Epicheiæ.

Reg. 18.—An 3.º quoq*ue* die sit idẽ, quod alternis diebus, an u*er*o bis quod in hebdomada.
R.—Idẽ esse quod alternis dieb*us*.

Reg. 22.—An omnes nõ sacerdotes teneantur subministro aperire caput.

R.—Quando subminister alloquitur aliquẽ ex fratribus, uel aliquid iniũgit tunc uidetur decens ut frater aperiat caput. Nã cũ frequẽter ille discurret per domũ simplicitati magis cõsonũ uidetur, ut nõ quoties occurrit, toties caput ei fratres aperiant.

Reg. 26.—An arctius silentiu quoad modũ ::: præscriptũ nouitiis seruandũ sit? an duo extra ::: egredientes silentiũ seruare debeant? An sartoribus ::: diu cũ suis socijs loqui permitti possit?

R.—Eadẽ est ::: et alijs. Debent autem egredientes do- ::: nisi cũ extra ciuitatẽ recreationis ::: A sartoribus uero ut ita ::: seruetur, uix fieri potest quare curandum est, ut ::: pij alicuius libelli uel vitã sanctorũ lectione illos recreet: similiter et de rebus ad recreationẽ pertinẽtibus poterũt colloqui, caueantur autem otiosa.

Reg. 31.—An alios rogare, ut ferant sibi aquã, aut palliũ, aut hujus modi liceat? et an expediat hoc introducere?

R.—Nõ licet, nec expedit, nisi aliqua ratio particularis alicuius personæ habenda esset.

(Continúa.)

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

CURSO DE PEDAGOGIA

(Notas)

QUINTA LIÇÃO EM 4 DE MARÇO DE 1900

Se o choque das energias pessoaes, a lucta social, não gera sempre a virtude, clamam os individualistas, que remedio, pois d'outro modo não ha progresso possivel! Sacrifiquem-se vidas e almas, que é para o bem geral.

O ensino, pretendendo alhear o individuo á lucta de homem para homem, o que faz, é desarmá-lo e estorvar a marcha ascendente da humanidade. A lucta é a lei da perfectibilidade. Toda a assistencia social não só se frustra de encontro a esta lei, mas é mesmo attentatoria d'ella.

A ensinar-se, ensine-se a lucta social.

Será assim? Affirmá-lo-ha a historia?

Houve na historia da civilização um periodo tôrvo em que a lucta parecia reger soberanamente a sociedade. Foi a Edade-Média. Lucta de raça contra raça, de povo contra povo, lucta dos castellos entre si e com as communas, lucta da intelligencia, lucta dialectica, na escholastica, lucta de sentimentos, torneios, nas côrtes dos palacios e solares, lucta de consciencia, senão ainda propriamente pela liberdade do pensamento, pela liberdade da fé.

Era a escravização de todos os interesses á salvação da vida. Era o despotismo militar, defendendo e assoberbando, esmagando, todas as classes productoras. Em nome da lucta, se constituiu a sociedade feudal, e, em desespero d'ella, se appel-

lava para outro mundo melhor. Tendo-lhe sacrificado tudo por amor da vida, os homens acharam-se reduzidos a renegá-la pela paz do tumulo, a só da morte esperar a sua libertação.

A Edade-Média foi um tempo de heroicidade, de certo, mas tambem de violencias ferozes e injustiças crueis, um tempo de virtude, de santidade mesmo, mas tambem de mortificação e miseria, de intolerancia e fanatismo.

E, sem embargo, a humanidade progrediu.

D'este mar de lôdo e sangue brotou uma flôr de vida, a Renascença.

A Renascença é um regresso á vida, á paz, a este mundo, e, por isso mesmo, um arranque de reacção contra o principio da lucta social.

Dante, que, pela fé pertence ainda á Meia-Edade, critica-a tragicamente, dentro dos moldes da lenda christã, povoando com os seus algozes e os seus martyres o inferno, o purgatorio e o paraiso da immortal *Divina Comedia*.

E tudo que havia de inane, desastroso e grotesco na paixão da lucta pela lucta, fica para sempre memoravelmente insculpido na figura extravagante de D. Quixote. A comedia do heroismo medieval, fê-la Cervantes.

Perpassa novamente pelo mundo um sopro de amor. Vê-se que esta vida vale a pena de se viver. Admira-se a grandeza das civilizações passadas e as maravilhas dos novos mundos. Volta-se ao culto da natureza e da humanidade. O humanismo e o naturalismo renascem.

O amor da vida rebrilha em Camões, que não é só o épico dos lusiadas gloriosos, das armas e barões assignalados, mas tambem o poeta sublime da alma humana, o cantor do velho do Restello e da linda Ignez, o poeta sublime da natureza, das enseadas e dos cabos, das procellas e bonanças, e d'aquella capitosa ilha dos Amores sôbre que a sua palêta derramou todas as meiguices. E esse amor desabrocha em tantos prodigiosos artistas, que remoçam a velha terra, desatando festivamente por toda ella uma florescencia de obras primas!

Criam-se e desenvolvem-se as sciencias.

Ha um enorme trabalho de organização social.

As luctas proseguem, os males tornam-se ainda tão incomportaveis, que rebentam em protestos doloridos e ensanguentados, como a Reforma do seculo XVI, a Revolução de Inglaterra do seculo XVII e a grande Revolução francêsa do seculo

passado. Mas no mundo moderno sente-se um incontestavel allivio, a humanidade respira.

A dupla corrente, naturalista e humanista, desborda pelo nosso seculo, e com ella irrompem juntamente os dois principios oppostos, da lucta e da solidariedade.

Faz-se mais que nunca a historia da natureza e do homem. O caracter realista do mundo moderno accentua-se. A philosophia torna-se positiva. Procura-se mesmo uma moral natural e humana.

As sciencias naturaes, num vertiginoso desenvolvimento, completam o seu cyclo pela creação da anthropologia. A arte volta-se tambem para a natureza, d'onde tira um ramo novo, a paisagem. A industria attinge uma fôrça incomparavel pela descoberta das applicações do vapor e da electricidade.

Ao mesmo tempo faz-se a historia natural do espirito e a psychologia profunda as suas raizes até á alma da creança, do povo, do selvagem e dos animaes; compõe-se o romance psychologico, apenas ensaiado anteriormente, e a arte revolve o coração humano até ás suas feridas e torpezas; á medicina accrescenta-se uma nova therapeutica, a do hypnotismo e suggestão das faculdades, que desce até ás molas mais reconditas do inconsciente.

E leva-se a historia do homem moral á intima perscrutação dos costumes e das instituições primitivas.

Mas o mal vai no encalço do bem. A religião da natureza dispõe-nos a amar os simples, mas o seu endeusamento ergue altar ao fatalismo, transportando-o para a vida da alma. A religião do homem, se por um lado cimenta poderosamente a cohesão social, por outro ameaça-a com os excessos convulsivos do individualismo.

Exemplo d'este conflicto e confusão foi o romantismo do principio do seculo, adorador da natureza e do povo, mas tão naturalista que chegava por vezes a desdenhar da vida social, e tão tradicionalista que até se encantava com as desordens feudaes da liberdade humana.

Exemplo d'este conflicto e confusão é o constitucionalismo politico, este eclectismo entre o governo hereditario e o governo da nação pela nação.

O nosso tempo é ainda de contradicção, de crise.

Hegel abre o seculo dezanove, annunciando a synthese, isto é, a paz, pela antithese, isto é, pela lucta; e toda a historia contemporanea parece dar-lhe razão.

*

As sciencias physico-chimicas demonstram a conversão de todas as fôrças e portanto a sua unidade e solidariedade; mas, ao passo que inventam um sem numero de explosivos novos, que são outras tantas conflagrações de fôrças, provam que só têem estreita affinidade e se attrahem vivamente os corpos que mais entre si contrastam, e que é da collisão, do choque, do attrito que, por conversão da fôrça, resalta em vibrações o calor, a luz, a electricidade.

A biologia demonstra a transformação das especies, isto é, tambem a sua unidade e solidariedade; mas, assim como descobre os microbios, que tantas vezes collaboram para a nossa vida, quantas outras, verdadeiros explosivos organicos pela sua tumultuaria multiplicidade, espalham por toda a parte a doença e a peste, é ella propria, é o proprio auctor da theoria da unidade das especies, que vem declarar-nos que animaes e plantas só se transformam e aperfeiçoam no rude combate pela existencia.

A psychologia demonstra a unidade e solidariedade de todas as faculdades e de todas as suas creações, e d'ahi tira até a litteratura effeitos novos, supprindo a pobreza do teclado d'um dos sentidos com as notas e côres dos outros, do que é exemplo, entre nós, o delicioso soneto *Aromatographia,* de Manuel Duarte de Almeida; mas ao mesmo tempo vai explicando muitas associações de idéas, sentimentos e acções por uma concorrencia vital em que tantas vezes se suffocam as mais generosas, e é atravez das luctas de nação para nação e de região para região dentro de cada uma que faz passar as linguas e os dialectos no seu movimento transformista, que, por isso até, para alguns se afigura uma degradação.

A sociologia demonstra a solidariedade moral do homem, os seus deveres de cooperação e assistencia, o nosso seculo é o seculo em que mais intimamente se communicam individuos, classes, povos e nações; mas não obstante ainda estrugem pelo ar gritos de odio e de agonia, desde o principio do seculo que as guerras se succedem, guerras de conquista, guerras de nacionalidade, guerras de classe, e agora mesmo uma poderosa nação, que é modelo de grandeza moral, não hesita em violar brutalmente a independencia d'outra nação, pequena pelo numero, mas não menos admiravel pelo heroico patriotismo dos seus filhos.

Em que sentido se resolverá este antagonismo? pela lucta ou pela solidariedade?

Os grandes conflictos travam-se principalmente na natureza inorganica; e comtudo ahi mesmo á revolucionaria theoria das

catastrophes se oppõe hoje a theoria da evolução, que explica a historia da terra pela acção lentamente accumulada das causas actuaes, e, ahi mesmo, a mais pura expressão da solidariedade mineral, o crystal, se mostra incompativel com uma incessante agitação.

No mundo organico ha já uma grande acalmação. O crescimento da planta ou do animal exige um vigoroso esforço coordenador, assimilador; quando a desassimilação prepondera, vem a velhice, a doença ou a febre e a rapida consumpção. Como a natureza organica procura a paz, vê-se na reproducção, em que ella tenta libertar-se da lucta por meio dos orgãos protectores da vida germinativa ou uterina. O organismo preludia mesmo á virtude, porque possue o poder de selecção, que é proprio dos bons, não só de attrahir a si os seres, as substancias que lhe são beneficas, mas ainda de converter nellas as indifferentes ou virulentas.

Na sociedade a lucta tende a extinguir-se. Povos e reis apostolam a paz. Os ricos, os felizes, não só soccorrem os menos bem sorteados, mas dão-lhes participação nos seus lucros e abrem-lhes a sua convivencia. E a eschola, o ensino, vai por toda a parte enlaçando as almas.

Qual portanto a conclusão com que se fecha o nosso seculo? É que se opera cada vez mais, mais intensamente e mais extensamente, o apaziguamento do mundo. A lucta não póde, pois, ser a lei do progresso.

BERNARDINO MACHADO.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

SOBRE UMA REACÇÃO DA COCAÏNA E SEUS SAES

Ha cerca de dez annos, em 1890, tive occasião de descobrir uma reacção nova, que denominei caracteristica da cocaïna. Consiste na producção de um composto especial, de cheiro que lembra o da hortelã pimenta, quando se evapora até á seccura a cocaïna ou um dos seus saes com acido azotico fumante, e se humedece depois o residuo com algumas gottas do soluto alcoolico de potassa. Foi a primeira reacção chimica especial da cocaïna, pois que esta não se podia determinar até então, senão imperfeitamente, por um effeito physiologico — a anesthesia local.

Esta reacção mereceu, logo depois que foi publicada, a honra de ser estudada, modificada e apreciada por alguns chimicos e toxicologistas; e julgamos de algum interesse expôr os trabalhos a que deu origem e pronunciarmo-nos sobre o valor das criticas que lhe foram feitas.

I

Já em outro logar (1) dissemos que o sr. prof. BEHAL reconhecera que o corpo ao qual era devido o aroma especial produzido na reacção era o benzoato de ethylo, $C^7H^5O^2.C^2H^5$; que o sr. PATEIN a modificára, tratando simplesmente o alcaloide pela potassa alcoolica; e que o sr. prof. GARNIER (de

---

(1) *O reconhecimento analytico da cocaïna e seus saes* (Notas e documentos), por A. J. FERREIRA DA SILVA, 2.ª edição, accrescentada. Porto, 1891; opusculo de XI-42 paginas.

Nancy) a applicara em um caso de toxicologia. Em 1892 foi objecto da attenção da parte do sr. A. SONNIÉ-MORET, que consagrou a sua these de doutoramento á investigação toxicologica da cocaïna (1), realisando para isso as pesquizas experimentaes no laboratorio de toxicologia da perfeitura de policia de Paris, sob a direcção do sr. OGIER, director do mesmo laboratorio. Foi utilisada pelos eminentes toxicologistas francezes: BROUARDEL, SCHÜTZENBERGER, RICHARDIÈRE, OGIER e VILLIERS no celebre caso medico-legal do barão de Reinach (2) e em outros.

Consignada nos *Berichte* da sociedade chimica allemã (3), no *Jornal de chimica* de FRESENIUS pelo sr. dr. LENZ (4), apontada pelo sr. dr. B. FISCHER no *Relatorio annual dos progressos da chimica e da pharmacia* (5) referente ao anno de 1890, a reacção indicada foi examinada pelo dr. F. A. FLUCKIGER, conhecido pelos seus valiosos trabalhos de chimica applicada á pharmacia e á materia medica, que, reconhecendo-a como muito propria para a caracterisação do alcaloide, lhe propoz tambem uma modificação, tendente a simplifical-a (6).

O sr. ALOYS KUBORNE pretendeu fazer d'ella uma reacção de coloração (7).

Entre os jornaes scientificos inglezes que a mencionaram citaremos o *Journal of the chemical society* (8), e *The chemical news* (9).

No seio da sociedade pharmaceutica de Londres os srs. CAMPBELL-STARK, ROGERS, LLOYD WILLIAMS e DIARMID annun-

---

(1) *De la recherche toxicologique de la cocaïne, Thèse pour le doctorat en médecine,* présentée et soutenue le 21 décembre 1892. Paris, 1892, pagg. 20-22, etc.

(2) *Étude médico-légale sur les causes de la mort du baron de Reinach,* in *Annales d'hygiène publique et de médecine légale,* t. XXIX, 1893 (février), pag. 89.

(3) *Berichte der deutschen chemischen Gesellschaft,* t. 23, 1890, Ref., pagg. 776 e 708.

(4) *Zeitschrift für analytische Chemie,* herausgegeben von dr. REMIGIUS FRESENIUS und dr. HEINRICH FRESENIUS, t. XXX, 1891, pag. 265.

(5) O relatorio do sr. FISCHER está publicado no *Pharmaceutische Zeitung* de 1891, t. XXXVI, sob o titulo *Pharmaceutische-chemischer Jahresbericht für das Jahr* de 1890; neste vol., a pag. 103, acha-se a referencia á reacção.

(6) *Pharmaceutische Zeitung,* t. XXXVI, 1891, pag. 72.

(7) *Pharmaceutische Centralhalle,* t. XXXIII, 1892, pagg. 411 e 432, e *Journal de Pharmacie et de Chimie,* 5.ª serie, t. XXVII, 1892, pagg. 263-264.

(8) *Journal of chemical Society,* vol. LX, 1891; abstracts, pagg. 134 e 135 (pelo sr. C. H. BOLAMLEY).

(9) *The chemical news,* t. LXII, 1890, pagg. 153 e 322.

ciaram a sua exactidão, reconhecendo que nenhum outro alcaloide do mesmo grupo a produzia (1).

Na Italia estudou-a mais cuidadosamente o sr. Dioscoride Vitali, professor de chimica pharmaceutica e toxicologica da universidade de Bolonha, que a ella se refere no seu livro sobre *Chimica toxicologica* (2), tendo-lhe antes feito uma critica no *Bolletino Farmaceutico* (3) e numa memoria lida na Academia das Sciencias do Instituto de Bolonha, em 7 de dezembro de 1890 (4).

---

(1) *Pharm. Journ. Transact.*, t. xxi, 1891, pag. 848. Eis o extracto do que se passou na Sociedade Pharmaceutica de Londres:

Laboratory Notes by A. Campbell-Stark. 2. *Report on a new odour-reaction for cocaïne and its salts:*—Amongst the communications to the Academie des Sciences appears a new test for cocaïne discovered by Mr. Ferreira da Silva. A minute portion of the solide salt is evaporated to dryness over a water bath with a drop or two of strong nitric acid. The dry residue on treating with alcoholic potash evolves a strong and peculiar odour resembling, according to the author of the test, peppermint. I find this test to work satisfactorily and to be very delicate; the odour evolved, however, suggests to me citronella rather than peppermint. The test was tried on atropine, sabadilline, pilocarpine, cinchonine, eserine, veratrine, brucine, codein, delphinin, narcotine, quinine, strychnine, quinidine. None of these were found to yield a similar reaction. Eserine treated in this way gave off an odour resembling phenylcarbylamine. Benzoic acid, which under certain conditions is formed from cocaïne, i found to afford no reaction.

In view of the present unsatisfactory test for cocaïne, the foregoing may be useful; the odour evolved, however, is hardly distinctive enough to render the test completely reliable.....

Mr. Rogers (who had assumed the chair temporarely) said he had listened with pleasure to Mr. Stark's interesting notes. The test for cocaïne was particularly useful and one that could be readily applied at the dispensing counter.

Mr. W. Lloyd Williams in reference to the smell of the cocaïne reaction, said he regarged it as resembling a mixture of oil of wintergreen and iodoform.....

Mr. Mc Diarmid said he agreed with Mr. Williams' description of the smell in the reaction for cocaïne ....

Mr. Stark, in reply, said that opinions differed as to the distinctive odour of the cocaïne reaction. Several in the room had said it resembled gaultheria, and a friend who entered when he was making the test remarked on the strong smell of wintergreen.

(2) Prof. Dioscoride Vitali, *Manuale di chimica tossicologica*. Milano, 1893, pag. 405.

(3) *Bolletino Farmaceutico*, eco delle societá di farmacia italiana e dei farmacisti italiani, diretto dal dott. Dioscoride Vitali, vol. xxix, 1890, pag. 510.

(4) Prof. Dioscoride Vitali, *Di alcune reazioni della cocaïna e ecgonina e della loro ricerca chimica-tossicologica*. Bologna, 1891, pag. 8 (Estratta della serie v, tomo i, delle Memorie della Reale Academie delle Scienze dell'Instituto di Bologna).

O sr. prof. dr. RUDOLF KOBERT, da universidade de Dorpat (Russia), consigna-a em primeiro logar no grupo das reacções odoriferas, no seu *Tratado de toxicologia* (1); e o sr. dr. H. BECKURTS relata-a no seu *Annuario de pharmacia,* publicado em 1893 (2).

M. BOUVEAULT, no artigo *Cocaïne,* do 2.º supplemento ao *Dictionnaire de chimie pure et appliquée,* de WURTZ e FRIEDEL (3) considera-a como a mais caracteristica.

Na ultima edição do livro de *Analyse chimica* de FRESENIUS (4), nos tratados de *Chimica organica* de GAUTIER (5) e PRUNIER (6), acha-se ella consignada, bem como nas toxicologias de DRAGENDORFF (7) e BLYTH (8).

Na nossa Sociedade Pharmaceutica Lusitana já foi ensaiada e verificada (9). Livros classicos francezes e allemães a adoptam (10). Não ha que duvidar nem da sua exactidão nem da sua grande sensibilidade, que são attestadas por todos estes chimicos que a têm ensaiado.

II

Tres modificações no modo de operar têm sido propostas á nossa reacção. Uma é de PATEIN, outra de FLUCKIGER e a terceira de KUBORNE.

---

(1) Dr. RUDOLF KOBERT, *Lehrbuch der Intoxicationen.* Stuttgart, 1893, pagg. 104–105.

(2) Dr. HEINRICH BECKURTS, *Jahresbericht der Pharmacie,* herausgegeben von deutschen Apothkerverein; neue Folge; 26. Jahrgang, 1891. Göttingen, 1893, pag. 527.

(3) Pag. 1238, t. I.

(4) FRESENIUS (R.), *Traité d'analyse chimique qualitative,* 9.e édit. française de 1897, pag. 608.

(5) GAUTIER, *Chimie organique,* 2.e édit., 1896, pag. 606.

(6) PRUNIER, *Médicaments chimiques, composés organiques.* Paris, 1899, pag. 612.

(7) DRAGENDORFF (GEORG.), *Die gerichtlich-chemische Ermittellung von Giften.* 4.e Auflage. Göttingen, 1895, pag. 207.

(8) BLYTH (ALEX. WYNTER), *Poisons, their effects and detection,* 3.e édit. London, 1895, pag. 349.

(9) *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana,* 10.ª serie, anno de 1891, t. II, pag. 110, Relatorio da commissão de chimica, composta dos srs. drs. JOAQUIM JOSÉ ALVES, J. R. GUIMARÃES DRACK e A. DA SILVA MACHADO.

(10) Citaremos: ANDOUARD, *Nouveaux éléments de pharmacie,* 4.e édit., 1893, pag. 343; BIRNBAUM, *Leitfaden des chemischen Analyse,* 6.e Auflage, 1891, pag. 120, e tambem a *Agenda-formulario medico-pharmaceutica* do sr. A. C. DA COSTA GOES, 1892, pagg. 18–19.

Como já dissemos, o sr. PATEIN simplificou a reacção prescindindo do tratamento prévio com acido azotico. A cocaïna ou um seu sal solido, ou o residuo da evaporação, a banho-maria ou na estufa, do soluto a ensaiar, é tratada com algumas gottas de alcool a 95° e depois addiciona-se uma pastilha de potassa caustica; remexendo com uma vareta de vidro a pastilha no liquido, provoca-se a reacção, e dentro em breve se nota o cheiro muito intenso e persistente do ether benzoico. Fracções de milligramma de cocaïna e de seus saes reconhecem-se por este modo com a maior facilidade.

Verificámos a exactidão dos factos apontados pelo sr. PATEIN. Mas não nos parece que haja vantagem alguma em empregar a pastilha de potassa. A reacção é mais simples, sem ser menos sensivel, addicionando desde logo ao sal solido, ou ao residuo da evaporação, o soluto alcoolico de potassa, e aquecendo brandamente, e por pouco tempo, a banho-maria.

O proprio PATEIN confessa que, por este modo de operar, a reacção não é tão sensivel como no que foi por nós primeiramente indicado.

A modificação de FLUCKIGER não vale tanto como a precedente. Segundo este chimico, póde obter-se o mesmo aroma agradavel de ether benzoico, aquecendo brandamente um fragmento de cocaïna ou de seu chlorydrato com acido sulfurico num tubo, até começarem a produzir os fumos espessos e brancos, que se depositam na parte fria do tubo em pequenas pelliculas crystallinas de acido benzoico, e depois deixando arrefecer (1).

O sr. dr. GEORGE BAUMERT, no seu *Tratado de chimica legal* (2), expõe a reacção por este modo.

Não nos parece exacta a reacção feita apenas com o concurso do acido sulfurico (3). Com effeito, para obter a producção do ether benzoico é preciso fazer seguir a acção do acido sulfurico da do alcool. Segundo as nossas experiencias, o melhor modo de operar seria tratar uma pequena porção de cocaïna, ou um dos seus saes, com tres a cinco gottas de acido sulfurico concentrado, depois aquecer brandamente, até começarem a produzir-se fumos brancos, deixar arrefecer,

---

(1) FLUCKIGER (F. A.), in *Pharmaceutische Zeitung*, t. XXXVI, 1891, pag. 72.

(2) *Lehrbuch der gerichtlichen Chemie* von GEORGE BAUMERT. Braunschweig, 1889–1893, pag. 305.

(3) Julgamos que é a lapso de redacção que se deve attribuir a inexactidão que estamos apontando.

addicionar um numero de gottas de alcool egual ao do acido sulfurico, e aquecer um pouco á lampada. Pouco tempo depois nota-se o aroma muito persistente e nitido do ether benzoico.

Como se vê da exposição que fizemos, a reacção effectuada por este modo não fica mais simples do que operando como nós. Além d'isso, pelo aquecimento da mistura do alcool com o soluto sulfurico do alcaloide não é raro produzir-se algum ether ordinario que, no começo pelo menos, póde mascarar o cheiro do ether benzoico, embora este ultimo venha depois a predominar nitidamente sobre o primeiro.

Não ha, portanto, vantagens sensiveis na modificação proposta.

O sr. CAMPBELL-STARK, que estudou a reacção pelo processo de FLUCKIGER e pelo nosso, parece duvidar de que o corpo formado no primeiro caso seja realmente ether benzoico (1).

Emfim, o sr. KUBORNE (2) quiz transformar a nossa reacção odorifera em reacção de coloração. Usa exactamente os mesmos reagentes que nós, evaporando primeiro o alcaloide com o acido azotico fumante e addicionando depois o soluto alcoolico de potassa; este soluto não produz a frio alteração sensivel na côr do residuo, o contrario do que acontece com a atropina, que nessas condições dá origem a uma coloração violeta; mas, aquecendo de novo a banho-maria, apparece esta ultima coloração. O phenomeno, segundo o auctor, é mais nitido, se se juntar um soluto de potassa no alcool amylico, em vez de ser no alcool ordinario.

Não podémos observar com nitidez tal reacção; obtivemos apenas uma coloração avermelhada, não muito nitida, passageira e que se modifica e passa a pardo-amarellada, continuando a aquecer. Não nos parece, por isso, muito proprio tal phenomeno para caracterisação do alcaloide.

Realisámos as nossas experiencias com amostras de cocaïna muito pura da casa C. F. BŒHRINGER & SÖHNE, de Mannheim, e da casa HOWARDS SONS, de Strattfort.

Não vale, pois, esta modificação mais que a nossa primitiva reacção, nem pela exactidão, nem pela sensibilidade.

---

(1) *Pharmaceutische Zeitung*, t. XXXVI, pag. 186.

(2) *Pharmaceutische Centralhalle*, t. XXXIII, 1892, pagg. 411 e 432, e *Journal de Pharmacie et de Chemie*, 5.ª serie, t. XXVII.

III

E' agora occasião de exprimir o nosso modo de ver em relação ás criticas que têm sido feitas á nossa reacção.

O illustre prof. dr. Dioscoride Vitali affirma que nada dissemos da sensibilidade d'ella; que uma reacção fundada unicamente sobre cheiro não póde ter o valor de uma bella sensivel reacção chromatica, por ter muito de subjectivo; e accrescenta que nas pesquizas chimico-toxicologicas se tem de proceder as mais das vezes com quantidades extremamente pequenas de alcaloides, e estes quasi sempre acompanhados de impurezas de origem animal, as quaes, tratadas por aquelles reagentes, desenvolvem cheiros especiaes, que podem alterar ou mascarar o que daria o alcaloide isolado.

A verdade é que, ao publicarmos o nosso trabalho, démos testemunho da grande sensibilidade da reacção, pois dissemos que ella podia revelar a presença de 0,5 mgr. de cocaïna. Esta sensibilidade tem, de resto, sido attestada por todos os observadores, e não é inferior á da reacção córada do proprio Vitali para a atropina.

Embora as reacções de coloração sejam, em regra, preferiveis ás odoriferas, é certo que ha algumas d'esta ultima categoria, aproveitadas quer na chimica mineral, quer na organica, que nada ficam a dever ás primeiras, e de que um chimico difficilmente podia prescindir (arsenico, enxofre, ammoniaco, chloro e euchlorina, acido sulfhydrico, compostos cyanicos, etc., etc.).

No proprio capitulo da chimica dos alcaloides, qual será o chimico que deixará de considerar a reacção odorifera de Guglielmo como uma das mais proprias, senão a mais propria, para reconhecer a atropina?

Quem descurará o cheiro particular e caracteristico da conicina e da nicotina, para revelar a presença d'estes alcaloides?

E' certo que a sensação odorifera, no caso sujeito, tem muito de subjectivo, e que, quanto a nós, nos pareceu lembrar o cheiro da hortelã pimenta, a outros só muito longe o faz lembrar (Béhal); e até a alguns faz recordar o da herva cidreira (Campbell-Stark), ou do tabaco (Sonnié-Moret) (1).

---

(1) Na sua these apresentada á Eschola Medico-Cirurgica do Porto,

Não ha que questionar estas divergencias de apreciação.

O que importa é accentuar que o aroma é caracteristico, especial e bem nitido; o analysta, em taes circumstancias, poderá servir-se d'esse caracter confiadamente, desde que uma vez faça a experiencia, por confronto, sobre a cocaina pura.

E' o que acontece com todas as reacções de cheiro, e até com as reacções córadas. De resto, no caso actual, a questão está ainda mais bem determinada do que no caso da reacção de GUGLIELMO, visto saber-se que o producto formado é o ether benzoico ou benzoato de ethylo, que todo o chimico póde preparar ou ter á sua disposição para a precisa identificação.

O aroma do benzoato de ethylo é tão caracteristico e sensivel, que os chimicos utilisam a producção d'elle para revelar a existencia de pequenas porções de alcool em grande massa d'agua, recorrendo ao reagente proposto por Mr. BERTHELOT, o chloreto de benzoylo (1).

O inconveniente das impurezas dos extractos tanto póde dar-se para as reacções odoriferas como córadas; e não constitue, portanto, prova especial contra nós. Ha reacções córadas que manifestam nitidamente a presença dos alcaloides, mesmo quando estes se acham associados a algumas impurezas de origem animal.

Julgamos que o mesmo se dará com a reacção por nós estudada, visto a sua extrema sensibilidade e a nitidez da sensação obtida.

O sr. LÉGER annunciou, na sessão da Sociedade de Pharmacia de Paris de 7 de dezembro de 1892, ter estudado a nossa reacção sobre diversos compostos organicos nos quaes entra o radical benzoylo (2), e assim ensaiou com ella a aconitina, a benzanilida, a benzoylurêa, o ether benzoico do

---

intitulada *Algumas palavras sobre a anesthesia cocaïnica.* Porto, 1897, pagg. 63-72, o sr. dr. RAMOS PEREIRA ensaiou não só a reacção de que me occupo nesta noticia, mas tambem as descobertas posteriormente de GIESEL, GREITTHER e SCHELL.

(1) A reacção do alcool de que se falla aqui acha-se consignada no *Précis d'analyse chimique qualitative*, par A. CLASSEN, traduit sur la 3.e édition allemande, par L. GAUTIER. Paris, 1888, pag. 235; no *Handbuch der organischen Chemie,* de BEILSTEIN, 3.e Auflage, t. I, pag. 224. Hamburg, 1893.

(2) *Répertoire de pharmacie,* 3.ª serie, t. IV, 1892, pagg. 549-550; e *Journal de Pharm. et de Chimie*, t. XXVI, 1892, pag. 473. A nota de LÉGER está publicada no *Bulletin de la Société Chimique de Paris,* 1892, 3.ª serie, t. VII, pag. 796.

guaiacol, etc. D'estes estudos conclue o sr. LÉGER que a nossa reacção se realisa tambem com os citados corpos; é certo que o cheiro particular do ether benzoico é por vezes acompanhado de alguns productos de reacções secundarias, mas que não mascaram o cheiro do producto principal. Assim, segundo este chimico, a reacção fornece o meio de investigar de um modo summario a presença do radical benzoylo nos compostos organicos, e particularmente nos alcaloides e glycosides.

D'ahi tambem, segundo o sr. LÉGER, o inconveniente da reacção sob o ponto de vista toxicologico, pois que poderá dar margem á confusão da cocaïna com outros alcaloides, e particularmente com a aconitina, muito mais energica nos seus effeitos (1).

Os factos interessantes achados pelo sr. LÉGER não alteram uma linha sequer a importancia e o alcance da reacção, tal como primitivamente foi por nós apresentada; nem nos parece que seja para recear o inconveniente apontado da confusão da cocaïna com outros alcaloides, e particularmente com a aconitina.

Com effeito, nas nossas notas claramente exprimimos o pensamento de que consideravamos a reacção como permittindo distinguir a cocaïna, não de todos os outros alcaloides, mas sim sómente d'aquelles que fazem parte do grupo benzenico-ammoniacal da classificação de DRAGENDORFF (2).

A aconitina pertence a outro grupo (grupo petrolico-ammoniacal), e a confusão não póde dar-se numa investigação toxicologica geral, caso por nós figurado.

Do estudo do sr. LÉGER o que rigorosamente se póde concluir é que não haverá, entre os alcaloides do grupo benzenico-ammoniacal, nenhum outro, além da cocaïna, que contenha o grupo benzoylo; e que a reacção se não deve empregar isoladamente nas investigações toxicologicas, o que é preceito geral para outras reacções; mas só concomitantemente com outras, e depois de terem sido eliminadas por meio do emprego systematico dos dissolventes, as substancias que possuam uma constituição analoga, ou o mesmo grupo (3).

---

(1) *Journal de Pharm. et de Chimie,* 5.ª serie, t. XXVI, do 1.º de novembro de 1892, pag. 473, e t. XXVII, pag. 167.

(2) *O reconhecimento analytico da cocaïna e seus saes* (Notas e documentos), por A. J. FERREIRA DA SILVA, 2.ª edição, accrescentada. Porto, 1891, pagg. 4 e 8; *Comptes-rendus,* t. CXI, 1890, pag. 348; *Journal de Pharm. et de Chimie,* 5.ª serie, t. XXII, pag. 345.

(3) *Répertoire de Pharmacie,* 3.ª serie, t. V, 1893, pagg. 36 e 37, e *Journal de Pharm. et de Chimie,* t. XXVI, 1892, pag. 563.

O sr. SONNIÉ-MORET, na sua these já citada, apontando o trabalho do sr. LÉGER, refere uma substancia nova, o *acido hippurico,* que pela sua presença frequente, senão constante, no organismo, póde tambem dar margem a confusões.

Esta objecção ou critica não tem valor, não só porque o acido hippurico, talvez pela sua constituição especial, não dá a reacção de um modo bem sensivel, produzindo-se, em vez do cheiro agradavel do benzoato de ethylo, um aroma irritante e forte, que mal se póde identificar com o dado pelo ether benzoico, como tambem, porque das proprias experiencias do mesmo auctor resulta que a nossa reacção só se realisou quando nos liquidos e visceras por elle examinados havia cocaïna (1), e, em certas circumstancias de envenenamento cocaïnico, ainda de um modo mais nitido que qualquer outra (2). O proprio trabalho citado mostra, pois, que o acido hippurico, nas condições ordinarias das investigações toxicologicas, não causa embaraços á pesquiza do alcaloide em questão.

A. J. FERREIRA DA SILVA.

---

(1) SONNIÉ-MORET, *obra cit.*, pagg. 50, 54, 55, 65, 75, 90, 91, 92 e 95.
(2) Idem, pag. 94.

LA CONSTITUTION DU MONDE

PRÉFACE

L'INCONNAISSABLE

L'étoffe dont le monde est fait est-elle inconnaissable, comme certains philosophes le prétendent? La nature des choses est-elle impénétrable à jamais? La force motrice de l'Univers est-elle une inconnue qui ne sera jamais résolue, un X éternel placé à perpétuité devant la curiosité de l'homme? Existe-t-il réellement des choses inconnaissables, des modes de l'être inaccessibles à la raison, qui la dépassent de telle sorte qu'elle ne puisse les concevoir, les comprendre, sinon les imaginer? Y aurait-il réellement contradiction entre la loi logique de l'entendement et la loi physique qui gouverne le monde?

Auguste Comte, qui l'a prétendu, et qui a le premier vulgarisé, sinon émis, ce dogme négatif de toute science complète, a déclaré inconnaissable tout ce qu'il n'a pas connu, et même des choses que de son temps on pouvait connaître.

Il déclarait oiseux de s'occuper de la nature du son, qui n'a plus de secrets pour nous; de la nature de la lumière et de la chaleur, dont la théorie n'est pas entièrement définitive, mais dont la nature dynamique ne peut plus être mise en doute par personne.

Par haine pour Arago, Auguste Comte déclarait vaines toutes les spéculations sur la nature des étoiles. Cependant Herschell vivait, jaugeait le ciel, constatait la constitution de la voie lactée et le mouvement du soleil vers un point déterminé de l'espace. Argelander supputait déjà la durée probable de sa révolution. Tous les astronomes, ses contemporains, reconnaissaient l'identité de nature des étoiles les plus lointaines et de notre soleil. Aujourd'hui, grâce à l'analyse spectrale, nous pouvons dire quelle est la constitution chimique de leur enveloppe lumineuse et son état physique, solide ou gazeux. Nous avons reconnu entre elles des systèmes, obéis-

sant, comme le nôtre, à la loi de la gravitation; nous avons mesuré l'étendue de leur mouvement propre, ou tout au moins sa projection sur la sphère sidérale. Nous savons enfin avec quelle vitesse notre soleil se déplace sur la tangente d'une courbe dont nous n'ignorons plus que le plan et le rayon.

Grâce à la photographie, une carte du ciel est en ce moment dressée où, de siècle en siècle, les étoiles les plus lointaines inscriront elles-mêmes les projections de leurs mouvements. Elles nous révéleront ainsi leurs groupements, les courbes qu'elles décrivent, soit les unes autour des autres, soit, par troupes, autour d'un centre commun, sous un angle donné relativement à l'équateur de notre univers visible, c'est-à-dire au plan moyen de cet immense anneau lactaire dont les blancheurs confuses sont pavées d'étoiles, qui toutes sont des soleils autour desquels gravitent des mondes obscurs.

Au delà de cet univers, vers ses pôles, l'esprit humain pénètre jusque dans d'autres univers, non moins vastes, dont les reflets ne sont plus que des nuées lumineuses, et dont les moindres parcelles, comme les masses totales, obéissent aux mêmes lois que la poussière cométaire ou que nos planètes autour de leur soleil.

Tout cela Auguste Comte le déclarait inconnaissable. Il déclarait oiseux de s'occuper de ce qui dépassait les limites de notre système solaire.

De même, il déclarait inconnaissables les origines de l'homme, celles de toutes les formes de la vie. Cependant il était contemporain de Lamarck, dont Darwin n'a fait que confirmer la théorie évolutive.

Il déclarait à jamais inconnaissable la formation des races humaines et insoluble le dilemme du polygénisme ou du monogénisme de leur origine, de même que l'origine des langues qu'elles parlent. Aujourd'hui nous pouvons ajouter à l'histoire légendaire de l'humanité tous les chapitres d'histoire révélés par l'épigraphie. Nous savons mieux l'histoire de l'Egypte, celle des empires de l'Euphrate, celle des Grecs et des Romains que ne la surent jamais Hérodote et Tite-Live; nous suivons l'évolution de l'humanite à travers les trois âges archéologiques du fer, du bronze, de la pierre polie, jusqu'au temps où furent trouvés les premiers procédés métallurgiques, où fut créé le premier troupeau, où la sélection intelligente de l'homme transforma en blé une herbe folle des prairies.

Guidés par les affinités des langues, nous suivons pas à pas à travers l'Europe et l'Asie les migrations et l'expansion des premières races pastorales et agricoles; nous pouvons énu-

mérer le nombre des centres distincts d'où ont rayonné tous les systèmes linguistiques irréductibles et affirmer le polygénisme des langues.

Remontant plus haut encore, nous pouvons décrire les mœurs, les coutumes et l'organisation anatomique d'une humanité, déjà industrieuse et artiste, qui, sur ses instruments, ses outils, ses armes de corne, d'ivoire ou de pierre, s'exerçait déjà, dans les cavernes où elle vivait, à reproduire les formes du renne, de l'aurochs, de l'élan, du mammouth, qu'elle chassait avec l'arc, le javelot, le harpon, la hache de pierre, et dont elle cousait la peau avec des aiguilles d'os pour s'en faire des vêtements.

Nous retrouvons les ancêtres ou les rivaux de ces familles sédentaires campés, par troupes nombreuses, dans nos vallées fluviales, alors élargies, avec trois espèces, aujourd'hui éteintes, d'éléphants, autant de rhinocéros, deux espèces d'hippopotames, dont ils ont fait leur nourriture, avec l'hyène, l'ours et le grand tigre quaternaire, contre lesquels ils ont dû se défendre avec leurs coups de poing de silex taillés.

Nous constatons la présence de cette humanité quaternaire, non pas seulement en Europe, mais en Asie, en Afrique, en Amérique. Partout nous la retrouvons identique à elle-même, avec les mêmes mœurs, les mêmes outils, au milieu de la même faune, comme si elle avait eu le temps de faire le tour du globe, comme le fait aujourd'hui notre civilisation moderne, armée de ses machines à vapeur et de ses engins électriques.

Nous suivons l'homme bien plus loin encore, jusque dans la période tertiaire, où, faible et encore de petite taille, il habitait par troupes au bord des lacs, connaissant déjà le feu, sachant l'entretenir, sinon l'allumer, et s'en servant pour faire éclater les silex qu'il s'exerçait déjà maladroitement à tailler.

L'induction logique aidant l'observation des faits, et l'embryologie éclairant l'anatomie, nous pouvons affirmer, avec certitude, que l'homme tertiaire et les autres anthropoïdes, ses contemporains et alors ses rivaux, procèdent d'une ou plusieurs formes de mammifères amphibies, à trente-deux dents, trente-deux vertèbres et sans queue, dont les quatre membres, inégalement allongés et grêles, étaient terminés par quatre extrémités palmées et déjà préhensiles; que ces êtres ambigus, grands nageurs, vivaient par troupes sur les côtes de la mer, comme les phoques, dont ils avaient presque la tête, rampant sur les grèves sur leurs quatre pieds, comme nos jeunes enfants marchent, ou grimpant sur les rochers, à l'aide de leurs doigts onguiculés et préhensiles. Ils y vivaient de mollusques,

de crustacés, d'oursins, de poissons, faisant leur grand régal des œufs de reptiles enfouis dans le sable ou des œufs des premiers oiseaux nichés dans les crevasses des falaises.

Nous pouvons même affirmer que, si ce mammifère amphibie, ayant déjà presque forme humaine, n'était plus hermaphrodite, comme l'ont été ses ancêtres, du moins le mâle contribuait-il encore, avec la femelle, à la lactation des petits, comme l'atteste l'existence des mamelles, actuellement atrophiées, de l'homme.

Enfin, dans l'évolution de l'embryon humain nous suivons l'évolution ancestrale de cet amphibie, déjà semi-humain, à travers une suite de types organiques de plus en plus inférieurs, jusqu'à la cellule germinative de l'œuf, commencement identique et prototype de toutes les organisations vivantes, animales et végétales. De cette forme élémentaire toutes les autres sont issues, par une suite de transformations successives, qui font du monde vivant un seul arbre, immensément ramifié, dont les branches ascendantes représentent le règne animal et dont les racines souterraines figurent le règne végétal.

Tout cela, nous le savons avec toute certitude. Quelles que puissent être les lacunes de détail que nous présentent les séries diverses des deux règnes, nous sommes aussi certains qu'elles ont été reliées entre elles par d'autres séries disparues, qu'en regardant le feuillage d'un grand chêne nous le sommes que chaque feuille est portée par un rameau, qui se rattache à une branche, elle-même reliée au tronc, bien que dans l'enchevêtrement des feuilles, des rameaux et des branches, notre œil n'en puisse suivre les bifurcations successives.

Voilà les origines humaines qu'Auguste Comte a ignorées et a déclarées inconnaissables. Il est à croire que, de même, tous les autres problèmes qu'on prétend insolubles seront résolus.

Il n'y a d'inconnaissable pour la raison que ce qui n'existe pas. Il n'y a rien d'incompréhensible que le contradictoire qui est impossible.

Ce qui n'a pas d'existence, ne peut être objet de science. Ce que la science ne saura jamais, ce sont toutes les folles visions de l'imagination humaine, cherchant à se représenter ce qu'elle ne sait pas encore; ce sont les rêves fantastiques du sommeil pris durant le jour pour des réalités; ce sont toutes les erreurs enfantées par le mensonge, exploiteur de la crédulité.

D'où viennent ces doutes qu'on entretient sur la puissance géniale de l'esprit humain? Pourquoi serait-il donc condamné

*

à ne jamais appréhender et connaître la nature des choses et l'enchaînement de leurs causes, jusqu'à la cause perpétuelle et permanente qui est leur *substratum?* Chacun des progrès de la science la simplifie, en classant les faits sous des lois de plus en plus larges. N'y a-t-il pas lieu de croire que la loi de ces lois, celle qui sera leur principe commun, sera aussi la simplification suprême de la science; puisqu'elle montrera tous les faits se déduisant d'un fait premier universel, évident comme un axiome?

Ces doutes sur la puissance de la raison, ces limites négatives qu'on lui suppose, tout cela repose sur une argumentation fausse de Kant, sur le système factice de son idéalisme subjectif qui, mettant en doute la réalité objective et existentielle, bien qu'insubstantielle de l'espace et du temps, comme lois et conditions de l'être, pour en faire seulement les conditions et les lois de la connaissance, a ébranlé par là, d'un coup, toutes les bases de la certitude rationnelle.

Si le temps et l'espace ne sont que de pures formes de notre sensibilité, si leurs concepts ne répondent pas à des réalités hors de nous, c'est tout l'édifice des évidences mathématiques qui s'écroule, entraînant l'irréalité, non seulement phénoménale, mais substantielle et nouménale du monde.

Si le temps et l'espace ne sont que des formes de notre entendement et non les formes premières, nécessaires et réelles des choses; si la connaissance que nous en avons, comme coexistantes dans l'espace et successives dans la durée, n'est pas adéquate à leur réalité; si nous ne sommes pas nous-mêmes dans le temps et l'espace et conditionnés par eux, nous ne sommes pas et rien n'existe. Avec la réalité de l'espace et de ses lois toute extériorité synchronique disparaît; toute pluralité d'êtres devient impossible; toute idée de mouvement est contradictoire; tout se confond dans un néant inétendu et immobile. Et si, avec la réalité de l'espace, disparaît la réalité de la durée, ce néant immobile et inétendu n'est jamais, puisqu'il ne dure pas. Nous devenons quelque chose de moins qu'un rêve qui se rêve; car le rêve exige encore une succession d'images dans le temps. Tout s'écroule, tout s'anéantit dans l'absurdité des contradictions logiques enchaînées où la raison sombre dans la folie. L'existence humaine devient ce cauchemar affreux dont le disciple logique de Kant, Schopenhauer, cherchait le moyen de nous délivrer par *le non vouloir être,* qui ne serait encore qu'un rêve du néant substitué au rêve de l'être.

Telle est l'impasse ontologique où Kant a engagé l'esprit

moderne, en croyant supprimer la métaphysique. Toute la philosophie allemande s'y est enfermée après lui, à sa suite, sans trouver la porte pour en sortir. Les idées de Kant, importées chez nous par Cousin, Tissot, Renouvier, Barni et tant d'autres, sont venues obscurcir, pendant tout le dernier siècle, la clarté de l'esprit français.

Quel a été le but de Kant qui, en somme, n'a fait que développer l'idéalisme de Berkeley et le scepticisme de Hume? Son but, comme le leur, c'était de sauver Dieu, dont le concept, comme cause première, était devenu non seulement inutile, mais contradictoire à la notion objective du monde, tel qu'il était déjà connu. «Je n'ai pas eu besoin de cette hypothèse», disait Laplace, venant d'écrire le système du monde. Galilée, en déplaçant le centre du monde, avait détruit le point de vue anthropocentrique de l'école socratique. Newton, en formulant la loi de la gravitation universelle et la loi d'égalité entre l'action et la réaction; Leibnitz, en démontrant la perpétuité de la force vive, avaient fait du monde une machine se suffisant à elle-même, où un Dieu ne pouvait plus que jeter le désordre par son action personnelle.

Pour que ce Dieu restât possible, que son existence fût compatible avec le monde, il fallait réduire le monde à l'état d'apparence phénoménale, de *natura naturata* sans réalité; en faire le rêve de Dieu en *Dieu,* seule réalité, seule substance, seule entité, seule *natura naturans,* se donnant à lui-même le spectacle d'un monde n'existant qu'en lui-même, comme une récréation de sa solitude, comme un drame éternel joué pour lui, par lui, devant lui par des acteurs qui n'existent que dans sa pensée. C'était revenir à la vision en Dieu de Malebranche.

Voilà pourquoi l'idéalisme de Kant a été adopté avec tant d'enthousiasme et défendu avec tant de ferveur, non seulement par toutes les Églises, dont l'orthodoxie menacée était forcée de faire des concessions, mais par tous les déistes, amateurs d'à-peu-près, qui des anciens dogmes ne conservent plus que le concept métaphysique d'un Dieu, cause première et providence du monde. Voilà comment les idées de Kant devinrent le fondement de toute la nouvelle théologie allemande, comme la dernière ressource des théologiens catholiques, pour ébranler dans les esprits, séduits par les évidences de la science, la certitude de ses bases rationnelles et mathématiques. Car, l'espace enlevé, il n'y a plus de géométrie, plus de science de l'étendue, plus de multiplicité numérique; et le temps supprimé, il n'y a plus de mouvement, il n'y a plus de mécanique. Il ne peut plus être réellement vrai qu'un corps

tombe sur un autre corps en raison inverse de leur rapport et du carré de leurs distances, puisqu'il n'y a plus ni distance ni durée et que toute vitesse devient le rapport d'un zéro d'espace à un zéro de temps.

La certitude, l'évidence des relations mathématiques, voilà la grande pierre d'achoppement des vieux dogmes religieux. Aussi leurs défenseurs font-ils leur possible pour ébranler ces piliers solides de la science moderne. Encore aujourd'hui, des Allemands, imbus d'idéalisme kantiste, s'efforcent d'ébranler les principes de la géométrie d'Euclide par des sophismes captieux. A l'espace euclidien, à trois dimensions qui, à les entendre, serait plat, ils veulent substituer un espace à *n* dimensions, rond ou courbe.

Toutes ces nouveautés, fondées sur des généralisations sophistiques de l'analyse, et sur la confusion des lois de l'espace objectif avec les lois de la perspective, ont pour résultat et pour but de jeter le trouble dans les esprits, en sapant les fondements de la certitude rationnelle, au profit de ceux qui tentent de ramener l'homme, par le scepticisme, au *credo quia absurdum* de la foi aveugle et docile.

Il faut le reconnaître et le dire hautement, toute cette campagne entreprise et menée sourdement, mais avec persévérance, pour faire croire à l'infirmité radicale de l'esprit humain, à l'impuissance de la raison pour découvrir la vérité, à l'inconnaissabilité de l'essence des choses, est une tactique nouvelle de la vieille théocratie pour ressaisir le monde qui lui échappe. N'ayant plus le pouvoir d'obliger personne à croire ses prétendus dogmes révélés, elle travaille à ruiner la foi dans la raison, à détruire les bases de l'évidence, à ébranler les conditions et les lois de la certitude.

Comme à toute époque Dieu a été la somme des ignorances de l'homme, qu'il a constamment diminué de tout ce que celui-ci a appris; que, chez les esprits cultivés, son domaine est réduit de nos jours aux dernières inconnues de l'induction scientifique, aux hypothèses explicatives, non confirmées encore, des lois déjà démontrées; ceux qui, en tous temps, ont vécu aux dépens des dieux, du respect et de la crainte qu'ils inspiraient, ceux qui ont profité des holocaustes qu'on leur offrait et qui ont gouverné le monde en leur nom, s'efforcent de diminuer la quantité à soustraire de ces Dieux, primitivement égaux au tout, pour en augmenter le reste. Ils proclament ce reste inconnaissable, pour l'empêcher d'être connu. S'ils accusent la science de faire banqueroute, c'est comme ces escrocs qui crient au voleur pour dépister la police.

Comment ose-t-on accuser la science de faire banqueroute à la fin d'un siècle où elle a renouvelé la face du monde et créé une humanité nouvelle; où elle a élargi l'astronomie jusqu'à l'infini, créé la géologie, refait l'histoire, ressuscité les humanités disparues; où elle a donné à l'homme ces esclaves puissants et dociles qui sont la vapeur, l'air comprimé, l'électricité; où elle est arrivée à transmettre la pensée par le télégraphe, la parole par le téléphone, à enregistrer le chant par le phonographe?

On l'accuse de faire banqueroute parce qu'elle ignore encore quelque chose, qu'il lui reste quelques découvertes à faire, et qu'elle n'a pu se débarrasser de quelques erreurs antiques qui obstruent sa route. Mais la science est toute jeune. Née en Grèce, où elle a balbutié ses premières lois, elle a été aussitôt emmaillotée dans les langes de l'Église où elle a dormi quinze siècles, paralysée, anesthésiée, en état de somnambulisme cataleptique, sous l'étreinte d'une théocratie qui prétendait en faire sa servante: *Ancilla theologiæ*. Elle s'est réveillée, il y a à peine trois siècles, avec Bacon, Kopernic, Galilée, Newton, Leibnitz et, depuis ce temps, elle a grandi comme une géante, brisant ou usant tous les obstacles mis à sa croissance, bravant les bûchers des Giordano Bruno et des Vanini, dont les cendres étaient à peine froides, ou s'exilant dans les pays où elle trouvait un peu plus de liberté.

On est frappé du rôle effacé des nations restées catholiques à cette époque de la renaissance de la science. Bacon et Newton étaient Anglais, Leibnitz, Allemand.

Le Polonais Kopernik n'osa publier ses idées pendant sa vie. Le livre qui les contenait ne parut qu'après sa mort, et la première édition en fut détruite par ordre de l'Inquisition.

Galilée a osé parler en Italie et on sait ce qu'il lui en a coûté. Gassendi n'a pu traduire Epicure qu'en l'accommodant à la sauce théologique. Descartes et Spinoza ont été demander la sécurité à la Hollande et à la Suède; au siècle suivant nos savants cherchèrent un asile en Prusse et Voltaire se faisait horloger au pays de Gex, en dehors de la frontière française, pour pouvoir écrire son dictionnaire philosophique et prendre la défense des Calas et du chevalier de la Barre. L'Encyclopédie enfin devait chercher des éditeurs en Suisse pour éviter d'être brûlée par la main du bourreau.

Et ce sont aujourd'hui ceux-là qui ont tout fait pour étouffer la science dans l'œuf et pour l'empêcher de grandir qui l'accusent de faire banqueroute.

(Continúa). Madame Clémence Royer.

SOBRE O LIVRO DE M. ALPHONSE BERTILLON

Identification anthropométrique — Instructions signalétiques

ESBOÇO BIBLIOGRAPHICO

Exigido em todos os tempos por necessidades da vida social, e modernamente pelo desenvolvimento do ramo mais elevado das sciencias naturaes — a anthropologia —, o estudo do aspecto e dimensões do homem vivo occupa de ha muito a attenção de um grande numero de investigadores.

Limitado, primeiro, ao exame de caracteres directamente observaveis, cujas descripções, sem methodo, eram necessariamente pouco exactas e de difficil comparação, começou esse estudo a regularisar-se desde que se tornou objecto das attenções dos naturalistas. Escolheram-se os caracteres que pelo seu maior valor scientifico deviam ser particularmente observados, methodisaram-se as descripções, creou-se uma nomenclatura conveniente, e finalmente á observação directa juntou-se o uso de instrumentos rigorosos de medida, para o emprego dos quaes se estabeleceram processos praticos cujo conjuncto constituiu a anthropometria.

Em 1864 publicou a Sociedade de Anthropologia de Paris um volume em que P. Broca expõe as instrucções geraes para as investigações anthropologicas a fazer sobre o vivo, instrucções ainda hoje seguidas, salvas as alterações que a pratica ou o aperfeiçoamento dos instrumentos têm introduzido nos seus processos.

Não caminharam a par dos naturalistas aquelles que se occupavam d'este assumpto com fim diverso. E' assim que não ha ainda vinte annos que as investigações judiciarias para os reconhecimentos de identidade, eram feitas, mesmo nos grandes centros de população pelos processos rudimentares a que nos referimos. Accrescia o auxilio da photographia, mas estava-se muito longe do rigor indispensavel em investigações d'esta natureza, porque nem mesmo o serviço photographico estava bem organisado, e era entregue a um pessoal pratico que deixava muito a desejar.

D'este modo as investigações não conduziam em geral a resultados isentos de duvida, e os enganos não eram raros; era facil illudir.

Um dia veio porém em que as incertezas d'esta meia luz quasi desappareceram. O chefe do serviço de identificação na perfeitura de policia de Paris, M. Alphonse Bertillon, tendo examinado os trabalhos relativos á côr dos olhos, que figuram nas Instrucções de Broca, e tendo ouvido a este sabio a affirmação de que não havia a esperar encontrarem-se alguma vez dois individuos tendo os mesmos diametros cephalicos, a mesma altura, e a mesma envergadura, concebeu a idéa de reformar o antigo modo de caracterisação.

A empreza não era facil, como poderia á primeira vista parecer, suppondo-se que bastava fazer applicação dos processos usados pelos naturalistas. Não é assim. O que o serviço judiciario tinha a pedir á anthropometria, nada tinha com o que lhe pedia a sciencia pura. Era necessaria portanto nova escolha de caracteres, segundo a sua importancia debaixo do novo ponto de vista, e a organisação de novos methodos, seguros, praticos e convenientes para o uso que tinha de fazer-se dos resultados das observações.

Não se tratava pois de uma simples applicação, mas da creação de um systema novo. Emprehendeu-a M. Bertillon, conseguindo organisar um systema a que a pratica tem dado um apoio quasi inexcedivel, e que é já hoje adoptado não só em Paris, mas em muitos outros centros populosos da França e de outros paizes.

As linhas que deixamos escriptas foram-nos suggeridas pela leitura do livro *Identification anthropométrique—Instructions signalétiques* (1) em que M. Bertillon expõe detalhadamente não só o novo systema de caracterisação, mas todos os meios que para o mesmo fim são empregados, e que elle reformou e reorganisou, reunindo-os em outros dois systemas a que chama respectivamente *descriptivo* e *dos signaes particulares*.

Vamos procurar dar uma resumida idéa d'este trabalho.

Abre-o uma longa introducção de 84 paginas, em que o auctor encara o problema de um ponto de vista elevado, sem descer a minuciosidades praticas, que reserva para a parte technica que constitue quasi todo o resto do texto. D'esta disposição, muito de apreciar, resulta que quem quizer sómente conhecer o assumpto poderá limitar a leitura á intro-

(1) Nouvelle édition. Melun. Imprimerie Administrative, 1893.

ducção; quem tiver de preparar-se para a pratica, terá de estudar cuidadosamente todo o texto, servindo-lhe a leitura da introducção para, como diz M. Bertillon, conhecer os *por que* e *para que* da sua technica.

Percorramos pois a introducção.

Começa o auctor por um estudo geral dos meios de caracterisação, concluindo pela affirmação da superioridade do systema anthropometrico, cujas vantagens resume dizendo que os caracteres anthropometricos offerecem tanta e mesmo mais variabilidade do que outros quaesquer, e prestam-se admiravelmente á classificação.

Estuda depois, em separado, os tres systemas, começando pelo anthropometrico, cujos fundamentos apresenta e que expõe clara e detalhadamente. Póde dizer-se com segurança que o systema está definitivamente constituido, pois difficil será exceder o rigor a que M. Bertillon conseguiu chegar. E' do maior interesse o quadro que apresenta com os valores do *maximo de afastamento toleravel* em cada medida, isto é, do gráu de approximação que deve exigir-se, valores que são a base de toda a utilisação judiciaria dos resultados.

Introduz além d'isso, com a construcção de curvas binomiaes, a noção de probabilidade mathematica, de grande auxilio para a distribuição de valores e determinação de *limites* na classificação, e de que M. Bertillon continúa a usar no systema descriptivo de que se occupa em seguida.

Partindo do principio de que «tudo o que vive, cresce ou decresce, oscilla entre um maximum e um minimum entre os quaes vem agrupar-se a multidão de fórmas intermediarias, tanto mais numerosas quanto mais se approximam da média, tanto mais raras quanto mais se afastam d'ella», conclue a necessidade de organisar com o maior cuidado possivel, um vocabulario desenvolvido, para os casos intermediarios, que constituem approximadamente $^{9}/_{10}$ dos casos totaes, e a que costumava, apezar d'isso, ligar-se pouca attenção; com effeito a linguagem usual, diz M. Bertillon, quasi só dispõe de palavras para os casos extremos, bem nitidos, e por isso mesmo excepcionaes, deixando de lado os casos vulgares, para os quaes apenas nos offerece os termos *ordinario, medio, commum,* que póde dizer-se que nada significam.

E' nesta conformidade que o systema é organisado. Da sua desenvolvida exposição tomaremos apenas duas notas relativas a duas innovações de interesse.

A primeira é sobre a grande importancia attribuida ao exame da orelha, cuja fórma, immutavel durante a vida, é

extremamente variavel de exemplar para exemplar. A importancia d'este caracter avulta singularmente quando se trata da identificação com uma photographia, especialmente de data antiga.

A segunda é relativa ao processo seguido nas descripções do iris humano. O antigo uso de observar a uma distancia sufficiente para se perceber apenas a coloração geral ou média, é posto de parte, substituindo-se-lhe uma analyse detalhada do olho. O criterio que serve de base á classificação é a variação de intensidade da pigmentação amarello-alaranjada, que M. Bertillon representa em 54 typos.

Contra a pratica só a pratica póde argumentar. Não ousariamos por isso chamar ao processo demasiadamente analytico. Confessamos, todavia, que a leitura que fizemos nos não transmittiu toda a confiança que o auctor deposita na sua precisão.

M. Bertillon occupa-se em seguida do systema de caracterisação por meio de signaes particulares, dedicando especial cuidado á parte que trata da *localisação* dos signaes.

Estuda depois o papel comparado dos tres systemas e o funccionamento do serviço anthropometrico nos departamentos, e apresenta uma estatistica cujos dados lhe permittem concluir que, por um lado a exactidão das identificações anthropometricas tinha sido sem excepção confirmada pelas decisões ulteriores da justiça, e por outro que em 30:000 exames feitos num anno, o numero das omissões de identificação se elevou apenas a 4.

Finalmente acaba a Introducção por considerações sobre a internacionalisação e generalisação do systema anthropometrico, que, á data da publicação do livro (1893) era já adoptado nos Estados Unidos, Belgica, Suissa, Russia, grande numero de republicas da America do Sul, Tunisia, Indias Inglezas, Roumania, etc.

Começam depois propriamente as instrucções para a utilisação pratica dos systemas. A' parte um capitulo preliminar em que trata de prescripções de ordem geral sobre a maneira de pôr em pratica o systema de caracterisação anthropometrica, M. Bertillon divide as suas instrucções em tres partes correspondentes aos tres systemas. Em todas ellas é de uma minuciosidade de detalhes que chega a parecer excessiva, mas completamente justificada pela necessidade absoluta que ha, de que todos procedam exactamente do mesmo modo; só assim são comparaveis os resultados obtidos por differentes observadores, ou pelo mesmo em differentes occasiões.

As instrucções são ainda elucidadas por um grande numero

de desenhos e photographias, a maior parte reunidos num album que fórma o segundo volume da obra e que contém além d'isso um quadro com os 54 typos do olho humano, e varios outros em que vêm formuladas as questões a que tem de responder o empregado no serviço de caracterisação.

O primeiro volume comprehende ainda um annexo em que M. Bertillon dá instrucções sobre a photographia judiciaria, e em harmonia com as quaes foram tirados os retratos do album; e finalmente algumas paginas sobre o *retrato verbal* ou descripção minuciosa de um individuo, em que por uma escolha dos traços caracteristicos que mais facilmente se fixam na memoria, é exposta a maneira pratica de melhor fixar o aspecto physionomico d'alguem.

Fica assim exposto o plano da obra de M. Bertillon, posta ao abrigo da critica pelo resultado pratico da sua applicação.

Dissemos no principio d'este esboço, que a anthropometria judiciaria era independente da anthropometria posta ao serviço da anthropologia. Deveremos d'ahi concluir que não poderão ser aproveitados para a sciencia os dados que dia a dia se vão accumulando nos archivos penitenciarios? Seguramente que não. E' certo que nem todas as medidas que ahi se fazem têm valor para o naturalista (1), mas apezar d'isso, muito haverá a aproveitar.

A. A. de Sousa Pinto.

---

(1) Uma medida importante que se perde é a do diametro antero-posterior da cabeça. No serviço judiciario o que medem é o *comprimento da cabeça,* que vai não á glabella mas á concavidade da curva do nariz.

NOTAS HISTORICAS DA CADEIRA DE DESENHO DA ESCHOLA POLYTECHNICA E RAPIDAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DO DESENHO EM GERAL

(Cont. do n.º 3, pag. 157)

Em virtude da portaria de 14 de abril de 1859, foi nomeado interinamente ajudante do professor de desenho o illustre engenheiro militar Antonio Egydio da Ponte Ferreira, o qual, pelo seu saber e assiduidade, veiu a prestar superior auxilio ao professor Pezarat, que se achava só na cadeira, a luctar com as constantes difficuldades que se lhe apresentavam na direcção do ensino, como elle anteriormente fizera notar.

Neste mesmo anno, por carta de lei de 7 de junho, passou a Eschola polytechnica para o Ministerio do reino, o que só se realizou de facto em setembro.

Em virtude da dicta carta de lei, foi auctorizada a creação de uma cadeira de geometria descriptiva para o ensino d'esta sciencia na sua parte theorica e graphica, e outra de chimica organica, cada uma com um lente proprietario e um substituto.

A lei tambem auctorizava a organização de um novo programma dos cursos preparatorios da Eschola polytechnica, que foi approvado pela portaria do Ministerio do reino de 8 de junho de 1860.

O curso de desenho ficou então reduzido a dois annos, com o seguinte programma:

1.º ANNO. — *Desenho geometrico. Esboços de paisagem, de figura humana, animaes e vegetaes. Marinhas. Traçados elementares de geometria descriptiva. Perspectiva e sombras. Desenhos topographicos. Cópia de modelos de gesso.*

2.º ANNO. — *Desenho de architectura, continuação dos traçados de geometria descriptiva, engrenagens, orgãos mechanicos e machinas. Levantamento de plantas de terrenos, de edificios e de machinas.*

Como se vê, a materia que anteriormente constituia os

quatro annos de desenho, ficou então, com pequenas suppressões, distribuida pelos dois annos do novo curso.

Nos cursos preparatorios da Eschola os dois ultimos annos do antigo curso de desenho, correspondentes ao 3.º e 4.º anno da Eschola, passaram a ser substituidos respectivamente pela 1.ª e 2.ª parte de geometria descriptiva.

No curso preparatorio para officiaes de marinha passou a exigir-se só o primeiro anno de desenho.

Foi ainda em 1859, sendo director o coronel de engenharia Belchior Garcez, que a Eschola enviou, em 28 de março, uma consulta para os lentes da 10.ª cadeira passarem a ter o mesmo vencimento que os outros lentes, bem como para que os professores de desenho passassem a ser considerados lentes, logo que as habilitações e as provas exigidas no concurso os collocassem em analogas condições ás dos lentes das outras cadeiras. O governo, porém, nada resolveu a este respeito.

Como já vimos, quanto á cadeira de desenho, era esta a segunda tentativa que o conselho da Eschola fazia para elevar o nivel da cadeira de desenho. Era tambem inadmissivel que houvesse na Eschola polytechnica uma tal differença de categorias, quando não a havia na Academia polytechnica do Porto, sendo além d'isso os seus professores equiparados aos lentes da nossa eschola.

Pela portaria do Ministerio da guerra de 30 de novembro de 1860, foi auctorizado o professor Ponte Ferreira a auxiliar na parte graphica ou pratica da cadeira de geometria descriptiva o sr. Luiz Porphyrio da Motta Pegado, lente proprietario d'esta nova cadeira, para onde fôra nomeado por decreto de 12 de abril do mesmo anno, sendo então o substituto de mathematica mais antigo.

Por este serviço passou Ponte Ferreira a ter a gratificação de 270$000 réis, que competia aos lentes substitutos militares.

Nesta epocha achava-se já mui doente com rheumatismo gottoso o professor Pezarat e quasi impossibilitado de reger a sua cadeira, em vista do que era o seu ajudante quem a maior parte do anno lectivo se encarregava da regencia.

Tambem se chegou a lithographar um novo regulamento para a Eschola, onde era considerado o curso de desenho como a 13.ª cadeira, mas não logrou ser posto em execução.

E' para notar que, tendo sido creada a cadeira de desenho nos Lyceus em 1846, só no anno lectivo de 1860 a 1861 começasse a funccionar esta cadeira no Lyceu de Lisboa, para a qual fôra nomeado professor o sr. Theodoro da Motta, em

quem se encontravam todos os requisitos para o bom desempenho de tão ardua tarefa.

O curso de desenho constava então de traçados geometricos mui elementares, que eram explicados no quadro ou pedra e copiados pelos alumnos, visto não haver compendios por onde se guiassem. Além d'estes traçados, havia o desenho de ornato, que egualmente o professor desenhava no quadro para os alumnos copiarem sob as suas indicações.

Em 1861 o curso passou a ser dividido em dois annos, estudando-se traçados de geometria plana no primeiro, e de geometria a tres dimensões no segundo, havendo em ambos os annos copia de ornatos da estampa.

Em 1862, tendo-se feito nova reforma, foi ampliado o curso anterior com perspectiva, desenho de architectura e copia de ornatos de gesso.

Por este facto se vê que, com pequena differença, continuavam a subsistir as difficuldades que, em geral, encontravam constantemente os professores de desenho das escholas superiores na direcção do ensino dos seus alumnos.

Foi, naturalmente por este motivo e pela má direcção do ensino nos outros Lyceus, que veiu o decreto de 30 de abril de 1863 modificar o programma dos exames de habilitação, exigindo-se então aos examinandos uma prova de desenho linear.

Infelizmente todas essas difficuldades reapparecem actualmente em consequencia do ensino do desenho nos Lyceus ter retrogradado, pela ultima reforma, até ao estado rudimentar de 1860.

(Continúa.) AUGUSTO SCHIAPPA MONTEIRO.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

NOVIÇA

Ella, que é tão conhecida
Nas festivas brincadeiras,
Vai p'ra um convento de freiras
Passar o resto da vida.

Coitada da rapariga!
Por um profundo desgosto
Vais velar teu lindo rosto.
Mas permitte que te diga

Que, ao ver a negra doçura
D'esse teu olhar pisado
Pelos pés da desventura,

Ficará apaixonado
Por tão gentil creatura
O Christo crucificado.

Coimbra, 1 de março de 1900. ANTONIO MACHADO.

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA (*)

A. Introducção geral

§ 1.º

Portugal é o paiz mais occidental da Europa, o ultimo para quem raiam as auroras. A sua existencia politica é relativamente nova: postos os fundamentos em 1097 pelo casamento de Theresa de Leon com Henrique de Borgonha, levantado a conde hereditario de Portugal, constituiu-se definitivamente cerca de 1250 pela conquista do Algarve e delimitação das fronteiras luso-leonezas, attingindo a consciencia nitida da homogeneidade nacional só com a victoria de Aljubarrota em 1385. E' por isso que a sua litteratura é uma das creações mais recentes da civilização romanica. Tendo tido, desde a sua entrada na historia até hoje, apenas 1 ½ a 5 milhões de habitantes, a sua litteratura não podia ser rica. Compete-lhe naturalmente apenas uma originalidade limitada, que encontra a sua plena expressão num numero restricto de obras.

Além d'isso, Portugal é physicamente uma parte da Peninsula. Nenhuma fronteira natural o separa do resto da Hespanha. Com Gallegos, Asturianos e Leonezes em especial, mas tambem com Aragonezes, Castelhanos, Andaluzes, etc., formam os Portuguezes uma unica e só nação, no sentido naturalista da palavra. Provenientes de egual raça, sobre a qual se operaram *quasi* eguaes misturas, tiveram a mesma evolução, trabalharam no cumprimento da mesma missão, e portanto formaram a mesma arte, o mesmo direito, linguas irmãs, e um folklore uniforme. Foram só accidentes que tornaram Portugal num estado politicamente separado, dando aos seus habitantes

(*) Pela primeira vez publicada no *Grundriss der Romanischen Philologie* de *Gustavo Gröber* (Strasburgo, 1894), e agora revista e augmentada pela auctora.

pouco a pouco *sentimentos de independencia* devéras pronunciados. Não ha pois entre as duas litteraturas uma fronteira antiga e fixa. E tão pouco pode existir entre as duas uma differença saliente, que seja á primeira vista sensivel e intelligivel para o estrangeiro. Em muitas manifestações do espirito nacional, ver-se-ha a nação mais pequena depender da maior, e d'ella receber impulsos e modelos; embora o contrario possa acontecer e acontecesse tambem diversas vezes.

Não esperemos por isso encontrar em Portugal senão uma litteratura tardia (em comparação com a Hespanha, França e Italia), pouco abundante, nem sempre independente e frequentemente affim da hespanhola.

§ 2.º

Apezar de faltarem a Portugal, ao lado do oriente, fronteiras que o separem do estado seu irmão pela raça e pela lingua, é comtudo differente da Hespanha, principalmente da Hespanha *castelhana,* que se fez cabeça e coração do reino, formando o typo *hispanico.* A terra portugueza, amena, rica em mattas e rios, muitissimo fertil, prodigamente favorecida dos mais variados dons pela mão da natureza, é totalmente diversa do planalto central da Hespanha. Lá um imponente deserto; cá valles e prados cheios de flores e de perfumes, embebidos de chuvas abundantes, que sobre elles gotejam altas serras oceanicas, o cimo coroado de nevoeiros eternos. Tambem a população mostra uma individualidade caracteristica: alguma coisa de positivo ha na affirmação, que o sangue iberico se misturou com sangue *celtico* em grau maior cá do que nas veias hespanholas, e que tambem o cruzamento posterior com os conquistadores romanos, germanicos e arabomouriscos foi differente. D'isso provém o facto de a lingua e litteratura se apresentarem differentemente matizadas.

Portugal, accessivel pelo lado de dentro a influencias exclusivamente peninsulares, é ao mesmo tempo uma faixa de costa voltada para o oceano, patente a navegantes e estrangeiros de todo o mundo. Francezes, inglezes, allemães e flamengos vieram até aqui colonizar; e o commercio com gente de fala e de modo de pensar differente foi adestrando e afinando o ouvido e a lingua portugueza. O povo, de um talento extraordinario, activo, perspicaz, loquaz, eloquente mesmo, docil e de indole assimiladora, conheceu cedo opiniões e lendas, usos e costumes estranhos. Não se encerrou dentro de um isolamento obstinado

e soberbo, como o castelhano, que é e quer ser o que é *per se*, mas amaciou os angulos e asperezas do caracter original, adquirindo maior mobilidade de physionomia.

Consoante a natureza do paiz, e em harmonia com o caracter popular e o modo e condições de vida, o estro poetico devia manifestar-se de preferencia no dominio lyrico, e com maior abundancia e espontaneidade no genero *bucolico*. Se algures se havia de revelar esse estro com certa independencia, era ahi. São d'este genero não só as *serranilhas* antigas e os disticos emparelhados de feitio popular e as cantigas dialogadas dos pastores e aldeãos das provincias de Traz-os-Montes e da Beira, mas tambem a lyrica dos circulos mais elevados da sociedade, que desde tempos antigos escolheram de preferencia, para a expressão dos seus sentimentos, o genero pastoril: o idyllio ou o romance pastoril entretecido com idyllios. As qualidades mais peculiares da alma popular portugueza, o sentimentalismo terno e sonhador, o estado d'alma melancholico tão bem traduzido pela palavra *saudade*, a paixão amorosa e o morrer de amor, que se tornou proverbial, casam-se facillimamente com o bucolismo e predispõem para a egloga. Tambem o caracter da lingua, rica em vogaes, diphtongos e nasaes, sem um esqueleto rigido de consoantes, e mesmo as proprias côres nacionaes (verdade é que são modernas), o azul celeste e o branco, côres que estão em frisante contraste com as côres fanaticas da bandeira hespanhola, o amarello e o encarnado, teem um cunho particular.

A accessibilidade e a facilidade de acceitação do que é estrangeiro, o indubitavelmente grande talento de assimilação e de *imitação* do portuguez, devia, como era natural, enfraquecer até certo ponto o espirito inventivo; e a litteratura portugueza, a qual chamei tardia, diminuta e affim da hespanhola, perderá ainda um tanto do seu relevo proprio, tornando-se, pela influencia de estranhos, muitas vezes menos original do que a da nação irmã.

§ 3.º

Ha meio seculo, depois de se ter principiado o estudo scientifico comparativo das litteraturas romanicas, tendo-se tornado accessiveis algumas obras litterarias archaicas anteriormente occultas, duas opiniões quasi congeneres foram formuladas para combater o que até então se havia affirmado erradamente em Portugal ácerca da edade, da historia e do valor da litte-

ratura portugueza, e fôra acceito e propagado lá fóra por *Bouterwek* e *Sismondi*. A primeira d'essas opiniões novas sustentava que a litteratura portugueza não merecia creditos de organismo autonomo, gerado livremente de elementos nacionaes, mas era um mero appendice da litteratura *hespanhola*. A outra não negava em absoluto a sua independencia, affirmando porém que havia sido *sobretudo* imitativa, *sempre* captiva de influencias estranhas, puramente receptiva e nunca productiva, no sentido proprio da palavra. Para ella, os traços capitaes da litteratura portugueza—pois não quer falar de caracter—são os seguintes: Dependencia de influencia exterior e estrangeira, genio imitativo, grande suavidade e ternura de estylo que chega a ser molleza. F. Wolf foi quem formulou (1843) esta segunda asserção, muito moderada e discretamente, em plena harmonia com a exposição breve e summaria do nosso primeiro paragrapho, motivando-a tanto quanto o permittia o conhecimento d'então sobre a litteratura portugueza. Outros repetiram mais tarde ora uma these, ora outra, exagerando-a, em vez de a reduzir aos seus justos limites.

Hoje, depois de mais completamente colhidas e impressas as producções da litteratura popular, estando publicados outros monumentos importantes archaicos, sendo um pouco mais detidamente investigadas as suas relações com as outras litteraturas romanicas, discutidas differentes questões então ainda indecisas, e resolvidas a favor de Portugal, aquellas affirmações já não podem ser repetidas *sem restricção*. Entretanto, não ha meio de as debellar. Porque o ponto principal,—dependencia de influencias estranhas, connexão intima com a litteratura hespanhola, e um fundo de elegiaco sentimentalismo—não pode ser negado.

§ 4.º

E' facto que a poesia artistica portugueza, logo ao seu primeiro desabrochar na Edade-media, se curvou deante da preponderancia mental da França do Norte e do Sul, manifesdo-se em cantigas aulicas trobadorescas, sem que esta florescencia fosse precedida, assim como em Castella, de uma poesia indigena verdadeiramente nacional e epica, baseada em elementos populares e d'elles proveniente, poesia que tratasse assumptos meio populares, meio litterarios, sacros e de cavalleria. Facto é que foi, no tempo da renascença das artes e sciencias, a discipula docil da Italia; facto é que esteve, nos seculos XV e XVII (e tambem no seculo XVI) em intimo contacto

com a litteratura do paiz vizinho, cuja população muito mais numerosa foi por isso mesmo de maior riqueza inventiva, subordinando-se-lhe temporariamente, e até mesmo confundindo-se quasi totalmente com ella em certos dominios. Facto ainda que no seculo XVIII o classicismo francez e no seculo XIX o romantismo influenciaram seu desenvolvimento principalmente pelo vehiculo de obras francezas, mas tambem por outras inglezas, hespanholas e allemãs, deixando vestigios que ainda não estão inteiramente obliterados, apezar de o naturalismo e positivismo, e recentissimamente o symbolismo, mysticismo (=nephelibatismo) terem arredado para o segundo plano os seus representantes.

§ 5.º

Todavia com isto não está tudo dito. Ainda que falte, no principio da litteratura, a poesia popular *epica,* a existencia da poesia lyrica é incontestada. Depois, todas as litteraturas romanicas estiveram expostas ás mesmas influencias e correntes occidentaes, tomando approximadamente egual evolução, com uma só differença, de que logo se falará. Todas receberam e deram, conduziram e foram conduzidas. Originalidade absoluta, não se encontra em parte alguma, nem no que respeita a materia, nem no que diz respeito a forma. A maneira *como* ellas imitaram é o que importa principalmente. O mero phenomeno de a maioria das acquisições mentaes medievaes e modernas, affectivas e especulativas, das grandes civilizações do Occidente se terem estendido até ao extremo do oeste da Europa, e de Portugal se ter interessado por ellas, era em si precioso como medida, tanto para a intensidade d'aquellas manifestações, como para a da faculdade de assimilação dos portuguezes. Estes não receberam nem acceitaram tudo sem distincção; consoante á propria indole, fizeram escolha e imitaram *de maneira differente* dos outros. Tanto a poesia trobadoresca, como as manifestações da renascença, o classicismo tanto como o romanticismo teem em Portugal aspecto portuguez. Até as producções escriptas em lingua castelhana por auctores portuguezes teem, para os conhecedores, um cunho que corresponde ás particularidades nacionaes, distinguindo-se perfeitamente do espirito hispanico; e alguns dos ramos transplantados para Portugal lançaram raizes robustas e desabrocharam em flores de rara amenidade, *mudadas,* modificadas quanto á côr e perfume.

As producções consideradas como meras imitações (ou transformações pouco caracteristicas) de modelos estrangeiros, tanto da poesia popular, como da poesia litteraria, são largamente compensadas por um grande numero de producções espontaneas, e postas na sombra por diversas *creações* que devem a sua existencia e a sua vitalidade a elementos indigenos e ao mundo sentimental especialmente portuguez. Entram nesta categoria differentes obras historicas de grande estylo; os livros populares patrioticos, como as *tragedias maritimas;* o livro de cavalleria do *Amadis;* o romance pastoril intitulado *Diana;* as cançōes do namorado *Macias;* idyllios de Christóvam Falcão e Bernardim Ribeiro, sem contar a vasta lyrica popular que já influenciou de uma maneira benefica a primeira epocha trobadoresca. E, acima de tudo, a epopeia historica. Porque o poema epico e historico-nacional que falta no principio da litteratura portugueza, apparece-nos no seu ponto culminante. —O heroe hispanico propriamente dito da peninsula toda no sentido mais largo da palavra, viveu antes de Portugal existir como monarchia. O *Poema del Cid* já estava virtualmente creado, quando o joven reino occidental acabou de entrar na historia. Pertence portanto a *toda* a metade norte da Peninsula, desde Coimbra, por Toledo, até Valencia. E quasi a mesma coisa se pode dizer do thesouro historico dos romances populares epico-lyricos. Quem pode demonstrar que o Occidente não tem parte alguma nellas?

Mas a epopeia nacional, pura e especialmente portugueza, forma a ultima pedra do seu desenvolvimento. Em quatro seculos de historia gloriosa acordára lenta mas seguramente o sentimento patrio da Lusitania. E, tendo attingido o seu auge, quando o periodo de gloria já fechára, buscou tambem virilmente, e não em vão, a sua plena expressão na litteratura. Incarnou em *Luiz de Camões,* e tomou a forma da epopeia nacional dos *Lusiadas* (1572), cujo espirito patriotico se communicou á nação, e (1640) fez sentir a sua influencia irresistivel na reconquista da independencia, perdida em 1580.

(Continúa). D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

(Traducção de ALFONSO HINCKER).

MEMORIAS DE CASTILHO

LIVRO VII

1853-1854

(Cont. do n.º 3, pag. 172)

IX

Apresenta-se ao leitor, com muita especialidade, o Administrador do Concelho de Leiria, Bacharel Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.—Achêgas para a sua biographia.—O Administrador faz-se mestre primario.—Versos d'elle, e prosa de Thomaz Ribeiro.—Outra vez o curso de Castilho em Leiria.—Sessão de despedida.—Jornada de Castilho para Lisboa.

Ouvi sempre louvar muito o comportamento do zeloso Administrador do Concelho de Leiria, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, que, morando a uma legua da cidade, na sua casa das Córtes, vinha com a maior pontualidade reger a cadeira primaria, de que se tinha encarregado, pelo Methodo Castilho, e nunca faltou, arrostando ás vezes, na ida ou na volta, com medonhos temporaes. Conheci o magnifico murzello preto em que elle fazia a jornada, e que me parece era o mesmo protagonista dos lindos versos de Cordeiro

Veloz como o pensamento,
como as rajadas do vento,
como as aguias a voar,
meu ginete, a toda a brida!
ahi tens a rédea abatida!
galopa a bom galopar!
.....

E' difficil expressar o que era Cordeiro n'esse tempo. Poucas pessoas tenho visto tão vivazes como elle. Pequenino de estatura, sempre de bom humor, cabello farto e negro, bello bigode negro, tez morena, olhos garços muitissimo expressivos, e no sorriso, nos modos, no ar, uma bonhomia distrahida indescriptivel. Todos gostavam d'elle, e elle era o mais paternal dos Administradores de Concelho do orbe todo;

digno auxiliar e companheiro de Fonseca e Mello e D. Antonio da Costa.

Cordeiro adorava sua santa e idosa mãe, que vivia com elle nas Córtes; e (depois d'ella) adorava todas as mulheres. Versos, corridas por montes e valles, cartas, recitações, pensamentos, tudo lhes era dedicado. Tinha seus quês de trovador, quando no seu cavallo negro passava correndo, e atirava como saudação aos conhecidos algum verso desgarrado de Bernardes ou Bernardim Ribeiro. Nas salas aonde ia, recitava sempre; não o deixavam; n'esse bom tempo as salas apreciavam poesia; e a intimativa meio *collegial* da sua recitação dava novo realce aos versos, d'elle ou alheios, armazenados na sua memoria.

Na cruzada do Methodo portuguez, Cordeiro foi todo *Castilho;* com a palavra e com a penna auxiliou o mestre; e fez mais: auxiliou-o com os actos. A regencia da sua aula gratuita em Leiria foi um verdadeiro rasgo de perseverança, dedicação, e caridade. Leiria toda viu com entranhada gratidão a maneira como elle se portou; e Cordeiro que de nada se vangloria, porque é a pessoa mais modesta do mundo, revela a satisfação de ufanias intimas quando se lhe fala na sua eschola.

Ora deu-se então um facto significativo: os Sargentos do regimento de Caçadores n.º 8, aquartelado em Leiria, querendo auxiliar a piedosa obra do poeta, deram no theatro da cidade uma bonita recita em favor da eschola de Cordeiro. O brioso *mestre,* que desejava custeal-a exclusivamente do seu abastado bolsinho, assistiu ao espectaculo, e ahi recitou uma vibrante poesia em que declina esse producto em favor dos pobresinhos de Leiria. Eis a poesia, que é, sem contestação, uma das melhores do poeta leiriense:

FESTA DE CARIDADE

Recitada pelo auctor no theatro de Leiria,
agradecendo aos Sargentos
de
Caçadores n.º 8
uma recita que deram em beneficio
de uma eschola nocturna
regida
e sustentada por elle.

Os vossos emboras, patricios! venturas
tão vivas como estas nunca eu as senti;
os vossos emboras!... que em vez de tristuras
só sinto alegrias pularem-me aqui.

Vós tendes-me visto soltando mil penas
da lyra já rouca de tanto gemer;
vós heis conhecido que as tristes Camenas
só magoas sentidas me deixam dizer.

Pois hoje em vez d'ellas ressumbre a alegria
das cordas da lyra! ditoso já sou.
Tristezas, deixae-me! reflecte, o Poesia,
reflecte a ventura que est'alma inundou.

Do fogo que á mente me venha em delirio,
não tenho jactancias; ignaro talvez,
não sinto vaidades do doce martyrio
que a vida me exalta, que poeta me fez.

Esse estro, das Musas presente funesto,
não enche de orgulhos o meu coração;
aos titulos todos prefiro o modesto
de *mestre,* que as pobres creanças me dão.

Oh! sinto-me altivo. Mimosas primicias
são essas creanças de um tempo que vem.
o nome de *mestre* bastantes delicias,
bem gratas doçuras já dado me tem.

Oh! sinto-me altivo! Formar-lhes as almas!
romper-lhes as trevas! mostrar-lhes a luz!
erguel-as da terra! colher-lhes as palmas
que brotam na senda que á dita conduz!

Servir-lhes de auxilio! seguil-as na senda!
leval-as ao Eden! dizer-lhes: «Olhae,
«os fructos d'esta arvore, em santa contenda
«quereis conhecel-os? subi-a; trepae.

«Trepae, innocentes, é vossa; allumia;
«subi-a sem medo; vereis logo após
«rasgada a cortina surgir novo dia,
«um mundo de encantos erguer-se ante vós.

«E' vossa; é de todos; subi-a; constancia!
«constancia tres mezes! não custa a subir!
«vereis o phantasma da vossa ignorancia
«á voz de Castilho sumir-se, fugir.

«Vereis o futuro raiar como aurora
«de mimos, venturas, riqueza, e prazer;
«tereis os thesouros que cegos té agora
«não vieis nas trevas do vosso viver.»

Falar-lhes d'est'arte, e após (nobre lida!),
após, da ignorancia rasgar-lhes o véo,
olhar-lhes os rostos, e a paga devida
colhel-a n'um riso reflexo do céo!

n'um riso que diga que somos amados
por peitos singelos, que ingratos não são,
que ainda mais tarde seremos lembrados,
nas vagas memorias do seu coração!

Oh! sinto-me altivo. Que mais nos exalta?
aonde mais nobre, mais rico laurel?
aonde uma gloria mais digna, mais alta,
nas tantas que em pedra memora o cinzel?

Embora trabalhos avultes, redobres,
fadiga do ensino, bem pago estou já.
O premio do pouco que fiz pelos pobres,
está nas delicias que o ensino me dá;

e está no que vêdes; está n'este dia;
está n'esta prova, que eu nunca pedi,
tão fina, espontanea, de tanta valia,
que nobres mancebos me dão hoje aqui.

De Marte os alumnos, amantes da gloria,
veem hoje mostrar-nos que sabem sentir;
que horrores da guerra, nem trons de victoria,
não logram affectos nos bons extinguir.

Oh! salve, mancebos! Ideias tão nobres
exaltam o povo, que amor resgatou.
Em nome pois d'elle, da Patria, dos pobres,
mil graças, por tudo, mil graças vos dou.

Leiria, 5 de Fevereiro de 1853.

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

*

Na commovida biographia, tão fraternal e tão verdadeira, anteposta em 1889 ás *Esparsas,* ao falar do moço Cordeiro em 1853, diz Thomaz Ribeiro:

..... «Cordeiro ainda era trovador, ainda era namorado, ainda compunha e consagrava barcarolas ao seu Lis, e serenatas aos seus amores; mas era mais do que trovador: era mestre-eschola, mestre de primeiras lettras, professor pelo *Methodo portuguez de Leitura repentina,* em aula nocturna creada por elle, a expensas suas, em Leiria, aonde vinha das Córtes todas as noites! cinco kilometros, approximadamente, de distancia, e então de pessimo caminho, *ensinar os ignorantes.* Durante dois annos manteve este favor aos seus conterraneos, esta homenagem ao seu mestre — ao nosso mestre — Castilho, para quem a justiça da posteridade ainda não chegou.

O sacerdote maximo da poesia portugueza, o auctor da *Lenda da Senhora da Nazareth* e dos *Ciumes do bardo,* o cinzelador esmeradissimo dos *Quadros historicos,* o traductor, escrupuloso como Bocage, de Virgilio e de Ovidio, o nacionalisador de Molière, o Milton portuguez, ainda espera, e sem murmurios, o pagamento da divida sagrada, de que é fiadora e principal pagadora a gloria nacional. Será paga, e com larguissimos juros, ao mestre nobilissimo» (1).

*

Basta por agora com o bom Cordeiro; voltemos a Castilho.

O Curso normal de Leiria, aberto com tão bons auspicios, proseguiu com enthusiasmo. Havia duas sessões diarias; uma de manhan, outra á noite. O Commissario Geral, a primeira figura do quadro, presidia com aquelle zelo incançavel que

---

(1) Tendo eu pedido ao nosso Cordeiro alguns esclarecimentos sobre estes assumptos, recebi d'elle a seguinte carta, que textualmente transcrevo. Hoje, que este nosso provado amigo já não existe, tem este documento intimo duplicada valia.

Ameixoeira, Julho, 2, 1898.—*J. de C.*

«Visconde Julio.—Se tu já encontraste o que desejavas saber ácerca do Centro de Leiria, o que te hei de eu dizer?

«Fui administrador do Concelho de Leiria desde Agosto de 1853 até Dezembro de 1854 (interino), e por nomeação definitiva desde 13 de 1854 (sic) até Outubro de 1856, em que me propuz Deputado.

«Assistindo em Lisboa ás prelecções de teu pae, vim para Leiria, e estabeleci á minha custa um curso nocturno, que eu regi pelo Methodo Castilho. Este curso nocturno (muitas vezes debaixo de chuvas, por que caminhos!... ia das Córtes á cidade para não faltar aos meus discipulos) durou desde Outubro de 1852 até Março de 1853. Este curso foi elogiado por Portaria do Diario do Governo de 21 de Abril de 1853, e tambem então me deram o habito de Cavalleiro da Conceição.

«Trago isto para te dizer que este curso enthusiasmou os Sargentos de Caçadores n.º 8, que deram uma recita em beneficio da eschola. Creio que tens lá as *Esparsas,* onde a pag. 37 veem uns versos em que eu agradeci esta fineza, declinando em favor dos pobres aquelle beneficio. Trago isto para te dizer que este pequeno curso, um dos primeiros que se deram em Portugal ensinando o Methodo de teu pae, foi o fermento para o Centro de Instrucção Primaria, que durou desde 1854 a 1856 (tres annos). A historia do Centro creio que a tens lá. O Centro foi filho do meu curso.

«Durante o meu curso e o do Centro, o Governador Civil foi o Antonio Vaz da Fonseca e Mello.

«Adeus, meu bom e esclarecido amigo. Crê-me sempre teu pelo coração e pelo affecto amigo obrigadissimo.—Lisboa, 2 de Julho de 1892. *Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.*»

todos lhe conheceram. A prelecção doutrinal, a direcção dos varios exercicios pedagogicos, um sem-numero de outras noções que por si mesmas vinham offerecer-se a exame, tudo elle vigiava, a tudo attendia, como general em dia de batalha, applicando aquelle ouvido finissimo, e soltando aquella voz sonora e musical cheia de uncção e auctoridade.

Para dar aos professores noções variadas, que elles depois podessem repartir com os seus alumnos, lá nas freguezias longinquas d'onde vinham, discursava Castilho em certos dias da semana, depois do trabalho do Methodo propriamente dito, sobre pontos de historia natural, de philosophia amena, de grammatica, ou de historia patria. Dava com muito gosto a palavra aos professores que a pediam, e discutiam-se assumptos de interesse geral do professorado portuguez. N'outros dias eram conferentes alguns amigos, como D. Antonio da Costa, José Barbosa Leão, Cordeiro, e não sei quem mais. Chegou-se a redigir em nome dos professores do Districto uma representação ás Côrtes sobre melhoria das condições da classe. «Foi uma especie de Concilio», como muito bem diz D. Antonio da Costa na citada Estatistica.

Uma das materias pedagogisticas mais propugnadas pelo poeta, em livros, em discursos, e em innumeraveis officios ás auctoridades, foi a fixação de um prazo certo para a abertura annual dos cursos primarios, como na instrucção secundaria e na superior se usa sempre. A entrada successiva de alumnos ao longo do anno é um dos grandes embaraços para a utilissima simultaneidade de um curso. E lá diz D. Antonio da Costa:

«Assentou-se o inconveniente da abertura das aulas de en-«sino primario ser em todo o anno; conheceu-se que uma das «razões para semelhante anomalia era a necessidade das mães «collocarem em alguma parte os filhos ainda creanças, e ser «esse logar a eschola; lembrou-se que as *créches,* logo que se «podessem estabelecer, cortariam o obstaculo.»

Este mesmo alvitre, Castilho o advogou com muitos argumentos irrespondiveis, no seu livro *Felicidade pela instrucção.* A seu tempo veremos isso.

Quantos assumptos variados de pedagogia e litteratura ali não foram discutidos! isto é: quantas sementes fecundas se não espalharam para todos os quatro pontos cardeaes do Districto! a propria questão orthographica ali foi levantada e debatida.

Este curso, e os seus congéneres regidos pelo nosso poeta, eram uma especie de congressos officiaes da instrucção pri-

maria. O que em assumptos disciplinares intentam os concilios provinciaes, o que em ponto maximo realisam os concilios ecumenicos, cumpriam-n'o em materias pedagogisticas estas assemblêas dos professores, estas modestas côrtes districtaes, em favor dos melhoramentos que a opinião publica, assim formada a pouco e pouco, havia de vir a impôr aos Governos.

Dos 39 professores do sexo masculino no Districto de Leiria, assistiram ao Curso 31; não vieram os restantes, ou por doentes, ou porque, na qualidade de Parochos, tinham impedimento, por ser Quaresma.

Faço justiça aos assistentes, e calculo que entre os trinta e um haveria alguns de merito; mas especialiso com muito louvor o honrado, o sizudo, o intelligente professor da villa de Ancião, José Joaquim Serra, que veio a ser um dos mais efficazes auxiliares e amigos de Castilho. Transferido depois para a Eschola Normal de Lisboa, continuou a mostrar o que era e o que valia.

*

Ha um documento muito serio, onde os trabalhos d'este Curso são mencionados: é o Relatorio, que o Presidente do Centro, D. Antonio da Costa, leu na sessão solemne do mesmo Centro em 16 de Setembro de 1855 (1).

«Tendo chegado a esta cidade o Commissario de Instrucção «primaria pelo Methodo portuguez, o sr. Antonio Feliciano de «Castilho,—diz o Relatorio—a fim de dar um curso normal «e official do referido Methodo aos professores publicos de «todo o Districto, entendeu o Centro que devia offerecer ao «sr. Castilho as suas salas para n'ellas dar o curso.

«Foi debaixo da direcção de S. Ex.ª, que tiveram logar as «palestras, ou pequenos cursos elementares, que agradaram «tanto, que as salas do Centro se achavam constantemente «cheias de espectadores de todas as classes sociaes. Foi aberta «a primeira palestra pelo sr. Castilho, versando o assumpto «sobre a descripção das arvores. O Bacharel Rodrigues Cor- «deiro, fez outra sobre a importancia e vantagem dos animaes. «O Presidente do Centro, sobre a educação publica. O Dr. José «Barbosa Leão, sobre a milicia. O membro do Centro José «Joaquim Vieira da Rosa, sobre a introducção e vantagens da «polvora. Outro membro do Centro, o Bacharel Cassiano Se-

(1) Vem no jornal *O Leiriense* de 26.

«pulveda Teixeira, sobre as fórmas do Governo. A ultima coube «ao Bacharel Rodrigues Cordeiro, e foi sobre a origem e revo- «lução da typographia.

«Em seguida ás palestras, promoveram-se os saraus poe- «ticos, que não deixaram de ser interessantes. O Centro teve «a honra de receber nas suas salas, por occasião dos saraus, «muitas das principaes familias d'esta cidade. A poesia fez a «parte principal d'estes saraus, onde, á vista de tão formosa «concorrencia, a inspiração não podia faltar.»

*

Concluido o Curso, celebrou-se nas salas do Centro um sarau de despedida, em 15 de Abril de 1854.

Aberta a sessão, tomou a palavra D. Antonio da Costa, e como Presidente do mesmo Centro dirigiu a Castilho uma saudação enthusiastica. D. Antonio falava bem; era incorrecto, mas tinha calor, e arrebatamento artistico. Estou a vel-o, e a ouvil-o, no verdor dos seus trinta annos, no enthusiasmo das suas illusões. Enumerou os serviços do poeta ao Districto, congratulou-se com os professores, na sua qualidade de magistrado superior, exhortou-os a que accendessem nas suas terras o fogo sagrado que ali tinham vindo receber, e por fim, dirigindo-se a Castilho, e abraçando-o, perante a assemblêa toda de pé, e entre applausos, entregou-lhe o diploma de primeiro Socio honorario do Centro promotor da Instrucção primaria no Districto de Leiria.

Castilho commovido agradeceu aquella homenagem, e fez os mais sinceros votos pela prosperidade do Districto.

Depois chegou-se á meza um dos professores, commissionado pelos seus pares, e com uma bonita allocução depoz entre as mãos de Castilho uma medalha de oiro que todos os seus alumnos-mestres em commum lhe offereciam. Tocou uma orchestra de curiosos que ali se achava, e o enthusiasmo chegou ao seu auge.

Seguiram-se versos, musicas, discursos, felicitações, despedidas; e assim, depois de um serão delicioso, a que assisti, terminou o Curso normal de Leiria.

Mencionando esta festa lindissima, diz o citado Relatorio:

«O ultimo sarau consistiu n'uma festa de honra dada ao «sr. Castilho. A occultas d'elle, havia o Centro convidado os «alumnos a concorrerem com as quantias mais pequenas pos-

«sivel a fim de que a offerta de uma medalha fosse de todos, «consistindo n'isso o seu verdadeiro valor. Assim succedeu.

«Na noite designada, o sr. Castilho foi surprehendido no «sarau, e ahi lhe entregou e lançou ao peito a medalha uma «commissão de alumnos do Centro, conferindo-lhe o mesmo «Centro o diploma de primeiro Socio honorario d'elle, em «attenção aos serviços que de S. Ex.ª recebera.

«O resto do tempo passou-se em recitação de poesias, ha-«vendo duas expressamente escriptas e apropriadas ao assum-«pto, uma do Bacharel Rodrigues Cordeiro, e outra de Au-«gusto Luso. O Centro não podia por outro modo prestar as «honras devidas ao auctor da *Primavera* e dos *Quadros his-«toricos*. Ao menos, mostrou ao Paiz que sabia glorificar o «merito, e curvar-se diante da virtude civica, na pessoa de «uma das primeiras illustrações de Portugal.»

Seguiram-se nos dias proximos os exames de habilitação, «perante um jury — diz a citada Estatistica — presidido pelo «Commissario Regio, e composto do Commissario dos Estudos «d'este Districto, de dois professores do Lyceu, e de dois mem-«bros do Centro..... A maioria dos professores foi julgada «apta para abrir as suas escholas pelo Methodo portuguez de «Leitura; tendo alguns d'entre elles dado provas exuberantes «de aproveitamento.»

*

A vida de Castilho durante aquelle mez (Março a Abril) foi trabalhosa, mas contente. Sempre com D. Antonio da Costa, sempre com Cordeiro, sempre comigo, e muita vez acompanhado de outras pessoas da cidade, como Antonio Vaz, Augusto Luso da Silva, os Ataídes, os Pinhos, tinha de sobra em que empregar a sua actividade prodigiosa, já no curso, já dictando, já conversando, já passeando.

D. Antonio da Costa era alegrissimo, infantilmente alegre. O que riamos com elle! que coisas se inventavam para a *risota!* Quando á noite voltavamos do Curso, vinha tambem Cordeiro, e mais algum, e começava a *rosa divina*. Que chistes! (eu quasi sempre adormecia, diga-se a verdade).

Lembro-me de passarmos uma noite n'uma *soirée* em casa dos srs. Pinhos (hoje Barões do Salgueiro); lembro-me da casa dos srs. Ataídes, chamados «os fidalgos do Terreiro»; lem-bro-me de uns jantares aos Domingos em casa do Governador Civil, em que eu dava quantos bolos podia da sobremeza ao

celebre *Tareco;* lembro-me de uns deliciosos passeios nas margens do Lis, ao luar, com meu Pae, D. Antonio da Costa, e Cordeiro; lembro-me de uma excursão ás Córtes....

*

A despedida foi tristissima. Esses dois bons amigos vieram acompanhar-nos a cavallo até á aldeia dos Mulianos. Ahi jantámos, e separámo-nos com muita saudade. Chovia immenso; era um temporal desfeito.

No dia seguinte desembarcavamos no Terreiro do Paço, e uma sege de bandeirinha ia em poucos minutos deixar-nos á porta do becco do Norte.

(Continúa.) JULIO DE CASTILHO.

ESTUDOS SOBRE DAMIÃO DE GOES

(Cont. do n.º 3, pag. 178)

DOCUMENTOS

VI *bis*

Carta de D. João III, de 4 de novembro de 1524, concedendo a Mór Teixeira, viuva de Fernão de Pina, a tença anual de 30 mil réis, que o marido lhe deixara em testamento (1)

«Dom Johã &c A quamtos esta minha carta virẽ faço saber que Fernã de Pina, que Dª perdoe, tynha hũu aluara de promesa delrey meu senhor e padre que samta gloria aja, em que se comtinha que por quamto ele acabara de fazer e comcertar todos os foros destes Reinos que lhe prouuese lhe dar setemta mill rs de temça cadano em sua vida, de que lhe fora feito e dado seu padrã em forma e que por sua (sic) falecimento ficassẽ pella dita maneira a quem os ele dito Fernã de Pina leixase em seu testamento ou per escpritura pubrica ou per seu asynado pelo muyto seruiço que nos ditos foraes fez e descamso e aseseguo que ho pouo niso recebeo e por quãto elle deixou a Moor Teixeira, sua molher, em seu testamento, trymta mill rs dos ditos $\overline{lxx}$, me pedia por merce que lhe mãdase fazer deles seu padrã em forma, E visto per mym seu requerymento e asy ho aluara do dito senhor, em que se comtynha o que dito he e testamento do dito Fernã de Pina, que foy dado per autoridade de justica em hũ publico estormento que parecia ser feito e asynado per Johã Roiz tabelliam em a vila de Montemor o velho a xxix dias dagosto deste año presemte de bª xxiiij, testemunhas em ele nomeadas Francisco de Sequeira e Rodrigo Rabello, cryados do regedor e Lopo da Lagoa, moradores na dita vila, em que se comtynha e decraraua ele deixar os ditos $\overline{xxx}$ rs a

---

(1) Este documento, a que não nos referimos no texto, por o encontrarmos posteriormente á elaboração do nosso estudo, bastaria a destruir qualquer duvida que ainda por ventura se levantasse ácerca da identidade de Fernão de Pina, o dos foraes, e o seu homonymo, antecessor de Damião de Goes no cargo de Guarda-Mór da Torre do Tombo. O primeiro era já fallecido em 1524, pois n'esta data concedia D. João III á sua viuva Mór Teixeira, trinta mil reaes de tença, dos 70 que o marido, por testamento, podia dispôr. Os restantes 40 mil foram divididos irmãomente pelos filhos Antonio de Pina e Jorge de Pina. No *Corpo Chronologico* existem diversos mandados de pagamento d'aquella tença. Um d'elles, de 19 de fevereiro de 1527, manda satisfazel-a no almoxarifado de Aveiro. No respectivo recibo se declara que Mór Teixeira não sabia ler, assignando outra pessoa por ella. (*Corpo Chronologico*, parte 2.ª, maço 139, documento 49).

dita sua molher dos ditos lxx, queremdo lhe fazer graça e merce, tenho por bem e me praz que ha dita Mor Teixeira tenha e aja de mym de tẽça cada año em sua vyda os ditos trymta mill rs e isto de o primeiro dia de janeiro que pasou em diamte porẽ mãdo aos veadores de minha fazemda que lhos façã asemtar em os meus liuros e dar deles carta cadano pera lugar hõde aja boom pagamento e o dito aluoro de proẽça (aliás *alvará de promessa*) que tynha foy roto, por que dos R rs que falecem pera comprymemto dos ditos lxx forã feitos e dados dous padrões a Antonio de Pina e a Jorge de Pina, seus filhos, de xx cada hũ, a quem os ele deixou no dito testamento e por firmeza de todo lhe mãdey dar esta carta per mym asynada e aselada de meu selo pemdemte. Dada em a cidade de Evora a iiij dias de nouembro Antonio Paaez a fez—año de mill b^e xxiiij e eu Amtam da Fonseca a sobrescreui» (1).

VII

Denuncia do dominicano frei Paulo de Santo Thomaz contra mestre Jacques, occulista francez (2)

«Aos dezoito dias do mes de abril de mil e quinhẽtos e satenta e dous em Lixboa nos estaos na Casa do despacho da santa Ynquisição estando ahi o sñor Symão de Saa Pireira ynquisidor &c perante elle pareceo o muito Reurendo Padre frey Paulo de Santo Thomas, preguador da ordem de São Dominguos, e sendo presente lhe foy dado yuramento dos santos auangelhos, em que pos sua mão e prometeo dezer uerdade, e disse que vinha denũtiar certa cousa a esta santa mesa que lhe parecera mall, a quall he que vindo terça feira despois da paschoella que forão quinze dias deste mes de abril da villa de Almada em hum barquo, em companhia de muytas pesoas, antre as quaes vinha tambẽ huũ homẽ estrangeiro que chamão o Jaquez, morador nesta cidade aa muitos anos e faz oculos e pousa junto da ygreja da Madalena, veio o dito Yaquez a queixarsse do merinho dos cleriguos por lhe acoimar hũa sua criada, que lauara dominguo pella menhãa *hũs cueros* (estas duas palavras estão riscadas) em Alfama, dezendo que lhe tomara hũa toalha polla coima, queixandose que era mal feito empediremlhe que não lauasse *o que elle teuesse necessidade aynda que fosse ao dominguo:* por que Deos mais auya de querer que cada huũ acudisse a sua necessidade, ainda que fosse ao dominguo, affirmando e insistindo nisso com muitas pallauras, que ao presente lhe não lembrã, somente que erão em confirmação disto, tanto que alguũs homens da barqua lhe forão aa mão e elle ynsistindo sempre no que acima tem dito, e elle denũtiante se callou atee que entendeo que era necessario acudir a ysso, e disse ao dito Jaquez que dizia mal no que dizia e oulhasse o que falaua, porque auia dito cousas de muita ynportancia e de muito scrupulo e mais do que elle cuidaua e depois delle

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 37, fl. 175 v.

(2) Este frei Paulo de Santo Thomaz, conjuntamente com frei Lopo de Santa Maria, serviram de testemunhas abonatorias ao depoimento de Luiz de Castro no processo inquisitorial de Damião de Goes, seu sogro.—Vide *Processo*, no 2.º vol. dos *Ineditos Goesianos*, pag. 40.

denũciante lhe dar algũas rezões contra o que elle dizia, dizendolhe que não auia de quebrantar o dominguo e dar escandalo ao pouo e aa ygreja, polla necessidade de se lauar o seu cuero, o dito Yaquez insistio no que antes tinha dito, não aceitando nenhũa rezão delle denũtiante, dizendo que Deos não auia de querer que elle não acudisse aa sua necessidade de lauar a sua roupa ainda que fosse en dominguo, pera o qual deu por rezão que se huũ homẽ *não teuesse que comer bem podia trabalhar ao dominguo* todo o dia pera manter sua molher e seus filhos, ao que respondeo elle denũtiante que aquela necessidade auia mester muito bem medida e oulhada: e consequentemente ayumtou loguo elle Yaquez a isto que por que auião de leuar pena pecuniaria por nenhuũ peccado por que prendessem ou que castigassem? que se prendião hum amansebado que o castiguasem com yejuũs e pão e aguoa, mas que pena pecuniaria que parecia busquar dinheiro: ao que elle denũtiante por outra vez lhe foy a mão, dizendo que falaua muito mal e oulhasse o que falaua por que a ygreja tinha yntenção emendar o peccado e quando lhe parecia uzaua de hũa pena e da outra e tudo pera fim de emendar o peccado e não de leuar dinheiro, e tudo isto tomou mal o dito Yaquez: que foi necessario a elle denũtiante tornarlhe a dezer que tinha dito cousas muito mal ditas e de muito escandalo e de muita ynportantia que mal se podião liurar elle denũtiante e os que ali vinhão de muito escrupulo dellas: que se desdixesse e pedisse perdão a todos: ao que respondeo dito Yaquez, oulhando pera elle denũtiante, tomado ya do medo: *pues senhor pido perdon a uosa m.*, e ysto ja com medo segundo parece delle denuntiante: e nisto cheguarão a terra, e não forão mais com a pratica por diante; e tambem lhe forão a mão antes que elle denuntiante fallase e despois hũs homens honrrados que ay uinhão que não conhece: nem menos conheceo outra pesoa algũa da barqua somente o Padre seu companheiro, que se chama frei Ambrozio Lobato, que esteue presente as ditas praticas e podera dar rezão dellas: e que doutra cousa não he lembrado e declarou que o dito Yaquez, segũdo seu parecer, por falar tão larguo e en taes cousas qui saes (quiçá) poderia vir tocado do uinho, mas que lhe não vio outras mostras de uir alterado com vinho, somente vendo o preguar no mesmo dia na yrmida de sã Sebastião yunto de Almada lhe guauou muito a preguação a elle denuntiante dizendo que ouuira preguar a frey Paulo aquele dia e que folguara muito de o ouuir, não conhecendo a elle denũtiante por frey Paulo, mas que he uerdade que elle não conhece o dito Yaquez nem o Yaquez a elle denuntiante nem aa antre elles comunicação nenhũa: e lhe foi mandado ter segredo no caso sob carguo do mesmo yuramento e elle assy o prometeo e do costume que o não conhece e asinou aqui yuntamente com elle senhor ynquisidor, e eu Cosme Antonyo notario apostolico do Santo Officio que o escreui. = Simão de Saa Pereira. = Fr. Paulo de S. Th.ª» (1).

---

(1) Torre do Tombo, *Denuncias da Inquisição* do anno de 1560 em diante, fl. 174 e seguintes.

VIII

Carta de Damião de Goes a D. João III — 11 de julho de 1544

«S.or Estando de todo prestes pera me ir nesta armada me soçede o inconveniente de maa desposiçam de minha molher, e de sorte que nem com honra, nem com grado de Dª nem do mvndo a poderya pello presente deyxar: asy senhor, que poys nesta detreminaçam nã sayo aguora com efeyto, sera se a Dª praz e mo a morte nã estrouar o mays cedo que posyuel me for, pois vosa alteza dysto tem vontade e gosto.

Dos negocios desta terra e feytoria tenho per muitas vezes esprito a Vossa Alteza, sem aver reposta, do que per cõijeturas cuido que ou o que espreuo nã he digno de reposta, ou que vossa alteza nã tem per seu seruiço espreverlho eu, que he a causa per que o muitas vezes nã faço, contudo isto alembro a vossa alteza como lho jaa outra vez esprevi que nem sera honra nem proueyto he mamdar nenhũas especearyas fora desse reyno per sua conta, nem fazer contratos caradoś, que dahay (?) procede emriquecer toda Europa dos bẽs de vossa alteza, e esses Reynos e vossa alteza empobrecerem, e quem o contrairo haconsselhar, ou o entendera mal ou o fara per seu particular proueyto que este he o que çega os homẽs e destruy os Reynos e prouincias, e se vossa alteza quisesse por isto em obra, não faltariã remedeos pera se curarem as chagas que sam feytas de tamto tempo, ao que meu seruiço esta tam prestes como o vossa alteza pode crer e o arazão e obrigação quer.

O emperador, alem das merces que me fez e cartas de represareas que me deu contra franceses pellos seruiços que lhe fiz em lhe com minha prysã saluar a vylla de Louvem, me tem dadas huas armas pera minha honra e dos que de mim vyerem, das quaes mando o blasam e pintura a meu irmão Fruitos de Goes; beyjarey as mãos de vossa alteza me querer fazer a merce de mas confirmar, que seja ocasyam de minha molher tomar mor animo de se ir a esses reynos, e a seus parentes de a deixarem ir, e quanto as mais merces que de vossa alteza espero, me remeto aquilo que lhe parecer seu seruiço, que eu outra cousa nã quero, não importunar mays avante. Nosso Senhor acrecente os dyas de vyda e real estado de Vossa Alteza de Invers aos 11 dias de julho de 1544. Damyam de Goes» (1).

IX

Carta d'armas a Damião de Goes — 15 de agosto de 1567

«Dom Sebastião &c A quantos esta minha carta virem faço saber que Damião de Gois, fidallgo de minha casa, me ẽuiou dizer per sua pitição que estando elle em Frandes casado e parecendolhe viuer la ẽmendara as armas da geração de que elle procede com licença do emperador Carllo quinto, meu avoo, com certa diminuyção, e por que depois ellRey meu senhor e avó que santa gllorya aja mandara vir pera se delle seruir, me pedira que avendo respeito aos seus bõs e leaes seruiços, ouuesse

---

(1) *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 75, documento 18.

por bem que as ditas armas asy ẽmendadas ouuesẽm delle principio e que elle e seus descendentes as pudesem sómente trazer e receberya merce. E vendo eu ser cousa justa seu dizer e pydir lhe pasey este meu alluara: «Eu ellRey faço saber a vos, Gaspar Velho, meu Rey darmas Portugal, que avendo respeito aos seruiços que Damião de Gois, fidallgo de minha casa, tem feytos a ellRey dom Manuel meu bis avó e a ellRey dom Jº, meu senhor e avó, que santa gllorya ajão, e aos que espero que me ao dyante fará, e por lhe fazer merce, ey por bem e me praz que elle posa trazer em meus Reynos e senhoryos as armas de sua geração, de maneira que as elle tem ẽmẽdadas em hũa carta do emperador dom Carllos quinto, meu avó, que Dª perdoe, e que do dito Damião de Gois ajã as taes armas pryncipio e elle as possa trazer e asi os que delle descenderem por linha direita, e outras allgũas pessoas não: pello que vos mãdo que asenteis e registeis as ditas armas nos lyuros da nobreza com as dítas decllarações e lhe paseis sua carta em forma pera elle e todos seus descendentes as poderem trazer e dellas vsar como dito he, e isto conforme ao Regimento da nobreza e no asento e Regimento dos ditos lyuros da nobreza e asi na dita carta se treslladara este alluara, pera se por elle em todo tempo saber como asi o ouue por bem Dgº Fernandez o fez em Lixboa a xj dabril de mil bºlxbij. Balltesar da Costa o fez escreuer» (1). por virtude do qual lhes mandei logo nos ditos lyuros registar e delles passar esta minha carta em forma com seu brasão ellmo e timbre como aquy são deuisadas e asi como fiel e verdadeiramẽte se acharã deuysadas e afiguradas na dita carta, as quais armas são as seguintes—s—o campo azul e cinquo cadernas de crecentes de lũas de prata em aspa, ellmo de prata aberto guarnydo douro, paquife de prata e azul, e por timbre hum meyo lião de prata armado douro com hum coronel do mesmo antre duas asas dazul sobre as quais estão as mesmas quadernas das armas semeadas, o qual escudo, armas e sinais em meus Reynos e senhoryos possa trazer e traga como chefre dellas o dito Damião de Gois e todos seus descendentes conforme o Regimento darmaria em todollos lugares de honra em que os nobres e antigos fidallgos sempre as custumarão trazer em tempo dos muy esclarecydos Reys meus antecessores e com ellas possa entrar em batalhas, campos, duellos, retos, escaramuças e desafios e exercitar com ellas todos os outros autos licitos de guerra e de paz e asi as posa trazer em seus frimais, aneis e sinetes e deuysas e as poer em suas casas, edefficios e leixallas sobre sua propya sepulltura, e finallmẽte se seruir e onrrar e gouuir e aproueitar dellas em todo e por todo como a sua nobreza conuem; porem mando a todollos corregedores, desembargadores, juizes e justiças, allcaydes, meyrinhos e em espicial aos meus Reis darmas arautos, e passauantes, e a quaes quer outros officiaes e pesoas, a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento della pertencer que em todo lha cumprã e guardem e fação inteiramente comprir e guardar como nella he contheudo sem duuyda nem embargo allgum que lhe a ello seja posto, por que asi he minha merce. Dada em a minha nobre e sempre leal cidade de Lixboa aos xb dias dagosto—ellRey noso senhor o mandou por Gaspar Velho seu Portugal e pryncipal Rey darmas Antonio Fernandez por Irmº de Matos escryuão da nobreza o fez—anno do nacimento de noso Senhor Jhuũ Xpo de jbºlxbij Imº de Matos a sobespreuy» (2).

(Continúa.) SOUSA VITERBO.

---

(1) Este alvará acha-se registado no mesmo livro a fl. 78.
(2) D. Sebastião e D. Henrique, *Privilegios*, liv. 6, fl. 252.

A LENDA DE SANTO ELOY

Estudo critico de um manuscripto, do seculo XV, da Collecção Pombalina, existente sob o n.º 746 na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e pela primeira vez publicado

POR

Alfonso Hincker

II

Texto critico do Manuscripto

(Cont. do n.º 3, pag. 189)

Avia outrosy o sancto homẽ gram cuydado ẽ ho offiçio pastoral e em preegaçom fervente e em visitaçõ conthinua, andando a toda parte, ora sobre sua grey ou manada muy piadoso, **(fol. 15 a)** e nõ soomente o seu bispado, mas aynda todas as comarcas darredor andava; e hu quer que sentia as gẽtes mais selvagẽes e ruudes e sem doctrina, aly muyto mais vigiava e ensignava por tal que todos gaanhase pera Jesuu Christo. E eram ainda em aquel tempo açerca das prayas do mar hũas gentes barbaras, aas quaees ainda nõ era preegado o nome de Christo. A estes foy o sancto homẽ preegar; mas aquellas gentes veendoo assy, fugiam na primeira como bestas feras (1), mas gostando sua conversaçom e doctrina, quanto mais em a primeira fugiam, tanto mais depois assy como padre e pastor ho seguiam. E hu quer que o sancto homẽ sabia algũa pessoa ẽ os luguamentos (2) dos peccados (3), logo assy como padre piadoso lhe poynha ẽprasto saudavel com pallavras saudavees, prometendolhe a vida eternal (4).

Nem outrosy ainda seendo bispo çessou o sancto homẽ hedificar os sanctos luguares, e logo primeiramente na villa de *Noyõ* (5) hedifficou huũ solẽne moesteiro de monjas, honde ajũctou grande multidom de virgẽes sob sancta regra (6), ministrandolhe todas as cousas neçessarias Mandou ainda muytos seus discipulos a hedificar moesteiros **(fol. 15 b)**

---

(1) «qui eum primo velut ferocissimae bestiae discerpere cupierant» Acherio II 3.

(2) Esta palavra será egual (ou por erro graphico, ou por singularidade orthographica) a *ligamento* (liguamento) = vinculo, prisão, captiveiro? Vid o Glossario.

(3) «pars maxima trucis et barbari populi *relictis idolis* conversa est ad verum Deum» Acherio II 3.

(4) Cf Acherio II 3.

(5) No Ms. falta o til.

(6) «extruxit quoque in oppido Noviomensi ancillarum Christi monasterium, cui magnam congregationem, et vitae severam institutionem adhibuit» Surio II 5.

e sanctos luguares a muytas partes, dãdolhes todas ajudas e cousas neçessarias (1).

Outrosy antre todallas outras yirtudes deulhe nosso senhor graça de achar os corpos e sanctas reliquias dos sanctos (2), antre os quaaes ho primeiro foy de sam Quintino martir e de sancto *Piatom* (3) martir, e em outra parte os corpos dos gloriosos martires Crispino e Crispiniano, irmaãos gloriosos cavaleiros de Jesuu Christo (4).

Trabalhou outrosy este glorioso bispo sancto Eloy muyto ẽ Frãdes, convertendo os Suevos aa fee de Christo. E per auctoridade appostolica destroya em aquella terra muytos fanos (5) ou *escomunguados luguares* (6) ẽ que se fazia sacrificio aos ydollos (7).

E assy em çada huũ dia mais e mais criçia em Jesuu Christo, fazendo maravilhosa vida e obras. Mas porquanto seeria muy longo cõtar todas suas virtuosas obras per hordem, recontemos alguũs poucos dos millagres que o Senhor Deus por el obrou depois que foy bispo, dos quaees o primeiro he este que se segue (8).

Acontheçeo huũ dia que, hiindo o sancto homẽ cõ sua devota cõpanha per huũ camynho que—quejando era o padre taaes eram os seus filhos que o seguiam—encontrou cõ huũ demoninhado que per xv ãnos era vexado e atormẽtado (9) **(fol. 16 a)** de huũ çujo e maao spirito (10), o qual demoninhado (11) como visse o sancto homẽ começou cõ vozes altas e d'escarnho dizer: «Que fazes aquy Eligio?» (12) Contra o qual virãdose sancto Eloy e esguardãdo em el, disse: «E tu que fazes, spirito çujo? (13) Em nome de Jesuu Christo te mando que logo sayas del, callando tua sãdiçe.» E tanto que o barom de deus aquello disse, logo aquel spirito maao sahio daquel homem, atormentandoo muito e leixandoo quasy morto. Mas o sancto homẽ, filhãdoo pella maão, allevãtou ho *sem* (14) alguũ dãno, e daly avãte foy compridamente livre do maligno spirito çujo e inmundo (15).

Hũa outra vez, hiindo o sancto de deus visitar hũa villa que he sobre ho riio de *Rhodam* (16), e entrando em a igreja hũa molher vexada ou atormentada do maao spirito, cõmeçou a braadar per muitas vezes dizendo: «Eligio, Elligio.» E el esguardãdo, ouve della compaixom e ffez sua oraçom ao senhor ẽ giolhos (17). E dessy tomoua pella maão e disse: «ẽ nome da sancta trindade, tu sprito çujo e maligno, logo saae fora.» E esto dicto o sprito çujo a debruçou ẽ terra, e, escumando e deitãdo

---

(1) Cf. Acherio II 5.

(2) «hic viro sanctissimo inter caetera virtutum suarum miracula id etiam a Domino concessum fuit, ut sanctorum martyrum corpora reperta sint» Surio II 6.

(3) O Ms. tem *Platom* que é erro graphico; vid. 12 *a* e a Introd. § 1.º

(4) Cf. Acherio II 6 e 7.

(5) «multum praeterea in Flandris laboravit, multos erroribus implicatos Suevos convertit, fana aliquot profana Apostolica authoritate destruxit» Surio II 8.

(6) O *e* do Ms. em «escomunguados *e* luguares» foi riscado.

(7) Cf. Surio II 8.

(8) Cf. Acherio II 9.

(9) «quindecim vero annis obsederat et cruciaverat virum pessimus ille spiritus» Surio II 11.

(10) «immundo et nimis saevo spiritu» Surio II 11.

(11) Glossa: «demoniacus curatur».

(12) «quid hic tu, Eligi?» Acherio II 10.

(13) «et quid ad te, immundissime diabole?» Acherio II 10.

(14) No Ms. está erradamente: *seu*.

(15) Cf. Surio II 11 e Acherio II 10.

(16) A forma *Jordam* do Ms. é errada; cf. Surius II 12: «sita in ripa Rhodani fluminis». Vid. Introd. § 1.º e Glossario.

(17) «tunc Eligius eam respiciens, misertus eius, fixis in terram genibus oravit» Surio II 12.

sangue pella boca e pollos narizes, leixouha como morta; ẽtõ benzeo o sancto homẽ augua e mesturoua cõ oleo e deulha a beber. A qual **(fol. 16 b)** a gostase, logo foy compridamente curada e saã (1).

Hũa outra vez hiindo o sancto barom a visitar, e avendo de partir de huũ luguar pera outro, ho seu azemel nõ achava a sobrecarregua daazemalla (2) e queixandose era muy torvado, ao qual o sancto homẽ disse: «Nõ te torves. Vay antre aquellas espinhas ou cardos, e aly acharas o que buscas.» E assy foy, e era ally de presente o que furtara e a escõdera, *o qual veendo esto, ouve muy gram vergonça* e pedio perdom do seu erro, desculpandose ao azemel, conheçendo todos que o sancto homẽ conheçia as cousas escõdidas ou encubertas (3).

Hũa vez prepos o sancto de deus de hir visitar sua terra, scilicet, a çidade de *Lemoviçina* (4), e principalmente por visitar os moesteiros que hi erã hedifficados per seu exẽplo e doctrina. E como ẽviase ante sy todas suas cousas e sua companha, quedãdo cõ el poucos dos seus, foyse per outra via ou caminho por visitar a igreja de sancto *Sulpiçio* (5) confessor. E avendo ja feita sua oraçom, ouvio que hi açerca eram muitos presos e já delles eram sentençiados aa morte porquanto aviam morto huũ juiz ou corregedor delrrey. E elle ouvindo esto, doeose ẽ seu coraçom *das* (6) mortes de tantos por **(fol. 17 a)** huũ soo homẽ. E lembrandosse da palavra do senhor, scilicet, ẽ carçer foy e visitasteme, etc. (7). E ffoyse contra ho carçer ou cadea pera os visitar e consollar e esforçar. E seendo ja açerca da cadea as guardas della que o souberom, vierom contra elle, deffendẽdolhe que nõ fosse ao carçer. E rogandoos el que por amor de deus lh'os deixasẽ visitar, nõ quisserõ consentiilho. Entom se foy o sancto Eligio muy triste d'aly. E chegãdo aa çidade visitou todos os luguares que desejava, consollando todos os religiosos, fazendolhe (8) grandes esmollas, esforçãdoos no serviço de deus em toda graça e observançia, preegãdo outrosy e ensignãdo todo o poboo em a ley e temor do Senhor e em a guarda dos seus preçeptos e mãdamentos. Ffinalmẽte visitou a casa de seus parẽtes, em o qual luguar ja huũ seu irmaão (9) fizera huũ muy honrrado moesteiro de relligiosos hu muitos ẽ gram virtude serviam a deus. E desque todo esto teve acabado, pripos de se tornar aa sua propria igreja. E lembrandose daquelles encarçerados presos e ja julgados a morte ja dictos, temẽdo e doendose delles ẽ sua alma, pedia a deus seu livramẽto **(fol. 17 b)** cõ gimidos e lacrimas porque alguũs forom ẽ companhia cõ os culpados que eram cõ elles julguados. E tornouse per aquel meesmo luguar e caminho, e foi dormir açerca do luguar hu eram aquelles presos. E allevantandose muyto de madrugada (10), esguardando e seus olhos *ao çeeo allevãtando, cõ gimidos roguava ao senhor* deus por aquelles assi retheudos pera averem de padeçer. E suppitamẽte o en todo poderoso Senhor deus lançou tanta e tã espessa nevoa que nẽ huũ podia veer

---

(1) Cf. Surio II 12 e Acherio II 11.
(2) «canua, cum qua camelum onerarium semper ducere consueverat» Acherio II 12.
(3) Cf. Surio II 13 e Acherio II 12.
(4) «venit ei aliquando in mentem solum paternae possessionis in civitate Lemovicina revisere» Surio II 15. — O Ms. tem a forma *Leviçina*, que é erro graphico; vid. Introd. § 1.º e o Glossario.
(5) A forma *Suppliçio* do Ms. está errada; vid. Introd. § 1.º e o Glossario.
(6) O Ms. não tem *s*.
(7) «Eligius ergo memor Christi dicentis, In carcere eram, et venistis ad me, et, Quamdiu uni ex minimis meis fecistis, mihi fecistis» Surio II 15. (Math. 25).
(8) *lhe* por *lhes*, cf. 11 *a*, 18 *a*.
(9) Chamado *Alicio*. Cf. Acherio II 14.
(10) «valde diluculo» Acherio II 14.

ho outro soomente huũ tiro de pedra (1). E assy passando ho sancto homẽ per meo daquel luguar, foyse logo ao carçer, ao qual como cheguasse foy feito em o carçer huũ gram torvam. E quebrantaróse logo todas as prisoões dos ferros e cadeas em que eram presos, e as portas do carçer forom abertas, e o sancto homẽ Eligio, conheçendo o poder de deus, demostrou ou fingio nõ aver daquello sentido, mas muy mansamente passou, fazendo pero signal aaquelles assy soltos que fugisẽ pera a igreja. E elle outrosy per seu cabo se foy alla e os livrou e pos ẽ salvo muy trigosamente e sem lhe alguũ contradizer, fugiã pera a igreja; mas chegando a ella, acharom as portas fechadas, e andando ca e la e nõ veendo per hu **(fol. 18 a)** entrar, seendo torvados ajũctaróse todos a hũa porta, a qual logo de seu se abrio sem lhe poerem maão, e logo que entraro se pegarom có ho altar, chamando a misericordia de deus que os livrase. Em este espaço o sancto homem andou visitando as outras igrejas da çidade. E emfim se veeo aaquella igreja e achando aly os presos soltos, cõsolouos, esforçãdoos em deus. Mas as guardas do carçer, achãdo as prisoões quebrantadas e o carçer aberto e os presos fugidos, tomarom suas armas pera persiguir e tornar a prender os que deus livrara e soltara, e forom aa igreja e, sem mais temor nem reverençia do senhor nem resguardo da sua igreja, lançarõ as maãos em elles (2) prendendoos com cadeas, cõ muytas injurias e doestos os quiriam tornar ao carçer. E veẽdo esto o sancto bispo Eloy chegouse a elles có humildade e fallandolhe (3) brandamente dizia: «Non queiraaes, amigos, fazer aquesto na igreja e casa do senhor, nem queyraaes prender aquelles que deus quis livrar. Ex que esta casa he de vida e nõ de morte (4); daae hórra a deus e ao seu sancto Sã *Sulpiçio* (5) cuja he esta igreja.» Mas aquelles carçereiros maaos diabolicamente se asanhavã, enjuriãdoos e ameaçandoos sẽ **(fol. 18 b)** resguardo do bispo. Entom fallou elle dizendo altamẽte: «Confiiome eu em o meu Senhor Jesuu Christo que non dessemparara aquelles que ẽ elle esperam, e que fara oje juizo ante mĩ seu servo e vos outros.» Entom se lançou ante ho altar de sancto *Sulpiçio* (6), e começou de derramar lagrimas de coraçõ e vontade e de zello de gram caridade e amor. E logo suppitamente forom quebrantadas as cadeas ou prisoões delles, e todas as guardas cahirom ẽ terra tremendo, e avendo gram temor se lançarõ ante o bispo sancto Eloy e demandarõlhe perdó: o qual logo lhes perdoou, consolandoos e amoestandoos em o temor e amor do senhor deus. E dessy todos jũctamente derom graças a deus. E sancto Eloy deu a todos doões, e ensygnandoos em o temor do Senhor enviouos em paz. E assy se partirom del cada huũ pera sua parte, consollados e satisfeitos (7).

Era outrosy huũ nobre homem, singular amigo do servo de deus sancto Eloy. E hindo huũ dia o sancto homẽ pera çerca da sua casa cõ sua devota companhia, aquel seu amigo sahio a el ao caminho, rogandoo muito que lhe prouvese de hir a sua casa, dizendo: «Padre, **(fol. 19 a)** rogo aa tua sanctidade que tenhas por bem de visitar a casa do teu servo

---

(1) «facta est caligo et nebula tenebrosa nimis, ita ut habitatores civitatis ad spatium iacit lapidis cernere non possent» Surio II 15.

(2) «iniecerunt eis manus» Surio II 15.

(3) «lhe» por «lhes», cf. 11 *a*, 17 *a*.

(4) «quos beatus Eligius blande compellans, Nolite, inquit, homines Dei, nolite sic in loco sacro agere. Cur eos perdere nitimini, quos iam pius Dominus liberavit? Domus haec, non mortis, sed vitae domus est» Surio II 15.

(5) A forma do Ms. *Suplio*, errada. Vid. Introd § 1.º e o Glossario.

(6) A forma do Ms. *Suppliçio* está errada. Vid. Introd. § 1.º, e o Texto 18 *a*.

(7) Cf. Surio II 15 e Acherio II 14.

e amigo. Eu tenho aly huũ pouco de vinho em huũ tonel (1); tomaras tu e os teus del por recriaçõ e benzermehas.» E como quer que primeiramente contradisse, pero nõ se podendo del escusar, foy por humildade a sua casa por lhe comprazer. E fazendo collaçom cõ seus familiares, el alguũ pouco comeo por satisfazer aa devoçom do amigo que cõ bõa vontade se lhe oferiçia. E assy foy gastado o vinho que muy pouco ficou del. E dessy benzeo todos e partiiose. E em outro dia, pella menhaa, alevantouse aquelle bõo homem e entrando hu stava o tonel do vinho cõ que convidara o bispo sancto Eligio, achouho cheo de muy fino vinho que tresvertia pello botoque (2). E seendo maravilhado, logo se foy ao sancto homem Eloy e contoulhe todo; e elle dando graças ao senhor deus, amoestouo que em sua vida nõ dissese aquello a alguũ (3).

Nẽ esto que quero dizer he de leixar por scriver (4). Era huũ homem soberbo e pomposo o qual desejava d'aver hũa herdade (5) da igreja de sancto Eloy, e como per vezes este requerese ao sancto homẽ e el lh'o nõ outorgase (6), **(fol. 19 b)** huũ dia, seendo ho sancto bispo antre muyto poboo, veo aquel homẽ e cõ soberba e presũpçõ e pallavras de sanha repetio aquello ao sancto de deus, o qual lhe disse: «Irmaão, çessa ja desta entẽçom, pois que ja te dey reposta della. Ca se me demandasses algũa cousa da minha herdade, cõ bóa vontade t'a outorgaria; mas esto non he meu, ca he da igreja e dos pobres della: porem nõ trabalhes por esto. Ca nũca per mĩ o averas» (7). Por estas palavras foy aquel homem acçeso em sanha e soberba, e disse palavras desmesuradas e injuriosas ao sancto homẽ. E finalmente lhe disse: «Pois saybhas que, ou queiras ou non, eu a averey.» Ao qual o sancto de deus disse: «Se daquesta entençom nõ çessas, eu te castigarey cõ a vara de sam Pedro e sam Paulo, em virtude do meu Senhor Jesuu Christo» (8). Daqual cousa aquel mizquinho ẽ escarnho começou de riir, escarneçendo e dizia muitas pallavras injuriosas contra o servo de deus. E veendo ho bem aventurado sancto Eligio a sua dureza e perfia, em virtude de deus estendeo contra elle a sua maão, e terribelmente o ferio cõ a sẽtença e vara d'escomunhom (9). E dada asy a sentẽça, logo aquel mizquinho cayo ẽ terra muy fortemente, tremendo e escumando **(fol. 20 a)** foy feito como morto, e assy foy levado como morto pera sua casa, e de como acabou em sua dureza nó o sabemos. E veẽdo esto, todos ouverom muy gram medo e temor do servo de deus Eligio, e louvarom muyto seu poderio pontifical (10).

Outrosy — esto muito he pera lembrar e notar — huũ dia de Sam Pedro e sam Paulo, foy o santo homẽ em hũa igreja desses meesmos apostolos, e segundo seu custume, fez aly seu sermom. Pregãdo ao poboo, viio que os jograaes e tangedores faziam seus jogos deshonestos e festas, baylhando e cantando segundo maao custume que em muytas partes se usa, dizendo

---

(1) Glossa (do sec. xvi): *piparote*.
(2) Hoje: *batoque*.
(3) Cf Surio II 18 e Acherio II 17.
(4) «non mihi silendum videtur illud» Surio II 19.
(5) «sylva» Surio II 19.
(6) Glossa: *contra sacrilegos*.
(7) Si peteres quae mea sunt, darem forsitan tibi. At nunc quando non meam, sed Ecclesiae rem expetis, prorsus noveris me minime tibi donaturum, quod pauperum necessariis usibus delegatum est» Surio II 19.
(8) «novit creator meus, nisi cito mutaveris sententiam, dignam meritis tuis excommunicationem in te prolatum iri» Surio II 19.
(9) «dextera manu extensa, excommunicationis fulmen in eum terribiliter vibravit» Surio II 19.
10) Cf. Surio II 19 e Acherio II 18.

cantiguas deshonestas; a qual cousa elle cõ gram rygor e sua auctoridade defendeo segundo ja per vezes defendera. E veẽdo esto, huũs mal acustumados e dissolutos em suas fallas, spiçialmente huũs da casa de *Erchenoaldo* (1) preposito (2), cõm gram sanha determinarom que se mais o sancto homẽ aquello dissese, que todos de huũ coraçom o matasem. A qual cousa viindo aas orelhas do sancto homẽ, acçendendose em zello de martirio, mandou que nẽ huũ dos seus o seguisse, salvante dous clerigos e huũ diachono. E hiindo per meo da gente que era actenta ou prõta **(fol. 20 b)** em esguardar os jogos e festas, começou a braadar cõ grandes vozes, reprehendendo asperamente aquellas cousas que se faziam e diziam deshonestamente. E ouvindo esto a gente mal acustumada, disserõlhe muitos doestos, entremetẽdo ameaças se se non callase, dizendo que nõ poderia tirar nẽ mudar seus custumes e usos. A qual cousa veendo o sancto homẽ que nada aproveitava, mas antes elles mais se davam aos jogos e deshonestidades, allevantando as maãos aos çeeos, dizia: «Rogo eu, Senhor Jesuu Christo, aa tua sancta piedade grãde que aquestes que os teus preçeptos e saãos conselhos desprezam e se dam aas vaans e diabolicas cousas, sintam a tua justiça sobre sy por tal que todos te conheçam, amem e temam.» Maravilhosa foy aquy a obra do Senhor per as prezes do seu servo Eligio que tanto que el acabou estas pallavras, logo suppitamente os maaos spritus ẽtrarõ em aquelles que faziã os jogos e diziam cantiguas deshonestas e espiçialmente os que mal cuydavam contra o servo de deus, e debruçãdoos ẽ terra faziãnos escu- **(fol. 21 a)**-mar e revolver os olhos muy espantosa e temerosamente; e faziam torçimentos diabollicos e auctos muy cruees e estranhos. Quando este vio todo ho outro poboo, ouve gram temor e fugiã todos acoutandose ao sancto homẽ, dizendo: «Servo de deus, amerçeate de nos padre, pastor nosso, perdoanos e rogua por nos, ca te prometemos nũca usar taaes cousas pois que desprazem a deus, nem desprezar teus mandados e castigos.» Veendo o servo de deus Eligio seu arrepẽdimento e sua confissom e promessa, benignamẽte os reçebeo e avisadamente os castigou. Entom Rogarom todos por aqueles vexados ou atormẽtados e castigados pello maao spirito, aos quaees elle respõdeo: «Nõ convem assy, mas que aquelles que per muyto tempo forom endurados e abstinados (3) e mal acustumados em os maaos custumes, cõvem que sintam e padeçã per tempo a justiça de deus.» E assy foy feito que atee que veo aquella festa ẽ o ãno seguite forom atormentados, e viindo outrosy ally o sancto homẽ aa solẽmidade daquella festa do spirito sancto, fezeos trazer todos ante sy aquelles atormẽtados, e orando por elles **(fol. 21 b)** forom curados e livres, e jũctamente louvarõ todos o senhor deus, temẽdoo nõ soomente as cousas inteletuaaes e sensivees, mas ainda as insensivees conheçiã e confessavam a virtude deste glorioso sancto (4).

(Continúa.)

---

(1) O Ms. tem a forma errada de *Chenobaldo*. Vid. Introd. § 1.º e o Glossario.
(2) «ex familia Herchenoaldi qui erat Praepositus Palatii» Acherio II 19.
(3) Tambem a forma *austinado* é vulgarissima e frequente.
(4) Cf. Surio II 20 e Acherio II 19.

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.* — Cont. do n.º 3, pag. 192)

Reg. 34. — An tangere supra uestes sit cõtra regulã et an ire, aut redire Beneuẽto sit peregre?

R. — Tangere supra uestes est cõtra Regulã et ire aut redire Beneuẽto n*on* e*st* peregre ire. Siquis tamẽ diu aufuisset, possent illũ n*ost*ri cõpleti tanquam peregre uenientẽ.

Reg. 35. — Quis est Super*i*or qui toti domuj, uel collegio præest? et an idẽ qui in regula 52 mag*ist*ri nouitior*ũ*?

R. — Est rector uel præpositus, uel super*i*or domus pro-bationis de quo in reg. 3. mag*ist*ri Novitior*ũ* d*icitu*r aute*m* super*i*or totius dom*us*, præpositus uel rector, quia sunt alij qui dicũtur superiores: Nã V. g. mag*iste*r nouitior*um* nouitia-t*us* domuj uel collegio cõiunct*us* d*icitu*r superior reuera illor*um*, Minister et*iam* d*icitu*r super*i*or sed subordinatus uel depen-denter a Rectore. Rector aut*em*, *ve*l p*ræ*posit*us* quãuis sit subordinat*us* Prouinciali t*amen* h*abe*t plenam et ordinariã potestatẽ quã minister nõ habet, ita ut et*iam* præsente P*ro*vinc*i*ali cura totius domus libere ad eũ pertineat denique Mi-nister ::: inst*r*umentũ Rectoris, rector nõ ::: Prou*incial*is.

Reg. 37. — An externus sit, qui ::: collegiũ, an ::: sit ex n*ostr*is, an *litte*ras clausas t*amen* n*ost*ri n*ostris* :::, et an s*yn*-graphas nõ obsignatas.

R. — Externus p*ro*prie ::: qui n*on* e*st* ex n*ostris* l*itte*ras uero nec syngraphas ::: ersas nõ licet n*ost*ris sibi mutuo dare ::::

Reg. 38. — An hic p*ro*hibeat*ur* ordinẽ *do*mus aut collegij referre.

R. — Non prohibet*ur* si p*ræ*cise agat*ur* de ord*in*e domestico, hoc n*on* pertinet ad ædific*ation*em.

Reg. 39. — An liceat instructiones sp*irit*uales ex impressis libris desumptas cõmunicare sine licentia.

R. — Nõ licet.

Reg. 41. — An regula intelligat*ur* de Proprijs officijs, ut de cõfessio*ni*bus audiendis etc. et an si dicat quis se libenter facturũ sup*erio*ris habita uenia, aut al*i*ter cõmittere, ut uocet*ur* ut sic facilius a superiore mittat*ur*? Sit se propensum ostendere?

R. — Nõ e*st* suscipere curã negotij siquis oferat suã opẽ ad audiẽdã cõfessionẽ alicui*us*. In reliq*u*is cũ aliquis dicit se libenter facturũ etc. ostendit se propensum, quare malefacit et monẽd*us* e*st* a superiore.

Reg. 48. — An foris ueniẽs aliq*uis* ubi Prouinc*ia*lis degit ordinarie si cum eo co*mmuni*cet negotia peragenda, dicat*ur* prætermittere regulæ obseru*ation*em quæ immediato superiori, ut co*mmuni*cetu*r*, iubere uidetu*r*?

R. — Hoc relinq*uatu*r prudentiæ Prouinc*ia*lis qui si iudicauerit satis esse sibi illa fuisse co*mmuni*cata, debet monere rectorẽ, ne sit sollicitus etc. alioqui rector po*te*st et debet a tali hospite rationẽ petere.

In regulas rectoris

Reg. 9. — An liceat alias pæni*tenti*as imponere his mixtas, ut fit in collegio Rom*ano,* ut cũ scopis, uel stragulis culpã dicere et an claudere quenquã in cubiculo, aut exercitia sp*iri*tualia præsertim ad poeni*tenti*am dare?

R. — Licet mixtas *pæniten*tias impon*ere* habita *ratione* modestiæ, et ædifi*cation*is, si*militer* et claud*ere* in cubicu*lo* : : :. res postulat. nõ t*amen* expedit exercitia sp*iritu*alia ad : : :

(Continúa.)

REPRESENTAÇÃO

Cumpre ao Instituto, na qualidade de corporação scientifica e litterária, ajuntar o seu voto ao de todas as corporações e individualidades que, perante o Parlamento, pedem a remoção da ossada de Garrett para o Pantheon de Belem.

Tal é o fim d'esta representação.

Entre as manifestações da vida mental portuguêsa a litteratura avulta, incontestavelmente, como a mais poderosa e original—assume a importancia soberana de actividade característica.

Realizada uma grande missão histórica e encerrado o cyclo das navegações e descobrimentos, nenhum título conservamos, e possuímos hoje, que melhor justifique a nossa existencia, do que esse íntimo traço physionomico, cavado pela energia da propria Acção aventurosa, pelas desfeitas lagrimas do Amor, pela afagadora mágua da Saudade.

Esboçado na delgada graça dos trovadores e palacianos e na prosa complicadamente ingénua dos chronistas, avivado na dôr meiga de Bernardim Ribeiro e na queixa de Chrisfal, animado pela espontanea *vis* crítica de Gil Vicente, accentuado pela melancólica sabedoría e viril tristeza de Sá de Miranda —esse traço imprime-se como eterno e prophético signal de Eleição sob o movimento heroico dos *Lusiadas,* ao beijo divino e transfigurador de toda a lyrica de Camões.

Embora falsas ou alheias pinturas o tenham, por temporadas, sumído ou disfarçado—sempre dos olhos bem afiados, e quando mão forte e destra arredava taes artifícios, o traço dominante se deixava entrever, para neste século e em nosso tempo se accusar ainda com evidéncia consoladora, como feição reconhecida, e amada num alvoroço renascente de mocidade.

Affirmar a culminante importancia nacional da litteratura portuguêsa, e alimentar o culto pelos que a enriquecêram— o mesmo é que cumprir conjugados deveres. E, se sempre nos coubéra cumprí-los em face d'altos vultos e de dominadoras memórias—mais se nos impõe a missão justa de consagrar ao recordarmos essa tão complexa, tão sympathica e sempre erguida individualidade de Garrett.

Impondo-se pela obra litterária realizada, teve aínda maior acção como evocador de motivos e themas tradicionaes, como agitador de renovação poetica, como inspirador duma salvadora renascença da litteratura patria.

Foi sobretudo á fogueira de lenha viva accendida por elle que a alma nacional de novo poude aquecer o seu esfriado enthusiasmo pelas trágicas figuras e pelos amorosos vultos dum passado nosso, pelos restantes costumes da nossa vida histórica, pela verdade próxima dos aspectos naturaes, pelo fallante sentido dos monumentos esquecidos.

Era trazido de fóra o lume com que accendia o braçado? Mas fôra elle quem mais do que todos o ajuntára em pilha; e a lenha, essa, era bem portuguêsa: era ver aquelle fagulhame de paixão ardente, de mistura com aquella fundida resina de prantos sentidos!

Não só pelo que fez, aínda pelo que lembrou e suggeriu, a sua influencia foi mais do que fecunda, foi resgatadora.

Se fizermos notar que em Garrett o homem—talvez superior ao escriptor—foi na vida uma das acabadas e completas physionomías nacionaes, revelando a dupla feição histórica e psychologica do seu povo: a alliança do sentimento tradicional com a arfante e adejada allucinação do Remoto, e do Extranho —teremos accrescentado aos dois outros fundamentos do nosso voto um novo motivo no sentido da resolução com que o actual Parlamento ha de certamente honrar-se, e corresponder á sympáthica expectativa dos que em Portugal aínda podem pensar e sentir.

O Instituto ajunta o seu pedido ao de todas as corporações e individualidades que, perante as Camaras, pedem a remoção da ossada de Garrett para o Pantheon de Belem.

Coímbra, 29 de março de 1900.

MANUEL DA SILVA GAYO (relator).

DR. FRANCISCO AUGUSTO CORRÊA BARATA

Em Corrêa Barata acaba de extinguir-se uma vida da maior intensidade cerebral. A sentir, gosando ou soffrendo, a pensar, mesmo a calcular, estuava sempre nas suas veias o sol do Algarve. Uma theoria, um poema, attrahia-o na proporção que essa theoria ou esse poema continha de polemica e de paixão. Uma doença que o atacasse, irritava-o, indignava-o; e desgraçadamente a implacavel doença torturou-lhe grande número dos seus dias. Via amigos e inimigos por toda a parte, e tinha arroubamentos de ternura ou explosões de raiva egualmente irreprimiveis. Falava sempre a quente; ou, melhor, não falava, esgrimia. A sua vigorosa dialectica era arrebatada, convulsiva. E, em se encontrando, para expôr, com alguma doutrina indifferente, d'onde não pudesse arrancar lume, enristava as sobrancelhas contra a assembléa, carregando sobre ella impetuosamente.

Da sua physionomia, ainda quando mais annuviada e revôlta, não relampejavam só fulgurações deslumbrantes, coava-se tambem por vezes um rapido mas dulcissimo sorriso; e as suas alegrias eram verdadeiros arreboes. Todos lhe queriamos muito. Assistindo nelle ao commovedor espectaculo d'uma alma profundamente agitada, sentiamo-nos arrastados pela sua empolgante dramatização. A sua febre, communicando-se-nos, fazia-nos vibrar tambem mais intensamente.

Havia chamma e brilho, garbo e denodo em todos os seus movimentos. Nascera artista. Bastava vê-lo, a sua cabeça moiresca, a desgarrada elegancia do seu trajo, do seu gesto, da sua palavra. Era feito para impressionar e arrebatar. Não para dominar. Se a custo se dominava a si proprio! D'ahi os conflictos interiores que tanto o cruciaram; d'ahi o contraste entre os raptos audaciosos do seu talento e as ephemeras victorias da sua brilhante carreira.

Com elle chegam ao seu melancholico termo algumas das mais sanguineas esperanças da minha mocidade.

Coimbra, 29 de março de 1900. BERNARDINO MACHADO.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

CONTRIBUTI ALLA STORIA DELLE PROVINCIE OCCIDENTALI DELL'IMPERO ROMANO

Secondo i principî fondamentali della politica romana si effettuó successivamente l'ammissione dei popoli e comuni soggetti dentro l'Impero mercé la lenta ma sicuza trasformazione delle istituzioni indigene e la loro assimilazione alle romane. Cosi nell'Occidente e non meno nelle Hispaniae, si conysì la mutazione del comune indigeno etnico in urbano.

Questo passagio (1) ebbe luogo dopoché furono sciolti i vincoli politici degli antichi cantoni, o meglio delle federazioni dei cantoni, le quali formavano giá l'unitá politica (2). Il territorio del cantone diventó il territorio del nuovo comune urbano. Le sue localitá si trasformarono; cioé i «castella», i «vici»... (3) diventarono «oppida» (υο'λεις).

Subentró la divisione amministrativa, ufficiale in «conventus» e in «civitates»: rimanendo alle «regiones» e «gentes» per lo più valore soltanto di espressione geografica.

Tale processo di romanizzazione in alcune regioni Spagnuole fu lento ectardo. Ivi per molto tempo ancora rimase la costituzione cantonale nazionale, compatibilmente peró con

---

(1) Come nelle Galliae, dov'é peró il fatto caratteristico, che nelle Hispaniae manca, del passaggio del nome del cantone alla localitá divenuta il comune, al capoluogo. Fatta qualche eccezione (come per gli Argenomesci di Plin. n. h. IV, 20, 111; Mela III, 3, 15; cf. C. II, 5729 (2707). Argenomescum di Ptolom. II, 6, 50).

(2) Come si vede dalla monetazíone e dagli autori che raccontano le guerre degl'indigeni con Roma.

(3) Che nel tempo della Republica erano in molti. Cosi in Polibio (che li chiama πόλεις); e anche nel tempo di Pompeo (Plin. III, 3, 18).

le necessitá dell'amministrazione. Si conservarono evidentemente i cantoni (poiché le antiche leghe furono generalmente abolite) come politicamente autonomi. Cioé «populi», «gentes», «civitates» (il quale vocabolo qui in Spagna appare sinonimo di «populus» (1), e quindi esprime più di un piccolo cantone (2), ma meno dell'antico grosso cantone cioé della «gens» comprendente più «populi») (3). Tali comuni politici non avevano per base un centro che li rappresentasse (oppidum), ma erano fondati sull'insieme della popolazione. Nel loro territorio («pagus») erano «castella» e «vici» parecchi, ma non veri centri urbani. La loro organizzazione, poco nota, mostra dei capi, dei consigli e altre cariche (che assunsero la terminologia romana) (4). In appresso anche qui si formó il cómune urbano, e attraverso alcuni passaggi. Si passó cioé

---

(1) Cf. i XXII populi degli Astures, le X civitates degli Autrigones, etc.

(2) Cf. col gau dei Tedeschi. Sui rapporti fra gau e clan puoi vedere anche il recente articolo di H. Degering, in Berlin. philol. Wochenschr. 1899, No. 46, 1430 sg.

(3) Quest'ultima parola «gens» nello stile antico (Cosi nel tempo della Republica) aveva il significato molto esteso, che non di rado é rimasto nel tempo imperiale. Es. Herdenses Surdaonum (Hercaonum) gentis (Plin. III, 3, 24). Intercat[iensis] ex gente Vaccaeorum [C. II, 4233 (6093)]. Ex gente Cantabro [r(um)] (C. 4233, 4192. E anche cives Orgnomescus ex gente Pembelorum [C. 5729 (2707)], cioé in senso piú largo di civitas. Ma «gens» appare anche sinonima di «populus» e «civitas». Cosi in Plinio, dove questi due ultimi vocaboli si riferiscono genericamente tanto al comune urbano quanto al comune-gens. [E quindi non é vero ció che dice lo Schulten, in rhein. Mus. N. F.[1] (1895), p. 499, che cioé in Plinio «populus» escluda «gens»]. Del resto «civitas» poteva intendersi nel senso primitivo etnico, molto ampio, non meno di quello antico della gens. Cf. con la civitas degli Helvetii in Cesare, divisa in parti («pagi») (Vedi mio lavoro sugli Helvetii[2], p. 36 sg.); e cf. con la gens (ἔθνος) dei Galati d'Asia Minore, divisa in tetrarchie. Sull'analogia fra le istituzioni del pagus e della tetrarchia (Strabon. XII, 5, 1) vedi Mommsen, Hermes 1884, p. 316 sgg.; e anche Röm. Geschichte V[4], p. 314; e contro, A. Zwintscher, De Galatarum tetrarchiis, Lips. 1892, cap. I; e anche mio cit. lav., ibid.

(4) Cf. Schulten, mem. cit., p. 548 sgg. Si hanno infatti «magistri gentis» o «vici» o «castelli». Cosi i magistri della gens Zoelae: C. II, 2633, dell'a. 27 d. C. Cosi inoltre «praefecti» per le gentes (Cf. coi reges, reguli nel tempo delle guerre degli Spagnuoli coi Romani; e cf. col praefectus Civitatium Cottianarum, rispondente anche a costumanze indigene), ben diversi dai praefecti imperiali amministrativi. Si hanno inoltre «ordo», «seniores» [Es. ordo degli Zoelae: C. 2606 (5651)]; cf. col collegio dei seniores in Africa, con l'ordo dei Vocontii in Gallia, etc.

dal cantone al capoluogo non ancora urbano (1), indi al vero centro cittadino (2).

Dopoché tutte le «civitates» ebbero, o prima o poi, la costituzione urbana, la maggior parte furono prima «stipendiariae». Indi acquistarono tutte il «Latium» per opera di Vespagiano imperatore (3), cioé quelle ch'erano ancora di dritto peregrino (4). A tutti questi municipia di diritto latino si puó referire lo «lex municipalis» concernente il dritto municipale e il conseguimento della cittadinanza romana, e data da Domiziano alle due cittá Spagnuole, Malaca e Salpensa, ch'erano municipi latini (5).

Peró anche dopo la predetta trasformazione, é rimasta ancora quelche traccia delle precedenti condizioni. Infatti anche in seguito le «gentes» conservarono un certo significato nell'amministrazione, come si vede nella coscrizione degli «auxiliares» (6) che valeva solo per i comuni di dritto inferiore, e si faceva pes «nationes», o complesso di più gentes (7) e nel-

---

(1) Dove si compivano le funzioni amministrative, delle imposte etc. dai II viri o dai magistri castelli o dal praefectus, etc. Questo fatto, che cioé la localitá aveva preso il posto del cantone, si osserva nelle iscrizioni, dove frequentemente é indicata la localitá o da sola o no, cioé il castellum, l'oppidum... (Vedi Schulten cit., p. 507).

(2) Cf. con la civitas dei Vocantii nella Narbonensis, dove sorse Vasio capoluogo, che poi diventó urbano.

(3) Plin. III, 3, 30.

(4) Finché furono comuni peregrini, v'erano «conventus civium Romanorum» (Vedi Schulten, De conventi civium Roman., Diss. 1892; e anche in rh. Mus. cit., p. 554 sg.).

(5) Secondo l'opinione del Mommsen, seguita dai piú, fra cui Hübner (C. II, p. 253 sgg., e n. 1963 sg.).

Quanto alle *coloniae* si deve credere che le disposizioni, almeno in parte, date da Cesare dittatore alla Colonia Genetiva Tulia (C. II, 5439, p. 852 sgg.), valessero anche per altre colonie.

Come é provato da una lamina di bronzo trovata in un luogo ignoto e appartenente probabilmente ad una colonia diversa da Genetiva, e contenente in modo identico una parte del Capitolo relativo ai diritti e onori dei pontefici e auguri (C. LXVI, tab. I, col. 5, v. 1 sgg. Vigil, Asturias, p. 200 sg.; e Hübner, in C., p. 853).

(6) Ció duró in Spagna, sebbene non esitesse altrove (Es. in Gallia Cisalpina).

(7) Cosi nella Tarraconensis piú settentrionale e del Nord-Ovest, e in Lusitania. Aveva luogo per «natio» intera (Es. Astures, Lusitani, Callaeci o le loro due parti Lucenses e Bracarangustani, etc.) che poteva corrispondere a un conventus (Astures) o a piú (Callaeci) o a parte (Varduli, Vascones, Cantabri...). Che potesse effettuarsi per singoli civitates o stirpi o per stirpi a due a due, non é provato (Cf. Detlefsen, in Philolog. XXXII, p. 664 sg.). Da nationes risultava l'«ala Carietum et

l'indicazione (1) dell'origine di questi auxiliares, che dimostra la persistenza del significato etnografico («natio», «gens») (2). Questi due fatti non escludono l'esistenza giá del comune urbano, ma dimostrano solo l'inferioritá di esso, cioé il suo carattere ancora non-romano.

*

Le regioni, dove tardi appare lo sviluppo urbano, sono quelle sottomesse definitivamente le ultime, cioé nel Nord-Ovest della Penisola, e risentirono quindi l'influsso delle idee liberali di Cegare (come le Tres Galliae).

Nel tempo di Plinio, o meglio, di Augusto, dalle liste ufficiali del quale attinge Plinio (3), esistevano comuni politicamente indipendenti nella Tarraconensis, e propriamente in alcune contrade. Lo scrittose della «naturalis historia» si basa sulla «civitas», la quale espressione genericamente si riferisce al comune urbano o no (4); e distingue la «civitas» s. «oppidum», cioé fornita di un oppidum, dalla «cuitas» mera e semplice cioé dal comune non-urbano, rurale. Pertanto Plinio attribuisce allo Tarraconensis 293 civitates, di cui 179 oppida (onde 12 coloniae, 13 oppida civium Roman., 18 oppida Latin. veterum, sive Latio antiquitus donata, 1 oppida foederatum,

---

Veniaesium» (C. II, 4373), poiché i Carietes et Veniaeses (o Vennenses?) si suddividevano in 5 civitates (Plin. III, 3, 26). Lo stesso dicasi delle cohertes Vardulorum (Wilmanns, Exempla 1520), dell'ala Aravacorum (Wilmanns 1255), dell'ala Vasconum (Wilm. 1625), e dei Pelendones et Autrigones.

(1) La quale indicazione é talora posta accanto a quella della cittadinanza romana personale (C. II, 4191, 4240, 6093).

(2) Es. «Astur Transmontanus» (Brambach C. Inscr. Rhen 478). E cosi l'indicazione di Cantabri, e anche di Lusitani (Dessau 2513), che ha significato etnico, non amministrativo. Evidentemente spesso si indicava tutta la natio (o gens in senso lato) o il distretto, perché ció era piú commodo e utile, essendo poco noti e interessanti i ristretti territori di origine [Vedi Mommsen, in Hermes XIX (1884), p. 25 sgg.]; e si preferivano le designazioni etniche a quelle convenzionali, amministrative.

(3) Il quale ottreché dai Commentatori di Agrippa (dov'erano indicazioni statistiche e geografiche) prese dai rilievi amministativi di Augusto. Nedi particolarmente Detlefsen, Comment. Mommsen, p. 23 sgg., e Untersuch. zu. d. geogr. Büchern. des Plinius, I (1884). O. Cuntz, De Augusto Plinii geogr. auctore, 1888. E. Schweder, in Sahrb. Flecheis. 1892, p. 113 sgg. Cf. anche Zumpt, Comment. Epigr., I, 197 sgg.

(4) Anche nelle iscrizioni («Civis»).

e 135 oppida stipendiaria), e le rimanenti 114 sensa il rispettivo oppidum. Come si legge in III 3, 18:

«Civitates provincia ipsa praetes contributas aliis CCXCIII continet oppido CLXXVIIII, in iis colonias XII, oppida civium Romanorum XIII, Latinorum veterum XVIII, foederatorum unum, stipendiaria CXXXV» (1).

Dunque vi erano allora moltissimi comuni non urbani nella provincia Citerior s. Tarraconensis, mentre nella Baetica-secondo le stesse liste di Plinio-vierano 175 civitates tutte urbane, e nessuna sfornita dell'oppidum. Posteriormente scomparvero a poco a poco i comuni non urbani. Infatti nella statistica dell'Impero della metá del secondo secolo, com'é in Tolomeo, fatta anche sulla base dei «populi» s. «civitates», la differenza fra cantone e cittá é quasi solo di forma, e in sostanza sono notati solamente oppida. Dei 275 comuni della Tarraconensis soltanto 27 possono sembrare non urbani (cioé «populi» col nome in genit. plur. e accanto, col nome dell'-oppidum relativo); ma questi in vero non mancano di un centro urbano (2), ma solo si ha traccia dell'influsso gentilizio, conservato praticamente nell'amministrazione romana.

Poiché le ultime regioni pacificate furono quelle del Nord-Ovest della Tarraconensis, le guarnigioni militari erano principalmente nella sola Tarraconensis, e particolarmente in quelle contrade più remote.

Con queste necessitá militari si connete la costruzione delle vie imperiali nel tempo dei primi imperatori (3), e anche sotto i Flavi-Parecchie furono le legioni in Spagna nel primo secolo (4). Di esse alcune cessarono ó furono mandate altrove ben presto, nei primi tempi dell'Impero (5); onde ne rima-

---

(1) Il testo é stato definitivamente stabilito dal Detlefsen, in Philogus XXXII (1873), p. 602 sgg. (che nella stessa rivesta XXX, 265 sgg., e XXXVI, 111 sgg., ha studiato e fondato il testo di Plinio per tutta la Spagna, servendosi particolarmente del materiale fornito dalle iscrizioni). Quest'autore fronda l'interpretazione su basi sicure, specialmente sulla somma delle cifre delle «civitates» per i singoli conventus, dalla quale ricava per la Tarraconensis il totale 293.

(2) Come crede il Detlefsen, in Philolog. XXXII, p. 608 sg.

(3) Cf. Mommsen, Röm. Gechichte, V[4], p. 59 sg.

(4) Per quanto ci é dato desumere dai documenti, e con molta sicurezza, per il tempo cheva da Augusto ai Flavi.

(5) La I, la II Augusto, la V. Nel tempo di Augusto e Riberio. Vedi Hübner in C. F. L. Suppl. (1892), p. LXXXVIII. Che la I sia cessata durante la guerra Cantabrica, si ignora.

sero tre (in Asturia e Cantabria specialmente) (1), cioé la IV Macedonica, la VI Victrix e la X Gemina, delle quali la prima fu, sotto Claudio, mandata altrove. Le rimanenti due, più qualche volta distaciate fuori di Spagna, ricompariscono sul principio del regno di Vespagiano, il quale le mandó in Germania (nel 69) (2). Altre due sorsero fin dalla 68 (formate da Galba) la I Adiutrix e la VII Gemina, le quale sole rimasero a far prlncipio dal tempo di Vespagiano, finché restó (3), sotto Domiziano, la sola Legio VII della Gemina fin da principio, poi anche Felix (dopo Vespagiano), poi moltre Piae Antoniniana, etc. I suoi castra erano, come si vedrá meglio attrove, nell'Asturia (4).

(Continúa). FRANCESCO P. GAROFALO.

---

(1) Strabon. III, 4, 20. Sui luoghi di accampamento v'ha incertezza (Hübner l. c. e pag. sgg.). Senza dubbio presidio vi fu nei primi tempi dell'Impero, in altre contrade Spagnuole, della Baetica e Lusitania.

(2) Oltre dell'Hübner l. c. vedi Mommsen, O. C p. 59, n. 1.

(3) L'Adiutrix che fu prima mandata altrove, dovette ritornare dalla Germania estare fino all'88 (cf. Mommsen l. c.): La VII Gemina, fin dall'a. 70 (Racit. hist. IV, 39. Viera gis'nel 79: C. II, 2477); poiché fu precedentemente per breve tempo fuori.

(4) Mo anche in Italica, e vexillationes in parecchi punti, e ció pes neeessitá (p. es. per le incursioni dei Mauri nella Baetica, nel secolo II). Etalora fuori di Spagna (cf. Hübner cit., p. LXXXIX). Per l'Africa vedi R. Cagnat, L'armée romaine d'Afrique, 1892, p. 101 sgg.

Dopo Diocleziano, un «magister equitum» comandava tutto l'esercito delle Hispaniae, e nella provincia Callaecia (= Asturia et Callaecia) v'era un comando inferiore (cf. Not. dign. Dcc. VII, 118, 134. Seeck). Qui era il praefectus della detta Legio VII (Aôt id., 132-e, XLII, 26).

DUAS PALAVRAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO SOCIAL HINDÚ

A organização social da antiga India tem sido assumpto de cuidadosos e persistentes estudos de sabios notaveis—francezes, allemães e sobretudo inglezes—que, em eruditos escriptos, se têm occupado em a descrever por menor e apreciar sob diversos pontos de vista.

A primeira idéa que occorre nesse estudo, a primeira cousa que prende a attenção, quando se falla d'este grande e lendario paiz, é a divisão de raças, tribus e familias aborigenes, em classes ou *castas,* divisão que, segundo proficientemente demonstrou o eminente professor Max Müller, não foi propriamente instituição religiosa, pois nada se encontra nos Vedas que a auctorise, mas derivou de factores diversos, como as differenças ethnologicas, as reciprocas luctas pela supremacia, e a influencia de certas profissões consideradas mais honrosas. E' certo, porém, que as castas, coevas dos primitivos laços da sociedade, penetraram fundo o hinduismo, e, como acertadamente observa Comte, não podiam ter existido solidamente sem uma verdadeira conservação religiosa. Em todo o caso a palavra *casta* é que não é nativa,—pois o vocabulo indiano que lhe corresponde é *varna*—, mas foi introduzida e empregada pelos portuguezes, desde que chegaram ao Oriente, passando depois a ser adoptada tanto nos dialectos locaes como pelos escriptores europeus. Esta prioridade não é contestada (pelo menos esta) á nação portugueza, antes expressamente lhes é conferida pelos indianistas britannicos e, ainda ha poucos annos, foi reconhecida pelo illustre orientalista francez, E. Senart, num magnifico estudo publicado na *Revue des deux mondes* (n.º de 1 de fevereiro de 1894). Assim Wedgwood define as *castas—as divisões artificiaes da sociedade na India, de que primeiro nos deram noticia os portuguezes sob este termo que foi conservado em inglez no supposto de que era um nome nativo—.* Do emprego da palavra *casta* em obras portuguezas, com o significado peculiar que lhe é attribuido, apparecem os mais antigos exemplos em Duarte Barbosa, Gaspar Corrêa, Barros, Garcia da Orta e até em Camões (*Lusiadas,* c. VII, 37).

As classes (*varnas*) ou castas eram quatro: sacerdotal, militar, agricola-commercial e servil. Ao *brahmane* incumbia o ensino e o culto, ao *chatria* a defesa, ao *vaishia* os trabalhos ruraes e o trafico mercantil, ao *sudra* os misteres inferiores. Identicas divisões notam-se em todas as outras communidades civilizadas, embora sob outros nomes e fórmas. Havia bastantes subdivisões d'essas quatro classes, que muito se têm fragmentado, e é realmente curioso o mosaico de castas e subcastas, que se extende dos Hymalaias ao cabo Comorim. São nada menos de 1629 grupos!

Varna é palavra sanskrita, que significa *côr,* e merece nota a propriedade com que essa palavra se applicou a differentes classes sociaes, desde que se sabe que, entre os hindús, o *brahmane* é geralmente mais claro, o *chatria* moreno, o *vaishia* escuro e o *sudra* preto, *a black man* como dizem os inglezes.

Os membros das tres primeiras castas chamavam-se *dvjia,* isto é, *bis-natos,*—nascidos pela primeira vez como simples mortaes, e renascidos pela purificação que adquiriam, depois de cumprir determinadas ceremonias religiosas. A vida, em cada uma d'estas tres especies, dividia-se em quatro periodos ou *asharamas;* o mesmo individuo passava successivamente pelos de estudante, chefe de familia, habitante das florestas e asceta. Este ultimo estadio, no occaso da vida, traduz com nitidez o mystico ideal da philosophia hindú, que, numa elevada concepção do ente racional, fazia rematar a mesquinhez terrena com difficeis exercicios e laboriosos esforços para, triumphando das paixões da materia, alcançar a perfeição e victoria do espirito; era pelo menos essa a intelligencia da ascese, muito em pratica entre os pristinos aryas. Quem atravessasse os quatro periodos, podia julgar-se feliz, conseguindo o *dharma, artha, kama* e *moksha:* isto é, a sciencia e merito religioso, a riqueza, os desejos e a salvação. O primeiro periodo terminava aos 25 annos de edade.

Os ritos ou ceremonias religiosas da purificação necessaria para o renascimento, que habilitavam egualmente o hindú *bis-nato* a completar esses quatro periodos, eram dezaseis, sendo os tres principaes: *namakaran,* imposição do nome,—*upanyan,* investidura da linha sagrada,—e *vivaha,* casamento. Pela primeira entrava elle no mundo,—pela segunda, na carreira de estudante,—e pela terceira, na vida familial.

O *namakaran* indicava apenas a casta dos paes e não a da criança, que obtinha mais tarde a sua inscripção *castista,* digamos assim, segundo a prova das suas faculdades, pouco antes de se iniciar na vida domestica. «Todo o homem—disse

Shry Khrisna—nasce sudra, e é pelos ritos que renasce.» O sacerdote da familia (pois cada uma tinha o seu) na occasião do *namakaran,* dirigia ao recemnascido as seguintes palavras que, na sua eloquente concisão, abrangem todo um compendio da mais sã moral: «*Criança, entraste no mundo chorando, em quanto todos estavam alegres em roda de ti; vive de modo tal que, no dia de tua morte, todos chorem e tu estejas alegre.*»

A edade marcada para a investidura da linha era variavel, sendo entre os *brahmanes* menor do que entre os *chatrias,* e entre estes ainda menor do que entre os *vaishias.* Festeja-se ainda hoje a *upanyan* nas familias hindús com muita solemnidade e apparato. Cahe a ponto lembrar que, na historia da christianização do Oriente, figurou a linha sagrada numa questão ritual que foi ruidosa, e decidida pelo Summo Pontifice.

O famoso jesuita padre Roberto de Nobili, sobrinho do cardeal Bellarmino, fundou em 1606 a missão catholica na costa do Madrasta, tendo fallecido aos 16 de janeiro de 1656 em Meliapor. Era ali denominado *Tatva Bodhager* (padre brahmane), em razão dos habitos nativos que, para melhor se insinuar no animo do gentio, francamente adoptou; vestia-se como *saneaxy* (devoto mendicante hindú) com turbante branco, arrecadas com rubis ou perolas, annel de ouro no dedo index e sandalias. Como signal de tolerancia para com os neophytos e suas familias, permittiu aos membros da sua grei trazerem a sua antiga *linha brahmanica;* mandado responder sobre essa innovação pelo arcebispo de Goa, D. fr. Christovam de Lisboa, defendeu perante o synodo diocesano, que tinha auctorisado o uso da linha como signal de nobreza da casta, accrescentando—*mutare vestem nihit vetat, ubi agitur salus animarum*—, argumento que não satisfez as auctoridades ecclesiasticas de Goa, sendo afinal julgada a controversia pelo papa Gregorio XV, por sua bulla *Romanae sedis antistes,* de 31 de janeiro de 1623, na qual se permittiu aos brahmanes e outros nobres da India, convertidos á fé, o uso da *linha* como signal de nobreza, o das *sandalias* como signal de elegancia, e as *abluções,* como providencia de asseio. Pelo tempo adiante, com as frequentes contendas entre os capuchinhos e os jesuitas, renovou-se a questão que foi, de vez, resolvida pelo delegado apostolico, Cardeal de Tournon, por decreto de 23 de junho de 1704.

Segundo acabamos de ponderar, a casta era só determinada na adolescencia; d'ahi resultava algumas vezes que um rapaz, filho de paes brahmanes, mostrando tendencia mais para os

exercicios athleticos do que para os Vedas, passasse a ser *chatria*. Um filho de *chatria,* com manifesto amor ao estudo e ás letras, era promovido a *brahmane*. Se qualquer d'elles apresentasse unicamente propensão a trabalhos manuaes ou mechanicos, era classificado entre os *vaishias*. Ainda mais; não occorrendo absolutamente qualquer d'estas circumstancias de excepção, era irremediavelmente condemnado, em ultimo caso, ao grupo dos *sudras,* o que, aliás, succedia rarissimas vezes. Não se manifesta, pois, a casta uma instituição racional e bem elastica?

Eis alguns exemplos:

Valmiki, o celebre auctor do *Ramayana,* pertencia á subcasta *bhil,* tribu selvagem vivendo nas montanhas e florestas, que se presume aborigene de Rajputana. Não está ainda definida a paternidade de Vasistha, sacerdote ao serviço da familia real. Vidoor e o santo Narada eram de nascimento humilde. Outro afamado poeta, Vyâsa, auctor do *Mahabharata,* teve por paes o douto Parashar e a formosa Satyavati, filha d'um pescador.

É que os primitivos hindús tinham um regimen domestico a que chamavam *nyoga,* e que tinha todas as vantagens, sem comtudo participar dos inconvenientes das segundas nupcias. A bella Satyavati, a que alludimos, depois do nascimento de Vyâsa, casou com um rei da antiga Delhi, Shantanu, que houve d'ella Vichiatravirya. Este ficou sendo, portanto, irmão uterino de Vyâsa. Vichiatravirya morreu sem successão, deixando duas viuvas, Ambika e Ambalika. No intuito de obter um herdeiro para o throno que ficára vago, Satyavati enviou a seu filho Vyâsa ambas as noras. Uma vez diante de Vyâsa, acclamado genio da epocha, mas feio e mal encarado, uma das viuvas empallideceu, a outra fechou os olhos. Que havia de succeder? Ambalika deu á luz um menino a quem deram o nome de Pandú, quer dizer pallido, e Ambika um menino cego, que se chamou Dhoristrashtra. Pandú tornou-se ostensivamente o pae dos Pandavas, e Dhoristrashtra dos Kuravas, todos heroes do *Mahabharata*. Assim pelo systema de *nyoga,* Vyâsa encheu de herdeiros a casa real de Delhi. Ainda hoje na familia hindú o irmão mais novo do marido é conhecido, pelo nome de *devar,* isto é, segundo marido.

A' parte este modo de união temporaria, por que se resolviam admiravelmente certas difficuldades sociaes, os hindús tinham especiaes formas para o *vivaha,* casamento, que se acham enumeradas na respectiva legislação, sendo as mais acceitaveis a *brahma* e a *gandharva*. Naquella, o pae convi-

dava attenciosamente um homem de boa aptidão physica e intellectual a receber-lhe a filha por esposa; era de uso entre os brahmanes. Nesta, a união era determinada pela mutua sympathia ou amor; estava em pratica entre os rajeputs. Ambas essas formas desappareceram com o tempo, como desappareceu o *nyoga*.

Com a invasão mahometana, que, em todos os sentidos, foi desastrosissima para a India, modificou-se o regimen nupcial, pois os indús á imitação dos seus novos dominantes, e quiçá para preservar suas mulheres dos cupidos olhares dos estrangeiros que, cada dia, accorriam em maior numero ás opulentas regiões orientaes, estabeleceram o systema de *zenana*. Assim, pela reclusão ou seclusão, mais se limitou a liberdade da mulher, já de si cerceada pela divisão das castas, até que, afinal foi completamente annullada, quando se legislou para ella o casamento antes da puberdade, que ainda hoje se observa e de que deriva, com a prohibição das segundas nupcias, só recentemente alterada em casos muito excepcionaes, uma situação bastante lastimosa para as jovens viuvas. Note-se que Manu havia estabelecido avisadamente o minimo de 16 annos para o casamento das raparigas, e que é um excellente preceito physiologico nos climas tropicaes.

Os ritos e ceremonias religiosas dos hindús estão compilados num substancioso tratado, intitulado *Dharmasindu,* que significa *Oceano dos ritos religiosos*. Acompanha o homem do berço ao tumulo. Ha alguns annos foi traduzido em inglez e publicado em Bombaim pelo revd.º Bourquin.

Goa.

J. A. Ismael Gracias.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

LA CONSTITUTION DU MONDE

(Cont. do n.º 4, pag. 215)

D'où est partie cette thèse de la banqueroute de la science? M. Brunetière l'a rapportée de Rome; mais depuis longtemps elle est enseignée dans les séminaires, elle est la base de l'enseignement dans les universités catholiques. C'est un des lieux communs de la littérature des sacristies, le fonds des librairies du quartier Saint-Sulpice, la thèse des prédicateurs dans leurs chaires. On citerait des kyrielles d'auteurs, inconnus des profanes, mais qui ont un public parmi les lecteurs de *l'Univers* ou de *la Croix,* qui ne font que la commenter. Ce sont les bacheliers sortis des universités catholiques qui la répandent parmi nos jeunes générations, la soutiennent dans les petits cénacles littéraires, parmi les étudiants de lettres et ceux du droit; car elle n'a point de chances de succès près des étudiants en sciences. Ceux-là savent bien que ce n'est pas la science qui fait faillite à l'homme.

Les vrais banqueroutiers sont ceux-là qui, toujours ennemis de la vérité et de la lumière intellectuelle, inquiets de tous les progrès de l'esprit qui rendent l'homme plus libre, exploitant l'ignorance humaine, ont de tous temps mis le Paradis en action et signé des lettres de change payables dans l'éternité aux égoïstes, crédules et effrayés, qui croient faire de bons placements en prêtant aux dieux à fonds perdus en ce monde pour en être remboursés au centuple dans l'autre.

C'est là l'éternelle banque du Mississipi, le *Panamone* énorme dont la banqueroute, perpétuellement frauduleuse, a pu, à l'abri des lois, pomper, aspirer, engloutir sans cesse les économies de l'humanité, escompter ses vices et trafiquer de ses vertus.

Elle est bien commode aussi cette doctrine de l'inconnais-

sable pour les gens qui n'aiment point à se compromettre; qui ne veulent contredire et contrarier personne; qui veulent garder des amis dans tous les partis, toutes les Églises: pouvoir dire aux uns: «Je suis oiseau, voyez mes ailes», aux autres: «Je suis souris, voyez mes pieds».

Cette doctrine de l'inconnaissable, appelée en France *positivisme,* parce qu'elle ne veut rien dire de positif sur toutes les questions compromettantes, a reçu, en Angleterre, le joli nom grec d'*agnosticisme:* ceux qui avouent ou prétendent ne pas savoir. Ce sont pourtant des savants qui l'ont mise à la mode et dont plus d'un a été hardi; car un de ses promoteurs fut Lyell, le premier des savants anglais qui osa se déclarer en faveur de la doctrine de Darwin. Mais, justement, cet agnosticisme le mettait à même d'échapper aux dernières conséquences logiques du système, d'arrêter le fil de ses déductions juste au point où il se serait brouillé avec le *kant* anglais. C'est grâce à cet agnosticisme de son ami Lyell, que Darwin lui-même, tout en finissant par confesser explicitement dans sa *Généalogie de l'homme (Descent of man)* sa conviction de l'origine animale de notre espèce, a pu cependant continuer à se dire croyant en Dieu et même chrétien, et, sans scandaliser l'Église anglicane, être solennellement enterré à Westminster Abbey dans le Panthéon anglais. Pourtant, si l'on eût serré de près les doctrines du savant, il n'eût pas été difficile d'en montrer les contradictions avec les actes de foi du gentleman qui voulait rester *a respectable man* pour ses compatriotes de la Chambre haute et pour la *gentry* anglicane.

J'ai connu aussi, en Suisse, comme en France du reste, et il y en a peut-être un peu partout, de ces savants qui, mettant leur science dans une des hémisphères de leur cerveau et leur foi chrétienne dans l'autre, élevaient entre les deux une cloison étanche qui, rompant entre eux toute communication, devait ainsi empêcher toute conscience des importunes contradictions qui pouvaient naître de cette dualité cérébrale. Le professeur dans sa chaire, ou quand il écrivait dans son cabinet de travail, n'était que savant; l'homme, rentré dans la famille ou devenu citoyen dans la cité, prêchait la religion d'État et soutenait ses représentants comme la sauvegarde de l'ordre public.

Toutefois la communication entre le cerveau du savant et le cerveau de l'homme politique pratique n'était pas si bien fermée, que l'un ne pût arrêter l'autre, juste au point où il aurait pu le compromettre. Le savant, au delà de certaines déductions logiques, au delà de certaines lois de fait, aux

conséquences en apparence indifférentes, devenait agnostique, déclarait ne pas savoir, et se taisait. Lorsqu'un fait trop éloquent, trop clair se produisait dans le domaine scientifique, il le tournait, le retournait, le pétrissait en tous sens pour lui trouver des côtés douteux, susceptibles d'interprétations diverses. Que d'encre a été ainsi versée dans les quarante dernières années par les savants officiels et religieux de tous les pays pour trouver des objections à la théorie darwinienne! Que d'hypothèses ingénieuses et biscornues ils ont imaginées pour expliquer le mélange des silex taillés de main d'homme avec les ossements des animaux de l'époque quaternaire, qui, défonçant la chronologie biblique, enfonçait l'origine de l'homme à travers la succession des âges géologiques dans une antiquité se chiffrant par des milliers de siècles.

Presque tous aujourd'hui ont dû rendre les armes. L'hémisphère scientifique de leur cerveau a dû s'avouer convaincu que toutes les races vivantes ne descendent pas des trois fils de Noé; qu'aucun déluge total n'a détruit la vie sur la terre, à l'exception de ceux qui étaient enfermés dans un coffre (Arche veut dire coffre, c'est le mot *nàos* des Égyptiens); qu'Adam et Eve ont appartenu à une espèce de mammifère ou même de reptile hermaphrodite, peu différent de la grenouille ou du crapaud, qui l'un et l'autre n'ont point de queue; et que si tous les hommes en sont descendus, c'est concurremment avec les grands singes, également dépourvus d'appendice caudal. C'est toutefois une consolation pour eux de pouvoir constater ce fait que l'appendice caudal qui existe chez l'embryon humain a été résorbé de très bonne heure chez les ancêtres de l'homme qui doit peut-être à cette résorption le développement hâtif de son cerveau, en vertu de la loi darwinienne du balancement de croissance.

Maintenant la plupart des savants, anglais, suisses, allemands et même français, de la génération actuelle, ne songent plus à contester tout cela, et à rejeter l'origine de l'homme dans l'incognoscible. Les Églises mêmes en prennent leur parti, sauf le pape, qui, récemment, caressait la science de sa blanche main, trouvant que celle de M. Brunetière avait été trop rude et qu'en voulant défendre le plat, il avait mis les pieds dedans. Mais il réservait la question des origines, celles des causes premières comme matières essentiellement religieuses dont les conciles seuls ont le droit de connaître et de décider. En effet, l'Église ne peut abandonner le terrain du paradis terrestre aux savants, sans compromettre tout l'édifice de ses dogmes. Sans paradis terrestre, point de chute,

sans chute point de rédemption. Toute la révélation s'écroule comme un château de cartes. L'Église catholique tiendra donc bon là-dessus tant qu'elle le pourra. C'est une question pour elle de vie ou de mort. Même chez les protestants, individuellement plus libres d'interpréter la Bible à leur guise, la parcelle de christianisme qui peut survivre au dogme de la chute originelle, et réduite par la doctrine de l'évolution à une dose homœopathique de foi, diluée dans une rivière de science.

Si les dogmes chrétiens sont emportés logiquement par le nouveau dogme de l'origine de l'homme, la foi déiste y résiste. A condition de ne pas y regarder de trop près et de ne pas soulever la question de l'origine du mal et de la loi de souffrance qui régit toute l'animalité, elle peut s'accommoder avec Darwin. Mais le déisme, pour conserver son Dieu, cause première et premier moteur immobile d'Aristote, se défend sur le terrain de l'inconnaissabilité de la matière et de la force, ces dernières inconnues de la science physique.

Ces derniers problèmes seront résolus comme les autres. A l'étonnement des agnostiques et pour la confusion des positivistes, la solution sera simple, accessible à toutes les intelligences: la génération prochaine verra des écoliers de dix ans bien rire de la naïveté de leurs pères, qui, d'un air si grave et si profond, ont déclaré le mistère insondable.

S'il reste encore quelques inconnues sur les derniers sommets de la science, s'il y a encore des hypothèses douteuses, d'autres certainement fausses; si sur certaines questions de détail la discussion reste ouverte, il n'en existe pas moins dès aujourd'hui une catholicité de la science où, d'un bout du monde à l'autre bout, de Chicago à Paris, de Londres au Japon et du Thibet à Rome, en dépit des papes et des Lamas, tout le monde est d'accord sur certains groupes de faits et sur les lois qui les régissent. Cette magnifique unité mentale qui a été l'idéal de toutes les orthodoxies, mais qu'elles n'ont jamais pu réaliser, s'est établie d'elle-même en vertu de l'identité des lois qui régissent le monde physique et intellectuel. Elle s'est établie sans violence ni coercition, sans conciles ni papes, par l'adhésion libre des esprits convaincus par l'évidence des choses.

Evidemment, il reste des problèmes à résoudre. Et des vérités d'hier sont des erreurs aujourd'hui. Personne ne croit plus, parmi les physiciens, à l'attraction à distance de la matière pour la matière, que Newton lui-même a reconnue impossible; mais personne ne doute de l'universalité de la loi de gravitation, dont l'attraction n'est qu'une explication

hypothétique. Qu'importe que l'hypothèse de Laplace sur la formation de notre système solaire ne soit pas vraie; ce qui reste certain, c'est que les systèmes stellaires se forment et se détruisent, commencent et finissent, dans un Univers qui reste éternellement équilibré, et dans lequel la quantité de substance et de force reste constante. Nos théories chimiques, nos théories sur la lumière et la chaleur sont incomplètes ou fausses; la théorie cinétique des gaz est certainement un roman conçu par l'imagination d'un mathématicien allemand; cela n'empêche pas que les lois expérimentales de la chimie et de la physique soient des vérités désormais acquises à l'humanité, qu'elles soient vraies dans tous les mondes, comme dans le nôtre, et que toutes les thèses contradictoires à ces vérités acquises soient des erreurs également démontrées, qui seraient des erreurs dans la Lune ou dans Jupiter, dans Sirius ou dans Wega comme chez nous.

A côté du système logique de ses affirmations, la science a donc un système logique de négations également évidentes et démontrées. C'est ce système de vérités négatives qui tue les anciens dogmes, renverse les vieilles croyances traditionnelles, démontre que l'esprit humain a été de tous temps la dupe docile de tous les sacerdoces qui se sont attribué le droit de le gouverner au nom des dieux.

Dès aujourd'hui il existe un ensemble de vérités certaines, un système de la science, révélé à l'homme par le lent travail de sa raison s'exerçant librement, qui détruit par leur base toutes les orthodoxies théocratiques et n'en laisse rien subsister.

Dès aujourd'hui il n'est donc pas vrai que l'esprit de l'homme n'ait à choisir qu'entre le «peut-être!» de Rabelais et le «que sais-je?» de Montaigne. Ce sont là désormais des raisons de lettrés qui, ayant perdu le meilleur de leur jeunesse à étudier le grec et le latin, à pâlir sur Virgile et à rougir sur Ovide ou Properce, sans avoir jamais réussi à lire Tacite ou à traduire Homère, se croient le droit de parler de la faillite de la science qu'ils n'ont connue que dans ces guide-ânes qu'on nomme les manuels du baccalauréat.

Il est certain que ni les discours de Platon, le furieux ennemi de Démocrite qui voulait brûler ses ouvrages; ni les enseignements de Socrate, qui trouvait Anaxagore impertinent de s'occuper des causes physiques du monde et de ne rien dire de ces causes finales; ni les entretiens de Cicéron à Tusculum sur les dieux, l'âme et le reste, n'apprendront jamais rien à personne sur le *substratum* de l'univers.

Si les Ioniens, de Thalès à Démocrite, semblent avoir eu à ce sujet des notions plus claires, leurs écrits sont malheureusement perdus et nous n'en savons quelque chose que par ces mêmes Athéniens qui ne les ont pas compris, et surtout par Aristote qui eut le malheur d'avoir Platon pour maître. Si le hasard des choses eût voulu faire naître Démocrite à Athènes et lui donner Aristote pour disciple au lieu d'en faire son adversaire, depuis plus de vingt siècles nous saurions peut-être ce que c'est que la matière ou, du moins, aurions-nous à cet égard des notions vagues mais exactes.

Au contraire, la Providence qui, dit-on, conduit le monde, et qui semble si souvent s'amuser à l'égarer, a fait gâter par Epicure les conceptions géniales de Démocrite. Comme Epicure, vulgarisé par Lucrèce, a seul été transmis intact à nos savants de la renaissance, Bacon, Galilée, Gassendi, Newton, l'atome épicurien embarrasse aujourd'hui encore nos sciences physiques en des contradictions insolubles; de sorte que pour en sortir il faudra retourner l'hypothèse d'Epicure, comme Kopernic a retourné le système de Ptolémée.

Du reste, tous les progrès de la science moderne ont consisté à retourner des hypothèses anciennes, nées les premières dans l'esprit humain, condamné à ne voir jamais les choses que du point de vue anthropocentrique, naturellement toujours faux par quelque endroit, en vertu d'illusions optiques inévitables. Nos sensations, sources de nos concepts, ne nous trompent point, elles sont vraies, toujours vraies, mais leur complexité défie l'analyse du jugement. Nos sens se sont perfectionnés pour répondre à nos besoins physiologiques, aux conditions de notre vie animale ou sociale; ils ne sont nullement des instruments d'observation scientifique. Les premières hypothèses, les premières inductions que l'esprit humain a tirées de ses observations sensibles ont dû fatalement être fausses. Elles nous ont montré l'envers des choses. Il faut les retourner pour en voir l'endroit. «Quand une chose est susceptible de deux explications, disait Fontenelle, c'est toujours la fausse qu'on adopte la première, parce qu'elle semble la plus naturelle.»

En effet, ne semblait-il pas plus naturel de supposer le mouvement des planètes et du soleil autour de la terre que celui de la terre et des planètes autour du soleil? Toutes les sensations directes de l'homme le conduisaient fatalement à cette erreur dont il n'est sorti que tout récemment et lentement. Il voyait chaque jour les astres se déplacer dans le ciel autour de lui; il ne sentait pas le mouvement qui l'emportait

lui-même, avec la terre, dans l'espace. Il croyait la terre très grande, et Anaxagore pensait exagérer en disant le soleil «grande comme le Péloponèse».

De même, l'homme primitif, qui se sentait automoteur, n'a pu d'abord comprendre les mouvements des corps qu'en les attribuant à des volontés motrices, à des esprits identiques au sien, et son fétichisme a tout humanisé dans la nature. De tous les êtres il a fait des démons ou des dieux.

Voyant tous les êtres s'engendrer les uns les autres, il a cru à l'universalité de la loi de génération. Il a supposé le monde engendré par des dieux qui s'engendraient de même les uns les autres par couples sexuels superposés.

Comme sur la terre tous les êtres vivants procréaient leurs semblables, jusqu'à une époque toute récente, l'humanité pensante et ses générations de savants ont cru à la fixité des races végétales et animales, à la création extra-naturelle ou divine de leurs prototypes. Bien des gens répugnent encore à admettre la théorie d'évolution des formes organiques, parce qu'en effet la courte expérience de chaque génération ne lui montre jamais que des types relativement constants.

En géologie, lorsque déjà l'idée d'une histoire évolutive du monde terrestre, sous l'action constante des forces actuelles, s'imposait aux esprits observateurs, comme celui de Lyell, on s'est attardé, avec Cuvier, à l'hypothèse des révolutions violentes et totales. On a supposé que toutes les montagnes étaient le produit de soulèvements brusques, de cataclysmes soudains; qu'elles pouvaient pousser en une nuit comme des taupinières, soulevant sur leurs flancs des centaines de kilomètres de roches stratifiées, antérieurement horizontales. Il est bien démontré aujourd'hui que ce sont, au contraire, les plaines qui s'affaissent lentement sur les flancs des crêtes orographiques, véritables lignes de plissements de l'écorce terrestre, constamment contractée et rétrécie.

C'est de même qu'à l'hypothèse de l'attraction à distance de la matière pour la matière, admise déjà en principe par les Grecs, mais contre laquelle Newton lui-même a protesté, on est amené à substituer celle des pressions ou impulsions centripètes au contact, pour expliquer la loi de la gravitation.

Tout le progrès des sciences ne s'est ainsi accompli qu'en retournant les premières explications des faits qui d'abord ont paru les plus probables.

Pour acquérir une idée de la matière conforme à sa nature, il suffit de retourner celle que nous en avons eu jusqu'ici.

S'il a d'abord paru plus naturel d'expliquer l'existence des

fluides au moyen d'éléments ayant les propriétés contraires des solides, c'est que sous l'état solide seulement la matière frappe directement les sens par la visibilité de ses formes et de ses couleurs, par son impénétrabilité au toucher, sa résistance au mouvement, sa chaleur, sa sonorité. C'est sous l'état solide, presque exclusivement, que l'homme a acquis la notion de matière et que les idées de ses propriétés ou modes se sont fixées et comme incrustées dans son esprit. C'est encore sous l'état solide que chaque enfant apprend à constater son existence et à expérimenter ses manières d'être. Toutes les langues se sont développées sous l'influence de cette notion d'une matière essentiellement solide, dure et pesante, ayant des formes et figures relativement fixes et des contours nettement limités. L'eau elle-même, qui est presque le seul liquide naturel, se solidifie par le froid, et semble participer de la rigidité impénétrable des autres corps matériels et pesants.

En fait de fluide gazeux, les anciens ne connaissaient guère que l'air, la vapeur d'eau et le feu à l'état de flammes ou de fumée. Ils en ont fait leurs trois éléments supérieurs, mais ils ont, en général, réservé le nom de matière à l'élément terrestre, seul solide et rigide, et à élément liquide qui participait de sa nature pesante et de son inertie. L'air et le feu, au contraire, leur semblaient d'une nature plutôt céleste et divine : ils paraissaient monter au lieu de tomber.

Toutes ces erreurs sont d'hier. Le moyen âge en a hérité, comme d'une part de la culture latine. La physique d'Aristote n'a pu que les renforcer et les enraciner dans l'intellect des peuples modernes. Les alchimistes, jusqu'à une époque toute récente, expliquaient encore les transformations de l'état physique des corps par des mélanges, en proportions variables de terre, d'eau, d'air et de feu, dans lesquels chaque élément gardait sa nature essentielle. La vulgarisation du poème de Lucrèce les amenait seulement à concevoir chaque élément comme constitué d'atomes, différents de forme et de grandeur, mais tous également solides et de figures constantes.

Il semblait ainsi naturel d'expliquer les propriétés mal connues des fluides par celles des solides qu'on croyait connaître, que l'on connaissait mieux, du moins empiriquement, d'après leurs apparences sensibles, qui n'étonnaient pas, parce qu'on avait l'habitude de les constater.

Aujourd'hui, toute la physique et toute la chimie montrent, au contraire, que l'état solide est pour toute la matière, et même pour les corps les plus denses, un état de contrainte

*

dont elle cherche constamment à sortir; que ce sont des pressions extérieures qui l'y maintiennent, comme elles empêchent l'eau de bouillir au zéro du thermomètre, et qu'à toutes les températures non seulement les liquides mais les solides tendent à émettre des vapeurs. (Comp. *Mémoire sur la constitution moléculaire de l'eau.* Association française pour l'avancement des sciences. Paris, 1889.)

C'est en Suisse, en 1858, à la suite d'une étude comparée de tous les systèmes philosophiques, que, pour la première fois, je conçus l'idée de la fluidité essentielle des éléments premiers de la substance cosmique. Deux ans après, j'en faisais la base logique d'une Philosophie de la Nature que je développai dans un cours public à Lausanne.

Mais cette nouvelle théorie de la fluidité des atomes, supposant leur répulsion mutuelle, se heurtait à l'hypothèse de l'attraction, qu'avec la grande majorité de mes contemporains, je croyais encore scientifiquement démontrée. L'objection me paraissait si forte qu'après avoir cherché en vain les moyens de concilier deux faits aussi contradictoires, et trop respectueuse de l'autorité de Newton pour oser émettre un doute sur sa doctrine, je pensai avoir été dupe d'une illusion séduisante, et j'abandonnai à regret mes études commencées.

Cependant, j'étais comme hantée par mon hypothèse qui me paraissait devoir résoudre les problèmes restés les plus obscurs dans le domaine des sciences physiques, aussi bien que dans leur systématisation métaphysique. J'étais en cet état d'esprit quand, vers 1872, un mot de Quatrefages, dans une discussion sur la valeur des hypothèses, fût pour moi un trait de lumière. Il disait, citant Newton: «Tout se passe comme si les corps s'attiraient en raison directe de leurs masses et inverse des carrés de leurs distances, mais rien ne nous prouve qu'ils s'attirent.» J'apprenais ainsi que Newton, lui-même, n'avait donné à la formule de sa loi fondamentale qu'une forme dubitative.

Vers le même temps, je constatais que Secchi, dans son ouvrage sur l'*Unité des forces physiques,* confessant que l'hypothèse de l'attraction était contraire à tous les principes de la mécanique, essayait de donner de la gravitation une explication nouvelle qui se rapprochait des tourbillons cartésiens. Enfin, dans un opuscule très remarquable du savant abbé Moigno (*La matière et la force.* Deux conférences du professeur Tyndall, traduites en français et suivies d'une *Dissertation sur l'essence de la matière,* par l'abbé Moigno; Paris, Gauthier-

Villars, 1873), je rencontrai cette négation si nettement catégorique: «Ce qui est certain, c'est que les corps ne s'attirent pas... Si l'attraction existait, ce serait un miracle perpétuel.» Et il rappelait les objections écrasantes contre l'hypothèse de l'attraction qu'Euler a résumées dans ses *Lettres à une princesse d'Allemagne*.

Ces lettres d'Euler je les avais lues, ainsi que celles de Leibnitz. Mais le souvenir des objections de ces deux grands mathématiciens contre une force attractive agissant à distance s'était effacé sous l'espèce de *Consentement universel* que les hommes de ma génération donnaient à l'hypothèse de l'attraction. Surtout en France, alors, il ne paraissait pas plus possible de mettre en doute la formule de Newton, qu'une affirmation de Cuvier. Cependant les ouvrages de Secchi, de Tyndall et de Moigno m'avaient ramenée au doute.

Jusque-là, je n'avais jamais lu le grand ouvrage de Newton, *Les nouveaux principes de la philosophie naturelle*. Aucune édition en petit format n'en a été faite, et les exemplaires *in-quarto* sont rares. Ils sont accaparés depuis longtemps par les bibliothèques publiques et nous n'avons pas en France de bibliothèques publiques circulantes. Les seuls professeurs officiels peuvent leur emprunter des livres. Or un tel ouvrage n'est pas de ceux qu'on peut aller feuilleter durant quelques heures; il faut les avoir chez soi. Grâce à l'obligeance d'un professeur qui l'emprunta pour moi, je pus avoir enfin la traduction de Mme de Chatelet, sur la troisième édition de Newton. Quel ne fut pas mon étonnement d'y voir Newton lui-même y répéter, sans se lasser, que pour lui le mot d'*attraction* n'est qu'une métaphore dont il se sert pour désigner *la force inconnue* qui fait graviter les corps les uns vers les autres.

Jamais, dans toute ma vie, je n'éprouvai une pareille joie. Mon hypothèse pouvait donc être vraie, car les apparentes attractions de la matière pour la matière pouvaient résulter des différences de forces répulsives, et n'être que des répulsions en moins.

Avec une nouvelle ardeur, je repris dès lors mes travaux abandonnés, et j'eus la satisfaction de constater avec quelle facilité et quelle simplicité mon hypothèse de la fluidité des éléments matériels expliquait les phénomènes de la nature les plus importants, les plus généraux et jusque-là aussi restés les plus mystérieux dans leur processus.

C'est le résultat de ces travaux, continués depuis vingt-cinq ans, avec une persévérance inlassable, et malgré toutes les

rebuffades et tous les dédains de nos professeurs officiels, que je résume dans ce livre que je puis aujourd'hui présenter au public, grâce à la femme de cœur et d'esprit qui, presque sans me connaître, est venue m'offrir de faire les frais de sa publication. Je veux publiquement lui en dire: Merci!

Je n'ai certes pas la prétention d'avoir dans cet ouvrage dit le dernier mot de la science sur tous les problèmes qu'il soulève, mais j'ai l'espoir et la ferme conviction qu'il la fera rapidement progresser parmi les jeunes générations dont l'esprit se sera affranchi des habitudes d'esprit traditionnelles, contractées dans les écoles, et des préformations cérébrales héréditaires qui en résultent à la longue dans la race.

Madame CLÉMENCE ROYER.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

MATERIALISMO

Ha inda quem supponha á força de vaidade
e de soberba vã, que Deus é invenção;
que sómente a sciencia é fonte de verdade,
e nada existe além da terraquea razão!

Desde que o mundo é mundo, a douta humanidade
ao que não sente ou vê appellida illusão:
a experiencia é que dá ao Sol a claridade,
e ao universo as leis, dá-lh'as a observação!

Porém, dizei-me cá, ó grandes da sciencia,
(se já uma só vez olhastes dentro em vós)
d'onde vem, onde vae, o que é a consciencia?

Sabios, depois da morte, aonde vamos nós?
Da immensidade o fim qual é, e qual a essencia?
Respondei: depois vereis,
que provaes o que não qu'reis.

CORREIA BARATA.

MEMORIAS DE CASTILHO

LIVRO VII

1853-1854

(Cont. do n.º 4, pag. 240)

X

E' Castilho nomeado Socio do *Gabinete portuguez* de Pernambuco.—Escreve o poeta o prologo da *Felicidade pela instrucção*.—Analysa-se esse livro.

O becco do Norte, placido e sereno, recebeu-nos a sorrir. Grasnou com mais melodia que de costume a creação no pateo. E' preciso ter estado longe, longe, para saborear o que são os lares caseiros, e os abraços e beijos de mãe e irmãos!

.....

*

Entra chronologicamente n'este logar a seguinte menção honrosa:

Por diploma de 10 de Maio de 1854 é Castilho nomeado Socio honorario correspondente do Gabinete portuguez de Leitura de Pernambuco.

*

De volta á sua livraria do becco do Norte, continuaam os trabalhos arduos e serios do bardo humanitario.

Em 6 de Junho de 1854 datava Castilho em Lisboa, na sua casa do becco do Norte, o prologo a um dos seus mais notaveis livros pedagogicos: *Felicidade pela instrucção*.

Não o conhece o meu leitor? não? Pouco me admira; ha obras d'este auctor quasi completamente ignoradas do publico. As ingratidões não são só de agora.

Eu explico, se souber, o que é, e o que representa, entre as producções do incançavel trabalhador, este opusculo, que em cento e dezasete paginas contém tanto amor do proximo, tão formosas utopias, tantos conselhos seguros, e tantos melhoramentos praticos, acceitaveis desde já!

*

Consta o livrinho de quinze cartas, de 7 de Maio em diante, a um periodico lisbonense; um Manifesto da Commissão Geral de Instrucção Primaria; uma carta ao Marechal Duque de Saldanha, e finalmente um Appendice, ácerca de algumas phrases do Relatorio do Ministerio do Reino ás Camaras em Junho antecedente. Todo este conjuncto de varios escriptos foi enramalhetado pelo auctor, e dedicado ao seu intimo amigo o Prior de Santa Isabel. Ahi lhe diz Castilho no Prologo:

«O livrinho que vos offereço, meu bom amigo, pertence a «vós mais que a ninguem, e para ninguem foi tão pouco feito «como para vós. Contém noticias, conselhos, alvitres, e exci-«tações, sobre a primeira instrucção, educação, e creação. «Vós na egreja, na tribuna, e nas associações progressivas, «e em toda a parte, sois, já de muito, o propugnador acerrimo «da regeneração da humanidade pelo homem, e da regeneração «do homem pelo baptismo da luz. Assim, tudo quanto n'estas «paginas rescender a humanidade e caridade, tudo que aspirar «ao aperfeiçoamento do corpo, do espirito, e do coração dos «filhos da nossa gente, nem como ideia, nem como desejo, «nem como diligencia vos é novo ou estranho. Mas por isso «mesmo é que eu folgo de vol-o dedicar, pregoando que vos «pertence.

«Deus sabe—continúa o poeta—se as vossas philosophicas, «humanitarias, e christianissimas conversações comigo ácerca «do mundo que é, e do que podéra e devêra ser, não contri-«buiram mais que muito para se me crear este indomito fervor «de felicitação, que me arrebata por onde elle quer, e cujas «inspirações constituem ha já annos todo o meu escrever, «viver, e meditar. A minha offerta é logo como aquellas obla-«ções, que os animos religiosos faziam dos fructos do seu «grangeio, ás divindades a cuja influição os attribuiam.»

Depois, recordando-se com gratidão das diligencias tão

activas que o Prior empregára para que o Governo retivesse Castilho em Portugal, exclama:

«Mais e melhor razão ha ainda para ser isto vosso: que, «se respiro hoje os mesmos ares com que encetei a vida, na «mesma terra, que, primeiro que nenhuma, e mais que todas «amei,..... ao concurso de algumas vontades poderosas o «devo, mas originaria e mais activamente a vós, sem nenhuma «duvida. Se o livrinho houver de sobreviver-me, quero que «diga elle isto á posteridade, quando eu já não possa con- «fessal-o.»

*

O alvo d'este livro era dar ao Governo conselhos uteis e sinceros sobre a reforma geral, que então se projectava, da instrucção publica portugueza.

Diz-se que, no systema parlamentar, a discussão publica e os conselhos de todos os cidadãos allumiam os dirigentes; e Castilho não poupava occasiões de espalhar o que julgava as boas doutrinas, «n'este indomito fervor de felicitação que me «arrebata por onde elle quer, e cujas inspirações constituem «ha já annos todo o meu escrever, viver, e meditar.»

Os conselhos ali expendidos versam sobre a theoria e a pratica do ensino. Ha considerações meramente doutrinaes, e outras que descem a pormenores da faina escholar. A base de todo o livro é a democratisação do ensino primario por todos os meios, directos e indirectos.

«O ler, escrever, e contar—pondera o mestre—devem ser «populares e plebeus; patrimonio geral, e não privilegio; regra, «e não excepção, e tão rara excepção como até hoje!» (1).

*

Calcúlo que só nos começos de 1855 sahiria á luz este opusculo; e direi o porquê.

Logo no principio lê-se, com data de 27 de Julho de 1854, a licença extrahida das Actas da Academia Real das Sciencias para a publicação do livrinho por conta da douta corporação.

(E a proposito: essa licença não deixa de ser curiosa como redacção; eil-a:

«Ordenou a Academia Real das Sciencias de Lisboa, que

---

(1) Pag. 2.

«seja impresso á sua custa, posto que não seja obra Acade-«mica, o Opusculo que tem por titulo *Felicidade pela instru-«cção,* apresentado pelo seu socio o sr. Antonio Feliciano de «Castilho, por entender que devia ser conhecido o trabalho «do auctor; não involvendo esta decisão, por fórma alguma, «a approvação dos principios nelle exarados.»

Dou de barato a redacção, mas só noto a pressa, com que a illustre Academia lava as suas mãos das opiniões do *Opusculo*. Pilatos tambem pensou que devia lavar as mãos com sabonete de Windsor em certa occasião).

Vamos adiante:

Este engraçado documento é de 27 de Julho; o *Appendice* que principia a pagina 97 é de 31 de Dezembro. Ora n'esse intervallo andou o auctor militando nos seus trabalhosissimos cursos normaes do Porto e de Coimbra (1); e na primeira quinzena de 1855 partiu para o Rio de Janeiro. Eis ahi o motivo por que entendo que durante esta ausencia d'elle é que seria distribuido o livro.

*

A *Felicidade pela instrucção* é um escripto *de combate* (como hoje se diz). O auctor ataca de frente mil questões uteis, vitaes, não fere personalidades, mas não disfarça o quanto discorda da opinião do Conselho Superior, e do seu proprio Ministro. Este livro, nervoso, conciso quanto possivel, fala alto, e leva o convencimento a quem esteja de boa fé. E', quanto a mim, um modelo do genero. Examinemos.

*

Na Carta I explica o auctor que se achava entregue ás suas fainas do Curso Normal de Leiria, quando começou a ventilar-se no Parlamento a questão da Instrucção publica. Do exame das actas das Camaras deprehendeu, que o Parlamento laborava em grande carencia «de informações exactas para a solução prompta e segura de algumas de suas duvidas,

---

(1) Quem revia as provas e dirigia a impressão, na ausencia do auctor, era o nosso bom amigo o sr. Antonio José Viale, segundo achei n'uma carta de Castilho de 5 de Outubro de 1854.

em ponto indisputavelmente muito grave.» Por isso toma a palavra, e vai discorrer, limitando-se á Instrucção primaria, que elle considera «a mais importante, e a mais necessitada de providencias.»

Dividirá as suas considerações em tres secções principaes:

1.ª—MESTRES E ESCHOLAS;

2.ª—METHODOS E MODOS DE ENSINO;

3.ª—DISCIPULOS.

A verdade e franqueza com que elle ahi se expressa, ácerca dos *Mestres,* aquilatando com crueza imparcial o estado atrazadissimo do magisterio primario d'esse tempo, deveu por força indispôr os animos da classe numerosa, e até certo ponto influente, dos professores primarios da Capital e das provincias. E ainda assim (repito) não ha o minimo vislumbre de allusões pessoaes, mas só generalidades.

Ahi se dá o magisterio primario, com poucas excepções, por falto das habilitações indispensaveis. Seria isto exagerado em 1854?

Ahi se aponta para o programma que o Conselho Superior de Instrucção publica apresentava para os concursos dos candidatos ao magisterio, e se reprova abertamente o quasi encyclopedismo d'esse programma.

O magisterio, em massa, não tinha escholas normaes. O programma que chamava os mestres á regencia das escholas era demasiadamente vasto, e os concorrentes não satisfaziam ás provas. E comtudo esses individuos, falhos de habilitações, eram approvados. Por quem? pelo Conselho Superior. Porquê? á falta de quem soubesse mais. Porque não concorria gente habilitada? porque a retribuição era mesquinha e vergonhosa, e as regalias em consideração e augmento eram nullas. Logo, como a gente idonea deixava de concorrer, o magisterio primario era pessimamente desempenhado. Não seriam isto verdades em 1854? Quem ousará negal-o?

N'este circulo vicioso, e em quanto se não creavam as escholas normaes, propunha Castilho o seguinte:

1.º—que se simplificasse com sensatez o programma, exigindo apenas o indispensavel;

2.º—que se redobrasse de severidade nos concursos ao magisterio;

3.º—que se ampliassem, e muito, os ordenados e mais vantagens aos professores; e accrescentava, com uma logica de ferro:

«Não se exija dos candidatos senão o que é essencial que elles saibam ensinar; não se approvem os que não mostrarem

possuil-o plenamente; approvados, não venham outras occupações, ou fome, cuidados, e desgostos, desvial-os do cumprimento exacto dos seus deveres.»

A demonstração das vantagens d'essas propostas, e a maneira pratica de as realisar, é luminosamente feita.

Além d'isso, queria Castilho duas classes de professores: os fixos, e os ambulantes; isto é: os que regessem aula em determinadas localidades, e os outros, os encarregados do que elle chama *a evangelisação dos campos,* percorrendo em prasos fixos tal ou tal área dos Districtos administrativos do Reino.

Tudo vem desenvolvido no resto da carta com uma lucidez admiravel, e um senso pratico pouco vulgar n'este vidente sublime.

*

A Carta II continúa com o primeiro ponto, e trata das *Escholas.*

Indigna-se o auctor contra as pessimas condições das mesquinhas, pouco ventiladas, e insalubres casas de escholas nas cidades, e exige a creação de muitos edificios hygienicos, alegres, desafogados, e commodos, tanto para aula como para residencia do professor ou professora.

Mas como? com que fundos?

Propõe então uns poucos de alvitres muito exequiveis, e desce a pormenores.

Primeiro que tudo, exclama:

«E' aqui o logar de assignalar ao senso commum da nação um erro, ao mesmo tempo de Philosophia e de Religião, por onde já se tem feito, e, se lhe não acudirem, se continuará a fazer, não pequena desherdação á pobresinha da instrucção primaria. Entende-se em geral (entre muitos finge-se entender) que as sommas deixadas por testadores para obras pias, só podem ser applicadas a hospitaes, misericordias, cadeias, conventos, familias indigentes, etc.; sempre as necessidades corporaes; e as necessidades espirituaes, que não são menos, e ás vezes trazem peores consequencias, deixam-se desattendidas! é uma reducção, bem pouco orthodoxa, feita ás Obras de Misericordia.

«Conviria pois, que os legados, vagamente deixados para *usos pios,* se destinassem á creação e manutenção de escholas populares, visto que para empregos materiaes lá ficam especificadamente marcadas, n'outros testamentos, muito maior numero de deixas.

«A Lei onde isto se regulasse deveria ser precedida de um bom preambulo, ou relatorio, tendente a reformar n'este assumpto de tanta consequencia o juizo publico, a fim de que, para o futuro, os directores de consciencias, os aconselhadores e insinuadores forenses, podessem encaminhar mais discretamente as ultimas vontades dos testadores.

«Ou o coração me engana muito, ou, adoptado este systema, creado este novo modo de entender e sentir, e vendo-se a cada passo boas escholas, bem povoadas, bem alegres, bem sadias, bem instructivas, e bem abençoadas do Céo e da terra, os ricos, que não podem levar o seu haver para o outro mundo, e que á hora da morte unicamente anceiam fazer pazes com Deus e com os homens, procurariam quietar a consciencia, dotando com mão larga a instrucção primaria.»

Essa fonte de receita é um tanto vaga, confessemos, mas póde dar-se. Vamos a outras:

Visto que se toleram, e até se promovem, as loterias, em beneficio de Casas-pias, Misericordias, e Asylos, porque não hão de applicar-se á edificação de escholas?

Um imposto de sello no papel em que se imprimissem traducções de novellas estrangeiras, e emfim o producto das multas impostas a quem deixasse de mandar os filhos á eschola, seriam outras tantas fontes de perenne rendimento.

*

A Carta III define e distingue *methodos* e *modos* com alcance e clareza. E' uma bella peça de pedagogia theorica, muito instructiva.

*

A Carta IV concentra-se na demonstração das vantagens do Methodo portuguez *a posteriori,* isto é «pelos seus effeitos, e pela sua historia.» O Methodo contava já varios annos, e ia continuando a propagar-se, nas escholas da ilha de S. Miguel, nas dos Asylos de infancia em Lisboa, na da Associação Industrial Portuense, na do Centro Promotor dos melhoramentos das classes laboriosas, na do Centro Promotor da Instrucção primaria em Leiria, nas das Associações fraternaes de algumas artes e officios, etc. O Methodo via-se approvado pelo Governo, pelo Commando em chefe do Exercito, por muitos Governadores Civis, pelo Parlamento, por muita parte da Imprensa.

O Methodo via-se louvado pela Duqueza de Bragança, pela Rainha a senhora D. Maria II, por muitos poetas, em côro unisono, depois de presenciados os resultados. Dois antagonistas do Methodo, energicos mas de boa-fé, Wirth e Silva Rosa, depois de o terem combatido, confessaram honradamente a sua convicção favoravel, por terem visto e perscrutado as novas escholas. O auctor requereu a ambas as casas do Parlamento mandassem examinar este ensino. O auctor, ao terminar o curso do palacio Sarmento, e o dos Paulistas, desafiou com lealdade os seus adversarios a virem expôr-lhe duvidas, e discutir; ninguem appareceu. O auctor desafiou terceira vez os que duvidassem, para um debate solemne no salão do theatro de D. Maria; e, accrescenta elle: «o Methodo sahiu ainda, como das duas vezes, vencedor; sem combate, mas glorioso.» Ao concluir o curso de Leiria, egual desafio, e egual silencio.

Assim pois, n'esta primeira metade do anno 1854, tinha Castilho a convicção do beneficio que realisava, e a esperança de ver o Methodo alastrar por todos os dominios portuguezes.

*

Na Carta V continúa a demonstração feita *a priori,* isto é «pela sua apreciação intrinzeca.» O auctor prova:

a) que as *lettras* n'este systema de ensino «correspondem aos *elementos* já conhecidos da palavra falada, sem accrescimo, sem diminuição, sem differença;»

b) que o Methodo ensina os valores varios das lettras;

c) que o Methodo faz decorar o alphabeto todo em cinco ou seis horas;

d) que ensina a resolver as perplexidades na interpretação dos valores das lettras;

e) que faz ler palavras, e logo periodos, desde que o alumno conhece as lettras;

f) que faz conhecer de improviso a pontuação;

g) que é essencialmente simultaneo;

h) que é attractivo para a puericia;

i) que as marchas, as palmas, o canto, são uma gymnastica suave, assim como as pinturas um espectaculo, e as historietas narradas ao longo do ensino um entretenimento; o que tudo põe os alumnos a ler em menos de um anno, a escrever legivel e correctamente, a pronunciar com clareza, etc.;

j) que este Methodo obriga os alumnos a amar a eschola,

os seus mestres, os livros em geral, e portanto a instrucção pela leitura.

*

Na Carta VI demonstra-se, de modo convincentissimo, que o Methodo, sendo como é *simultaneo,* é o que mais convém para escholas numerosas. Propõe-se, a fim de manter a simultaneidade nos exercicios, a fixação de um prazo de matricula para as escholas primarias, como o ha já para as secundarias e superiores. Rebatem-se os argumentos contra essa idêa util.

*

A Carta VII é bellissima. Versa sobre qual deve ser o quadro das disciplinas das escholas primarias. Pugna o auctor com denodo a favor do ensino pelo entendimento. Ahi se encontra este periodo, que como philosophia, como fórma, e como sentimento, é de extraordinaria belleza:

«Eu tomo como axioma fundamental, que o ensino se deve fazer, quanto possivel, pelo entendimento. A praxe tem sido fazel-o pela memoria. Nas raras hypotheses em que o entender só per si não basta para se ficar sabendo, o mesmo entender se torna facilitação para o decorar.

«A alma que estuda, caminha por uma região desconhecida e tenebrosa; a memoria é apenas o seu bordão de viandante; o entendimento o seu facho. Tenho para mim, que a principal causa do quasi horror que existe aos estudos, deve ser o obrigarem, desde o principio, o estudioso a não dar um unico passo senão agarrado e prendido ao seu bordão, com o facho apagado, e prohibição de o accender.

«A eschola tem sido o paiz dos papagaios, e não das aguias. O exame, ou o acto final, é Capitolio para o que mais palavras tomou dos compendios e postillas, e rocha Tarpeia do espirito que investigou e comprehendeu.»

Esta carta, toda ella reflexão e experiencia, é um *vade-mecum* sobre muitas theorias do ensinamento em geral.

*

Na Carta VIII trata-se da questão dos compendios; propõe-se que o Governo os escolha em concurso, dando bons

premios aos auctores, e espalhando depois largamente os livros approvados.

*

A eloquente Carta IX é luminosa. Ahi se preceitua, sobre argumentos irrespondiveis, o dever que tem o Estado de prohibir a liberdade do magisterio, e sujeitar todo aquelle que desejar exercer a profissão docente a exames e clausulas.

*

A Carta X renova a proposta da creação do *Collegio Nacional* sob a égide do Estado, vasto instituto de instrucção primaria, secundaria, e especial. E' a mesma ideia que o auctor propunha em 1850 (1). Aqui se estabelecem as bases de um Regulamento, e se demonstram as vantagens de tal creação.

*

Com a Carta XI entra o ponto 3.º, que o poeta se propozera estudar: Discipulos. Instrucção obrigatoria, sob graves penas comminadas aos paes e tutores recalcitrantes. Na falta da educação ministrada na casa paterna (systema que seria idealmente o melhor, mas é quasi sempre inexequivel) surgem as escholas officiaes e particulares; é preciso aproveitar-lhes o beneficio. Aproveite-se. O dever que teem as familias de mandar os filhos ás aulas deve ser severamente vigiado e cumprido. E' uma especie de tributo, a que ninguem póde eximir-se. O exercito exige-o; exija-o a eschola.

*

A carta XII é de um altruismo, que nos repassa.

«Pressuponhâmos realisadas pela auctoridade suprema as propostas até aqui feitas,—diz o poeta—ou outras equivalentes, ou melhores se as houver. Temos o territorio portu-

---

(1) Vide o capitulo IV do *Livro VI*.

guez coberto de lindas escholas, com bons mestres fixos, ambulantes, officiaes, e particulares. Temol-os todos contentes com o estipendio, com a consideração, com a certeza do seu futuro, com o deleitoso das suas tarefas, e com o fructo que de seus trabalhos pulula, abundante e sazoado. Temos todos os nossos conterraneos, e todas as nossas patricias na flor da vida, cultivando a sua intelligencia, e habilitando-se para paes e mães de familias menos desafortunadas; frequencia essa que em poucos annos deve abolir de feito as escholas de adultos, por se não acharem já adultos, que não estejam nas lettras iniciados; e temos, ou devemos esperar que tenhâmos, para os principaes estudos com que a sciencia de ler, escrever, e contar, deve completar-se, livros bons, bem feitos, e baratos. Se todas estas coisas se não realisarem a pleno, a maioria e melhoria d'ellas é indubitavel que se ha de obter. Esta ordem de pensamentos naturalmente nos conduz agora a um novo desejo, para o qual pedimos não menos attenção.

«A Providencia, que em toda a Natureza se manifesta por jogo maravilhoso de harmonias, deve ter distribuido por entre os homens as faculdades e propensões na proporção justamente em que ellas devem entrar como elementos para a composição de uma boa sociedade. O estado mais conforme aos designios do Creador, isto é, o mais feliz, seria aquelle em que essas faculdades e propensões dos individuos, ao revez do que hoje acontece, fossem de todo o ponto aproveitadas. Desejal-o é licito, louvavel, e talvez util, ainda que o esperal-o seja por ora uma chimera; porque o mundo, com parecer decrépito, está nos verdores da puericia.

«Qual seria pois n'esta parte o dever do legislador religioso e philosopho? encaminhar as coisas por tal arte, que das diversissimas faculdades e propensões especiaes dos individuos, se levasse aos occultos caminhos providenciaes o maior numero que ser podesse.

«As observações phrenologicas e physiognomonicas (se merecem o credito que a historia da sciencia lhes concede) conviria se applicassem officialmente a descobrir na primeira mocidade, e antes de encetada a verdadeira vida de serviço util, as predisposições nativas de cada um. Este conhecimento preventivo seria para cada familia um facho de antemão accezo para a jornada que todos hão de fazer no mundo, e na qual, por se não avistar o para onde se caminha, tantos descoroçôam, tropeçam, cahem, e morrem, mal contentes dos outros, de si mesmos, e da Divindade.

«Segunda pedra de tocar para este importante reconhecimento: a eschola.

«Frequentando todas as creanças a eschola, como o devem e podem fazer (e grande vergonha seria por conseguinte que o não fizessem); versando-se ali, já pelas lições, já pelas palestras, uma quantidade e variedade mui notaveis de objectos de instrucção, de consciencia, e de amor; quão facil não seria a esses habeis pedagogos descobrir, verificar, e registar para que as familias e o Estado o soubessem, quaes eram, e para que fins, os entendimentos de mais quilates d'entre aquelles que Deus lhes commettêra para os lapidar! Não conhece o lavrador, logo ao florir do pomar, em manhan de primavera, que especie de fructo, e com que maior ou menor abundancia, o promette cada arvore?

«Os alumnos de manifesta e forte vocação, mas que a pobreza, ou quaesquer outros impedimentos, de seus paes, parentes, e outros protectores, condemnassem a permanecer na obscuridade, o Estado os aproveitaria para si e para elles mesmos, fazendo-os proseguir gratuitamente e com os necessarios auxilios, a carreira dos estudos que os deviam conduzir á realisação e complemento do seu destino.

«E' isto o que eu ha já muitos annos lembrei na *Revista Universal Lisbonense;* isto mesmo, o que eu tive a satisfação de ver approvado na Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em S. Miguel, que lá tem registada, entre as suas deliberações, a de perfilhar, educar, e instruir até ao fim a expensas suas, os discipulos mais distinctos das suas escholas populares.

«Desejaria menos uma nação para a sua prosperidade e esplendor, do que lhe deseja um e o minimo dos seus membros? e fará menos uma nação para a causa do progresso, do que uma Sociedade particular?»

*

A Carta XIII levanta em 1854 a grande ideia da creação do Ministerio da Instrucção publica. Julgam alguns estudiosos ser esta a primeira vez que se demonstra e defende com argumentos irrespondiveis tal instituição; mas enganam-se. Já em 1842, na sua querida *Revista Universal,* Castilho erguia um brado em favor de tão necessario Ministerio (1). Gloria ao vidente!

---

(1) *Revista Universal Lisbonense,* t. 1, art. 801.º, pagg. 567 e 568.

*

*

A Carta XIV advoga a creação de uma Ordem de Cavallaria para os homens do pensamento, a collocação dos bustos dos mortos illustres nos passeios publicos, e um Pantheon para os restos mortaes dos benemeritos.

*

Na Carta XV, finalmente, apparecem explicações muito praticas sobre o ensino da escripta no Methodo portuguez; nova prova de que o talentoso Amaral Cyrne se enganou redondamente, quando affirmou que o Methodo tinha descurado essa parte pedagogica; novo signal clarissimo de que olhou para este ponto com menos attenção; nova e convincente demonstração triumphal, de que a intelligencia de Castilho tinha allumiado a pedagogia portugueza em todo o seu conjuncto, e em cada um dos seus pormenores.

*

A essa Carta, que é a derradeira, segue-se um Manifesto da Commissão Geral de Instrucção Primaria, de 29 de Fevereiro de 1854, discutindo as theorias do Methodo.

Logo depois, uma Carta ao Duque de Saldanha sobre um monumento á senhora D. Maria II, pratico, e benefico; escholar, e artistico.

Conclue o volume com um Appendice, que é a refutação cabal, muito cortez mas muito energica, de algumas asserções do Conselho Superior, e de alguns dizeres officiaes (bem pouco pensados) do Ministro do Reino, ou a S. Ex.ª attribuidos pelos occultos sabios da burocracia do Terreiro do Paço.

Eis ahi em duas palavras, e condensando, talvez demasiado, materias tão momentosas, eis ahi o que é, e o que pretende, o livro affectuoso e valente chamado *Felicidade pela instrucção*.

*

Quem ler com attenção esta serie de bons alvitres, novissimos em 1854, reconhecerá uma coisa: muitos d'elles calaram na opinião publica, e realisaram-se; prova de que não eram *utopias de poeta*. Exemplos:

O nivel da instrucção e educação do professorado primario portuguez levantou-se immenso d'então para hoje, graças ás

escholas normaes; graças á maior attenção que se dá aos concursos; graças ás forças da Direcção geral da Instrucção publica, muito maiores que as do antigo Conselho Superior; graças emfim á muito mais larga consideração que se dá hoje ao magisterio, classe onde se contam homens de verdadeiro saber, e verdadeiro merito moral.

As escholas moveis, que o poeta propunha, eil-as ahi em vigor.

Os edificios escholares melhoraram de condições em quasi toda a parte; as baiucas immundas trocaram-se em muitas freguezias por edificiosinhos hygienicos, bem delineados e bem executados. Deixas enormes, do Conde de Ferreira e de outros homens compenetrados das sans doutrinas, auxiliam o Estado com os milagres da iniciativa particular. Muitos testadores entendem ser fundação *pia* a eschola, que ensina e salva os pobres.

As tombolas e as kermesses concorrem por toda a parte para a manutenção de asylos e aulas publicas.

Em geral, e pelas luminosas razões de Castilho, o entendimento prevalece sobre a memoria; o mestre sabe que o entendimento do alumno é o melhor bordão do ensino.

Concursos officialmente dirigidos chamam e escolhem os compendios escholares.

Não ha liberdade de ensino; o Estado vigia os professores.

Sem que por em quanto a frequencia escholar seja obrigatoria, a opinião geral pésa já muitissimo nos paes de familias.

O Ministerio da Instrucção publica, tão preconisado pela convincente palavra de Castilho nas associações, nos comicios de instrucção, e nos cursos normaes, e pela sua fogosa penna nos seus livros e artigos, foi emfim uma realidade em 1870 quando o Marechal subiu ao poder. Demolido pelos vandalos das economias sordidas, ficou representado pela Direcção geral, que sempre tem mais iniciativa que o antigo Conselho Superior de Coimbra, e a rachitica repartição antiga no Ministerio do Reino.

A Ordem de Cavallaria para os benemeritos intellectuaes chegou a crear-se: é a Ordem de Santiago reformada por el-Rei D. Luiz.

Segundo esta rapida demonstração se vê que o espirito de Castilho innovou, creou, adivinhou, em 1854, e fecundou os espiritos; é innegavel.

Basta por hoje.

(Continúa.) JULIO DE CASTILHO.

MANOEL DA SILVA GAYO

O novo livro de versos de Manoel Gayo veio reavivar no meu espirito uma pergunta que a mim proprio tenho feito mais duma vez: Porque é que Manoel Gayo, com um tão real talento, tem produzido tão pouco e não é ainda um consagrado? Responder a esta pergunta é descrever a estructura psychica do auctor do *Mondego*.

I

Ha uma hallucinação que tem sido pouco estudada e que nunca foi mesmo, creio eu, incluida entre as hallucinações: a que tem por objecto, em vez de percepções materiaes, caracteres humanos e organisações mentaes. Alguns exemplos tornarão claro o que quero dizer. D. Quixote, com a cabeça atulhada de imagens heroicas encontra um rebanho de carneiros, caminhando no meio duma nuvem de pó. Dada a hypertrophia dos elementos cerebraes affectos ás reminiscencias cavalheirescas, são esses que a excitação visual vae fazer vibrar, porque elles formam um activo centro de aspiração onde tudo vae cahir, para onde todas as sensações se extraviam. Abalada essa região cerebral, a imagem que d'ahi resulta é localisada no ponto de partida da excitação, segundo a conhecida lei da projecção das imagens mentaes no mundo exterior, e o rebanho fica sendo, portanto, para D. Quixote um exercito em marcha, como um moinho de vento um gigante a bracejar ameaçadoramente. Eis aqui um exemplo typico da classe de hallucinações chamadas illusões, na qual se deve incluir a especie de que eu fallava. Quem fôr dotado do poder de imaginar caracteres tem entre si e os homens um meio refrangente que transvia todas as impressões que elles dão, no sentido de algum dos productos d'essa incuravel tendencia. Quando ouvimos alguem com este genero da imaginação fallar das pessôas que mais intimamente conhecemos, o nosso pasmo é comparavel ao de Sancho Pança ouvindo D. Quixote dar

nomes de cavalleiros de novella aos carneiros que iam passando. E' nisto que consiste a essencia do genio do romancista e do poeta dramatico. Balzac dizia numa carta á duqueza de Abrantes que era com a mesma facilidade vaidoso e modesto, avarento e prodigo, inconstante e tenaz, estouvado e reflectido, irritavel e bonacheirão, que encerrava finalmente em si a virtualidade de todos os modos de ser humanos. O que era então para elle a humanidade real? O mesmo que para D. Quixote os rebanhos, os moinhos de vento, as estalagens e as bacias de barbeiro:—simples faiscas que determinavam a explosão interior. O fallado poder de observação dos grandes constructores d'almas resolve-se portanto num enclausuramento dentro d'uma personalidade de Proteu. O observador exacto, o lucido analysta dos individuos e das sociedades está para um genio creador da familia de Balzac, como a visão clara e passiva de Sancho para o delirio de seu amo e senhor natural.

Esta faculdade de edificar sobre minusculas amostras toda uma machina moral tem sido innumeras vezes comparada á maravilha que operou Cuvier, reconstruindo sobre um pequeno osso o esqueleto completo d'uma especie extincta. A comparação é acceitavel com a condição de a restringirem á admiravel intuição do laço intimo que prende e torna dependentes umas das outras todas as parcellas d'um organismo. Generalisada aos resultados d'essa logica inconsciente não a considero legitima, isto no caso do animal de Cuvier ser indiscutivel, sobre o que confesso francamente a minha ignorancia. Os dos escriptores de que fallo teem contra a sua verdade concreta um grande numero de probabilidades: são apenas possiveis. Primeiro que tudo o osselete symbolico corre grande risco de não ser visto como é na realidade. Se os olhos estiverem dispostos a vê-lo deformado, elle parecer-lhes-ha effectivamente assim e servirá de base á construcção d'um dos monstros que o observador traz em germen no seu espirito. Mas, mesmo que a percepção inicial seja d'uma perfeita lucidez, nem por isso as causas de erro ficam completamente eliminadas. Se o Cuvier em questão tiver por especialidade a imaginação dos desvios de estructura que resultam da adaptação ao meio, a sua especie hypothetica, embora o modelo fosse d'uma regularidade extrema, ficará com um arcabouço desproporcionado. Será, ou gigante com uma parte do corpo atrophiada, ou anã com um dos seus apparelhos monstruosamente gigantesco. Se, pelo contrario, a imaginação é fundamentalmente incapaz de conceber um todo que não seja d'uma grande harmonia

de partes, póde o animal ter sido um monstro raro, que será dotado d'um esqueleto mantendo com a pequena amostra conhecida a mais normal das relações.

E não se julgue que a inclusão d'esta faculdade entre as hallucinações é um abuso litterario em proveito da força suggestiva e do pittoresco da linguagem. Não; ha aqui uma rigorosa verdade scientifica. Trata-se d'uma hallucinação, d'uma verdadeira hallucinação; não é só de juizos falsos que essa operação mental é composta, é tambem de falsas visões objectivas. E' facil de verificar que o exterior d'uma casa conhecida miudamente por dentro é muito diverso do que era no tempo em que nunca lá tinhamos entrado. A fórma, a côr, a disposição habitual dos moveis são trazidas á nossa memoria pelo exterior da casa; e estas imagens dos objectos interiores, misturando-se ao espectaculo presente d'uma fachada dão-lhe uma feição particular, uma physionomia que a architectura do edificio não auctorisa, mas que nós vemos sem rectificação possivel, como vemos a côr das portas e o contorno das cantarias.

O poder de imaginar caracteres causa uma perturbação visual semelhante a esta. Duas ou três phrases pretenciosas ouvidas a uma mediocridade são o pequeno impulso sufficiente para pôr em movimento a complicada machina cerebral. O typo do homem de genio obscuro acorda com violencia, e o insignificante fica physicamente transformado. A cara, que ainda ha pouco era plebêa e grosseira, tem agora o amargo desdem da superioridade esquecida que vê triumphar as creaturas inferiores; o corpo que momentos antes era desastrado e gebo toma attitudes d'um desalento sublime, verga ao peso d'uma nobre desolação: o mobiliario que se suppõe existir dentro da casa altera-lhe a feição architectonica do exterior. Todos os que possuem em alto grau este genero de imaginação vivem no meio de phantasmas extraordinarios, que teem quasi sempre como carôço real sêres da mais chata vulgaridade.

Manoel Gayo é o exemplar mais consummado que tenho conhecido d'essa familia de espiritos. Apparece-lhe um rapaz nullo com dois ou três appellidos heraldicos dispostos num rythmo antigo, com perfume de chronica do seculo XVI: Manoel Gayo vê logo formar-se em volta d'elle uma augusta atmosphera historica, navegações, façanhas no Oriente, naufragios epicos. E tudo isto se identifica com o personagem insignificante de que partiu a suggestão, fazendo d'elle o typo do grande senhor português. Um pedante, com alguns mezes de inintelligentes leituras sobre qualquer especialidade, conta-lhe os seus longos e apaixonados estudos: elle lança-lhe logo por

cima o veu prestigioso que o mascára de sabio tenaz, carregado d'uma erudição pasmosa, adquirida á força de paciencia benedictina. Falla com um valentão de provincia, profundamente bronco, de calça esticada e chapeu d'aba larga, não dizendo palavra fóra dos seus assumptos predilectos, cavallos, touros e mocadas e o brutamontes transfigura-se aos seus olhos. Uma lealdade cavalheiresca illumina-lhe o rosto, uma mocidade heroica traduz-se em todos os seus movimentos, elle apparece como a synthese da sua raça, uma linhagem de morgadetes boçaes e crapulosos, que Manoel Gayo vê com o aspecto veneravel d'uma dymnastia de fidalgos ruraes, cheios de dignidade, de bravura e d'uma elevação moral sem macula. Esta qualidade, que podia ter feito a sua grandeza, tem sido pelo contrario a causa da sua esterilidade.

E' sabido que Balzac creou de Marsay e Rastignac por não poder empregar senão litterariamente a sua imaginação da actividade politica. Se as circumstancias lh'o tivessem permittido, elle, em vez de escrever, teria actuado. Nas suas cartas dos tempos difficeis de principiante infeliz a seducção do papel politico é já manifesta. Com Manoel Gayo deu-se o contrario. A tentativa de viver algumas das suas creações, as de caracter intellectual, é que lhe tem devorado o tempo e o trabalho, que, applicados á litteratura, lhe teriam conquistado um grande nome e um publico numeroso. E' verdade que da sua convivencia intima com o grande espirito de Moniz Barreto resultou-lhe uma paixão pelos estudos philosophicos e pelos trabalhos de critica scientifica que tambem prejudicou bastante na quantidade a sua producção. Mas d'ahi nasceu, além da vantagem incontestavel que tem para todo o escriptor a cultura philosophica, essa notavel monographia sobre Moniz Barreto, reveladora d'uma intelligencia penetrante, d'uma aptidão muito invejavel para os largos pontos de vista e d'um estudo consciencioso. Só lhe falta a agilidade do estylo de Taine, que é condição indispensavel á agudeza e ao interesse d'esse genero de trabalhos. E a parte propriamente biographica é uma prova de quanto Manoel Gayo está habilitado a fazer viver no romance a alta intellectualidade.

Mas a miseravel erudição d'alguns mediocres tem tido como já disse o poder de o apaixonar pela erudição e de lhe fazer crêr que accumular uma massa enorme de conhecimentos é a mais bella applicação que se póde dar á vida. Em logar, porém, de compôr uma novella com o sabio ideal que desejava ser, atira-se á erudição até que a fadiga e o tedio o arrancam ao seu *papel* e o põem á mercê d'outra hallucinação seme-

lhante. Uma d'ellas levou-o ao extremo de desprezar declaradamente o seu talento e de ambicionar a missão de vulgarisador da historia da nossa litteratura! Todos esses personagens que elle tem procurado executar praticamente, em romance seriam nas suas mãos creaturas cheias de vida, porque poucos teem como elle o poder de communicar atravez da phrase a sua sympathia por uma pessôa ou por uma cousa. Nos exemplos que dei da sua singularidade de visão, que transforma tudo o que o rodeia, é para notar que essa transformação se faz sempre no sentido optimista. O seu poder creador acha-se limitado por esta particularidade a uma área humana restricta. Dentro da sua esphera imaginativa só cabe a belleza, a força, a saude, a pureza, o heroismo, a distincção, o genio e o saber. A sua vocação natural é para o animado e caloroso panegyrico, para os quadros nobres ou doces. Nunca vi ninguem mais destituido de ironia. As suas raras tentativas de ataque ás «mentiras vitaes» são verdadeiros desastres.

Deter-me-hei um pouco a mostrar como essa falha ajudou a matar *O mundo vive de illusão,* poema que tem além d'isso uma concepção fundamentalmente viciosa. No prologo, *Philaletho,* o symbolo da serenidade comprehensiva, diz a *Raphael,* o poeta, symbolo do desejo insatisfeito, que para subir á montanha allegorica d'onde se vê, atravez dos ephemeros amores, o Amor e, atravez das edades e dos imperios, a Acção é necessario, com as proprias, ir destruindo as illusões dos outros:

> Só quem no mundo, um dia,
> Alheias illusões sacrificando,
> As proprias illusões veio ceifando,
> Subirá d'esse monte a escarpa fugidia.

Alheias illusões! Para quê? O absurdo é palpavel e este embaciamento da lucidez só se explica em Manoel Gayo pela necessidade d'um pretexto para ir pelo livro fóra pintando quadros em que o seu talento se sentisse á vontade e fazendo dissertações pessimistas em moda. Raphael parte, pois, a ceifar illusões; mas com que inhabilidade! Não tendo a mão certeira de Leopardi, que as sabia ferir precisamente no nó vital, só as ataca por pontos secundarios e accidentaes. Ao heroismo é opposto o esquecimento em que cahiu um heroe, á ardente caridade e amor da pobreza, o pouco ou nada que esse exemplo modificou o viver dos homens... Quando Manoel Gayo me leu o trecho intitulado *O navio de peregrinos,* pareceu-me que esse formava uma fulgurante excepção. Pareceu-me que o monge dirigente da romagem, mandado por Raphael escutar o que

diziam os peregrinos e ouvindo-os cantar ideaes terrestres e materiaes, era a bella e suggestiva allegoria da decepção amarga d'uma alma religiosa forçada a analysar os sentimentos de que se compõe a sua fé, e reconhecendo nelles a mera subtilisação e a transferencia para depois da morte dos desejos peccaminosos, cuja tenaz destruição fôra a tarefa da sua vida. Mas, ao ler depois o trecho, vi com magua que as vozes d'alguns dos romeiros não comportavam tão transcendente interpretação. Esta, por exemplo:

> Adivinha-me o olhar ao longe uma paragem
> Onde me espera occulto e colossal thesouro;
> E se me leva agora esta nau de romagem,
> E' que espero *voltar* numa galera d'ouro.

Aquelle maldito *voltar* foi um dos assassinos do meu sonho. O desabar das illusões do velho monge é motivado unicamente pela certeza de que os seus companheiros tinham preferido aquella nau de peregrinação... pelo engodo d'uns tantos por cento de reducção na passagem. *O navio de peregrinos,* ai de mim! não era um symbolo, era uma verdadeira construcção naval.

Todavia *O mundo vive de illusão* tem por assumpto um facto dramatico do espirito: a tentativa inutil de encerrar no mesmo craneo duas tendencias contradictorias, a humilde obediencia á condição humana e a alta comprehensão do nada individual, a sympathia e a complacencia pela agitação da Vida, mas sem illusão egoista, vendo claramente a miseria do destino. Manoel Gayo comprehendeu e sentiu profundamente este assumpto, como o provam o prologo e o epilogo do poema, que attingem por vezes maravilhas de expressão como esta:

> ..... o fecho que resume
> Como um fecho de ogiva o Existente e o Nada,

d'uma eloquencia na figuração do transcendente que, dando licença os senhores noticiaristas septicos e *blagueurs,* adjectivarei de extraordinaria. Mas esse prologo e esse epilogo formam por si sós um admiravel poema que ninguem viu, porque os episodios que os separam dispersam a attenção, e porque a mediocridade das passagens pessimistas os envolve no seu cheiro a murcho. Se Manoel Gayo tivesse tido a coragem de sacrificar a vaidade de mais um livro de cento e tantas paginas e se tivesse resignado a essas dezenas de versos, em vez de ser approvado friamente dos dentes para fóra, por alguns e francamente condemnado por outros, teria obtido o applauso

convicto e sem reservas dos poucos que nestas cousas teem direito de suffragio. Para ser justo devo, porém, dizer antes de passar adeante que o poema tem trechos que, isoladamente, seriam admiraveis poesias. Taes são a scena antiga do *Coração morto,* cheia de côr e animação epica e *O Heroe,* agitado por um elangôr glorioso de aventura.

II

Sempre que um assumpto é da sua alçada, o estylo de Manoel Gayo, por um não sei quê de construcção e de escolha de termos, tão subtil que se furta á perfeita analyse, abraça com effusivo affecto, saboreia lento e voluptuoso ou sorri com sympathia e piedade:

«E admirava-lhe mais, num enleio de extasiada inveja—ella tão franzina—a robustez do corpo agil, a elegancia firme do tronco e dos braços nervudos, a que o fato claro moldava a musculatura. O ar vivo não lhe feria, a elle, o peito como um gume d'aço; a luz vibrante não o cegava. Era o filho legitimo d'aquelle paiz, que lhe dera á face, nos beijos do sol, uma coloração de fructo maduro, ao cabello e á barba aloirada, crespa, essa apparencia de musgo doirado. E ante a expressão de energia que lhe impunha a linha do nariz aquilino, o brilho moço e fundo dos olhos castanhos, ella sentia, como nunca, o seu imperio,...»

«Mas de todas, as mais olhadas eram as tecedeiras de Santo Hilario, moças que o sol não cresta, mimosas como freiras e que tudo tecem cantando—*lançadeira* vae, *lançadeira* vem—os enxovaes das noivas morenas e as mortalhas dos velhitos engelhados...»

«Depois vindo de longe, da ribeira d'Arouce e mais beiras de rios, as moleiritas ageis, de pelle macia pela farinha, vivas como estorninhos: perna ligeira e delgada; refeitas nessa vida de caminhadas, ao tocarem os jumentos carregados de taleigos, cerros acima, por entre granitos, nos atalhos bordados a sargaço e urze... Vinham descalças, arregaçadas as saias de estamenha parda, a capa de baeta azul traçada com garbo, os lenços atados á nuca...»

Dadas estas aptidões expressivas e os limites que assignalei á sua imaginação, é evidente que Manoel Gayo está naturalmente talhado para ser o romancista da face sympathica da vida portugueza. O pouquissimo que fez como romancista, o *Peccado antigo,* pequena novella completamente estragada por

um velho machinismo de intriga, é ainda assim uma séria promessa. E abrirei aqui um breve parenthesis para, a proposito do aleijão visceral do *Peccado antigo,* lastimar uma tendencia que noto em Manoel Gayo para as complicações de affabulação, com *imbroglio* e desfecho, mal de que tambem padece *Na volta da India*. Este lamentavel interesse pelas anecdotas dramaticas, pelas coincidencias curiosas, pelas inverosimilhanças da realidade, que acaba por ser um irreprimivel habito mental, é um cego agente de selecção dos personagens, impondo a necessidade d'alguns que o romancista é incapaz de conceber, eliminando outros que são da sua especial competencia, só o deixando fazer um livro bom quando casualmente as exigencias do entrecho e a sua aptidão se acharem de accordo. Foi esta a causa unica de Camillo Castello Branco ser hoje um romancista que ninguem admira sem grandes restricções e que não tem de pé um livro, mas sómente retalhos de livros. Os caracteres que elle punha em scena eram determinados pela tyrannia de historietas, quasi sempre realmente succedidas, e que julgava o arcabouço indispensavel d'um romance. Isto povoou a sua obra d'uma multidão de creaturas ridiculas feitas de boa fé, lambisgoias sentimentaes e bachareis suspirosos e pallidos, d'um grotesco involuntario ainda maior do que o grotesco propositado das caricaturas de *brazileiros* e bacalhoeiros do velho Porto.

O exemplo de Camillo nunca deve ser perdido de vista por quem, como Manoel Gayo, se encontra no começo d'esse declive. Eu acho pasmoso e inexplicavel que um homem d'uma cultura tão moderna e tão cheio de theorias d'arte se deixasse seduzir por essas *histoires à dormir debout,* de noivos separados brutalmente, que vem a encontrar-se depois de velhos, sem se conhecerem já, elle padre, ella viuva, morrendo o padre repentinamente ao reconhecer pelo decurso d'uma confissão geral a sua antiga namorada; ou de filhos de inimigos amando-se na ignorancia da inimizade de seus paes, que no fim da tragedia se encontram, reconhecem-se por signaes classicos de cruzes ou medalhas e depois d'uma arremettida, se reconciliam. Irrita ver um drama do valor de *Na volta da India* manchado por uma d'essas gastas anecdotas em que os arranjos do principio reapparecem no fim, produzindo o *coup-de-théatre,* o que me suggere para ellas o nome de *historias de rabo na bocca*. Se Manoel Gayo quizer fugir d'este horror, o que me não parece cousa difficil, e reduzir a acção ao indispensavel para a revelação dos caracteres, será ainda um romancista notavel. Talvez não faça obras extensas, mas fará deliciosas

novellas em que fixará, como afinal todos os romancistas, a sua visão parcial da humanidade. Os typos do grande senhor, do dandy, do fidalgo rural, do poeta, do homem de pensamento, da mulher bondosa e aristocratica, fazendo o bem com grandes maneiras, encherão o primeiro plano das suas narrativas. A massa secundaria será tirada do que ainda ha de pittoresco em Portugal; e pelo scenario respondem as provas que Manoel Gayo tem dado do seu poder de mostrar a paizagem e a quasi sensualide que toma a sua phrase ao fallar de mobiliarios e de objectos d'arte.

III

Em Manoel Gayo o dom de descobrir a mola intima dos caracteres e de revestir esse nucleo vital de logicos e irrecusaveis attributos individuaes não se limita ao presente. A surprehendente felicidade com que os personagens de *Na volta da India* se exprimem numa lingua que é quasi a nossa antiga lingua brota naturalmente do pensar e do sentir a que o auctor se transportou, como d'uma emoção vulgar brota uma visagem ou um gesto.

Não se deve dizer que elles fallam archaico mas que *pensam archaico,* porque o archaismo do estylo d'esse livro pertence muito mais á psychologia do que á grammatica historica. E todavia Manoel Gayo não abusou de termos obsoletos nem do antigo periodo labyrintico. Veja-se esta narrativa d'um captiveiro no Oriente:

«Ao tornar á vida, achei-me estendido sobre um *catel,* numa daquellas casas cobertas de palma, habitadas pelos mais nobres dos gentios. Os Naires do rei de Calecut, sentindo-me com vida, tinham-me levado prisioneiro. A' beira do *catel* estava um velho que, pelo seu comprido trajo d'algodão branco e pelos três fios sobraçados, logo percebi ser Bramana; e ao outro lado um moço senhor, mui novo e subtil, seu herdeiro, que eu reconheci. Fôra por mim salvo, havía pouco tempo, das mãos de gente nossa, quando andava num palmar colhendo plantas. E pareceu obra de milagre, pois foram, querendo Deus, suas plantas, com que me untava as feridas, e seus *simples,* que me dava a beber, toda minha salvação e remedio. Do bem que me trataram me veiu vindo, dia a dia, renascida disposição de saúde, e ao cabo de dois mêses dei alguns miudos passos. Certamente porque tudo dispunham para que não fosse descoberto meu paradeiro, nem chegasse á costa do Malabar

noticia de que eu vivía — numa clara manhã leváram-me, sobre um daquelles andores da terra, para uma mais escondida aldeia do interior. E lá me corrêram mêses sobre mêses, em que me sentía tão amoravelmente gasalhado como estreitamente tolhido de minha liberdade. E assim, com crescer a saúde, tambem crescía a soidade no tanto em que ia minguando a esperança de tornar a ver Portuguêses, mórmente terras de Portugal. Chegou minha tristeza a ponto que, num dia de grandes festas, e assistindo a uma esgrimida marcha de Naires — mui pesadas lagrimas se me lançáram dos olhos, e se me levantáram do peito mortaes soluços. O moço Bramana, que adivinhou todo o sentido dessa aberta mágua, abraçou-me condoído e prometteu-me que me havia de pôr livre. Só cuidei que me queria consolar. Todavia, corridos poucos dias, veiu a mim; fez-me jurar que eu não iría a terras do Malabar, onde os Portuguêses andassem; e que logo havia de seguir, em demanda de Portugal, no primeiro navío apparelhado, embora depois tivesse de tomar, fóra da India, outro navío. Vendo que de minha recusa a tal juramento só desproveito proprio tirava, sem beneficio dos nossos — tudo o que pediu lhe jurei. Sem que parecesse haver dado conta a ninguem da terra, o moço Nahamurim, disfarçado, e tendo-me dado a mim tambem disfarce de trajo, conduziu-me, pela alva do dia, entre arecaes, a uma outra aldeia. Alli tomámos andores e homens que nos leváram á costa de Cananor. Foi desse porto que, depois de nos abraçarmos com muita mistura de lagrimas e saudosas palavras, parti para Melinde num navío guzerate. E de Melinde venho, numa nau tomada a moiros aínda pela gente de Pero d'Athayde, em tempo naufragada nas alturas de S. Lázaro, e salva num zambuco.»

O archaismo d'este trecho é quasi exclusivamente psychico; consiste em ver o Oriente com os olhos d'um português do seculo XVI. O respeito ingenuo e simi-barbaro pela nobreza oriental é adoravelmente, irrecusavelmente quinhentista. E o detalhe do recrudescimento de saudade «num dia de grandes festas e assistindo a uma esgrimida marcha de Naires» é mais uma prova de que Manoel Gayo soffreu realmente o captiveiro da sua creatura. Só o profundo sentimento d'essa situação é que podia fazer faiscar a nota tão viva, tão verdadeira d'um espectaculo exhotico aggravando pelo contraste a nostalgia da patria remota e perdida sem esperança. Para mim, não hesito em dizê-lo bem alto; esta pagina é das mais bellas da nossa litteratura.

Um meu amigo que exerceu por alguns annos o cargo de

commissario de policia foi testemunha d'um facto, cuja exposição illuminará o mechanismo psychico d'essas maravilhas de acclimação ao passado, que abundam no drama e de que certos trechos do recente livro, *Mondego,* são productos ainda mais perfeitos. Preso um individuo que exercia a rendosa profissão de falsificar passaportes, confessou o crime e prestou-se mesmo a exhibir no commissariado os seus talentos, com essa vaidade tão caracteristica dos criminosos. Logo que elle começou a escrever, o commissario meu amigo notou esta singularidade curiosissima: o preso não conhecia os funccionarios cuja lettra imitava e comtudo reproduzia os movimentos, as posições caracteristicas que cada um d'elles tinha a escrever. Ao governador civil adivinhou um *tic* muito conhecido de todos os que o tinham visto alguma vez escrever: morder um pouco a lingua e dar ao pescoço uma tensão visivel para a direita. Isto significa evidentemente que neste homem a vista d'uma calligraphia despertava a rapida intuição dos movimentos musculares de que ella resultava e que a parte essencial d'esses movimentos trazia por associação todos os actos secundarios. Uma escripta carregada e sem largueza, por exemplo, levava-o a escrever arrastadamente, d'onde se seguia inclinar a cabeça para o lado e morder a lingua, expressão natural da dôr physica e, por metaphora mimica, de todo o esforço penoso.

A lingua portugueza do seculo XVI deu a Manoel Gayo a intuição da mentalidade que a gerou, como as fórmas de lettra davam ao falsario a da attitude muscular que as produzira; e o equivalente dos *tics* adivinhados por um é o seguro instincto com que o outro *ouviu,* por exemplo na falla do seu velho Affonso do Prado a D. Manoel, particularidades tão subtis da eloquencia da epocha, que parece ter assistido ao concelho real de Montemór-o-Novo, sobre a viagem da India, do qual apenas conhece a summaria noticia de oito ou dez linhas da Chronica de Damião de Goes. Apezar do meu proposito de me abster o mais possivel de transcripções, copio o discurso do velho Affonso, em seguida ao qual desejava copiar tambem, para confronto, pelo menos uma parte do de Gil Vicente aos frades de Santarem, sobre o tremor de terra de 1531.

«Pergunta-me El-Rei, porque murmuro sempre. E', Senhor, por attentar na mesma segurança e fé, que pondes nas novas conquistas! E' porque vejo a caminho de ruina quanto eu quizera ver conservado e defendido. E' porque a loucura do mar em todos apaga o verdadeiro amor da nossa terra; porque começamos a esquecer os arados pelas quilhas, e as velas dos nossos moinhos pelo velame das naus da India; porque dei-

xamos de abrir leivas que nos sustentem para nos aventurarmos á gula das ondas. Murmuro e choro, e choro! Senhor, por sentir que o oiro e as pedrarias do Malabar já veem cegando todos os olhos, e virão a cegar todas as vontades; por adivinhar que mãos de nobres ou mesteiraes, tocando nesses brilhos, perigosos como diabolicos quebrantos, hão de perder, umas sua crua pureza, outras sua natural subtilidade! Murmuro e choro, e brado, porque ainda claras espadas de cavalleiros terão de ajudar machados de piratas e corsarios!»

Já agora transcreverei do *Mondego,* da admiravel poesia intitulada *Dias correntes,* dois pequenos exemplos, que a relativa complexidade do assumpto torna preciosamente documentaes:

E' que para alguem na vida
Contar seu bem ou seu mal
Ha só a falla nascida
Na mesma terra natal
D'essa alma, alegre ou sentida.
E só tambem hão de amar
Seu canto os que em seu torrão
Tiveram berços e lar,
Que é isto o que faz medrar
Egual sentir e rasão.
.....

Ouvi-o sempre, zagaes,
Que só de ouvi-lo parece
Que, em roda, quanto vejaes
Humano se torna e esquece
As condições naturaes.
.....

Fazer coalhar na lingua de Sá de Miranda a convicção de que uma lingua apprendida é impropria para a expressão animada do sentimento e de que a affinidade ethnica é condição essencial á inteira comprehensão d'um poeta; ou a observação de que encontramos por vezes nos objectos insensiveis a physionomia dos nossos estados de espirito, não é cousa accessivel a um *pasticheur*. E' indispensavel para isso regressar a um estado mental desapparecido, despreoccupado da analyse, da generalisação scientifica e da surpreza ao paladar do leitor; um estado quasi infantil em que tudo é soffrido, gosado e observado a serio e tudo é expresso com a mesma seriedade ingenua com que foi sentido ou pensado. Um *pasticheur* póde imitar a construcção d'um soneto de Camões ou d'uma ecloga de Bernardim Ribeiro, mas no seu trabalho não ha senão a

graça facil e inferior da parodia, não se lhe descobre outra intenção além da de escrever d'um certo modo, elle não fica autonomo, com a liberdade de dizer o que quizer nessa syntaxe que copiou com o modelo á vista. Tambem um desenhador habil e paciente póde chegar a reproduzir com fidelidade uma assignatura alheia; mas só o falsario de nascença, ia a dizer de genio, se póde servir desenvoltamente da nossa lettra, arremedando, sem nunca as ter visto, as visagens e as posições que nós tomamos a escrever.

Veio tudo isto para provar que Manoel Gayo póde pôr em movimento logo que o queira,—tanto em prosa como em verso—, os extraordinarios poetas do nosso grande seculo. Em todos elles ha uma particularidade que não é indifferente para o caso: a candida nobreza, que se ergue triumphante e sem macula no meio das desventuras. Compare-se o *Crisfal,* os primeiros capitulos da *Menina e moça* e o romance *Ao longo d'uma ribeira* com as poesias desgraçadas e tocantes de Villon e do Verlaine posterior aos dois annos de penitenciaria e ver-se-ha bem claro o traço de que fallo. Nestes ultimos, sob a melancolia d'uma vida irremediavelmente naufragada e sob as lagrimas que humedecem e fazem tremer a voz de certos trechos, ha sempre uma nota canalha, *voyou*. Ao passo que a obra dos nossos poetas deixa uma viva impressão de natural aristocracia, as d'elles parecem escriptas por algum d'esses complexos e sympathicos aviltados que Dostoievski introduziu no romance. Essa linha moral que resplandece em todas as altas individualidades da nossa litteratura, o genio e o dramatico d'essas existencias são outras tantas faces do horizonte em que a imaginação de Manoel Gayo se compraz.

No *Mondego* ha um admiravel poemeto que tira ao que acabo de dizer o caracter de simples prophecia baseada apenas em provas indirectas, para lhe dar o de legitima conclusão fornecida por um facto consummado. E' o *Poeta-Cavalleiro,* em que a figura de Camões, levemente esboçada, vive, cheia de mocidade garbosa e valida nos tercetos, de firmeza heroica e altiva nas oitavas-rimas (1).

---

(1) Talvez cause extranheza que um artigo escripto a proposito do *Mondego* não se alargue mais sobre este livro. Mas, além de me não abundar o espaço, tudo o que poderia dizer das qualidades confirmadas e accentuadas na nova obra está implicito na definição synthetica do espirito do auctor.

*

Um artigo de cumprimento hypocrita diria que Manoel Gayo occupa na litteratura portugueza um logar elevado e invejavel. Este, que foi escripto em obediencia a um impulso de justiça, começou por dizer que elle não é um consagrado e acabará por lhe attribuir a inteira responsabilidade do facto. Com effeito a sua vagabundagem intellectual, a falta de tacto na sondagem da sua vocação, a leviandade que o tem feito cahir em barrancos, como o das affabulações de dramalhão, que qualquer mediocridade atilada saberia evitar, são as causas principaes de irem passando quasi despercebidas as manifestações do seu talento. Só o estudo e as qualidades de intelligencia e de expressão accumulados na monographia sobre Moniz Barreto teriam feito, neste paiz onde a ignorancia é tão grande, a reputação d'uma duzia de habeis. Sahida da sua penna, essa monographia só despertou um quasi geral encolher d'hombros. Todavia quantos dos donos d'esses hombros derreados ao peso da gloria descerão á cova sem terem attingido meia encosta do grau de cultura que ella revela!

Mas quando vejo os jornaes fallarem de passagem, com a amabilidade caridosa devida ás nullidades bons-rapazes, d'este poeta e d'este prosador de meritos tão reaes e d'um tão alto relevo no meio da pobreza actual da nossa litteratura, não é contra os jornaes que eu me indigno mas contra elle,—contra elle que nunca soube ter o nobre egoismo das suas qualidades e um pouco de salutar desprezo pelas occupações dos outros. O desenvolvimento um pouco tardio de Manoel Gayo dá, porém, aos seus amigos a esperança de que a sua mocidade tenha em compensação um prolongamento anormal, que lhe permitta escrever todos os bellos livros que as affirmações fragmentarias do seu talento e a convivencia intima com o seu espirito os auctorisam a exigir-lhe.

CARLOS DE MESQUITA.

---

*

A LENDA DE SANTO ELOY

Estudo critico de um manuscripto, do seculo XV, da Collecção Pombalina, existente sob o n.º 746 na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e pela primeira vez publicado

POR

Alfonso Hinoker

II

Texto critico do Manuscripto

(Cont. do n.º 4, pag. 251)

Onde assy aveo que elle antredise por cousa legitima hũa igreja e posto ho antredicto partiose. E logo huũ clerigo que fora causa do antredicto, desprezandoo e tendoo em pouco, foy pera tanger o signo (1). E tangendoo cõ toda sua dilligẽçia, *viio* (2) que nõ soava nẽ hũa cousa que soomente el que o tangia non ho ouvia. E seendo desto muy maravilhado, temeo conheçendo a causa. E porem [*foy*] apos o servo de deus e recontoulhe humildosamente todo, rogandoo que recõciliase a igreja; mas el nõ quis atee que aquel signal de muytos fosse visto e sabido por exẽplo. E o clerigo satisfezese (3), e assy esteve por tres dias e viinham de toda parte veer aquella maravilha, e dessy satisfecta a igreja, cõ hũa soo pallavra o sancto homem reconçiliou a igreja (4). E logo suppitamente ho signo reçebeo seu soom, da qual cousa todos eram maravilhados (5).

Hũa outra vez hiindo o sancto homem seu caminho per grande calma, chegou hu era hũa grande nogueira **(fol. 22 a)** com muytas nozes e muy graçiosa soombra que sob ella era, sob a qual o sancto homẽ por tomar recriaçom cõ os seus repousou. E alguũs de seus serventes tomarõ daquellas nozes, non o veendo elle. E ex que vem o lavrador, seu dono da nogueira, dizendo pallavras enjuriosas, indiscretamente braadando e ameaçãdo todos. Ao qual o sancto homem fallou brandamente, cõ humildade. Mas el mais e mais se aqueixava e asanhava, dizẽdo injurias descorteses. Porem o sancto de deus reprendeo asparamente aquelles que tomarom as nozes, e por satisfaçõ mandou ao dono das nozes dar logo dous dinheiros d'ouro. E el ainda avia mais que dizer. Entom disse sancto

---

(1) «is parvipendens eius sententiam, campanam pulsare coepit» Surio II 21.
(2) O Ms. tem *viio* duas vezes a seguir, assim: «viio, viọ.»
(3) Cf. *feẓeos* 21 *a*.
(4) «solo verbo beatus vir conciliavit locum» Surio II 21.
(5) Cf. Surio II 21 e Acherio II 20.

Eligio contra a arvore: «Ex que pollo teu sem causa ou razão assy somos enjuriados, porẽ nũca mais naça fruyto de ty» (1). E esto dicto logo subpitamente se secou a nogueira assy que foy a todos grande espanto e maravilha, e partiose d'aly (2).

Obedeciãlhe outrosy os maaos spiritus tostemente, onde aqueeçeo per huũ dia de Sam Martinho em hũa sua igreja, fazendo el aly sermom ou preegaçom ao poboo, e forom aly **(fol. 22 b)** trazidos aa igreja dez demoninhados, os quaees cõ seus braados e volta faziam grande torvaçõ. Porem lhes mandou o sancto homẽ em virtude de deus que se callasem e aseseguasem, os quaaes logo nõ soomente se callarom, mas ainda sahirom logo tostemente delles sem lhes mais tornarem. E assy derom todos graças a deus (3).

Ainda aqueeçeo que hũa vez avendo o sancto homẽ andar caminho, huũ dos seus sergẽtes adoeçeo fortemente. E mandou dizer ao sancto bispo Eligio que por graça sua e merçee lhe pedia que o visitase. E como quer que ja ho sancto homẽ stevesse de caminho, pero por piedade o foy visitar, e chegãdo el e querendoo primeiro ameezinhar da alma que do corpo, asperamente o rreprehendeo, chamãdoo negligente e priguiçoso ẽ o bem e ẽ os mãdados de deus, e em tal modo lhe fallou que aquel foy muy espantado e como quer que ja stevesse ẽ passo de morte, pero doẽdose em sy, começou a lançar lagrimas de contricçõ e arrependimento e aver gram door ẽ seu coraçom da tardança da meezinha da sua alma. E veendo esto o sancto homem, entom lhe disse: «Esforça, filho, ca deus he contigo; em nome **(fol. 23 a)** de Jesuu Christo, alçate e vayte cõnosco.» E assy suppitamente foy feito saão como homẽ que ressuçitava da morte aa vida, seẽdo todos maravilhados, louvando deus em o seu servo Elloy (4).

Outrosy huũ clerigo muy torpe e desoluto foy per muitas vezes e de muytos accusado ao sancto homẽ, o qual esperou per alguũ tempo que se corregese e ẽmendase; mas ẽ como soubese da sua maa conthinuaçõ, fezeo (5) viinr perante sy e reprendendoo de seus difeitos, aquel clerigo todo lhe negou. E veẽdo o sancto bispo Eligio sua negligencia e çeguidade, per muytas vezes e modes se trabalhou de o trazer aa confisom e satisfaçom; mas veendo que nõ aproveitava, mandoulhe sob pẽna d'escomunhõ que nõ çellebrase, e ameaçandoo assy da parte de deus se se non corregese. E aquel assy se partio endurentado. Tendoo em pouco o mãdado do servo de deus, vivẽdo assy como d'antes e passando alguũs dias, el tentou de çelebrar; mas tanto que tocou ho altar, logo suppitamente cayo morto miseravelmente. Aqual cousa veẽdo todos, ouverõ **(fol. 23 b)** gram temor e espãto e louvavam deus em o seu servo Elligio (6).

Hũa vez foy rogado ho sancto homem de huũ preposto delrey, chamado *Erçenoaldo* (7), que fosse cõ elle a huũ seu castello por hũa cousa que lhe pertençiia (8); mas o sancto homem conheçendo este seer muy tenaz e avaro, e que per pallavras nẽ per exẽplo nẽ amoestamento se demovia a nem huũ bem fazer nem obrar, reçeava d'hir cõ elle, sabendo

---

(1) «quandoquidem adeo tua causa infestamur, nunquam deinceps ex te fructus nascatur in eternum» Surio II 22.
(2) Cf. Surio II 22 e Acherio II 21.
(3) Cf. Surio II 23 e Acherio II 22.
(4) Cf. Acherio II 23.
(5) Cf. fezeos 21 *a*, satisfezese 21 *b*.
(6) Cf. Surio II 25 e Acherio II 25.
(7) O Ms. traz a forma errada de *Abreçencaldo;* vid. Introd. § 1.°, e o Glossario.
(8) «Quodam itaque tempore obnixe ab Herchenoaldo Palatii Praeposito, quamdam ob causam procul ab oppido secum pergere in comitatu rogabatur» Acherio II 26.

outrosy a vingança e justiça divinal aver de viir sobre elle. E porem per muytas vezes se escusava de hir cõ el. Como quer que assy per os seus del, como per outros seus amigos lhe fosse dicto que se nõ fiase delle, ca se timia que se o sancto homẽ lhe nõ comprise o que lhe requerese, que se causaria antre elles ymiizade ou alguũ dãno, ou que non tornaria d'onde ho el levase cõ sua honrra. Porem finalmente ho amigo de deus Elligio respondeo: «Nos hiremos todavia. Mas a nossa tornada sera cõ tristeza, ca este nõ tornara vivo, mas morto.» E assy aveo. Ca hindo elles e estando em o castello per alguũs dias, hũa noyte viio o servo de deus **(fol. 24 a)** descender hũa facha de fogo do çeeo sobre a camara hu aquel preposito era (1). E espertando o sancto homem o diacono que dormia que cõsigo tiinha, mostroulhe aquello que viia, e logo subpitamente hũa door intolleravel e insupportavel comprẽdeo aquel preposto. O qual dando vozes, mandou chamar o sancto bispo Eligio, e viindo viio muy trabalhado padeçer. Ca ho fogo judiçial consumia e gastava suas ẽtradanhas, e braadava ao servo de deus que lhe acorrese. O qual lhe dava em conselho que do grande thesouro que havia roubado e ajuntado de muytos, fizesse esmollas aos pobres e minguados e servos de deus; mas o diaaboo que o possuya, avia assy legado o coraçõ delle que ençarrandose e penssando ẽ esto cõ deteença, assy se acçendeo ẽ el o judiçial fogo que suppitamente e miseravel lhe sahiio a alma do corpo, da qual cousa o sancto padre Elligio ouve grã door e tristeza. Pero por causa de caridade acompanhou o sseu corpo atee çidade. E veendo todos este feito conheçerom o sancto homem aver neelle spirito de proffeçia (2).

Outrosy no he pera esqueecer da morte **(fol. 24 b)** de Flavido o qual como injustamente matase Vilibaldo e alguũs ho louvarem que bem fizera, respondeo o sancto homẽ Elegio dizendo: «Non queiraaes louvar este, ca elle he morto e aquel outro he vivo, ca seendo aquel homẽ de boõ testimunho e morto injustamente, vive bẽ aventuradamente cõ deus; mas este que o matou, ante de dez dias morrera miseravelmente per juizo de deus» (3). E assy aveo todo compridamente como dise (4).

Nem (5) callarey esto outrosy que no outro dia aqueeçeo que hiindo o sancto homẽ Elligio visitar *Ebrigissilo* (6), homẽ empardeado, o qual assy seençarrava que nõ quiria fallar senõ a poucos, e nõ queria que o alguem visse cõ presũpçom de muitoençarrado. E seẽdo del fallado em toda a parte, ho sancto homẽ Elligio ho foy visitar, e fallãdolhe per hũa freesta vidrada (7) mostrando que lhe nõ prazia de seer visto. E depois que muyto fallarom do bẽ das almas fiees e devotas e amiguas de deus e de outras muytas cousas, e esguardando o padre Elligio do seuençarramento indiscreto, partindose del agradavelmente, disselhe: «Eya, irmaão, agora tu nõ nos queres veer nẽ seer de nos visto, mas antes de muytos dias nos veeremos no paaço **(fol. 25 a)** delrey.» E elle respondeo: «Longe seja esto de mim, padre.» Ao qual Elligio disse:

---

(1) «nocte quadam vidit columnam ignis e caelo descendere, et magna vi cubiculum Erchonoaldi penetrare» Surio II 26.

(2) Cf. Surio II 26 e Acherio II 26.

(3) «vos quidem dicitis Vuillibaudum caesum, Flavadum incolumem. At ego illum, quem vos interfectum dicitis, pro eximiis meritis aio nunc in caelis melius vivere. Flavius vero, qui diu victurus putatur, intra hos decem dies male morietur» Surio II 27.

(4) Cf. Surio II 27 e Acherio II 27.

(5) Glossa da mesma mão: *nõ*.

(6) A forma *Ebrigissibo* do Ms. está errada; vid. a Introd. § 1.º, e o Glossario.

(7) «per fenestram, et ipsam infecto vitro clausam» Acherio II 30.

«Veeras, irmaão, o que te digo» (1). A qual cousa asy aveo e foy ca per causa neçesaria lhe conveo de sahir e hir aa corte ante elrrey. E achãdoo o servo de deus sancto Eloy, ledamente o rreçebeo e lhe encaminhou cõ elRey todo o que queria. E hospedando elle cõ o sancto de deus, antre outros fallamẽtos em jogo honesto despertandolhe lembrou o sancto homẽ o que lhe disera quando lhe fallara per a freesta *vidrada* (2), scilicet, ca ainda o veria no paaço delRey d'ãte muitos. O qual seendo per esto ensignado e de sancto Eligio hedifficado, cõ gram prazer se espedirom e se tornou a sua casa (3).

E em estas cousas e muytas outras que o sancto homem disse, pareçeo magnifestamente seer em elle spirito de profeçia, assy como foy aquello que disse das mortes dos Reis que forõ em seus dias do padre Eligio, e depois que el disse antes da morte de Goberto principe e esclariçido Rey e da nasçença de Lotareo menor, o qual seendo ainda no ventre de sua madre e temendo ella muito de parir filha por nõ quedar ho Regno sem herdeiro ligitimo e viinr ẽ **(fol. 25 b)** alguũ trabalho (4), diselhe sancto Eloy consolãdoa: «Nõ temas, Senhora, ca tu pariras filho, o qual Regnara e sera nobre em todos seus feitos.» E el meesmo sancto Eligio lhe pos o nome antes que naçese, scilicet, Lothario mais moço (5). E assy aveo todo. E o sancto homem o baptizou; e depois desto jeerou ainda a Raynha dous filhos dos quaaes el outrosy disse antes a naçença e morte sua. E assy se seguiam todas as cousas como elle dizia (6).

*

E porque seria muito prolixo de cõtar todas as maravilhas e obras que o Senhor deus fez pello seu servo sancto Eligio, porẽ çessemos aquy e digamos ẽ que maneira o senhor deus o quis chamar pera sy por lhe dar gualardam do seu tallẽto ou marco dobrado, segundo contem no sancto evãgelho que deus tem apparelhado aos seus servos e amigos (7).

Feito foy em aquelles dias assy depois que sancto Eloy ja avia passadas muytas adversidades e combates da presente e afortunada vida deste segre e ouve muy acabadamente compridas todas as obras da misericordia que nos hãde seer demandadas no **(fol. 26 a)** futuro ou viindoiro dia do juyzo. Seẽdo ja de ydade de LXX^{ta} ãnos, sentindo a desuluçom de seu corpo, andando huũ dia cõ seus discipollos deportando esguardou e viio a parede da igreja de Sam Medardo que queria cahir de hũa parte. Porem mãdou logo muy trigosamente chamar os meestres pedreiros que acorresem aly (8). E dizendolhe seus amados discipollos:

---

(1) «hîc te, Frater, videre non potui modò, videbo proculdubio citò in aulâ Regis, Clipiaco: at ille cum id nunquam fore protestaretur: Eïa, inquit, Eligiùs, eïa, probabis hoc in die illâ, cum te illud coram populis et Principibus visurus sum in palam» Acherio II 30.

(2) O Ms. tem *vidraça*, erro graphico, vid. fol. 24 *b*.

(3) Cf. Surio II 30 e Acherio II 30.

(4) «de nativitate Lotharii junioris; nam cum adhuc esset in utero inditus, et Regina magnopere ob id pavitaret, verens ne filiam ederet, et ob hoc regnum succumberet; veniens id eam Eligius alacriter eam recreavit» Acherio II 31.

(5) «nomen etiam necdum nato tum imposuit, Clotarium eum vocans» Surio II 31.

(6) Cf. Surio II 31 e Acherio II 31.

(7) Cf. Acherio II 32.

(8) «annos iam natus amplius septuaginta, sentiens imminere dissolutionem corporis sui, quodam dia cum discipulis suis deambulabat atque conspiciens in fronte basilicae beati Medardi parietem ruinam minari: ocyus iussit acciri artificem, qui parietem communiret» Surio II 33.

«Padre, aguardemos tempo conveniente em que se possa correger, porquanto logo assy em breve nõ se pode fazer.» A esto respondeo o sancto homem: «Leixaaya logo correger, ca se se agora nõ correge, ja non seendo eu em no corpo, nõ se poderia fazer» (1). E ouvindo esto, os seus discipollos piadosos todos forom trespassados de gram door *dos* (2) seus coraçoões. E movidos a choro diziã: «Padre, que he esto que assy falas? Nõ queira deus que te tu tã çedo partas dos teus filhos que tã longamente ẽ deus criaste e doctrinaste e ensignaste. E passado esto, logo em breve tempo o sancto homem enfermou de hũa tẽperada febre (3) **(fol. 26 b)** da qual se finou (4).

E seẽdo ja ẽ extremo de sua vida, nũca perdeo o seu boõ e amoroso sentido. E chamando a sy os discipolos, cõ muytas lagrimas e pallavras d'amor os abraçou a todos dizẽdo: «Filhos meus, jamais nõ fallarey cõ vosco nem veereès minha façe; porem quedaaevos ẽ paz e leixaae d'oje mais hir pera o meu senhor Jesuu Christo, e daae des oje (5) mais o meu corpo aa terra cujo he e d'onde veo» (6). Ouvindo estas cousas e outras muitas de gram sentimento e piedade, aquelles que o çercavam nõ se podiã teer aas lagrimas e cõ amargosas vozes e grandes suspiros nõ podiam formar a voz a fallar. E por em a melhor maneira que podiam, diziam: «Doemonos, padre, doemonos de nos meesmos e choramos nosso desemparo do teu singular amor, cõversaçom e grande consolaçom, mas allegramonos do teu bem, porque te partes do trabalho d'este segre e das grandes hõdas deste mar, e te vaas aa gloria eternal» (7). E entõ ho sancto homem Elligio, alevantando os olhos ao çeeo, disse ho cantico de Nunc dimictis servũ tuũ domine in paçe etc. E ẽnhadeo mais dizendo: «Recordate Senhor que asy como lodo me fizeste; porem Senhor nõ entres em juizo cõ o teu servo porque nõ seera nẽ huũ achado justo açerca de ty Jesuu Christo Senhor remiidor do mũdo, amerçeate de mĩ (8). Ca eu **(fol. 27 a)** em as tuas maãos encomendo ho meu spirito, e tu senhor segundo a tua misericordia me salva; abreme senhor as tuas portas e a tua maão deestra me defẽda e me leve a luguar de alegria, o qual tu senhor aparelhaste aos que te temẽ» (9). E dessy pos os giolhos em terra e cõ as maãos ao çeeo orou ao senhor dizendo: «Meu deus e criador sem o qual nẽ hũa cousa sta ou se move, provee a esta tua manada a qual remiste per o teu servo, regaste de sancta doctrina. Tu, senhor, lhe da pastor que os guiie segundo a tua võtade por tal que non pereça o fruyto do meu trabalho» (10). Entom se moveo contra o

---

(1) «dicentibus autem discipulis, ut opportunum tempus sustineret, quo et facilius et durabilius reparari posset, ille respondit: Immo iam fiat; nam alioqui Eligio superstite non fiet» Surio II 33.

(2) O Ms. tem *do*.

(3) «sed statim levi beatus vir febre laborare cœpit» Surio II 33.

(4) Cf. Surio II 33 e Acherio II 33.

(5) = desde hoje.

(6) «iam non ultra loquar vobiscum. Valete iam in pace, et me deinceps sinite quiescere. Redeat terra in terram» Surio II 34.

(7) «dolemos quidem acerrime nos tua praesentia orbari: sed tua causa, pater optime, consolamur nos, quod post vitae huius labores ad requiem eternam proficisceris» Surio II 34.

(8) «deinde in vocem prorumpens: Nunc dimittis, inquit, servum tuum Domine, secundum verbum tuum in pace. Memento quaeso, quod sicut lutum feceris me: et non intres in iudicium cum servo tuo: quia non iustificabitur in conspectu tuo omnis vivens. Memento mei, qui solus sine peccato es, Christe mundi redemptor» Surio II 34. Vid. Luc. 2. Job. 10 Psal. 142.

(9) «in manus tuas commendo spiritum meum. Aperi mihi properanti ianuam vitae: clemens dextera tua protegat me, et tua potentia me defendat, manusque tua deducat me in locum refrigerii, et vel in ultimam mansionem ex iis, quas preparasti servis tuis timentibus te» Surio II 34. Vid. Psal. 142.

(10) «post haec verba, vergente jam die ad vesperam, procidit subitò in pavimento, et

povoo e em espiçial aos seus disçipolos, e cõ muytas lagrimas lhes disse: «Ja Elligio nõ seera mais cõ vosco, mas vos, meus filhos, esforçaaevos em deus. E eu se me ora de vos parto, milhor seerey cõ vosco per spirito» (1). E disse a cada huũ o que fizesse. E huũs mãdou a moesteiros e a outros hordenou como vivesẽ e salvasem suas almas (2). E dessi saudando e dando a todos paz cõ pallavras de oraçõ, deu a sua alma ao Senhor deus em as maãos dos seus sanctos anjos. Entõ foy vista hũa redõdeza de fogo muy esprandeçente, a qual subia daquella casa ao çeeo, e assy se foy aquella sancta alma aa gloria de deus (3). **(fol. 27 b)** E logo toda a çidade foy chea de choro e luyto e planto. Ca ouvindo dizer o ffinamento do seu bõo pastor, nem huũ se podia teer aas lagrimas e choros, mas todos cõ gram door de coraçom davam vozes ao çeeo, ca lhes pareçia quedarem horfoons do sancto homẽ (4).

E logo em outro dia, de gram *menhaã* (5), foy alli toda a çidade jũcta cõ todas maneiras e condiçoões de perssoas, e todos faziam pranto pella partida do barom de deus. Veeo outrosy a raynha Baltidas cõ seus filhos e todos os nobres da corte (6). A qual, correndo como leoa, se lançou em terra ante o corpo do sancto homem, e nõ se podẽdo teer, braadava e chorava dizendo cõ grande e inrremidiavel pranto per longo espaço, ella e os seus: «Oo que perda tamanha do nosso bõo pastor.» E depois tomando alguũa força, allevantarõna do chaão. E beijava muy ameude os pees e as maãos do sancto homẽ, e outrosy ho beijava na façe cõ muyta reverençia e devoçõ, e finalmente rogava a todos os prellados e povoos que aly eram que lhe fosse dado o sancto corpo pera ho levar ao seu moesteiro chamado Calle (7). E veẽdo todos aa sua grande devoçõ, consentiiam aa sua devota petiçom, scilicet, a moor parte como quer que muytos **(fol. 28 a)** contradissesem, e como logo a raynha se trabalhase de o levar, nõ pode seer movido em algũa maneira, pella qual cousa a raynha foy muy mais quebrantada e desejosa, e ffez cõ todos que per tres dias çellebrasẽ geeral jejuũ em o qual espaço nõ çessavam de viir os povoos e gente de todas partes, e conthinuadamente se renovava o planto e lementaçom. E se faziam cõ gram devoçõ os divinos ofiçios e vigilias muy solẽnemẽte. E a devota raynha, veendo que o nõ podia aver, nõ se podia absteer de chorar e lementar, descobrindo o sancto vultu e beijandoo muy ameude (8). E ffoy cousa maravilhosa que o seu sancto rosto nũca fez algũa mudança de finado, mas assy era graçioso muy mais que seendo vivo, lãçãdo de sy muy maravilhoso odor. E ffoy feita hũa gram maravilha, scilicet, que ao terçeiro dia do seu passamento, sahio sãgue muy avondosamente dos seus narizes assy como se fora vivo. E veendo esto a devota raynha e os bispos, poserom lenços

---

fixis genibus ante Dei vultum provolutus, orat suppliciter gemens, atque suspirans, ut suâ benignissimâ pietate provideat Pastorem, qui regat modeste suam plebem: Ne fiat, inquit, aeterne Pastor, haec plebs sicut oves quibus non est Pastor: commendo tibi oves, quas mihi credidisti, et familiam omnem, quam per ministerium officii mei sancto servitio mancipasti» Acherio II 34.

(1) «etsi praesentiâ corporis absens fuero, spiritu melius praesens ero» Acherio II 34.

(2) Cf. Acherio 34 e 35.

(3) «visus est subitò velut pharus magnus ingenti claritate resplendens ex eâdem domo coruscando conscendere, atque inter mirantium obtutus sphaera ignea crucis in se similitudinem praeferens, cœli altitudinem penetrare. Hoc ergo ordine sancta ejus anima ad suum laeta revolavit auctorem» Acherio II 35.

(4) Cf. Surio II 34, e Acherio II 34 e 35.

(5) O Ms. não tem o til.

(6) «regina Bathildis cum filiis et proceribus» Surio II 35.

(7) «ad Calam monasterium» Surio II 35.

(8) «detecto eius vultu, cum multis lachrymis osculata est eum» Surio II 35.

de todas partes em que o recolherom por grandes reliquias (1). E depois fazia deus muitos millagres per aquel sangue ẽ os seus devotos. E acabados os tres dias do jejuũ, trabalhouse a Raynha de levar d'aly o sancto corpo, mas entom muy gram parte dos povoos **(fol. 28 b)** contradizendo nõ queriam, dizendo que divia de seer levado a Paris asy como a prinçipal e mais nobre çidade. Mas o poboo de Noyã contradizia e braadava que os nõ forçasem do que seu era, nẽ lhe tirasem o sancto homem que lhes deus dera por herdade. Mas por os bispos mais nobres da çidade, inclinados aas prezes e desejo da Raynha, trabalhavãse de o levar ao seu moesteiro. E estando assy com o corpo do sancto todos per huũ bõo espaço e ainda a Raynha poendo todas suas forças, nũca ja mais o poderom mover: assy stava fixo e quedo; a qual veendo esto, dise cõ muytas lagrimas: «Ex, amigos, ja veedes que nõ he sua vontade. Pois nõ contradigamos mais ao servo de deus, pois que lh' asy praz. Antes hordenemos como o aquy supultemos, pois lhe assy praz. A qual cousa prouve a todos muyto. E como assy fosse determinado e per todos afirmado, muy ligeiramente moverom logo o ataude. E dessy avendo ja todas as cousas apparelhadas, levarom o sancto corpo, hĩdo çercado de toda parte de multidom de poboo, e os coros cantavam e faziã todos seus officios devotamente. E a rraynha cõ todos os nobres homẽs diziam: «Oo tu padre Elligio, dulçura e ẽparo **(fol. 29 a)** dos pobres, fortelleza dos fracos, remedio dos desconsolados, exemplo de toda virtude, hornado de toda graça, lembrate de nos ãte deus» (2). Estas cousas e outras muytas de gram devoçõ dizia aquella devota multidom, chorando e fazẽdo doorido e devoto plãto pollo seu bõo pastor. Hiia outrosy a devota Raynha e muytas outras nobres pessoas a pee pellas lamas e augua sem desto aver cuydado nẽ affam, nõ sentindo ho trabalho do caminho que era asaz longo. E chegando ao luguar da sepultura que ja stava solẽnemente hordenada, e era quasi sem conto ho poboo e todos o queriam tocar. Entom os bispos cõ trabalho apẽnas ho poderom tirar d'ãntre tanta gente do poboo cõ a ajuda dos nobres homẽs que todos poynham as maãos e o defendiam do apertamento e achegamento da gente. E assy foy ẽterrado. E ffazendo a devota Raynha planto de spedimento e soydade cõ todos os outros, tornouse cada huũ pera seu luguar, adorando devotamente a sancta sepultura (3).

Depois desto ho senhor deus fez pello seu servo muitos milagres, dos quaaes por devoçõ alguũs po- **(fol. 29 b)** nhamos por edificaçõ; onde aveo assy que, ficãdo huũ nobre cobretor e de grande preço e valia com que o corpo sancto jazia cuberto hu steve per tres dias, e hũ diacono seendo vẽcido pella cobiiça do diaabo, foy asy que em quãto enterrarom o sancto corpo, furtouo e escondeo ẽ o seu leito. E tornando os ministros, nõ o acharom (4). E porem, seendo muy torvados por ello e penssando quem faria tal cousa, logo em a noyte seguinte appareçeo o sancto de deus Eligio em sua propria forma humana, mas pero graçioso e claro, ao reverendo *Sparvo* (5), abade do seu moesteiro, o qual saudandoo e falandolhe doçe e amorosamente muyto ho consolou. E antre as outras

---

(1) «quod videlicet conspicientes Episcopi et Regina Christianissima, confestim suppositis hinc inde billeis linteis summà cum diligentià quousque sponte decurrit, sanguinem collegerunt, ac pro magno munere servandum deinceps in pignoribus segregarunt» Acherio II 36.

(2) «O Eligi, dulcedo tu pauperum, fortitudo debilium, tu protector et impar egentium consolator» Acherio II 37.

(3) Cf. Surio II 35, e Acherio II 36, 37.

(4) «reversi funeris ministri, vident eam non adesse» Surio II 37.

(5) A forma *Spargo* do Ms., com *g*, está errada; vid. Introd. § 1.° e o Glossario.

cousas que lhe disse, mostroulhe hu achariam o cobretor furtado. E viindo a *menhaã* (1), foise o abade com alguũs outros ao luguar, e achando todo como lhe disera sancto Elloy, reprindeo ho diachono de seu peccado, poendolhe fructuosa penitençia, pero nõ tamanha como el mereçia, nõ o ferindo, nem dĩsciplinando, nẽ encarçerando, nẽm maltrazendo, mas amoestandoo d'outra tal: ca asy lh'o mandara o sancto e piadoso Eligio, nõ se esquecẽdo ainda da sua piedade. E sabendo elles todos antresy este feito, nõ foy alguũ **(fol. 30 a)** ousado, e espiçialmente aquel d'aly avante tomar cousa do sancto homem nem ainda d'outrem (2).

Onde assy aveo que huũ sancto barom seu amigo que morava açerca de Paris, a cuja casa o sancto homem acostumava hir muitas vezes em sua vida, e hi avia recriaçom, e depois de seu passamento jazendo hũa noyte em seu leito, appareçeolhe em visõ sancto Eloy assy como seer vivo ẽ carne, e diselhe saudandoo agradavelmente: «Como te vay, amigo?» E aquel muy ledo assy lhe respondeo: «Bem, padre, pellas tuas oraçoões.» E parecia lhe dizer ao sancto de deus: Padre, reçebe do teu servo e amigo algũa recriaçom, e que lhe ofericia vinho de huũ tonel ẽ o qual ja era muy pouco ou casy nada. E como lh'o oferecese, benzeo sancto Eligio e diselhe: «Tornao d'onde o tiraste.» E tornandoo, o sancto se partio. E elle neesto acordou. E seendo maravilhado, correo no tonel e achouo cheo de vinho pella çafra que trisvertiia pollo botoque fora. E esto pella beençõ e graça e virtude do sancto de deus Eligio (3).

Appareçeo ainda **(fol. 30 b)** Sancto Eloy a huũ nobre homem da corte delRey, vestido de muy nobres vestiduras cõ façe muy allegre, e diselhe: «Vay e dize aa Raynha: Esto diz Elligio: Tira ja, Senhora Raynha, os hornamentos sobejos e que nõ cure das ricas aposturas e joyas, mas deas ẽ esmollas aos pobres pello amor de Jesuu Christo.» E esto dicto desappareçeo. E aquel temendo descobrir a visom, nõ disse cousa algũa aa Raynha. E assy lhe tornou a apareçer a segũda e terçeira vez, ameaçãdoo se se mais callase; mas pero avendo temor e reçeo, callouse. E logo veo sobre elle hũa grave febre. O qual lhe cõveo visitar a piadosa Raynha, e pergũtouo pella causa da sua infirmidade que lhe assy veera de suppito. E elle lhe disse: «Senhora, veome pollo vosso.» Entom lhe disse todo per hordẽ; da qual cousa ella foy muy allegre e plazẽte, louvando deus e o sseu servo Elligio que se d'ella nõ esqueeçia. E logo ẽ aquella hora o enffermo reçebeo comprida saude. E a devota raynha nõ foy negrigente nẽ tardinheira em comprir o mãdado do barom de deus Eloy. Mas logo começou destribuyr todos os hornamentos e nobres yoyas e cousas que avia ẽ esmollas e obras piadosas, nõ reservando cousa algũa nobre, **(fol. 31 a)** salvante hũas armillas d'ouro por algũa satisfaçom de seu estado (4). E nõ soomente os seus hornamentos e joyas, mas ainda muytas outras esmollas de ffora destribuyo largamente cõ os pobres e moesteiros em obras piadosas, e espiçialmente hu era ho corpo do bem aventuyrado sancto Elloy. Onde antre todos os outros hornamentos que ally pos, assy foy hũa cruz de gram preço e de maravilhosa obra obrada, a qual pos aa cabeça do sancto corpo, e sobre o sseu sepulcro fabricou hũa singullar obra per cujo nome e exemplo

---

(1) O Ms. não tem o til; cf. fol. 27 *b*.
(2) Cf. Surio II 37, e Acherio II 38.
(3) Cf. Surio II 38, e Acherio II 39.
(4) «omnia à se confestim ornamenta rejecit, nec praeter brachiales aureos super se quidquam ornamentorum reservavit» Acherio II 40.

ensignados os nobres e ricos homens infiindas e exçelentes cousas ofereçerom em aquella igreja hu el jaz (1).

Non he pera callar o grande millagre que noso senhor mostrou pollo veeo com que se cobria a tũba em o tempo molle e humido ou dias feriados. Ca estando huũ dia os ministros da igreja açerca da tũba, suppitamente virom o veeo todo correr em ollio per tal modo que encherom huũ vaso d'aquel çelestial licor do qual muytos enfermos de diversas infirmidades recebiam saude (2).

Antre os quaees foy huũ cavalleiro, o qual seẽdo enfermo de hũa mortal infirmidade da qual em aquelles dias era enferma a terra de Frãça, e elle veendose assy enfermo e sabendo a virtude do sancto de deus Elloy, ouvindo aquel milagre, **(fol. 31 b)** devotamente s'encomẽdou a el; e seendo ungido daquel ollyo, suppitamente foy saão, e assy quaaesquer outros que assy eram ungidos. Pella qual cousa elle seendo muy mais devoto, deu aaquella igreja de sancto Eloy huũ nobre luguar de muitas rendas, e per seu exemplo muitos fizerom pello semelhãte e ainda agora fazem, dando grandes possisoões aaquella sua igreja e igrejas (3).

Ffoy ainda huũ outro homẽ, o qual avia huũ luguar da igreja de sancto Eloy. E porquanto era muy negligente em o adubio das possisões, muytas vezes o sancto homem o rreprendia ẽ sua vida, viyẽdo por preguiçoso e negligẽte. E elle, sendo homẽ duro de coraçom e escarneçedor, de vontade riiase e fazia escarnho, teendo ẽ desdem o que lhe o sancto homẽ dizia. E depois que o sancto homẽ se finou, huũ dia stãdo elle cõ outros muytos açerca do sepulcro, começou a dizer: «Aquy jaz aquel Eligio que me tantas vezes victuperava e mal trazia, mas ja me ora leixara, ca elle he morto e eu quedo vivo» (4). E em maravilhosa cousa foy, ca esto dicto, nõ oveendo senõ el meesmo, ho sancto homem Eligio sahiio da sua sepultura, trazendo hũa vara na maão e percudio gravemente cõ ella na cabeça, dizẽdo: «Conheçe, sandeu, que non som eu morto, mas **(fol. 32 a)** agora mais perfeitamente vivo eu cõ o meu Senhor Jesuu Christo» (5). E logo desappareçeo, quedando cõ el cõ grave e nõ sopportavel door em sua cabeça. E logo começou como doudo correr de hũa parte pera a outra braadando, culpandose, magnifestando a virtude do sancto homem. E nõ avendo alguũ remedio, tornouse aa sepultura do glorioso sancto, e aly confessou sua culpa e pedio misericordia e achoua (6).

Outrosy muytos encarçerados e rethiudos em fortes cadeas e prisoões forom pollo sancto homem depois de seu finamẽto livres, chamando o sseu piadoso nome. Antre os quaaes foy huũ, o qual levandoo ja aa morte pera o penarem allevantou a alma e o penssamento ao sancto de deus, e ffazendo seu voto ou promitimento escapou das maãos dos que o levavam, e entrou em a igreja de sancto Eloy. E seguiindo os da justiça que o levavã, outra vez o prenderom aa sepultura do glorioso sancto, e tirando ja da igreja, virouse elle contra a sepultura e disse cõ gram devoçõ de coraçõ: «E oo padre sancto Elloy, assy defendes tu os que se a

---

(1) Cf. Surio II 39, e Acherio II 40.
(2) Cf. Surio II 40, e Acherio II 41.
(3) Cf. Surio II 41, e Acherio II 42.
(4) «ecce qui mihi verbera minabaris, iam hic iaces mortuus, ego vero aura vitali fruor» Surio II 42.
(5) «animadverte, serve nequam, non me esse mortuum, ut tu iactitas: sed re vera me vivere, e terris ereptum» Surio II 42.
(6) Cf. Surio II 42, e Acherio II 43.

ty acolhem e te chamam» (1). E esto dicto, logo a cadea ou ferros cõ que era prisonado se abrio e cayo arredada d'el, em tal guisa que os que o preso levavã, **(fol. 32 b)** avendo gram temor e seendo espantados, louvarom o senhor deus ẽ o seu servo Elligio. Conhecẽdo seer aquelo obra de deus, nõ forõ mais ousados lançar em el maão. E correndo ho poboo de cada parte, viinham veer as obras de deus, e todos o louvavam em o sseu servo Eligio (2).

Outrosy ali aveo que o bispo, que entom era ẽ a çidade, viindo per aly a cavalo e ouvindo ao poboo ho milagre, começou de o contradizer e duvidar, dizendo que aquello se faria per acontiçimento, e outras cousas semelhantes dizia por desfazer ao millagre. E dessy passando sua via e nõ dando hõrra nem auctoridade aas sanctas obras de deus, ho cavallo em que hiia com sua põpa, o qual antes era muy mãso e aseseguado, começou de se alvoraçar e lançar couçes e allevãtarse ẽ gemeas cõ o bispo atee que o derribou ferĩdoo e maltrazendoo gravemente, assy cõ os dentes, como cõ os pees e maãos. E seẽdo assy chaguado e mal trauctado, appenas lh'o poderom tolher. E llevandoo pera sua casa e elle tornando em seu acordo, conheçeu ẽ sy sua culpa polla qual lhe aviera aquelle mal. E hĩdo cõ gram devoçom e contricçõ e arrependimento visitar **(fol. 33 a)** o sancto corpo de Elligio, logo reçebeo comprida saude, louvando deus ẽ o sseu sancto (3).

Outra semelhante cousa aveo que huũ cavallo que sancto Elligio tiinha ẽ sua vida, em o qual por sua mansidõ ameude em elle andava, e ao seu finamento leixouo a huũ abade devoto que regia o sseu moesteiro. Mas o bispo que sobçedeo em pos d'el, sabendo parte do cavallo, nõ por devoçom mas por cobiiça dizendo que lhe perteençia, mandoulh'o tomar ao abade e levar aa sua estrebaria, de possome e querome (4), nõ lh'o ousando contradizer o dicto abade (5), pero com pasçiençia encomẽdou o negocio a deus e ao seu servo e amigo Elligio. Mas o cavallo ja mais algũa nõ quis comer, nẽ beber, mas mais e cada vez mais desfalleçia. E se alguẽ se a el chegava, aos dentes e couçes fortemente s'enviava. E nõ lhe podẽdo aver nem huũ remedio, o bispo por causa de graça e merçee o mãdou dar a hũa matrona muy honrrada e muyto sua devota e amigua, a qual como hũa vez fosse sobre el, per tal modo se asanhou que deu cõ ella em terra de cab' e ẽbate (6), e aos dentes e aos couçes per tal modo a ferio que per huũ anno jouve em cama. A qual queyxandose o tornou ao bispo. **(fol. 33 b)** E elle veendo este millagre tam evidente e magnifesto, tornouo ao abade, e logo o cavallo comeo e bebeo e medrou, cobrando e tornando a sua mansidom (7). Entom todos, resguardãdo a esto, louvavam ao senhor deus (8).

---

(1) «o sancte Eligi, placet tibi quòd ad te confugientes non defendis?» Acherio II 45.
(2) Cf. Surio II 43, e Acherio II 44, 45.
(3) Cf. Surio II 43, e Acherio II 45.
(4) A formula *posso e quero* é conhecida. Ex.: O tempo do posso e quero. Modernamente: posso, quero e mando, i. e. com poder discricionario. Ex.: Elle julga-se senhor de posso, quero e mando. *De possome e querome* = com poder absoluto, *despoticamente*. *De* = com (complemento circumstancial de modo); possome = posso-me = posso-me arrogar o direito; querome = quero-me = quero-me arrogar o direito (me = pronome pessoal ethico).
(5) «violenter eum [equum] praedicto Abbati subripuit, *suique iuris vindicavit*. Abbas vero nihil ei obtendere audens, ad sanctum illico perrexit Eligium, eique multa deplorans, causam hanc commendavit» Acherio II 46.
(6) = de cabo e embate = inteiramente e com choque, pancada, baque = redondamente, estateladamente; logo: deu cõ ella em terra *de cab' e ẽbate* = deu com ella redondamente no chão.
(7) «mansuetudo ei reddita est» Surio II 44.
(8) Cf. Surio II 44, e Acherio II 46.

E por estes dous millagres ultimamente postos se cree que se acustumam poer as ferraduras aas portas das igrejas do glorioso sancto Eloy, servo e amigo do senhor deus, e esto por remedio das bestas doentes, perdidas ou bravas. Porquanto estes mostrarom ẽ sy e per sy as obras de deus e os mericimẽtos do seu servo.

A el deus seja hõrra, gloria e louvor nos seus sanctos pera sempre. Amẽn.

A deus graças.

Johãnes. **(fol. 34 a)** *Acabada foy esta estoria sesta feira, dia de sancta Maria dos martires, que foram* XIII *dias de mayo da era do naçimento de nosso Senhor Jesuu Christo de 1491 ãnos, e mandarãna screver os moordomos do espital do glorioso servo e amigo do Senhor deus Sancto Eloy. Confraria dos honrrados ourivezes desta muy nobre e leal çidade de Lixboa.*

(Continúa.)

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.* — Cont. do n.º 4, pag. 253)

Reg. 10.—An possit dispensare ::: partibus incõsulto Prouinciale ut v. g. die ::: abstineant, an tantum in aliquo casu particulari, ::: Prouinc., et Præpositũ et rectorẽ :::

R.—Neuter potest in vniuersũ dispensare, nec in modo dispẽsandi cũ particularibus est inter vtrũque aliqua differentia sed ea est tantum independentia, quia Prouincialis dũ sic dispensat, nõ debet quempiã admonere debet autem rector uel præpositus Prouincialem.

Reg. 14.—An satis sit pro seruanda hac Regula monere singulos priuatim, an habeant aliquid cõsultatione dignũ.

R.—Nõ esse satis sed regulã esse moderatã, ut alternis saltem hebdomadis cũ cõsultoribus coiciat rector etc.

Reg. 30.—An rectores pœnitentias publicas ex deuotione facere possint, et an, et quomodo expediat.

R.—Possunt et interdũ expedit habita ratione ædificationis præcipue cũ adest Prouincialis a quo modus peti possit.

Reg. 47.—An dispensari possit cũ rectore maximi collegii, ut ipse visitare per se non obligetur?

R.—Cum rector nõ obligetur nisi aliquando nisi ad Visitandũ per se nõ expedit eũ omnino eximere.

Reg. 52.—An hæc regula seruanda sit in nouitijs sacerdotibus, ut præcedant alijs tam in nouitiatu quam extra v. g. in domo professa, et quid in 2.º anno probationis?

R.—Videtur seruanda regula etiam in nouitijs sacerdotibus tam in domo probationis quã extra tã in 1.º quã in 2.º anno.

Reg. 53.—An minister inseruiẽs etsi nõ comedat dicatur adesse?

R.—Adesse in regula significat accũbere si tamen necessitas postulet sat erit si adsit ministrando.

Reg. 55.—An tempore recreationis litanie ordinarie dici possint.

R.—Nõ expedit communiter sed in collegijs magnis ubi habetur 1.ª et 2.ª recreatio posset ex 2.ª aliquid temporis detrahi ad cõmodiorẽ horarum recreationẽ.

Reg. 63.—Sunt ne expens : : : bene esse seu ad ornatũ pertinent, an quæ : : : ad uestitũ pertinent alicuius tamen momẽti : : : quasi necessaria?

R.—Extraordinarij sumptus : : : non sunt necessarij ád victũ, et uestitũ nostrorum, uel ad : : : habitationis cõmoditatẽ.

Reg. 64.—Siqui numi et eleemosinæ ipsis dantur, an pro arbitrio dispensare possint?

R.—De pecunijs q̃ rectori dantur eadem prorsus ratio est, ac de reliqua collegij pecunia.

Reg. 68.—An Monialiũ 3ij ordinis cõfessiones audire ordinarie liceat?

R.—In nostra ecclesia licet sicut aliorum pænitẽtiũ.

In formulâ scribendi

Reg. 20.—Contingit penuria operariorum frequens nominatio cõsultorum ac proinde cõfirmatio a Generale raro petitur. an nominati et nõ confirmati cõsultores teneantur ad superiores scribere.

R.—Tenentur scribere sed petenda est mature cõfirmatio.

In regulas lectoris ad mẽsam

Reg. 7.—An prætermitti possit caput Scripturæ, cũ legũtur annue.

R.—Nõ debet prætermitti.

In regulas custodis uestiũ

Reg. 6.—An uestes q̃ uulgo dicuntur grossæ debeant etiam dari breuiores sicut sotanæ et mantelli.

R.—Quod nõ.

(Continúa).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

CONTRIBUTI ALLA STORIA DELLE PROVINCIE OCCIDENTALI DELL'IMPERO ROMANO

(Cont. do n.º 5, pag. 262)

Cerchiamo inoltre di risolvere due questione relative all'amministrazione delle «Hispaniae».

1) *Quando e come l'Hispania Citerior e l'Hispania Ulterior — formatesi nel tempo della Republica (a. 557/197)* (1) *— diventarono sotto l'Impero le tre provinciae: Hispania Citerior sive Tarraconensis* (2), *Hispania Ulterior sive Baetica, e Lusitania?*

Nell'a. 727/27, quando si effettuó il riordinamento generale dell'Impero, Augusto prese per sé direttamente il governo di tutta la Penisola Iberica, eccettuata la regione pacificata e «romanizzata» della Baetica (situata al sud della Citerior, e confinante col territorio dei Lusitani e dei Vettones), affidata al governo del senato e del popolo. Questa é l'opinione comune (3).

---

(1) Con le capitali Carthago Nova e Corduba. Per altro cf. specialmente Marquardt, Organis. de l'emp. rom. (trad. fr., in Manuel des ant. rom. Mommsen et Marquardt), II, p. 67.

(2) Che anche cosi si chiamasse — dal nome della nuova capitale — tutta la Provincia, sebbene creda al contrario Th. Mommsen [in Ephem. epigr. IV (1881), p. 224], vedremo piú innanzi.

(3) Il Mommsen (Röm. Gesch. V⁴, p. 58) diee che ció avvenne ben tosto dopo il 727. Cf. anche dello stesso Röm. Staatsrecht II², p. 824, n. 2.

Tutto il territorio posto sotto la giurisdizione imperiale comprendeva due provincie imperiali, la Citerior propria e la Lusitania, le quali sorsero o nel medesimo tempo (a. 727/27) o dopo, per effetto della separazione della prima dalla Lusitania Cosi si crede generalmente.

Che Augusto abbia staccato la parte imperiale dalla senatoriale nel detto anno 727/27 o in uno degli anni prossimi, non é impossibile. Peró ove si consideri che il paese non era ancora bene pacificato (1) e che Augusto dovette fin dal 725/29 provvedere a sottomettere le tribú del nord della Penisola (tanto che lasciata l'impresa della Britannia, si recó egli stesso in Spagna nel 728/26), é preferibile l'ipotesi, che la *definitiva* consegna della Baetica al senato sia avvenuta piú tardi.

Di certo del tempo di Augusto (2) é la formazione della provincia Lusitania, e posteriore al 727/27 e anche al 729/25 (3). La «Lusitania», distinta dalla Citerior e dall'Ulterior comparisce, in Strabone (III, 4, 20), il quale divide la Spagna in due parti, l'una retta dal popolo, l'altra dall'imperatore, e riferisce evidentemente non una divisione ufficiale ma solamente geografica; e subito dopo presenta la distribuzione nelle tre provincie. Appare anche in Plinio che prese dalle liste di Augusto, fatte non nei primi anni del regno di costui (4); come anche puó probabilmente riferirsi all'etá di Augusto la notizia di Strabone (5). Inoltre la divisione predetta in tre provincie doveva essere giá nel tempo di Agrippa, cui

---

(1) La Baetica dovette risentire anch'essa alquanto le conseguenze delle incursioni dei barbari del Nord, che arrivarono fino al territorio dei Vaccaei (Flor. II, 33).

(2) Mommsen, Monum. Ancyr.², p. 222. E senza bisogno di giungere sino al tempo di Tiberio, in cui si ha un «legatus Aug. provinciae Lusitaniae» (C. X, 1, n. 5182).

(3) Come fa lo Schiller, Gesch. d. Kaiserzeit I, 207; e Röm. Alt. (Hdb. del Müller)², p. 182 sgg. In quest'anno diventó colonia Augusta Emerita, la cittá principale della Lusitania (Dio Cass. LIII, 26). Vedi Mommsen, R. Gesch. V⁴, p. 58, n. 1.

(4) Cf. O. Cuntz, De Augusto Plinii geogr. auctore, Diss. 1888.

(5) Veramente in questo passo nulla si contiene che accenni alla divisione delle provincie come ad un fatto non recente; soltanto si menziona la provincia Lusitania e il significato di questo nome differente dall'antico (che si riferiva ai Callaeci), La notizia del resto potrebbe essere stata inscrita da Strabone posteriormente (Vedi Pais, Straboniana, p. 105 sgg.).

Quanto alle fonti vedi specialmente Zimmermann, Quibus auctoribus Strabo in libro III conscribendo usus sit, I (1883).

non era ignota. Laonde e forse anche perché nel tempo della deductio delle colonie militari di Augusto erano ancora due le Hispaniae — ció che si rileva dall'espressione «utraque Hispania», che in un documento ufficiale qual'é il Monum. Ancyran. (5, 35 = C. III, p. 796) deve credersi corretta (1) e intendersi riferita alla Hispania Citerior e all'Ulterior (2) — si deve ammettere, che la separazione della provincia Lusitania sia avvenuta posteriormente alla fine delle guerre contro i Cantabri e gli Astures, terminate da M. Vipsanius Agrippa nel 735/19, e dopo le quali si regoló definitivamente tutto e si effettuó la colonizzazione.

Ció detto, non é inverosimile la supposizione che contemporanea o quasi sia stato l'ordinamento concernente le provincie Spagnuole, tanto la formazione di una nuova provincia Lusitania quanto la separazione delle provincie direttamente imperiali dalla senatoriale. E tutto questo nell'epoca circa della definitiva pacificazione di tutta la Penisola.

Alle considerazioni suesposte in appoggio della nostra opinione si aggiunga principalmente quest'altra: che se la Lusitania fu staccata direttamente dall'Ulterior (3), e la Lusitania fu certamente sempre sotto il governo militare imperiale — e tanto piú nel corso delle guerre di Augusto o dei suoi luogotenenti —, vuol dire che fino a quest'epoca la rimanente parte dell'Ulterior, cioé la Baetica, fu anche sotto i «legati Aug. propri». Al medesimo tempo puó riferirsi forse un altro fatto. La Lusitania, che pur non essendo ancora una provincia a sé, ebbe sempre una posizione speciale per considerazioni topografiche e militari (cosi sotto la Republica, quando era conessa con l'Ulterior, e specialmente nel tempo del proconsolato di Pompeo) (4), la conservó nel principio del regno di Augusto, fino a quando cioé non formó una provincia pro-

---

(1) Contrariamente all'opinione dell'Hübner, in C. II, Supplem., p. LXXXVII.

(2) Eccettoché si voglia supporre che anche dopo istituita la terza provincia, rimanesse sempre la denominazione ufficiale antica.

(3) Vedi Mommsen R. Gesch. cit., p. 58, n. 1. Il quale non si é accorto o non ha rilevato la contradizione fra ció e l'ipotesi da lui posta sulla data della formazione della Baetica senatoria. Altri ha evitato tale contradizione, ammettendo che la Lusitania, staccata dalla Baetica, sia stata unita alla Citerior, e in fine da questa separata.

(4) Caesar. de b. civ. I, 38, 1. Cf. D. Wilsdorf, Fasti Hispan. provinc., Lips. 1878, p. 129.

*

pria. Essa doveva comprendere anche la Callaecia (1) e l'Asturia, certo nel tempo delle guerre con gli abitanti di queste regioni (2). Mapoi queste ultime furono unite alla Citerior s. Tarraconensis. Tale separazione dalla Lusitania dovette succedere, secondo noi, forse nel tempo stesso della formazione della provincia Lusitania, o almeno (3) poco dopo. Certo é che nel tempo cui risale la notizia di Strabone l. c. (Vedi sopra), la Callaecia e l'Asturia come la Cantabria dipendevano dal governatore di Tarraco.

Se finalmente il Paulus Fabius Maximus leg. propr. di cui parla un'iscrizione trovata in Callaecia, fu veramente un legatus per la Callaecia e l'Asturia, e prima dell'a. 743/11 (4), si puó ammettere che allora la Callaecia e l'Asturia fossero nella Hispania Citerior, dove, come vedremo, formavano un distretto speciale.

2) *Intorno alle subdivisioni della Hispania Citerior sive Tarraconensis.*

Dalle iscrizioni si conoscono per le regioni «Asturia et Callaecia» magistrature particolari, che datano tutte dal principio dell'Impero (5). Cioé la carica del «legatus Augusti per Astu-

---

(1) Come si vede dalla direzione che i Romani tennero nel conquistare questo paese (Il primo generale romano soggiogatore dei Callaeci trionfó «de Callaecis et Lusitanis»: C. I², p. 176, etc.). Sulla forma esatta «Callaecia» cf. Boissevain, in Mnemosyne XX (1892), p. 286 sgg.

(2) Cf. Mommsen o. c., p. 64, n. 2. Anche I. Iung (Grundriss d. Geogr. von Ftalien u. d. Orbis Romanus, 1897, p. 89) crede che queste contrade fossero unite alla Lusitania «in der früheren Zeit des Augustus».

(3) Agrippa (apd. Plin. n. h. IV, 22, 118) nel'dare le misure della longitudine e latitudine comprende la «Lusitaniam cum Asturia et Gallaecia». Cf. anche Dimensurat. provinciar. e Divisio orbis terr., in Riese, Geogr. lat. minores, p. 13, 16; dove é messa come provincia a parte la Lusitania con l'Asturia e la Callaecia di fronte alla Citerior e all'Ulterior, e inoltre da altre fonti é presa l'indicazione dei confini. Potrebbe però credersi che Agrippa considerasse insieme la Lusitania con l'Asturia e Callaecia non perché seguisse la divisione ufficiale, ma per ragioni di commoditá di misurazione, o meglio per il ricordo della recente unione di queste terre.

(4) Vedi Hübner, in Ephemer. epigr. VIII, 3 (1898), p. 504 sg. E anche A. Bellino, Novas inscripções romanas, Braga, 1896, p. 4 sgg.

(5) Rimando al mio lavoro «De Asturia, parte 1.ª, cap. 2.º, dove é presentata la lista di questi magistrati. Puoi anche leggere il recente articolo dell'Hübner in Encyclop. Pauly-Wissowa, II, 1864, e III s. v **Callaici.**

riam et Callaeciam» o del «legatus Augusti inridicus per Asturiam et Callaeciam» che sono la stessa cosa (1); l'ufficio di «procuratores» (2), di «praefecti», e anche di «leg. Aug. ad census accipiendos» (3).

Onde queste contrade, molto estese e distanti dal capoluogo della provincia, formavano — dentro la provincia — un distretto speciale amministrativo, finanziario, giudiziario..., come fin nel tempo cui si riferisce la notizia di Strabon. III 4, 20 (V. sopra), benché allora forse in modo non bene assodato. Tutto ció duró sino al tempo di Caracalla (a. 216/217), quando l'Asturia e Callaecia formarono la «Hispania nova citerior Antoniana», per rimanere nell'ordinamento di Diocleziano sotto la denominazione «Callaecia» e durare fino al quinto secolo.

*

Oltre dell' «Asturia et Callaecia» si sa — e sempre dalle iscrizioni — ch'esisteva anche il «legatus Augusti inridicus provinciae Hispaniae Tarraconensis» o «inridicus Hispaniae citerioris Tarraconensis» ovvero «inridicus Hispaniae citerioris» (residente in Tarraco) (4). L'espressioni *Citerior* e *Tarraconensis* hanno (5) il significato o generale — per tutta la Provincia — o parziale, ció ch'é senza dubbio nel presente caso, come risulta dal fatto che l'identica carica era nell'altra parte della provincia, l'Asturia e Callaecia (avente un inridicus proprio) (6), e come probabilmente é conformato da

---

(1) Checché dica in contrario il Prof. Hübner (C. II, Suppl., p. LXXXVI).

L'espressione «legatus Augusti et iuridicus» etc. (C. VI, 1486, 1507) indica il passaggio dell'antica «legatus Augusti» alla nuova «legatus Augusti índicus», cioé dimostra che alle primitive attribuzioni si aggiunsero le giudiziarie.

(2) Cf. Strabon. III, 4, 20.

(3) Cf. Atti Accad. di archeol. lett. e belle arti di Napoli, vol. XVIII, part. 1.ª

(4) C. II, 3738, 4113; Henzen 6490; C. IX, 1572, etc.

(5) E sono sinonime (Cf. «leg. Aug. propr. provinciae Hispaniae citerioris» e «leg. Aug. propr. provinciae Hispaniae Tsrraconensis»). Il Mommsen [Ephem. epigr. IV (1881), p. 224] crede che «Hispania Citerior Tarraconensis» significhe soltanto una parte della Provincia; ma a torto, perché puó la frase applicarsi anche alla Provincia tutta.

(6) Si conosce l'«Hispania Citerior» come provincia procuratoria ac-

un'iscrizione greca (1), menzionante un «δικαιοδότην Σ(πανίας?) διοικήσεως Ταρ'ρ'ακω[νη]σίας», cioé di una parte della provincia, ove peró questo documento sia anteriore a Diocleziano.

Si conoscono quindi due distretti: 1) Asturia et Callaecia; 2) Citerior s. Tarraconensis in senso ristretto.

Che ce ne fosse un terzo s'ignora. Ed é piú probabile che existessero soltanto quei due, e che perció il distretto Tarraconensis comprendesse tutta la provincia omonima, fuori dell'Asturia e Callaecia.

Né é necessario ammettere un terzo distretto (che si é voluto far corrispondere alla futura diocesi Carthaginiensis), perché Strabone (l. c.) presenta la provincia Citerior del tempo suo divisa in tre zone; che da alcuni si crede rispondano alle tre diocesi dell'etá di Diocleziano. Ammettendo anche noi che i «legati» di Strabone (i quali compariscono qui solo con ufficio e fine militare non siano che i posteriori «legati inridici» (2), non crediamo che ne segua perfetta corrispondenza quanto alle singole divisioni territoriali. Le tre regioni di Strabone sono: 1) il paese sopra il Durius, comprendente la Callaecia, l'Asturia e anche la Cantabria (3); 2) le contrade montuose prossime ai Pirenei; 3) la regione di mezzo, il paese percorso dall'Ebro, e fino al mare.

In questo quadro approssimativo (4), la terza parte deve comprendere il territorio attorno a Nova Carthago non solo, ma anche quello vicino a Tarraco (5), e corrispondere circa

---

canto all'altra simile Asturia et Callaecia (C V, 534, 535). Parimente di fronte alla Lusitania intera c'era la «Lusitania et Vettonia» (C. II, 484, etc.); e qui «Lusitania» ha senso parziale, essendo la «Vettonia» l'altra parte di tutta quella Provincia.

(1) C. II, 3738; XII, 3167. Vedi Ephem. epigr. IV (1881), p. 222 sgg., e anche Prosopographia Imp. Rom., vol. III, p. 499.

(2) Vedi Mommsen, Staatsrecht II², 224, n. 2; ed Ephem. epigr. cit., p. 225; e specialmente Borghesi, Oeuvres, IV, p. 133.

(3) Cf. Detlefsen, in Philolog. XXXII (1873), p. 664. Onde é inammissibile l'opinione dell'Hübner (in C. II, p. LXXXVI) in quale ammette per terza diocesi la Cantabria!

(4) Infatti Strabone mise i Cantabri con gli Astures forse non per conoscenza attinta a fonti sicure, ufficiali, ma perché sapeva le recenti guerre di questi popoli con Roma.

(5) Come il governatore della provincia risiedeva, nel tempo di Strabone (l. c.), specialmente in Tarraco o in Carthago, lo stesso potrebbe dirsi del legato dipendente. Poi, e non molto dopo, la residenza del legatus Aug. propr. fu stabilmente Tarraco (cf. Hübner, Röm. Herrschaft in Westeuropa, 1890, p. 192 sgg.); e lo stesso avvenne per il legato inferiore.

alle future diocesi Carthaginiensis e Tarraconensis insieme. La prima parte equivale all'Asturia et Callaecia circa (V. nota 3). La seconda quindi deve comprendersi nel territorio della Tarraconensis; o per dir meglio, si deve ritenere che un poco piú tardi, cessate le regioni di militare difensiva che avevano determinato la divisione ricordata da Strabone, avvenisse un cambiamento, consistente in ció, che la zona vicina ai Pirenei fu anessa a quella dov'erano Tarraco e Carthago (1), e che pertanto «due rimasero le grandi divisioni amministrative, giudiziarie, fiscali della Provincia: la *Tarraconensis sive Citerior*, e la *Callaecia et Asturia*.

Catania, febbraio del 1900.

FRANCESCO P. GAROFALO.

---

(1) Come forse fu il paese dei Cantabri distaccato dall'Asturia et Callaecia, per essere unito anche all'altra parte moltoestesa (V. peró nota 3).

ESCHOLA MARIA PIA

(INSTRUCÇÃO DO SEXO FEMININO)

Noticia para o Congresso pedagogico de Madrid em 1892

A Eschola Maria Pia foi creada por votação da ex.ma Camara Municipal de Lisboa sob proposta do seu illustre vereador Jayme Coriolano Henriques Leça da Veiga, em sessão de 9 de maio de 1885.

Estava-se no periodo da febre, e generosa febre foi essa, — do desenvolvimento da instrucção popular, e o respectivo pelouro, na vereação lisbonense, era um fóco de actividade, de zelo, de enthusiasmo pela santa causa, iniciada por José Elias Garcia, ainda antes da lei de 2 de maio de 1878, e servida depois pela dedicação de Theophilo Ferreira, de Luiz Jardim, hoje conde de Valenças, e de todos os vereadores, que successivamente geriram o pelouro, e entre os quaes se distinguiu, pela sua discreta administração o dr. Jayme da Veiga, o fundador da Eschola Maria Pia.

De um dos seus antecessores herdára elle o projecto de creação de uma eschola para o sexo feminino; mas alterando-lhe os primitivos intuitos, e procurando harmonisar os seus fins com uma das principaes necessidades do ensino destinado a meninas, que houvessem terminado o curso de instrucção primaria, foi o verdadeiro creador da Eschola Maria Pia, dando-lhe simultaneamente a feição theorica e pratica, que a collocava entre as escholas primarias superiores e as escholas de applicação.

Alguma coisa do ensino scientifico do segundo grau e alguma coisa do ensino profissional, especialmente do que habilitasse para o exercicio de industrias caseiras, tal foi a physionomia inicial d'esta eschola onde se inaugurou tambem a aprendizagem da escripturação commercial, porta aberta para a applicação da actividade de algumas alumnas e de honesto modo

de vida em cargos e empregos particulares—hoje exclusivamente exercido por homens, no nosso paiz.

Mas, sobre tudo isto, o que a eschola procurava dar, o que tem dado sempre effectivamente é o beneficio de um farto grau de instrucção gratuita ás filhas das classes menos favorecidas de bens de fortuna, equiparando-as pela riqueza intellectual, ás filhas das abastadas, que podem receber essa educação esmerada em sciencias, linguas e prendas, nos recolhimentos, pensionados e collegios, a troco de larga remuneração pecuniaria.

As noções de historia e de geographia, os principios de physica, de chimica e de historia natural, com o ensino e pratica das tres linguas cosmopolitas—o francez, o inglez e o allemão, entraram logo no programma, a que não faltava tambem a educação manual em calligraphia, desenho, bordados de toda a especie, e outras prendas das que constituem a bagagem das meninas vantajosamente educadas.

Faltou, no inicio, para ser completa a obra, o ensinamento da musica, sem a qual não ha esmerada educação; falta que se remediou mais tarde, mas já quando a eschola, por causas supervenientes, havia modificado a sua primitiva feição.

Com o seu programma inicial, inaugurou-se a eschola a 10 de junho de 1885, anniversario da commemoração tres vezes secular do grande poeta, que symbolisa e synthetisa a nossa gloriosa nacionalidade, e teve por nome de baptismo o da rainha, a que o paiz déra o expressivo cognome de Anjo da Caridade.

Com effeito, não podia a eschola ter mais sympathica patrona espiritual, desde que o seu destino era o de ministrar instrucção ás meninas desvalidas dos dons de prospera fortuna, dadiva que não representava da parte da Camara Municipal o cumprimento de uma obrigação, como era a esse tempo a instrucção primaria tão brilhantemente desenvolvida, mas era um beneficio voluntario, um acto de generosa caridade para as familias do saber, para as que, pela illustração adquirida, pretendiam subir na escala social, ou manter-se no logar d'onde seus paes teriam de fazel-as descer por falta de meios para as educarem esmeradamente.

Entrevia-se então muito a realisação do sonho de emancipar a mulher, se não para a egualar ao homem em direitos civicos e politicos, ao menos para lhe proporcionar elementos com que podesse grangear o pão de cada dia independente, sem precisar de ser parasita no seio da familia, ou candidata ao matri-

monio com a simples esperança de que o marido provesse á sua sustentação.

Foi por isso festejada, sinceramente festejada pela população lisbonense, a inauguração da eschola, que logo no seu primeiro anno, teve de transgredir o plano com respeito ao numero de alumnas a admittir, visto que o das candidatas á matricula o ultrapassou muito e a Camara quiz consentir que todas as requerentes aproveitassem do beneficio, apezar da relativa estreiteza da casa em que se inaugurou a eschola.

Abriu ella com 45 alumnas, e póde desde já mencionar-se o facto altamente significativo de que o numero de matriculas tem crescido de anno para anno, tornando-se acanhado o espaço escholar apezar dos melhoramentos realisados com vantajoso alargamento no edificio primitivo.

E esta febre da concorrencia é tanto mais significativa, quanto a eschola está mal situada numa eminencia pouco central da cidade, de difficil accesso e sem meios de conducção baratos, e quando nem as primitivas garantias offerecidas pela Camara ás alumnas que acabassem o curso foram plenamente cumpridas, nem as garantias que a organisação escholar hoje offerece estavam então ainda em vigor, havendo um periodo em que nenhumas vantagens se offereciam, além das do proprio ensino, e nesse periodo não afrouxou o numero de candidaturas á matricula.

Comquanto a eschola abrisse em 10 de junho, póde bem dizer-se que o anno lectivo começou em outubro de 1885, seguindo-se depois ininterruptamente os annos escholares com abertura de aulas no mesmo mez e encerramento no decurso de agosto, depois de findo o trabalho dos exames.

Conta, pois, a eschola sete annos de existencia, e nesse já largo periodo tem matriculado nos seus cursos 620 alumnas, das quaes tem completado os estudos totalmente 13 e parcialmente 256, havendo entre todas, nestes ultimos dois annos 46, que têm feito exame das disciplinas apprendidas na eschola, perante os jurys de exames do lyceu nacional de Lisboa, sendo 43 approvadas.

Tão bem auspiciada ao nascer, a Eschola Maria Pia, entrou logo desde os primeiros dias da existencia, numa vida attribulada de incertezas, de indicisões de orientação de ameaças de morte ou de transformações radicaes.

Por um lado, havendo ella sido desde logo dotada de um corpo docente, formado na maior parte entre o que ha de mais illustre no professorado secundario e até no superior,

naturalmente o ensino theorico prevaleceu, em intensidade e extensão, ao ensino pratico, ao mesmo passo que as alumnas, sonhando sempre a admissão na eschola normal ou a acquisição do diploma de habilitação para o professorado primario, que no desenvolvimento dado á instrucção publica pela ex.ma Camara offerecia promessas de facil e bem remunerada collocação, desdenhara os cursos do ensino pratico, e corriam com avidez ás sabias e proficientes prelecções do ensino theorico.

Por outro lado, quebrada, desde a reorganisação municipal de 1885, a tradição gloriosa dos vereadores do pelouro de instrucção, começaram a passar por aquelle serviço geral da Camara vereadores muito illustrados todos, mas todos muito phantasistas, na maior parte enormemente sobrecarregados por outros encargos do serviço publico e quasi todos de existencia ephemera nas cadeiras da municipalidade.

Foi assim, neste fluctuar de alvitres e orientações, que a Eschola Maria Pia esteve destinada a ser nucleo e base da secção feminina de uma eschola central de artes e officios, a preparar, por instrucção graduada, para diversos misteres, desde os de creada de servir até ao de professora, e especialmente a ser ninho de *institutrices* nacionaes, com bom e largo conhecimento das linguas vivas, sem desconhecerem a lingua materna, e por ultimo a ser transformada em lyceu do sexo feminino, o que, mais do que todos os outros projectos, agradava ao corpo docente.

Afóra estes planos, dos quaes os primeiros nunca passaram da mente dos vereadores, houve um outro muito mais radical e muito acariciado,—triste é dizel-o—, por algumas vereações, qual o de supprimir completamente a eschola, porque representava uma despeza, não obrigatoria segundo a lei de instrucção primaria.

Mas este plano destruidor, tanto como os outros transformadores, não logravam vingar, nem chegaram sequer a ter começo de execução, que não fosse uma certa má vontade apparente contra tudo quanto era da eschola e uma pertinaz recusa a attender todas as reclamações de reforma, que a eschola fazia, para ser definitivamente orientada na sua missão.

Em 1887 tendo passado em côrtes uma lei para a creação dos lyceus do sexo feminino, o corpo docente da Eschola Maria Pia entendeu ser ensejo de envidar todos os seus melhores esforços para realisar a desejada reorganisação no sentido de poder habilitar-se a ser ella depois transformada no projectado lyceu.

No conselho escholar, houve sempre desde o principio, duas correntes, que se não póde bem dizer oppostas, mas de alguma maneira diversas.

O professorado queria naturalmente que o ensino theorico prevalecesse ao ensino pratico, a directoria, inspirada nos intuitos da fundação, queria que a preferencia fosse dada ao ensino pratico, sem desprezo do theorico. Era apenas uma dissidencia sobre os quantitativos, pois que no programma todos estavam de accordo. Mas quando a indole e feição da concorrencia, procurando muito preferidamente a lição scientifica e a necessidade de orientar definitivamente a eschola, appareceram, no ensejo de se habilitar ella a lyceu feminino, a harmonia de votos foi completa e a vereação deu á Eschola Maria Pia, a organisação de agosto de 1890, pela qual o curso passava a ser de quatro annos, em vez dos tres com que nascera e o programma das disciplinas se emparelhava aos do lyceu.

Foi nessa epocha que se alargou o ensino da lingua portugueza, accrescentando-se-lhe o de litteratura, que se restringiu o ensino do francez e do inglez, que, no programma antigo abrangia todos os annos do curso e se supprimiu o ensino do allemão, por ter sido supprimido tambem no curso obrigatorio dos lyceus. Foi nessa epocha egualmente que se accrescentou o programma com cadeira de pedagogia e com a lição de musica.

Tinha, pois, uma orientação definida a Eschola Maria Pia, orientação que essencial e fundamentalmente não era antagonica com a primeira, e era harmonica com as aspirações das alumnas e com as dos professores.

De que servia com effeito um curso pratico de typographia e outro de telegraphia; se no decurso de cinco annos, esses cursos não se chegaram a abrir, por não se haver matriculado nelles nem uma só alumna? De que servia mesmo o curso especial de escripturação commercial, se nelle só se matriculavam por curiosidade algumas alumnas, e se nem uma só, d'entre as que sahiram habilitadas, quiz nunca utilisar-se da habilitação para entrar na carreira do commercio, como guarda-livros, ou pelo menos como *dame de comptoir?*

A eschola tinha emfim a orientação que precisava ter. Preparava alumnas para a matricula na eschola normal, ou directamente para a habilitação ao magisterio primario, aureo sonho da maior parte das meninas que a frequentavam, e preparava para os exames do lyceu, poupando o desagrado da frequencia promiscua dos dois sexos nas aulas do mesmo

lyceu, e tendo as doutrinas ensinadas quasi pelos mesmos professores, com a vantagem ainda de serem gratuitas as matriculas.

Além d'isto continuava a ministrar gratuitamente uma educação muito mais do que regular ás meninas pobres, que queriam enriquecer o seu dote com o thesouro de alguns conhecimentos scientificos, de alguma familiaridade com as linguas, e de muitas prendas e lavores proprios do sexo.

Sobretudo a eschola tinha agora um fim pratico, o que no periodo de incertezas não tinha.

O ensinamento das pequenas industrias ou industrias domesticas, que foi parte, talvez o essencial do seu primitivo intuito, havia-se mallogrado completamente, ou culpa da direcção dada aos estudos, ou culpa das aspirações da totalidade das educandas.

E' certo que a ex.ma Camara Municipal promettera nos annuncios de abertura de matricula dos primeiros annos, assegurar uma collocação ás alumnas que terminassem o curso. Prometteu, mas só cumpriu parcial, tardia e insufficientemente, admittindo algumas das antigas discipulas da eschola, em cargos escholares da mesma ou de outras escholas municipaes.

A promessa supprimiu-se dos annuncios, e a frequencia não enfraqueceu, apezar de se não saber bem ao certo para que habilitava o curso, a não ser para a acquisição de conhecimentos, sempre proveitosos.

E tanto é assim que das discipulas da eschola, umas com o curso concluido, outras com elle incompleto, têm 24 conseguido matricular-se na eschola normal, 50 têm ganho honradamente os meios de subsistencia, abrindo collegios ou leccionando particularmente em instrucção primaria, 10 têm completado a habilitação para o magisterio, ou no curso da eschola normal ou no exame especial perante o jury, 6 estão empregadas em diversas occupações ou no secretariado da eschola ou na classe de monitoras de outras escholas e innumeras têm recolhido á vida da familia prendadas e habilitadas, umas fazendo a escripturação commercial da casa paterna, outras trabalhando para fóra, algumas habilitando-se para cursos superiores, muitas ostentando simplesmente uma educação que nunca tinham esperado alcançar, entre o desvanecimento das familias e as suas bençãos aos instituidores da generosa eschola, que já proporcionou pão a algumas meninas filhas de boas familias, cahidas na desgraça, que já evitou o terrivel dilemma da miseria ou da deshonra a algumas d'ellas.

Estava nestas condições a Eschola Maria Pia, quando a veiu surprehender o decreto de 26 de setembro de 1891, pelo qual a instrucção municipal passava de novo para o governo.

Este decreto que por bastantes mezes foi letra morta, serviu para abrir um novo periodo de fluctuação e incerteza á eschola, qual dizendo que ella ficaria a cargo da Camara, qual antevendo que ella passaria com as outras escholas para o ministerio de instrucção publica, e qual asseverando que o ministerio, a herdal-a, a supprimiria, que a Camara, a conserval-a, a supprimiria tambem.

Foi, pois, por alguns mezes a verdadeira *res nullius,* e até que o decreto de 6 de maio de 1892, lhe assignou o destino, sob a gerencia da direcção geral de instrucção publica, para ser reformada dentro do quadro de instrucção primaria, e dentro de uma verba orçamental mais pequena do que a que lhe assignara o orçamento camarario.

E' claro que sendo esta memoria simplesmente descriptiva, não cabe aqui qualquer commento sobre o alcance ou intuitos de uma reforma, que está ainda para se fazer.

Mas convém dizer que, nesta vida tão accidentada, tão desalentada e por vezes tão sem esperanças, a corporação do professorado da eschola, sempre mesquinha e ridiculamente paga, sempre na incerteza do dia de ámanhã, sempre a luctar com a má vontade das vereações, cumpriu sempre, sem o menor desfallecimento, os seus deveres, ministrando ensino regular, assiduo, dedicado, proficuo, e digno de melhor sorte e recompensa.

E pois que se falla do que deve ser o fundamento dos melhores elogios da eschola, diga-se tambem que, sendo a frequencia sempre de mais de 50 meninas, poucas na segunda infancia e a maior parte d'ellas na puberdade, das mais variadas precedencias e condições sociaes, não houve nunca, no longo decurso de sete annos completos a apontar ou a lastimar um facto, um só que fosse, que podesse lançar a minima sombra de suspeita, a nodoa mais tenue sequer na correcta moralidade e honestidade da eschola.

São estes os seus titulos de nobreza.

Dada a noticia historica da Eschola Maria Pia, disse-se o sufficiente da sua situação actual, que é de espectativa apenas, embora continue funccionando sob o seu antigo regimen e á hora em que isto se escreve haja annunciado a abertura da sua matricula para o anno lectivo proximo futuro, nas mesmas condições em que a annunciára nos annos anteriores.

A Eschola Maria Pia póde não corresponder a uma necessi-

dade indeclinavel, mas corresponde certamente a uma utilidade indiscutivel, já derivando da promiscuidade da frequencia dos lyceus a corrente de alumnas do sexo feminino, a quem essa promiscuidade desagrada, já habilitando directamente para determinados e uteis destinos, aquellas que, sem tal auxilio, não lograriam, por carencia de recursos pecuniarios, alcançar a desejada habilitação.

E sobre tudo, ao mesmo tempo que instrue, educa, harmonisando assim dois dos melhores intentos das escholas,—a cultura do intellecto e do senso moral, tão desgraçadamente menos presada em todos os processos pedagogicos e tão desgraçadamente influindo nos destinos da humanidade.

Ainda quando outro serviço não prestasse, a Eschola Maria Pia preparava futuras mães de familia, honestas, intelligentes e laboriosas.

(Continúa). ANTONIO MANUEL DA CUNHA BELLEM.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

CRANIOS PORTUGUÊSES

(Cont. do n.º 2, pag. 95)

VII

Variações ethnicas da capacidade

A capacidade é um dos caracteres anthropologicos que accusa em geral variações mais frequentes, e por vezes mais extensas, quando se passa dum para outro grupo ethnico. Essas variações, porém, não estão só, como muitos suppõem, em relação immediata com o valor intellectual desses grupos ethnicos. Dentro duma população bastante homogenea, encontram-se muitas vezes differenças de capacidade maiores do que as que existem entre raças differentes e muito afastadas; e, para contraste, vêem-se frequentemente approximações notavelmente grandes entre as capacidades de raças muito diversas e muito destacadas, não só debaixo do ponto de vista somatico, como tambem até debaixo do ponto de vista moral e social.

Pela capacidade, um português de Traz-os-Montes afasta-se mais dum da Beira-Alta do que um polynesio dum parisiense! (1).

Pela capacidade, o esquimó approxima-se mais do parisiense do que este do francês de Auvergne! (2).

---

(1) Segundo as cubagens do dr. Ferraz de Macedo, a capacidade média do transmontano é de 1507cc.27, e a do beirão viziense de 1596cc.62. Pelas observações de Broca (Topinard, *Éléments d'Anthropologie générale*, pag. 611), a capacidade dos polynesios é de 1500cc e a dos parisienses contemporaneos de 1559cc.

(2) A capacidade média dos esquimós approxima-se da dos europeus,

Pela capacidade, finalmente, o saboiano é mais um esquimó do que um europeu! (1).

Estas affirmações que, sem duvida, rebatem a futil e tão generalisada pretenção dos que querem ver na grandeza do cranio duma certa raça ou dum outro qualquer grupo ethnico um attestado do valor e grau de sua intellectualidade, fundamentam-se em factos observados por anthropologistas da maxima confiança. E não é nada difficil provar a sua veracidade. Se tomarmos uma tabella de Broca, em que se acham consignadas algumas centenas de observações feitas na intenção de determinar os valores da capacidade média dos differentes povos; se nella eliminarmos algumas observações que se referem a cranios prehistoricos e alguns historicos, estudados em séries muito pequenas; e se, por ultimo, distribuirmos os povos que figurarem nessa tabella, pela ordem decrescente da sua capacidade, obteremos o seguinte quadro:

Bretões	1599cc
Auvergnezes (S.t Nectaire)	1598
Bascos de Zaraus	1584
Baixo-Bretões	1565
Parisienses modernos.....	1560
Saboianos	1538
Esquimós	1535
Hollandezes.....	1530
Chinezes	1518
Javanezes.....	1500
Néo-Caledonios	1460
Negros diversos	1423
Australianos.....	1347

Analysando-o, podem tirar-se sem grande difficuldade as cinco seguintes conclusões, que, como é facil de ver, envolvem as affirmativas que assim fizemos e a que nos acabamos de referir: 1.ª—a cada povo corresponde uma certa capacidade; 2.ª—áparte uma unica excepção, as raças supe-

---

e parece mesmo chegar a exceder o valor da de alguns destes povos—italianos, por exemplo. Pelas cubagens de Broca, o seu valor é 1535; pelas de Flower, 1546cc. Este numero não é propriamente aquelle que figura nas tabellas de Flower, mas sim o que se obtem juntando-lhe 75cc, valor da differença que em média existe entre as cubagens de Broca e de Flower (Topinard, *loc. cit.*, pag. 614).

(1) A capacidade média do saboiano é de 1538cc (Broca).

riores têem, em média, um cranio bastante superior ao das outras raças; 3.ª — a ordenação dos grupos ethnicos pelo valor da sua capacidade craniana não corresponde á ordenação desses grupos pelo seu valor intellectual; 4.ª — as maiores capacidades pertencem aos povos mais intelligentes ou aos mais robustos; 5.ª — as variações da capacidade nos europeus parecem ser principalmente dominados pelas da massa organica.

A primeira conclusão salta logo á vista, e mostra que a capacidade só por si, e independentemente de qualquer interpretação, é um caracter ethnico de alguma importancia, que se não deve desprezar.

A segunda tira-se tambem muito facilmente, e póde servir para mostrar que ha alguma relação entre o augmento da intellectualidade e o da capacidade craniana.

Finalmente, a terceira, a quarta e a quinta mais importantes do que qualquer das outras, não sendo tambem difficeis de tirar, mostram a falsidade da these muitas vezes apresentada, de que as maiores capacidades pertencem aos grupos ethnicos mais intelligentes.

E' difficil provar a superioridade intellectual do bretão, do auvergnez ou do basco sobre o parisiense, mas é facil demonstrar que aquelles são bastante mais robustos do que este, e que consequentemente se deve attribuir a elevação de capacidade a uma elevação da massa organica.

E' impossivel provar-se a superioridade ou egualdade intellectual do esquimó, relativamente ao hollandez, ou ao saboiano; mas é não só possivel, como tambem facil mostrar que aquelle é mais robusto do que estes, e que carece e deve ter uma vida mais activa do que elles para luctar com as condições pouco favoraveis dos climas hyperboreos.

Não ha differença notavel entre a intellectualidade dum néo-caledonio e dum australiano, por exemplo, que possa explicar a da capacidade craniana que se encontra entre aquelle e este, mas ha uma differença da massa organica sufficiente para a attribuir a esta causa (1).

Em ultima analyse, se nos permittem a expressão, podemos dizer que as grandes capacidades não só se conquistam por uma alta intellectualidade e por um grande poder de vida psychica, como tambem, muitas vezes, por uma forte anima-

---

(1) O Néo-Caledonio é alto e robusto; o australiano é, em geral, delgado.

lidade e por um grande poder de vida organica. Não é nova esta these. Em mais dum logar, por mais duma vez, e sob mais duma fórma, a temos apresentado já; mas agora insistimos nella, e pômol-a em fóco, para que juntando-a ao facto notado atraz, de que as variações de capacidade nos europeus são principalmente dominadas pelas da massa organica, possamos justificar o proceder que seguimos no estudo das variações da capacidade craniana do português, que se podem ter como productos de influencias ethnicas.

Neste estudo, utilisámos as capacidades médias provinciaes determinadas pelo dr. Ferraz de Macedo; determinámos o sentido das suas variações; attribuindo-as a simples influencia da massa organica, procurámos determinar a intensidade da penetração dos differentes elementos ethnicos, cuja presença ou influencia se póde reconhecer pelo estudo de alguns dos caracteres ethnicos principaes—indice cephalico, indice nasal e estatura; e, por ultimo, tratámos de ver se pela capacidade se poderia avançar alguma coisa mais no destrinçamento dos elementos ethnicos da população portuguêsa. Os resultados a que chegámos são interessantes, e vão expostos com a maior cautela. Não encobrimos propositadamente nenhuma duvida, nem nos abalançamos precipitadamente á solução do nosso problema ethnico. Dizemos o que vimos, e procuramos ligar as conclusões do nosso pequeno estudo a outras já tiradas de trabalhos mais vastos, mais completos, e de muito maior valor.

A capacidade média de Portugal, segundo 1030 observações do dr. Ferraz de Macedo, é de $1572^{cc}.72$ nos homens e de $1399^{cc}.47$ nas mulheres.

O português, sendo, em média, mais pequeno do que o parasiense contemporaneo ($1641^{mm} < 1649^{mm}$) (1), tem, consequentemente, uma capacidade craniana maior do que a deste ($1572^{cc} > 1559^{cc}$ para os homens, e $1399^{cc} > 1337^{cc}$ para as mulheres) (2). Esta observação não tem a importancia que parece ter á primeira vista; não lhe cabe o valor que muitos, pro-

---

(1) O numero 1641^{mm} é o valor da média a que chegou Severino de Sant'Anna Marques (*Estudo de anthropometria portuguêsa*, 1898, pag. 56), estudando a estatura de 1444 portuguêses contemporaneos. O numero 1649^{mm} é o indicado por Topinard, como sendo a média mais baixa que se tem obtido, estudando a estatura dos parisienses contemporaneos (*Éléments d'Anth. générale*).

(2) Os valores a que nos referimos, são os determinados por Broca (Topinard, *loc. cit.*, pag. 611).

vavelmente, julgariam poder attribuir-se-lhe. Seria perfeitamente futil, na verdade, perder tempo na interpretação das variações dum caracter dependente de tantos factores e de tantas influencias, sem conhecermos nem o valor daquelles, nem o sentido, nem a intensidade, nem sequer a natureza destas.

Contentemo-nos, por isso, com o simples conhecimento da capacidade média geral dos portuguêses, caracter que, independentemente de qualquer interpretação, deve ser posto ao lado de outros caracteres geraes já estudados — dolichocephalia (1), leptorrhinia (2), estatura abaixo da mediana (3).

O estudo da capacidade média da série portuguêsa, como acabamos de ver, pouco dá e de pouco serve, quando consideramos aquella serie na sua totalidade. Não succede, porém, isso, quando a fraccionamos para o estudo das capacidades médias provinciaes. Então, surgem-nos mais elementos; attrahem-nos mais problemas; apparece-nos bom campo para investigação; e podemos com muito mais segurança e com muito melhores meios tentar a exploração anthropologica.

Se aguarellarmos uma carta de Portugal com uma tinta duma só côr, e por fórma a que o tom desta se vá reforçando de provincia para provincia, pela ordem crescente das capacidades médias provinciaes, obtem-se um mappa representativo da distribuição geographica da capacidade craniana dos portuguêses (4).

As provincias em que a capacidade média é mais elevada, possuem os tons mais escuros, emquanto que aquellas, em que a capacidade média é mais baixa, possuem, pelo contrario, os mais claros.

Com um simples relance d'olhos, reconhece-se logo, examinando o mappa de que fallamos, uma irregularidade notavel, na

---

(1) O indice cephalico medio dos portuguêses é 74.55, segundo o dr. Alvaro Basto (*Indices cephálicos dos portuguêses*, pag. 29); 74.46, segundo o dr. Ferraz de Macedo (dr. Alvaro Basto, *loc. cit*, pag. 62), 74.28, segundo o sr. Severino Marques (*loc. cit.*, pag. 51). Este ultimo numero indica o valor do indice cephalico propriamente dicto; fazendo, porém, a reducção, acha-se um indice craniometrico que coincide com os determinados pelos drs. Alvaro Basto e Ferraz de Macedo.

(2) A leptorrhinia dos portuguêses é provada pelo sr. Severino Marques (*loc. cit.*, pag. 55). Segundo este senhor, o nosso indice nasal medio é 65.13.

(3) A estatura média dos portuguêses — 1641^{mm}, segundo o sr. Severino Marques (*loc. cit.*, pag. 56) — pertence ao grupo das estaturas abaixo da mediana (1^{m},65 a 1^{m},60).

(4) No fim do livro, encontrar-se-ha entre as tabellas, uma reproducção dum mappa de Portugal, aguarellado pela maneira que indicamos.

distribuição das manchas. Das duas mais claras, uma fica ao norte, Traz-os-Montes, e outra ao sul, Alemtejo. As duas mais escuras ficam ambas para o norte, mas uma no Minho e outra na Beira-Alta. E' nesta ultima provincia que se encontra o tom mais carregado.

Estas simples observações mostram alguns factos novos e muito curiosos. Em primeiro logar, nota-se uma differença grande entre a capacidade média de dois provincianos, que pelo indice cephalico se podiam suppôr affins (1)—o transmontano e o beirão (Vizeu). Em segundo, vê-se que pela capacidade o minhoto se afasta muito do alemtejano, não obstante, ambos pertencerem a duas das tres provincias em que se encontram os nossos mais elevados indices cephalicos (2). O primeiro facto confirma a conclusão já anteriormente (3) deduzida, de que parece existir no seio da nossa população dois elementos ethnicos dolichocephalos, distinguiveis pela grandeza do cranio. O segundo fundamenta a supposição feita já pelo dr. Alvaro Basto, de que a causa que determinou a elevação do indice cephalico, na nossa provincia do Alemtejo, não é a mesma que determinou a elevação desse indice no Minho.

Numa palavra, a capacidade do cranio denuncia a existencia de dois elementos ethnicos dolichocephalos, um de cabeça pequena, dominante em Traz-os-Montes, e outro de cabeça grande, dominante na Beira-Alta; e dois brachycephalos, um de cabeça grande, dominante no Minho, e outro de cabeça pequena, dominante no Alemtejo e tambem no Algarve, visto que esta ultima provincia possue uma capacidade média bastante inferior á do Minho, não obstante ter um indice cephalico medio quasi tão elevado como o desta (4).

Fonseca Cardoso, no seu bello estudo *O Minhoto d'entre*

---

(1) Segundo observações do dr. Ferraz de Macedo, a menor capacidade média de Portugal é a de Traz-os-Montes (1507^{cc}.27) e a maior, a da Beira-Alta (1596^{cc}.62). Por observações ainda do dr. Ferraz de Macedo (dr. Alvaro Basto, *loc. cit.*, pag. 62), o indice cephalico medio de Traz-os-Montes é 72.49 e o da Beira-Alta 72.59. Os dados obtidos no vivo pelo sr. Severino Marques (*loc. cit.*, pag. 48) dão 75.65 para Traz-os-Montes e 75.19 para a Beira-Alta.

(2) O indice cephalico medio do Minho, o mais elevado do paiz, é 75.71, no cranio (dr. Ferraz de Macedo) e 77.34 no vivo (Severino Marques).

O indice cephalico medio do Alemtejo, o terceiro do paiz, é 74.83 no cranio (dr. Ferraz de Macedo) e 76.34 no vivo (Severino Marques).

(3) Cap. IV—*Variações da capacidade com o indice cephalico*, pag. 51.

(4) O indice cephalico medio do Algarve, o segundo do paiz, é 75.29 no cranio (dr. Ferraz de Macedo) e 76.91 no vivo (Severino Marques).

Cavado e Ancora (1), apresenta como elementos concorrentes na composição do minhoto actual uma raça brachycephala, de que abaixo fallaremos, e duas dolichocephalas (2). Destas, uma, «de estatura baixa, morena, mesopsida e mesorrhinica», é referida ao typo de Baumes-Chaudes ou Cro-Magnon, a que já Paula e Oliveira (3) referira alguns cranios prehistoricos dolichocephalos da Extremadura, e é considerada como o fundo autochtone da nossa população; outra, «de alta estatura dolichocephala, mesaticephala, dolichopsida e de nariz longo e fino, leptorrhinio, normalmente convexo, olhos claros e cabellos louros ou ruivos», é denominada *nordica,* identificada com o typo proto-historico gaulez, de que Paula e Oliveira (4) falla a proposito das necropoles de Alcoutão e Abujarda, nos arredores de Cascaes, e referida, por ultimo, ao typo dos *Reihengraber,* de Hallslatt (5).

Poder-se-hão referir a estes os dois typos dolichocephalos, que descobrimos, pelo estudo da capacidade? Vamos vêl-o.

A exiguidade craniana do dolichocephalo transmontano é testimunhada pelo pequeno valor da sua capacidade média, 1507^{cc}.27—segundo observações feitas pelo dr. Ferraz de Macedo em 34 cranios de Traz-os-Montes. Quando mais não houvesse, esta simples observação, tomada á vista de considerações, que acima expendemos, faria logo suppôr que o transmontano era um typo em que a massa organica tinha um valor muito baixo, por consequencia um representante, provavelmente, dum elemento ethnico de baixa estatura, referivel talvez ao typo autochtone (Cro-Magnon, Baumes-Chaudes). Felizmente, porém, ha muitos mais elementos a que recorrer para a demonstração desta these.

Severino Marques determinou o valor da estatura média, do indice nasal medio e do indice cephalico medio, tambem, da provincia de Traz-os-Montes em 200 casos, e achou que aquella provincia era não só a provincia de Portugal que tem o indice nasal mais elevado (66.92) e um dos indices cephalicos mais baixos (75.65), como tambem a que tem a menor esta-

---

(1) *Portugalia,* n.º 1, pag. 23.

(2) *Portugalia,* n.º 1, pag 50.

(3) *Notes sur les ossements humains existants dans le musée de la commission des travaux géologiques.* (Communicações da commissão dos trabalhos geologicos de Portugal, tom. II, fasc. I, pag. 10).

(4) *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes.* (Communicações da commissão dos trabalhos geologicos de Portugal, tom. II, fasc. I, pag. 99).

(5) *Portugalia,* n.º 1, pag. 27.

tura (1633^{mm}) do paiz. O dr. Alvaro Basto chegou, estudando as observações do dr. Ferraz de Macedo, á conclusão de que o minimo do indice cephalico se encontra na provincia de que fallamos (72.49), e de que a dolichocephalia que se manifesta nella se continúa com a das provincias hespanholas de Zamora e Leão, onde Olóriz suppõe encontrar-se mais bem conservados os elementos da antiga população peninsular (1). Finalmente, comparando a estatura, o indice cephalico e o indice nasal do transmontano, com a estatura, o indice cephalico e o indice nasal dos habitantes do cantão de Laforce (Bergerac), do districto de Riberac e do tunisiano de Ellez e Medjerdah, onde o dr. Collignon suppõe existir os representantes mais puros da raça de Cro-Mognon (2); e além destes, com o do minhoto do concelho de Ponte do Lima, em cujos valles Fonseca Cardoso encontrou menos misturado o typo dolichocephalo baixo com o typo de Cro-Magnon (Baumes-Chaudes) (3), vê-se como se póde referir a este o typo baixo dolichocephalo, mesorrhinico, de cabeça pequena do transmontano actual.

Quadro comparativo dalgumas medidas anthropometricas do transmontano actual

REGIÕES	ESTATURA	INDICES	
		Cephalico	Nasal
Traz-os-Montes (Severino Marques)	1633	75.6	66.9
Minho, concelho de Ponte do Lima (Fonseca Cardoso)	1632	77 8	68.2
Dordogne (dr. Collignon)	Laforce (Bergerac) .. 1634	77.9	68.8
	Riberac 1622	78.7	68.6
Tunisia. Ellez e Medjerdah (dr. Collignon).	1634	74.5	72.0

O typo dolichocephalo de cabeça pequena identifica-se, portanto, com o dolichocephalo, moreno, de baixa estatura, existente no Minho.

Identificar-se-ha, porém, o typo dolichocephalo de cabeça grande, que encontramos na Beira-Alta, com o dolichocephalo

(1) *Distribución geográfica del indice cefálico en España*, pagg. 166 e 232.

(2) *Anthropologie de France*. Dordogne, 1891, pag. 57; *Étude sur l'Éthnographie générale de la Tunisie*, 1887.

(3) *Loc. cit.*, pag. 43.

alto e loiro, que Fonseca Cardoso encontra tambem no Minho? Parece-nos que não.

A capacidade média da Beira-Alta, segundo observações feitas em 16 cranios do districto de Vizeu pelo dr. Ferraz de Macedo, é de 1596^{cc}.62, a maior capacidade de Portugal. Esta conclusão, embora deduzida duma série insufficiente, conduz-nos a resultados perfeitamente confirmados por trabalhos anthropologicos mais completos. Attendendo, na verdade, ás considerações que utilisámos logo no principio da interpretação da pequena capacidade do transmontano, lembrando-nos de que as causas principaes das variações do volume cerebral são as variações da massa organica, deve attribuir-se o grande volume do cerebro viziense a uma grande superioridade na massa do organismo, e muito provavelmente na estatura. O dolichocephalo da Beira-Alta tem um cranio muito maior do que o de Traz-os-Montes, naturalmente porque é muito mais alto do que este. E a razão, na verdade, parece ser esta, visto que a estatura do beirão de Vizeu é a mais alta do paiz (1674^{mm}, segundo 100 observações de Severino Marques), emquanto que a de Traz-os-Montes é a mais pequena.

Confirmada, assim, a conclusão que deduzimos no nosso estudo da capacidade, póde-se affirmar que o dolichocephalo da Beira se distingue bem do de Traz-os-Montes pela sua estatura e pelo seu volume cerebral. Não só porém, são, estes dois caracteres aquelles a que podemos recorrer para destrinçar estes dois typos provinciaes. O indice nasal presta-se tambem a esse destrinçamento. O beirão é mais leptorrhinio do que o transmontano; tem um indice nasal medio duas unidades superiores ao daquelle (64.63, segundo 100 observações de Severino Marques).

Em uma palavra, embora o beirão tenha um indice cephalico quasi egual ao do transmontano — 72.59 no cranio (dr. Ferraz de Macedo), 75.19 no vivo (Severino Marques) — é muito mais alto do que elle, tem um cranio muito mais volumoso e um indice nasal um pouco inferior.

O dolichocephalo alto de Vizeu, não parece, porém, poder identificar-se com o dolichocephalo alto e leptorrhinio do Minho, typo *nordico* de Fonseca Cardoso. A estatura do viziense coincide, é verdade, com a estatura média do typo proto-historico das necropoles de Alcoutão e Abujarda (*gaulez* de Paula e Oliveira, *nordico* de Fonseca Cardoso) (1); mas o indice ce-

---

(1) Fonseca Cardoso, reconstituindo com as medidas de Paula e Oli-

phalico daquelle é bastante inferior ao indice 79, privativo da raça dolichocephala do norte, e o seu indice nasal é, pelo contrario, muito superior ao indice nasal medio da villa de Ponte do Lima, onde Fonseca Cardoso encontra mais livre de mixtura o typo *nordico*—dolichocephalo, hyperleptorrhinio e loiro. Demais, não se podem attribuir estes afastamentos a um cruzamento da raça dolichocephala alta do norte com a raça dolichocephala baixa do sul, visto que é muito para notar a coincidencia do indice cephalico medio da Beira-Alta com o de Traz-os-Montes, não obstante a differença grande que existe entre a estatura, a capacidade, e, até certo ponto, o indice nasal medio das duas provincias.

Todos estes factos nos levam á convicção de que o typo dolichocephalo alto da Beira-Alta é differente do typo *nordico* do Minho. Sendo assim, não deveremos antes suppôr que o beirão representa «um certo typo moreno de elevada estatura, mesorrhinio, com o mento saliente, lembrando muito o typo grande de Cro-Magnon» que Fonseca Cardoso encontrou no seio da população minhota, sem localisação definida (1)?

---

veira a estatura dos habitantes proto-historicos de Alcoutão e Abujarda, encontrou para estes a média 1m,67, que coincide com a determinada por Severino Marques, na população actual da Beira.

(1) Oito medidas do indice facial (Diam. long.=Ophryon-mento) feitas pelo sr. João Varella em cranios de Vizeu, e quatro medidas daquelle indice, feitas pelo mesmo, em quatro cranios de Traz-os-Montes, levam ao indice facial medio 108.06 para a primeira provincia e 106.64 para a segunda.

Dezesete medidas do indice orbitario feitas pelo sr. Vasco d'Oliveira em dezesete cranios de Vizeu, e quatro medidas do mesmo indice, feitas tambem por aquelle senhor em quatro cranios de Traz-os-Montes, levam aos indices medios, 85.7 para a Beira-Alta e 81.5 para Traz-os-Montes. Estas medidas mostram, além d'isso, uma grande frequencia de orbitas megasemas, na primeira destas provincias.

Estes factos, deduzidos de séries muito insufficientes, parecem mostrar uma certa desegualdade entre a fórma da face e a das orbitas do transmontano e do beirão.

Poder-se-ha approximar este facto da observação de Quatrefages, que formulou a hypothese de que para a composição ethnica do nosso povo haviam concorrido dois elementos prehistoricos dolichocephalos?

O typo beirão approximar-se-ha do dolichocephalo, dolichopsida, de orbitas redondas que Quatrefages encontrou na collecção dos cranios dos nossos kjœkenmœddings do Tejo e que afastou do typo de Cro-Magnon, a que Paula e Oliveira referia todos aquelles cranios?

Não poderia, até, esta suspeita firmar-se numa observação que Henri Martin apresentou no Congresso de Lisboa (*Compte rendu*, 1880, pag. 305), a proposito e logo em seguida á discussão do cranio n.º 1 de Mugem, feita por Quatrefages, dizendo: «Notei em Castella a presença de homens *grandes, fortes, musculosos, ossudos,* de nariz muitas vezes aquilino, tendo

Talvez. A coincidencia do indice cephalico e a approximação do indice nasal do beirão e do transmontano, inclina-nos muito para essa hypothese; mas, todavia, não queremos agora, por cautela, avançar mais.

Se, ao menos, tivessemos alguns dados sufficientes sobre a côr dos olhos e dos cabellos, ou sobre o indice facial da Beira-Alta.....!

Quadro comparativo dalgumas medidas anthropometricas do transmontano actual

REGIÕES	ESTATURA	INDICES		CAPACIDADE
		Cephalico	Nasal	
Traz-os-Montes (dr. Ferraz de Macedo e Severino Marques).	1633 (200 obs.)	75.65 (200 obs.)	66.92 (200 obs.)	1507cc.27 (34 obs.)
Beira-Alta (dr. Ferraz de Macedo e Severino Marques).	1674 (100 obs.)	75 19 (100 obs.)	64.63 (100 obs.)	1596cc.62 (16 obs.)

Quadro comparativo dalgumas medidas anthropometricas do viziense actual

REGIÕES	ESTATURA	INDICES	
		Cephalico	Nasal
Beira-Alta (Severino Marques)	1 67	75.1	64.6
Villa de Ponte do Lima (Fonseca Cardoso).	1.67	77.8 (1)	59.7

Mas seja o que fôr, o que fica demonstrado, repetimos, é que existem no seio da nossa população dois elementos ethnicos dolichocephalos muito differentes na estatura e na capacidade.

(Continúa). ANTONIO AURELIO DA COSTA FERREIRA.

---

alguma analogia com um typo semitico exagerado, mas sem relação nenhuma com os arabes. Talvez seja representante duma raça antiga prehistorica»?

(1) Este é o valor do indice cephalico medio do concelho de Ponte do Lima, e não propriamente o da villa de Ponte do Lima. Empregamos um pelo outro, por Fonseca Cardoso só ter publicado o indice cephalico medio de todo o concelho. Notaremos, porém, que este anthropologista dá como muito frequente no concelho referido, o indice 79, caracteristico das raças dolichocephalas do Norte.

O ANGULO BIORBITARIO DOS CRANIOS PORTUGUEZES

A IMPORTANCIA E A UTILIDADE DO ANGULO BIORBITARIO

O angulo biorbitario offerece tanto em anthropologia, como em zoologia e anatomia comparada, um interesse bastante grande; o seu estudo é por isso digno de se fazer.

O angulo biorbitario, isto é, a divergencia dos eixos orbitarios varía na escala animal, podendo dizer-se em numeros redondos que o angulo póde ter valores comprehendidos entre 30 e 160°. O valor minimo encontra-se nos primates; o maximo nos roedores e ruminantes.

Apezar do angulo biorbitario ser um caracter muito importante, visto que por elle se determinam os graus de inferioridade e superioridade na serie animal, não se póde dizer que elle tenha um valor decisivo, porque existem numerosas excepções ao caracter que acabamos de expôr. Citaremos nos primates o facto de a maior parte dos anthropoides terem o angulo biorbitario menor do que na especie humana; o que faria, se seguissemos como um caracter de inferioridade o augmento do angulo biorbitario, com que fossemos collocados na escala animal além dos anthropoides, o que seria um absurdo. Ainda assim, apezar d'essas excepções, o angulo biorbitario póde tomar-se como um caracter bastante aproveitavel para a seriação da escala animal.

Podemos tambem servir-nos d'esta medida como um caracter, ainda que pouco preciso, para a distincção das raças. Este angulo é um pouco mais aberto nos cranios do typo ethiopico do que nos dos typos caucasico e mongolico.

A média dos cranios ethiopicos é de 49° emquanto que a dos caucasicos e mongolicos está entre 42,5 e 47°.

*

Como caracter para a seriação da escala animal e segundo medidas por nós feitas sobre uma collecção de cranios de animaes existentes no Laboratorio Anthropologico do Muzeu

da Universidade de Coimbra, achámos para o angulo biorbitario os valores seguintes:

Medições com o orbitostato de Mathieu

ROEDORES

1	Lepus cuniculus	147°

RUMINANTES

1	Ovis aries	130°

PACHYDERMES

1	Equus caballus	105°
1	Sus domesticus	89°

CARNIVOROS

1	Felis domesticus	75°
1	Canis familiaris	68°

CEBIOS

1	Cebus Niger	48°
1	Callitrix torquatus	49°

PITHECIOS

1	Cynocephalus papio	48°
1	Innus silvanus	45°
1	Cercopithecus mona	43°
1	Semnopithecus entelleis	41°
1	Macacus sinicus	39°

ANTHROPOIDES

1	Troglodites niger	42°
1	Hylobates albimanus	40°
1	Gorilla gina ♀	35°
1	Gorilla gina ♂	34°
1	Satirus oran ♂ juvenes	34°

HOMINIOS

1	Homem	42°,5

Como se vê, o decrescimento do angulo biorbitario, quando se passa dos roedores aos ruminantes, depois aos pachydermes, aos carnivoros e emfim aos primates, parece affectar uma

marcha bastante conforme á posição que occupam estas cinco ordens da classe dos mammiferos. Os angulos mais pequenos observam-se como se vê nos anthropoides. A média das nossas cinco medidas é de 37°.

No homem, dizem a maior parte dos anthropologos, que o angulo biorbitario tem por minimo 40° e por maximo 55.

Não foram estes valores por nós achados nos cranios portuguezes, visto que em 136 cranios que medimos não encontrámos valor algum para o angulo biorbitario que excedesse 50°, e mesmo com esta medida, só um encontrámos; e nesses 136 cranios, existem 24 que medem menos de 40° e dos quaes, 7 medem 39, 13 medem 38, 1 mede 37, 1 mede 36 e 3 medem 35°. A média geral que está quasi sempre comprehendida entre 44 e 47°, é nos portuguezes de 42,5°.

Medindo com o orbitostato de Broca 136 cranios portuguezes que fazem parte da collecção do Laboratorio Anthropologico do Muzeu da Universidade, achámos os valores que se seguem:

Numero do cranio	Sexo	Edade	Districto da naturalidade	Valor do angulo
1	M.	37	Braga	45°
2	F.	40	Faro	43°
5	M.	57	Coimbra	38°
6	M.	25	Leiria	39°
7	M.	56	Santarem	37°
8	M.	26	Castello Branco	43°
10	M.	25	Coimbra	46°
14	M.	30	Vianna do Castello	46°
15	M.	41	Coimbra	41°
17	M.	21	Vizeu	42°
20	F.	28	Lisboa	44°
21	F.	34	Coimbra	41°
22	M.	36	Vianna do Castello	41°
26	F.	46	Santarem	40°
28	M.	52	Vianna do Castello	38°
29	M.	42	Vianna do Castello	43°
31	F.	27	Lisboa	40°
32	F.	65	Coimbra	42°
33	M.	55	Coimbra	44°
34	F.	84	Lisboa	46°
35	M.	56	Evora	44°
37	M.	57	Lisboa	44°
43	M.	30	Villa Real	42°
44	F.	80	Lisboa	49°
45	F.	19	Lisboa	47°
49	F.	35	Lisboa	43°

Numero do cranio	Sexo	Edade	Districto da naturalidade	Valor do angulo
50	M.	28	Lisboa	45°
51	M.	35	Lisboa	38°
52	F.	67	Lisboa	43°
53	M.	54	Evora	38°
54	M.	44	Coimbra	38°
56	F.	15	Castello Branco	44°
57	M.	56	Leiria	40°
58	M.	21	Lisboa	45°
59	M.	27	Lisboa	44°
62	M.	35	Santarem	36°
63	M.	45	Coimbra	43°
65	M.	55	Coimbra	39°
66	F.	65	Lisboa	47°
69	M.	60	Santarem	40°
74	M.	60	Vizeu	42°
75	F.	26	Vizeu	44°
76	F.	21	Beja	35°
77	F.	60	Lisboa	38°
78	M.	20	Lisboa	42°
80	M.	16	Lisboa	46°
81	F.	50	Faro	41°
83	F.	22	Lisboa	40°
84	M.	45	Lisboa	39°
85	F.	34	Lisboa	44°
86	F.	60	Lisboa	46°
88	F.	45	Lisboa	40°
89	M.	45	Coimbra	46°
92	F.	70	Coimbra	38°
93	F.	19	Coimbra	49°
94	M.	24	Coimbra	44°
95	M.	23	Vizeu	48°
97	M.	45	Evora	38°
99	F.	70	Coimbra	48°
100	M.	28	Coimbra	39°
102	M.	77	Coimbra	41°
105	M.	55	Coimbra	47°
106	M.	32	Coimbra	45°
108	M.	30	Coimbra	45°
109	F.	25	Leiria	45°
113	M.	50	Coimbra	41°
116	F.	34	Coimbra	50°
119	M.	80	Coimbra	43°
124	M.	50	Vizeu	42°
125	M.	40	Leiria	42°
128	M	36	Coimbra	42°
133	M.	47	Porto	44°
136	M.	27	Porto	35°
137	M.	28	Porto	47°
138	F.	68	Porto	40°
140	F.	45	Porto	42°

Numero do cranio	Sexo	Edade	Districto da naturalidade	Valor do angulo
141	F.	60	Braga	45°
143	F.	40	Porto	43°
146	M.	45	Braga	44°
147	M.	44	Vizeu	40°
152	M.	48	Aveiro	38°
153	M.	32	Vizeu	42°
154	M.	30	Porto	49°
156	F.	19	Bragança	45°
157	M.	48	Porto	38°
158	M.	90	Porto	41°
159	F.	60	Braga	45°
160	F.	32	Porto	48°
161	M.	69	Vianna do Castello	42°
162	M.	37	Vizeu	44°
163	M.	49	Vizeu	38°
165	F.	?	Porto	46°
167	M.	30	Porto	41°
169	M.	50	Porto	42°
170	M.	19	Vianna do Castello	43°
171	M.	60	Porto	42°
174	F.	40	Aveiro	43°
175	F.	22	Porto	48°
177	F.	60	Porto	46°
178	F.	50	Porto	41°
180	F.	50	Porto	45°
181	F.	31	?	39°
183	M.	70	Coimbra	41°
184	M.	58	Porto	42°
186	M.	68	Porto	38°
187	F.	64	Porto	40°
193	M.	45	Vianna do Castello	44°
196	F.	45	Porto	42°
197	M.	42	Vizeu	45°
199	F.	47	Porto	41°
200	F.	89	Porto	41°
201	F.	55	Porto	42°
203	M.	70	Aveiro	40°
206	F.	45	Porto	43°
208	F.	28	Vizeu	49°
209	F.	45	Porto	44°
211	M.	23	Porto	43°
212	M.	72	Coimbra	41°
213	F.	47	Porto	47°
216	M.	23	Porto	43°
217	M.	50	Porto	42°
218	F.	40	Aveiro	42°
220	F.	40	Porto	39°
221	M.	28	Vizeu	42°
222	M.	42	Porto	44°
223	M.	34	Porto	49°

Numero do cranio	Sexo	Edade	Districto da naturalidade	Valor do angulo
224	F.	70	Porto	42°
225	M.	50	?	41°
228	M.	58	Coimbra	44°
231	M.	42	Coimbra	45°
235	M.	65	Coimbra	45°
237	M.	48	Coimbra	43°
239	F.	95	Coimbra	39°
240	M.	44	Leiria	42°
241	M.	30	Lisboa	38°
242	F.	50	Aveiro	35°

A média dos valores do angulo, que, como dissemos, é de 42,5°, quasi que coincide com o maximo de frequencia que é 42°.

Nos 136 cranios que medimos, existem 3 de 35, 1 de 36, 1 de 37, 13 de 38, 7 de 39, 10 de 40, 14 de 41, 21 de 42, 14 de 43, 16 de 44, 13 de 45, 8 de 46, 5 de 47, 4 de 48, 5 de 49 e 1 de 50°. Fazendo a seriação por sexos e edades, achámos 16 cranios de 15 a 25 annos dos quaes, 9 são do sexo masculino e medem: 2-42, 3-43, 1-44, 1-45, 1-46 e 1-48°; dos 7 do sexo feminino, 1 mede 35, 1-40, 1-44, 1-45, 1-47, 1-48 e 1-49°.

De 25 a 40 annos ha 35 cranios dos quaes, 24 são do sexo masculino e medem: 1-35, 1-36, 2-38, 1-39, 1-40, 2-41, 4-42, 1-43, 2-44, 4-45, 2-46, 1-47 e 2-49°; os outros 11 são do sexo feminino e medem: 1-39, 1-40, 1-41, 1-43, 3-44, 1-45, 1-48, 1-49 e 1-50°.

De 40 a 60 annos achámos 53 dos quaes, 37 são do sexo masculino e medem: 8-38, 2-39, 2-40, 3-41, 5-42, 4-43, 8-44, 2-45, 1-46 e 2-47°; dos 16 femininos, 1 mede 35, 1-37, 1-39, 2-40, 2-41, 4-42, 4-43 e 1-44°.

De 60 a 90 annos ha 31 dos quaes, 13 são do sexo masculino e medem: 1-38, 1-39, 2-40, 4-41, 3-42, 1-43 e 1-45°; dos 18 do sexo feminino 2 medem 38, 2-40, 2-41, 2-42, 1-43, 3-45, 3-46, 1-47, 1-48 e 1-49°.

O quadro seguinte indica o logar occupado pelos portuguezes no quadro feito segundo medidas de P. Broca e citado nas suas *Memorias* a pag. 510 do tomo IV.

Typos	Valores do angulo	Médias
Caucasico		
136 Portuguezes	entre 35 e 50°	42°,5
2 Bascos	44 e 45°	44°,5
3 Parisienses	43, 45 e 50°	46°
1 Russo do Norte	46°	46°
3 Baixo-Bretões	42, 47 e 49°	46°
2 Corsos	41 e 45°	48°
1 Grego	50°	50°
2 Auvergnat	50 e 52°	51°
Mongolico		
1 Cossaco	43°	43°
2 Chinezes	42 e 47°	44°,5
2 Ilhas Marquezas	45 e 47°	46°
1 Deserto da Mongolia	55°	55°
Ethiopico		
8 Negros	(2-45) (1-48) (1-49) (1-50) (2-52) (1-54°)	50°
5 Nubianos	43, 48, 50, 54, 55°	50°
1 Neo-Caledonio	50°	50°

AGOSTINHO VIEGAS DA CUNHA LUCAS.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

RIMAS

I

1

Á barca do coração
Dei por piloto a vontade;
No meio da tempestade
Perdeu o piloto a razão.

2

Os olhos castanhos têm
Fama de serem leaes:
Sam sempre leaes tambem,
Mas ao algoz, os punhaes.

3

Tu não mereces, Maria,
O nome da Mãe de Deus,
Pois não te doe a agonía
Destes meus olhos nos teus.

4

Quando te forem dizer
Que eu que morrí de te amar,
A quem a nova te der
Responde tu a cantar;

Pois se chorasses então
Sería grande peccado:
Ninguem mente a coração
Que já por Deus vae levado.

5

Não me perguntes, Maria,
Se passo mal, se vou bem;
Melhor do que tu, ninguem
A ti te responderia:

Meu bem e mal nem meus sam
Desque em ti vejo, querida,
A luz do meu coração,
O norte da minha vida.

II

Com vossos olhos mataes,
E todavía, Senhora,
Graças vos dá quem olhaes,
Pois diz ao morrer: agora
Sam de velludo os punhaes.

III

Dizes: «nunca um só laço em vida nos prendeu,
Pois nem vos dei sequer um vago olhar d'amor.»
E não te lembra já o que de nós nasceu:
Olha que és tu, criança, a mãe da minha dôr.

MANUEL DA SILVA GAYO.

---

*

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

A. Introducção geral

(Cont. do n.º 4, pag. 230)

§ 6.º

Pode-se pensar sobre as relações de Hespanha com Portugal como se quizer, um facto fica de pé: entre todos os pequenos estados da Peninsula, que outr'ora eram autonomos, sómente um tem conservado a sua independencia durante sete seculos (com uma interrupção unica de sessenta annos); e neste *unico* estado amadureceu uma lingua propria e uma litteratura peculiar, que se foi desenvolvendo sem solução de continuidade até ella poder chamar seu a um poeta de gloria universal, e sua a uma obra d'arte de primeira ordem, como o é a epopeia nacional. O seu desenvolvimento merece pois attenção e interesse que só se torna mais intenso pela consideração tantas vezes expressa com desprezo e arrogancia de que esta litteratura é a producção *tardia* de um povo numericamente *pequeno,* e originariamente pouco distanciado do genio e caracter peninsular; de um povo portanto dependente, e, a contar do fim do seculo XVI, quasi sem nenhuma influencia, entregue ás correntes irresistiveis da historia europeia. A vitalidade e a indole propria dos habitantes da costa occidental, quer ella tenha a sua origem, como costumam dizer, na differente mistura de raças, sendo o resultado necessario da formação e posição natural do paiz, quer seja sómente comprehensivel pelo desenvolvimento historico da entidade politica: esta vitalidade e esta indole *existe,* e temos que contar com ella.

A unificação de Filippe II veio tarde. Se o campião da independencia portugueza, *Nunalvares Pereira,* não tivesse batido os castelhanos em Aljubarrota (1385) elevando ao throno a segunda dynastia pseudo-borgonheza, cujos regentes

sabios, fortes e magnanimos, educaram a nação, d'então em deante, para o cumprimento da sua missão atlantica e para façanhas inauditas de importancia universal; se *Vasco da Gama* e *Albuquerque* não tivessem nascido, e *Luiz de Camões* não tivesse escripto a sua epopeia historica, o sonho antigo longamente repetido de um poderio universal peninsular unificado, ter-se-ia provavelmente realizado. Assim como o catalão, a lingua portugueza teria decahido em dialecto; a sua litteratura nacional ter-se-ia tornado numa litteratura meramente provincial, com manifestações vitaes intermittentes.

Tal não aconteceu. Camões viveu e vive, e com elle o povo dos Lusiadas.

E' verdade que ao periodo de efflorescencia camoniana se seguiu uma longa epocha de decadencia. Depois da morte do Poeta e extincção da segunda dynastia, o paiz cahiu exhausto pela sua expansão desmedida, dizimado e consumido espiritual e moralmente pelo hinduismo, pela inquisição e pelo jesuitismo, cahindo quasi sem lucta sob o jugo estrangeiro dos sessenta annos, já acima mencionados. E, depois da libertação, o seu definhamento ainda mais sensivel se tornou.

Só neste seculo a litteratura, acordando e sacudindo o seu torpor, pelo patriotico impulso de *Almeida Garrett* e de *Herculano*, cobra lembrança dos seus titulos de gloria. Graças a essas iniciativas, a investigação scientifica do passado historico nacional é devéras impulsionada. E desde então não mais pára. Embora a litteratura em geral continue a reboque da França, o conhecimento cada vez mais seguro da crystallisação que se foi operando no decorrer dos seculos, produzindo a *nacionalidade portugueza,* conseguiu que a vontade de restaurar no sentido realmente portuguez todas as manifestações da vida se tornasse sempre mais viva, fazendo a pouco e pouco desapparecer a tendencia do estrangeirismo, reconhecida como fraqueza.

Por isso uma renascença da litteratura portugueza é uma esperança provavel.

§ 7.º

A discordancia entre o parecer dos nacionaes e dos estranhos, sendo o dos primeiros puramente admirativo e o d'estes depreciador da litteratura portugueza, não se baseia unicamente na ignorancia de uns e no excessivo amor patrio dos outros. Uma circumstancia muito especial — ou mais propriamente, duas — explicam e justificam, até certo ponto, ambas as opiniões. Em

primeiro logar, centenas de poetas portuguezes, cultivando os mais diversos generos, tanto o drama, a poesia lyrica e o epos, como a novella, a historia, a philosophia moral, e sobretudo o romance epico-lyrico popular, serviram-se do idioma *castelhano,* enriquecendo a litteratura estranha e depauperando a nacional. Em segundo logar, uma parte importante das creações dos escriptores portuguezes permaneceu ignorada, extraviando-se ou ficou occulta. Na apreciação dos estrangeiros, não falando dos hespanhoes, perdem naturalmente os portuguezes tudo quanto redigiram em castelhano; e não só isso, mas tambem muitas obras portuguezas que tomaram o seu caminho atravez de Castella, antes de chegarem ao conhecimento geral; pois todo peninsular era, e ainda é hoje, para o forasteiro indouto, simplesmente um *hespanhol.* Por sua parte, o portuguez, ao avaliar os bens de que o mundo lhe é devedor, pensa muito naturalmente tambem em todas as obras com que contribuiu para a litteratura castelhana; pensa nos seus humanistas que escreveram em latim; pensa em tudo quanto se desencaminhou ou se conserva inedito; confunde e baralha até os feitos com os escriptos, enfileirando os personagens historicos entre os vultos dos poetas e pensadores; e nem sequer abstrahe dos assumptos e das figuras que serviram de thema a creações poeticas de auctores estrangeiros (Ignez de Castro; S. Antonio de Padua; o Infante das Sette Partidas; Camões; S. João de Deus; Alcacer-Quebir; Vasco da Gama; Pombal; etc.).

§ 8.º

O facto de alguns portuguezes terem redigido em castelhano todos os seus escriptos, e de uma grande maioria ter empregado aquelle mesmo idioma pelo menos numa parte importante das suas obras, tem sido julgado de maneira muito diversa; mas por ora não appareceram criticos que analysassem esse phenomeno objectiva e historicamente.

Os hespanhoes, propensos a affirmar com exagero que não existe um unico escriptor portuguez notavel que não preferisse abertamente o castelhano á sua propria lingua, pretendem reconhecer em tal preferencia uma homenagem prestada, consciente ou inconscientemente, tanto ao seu idioma sonoro e caracteristico, como tambem á sua supremacia intellectual. E com esta affirmação dão-se por contentes, applaudindo.

A critica estrangeira pensa pouco mais ou menos do mesmo modo; censurando todavia o abandono da sacrosanta lingua-

mãe, como sendo uma falta de caracter e de patriotismo, uma pretenção vã, uma adulação baixa até para com dominadores intrusos, cujo favor se queria grangear (como se aquelle uso e abuso tivesse principiado na epocha filippina!)

Os proprios portuguezes ora censuram em absoluto a moda de escrever em hespanhol, ora se desvanecem do seu polyglottismo genial, que não raras vezes habilitou o mesmo poeta a metrificar alternada e em alguns casos simultaneamente em quatro linguas (portuguez, hespanhol, italiano e latim); ou se desculpam e pretendem justificar-se, dizendo que poucos Europeus sabem ler portuguez, ao passo que o hespanhol foi uma lingua universal, e encontra hoje ainda por toda a parte quem a entenda.

As censuras são evidentemente descabidas.—Ainda não occorreu á mente de ninguem dizer mal dos numerosos não-portuguezes de Genova, Sevilha, Burgos, Valladolid, os quaes, capitaneados por tres ou quatro reis peninsulares, se serviram nos seculos XIII e XIV do gallaico-portuguez, toda a vez que quizeram entoar cantigas trovadorescas, quer fosse no gosto palaciano, quer no gosto popular (1).

Mais util e elucidativo será esboçar num rapido elencho a historia do phenomeno, derivado de causas naturaes, mas que é menos antigo do que se julga vulgarmente.

Até 1350 não houve um só portuguez, e até 1450 vemos apenas um que escreveu em castelhano. E' *falso* ter *Pedro o Justiceiro* dirigido, antes de 1355, cantilenas hespanholas (á sua *Ignez de Castro* (vid. § 75.º); é *falso* tambem que o principe regente, seu homonymo (1392-1449), tivesse dedicado versos ao poeta aulico castelhano *Juan de Mena* em outra lingua que não fosse a materna (vid. § 87.º). Apezar de o joven reino lusitano ainda não ter, nos primeiros seculos da sua historia, fronteiras definitivas do lado do oriente, a ponto de certas terras pertencerem ora a senhores castelhanos (ou leonezes), ora a barões indigenas, e apezar de vassallos e ricos homens de ambas as corôas se terem desnaturalizado frequentemente, seguindo ora o pendão dos *leões,* ora a bandeira das *quinas,* comtudo ninguem se lembrou de sacrificar o idioma patrio. Nem tão pouco influiu nisso o facto de a nobreza principal da peninsula estar intimamente ligada por laços de paren-

(1) E' verdade que os hespanhoes podiam explicar o caso, allegando que fallavam a lingua de uma provincia sua, visto que o antigo galliziano e o portuguez eram um só e mesmo idioma.

tesco, formando uma unica e grande familia, que batalhou ora unida lado a lado, ora desunida em campo contrario. *Todos* os dialectos das provincias arrancadas aos mouros, não só o gallego e o castelhano, mas tambem o leonez e o aragonez haviam naturalmente usufruido a principio de eguaes direitos, exercendo identicas funcções: *o castelhano ainda não era a lingua litteraria predominante.* E' verdade tambem que os dialectos do norte e do noroeste—o leonez, o asturiano, o gallego e portuguez—ainda se differenciavam pouco entre si e do antigo castelhano, de sorte que todos se entendiam reciprocamente sem grande difficuldade. Só ao desabrochar a poesia artistica propriamente dita, em certos e determinados centros aulicos, é que se alcançou maior unidade. E' sabido que o *gallego* ou o *portuguez* (o que vale o mesmo) constituia a lingua de todos os trovadores peninsulares (não-catalães), emquanto que os auctores de poemas epicos nunca deixaram de escrever castelhano, —não nos compete analysar aqui o porquê—. Tão pouco é este o logar para explicarmos como, em que epocha, e por que motivos, a lingua de Castella prevaleceu. Quando, pouco depois de 1450, um principe de sangue portuguez, filho alias de uma princeza de Aragão, estacionando em Hespanha, verteu para castelhano o seu primeiro poema, originariamente composto na lingua patria, e mandou esta *novidade* á côrte dos ascendentes, aquella evolução importante, embora preparada e iniciada, ficava longe ainda de attingir o seu termo. O amigo e mestre do principe, o marquez de Santillana, fallecido em 1458, ainda compoz espontaneamente uma canção gallega—talvez a ultima (vid. § 107.º).

O mobil determinante que levou o condestavel D. Pedro de Portugal (1429-1466) a emprehender aquella innovação foi a sua sorte individual: a morte do pae, derrotado em Alfarrobeira (1449), e o seu exilio á côrte de Castella (vid. §§ 102.º-103.º). A *causa* intrinseca encontra-se no grande desenvolvimento que a lyrica castelhana, influenciada pela Catalunha e pela Italia, tomara no proprio momento em que, em Portugal, á longa primavera trovadoresca succedera um completo silencio poetico. Regressando á patria, o discipulo de Santillana transplantou para os baldios de cá as novas fórmas peninsulares: a *oitava de arte mayor,* a *cancion,* os *vilancetes* e as *trovas-redondilhas* nas suas multiplas variações. E o comprovado talento imitativo dos cortezãos portuguezes, o desejo sempre vivo de egualarem ou de excederem os hespanhoes, foram causa de elles se servirem de ahi em deante, ao desafio, de ambas as linguas. Princezas hespanholas, filhas de Isabel

a Catholica, ou filhas e irmãs do imperador Carlos V, despozaram-se, durante 100 annos successivos, com reis e principes portuguezes, emquanto princezas nacionaes já desde a sua infancia, eram destinadas e educadas para o throno hespanhol. O castelhano era a lingua predilecta dos circulos palacianos, não só por causa do poder sempre crescente da casa de Habsburgo, mas tambem porque o sonho de uma unificação peninsular esteve muitas vezes a ponto de realizar-se. E embora desde muito nutrissem cá a esperança de dynastas portuguezes irem empunhar o sceptro nesse estado unificado e todos apontassem Lisboa como a futura capital, poucos comtudo acreditariam que a *lingua* portugueza, falada pela minoria, podesse tornar-se um dia predominante. Era pois preciso apprender o *hespanhol*. A isso vieram juntar-se, depois de introduzido o metro italiano, as grandes difficuldades que oppunha á confecção de bons hendecasyllabos esta lingua, demasiadamente rica em vogaes com as suas fórmas muito abreviadas. Mais de um poeta exercitou-se, de caso pensado, no manejo do castelhano. Seguiu-se a dominação hespanhola —seis decennios em que, como era de esperar, os cargos administrativos e aulicos *obrigavam* ao emprego do castelhano—, e a influencia inevitavel da usurpação sobre as gerações nascidas até 1640. Posteriormente, recuperada a independencia e perdida a idéa da monarchia universal, com o rapido decahir do mundo hespanhol, já não se justificava a preferencia pelo seu idioma. Findara pois essa evolução litteraria.

De resto, poucos foram os portuguezes que mesmo na epocha indicada, empregaram exclusivamente o hespanhol, e entre estes principalmente aquelles que as vicissitudes da vida haviam levado para longe da patria. Os restantes contentaram-se de escrever de vez em quando poesias castelhanas de occasião, em correspondencia litteraria amigavel ou em trato aulico com hespanhoes e hespanholas. A proporção exacta está todavia longe de representar o que muitos imaginam. Sirva-nos de exemplo Luiz de Camões.

A sua epopeia está escripta em portuguez. Entre todas as canções (1), odes, oitavas e sextinas não ha nenhuma castelhana. Das suas elegias apenas duas vestem o traje estran-

---

(1) Só Theophilo Braga attribuiu (1880) a Camões uma canção hespanhola; mas sem razão. A que principia: *Bellisima Isabel cuya hermosura* é de *Figueroa*.

geiro (1) no meio de 25 nacionaes; e essas duas, deploravelmente deturpadas, não são authenticas, muito provavelmente. Todos os idyllios estão escriptos na lingua patria, excepto um, no qual, logicamente, a infanta hespanhola D. Joanna, irmã de Filippe II, entôa em castelhano um canto funebre á memoria de seu marido, o principe herdeiro de Portugal. No cancioneiro do illustre poeta, notam-se apenas de 150 quinze composições (ou com maior exactidão só uma duzia) (2) redigidas na lingua vizinha, e todas sem excepção são voltas e glossas, destinadas para canto, sobre themas e motes castelhanos, que as damas do sequito da rainha D. Catharina de Castella, deram ao joven Camões para que os paraphraseasse (1545-1550). Dos 354 sonetos que andam nas edições modernas, a decima parte approximadamente é castelhana. Mas *todos* os (36) que eu conheço, pertencem ao grupo dos desgarrados, tardiamente recolhidos, no seculo XVII, durante a dominação hespanhola, de manuscriptos muito duvidosos, descobertos e explorados pelo fanatico *Faria e Sousa,* cuja completa falta de criterio os torna tão incertos que nem sei dizer qual d'elles possa, sem contestação, considerar-se authentico (3).

Nos dramas, proclamados hespanhoes por varios escriptores vizinhos, encontram-se apenas alguns pequenos intermezzos lyricos e varias citações em hespanhol. Além d'isto, se no *Filodemo* um pastor conversa em castelhano com o seu moço, e se nos Amphitriões o deus Mercurio, toda a vez que representa o criado Sosias, assim como o verdadeiro Sosias não empregam o portuguez,—é de proposito que o poeta procedeu assim, afim de produzir effeitos artisticos e necessarios, de contraste.

Ao todo, haverá, de 1450 até 1750, perto de 500 portuguezes que fizeram uso do castelhano—facto que o patriota deve naturalmente lamentar, por ver diminuida a litteratura nacional em muitas obras importantes, e transviados muitos talentos superiores por sendas erradas, suscitando assim, lá

---

(1) Elegia XVII: *La sierra fatigando de contino,* e XVIII: *De peña en peña muevo las passadas.*

(2) Tres são obra alheia. *Olvidé y aborreci* é de *Garcisanchez.—Ay de mi* é de *D. Manuel de Portugal* e *Tal estóy despues que os vi* de *Diogo Bernardes.*

(3) Encontram-se entre elles sonetos que são propriedade notoria de *Garcilaso, Mendoza, Montemor, Miranda, Bernardes, Brito, Manuel de Portugal, Rodrigues de Castro,* e o *Conde d'Alenquer.*—As duas primeiras edições da lyrica camoniana (1595 e 1598) não conteem nenhum soneto hespanhol.

fóra, duvidas a respeito do amor patrio d'esta nação. Egualmente devemos lastimar que no seculo XVI tantos humanistas, pensadores e historiadores eminentes, escrevessem em latim não só doutissimas obras de prosa, mas tambem que malbaratassem o seu estro poetico a vencer difficuldades de linguas mortas e exoticas, em vez de lhe dar livre expansão na bella e riça lingua-mãe que, sob as suas fórmas litterarias definitivamente fixadas e novamente approximadas das suas primitivas fontes latinas pelos escriptores cultos da Renascença, se achava apta a todos os fins poeticos.

§ 9.º

Acontece tambem ser controversa a naturalidade de alguns poetas peninsulares que escreveram em hespanhol. A identidade de muitos nomes de logar e de familia, e a frequente deslocação de gerações de um reino para outro foram causa de enganos e de pleitos litterarios ácerca da nacionalidade de varios escriptores, o que aliás é de pouca importancia, porque o bom-senso sempre ha de adjudicar á litteratura hespanhola o que está escripto em hespanhol, sem se importar com a procedencia do auctor. Não se dá o mesmo com as obras que se encontram ao mesmo tempo em redacção castelhana e portugueza, sendo ambas quasi coevas, como por exemplo o *Palmeirim de Inglaterra,* e cuja propriedade e prioridade ambas as nações reclamam para si em nome de poetas differentes.

Muito mais difficil é a solução, quando um supposto original portuguez se perdeu ou cahiu em esquecimento, existindo apenas a redacção hespanhola, como succede com o *Amadis.* Em taes casos, por mais que os portuguezes advoguem o seu direito ao haver perdido ou roubado, sempre que uma demonstração rigorosa não seja possivel, a critica estrangeira inclinar-se-ha a tomar o partido dos hespanhoes, em cuja originalidade e vigor poetico acredita, *contra* Portugal, cujo desmazelo inaudito de prodigo lhe é insufficientemente conhecido; e, se fosse conhecido d'ella, lhe pareceria inteiramente inverosimil.

§ 10.º

Dar uma ideia do extremo desmazelo de Portugal pelos seus haveres, seu bom nome e sua gloria, é difficil. Esta pecha

—o feio e triste reverso da sua nobre e magnanima physiognomia de poeta e de cavalleiro, que corre atraz do ideal sem attender quasi nunca ás circumstancias reaes—, é reconhecida como tal desde o segundo quartel do seculo XVI, pelos proprios indigenas. Estigmatizada com o termo «desleixo», foi condemnada, provocando clamores, satyras e queixas, sem nunca ser corrigida. Não bastou que centenas de poetas subtrahissem o seu saber e suas faculdades creadoras á patria, usando de linguas estranhas: nem sequer se cuidou de conservar e tornar productivo o patrimonio intellectual, ainda assim abundante que restava, nem de dar fielmente a cada um o que lhe competia. Cada auctor poetava, contentando-se com o louvor dos proximos e amigos. Raras vezes lhe veio á ideia colligir e retocar as suas obras, legando-as á posteridade, impressas ou escriptas, sob uma fórma apurada, definitiva. Espalhados, por via de regra, em duzias de copias, tiradas com mais ou menos arbitrariedade, os textos lyricos permaneceram apenas em cancioneiros mixtos, de mão, colleccionados sem ordem nem methodo por amigos gratos e parentes, quando não por leigos curiosos, para seu mero passatempo, quasi sempre sem indicação exacta dos nomes dos varios auctores, e despidos de rubricas elucidativas. Quando taes compiladores, ou seus descendentes, se resolveram mais tarde a publicar a obra de um determinado auctor, quer fosse restringindo-se ao unico manuscripto que tinham em seu poder, quer juntassem elementos dispersos, o louvavel intento foi, na maioria dos casos, realizado sem criterio e sem lhes merecer os disvelos e cuidados a que o poeta tinha jus. As edições antigas que satisfazem são rarissimas. Os textos estão crivados de erros. Os prefacios, quando os ha, conteem quasi sempre só louvores vagos e banaes. A vida e a obra do poeta não nos é revelada. Faltam datas exactas e tambem os retratos. Memorias, cartas, autobiographias são extremamente raras. Muitas producções estão irremediavelmente perdidas. O terremoto, que de ordinario é citado para explicar tantas perdas, destruiu, com effeito livrarias preciosas. A pilhagem que se seguiu á extincção dos conventos, dispersou tambem importantes collecções. Mas, apezar d'isso, existem ainda ineditas em bibliothecas publicas do paiz e do estrangeiro e tambem em livrarias particulares versos e prosas de valor, que urge tornar conhecidas. De centenas de poesias não se sabe positivamente quem seja o auctor, porque a *mesma* composição é attribuida nos diversos treslados mais ou menos fidedignos, não a *um* vate, mas a muitos. D'ahi mesmo uma quantidade de pequenas controversias, assim como

uma serie de discussões pouco agradaveis sobre plagiatos e furtos. Tambem ha a registar falsificações e fraudes. Nem sequer os manuscriptos depositados na Torre do Tombo estiveram sempre em segura guarda. Obras volumosas de reis e infantes desappareceram.

Todos sabem em que defeituosissimo estado a lyrica do maior e mais celebre poeta portuguez nos foi legada.

§ 11.º

Como se explica e onde tem a sua raiz este desprezo da nação pelo seu peculio intellectual? esta prodigalidade leviana? o pouco amor á exactidão, ás datas positivas, aos factos descarnados? Explica-se, como já disse, pelos defeitos inherentes ás qualidades do genio poetico portuguez, sua riqueza natural, seu cosmopolitismo liberal e magnanimo. O poetar é um dom natural d'esta gente, favorecida com tantos e tão singulares dotes, sensivel e extremamente rapida na comprehensão e reproducção de ideias. Quasi todos o sabem, quasi todos exercem a arte. Se hoje se perder uma poesia, ámanhã surge outra. Para quê pois o trabalho demorado e penoso, de limar, de colligir e copiar, quando é facil improvisar? D'esta sorte o culto da arte senhoril transforma-se num passatempo de gente tanto nobre como do povo—uma linda prenda caseira que cada qual cultiva para um circulo restricto, malbaratando-a em bagatellas. Mas o que se consegue sem trabalho e canceira, é quasi sempre tido em pouco pelos outros.

Por isso succede ainda que a obra dos coevos nacionaes é geralmente olhada ao revés e tida em menos conta. Só o que fica distante no tempo e no espaço, e principalmente o que vem de fóra parte, é admirado e imitado. Ás coisas nacionaes apenas se attende depois de ellas terem a sancção da edade, ou quando, perdidas, não restam senão noticias tradicionaes ou historietas vagas sobre o auctor e a sua obra; ou depois de a critica estrangeira ter pronunciado a sua sentença laudatoria.

Mas contra estas tendencias uma reacção natural se manifesta ás vezes: na consciencia de haver desperdiçado tantos thesouros pelo seu genio perdulario e não podendo apresentar a prova de muita affirmação, repetida durante seculos, o patriota cahe no exagero opposto. A indifferença pela gloria e o bom-nome desanda para o polo opposto: um enthusiasmo excessivo. Estimulado pelo pesar e um surdo rancor contra

si proprio, o patriota arrepende-se então do seu desprendimento romantico, do sentimentalismo infructifero, e desafoga em bravatas ruidosas. Então exagera a grandeza e a valia das preciosidades perdidas, exaltando até ao infinito o merito dos poetas verdadeiramente grandes e a importancia da sua obra, tornando o estrangeiro ainda mais cauteloso e desconfiado com essas demasias.

Outro resultado fatal da evidencia das perdas soffridas é a tentação de preencher lacunas com documentos apocryphos.

§ 12.º

Modernamente, depois de os dois maiores poetas romanticos, Almeida Garrett e Alexandre Herculano, terem iniciado os estudos da edade média nacional, começou-se a tratar seriamente de recuperar o terreno perdido. Trazer á luz valores reconditos, avivar memorias esquecidas, dar justo apreço ao verdadeiro merito, abandonar as falsas glorias, pôr no devido fóco poetas de segunda ordem, deprimidos e calumniados para enaltecer só os grandes, tal foi o empenho dos novos. Mais de uma obra d'arte, desfigurada com retoques e remendos postiços, foi restituida á sua primitiva verdade historica.

Bastante se tem trabalhado, e á sciencia allemã não cabe pequeno quinhão neste labutar. Resta porém fazer muito mais. Poucas questões estão sufficientemente elucidadas. A verdade e a ficção ainda não foram devidamente joeiradas. Falta-nos uma collecção de monumentos litterarios, abrangendo pelo menos as obras capitaes da litteratura. Carecemos quasi por completo de edições criticas. Sómente os Lusiadas (que, na verdade, segundo a palavra de Schlegel, valem uma litteratura inteira) foram bastante estudados e tratados dignamente. As biographias dos poetas ainda não estão apuradas. As relações com os paizes estrangeiros acham-se apenas esboçadas. Nenhuma epocha, nenhum genero poetico nem poeta algum foi tratado cabalmente e a fundo, marcando-se-lhe no quadro geral das litteraturas europeias o logar que lhe compete.

(Continúa). CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

(Traducção de ALFONSO HINCKER).

II

AHASVERO (1)

(Versão livre do mysterio em prosa de Edgard Quinet)

I

Edade-média. Ahasvero está sentado num marco ás portas de uma cidade. O seu cavallo jaz moribundo na estrada.

Ó Christo, compaixão! Se bem como uma féra
de raivosa matilha eu fosse perseguido,
a noite me encobrira, um antro me escondera!

Se d'arvore no pó um ramo resequido,
havia de acabar no fogo de um mateiro,
que os membros acalenta em volta do brasido!

Se um verme do sepulchro, em humido carneiro
a c'rôa teceria de um grande rei, e ao lado
descançaria após, no somno derradeiro!

Mateiro de Judéa, aqui me tens prostrado...
ajuda-me a morrer! Coveiro de Bethlem,
enterra-me no chão de orvalho borrifado!

Tens um sudário eterno, e um tumulo tambem,
na rocha dura e fria do Gólgotha cavado...
tem compaixão de mim, Coveiro de Bethlem!

---

(1) Esta palavra, que se costuma escrever *Ashavero*, com uma etymologia que julgamos viciosa, é sempre empregada por nós como um trisyllabo: *Ahas-ve-ro.*

II

Quem pede aqui piedade?
Quem exara compaixão?
E's tu Ahasvero?—Em verdade,
os proprios anjos rirão!

Esqueceste o condemnado,
que viste em Jerusalem
á tua porta prostrado?...
E as suas vozes tambem?

Esqueceste aquelle olhar,
que extranha luz alumia...
e a mão erguida no ar?
Que fizeste n'esse dia?

Para o Gólgotha a ladeira
era rude. Sobre a rua
murchou a tua figueira!
Ebrio, o povo tumultua!

Mulheres, em ais afflictos,
de joelhos vão a gemer...
Esqueceste aquelles gritos,
e a voz que te fez tremer?

Quem dera que o teu passado
fosse apenas illusão...
Tu, como um seixo pesado,
bem sentes o coração!

Mas tua mesma entidade
é sonho?... E tudo o que vês?
E' phantasma esta cidade,
em craneo vario talvez?

Repara no movimento
das ruas... é de pasmár!
E os muros... que lusimento!
Ouves os sinos dobrar?

Sob a cruz do seu peccado
verga o homem infeliz:
tal esse templo, curvado
sob as torres, te maldiz!

Vae bater a qualquer porta:
a todas acode alguem:
homens são, (dirás) que importa!
Olhos, labios, como eu, têm!

Tu tens labios, tu tens olhos
para haurir o sal e o pó,
e chorar, e ver abrolhos,
mas ninguem de ti tem dó!

Elles sorvem com delicias
em doce labio o amor:
elles gosam as caricias
de um olhar encantador!

Os filhos cerram nos braços
aquelles ditosos paes:
tu abraças os espaços,
e os desfeitos vendavaes!

Vês todas essas moradas!
Escolhe d'ellas qualquer:
com as sapatas ferradas,
entra, sem ninguem saber...

Mães e filhos n'um instante,
todos de ti fugirão:
é elle—o Judeu errante—
as creanças gritarão!

III

Da tribu de Levy se ainda eu fôra,
na casa de meu pae,
um moço companheiro, como outr'ora...
ai!

Jerusalem se fosse esta cidade,
Jerusalem, a bella, torreada,
e como a flôr da vinha perfumada...
que saudade!

Ai! como eu cantaria alegremente,
a peito cheio e inteiro,
uma canção, ao regressar contente,
que o leproso me ouvisse, e o cameleiro...

—E's tu, meu bom Ahasvero! Sê bem vindo!
(diria toda a gente,
do pó as minhas roupas sacudindo)
Oh! que longa viagem! D'onde vens?
Tens fome? Toma figos.—Sêde tens?
Eis um vinho excellente.
A tua mãe ainda te esperava:
teu pae, que fosses morto já pensava,
e lá ficou sentado á sua entrada.
Oh! como hão de pular
os teus irmãos pequenos, a gritar:
Ahasvero, que nos trazes da jornada?
Conchinhas que sussurram rios ouvidos?
De prata nova peça reluzente?
Bordado cinto, fulgidos vestidos,
ou caçoula de cedro recendente?—

IV

Mas incenso, myrrha ou ouro,
ou perolas, que m'os deu?
Bordadas roupas de festa,
essas não as trago eu!

A Jerusalem voltei,
(esta cidade não é):
eram seu povo caveiras...
vi minha casa de pé!

Ficára a porta no trinco,
aberta a janella... entrei.
vi no jardim uma cova:
— será minha?—suspirei!

Oh! se fosse, n'ella iria
para sempre descançar:
um anjo de negras azas
não me deixou repousar!

V

Como por um annel, um fanal mortuario
se prende do sepulchro ao pilar solitario,
que vae illuminar
do escorpião a bocca, e as linguas venenosas
das viboras que vêm, em noites silenciosas,
roêl-o sem cessar,

tal de Christo o olhar, fixo, sem movimento,
aquelle olhar de bronze, onde nem um momento
o pranto deslisou,
prendeu-se na minha alma; e o peito devastando,
elle, dos mortos rei, do seu soffrer nefando
herdeiro me deixou!

—Deixo a tunica a uns, a ti as minhas penas,
até que no bordão te cresçam açucenas—.

Disse. Como um rapaz, cabaleando, sahe
da meza de um festim,
joelhos sem vigor, e o corpo lhe descahe,
tal me succede a mim!

Não descancei ainda (aqui t'o juro, ó rei),
um só momento, desde o tempo que lá vae!
No cume do Vurcano,
em volta do mosteiro, os gaviões olhei
descendo no seu vôo até razar o oceano!
De Perugia no lago os ádens vi pairando,
na lisa superficie aquosa resvalando
um circulo fazendo, e mais até á praia,
em longa ondulação, onde por fim desmaia...
E sempre, em toda a parte, em temporal ou calma,
o desespero foi crescendo na minha alma!

*

VI

Mas onde te escondeste, rei dos mortos?
A planta dos meus pés
tem-se imprimido já no mundo todo,
a procurar-te, vês?

Como um abutre, as cinzas das cidades.
e os campos devassei...
A tua veste azul recorda o mar...
no mar te procurei!

Roma, suando sangue, com seus muros,
de longe faz lembrar
uma c'rôa de espinhos... pois em Roma
já te fui procurar!

O deserto semelha o teu sudario
pardacento, ai de mim!
Tambem não t'encontrei no descampado
dos areaes sem fim!

A's mulheres, fiando em sua roca,
ás creanças que o pão
comiam assentadas no poial,
perguntei... mas em vão!

Ainda perguntei aos guardadores
das eguas, a pastar,
que de cânhamo as cordas vão tecendo:
—vós vistel-o passar?

VII

Quando eu era tamanhinho
gostava muito de olhar
as aves de arribação,
que no telhado visinho
pousavam, a descançar
da sua peregrinação.

Depois perguntava ancioso:
—para além d'estas montanhas,
que vistes, dizei-me cá?
D'esse bosque mysterioso
sob as ramagens extranhas,
ou sob os juncaes, o que ha?

Quando de pombas um bando
ia partir, eu sentia
o coração a bater
de inquietação até quando
no céo desapparecia,
como o fumo sóe fazer!

VIII

Nem os grous, nem as cegonhas
tanto como eu têm corrido;
nem os pombos viajantes
em tantas fontes bebido!

Têm as fontes das montanhas
o gosto amargo do fel;
e, nas folhas, cruz de sangue
tem as flôres do vergel!

Os bosques gemem, se eu passo;
as grutas choram, se eu entro;
o chão por onde caminho
ôco parece por dentro!

Visto que resuscitaste
ó Jesus de Nazareth,
aqui t'imploro me digas
a tua morada onde é?

Pelas folhas do carvalho
pelo guincho do condôr,
pelo tumulto das villas,
das grutas pelo vapor,

das pontes d'esses castellos
pelas cadeias pesadas,
pelas lanças rutilantes,
pelas doces serenadas,

dos finados pelo dobre,
ó Jesus de Nazareth,
rogo-te ainda me digas
a tua morada onde é?

IX

Julguei um dia divisar ao longe
a casa aonde Christo se escondia,
e vêl-o sob o portico sentado,
com sua mãe Maria!

A estrada prolongava-se entre tojos:
corriam as ribeiras té seccar:
julgava eu sempre então que antes da noute
devia lá chegar!

Mas a noute passou, veiu a manhã,
depois um dia, e outro, que mostravam
que meus pés corroiam as soleiras
aonde se pousavam!

Depois as casas tombam em ruinas:
nos valles já não ha vegetação:
os póços já se entulham de esgotados...
e a minha vida, não!

A's villas conhecidas me dirijo
á noute, quando quero repousar:
deixei-as populosas... mas a morte
venho só encontrar!

E quando novas gentes apparecem,
para supprir os mortos,—vou eu só
mostrar-lhes o caminho das cidades
reduzidas a pó!

Espreitam-me os cavallos de soslaio:
e os reis barbaros dizem, a tremer:
—vêde a pégada do Judeu errante,
que não póde morrer!—

X

Não morrer! Sempre á espera, quem deseja,
e jámais alcançar!
Olhar, olhar, olhar
sem nunca vir a nós o que se almeja!

—Que não posso morrer!—quem disse tal?
Selvagens, respondei!...
(Té as pedras, bem sei,
sabem o meu segredo... por meu mal!)

Dos pincaros alpinos mais nevados
despenhei-me uma vez...
Debaixo de meus pés,
tranquillo vejo, em pouco, os verdes prados!

Uma aguia abrira a larga envergadura,
afim de eu não tombar;
e foi-me collocar
das relvas sobre a flacida verdura!

D'outra vez fui parar a um grande lago...
Cançado d'este mundo,
esse abysmo profundo
attrahe-me a si... em volta o olhar divago,

e corro para as aguas fascinado...
Então fugindo vi
as aguas, após si
deixando um leito de calhau rolado!

1897. CORRÊA BARATA.

ESTUDOS SOBRE DAMIÃO DE GOES

(Cont. do n.º 4, pag. 245)

DOCUMENTOS

X

Carta d'armas a Gaspar de Goes — 3 de fevereiro de 1534

«Dom Joham &c A quamtos esta minha carta virem faço saber que Gaspar de Goys me fez pitiçam como elle descemdia por lynha direita sem bastardia da jeraçam e lynhagem dos Goys, que nestes Reynos sam fidalguos de cota darmas e solar conhecydo e que de direito as suas armas lhe pertemcem, pedimdome por merce que, por a memorya de seus antecesores senã perder, e elle gouuir e vsar da homra das armas que pollos merecymẽtos de seus seruiços ganharã e lhes foram dadas e asy dos preuylegios, homras, graças e merces que por direito por bem dellas lhe pertemcem, lhe mandase dar minha carta das ditas armas, que estauã registadas nos lyuros dos registos das armas dos nobres e fidalguos de meus reynos, que tem Purtugall, meu prymcipall Rey darmas, a qual pitiçam vista por mym, mandey sobre ella tyrar inquiriçã de testemunhas, a qual foy tyrada pello doutor Luys Teixeira, do meu conselho e desembargador das minhas pitições do paço, e por P.º da Lagea, escryuã em minha corte pella qual proua elle sopricamte descender por lynha direita da dita jeraçam dos Goys, como filho legitimo que he de Jº Lopez e de Lyanor de Goes, moradores que foram em Leirya, e neto de Nº Aluẽz de Goys, alcayde mor que foy de Coimbra, que foy do tronco desta lynhagem dos Goys, e fidalgo, e que de direito as suas armas lhe pertemcem, as quaes lhe mandey dar em esta minha carta com seu brasam, elmo e tynbre como aquy sam deuysadas, e asy como fiell e verdadeyramente se acharã deuisadas e registadas em os lyuros dos registos do dito Purtugall meu Rey darmas, as quaes armas sam as seguyntes — s — o campo dazull e seis cadernas de crecentes de prata em duas palas e por deferença hua brica douro, ellmo de prata aberto garnido douro, paquyfe de prata e azull e por tynbre hum draguo verde com hum crecente das armas nos peytos, o qual escudo armas..... ano de noso Senhor Jhuũ Xpo de mill bcxxxiij anos» (1).

---

(1) D. João III, *Doações e Mercês*, liv. 20, fl. 91.

XI

Carta dos feitores de Flandres a D. João III — 2 de outubro de 1528

«S.or As nouas de Itallya bem cremos que vosallteza as tera ja sabidas e por tanto nos nã allargaremos muyto nellas, os do emperador que estauão em Napolles, auertidos da mortindade dos franceses a causa da peste e como estauão mall tratados e que se queryão retirar sairão fora em xxbiij dagosto dizem obra de bj ou bij homẽs e derão no campo dos franceses que se retirauam pera Manfrandona e Capua e os desbaratarão e tomarão a artelharya e matarão muytos o marques de Salluce, que era capitão jerall foy preso e outros muytos e o conde Nauarro morto de mra que espreuem que poucos escaparão e se forão a Saona dizem que lx homẽs que a lyga tinha nõ se achão ij ou iij e que em Xide (?) morrerão xxbj pesoas de peste e da batalha e que morrerão todos hos cauallos e bestas que he cousa despanto o que dizem dos emperyaes tambem são mortos muytos espreuem que de toda gente que foy a Roma nom se achão mais que b ou bj pesoas muytos dizem menos, as galles dAndre Dorea estauão em Gaiete sabendo os franceses da rota se retirarão a armada do mar os venezeanos a Veneza e os francezes a Genoa onde não poderaom entrar Andre Dorea os segia e antes que se acolhesem ao porto tomou quatro galles de franceses e se tornou a Genoa onde tanto que chegou fez alleuantar ha cydade e lançar os franceses fora de maneira que ficão em liberdade Monsn. de Sam Pol que estaua em Lombardia com muyta gente e andaua prospero nom se temendo de nynguẽ e tambem por fallta de mantimentos partio sua gente em tres partes por serem milhor prouidos. Antonio de Leyua, que estaua em Millão, teue suas espias e sayo de noyte e deu em hũa das bandas e os desbaratou e tomou a artelharya e toda a carryagem e dinheiro. Dizem que monseor de Sam Pol he preso; nom se sabe de certo, que tem desbaratado hũa banda dellas he certo; cada ora aguardamos por mais certeza. O duque de Bromsoyque com sua gente que foy os dias passados a Itallya, como lhe temos esprito, tudo he desfeyto he tornado Allemanha e com parte da gente por fallta de mantimentos e de pagamento a outra morreo lhe lla e este Antonio de Leyua tomou obra de ij delles parecenos que Dª nom quer dar a vytorea ao emperador com força de gente. Asy que as cousas de Itallya vão prosperas por o emperador ẽ grande maneira quiz Dª que elRey de França pague quanto mall tem feyto, elle esta em Parys e não muyto contente destas nouas comtudo manda agora fazer mais gente de nouo vay toda a reste de sua nobreza e o duque dallbanya por capitão jerall e todos os seus pryuados e o allmyrante pasão cremos que farão a fym que fezerão os outros pois Dª nom he por elles. Ja vosallteza sabera do desafio delRey de França o arauto veo a Parys e foy bem recebido delRey e dos grandes não o quys elRey ouuir por que nõ trazia percuração do emperador nem carta de crença tornou por ella, nõ sabemos se tornara. ElRey de França dizem que fez hũa falla aos nobres e pouos dizendo que tudo o que o emperador dezia nõ era verdade e que numqua lhe dera sua fee e sua may por o ver fora prometeo de dar Brogonha e outras cousas mais elle que não e que tudo lhe fezerá fazer por força que elle era contente de paguar huũ resgate grande como Rey de França e que o emperador nom queria senão destroillo pedindolhe que o ajudasem que elle esperaua em Dª de se defender delle e outras mais cousas: tudo sam ma-

nhas pera ganhar tempo: veremos o em que para e na verdade pois desta vez não pode fazer nada em Napolles tendo tanta gente ja por rezão deue deperder a esperança estes venezeanos e duque de Ferrara e frorentyns o nõ leixão em paaz cremos que se elles nom fosem que deixaryão tudo ja. De paaz nõ ha qua nenhũa noua por o presente. Dª a ordene.

A tregoa nestas partes se tem firme e se comonyquã bem huũs cõ hos outros, pello quall a mercadoria tem huu pouco de despacho todavia esta gerra destes gelldreses fazem muyto mall andaom agora em fazerem pazes com elle crese que se farão o que sera grande bem pera estas terras e pera o curso das mercadorias porque poderão ir seguramente Allemanha e a França e outras partes o que agora nõ fazem. As cousas de Allemanha estão bem e pacificas elRey dom Fernando esta em Boemea quer lançar huũ trebuto nouo no Reyno sobre as mercadorias; nom lho querem os pouos comsentir; nõ sabemos o que fara. Em Vmgrya nõ esta tudo bem; os vmgros estam mall contentes dos gouernadores e chamão por elRey sera força que vaa lla pera pascoa en todas maneiras e senão he de temer que avera allgũ mall por que entrementes o seu contrato viuer nom ade estar seguro do Reyno elle esta com elRey de Polonya, o quall trabalha por fazer seu apontamento; parecenos que não aproueita por que elRey nom quer ouuir fallar nelle asy que as cousas de Vmgrya nõ estão bem, pello quall o despacho das especyaryas perece e vallem pouco crea Vosallteza que entrementes esta Vmgrya naom esteuer em paaz que numqua as especyaryas amde ter muyto despacho e digua cada huũ o que quyger que esta he a verdade.

De Ingraterra nom se diz nada faz *boa xira* (1) (o cardeal esta vendo como se matão) o cardeal de campello he aribado a Imgraterra que vem por o Papa com mill apontamentos: praza a Dª que faça allgũa cousa boa. O Papa esta firme namizade do emperador tee gora. Daquy pera vante nom sabemos o que fara, em se socedendo quallquer cousa espreueremos a Vosallteza a que noso Senhor acrecente a vyda e reall estado a seu sãto seruiço. De Inves ij dias de oytubro de 1528. Jorge de Barros. Ruy Fernandez. Damiam de Goes» (2).

XII

Carta de D. João III, de 28 de janeiro de 1538, nomeando Pero de Sequeira thesoureiro do deposito de Cochim

«D. Joam &c A quamtos esta minha carta virem faço saber que comffiamdo eu de Pº de Sequeyra, meu moço da camara, que nisto me seruira bem e fielmente como a meu seruiço compre, ey por bem e me praz de lhe fazer merce do oficio de thesoureiro do deposyto e mercadaryas de Cochym por tempo de tres annos e com o ordenado comteudo no regimento com todollos proes e percalços que lhe direitamente pertencerem acabando seu tempo ou vagando as pesoas que do dito oficio forem prouidas por minhas prouisões feitas amtes desta. Noteficoo asy ao

---

(1) Esta expressão encontra-se tambem no processo inquisitorial de Goes — «Diz elle n'um depoimento que a sua casa era uma estalagem de extrangeiros» a quem fazia *bona xira*.

(2) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico,* parte 1.ª, maço 18, documento 111.

meu capitão moor e gouernador das partes da India..... Manuel de Ponte a fez em Lixboa a xxbiij° dias do mes de janeiro anno do naçimento de noso Senbor Jhũ Xpo de myll b°xxxbiij annos» (1).

XIII

Carta de D. Manuel, confirmando o grau de cavalleiro a Rogel de Gueldres —13 de dezembro de 1515

«Dom Manuell &ç a quantos esta nosa carta vyrem fazemos saber que Rogeell de Guellres, que esteue por noso condestabre dos bombardeiros da India na forteleza de Canenor nos apresemtou hũ asynado do vyso Rey, que D' perdoee, per que o fez caualeiro pelos seruyços que nos fez nas ditas partes, asy na tomada de Quiloa e Mõbaça que o dito viso Rei em cheguando a India logo tomou aos mouros e no foguo que se pos nas suas naoos e casas e asy no cerquo que hos ditos mouros poseram a nosa fortaleza de Canenor, em que nos seruyo muyto nos combates da dita forteleza em que com engenhos e arteficios que fez e tyros que atyrou desbaratou os bombardeiros dos mouros e alyfãtes que trazyam com que fazyam a guerra e asy como fora no desbarato dos Rumees do gram Soldam davamte da cidade de Dio, em que ho dito viso Rei desbaratou as naoos e guales darmada do dito Soldam, em que elle esforçadamente pelegou e atyrou com nosa artelharya e na estroyçam e queymamento da cydade daabull, em que yso mesmo fez muytos engenhos de foguo, nas quaes cousas em que asy fora foy muito ferydo, amtre as quaes ouvera hũa feryda pelo rosto pelejamdo por seruiço de D' e noso pydymdo nos por merce que ho comfyrmasemos por caualeiro, e por que fomos enformado que ele nos seruyo sempre bem ho tempo que nas ditas partes esteue e foy nas ditas cousas e em todas outras que em seu tempo se la fyzeram, avemdo a tudo respeyto, e por lhe fazermos merce temos por bem e o comfyrmamos por caualeiro e queremos que daquy em dyante guozee dos pryuylegios e lybardades de que guozam os caualeiros dos nosos Reynos, e porem mãdamos &c em forma. Dada em Lixboa a xiij dias de junho. Gaspar Roiz a fez—de jb°xb» (2).

O mandado de Affonso de Albuquerque, publicado no tomo 2.° das *Cartas*, a pag. 99, é do teor seguinte:

«Francisco Corvinell, feitor de Goa, o capitão geral e governador das Indias, &c' per este vos mando que des a Rosyll de Gellrres, comdestable que foy de Cananor, trynta crusados douro, de que lhe faço merce em nome delRey noso senhor polos serviços que fez de seu oficio e bom pelejar e tirar com artelherya a fortalesa de Banastary, tendoa cercada per mar e per terra, e per este, com o asemto dos esprivaes desa feitoria, vos seram levados em comta. Feyto em Goa aos desoito de novembro de mil quinhentos e doze, e far lhes loguo o pagamento em dinheiro sem duvida nenhuma que a iso ponhaes. = Affomso dAlboquerque.»

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 44, fl. 150 v.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 11, fl. 101.

XIV

Carta de D. João III, de 9 de agosto de 1547, concedendo uma tença a João Vaseu. Verba a respeito do filho d'este — Jeronymo Vaseu

«Dom Johão etc. faço saber a quantos esta minha carta virem que avendo respeito ao tempo que haa que mestre Joã Vaseu lee latinidade na cidade dEvora e ao fruito e proveito que com iso tem feyto e faz e por follgar de lhe fazer merce, ey por bem e me praz que elle goze e use daquy em diamte de todos os preuilegios e liberdades que tem e de que gozã e devem de gozar e vsar os lemtes cathredaticos da Vniversydade da cidade de Coimbra. E mando a todas minhas justicas officiaes e pesoas a que ho conhecimento desta pertencer que lhe deixem gozar e usar dos ditos preuilegios e liberdades e lhas cumprã e façã imteiramente comprir sem duuida nem embargo que a ello seja posto porque asy he minha merce e por firmeza dello lhe mandei daar esta por mim asynada e asellada do meu sello pemdẽte Amtonio de Freitas a fez em Lixboa a IX dias dagosto anno do nacimento de nosso Senñor Jhũ Xpo de ¯jb^{e} Rbij Manuel da Costa a fez esprever. e esto sera soomente ẽquamto ler latinidade na dita cidade como ora lee» (1).

«Jeronymo Vaseu, filho de mestre Vaseu, moço da camara, tem por mes quatro centos e seis r^{s} e ceuada por dia 3/4.»

Ao lado:

«Não tem casamento. Não tem moradia sem lhe caber luguar no numero» (2).

(Continúa.) SOUSA VITERBO.

---

(1) D. João III, liv. 29, fl. 73.
(2) Torre do Tombo, *Ordem de S. Tiago*, liv. 35, fl. 86.

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.* — Cont. do n.º 5, pag. 320)

Ex memoriali partiũ : : : Neapolit.—84

Superior diuertens in aliorũ collegiũ uel : : : iũ, cũ suo subdito cũ ipse per regulã 48 co : : : sit subditus in omnibus superiori illius loci, amittit ne omnẽ potestatẽ in subditum suũ?

Qu : : : retinet præter illam audiendi eius cõfessionẽ?

R.—In ijs quæ ad discipl : : : debet esse uterque subditus loci superiori. in Cæteris : : : superioritatẽ tã ad cõfessiones illius audie : : : opera vtendũ.

Cum subminister in suis regulis *habet*ur superior nõ sacerdotũ, si unus huiusmodi ei diceret (nolo parere) incideret ne in casum reseruatũ?

R.—In promptu habet subminister remediũ recurrẽdi ad superiorem cuius mandato si ille subditus nolit obedire, tunc incidet in casum reseruatũ.

An diebus dominicis et festis, quando omnes fratres communicant, et non habetur cõcio in templo nostro faciendũ sit examẽ ante prandium?

R. Dum cõcio nõ habetur in templo societatis, etiam si fratres eodem die communicarint debet pulsari ad examẽ et illud fieri.

Rector et Præpositus potest ne cõfiteri alteri ex nostris, quã cõfessario assignato a Prouinciale de nõ reseruatis?

R.—Assignato a Prouinciale cõfessario ordinario Rector deberet cõfiteri ut cæteri quod si ille ipsi nõ satisfaceret indicet provinciali, ut alterum assignet interim tamen dũ Prouincialis abest poterit aliũ eligere cui ordinarie cõfiteatur.

Regula 12 Rectoris intelligatur ne ita stricte negatiue ut

nihil prorsus ei liceat facere, quod nõ sit in illis locis expressũ quæ notat Regula.

R. Nihil potest quod nõ cõcedatur illi in regulis uel explicite uel implicite.

Qui sunt sumptus extraordinarij quos facere Rectori est prohibitum. Item quæ sũma erit æstimanda alicuius momẽti ibidem prohibita.

R. Extraordinarij sumptus sunt, qui nõ sunt necessarij ad victũ et uestitũ nostrorum, uel ad necessariã habitationis cõmoditatem. quæ autem mẽsura esse debeat intelligat ex Prouinc., quia pendet ex prudẽtia.

Ex responsis ad cõgregationem Venetã

An sit petendũ ut ::: declaret si nomine literarum quæ sine facultate scribi non possunt compre ::: schedula ::: chyrographa et memorialia, quibus ::: contra Regulam.

R. Nõ est dubiũ ::: et huius regulæ obseruationem diligenter Prouin :::

Ex Respõsis ::: Mediolan.

Liceat ne Patribus cõgregatis abijs tantum qui de cõgregatione sunt petere informationẽ de statu et gubernatione domorũ et collegiorum totius Prouincie ut possint suffragiũ suũ de cogenda uel non cogenda cõgregatione generalj tuto ferre et an alij teneantur respondere et qua lege silentij.

R. Formula cõgregationis statuit, ut dicantur rationes, quæ cuique occurrunt et ex ijs præcipua seligantur, et addatur, in quã partẽ propendeat pluriũ sententia.

Cum igitur unusquisque dicat rationes, quæ sibi occurrũt quæ publice ab omnibus audiuntur, et in ea cõgregatione nihil definiẽdum sit (definitio non pertinet ad cõgregationem procuratorum) nec formulæ cõsentaneũ est, ut informatio petatur nec necessitas aut utilitas ulla id suadet.

Ex memoriali Mediolanensi

An nostri debeant a munere exorcisandi omnino abstinere?

R. Nõ omnino quidẽ, sed animadvertant superiores, ut id et circunspecte fiat et prudenter.

Ex responsis ad cõgregationem Romanam

Cùm in canone 23. 2.ae cõgregationis Generalis prohibeantur arculæ ad colligendas eleemosinas in nostris templis, an id etiam intelligatur de capsulis quas habent aliquæ congregationes intra sua oratoria in nostris ecclesijs ad faciendas suas cõtributiones pro quibusdã expensis ipsius cõgregationis, et an hæ capsulæ permittendæ sint necne.

R. Canon de ijs arculis nõ loquitur.

Ex respõsis ad : : : itanie

Nõ nulli ex Prouincialibus stat : : : Gallia iejuniũ, et alias mortificationes pridie renouationis : : : ijdẽque Prouinciales sustulerunt huiusmodi cõsuetudinẽ : : : sse cõsuetudines societatis, cũ nõ : : :, in : : : subditorum nõ nullorum magna : : : ducũt uota renouare sine je : : : omnibus : : : iorũ etiam magna libertas cõscientiæ et relaxatio : : : etiam uota renouent ut maximum videatur periculũ futurum ne hæc renouatio votorũ societati adeo necessaria et utilis cũ tempore refrigescat, et inutilis reddatur, nisi iejuniũ illud statuatur. Visũ est igitur cõgregationi hoc aperiendũ esse P. nostro Generali eumque rogandũ, ut statuat quod facere debeamus, explicetque quæ sint illa, quæ permitti et fieri debent ante renouationẽ præter generalẽ cõfessionẽ ex Regula Rectoris 23.

R. Usus societatis habet ut abstinẽtia feriæ 6. transferatur eo die qui præcedit votorum renouationẽ sic tamen ut in prandio nõ mutetur qualitas ciborum eius diei. De alijs autẽ mortificationibus quæ laudabiliter ex propria cuiusque deuotione adhibentur nõ uidetur ulla lex ferenda: maxime quia nulla adhuc cõstitit nobis in hoc genere maior remissio quã que possẽt et superiores uel per se publice in exhortationibus, uel siquis particularis egeret, per cõfessionẽ excitare nostros in hac p : : :

Proposita est alia difficultas circa regulã Rectoris 63. Nã Judices sæculares in hac Gallia præsertim Parlamẽtorum vsurpant sibi iurisdictionẽ in ecclesiasticos, disceptantque de causis mere ecclesiasticis. Cũ autem bulla cœnæ domini id prohibeat sub pæna anathematis uehemẽter dubitamus, primum quidẽ an debeamus nos permittere, ut homines societatis ad sua subsellia uocent. 2.º etiam cũ aliqui ex illis ueniũt ad cõfes-

sionẽ, an possimus illis dare absol*uti*onem rationes in vtrãque p*ar*tem grauiss*im*æ allatæ sũt, quæ seorsim describen*tur*: Cùm aut*em* quæsitũ esset an placeret cõgreg*ation*i rem patri n*ost*ro p*ro*ponere, visũ est o*mn*ib*us* rẽ esse serio p*ro*ponendã, ut si opus sit hac de re Pontifex cõsulatur et nos instruamur.

R.—Quod attinet ::: declinẽt, quantũ possunt, sin aliud nõ possint ::: culpa ::: ad redimendam uexationẽ, ::: subse*l*ia patiant*ur*. De ipsis uero iudic ::: h*ab*em*us* responsum Pij 5. posse ::: cõ*f*ess*ari*us uidet eos nõ se ingerere ::: andã authoritatẽ sed potius ut ea ::: eant eo. s. quod episcopi ad quorũ id offici ::: id pe ::: h*ab*eant autoritatem uel eã nõ exer*ce*ant ::: absoluendi.

Ex memoriali Beticæ Prouinciæ

An Minister uel alius quispiam qui dũ Rector abest, in eius locũ substituit*ur* ipso facto potestatẽ h*ab*eat absoluẽdi à reseruatis?

R.—Absoluere a reseruatis p*ro*priũ Superioris est munus, cùm uero nullus ex ijs qui substituunt*ur* propri*us* sit subditi illi*us* qui absoluend*us* est, sup*eri*or nullã ad id potestatẽ habebit poterit t*amen* illũ absoluere cũ præcepto repetendi cõfessionẽ cũ suo superiore.

(Continúa).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

ESCHOLA MARIA PIA

(INSTRUCÇÃO DO SEXO FEMININO)

Noticia para o Congresso pedagogico de Madrid em 1892

(Cont. do n.º 6, pag. 335)

Estatistica

E' pouco interessante qualquer estudo estatistico sôbre a Eschola Maria Pia, pois que qualquer tentativa feita neste sentido representa o esforço de construir sobre movediça areia.

As bases da eloquencia estatïstica são o tempo e a estabilidade. Ora a vida da eschola tem sido instavel e a modificar-se quasi cada anno, a sua existencia absoluta não é longa, e os periodos de vida dentro de cada regimen são brevissimos.

Depois, com a incerteza de destino, com a esperança e desalento sôbre collocação no magisterio, que tem sido a melhor aspiração das gerações escholares que se têem succedido, com as difficuldades derivadas da menos feliz escolha de local para a eschola, com a versatilidade de animo de alumnas que se matriculam por experiencia e que a breve trecho se enfadam, com o capricho das familias, que frequentes vezes não sabem bem o que querem, a frequencia apresenta oscillações notaveis dos principios para os fins dos annos, havendo bastantes deserções, algumas perdas de annos por faltas, e no fim, e em virtude de menos applicação, muitas alumnas inhabilitadas de fazerem exames ou reprovadas nelles.

Se d'aqui deriva uma desvantajosa proporção entre o numero de matriculas abertas e o de cursos completados, ha ainda uma outra causa que vem aggravar este facto, qual é a do numero de alumnas bem classificadas, com sensivel aproveitamento, que abandonam o curso no primeiro ou no segundo anno, ou porque tiveram de mudar de terra, ou porque dentro de Lisboa deslocaram a residencia para bairro mais afastado do da eschola, ou porque preferiram ir completar a instrucção nos leccionistas particulares.

Mas, como muitas d'essas meninas, embora com os cursos incompletos, têem sido uteis para si e para os seus, não se deve lançar completamente á conta de despesa para a eschola a desproporção entre os cursos concluidos e os cursos iniciados, nem tão pouco o preço por que ficou ao estabelecimento cada curso, preço que só poderia ter eloquencia, quando confrontado com o de outros estabelecimentos de egual natureza.

Depois note-se que, nomeado todo o professorado desde o principio, em sete annos houve dois,—os primeiros—, em que não podia haver curso do terceiro e um em que o não podia haver nem do terceiro nem do segundo, e, quando foi da reforma que tornou o curso de quatro annos pela distribuição gradativa das mesmas disciplinas, houve um anno sem curso do terceiro, e o do quarto só virá a inaugurar-se no proximo anno lectivo.

Tudo isto prejudica a significação dos trabalhos estatisticos, que se podem resumir consideravelmente, dentro do ambito d'estas prévias explicações.

Assim teremos pois a apreciar os seguintes dados:

Numero de alumnas matriculadas.....	620
Numero de alumnas concluindo o curso ...	13
Proporções entre a matricula e os cursos concluidos	2 %
Numero de exames feitos na eschola	1933
Numero de approvações	1765
Proporções entre as approvações e os exames	91 %
Despesa total com a eschola	43:217$000
Proporções entre a despesa e o numero de matriculas	697 %
Exames de alumnas, feitos no lyceu de Lisboa	46
Approvações	43
Proporções entre as approvações e os exames	93 %
Alumnas collocadas pela Camara Municipal, depois dos cursos concluidos	6

Alumnas que seguiram modo de vida, dependente da instrucção adquirida na eschola..	50
Alumnas que seguiram cursos do magisterio ou na eschola normal, ou habilitando-se para exame	24
Total das alumnas que tiraram proveito conhecido da instrucção que receberam ...	148

(Estes dados estatisticos são um pouco arbitrarios, por quanto a segunda parcella é na verdade desconhecida e só se conglobam aqui as alumnas de que houve noticia particular; e tambem a terceira verba, apesar de se poder deduzir certa de documentos officiaes, vai baseada na simples noticia e pela enorme e quasi insuperavel difficuldade de confrontar registros, dependentes de estações publicas diversas).

Bibliographia

Se neste capitulo incluirmos o catalogo dos livros de estudo adoptados pela eschola, podemos reduzir o capitulo á lista annexa.

Se quizermos fazer d'elle a resenha de todos os volumes que tem publicado todo o professorado da eschola, é mais largo o trabalho, porque a lista é enorme, quasi não haverá um só professor que não tenha dado a lume compendios de estudo, adoptados no ensino secundario e no superior.

Annexa vai tambem a lista, tão incompleta quanto é de suppôr, á falta de dados seguros, e só formada pelos catalogos inscriptos nas capas de alguns compendios, ou pelo que a memoria póde fornecer neste momento.

Trabalhos

A parte mais importante d'esta secção seria a que se formasse pela collecção dos lavores femininos, em bordados, rendas, e pequenos artigos de elegancia, que deviam constituir um muzeu escholar.

Mas o que é facto, é que nunca a ex.ma Camara, tão generosa em dar compendios e alguns d'elles de elevado preço a todas as alumnas, quiz dar aviamentos para os lavores, resultando d'aqui que as alumnas, depois de feito o gasto com a materia precisa, logo que a obra estava completa, a levavam

para as suas familias, condescendendo, quando muito e a muitos rogos, em os deixarem expôr no dia da abertura solemne das aulas.

Lista dos livros de estudo adoptados na Eschola Maria Pia

A. Epiphanio Dias—*Grammatica portugueza; Grammatica franceza.*
L. Filippe Leite—*Selecta portugueza.*
C. Claudino Dias—*Exercicios de composição.*
A. A. Torres de Mascarenhas—*Verbos da lingua portugueza; Estylistica; Historia de Portugal.*
P. Midosi—*Poesias selectas.*
A. Cardoso Borges de Figueiredo—*Instituições elementares de rhetorica.*
F. Adolpho Coelho—*A lingua portugueza.*
J. Lima Dias—*Curso elementar de litteratura portugueza.*
Delacruz Vidal—*Selecta franceza.*
Professores do lyceu—*Trechos faceis.*
Jeronymo Northway do Valle—*Selecta ingleza.*
Julio Moreira—*Grammatica ingleza.*
E. de Bettencourt—*Chorographia de Portugal.*
J. Fief—*Abrégé de géographie.*
E. Cortambert—*Atlas de géographie.*
Z. Consiglieri Pedroso—*Compendio de historia universal.*
A. A. de Pina Vidal e C. A. Moraes d'Almeida—*Principios de physica; Principios de chimica; Geometria plana; Geometria no espaço.*
A. José da Cunha—*Elementos de arithmetica theorica.*
J. Miguel d'Abreu—*Compendio de desenho elementar* (1.ª e 2.ª parte); *Problemas de desenho rigoroso.*
J. Cunha Seixas—*Elementos de moral.*
J. J. Rodrigues de Freitas—*Elementos de escripturação mercantil.*
E. Ricardo Monteiro d'Almeida—*Compendio elementar de musica.*
Freitas Gazul—*Curso de rudimentos.*
J. Arnaud—*Exercices gradués.*

Publicações dos professores da Eschola Maria Pia

Antonio Manuel da Cunha Bellem (director)—*Relatorio sobre o plano das escholas, como presidente da junta escholar de Lisboa; Projecto do codigo penal escholar, como presidente da junta escholar de Lisboa; Historia do corpo humano; Chuva e bom tempo* (volume de leitura escholar); *Clarões e reflexos do progresso medico* (Relatorio do Congresso de Amsterdam); *Resumo da historia universal,* da encyclopedia do povo e das escholas; *Affirmações e duvidas sobre os ultimos progressos da hygiene* (volume do Congresso de Vienna); artigos sobre hygiene escholar na *Gazeta dos hospitaes militares;* artigos sobre instrucção publica em differentes jornaes e nomeadamente na *Revolução de Setembro; Discursos parlamentares sobre assumptos de ensino, especialmente de hygiene escholar, na camara dos deputados.*

Adriano Augusto de Pina Vidal (professor de mathematica) —*Principios de physica* (1.ª parte); *Principios de physica* (2.ª parte); *Cosmographia elementar; Introducção ao curso de physica da eschola polytechnica; Acustica; Calor; Tratado elementar de optica; Electricidade; Curso de meteorologia; Curso de architectura civil; Curso de pontes; Curso de navegação interior; Curso de trabalhos maritimos; Curso de pharoes; Materiaes de construcção; Processos geraes de construcção; Elementos de geometria plana* (de collaboração); *Elementos de geometria no espaço* (de collaboração); *Curso de chimica* (de collaboração).

Arsenio Augusto Torres de Mascarenhas (professor de historia)—*Noções elementares de poetica; Noções elementares de estylistica; Verbos da lingua portugueza—Pratica da conjugação dos verbos irregulares e defectivos; Novo resumo da historia de Portugal; Apontamentos para o estudo da historia de Portugal.*

Caetano Pinto (professor de francez)—*A instrucção primaria em Paris* (Relatorio); artigos sobre questões de instrucção no jornal pedagogico *Froebel* (1882-1885).

Carlos Augusto Moraes d'Almeida (professor de physica) —*Elementos de trigonometria; Elementos de geometria plana*

(de collaboração); *Elementos de geometria no espaço* (de collaboração); *Curso de chimica* (de collaboração).

Jeronymo Northway do Valle (professor de inglez)—*Selecta ingleza; Lições de inglez; Trechos faceis* (de collaboração).

José Cypriano da Costa Goodolphim (professor de contabilidade)—*Manual das caixas economicas escholares.*

Pedro Antonio Monteiro (professor de geographia)—*Compendio de philosophia racional; Elementos de moral.*

Antonio Manuel da Cunha Bellem.

NOTAS D'UM PAE

(Cont. do n.º 2, pag. 79)

Não ha doenças, ha doentes. Pois esta variabilidade organica ainda não é nada comparada com a dos espiritos!

As creancinhas têem uma mobilidade unica de rosto e de labios, que é deliciosamente expressiva. «A Elzirinha quer falar e não póde, e começa a rir-se para mim», diz o Domingos, encantado, interpretando-lhe os movimentos physionomicos.

As emoções luminosas. «Quero ver a luz!» pede anciadamente a Gigi, para que a ergam sôbre o parapeito da janella.

A curiosidade! Entrego a minha mulher um frasco de xarope: «Para quando a Gigi tossir.» Mas ella, que me ouviu, reclama logo: «Mamã, tenho tosse.»

Gigi, insaciavel de novidades: «Papá? que trouxe?» E, depois de ver: «Que trouxe, outra coisa?»

A idéa briga muita vez com o acto. Pensa-se d'um modo e procede-se d'outro.

E' ingenuamente que, mais ou menos, todos negam o acto que por inadvertencia praticaram, ou ficam surprehendidos, quando veem a dar por elle. Como hão de ter idéa de tal se não são essas as suas idéas? Pelo que não raro tornam a cahir na mesma! E' preciso fundir o pensamento com a acção!

Para os espiritos mais concentrados e distrahidos, os factos não existem. Passam por elles sem os ver; e depois não se lembram d'elles, e até os negam. São muito assim, destituidas das faculdades de observação e applicação, as creanças mais intelligentes.

A Gigi quer que eu lhe abra uma caixa que tem dentro

uma medalha. «Depois do jantar», prometto-lhe. Vimos de jantar. E ella, logo, para mim. «Papá, já *almocei*.»

A lembrança da operação que o dr. Daniel lhe fez, ainda persiste na memoria da Gigi. A elle attribue até as mutilações que são da sua propria lavra. «Daniel cortou os dedos todos á boneca» communica-me ella, lastimosamente.

Quando temos varias idéas, é muita vez preciso, para não esquecer nenhuma, começar por apontar a ultima, que, apesar de mais fresca, é a mais fugaz, ou por não ter tido tempo ainda de se entalhar na memoria, ou por já encontrar a memoria cançada, quasi esgotada.

Os velhos lembram facilmente os successos da sua juventude, ao passo que os mais recentes se lhes esvaem.

Ha pessôas que nos é sempre agradavel lembrar. Outras infelizmente são as nuvens negras da nossa memoria.

A imaginação infantil é creadora. A Gigi: «Este quarto é do papá; e aquelle é meu, da mamã, da Nella, e da *boneca*.»

A creança conta, a poder de gestos, não só o que viu, mas ainda o que só existe na sua phantasia. A Gigi quasi se deixa cahir no chão para me pintar ao vivo a ferocidade d'um macaquinho de velludo, que lhe deu, declara ella, um grandissimo empurrão.

Cultive-se a imaginação. Por ella vivemos nos outros, e, sentindo as suas dôres, nos dispomos a sacrificar-lhes os proprios gosos.

A questão para as creanças não é muitas vezes de qualidade, mas sim de quantidade. E' que lhes entrou a paixão arithmetica. «Mamã, não quero pouco, diz a Gigi já sem vontade de comer, quero muito.» E'-lhe indifferente a iguaria, o que deseja é ver o prato cheio.

Gigi: «Não quero isto (um gaipo só d'uvas), quero tanta uva.»

O tempo e o espaço ainda mal existem para a creança. Seguimos viagem em caminho de ferro, quando numa estação a Gigi: «Papá! vá-me buscar uma boneca.»

A Manuella perguntou á Gigi em Zürich onde estava a Esther (uma amiguinha de Coimbra). «Ali em baixo, na outra rua.»

Pensando e escrevendo por imagens. A Gigi traz-me um bilhete postal illustrado, que lhe dei: «Escreva a mim, papá.» Que hei de dizer á Gigi? «Tantas lettras.» Muitas? «Sim, muitas.» Que lettras? «Umas lettras quaesquer.» E que hei de dizer nas lettras? «Um pipo.» Como? «Um urso.» «Um macaco.» «Um pau para bater no papão.»

D'outra vez, usando já a figura em sentido translato. «Papá, escreva a mim, escreva uma carta minha á Gigi.» Que hei de dizer? «Lettras.» E nas lettras? «Malmequer.» Que lhe não quero bem? Mas se quero! Não! isso não ponho.

O professor devia sempre ligar a theoria scientifica á concepção vulgar em que ella se filia. Todos, por exemplo, falando em acima e abaixo, lado direito e lado esquerdo, adeante e atraz, estão dividindo o objecto que descrevem, segundo tres planos e tres eixos, como os geometras.

Temos dois modos de notar e indicar as fórmas dos objectos: ou assemelhando-os a fórmas usuaes, geralmente conhecidas, ou calculando as distancias, symetricas ou não, dos seus diversos pontos. Mas no primeiro modo, que é o popular, já vai esboçado o segundo, que é o scientifico, porque a figura d'um ovo, a oval, por exemplo, envolve já para nós umas relações de grandezas geometricas, posto que vagamente calculadas, quasi só quantitativamente e mal ainda numericamente.

Quem não critica e profunda as suas idéas, fica na instabilidade mental do povo, que, a proposito de tudo, tem sempre dois rifões contrarios, e ás vezes até mais, a antithese e a synthese em confusão. «Fia-te na virgem e não corras» diz agora, e logo «Mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga», e pouco depois «Trabalha, que Deus te ajudará.»
Nesta instabilidade mental se acham ainda as creanças; e assim se explica porque lhes pareça tudo egualmente possivel, o pró e o contra.

Os seres, como a natureza os decompõe, são o que chamamos corpos; divididos pela nossa emotividade ou pela nossa faculdade sensitivo-motriz, são fôrças; e discriminados pela

nossa intelligencia, são abstracções. A fôrça é um intermedio entre o corpo concreto e a propriedade abstracta.

As imagens são percepções ou representações mentaes dos corpos; as idéas, representações das suas propriedades. A representação da fôrça tanto se póde chamar imagem como idéa.

A sensibilidade recebe as impressões dos corpos, convertendo-as em sensações, que tanto dissocia como funde.

A intelligencia recebe os abalos dos corpos que lhe transmitte a sensibilidade, convertendo as sensações em imagens, e ora separa e junta as proprias imagens pela imaginação, ora leva a decomposição das imagens até ás idéas e relaciona umas com outras ou só as idéas entre si pela idealização.

Darwin tinha razão. Nada mais suggestivo do que o estudo dos pequenos, das coisas minimas e apparentemente insignificantes. Pela sua simplicidade, como nellas se vê claro o que na estructura complexa dos outros phenomenos, mal se alcança, porque se mistura e confunde!

Mas quando um caracter insignificante differença bem os objectos do nosso estudo, isso só significa que a ordem simplista em que os pretendemos classificar, é falsa.

Muitos julgam ter resolvido um problema, quando o decompozeram em todos os seus aspectos e em todas as questões fraccionarias que elle abrange, até o pulverizarem. A analyse é indispensavel e importantissima, mas não é uma solução.

As creanças, que já distinguem as côres, podem distinguir tambem os nomes respectivos, mas troca-los ainda. O mesmo succede com a graphica. Por isso a leitura não é logo para os primeiros annos. A correspondencia exacta entre os objectos e os termos é operação para mais tarde.

Apprendendo a lingua. A Gigi, traz-me nozes: «O papá gosta? Foi o padre que mandou.» «Como, padre?» «A mamã disse.» «Ah! o compadre.» «Foi o compadre!»

Muito gostam as creanças de brincar com as palavras! Um *calembourg* aos tres annos. A' sobremeza, offerecia-se uma torta á Gigi. E ella: «Quero a torta e quero a direita.»

E' mesmo possivel que depois ficasse com curiosidade do prato antithese, creado pela sua imaginação.

A Gigi joga com a bola e com as palavras ao mesmo tempo. «A bola é da menina!?» «Não! é de pelle.»

A Gigi, falando analyticamente: «O papá toma banho frio, e eu quente e frio.»

Ensinar só palavras lembra a parabola da caverna de Platão. E' ensinar apenas sombras.

O amor da arte. A Maria, desgostosa com as secussões do wagon, por não poder desenhar umas figuras, lastima-se para a sua admiradora Joaquina: «No comboyo nem se póde pôr o bigode a um homem!»

A delicadeza não deve ser um objecto de luxo, vão adorno dos ricos, inaccessivel aos pobres.

A bondade com todas as suas ternuras concentra-se no coração do povo, mas, por fóra, a casca é ainda grossa, corpo e vestuario. E' preciso que a delicadeza interior se envolva em fórmas tambem delicadas.

Um operario em Zürich, passando deante de mim por um rapazola distrahido que lhe embargava o caminho, levantou-o a pulso e pô-lo de lado, caminhando sempre. E' expedito, mas pratico de mais, quasi cirurgico. Uma machina ainda podia proceder assim.

A ociosidade não é absolutamente improductiva. Quando não tem mais nada que fazer, o homem olha por si. Ha uma certa distincção de porte, uma elegancia de maneiras que a ociosidade cultiva. Por isso ella faz falta. E não é perfeita uma sociedade tão atarefada, que não ache tempo para se pulir. O que é preciso, é transformar os ocios aristocraticos, privilegiados, odiosos, nos ocios que todos os trabalhadores devem compartir, é preciso dar á ociosidade o caracter democratico d'um justo descanço, necessario a todos.

O prazer é como a saude, radiante, cordial. A Gigi, sensibilizada pelo canto, sente a necessidade effusiva de se chegar para a mãe e fazer-lhe festinhas.

O apuro, a elegancia, é socializador. O mal é que o venha a ser de mais, convertendo-se em dissipação.

Comprou-se um lindo chapeu de palha á Gigi. E ella, na sua tafularia, todo o dia, após cada passeio, instava: «Quero sahir outra vez!»

A diplomacia, o *savoir faire* infantil. Tinhamo-nos levantado para sahir, mas continuavamos de pé, entretidos com a Gigi, que estava adoentada. Nisto a um dos nossos hospedes que lhe dava conselhos para ella ficar boa, alguem sublinhou do lado: «V. fala como um medico.» E immediatamente a Gigi, com o seu terror pela medicina, vem para mim, estendendo-me a sua mãosinha: «Adeus, papá!» Está claro que de quem ella queria ver-se livre, era do *medico*. Ninguem o despediria mais finamente. Fechada a porta, voltou-se com toda a naturalidade para a mãe: «O sr. F. é medico, sabe?»

A carta de medico abre todas as portas do interior da familia, e, comtudo, não ha em geral profissão mais mal preparada para honrar tamanha confiança. O medico vê o corpo, não vê, não respeita a alma. E é o ensino o grande culpado da sua falta de delicadeza de sentimentos. Quem lhe dá a educação moral?

A vida, porém, do medico, posta a cada passo em risco pelos outros, exercita tanto a sua cordialidade, que é raro que não acabe por vencer o materialismo da sua educação. Alguns tenho eu conhecido, tão dedicados, que se tornam medicos não só do corpo, mas tambem da alma.

O saber logo se converte em serviço, quando se sabe tambem com o coração. A Gigi, que está ao meu lado a comer peixe, volta-se de sobresalto para me avisar: «Papá, olhe as espinhas.»

Domingos, 6 annos, é a admiração da Gigi. Elle, todo refestelado numa cadeirinha de palha, com uma pasta sôbre as pernas encruzadas, a rabiscar bonecos; e ella, ao lado, de pé, extasiada: «O Domingos sabe muito bem. A Gigi não sabe, mas ha de apprender.»

A cultura do espirito nunca deve ser uma cultura de odios, meditem-no os reformadores.

Incapacidade das classes superiores para qualquer serviço. Precisam de passar das aulas, onde lhes não exercitam a iniciativa, para os empregos em que só falem e escrevam, sem saberem nada, reproduzindo palavras por as ouvirem ou lerem.

A civilização da gente rica é muita vez uma civilização comprada apenas, postiça, não é d'ella.

Mas não se antecipem os estudos. Mandar a uma aula alguem que ainda não póde interessar-se nella, que, por qualquer motivo, não póde prestar-lhe toda a attenção, é, por amor á instrucção, comprometter a educação. E, depois, nem uma, nem outra.

Porque é que tantas pessôas entendem que se trabalha só por necessidade? De modo que quem não trabalha, é um ente superior, isento de necessidades. Não é só porque ignoram o goso do trabalho livre; é porque, de facto, em grande numero das suas fórmas o trabalho ainda não luz, não fala ao espirito, é automatico, improbo, aviltante.

Devemos conter as nossas excitações organicas de mal-estar e os seus receios e impulsos. Entregando-nos a ellas, o impulso cresce com o receio, e o incommodo ou doença apodera-se de nós, aggrava-se e irrompe.

A vontade é a inclinação das nossas faculdades por sua propria iniciativa. Vem desde o desejo até á inclinação consciente, que é a vontade propriamente dita.

O acto final por que nos determinamos, é a resultante do conflicto entre varias idéas, sensações e emoções, cada uma das quaes lucta por nos dominar; e o conflicto não é só entre as nossas proprias inclinações, mas tambem d'ellas com todos os movimentos automaticos provenientes de excitações externas á nossa alma.

Diz-se a uma creança: Não ponha a mão ahi. E ella, zás! põe logo a mão. Foi mais forte a suggestão do que a ordem.

Se nos habituamos a esperar que os outros nos façam tudo, pômo-nos na sua dependencia, e arriscamo-nos a um dia para nada prestarmos e nada obtermos de ninguem. Assim, muitos

amos e amas se tornam escravos dos creados, e ficam inteiramente á mercê d'elles.

A Gigi, quando não quer alguma coisa, diz: «Não posso.» A Manuella, essa, é «não sei.» Uma, pequenita, desculpa-se com a sua fraqueza; a outra, como anda a estudar, com a sua ignorancia. E pessôa, por exemplo, que não tenha bôa vista, dir-nos-ha: «Se eu não vejo!»

O que a Gigi, a passear commigo, quer quasi ao mesmo tempo. «Papá, quero um carrinho para a boneca e outro para mim. Quero um gato. Quero um relogio pequenino. Quero uma bicycleta grande. Quero um cão sem dentes.» E continúa.

Estando o Domingos a despejar a bacia para lavar as mãos, eu adverti-lhe que a agua estava limpa. E elle apressadamente tapou o buraco da bacia, exclamando: «Não sabia.» Mas em seguida tornou a abri-lo com este singular commentario: «Já agora, acabo de despejar.» O que é o automatismo, a velocidade adquirida!

E' por isso tambem que o dissipador, depois de ter gasto quasi tudo, atira com o resto da sua fortuna. «Por pouco, é melhor nada!» Não ha tal; com pouco poderia chegar a restaurar tudo. Mas arrasta-o a velocidade adquirida pelo habito da dissipação.

O acto muitas vezes repetido, a rotina, chega mesmo a subordinar a intelligencia. Por isso Pascal receitava: «Vá-se tomando agua benta, que a fé virá.»

Certas creanças habituam-se tanto a responder, retrucar, renhir, que de tudo, ainda o mais agradavel, tiram motivo para impertinencia e ataque. «Afinal não está aqui o frio que diziam!» brada, ao meu lado, em tom agoniado, uma rapariga, ao sentir-se, como todos, docemente acariciada pelo ar tepido de maio numa terra montanhosa do norte..

A obstinação das creanças nos seus pedidos não provém só da natural impaciencia da edade, como diz a Gigi,—não podem esperar—, mas tambem da experienciasinha dos seus desenganos, das vezes que lhes têem faltado ao promettido.

Quando são as proprias creanças que se magoam, se é por tolice e culpa sua, dizem logo, como a Gigi: «Não foi nada!» Senão, oh, que choradeira!

«Que pancada tão forte que a Gigi deu no joelho do papá!» «Foi a cadeira» rectifica ella.

As creanças, como ainda não alcançam as consequencias todas dos seus actos, attribuem-nas a outros agentes, mesmo materiaes.

Ha um certo imperativo indispensavel para a disciplina.

Quando se faz um pedido com demasiada timidez, por mais simples que elle seja, corre-se o risco de se não ser servido. Parece que se pede demais, algum impossivel.

A grande intelligencia de certas creanças tira-lhes até certo ponto a confiança nos outros, e torna-lhes difficillimo o apprendizado da obediencia. Não fazem o que se lhes diz, ou vão primeiro ver se o devem fazer. E assim deixam muita vez passar a opportunidade para o que se lhes ordena.

As creanças que não tomam a educação de seus paes, sujeitam-se a recebe-la de estranhos.

O homem não nasce bom ou mau, a virtude é obra sua. Mas a infancia esboça em todas as raças um estado superior que ao adulto não é dado ainda attingir. Na verdade a creança é por toda a parte um prodigio.

A arte é sobretudo cordialidade; a industria, serviço; e a sciencia, sobretudo lei, dever.

Nós gravitamos para a verdade, e portanto para todos que a possuem. E' a obediencia a nós mesmos ou aos outros.

Obedecer á vontade divina é effectivamente obedecer á concepção que temos do bem. O peor é que no-la arrancam, apodando-nos de incapazes de concebermos por nós a divindade, para nos imporem os seus dogmas. E assim pretendem aniquilar-nos a vontade.

A Egreja podia e devia ser sempre a grande propulsora

moral do mundo. Porque o não quer? Rouba assim á civilização a sua incontestavel fôrça, que ainda hoje é colossal, quando a não volta contra ella.

Muita gente não adverte que é sempre melhor mudarmos de opinião por nossa livre iniciativa do que pela imposição dos outros ou da fôrça das circumstancias. Para evitarmos um golpe sôbre o nosso erro ou a nossa falta, o meio não é encobri-los, mas cobrirmo-nos por nós mesmos com o seu voluntario reconhecimento e confissão, antes que ninguem no-los impute.

Os que só têem olhos para o passado, cahem facilmente na consagração dos factos, da lucta, do mal; os que só os abrem para as bandas do porvir, correm o risco de se illudir utopicamente nas suas aspirações de reforma, de fraternidade, de bem.

Não só a arte tem de pedir inspiração ao povo. Até a moral. Veja-se agora como são os operarios que, no meio do desvario imperialista da Inglaterra, propugnam a causa da paz.

«Para que é o guardanapo senão para sujar-se?» professa um rapaz á mesa. E' para o que servem effectivamente a muitos adultos as immunidades inherentes á sua jerarchia, é para, julgando-se livres de obrigações, se emporcalharem moralmente, sem d'ahi lhes advir mal algum.

Que costumes! Chorava um professor, por o ministro lhe recusar a transferencia para a capital, onde nem sequer logar vago havia legalmente, quando mesmo lhe pertencesse a vez, havendo-o.

Um amigo meu, que é bastante sanguineo, surge-me todo assarapantado. «Não quer saber? Vou ha dias a casa de F. e diz-me cobras e lagartos d'uma pessôa, não ha pecha que lhe não ponha; e, hoje, que eu fazia minha uma d'essas apreciações, interrompe-me que não podia consentir que, deante d'elle, alguem se exprimisse menos lisongeiramente para com pessôa, por todos os motivos, tão digna da sua amizade. Ora esta!» E' que, como diz o povo, *quem dá é pae,* ainda que não seja bom cidadão, nem mesmo ás vezes bom pae.

Um homem que, por todos os meios, tinha alcançado for-

tuna, dizia-me para se justificar d'uma suspeita da opinião: «Se eu já não preciso de fazer patifarias!»

Mas ha precitos, caracteres tão profundamente contaminados pelo mal, que, nem quando respiram o ar das cumiadas, melhoram. A um alto funccionario, intelligente, instruido e trabalhador, perguntou o ministro uma vez, com sincera estranheza, porque é que elle não queria ser tambem um homem de bem. Parece que já não podia.

Ha dois modos de nos distinguirmos e nos fazermos apreciar: para bem ou para mal, elevando-nos ou abatendo-nos. E o segundo é tão facil! Não os confundam, sobretudo as mulheres.

Muita gente faz gala d'astuciosa. Mas a astucia é tão accessivel a todos, é tão infantil!

A Gigi quer ir para o jardim. Como está a chover, fecho-lhe a porta do meu gabinete. Mas ella: «Só uma voltinha, papá!» Permitto-lhe que vá até ao pateo d'entrada dar a tal voltinha, e fico a olhar. Então, como quem abunda nos meus receios, ella adverte-me com estranheza: «Papá, feche a sua porta, tenho frio.» E d'est'arte pretende livrar-se de mim e escapar-se, a espertalhona. Quantas se conservam assim até aos 20 e 30 annos!

A corrupção da mocidade não póde deixar de repassar toda a vida d'um travo arido e doloroso.

Em meio da depravação da familia, dos paes, dos irmãos, desaforados mesmo no interior domestico, como as raparigas cultivam e conservam sempre pura a casta flôr da virtude! E' admiravel!

Por isso tantas familias se extinguem pelos seus filhos, e só as filhas têem o condão de lhes perpetuar o nome.

Corajoso é só quem cumpre o seu dever. Qualquer outra coragem é vã, e é falsamente que se lhe compara.

Todos os rapazes, a estudar, fazem pouco mais ou menos como o Domingos, que, entretido, dizia á santa da avó: «Deixe-me agora em paz.» Ah! A paz, meus filhos, não é o egoismo, a indifferença pelos outros, mas a harmonia social pela mutualidade dos serviços.

O engenho é discreto e conciliador. Gigi, sentada ao meu lado no comboyo, queria a vidraça corrida até baixo, para ver melhor, mas, como eu lhe observasse que andava constipado e me faria mal, não insistiu; deixando-me, saltou para o collo d'um companheiro de viagem, que, como estava de pé, a podia levantar á altura da fresta da janella.

A Gigi puxa-me pela mão para que eu vá ver a Elzirinha ao collo da avó. E o Domingos, que está com a pequerrucha, communica-me, cheio de enthusiasmo, que ella acenou com a cabecinha *que não torna mais*. Escuso de dizer o que ella tinha feito.

Não só o estomago, o coração tambem dá horas: «Estão a ser horas... da gente ir ás manas» diz a Gigi bem longe d'ellas.

Tudo quanto via durante a viagem, a Gigi queria mostrar ás irmãs, que tinham ficado em Portugal. «Vou mostrar á Rita.» Ou á Maria ou á Quina. Tanto pelo espirito se conservava perto d'ellas!

A Gigi, quando nos offerece seja o que fôr, é sempre prasenteiramente, dourando-o com o seu sorriso.

E ha adultos que nos dão as coisas, como se nos dessem com ellas.

A Gigi é bem mulhersinha. Os seus cuidados já pelos irmãos! Em Barcelona, quasi ao partirmos, toda inquieta: «O Antonio está sempre a dormir! A gente vamos embora, e o Antonio está na cama! Vá ao pé do Antonio!» E note-se como, só de tres annos, encadeia tão bem as suas idéas e se exprime nitidamente!

Estou para sahir. Arrefeceu. Noto-o. Diz logo d'ali a Gigi: «O papá vai sem sobretudo?» Olho, suspenso, para a mãe. E a minha joven conselheira, como se eu nada tivesse de que me admirar: «Eu sou muito amiga do papá.» Ah! como saio feliz! Nem precisava de agazalho. Póde nevar muito embora sôbre o meu caminho, que não haverá frio que entre commigo. Levo o melhor cordial.

A Gigi: «Até logo! O' mamã, diga até logo ao papá.» E,

em seguida: «Papá, dê-me um beijo antes de se ir embora... E agora dê outro á mamã.»

A Gigi sente tanto gôsto em dar, em prestar serviço, que reparte esse gôsto com as suas amiguinhas: «Vá dar ao papá. Vá levar ao papá», diz ella.

O prazer de ver as pessôas queridas! A Gigi não sentiu a Manuella sahir. Mas, logo que deu pela sua ausencia, voltou-se para mim. «Papá? a Nella? Quero vê-la.»

A Maria e a Joaquina dançam ao compasso, não da musica do piano, mas da musica muito mais melodiosa do seu mutuo arroubamento.

O coração não mede distancias. «Vamos ver as manas.» «O papá foi a Famalicão?» diz em Zürich a Gigi, com saudades das irmãs, como se bastasse dar alguns passos para ir ter com ellas.

A Gigi faz propaganda de meiguice: «Papá, dá um beijo á boneca.»

Não pede só o guloso para o desejoso. A meiga Gigi, vindo do almoço: «Papá, papásinho, vá almoçar!»

Voltando-me para duas creanças que estavam á mesa d'um hotel, perguntei: «Não comem?» Responde-me uma, toda delambida: «Ainda ninguem me serviu!» A outra, discretamente: «Ainda me não servi.» De facto, ainda o creado não tinha chegado ao logar d'ellas.

A quem tem coração, custa sempre ser desagradavel, mesmo a uma creança. O Daniel escreve me para Zürich que vá tirando á Gigi o vicio de adormecer com o dedinho na bocca, mas sem lhe metter medo com elle, que foi o seu medico e teve de a operar. Não quer ser o seu papão.

As lições da infancia. «Papá, que está dizendo á mamã?» pergunta-me a Gigi, com estranheza, por me ouvir falar a minha mulher em tom agastado; como quem acha que se lhe não deve falar assim. Beijámo-la, e, depois de lhe explicarmos que a minha quezilia era com outra gente, eu prometto-lhe que

*

hei de fazer tudo por me não zangar com mais ninguem. A irritação effectivamente destôa como uma embriaguez.

«Não chore!» dizemos á creancinha em tom de rogo. E assim ella apprende a levar-nos pelo enternecimento, quando não é mesmo pela impertinencia e importunação.

Não é sempre inconscientemente que as creanças reforçam pelo chôro as suas pretenções. E' por vezes muito propositalmente. A Gigi ainda outro dia ameaçava a Manuella. «O' Nella, eu choro!»

«Mamã, deixe-me ir á chuva.» Assim troça a Gigi do mimo que lhe dão.

O professor precisa de ter talento pratico, segurança de acção, uso, para tratar com os discipulos. Senão succede-lhe como aos inexperientes e desastrados, que não pegam em nada que não deixem cahir das mãos: os discipulos escapam-lhes. Por isso todo candidato ao magisterio devia começar por fazer a sua apprendizagem sob a direcção d'um professor já abalizado.

E o professor de ensino superior devia passar antes por uma eschola média e começar mesmo por praticar numa eschola primaria. Ha-as para tudo. O medico, por exemplo, tem para o seu apprendizado inicial a eschola de enfermeiros.

A esterilidade do nosso ensino. Para produzir, parece necessario estar fóra do magisterio.

As Universidades não se sustentam para caberem dentro d'ellas os descendentes degenerados dos grandes homens. A aristocracia, se pretende manter os seus titulos, que os dispute esforçadamente aos filhos do povo, em toda a parte, e, a começar, nas aulas.

Nas aulas é preciso passar da demonstração pelo professor á manipulação pelo alumno.

O que duram enganos. «Logo!» diz-se ás creanças, por falta de coragem de lhes oppôr uma recusa terminante, com pena de as ver chorar. Conta-se, como em tudo, com o effeito da procrastinação, que é o esquecimento. Mas, em breve, ellas

descobrem o estratagema, o *truc,* e até o voltam contra nós. Ahi está a Gigi, apenas de tres annos, que, quando a convidam a tomar um remedio, já não diz que não, trata tambem de entreter a gente com esperanças, promettendo com a maior firmeza: «logo!»

Se as creanças sentem quanto dependem de nós, das mães sobretudo! Pobres das orphans!

Por causa de certa rabugice que a Gigi fizera de noite, a mãe disse-lhe que a não queria mais. E a ella doia-lhe tanto só a sua vaga idéa de ser enjeitada e perder os carinhos maternos, que, no dia seguinte, mal acordou, como tinha passado socegada toda a noite, as suas primeiras palavras foram: «A Gigi é da mamã.»

O direito é o direito de dispôrmos de nós, de nos governarmos, o direito de personalidade; o direito de dispôrmos das outras pessôas, de as governarmos, o direito de associação; e o direito de dispôrmos das coisas, de as governarmos, o direito de propriedade. O direito de nos governarmos e aos outros faz objecto da politica, do direito de governarmos as coisas occupa-se a economia. Como não podemos governar as coisas sem nos governarmos a nós mesmos e uns aos outros, a economia é sempre economia politica. E reciprocamente.

Ninguem tem o direito de ser grosseiro, insolente, sobretudo quando fala em nome da lei.

Os direitos offendidos convertem-se facilmente em direitos offensivos.

A humana fragilidade! Para desarmar os adversarios e tirar-lhes a má vontade, é conhecida a trica de lhes pedir conselho sôbre algum accidente ou pormenor de execução, quando não é sôbre a execução de todo o plano, fazendo d'elles mesmo collaboradores. E, se se póde, vai-se até ao ponto de lisonjeiramente lhes attribuir a paternidade e honras principaes da opinião ou do acto que se pretende fazer vingar com o seu consentimento.

«Aberta a todas as aspirações politicas, a livre Suissa não póde admittir a propaganda pelas vias de facto!» exclamava o procurador geral no processo instaurado ultimamente a anarchistas pela Confederação.

Para dirigir os homens é mister conhece-los, o que não é o mesmo que conhecer os negocios. E, reciprocamente, para conduzir os negocios é preciso conhece-los, o que não é o mesmo que conhecer os homens. D'ahi, tantos politicos maus administradores, e tantos administradores maus politicos. Não digo pessimos, porque a direcção dos homens e a conducção dos negocios sempre se cruzam.

Como havemos nós de cumprir a nossa missão educativa das raças conquistadas pelos nossos maiores, se a não desempenhamos sequer entre nós mesmos?

Nem ao menos amparamos os nossos irmãos emigrantes. Quantos clamam por soccorro da mãe-patria, sem que ella lhes estenda os braços!

E' curioso ver como os nossos dictadores politicos pretendem fazer tambem dictadura intellectual, impondo á critica sabios, artistas e industriaes, a seu talante.

A Gigi meu dictador, dignando-se explicar-me que os seus pedidos são ordens. «Quando a Gigi pede ao papá que corra, o papá corre.»

Gigi é quem superintende nos meus exercicios physicos. Abre-se de pancada a porta do meu gabinete de estudo, e uma voz inconfundivel me brada: «Papá, levante-se!» «Papá, salte!» «Papá, bata palmas!» «Ande papá, dance!» E quem não ha de saltar e dançar, só de vê-la?

A noção que a Gigi tem da propriedade. Quando, ao passar por algum sitio vê flôres bonitas, exclama logo: «Olhe as minhas flôres!» Tudo quanto lhe agrade, pertence-lhe de direito natural.

Quem fôr ministro em Portugal e não distribuir favores, corre o risco de comprometter os seus proprios talentos. «Não vale nada» dirá a insaciavel clientela desapontada. Effectivamente para ella assim é.

(Continúa).

BERNARDINO MACHADO.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

CRANIOS PORTUGUÊSES

(Cont. do n.º 6, pag. 346)

Resta-nos agora demonstrar a affirmação que fizemos, de que existem, entre nós, dois ou talvez tres typos brachycephalos, ou antes dois ou tres typos mesaticephalos, distinguiveis tambem pela estatura e pela grandeza do cranio.

Um desses typos é de cabeça grande e de baixa estatura, e encontra-se ao norte de Portugal, na provincia do Minho; os outros dois, de estatura bastante mais elevada e de cabeça muito mais pequena, encontram-se ao sul do paiz, nas duas provincias do Alemtejo e do Algarve. Não é difficil provar a sua existencia.

Segundo medidas estereometricas feitas em 34 cranios minhotos pelo dr. Ferraz de Macedo, a capacidade média desta provincia é de $1591^{cc}.44$. A sua estatura média, segundo observações de Fonseca Cardoso é de 1638^{mm}. Os seus indices cephalico e nasal, segundo Fonseca Cardoso são tambem respectivamente 78.1 e 64.2. Estas medidas mostram a coincidencia do mais elevado indice do paiz com uma das suas menores estaturas, e uma das suas maiores capacidades, a segunda depois da Beira-Alta. A coincidencia duma pequena estatura com um indice cephalico bastante elevado e uma grande capacidade craniana, faz-nos suppôr que na composição ethnica do minhoto actual entrou um elemento baixo, brachycephalo, muito robusto.

Deixando, porém, para logo a determinação deste typo ethnico, trataremos de provar que existem differenças muito notaveis entre os caracteres do minhoto actual e os dos mesaticephalos do sul (Alemtejo e Algarve).

A capacidade média do minhoto, como dissemos, é de $1591^{cc}.44$, $43^{cc}.67$ maior do que a do alemtejano, que, segundo 18 observações do dr. Ferraz de Macedo, é de $1547^{cc}.77$, e $37^{cc}.26$ maior do que a do Algarve, que, conforme 22 obser-

vações do mesmo anthropologista, é de 1554cc.18. A estatura média do minhoto (1538mm, segundo 3.089 observações de Fonseca Cardoso) é inferior á do Alemtejo, uma das maiores do paiz (1662mm, segundo 173 observações de Severino Marques), e inferior tambem á do Algarve (1646mm, segundo 100 observações de Severino Marques). O indice cephalico medio do minhoto, o maior de Portugal (78.1, segundo 3.089 observações de Fonseca Cardoso) fica logo acima do do Algarve (76.91, segundo 100 observações de Severino Marques) e do do Alemtejo (76.34, segundo 173 observações de Severino Marques), provincias que com o Minho, representam, entre nós, tres fócos importantes de brachycephalia. O indice nasal medio do minhoto (64.2, segundo 3.089 observações de Fonseca Cardoso) é proximamente egual ao do Alemtejo (64.63, segundo 173 observações de Severino Marques) e bastante inferior ao do Algarve (66.1, segundo 100 observações de Severino Marques). Em ultima analyse, o minhoto é um mesaticephalo, leptorrhinio, de estatura abaixo da mediana e cabeça grande; o alemtejano, um mesaticephalo de indice inferior ao do minhoto, leptorrhinio, de estatura acima da mediana e cabeça relativamente pequena; o algarvio, finalmente, um mesaticephalo de indice superior ao do alemtejano, mas inferior ao do minhoto, menos leptorrhinio que qualquer destes dois, de estatura mais alta do que a do minhoto, mas mais baixa do que a do alemtejano e com uma capacidade craniana intermédia, muito mais proxima da do Alemtejo do que a do Minho.

Quadro recapitulativo e comparativo dalgumas medidas anthropometricas do minhoto, do alemtejano e do algarvio actual

REGIÕES	ESTATURA	INDICES		CAPACIDADE
		Cephalico	Nasal	
Minho (Fonseca Cardoso e dr. Ferraz de Macedo)	1638 (3.089 obs.)	78.1 (110 obs.)	64.2 (110 obs.)	1591cc.44 (34 obs.)
Alemtejo (Severino Marques e dr. Ferraz de Macedo)	1662 (173 obs.)	76.3 (173 obs.)	64.6 (173 obs.)	1547cc.47 (18 obs.)
Algarve (Severino Marques e dr. Ferraz de Macedo)	1646 (100 obs.)	76.9 (100 obs.)	66.1 (100 obs.)	1554cc.18 (22 obs.)

Os factos que acabamos de relatar parecem-nos provar a existencia, entre nós, de dois typos mesaticephalos; um, baixo e de cabeça grande, que chamaremos mesaticephalo do norte ou de cabeça grande, e outro, alto e de cabeça pequena, que dominaremos mesaticephalo do sul ou de cabeça pequena.

Esta conclusão faz suppôr e quasi prova que a causa da elevação do indice no Minho foi differente da do Alemtejo; o que até certo ponto é, como já dissemos anteriormente, uma confirmação dum parecer formulado já a este proposito pelo dr. Alvaro Basto, no seu valioso livro—*Índices cephálicos dos portuguêses* (1).

Reservando, porém, esta questão para futuras indagações, procuremos ver a que elementos ethnicos se podem referir os typos que acabamos de destrinçar.

O mesaticephalo de cabeça grande do norte deve ser referido ao typo de «pequena estatura, moreno, cabeça globulosa (indice cephalico medio de 84.7) com a linha antero-posterior um tanto convexa na frente e cahindo mais verticalmente na sua parte occipital; o rosto curto e largo (indice facial 65.2) com os pomulos bem accusados, o nariz concavo e mesorrhinio, a glabella pouco saliente e as orelhás destacadas», que Fonseca Cardoso encontrou no seio da população minhota e que identifica com o typo *celta* de Broca. Para provar esta affirmação lembraremos alguns factos.

A elevação do indice cephalico que se nota no Minho accentua-se na região gallaica e na cantabrica, onde Strabão e outros historiadores e geographos antigos indicam a existencia de povos *celticos*.

Em Vianna, onde se encontra com maior frequencia os maiores indices e tambem muitas estaturas baixas, foi desbaratado um bando invasor de *celtas* dos lados do Anas, bando que depois de ter perdido o chefe se esqueceu da terra donde vinha, ficando pelas margens do sereno Limeas, que de Limeas passou a ser o Lethes—rio do olvido ou do esquecimento, como conta o geographo Strabão (2).

Finalmente, coisa curiosa, a capacidade média do minhoto 1591^{cc} approxima-o dalguns brachycephalos da França, representantes do typo *celta,* auvergnêses de St Nectaire (1598^{cc}, segundo 42 observações de Broca), por exemplo.

Este facto póde servir tambem para confirmar a previsão

---

(1) Pag. 48.
(2) Vid. esta passagem in *Portugalia,* n.º 1, pag. 52.

que atraz fizemos de que a elevação da capacidade do Minho devia ser attribuida provavelmente á influencia dum elemento ethnico brachycephalo de pequena estatura e *muito robusto,* visto que Manouvrier attribue a superioridade de volume cerebral dos auvergnêses e alguns outros brachycephalos francêses a uma grande robustez (1). Por ultimo, resumindo, podemos dizer: 1.º—o minhoto approxima-se do typo celta pela estatura, pelo indice cephalico e pela *capacidade do cranio;* 2.º—o alto valor da sua capacidade, que segundo as observações do dr. Ferraz de Macedo é maior do que a capacidade média de todo o Portugal e do que a do parisiense, deve attribuir-se a uma superioridade na massa organica.

Deixando, porém, o mesaticephalo do norte, vejamos a que typo ou typos ethnicos podemos referir os mesaticephalos do sul.

Se compararmos o indice cephalico, a estatura, o indice nasal e a capacidade do alemtejano com a do algarvio, nota-se que este é mais mesaticephalo, mais baixo, menos leptorrhinio, e de cranio mais volumoso do que aquelle. Emquanto que a estatura do alemtejano (1662^{mm}) fica acima da mediana; a do algarvio (1646^{mm}) fica abaixo desta; e emquanto que o indice nasal do alemtejano (64.63) é um dos menores de Portugal, o do do algarvio (66.12) é, pelo contrario, um dos maiores.

Os nossos mesaticephalos do sul podem, talvez, por isto, separar-se em dois grupos: um que chamaremos dos mesaticephalos alemtejanos (altos, leptorrhinios e de cabeça pequena), e outro dos mesaticephalos algarvios (baixos, mesorrhinios e de cabeça mais proxima da média).

Pela estatura ($1^{m}.66$) o alemtejano afasta-se do mesaticephalo do norte ($1^{m}.63$), representante do typo celta, e approxima-se do arabe, do kabyla e do berber ($1^{m}.67$) (2).

Pelo indice cephalico (76.3) afasta-se tambem do minhoto e confunde-se, pelo contrario, com o arabe (76.3) (3).

---

(1) Manouvrier, *loc. cit.*, pag. 218.

(2) O facto da approximação do alemtejano do arabe pela estatura foi indicado pelo sr. Severino Marques, no capitulo—*Algumas palavras sobre a composição ethnica do povo português,* da sua curiosa these—*Estudo de anthropometria portuguêsa,* 1898, pag. 65.

(3) Quem pela primeira vez attribuiu o augmento do indice cephalico no Alemtejo a uma penetração semita e, em particular, arabe, foi o dr. Alvaro Basto, que a este proposito diz, no seu interessante e valioso livro —*Indices cephálicos dos portuguêses,* 1897, pag. 48: «Plinio signalou um fóco celtico em Portugal, ahi pelas alturas de Evora. Os dados que possuo, attribuindo ao Alemtejo o indice médio de 74.83, não denunciam cruza-

Pelo indice nasal (64.6) é um leptorrhinio moderado como o semita.

Pela coincidencia que nelle se dá, duma pequena capacidade, com uma alta estatura, é ainda um arabe, visto que aquella coincidencia o faz suppôr alto e magro, como este.

Finalmente, o grande numero de palavras de origem arabe, usadas pelos pastores do Alemtejo, e o regimen do gado em vigor nesta provincia, mostram «o influxo dum povo pertencente á raça semitica, de instinctos nomadas e para quem durante muito tempo o gado foi a principal riqueza», como diz e prova num interessante estudo o muito erudito Academico português sr. Conde de Ficalho (1).

O alemtejano representa, pois, entre nós, o typo arabe.

Não obstante, porém, a proximidade do alemtejano e do algarvio que, como dissemos, constitue com aquelle o grupo dos mesaticephalos do sul, este parece não ter a mesma origem ethnica; pelo menos, mostra-se pouco penetrado pelo elemento arabe, propriamente dicto. Os seus caracteres anthropologicos e alguns factos historicos fazem antes crer na penetração dum elemento invasor differente do semita, mas internado na Peninsula, na mesma occasião historica da chamada invasão dos arabes.

A estatura média do algarvio (1646^{mm}, segundo 70 observações de Severino Marques) é inferior á do arabe, e approxima-se mais da dos berberes mesclados dalgumas regiões norte-africanas, onde a estatura média chega a 1604^{mm}.

O seu indice cephalico (76.9, segundo 70 observações de Severino Marques) é bastante superior ao do semita, e, pelo contrario, muito proxima do dos berberes (76.7, segundo Topinard).

O seu indice nasal (66.12, segundo 70 observações de Severino Marques), um dos maiores de Portugal, accusa mais uma tendencia para a mesorrhinia dalguns mouros do que para a leptorrhinia moderada do arabe ou do berber, propriamente dicto.

A coincidencia duma estatura menor do que a do alemtejano, com uma capacidade maior do que a deste, faz suppôr na

---

mentos apreciaveis com celtas brachycephalos. E' antes de crer que fosse o *elemento semita,* arabe em particular (cujo indice vai até 76), que determinasse a elevação do indice que se nota á medida que nos approximamos da região meridional do país.»

(1) *O elemento arabe na linguagem dos pastores alemtejanos* in *A tradição,* jornal de Serpa. Anno 1, n.º 10, pag. 145.

penetração dum elemento ethnico de massa organica superior ao do semita, e inclina-nos ainda para a hypothese duma penetração berber.

Por ultimo, a historia do dominio arabe na Peninsula parece demonstrar tambem a existencia duma importante penetração ethnica daquella origem, na população do Algarve. E vamos ver porquê.

As hostes guerreiras que se alastraram pela Iberia; aquellas ondas tumultuosas que por varias vezes vieram da Africa para a Hespanha; aquelles exercitos poderosos de que se contam tantas proezas; aquellas hostes aguerridas que alagaram a Peninsula, que transpozeram os Pyreneos, que cahiram sobre a França, que abafaram a Aquitania e que, por fim, foram quebrar de encontro ás tropas de Martell, eram uma amalgama, uma mixtura heterogenea de elementos diversos, na origem, na raça, na lingua, nas ideias e nos costumes. Syrios, egypcios, arabes, berberes, mouros, de tudo se encontrava nesses exercitos famosos de Tarik, de Muza, de Abderráman. Foi esta diversidade de elementos invasores que originou algumas luctas sangrentas de raça contra raça e trouxe, por ultimo, em consequencia, a separação dalguns daquelles elementos, nas terras da Peninsula. Destas guerras civis, as mais notaveis foram as travadas entre os arabes e as tribus berberes, sempre rebeldes; e até alguns episodios destas luctas se passaram em terras de Portugal. A guerra, por exemplo, que se travou entre as hostes aguerridas e regulares de Abderráman e as hordas indisciplinadas dos soldados berberes de Abul-Assuad teve mesmo o seu epilogo no Al-Faghar-Algarve. Foi para este que fugiram os berberes e mouros que escaparam ao desastre de Cazorla, e foram os walies dalgumas terras do nosso Alemtejo que enxutaram para o sul os bandos dos rebeldes (1).

No seculo XI é o sul de Portugal invadido pelos Almorávides; no seculo XII pelos Almohádes. E uns e outros demorando-se pelas novas terras, acolhem-se de preferencia no Algarve, onde menos os apoquentavam os cavalleiros christãos, e onde levaram mais tempo a chegar.

Não se relacionarão estes factos com a differença que notámos na composição ethnica do povo algarvio e o alemtejano? Não explicarão mesmo a approximação do alemtejano do arabe,

---

(1) Lafuente, *Historia general de España*, tom. II, 1887 — *Conquista de España por los árabes*.

e a do algarvio do berber? Parece-nos que sim. Em todo o caso, nada mais podemos adiantar, porque infelizmente nos faltam muitos elementos para passar já da duvida á certeza.

Mudando, por isto, de assumpto, procuremos saber das variações da capacidade nas outras provincias portuguêsas, que ainda não considerámos, e vejamos ao mesmo tempo se poderemos buscar nesse estudo alguns elementos para o conhecimento da composição ethnica dessas provincias.

Se passarmos de Traz-os-Montes, um dos centros dos nossos dolichocephalos do norte, para o Douro, encontra-se uma elevação no indice cephalico na estatura e na capacidade, e um decrescimento no indice nasal.

O indice cephalico passa de 75.65 para 76.36 (segundo 281 observações de Severino Marques); a estatura de 1633^{mm} para 1636^{mm} (segundo 281 observações de Severino Marques); a capacidade de 1507^{cc}.27 para 1550^{mm}.64 (segundo 53 observações do dr. Ferraz de Macedo) e o indice nasal de 66.92 para 64.46 (segundo 281 observações de Severino Marques). O duriense tem, pois, um indice cephalico, uma estatura, e uma capacidade superior ao do transmontano, e, pelo contrario, um indice nasal inferior. Approxima-se, por estes caracteres, do minhoto; e é provavel até que por isso houvesse soffrido as mesmas influencias ethnicas, embora menos intensamente.

Quadro comparativo dalgumas medidas anthropometricas do duriense actual

REGIÕES	ESTATURA	INDICES		CAPACIDADE
		Cephalico	Nasal	
Traz-os-Montes (Severino Marques e dr. Ferraz de Macedo)	1633 (200 obs.)	75.6 (200 obs.)	66.9 (200 obs.)	1507^{cc}.27 (34 obs.)
Douro (Severino Marques e dr. Ferraz de Macedo).	1636 (281 obs.)	76.3 (281 obs.)	64.4 (281 obs.)	1550^{cc}.64 (53 obs.)
Minho (Fonseca Cardoso e dr. Ferraz de Macedo)	1638 (3.089 obs.)	78.1 (110 obs.)	64.2 (110 obs.)	1591^{cc}.44 (34 obs.)

A passagem de Traz-os-Montes para a Beira-Baixa não é acompanhada de mudanças nos caracteres anthropologicos

tão grandes como as que se notam quando se passa de Traz-os-Montes para o Douro. O indice cephalico e nasal pouco variam, e apenas se nota uma differença importante na estatura e na capacidade craniana.

O indice cephalico passa de 75.65 para 75.01 (segundo 200 observações de Severino Marques); o indice nasal de 66.92 para 65.75 (segundo 200 observações de Severino Marques); a estatura de 1633^{mm} para 1648^{mm} (segundo 200 observações de Severino Marques), e a capacidade de 1507.27 para 1586.56 (segundo 9 observações do dr. Ferraz de Macedo). O beirão da Beira-Baixa é, como se vê, um dolichocephalo tão pronunciado como o transmontano, mas mais leptorrhinio, mais alto e de cabeça maior que este. E' naturalmente o dolichocephalo baixo de Traz-os-Montes, modificado pelo dolichocephalo alto da Beira-Alta.

Quadro comparativo dalgumas medidas anthropometricas do beirão actual, da Beira-Baixa

REGIÕES	ESTATURA	INDICES		CAPACIDADE
		Cephalico	Nasal	
Traz-os-Montes (Severino Marques e dr. Ferraz de Macedo)	1633 (200 obs.)	75.65 (200 obs.)	66.92 (200 obs.)	1507^{cc}.27 (34 obs.)
Beira-Baixa (Severino Marques e dr. Ferraz de Macedo)	1648 (200 obs.)	75.01 (200 obs.)	65.75 (200 obs.)	1586^{cc}.56 (9 obs.)
Beira-Alta (Severino Marques e dr Ferraz de Macedo)	1674 (100 obs.)	76.19 (100 obs.)	64.63 (100 obs.)	1596^{cc}.62 (16 obs.)

A passagem, por ultimo, do Douro para a Extremadura é caracterisada por uma elevação do indice cephalico, da estatura, do indice nasal e da capacidade. O primeiro destes caracteres passa de 76.36 para 76.90 (segundo 305 observações de Severino Marques), o segundo de 1636^{mm} para 1639^{mm} (segundo 305 observações de Severino Marques), o terceiro de 64.46 para 64.66 (segundo 305 observações de Severino Marques) e o ultimo de 1550.63 para 1573.95 (segundo 310 observações do dr. Ferraz de Macedo). A associação duma mesa-

ticephalia, tão grande como a do Algarve, com uma ligeira elevação do indice nasal, parece traduzir uma influencia dos mesaticephalos mesorrhinicos, emquanto que a coincidencia duma estatura muito proxima da do Minho, com uma das maiores capacidades dos nossos mesaticephalos, faz crer numa influencia dos mesaticephalos baixos e de cabeça grande, do norte do paiz. O extremenho parece, por isto, ser o autochtone modificado por dois elementos brachycephalos.

Quadro comparativo dalgumas medidas anthropometricas do extremenho actual

REGIÕES	ESTATURA	INDICES		CAPACIDADE
		Cephalico	Nasal	
Minho (Fonseca Cardoso e dr. Ferraz de Macedo).....	1638 (3.089 obs.)	78.1 (110 obs.)	64.2 (110 obs.)	1591cc.44 (34 obs.)
Extremadura (Severino Marques e dr. Ferraz de Macedo)	1639 (305 obs.)	76.9 (305 obs.)	64.6 (305 obs.)	1573.cc95 (310 obs.)
Algarve (Severino Marques e dr. Ferraz de Macedo).....	1646 (100 obs.)	76.9 (100 obs.)	66.1 (100 obs)	1554cc.18 (22 obs.)

Acabando com estas observações o estudo das variações ethnicas da capacidade nos cranios dos portuguêses, poderiamos e deveriamos talvez passar ao estudo daquellas variações nos cranios das portuguêsas; infelizmente, porém, a anthropologia da mulher portuguêsa está por fazer. As unicas observações de caracteres anthropologicos desta, que possuimos, são os obtidos pelo dr. Ferraz de Macedo nos seus estudos sobre o indice cephalico (1); e os dados que temos para o estudo da sua capacidade são, na sua maior parte, deduzidos de séries insufficientes. O estudo, pois, que tinhamos na vontade fazer perde muito do seu interesse, e de pouco póde servir.

Não deixaremos entretanto de publicar a seguinte tabella, formada com observações do dr. Ferraz de Macedo, que,

(1) Dr. Alvaro Basto, *loc. cit.*, pag. 62.

apezar de tudo, mostra alguns factos interessantes, como o da existencia de dois typos dolichocephalos distinguiveis pela grandeza do cranio, em Traz-os-Montes e nas Beiras.

Indices cephalicos e capacidades médias de cranios femininos, nas diversas provincias portuguêsas

Provincias (1)	Indice cephalico	N.º de observações	Capacidade	N.º de observações
Traz-os-Montes	73.03	2	1334.—	4
Alemtejo	76.61	9	1372.81	11
Minho	77.06	3	1382.75	4
Extremadura	75.55	394	1397.67	445
Douro	74.86	28	1399.44	32
Algarve	76.33	16	1406.82	17
Beira-Alta	74.32	8	1439.25	8
Beira-Baixa	75.98	10	1450.45	11

Para concluir, finalmente, este capitulo, exporemos pela seguinte ordem algumas das suas mais importantes conclusões:

1.ª — A capacidade craniana é um bom caracter para o destrinçamento dos elementos ethnicos duma população qualquer;

2.ª — Existem no seio da nossa população dois typos ethnicos dolichocephalos, e dois mesaticephalos, distinguiveis pela grandeza do seu cranio;

3.ª — Ás differenças na capacidade destes typos correspondem differenças importantes na estatura e no indice nasal;

4.ª — Ha entre nós um dolichocephalo baixo, mesorrhinio, de *cabeça pequena,* dominante em Traz-os-Montes, e um dolichocephalo alto, mais leptorrhinio, e de *cabeça muito grande,* dominante na Beira-Alta;

5.ª — O dolichocephalo baixo, de *cabeça pequena* de Traz-os-Montes é referivel ao typo de Cro-Magnon;

6.ª — O dolichocephalo alto de *cabeça grande* da Beira-Alta não se identifica com o dolichocephalo *nordico* do Minho;

7.ª — Em Portugal ha tres typos mesaticephalos: um baixo, leptorrhinio, de *cabeça grande,* dominante no Minho, outro alto, mais leptorrhinio e de *cabeça pequena,* dominante no

---

(1) As provincias estão dispostas pela ordem crescente das capacidades médias.

Alemtejo, e outro mais baixo do que este, mas mais alto do que aquelle, mesorrhinio e de cabeça tambem *pequena,* no Algarve;

8.ª—A mesaticephalia do Minho deve attribuir-se á penetração dum elemento brachycephalo baixo e de *cabeça grande,* referivel ao typo de Grenelle;

9.ª—O Minho soffreu a invasão *celta;*

10.ª—A elevação do indice cephalico no Alemtejo parece resultado da penetração dum elemento mesaticephalo, alto, leptorrhinio, de *cabeça pequena,* de origem semita, provavelmente;

11.ª—A elevação do indice cephalico no Algarve parece provar, pelo contrario, a penetração dum elemento mesaticephalo, mesorrhinio, talvez de origem berber;

12.ª—O duriense soffreu as mesmas influencias ethnicas que o minhoto, mas menos intensamente;

13.ª— O beirão da Beira-Baixa é, provavelmente, o transmontano modificado pelo dolichocephalo alto da Beira-Alta;

14.ª—O extremenho parece ter soffrido a influencia do mesaticephalo de cabeça grande do norte, e a do mesaticephalo de cabeça pequena do sul.

(Continúa). ANTONIO AURELIO DA COSTA FERREIRA.

NOTAS HISTORICAS DA CADEIRA DE DESENHO DA ESCHOLA POLYTECHNICA E RAPIDAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DO DESENHO EM GERAL

(Cont. do n.º 4, pag. 223)

Achando-se o professor Pezarat inteiramente impossibilitado de reger a cadeira de desenho, ficou esta a cargo do seu ajudante Ponte Ferreira, que, em 22 de outubro de 1864, propoz o seguinte programma para o referido exame de habilitação:

Resolução de problemas de geometria. Exercicios lineares.

Egualmente propoz o seguinte programma para o curso de desenho da Eschola:

1.º ANNO.—*Desenho de ornato e paizagem. Descripção e uso dos instrumentos empregados em desenho. Desenho mathematico. Desenho de architectura. Desenho de aguadas e de tintas convencionaes.*

2.º ANNO.—*Desenho industrial. Aguadas, aguarellas, sombras e perspectiva. Desenho de architectura. Levantamento de plantas. Cópia e reducção de plantas, alçados e córtes de edificios civis.*

Estes novos programmas foram approvados pelo conselho, mas não foram impressos.

Neste mesmo anno, por carta de lei de 28 de junho passaram os lentes da 10.ª cadeira a ter o mesmo vencimento que os das outras cadeiras, continuando, porém, os professores de desenho a ficar nas condições anteriores; sendo assim attendida a consulta de 28 de março de 1859 apenas no que dizia respeito áquella cadeira.

Com a reorganização da Eschola do exercito, por decreto de 24 de dezembro de 1863, e da Eschola naval, por decreto de 7 de julho de 1864, foi supprimido o primeiro anno de desenho do curso preparatorio para infanteria, cavallaria e marinha.

Achando-se vagos os logares de professor de desenho e de ajudante effectivos, e inteiramente impossibilitado de continuar

no ensino d'esta disciplina o professor Pedro Pezarat, que estava ainda provisoriamente, como vimos, e tendo o ajudante Ponte Ferreira de reger a sua cadeira tambem provisoriamente, além de simultaneamente coadjuvar o lente proprietario de geometria descriptiva, entendeu o conselho que devia ponderar estes factos que causavam prejuizo ao aproveitamento dos alumnos, accrescendo ainda o grande numero de vezes que o segundo professor faltou ás aulas no anno lectivo de 1868 a 1869, por motivo de doença.

Assim o Governo, em virtude da proposta da Eschola, determinou em 29 de março de 1870 que se abrisse concurso perante ella para o provimento dos dois referidos logares.

Como, porém, o professor Ponte Ferreira se achasse impossibilitado de continuar com a regencia até ao fim do anno lectivo de 1869 a 1870, o conselho propoz que o tenente de artilheria Alfredo Schiappa Monteiro fôsse encarregado provisoriamente de coadjuvar o proprietario da cadeira de geometria descriptiva, vindo elle a ser nomeado para este logar em virtude de officio do Ministerio do reino de 28 de março de 1870 e começando a regencia em 5 de maio.

Estando vago o logar de ajudante de desenho, por ter o professor Ponte Ferreira recebido guia em 5 de abril d'este mesmo anno para se apresentar no Ministerio da guerra, foi transferido para esta cadeira o professor do Real collegio militar Angelino da Cruz Silva e Castro pela portaria de 1 de agosto, com o mesmo vencimento de 450$000 réis que ali lhe era abonado. Mais tarde passou a ser considerado professor proprietario da cadeira com o vencimento de 500$000 réis, ficando o professor Pezarat no logar de ajudante com o vencimento de 300$000 réis.

Tendo fallecido em 1872 o professor Pezarat, abriu-se concurso em 1873 para o logar vago de ajudante, em virtude do que o professor Schiappa Monteiro foi nomeado para aquelle logar por decreto de 16 de julho de 1873.

No anno lectivo de 1872 a 1873 foram impressos os programmas de todas as cadeiras, sendo o de desenho o seguinte:

PRIMEIRO ANNO

Noções sobre a theoria das sombras

Raio e feixe luminoso.—Luz directa e reflexa.—Sombra produzida e propria.—Causas que influem sobre as dimensões dos claros escuros.

*

Exercicios praticos

1.º Sombra produzida por:
Uma recta sobre um plano;
Uma superficie plana sobre os dois planos de projecção;
Uma superficie plana sobre uma superficie concava ou convexa;
Um cubo
Um cylindro } sobre o plano horizontal de projecção;
Uma esphera
Um prisma sobre um cylindro;
Um muro sobre os degráus de uma escada.

2.º Sombra propria de:
Uma esphera;
Um cubo;
Um cone;
Uma pyramide;
Um prisma.

Desenho de architectura e de machinas

Desenho completo do pedestal, da base, do capitel e entablamento das ordens dorica e jonica, e dos capiteis corinthio e composito.

Desenho completo do volante, embolo, excentrico, da engrenagem e dos parafusos.

Desenho de paisagem

Desenho a lapis e a esfuminho copiado da estampa.

SEGUNDO ANNO

1.º Traçado de porticos, arcadas, entrecolumnios, pontes, casas de habitação, representadas por plantas, alçados, córtes, e aguarellados com as competentes tintas convencionaes.

2.º Esboço da planta e do córte de uma parte do edificio da Eschola polytechnica.—Conversão d'este esboço em desenho definitivo, sujeito a escala, com o auxilio de instrumentos.

3.º Traçados completos de uma machina a vapor e de uma locomovel, copiados dos cursos de desenho industrial do sr. Mouroy, e de aguadas de Tripon.
4.º Esboço de uma machina de vapor, feito á simples vista e acompanhado das cotas necessarias para poder reduzir-se a desenho geometrico, fóra da vista do original, e aguarellado com as tintas convencionaes.
5.º Desenho de paisagem, copiado do natural.

O curso de desenho dos Lyceus, que em 1869 era de tres annos, passou em 1870 a ser reduzido a dois annos, contendo com pequena differença a mesma materia do curso anterior.

Tendo fallecido em 1879 o professor Angelino de Castro, passou o professor Schiappa Monteiro a proprietario por decreto de 30 de outubro d'esse anno.

O programma da cadeira que este professor apresentou em 1880 era o seguinte, perfeitamente em harmonia com o programma dos Lyceus e com os cursos preparatorios:

PRIMEIRO ANNO

PRIMEIRA PARTE

Aguadas e aguarellas.—Tintas convencionaes.—Composição das tintas.

§ 1.º

Desenho de machinas

Cópia da estampa dos principaes elementos ou orgãos de machinas e de machinas completas.

§ 2.º

Noções e desenho de architectura

Nomenclatura e traçado das molduras.—Traçado do perfil dos fustes, pedestaes, bases e capiteis das columnas.—Conhecimento geral das differentes ordens e do seu traçado.—Cópia da estampa de diversas partes de qualquer das ordens.

SEGUNDA PARTE

Theoria das sombras

§ 1.º

Noções geraes e fundamentaes

Raio e feixe luminoso.—Sombras puras ou absolutas, geometricas, proprias, produzidas ou projectadas.—Penumbras e sombras physicas.—Theoria geometrica das sombras.—Raios razantes e tangentes.—Linhas separatrizes e contornantes.—Principios fundamentaes da theoria physica das sombras.—Noções elementares de claro-escuro.

§ 2.º

Methodos e applicações

Methodos geraes e particulares.—Caso dos raios luminosos parallelos.—Caso dos raios luminosos divergentes.—Superficies de sombra.—Applicações.—Sombra de solidos e de cavidades limitadas por superficies planas, por superficies curvas, ou por umas e outras superficies.

TERCEIRA PARTE

Elementos de paisagem

Desenho a lapis ou a esfuminho, copiado da estampa.

SEGUNDO ANNO

PRIMEIRA PARTE

Perspectiva

§ 1.º

Noções geraes e fundamentaes de perspectiva linear.—Methodo geral.—Methodo dos pontos de concurso.—Construcção

directa sobre o quadro.—Applicações.—Perspectiva das sombras.—Applicações.—Escolha dos dados e dos methodos.—Systemas de perspectivas parallelas.

§ 2.º

Noções elementares de perspectiva aérea.

§ 3.º

Theoria das aguadas e aguarellas.—Escalas das tintas, sua construcção.—Côres e maneira de dar as tintas.—Tons das tintas.—Tintas convencionaes.—Classificação dos tons das tintas.

SEGUNDA PARTE

Desenho de architectura

Traçado das differentes partes das ordens.—Traçado de porticos, arcadas, pontes e construcções civis representados por plantas, alçados e córtes.—Determinação das respectivas sombras, para se darem as aguarellas com as tintas convencionaes.

TERCEIRA PARTE

Noções de desenho topographico

§ 1.º

Cartas, escalas, configurações dos terrenos, signaes e tintas convencionaes, orientação.—Reproducção de cartas.—Operações de planimetria e nivelamento.—Instrumentos empregados.—Levantamentos de plantas de edificios, de terrenos e de machinas.

§ 2.º

Applicação

1.º Levantamento da planta de uma parte do edificio e terreno da Eschola polytechnica.—Determinação de um alçado, bem como do córte d'esta parte do edificio.
2.º Esboços feitos á simples vista de modelos em vulto de machinas ou das suas partes principaes, acompanhados

das notas e medidas necessarias para poderem reduzir-se a desenho geometrico fóra da vista dos originaes.—Determinação das suas sombras no desenho geometrico para ser aguarellado com as tintas convencionaes.

QUARTA PARTE

Desenho de paisagem e figura

§ 1.º

Continuação do desenho de paisagem do primeiro anno.—Noções elementares de desenho de figura.—Cópia a lapis e a esfuminho da estampa.

§ 2.º

Desenho de paisagem a lapis, copiado do natural.—Desenho de figura a lapis ou esfuminho, copiado de modelos de gesso.

§ 3.º

Desenho de paisagem a sepia ou a aguarella a côres.

Este programma foi anteriormente formulado pelo professor Schiappa Monteiro em harmonia com a auctorizada opinião do illustre professor Angelino de Castro, que fôra antigo alumno da nossa Academia real das bellas-artes, onde se distinguira sobretudo em desenho de figura e se tornara notavel em esculptura, em que manifestou superior talento.

Em consequencia de ter vagado o logar de ajudante de desenho, o Governo mandou abrir concurso publico; mas, como o professor Schiappa Monteiro tivesse apresentado um projecto de reforma da cadeira, o conselho, que tratava egualmente de apresentar um novo plano de reforma da Eschola, propoz que se adiasse o concurso até esse plano ser levado a effeito, no que o Governo concordou.

Em 1888 foi apresentado pelo illustre deputado e capitão de artilheria, o sr. Francisco José Machado, um projecto de lei *para que os professores de desenho da Eschola polytechnica fossem elevados á categoria de lentes, quando tivessem carta de um curso de instrucção superior, além do curso completo de mathematica e de geometria descriptiva d'este estabeleci-*

mento, ou o curso de mathematica equivalente da Universidade de Coimbra.

Sendo este projecto convertido em carta de lei em 18 de julho de 1889, passou nesta data o professor Schiappa Monteiro á categoria de lente, ficando equiparado nos vencimentos, vantagens e garantias aos lentes das outras cadeiras, por satisfazer aos requisitos exigidos na lei; e assim foi tambem satisfeita a consulta de 28 de março de 1859 na parte relativa á cadeira de desenho.

Esta carta de lei veiu ainda tirar qualquer duvida que se levantasse sôbre se se devia ou não considerar como cadeira o ensino do desenho, visto que o projecto de regulamento, a que já nos referimos, onde era considerado como a 13.ª cadeira, não chegára a ser publicado ou posto em execução.

A carta de lei de 21 de abril de 1892, que manda contar aos professores de desenho da Eschola que estejam nas condições d'aquella carta de lei, para todos os effeitos, a antiguidade no magisterio, a partir da data em que começaram a regencia da sua ou outra cadeira da mesma Eschola em qualquer categoria, vem não só annullar completamente essa duvida, mas ainda a de se considerar ou não como professor do magisterio superior o actual professor, a partir da data em que já tinha as habilitações exigidas.

Este professor continúa ainda a reger provisoriamente a parte pratica da cadeira de geometria descriptiva.

Depois das reformas dos Lyceus de 1886 e 1888, que tornaram rudimentar ou antes nullo o ensino do desenho preparatorio, ás escholas superiores tornou-se impossivel levarem a effeito os seus programmas, a não ser por excepção para um ou outro alumno, tendo assim os professores de reger a cadeira como uma succursal dos Lyceus, com o programma adequado; contra o que não podemos deixar de protestar. E faremos algumas considerações para justificar o que acabamos de affirmar.

(Continúa).

AUGUSTO SCHIAPPA MONTEIRO.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

NO INVERNO

Olhos cerrados—estrellas mortas,
Sonhos dispersos, réstias de luar...
O Inverno chega, fechae as portas,
Que os lobos andam todos a uivar!

Bocca tão linda—fechada cedo
Para sorrisos, ramo de flores!...
Noites geladas, deve ter medo
Quem não tem lume nem tem amores.

Labios perdidos—beijos perdidos...
(Se tenho magua sei-o eu, meu Deus!)
Nem outros houve no mundo ungidos
Da essencia virgem dos labios teus!

Mãos de açucenas, vinde piedosas,
—Azas cortando frias procellas—
No Inverno triste trazer-me rosas,
Certo colhidas entre as Estrellas!...

JULIO BRANDÃO.

A UMA CREANÇA

Cuidado, não na acordem! Linda edade
Em que se dorme sobre nuvens, essa!
Não lhe apagueis a immensa suavidade
Dos labios, nem o nimbo da cabeça

Que é de oiro virgem, duma claridade
Como a do sol que ao largo se despeça,
—Raio loiro da tarde, uma saudade,
Ou raio côr de linho que alvoreça...

Cuidado, não na acordem! Quem pudéra
Lograr o mesmo sonho, que encantá-la
Parece agora, num afago lento...

Anjos descem do ar (e quem soubéra
O que lhe dizem anjos a embalá-la!)
Que luar d'agosto nesse pensamento!...

JULIO BRANDÃO.

CANÇÃO

I

Vinde, canções! As minhas negras penas,
—Maguas mais tristes do que a noite escura—
Para onde foram, que não dou com ellas?
Nasceu a aurora e eu ponho-me a cantar...
No meu jardim ha açucenas,
No meu coração ventura.
O ceu está cheio de estrellas
E de luar!...

II

Fez Deus a lua para a treva. E agora
Deu-me este amor a mim, puro e radioso,
Luz da tua alma, bella entre as mais bellas,
Como lirio que abrisse num altar...
Ó minha gentil Senhora,
Como este amor é formoso:
Parece feito de estrellas
E de luar!...

III

Oh! vem abençoar-me! Sobre a fronte,
E nos longos cabellos, a cingida
C'rôa de rosas claras,—como aquellas
Almas que sabem ternamente amar...
Fizeste um jardim dum monte,
Lindo amor da minha vida!
Que immenso pallio de estrellas
E de luar!...

JULIO BRANDÃO.

O DILUVIO

(Versão livre do mysterio em prosa de Edgard Quinet — AHASVERUS —)

Ao Dr. Oliveira David

O Padre Eterno *ao Oceano*

Parte: circunda o mundo corrompido!
Vae dissolvel-o: deve fenecer,
bem como eu risco um nome sem sentido,
no Genesis do ser e do não ser!

O Oceano

Eu vou, Senhor... só vejo um torreão,
bem alto posto, de soberbo Rei...
Magnifico festim, com profusão
de aurea baixela... em pouco lá serei!

O Rei, *assentado á mesa com os seus sátrapas*

Olhae em volta:... as aguas do diluvio
cobriram, como um lago, os campos, tudo!
As tuas iras não as temo, Oceano!
Arroja-te, que os meus fieis janizaros
(só morre o escravo n'uma tóca, mudo)
hão de pôr cobro ao teu furor insano!

Um sátrapa

Ó Rei dos Reis, o mar sóbe sómente
para beijar-te as plantas reverente.

OUTRO SÁTRAPA

Ou um diadema rico te offertar
de per'las finas, é que sóbe o mar!

O REI

1

Eil-os do mundo os magnos dignitarios!
São mil, e todos reis: ao meu convite
vieram, sou seu pae!
Trouxeram vinho e pão, cem dromedarios,
e cem camellos mais... bom apetite:
comei, bebei, folgae!

2

O trigo ha de acabar-se, e até a vinha!
De luz o seu baquete hão de as estrellas
Um dia terminar!
Ha de seccar-se o Oceano! A vida minha,
dos patriarchas, reis, não é como ellas...
jámais ha de findar!

3

Silencio... que barulho estou ouvindo?
Parece-me a tremenda symphonia
das ondas...

PRIMEIRO SÁTRAPA

O teu povo está carpindo

O REI

E agora?

SEGUNDO SÁTRAPA

São soluços de agonia!

O Rei

I

Cantemos pois até ao fim da noite!
A chuva, a fustigar como um açoite
a terra e o mar, despenha-se em torrentes!
Rebrilha o raio em fulgidas correntes!
Succumbe o mundo (bella distracção!)
como o navio em meio de um furacão,
e pede-nos em paga inda um sorriso...
Soberbo panorama... causa riso!

2

Ó mar gigante, não mediste ainda
da minha torre a escadaria infinda...
no marmore e no bronze não resvales:
talvez, a meio caminho, envergonhado,
terás de retirar aos fundos valles,
dizendo com pezar—estou cançado!

3

O leão se acolhe, e juntamente a preza,
a tremer, na caverna onde passaste:
jaz a serpente aos pés de uma indefeza
mulher: no lodaçal que amontoaste,
as gigantescas, bellas capitaes
vão-se atolando mudas, mais e mais...

4

Os abutres das terras e do mar,
fugindo de seus ninhos,
vão nas cristas dos montes abrigar
sob o peito, os filhinhos!
Fazem-te medo as pennas eriçadas,
o bico, a vista accesa!...
Persegue, pois, a preza
té essas altas rochas escarpadas...

5

Este, que vês, é meu real abrigo!
Excelsos reis estão aqui commigo,
toucados de rubis... soberbo ninho!
Não póde a tua vaga sussurrante
subir tão alto... segue o teu caminho...
apanha essas migalhas... passa adeante!

PRIMEIRO SÁTRAPA

Ouço bater.

O REI

Soccorro!

SEGUNDO SÁTRAPA

Socegae
senhor: é vosso filho.

O REI

Quem 'stá lá?

O OCEANO

Sou eu: abri.

O REI

Ó mar, deixa-me, vae...
se o manto meu pretendes, aqui 'stá.

O OCEANO

Ó meu formoso Rei, que hei de fazer
de tão pequena cousa?

O REI

Queres pois
a minha taça de ouro p'ra beber?
Toma-a.

O Oceano

Ó meu senhor, que ingenuo sois!
Fazeis-me rir!...

O Rei

Pois bem, a minha c'rôa
pódes pôl-a na fronte: é tua... dou-a.

O Oceano

Um diadema prefiro de brilhantes,
feito do pó de espumas cambiantes!

O Rei

Então que queres?

O Oceano

Quero-me assentar
á vossa meza, ahi, n'esse logar:
vastos areaes em troca vos darei...
Eis-me no vosso throno reclinado:
quero por minha vez tambem ser Rei,
ter um sceptro doirado!
Quero provar nas vossas aureas taças
este vinho real...
não ha licor egual!
Ó vagas, implorae as minhas graças!
Ó rios, eis de ser meus escanções...
trazei-me de beber!
Mandar é meu officio: a vós, villões,
importa obedecer!

As vagas são meus subditos! Cidades,
com um sopro as levanto e desbarato!
Muralhas, que me ponham a recato
de roubos e maldades,
até ás nuvens faço, sem canceira!
O meu imperio abarca a terra inteira!

Ou frechas ou espadas,
desfaço-as em pedaços oxydadas!
Perto ou longe, não ha quem faça alarme!
Não ha mancha que possa deslustrar-me!
Depois de eu ter passado,
o manto olhae-me pelo sol doirado...

O Padre Eterno

Silencio, gota de agua embriagada,
majestade de espuma...
não vales cousa alguma,
nem mesmo um ramo de herva estiolada!

1897. CORRÊA BARATA.

ESTUDOS SOBRE DAMIÃO DE GOES

(Cont. do n.º 6, pag. 380)

DOCUMENTOS

XV

Carta de 13 de outubro de 1563, nomeando Antonio Ferrão para que sirva de escrivão com Damião de Goes

«Eu elRey faço saber a vos Damião de Goez, fidallguo de minha casa e guarda moor da Torre do Tombo, que cõfiamdo eu de Amtonio Ferrão, meu moço da camara, filho de Joham Ferrão, que foy escprivam dos meus contos do Reyno e casa, que nisto me seruira bem e fielmente, como cumpre a meu seruiço, ey por bem e me praz que elle syrua comvosquo de escprivam da negociação e delygemcias que se de minha fazemda mãdarem fazer nos liuros arecadaçõees e lynhas das comtas que dos ditos comtos se leuarão a essa Torre do Tombo per mamdado delRey meu senhor he avo, que sãta gloria aja e meu, o qual careguo seruira asy e da maneyra que ho dito seu pay o seruia, per cujo falecimento vaguou, e em quamto hũa sua irmãa, a que tenho feyto merce do dito careguo pera seu casamento, não casar, e o eu ouuer por bem e não mãdar o contrario, e averá o dito Amtonio Ferrão, emquãto asy seruir coremta mill rs de ordenado em cada huu ano, que he outro tamto como tynha e avya ho dito seu pay, segundo se vyo pella prouisão que do dito careguo lhe foy dado e per hũa apostilla feyta na outra mea folha della, e o dito ordenado sera paguo ao dito Amtonio Ferrão no recebedor dos restos com certidão vosa de como serue comvosqº o dito carguo, e por este mãdo... Andre Vydall ho fez em Lixboa a xiij doutubro de bºlxiij Manoel Soarez ho fez escprever» (1).

XVI

Carta de D. João III, de 21 de março de 1551, mandando abonar a Damião de Goes o papel e tinta de que carecesse para o seu cargo de guarda-mór

«Eu elRey faço saber a voos recebedor da chamcelaria da Casa do ciuel, que ora sois e a qual quer outro que ao diamte o dito oficio seruir

---

(1) D. Sebastião e D. Henrique, *Doações*, liv. 10, fl. 455 v.

*

que do primeiro dia do mes de janeiro que ora pasou deste anno presemte de mill e quinhemtos e cimquoemta e huũ em diamte, em cada huũ anno, deis a Damião de Guoes, que ora serue de garda moor da Torre do Tombo, em quamto seruyr o dito oficio, todo o papel e timta que por seus escritos decrarar que lhe hee necesario pera seruiço da dita Torre e do dito carreguo. Noteficouolo asy e vos mamdo que o que ele pollos ditos escritos vos pidir pera despesa do dito negocio lhos deis e per elles com asemto do escprivão da dita chamcelaria do que niso despemderdes mamdo aos contadores que o que momtar no papel e timta que lhe asy derdes vos leuem em comta asy e da maneira que se vos leua em comta a mais despesa que fazeis de papel e timta, e este quero que valha, tenha força e viguor como se fose carta per mim asynada e aselada do meu selo pemdemte, sem embarguo das ordenações do segundo liuro em contrairo. Framcisquo de Bairros o fez em Almeirim a xxj dias de março de ¯j b^{e}li, e eu Aluaro Pirez o fiz escreuer» (1).

XVII

Carta de D. Sebastião a Damião de Goes, recommendando-lhe que ultimasse o inventario dos papeis de Pero d'Alcaçova — 14 de abril de 1570

«Damião de guoes, eu elRey vos envyo muyto saudar e emcomendouos que façaes acabar o Inventaryo dos papeis que vos entreguou Pero d'Alcaçoua com toda brevidade como peralgũas vezes volo tenho mandado, porque cumpre assy muyto a meu seruyço E assy como se for vendo cada arqua ou escrytoryo dos ditos papeis ireis enviando a Miguel de Moura o trelado da folha dos papeis que na tal arqua ou escrytoryo achardes, com toda a boa declaração pera que se possa entender facilmente os papeis que são e de que tratão. E o Inventaryo dos breues E bulas de Roma que já são achadas, se fará, e o invyareys a Miguel de Moura comforme ao que vos ele escreveo de minha parte e assy lhe emvyareis entregar os breues que estão nos ditos papeis pera os cleriguos não poderem caçar em mynhas coutadas E pera as pessoas eclesiasticas que eu encarreguo de officios seculares poderem votar em casos crymes, e todos os papeis que Miguel de Moura vos pedir de minha parte, por serem necessaryos pera meu seruyço lhe entreguareys assy os propios como os trelados deles, segundo volo elle escreuer, e dos papeis que lhe assy entregardes cobrareys seu conhecimento pera vosso descarguo, escryta em saluaterra a xiiij^{o} de abryl de 1570 — Rey · ⁝ · = Pera damyão de Guoes» (2).

XVIII

Recommendação d'el-rei a Damião de Goes sobre a trasladação das Bullas relativas á capellania real

«Damião de Goes, Eu elRey vos emuio muito saudar, mandouos que façaes trelladar em forma autentica per hum notairo, todas as bullas dos

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 69, fl. 150 v.
(2) Torre do Tombo, gaveta 22, maço 3, n.º 6.

santos padres que estiuerem na torre do tombo concedidas aos Reis destes Reynos, meus antecessores em fauor de sua capella e capellão mór e asy todos os mais papeis que Pero Gomez Madeira thesoureiro de minha capella, vos pedir que toquarem a dyta capella e ao meu capellão mór e o trellado de todas as ditas bullas e papeis emtreguareis ao dito Pero Gomez pera o elle trazer e entreguar a dom João de Castro do meu conselho e meu capellão mór; por que cumpre asy a meu seruiço. Yorge da Costa a fez em Syntra a xxi de julho de 1570—Rey · : · =Miguel de Camara—Pera damião de goes» (1).

XVIII *bis*

Carta de Miguel de Moura a Damião de Goes

«Sõr—Prosopondo responder depois a V. M. o faço aguora mais breuemente: Antonio Galuam chegou onte; elle tornara a leuar o que trouxe.

Quãto ás cronicas, V. M. avise se tem pergaminhos e quãto avera mister pera os que se hão de cõprar e pera a escritura pera cõforme a isso dar relaçam a S. A. E as cronicas *se* ja sam treladadas diuia mandar a guarda e deuem uir as que andão apartadas cada *hũa de* per sy e ficar la o velume em que estam jũtas, e quem as trouxer leuara c^to^ (*conhecimento*) em forma do amo com prouisão de S. A., porque ira o conhecimento com as declaraçoẽs necessarias que senão pode bem fazer senão com se verem.

Quãto as cartas do officio da puridade, mãdeme V. M. logo os trelados das que diz que ja se acharão e mãde tambem buscar as outras do bispo e do conde que nos registos da chancellaria delRei dom Manoel e delRei que D^s^ tem se acharam. Beijo as mãos de V. S. Almeirim a ix de dezembro —Servidor de V. M.=Miguel de Moura.»

A' margem: no caderno pera o meirinho mor bom sera vir tudo e comece V. M. pelo mais necessario.

No sobrescripto: «Ao sõr Damyam de Guoes guarda mor da Torre do Tombo, meu sõr» (2).

XIX

Carta d'el-rei a Damião de Goes ordenando-lhe que désse ao dr. Antonio Lopes a copia de diversos documentos

«Eu elRey faço saber a voos Demião de Guoes, fidalguo de minha casa e guarda mor da Torre do Tombo, que per quamto o doutor Antonio Lopez, precurador dos meus feitos ẽ corte de Roma, tem necesidade pera alguũas cousas de meu seruiço ver na dita Torre do Tombo alguũs comtratos e composiçoẽs feitas pelos Reys destes Regnos alguũs cabidos e sees e igrejas deles pera huũa causa que pende na Roota antre mim e o cabido da see desta cidade de Lixboa, ey por bem que lhe man-

---

(1) Torre do Tombo, gaveta 22, maço 3, n.° 5.
(2) Torre do Tombo, Armario 26 do Interior da Casa da Corôa, maço 1.°, n.° 205.

deis mostrar quaes quer liuros, doaçoẽs, compusiçõis e papeis que pera sua ẽformação lhe forẽ necesarios e lhe mandareis dar quaes quer trellados autenticos que pera iso pedir. Conprio asy, posto que este não pase pella chancellaria sẽ ẽbarguo da hordenação ẽ comtro. Feito ẽ Lixboa ao primeiro de dezenbro de mill bo liij.»

Ao fundo:

Esteuã Preto.

Pera o guarda mor da Torre do Tonbo mostrar ao doutor Antonio Lopez quaes quer doaçoẽs e compusiçoẽs que lhe for necesario pera V. A. ver.

Não tem assignatura real.

Apenas está

Rol das causas que V. A. tem na Corte de Roma, de que o doutor Antonio Lopez he precurador (1).

XX

Diversos documentos registados na chancellaria de D. Manuel relativos a Damião de Goes e ao serviço na Torre

«Aos bj dias do mes doutubro de mjll bo l.ta e hum annos recebeo Damyão de Goes, guarda moor da torre do tombo, seis duzias de purgamjnho daluaro Mendez thesoureiro da casa da Myna per virtude de hum aluará del Rey noso senhor os quaaes lhe sam aqui carregados em Recepta/E por verdade asyney aqui oge no dito dia mes e anno. = Damiam de goes = Fernam das Naaes.

Sam lhe aqui lamçados em despesa per mim Fernão dasnaaes, scpriuão da torre do tombo, a Damyão de Goes, guarda moor do dito tombo, estas seis duzias de purgaminho acima scpritos pellos despender em liuros que mandou terlladar e em tavoadas doutro que mandou fazer. E por verdade asyney aqui oge xx b dias do mes dagosto de $\overline{j}$ bo l iij = fernão das Naaes.

He aqui carregado em recepta per mjm Fernaão das Naaes scprivaão da torre do tombo hum escrauo que Recebeo de Gaspar Tibaao thesoureiro da casa da India/Damyão de Goes guarda moor da torre do tombo pera seruiço da dita casa. E esto per vertude de hua prouisão delRey noso senhor — feyta aos xj dagosto de mjl b.o l iiij° = Damiam de goes = fernão das Naaes.

Sam aqui carregados em Recepta per mjm Fernão dasnaaes scpriuão da torre do tombo sobre Damyão de Goes guarda moor da dita torre do tombo os cimquo liuros das ordenaçoẽs que fez elRey dom manuel que santa gloria aja empremydos em purgamjnhos de Framdes e emcadernados em tauoas e couro de bezerro de cor amarella/aos x iij dias dagosto de mjl b.o l.ta e cimquo anos. = Damiam de Goes. = Fernam das Naaes» (2).

«Eu elRey ffaço saber a vos Damyaão de Goes que temdes carrego de guarda moor da torre do tombo, e a qualquer outra pessoa que ao diamte ho dito carrego teuer que ho Duque de Bragamça, meu muito amado e prezado sobrinho, tem muitas vezes neçesydade da dita torre do

---

(1) Torre do Tombo, *Collecção de S. Vicente*, vol. 8.°, fl. 257.
(2) *Chancellaria de D. Manuel*, liv. 18, fl. 133.

terllado dalguũas scprituras que tocam a suas Remdas e direitos e jurdiçooẽs e outras cousas de doaçooẽs que tocam a suas terras pello que vos mando que quando vos mandar Requerer ho terllado de quaesquer doaçooẽs scprituras e outras quaaesquer cousas de que teuer necesydade per seu assynado lhos deis na forma custumada E esto me praz que valha como carta sem embargo da ordenação do segundo liuro titolo xx que diz que as cousas cujo effeyto ouuerem de durar mais de hum anno passem per cartas/e pasamdo per aluaraes nam valhã E esta se compryraa posto que nam pase pela chancellaria sem embargo da ordenaçam/outro sy do segundo liuro em contrairo. Joham de castilho o fez em Lixboa a bj de mayo de mjl b^{o} R ix. E este se Registara na dita torre do tombo pera se saber como ho asy tenho mandado.=Damiam de Goes» (1).

«Alvara ao duque daAveyro del Rey noso senhor pera lhe ser dado da torre do tombo todallas scprituras que tocarem a suas terras asy do ducado como dos mestrados de Santiago e Avys.

Eu elRey faço saber a vos Damião de Goes que ora temdes carrego de guarda moor da torre do tombo ou a quem voso carrego teuer que ho duque daveyro meu muito amado e presado sobrinho me dise que ele tynha necessidade algũas vezes de tirar da torre do tombo ho terllado de algũas doaçoẽs semtemças, scprituras e papeis que tocauam aos seus lugares e Rendas que tem da coroa destes Regnos e asy das comendas que das ordens de Samtiago e Avys tem pelo que vos mando que cada uez que ho dito duque.... asynado vos mandar pedir ho terllado de quaaesquer doaçoẽs e semtemças.... inquiriçoẽs e papeis outros de que teuer necesydade que tocarem aas ditas villas e Rendas que da coroa tem e a suas comendas lhe mandees dar o terllado dellas na forma acustumada E esto quero que valha como carta asynada por mjm e passada por mjnha chancellaria sem embargo da ordenação do segundo liuro titolo xx que despoeem que as cousas cujo effeyto ouuer de durar mais de hum anno passem por cartas e pasamdo por aluaras não valham. E este vallera.... posto que nam seja pasado pela dita chancellaria sem embargo da ordenaçam do segundo liuro em contrairo. E este se Registara na dita torre do tombo pera se saber como asy o tenho mandado/pamtaliaão Rebello o fez em lixboa.... dabril de mjl b.^{o} l.^{ta} e quatro.=Damiam de goes» (2).

«Eu elRey mando a vos guarda moor da torre do tombo ou a quem o dito carego teuer que cumpraes inteyramente os despachos e mandados que o conde de Portalegre, moordomo moor de minha casa, da qui em diante pera vos passar sobre quaaesquer deligençias que forem necesaryas e ele mandar fazer nos liuros e papeis que esteuerem na dita torre do tombo das comtas dos oficiaes de minha casa, de que ho dito moordomo moor por Rezam de seu oficio pertemcer ho conhecimento assy como vos tenho mandado que cumpraes os despachos e mandados dos veadores de mjnha fazenda nas cousas que a seus ofiçios tocarem.—E ey por bem que este aluara valha e tenha força e vigor como se fosse carta feyta em meu nome per mĩ assynada e passada per mjnha chancellaria/posto que este nam seja passado polla dita chamcellaria sem embargo das ordenaçoẽs do segundo liuro que o contrairo despoem. Joham de seixas o fez em lixboa a xb dias doutubro de mjl b^{o} R bij. Manuel da costa o fez scpreuer.

---

(1) *Chancellaria de D. Manuel*, liv. 18, fl. 133.
(2) *Chancellaria de D. Manuel*, liv. 18, fl. 133 v.

Este aluara delRey noso senhor foy apresemtado ao corregedor Felipe Amtunez que serue de guarda moor da torre do tombo e ele mandou amī Fernam das Naaes, scpriuam do dito tombo que o terlladase a quy pera em todo tempo se saber o qual foy comcertado pelo dito guarda moor e asynou a quy em lixboa aos xx bj dias doutubro de 1547 = felipe amtunez» (1).

XXI

Carta de D. Sebastião, de 21 de novembro de 1577, ordenando ao dr. Antonio de Castilho que seguisse a praxe de seu antecessor Damião de Goes

«Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que eu ey por bem e me praz de fazer merce ao doutor Antonio de Castilho, fidalgo de minha casa, guarda mor da torre do tombo, que ele leue daqui em diante as assinaturas ordinarias do dito officio, assi como as leuaua *Damião de Gois, que antes delle teue o dito officio* e as mais pessoas que o seruirão. Notefficoo assi aos officiaes a que pertencer e mando que inteiramente se cumpra este aluara que valerá como se fosse carta feita em meu nome e passada pella chancellaria sem embargo da ordenação do 2º liuro titt.º xx, que diz que as cousas cujo effeito ouuer de durar mais de huũ ano passen per cartas e passando per aluaras não valhão. Lopo Soarez o fez em Lixboa a xxi de nouembro de mil bc lxxbij» (2).

XXII

Mandado de D. Manuel a Luiz de Goes para este entregar a Fruitos de Goes certas fazendas — 10 de dezembro de 1505

«Luis de Guoees, nos elRey vos emuiamos muyto saudar: mamdamos vos que loguo nos emuiees per Frutos de Guoees, nosso moço da camara, huũa peça de Ruam de sello preto e velludo avellutado cramesym pera huũ pellote e pano branco fino e delgado pera forro de huũ pellote e tambẽm nos emviay allguũ panno fino preto se teuerdes e mandaynos fazer huũ gibam de cetim cramessym muyto fino. Scprita em Allmeirim aos x dias de dezembro. Aº Mexia a fez anno de 15o5 E o gibam de cetim será pestanado de veludo preto. = Rey.

Recebeo o dito Frutos de Goes huũa peça de Ruã preto que tem dezasete couados terça de aualyaçom de mill trezemtos rs couado, e de Ruã branco de selo quatro cos duas terças de quatro cemtos vymte rs cº, e de veludo avelutado carmesym doze cos e sete dozaos daualiaçam de tres mill cemto vymte rs c.º, e mais de Ruam branco sete oytauas daualiaçam de quinhentos rs couado e por verdade asynei aqui com ho dito Fruitos de Goes em Lixboa a xiij dias de dezembro de mill bc e cymquo. = Fruitos de Goes = Jorge Correa.

Entregou por este $l_{\overline{xiij}}$ clR Rs 5 c.ts pera Luis de Guoees» (3).

(Continúa.)

SOUSA VITERBO.

---

(1) *Chancellaria de D. Manuel*, liv. 18, fl. 132 v.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique, *Doações*, liv. 40, fl. 258.
(3) Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 5, doc. 60.

SANTA CECILIA

(Romance de uma extranha)

I

O Bandeira viera loquaz. Na paz morna do wagon a sua dicção secca, incisiva, constante, prenhe de considerações molles entorpecera todos ligeiramente.

Agora o Vasconcellos dormia, balouçado nas almofadas pelo arfar rythmico do expresso e acariciado pelas baforadas de ar quente que os campos de Portugal mandavam, aromatisado pela emanação de plantas cosidas na braza azul da atmosphera.

Estivera um dia quente que morria, de vagar, sem um ruido, adormentado na immensa serenidade dos campos de onde apenas vinham desformados pelos longes vagos ruidos de insectos, uma como que contínua vibração de calor, mal percebida e soporifera, que trazia o somno insensivelmente, irresistivelmente.

D. Mathilde voltára a cara para o canto da almofada e ali, naquelle escuro relativo, entrára de vagar pela terra dos Sonhos, ideando cousas felizes e distantes... fabricas, dinheiro, futuro, confortos, *chic,* e vendo perpassar a figura coroada do marido, do nobre capitalista sr. Vasconcellos, commendador em tempos proximos... com uma apparencia de triumpho, como que cheia de ar e auréolada de magia!

Influxos das fragrancias de Portugal que transpirava á pressão do céo de cobalto exhalando a vasta essencia perfumada da sua alma campezina. Esses globulos da vida e do aroma de todo o *renouveau* circumdante iam embebedar Vasconcellos que, de bocca aberta, engulia phantasia e acalentava sonhos.

O Bandeira não se podia resignar a arredar-se da janella. Era uma grande creança este bojudo homem. Na cara redonda, borrifada de risos, sem rugas e sem perfidias escriptas, havia ainda a mesma expressão de infancia que tinha um famoso e admirado retratinho que ficára em Lisboa, na Avenida, na sala

do Vasconcellos, retrato tirado em creança pelos meigos cuidados da mamã que entendera fixar cedo, prompto para questionarios futuros o rosto do pequenino prodigio. Bandeira vinha alegrissimo.

Portuguez legitimo, genuino, tudo aquillo lhe fallava numa confusa intonação que elle não sabia porém fechar em vocabulario. A' busca do termo consumia-se então em horriveis dissertações...

Era essa busca do vocabulo que o tornára massador.

Havia uma paz de descanso no ar que apenas surdamente o bater do expresso quebrava num ruido distante e persistente.

Isto opprimia Bandeira que fatigado de ver fugirem campos enquadrados na janella luminosa do wagon, abafado e ardendo em calor nas taboas seccas e empoeiradas, se esqueceu a dormir num canto, apoquentado no fundo por uma vaga saudade do Terreiro do Paço que lhe apparecia muito distante, com todo o sabor das suas tardes ociosas á hora do passeio *chic*.

A filha do Vasconcellos viera aborrecida.

Já vagamente se sentía nostalgica; não descerrará os beiços e promettia quasi a si propria não os descerrar mais até ao termo d'aquella viagem de horror! As terras de França deviam esquissar-se nos esboços inflammados d'aquella nuvem, além nos horizontes que rebentavam de luz. Estivera á janella para se distrahir, mas mettera-se para dentro mais melancolica, mais opprimida.

Apoquentava-a talvez como que um presentimento de desgraça remota que era verdadeiramente uma loucura naquelle dia de azul, entre aquellas arvores já floridas que promettiam uma tão bella, tão rica primavera!

Tambem ella no seu canto quizera dormitar, mas os sonhos vieram-lhe maus, azedos, impossiveis, sonhos de doença, coloridos de negro e com isso recordações muito tristes da Avenida de que lhe ficaram tantas saudades, tantas!

A estas horas... naquelle mesmo momento, pisando o asphalto, debaixo do bello sol, andavam os *chics* da *haute-gomme,* banhados de claridade, abrindo no ar placido o appetite para um jantar de luxo. Vinham trens luzidios, fazendo esvoaçar a poeira debaixo dos cavallos de arreios brancos de fechos de metal e, correctamente perfilados, ella via mesmo girarem os figurinos aéreos dos moços janotas, mãos ao alto, segurando nobremente as rédeas e desfazendo-se em mesuras de arco para victorias levadas numa efflorescencia radiosa de luzes douradas para as solidões insoladas e cheias de calmaria de Valle de Pereiro.

Não sei!... Ella nunca fôra o que se diz doida por aquillo, mas que radiosa e perdida *nuance* aquillo tudo lhe dizia agora, a tantas leguas longe, arrastada no prosaismo desconfortavel d'aquelle expresso banal e empoeirado, a caminho da fronteira, tão para longe dos *five o'clock teas* lisboetas e das horas de conversa entre sombras de cortinas de pequeninos salões de amigos que quem sabe quando veria de novo... quando!...

Uma grande paz. Ouvia-se distincto o ramalhear dos choupos ramudos e trémulos de folhagem e por vezes um enorme e infinito silencio, tecido de tenuissimas vibrações.

Brusca e imperceptivelmente o comboyo parou numa estação qualquer.

Gritavam vozes de empregados que tinham uma toada molle e cançada de socego e de mandriice. O papá e a mamã dormiam.

O Bandeira, esse accordára logo e logo quizera saber o nome da estação e lançara mil interrogações aos empregados, todo debruçado da janella. Estava-se d'ahi a duas horas em Villar Formoso, no fim de Portugal.

O fim de Portugal, isto é, talvez o fim de uma vida de boas e quietas alegrias, de horas de calma leitura de livros queridos, de horas de fino convivio com todas aquellas queridas pequenas, que a teriam esquecido talvez já, agora que ella era levada sem esperanças de voltar, roubada á luz toda d'aquelle Paraiso de existencia para os tormentos de uma vida mercantil e commercial em Paris que ella odiava agora que o pae era dono da fabrica de Neuilly e que a vida da familia se ia deslocar para lá.

O palacete da Avenida trazia-lhe um mundo de recordações queridas. Ficará fechado, calado, mudo, mergulhado num grande silencio, banhado de sol e de socego, ali naquelle angulo de rua tão deserto, de um tão fino sabor secundario e de bom gosto. Estava a revel-o, com o seu aspecto silencioso, com as cortinas de rendas amarellas atraz dos vitraes de desenhos finos comprados pelo seu capricho de romantica doentia e prendiam-se-lhe os olhos da alma a uma certa janellinha de rendas triplas e de setim azues onde fôra o seu quarto, o seu alegre quarto de tantos annos...

Com os dedos que a luz desenhava em clarão, Cecilia carregava nas palpebras humidas das saudades da recordação...

E então apparecia-lhe a frescura bem cheirosa do atrio de baixo onde scintillavam numa sombra agradavel os cabides de metal polido e onde o sólo de marmore branco tinha um ar classico que a commovia. Ao fundo, a escada atapetada

e cheia de silencio que subia para os quartos de cima, para a bibliotheca do papá, para as alcovas.

Junto do portão, atraz de um amplo reposteiro felpudo que abafava os murmurios, a entrada no salão e depois esse salão que ella tão carinhosamente decorára e que era um prodigio de bom tom e de extrangeirismo que fazia pasmar a Montalvão sempre que com o seu passinho meudo e o seu narizinho agudo de menina fina, delicada e analysta ella devassava aquelles mysterios e alegrava aquelle silencio com o ruido da sua animação lisboeta.

Devia estar bem só, no canto mais escuro, o seu Érard envernizado, onde estaria talvez aberta a ultima romança em que mechera.

Ficára lá em cima numa jarra vidrada chineza, de bonitos tons molhados e luzidios, o *bouquet* que á despedida lhe tinha offerecido o pae das Corrêas Britos, galanteador até ao fim. Ella mesma cerrara as janellas com cuidado quando partira para que não desbotassem os angulos doirados das suas partituras que ella encadernára a capricho com a riqueza de gostos que lhe invejavam.

Por cima do banco do piano, na parede e roçando-se na sombra, esboçava-se o seu busto, todo luz, neve e carmim que a Alice Fonseca lhe offerecera naquelle feliz dia de annos da ultima epocha. Como deviam parecer sós e melancolicas as poltronas cobertas de rendas de subtis arabescos e os jogos de cadeiras douradas, ainda agrupadas com um ar de solitario convivio, em torno da mesinha dos seus deliciosos *five o'clock teas*. Oh! horrivel monstruosidade aquelle expresso que abalava com ella para tão distantes terras, para esse Paris que ella só adorava em gravuras e aguarellas *chics*.

(Continúa).

José Julio Rodrigues.

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.* — Cont. do n.º 6, pag. 384)

INTERROGationes iuxta quas Prouincialis ad Generalẽ mittet informationes de Proponendis ut uel professi uel coadiutores spirituales fiant recognitæ a Patre Generali Claudio aquæ Viuæ anno 1585.

1.—Nomẽ, patria, ætas, ualitudo, et uitæ genus ante ingressum.

2.—Vbi, et quando admissus, et an experimẽtis omnibus, quæ in examine pæscribuntur in nouitiatu probatus, sin minus, quid causæ fuerit.

3.—Quantum profecerit in Virtutibus a sui ingressu præsertim in sui cõtentu, obedientia, simplicitate, paupertatis affectu, in amore instituti, et an in uocatione unquam uacillauerit aut ab ea etiã defecerit.

4.—An quadrienniũ integrũ, uel quantum temporis post artiũ liberaliũ et philosophiæ studia in theologia exegerit et nũ postea, atque quandiu eidẽ repetendæ et legẽdis patribus operã impẽderit quantumque in his rebus profecerit *an etiã et quãtã* iuris canonicj peritiã habeat.

5.—An et qua satisfactione suis studiis absolutis (nisi ea ante ingressũ absoluerit) tertium probationis annũ iuxta Constitutionem peregerit.

6.—An et quanto tempore literas humaniores, philosophiam, aut theologiam docuerit, aut casus conscientiæ explicauerit, et quanta in singulis huiusmodi artibus, et scientijs tradendis eruditione, ac doctrina polleat.

7.—An et quandiu in prædicationibus, cõfessionibus, alijsue ministerijs salutis proximorum uersatus sit, et quanta cũ gratia, facultate et animorum fructu ea exercuerit, quaque ædificatione cũ externis præsertim in missionibus, siquas obiuit, se gesserit.

8.—An et quandiu administrationẽ aliquam Societatis obierit, quaque prudentia, humilitate, modestia, integritate, charitate et satisfactione domesticorum et externorum subditos rexerit et negotia tractauerit.

9.—Sequaturne extraordinarias opiniones, peregrinũue ali-

quẽ et alienũ a nostro instituto sentiẽdi, aut procedendi modũ præsertim in doctrina, in orandi ratione, et alijs spiritualibus exercitijs. Deniqᵘe an sit proprij iudicij amator et in affectibus parũ mortificatus.

10.—Sitne deuotus et orationi deditus, salutis animarum zelator, in negotijs promouendis, et difficultatibus superandis strenuus, ac fiducia in deũ fretus, deniqᵘe an optet labores et alia incõmoda pro Dei gloria et proximorum salute perpeti, præsertim inter gentiles, et hæreticos.

11.—An ne aliquid : : : aut dignitatẽ obtinuerit, aut ad professionẽ, sacerdotium, literarum altiora studia aspirauerit, atqᵘe hæc per : : : an potius semper visus sit et adhuc iudicetur ad quẽcũqᵘe societatis gradũ, et ad quæuis eius ministeria paratus et indifferẽs.

INSTRUCTIO QUÃ EUER. MERC. MISIT PATRI PROUINCIALI EMANUEL ROD. AD PROMOUẼDOS AD SACROS ORDINES.

Vt ea ætate sit, quã in singulis ordinibus requirit Concil. tridentinum.

Vt naturali iudicio et prudentia ualeat.

Vt linguã latinã teneat, et bene legere ac pronũtiare sciat.

Vt in studijs literarũ saltẽ in casibus cõscienciæ diligenter uersatus sit, ita ut cũ ad sacerdotiũ promouetur, fructuose cõfessiones audire possit.

Vt cõsueta societatis uota emiserit, et quinquenniũ saltem in societate exegerit priusquam ad sacros ordines promoueatur.

Vt ijs moribus, spiritu, ac vita religiosa, et exemplari præsertim : : : resignatione et humilitate sit præditus quæ ad tantũ ministeriũ obeundũ necessaria sint.

Ut ad docendam christianã doctrinã pueros et rudiores personas idoneus sit, et in ratione missæ dicendæ, et in ceremonijs bene instructus iuxta Constit.

Hæc omnia Prouincialis cõsilio suorũ cõsultorum adhibito perpẽdat quæ si inuenerit facultatẽ poterit nostris cõcedere ut promoueantur ad omnes etiam sacros ordines iuxta literas apostolicas nobis cõcessas, et ubi promoti fuerint certiorẽ faciat generalem.

COPIA DE HÜA DE N. P. : : : AQUA VIUA PARA O PADRE SEBASTIÃO DE : : : DE JULHO DE 15 : : :

Del obispo de : : : dias passados el p.ᵉ Luis de uas : : : algũ padre dela Comp. oya dos otres ueses : : : de un monasterio

desu ob*edienc*ia, y pergunto ::: se isto es cõtra las Constit. 6 p.ᵉ e ::: 3. §. 5. do ::: permitte semel unius Monasterij cõfessiones audire &. alqual V. R. podra responder q̃ aũ que la constit. diga semel unius monasterij &. nõ exclude q̃ alguna ues sela necessidad o circunstancias lo pediere no se pueda boluer una o dos uezes a todo el monasterio, pero prohibisse q̃ no sea a menudo, ni aun raras uezes deordinatio.

Itẽ mas q̃ por aquellos, q̃ la Regla 68 del Rector pone, sen cuia peticion no se deue cõceder predicales, no se entiẽde las abadeças, si no los ordinarios ẽlos monasterios aellos subiedos, o otros p*re*lados religiosos, y q̃ a estos no sera menester cadaues q̃ estos ministerios se ouieren de exercitar pedir licencia pera ello mas q̃ bastara tenerla olos n*uest*ros, ola abbadeça en general.

Pergunto mas sobre el cõpendio V. absol*uti*o §. 3. adonde se dize q̃ poss*u*nt absolui per n*ost*ros a quibuscunq*ue* casib*us* sicut in art*iculo* mortis qui mittuntur ad triremes se se puedẽ estos absoluer no solo quando se enbiã alas galeras, mas por todo el tiempo q̃ en ellas andã.

A esto se responde q̃ siẽdo la cõcession limitada ad eos qui mittunt*ur* t*antu*m, no se deue estender ad eos qui ibi iã sunt.

Dudó otrosi si satishazẽ cõ el p*re*cepto de comulgar vna ues en el anno losq̃ reciben el Santissimo Sacram*en*to delos n*ues*tros ocho dias antes o despues del dia dela resurrecion. La::: dubdar fue loq̃ se dize en el cõpendio verb. Euchar. ::: 3.º esto es q̃ pueden los nuestros ministrar el ::: Sacram*en*to præterq*uam* in die resurrectio*nis*, y esta ::: el Arcediano de Inscul. ala coagrega ::: d*e*putados pera la declaracion del ::: tomando occasion del mismo priuileg*io* ::: riores, y respondierõ q̃ no satisfazia ::: por ser mui prouauel se deue seg ::: tanto mas *a*uiẽdo salido de personas tã calificadas y teniẽdo tantos incõuenientes la pratica dela parte affirmatiua, q̃ aũq*ue* de cierto se tuuiera por uerdadera no se usara por no cair en ellos.

Item se pudemos dar la comuniõ alos forasteros q̃ la recibẽ in articulo mortis por los priuilegios q̃ se ponẽ § 3 e 4 del mismo uerb. Euch*arist*ia quãdo por alguna causa viniessẽ anu*estr*as Iglesias y recibirle.

Respondesse que dar el viatico in art*iculo* mortis aũq̃ uenga el enfermo anuestra Iglesia he proprio del parocho y aziendose

sin su licencia seria en periuizio de su derecho lo qual no podemos ni deuemos azer siẽdo n*uestr*o priuilegio limitado sine alicuius p*ræ*iudicio. Quando cõtodo ouiesse necessidad esto es quando no fuesse el lugar otiempo el paracho de poder comulgar el tal enfermo, entõces eod*em* mo*d*o nos habere debem*us*, q*ui* de extrema unctione d*icitu*r in Compen. V*erbo* Sacr*amentu*m.

Otra duda es sobre la declaracion del § 2. del V*erb*. Eu-ch*aristi*a adonde se dize q̃ nũqua in alicuius eccl*esi*js sine licentia eor*um* ad quos pertinet hoc Sacr*amentu*m ministrem*us*, y pergũta si esto se entiende aũ en caso q̃ los parachos no estẽ en las Iglesias y no se pueda buenam*en*te recorer a ellos y en monasterios de mõias ado*nde* estã los superiores dellas et hospitia.

Y se respuẽde que q*uando* los q̃ tienẽ acargo las tales iglesias o oratorios no estã en lugar otiẽpo que cõmodam*en*te se pueda haser recurso aellos o otra persona q̃ quede en su lugar entonces : : : ierẽq̃ no aura offension podrã los nuestros m*inis-trar* lo Sacram*en*to.

(Continúa).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

O ENSINO HISTORICO, PHILOLOGICO E PHILOSOPHICO EM PORTUGAL ATÉ 1858

A noticia que se insere aqui constitue o capitulo introductorio duma memoria relativa ao Curso superior de lettras, destinada á Exposição universal de Paris, do presente anno. E' apenas o quadro dum estudo mais vasto para o qual temos reunido abundantes materiaes, colhidos, pelo que respeita á historia geral do ensino europeu, nos escriptos respectivos, entre outros, de Karl Schmidt (ed. W. Lange), Hermann Schiller, Th. Ziegler, P. Girard, Marquardt, Friedländer, Eckstein, G. Boissier, K. von Raumer, J. Parmentier, Friedrich Paulsen, H. Kæmmel, Deniffle, na *Encyclopedia pedagogica* de Schmidt-Schrader, nos *Monumenta Germaniæ pædagogica;* pelo que respeita ao ensino português nas diversas fontes geraes da nossa historia nacional, nas *Noticias chronologicas da Universidade* de Fr. Leitão Ferreira, nos successivos volumes do *Annuario* da mesma, nas *Relações dos estudantes,* nos extractos de *O Livro verde da Universidade,* publicados pelo sr. Gabriel Pereira no *Boletim de bibliographia portugueza,* vol. II (1882), na *Historia dos estabelecimentos scientificos e litterarios* de José Silvestre Ribeiro, nos Documentos dados a lume pelo sr. dr. Antonio José Teixeira, nas *Memorias* das faculdades publicadas por occasião do centenario da Universidade, na *Historia da philosophia* do sr. dr. José Joaquim Lopes Praça, etc. Na sua estreiteza, esta modesta noticia pouca ou nenhuma novidade dará aos que são versados nos escriptos referidos; não será talvez inutil para os que não estão nesse caso. Quasi todos os factos e considerações aqui reunidos têem sido apresentados por nós em conferencias publicas realisadas desde 1871 e nalguns escriptos, entre os

quaes ha um relatorio feito em nome do Curso superior de lettras, ácerca da sua reforma, em 1879.

Se abstrahirmos dum ensino quasi privado e individual da medicina e do direito e do da theologia que começou por se fazer nas cathedraes e mosteiros, a organisação primeira duma instrucção que correspondia, pelo menos em parte, á que hoje chamamos superior, datou entre nós da fundação da Universidade ou estudo geral, em Lisboa, em 1290, no reinado de D. Diniz. A bulla do papa Nicolau IV, desse anno, pela qual foi permittida aquella fundação, menciona os estudantes artistas, canonistas e legistas e medicos, como sendo os das faculdades licitas (o ensino da theologia era reservado ás ordens religiosas nos seus mosteiros).

A faculdade das artes ou dos artistas era, como nos outros países na idade media, preparatoria para as restantes, e comprehendia as «disciplinas ou artes liberaes», que, partindo dos planos educativos de Pythagoras e Platão, se fixaram no periodo alexandrino e foram em latim reduzidas a compendio pelo polygrapho Varrão, no primeiro seculo antes da era christã, na obra intitulada *Libri disciplinarum*. Comprehendia esta, dum lado, as chamadas propriamente disciplinas liberaes, —grammatica, rhetorica, dialectica, cujo conjuncto constituiu o chamado *trivio* e que receberam o nome de *artes sermonicinales;*—doutro, arithmetica, geometria, musica e astronomia, cujo conjuncto formou o denominado *quadrivio* e que foram classificadas de *artes reales;*—e além disso a architectura e a medicina, que veiu, como as sete primeiras, a ser objecto duma faculdade especial, emquanto a architectura, como technica, teve ensino fóra dos grandes estabelecimentos docentes. Em Salerno se organisou, como é bem sabido, a primeira faculdade medica.

As leis, que foram objecto dum dos cursos ou faculdades da Universidade (*auditorium*) de Constantinopla, fundada em 425, deixaram de ser ensinadas regularmente na Europa occidental, depois das invasões barbaras até que, descoberto o *Corpus juris civilis,* se fundou a Universidade de Bolonha, donde o ensino do direito romano irradiou para os outros países da Europa occidental e septentrional. A importancia do direito ecclesiastico deu logar á creação da faculdade dos canonistas.

Com a queda do imperio romano não desapparecera do ensino o quadro das artes liberaes: foi elle, ao contrario, que continuou a ministrar os elementos da cultura geral, como

succede hoje com o ensino secundario,—gymnasial, lyceal, etc. S. Isidoro de Sevilha (fallecido em 636), o grande abreviador da sciencia antiga, compendiou as sete artes nos tres primeiros dos seus *Vinte livros d'etymologias,* obra, por assim dizer, indispensavel em toda bibliotheca peninsular na idade media e que de facto se achava em varias do nosso país, como a de D. Mummadona, de Guimarães, a do convento de Alcobaça, etc.

São numerosas as allusões ao estudo das disciplinas liberaes decorrentes daquelle periodo historico em a nossa peninsula. Sob o dominio arabe, os christãos recebiam em Cordova ensino nessas disciplinas, como sabemos do *Memoriale sanctorum* (seculo IX). O monge de Silos relata que Fernando I de Leão e Castella (1037-1055) fez instruir os filhos e filhas nas disciplinas liberaes, que esse proprio rei estudara («Rex vero Fernandus filios suos et filias ita censuit instruere, ut primo liberalibus disciplinis, quibus et ipse studium dederat, erudientur»). Sob a influencia da obra extravagante de Marciano Capella (seculos IV–V), intitulada *De nuptiis Mercurii et Philologiæ,* que era um tratado das artes liberaes, escreveu no seculo XII Pedro Compostelano um livro em prosa e verso *De compositione rationis,* em que se occupou da grammatica, logica, rhetorica, arithmetica, geometria e musica. Segundo os monges de Cellanova, que no seculo XII escreveram a vida de S. Rudesindo, este «litteras ac liberales artes faciliter didicit.»

Uma carta de D. Diniz, de 15 de fevereiro de 1309, relativa á Universidade, já então mudada para Coimbra, menciona como disciplinas alli ensinadas: o direito canonico, o civil, a medicina, a grammatica e a dialectica. Numa outra carta do mesmo monarcha, do anno de 1323, falla-se do mestre de decretaes, do mestre de leis, do de physica (medicina), do de grammatica, do de logica e do de musica. Um documento do reinado de D. João I, de 1400, refere-se ainda só ao ensino daquellas tres artes liberaes; outro de 1418 junta a philosophia ao quadro do ensino, e duma doação feita á Universidade pelo infante D. Henrique, em 12 de outubro de 1431, vemos estarem comprehendidas no quadro dos estudos todas as sete artes: grammatica, logica, rhetorica, aresmetica (sic), geometria e astrologia, e além disso a philosophia, determinada pelas expressões «natural e moral.»

A grammatica consistia essencialmente no estudo da lingua latina. A philosophia natural tinha por base a Physica de Aristoteles, que Hegel chamou «uma metaphysica da physica» e a moral os livros de ethica daquelle mesmo philosopho.

*

A faculdade d'artes ficou correspondendo em parte á nossa instrucção secundaria e em parte ao ensino superior das disciplinas philosophicas. Collegios que se organisaram ao lado da Universidade encarregaram-se, demais, da parte inferior do ensino, principalmente da grammatica (lingua latina). Com referencia particular á Allemanha, diz Fr. Paulsen o seguinte, que até certo ponto póde applicar-se ao nosso país: «A *facultas artium* (sc. *liberalium*) recebe regularmente os novos escolares e tem por fim completar o curso da escola latina, que se limita á lingua, com um curso scientifico geral.» Os estudantes demoravam alli entre os 15 e 20 annos de idade. O mesmo auctor acha mais comparavel essa faculdade á secção superior do moderno gymnasio allemão do que á moderna faculdade de philosophia.

No Collegio das artes de Coimbra, organisado sob a direcção de André de Gouveia, achamos o seguinte quadro de estudos e professores, segundo o regimento de D. João III, de 16 de novembro de 1547:

Ler, escrever, declinar e conjugar	3	regentes
Grammatica Rhetorica e poesia	8	»
Grego	1	»
Hebraico	1	»
Mathematica	1	»
Artes	3	»

O regimento de 20 de maio de 1552 mostra-nos o que se entendia então por «artes» em sentido estricto: eram as diversas partes do estudo philosophico, distribuido por tres annos e meio e tendo por objecto a explicação das obras de Aristoteles, relativas áquellas partes, das quaes dá a lista.

O renascimento modificara, mas não quebrara o velho quadro das artes liberaes, introduzindo alguns pontos de vista novos.

Em 1540, o plano dos estudos da Universidade, em que se encorporara o referido Collegio, comprehendia, além das artes, as faculdades de theologia, leis, canones e medicina.

O Collegio jesuitico de Evora, elevado a Universidade pelas cartas de D. Sebastião, de 10 de agosto de 1563 e 28 de novembro de 1567, ficou com a auctorisação de graduar em artes e theologia. O plano da faculdade de artes era alli o mesmo que em Coimbra.

A organisação dos estudos estabelecida no reinado de D. João III não experimenta modificação consideravel com o plano dos jesuitas, a *Ratio studiorum,* de 1599; e esse estado

de coisas permanece de modo geralmente inalterado até á expulsão dos jesuitas e subsequente reforma dos estudos pelo marquês de Pombal. O fim principal do ensino secundario dos jesuitas era que o alumno entendesse, fallasse e escrevesse o latim; ficasse capaz de redigir sobre qualquer assumpto uma memoria ou discurso correcto, bem disposto, recheado de sentenças, adornado de imagens e prenhe de erudição: os elementos da historia, da geographia, da poetica e da rhetorica subordinavam-se todos a esse fim.

Existia em verdade desde epoca bastante remota, desde o começo do seculo XIII, uma litteratura nacional, com phases de desenvolvimento mais ou menos consideravel e apenas um periodo de quasi eclipse (reinados de D. Pedro I e D. Fernando I).

Nos seculos XVI e XVII multiplicaram-se as producções litterarias de todo o genero: poesia (epica, lyrica, dramatica), historiographia, eloquencia. O seculo XVIII continúa essa cultura. Affirmou-se que Portugal é um país eminentemente litterario, o que póde admittir-se, se abstrahirmos do valor muito diverso das epocas e mais ou menos diverso dos productos de cada epoca, isto é, se attendermos á quantidade mais que á qualidade. Todavia nem a lingua, nem a litteratura, nem a historia nacionaes figuraram durante longo tempo no ensino. O facto tem parallelos, é certo, em toda a Europa, mas aqui a sua extensão foi maior que noutros países. No seculo XVI João de Barros advogou a causa da lingua nacional, cuja *grammatica* queria fosse estudada antes da latina; o marquês de Pombal legislou que assim se fizesse, mas só muito tarde é que tal pratica se generalisou: tanto custam as innovações no ensino, até as que mais simples parecem.

Emquanto a nossa faculdade das artes permanecia com o seu velho quadro, alargava-se este noutros países. Assim na Universidade de Wittemberg, já no seculo XVII se supprimia a leitura da grammatica latina, reservada aos collegios, e se collocava em seu logar uma *professio historiarum*.

A cultura que ministravam os collegios menores e as faculdades d'artes começara por ser fundada essencialmente sobre a litteratura e a sciencia da antiguidade; mas o espirito moderno principia a ganhar independencia desde o seculo XV (abstrahimos de prodromos anteriores). Com Leonardo de Vinci apparece o conceito de que não devemos acceitar como verdadeiro senão o que a experiencia e a observação nos demonstrou sê-lo. O pensamento scientifico tende a substi-

tuir-se á auctoridade. Na idade media, por exemplo, na Universidade de Paris discutia-se se o azeite era susceptivel de congelar-se, e para resolver a questão recorria-se aos textos de Aristoteles e Plinio á busca de dados: agora observa-se e experimenta-se e pela propria intuição obtem-se o que não se alcançava da *science livresque*. Os grandes descobrimentos geographicos tinham mostrado a falsidade da concepção da ecumena, da terra habitada dos antigos. Fernão de Magalhães provara a rotundidade da terra e a existencia dos antipodas, negada por Santo Agostinho. Copernico, partindo das theorias esquecidas de Seleuco de Babylonia e Aristarcho de Samos, ácerca do movimento da terra, cuja rotundidade fôra já affirmada pelos pythagoricos, funda a nova cosmographia. O conhecimento proximo de povos até então ignorados ou mal noticiados, com varios costumes, diversissimas crenças, o descobrimento de não suspeitadas faunas e floras suscitam a analyse, a comparação, a classificação. Galileu lança as bases da physica moderna, e Bacon escreve o *Novum organum*, o codigo do methodo inductivo, e logo vem Descartes renovar o idealismo. As applicações das novas sciencias dão-lhes importancia aos olhos do vulgo, inclinado a julgar as coisas pelo seu proveito material. Novas concepções economicas surgem em relação com esse movimento. Está iniciada a era do racionalismo, do realismo e do utilitarismo, que serão contrabalançados pelo novo humanismo germanico com a sua comprehensão profunda da antiguidade, o seu ideal elevado do homem, e o romantismo com a sua larga esphera de sympathia. O grande desenvolvimento das litteraturas nacionaes collaborava com essas outras correntes para dar ás nações modernas a consciencia de que estavam de posse duma nova cultura, que, embora tivesse partido da antiga, apresentava já todos os caracteres de originalidade e independencia. Reconhece-se a necessidade dum outro ensino ao lado do que tem por base as linguas classicas.

Até á epoca do marquês de Pombal ficámos quasi extranhos a esse movimento, para que tinhamos contribuido, aliás, inicialmente com os nossos descobrimentos. Sem duvida não o ignoravam completamente homens como o conde da Ericeira, que hospedava em sua casa sabios como Antoine de Jussieu (1717). Os oratorianos, senhores da sympathia de D. João V, tentaram alguma innovação no ensino; Verney escrevia o *Verdadeiro methodo de estudar* (1747); mas tudo se reduzia a esforços isolados e sem sequencia. Carvalho e Mello quis de subito transformar o estado das coisas. Expulsou

os jesuitas em 1759 e dois annos depois fundou o Collegio dos nobres, pelo typo das academias militares doutras nações, e ordenou que o professor de rhetorica exposesse alli a historia critica das diversas escolas de philosophia e explicasse a logica «para quem desejasse argumentar solidamente e persuadir com concludencia.»

Para substituir os collegios dos jesuitas na parte relativa aos estudos inferiores, preparatorios para a Universidade, creou o mesmo ministro cadeiras de grammatica latina, lingua grega, rhetorica e philosophia (o numero total dessas cadeiras era de 358 em 1772).

Essas disciplinas, menos a ultima, ensinavam-se em Coimbra no Collegio das artes, que continuou a existir, encorporado na Universidade por provisão de 1772, e em que foi creada uma cadeira de historia e antiguidades, emquanto a parte superior do seu antigo ensino era convertida pela reforma universitaria daquelle mesmo anno na faculdade de philosophia, transformação analoga á operada nos outros paises da Europa, nos quaes a velha *facultas artium* se mudou em faculdade de philosophia ou se decompôs em faculdade de lettras (ou de philosophia e lettras) e de sciencias. Mas, afastando-se nesse ponto do que se dava noutros paises, o reformador português não incluiu na sua faculdade de philosophia ensinos philologicos e historicos — deixou-a reduzida ao que se chamava a philosophia racional e moral e a philosophia natural. A ultima expressão designava o conjuncto da physica experimental, da chimica e da historia natural, isto é, as sciencias especiaes da natureza, organisadas segundo as novas tendencias, em que predominavam a observação, a experimentação e a inducção. As mathematicas ficaram constituindo o objecto unico duma faculdade, emquanto nos outros paises se inserem na faculdade geral de philosophia ou formam com as sciencias naturaes a faculdade de sciencias. O grande valor de muitos aspectos da reforma de 1772 não esconde o que havia de vicioso na organisação dos estudos menores (instrucção secundaria), de inconveniente na separação das duas faculdades de mathematica e de philosophia e de incompleto nesta. Resultaram dahi males que até hoje não foi possivel remediar.

Não devemos esquecer, porém, que os Estatutos universitarios de 1772 incluiam elementos historicos e philologicos nas faculdades de theologia, de canones e de leis. Na primeira vemos uma cadeira de historia ecclesiastica e duas de Escriptura (exegese do Velho e do Novo Testamento); além disso

o hebreu devia ser estudado pelos alumnos. Na faculdade de canones estudava-se tambem a historia ecclesiastica geral, assim como a historia particular da igreja portuguesa e do direito canonico. Na faculdade de leis entrava, no primeiro anno, a historia do direito civil romano e português, a que devia preceder uma introducção sobre o methodo historico, a bibliographia historica, a geographia, a chronologia, e noções geraes de historia universal e especialmente das instituições dos hebreus, gregos, romanos, e antigos povos da peninsula iberica. No quinto anno a hermeneutica devia ter larga base philologica.

Comquanto nos pareça demasiado volumoso o que se queria fazer entrar no primeiro anno juridico, é justo confessar que, com a inclusão daquelles elementos historicos, o marquês de Pombal ia além do seu tempo, pelo menos além da organisação das universidades do seu tempo de que temos conhecimento. Por exemplo, em 1780 na Universidade de Vienna d'Austria não havia ainda propriamente curso de historia do direito, mas sim um curso de historia do imperio (*Reichsgeschichte*), em que por ventura o professor se occuparia da historia do direito politico. Depois da expulsão dos jesuitas havia na faculdade de direito da Universidade de Ingolstadt (Baviera) um curso analogo áquelle de Vienna. Na Allemanha a direcção verdadeiramente historica dada ao estudo do direito data da entrada, em 1788, de Gustav Hugo (1764–1844) para a Universidade de Berlim. Friedrich Karl von Savigny (1779–1861), professor universitario desde 1808, imprimiu novos progressos á escola do direito historico. Na organisação dada á faculdade de direito de Paris em 22 ventôse do anno 12 (1803) estabelecia-se que se ensinasse: 1.º Le droit civil français dans l'ordre établi par le Code civil, les éléments du droit naturel et du droit des gens, et le droit romain dans ses rapports avec le droit français; 2.º Le droit public et le droit civil dans ses rapports avec l'administration publique; 3.º La législation criminelle et la procédure civile et criminelle. Nenhum elemento historico propriamente dito se descobre nesse quadro. Só pela restauração, em 1819, quando Guizot iniciou com as suas prelecções na Sorbonne a nova era dos estudos historicos em França, é que naquella faculdade de direito se introduziu a primeira cadeira de historia do direito.

Na lição de abertura dum curso livre de sciencias auxiliares do direito naquella mesma faculdade francesa dizia, em 15 de janeiro do presente anno de 1900, o professor E. Lelong, a quem devemos a noticia reproduzida aqui sobre o ensino

da historia do direito naquelle país: «Se o legislador do anno XII voltasse ao mundo ficaria muito surprehendido vendo o que se ensina hoje sob côr de direito, ainda que com titulo de mero complemento, como *Bibliographia, Epigraphia, Paleographia, Diplomatica,*

Grands mots que Pradon croit des termes de chimie.»

Tambem nesta parte precedemos os francêses, pois em 1796 foi creada e encorporada na Universidade de Coimbra uma cadeira de diplomatica, que comprehendia naturalmente a paleographia, e em que foi provido o verdadeiro fundador desses estudos entre nós, João Pedro Ribeiro. Era sem duvida um auxiliar para o estudo da historia das nossas instituições e da igreja portuguesa. A proposito deve lembrar-se, pela relação do assumpto com os estudos historicos, que já em 1775 fôra estabelecida no Real Archivo da Torre do Tombo uma cadeira de «orthographia diplomatica», que não chegou a completar um anno de estudos por fallecer o seu professor. Pelo alvará de 21 de fevereiro de 1801 passou para Lisboa a cadeira de diplomatica regida por Pedro Ribeiro, onde persistiu ainda depois da morte do seu primeiro titular e fórma hoje parte dum curso de que fallaremos em seu logar.

A carta regia de 24 de janeiro de 1791 eliminou o ensino da philosophia racional e moral da faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra, e incluiu-o no Collegio das artes; naquella faculdade era creada uma cadeira de botanica e de agricultura, que mais tarde se scindiu em duas, uma de botanica, outra de agricultura. Ficavam pois os estudos philosophicos, propriamente ditos, excluidos do quadro do ensino superior e operada neste completa separação entre as sciencias da natureza e as sciencias do espirito. Nos estudos menores (instrucção secundaria) estavam exclusivamente representadas estas ultimas, salvo algum caso excepcional. As *Relações* dos estudantes da Universidade e Collegio das artes, impressas a partir de 1800-1801 (pelo menos é desse anno a mais antiga que conhecemos) mostram-nos as variações do quadro do ensino no ultimo. Naquelle anno figuram: latim com 3 aulas ou classes, grego com 2 classes, rhetorica com 1, philosophia racional e moral com 1. E' certo que encontramos referencia anterior e posterior a uma cadeira de historia e antiguidades alli existente; assim o aviso regio de 5 de março de 1805 manda imprimir os dois tomos dum compendio de historia de que fôra encarregado Jeronymo Soares Barbosa e que por elles se

ensine, não só na cadeira de historia e antiguidades do Collegio das artes, mas em todas as aulas de rhetorica do reino e dominios ultramarinos.

Ainda nas mesmas *Relações,* a cadeira de rhetorica apparece em 1820–1821 com a designação de «rhetorica e antiguidades», que, a concluir do que acaba de se dizer, não representava realmente um alargamento do programma. Em 1824–1825 apparecem novos ensinos: elementos de arithmetica, geometria e geographia. Em 1825–1826 junta-se: aula de lingua francesa. Em 1829–1830 em vez da designação de «lingua latina» apparece-nos: «grammatica portuguesa e latina e latinidade» e á arithmetica, geometria e geographia junta-se «chronologia», constituindo estas disciplinas um só curso, com um só professor. A designação da cadeira de rhetorica é de novo modificada: chama-se então rhetorica e poesia. Em 1830–1831 surge a indicação doutra disciplina: «historia geral e portuguesa»; mas doutro documento parece poder concluir-se que havia em 1827, no Collegio das artes, um professor de historia; sabemos do mesmo documento que era o substituto de philosophia quem tinha a regencia do curso de arithmetica, geometria, etc.

A implantação do regimen representativo não traz nada essencialmente novo para o ensino. Pela reforma da instrucção publica, firmada por Manuel da Silva Passos em 5 de dezembro de 1836, foram fundados os lyceus (um em cada capital de districto administrativo) para substituir as cadeiras isoladas que creara o marquês de Pombal; mas entre as disciplinas do quadro desses estabelecimentos não se determinava outro nexo novo, salvo o de serem ensinadas numa mesma casa. Essas disciplinas eram, além dos elementos de mathematica e sciencias naturaes e desenho:—lingua e litteratura portuguesa; lingua latina; linguas francesa e inglesa; oratoria, poetica; ideologia, grammatica geral, logica, moral universal; geographia, chronologia e historia; principios de economia politica, de administração publica e de commercio. Nos lyceus de Lisboa, Porto e Coimbra haveria mais duas cadeiras especiaes: uma de lingua grega, outra de lingua allemã. Em Lisboa ensinar-se-hiam num dos dois lyceus com que excepcionalmente era dotada: diplomatica, paleographia e tachygraphia.

A reforma de 1836 não estabelece nenhum ensino superior de philosophia propriamente dita (a faculdade de philosophia continuava a ser uma faculdade de sciencias naturaes apenas), nem de philologia, nem de geographia e de historia, salvo o

que respeitava á historia ecclesiastica e exegese biblica, na faculdade de theologia; á historia geral da jurisprudencia e á particular do direito romano, canonico e patrio, e á hermeneutica juridica—analyse de textos de direito patrio, romano e canonico e diplomatica—, na faculdade de direito, a que se reduziram as faculdades de canones e leis. A hermeneutica desappareceu posteriormente do quadro da faculdade de direito; mas não houve alteração essencial até ao presente nas outras partes do programma que nos interessam aqui, quer nessa faculdade, quer na de theologia (a parte historica da primeira comprehende hoje: historia do direito publico constitucional português; exposição historica do direito romano accommodada á jurisprudencia patria, historia do direito civil português).

A faculdade de philosophia tem continuado a ficar extranha aos estudos philologicos, historicos e philosophicos propriamente ditos, com os quaes estabelece nexo intimo a cadeira de anthropologia, paleontologia humana e archeologia prehistorica, creada pela carta de lei de 2 de julho de 1885, em substituição da cadeira de agricultura.

No meio das numerosas modificações que o quadro das disciplinas lyceaes tem experimentado desde 1836 permaneceram sempre nelle os seguintes elementos:

Mathematica;
Physica e chimica;
Geographia;
Historia;
Philologia { linguas antigas: latim (e grego, hoje fóra do quadro)
Philologia { modernas: português, francês, inglês, allemão;
Philosophia.

Compensaram até certo ponto a falta de ensino superior de philologia e historia as academias que no seculo XVII começaram a crear-se em Portugal e de que as mais importantes foram a Academia Real de Historia, fundada por D. João V em 1720, a Arcadia de Lisboa (1757–1774) e a Academia Real das Sciencias, organisada em 1779 e que subsiste ainda hoje.

Tentarei apontar alguns dos principaes factores que deram em resultado excluirem-se quasi completamente do ensino superior, nas reformas successivas operadas de 1772 até 1858, os estudos historicos, philologicos e philosophicos, contentando-se os legisladores com terem esses estudos representados em fórma elementar na instrucção secundaria.

A reforma pombalina da instrucção publica obedecera a tres tendencias principaes: combater o ensino velho-humanistico e peripatetico dos jesuitas, cuja influencia, apesar da expulsão destes, se fazia ainda sentir; introduzir as sciencias mathematicas e naturaes, renovar a medicina á altura dos progressos realisados nos países mais adeantados; organisar todo o systema como um instrumento ao serviço da politica do marquês. A reforma no que respeitava á instrucção secundaria foi pouco feliz: obedeceu demasiado á reacção contra o typo dos collegios dos jesuitas e a ideias administrativas e economicas, de que resultou a existencia de cadeiras dispersas e não a organisação de estabelecimentos em que os estudos se fizessem segundo um plano pedagogico seguro. Nesse ramo da instrucção não foi introduzido nenhum principio verdadeiramente fecundo. Demais não era possivel achar de subito tantos homens capazes de bem reger todas as cadeiras creadas. Falta semelhante se fez sentir na instrucção superior. A reacção do reinado de D. Maria I contra a obra do marquês não attingiu a instrucção publica, mas nenhum progresso essencial se realisou nessa epoca.

O ensino das faculdades de theologia e direito foi objecto de varios clamores entre 1772 e 1836. Por 1785 um espirito distincto, Francisco de Mello Franco, um dos primeiros que entre nós escreveu sobre «educação physica», no prefacio dum poema heroi-comico dirigido contra a Universidade, pinta-nos com côres muito negras o ensino de direito civil e canonico que alli se fazia e diz: «A Reforma trouxe á Universidade as sciencias naturaes, que na verdade tiveram e têem ainda alguns Mestres dignos de tal nome»; mas refere-se tambem á maioria dos professores dessas sciencias como achando-se abaixo da sua missão. Na sessão das côrtes de 27 de fevereiro de 1823 dizia um dos caudilhos da revolução de 1820, o jurisconsulto Borges Carneiro, que, no seu entender, deviam ser fechadas as faculdades positivas (designação dada ás de theologia, canones e leis), como já o haviam requerido os povos em côrtes nos tempos antigos; que não havia em que se occupar tanta gente que todos os annos se formava em theologia, canones e leis; e referia-se ao caracter ecclesiastico impresso profundamente na Universidade. E' certo que o deputado Serpa Machado respondeu áquelle orador com as seguintes palavras, entre outras: «Proponho que se desfaçam os estudos de Coimbra; que o seu rendimento se applique para a guerra; que quem quiser apprender vá a Paris ou Salamanca, e não haverá tanto lettrado sobejo.» Segundo a historia, foi por estas pala-

vras que em tempo da ignorancia e da barbaridade um nescio procurador dos povos requereu nas côrtes de Coimbra tão absurda providencia, que as daquelle tempo discretamente rejeitaram... Concluo dizendo que ó governo deve ser encarregado de propôr a este Congresso uma reforma sobre a parte administrativa da Universidade, e á vista della decidiremos com conhecimento de causa, e não ás cegas; de maneira que consigamos restabelecer e reformar esta bella instituição litteraria, como recommenda a Constituição, e não extinguí-la e queimá-la com gosto dos idiotas e dos charlatães.»

Comprehende-se que dum lado a antipathia pelos estudos velho-humanisticos dos jesuitas, com a sua interminavel grammatica, o seu formalismo, doutro o mau exito dos estudos juridicos, com o seu caracter ecclesiastico, produzisse receios nos espiritos que aliás aspiravam ao progresso, relativamente á introducção dos estudos philosophicos, philologicos e historicos na instrucção superior. Os mais sensatos contentavam-se simplesmente com o melhoramento do que existia; os mais exaltados queriam tudo destruir para assim deixar mais largo hiato entre o passado e a nova ordem de coisas por que combatiam: impregnados do racionalismo do seculo XVIII, acreditavam os ultimos piamente nas reconstrucções *ab imo,* não attingiam o conceito da continuidade historica.

Vimos que não se elevavam as vozes contra as faculdades de mathematica, e sciencias naturaes e medicina. Sem duvida homens como Mello Franco e Borges Carneiro não julgavam que só esses estudos fossem necessarios: mas, aos olhos da maioria dos que se tinham na conta de aptos para fallarem de taes coisas, aquelles estudos tinham na sua importancia pratica condições que os punham muito acima de quasi todos os outros. A theologia ainda justificava a sua existencia pelas necessidades da igreja num estado catholico; o direito pelos interesses que os tribunaes têem de salvaguardar; mas as lettras, a historia e a philosophia que utilidade as defendia? Não bastavam para ornamento do espirito, e para o que dellas houvesse que aproveitar para os usos da vida as noções ministradas nos estudos menores? Assim se exprimiria o utilitarismo como exprime muitas vezes ainda hoje.

Já no seculo passado se faziam objecções entre nós ao ensino das linguas classicas, particularmente contra o do latim, porque com o grego se gastava, por via de regra, muito pouco tempo: o latim é que exigia realmente applicação quasi exclusiva durante alguns annos.

«Escrever e saber a Lingoa Latina com alguma perfeição»,

dizia um dos collaboradores do marquês de Pombal, o medico Antonio Nunes Ribeiro Sanches, nas suas *Cartas sobre a educação da mocidade,* «não se estima ordinariamente por qualidade necessaria: mas he notado de má creação e he reputado por ignorante, quem a não entender; tantos Authores que escreverão era inutil a hum Militar, e hum Capitão de Mar e outros Cargos publicos, não tem outro fundamento mais do que mostrarem que tem na sua propria Lingoa todas as Sciencias e Artes escriptas, e que sabendo-a com perfeição aproveitão o tempo em aprendellas, que perdião certamente emquanto estudavão o Latim: mas he engano manifesto.» E adduz razões a favor do ensino daquella lingua como base duma boa educação. Todavia esses e outros argumentos, por ventura melhores, não convenceriam muito numerosos espiritos dominados por estreito utilitarismo, tanto mais explicavel entre nós quanto eram embaraçosas as condições economicas e financeiras do país. Se para aquelles espiritos já era de mais o ensino do latim e do grego nos estudos menores, por certo grave erro seria a introducção da philologia classica nos estudos superiores. Sem rejeitarem por completo o valor da historia, julgariam os mesmos espiritos que a sua cultura podia existir, como de facto existia, sem estar representada naquelles estudos de modo especial. Doutro lado, se se achava difficil ou até impossivel dar emprego a tantos bachareis em theologia, canones ou leis (em direito, depois de fundidas as duas ultimas faculdades), menos se via que caminho haveriam de seguir na vida, philologos, historiadores e philosophos diplomados; nem sequer se julgava necessaria educação especial para os que haviam de occupar as cadeiras de linguas, historia e philosophia na instrucção secundaria.

Entretanto, desde a fundação da Academia Real das Sciencias, tinham-se desenvolvido notavelmente os estudos historicos e a propria philologia nacional, comquanto tivesse de ficar muitos annos extranha á influencia dos trabalhos de Bopp, Grimm, Pott, Diez e seus discipulos, que fundaram a sciencia da linguagem e as philologias germanica e romanica, e comquanto ficassemos muito tempo alheios ao espirito do novo-humanismo que surgira na Allemanha com Lessing, Herder, Goethe, Schiller, Wilhelm von Humboldt, movimento de que Friedrich August Wolf foi o heroe eponymo na philologia e que tinha correlações intimas com o do idealismo transcendente e o do romantismo.

Os trabalhos historicos dos antigos membros da referida Academia foram os principaes antecedentes portuguêses de

Herculano, que doutro lado estudou a nova corrente produzida por Savigny, Niebuhr, Guizot, Macaulay e seus discipulos immediatos, vindo a realisar um largo progresso na historiographia nacional com os quatro volumes da sua *Historia de Portugal* e outras obras menores.

Na poesia iniciava Almeida Garrett em 1825 o romantismo, em cujas fileiras se iam alistar Alexandre Herculano e depois delle outros menores. Suggeria-se que a litteratura não estava condemnada á immobilidade e tinha um papel serio para representar na reconstituição moral e intellectual do pais. Infelizmente para a grande maioria dos nossos compatriotas, ainda dos que se suppunham cultos, historia e poesia pareciam apenas curiosidades para as horas vagas, entravam na categoria das diversões: empregos e fundos publicos, eleições, luctas partidarias, crises bancarias, bens de frades, depois o fomento da agricultura, da viação e da industria e coisas semelhantes, eram as questões mais graves ou as unicas verdadeiramente graves da sociedade liberal e capitalista que surgia. O pensamento philosophico elevado faltava ou era rarissimo.

A philosophia racional das cadeiras creadas pelo marquês de Pombal e das dos lyceus de 1836 e 1844 servia só para lançar nos espiritos alguns grãos de pedantismo. Ensinou-se alli durante muito tempo pelo compendio de logica e de metaphysica de Antonio Genuense, havendo ainda hoje no ensino professores para quem todo o saber em logica deriva daquelle auctor.

Pelo que respeitava á Universidade tambem a reforma de 1772 não deu resultado no dominio da philosophia. Transcreveremos o que sobre esse ponto disse em 1885 um lente da faculdade de direito, já fallecido, o dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim, na sua *Oração de sapiencia:*

«Esta reforma (de 1772) creou dois cursos, ou faculdades, uma de leis e outra de canones. Os sabios que a prepararam eram conhecedores da philosophia do seculo; achando-se porém sob uma atmosphera de terror, observando os rigores do governo e tendo presente a inquisição, involveram os principios da philosophia em tão apertada rede de precauções e cautelas, que elles proprios, se tivessem de executar a reforma, não saberiam como haver-se.

«Tendo em consideração o elemento philosophico, crearam uma cadeira de Direito Natural, subsidiaria para os dois cursos; a denominação e a importancia que lhe deram indicam que o estudo della seria puramente philosophico, e para derramar luz em todo o ensino; mas não foi assim.

«Os Estatutos, tratando deste assumpto, ordenam:—que o professor só procure luzes no tribunal da razão;—que, como cidadão livre do imperio da razão, procure a verdade, a ordem, a deducção, o methodo e a demonstração onde quer que achar;—que só os preceitos escriptos pela natureza no coração do homem tenham auctoridade. Ainda mais—querem que o magisterio perpetuo e sempre indeclinavel seja só o da razão: (liv. 2.º, tit. 3.º, cap. 5.º, §§ 2.º a 10.º); logo porém no § 15.º mandam que as opiniões do professor sejam confrontadas com a doutrina revelada: «E só achando-as a ella conformes se dará por seguro. A revelação será a bussola que o guie, e a remora que o contenha no seu entendimento...»; e no § 25.º ordenam que em moral siga a dos casuistas por terem sido estes os principaes doutores de Direito Natural. Para não ensinar uma moral relaxada, mandam confrontar as opiniões do professor com a doutrina dos canones, onde se acha apurada a moral da razão.

«Podemos portanto deduzir que o imperio dos canones ficou sendo o imperio da razão. A philosophia não derramava luz sobre o ensino.»

Esse estado de coisas modificou-se com os tempos, como não podia deixar de ser. A cadeira de direito natural foi substituida pela de philosophia do direito, e ha mais cinco em que os aspectos philosophicos das questões de que se occupam devem ser postos em relevo.

Fóra da escola leram-se quasi exclusivamente, desde a reforma da Universidade até 1840, as obras dos ideologos do seculo XVIII e começo do XIX, Condillac sobretudo. Comquanto a Academia Real das Sciencias não tenha inserido nas suas publicações até hoje senão uma de assumpto propriamente philosophico (*Estudos de philosophia racional,* por J. Maria da Silva, 1861), o que é caracteristico, nas memorias academicas do periodo referido revela-se a influencia dos ideologos. Notamos de novo esta na curta indicação, acima transcripta, da materia do ensino philosophico nos lyceus, segundo a organisação de 1836: ideologia, grammatica geral, logica, moral universal.

Veiu depois a corrente do eclectismo francês (nos *Estatutos da Uniformidade* recommendava-se o eclectismo): Baine de Biran, Royer-Collard, Cousin, Th. Jouffroy, sobretudo o terceiro, tiveram discipulos entre nós. A sua influencia surge na reforma dos lyceus de 1844.

Kant começou a ser conhecido pelo livro de madame Staël *De l'Allemagne* (1810), mas talvez annos depois da sua publi-

cação; leu-se, por ventura não antes de 1840–1850, o livro de Charles de Villers *Philosophie de Kant ou Principes fondamentaux de la philosophie transcendantale* (Paris, 1801) e depois foram lidas as traducções de Tissot e Barni. Ainda hoje não se encontra em nenhuma das nossas bibliothecas publicas de Lisboa e Porto um exemplar das *Gesammelte Werke* do philosopho allemão, no original; na da Universidade de Coimbra não havia em 1870 mais que algumas traducções; ignoramos se hoje possue os originaes.

O philosopho português mais em relevo na primeira metade deste seculo, Silvestre Pinheiro Ferreira, foi discipulo dos ideologos e apenas se referiu ao idealismo transcendente para desdenhar delle.

Os trabalhos mathematicos do polaco Hœne Wronski (1778–1853) eram já conhecidos em Portugal em 1818, como prova uma memoria de João Baptista Torreani, publicada nesse anno pela Academia Real das Sciencias; os escriptos philosophicos do mesmo Wronski, que começara por ser discipulo de Kant, parecem não ter sido então considerados entre nós, aliás levariam ao estudo do philosopho de Kœnigsberg.

Numa memoria redigida em 1837 por José Heliodoro da Cunha Rivara, então professor do lyceu de Evora, mas só publicada em 1897, faz-se referencia a Kant, Fichte, Schelling e Hegel.

Os estudos philosophicos foram, pois, apenas esporadicos em Portugal na primeira metade deste seculo: faltava-lhes a base da tradição, faltavam as condições para rapidamente nos pormos á altura dos povos em que o pensamento philosophico tinha evolvido de germens que existiram tambem aqui, mas não encontraram na sua evolução obstaculos como os que em o nosso país suffocariam toda tentativa de emancipação do pensamento. Na idade media não surgiu entre nós nenhum dos grandes espiritos da escolastica, mas o compendio dum português, as *Summulæ Logicales* de Pedro Julião, foi usado em muitos países longo tempo e está annunciada a sua reproducção numa serie allemã de obras que interessam á historia da pedagogia (*Monumenta Germaniæ pædagogica*). No seculo XVI desenvolve-se entre nós o aristotelismo jesuitico, surgindo vastos commentarios que esperam ainda um estudo consciencioso; mas esse aristotelismo foi intransigente e, graças á inquisição, triumphou até á reforma do marquês, tão tibia pelo lado da philosophia, como fica indicado; seguiu-se a intolerancia do reinado de D. Maria I, que fez exilar homens distinctos, suspeitos com razão ou sem ella de adherirem ás ideias

philosophicas e revolucionarias que agitavam a França, ou os lançou nos carceres do Santo Officio. Em taes condições era impossivel o pensamento philosophico, que exige primeiro que tudo a liberdade.

Emquanto na Allemanha escriptores como Goethe e Schiller manifestaram grande sympathia pelo pensamento philosophico e o conciliaram, nos justos limites, com a sua concepção poetica do mundo, em Portugal os dois corypheus do romantismo, Garrett e Herculano, ficaram muito arredados de semelhante affecto. O ultimo, o neo-catholico amigo do theologo innovador Doellinger, exprimiu mais duma vez o seu desfavor para com os philosophos, especialmente Kant e Schelling. Tudo que se escreveu ácerca do kantismo do nosso historiador é de pura invenção. O seu individualismo, como o de muitos outros homens do seu tempo, não derivava, pelo menos directamente, das concepções do auctor da *Critica da razão pura*. Herculano escreveu, por exemplo, em *O Parocho da aldeia:* «Com Kant o universo é uma duvida; com Locke é duvida o nosso espirito: e num destes abysmos vem afundar-se todas as ontologias. Como a philosophia é triste!»

A deficiencia philosophica não é um phenomeno exclusivo de Portugal, na peninsula: observa-se tambem na Hispanha, como já puseram em relevo J. M. Guardia na *Revue philosophique* (1893, setembro) e W. Lutoslawski em Ueberweg-Heinze, *Grundriss der Geschichte der Philosophie,* 3. Theil, 2. Band , 1897, pagg. 483 e segg. e nos *Kantstudien* I, 217–231.

Não devemos passar aqui em silencio a organisação do ensino dalgumas linguas orientaes entre nós. Abstrahindo do que se fez nesse sentido anteriormente ás reformas do marquês de Pombal, mencionaremos em primeiro logar a cadeira de hebreu junto da faculdade de theologia, em Coimbra, a qual pelo decreto de 20 de setembro de 1844 passou para o lyceu da mesma cidade; e outra cadeira da mesma lingua que esse decreto estabeleceu no lyceu de Lisboa. O decreto de 12 de abril de 1795 creou uma cadeira de lingua arabe no convento de Nossa Senhora de Jesus, da Congregação da Ordem Terceira da Penitencia (em cujo edificio se acham a Academia Real das Sciencias e o Curso superior de lettras) e foi encarregado da respectiva regencia o bem reputado arabista fr. João de Sousa, da mesma Congregação, que se distinguiu pelo seu amor do estudo. Subsistiu essa aula no meio de varias vicissitudes, não havendo tido alumnos de 1819 a 1829, sendo no ultimo e nos seguintes até 1834 frequentada por extrangeiros

de diversas nacionalidades, attrahidos pela reputação de fr. Manuel Rebello, que era então o professor da cadeira. As luctas da guerra da successão e a suppressão das ordens religiosas (30 de maio de 1834) produziram o encerramento da aula e lançaram em extrema penuria aquelle professor e o seu substituto fr. Antonio de Castro. Em 20 de outubro do mesmo anno o governo constitucional regularisou a situação dos dois arabistas, cujos vencimentos foram melhorados em 1836. Em 1842 foi mandado para Marrocos um alumno daquella aula, a fim de se aperfeiçoar no conhecimento do arabe vulgar e no dos usos e costumes diplomaticos daquelle país.

O decreto de 20 de setembro de 1844 collocou no lyceu de Lisboa a cadeira de lingua arabe. Depois de diversos incidentes, foi esta cadeira supprimida, assim como a de hebreu do mesmo estabelecimento, pelo decreto de 18 de dezembro de 1869, em que se dava como razões da suppressão emquanto ao arabe a falta de frequencia desde longos annos, não termos então frequente trato com os estados barbarescos, e ser preferivel, quando se julgasse conveniente habilitar alguem naquella lingua, enviá-lo ao extrangeiro. O hebreu continuava a ser representado na faculdade de theologia, em Coimbra, e nalguns seminarios diocesanos. Parece que não só faltava quem quisesse apprender arabe, mas tambem quem tivesse verdadeira capacidade para o ensinar. A penuria do nosso ensino manifestava-se em todo o dominio das sciencias historicas e philologicas e da philosophia.

Fôra extraordinariamente productiva noutros países e naquelle dominio, a actividade intellectual durante a primeira metade do seculo XIX. Disse-se que, se o seculo XVIII foi o seculo das sciencias naturaes e da philosophia, o seculo XIX é sobretudo o seculo da historia. O modo de ver historico, com a concepção de desenvolvimento organico, domina tudo—as proprias sciencias naturaes, a philosophia mesma. De cada vez se estreitam mais as relações entre os dois grandes grupos das sciencias —as da natureza e do espirito. A velha ideia da unidade da sciencia resurge para vida mais intensa. E se as sciencias da natureza maravilham as mentes com seus assombrosos descobrimentos e as suas applicações transformadoras das fórmas externas da vida, as sciencias do espirito enriquecem-se com achados não menos admiraveis e produzem ideias que renovam a consciencia humana e fazem entrever profundas transformações na estructura interna das sociedades. Num campo commum encontram-se a geologia, a historia da terra e a his-

*

toria do homem—é a prehistoria. A antiguidade do homem, segundo a era hebraica, apresenta-se como uma ficção infantil: a antiguidade do homem computa-se em myriadas de annos. Descobre-se a unidade originaria de linguas falladas por povos desde a India ao extremo occidente, e acha-se nellas a acção de leis que lembram as que regulam os phenomenos da natureza; busca-se por meio dessas linguas reconstruir o estado de cultura do povo primitivo que fallava a lingua fundamental de que proveem. Graphias que pareciam envoltas para sempre em impenetravel mysterio e em que com razão se suppunham fixados monumentos do pensar de desapparecidas civilisações, cedem a um trabalho genial de analyse, e as leis, os costumes, as crenças, a poesia, o saber de assyrios e babylonios surgem dos tijolos e rochedos em que os semitas da Mesopotamia tinham traçado a sua expressão em signaes cuneiformes. A esphinge dos hieroglyphos egypcios rendeu-se tambem aos novos Edipos. Os horizontes da historia alargam-se, deixando no espirito dos investigadores a ideia de que muito e muito fica além por explorar. As linguas sagradas dos brahmanes e dos parsis tornam-se objecto de estudos profanos nas escolas da Europa. A mythologia hellenica começa a ser comprehendida nas suas raizes e evolução. E de innumeras partes mais se colligem documentos que servem para se penetrar no arcano das formações religiosas. A critica e a theoria da arte estabelecem-se sobre bases mais amplas e seguras que no passado, perdendo muito do seu sentido estreito, exclusivista, para serem dirigidas pela luz do conceito da evolução e das correlações mutuas de todos os phenomenos sociaes. O methodo experimental vae penetrar fundo na psychologia; e os progressos desta sciencia hão de reflectir-se em todas as outras sciencias do espirito. O direito é agitado por concepções novas, derivadas em grande parte do progresso doutras sciencias. Mas força é pôr termo a estas indicações para lembrar que o nosso país pouco, em geral, e nalguns dominios até nada, contribuiu para o grande movimento scientifico do seculo XIX, e muito mal buscou iniciar nelle as novas gerações por meio do ensino, em resultado da falta de orgãos sufficientes e bem apropriados.

Quando, já mais de meado o seculo, todas as nações da Europa culta tinham mais ou menos amplamente representadas no ensino superior as sciencias historicas e philologicas e a philosophia, em faculdades e escolas especiaes, possuiamos só nesse dominio o pouquissimo de que se fez rapida menção.

Lisboa, março de 1900.

F. Adolpho Coelho.

NOTAS D'UM PAE

(Cont. do n.º 7, pag. 406)

A bella musculatura dos filhos do povo, e até das rapariguinhas, que, a andarem, o chão treme sonoramente sob os seus passos!

O musculo é o grande educador organico da motricidade e da sensibilidade.

Um povo esgota-se pelo abuso das faculdades da alma: gasta-se organicamente e abastarda-se depois espiritualmente. Assim vem a precisar da infusão de sangue novo, ainda que seja sangue barbaro.

A successão de arrelias e contratempos da vida fazem-me lembrar os pequenos movimentos com que uma creança chega a balouçar um grande sino. Tambem acabam por agitar profundamente a alma.

Paisagem de Coimbra.—Principio d'outomno. Tudo secca. Gente apanhando gravetos para o lume. Choupos, de folhas douradas. O chão florido do roxo da urze e das primeiras petalas amarellas do tojo.—Outomno, depois das chuvas. Verde viçoso. Os brejos encharcados e os paues nuns lagos. A luz baixa do sol, que nos affoga a vista, desfere scintillações da terra humina. Recorta finamente os campos o avermelhado dos salgueiros, como se fôssem umas plantas marinhas.

Os sentidos embotam-se com o uso? Não! com o abuso: cançam-se.

E' facil a allucinação dos sentidos por persistencia das impressões. Dino, que vira as irmãs á lição no salão, atravessa-o outra vez tão absorto, que, quando chega abaixo, á sala de jantar, fica muito espantado de já lá as encontrar. Imaginava-as

ainda no mesmo sitio. E vem ter commigo, o olhar de pasmo: «Não sei como isto foi!»

A creança faz uma tolice, e depois protesta: «Como é que eu havia de fazer isso, se é uma tolice?»

Para muitas pessôas palavras valem razões. A questão é não ficar calado. Tanta é a intimidade da intelligencia com a loquela!

Ha pessôas que, por não tratarem de nada da sua casa, por mais tempo que vivam, fazem d'ella e do que é seu, a mesma idéa vaga que podem ter da China.

Emotividade de imaginação. Muitos, principalmente senhoras, desperdiçam em imaginação, em apprehensões e scismas, a emotividade que precisavam de dar á familia, á vida real.

Ha uma especie de imaginação das idéas, um devaneio idealista, que está longe de ser o raciocinio. E' muito allemã.

Algumas pessôas crêem ingenuamente que tudo está pelo melhor neste mundo, porque ellas se sentem muito bem nelle. São assim geralmente os chefes de governo e de partido.

A satisfação de vermos confirmados os nossos juizos, ainda que á custa alheia. «Este muro não tem segurança», asseverava-me um engenheiro. E, logo adeante, todo ufano: «Vê!» Estava de facto um pedaço alluido.

Então os medicos, quando os seus funebres prognosticos se realizam!

A emoção intellectual chega a crear phrases d'estas: «Que bello exemplar de doença!» «Que bella pustula!»

Ha pessôas que, quando a gente começa uma observação, são ellas mesmas que a completam, tanto estão identificadas comnosco no mesmo modo de pensar. Simplesmente, em chegando a occasião de fazer applicação, como não estamos ali para lhes dar corda, nem mais de tal se lembram. Têem as idéas na cabeça, mas não dispõem d'ellas. E, em parte, é por não prestarem attenção a quem lh'as expõe de novo. «Não me dá novidade nenhuma, sei isso perfeitamente», dizem. Não sabem tal, é um engano; papagueiam apenas machinalmente.

E ainda por cima se lamentam, quando a gente insiste na mesma observação: «Que maçada!»

A's vezes vale a pena pensar num assumpto muito distante: esclarece-nos, projectando aspectos novos, imprevistos, sôbre as nossas idéas.

Somos prisioneiros dos nossos actos.

Livra-te dos ares, que eu te livrarei dos males. Nada de tentações! A preventiva Gigi diz á Rita: «Tire d'ahi as laranjas, senão a Gigi quer.» Como ella sabe a psychologia determinista!

Cada idéa tem a sua duração, um certo tempo minimo de persistencia. E nenhuma se substitue de prompto pela contraria.

Digo ao Antonio que feche a porta da rua. Mas elle, da escada, que vai descendo, exclama: «Está aberta!» Por isso mesmo é que era necessario fechá-la, está claro. Qual! como ia de corrida, deixou-a ficar na mesma. Não teve tempo para mudar de idéa.

O raciocinio empolga-nos. «O taboleiro?» pergunta o Domingos, a procurá-lo. «Não está aqui, já o levaram» observo-lhe. «Se o levassem, a mamã não o pedia» replica elle. E continúa a procurá-lo, arrastado de certo pela sua deferencia á mãe, mas tambem pelo impulso do proprio raciocinio feito. Era como se tivesse formado um salto.

Somos faceis em aventar soluções, tanto nos seduz e desvanece o prazer de as descobrir!

Eu digo a uma das minhas filhas mais velhas: «Leva a Gigi.» Mas a Gigi não quer ir. Inverto então: «O' Gigi, leva a Rita.» E a Gigi vai logo tomar a mão da irmã.

O que é a gentileza natural do nosso povo! Passava por deante de minha casa, em Santo Antonio dos Olivaes, uma pobre rapariga, que, com uma saia e um collete apenas sôbre a camisa, parecia uma rainha, tal era a majestade com que lançava pelos hombros, como um manto, a corda de atar a molhada do matto.

Haja gôsto nas construcções. Que differença entre o nosso paiz e já a visinha Hespanha! Basta passar a raia. Não tem comparação, por exemplo, Valença com Tuy. A graça architectonica deve ser tambem um dom gratuito das classes abastadas á sociedade. A todos distende suavemente os nervos, sobreexcitados pela febre da vida, ver bonitas casas com parques e jardins, entre arvores e flores. Sobretudo não as construam sem jardim. Lembrem-se das creanças. Hoje, com os carros a vapor e electricos, não ha distancias.

Como a arte é affectiva! Veja-se como a invenção dos bilhetes postaes illustrados desperta por toda a parte a lembrança da familia e dos amigos.

Assim como ha a vaccinação que avigora o organismo contra as doenças, parece have-la tambem que o dispõe para o exercicio normal das suas funcções.

Tomando repetidamente uma substancia que a principio nos repugna, vamos pouco a pouco vencendo a repugnancia até chegarmos a gostar d'ella. E tanto acontece com as bôas, como, infelizmente, com as substancias toxicas.

O mesmo se dá no trato, com as companhias.

E, para o corpo se dispôr, não ha como dispô-lo o espirito. Meu pae estranhava sempre que eu não quizesse vagens de feijão, sendo tão bôas. O caso é que, começando a servir-me d'ellas só para lhe fazer a vontade, dentro em pouco já tambem as comia por gôsto.

Nem tudo que se pensa, se diz, ainda que seja para bem; senão desafiam-se as contrariedades, e a opposição por vezes torna-se invencivel. «O segredo é a alma do negocio.»

Que feliz nação a Suissa, que, das suas tres linguas, tem duas que, tambem por amor d'ella, são estudadas universalmente! Quando tornaremos a nossa necessaria a todo o homem culto?

Em Portugal nem os professores escrevem; e ha tão pouco quem seja capaz do esforço necessario para escrever, mesmo uma simples carta, que o escriptor, o jornalista, é, como em parte alguma, uma creatura cheia de prestigio, adulada, e dizem que tambem ás vezes menos mal paga.

Domingos, que continúa a *achar coisas* no jardim da casa onde moramos, a qual foi antigamente Collegio dos Grillos, não se contenta com o presente, pretende sondar a historia do passado. Desenterrando, a custo, uma peça qualquer d'uma lapiseira partida, corre, como um archeologo, a mostrar-m'a, com a alegria d'um salvador: «Certamente era dos frades!»

Se importa dar as noções praticas dos officios desde a instrucção primaria, note-se que a nossa industria de todos é a que tem por fim a conservação e o restabelecimento da saude, e deem-se a todos, sem falta, as noções fundamentaes de hygiene e de medicina. Diffundam-se a todos, creanças e adultos, e por todos os meios de ensino.

Em muitas pessôas das classes dirigentes a cultura foi mal enxertada. Sente-se ainda muito o *cavallo*.

Explicação d'um empregado, que não encontrei na repartição: «Como era vespera de feriado, sahi mais cedo.» Parece que devia ser o contrario, que, mesmo andando a toda a pressa, fôsse preciso sahir mais tarde para dar despacho a todo o serviço de termo improrogavel, e ainda ao serviço iniciado anticipadamente para desconto do feriado. Mas podia ser tambem assim como o empregado disse. De facto a interrupção é sempre inevitavelmente uma paralysação tambem; muitos negocios não se começam por isso. Todos os que julgam que, accumulando-se os processos por causa do feriado, o seu ha de ficar para depois, todos os que receiam que a suspensão affrouxe o despacho e reverta mesmo em esquecimento, todos os que são de longe e não podem perder tempo a esperar, e todos os indolentes, que estão mortos por um pretexto para não fazerem nada, todos esses se addiam.

E varios negocios não soffrem interrupção. Não é só no espaço que ha grandezas contínuas e discretas, esta divisão é egualmente verdadeira no tempo.

A sociedade é tambem um organismo, não só uma alma. Mas cada vez mais se vai resgatando das fatalidades organicas.

A civilização d'um povo julga-se sobretudo pela da massa popular.

Ha uma razão social, que se nos impõe tanto para o bem como para o mal.

Não é prudente expôr qualquer idéa nova á derrota. Ha uma tendencia para se crer na razão da maioria.

Domingos não quer ser menos do que os irmãos; e, como os outros vão revaccinar-se, elle, apesar de ter ainda menos de 7 annos, estende heroicamente o braço á lanceta.

E' curioso ouvir certas pessôas ricas explicarem o seu amor pelos gatos, ou mesmo pelo fumo do tabaco: «E' uma companhia!» Como se não pudessem procurar outra...

Que differença ha entre a arte, a industria, ou a sciencia, e a moral? A moral é qualquer d'ellas elevada ao seu mais alto grau de perfeição, socializada, universalizada, é qualquer d'ellas pura de todo egoismo. O dever é a obediencia da arte, industria e sciencia individual, á arte, industria e sciencia geral. Impõe-se como uma lei physica. Eis o imperativo categorico. Arte, industria e sciencia têem de ser humanas, e, atrevo-me a dizê-lo, quanto possivel, divinas. Não somos só nós a existir. A obra collectiva domina-nos, e a ordem, sob a tripla fórma d'arte, industria e sciencia, não se encerra na nossa felicidade pessoal, póde mesmo exigir o seu sacrificio.

A ordem universal é uma *ordem,* o mando supremo.

O povo não se instrue, porque trabalha de mais, os ricos não se educam, porque não trabalham nada!

A um pobre velho que reprehendia a filha por suspeitar que ella tinha auctorizado pelo seu porte os gestos de excessiva confiança que lhe estivera fazendo a distancia um rapaz, respondeu ella, entristecida: «Eu não vi!» E parecia não ter senão esse pezar.

Ha pessôas que parece que estavam mortas por nos fazer um sacrificio, para ficarem toda a vida com motivo de queixa contra nós.

Muito se deve temer dos maus o povo, porque o vicio, contagiando-se-lhe, fere-o de morte. E' como as molestias infectuosas, que immolam principalmente as raças selvagens.

Devemos dar a mão aos fracos e perdidos; mas, cautela! para os salvar, não vamos nós affogar-nos com elles. Querendo elevar os outros até nós, não decaiamos nós até elles! O bem é por vezes bem difficil, não é quem quer que o faz.

Prégue-se por toda a parte, em Portugal, a abstenção do luxo, a eliminação de todas as necessidades facticias, a moderação e a temperança.

A civilização não é nunca perfeita, tem as suas grandes virtudes e os seus vicios cultos; e infelizmente muitos d'estes são mais faceis de imitar.

Quantas vezes não é a liberdade do mal o que sobretudo se imita dos povos e das classes cultas! E o selvagem transportado para um paiz civilizado ou um filho do povo elevado ás eminencias sociaes desvaria, como a creança que, para parecer homem, fuma-lhe.

As profissões elevadas são, é claro, as mais livres, até se chamam profissões liberaes. Ora a liberdade, que é uma fôrça indispensavel ao bem, não o tem necessariamente por effeito. Por isso as classes dirigentes tomam ás vezes a liberdade de praticar o mal, mesmo por ostentação, por alarde de superioridade, para mostrarem que estão acima das conveniencias sociaes. Obrigações burguezas! Quando se não julgam ingenuamente com direito a tudo, empolgam-no.

E não falando já nas fraudes e mystificações que não são logo accessiveis ao vulgo, quantas faltas isentas de coacção penal! As classes altas não sentem sôbre si uma opinião, a respeitar, que as fiscalize.

O dever acata-se mais facilmente e mais depressa por pensamentos e por palavras do que por obras. D'ahi vem mesmo a confusão em que ás vezes ficamos, imaginando cumpri-lo, só porque o reconhecemos.
E assim deixamos de o cumprir.

Parece mesmo que, formulando a lei moral, a externamos, e a tomamos desde então como uma lei physica, que ha de executar-se independentemente e a despeito da nossa vontade.
«Que é do sabonete?» pergunto a uma das minhas filhas,

que se esqueceu de tornar a pô-lo no seu logar. «Elle deve estar ahi», responde-me ella.

Algumas pessôas habituam-se tanto a ter quem faça tudo por ellas, que transferem commodistamente os seus deveres para os outros, mesmo para os seres inanimados. «Não fechaste a porta. Que barulho!» «Foi ella que bateu.»

Não deixa de ser perigoso que a lei preceda os costumes. Tem sem dúvida valor educativo o preceito do legislador ou do mestre, mas não basta; é preciso velar pelo seu cumprimento. Actos! O facto de sabermos as nossas obrigações habilita-nos para a sua observancia, mas tambem nos induz a confiarmos demais em nós, arriscando-nos a transgredi-las.

O amor é uma eschola de tolerancia. Até por isso as novas gerações, sempre amadas dos velhos, vão sendo cada vez mais livres.

Ninguem mais intransigente miguelista do que o meu mestre de latim. Mas era muito meu amigo; e, quando no dia d'annos do *Senhor D. Miguel segundo,* ao vir o creado servir-me Porto para uma saude, eu puz a mão sôbre o calix, recusando o vinho, elle, da cabeceira da mesa, condescendeu indulgentemente: «Não teime com o menino!»

As creanças intelligentes são quasi sempre tambem as mais affectuosas. Toda a sua massa é mais fina.

Rita, Maria, Joaquina, Dino, Domingos, todos em côro vêem ao pé de mim perguntar-me: «O papá está melhor?» Não estava; mas fiquei.

O lavrador come á mesma mesa com o jornaleiro. As desegualdades sociaes começam mais alto: os donos da casa a uma mesa, os filhos a outra, a governante a outra, e os creados a outra. E' que a civilização só ainda agora se anda democratizando. Os ricos devem abrir não só escholas, mas tambem as suas salas, aos pobres.

Grata gente do trabalho! A um pobre homem do campo, que todos os dias d'anno novo me traz o seu presente, como um fôro, pergunto: «Para que lhe presto?» Resposta: «Já prestou!»

O olhar docemente grato d'um pobre como dispõe bem para tudo!

Vendo-me com uma creança, quem passa, olha para ella e sorri-se docemente para mim. A infancia é laço d'união não só na familia, mas tambem na sociedade.

«O papá vai ahi ver!» annuncia, cheio de enthusiasmo, o Domingos ás irmãs, que estão muito entretidas a cosinhar um jantar. Eu sou o seu grande publico.

A Gigi, olhando por mim: «Papá não corra ahi. E' uma descida e cahe-se.»

A Gigi, quando quer que eu a ajude: «Eu sou pequenina, papá!» Ninguem faz apprendizado de modestia com mais graça.

E' a preoccupação dos outros que, libertando-nos do egoismo, nos sustenta a vida. Mas, como isso seria difficil, se ao chegar a casa, amofinados, com os nervos em desordem, não encontrassemos a angelical figura da mulher, a sorrir-nos insinuantemente com a sua inalteravel bondade! Ai, como nos não consumiriam o azedume e a ira! Ao seu olhar, logo reserenamos, cobrando fôrças para melhores combates.

Não sei quando me impressionam mais dolorosamente os proletarios, se na vida, se na morte.

Disse não sei quem que na educação não ha nada sem valor, insignificante. E' verdade. Porque a grandeza é relativa. Na creança tudo ainda é pequeno, vicios e virtudes; mas, proporcionalmente, grande. E nós encantamo-nos com o brilho das suas qualidades, que nos parecem tamanhas, e descuramos os seus defeitos, por serem minimos. Temos duas medidas. E' sempre assim o coração.

As irradiações do espirito da creança são como a sua irradiação calorifera. E, assim como é preciso agasalhá-la mais, por ser, para o seu tamanho, maior que no adulto a superficie do corpo em contacto com a atmosphera, egualmente o seu espirito demanda mais cuidados. Parece que tambem elle tem mais pontos de contacto com o mundo.

A opinião dos paes, da familia, importa pouco; mesmo sem querer, inconscientemente, faz-se menos caso d'ella. Um estranho tem quasi sempre mais prestigio. Vem do meio da sociedade, impondo-se-nos até mysteriosamente pela propria distancia a que vive, longe de nós. A sua opinião affigura-se-nos ser a opinião geral, que faz lei. Por isso a filha d'um amigo meu, que estava toda contente com o seu vestido novo, muito gabado por todos em casa, nunca mais o quiz pôr, desde que uma senhora com quem entabolou relações, lhe disse: «Mas que mal que lhe fica!»

Desde que o pae ou mestre é complacente demais, já não preoccupa o espirito da creança, torna-se-lhe indifferente, e ella não estuda e não obedece. Nem á aula, nem a nada de casa chega a tempo.

A Gigi pede-me: «Papá, dá torrão (d'assucar)?» «Não; respondo-lhe, porque a Gigi fez tolice.» E ella lá se vai embora, sem protesto, nem lamentos. Mas, antes de descer a escada, despede-me esta setta de desafio: «Gigi tem torrão lá baixo, a mamã dá.» Ao que eu acudo logo: «Não, que vou dizer-lhe o que a Gigi fez.» Não tive, porém, animo para tanto, deixei-a só sob a inquietação da ameaça. E já era demais. Pois, se o assucar lhe faz bem, porque não havia de dar-lh'o?

Fala-se com horror da inquisição, e de certo. Mas não falta ainda quem inflija as mesmas torturas. Lembro-me d'um rapaz do meu tempo, que, cheio de ciumes, sujeitou a amante á prova do lume do seu charuto, chegando-lh'o ao proprio rosto, para inquirir d'ella a verdade.

A maior parte do nosso trabalho escholar serve tanto como as nossas ephemerides astronomicas, que ninguem usa, nem nós, ás vezes até porque se publicam, quando já não servem. São ainda mais que ephemeras!

A nossa eschola fórma egoistas, as instituições põem-nos em acção.

Se em Portugal não temos riquezas para dar ao ensino, demos-lhe idéas, demos-lhe amor e demos-lhe os nossos serviços. A riqueza virá.

A dissipação é sempre uma falta de sensibilidade e attenção

pelos que precisam, uma estupidez e brutalidade; ao passo que a verdadeira economia é fundamentalmente não só um dever de sociabilidade e assistencia, mas até de cortezia.

Quem, por exemplo, não cabe no seu logar á mesa, usurpando o dos outros, não tem ainda em toda a pureza a genuina noção de propriedade.

E' absolutamente indispensavel desherdar os filhos, não só no interesse publico, mas no d'elles.

Creanças muito ricas, só pequeninas. Em crescendo, perdem quasi toda a graça.

Um regimen de egualdade e justiça precisa de muita parcimonia. A Rita pede-me um torrão d'assucar. Digo-lhe que o póde tirar. E logo ella offerece tambem um a cada irmã. «A menina pediu só para si!» exclamo, estranhando a liberdade. «O papá, dando a mim, dá ás manas», justifica ella. E lá se foram todos os torrões do assucareiro.

Em Portugal, tudo conspira contra o bem. Vá lá ser-se economico! Só se acredita nas grandes despesas. Um ministro ordenou um systema da conservação de estradas que permittia consideravel reducção de despesa. Vamos ficar sem estradas! clamou-se. E o peor é que, desviando o ministro seguinte do seu destino a verba respectiva, ellas effectivamente estragaram-se e os clamores pareceram fundados.

A nossa politica deve ser a dos pequenos serviços com os nossos pequenos recursos. Temos de proceder como as irmãsinhas dos pobres. Com pequenos obulos, com esmolas, vejam o que ellas têem feito! Mas é preciso haver muita dedicação, muita paciencia.

Não devemos zelar só a nossa vida intima, de familia. Em geral, ligamos menos importancia ás relações sociaes, e temo-las facilmente com pessôas que não admittiriamos ao nosso lar domestico. Mas ha casos em que o uso externo não é menos perigoso do que o uso interno. Podemos dar certas mostras particulares de ternura por pessôas da nossa antiga amizade, ainda quando ellas se tenham pervertido; mas, assim como as não sentaremos comnosco á mesa ao lado da nossa mulher e dos nossos filhos, tambem nos não é licito associarmo-nos a ellas em nenhum acto publico, grave, solemne.

Um rei constitucional estará obrigado a nomear ministro e a apresentar á sua mulher e sentar á sua mesa um homem corrupto? Não, que não ha constituição sem moralidade. E o chefe do estado, que personaliza a nação, deve ser a sua mais alta encarnação moral.

A Inglaterra. Nas questões politicas o gabinete alcança fortes maiorias, mas numa questão de moralidade, de escrupulos,—a accumulação de emprezas dependentes do estado com as funcções ministeriaes—, apenas onze votos de maioria, e sublinhados, o que é um aviso senão logo uma derrota. 5–1900.

Alguns têem as theorias democraticas só para desalento dos fracos. Outros, ainda peor, para os assomar e enfurecer.

Nas discussões politicas, dentro e fóra do parlamento, é preciso ter o tacto de parar com o ataque partidario onde elle póde converter-se em aggressão á nação.

Conheci um ministro que despachava promptamente tudo quanto lhe parecia bem para a nação; mas, como não era rude e procurasse conciliar a austeridade com a polidez, os pretendentes mal parados tiravam d'ahi pretexto para o acoimar de indeciso. No seu despeito, faziam da delicadeza uma transigencia; quando o que lhes custava, era exactamente a decisão intima que lhe viam.

Felizmente que não ha só maus politicos. A presidente da junta das damas da Cruz Vermelha na Haya escreve em carta publicada no Jornal de Genebra de 21–5–1900: «As remessas foram feitas ao consul hollandês em Lourenço Marques, o qual, ajudado pela muito obrigante alfandega portuguêsa, pôde sempre expedi-las sem perda de tempo.»

Quem accumulasse em si os conhecimentos do povo—do pedreiro, do serralheiro, do carpinteiro, do tecelão, etc.—, quanto não saberia! Por isso não é cego, como muitos imaginam, o suffragio universal; o que é preciso, é que os homens publicos prestem verdadeiros serviços que o povo possa ver. D'onde vinha o prestigio d'um Fontes? E' que cada caminho de ferro, cada linha telegraphica, cada estrada falava por elle. Bem sei que ha muitos outros serviços que se não

podem reconhecer tão de pressa. A's vezes até os preconceitos e abusões populares os desvirtuam. Mas isso só significa que elles são mais difficeis de prestar, mais demorados. São tambem por isso os mais preciosos.

Impôr uniformemente a lei a todos os districtos da metropole e das colonias, que destempero! Não ha senão um meio de a apropriar: elles que a façam tambem. E' como pôr o chapeu na cabeça. Parece que quem quer nol-o acerta, e comtudo nenhum de nós póde passar sem ir depois com a propria mão ageitá-lo.

A descentralização eleva o caracter local. Como não hão de sentir-se engrandecidos os directores de instrucção publica dos cantões suissos,—são como os nossos districtos—, tendo de dirigir corporações e homens tão eminentes como as universidades e os seus reitores? Não é quem quer que póde faze-lo. D'ahi tambem a educação do eleitorado, que precisa de bem escolher os deputados e conselhos locaes para que estes por sua vez escolham bem as auctoridades. Mas objectar-se-ha: E, a principio, emquanto a escolha não fôr bem feita? Ha certamente um periodo critico de iniciação, em que as instituições podem soffrer da superintendencia de incompetentes, que as deprimam; ellas mesmas, porém, reagirão para que tudo dentro em pouco entre na ordem. Sem descentralização, não póde haver bom governo, democratico, liberal.

Um homem rico, que pedia um serviço pessoal á custa do estado—uma insignificancia, dizia—, ficou deveras escandalizado, quando o ministro lhe respondeu: «Mas,—de mais a mais uma insignificancia!—porque o não paga do seu bolso?» Lembra-me tambem um negociante que me perseguia para lhe collocar um protegido num emprego publico, e que me respondeu redondamente que era impossivel arrumar no commercio um rapaz por quem eu me interessava. Para o serviço particular os logares estão contados, mas para o do estado ha sempre! Por isso, descentralize-se, descentralize-se.

Uns esperam do progresso administrativo as reformas politicas, outros julgam necessaria a mudança de regimen para o melhoramento dos serviços. Uns confiam na valorização indi-

vidual para o progresso das instituições, outros só da acção do governo fazem depender a felicidade dos individuos.

Uns e outros, se são sinceros, não se tenham na conta de inimigos. São collaboradores da grande obra collectiva nacional. Tudo é preciso.

A verdadeira hegemonia das grandes nações é a espiritual. A sua suprema missão é mesmo internacionalizar os povos pelo poder de attracção dos seus homens eminentes.

Ai! Quanto um português se sente diminuido pela sua nacionalidade no estrangeiro! Os trampolineiros politicos de todas as côres e furta-côres que nos deshonram, bem deviam ser obrigados de vez em quando a este supplicio, a ver se ao menos ganhavam vergonha.

(Continúa). BERNARDINO MACHADO.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

IGNOTA DEA

(A Jayme Victor)

Não sei quem és; comtudo
tal é teu esplendor,
que, ao ver-te, fico mudo,
extatico de amor!

Mas d'esse amor superno,
que a creatura envia
ao ser sublime e eterno,
que fez a noite e o dia;

d'esse amor que consome
as almas juvenis,
amor que não tem nome,
nem sonha cousas vis!

De longe nem de perto
a voz te ouvi, sequer:
como affirmar ao certo
se és anjo, se mulher...

Porém de longe falla
a castidade, assim
como uma flôr exhala
perfumes n'um jardim.

Porém de longe brilha
a mysteriosa luz
da estrella, que scintilla,
dos olhos de Jesus.

*

E' esse magnetismo
occulto, singular,
que vae d'abysmo a abysmo
no espaço interstellar;

essa força divina
que deu ao homem Deus,
que aos santos illumina,
e confunde atheus;

Que santo fez Elias,
thaumaturgo Eliseu,
propheta Jeremias,
e a Paulo converteu;

E' essa viva aureola
que em ti brilha e seduz,
encantadora arveola
toda feita de luz!

7 de fevereiro de 1897. CORRÊA BARATA.

NOTICIA DUM ROMANCISTA INEDITO

A epigraphe deste trabalho é o bastante para que ninguem o leia. E com razão. Que importa, mesmo aos lettrados, a proxima apparição dum escriptor novo? Todos elles estão fartos de viagens do espirito atravez de caminhos tão seus conhecidos, que, fechando os olhos, vêem na memoria até as mais insignificantes minucias do trajecto. Ao dobrar tal curva de estrada defronta-se com tal logarejo, ao deixar tal logarejo passa-se ao lado de tal capella em ruinas... Que tedio, que tedio! De longe a longe, após o solemne arripio de Gloria que espalha o clangor das trombetas annunciando a descoberta de novas terras, mostram-lhes uma velha praça em que puzeram ás esquinas outras lapides de marmore com outros nomes, e em que pintaram doutras côres as fachadas dos predios. Algumas vezes — mais raras, estas — a descoberta vem a resumir-se numa pequena clareira, nova, é certo, mas tão pequena, tão pequena, que em menos dum quarto d'hora surprehende e faz bocejar. A mais completa reclusão torna-se preferivel a estas viagens. Mas desta vez enganam-se os desconfiados. Bartholomeu de Frágoa, o auctor de tres volumes de novellas que em breve surprehenderão o paiz, é realmente um descobridor de terras virgens. Mostrar como a força e a originalidade extranha deste talento resultou do facto de se terem reunido num cerebro qualidades e defeitos banaes é um prazer comparavel ao do alchimista que, combinando no seu laboratorio corpos dum valor mediocre com outros de valor nullo, conseguisse fabricar o ouro.

I

Quem lê qualquer trecho de J.-K. Huysmans nota com surpreza uma contradicção entre os recursos empregados e o effeito obtido. Leia-se por exemplo este fragmento dum poemeto em prosa attribuido a Des Esseintes: «*Oui, le temps des grandes pluies est venu; voilà que les gargouilles dégobil-*

lent, en chantant sous les trottoirs, et que les fumiers marinent dans les flaques qui emplissent de leur café au lait les bols creusés dans le macadam; partout, pour l'humble passant, les rince-pieds fonctionent...» Ou est'outro dos *Croquis parisiens,* descrevendo o hárenque fumado: «*Ta robe, ô harang, c'est la palette des soleils couchants, la patine du vieux cuivre, le ton d'or bruni des cuirs de Cordoue, les teintes de santal et de safran des feuillages d'automne!...*» Leiam-se cem outros tomados ao acaso e observar-se-ha nelles o mesmo que nestes dois: a prosa é feita de termos picturaes, isto é, as palavras empregadas apenas evocam imagens de côres e de fórmas; e todavia, finda a leitura, o residuo que ella deixa na memoria é, ou um spleen, ou uma melancolia voluptuosa, ou um desfallecimento de extase; em resumo:—uma emoção. A contradicção explica-se. J.-K. Huysmans é um emotivo e um sensorial. Os seus nervos formam um delicadissimo apparelho em que a agudeza dos sentidos produz a cada momento emoções dolorosas ou deliciosas. Mas a sua emotividade é desacompanhada do poder de exprimir directamente estados incoerciveis da alma; e pelo contrario a sua faculdade de representação sensorial associa-se a um talento de expressão que nunca foi excedido e poucas vezes tem sido egualado.

Imaginemo-lo agora ante uma causa de excitação: O começo do inverno, ou as nuanças do harenque fumado, para dar como exemplos os assumptos dos trechos que transcrevi. A sua aptidão exclusiva para transcrever sensações não lhe permitte fallar senão no café com leite que enche as covas do macadam, no gargulhar da agua sob os *trottoirs,* ou nas côres do poente e nos tons do couro de Cordova e das folhagens d'outomno. E comtudo a prosa reçuma no primeiro caso uma melancolia que se acalenta, e no segundo evapora uma extasiada evocação de objectos ausentes.

E' que as emoções, impotentes para se traduzirem verbalmente, têem todavia a virtude de submetter aos seus adagios e aos seus allegros, de cadenciar pelo seu rythmo desolado, extasiado, ou infantilmente saltitante, a notação dos objectos que as determinaram, fazendo com que essas expressões puramente chromaticas e plasticas guardem o poder de as transfundir no leitor, como a simples ranhura dum cylindro phonographico guarda o de repetir as vibrações sonoras que a produziram.

Esta digressão, que póde parecer longa, é todavia necessaria para tornar mais comprehensivel com o exemplo dum escriptor conhecido uma contradicção deste genero, mas dum alcance

infinitamente maior, que se nota na obra de Bartholomeu de Frágoa.

Os seus romances descrevem scenas da vida real e todas da mais irrecusavel verosimilhança. Os seus personagens são em geral homens como nós os encontramos todos os dias, e não poucas vezes sêres anti-estheticos. Só raramente, e quando culminancias excepcionaes do assumpto o permittem, se depara com uma phrase que abrange a Vida, como algumas de Balzac, numa larga vista de conjuncto. Pois, apezar disto, á medida que a leitura progride, para além das scenas mais triviaes vão-se cavando abysmos de mysterio cada vez mais profundos; os personagens mais terra-a-terra vão-se a pouco e pouco tornando transparentes; e de certa altura em deante apenas vemos indecisos phantasmas que se movem sobre uma tenebrosa immensidade povoada de entidades metaphysicas.

Conheço um effeito litterario semelhante a este: o do theatro de Mauricio Maeterlinck. Mas em Maeterlinck não ha este pasmoso contraste entre os meios e o resultado. A acção, desprovida de côr local e historica, fluctua incerta no tempo e no espaço. Os personagens, despojados de todos os accidentes individuaes, são puras sombras. A linguagem delles, amortecida, cheia de nebulosos terrores, opprimida por uma vaga consciencia do fim tragico que os espera, levanta em volta deste pallido vagabundear de espectros um horizonte de mysterios, faz pairar sobre elle uma nuvem carregada de presagios. E a affabulação—illogica, conduzindo á desgraça atravez de imprevistos que se succedem sem estrondo, numa calma sinistra, e que aterram como apparições sobrenaturaes —vem juntar-se aos outros artificios, para completar a visão esmagadora do Destino como ser autonomo, d'uma realidade objectiva.

Um outro caso mais approximado é o de Ibsen. Tambem nos dramas deste, apparentemente puras intrigas burguezas, a carne humana vacilla, perde a consistencia e vê-se em logar d'ella um ondeante nevoeiro de abstracções. Quando se fitam dois discos de côr differente, fixando em cada um delles um olho, vê-se immediatamente formar-se entre os dois um terceiro disco illusorio, cuja côr oscilla constantemente da côr dum para a côr do outro. O pestanejar incessante da tinta deste disco de experiencia optica é-me trazido vivamente á memoria por todos os personagens do grande escriptor scandinavo, symbolos de vicios e de virtudes humanas, mas ao mesmo tempo vivos, complexos, irrecusaveis individuos. O resultado é a humanidade concreta e a significação symbolica

terem nelles uma instabilidade perturbante para o leitor, alternando-se as duas feições constantemente como as côres do disco. E' este o novo typo de belleza que Ibsen creou. Bartholomeu de Frágoa creou um semelhante; mas que profunda differença entre os dois! Em primeiro logar Bartholomeu de Frágoa não se limitou, como faz quasi sempre Ibsen, a construir sobre uma dada organisação social: a sua obra abrange a Vida. E depois, não é pelo facto dos seus personagens serem symbolos que nós os vemos mergulhados numa augusta atmosphera metaphysica. O mechanismo deste prodigio é outro. Pelo decurso deste estudo ficará demonstrado que elle é identico ao que na prosa de Huysmans permitte a transfusão das emoções por meio da pintura das sensações.

II

Bartholomeu de Frágoa pertenceu em Coimbra a um grupo de rapazes desdenhosos dos compadrios litterarios indigenas, e fartos até á nausea das bonitas banalidades em decassylabos anemicos e alexandrinos-lesmas dos *soit-disant* parnaseanos portuguezes. Todas essas cabeças transbordavam de louvaveis intenções de reforma, mas a verdade é que nenhuma dellas possuia uma séria educação litteraria; e toda a reforma se reduzia a transplantar para Portugal as tintas extranhas e as nevroses mais ou menos authenticas da multidão de poetas e prosadores francezes a que anda collada a etiqueta de decadentes. Todos os dias as montras dos livreiros faziam estacar os transeuntes com a exhibição de extravagantes brochuras, cujo ar, ou inedito, ou archaico, e cujos titulos audazes e hermeticos como formulas de sortilegio iam arrancando pilherias a graves cavalheiros que viam em risco de perturbação a immemorial e beatifica paz dos seus cerebros. Todos ou quasi todos esses moços, destituidos da autonomia e vigor de personalidade que fazem as grandes obras, cultivavam nos seus versos mysticismos, spleens, e perversões egualmente convencionaes e sem raizes nos nervos; e muitos delles limitavam-se a lançar sobre a ferrugenta machina dos velhos madrigaes um resplandecente, mas, ai! diaphano veu de imagens tiradas dos manuaes de lythurgia. Todos se apregoavam innovadores. Os prefacios duns iam annunciando como arautos o advento duma prosodia nova, os doutros registavam o privilegio duma variante do alexandrino, e houve tal que levantou nos jornaes accesa polemica,

reivindicando a gloria de ter empregado pela primeira vez em Portugal tercettos de rima tripla!

No meio destas vaidades pueris, destas comicas pretenções a uma originalidade facil e fragil, destacava-se uma personalidade realmente interessante. Refiro-me ao auctor, hoje celebre, de *Herodiade*. Este, passada a epocha de apprendizagem e de *pastiche,* revelou, em versos cheios de frescas, deliciosas, remoçantes surprezas para os paladares gastos, um temperamento artisticamente sybarita, superiormente perverso de principe italiano da Renascença. Se todas as nuanças de poesia têem a sua musa, incarnação feminina do estado de espirito de que derivam, a desta poesia aristocratica e scelerada é um ser que participa da Princeza pela desdenhosa altivez, pelo delicado egoismo e pelos finos requintes do gosto; da alta cortezã pelo sobranceiro impudor e pelo elegante cynismo; e que, pela figura elançada, pela espiritualidade dos olhos azues, pela voz de donzella e sobretudo pela fresca, ingenua e nativa monstruosidade, tem, se não acham excessivo, o quer que seja da celestial innocencia dos anjos. E' ler o poema *Herodiade*. A creatura mysteriosa e sem determinada localisação historica que ahi monologa, acalenta perversos e irrealisaveis desejos com a etherea e tocante melancolia duma tysica pobre que appetecesse no outomno um fructo da primavera. Quando ella evoca os crimes por meio dos quaes obteve muitas das maravilhas do seu palacio, não se lhe descobre sombra de remorso nem de intencionalidade theatral. Fa-lo com a maior inconsciencia do effeito produzido, com a mesma naturalidade com que uma costureira honesta diria as vigilias e as privações que lhe custou a innocente vaidade dum vestido novo.

Bartholomeu de Frágoa formava um perfeito contraste com os seus companheiros de bohemia. Ao passo que estes quanto a cultura mental se limitavam a ler todos os *vient de paraître* do mercado parisiense que trouxessem o sello da originalidade extravagante, elle vivia no mais completo desinteresse do presente, todo entregue ao estudo das philosophias e á leitura exclusiva das obras assombrosamente grandes, A sua curiosidade litteraria pouco alimento achava para cá de Balzac. Um dia todo o grupo se escandalisou de o ouvir perguntar quem era Mallarmé. Duma outra vez em que lhe recommendavam insistentemente qualquer romance de J.-K. Huysmans, respondeu irritado:—«Deixem-me! As bellezas frageis dos vossos idolos não resistiriam aos meus olhos habituados a medir collossos.» E como os outros protestassem em côro: —«Vocês indignam-se? E' natural. Tambem Gulliver quando

regressou do paiz dos gigantes correu o risco de ser apedrejado na Inglaterra, por gritar a quem encontrava na rua que fugisse para não ser esmagado por elle, tão pequenos lhe pareciam os seus compatriotas.»

Disse um:

—«Mas eu li o teu Diderot: é um livre pensador de provincia, dos nossos dias.»

Acudiu outro:

—«Mas eu comecei a ler varios romances do teu Balzac e abandonei-os todos por esbarrar invariavelmente com intrigas de chicana.»

—«Oh! que grande physiologista da visão foi o Swift!», exclamou elle, já em começo duma epilepsia verbal. «Ahi está outro effeito da relatividade da idêa de grandeza e pequenez que elle mostrou genialmente. Gulliver tinha uma cutis septentrional que faria a inveja de todos nós, e os habitantes de Lilliput viam-lhe a cara cheia de covas e de nodoas. Elle pela sua parte via os mesmos defeitos nos cidadãos de Brobdignag. Isto mostra que a belleza dos gigantes só existe para os da estatura delles. Para mim os defeitos de Balzac são microscopicos como as bellezas dos vossos mestres.»

—«Modestia!...» disseram ironicamente.

—«A modestia é uma hypocrisia. A verdade é esta: comprehender é egualar, diz o aphorismo. Ora eu comprehendo a grandeza de Balzac, de Diderot e doutros da corpulencia delles, logo...»

Apezar destas continuas divergencias, Bartholomeu de Frágoa exercia sobre todos uma influencia que, valha a verdade, estava longe de ser das mais salutares e fecundas.

A superioridade da sua cultura fazia-o escutar como um oraculo; e muitas dessas obrinhas occas que por ahi têem apparecido, affectando profundidade e cheias dum grotesco triste como o dandysmo dum corcunda, foram suggeridas por elle aos seus amigos. Uma vez disse a um:

—«A figura do Nero é um excellente modelo para uma creação genial. Ora ouve. Elle, quando as tempestades da carne o endoideciam disfarçava-se em satyro. Este detalhe é precioso. Pois o que é um satyro?—O mytho da luxuria. E o que é um mytho?—A personificação duma energia natural, duma essencia creadora, duma Idêa emfim, no sentido metaphysico da palavra. Por isso uma imaginação de poeta é levada a ver naquillo um esforço doido para derrubar os muros inabalaveis do limitado, do individual, e transformar-se na Luxuria absoluta. E' a esperança insensata de que este dis-

farce em figura symbolica lhe abra as portas do reino inaccessivel das Idêas puras. E' um artificio pueril e por isso mesmo sublime, porque revela um desespero supremo. Faz lembrar os doentes abandonados lançando mão das ultimas superstições para obter a cura. Nero foi um grande sequioso de Infinito.»

Todos conhecem o livrinho miseravel que resultou desta prelecção. E' uma serie de dialogos e monologos, numa prosa que quando não é judiciaria é de bibliotheca secreta e cheia de incrustações de termos archeologicos tirados do Diccionario de Larousse e dalguns livros de vulgarisação. Todavia algumas criticas amigas declaravam esse Nero uma creação comparavel á *Dolóres* de Swinburn, admiravel mytho da sensualidade tempestuosa, que estende supplicantes braços para monstruosidades ineditas.

Doutra vez aconselhou elle diante de mim um outro amigo a escrever a lenda de S. Fr. Gil de Santarem, de modo a mostrar o papel que representa a atmosphera natal no mechanismo do remorso. Para isso a lenda devia, segundo elle, ser assim comprehendida e executada.

Gil celebra o pacto com o diabo já no estrangeiro, isto é, fóra do ambiente de idêas, de sentimentos, de affeições, de aspectos naturaes, que formava o seu clima moral, que servia de anjo custodio á sua innocencia e á sua piedade simples. Toda a paizagem no meio da qual decorreu o primeiro periodo da sua vida devia ser cuidadosamente pintada; e os objectos principaes, certo carvalho gigantesto visivel a grande distancia, a physionomia do solar paterno, a egreja romanica da villa, certa capellinha rustica no alto dum monte, as madrugadas de caça, e tudo emfim que mais estreitamente se associasse á vida do protogonista devia ter um relevo particular, em phrases dum inolvidavel contorno.

No capitulo do regresso, o conto devia afastar-se um pouco da lenda tradicional. Gil devia chegar a um monte d'onde se avistasse a paizagem da sua mocidade; e em logar de ouvir simplesmente uma voz mysteriosa dizer: «Gil, o que fizeste?», usar-se-hia do seguinte artificio. Para traduzir a emoção do sabio que revê carregado de crimes, com a alma vendida ao inferno a troco da sua sciencia, os sitios onde foi innocente e piedoso, —e isto com a natural intensidade, sem a aridez que traria inevitavelmente a expressão directa—, repeter-se-hiam pelas mesmas palavras as descripções da primeira parte. Este inesperado ritornello, após tantas paginas intermediarias, teria para o leitor toda a penetrante, complexa e indefinivel poesia

da resurreição dum remoto passado. E afim de elle projectar sobre o personagem a sua propria emoção, e afim de suggerir a dilacerante censura do trahido phantasma do que fomos, surgindo ante nós, d'entre os aspectos familiares d'outr'ora, a cada objecto que se descrevesse, far-se-hiam exclamar as palavras da lenda: «Gil! o que fizeste?» Deste modo conservavam-se na scena de contricção as exterioridades sobrenaturaes, dando-lhe como symbolo uma grande transparencia e profundidade. Toda a decoração medieva se dissiparia para dar logar á tragedia universal e eterna do homem face a face com o seu passado, atravessado pelo agudo remorso de ter esquecido as promessas feitas ás nobres ambições da mocidade, sentindo-se ao mesmo tempo culpado e innocente, e, para applacar a sombra atroz da sua alma de então, mostrando a sua grande miseria de victima da Fatalidade.

Um escriptor da familia de Tolstoï, duma austeridade de propheta, daria ás cousas uma voz retumbante e terrivel, como o clangor das trombetas do Juizo-final. Um temperamento cheio da larga indulgencia compassiva de quem tudo comprehende e explica, dar-lhes-hia uma voz maguada e ferida de morte de amantes abandonadas e tysicas que expiram, vingando-se com o perdão apunhalante dos seus olhos cheios de santissima resignação.

—«Mas porque não fazes tu essa obra?» perguntei-lhe eu.

—«Ainda me não sinto com os musculos de Balzac. Ou fazer *La Peau de chagrin,* ou nada.»

—«Mas guarda o plano para quando sentires que o teu talento chegou á plena maturação.»

—«Se tu me conhecesses não dizias isso. Lembras-te d'aquelle conto infantil em que um principe ao partir não sei já que fructos vê saír lá de dentro donzellas lindas como anjos que lhe dizem: dá-me agua ou eu morro? Como elle vae atravessando uma charneca aridissima ellas morrem immediatamente. Eu sou esse principe. As minhas idêas dizem-me com a mesma voz afflictiva das donzellas do conto: dá-me fórma ou eu morro. E realmente, se me demoro em matar-lhes a sêde, encontro-as pouco depois já enregeladas. O erethismo cerebral em mim é um relampago. Se eu não o aproveito logo, mais tarde, remechendo nos meus escaninhos intellectuaes, vou acha-los atulhados de cadaveres de planos de obras, que fizeram por algum tempo o meu orgulho.»

O amigo a quem elle dava o conselho aproveitou-o e fez de S. Fr. Gil o que o outro fez de Nero: um livro pallido como quadro, e como symbolo opaco.

No emtanto Bartholomeu de Frágoa permanecia inedito. Já os peores da geração tinham um ou dois volumes publicados quando ninguem ainda vira uma linha da mão delle. Começaram então a cravar-se no seu orgulho os epigrammas dum ou outro amigo desconfiado dum talento que apenas brilhava em conversas, e dentro em pouco esta suspeita de impotencia era geral no grupo. Numas ferias de Paschoa, Bartholomeu de Frágoa recebeu na sua quinta do Couto uma carta com esta adresse: *Ex.mo Sr. Bartholomeu de Frágoa, Dig.mo Repetidor de philosophia no Real Collegio dos Esotericos.*

Parece-me que esta impaciencia irreverente de quem não sabe comprehender e respeitar o silencio dum talento que tateia á procura da sua vocação, acabou por accender no espirito de Bartholomeu de Frágoa a angustia esterilisante da urgencia. Foi talvez devido a isso que elle se resolveu a collaborar numa revista dirigida pelo auctor da *Lenda de S. Fr. Gil*. Ahi publicou dois artigos: um sobre o pessimismo e outro sobre o néo-platonismo do P.e Manoel Bernardes, primeiro duma serie promettida de estudos ácerca dos escriptores mysticos. Nenhum destes dois trabalhos era de natureza a desvanecer as suspeitas que a sua longa inactividade despertara. A desconfiança dos amigos transformou-se em desdem, e os artigos foram classificados de «dissertações de urso.» E força é confessar que essa classificação não era absolutamente injusta. A decepção que eu tive ao le-los foi enorme. Ouvira-o muitas vezes expôr sobre o pessimismo pontos de vista originaes; ouvira-o tambem fallar do P.e Manoel Bernardes com uma agudeza de comprehensão inexcedivel, de modo que a inferioridade desses artigos foi para mim uma surpreza e até certo ponto um enigma. Periodos longos, monotonos, duma syntaxe inextrincavel, diluindo até á completa desapparição a intensidade do pensamento e a audacia das opiniões; ausencia absoluta de phrases á Taine, concentradas, pittorescas, penetrantes, fazendo as idêas cravarem-se no espirito como settas despedidàs por mão certeira; e finalmente uma infinidade de epithetos ociosos e de locuções clichadas, tresandando ao grave rapé academico, e um sem numero de palavras tiradas do vocabulario das sciencias: — tudo isso lembrava com effeito o pedantismo scientifico e a inhabilidade litteraria dos laureados coimbrões. Para quem o conhecia como eu, esses «não é meu intento desvendar agora» e esses «creio ter demonstrado á saciedade» da sua prosa, tão contradictorios com o bom gosto e com a viva intelligencia que tornavam encantadoras as suas conversas, faziam pensar nas

pessoas excessivamente timidas, mostrando na convivencia intima a sua natural distincção, mas a quem o receio de serem vulgares e de mau tom em sociedade tem o poder de inspirar só maneiras de caixeiro-viajante e *gaucheries* de provinciano, como o pavor dum abysmo o de nos precipitar lá dentro.

Mas se a preoccupação da publicidade devida á falta de habito explica os lastimaveis bordões da sua composição, é impotente para dar conta dos outros defeitos mais fundamentaes. A esses deu o proprio Bartholomeu de Frágoa, fallando commigo pouco depois da publicação do segundo artigo, esta explicação summaria: — «Tenho uma incapacidade constitucional para traduzir idêas num estylo vigoroso e colorido.»

E não havia nisto um desses exageros dum homem furioso comsigo mesmo, cheio da necessidade de se crivar de insultos que um insuccesso determina. A sua comprehensão das philosophias e a sua intelligencia critica estavam realmente condemnadas á mudez perpetua. E a perseverança no trabalho não poderia alterar o que resultava da estructura particular do seu cerebro. Como elle m'o confessou, as idêas não lhe appareciam no espirito com contornos nitidos. O seu pensamento era um nevoeiro incorporeo sem tendencia natural para as crystalisações verbaes. Ora não sendo o esforço litterario para o traduzir um resultado da expansibilidade delle, mas um trabalho independente e parallelo, devia necessariamente dividir a actividade cerebral e embaciar a lucidez das idêas.

Mas não se pense que este desastre prejudicou consideravelmente a reputação de Bartholomeu de Frágoa. A atrapalhação do seu estylo foi tomada como transcendencia, e os mesmos amigos, que na intimidade o tratavam de pé-de-boi, proclamavam-no perante os profanos um profundo philosopho e um psychologo subtil. Rousseau nas *Confissões,* Balzac num sem numero de livros, os de Goncourt no *Charles Demailly* fartaram-se de mostrar as invejas, os rancores, as traições que isso a que se chama a camaradagem litteraria occulta sob as apparencias da mais encantadora cordealidade. Mas ninguem que eu saiba estudou ainda as dedicações e os calorosos reclamos que no mundo das lettras a vaidade e o snobismo podem pôr ao serviço de pessoas por quem no fundo ha uma perfeita indifferença, ou um real desprezo. Se tendes um titulo e um appellido heraldico, introduzi-vos num circulo de *parvenus,* e tereis um côro de vozes promptas a affirmar ás pessoas que morrem por vos apertar a mão que sois um principe. Se vindes do estrangeiro, trazendo na vossa mala alguns fatos que rescendam a habitos duma elegancia desconhecida, con-

tando anecdotas de sport e deixando escapar despreoccupadamente nas vossas conversas nomes sonoros das vossas altas relações mundanas, sereis unanimemente acclamado Brummel pelos pretensos dandyes que distinguirdes com a vossa amizade. Do mesmo modo, se levardes para um grupo de debutantes litterarios uma reputação, embora injustificada, de grande pensador, nada receeis da inveja dos vossos confrades: —todos elles quebrarão lanças á porfia pelo vosso genio. O plano quasi inconsciente de exhibir a intimidade dum supposto grande homem para se fazerem invejados e respeitados por aquelles que o veneram a distancia, de se crearem um prestigio com as fartas pregas do vosso, velar-lhes-ha o conhecimento da vossa inferioridade real, ou pelo menos impedi-los-ha de o communicar ao vulgo. Todos os sacerdotes têem o maior cuidado com a reputação do idolo que servem, porque della está dependente o seu poder; prodigalisam-lhe devotamente o incenso para ficarem tambem envolvidos e divinisados pela nuvem apotheotica que levantam.

Os moços reformadores erguendo um altar á superioridade critica de Bartholomeu de Frágoa, tinham, pois, no crepusculo da sub-consciencia a intenção de o explorar em proveito proprio.

Foi de lucto o dia em que um jornal de Lisboa, referindo-se a elles, dizia: «Informam nos que a culminancia intellectual, o fornecedor de idêas desta geração é o sr. Bartholomeu de Frágoa. Quem é esse cavalheiro? perguntará o leitor. Esse cavalheiro, respondem dois artigos que elle publicou na *Revista independente* de Coimbra, é uma cabeça atulhada de cousas confusas e tendo ao seu serviço um estylo em que a analyse chimica não deixaria de descobrir estreitos laços de parentesco com o laudano.»

III

E' raro que o substractum philosophico duma obra litteraria tenha um valor intrinseco. Disseque-se até ao esqueleto um dos mais penetrantes poemas ou uma das mais amargas allegorias de Leopardi, e encontrar-se-ha no fundo esta ou outra verdade egualmente banal: «O mundo não foi feito para o homem, o homem não é o centro soberano em volta do qual giram como vassallos todos os seres da creação.» Reduza-se ao estado de doutrina impessoal qualquer soneto metaphysico de Anthero de Quental e obter-se-ha um conhecido e milhares de vezes

repetido theorema de pessimismo. Podia accumular exemplos; mas estes bastam para mostrar como uma obra póde ser altamente interessante e original tendo todavia como nucleo uma proposição muito visinha do logar commum. Nem para um homem de genio ha verdadeiramente logares communs. O logar commum é uma verdade embaciada, callejada, com a frescura perdida pelos grosseiros contactos de todas as mãos. Mas surge um grande homem em cujo cerebro ella lança solidas e profundas raizes, e os milhões de vozes que repetiram inintelligentemente a proposição mergulham de subito no nada, é como se nunca tivessem existido. A flor murcha enche-se outra vez de seiva nova e rica, as suas côres reanimam-se, o seu perfume resurge tão fresco e moço como se ella tivesse acabado de desabrochar. Que admiraveis livros escreveria o protogonista de *La Peau de chagrin,* se fosse um individuo real! E comtudo elles versariam todos sobre esta verdade accessivel aos espiritos mais limitados: «Todo o desejo realisado é um passo dado no caminho da morte. Desejar é o mesmo que dizer: offereço de bom grado á morte o tempo que tenho de viver até á realisação de tal desejo. A nossa vida é um rio que nos arrasta para o aniquilamento. Nós sabemos isso, não pensamos sem horror no mar negro em que elle vae desaguar, e todavia deixamo'-nos captivar pelo aspecto chymerico das paizagens remotas e, na ancia de as alcançar, ainda nos parece vagaroso o curso das aguas.»

Ha porventura reflexão mais insignificante? Mas imagine-se que ella attinge num cerebro a intensidade da obsessão; o resultado será, como o mostrou Balzac, dum inexcedivel interesse psychologico. O homem possuido desta idêa fixa olhar-se-ha como um ludibrio do Destino e cada desejo desencadeará nelle uma tempestade de fel. E com o progresso desse spleen raciocinante um curioso desarranjo mental sobrevirá: o plano absurdo de esmagar sem treguas todo o appetite, para que a absoluta apathia lhe permitta ancorar no tempo!

Deviam pensar nisto os charlatães que apregoam *L'après midi d'un faune* de Stephane Mallarmé como a affirmação dum pensador original e os cegos d'alma que negam a originalidade a Anthero de Quental. Os primeiros veriam apenas no bello poemeto de Mallarmé uma nuance nova no modo de *sentir* uma philosophia velha. E os segundos deixariam de considerar sómente em Anthero o arcabouço de metaphysica budhica, para olhar principalmente o que faz a sua grandeza

como poeta:—a intensidade nunca egualada de emoção que puras abstracções determinavam nelle.

A metaphysica implicita na obra de Bartholomeu de Frágoa não faz excepção a esta regra. Os raros que a souberem adivinhar verão nella uns simples farrapos das metaphysicas mais decrepitas.

Bartholomeu de Frágoa partiu desta observação: O homem é um naufrago que nada desesperadamente, não para alcançar um determinado porto, mas para se manter á tona d'agua o maior espaço de tempo possivel. A vida não tem um objecto definido e digno dos nossos esforços; todos elles têem por fim unico a propria vida. A ambição, o trabalho, o amor, o que são senão illusões que nos permittem marchar sem fadiga nesta estrada monotona? Todas as antitheses do mundo, todas as differenças de aptidão e de destino se resolvem nesta synthese: um certo numero de unidades de tempo. A existencia reduz-se a preencher com esforços absurdos, com tedios e com prazeres mediocres os compartimentos vasios da duração mathematica.

Até aqui temos uma degustação amarga do mundo e não uma tentativa de explicação, uma poesia e não uma metaphysica. Mas se todo o esforço humano se reduz á existencia abstracta, isto é, a um modo de ser da Quantidade, qual será a energia elementar onde reside para Bartholomeu de Frágoa a possibilidade constante desta phantasmagoria da vida?—Uma pura e irrepresentavel sombra, entidade meramente verbal, a Quantidade ideal e activa.

Foi por meio da seguinte allegoria que elle me resumiu a sua concepção do universo. O homem é um prisioneiro que vê, atravez duma estreita fenda aberta no muro do seu carcere, o constante desfilar d'uma multidão innumeravel. Após um gigante armado e feroz, passa por diante da fresta um adolescente loiro e franzino. Atraz dum principe resplandecente de pedrarias, vae um mendigo coberto de andrajos. A faces aureoladas de santos seguem-se cataduras hediondas de scelerados. A diversidade das figuras que passam uma a uma é infinita. Os prisioneiros vulgares divertem-se com a variedade do espectaculo e guardam delle sómente lembranças fragamentarias e individuaes. Em cada homem examinam a estatura, a physionomia, o trage, a côr dos cabellos, todas as particularidades que o distinguem daquelles que o precederam. Mas para alguns raros presos, depois de pouco tempo de observação, todas as differenças de costume, de estatura, de côr e de attitude desapparecem. Ante os seus olhos privi-

legiados os muros da prisão dissipam-se, e o olhar interior abrange em toda a sua extensão esta visão schematica: uma multidão em marcha. Ei-lo trepado ao primeiro andar da Torre da Abstracção. Depois desta primeira concepção abstracta, multidão que caminha sem cessar, surge est'outra mais alta, —possibilidade constante de movimento. Desde então começará a existir para elle, como unica realidade —, o impulso da marcha. O tempo é a fresta por onde nós estamos condemnados a olhar o espectaculo da vida. Mas o philosopho é o prisioneiro excepcional para quem os muros da prisão são transparentes, deixando-o entrever essa região intangivel onde não ha passado nem futuro, onde o plano do universo sonha, num eterno presente. Só o accidental desfila, o essencial é immutavel.

Uma simples data tem sobre Bartholomeu de Frágoa o poder dum poema; irradia e concentra instantaneamente aos seus olhos immensidades extasiantes. A expressão—sete mil annos—é para elle como um gaz extremamente elastico e maravilhosamente irisado, condensado em corpusculos preciosos, com que póde a seu bel-prazer produzir novas explosões de deslumbramentos para a vista. Sete mil annos!... Sete mil grupos de milhões de luctas, de loucuras, de esforços abortados, de desejos irrealisados, ou desprestigiados pela realisação! Residuo unico da historia minuciosa de centenas e centenas de gerações! «A data, dizia-me elle um dia, é o topo de montanha cheio de sublime melancolia, onde eu subo para contemplar em toda a sua nullidade a historia do globo. O numero, pela sua natureza de abstracção feita de todas as imagens, de substancia incorporea susceptivel de todas as fórmas, embebeda-me de mysticismo. E' uma representação imperfeitissima, mas ainda assim a mais approximada do Absoluto que eu conheço.»

Conta o P.e Manoel Bernardes que certa freira hespanhola, á força de meditar noute e dia na vaidade de todas as ambições, á força de ter presente ao espirito que as diversas condições humanas são apenas diversos trages em que se disfarça a Morte, acabou por ver toda a gente em esqueleto. Em Bartholomeu de Frágoa ha uma singularidade de visão semelhante a esta. A' força de se embriagar na contemplação da Idêa d'onde jorra a alluvião dos seres, acabou por não ver nelles senão a energia creadora que lhes dá o movimento. Infelizmente a freira hespanhola não era pintora. Se o fosse teria feito uma extraordinaria dansa macabra, teria descoberto um artificio graphico para desenhar esqueletos que fossem ao mesmo tempo retratos, porque a sua allucinação funebre não

lhe impedia a percepção dos traços individuaes. Via *mortes,* mas reconhecia nellas sem esforço a mãe, as irmãs e as companheiras de clausura. Tambem em Bartholomeu de Frágoa o dom de *ver* o abstracto e a exacta observação do concreto coexistem: O seu espirito realisa a maxima de Platão: ver a unidade na pluralidade e a pluralidade na unidade. Mas quiz uma feliz coincidencia que este impotente para escrever abstracções fosse um poderoso escriptor de imagens, qualidade sem a qual todos os conhecimentos particulares iriam volatilisar-se na imponderavel nevoa metaphysica, seriam apenas um combustivel para manter sempre viva essa flama sagrada. O seu poder de expressão é uma machina photographica instantanea, que fixa as imagens na sua rapida passagem para os extases do Absoluto.

Este romancista realisou em litteratura o milagre artistico que a desenganada religiosa deveria ter realisado em pintura. A carne da humanidade que elle creou é diaphama e deixa ver o esqueleto; simplesmente o esqueleto dessa gente é da natureza impalpavel dos Espiritos.

Perguntarão agora que artificio empregou elle para obter esse effeito. Artificio? A palavra artificio presuppõe calculo consciente, e Bartholomeu de Frágoa nunca calculou os meios de deixar transparecer nos seus romances a sua philosophia. Creio mesmo que se um desconhecido lhe fosse dizer que a tinha recomposto, elle ficaria pasmado e attribuir-lhe-hia a assombrosa faculdade de adivinhar o pensamento. Como explicar então que uma tão alta difficuldade fosse vencida com a mais perfeita inconsciencia? Da maneira seguinte.

Bartholomeu de Frágoa levou, como vimos, para a observação da humanidade a convicção de que a historia de todos os homens se reduz a um typo geral. Mas na realidade os contornos dos factos soffrem tão labyrinticos desvios que um olho vulgar perde-se na multidão dos detalhes e não sabe separar delles as linhas essenciaes. Essa separação operou-a sem esforço a conformação particular do seu espirito, como o instincto duma ave escolhe entre diversissimos materiaes os que são mais apropriados á construcção do ninho.

Todos os episodios incaracteristicos que poderiam apagar a nitidez de traços que elle vê no destino humano omitte-os invariavelmente, como um jardineiro corta todos os ramos que prejudicam a força e a belleza duma arvore. Mas não ha aqui uma mutilação voluntaria, ha simplesmente uma anesthesia congenita. A sua representação da vida é uma especie de photographia synthetica de Galton, fixando vivamente os

caracteres communs e deixando na sombra os caracteres differenciaes. E é tal o vasio que elle nos mostra no fundo da actividade febril dos seus personagens, creaturas bem dotadas para a lucta, empregando todas as armas, a astucia, o crime, os musculos, o talento, para alcançar esta cousa só numericamente representavel, a Existencia, que esses romances dão-nos a impressão de assistirmos a um conflicto de loucos, disputando-se furiosamente um objecto invisivel para nós, uma pura sombra, uma allucinação resultante do seu delirio. Finda a leitura, a nossa memoria apenas conserva a vaga imagem duma energia indestructivel, cega e tenaz, sempre triumphante no meio da morte das apparencias que a manifestam, como um conquistador victorioso proclamando egoistamente a sua gloria sobre os cadaveres dos soldados que lh'a alcançaram.

Sahindo para outro genero litterario, encontro na poesia um exemplo unico destes vastissimos e tenebrosos espaços cavados por baixo de paginas puramente picturaes na apparencia. E' no Leconte de Lisle animalista. As suas aguias-reaes abatendo-se como dardos sobre um potro a quem arrancam uma posta de carne sangrenta que levam para o ninho; as suas gigantescas serpentes, erguendo-se famintas, em ondulações majestosas, no interior das florestas tropicaes; os seus tubarões olhando melancolicamente o deserto liquido á procura de presa; os seus tigres despertando ao cahir da tarde, espreguiçando-se elasticamente e soltando um prolongado e lamentoso rugido de fome não são objectos d'arte decorativa, são transcendentemente dramaticos. O grande poeta não os pinta pelo amor exclusivo das bellas curvas, não faz delles camafeus, baixos-relevos, ou productos de ourivesaria artistica, não lhes dá o aspecto por assim dizer mineral dos quadros dos poetas parnaseanos, que se julgavam seus discipulos. Nos seus versos, pelo contrario, as fórmas materiaes das feras dissipam-se, e o que nos fica no espirito é a contemplação quasi mystica da força viva que as agita, da formidavel, mysteriosa e obscura vontade que move em proveito da sua persistencia desde as maxillas dum monstro até ao cerebro dum homem.

Mas se as biographias que nos conta Bartholomeu de Frágoa são verosimeis, são tambem raras no mundo real. Ahi as cousas não se passam com aquella simplicidade. A figura theorica que representa a circulação nos vertebrados não corresponde a nenhuma realidade concreta; e Bartholomeu de Frágoa traça schemas destes, suppondo todavia estar desenhando rigorosos atlas de anatomia.

IV

Nos capitulos que precedem fica traçado o arcabouço philosophico de grande parte da obra de Bartholomeu de Frágoa. Ficaria tambem inteiramente retratada a sua personalidade? Não. Bartholomeu de Frágoa não é verdadeiramente um pessimista, não acha o esforço humano absolutamente condemnavel, a vida não lhe parece fundamental e irremissivelmente má. O que lhe parece indigno de sacrificios e de luctas é a existencia incondicional, a duração. Cultivar a individualidade é aos seus olhos a suprema virtude; mutilá la ou modificá-la em proveito da duração, a ultima das baixezas. D'aqui resulta ser a sua philosophia composta de duas faces contradictorias, que é necessario conhecer para penetrar nesta curiosa personalidade. Uma dessas feições, a que ficou exposta, é pessimista e resulta da observação objectiva do viver dos homens, a outra é affirmativa e exprime as tendencias naturaes de quem a concebeu. A primeira é uma nebulosa metaphysica que parece abranger o universo numa irrevogavel negação, a segunda é uma enthusiastica moral. Creio que Bartholomeu de Frágoa nunca se deteve a considerar a incoherencia que existe entre a sua concepção do mundo e a sua theoria da conducta. Os dois estados de espirito de que ellas resultam alternam-se e tomam uma intensidade demasiadamente absorvente para que possam ser confrontados e reconhecida a impossibilidade da sua reducção a uma synthese, logica no terreno do raciocinio. O laço de parentesco entre essa metaphysica e essa moral deve procurar-se no caracter do seu auctor e não em raciocinios abstractos. Bartholomeu de Frágoa observa a vida real, indigna-se e insulta,—mas, neste espirito metaphysico, até o insulto toma o caminho da transcendencia. Em seguida considera a sua propria natureza e nasce-lhe a idêa de oppôr ao quadro vingativo da lucta pela existencia mathematica o caloroso elogio do instincto de conservação da alta personalidade.

Essa idêa foi realisada na *Historia dum suicidio,* estudo ora feito pelos processos usuaes do romance, ora sob a fórma de jornal intimo do protogonista. Bartholomeu de Frágoa, duma tenacidade incomparavel de individualidade, tendo atravessado os meios mais oppostos sem que delles tenha soffrido a menor influencia, pousou para modelo desse per-

sonagem; mas as circunstancias em que o collocou são perfeitamente imaginarias. Eis, em resumo, o livro:

Um homem duma alta cultura, uma natureza delicada de poeta e de philosopho, regressado á sua pequena cidade com o seu curso de direito, tem a desgraça de ser filho de burguezes limitados de haveres e de espirito. O excepcional bacharel passa o seu tempo em vagabundagens solitarias pelo campo, pensamento á redea solta, na leitura de philosophos e de mysticos, ou sonhando poemas que não escreve e escrevendo outros que não publica. D'aqui a constante tortura das lamentações do pae, que architectara sobre elle um sonho de gloria provinciana, que ambicionava vê-lo obscurecer as illustrações locaes, vê-lo um advogado celebre e rico, ouvir discutir na botica os discursos com que elle tivesse arrancado reus á penitenciaria. O desenvolvimento deste conflicto em capitulos narrativos, onde a conspiração do pae e dos videiros da terra contra a ociosidade escandalosa do poeta apparece com um vigor balzaciano de côr, alternados com outros, compostos de paginas do jornal intimo, em que o sitiado analysa a sua situação, fórma um drama duma intensidade rara.

«O sentimento que me inspiram os meus» diz um trecho do jornal intimo «oscilla constantemente da compaixão para o rancor. Pobre gente que se fatigou durante annos com a cultura duma arvore que suppunha fertil e rendosa, que lhe fazia antegosar fartas colheitas de fructos de bom preço, e afinal vê como resultado do seu trabalho uma planta de luxo, absolutamente inutil e ainda por cima dum aspecto extranho em que os seus olhos habituados a uma flora de quintal não podem descobrir belleza alguma. Esteril e hediondo, eis o que eu sou para elles. Já por vezes tentei fazer-lhes comprehender que não posso ser o grande homem de provincia que elles sonham e que o feitio particular do meu espirito me não permitte a ambição de rivalisar em subtilezas de chicana com o dr. X. ou em esplendores de eloquencia forense com o filho do primo Z. Mas a necessidade de amoldar a minha demonstração á estreiteza dessas cabeças obriga-me a omittir um sem numero de cousas que não são traduziveis em lingua que ellas entendam. Vejo-me na difficuldade dum missionario que quer prégar a fé a uma tribu de negros. O dialecto delles carece de termos que traduzam as delicias espirituaes da Bemaventurança; e o pobre missionario ver-se-ha obrigado a descrever a causa dos transportes mysticos da *Luz e Calor*, reduzindo-a ás proporções do ideal do seu auditorio. «No ceu, dirá elle, as tangas encarnadas são sem conta e os festins de

carne humana duram dias inteiros!» Eis aqui a caricatura do que eu digo quando tento fazer a minha psychologia no dialecto dos selvagens brancos com quem vivo. O retrato que faço de mim proprio approxima-se tanto do modelo como o esplendor das tangas e as voluptuosidades da anthropophagia se approximam deste extase do néo-platonico Bernardes «... Se isto he a vista de hum só Anjo em especie alheya e corporea, e visto pelas costas, e de passagem e pela greta de huma pedra: que será ver ao mesmo Deus clara e intuitivamente, face a face, como he em si mesmo, sem enigma, nem veu, nem cortina, por toda huma eternidade? Poys este bem he o premio promettido por Deus aos que o amão...» E o mais curioso é que o esforço para me traduzir em vulgar reduz-me interiormente á miseria da linguagem de que sou obrigado a servir-me debalde. Não consigo fazer-me comprehender, e, á força de imaginar a estupidez dos que me ouvem para pautar por ella a minha demonstração, acabo por ficar tão estupido como elles. Odiosa gente! odiosa gente! Que me importam as boas intenções com que me torturam? O facto é que me torturam.

Conta Villiers de l'Isle-Adam, numa allegoria finamente satyrica, que em certa ilha da Oceania era d'uso immemorial comprimir os craneos das creanças para evitar que viessem a pensar em cousas «excessivamente elevadas.» Graças a este optimo costume, a vida desse previdente povo deslisava numa paz e numa felicidade imperturbaveis. Mas por um deploravel descuido deixaram á larga a cabeça dum recemnascido. O resultado foi conceber elle mais tarde a extravagante idêa de construir uma canôa e deitar-se á aventura pelos mares além, indo aportar a outra ilha, onde foi assassinado e, se bem me lembro, devorado pelos naturaes. Desde então a compressão dos craneos foi decretada pelo soberano sob pena de morte.

E' o meu caso. Escapei casualmente ao capacete de ferro em que a rotina aperta as cabeças desta gente, e querem que eu sinta e pense como um microcephalo! E, para a semelhança ser completa, a minha monstruosidade tem feito com que os paes tomem serias medidas prophylaticas contra o excessivo desenvolvimento craneano dos filhos. Todos os chefes de familia dizem em voz terrivel á sua prole que ponha os olhos em mim e veja «como as más leituras estragam um rapaz.»

.....

«Ha dias recebi uma carta em que um antigo amigo me participa o seu proximo casamento, aconselhando-me que faça por me adaptar á vida burgueza, por ser como os outros. «O

casamento, diz elle, seria um grande remedio para a tua *doença.*» Esta manhã recebi dum outro conselhos analogos. Todos se atolam na Vida! Esta deserção dos que eu suppunha mais seguros entristece-me, mas não me corrompe. Estes transfugas só me inspiram desprezo. Ser como os outros!... Não! Não posso, nem quero! Objectam-me que a necessidade a tudo obriga. Necessidade de quê? De viver? Mas parece-me que supprimindo essa necessidade...»

A carta que se segue fórma o ultimo capitulo do livro:

«Meu amigo.—Entre os meus antigos companheiros és tu o unico que talvez não se envergonhe de lhe lembrarem *creancices* doutros tempos. Outros tempos! Ha apenas dois annos que nos separámos e parece-me que foi ha mais de vinte. Esta illusão explica-se pela forçada e fatigante attitude de defeza em que me tenho visto obrigado a manter-me. Imagina um homem agarrado durante dois minutos a uma corda que balouça sobre um precipicio, e vê se esta desesperada contracção muscular não terá o poder de lh'os transformar numa eternidade. Quando o supplicio cessar, o desgraçado que media o tempo pela tortura não poderá crer que ella durasse tão pouco, e os seus cabellos subitamente embranquecidos confirma-lo-hão no erro. Assim estou eu. A comparação é exacta até na rapidez do encanecimento.

«Foi só ha dois annos que nós pela ultima vez discutimos minuciosamente, e com um enthusiasmo que mal deixava prever o arrefecimento d'hoje, o projecto do convento dos Excepcionaes. Fundavamo'-nos em Renan, e queriamos modelar o nosso mosteiro philosophico pelas aggremiações dos primeiros christãos. Cada um entraria com o que tivesse e consumiria não na proporção da sua entrada, mas na medida das suas necessidades.

«Confesso que isto era pueril e impraticavel; mas por baixo de toda essa fragil espuma havia um sentimento nobre: o culto da alta individualidade. Passado pouco tempo a espuma abateu. Que appareceu no fundo? Em muitos copos nada. No meu, e creio que tambem no teu, havia porém alguma cousa. Esse residuo era muito menos irisado e espectaculoso do que a espuma, mas em compensação muito mais estavel. Terminado que foi o meu balanço psychologico apurei de indestructivel e serio este artigo de fé, que resume toda a minha philosophia: não acceitar incondicionalmente a vida. Os outros capitularam e fizeram-se advogados, magistrados e maridos. Mas eu continuei a não admittir como criterio de conducta senão esta

maxima que tu tantas vezes me ouviste: Virtude é tudo o que se pratica em defeza da integridade psychica; crime é tudo o que a contraria. Escusado é dizer qué no numero das minhas virtudes se encontram muitas que são crimes para a moral vulgar, e no numero dos meus crimes muitas acções que ella classifica de respeitabilissimas virtudes.

«Soltar a todo o panno as minhas ambições intellectuaes, eis o que eu exijo. Infelizmente sou pobre, como tu sabes, e só pelo trabalho poderia obter os meios de subsistencia material. Mas essa cousa odiosa que se chama trabalho é a negação da liberdade do espirito. As circunstancias sentenceiam-me a estrangular a minha superioridade para bem de viver. E viver para quê?—Para viver, para durar um certo numero d'annos. Ora se a vida só tem importancia para mim podendo eu empregá-la em cultivar o meu individuo, eliminar o fim, para alcançar o que não passa dum meio para elle, seria uma contradicção tão flagrante como a do avarento que se priva até á morte de todas as commodidades a fim de amontoar um simples meio de as obter,—o ouro. Eis a grande verdade: Quem compra a duração com o sacrificio das exigencias do espirito padece da grosseira confusão mental do avarento. O amor da existencia pela existencia ainda me indigna mais do que a sêde do ouro pelo ouro. Esta phrase «ganhar a vida», que ninguem pronuncia sem um religioso respeito, enraivece-me a ponto de me paralysar a palavra e de só transbordar por meio de rugidos inarticulados a tempestade de colera que levanta em mim essa manifestação da estupidez humana. Esmagar dia a dia a minha individualidade, assassinar tudo o que ha em mim de nobre, simplesmente para retardar por alguns annos a morte? Nunca! Prefiro suicidar-me a reduzir o meu cerebro á condição de tentaculo ao serviço dum apparelho digestivo.

«Sim, prefiro suicidar-me. Escrevo-te tendo já ao meu lado direito o rewolver que ha de resumir numa formula extremamente concisa o meu modo de encarar a vida. Essa formula poucos a saberão desenvolver. Os pedantes da psychologia morbida verão nella bom ensejo para dissertar sobre as doenças da vontade. Eu um doente da vontade! Esses imbecis dão o nome de vontade sómente ao desejo incondicional de existir, chamam actos de coragem aos decretos da soberania dos tecidos que lhes mandam sacrificar em beneficio dessa impulsão inferior e commum a toda a substancia organica o pouco e insignificante que nelles ha de individual. Não comprehendem o que seja uma personalidade imperiosa, não vêem que não

só é vontade mas a mais alta manifestação da vontade o facto de terem as tendencias psychicas energia bastante para, no caso de conflicto, destruir o que ha de mais fundamental na materia animada. Isso que elles têem de commum com os vermes e com as plantas é vontade; mas a inabalavel fixidez de caracter que me impede de transigir com a vida chama-se stoicismo. Para mim o celebre monologo em que Hamlet discute comsigo mesmo o suicidio, hesitando em consummá-lo, com medo dos pesadelos que talvez haja no somno da morte, é muito inferior áquelle em que o protogonista do *Crime e Castigo* de Dostoievski se insulta por uma hesitação egual. Este accusava-se de cobardia e comprehendia emfim a miseravel ambição dum condemnado á morte, cuja historia lera em tempo: viver no meio do mar, sobre uma rocha a pique onde mal houvesse logar para firmar os pés,—mas viver! Não era da paciencia incrivel que nos dá a incerteza da outra vida que Hamlet devia pasmar; mas sim, como o personagem do romancista russo, da passividade de fumo daquillo que no homem é verdadeiramente humano, perante a despotica energia do mysterio vital.

«E tu mesmo não sei se verás claro na minha resolução. E' possivel que ella encerre para ti uma contradicção. Talvez te pareça effeito dum eclipse da minha lucidez, tendo eu horror á destruição do homem superior que habita em mim, ir aniquilar o seu inimigo, aniquilando-o a elle com o mesmo golpe, como quem quer salvar uma victima das garras dum tigre e desfecha precipitadamente a carabina sem ver que a fera e a presa estão tão estreitamente abraçadas que o tiro que matar uma matará infallivelmente a outra. Enganas-te. O que horrorisa esse homem superior que o meu craneo hospeda não é o *dissipar se* instantaneamente sem humilhações e sem martyrio, morrer no seu posto d'honra, como um soldado no campo de batalha. O que elle não póde supportar sem uma indiscriptivel tortura é a idêa de se *modificar,* de ser aprisionado por cáfres que o assassinem lentamente por mutilações successivas, que o degradem em misteres servis, que o transformem de principe que elle era em besta de carga.

«Adeus. Daqui a momentos tudo o que te digo nesta carta estará synthetisado na breve formula a que atraz me referi.»

Agosto de 1895. CARLOS DE MESQUITA.

ESTUDOS SOBRE DAMIÃO DE GOES

(Cont. do n.º 7, pag. 440)

DOCUMENTOS

XXIII

Mandado de D. Manuel a Ruy Leite para este entregar a Fruitos de Goes dous bacios e um gomil feitos pelo ourives Diogo Rodrigues —18 de setembro de 1515

«Ruy Lleyte mamdamos que hos dous bacyos dourados e agomyl que ora fez D.º Royz, ouryuez, os emtregues a Fruytos de Guoez, por quamto os mamdamos fazer pera seruiço da guardaroupa, e per este com seu conhecimento feyto polo scpriuam da dita guardaroupa, em que decrare o peso de tudo e lhe fyque caregado em recepta vos seram lleuados em comta se sobre vos forem caregados em receyta, e pella dita maneira lhe ẽtregay ho tecydo douro anyllado que aguora fez Alluaro Paez, ouryuez pera nossa pessoa. Feyto em Llyxbõa xbiij^{o} dias do mes de setembro 515. =Rey · ⁝ ·»

«He verdade que Fruitos de Goees recebeo de Ruy Leite huũa guarniçã de cimta que fez Alluaro Paez, que tem fiuella com sua charneira e biqueira e dez tachoeẽs, tudo anillado, que pesa jumtamemte trimta e cimquo cruzados lxuj grãos douro, e mais dous bacios dagoa as maãos laurados de romano, dourados de demtro, com seus esmalltes desperas nos meios, que pesã jumtamemte dezaseis marcos cimquo onças bj oytauas e mea de prata, e mais hum agumyll pequeno laurado de magos e de cizell baixo dourado todo, que pesa oito marcos bij onças, b oytauas e mea, as quaes peças e pesos sobre ditos por mym A^{o} Mexia ficã carregados em reçeita sobre o dito Fruitos de Goees, e por verdade fiz este, no quall ambos asynamos, feito em Lixboa aos xxbj dias de setembro de 515. =Fruitos de Goes.=Afonso Mexia.»

«Pera emtregarem a Fruytos de Guoes os dous basyos e agomyll e asy o tecydo douro que fez Alluaro Paaez» (1).

XXIV

Quitação aos herdeiros de Fruytos de Goes pelos cargos que este desempenhou de guarda-roupa d'el-rei D. Manuel e do infante D. Duarte — 2 de maio de 1567

«Dom Sebastião &c A quamtos esta mynha carta de quytação virem faço saber que eu mãdey tomar comta em meus contos do Reyno e casa

---

(1) Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 18, doc. 97.

a Fruytos de Goes, goarda roupa que foy delRey dom Manoel, meu senhor e bisauo, que samta gloria aja, de tempo de omze anos que comesão em março do bᵉ e noue e acabarão em feuereiro de bᵉ e vymte, e pella recadação de sua comta se mostra receber sete alcatifas e quatro aljubas de borcado e hũa alampada de prata e cemto e vymte omças e mea oytaua dambre e sete marquos cymqo omças treze oytauas doze graos daljufar e quatro açucareiros de prata e quatro cemtos sasemta e noue botões douro e vymte e quatro biqueiras douro e dez castiçaes de prata e oyto colares douro e quymze espadas e dez estampas douro e noue firmaes douro e seis cemtos vymte e duas pomtas douro e asy outras muytas peças e cousas douro e prata e de borcado de cedas e de pano e doutras calydades, declaradas no ẽcerramento da dita comta, que aquy não vã nomeadas por serem de muytos dizeres, as quaes huas e outras o dito Fruytos de Goes ẽtregou e despemdeo per mãdados do dito sñr, meus e do meu mordomo mor sem ficar deuendo cousa algũa ẽtrando na despesa seis cemtos vymte e noue mill quatro cemtos coremta e cymquo rs, de que fez merce a seus erdeiros por respeito dos seruiços do dito Fruytos de Goes e dalguns de seus filhos. e ysto dos sete cemtos coremta e dous mill cemto e dez rs. em que lhe forã aualyadas algũas cousas que ficarã deuendo na dita comta que lhes acabarão de dar e em outra que tãobem derão da goarda roupa de dom Duarte, meu tio, que Dᵉ tem, que o dito Fruytos de Goes seruio, como tudo mais compridamente he declarado na recadação e ẽceramento da dita comta, que foy tomada por Amtonio Diaz, contador dos ditos contos, e vista por Duarte dAbreu, prouedor. Portanto dou por quite e lyure a todos os erdeiros do dito Fruytos de Goes das cousas acyma declaradas e asi das mais cõtheudas no dito ẽceramento, posto que aquy nãoyem nomeadas perque em tempo algum nem sejam por yso requeridos citados nem demandados nos ditos contos nem fora delles por de tudo terem dado conta com entrega, como dito he, e mando aos vedores de mynha fazenda, comtador mor dos ditos contos e a todos os corregedores, juizes e justiças, oficiaes e pesoas de meus Reynos e senhorios a que o conhecimento pertencer que asi o cumprão e goardem, e fação inteiramente cõprir sem duuyda nem ẽbargo algum que lhe seja posto, porque asy o ey por bem e por firmeza de todo lhe mãdei dar esta carta de quytação per mym asinada e aselada do meu selo pendemte. Manoel Romeu a fez em Lixboa a ij de mayo ano do nacymento de noso Senhor Jhũu Xpo de ¡bᵉlxbij, os quaes sete cemtos coremta e dous mill cemto e dez rs em que lhe forã avalyadas as cousas que ficou deuendo lhe forã caregados em receita na dita comta» (1).

XXV

Carta de D. Manuel, nomeando Fruitos de Goes juiz das sizas da villa de Alemquer — 5 de março de 1504

«Dom Manuell &c A quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que queremdo nos fazer graça e mercee a Fruitos de Goees, nosso moço da camara, comfiamdo delle que com seu saber e descriçam nos seruira nisso bem e fiellmẽte e como a nosso seruiço e bem das partes compre,

(1) D. Sebastião e D. Henrique, *Privilegios*. liv. 6, fl. 70. A fl. 70 v. está lançada a quitação de Fruitos de Goes do tempo que serviu D. Duarte com Guarda Roupa.

temos por bem e damollo daqui em diante por nosso juiz das sisas da villa dAllemquer e seu termo asy e pella maneira que ho atee qui foy Nycollaao de Payua, que o dito hoficio tinha e se ora finou. E porem mamdamos ao contador em a dita comarca &c em forma. Dada em Lixboa a b dias de março elRey o mamdou pollo barã dAluito do seu conselho e vedor de sua fazemda—Lopo Fernandez a fez anno de mill e b^{e} nj» (1).

XXVI

Carta de D. João III confirmando a mercê feita por D. Manuel a Fruitos de Goes das saboarias pretas de Alemquer Arruda, etc. —6 de agosto de 1524

«Dom Joham &c A quamtos esta minha carta vyrem faço saber que por parte de Fruytos de Goees me foy apresemtada hũa carta delRey meu senhor e padre que samta gllorya aja, da qual o teor tall he: «C Dom Manuel per graça de D^{s} Rey de Purtugall e dos Algarues daquem e dallem maar em Afryca, senhor de Guyne e da comquysta nauegaçam e comercio dEtiopya, Arabya, Persya e da Imdia, a quamtos esta nosa carta virem fazemos saber que, avemdo nos respeyto ao muito e comtino seruyço que temos recebydo e ao diamte esperamos receber de Fruytos de Goees, noso moço da guarda roupa, e por lhe fazermos graça e merce, temos por bem e lhe fazemos doaçam e merce em todollos dias de sua vyda das saboaryas pretas, que ora vagaram per fallecimento de Ruy Diaz, seu pay, comvem saber, Allamquer, Aruda e Azambuja e Aldea Gallega da par da Merciana e Obydos e Atougia com todos seus termos e de todollos outros llugares, que o dito Ruy Diaz seu pay tinha, asy e pella guysa, modo e maneira que as o dito seu pay tynha e pesoya em sua vyda com todollos pryuyllegyos e llyberdades com que elle as teue e arecadou, e mamdamos e defemdemos que nenhũa pesoa nas ditas vyllas e llugares, que o dito Ruy Diaz tinha nam façam nem vemdão o dito sabam sob as penas comteudas em suas ordenações e pryuyllegios das saboaryas senão o dito Fruytos de Goees ou a quem elle pera iso der seu poder e licença. E porem mamdamos a todollos oficiaes das ditas vyllas e llugares e a outras quaesquer justiças, corregedores, ouuydores e outros oficiaes e pesoas, a que o conhecimento desto pertemcer e esta nosa carta for mostrada, que lleyxem ao dito Fruytos de Goees ter e auer e arecadar e aremdar se lhe bem vyer as ditas saboaryas asy e como o fazya o dito seu pay e mylhor se o com direito mylhor poder fazer e naquelles que comtra iso forem e o dito sabam contra sua licença e vomtade fizerem, derem ou uemderem executem as ditas penas e lho defemdam e ajudem a defemder por quãto nos lhe fazemos de todo merce em dias de sua vyda na forma e maneira sobre dita. E por firmeza dello lhe mãdamos dar esta nosa carta per nos asynada e asellada do noso sello pemdemte. Dada em a nossa vylla dAllmeyrym a quymze dias de dezembro—Amdre Pirez a fez—anno do nacimento de noso Senhor Jhũ Xpo de myll e b^{e} xuj.» Pedymdome o dito Fruytos de Goees que lhe comfirmase a dita carta e visto per mym seu requerymento, queremdolhe fazer graça e merce tenho por bem de lha comfirmar e ey por comfirmada asy e da

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 23, fl. 6.

maneira que se nella comtem: asy mamdo que se cumpra e guarde. Dada em Euora a bj dias dagosto — Jorge dAfomsequa a fez anno de noso Senhor Jhũ Xpo de myll e bc xxuij» (1).

XXVII

Carta de D. João III confirmando a doação que D. Manuel fizera a Fruitos de Goes das saboarias pretas de Lamego e Vizeu — 6 de setembro de 1524

«Dom Joham &c A quãtos esta mynha carta vyrem faço saber que por parte de Fruytos de Goes me foy apresemtada hũa carta delRey meu senhor e padre, que samta glorya aja, de que o teor tall he: «C Dom Manuel por graça de Dª Rey de Purtugall e dos Alguarues daquem e dallem maar em Afryca, senhor de Guyne e da comquysta navegaçam comercio dEtyopia Arabya Persya e da Imdia, a quãtos esta nosa carta virem fazemos saber que avemdo nos respeyto ao muyto e comtyno seruyço que temos recebydo e ao dyamte esperamos receber de Fruytos de Goees, noso moço da guarda roupa, e por lhe fazermos graça e merce temos per bem e lhe fazemos doaçam e merce em todollos dias de sua vyda das saboaryas pretas da nosa cidade de Llamego e da cidade de Uyseu, que ora vagaram per fallecimento de Ruy Pereira com todos seus termos asy e pella guysa modo e maneira que as o dito Ruy Pereyra tynha e pesuya em sua vyda com todos pryuyllegios e llyberdades com que elle as teue e arecadou, e mãdamos e defemdemos que nenhũa pesoa nas ditas cidades e seus termos que o dito Ruy Pereyra tynha nom façam nem vendam o dito sabam sob as pennas cõteudas em nosas ordenaçõe e priuyllegios das saboaryas senã os dito Fruytos de Goees ou quem elle pera iso der seu poder e lycemça, e porem mãdamos a todollos oficiaes das ditas cidades e seus termos e a outras quaesquer justyças e coregedores, ouuidores e outros oficiaes e pesoas, a que o conhecimento desto pertemcer e esta nosa carta for mostrada que lleyxem o dito Fruytos de Goees ter e aver e arecadar e aremdar se lhe bem vyer as ditas saboaryas asy como o fazya o dito Ruy Pereyra e mylhor se com direito mylhor poder fazer e naquelles que contra iso forem e o dito sabam contra sua lycemça e vomtade fizerem derem ou vemderem eyxuqutem as ditas pesoas e lho defemdam e ajudem a defemder por quãto nos lhe fazemos de tudo merce em sua vyda na forma e maneira sobredita e por firmeza dello lhe mãdamos dar esta nosa carta per nos asynada e asellada de noso sello pemdemte. Dada em Lixboa a xxuij de setembro — Gaspar Roiz a fez de myll e bc xb. Pedymdome o dito Fruytos de Goees por merce que lhe confirmase a dita carta e vysto per mim seu requerymento, queremdolhe fazer graça e merce, tenho por bem e lha comfyrmo e ey por cõfirmada e mando que em todo se cumpra e guarde como nella he comteudo. Dada em a mynha cidade dEuora a bj dias de setembro — Amtonio Sanhudo a fez — anno de myll e bc vynte e quatro» (2).

(Continúa)

SOUSA VITERBO.

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 25, fl. 140 v.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 25, fl. 130 v.

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.* — Cont. do n.º 7, pag. 448)

DE VNA DEL. Pe G. : : : VIU. DE : : :

Lo q̃ se dize en la in : : : *ju*lio de 82 pera saberse cui cõfiteri debeant : : : gentes dũ ad loca societatis diuertunt s. si inter eos sit Prouinc*ialis* etc. poterit ille suorũ cõfessiones audire &c no se deue entender delos superiores nõ : : : dos pera las missiones enquanto son subordinados alos superiores dela Prou*incia* donde se parten mas despues q̃ está em Viagẽ aumq̃ determinadam.te vaian para p*ro*vinciales, o otros cargos de sup*erio*res en los lugares para donde van.

Cosa digna es de remediarse los officios, missas cantadas, E anniuersarios q̃ en sã Roque se hazẽ alas personas q̃ cõ nuestra licẽtia alli se enterrã, porq̃ esto se fuesse cõtinuado no seria sin periuizo de n*uestr*os Ministerios. El remedio será declararse aquiẽ deaqui adelante se cõcediere sepultura q̃ nuestra Intencion es q̃ quãto esto se cõcediere q̃ ninguna delas cosas dichas se le á de hazer en n*uestr*a Iglesia por el discurso del tiẽpo, mas solo al dia q̃ se le diere sepultura se le permitera hazer los officios como fuere mas su cõsolacion y dela misma manera se diga alos q̃ asta ahora hã cõtinuado q̃ cõ esta cõdicion se ha cõcedido la sepultura y portanto q̃ seã cõtentos hazer estos officios en otra partẽ pues el dezirse aqui o alli no enporta y ala Comp.ª no esta bien entroduzir esta vsãcia.

Porlos incõuenientes q̃ desto puedẽ nacer alas personas q̃ daqui adelante pedierẽ este fauor q̃ nuestros cõfessoreres se u : : : sar a sus casas o oratorios se le niegue cõ buen : : : c : : : cion y no se cõceda a ninguna y esto se usa : : : otras p.es aonde ni apersonas de muyta qua : : :

La declara : : : ras del § 27 del Sumario : : : ndiũ, *ve*l, eleemosynas ullas. quibusq : : : societas iux*ta* nostrũ institutũ exercere : : : es esta. Que quando se entiendesse q̃ la cosa q̃ se enbia aũ cõ titulo delimosna es proporcionada al sti-

pendio qual se suele dar por semeiantes ministerios no se puede admitir. Pero si algũ pueblo o cõmunidad, o prelado, o persona publica embiasse tal limosna al Collegio, ocasa de donde ouierõ el predicador q̃ por algũ tiempo á aiudado cõ este ministerio, o se la limosna, como esta dicho, no fuere proporcionada se podera recebir y por uẽtura q̃ serueria pera edificació nola recebir luego al fin delos sermones sino despues de passado algũ conueniente tiẽpo pera q̃ careciese de toda suspecion. De otras personas priuadas quando el superior cõsideradas las circunstancias ansi dela persona q̃ da como del modo cõ q̃ dá y dela qualidad oprecio dela cosa q̃ se dá jusgar nõ ser recõpiẽsa de ministerios poderlo á dela misma manera recebir pues no repugna alas constit. Tiengase cõ todo cuẽta cõ la edificacion para q̃ los q̃ nõ sabẽ esta distincion no piẽsẽ q̃ lo aceptamos en recõpiẽsa de lo q̃ se le ha hecho.

DE VNA DEL N. P.e CLAUDIO AQUA UIVA PARA EL P.e SEBASTIAM DE MORALES PROVINCIAL DE 10 DE AGOSTO DE 86

Pareçeme bien, que en los Collegios, o casas no se tengan muchachos pera seruir de recaudos, y antes se tome un moço de accomodada edad pera este, y los demas seruiçios, q̃ pareçiere: y aning ::: s seruidores se puede dar licion sin liçençia del prouincial.

DE VNA DE N. P. ::: P.A EL I.e SEBAST. DE MORAIS provincial :::

Entre los bienes del Collegio ::: que ay un lugar llamado villar, en ::: y son prazos perpetuos y bienes emphiteuticos, los qua ::: forero semuere, dizẽ seuan repartiendo por sus herederos, y consequenter sereparte tanbien el fuero, de manera que uiene ya lacosa ha recadar el Collegio cõperdida suia mui menuda mente dediuersos, aquella rienta: sera bien q̃. V. R. ueya lo que em esto ay, y las haga em cabeçar á cabeças principales, q̃ arrenden, y pagen todo por iunto segun las leies que dizẽ hauer, em este Reino, que mandan q̃ quando muere la cabeça del casal, dentro encierto tiempo los herederos lo repartan, e põgan en uno principal, el qual queda obligado á pagar todo al senhorio, y sino lo hizierẽ ansi dentro de cierto termino se perda el casal.

(Continúa).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

DIFFERENÇAS PHONETICAS DAS LINGUAS E DIFFERENÇAS ANATOMICAS DOS ORGÃOS DA FALLA

I

E' um phenomeno bem conhecido que não só linguas genealogicamente distinctas, mas até das que são aparentadas, dialectos muito proximos, apresentam differenças mais ou menos notaveis nos seus systemas phoneticos.

As principaes dessas differenças consistem no seguinte:

a) existem numas linguas sons (vogaes ou consoantes, etc.) que faltam noutras;

b) umas linguas possuem combinações de sons que não se encontram noutras, que aliás têem os sons simples que aquellas combinam;

c) observam-se, numas, particularidades relativas á quantidade das vogaes, á accentuação, desconhecidas noutras;

d) distinguem-se além disso as linguas, os dialectos, por uma como que orientação geral da pronuncia, particular a cada um.

E' bem sabido tambem que uma mesma lingua se transforma phoneticamente de modo mais ou menos diverso, segundo os logares em que é fallada.

Lembraremos ao leitor não glottologo alguns exemplos dos casos *a, b* e *c*.

a) O hispanhol não tem vogaes nasaes, que encontramos nas linguas aparentadas portuguesa e francesa; aquella lingua possue os sons representados por *j* em *mujer* e *c* em *nación,* que faltam naquellas outras duas linguas neo-latinas, e não distingue *b* e *v*. Em fallares portugueses do norte do país ha o som *tch* (em *chumbo, chapa,* etc.), objecto de zombaria para

o sul, mas que se encontra tambem em hispanhol, italiano, etc. (ainda que de origem diversa). Faltam nas linguas romanicas da nossa peninsula as vogaes palataes que nos offerece a francesa, representadas por *u* e *eu* (*pure; eux, leur*).

O som *f* era originariamente extranho ao basco, como *p* o foi durante um periodo, sem duvida longo, ás linguas celticas, encontrando-se em irlandês só em palavras recebidas doutros idiomas.

Nas linguas dos hottentotes e dos buchimanos ha uns sons especiaes, que os ingleses chamam *clicks* e foram designados tambem pelo termo grego *poppysmas,* os quaes são independentes da respiração (alguns classificaram-nos aliás de inspiratorios). Temos em verdade o habito da producção dalguns desses sons como interjeições, para instigar animaes, exprimir a satisfação, etc., porém não como elementos da linguagem propriamente dita, emquanto nas referidas linguas se empregam com esse valor (1).

b) Varios grupos consonantaes que se encontravam em latim, como *nct* (em *junctus, punctum,* etc.) não apparecem (salvo na graphia) nas linguas romanicas.

Ha linguas, como o hawaiano, que não admittem grupos de consoantes; o maratha não apresenta duas consoantes distinctas a seguir, excepto se uma é *y* ou *w* e algumas vezes *r* ou *h*. Ao contrario, o allemão é abundante em grupos consonantaes, como *ngs, ntl, rgt, gst*.

Entram ainda nesta categoria factos como os seguintes. Muitas linguas não admittem *r* inicial. Em grego antigo as unicas consoantes que occorriam no fim das palavras eram ν, ρ, σ. O latim consentia nesse logar *c, t, d, b, m, n, r, l, s*. O italiano não apresenta *s* final.

c) Em hebreu distinguem-se vogaes longas, breves e brevissimas. O grego e o latim distinguiam breves e longas e a

---

(1) Sobre as differenças semelhantes ás citadas, vid. Aug. Friedr. Pott, *Etymologische Forschungen*, II², 1 Abtheil. (Lemgo, 1861), pagg. 36-73; Max Müller, *Lectures on the Science of Language*. II (1864), 160-170. Veja-se a exposição dos systemas phoneticos dos diversos typos de linguas em Friedrich Müller, *Grundriss der Sprachwissenschaft* (Wien, 1876-1888), obra de que não chegaram a saír os promettidos complementos em consequencia do deploravel fallecimento do auctor em 1898. Sobre os *poppysmas*, vid. F. Techmer, *Phonetik* (Leipzig, 1880), I, 63-4. A producção dos poppysmas nas linguas dos referidos povos da Africa austral deu aos nossos navegadores a impressão de que elles fallavam soluçando. Vid., p. ex., Damião de Goes, *Chronica de D. Manoel,* parte I, cap. 35. Latino Coelho, *Vasco da Gama,* II, 60 e n.

metrica dessas linguas era fundada sobre tal distincção, para que nós, como os gregos modernos, temos muito pouco sentido. Em grego havia dependencia entre o logar do accento e a quantidade da ultima syllaba, emquanto em latim esse logar dependia da quantidade da penultima.

d) O que provisoriamente chamamos orientação geral da pronuncia carece de ser explanado miudamente.

II

S. Isidoro de Sevilha distinguiu linguas predominantemente *gutturaes,* ou *palataes* ou *dentaes:* «Omnes autem Orientis gentes in gutture linguam et verba collidunt: sicut Hebraei et Syri. Omnes mediterraneae gentes in palato sermones feriunt: sicut Graeci et Asiani. Omnes occidentis gentes verba in dentibus frangunt: sicut Itali et Hispani» (1).

Deixando de lado a questão do rigor dessa caracteristica, ha nella que aproveitar a ideia da orientação no systema phonetico duma lingua, ideia que, obscuramente formada e formulada até ao nosso seculo, começou apenas ha alguns annos a ser objecto de cuidadosa investigação da parte dos especialistas.

No seculo passado o grammatico francês Du Marsais fallava, na *Encyclopédie méthodique,* da «manière particulière de faire agir les organes», na pronuncia, segundo os povos, raça, clima e habito. «Os allemães, dizia elle, não podem distinguir o *z* do *s*... têem difficuldade em pronunciar os *ll* molhados; dizem *file* em vez de *fille*. Esses *ll* molhados são tambem muito difficeis de pronunciar para as pessoas nascidas em Paris, as quaes os mudam em *l* molhado fraco e dizem *Versayes* em vez de *Versailles*. Os flamengos têem muita difficuldade em pronunciar a consoante *j*.»

«Os dialectos, escreveu Novalis, e pronunciações são, em grosso, formados por consoantes e vogaes: linguas labiaes, alveolares, gutturaes, linguaes, dentaes, nasaes, etc. Linguas ha que se pronunciam sobre a base de *e, o, a, i*. Assim tem cada homem a sua vogal predominante. E' o mesmo que na Musica: cada peça musical tem o seu tom fundamental, e tambem o seu thema» (2).

---

(1) S. Isidori Hispalensis, *Originum sive Etymologiarum* liber IX, cap. I.

(2) Novalis, apud Pott, *ob. cit.,* pag. 14.

*

Estamos ainda no dominio duma vaga intuição, que se exprime aqui de modo poetico. Outras observações analogas, a que falta o rigor scientifico se encontram noutros auctores posteriores, até que Sievers tocou, pela primeira vez, se não nos enganamos, num ponto capital da questão, pondo em relevo a necessidade de attentar bem no grau em que os labios são activos, ao fazer observações phoneticas: «Limitando-nos aqui a um exemplo, dizia elle, assenta o caracter especial do timbre do vocalismo inglês na diminuta participação dos labios ao formar os phonemas (sendo na Inglaterra até uma regra de fina pronuncia mover o menos possivel os labios ao fallar)» (1).

Noutro passo insistia o mesmo auctor no principio caracteristico do systema vocalico de cada dialecto, de cada lingua: «Taes principios são, por exemplo, a mais forte ou mais fraca participação dos labios, os differentes graus de nasalização. Além disso entra na mesma categoria uma posição divergente da lingua, que se extende a todas as vogaes do systema e que provavelmente resulta de differenças na posição de repoiso da lingua. Quando eu, allemão do centro, tento fallar um dialecto cerrado do norte, devo uma vez por todas retrahir e alargar um tanto a lingua; logo que achei a posição exacta, de certo modo a *base das operações,* e sei sustentá-la na alternação dos differentes phonemas, seguem por si mesmas as diversas colorações phoneticas do dialecto. Se accrescento a esse modo de articulação a tendencia da lingua para articulação cerebral, com posição passiva dos labios, alcanço sem esforço a base da pronuncia do inglês. Mas ainda menores distincções têem muito notavel influencia no caracter da lingua. No dialecto da Hesse inferior, que fallo correntemente, a lingua articula sem energia e com a menor tensão possivel de todas as suas partes; a articulação laryngea é tambem pouco energica. Ao contrario para attingir o perfeito caracter de timbre do dialecto saxonio (abstrahindo naturalmente das differenças do systema phonetico), deve a lingua mover-se com força e a larynge articular energicamente com pressão expiratoria forte» (2).

Ainda a proposito do inglês, nota Sievers uma compensação no que póde chamar-se o systema geral de articulação: «O

---

(1) Eduard Sievers, *Grundzüge der Lautphysiologie* [1] (Leipzig, 1876), pag. 12.

(2) Idem, *ibid.*, pagg. 49-50.

que nessa lingua se poupa em actividade dos labios é compensado pela actividade augmentada da lingua» (1).

Reproduzimos as passagens de Sievers, seguindo a primeira edição dos seus *Elementos de phonetica,* pelo interesse historico que offerecem. Na quarta edição (Leipzig, 1893), que tambem temos presente e está aqui um tanto modificada, acceita Sievers a expressão *base de articulação,* que foi primeiro empregada por Felix Franck (2), em vez de *base de operação* e quando falla da pronuncia do inglês diz «articulação supradental» em vez de «articulação cerebral;» intercala, demais, a seguinte observação: «Muitas linguas caracterisam-se pela posição baixa da larynge e pela tendencia, correlaccionada com essa posição, para puxar para trás toda a massa da lingua, portanto para gutturalizar todos os sons, emquanto outras (entre as quaes as que têem posição elevada da larynge) são pronunciadas anteriormente na boca» (3).

Sweet, observa Storm (4) revelou vista penetrante na economia da linguagem com aquellas observações. Deve lembrar-se que Brücke (5) notara na pronuncia do inglês «uma grande abertura dos labios», mas attribuira-lhe um effeito sobre as vogaes opposto ao que realmente exerce. Além disso Sweet põe, em vez da «abertura dos labios» de Brücke, «ausencia de protracção dos labios» (rather absence of *lip pouting*): doutro modo a acção dos labios parece ser tão pronunciada em inglês como nas outras linguas (6).

Em 1880 fazia Techmer as seguintes observações sobre a indifferença na posição dos orgãos da palavra: «A *absoluta physiologica,* que tivemos o cuidado de descrever para os differentes orgãos articulantes, dá-se quando os orgãos da linguagem estão inteiramente em repoiso; é de certo modo o seu domicilio. A indifferença *relativa,* a base de operação das forças em campanha, que póde ser diversa segundo a nacionalidade e o habito, é a posição media que os orgãos

---

(1) Idem, *ibid.*, pag. 45.

(2) Felix Franck, *Die praktische Spracherlernung* (Heilbronn, 1884), pag. 18. O mesmo cita um artigo de Scherer sobre «a posição activa e passiva de indifferença dos orgãos da voz»; poderia ter citado tambem F. Techmer, *Phonetik,* 1, 51-53; vid. abaixo.

(3) Eduard Sievers, *ob. cit.,* 4.ª ed. (Leipzig, 1893), §§ 271-272, pagg. 105-106.

(4) Johan Storm, *Englische Philologie,* 1 (Heilbronn, 1881), pag. 32.

(5) Brücke, *Grundzüge der Physiologie und Systematik der Sprachlaute,* 2.ª ed. (Wien, 1876).

(6) Storm, *ob. cit.*, pag. 21.

se esforçam por conservar durante a sua acção e da qual elles podem realisar as diversas articulações do modo relativamente mais commodo. E' ella que fórma o ponto de união entre as vogaes e consoantes indifferentes. Nenhum dos orgãos essenciaes expiratorios, como dos articulantes, permanece em indifferença absoluta, na producção de qualquer som de conveniente energia, pelo menos tanto quanto m'o permittem affirmar as minhas observações stomato-, rhino- e laryngoscopicas» (1). Techmer chama *articulação* todo desvio da posição de indifferença absoluta: um som, vogal ou consoante, é pois o resultado duma combinação de numerosas articulações.

Sweet descreveu do modo seguinte as peculiaridades do que elle chama «a base organica (=base de articulação de Franck)», de que depende o caracter geral da falla inglesa:

«A lingua alarga-se, achata-se, é retrahida dos dentes (que difficilmente toca) e a sua parte anterior faz-se concava, o que dá um som baço, especialmente apreciavel em *l*.

«Os sons arredondados (labiaes), como *w, uw* em «who», são formados sem protracção nenhuma dos labios.

«Nas vogaes não arredondadas, como *aa, i,* os labios têem posição passiva, neutral. Na formação das vogaes anteriores (*front vowels*), como *i, e,* não ha abertura ou alargamento dos cantos da boca, pelo qual se faz noutras linguas claro o som dessas vogaes» (2).

Nos livros sobre pronuncia de linguas, concebidos scientificamente, é hoje um capitulo ou paragrapho necessario o consagrado á descripção da base de articulação: encontramo-lo nos bem conhecidos manuaes de Wilhelm Vietor, Franz Beyer e Paul Passy (3).

Comparando a segunda e a terceira edição, que temos presentes, do livro de Vietor, vemos que este phonetico fez algumas modificações na sua primeira exposição, ao que parece sob a influencia de Sweet, no que respeita ao inglês,

---

(1) Techmer, *ob. cit.*, pagg. 51-52, que faz referencia tambem a Scherer, cujas obras glottologicas não temos á mão.

(2) Henry Sweet, *A Primer of Spoken English* (Oxford, 1890), pag. 4.

(3) Wilhelm Vietor, *Elemente der Phonetik und Orthoepie des Deutschen, Englischen und Französischen*, §§ 27-29, 2.ª ed. Heilbronn, 1887, pagg. 192-193; 3.ª ed., Leipzig, 1894, pagg. 263-65; Franz Beyer, *Französischen Phonetik* (Cöthen, 1888), pagg. 54-57; Idem et Paul Passy, *Elementarbuch des gesprochen Französisch* (ibid., 1893), pagg. 82-3.

renovando, ainda que de modo interrogativo, a observação de Brücke ácerca da pouca elevação da larynge na pronuncia dessa lingua.

Vietor nota que uma base geral de articulação para a lingua allemã é apenas quasi uma arriscada abstracção, pois os dialectos se afastam muito tambem nesse ponto uns dos outros; e que o mesmo vale relativamente ao inglês e ao francês. Em todo o caso é possivel indicar por alguns traços caracteristicos a differença entre a base de articulação do inglês ou do francês e do allemão. Segundo elle, o modo de articulação inglesa distingue-se do da allemã, em geral, pelas seguintes particularidades. Abaixa-se, retrahe-se e alarga-se a lingua, com tendencia para formar concavidade na sua parte anterior. A mandibula avança um pouco. Os labios contribuem pouco para a formação dos sons; são arredondados medianamente, mas nem arregaçados (*vorstülpt*), nem apreciavelmente desviados (vale como regra precisamente mover o menos possivel os labios); a boca é apenas medianamente aberta. A larynge está em posição baixa (?) e a voz tem um timbre obscuro, quasi baço e pouca modulação. As consequencias desta articulação, que a um allemão se afigura indolente e indeterminada, são a falta de vogaes indubitavelmente *estreitas* (enge) e de vogaes palataes arredondadas em frente do desenvolvimento de vogaes *mixtas;* a falta de consoantes *estreitas,* assim como de dentaes verdadeiras, sons *dt* e *ʒs,* emquanto *dt* se aproxima de *gk* e *sh* retrocede para o dominio palatal; o timbre baço particularmente de *l,* etc. O modo de articulação francesa afasta-se da allemã em direcção opposta. A lingua tende para articulação protrahida, estreita, determinada. A actividade dos labios é pronunciada e manifesta-se parte em arredondamento, arregaçamento (*Vorstülpen,* traduzido á lettra), ou em afastamento dos labios, parte em abertura energica da boca. Com posição elevada da larynge (?), soa a voz clara e nitida; a modulação deixa apreciar os intervallos de modo relativamente distincto. A expiração é mais regular que em allemão e inglês e tende para *crescendo.* Dahi resultam a falta de vogaes *largas,* particularmente de sons *u–*, *i–* e *ü* largos e de consoantes da mesma natureza; sons *dt* e *ʒs* dentaes (com distincção nitida entre os sons *dt* e *gk*); *n* palatal em vez de guttural, etc. E' uma particularidade do francês a nasalização frequente das vogaes por falta de encerramento da passagem para as fossas nasaes pelo veu palatino. Beyer e Passy notam ainda, no que distingue o modo de articulação do francês com relação ao do allemão, forte tensão muscular

(em geral) e passagem rapida dos orgãos duma posição para outra.

Vê-se das modificações, aperfeiçoamentos da descripção da base da articulação das linguas referidas, especialmente do inglês, que essa base não é perfeitamente obvia, de facil apreciação; todavia a experiencia prova que muitos individuos, que querem fallar uma lingua extrangeira, dar uma coloração dialectal á sua pronuncia, attingem mais ou menos aproximadamente e até ás vezes de modo completo a respectiva base de articulação. Observa-se isso nos gaiatos e actores que querem imitar a pronuncia inglesa (até pronunciando palavras portuguesas), o fallar aldeão, etc. Dá-se nesses casos um trabalho puramente de imitação, desacompanhada de qualquer regra, como na acquisição primaria da lingua materna.

III

N. Krusewski enunciou os seguintes principios:

«1. Todo o systema phonetico dum certo individuo deve ser sempre quasi homogeneo.

«2. O systema phonetico de todos os individuos duma mesma epoca e que fallam um mesmo dialecto deve ser quasi homogeneo.

«Por outras palavras:

«1. Na lingua dum certo individuo não podem em eguaes circumstancias apparecer uma vez taes sons, outra vez taes outros.

«2. Na lingua dum certo individuo não podem apparecer sons que não existam na lingua doutros individuos da mesma epoca e que fallam o mesmo dialecto» (1).

Esses principios correlacionam-se com a questão geral da chamada infallibilidade das leis phoneticas, que não nos propomos discutir aqui, e com o conceito da base de articulação. A homogeneidade phonetica na lingua do individuo depende em parte consideravel da continuidade ou permanencia da base articulatoria e na lingua do grupo social da identidade dessa base entre os seus membros.

Krusewski repetiu a observação, que já outros tinham feito, de que em cada lingua ha uma *harmonia determinada do sys-*

---

(1) N. Krusewski, *Principien der Sprachentwickelung* em *Internationale Zeitschrift für allgemeine Sprachwissenschaft,* II (1885), pagg. 262-63.

tema phonetico. Hermann Paul, por exemplo, dissera: «Ha em todas as linguas uma certa harmonia do systema phonetico. Vê-se dahi que a direcção segundo a qual um som se desvia, deve ser condicionada pela direcção dos outros sons» (1). Krusewski exemplificou com o facto de que em allemão não é só acompanhado o som surdo *k* em certas circumstancias duma especie de aspiração, mas uma serie inteira de explosivas surdas *k, t, p*. A indolencia dos movimentos dos labios que dá o seu caracter ao systema vocalico do polaco, emquanto o russo se distingue pelos movimentos relativamente vivos dos labios, entra no dominio do que se chama base da articulação. Krusewski não quis examinar a questão da causa da harmonia do systema phonetico, contentando-se com fazer referencia a Sievers. «Ainda menos, disse a esse respeito o glottologo russo, investigarei aqui se a harmonia do systema phonetico depende das particularidades da posição de indifferença (base articulatoria) dos orgãos da linguagem, como Sievers pretende, ou se de muitas outras causas» (2).

P. Passy nota tambem a uniformidade de tendencias que se acha no desenvolvimento symetrico de sons ou grupos de sons analogos. Se, num dialecto, o som *u,* em certas condições, se mudou em *y* (*u* francês) é muito provavel que *o,* nas mesmas condições, se mudasse em *ö* (*eu* francês em *peu*). Se um allemão diz *zis* por *süss* é natural que diga *schen* por *schön*. Mas não deve tomar-se essa symetria do desenvolvimento como lei absoluta, porque ella é limitada frequentemente por outras influencias. Assim emquanto a assimilação, em antigo francês, mudou *d* (post-dental) intervocalico em *d* interdental (*th* do inglês *then*), depois fê-lo desapparecer inteiramente (*crudelem* mudou-se em *cruel*); nas mesmas circumstancias *b* tornou-se *w* (como muitas vezes em hispanhol *escribir*), mas esta ultima consoante reforçou-se em *v* (*fabam—fève*) (3).

Essa symetria de desenvolvimento dos sons, continúa Passy, chega naturalmente a dar a cada lingua um systema phonetico bastante regular de que resulta tambem uma *base de articulação* uniforme, isto é, um conjuncto de principios, segundo os quaes são formados os sons da linguagem.

---

(1) H. Paul, *Principien der Sprachgeschichte*, 1.ª ed. (Halle, 1880), pag. 49 e seg.; 2.ª ed. (1886), pag. 54; 3.ª ed. (1898), pag. 54.

(2) N. Krusewski, *ob. cit.*, pag. 263.

(3) Paul Passy, *E'tude sur les changements phonétiques* (Paris, 1891), pagg. 244-45.

Outros dizem, ao contrario de Passy, que da *base de articulação* é que depende a regularidade ou harmonia do systema phonetico. Não póde tratar-se aqui duma questão de anterioridade, realmente: a base articulatoria não existiu um só momento independente do systema phonetico, nem o systema phonetico existiu um só momento independente da base de articulação. Póde legitimamente suppôr-se que a evolução duma acompanha a evolução do outro.

Paul Passy insiste em que a symetria no desenvolvimento dos sons e a uniformidade de articulação nunca é completa: comporta singulares excepções. Em português, exemplifica elle, as explosivas linguaes são interdentaes (lingua protrahida), mas a nasal correspondente é *n* (com a lingua mais retrahida) e *l* guttural; sem duvida porque assim essas consoantes se distinguem melhor pelo seu timbre grave de *nh* e *lh*. Em inglês, a existencia de sons linguo-dentaes como *th* em *thin* e *th* em *that* parece inteiramente contraria ao conjuncto do systema (retracção da lingua, etc.); mas a mudança de *th* surdo em *s, t,* fazia perder uma multidão de palavras distinctivas, e a necessidade de se fazer comprehender triumphou das tendencias organicas (1).

Esses factos mostram (o que outros comprovam) que não podem explicar-se todas as particularidades dum systema phonetico pela base de articulação e que a harmonia dos seus elementos não é completa. E' pois exaggerado o que alguns auctores escreveram em sentido contrario.

«Nos desenvolvimentos relativos á producção dos sons articulados, diz G. H. de Meyer, afastei-me do methodo ordinario, por isso que não procurei, para ponto de partida duma classificação physiologica, a serie dos sons conhecidos das diversas linguas. Tratei antes, partindo da estructura dos orgãos da voz, de revistar toda a serie de sons possiveis. Julgo ter traçado um quadro em que podem ser dispostos facilmente todos os sons articulados conhecidos ou por conhecer.

«O caminho que segui leva egualmente a estabelecer os laços de parentesco, as affinidades que existem entre os sons articulados. Partindo desse ponto de vista, póde chegar-se tambem a determinar, para uma lingua dada e apenas pelo modo por que se acham nella modificados os sons da lingua

---

(1) P. Passy, *ob. cit.*, pag. 245.

mãe, qual o traço caracteristico que se manifesta no emprego dos orgãos da palavra (a pronuncia)» (1).

O processo, apparentemente deductivo, seguido por esse auctor na construcção dum systema phonetico geral, é possivel, porque se possuem dados de inducção que se completam generalizando. Emquanto ao segundo ponto, — a determinação do «traço caracteristico que se manifesta no emprego dos orgãos da palavra», o qual é, sem duvida o mesmo que se definiu como base da articulação, pena é que o auctor não tentasse exemplificar o processo deductivo que indica; afigura-se-nos todavia que, no estado actual dos nossos conhecimentos, o resultado seria muito pouco seguro e que, demais, não dependendo tudo, nas transformações duma lingua, daquella base, esse methodo produziria, pelo menos nalguns casos, affirmações contradictorias. Num dominio em que tanto nos falta que deve ser estabelecido pela inducção, é realmente arriscado confiarmo-nos á deducção.

Fica como simples possibilidade o objecto da aspiração de Techmer: «E' de esperar que se chegue á determinação dos sons desconhecidos que faltam numa lingua morta, como *x*, *y*, *z*... de equações, quando fôr dado sómente o necessario numero de grandezas e suas equações, isto é, de sons e suas relações» (2).

IV

Tem-se procurado explicar os phenomenos de que fizemos menção: as differenças entre os systemas phoneticos das diversas linguas e dialectos. Invocaram-se, nesse intuito, entre outras causas, differenças na constituição anatomica dos orgãos respectivos da palavra.

«Não só a escolha dos sons em geral, que a lingua dum povo determinado aproveita, escreveu Hermann Lotze, póde provir de particularidades finas na estructura de seus orgãos da falla, as quaes em parte não devem ser independentes das condições climatericas — observamos por exemplo uma preferencia muito espalhada dos povos da montanha pelos sons

---

(1) G. H. v. Meyer, *Les organes de la parole* (*Bibl. scient. internat.*, vol. L, Paris, 1885), pag. XXIV.

(2) F. Techmer, *Phonetik*, I, 51-52. Sobre o methodo na determinação do systema geral phonetico, vid. esta obra, I, 59 e segg. (§ 24) e a nota 5 desse § (pag. 164), em que se faz referencia a G. H. v. Meyer.

asperos palataes e nos povos insulares tendencia para as consoantes dentaes;—mas tambem as modificações das vogaes e das consoantes na flexão provoçam a hypothese duma base organica que as condiciona, pelo menos em parte. Mas será muito difficil determinar a natureza della. Já offerece duvidas a questão se o movel dessas modificações phoneticas é *acustico* ou *phonetico,* isto é, se ellas se produzem para offerecer ao ouvido equilibrio na repartição e successão de sons difficeis e faceis, agradavel e concorde com a accentuação, de modo que a palavra completa seja exposta á audição como uma fórma em si bem distincta e articulada; ou se antes a commodidade dos orgãos da voz, que não passam egualmente sem constrangimento de tal posição para tal outra e não podem repetir muitas vezes tal movimento depois de tal outro, leva principalmente a tornar os sons de facil pronuncia» (1).

O illustre philosopho, não se baseia, vê-se, na questão, em material inductivo; até o que elle diz da influencia do clima da montanha e das ilhas não está verificado, como notou Pott.

Ouçamos agora um dos chorypheus da escola chamada dos neo-grammaticos, Hermann Osthoff:

«Quando dois individuos A e B se comportam distinctamente com relação á pronuncia dum som ou, mais exactamente, á capacidade para essa pronuncia, a mais obvia explicação que se apresenta ao juiz despreconceituado é que esse facto provém duma differença dos orgãos da linguagem que torna possivel a A alguma coisa de que B não é capaz, ou inversamente. O mesmo deve dar-se exactamente entre dois povos: se um povo ou um dialecto A não produz um som *x* ou só o produz com muita difficuldade, emquanto o povo ou respectivamente o dialecto B o pronuncia com facilidade, resulta isso, com toda a certeza, sobretudo duma estructura differente dos orgãos da linguagem.» Mas o citado auctor accrescenta logo: «A differença de capacidade organica póde ser vencida pelo exercicio: o individuo A consegue por esse modo apprender a pronunciar o que no começo lhe offerecia difficuldade; o povo A apprende por exercicio pouco e pouco a lingua do povo B que primeiro lhe era extranha...»

Osthoff admitte demais modificações successivas nos orgãos da palavra, dando naturalmente em resultado alterações pho-

---

(1) Hermann Lotze, *Mikrokosmos,* II, 223, apud Pott, *ob. cit.*, II, 1 Abtheil., pag. 48.

neticas: «Exactamente á mesma circumstancia, differença dos orgãos da linguagem, se deve attribuir com evidencia que um mesmo povo, em dois pontos distinctos do desenvolvimento historico da sua lingua, se comporta de modo diverso com relação á pronuncia dum mesmo som. Chegamos aqui immediatamente á conclusão: uma differenciação produzida, isto é, simples mudança nos orgãos da linguagem é em geral a causa propria da modificação historica dos sons duma lingua» (1).

Porque razão, admittindo Osthoff que o exercicio póde vencer os obstaculos que, na acquisição dum systema phonetico diverso do proprio, levantam as particularidades de estructura dos orgãos da falla, não admittiu, que podem dar-se no decurso da vida historica dum povo variações puramente funccionaes, que produzam um resultado similar—a pronuncia de sons que esse povo anteriormente não pronunciava e que lhe seria até muito difficil pronunciar? O quadro das hypotheses (porque Osthoff estava no campo da pura hypothese) ficou incompleto.

Referindo-se ás differenças nos systemas phoneticos das linguas, disse Techmer que não podia de antemão julgar-se até que ponto ellas se baseiam em differenças anatomicas e cita uma passagem de Diefenbach (*Vökerkunde,* pag. 40) em que este investigador escreveu o seguinte: «Em geral têem-se estudado com minudencia anatomica os orgãos da falla, mas, que saibamos, ainda não com respeito á distincção das raças humanas, comquanto esta sem duvida deva ser sobretudo fundada anatomicamente.» Techmer accrescentou: «Creio tambem numa relação reciproca entre som e orgãos da falla, mas até que as differenças dos ultimos sejam determinadas anatomicamente, não me atrevo a subscrever todas as proposições que Osthoff enunciou.» Essas proposições são as que transcrevemos acima (2).

K. Penka viu a causa duma parte das differenças das leis phoneticas das linguas indoeuropeas numa differença ethnologica original, que dependeria, segundo elle, duma differença anthropologica dos orgãos da voz e da falla nas diversas raças. «Falta-nos ainda hoje, em verdade, uma anatomia e physiologia dos orgãos da falla das diversas raças, mas os trabalhos preliminares que já existem nesse dominio depõem a favor

---

(1) Hermann Osthoff, *Das physiologische und psychologische Moment in der sprachlichen Formenbildung* (*Samml. gemeinverstl. Vorträge,* XIV Serie, Heft 327, Berlin, 1879), pagg. 15-6.

(2) F. Techmer, *ob. cit.,* I, 174.

daquella presumpção de modo decisivo. Assim G. D. Gibb mostrou que a estructura da larynge é essencialmente distincta dos negros para os brancos» (1).

Techmer, numa noticia critica do livro de Penka affirmou ter examinado, sem duvida só macroscopicamente, isto é, em grosso e no todo, superficialmente, e comparado emquanto á sua estructura anatomica e disposições physiologicas centos de orgãos da falla que pertenciam aos mais diversos individuos, dialectos, linguas, familias de linguas, e haver chegado á convicção de que as causas das alterações phoneticas devem ser procuradas muito mais em differenças psychicas do que physicas; que as observações pathologicas mostram que em todo o caso se tem exaggerado a differença physica dos orgãos externos da falla (2).

Alguns auctores referem-se a differenças nesses orgãos como causa de differenciação phonetica, mas no sentido, em verdade, de differenças funccionaes, de habitos de pronuncia. Assim M. Bréal, num artigo em que defende o principio de que «é na intelligencia, no cerebro, que deve procurar-se a causa primaria das alterações phoneticas», menciona o facto de que a substituição das consoantes nas linguas germanicas, que se chama (em allemão) *Lautverschiebung,* durou toda a idade media, como se vê do modo por que as palavras latinas são escriptas em allemão e dura ainda, como é facil de notar, ouvindo um bavaro ou um württembergês fallar a lingua francesa e affirma que desta vez são, em verdade, os orgãos a causa da transformação, mas accrescenta: «Habituados pelo uso da lingua allemã a certo modo de pronunciar as explosivas, elles (os bavaros e württembergeses) transportam a mesma pronuncia para as outras linguas.» A primeira *Lautverschiebung* teria resultado, segundo o mesmo eminente professor, de que um povo allogeno, adoptando uma lingua indo-europea, haveria trazido para ella os habitos da sua pronuncia nativa. «A segunda substituição de consoantes, (continúa o mesmo auctor), que, como se sabe, sobe do sul da Allemanha para o norte, corresponde provavelmente a um novo affluxo de população extrangeira—digamos, para fixar ideias e sem pretender garantir coisa nenhuma, de população finnica—, que, applicando os mesmos habitos de pronuncia a um idioma

---

(1) K. Penka, *Origines ariacae* (Wien, 1883), pag. 148 seg. 150.
(2) F. Techmer em *Internationale Zeitschrift für allgemeine Sprachwissenschaft,* IV, 281.

já transposto uma primeira vez, deslocou as consoantes um novo grau, mas sempre no mesmo sentido» (1).

Esses habitos de pronuncia são o mesmo que Ascoli chamou «predispozioni orali» e a que recorreu para explicar certos factos das linguas romanicas (2). A existencia de taes habitos ou predisposições, caracteristicas dos diversos povos e dialectos, é evidente e começamos por nos referir aqui a ellas e citámos investigações com que se tem buscado definí-las, pelo menos em parte: das applicações que Bréal, Ascoli e outros fizeram desse principio temos que abstrahir neste logar; o que nos interessa agora é a questão se taes habitos dependem ou não de particularidades anatomicas e até que ponto dependem. Essa questão é uma das varias em que a anthropologia e a glottologia se encontram e devem auxiliar mutuamente. Encontrámo-la ha muitos annos, procurando esclarecer o nosso espirito pelo que respeita aos diversos factores da formação e transformação das linguas; infelizmente muito pouco respigámos na litteratura anthropologica e glottologica que pudesse permittir-nos uma solução do problema. Os glottologos não vão, em regra, além das proposições geraes que transcrevemos ou doutras analogas; os anthropologos não se occuparam do assumpto de modo especial, salvo com relação a um ou outro ponto; pelo menos o que daquella litteratura conhecemos, na medida dos nossos recursos bibliographicos pessoaes e dos que nos ministram as bibliothecas publicas de Lisboa, além de proposições geraes, como as que já reproduzimos, só nos ministrou factos escassos e dispersos e argumentos indirectos, que reunimos cuidadosamente.

Numa obra importante sobre as transformações phoneticas, em que esperavamos encontrar alguma coisa determinada sobre a questão, deparou-se-nos apenas o seguinte, que, dados os estudos especiaes do auctor, o meio scientifico em que trabalhava e trabalha, com recursos de estudo ricos e variados, devia representar o estado dos conhecimentos no anno em que essa obra foi publicada.

As tendencias phoneticas derivam de tres ordens de influencias: *internas,* que provêem da natureza dos sentimentos

---

(1) Michel Bréal, *Les lois phoniques* em *Revue scientifique,* 4.ª série, tome VIII, n.º 2, 10 juillet 1897.

(2) G. J. Ascoli, *Una lettera glottologica. Publicata nell'occasione che raccoglievasi in Berlino il quinto Congresso internazionale degli Orientalisti.* Torino, 1881 (Estratto della *Rivista di Filologia e d'Istruzione Classica,* annata X, fasc. 1), pag. 18.

que nos animam quando fallamos; *externas,* provenientes das circumstancias, do meio em que vivemos; e ethnologicas. Estas têem causas complexas. Com relação a essa ultima ordem de influencias é permittido pensar que os orgãos da palavra differem duma raça de homens para outra, exactamente como as outras partes do corpo, e que essas differenças devem naturalmente predispôr cada povo para tal ou tal mudança phonetica, mais do que para outra. Qual é em rigor o papel dessas *influencias ethnologicas* no desenvolvimento da linguagem? E' difficil dizê-lo. E' certo que as creanças duma raça qualquer, ensinadas a fallar a lingua dum outro povo, apprendem a fallá-la perfeitamente, «como os indigenas», tanto quanto podemos verificá-lo. Mas haverá todavia na sua pronuncia particularidades inapreciaveis para nós, que, transmittindo-se de geração em geração, sem influencia da lingua dos indigenas, produzam desenvolvimento phonetico differente, e parallelo ao da lingua de seus proprios compatriotas? E' o que parece plausivel, mas não poderia affirmar-se (1).

Como se vê, o auctor de que acabamos de expôr as ideias sobre a materia que nos occupa não passa do dominio da conjectura.

Ignoro se o abbade Rousselot, director do laboratorio de phonetica experimental do Collège de France tem feito observações relativas á questão. Não vi ainda nem a sua obra intitulada *Principes de phonétique expérimentale* nem a *Revue internationale de rhinologie, otologie, laryngologie et phonétique expérimentale,* de que elle é um dos redactores; o seu livro *Les modifications phonétiques du langage étudiées dans le patois d'une famille de Cellefrouin* (Paris, 1891) não nos ministra dados sobre o assumpto que presentemente nos interessa.

No livro recentissimo dum anthropologo, J. Deniker, *Les races et les peuples de la terre* (Paris, 1900), em que ha varias paginas especiaes sobre os caracteres linguisticos (pagg. 152-170) e a classificação ethnica se baseia sobre as affinidades linguisticas, sociologicas e geographicas (pagg. 349 e segg.), nesse livro não ha uma palavra sobre as relações dos systemas phoneticos e as differenças anatomicas dos orgãos respectivos.

Na falta dum estudo methodico da questão que ainda ninguem fez, e que não estamos em condições de fazer, talvez

---

(1) Paul Passy, *Étude sur les changements phonétiques* (Paris, 1891), § 600, pag. 246, § 612, pagg. 251-2.

não seja inutil a publicação das nossas notas sobre ella, notas que começámos a reunir quando viviam Pott, Friedrich Müller, Techmer, F. Franck, N. Krusewski, aqui citados, desapparecidos todos em curto espaço: Pott, o Nestor da glottologia, em plena actividade quasi até ao ultimo momento; Friedrich Müller, quando ainda se esperavam de seu vasto saber mais fructos para a sciencia; os outros tres, quando os seus meritos tinham tido apenas tempo de se affirmarem. Pelos seus largos conhecimentos de sciencias naturaes, Techmer estava naturalmente destinado a resolver muitos problemas pendentes no dominio da phonetica. Ha entre os vivos quem continue com muita competencia as investigações em que se distinguiram aquelles illustres extinctos e não temos de nossa parte outro intento mais que relembrar um assumpto que parece um tanto esquecido.

(Continúa).

F. Adolpho Coelho.

NOTAS D'UM PAE

(Cont. do n.º 8, pag. 482)

A Gigi, que não mede as suas fôrças, pula e corre de mais pelo caminho, e, de repente, sem ter cahido, sem se vêr porquê, desata a chorar. Porquê? porque está cançada, coitadinha! e não póde mais. Estas naturezas infantis são assim. Não vêem como as creanças adormecem tambem de repente? Ellas não têem ainda um capital de fôrças a que recorram; e, como succede aos proletarios, menor desequilibrio entre a receita e a despesa prostra-as.

O prazer muscular que têem as creanças! e como elle as embriaga, dando-lhes fumaças de valentonas! Uma, que a mãe leva de passeio num carrinho, onde mal ainda se sustenta sentada, agarra-se toda á bengala que o pae lhe estendeu, puxando por elle com a expressão homerica de quem o vai arrastando.

Oiço a voz da Gigi, olho, e vejo a sua doirada cabeça por cima do parapeito da janella do jardim, que nunca me pareceu tão cheia de luz, porque me entra por ella alguma coisa mais radiosa do que o sol, o seu sorriso.

A observação repetida torna, por assim dizer, corporea a idéa, que, sem a vida activa dos sentidos, é sempre pallida e tende a apagar-se.

O movimento externo auxilia o interno. Domingos, para contar, vai enrolando um papel entre os dedos. «5 e 3?»—3 voltas. «7 e 5?»—5 voltas.

A pratica, sem uma solida instrucção intellectual, persuade enganosamente o homem de que já está habilitado para o serviço. Se já o prestou! Mas mal.

Por isso, quando se escreva ou preleccione de ensino a professores, conte-se pouco com esse publico. Em geral, julgam-se

já sufficientemente instruidos, e, se são do ensino superior, acima de toda a critica. Custa a conquistá-los.

Luctamos com os males reaes, e com os imaginarios não. D'ahi tanta vez temermos mais estes.

«Eu pensava!» dizem continuamente certas pessôas para se desculpar dos seus descuidos. Estão sempre a pensar, e não chegam nunca a pensar em nada.

Quando estamos a explicar-lhes um ponto, é que a certas pessôas lhes dá para pensarem noutro.

Ha pessôas que só têem uma idéa de cada vez, e nunca é a que deviam ter.

As creanças contradizem-nos, aventando, por vezes, absurdos, não porque os pensem, mas para que lh'os refutemos bem. Façamos-lhes, pois, a vontade, sem a minima irritação.

Explicava-me um amigo: F., quando se lhe conta alguma torpeza, não quer nunca acreditar. Imagina que é por bondade? Não! é para obter todas as provas e não ficar havendo duvidas a tal respeito. Simples exigencia intellectual.

Quando rumino uma idéa, qualquer acontecimento ou facto que observe, me aproveita ao seu desenvolvimento, tantos são os vinculos dos seres que uma idéa, em toda a sua intensidade absorvente, põe a descoberto.

Batendo as azas da generalização. A Gigi, tres annos, como quem lê os rabiscos d'um papel: «Rita Machado, Maria Machado, mamã Machado, papá Machado. Tudo Machado!»

Os recursos d'uma pequenita. A Gigi, como se lhe não désse a agua senão morna, por causa d'estar constipada, tirou um prato de cima da mesa, e, despejando nelle a agua, foi-a bebendo assim arrefecida. Occorreu-lhe logo!

A Gigi: «Sem o dedo na bocca não sei dormir.» E, como a mãe lhe explique que fica com o dedinho murcho de o chupar, ella faz-lhe esta concessão: «Então metto outro.» Está claro, assim ficarão todos eguaes.

Pescando nas aguas turvas. A mãe pergunta por um solido que falta na caixa de construcção. «Deixá-lo-hia lá fóra?» E a Gigi, que o que quer, é ir para o jardim, logo: «Vou ver.»

Quantas vezes, expondo um assumpto a contento do mestre e dos condiscipulos, eu ainda mal o dilucidava para mim mesmo! D'ahi mesmo duas conclusões entre as quaes eu oscillava: se não entenderia por vêr mais a fundo o assumpto ou por o não vêr tão claramente. Ambos os casos se dariam. Mas, na dúvida, eu tinha pena de não vêr como toda a gente.

Muita gente, principalmente na mocidade, para praticar um acto que póde ter más consequencias, persuade-se illusoriamente de que é capaz de as evitar, e, depois, para se desculpar de o ter praticado, allega a sua candida presumpção. Como se nisso precisamente não estivesse a sua fraqueza e a sua culpa!

Ha individuos tão levianos, que não dão pelo mal que fazem. Fazem-no sem querer, impulsivamente, e do mesmo modo, esquecidos, veem acto contínuo ter comnosco, como se nada se tivesse passado. Não são pessôas: nem bons nem maus. Ninguem confie nelles para nada, ninguem faça com elles contracto e tome responsabilidades communs. Quando muito, podem ser interessantes, como uma planta ou um sonho.

O Domingos, a rabiscar figuras, que me vai trazendo, em vez de poupar o seu papel, desperdiça-o, e, para fazer uma muito pequenina, inutiliza meia pagina. Eu então digo-lhe: «Não! a gastar tanto papel, não quero.» Ao que elle oppõe: «E' que a Rita deu-me este todo!»

Se ha quem coma ou beba de mais, só por ter o prato ou o copo cheio! «Já agora!» explicam.

Uma das pequenas vai a deitar-me o elixir no copo da agua dos dentes, e deixa cahir demais. Então, vendo o copo muito cheio para poder enfraquecer nelle a solução, como era demais. deita parte fóra! Em vez de repartir por outro copo. E' que foi levada pelo automatismo da primeira idéa.

A Gigi tem uma conta corrente comnosco no livro intimo dos seus desejos. Está claro que o seu credito sôbre nós é tão infinito como a sua phantasia. E não perdôa nada. Se, com

a pressa, lhe esquece assentar algum desejo, logo reclama uma confissão de divida: «Porque é que eu estava a chorar, mamã?» E, sendo preciso, novas lagrimas para nos avivar a memoria.

Ha quem creia tanto no poder do habito, que parece estar convencido de que, pintando-se varias vezes de preto uma pessôa, ella acabará por ficar preta.

Algumas pessôas tanto se deixam arrastar pela corrente dos acontecimentos, que, passando á frente de todos, parecem ser os seus principaes actores. E ellas mesmas se chegam a capacitar d'essa prerogativa.

A preguiça é optimista. Para que um acto seu não seja erroneamente interpretado e se lhe não impute uma intenção hostil, eu digo a um individuo: «Não vá F. julgar mal d'isso.» «Não! elle bem sabe quanto lhe quero» responde-me. E, podendo evitar o equivoco, não se mexe.

Nunca é cedo demais para começar o apprendizado da liberdade.

A vontade em toda a sua plenitude implica uma consciencia que não se attinge logo nos primeiros annos. As creanças ainda mal differençam das outras fôrças a sua propria personalidade; por isso até as personalizam.

D'um politico que commette todas as irregularidades para servir a clientella, diz-se que tem grande poder de vontade; e afinal é o que elle tem menos, porque, em todos os seus actos de fôrça, não passa de fazer a vontade aos outros. Não é um centro emissor de fôrça, mas apenas uma machina de transmissão.

A vontade, onde sobretudo se prova é na lucta paciente pelo bem.

Uma idéa propria, ainda a menos exacta, uma hypothese, por mais architectada que seja no ar, mas nossa, quando não tenha outro valor, tem pelo menos a virtude de nos prender ao assumpto e de no-lo tornar mais pessoal, mais propriamente nosso tambem. Um rapaz, levado da sua idéa, sujeita-se a trabalhos e a fadigas de investigação, que, sem ella, não arrostaria. E afinal não ha nenhuma que não seja fructuosa,

mesmo que se infirme e se tenha de prescrever depois, porque deixa sempre da sua passagem os abençoados fructos da meditação e estudo.

Estamos pacientemente a explicar-nos, discutindo com rapazes, e elles acabam por nos declarar que os não convencemos. Pudera! Como havemos numa simples palestra de supprir a sua deficiencia e falta de estudo? A ignorancia é tambem incapacidade.

As rapidas acquisições do espirito são tambem fugazes. Por isso os alumnos que estudam por atacado, depressa esquecem tudo. O que importa, não são as explosões de esforço, mas a continuidade e persistencia do trabalho. Fortuna, feita á pressa, depressa se dissipa.

A instrucção geral ainda vai sem grande custo na eschola primaria, mas, na secundaria, onde o estudo toma já certa intensidade, é um problema como se ha de apprender tudo que é preciso. A principio, a questão foi entre as lettras e as sciencias; as lettras estavam na posse do ensino, e não queriam dar logar ás suas irmãs mais novas, as sciencias. Depois, a questão passou a travar-se entre as linguas classicas e as linguas vivas, e a solução está longe ainda de encontrar-se.

Não ha combinações e arranjos, não ha transacções possiveis; a questão é mais alta. Falta ás lettras uma ordem didactica como ha para as sciencias. Estudam-se ainda historicamente, e cada vez vai sendo menos possivel consultar todos os antigos documentos litterarios mais ou menos importantes. E' preciso constituir com os factos de ordem espiritual, idéas, sentimentos e aspirações, consignadas nessas obras, um corpo de doutrina, como é a physica ou a physiologia, por exemplo, para as sciencias,—corpo de doutrina, que será a verdadeira psychologia—, reduzindo o estudo directo dos textos ao estrictamente indispensavel.

Se ha toda a vantagem em ler nos grandes mestres as passadas theorias, não é por elles que se começa a estudar as sciencias; e ainda é pela lição dos auctores que se apprendem as lettras. Bem sei que ha differenças profundas. A's obras litterarias vão-se buscar os proprios instrumentos do espirito, as linguas. Mas não se acredite que ellas possam dispensar o uso pessoal da linguagem na pratica ordinaria

da vida. O principal, o fundamental, é que se faça uma forte vida espiritual, o que, diga-se de passagem, mal se logrará, emquanto a eschola estiver tão separada da sociedade. Os auctores apenas poderão descobrir-nos aquillo que já tivermos começado a entrever por nós mesmos. As lettras, como as sciencias, senão mais ainda, hão de ser vivídas; e jámais se espere iniciar alguem só pelos livros na alma das civilizações. Quantos lettrados, cheios de leituras, andam ás aranhas neste mundo! O polyglotismo mesmo de muitas pessôas só serve para ellas exprimirem a sua ignorancia em varias linguas.

E note-se que tão necessario é metter na instrucção geral as sciencias como as artes e as industrias, e quanto urge pois caminhar.

Os ditos das creanças trazem-nos sempre em festa. Não ha aborrecimento de que nos não desenruguem.

Que arte ha para o povo? quasi só as festas e romarias de egreja.

Com o progresso da civilização, não só aos pobres vai sendo dado adornar as suas casas com estatuetas, photographias, com uma cortina para a janella e com uma passadeira para a escada, mas a arte entra-lhes a porta na sua encarnação mais bella, a figura humana viva. São elles proprios que tornam o interior domestico cada vez mais grato pela delicadeza do coração e pela polidez da linguagem e das maneiras. E é principalmente a mulher quem opéra esta aristocratização esthetica dos mais modestos lares. Exemplo saliente: a mulher suissa.

Sabem o que é a garridice dos velhos? E' um reflexo risonho da primaveril juventude dos filhos. São elles que nos fazem bonitos. Um dia um dos rapazes traz-nos uma gravata toda cheia de frescura e logo a irmã corre a atar-no-la ao pescoço com o laço mais elegante. Outro dia... Vêem-me com esta margarida? Presente da Gigi. Quando eu estava já prompto para sahir, veiu para mim: «Põe ao peito, aqui.» E, como eu ainda me sentasse á banca, a tirar uns ultimos apontamentos, poz-m'a ella mesma na lapella do casaco. Vamos sendo a obra dos nossos filhos, sobretudo das filhas. E não só nos prestamos com delicia aos seus mimos, mas até dissimuladamente fazemos por nos ajanotar para lhes agradarmos. Por amor d'elles, re-moçamos.

As creanças mais sentimentaes são frequentemente as que mais jogam com os sentimentos dos outros, tão meigas umas vezes, como, outras vezes, irritantes e molestas. Para verem e experimentarem nos corações. Se é a sua especialidade!

Porque é que tantas senhoras, do melhor gôsto, não têem repugnancia a envolver-se no pó das ruas que vão levantando com a cauda dos seus vestidos? Já não lhes devia parecer pouco ter de pisá-lo!

Não se divirta demais a juventude, que a dissipação do espirito é ainda peor que a do dinheiro e do tempo.

As creanças, como os povos selvagens ou creoulos, das palavras da lingua culta só tomam as syllabas tonicas. A Maria, em pequenina, pedia *um ti nó* (um vestido novo).

Foi a Rita, já mais crescidinha, quem nos deu a traducção da phrase. As creanças de mais edade são uma especie de resonadores microscopios que nos tornam perceptivel o espirito dos pequenitos.

Como a Gigi apprende de pressa o seu diccionario. «Chorou?» «Chorei, porque o Domingos não me quiz dar a pistola.» «Ah! é que as pistolas são para os rapazes, para as meninas são as bonecas.» Sentem-se passos d'um dos irmãositos á porta, e ella logo: «Ahi vem um *rapaz!*»

Grammatica prática: mudar o verbo para a passiva. «A Gigi quebrou o boneco?» «Não! foi no chão que se quebrou», rebita ella.

Para algumas pessôas terem a discrição de não publicar o que escreveram, creio que lhes bastaria lê-lo d'alto antes. Bastava-lhes ver que o não diriam, falando.

A instrucção meramente verbal que se adquire nas aulas, só póde habilitar para a *burocracia,* onde se passa a vida a copiar e a traduzir as palavras dos outros.

Na Suissa, mappas nacionaes, cantonaes ou locaes por toda a parte. Eu, quando cheguei ao ministerio das obras publicas, encontrei no meu gabinete um de outra nação.

Para a malevolencia de certos eruditos, quando alguem emitte uma opinião, ou é um ignorante, porque não sabe que isso já está dicto lá fóra, ou peor, é um plagiario, que se quer enfeitar com pennas alheias. A erudição é a inimiga da originalidade.

Os outros já entram de roldão; mas a pequenina Gigi não entra nunca no meu quarto, que não pergunte primeiro: «Posso entrar, papá?»

A ordem, o encadeamento dos actos da vida, eis sempre o grande problema. Que difficuldade para as creanças acertarem os movimentos já d'uma certa complicação! Diz-se a uma que leve o castiçal, mas ella não poisa primeiro o caderno que tem na mão, e deixa cahir no chão véla e aparadeira. Outra, que vai com um prato de comida, ao cahir-lhe um garfo, abaixa-se para o apanhar, e logo se lhe despeja o prato, que por pouco que não lhe escorrega e salta tambem das mãos. Por isso, se a Gigi, á mesa, quer apear-se da sua cadeirinha alta para ir buscar mais á cosinha, a mãe diz-lhe: «Desça primeiro e pegue depois no seu pratinho.»

Lembro-me de que se admirava muito como o Santos, actor, fazia uma scena de cumprimentos, manejando ao mesmo tempo chapeu, bengala, monoculo e charuto. Era mundanamente a suprema elegancia.

A ninguem é possivel dispôr logicamente todos os actos da sua vida. Uma pobre rapariga, depois de ter feito uma trapalhada para se explicar, implorava com razão: «Não me obrigue a explicar tudo, que não posso!»

Ha uma educação do coração, ha uma educação dos sentidos e dos movimentos, e ha uma educação intellectual, mas todas têem de se fazer conjunctamente pela educação scientifica, artistica ou industrial, sob a inspiração superior da educação moral.

A symbolica representa a moral em cada estadio da sciencia. O numero, a fórma, o movimento, a fôrça symbolizam successivamente a moral dos tempos. Pythagoras figurava num quadrado a justiça perfeita. Nós estamos ainda na transição da phase do movimento para a da fôrça. O seculo abriu-se com a synthese do ser e do não ser, de Hegel; a evolução

passou a ser a lei da natureza e do espirito, o progresso a lei da historia. E a fôrça tenta obter o mando supremo do universo, não já a antiga fôrça bruta, exclusiva, a fôrça da lucta e do mal, mas a nova, moral, benefica, de assistencia mutua, a fôrça do direito, da ordem e progresso, da paz universal.

Toda a aristocracia é injusta e odiosa, mas a que pretende inculcar riqueza ou titulos que lhe não pertencem, é, além de odiosa, ridicula, sobretudo se tem para isso de renegar o seu passado, a sua origem. Imaginem a filha d'um industrial, casada com outro industrial, cheia de engulhos, porque á beira d'um lago, em vez de castellos, se erguem fabricas. «Como isto estraga a paisagem!» Alguem procurou consolá-la, ponderando-lhe que, em summa, as fabricas que se viam na margem, sempre davam o dinheiro para os castellos que se alcondoravam pelas montanhas.

Devemos parecer-nos com estas arvores que lançam sempre para o ar as suas flechas, como quem nunca se cança de subir.

Certas pessôas, quando chegam a reconhecer os inconvenientes d'um contracto que fizeram, julgam-se quites de obrigações, perguntando: «Quer o meu prejuizo?» O que queremos, é que ellas se não compromettam tão de leve, e com tanta semcerimonia quebrem a sua palavra; queriamos que pensassem seriamente no negocio a seu tempo e sempre briosamente em si.

Sociabilidade infantil. A Gigi, encantada com a irmãsita que chegou da casa da avó paterna, quer que m'a tragam para eu me embeber no mesmo encanto. E, logo, no meu escriptorio: «A menina quer figuras?» E, para mim: «Mostra á menina?» A pequerrucha, coitada! mal vê ainda; tem apenas quatro mezes.

Pergunto á Gigi no jardim: Quer esta flor? «Quero, para dar á mamã.»

A's vezes sou interrompido no meu trabalho pela Gigi, que, trepando á minha cadeira, docemente me repete ao ouvido: «A Gigi gosta muito do papá.» E volto-me, e encontro-me com aquella adoravel physionomia, que me enche de paz e felicidade.

A Gigi, cançada de trazer o carro e o arco e a bola, entrega-m'os. «Não posso!» E logo, admirando-me com certo enternecimento: «O papá póde com todas estas coisas?»

Nos retratos que os nossos filhos que ficaram com a avó, nos mandam, dir-se-hia que elles não olhavam para a machina, mas alongavam atravez d'ella os seus olhos até nós.

E digam que a Gigi não gosta dos medicos! E' uma injustiça. Ainda ha pouco, logo que lhe disse adeus o que a está tratando aqui em Zürich, ella pediu que a chegassem á janella. «Quero vê-lo sahir.» Queria convencer-se pelos seus olhos de que podia ficar socegada. Quem daria uma expressão mais polida, quasi de terno reconhecimento mesmo, ao seu intimo desejo de ver alguem longe, pelas costas?

E' preciso que a socialização não oblitere a originalidade individual, senão a floresta affogará a arvore.

Não imponhamos a ninguem os nossos serviços. Nada sabe melhor do que o que cada um alcançou pelo seu trabalho livre. Os dictadores querem á viva fôrça fazer a felicidade dos povos, e ficam espantados de que elles a recusem e não lh'a agradeçam. E' que não conhecem a alma humana. O que sobretudo amamos, é a liberdade. Não a damos por nenhum outro bem. Aqui está a Gigi, que como é pequenina, eu puz á mesa, levantando-a no ar: pois preferiu descer da cadeira abaixo para depois subir a ella sósinha. As nações tambem parece que preferem decahir, para se levantarem pelo proprio esforço.

As creanças, por toda a parte, imitam a lucta entre inglêses e boers, mas todas querem ser boers e só ha inglêses pela necessidade do jogo. Assim a injustiça vai sendo já condemnada pelas novas gerações.

Certos dirigentes reprehendem com tanta fraqueza, que ainda os subalternos lhes ficam depois com menos respeito. São assim muitas senhoras; e talvez por isso tantas tomam o commodo partido de governar pelas complacencias, isto é, de se deixar governar.

Assim governam muitos dictadores politicos. Como as mulheres tambem, os seus actos de fôrça não são muita vez senão crises hystericas.

Deve haver justiça mesmo nos affectos, e ninguem tem o direito de se mostrar egualmente amigo dos filhos, quer o procedimento d'elles seja bom, quer seja mau.

Quando um rapaz é grosseiro, insolente para com seu pae, este, ao repellir a affronta, facilmente se esquece de que elle é seu filho. Mas, cautela! que o não faça tambem esquecer de que está deante de seu pae! Nem tanta indignação! Mais paciencia.

Quando uma creança pede absurdos de comida, os pobres dos avós e as proprias mães dizem logo: «Tem vontade, coitada!» e accedem. Mas ella, quando passa por um relogio, por uma porcelana, tambem os quer. Porque não lhe fazem egualmente a vontade? E' que, num caso, se dá mais apreço á creança do que ao objecto, e, noutro, pelo contrario? Pois tanto se não deve dar-lhe uma coisa que lhe possa fazer mal, como uma que ella possa estragar; o peor mesmo, em todo o caso, é que ella se estragûe.

Ha pessôas que amam as creanças por si e não por ellas, amam-nas só pelo prazer que ellas lhes causam, e por isso, para o não aguar, enchem-nas de mimos, fazem-lhes quantas vontadinhas ha. Bondade? De certo que não. Egoismo.

E' preciso velar pela creança, mas não pôr-lhe sempre policia de sentinella ao lado.

Admirando eu a serenidade e robustez d'uma creança do campo de Coimbra, a mãe diz, orgulhosa, para as outras mulheres do logar «Como elle está testo!» e para mim «E é creado aqui aos trambolhões, senhor!»

Sejamos sempre bons, mas com discernimento. Até para nos fazerem a vontade e obedecerem, não havemos de dar-nos a esmo aos nossos filhos. E' preciso que elles se sintam attrahidos por alguma difficuldade a vencer para captivarem o nosso apreço. A gratuidade das pessôas e das coisas, por melhores e proficuas que ellas sejam, tira-lhes o valor. Muita gente não gosta de sardinhas, só porque são baratas.

Algumas pessôas parece que se incommodam ainda mais com a noticia das tolices dos filhos do que propriamente com as tolices.

Um procurador meu conhecido tinha estampada no semblante esta convicção: Anda nos estudos? Ah! é doutor? Logo é um incapaz e posso facilmente enganá-lo.

Quanto effectivamente as nossas escholas inutilizam!

E quanto, por outra parte, tambem a delicadeza moral, impondo-nos o respeito por todo o homem, nos acanha e enfraquece perante os assaltos dos patifes. E' preciso converter essa delicadeza na arte de os desenganar polidamente.

E' muito mais necessario o rigor da linguagem, quando se fala a creanças, do que a adultos. Ha d'umas para outras palavras transições e entrelaçamentos de sentido, que as tornam substituiveis, mas só para quem lh'os conhece.

Sobretudo não conte ninguem, sem esse rigor, com a sua acção disciplinar. Os rapazes, em não se lhes marcando a sua falta com o termo exacto, negam-na, aparando a accusação como num jogo d'armas. E não se averbem por isso de mentirosos. A's vezes nem dão por ella.

Quasi sempre os caracteres briosos dedignam-se de se defender de faltas que não commetteram. Não se imputem, pois, de leve a ninguem, nem se condemnem logo por culpados os que se não justificam.

Não é de qualquer modo que se exerce a disciplina. Estou a lavar-me, quando a Gigi chega com o ramo d'um arbusto na mão. «Achei», «Cahiu», diz ella. E, como eu vou para ver se está esgarçado de pouco, recusa-m'o: «O papá tem as mãos molhadas.» Assim se escapa á verificação.

Para conduzir uma machina, é indispensavel conhecê-la. E para dirigir uma creança, uma alma, não?

Até o antigo enfermo do Oriente procura curar-se tambem pelo ensino. Trata-se da creação d'uma Universidade em Constantinopla, cujo plano de estudo foi confiado pelo sultão ao orientalista seu amigo, o professor Vambéry. 1900.

Mestra de tres annos. Eu pergunto á Elzirinha, — que, como diz a mãe, já quer falar —, quem lhe deu aquelle guiso. E a Gigi, do lado: «Diga, Zirinha, foi o papá!»

Que fica da lição de tantos professores? O seu ensino es-

palha-se anonymamente, esvae-se como um echo; e d'elles, a recordá-los, só fica, ás vezes, um simples dicto, em que firmaram originalmente a sua personalidade.

O exame nas nossas escholas superiores é sempre um tormento para o estudante. «Que perguntará o examinador?» Com os programmas actuaes, não ha memoria bastante. E d'ahi a attitude tantas vezes supplicativa, senão mesmo servil, do examinando. Como tudo mudaria, se elle levasse virilmente á apreciação do jury uma prova do seu trabalho pessoal!

Em Portugal é preciso concentrar immediatamente todos os recursos sociaes na instrucção primaria e média. A nossa instrucção superior hoje é tão artificial, que nada mais urgente do que mudar-lhe os usos e costumes. E a parte geral da instrucção superior que se professa nos lyceus, não tente o estado monopolizá-la, porque nem meios tem para tanto; entregue-a principalmente á iniciativa particular dos collegios, limitando-se a exigir-lhes a sua idoneidade.

A questão actual do nosso ensino superior póde em grande parte resumir-se assim: Ensinar muito e mal um programma immenso, ficando o alumno sem habilitações para nada; ou só uma porção do programma por anno, pouco e bem, adquirindo o alumno a capacidade de apprender por si tudo o mais.

A mutua independencia das cadeiras do ensino superior não deixaria o alumno livre até ao abandono, como alguns imaginam. Pelo contrario, só nessa independencia é que o professor, em vez de falar-lhe a distancia, da cathedra ás bancadas, póde, especializando-se, fazê-lo intimo do assumpto e d'elle.

Muitos dizem: instrucção universal antes do suffragio universal. Mas o suffragio universal é o patriotico exercicio universal da vontade, e portanto o complemento indispensavel da instrucção universal.

O exercicio da vontade é necessario para tudo, até para apprender.

O poder deve ser sempre uma fôrça de attracção e não de repulsão. Lembre-se d'isso o estado para não enfraquecer a organização territorial e corporativa; lembrem-se os partidos, quando assumam o encargo do governo; e lembrem-se todas as auctoridades até ao chefe supremo da nação para se não

enclausurarem estreitamente na intimidade d'uma clientela ou d'uma côrte com desdenhoso esquecimento de todos mais.

O que custa ás instituições uma direcção incompetente, e portanto a mudança incessante de governos, que não chegam nunca a inteirar-se bem dos serviços!

Contava-me alguem: «F., tomando conta do estabelecimento, mudou o pessoal todo, porque não queria quem soubesse mais do que elle; apenas o teve o tempo indispensavel para se orientar.» Pobre pessoal! Pobre estabelecimento!

Para governar, está claro que é preciso conhecer os vicios dos homens. Mas muitos politicos fazem como certos medicos, que estudam o doente para lhe prolongar e engravecer a molestia. Declaram por vezes mesmo ás familias que elle está muito mal, perigoso, para melhor as explorarem.

O progresso do estado é tanto a base como o coroamento do progresso nacional.

Se nas republicas póde haver estabilidade do governo. Suissa. Festa em honra de Theodoro de Saussure pelo cincoentenario das suas funcções de maire de Genthod, com a assistencia do presidente do conselho de estado do cantão, que lhe entregou uma linda estatueta de bronze, symbolo do trabalho, obra da Eschola das artes industriaes de Genebra.

Um meu antigo contemporaneo de estudos referia-me, quando entrei na vida publica: «Hontem falou-se a teu respeito deante de mim. Não imagines que disse inteiramente bem de ti. Não! para te não comprometter. Sempre fui observando: Elle é bom rapaz, é, mas, mas... não o imaginem assim tão santo.»

Que dilemma! Somos um paiz em que o individuo, pela sua falta de meios, precisa immenso da protecção do estado, e ao mesmo tempo precisa de a dispensar para não pagar excessivamente caro aos governantes os seus serviços.

(Continúa). BERNARDINO MACHADO.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

APONTAMENTOS DE MECHANICA

Determinação dos eixos principaes d'inercia respectivos a um dado ponto de um corpo

Tomem-se para eixos coordenados (dos x, y, z) os eixos principaes d'inercia tirados pelo centro de gravidade do corpo, e, denotando M a massa d'este, sejam Ma^2, Mb^2, Mc^2 os momentos d'inercia respectivos a esses eixos.

D'este modo, designando por $M\rho^2$ o momento d'inercia do mesmo corpo em relação a uma recta, tirada por um ponto dado, (x, y, z), e cujos cosenos directores sejam α, β, γ, teremos

$$\rho^2 = a^2\alpha^2 + b^2\beta^2 + c^2\gamma^2 + x^2 + y^2 + z^2 - (x\alpha + y\beta + z\gamma)^2 \quad (1).$$

Querendo agora determinar α, β, γ de modo que a recta a que nos vimos referindo fique sendo um dos eixos principaes d'inercia respectivos ao ponto dado, notaremos que relativamente a dois d'estes eixos deve a expressão (1) de ρ^2 satisfazer, para um d'elles ás condições de maximo, e para o outro ás de minimo; pelo que differenciando (1), considerando variaveis α, β, γ, teremos

$$a^2\alpha d\alpha + b^2\beta d\beta + c^2\gamma d\gamma - (x\alpha + y\beta + z\gamma)(x d\alpha + y d\beta + z d\gamma) = 0 \quad (2).$$

Não são porém independentes $d\alpha$, $d\beta$, $d\gamma$, visto como da relação conhecida

$$\alpha^2 + \beta^2 + \gamma^2 = 1, \quad (3)$$

a que têm de satisfazer α, β, γ para poderem representar os cosenos directores de uma recta, resulta

$$\alpha d\alpha + \beta d\beta + \gamma d\gamma = 0 \qquad (4).$$

Eliminando pois de (3) por meio de (4) uma d'aquellas differenciaes, e egualando depois a zero os coefficientes das duas restantes, obteremos assim duas relações, as quaes e (3) bastarão para determinar α, β, γ.

A essa determinação se vai proceder, empregando porém para effeituar a eliminação indicada o methodo dos multiplicadores, a fim de tornar o calculo mais symetrico.

Multiplicando (4) por um factor indeterminado, k, addicionando a (2) a equação resultante, e depois egualando separadamente a zero os coefficientes de $d\alpha$, $d\beta$, $d\gamma$, acharemos

$$\alpha = \frac{\alpha x + \beta y + \gamma z}{a^2 + k} x,$$

$$\beta = \frac{\alpha x + \beta y + \gamma z}{b^2 + k} y, \qquad (5)$$

$$\gamma = \frac{\alpha x + \beta y + \gamma z}{c^2 + k} z,$$

com as quaes e (3) se determinarão α, β, γ e k, como em seguida se verá.

A fim de eliminar α, β, γ, multiplique-se a primeira de (5) por x, a segunda por y, e a terceira por z, sommem-se ordenadamente as equações resultantes, e divida-se o resultado por $\alpha x + \beta y + \gamma z$; e assim acharemos

$$\frac{x^2}{a^2 + k} + \frac{y^2}{b^2 + k} + \frac{z^2}{c^2 + k} = 1, \qquad (6)$$

equação do 3.º grau em relação a k, cujas raizes são todas reaes.

Com effeito, escrevendo (6) sob a fórma

$$x^2 (b^2 + k)(c^2 + k) + y^2 (a^2 + k)(c^3 + k) + z^2 (a^2 + k)(b^2 + k) - (a^2 + k)(b^2 + k)(c^2 + k) = 0, \qquad (7)$$

e suppondo $a>b>c$, immediatamente se reconhece que o primeiro membro de (7) é positivo para $k=-a^2$, negativo para $k=-b^2$, positivo para $k=-c^2$, e negativo para (*) $k=r^2=x^2+y^2+z^2$, o que mostra que as raizes de (7) são reaes e comprehendidas: uma entre $-a^2$ e $-b^2$, outra entre $-b^2$ e $-c^2$, e a terceira entre $-b^2$ e $+r^2$.

A cada valor de k corresponderão para α, β, γ dois systemas de valores eguaes e de signaes contrarios, ambos pertencentes á mesma recta, sendo por tanto tres as linhas assim determinadas, entre as quaes se comprehenderão dois dos eixos principaes que procuramos.

Mas, o que é mais notavel, todas essas tres rectas, e não sómente duas como se poderia suppôr, representam eixos principaes d'inercia.

E' o que vamos ver.

Representando por u o primeiro valor de k, comprehendido entre $-a^2$ e $-b^2$, substituindo em (6) k por u, e considerando depois x, y e z como coordenadas correntes, a equação (6) assim transformada em

$$\frac{x^2}{a^2+u}+\frac{y^2}{b^2+u}+\frac{z^2}{c^2+u}=1 \qquad (8)$$

representará um hyperboloide U, de duas folhas, homofocal em relação ao ellipsoide (**)

$$\frac{x^2}{a^2}+\frac{y^2}{b^2}+\frac{z^2}{c^2}=1 \qquad (9)$$

e que passa pelo ponto dado.

E, pois que de (5) resulta

$$\frac{\alpha}{\frac{x}{a^2+u}}=\frac{\beta}{\frac{y}{b^2+u}}=\frac{\gamma}{\frac{z}{c^2+u}},$$

(*) O que melhor se vê dando ao primeiro membro de (7) a fórma

$$(a^2+k)\,(b^2+k)\,(c^2+k)\left[\frac{x^2}{a^2+k}+\frac{y^2}{b^2+k}+\frac{z^2}{c^2+k}-1\right] \qquad (8).$$

(**) A este ellipsoide deu Klebsch a denominação de—segundo ellipsoide central.

a recta, que designaremos por u', determinada pelos valores precedentes de α, β, γ, será normal a (8).

Do mesmo modo se veria que á segunda e terceira raizes de (6), $k=v$ e $k=w$, correspondem respectivamente — um hyperboloide V de uma só folha e um ellipsoide W, ambos os quaes passam pelo ponto dado e são homofocaes em relação a (9), e bem assim duas rectas v' e w' correspondentemente normaes a V e W.

Ora das rectas u', v', w' quaesquer duas são perpendiculares entre si, por quanto subtrahindo por exemplo uma da outra as duas equações

$$\frac{x^2}{a^2+u}+\frac{y^2}{b^2+u}+\frac{z^2}{c^2+u}=1,\quad \frac{x^2}{a^2+v}+\frac{y^2}{b^2+v}+\frac{z^2}{c^2+u}=1,$$

sendo x, y, z as coordenadas do ponto A, resulta

$$\left[\frac{x^2}{(a^2+u)(a^2+v)}+\frac{y^2}{(b^2+u)(b^2+v)}+\frac{z^2}{(c^2+u)(c^2+v)}\right](v-u)=0,$$

e pois não é $v=u$, será nullo o factor representado pelo primeiro parenthesis, o que mostra que são effectivamente perpendiculares uma á outra as rectas u' e v'.

Por tanto as tres linhas u', v', w' formarão no ponto dado um triedro trirectangulo; e considerando uma qualquer d'essas rectas, a primeira por exemplo, como esta é normal a U, será o plano das outras duas tangente a essa mesma superficie.

Demais, sendo o plano de u' e v' tangente a W, e o de u' e w' tangente a V, a intersecção u' d'esses dois planos será tambem tangente á intersecção das superficies V e W.

E, assim, concluiremos que *os eixos principaes d'inercia relativos ao ponto dado coincidem com as tangentes ás curvas, segundo as quaes se intersectam duas a duas as superficies U, V e W.*

* *

Multiplicando a primeira de (5) por α, a segunda por β, e a terceira por γ, desembaraçando de denominadores, e depois sommando ordenadamente as equações resultantes, resulta

$$a^2\alpha^2+b^2\beta^2+c^2\gamma^2+k=(\alpha x+\beta y+\gamma z)^2,$$

*

e logo, equação (1),

$$\rho^2 = r^2 - k.$$

Mostra esta relação que os valores de ρ^2 correspondentes a $k=u$, $k=v$, $k=w$ são todos positivos, como aliás se podia prever.

E d'ella se deduz tambem que u' e w' são respectivamente os eixos do maior e do menor momento d'inercia.

*

Demonstra-se com facilidade que a somma dos momentos d'inercia de um corpo em relação a tres eixos coordenados orthogonaes tirados por um dado ponto é constante, qualquer que seja a orientação dos eixos.

Com effeito tomando para eixos coordenados (dos x, y, z) os tres eixos principaes d'inercia respectivos ao ponto considerado, tirem-se por este mesmo ponto tres novos eixos tambem orthogonaes, a que chamaremos eixos dos x', y', z'.

Sejam A, B e C os momentos d'inercia relativos aos tres primeiros eixos, e A′, B′, C′ os correspondentes aos eixos dos x', y', z'.

Será

$$A' = A\cos^2(xx') + B\cos^2(yx') + C\cos^2(zx'),$$

$$B' = A\cos^2(xy') + B\cos(yy') + C\cos^2(zy'),$$

$$C' = A\cos^2(xz') + B\cos(yz') + C\cos^2(zz'),$$

e logo

$$A' + B' + C' = A + B + C.$$

Posto isto, e voltando a considerar os eixos principaes d'inercia relativos ao ponto dado, seja ρ_1, ρ_2, ρ_3 os valores de ρ correspondentes a $k=u$, $k=v$, $k=w$, teremos

$$\rho_1^2 = r^2 - u, \quad \rho_2^2 = r^2 - v, \quad \rho_3^2 = r^2 - w,$$

e logo

$$\rho_1^2 + \rho_2^2 + \rho_3^2 = 3r^2 - (u + v + w).$$

Ora da relação conhecida que liga a somma das raizes de uma equação algebrica com o coefficiente do segundo termo resulta, equação (6),

$$u+v+w=x^2+y^2+z^2-(a^2+b^2+c^2),$$

e, por tanto, será

$$\rho_1^2+\rho_2^2+\rho_3^2=2r^2+(a^2+b^2+c^2).$$

Donde e do que ha pouco se disse concluiremos que, *descripta uma esphera que tenha por centro o centro de gravidade do corpo, qualquer que seja o ponto d essa superficie por onde se tirem tres eixos orthogonaes com qualquer orientação, a somma dos momentos d'inercia relativos a esses tres eixos será sempre a mesma.*

L. C. Almeida.

SUR UNE CAUSE D'ERREUR DANS LA RECHERCHE DE L'ACIDE SALICYLIQUE DANS LES VINS PORTUGAIS

Plusieurs vins portugais ont été récemment declarés salicylés aux douanes du Brésil, du fait que l'analyse accusait des *traces* d'acide salicylique.

La pratique du salicylage n'est cependant usitée chez nous, ainsi que le démontrent les analyses faites dans mon laboratoire sur de nombreux vins du nord du Portugal.

A quoi bon, d'ailleurs, employer l'acide salicylique à doses manifestement insuffisantes pour conserver les vins?

Le fait était de nature à donner réflexion.

J'ai tenté, à ce sujet, diverses expériences sur quelques vins portugais de cette région, sur les vins dits *verts,* du Minho (de Basto, de Monsão, etc.) et quelques échantillons préparés dans cette ville même, à l'egard desquels il ne pouvait s'élever le moindre soupçon de genuinité.

Je les ai traité soit par la méthode allemande (1) en opérant sur 50^{c3} (pas plus) de vin acidulé, que l'on agite avec un mélange en volumes égaux d'éther et d'éther de pétrole, soit avec 200^{c3} de vin, que l'on agite avec l'éther, en adoptant la méthode et le *modus faciendi* de PELLET, GROBERT et BAUDRIMONT (2), qui depuis 1888 est en usage dans les laboratoires du Brésil.

La méthode allemande ne m'a jamais donné de coloration violette avec le perchlorure de fer, c'est à dire, que les résultats sont toujours restés négatifs. Pourtant la méthode est exacte et rigoureuse.

Par la méthode de PELLET, GROBERT et BAUDRIMONT, j'ai obtenu avec divers échantillons soit une légère couleur rose, soit une couleur violette rouge, que l'analyste non prévenu prendrait certainement comme indice de traces d'acide salicylique. C'est

---

(1) *Moniteur scientifique,* 4.e série, t. x (1896), pagg. 897 e 898; *Zeitschrift für analytische Chemie,* de FRESENIUS, XXXV vol., 1896, *Amtliche Verordnungen und Erlasse,* pagg. 22 e 23.

(2) CHEVALIER (E.) et BAUDRIMONT (E.), *Dictionnaire des altérations et falsifications des substances alimentaires,* 7.e édit., par le Dr. L. HERET, t. II. Paris, 1897, pag. 253.

donc une *méthode qui peut amener à donner comme salicylés de vins parfaitement naturels,* et pourtant erronée.

Il est par conséquent certain que l'on rencontre en petites quantités dans certains vins portugais une matière présentant beaucoup de ressemblance avec l'acide salicylique, que l'éther peut extraire en quantité suffisante pour donner avec le perchlorure de fer une coloration ressemblant à celle de l'acide salicylique, lorsqu'on opère sur un volume considérable de vin.

Le fait, nouveau pour les vins portugais, rend compte des résultats obtenus au Brésil et en donne la véritable explication.

Il ne s'agit pas de *vins salicylés;* mais de vins contenant naturellement, en petites proportions, une matière ressemblant dans les réactions à l'acide salicylique.

Dans la réunion de chimistes allemands à Erlangen, le 16 et 17 mai 1890, Monsieur le professeur Dr. L. MEDICUS avait déjà observé un fait exactement semblable pour quelques vins de cépages autrichiens et allemands. Il pense, suivant des expériences directes, que le principe analogue à l'acide salicylique provient de râfles des grappes (1).

Quoi qu'il en soit, le fait a une grande importance analytique.

Si dans la recherche de l'acide salicylique, au point de vue des falsifications, on adopte les méthodes de PELLET, GROBERT et BAUDRIMONT ou autres pour lesquelles on est tenu d'opérer sur un volume considérable de vin, on risque d'obtenir une réaction colorée, simulant faussement celle de l'acide salicylique, et l'on pourrait déclarer salicylés des vins qui ne le sont nullement.

Nous sommes, donc, d'accord avec le professeur MEDICUS pour conseiller que dans la recherche de l'acide salicylique l'on n'emploie pas plus de 50^{c3} de vin volume, indiqué dans les méthodes officielles allemandes et autrichiennes.

La sensibilité de ce procédé est supérieur à $^1/_{200.000}$, et l'on peut, d'après nos expériences, reconnaître parfaitement 5 mgr. d'acide salicylique par litre ou 0,5 gr. par hectolitre de vin, dose bien inférieur à celle qui est nécéssaire pour la conservation du vin (3 a 8 gr. par hectolitre).

Par l'emploi de ce procédé on arrêtera donc la fraude, tout en ne commettant pas d'erreurs.

Porto, le 2 août 1900. A. J. FERREIRA DA SILVA.

---

(1) *Bericht über die neunte Versammlung der freien Vereinigung bayerischer Vertreter der angewandten Chemie in Erlangen, am 16 und 17 mai 1890, herausgegeben* von Dr. HILGER, Dr. LHIST, Dr. R. KAYSER und TH. WEIGLE. Berlin, 1890, pagg. 42–48.

ELEMENTOS ELUCIDATIVOS SOBRE A RELAÇÃO DOS INDICES CEPHALICOS E DA ESTATURA COM A CAPACIDADE CRANEANA

I

As difficuldades encontradas no estudo da anthropologia reclamam da parte dos observadores muita pertinacia inquiritiva, além de technia methodica, e de salutar temperança, para resistir aos violentos impulsos de expender quasi turbilhões de juizos, que se succedem em seus cerebros, na proporção das idéas que assimilam sobre o mesmo assumpto. E é necessario esse arduo sacrificio, até estarem de posse de um largo archivo de observações, tão respeitaveis pelo numero como pela singularidade; é necessario, repito, que os pacientes pesquisadores se contenham em silencio, a fim de mostrar que os seus animos teem as qualidades dos cautos, dos reservados e mesmo até dos prudentes com visos de meticulosos.

No intimo de taes laboriosos conspicuos devé existir o seguinte conceito:—Haver conveniencia no emprego de mil esforços para alcançar ainda que não seja senão uma observação positiva; por mil observações puras, considerar uma grande ventura quando forneçam uma só idéa inductiva; por mil idéas d'estas, ter como suprema felicidade a extracção de uma lei viavel.

Quando n'uma sciencia tão delicada ou tão melindrosa, como é a anthropologia, deixarem de ser acatados estes mandamentos, é de conjecturar que o incançavel mas desprevenido trabalhador seja surprehendido por inesperados revezes, tão pungentes quão difficeis na remoção depois de occorridos, quer visem o proprio que lhes deu causa, quer visem outros que por seu intermedio foram induzidos em erro.

Ora, as observações positivas d'esta ordem, dadas a lume sobre exemplares portuguezes, são por emquanto precarias, minguadissimas, envoltas em certa nebulosidade; algumas não passam de verdadeiros ensaios, tão vacillantes na technia como nas fontes onde foram bebidas. E' verdade que taes observações teem grandissimo valor como elementos de animação

aos devotados fervorosamente a tão alevantados commettimentos; mas, em essencia, devem ser classificadas como elementos de duvidosa utilidade para inducções seguras.

N'estas circumstancias relativas, encho-me de cordeal satisfação, quando vejo o distincto auctor do Estudo sobre «Cranios Portuguêses» ser um cumpridor severo de todos os preceitos que acabo de mencionar. Trabalhadores d'esta inteireza e probidade são que enaltecem e abrilhantam o ramo de conhecimentos humanos a que dirijam as valiosas attenções, os esclarecidos entendimentos e sãos criterios.

E, se tanto ponho em relevo estas estimaveis qualidades, é porque, no uso das minhas pobres contribuições anthropologicas, emprego todo o esforço para seguir de perto os proficuos preceitos de tão illustres campeões do bem commum.

Assim: tenho em meu archivo, ainda ineditas, *algumas dezenas de milheiros de observações positivas,* recolhidas por mim do povo portuguez *ha dezenas de annos* de fontes anatomicas, physiologicas e psychologicas, acompanhadas de estudos chimicos originaes em differentes áreas do encephalo, que me parecem fornecer alguma luz sobre os problemas ethnicos do mesmo povo. Esta medonha copia de trabalho, ininterrompido por annos e annos, não tem sido dado á estampa, em primeiro logar, de meu alvitre, pelas razões especiaes de escrupulo acima apresentadas; em segundo, por motivos inherentes á indole de ordem publica, que muito erradamente pouca attenção dispensa a estudos que lhe garantiam mais firmeza accional e maior segurança nas suas ordenações judiciarias e estadisticas.

E' de crer que, como as minhas, outras observações existam incognitas por identicos motivos, privando d'essa fórma os investigadores do seu conhecimento e da sua applicação.

Fintado n'essa lacuna é que me atrevo a dizer sobre o auxiliar anthropologico por dimensões que: as proposições anthropometricas de caracter absoluto, emittidas a respeito do povo portuguez contemporaneo, são por emquanto muitissimo arriscadas.

Com esta maneira de entender, não pretendo significar a minha reprovação, ou a minha censura, áquelles trabalhadores honestos que teem a coragem de taes aventuras; mas, porque os prézo muito e tambem muito prézo a sciencia que estuda o homem tanto em si como nas suas relações, temo como por mim que de futuro sejam por outros melindrados os seus preciosos esforços benemeritos, em consequencia de insignificantes peccadinhos de falta de contemporização.

Embora falle assim, quero que fique bem estabelecido ser eu em caso urgente o menos suspeito de pultronismo, ou que fique desfallecido no proseguimento de um pleito de utilidade publica, iniciado, ou que seja um retardatario na *preopinancia* de qualquer causa necessaria, justa e proveitosa á minha querida patria, favorecendo por ella a humanidade. São máculas que eu não tenho; nem jámais consentirei que semelhante calumnia me seja imputada emquanto vivo fôr, e espero que a justiça dos vindouros arrede de mim labéos tão deprimentes, possiveis nos que não são *genuinos portuguezes*. Assim denomino eu as vergonteas directas dos Lusitanos isentos de malsinadas penetrações, infelizmente agora tão frequentes n'um grupo humano que foi tão distincto!

Pena tenho que não esteja ainda impresso o meu Relatorio sobre o Congresso de Anthropologia Criminal, dadó em Genebra em agosto de 1896, ao qual assisti e em que tomei parte como Delegado official. N'esse Relatorio, ha quatro annos escripto e ha mais de tres na imprensa (que o tem agora em via de publicação), entro um pouco minuciosamente na acção deleteria dos cruzamentos havidos com os Lusitanos, onde veio a lume o valor anatomo-physiologo-psychico da corrente dos Almoravides e Almoades, bem como de outros povos africanos em contacto com os habitadores do Sul da Peninsula.

E como, por desgraça sociologica, para alguns as palavras não traduzem as intenções nem os actos sinceros e reaes, mas significam simplesmente *imagens convencionaes transitorias em proveito individual,* declaro sob a minha palavra de honra que em todos os actos materiaes, moraes e intellectuaes da minha vida, occorridos nas *quatorze nações* que percorri em estudo, procurei sempre ser um dos avançados na propugnação das idéas do progresso, buscando d'ess'arte levantar a dignidade do Povo que me deu o nascimento!... Nem mesmo as demonstrações de desdoiro, ou mesmo de injusta perseguição movida no seio d'esse Povo, me demoveram de proseguir nos meus mais ardentes esforços, sempre em proveito d'elle!

Confirmarão esta verdade aquelles que correrem os olhos no opusculo que publiquei sob o titulo *Varios Ensinamentos,* das paginas 25 a 36 e 349 a 393 (Notas). Depois d'esta leitura, ninguem terá coragem de me acoimar de desejos entorpecentes para os afoitos e mesmo para os arrojados na sciencia.

II

Ao ler na Revista do «Instituto» de Coimbra os successivos trabalhos dominados pela epigraphe «Cranios Portuguêses», tenho desde o começo da leitura vivido n'uma atmosphera de agradaveis surpresas, subindo de valor na razão directa das idéas expendidas em cada divisão do afadigoso Estudo.

Essas surpresas não são de envaidecimento, por ver o meu humilde nome citado com delicada bonomia por quem, sem favor nem bajulação, é digno do mais singular respeito de todos os que são laboriosos; mas por ver intrepida e seguramente desbravar terrenos, até hoje impraticaveis, com frageis e toscos instrumentos, desdobrados n'outros de precisão pela pericia e pelo fino engenho do seu corajoso manipulador.

Ora, como este obreiro vai especialmente animado do desejo de traçar e pôr a descoberto larga e extensa estrada de transito consideravel, é natural que não detenha a sua marcha accelerada com leves minudencias, removiveis n'um segundo arroteamento revisorio. Por isso, não é de extranhar que lá n'um ou n'outro ponto muito além appareça no grande terrapleno uma accidencia por nivelar, uma urze não decepada, um espinho não removido, algumas pedriculas salientes... Porém a que se assemelham estas nonadas em tão vasto plano?... São comparaveis a algumas gottas de agua visiveis apenas ou isoladas n'um extensissimo mar, sem influencia apreciavel na magnitude e movimento do grandioso.

Só a attenção dos eximidos á faina conceptiva, e executiva do traçado em conjuncto, é que se entretem com minucias do teor acima referido. Casualmente, o subsignatario d'estas linhas encontra-se agora na posição dos *minudenciosos,* e pede venia ao esclarecido auctor do Estudo sobre «Cranios Portuguêses», para chamar a sua preciosa attenção sobre umas *ligeiras ondulações,* que se lhe afiguram existir *no seu vasto traçado em plano supposto lizo.*

Para não causar grande enfado, apenas mencionarei duas accidentações, ambas em relação á capacidade dos craneos portuguezes.

Uma d'ellas reporta-se á seguinte proposição do auctor, exarada no capitulo IV, onde diz: «... *parece-nos... que a capacidade craniana cresce com o indice cephalico...*»

Outra é quando o auctor diz no capitulo III: «... *a capacidade cresce com a estatura dentro duma mesma raça.*»

III

Novos elementos positivos sobre as duas proposições

Como já em tempos idos eu me havia occupado com desvélo de assumpto pouco mais ou menos egual, estas duas proposições fizeram-me de novo reflectir no tal objecto, que havia posto de parte. Impellido por ellas, fui quasi automaticamente levado ao meu archivo anthropometrico, a fim de verificar nas minhas annotações o que eu tinha recolhido que elucidasse a questão. E logo, ao cabo de alguns minutos, entre outros escriptos de egual natureza, encontrei *dois quadros ineditos,* que me pareceram dignos de ser conhecidos do meritorio auctor do Estudo a que me reporto. Transcrevo-os abaixo para mostrar, de um lado, o alto apreço que me merece o respeitavel auctor das proposições de que trato, porque, francamente, se fosse outro que as dictasse nem me beliscariam a retina e muito menos as cellulas cerebraes, para me provocarem uma resposta; de outro lado, transcrevo esses dois quadros com a louvavel intenção de justificar *as minhas idéas originaes,* consignadas no meu livro *Crime et Criminel,* desde a pagina 145 a 172 e passim.

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO

Dicam meis verbis:—Se na realidade *a capacidade craneana cresce com o indice cephalico*, é claro: 1.º que, no mesmo povo, ao indice maior corresponderá capacidade maior; 2.º que a lei abrangerá os dois sexos da especie humana; 3.º que essa lei será extensiva tanto a brachycephalos como a mesaticephalos e dolichocephalos, com as suas subdivisões; 4.º que a capacidade em cada divisão será em quantidade relativa e proporcional á grandeza do numero que representar o indice... Tudo isto me parece logico. Portanto, preenchendo estes e outros quesitos, essa lei servirá de elemento valioso e mesmo seguro para a taxonomia do mesmo povo e até para a taxonomia cosmopolita.

Ordena o dever que vejamos, pois, se a lei se revéla n'uma CENTENA *de exemplares portuguezes contemporaneos,* em quantidades eguaes nos dois sexos e em comparativas intimas.

D'elles, apresentarei os indices cephalicos de 25 homens, ordenando *esses indices do maior para o menor* com as capacidades correspondentes, comparando cada exemplar um a um com outros 25 da mesma procedencia e sexo; e ainda, para esclarecimentos mais definidos e completos, disporei 50 mulheres, 25 das quaes distribuidas com as mesmas disposições dos 25 primeiros homens supra-mencionados, confrontando-as com outras 25, obedecendo a egual disposição que tem a segunda série dos 25 homens tambem acima ditos; emfim, para maior e mais ampla elucidação, acompanharei cada exemplar com a edade, provincia e o numero que occupa no meu *Relevé;* terminando por enriquecer o quadro, ajuntando-lhe *outro* da média, por mim extrahida, das estaturas dos homens em geral e em especial em cada provincia com uma percentagem estatural das mulheres portuguezas.

TABLEAU I

Sur 100 exemplaires de Portugais contemporains — 50 hommes et 50 femmes —, en confrontation générale, montrant que les indices céphaliques n'ont aucune influence sur le degré de capacité crânienne chez les sus-dits portugais

Hommes										
CONFRONTATION										
N.° du relevé	Province	Age	Cas	Capacité	Indice	Indice	Capacité	Age	Province	N.° du relevé
254	Alg	66	**1**	1665	**87.22**	67.—	1726	43	E	52
492	?	28	**2**	1700	**85.22**	73.82	1782	57	»	66
225	M	30	**3**	1450	**84.02**	74.37	1924	58	»	336
385	E	21	**4**	1586	**83.87**	69.58	1779	27	»	199
474	»	53	**5**	1766	**83.14**	71.65	1828	24	»	205
377	?	31	**6**	1858	**82.96**	69.43	1911	42	A	95
376	E	19	**7**	1614	**82.95**	71.50	1780	70	E	224
397	»	42	**8**	1810	**82.60**	73.73	1826	68	?	196
428	?	24	**9**	1610	**82.58**	69.50	1902	60	BA	293
195	E	52	**10**	1510	**82.45**	64.97	1537	24	TM	210
275	»	34	**11**	1532	**81.82**	72.—	1765	25	D	193
338	A	44	**12**	1593	**81.82**	75.—	1857	24	E	350
280	E	66	**13**	1662	**81.76**	74.07	1801	19	»	218

Femmes										
CONFRONTATION										
N.° do relevé	Province	Age	Cas	Capacité	Indice	Indice	Capacité	Age	Province	N.° do relevé
170	E	46	**1**	1370	**94.87**	67.36	1501	18	E	88
76	?	42	**2**	1415	**88.02**	74.73	1615	22	»	224
98	E	55	**3**	1229	**86.25**	72.52	1526	66	»	491
371	»	64	**4**	1345	**84.81**	72.87	1619	45	»	477
199	»	37	**5**	1313	**84.43**	74.99	1613	24	»	473
183	»	54	**6**	1661	**83.72**	76.08	1720	21	D	468
499	»	52	**7**	1467	**83.72**	74.99	1600	52	E	138
237	»	19	**8**	1512	**83.33**	71.65	1687	40	Alg	96
471	»	60	**9**	1385	**82.73**	76.79	1605	50	E	420
117	»	31	**10**	1502	**82.45**	72.87	1605	30	»	154
394	»	54	**11**	1420	**82.45**	69.11	1611	48	»	258
377	M	34	**12**	1351	**82.03**	68.41	1584	48	»	466
182	E	20	**13**	1712	**81.86**	75.26	1770	47	»	69

229	»	31	**14**	1780	**81.72**	75.13	1802	20	»	69	483	»	60	**14**	1415	**81.71**	77.65	1610	22	BB	297
295	A	51	**15**	1381	**81.71**	74.—	1870	33	» »	279	285	»	28	**15**	1270	**81.70**	75.93	1631	70	E	481
16	E	68	**16**	1768	**81.56**	78.72	1800	59	» »	25	435	BB	22	**16**	1644	**81.56**	76.37	1663	65	»	181
17	»	55	**17**	1767	**81.08**	72.63	1801	19	» »	42	188	IM	54	**17**	1251	**81.54**	74.21	1715	29	»	493
457	»	28	**18**	1672	**81.03**	72.63	1727	20	» »	114	155	E	61	**18**	1271	**81.28**	78.57	1615	63	»	504
331	BB	52	**19**	1623	**80.97**	70.70	1927	36	» »	231	102	»	27	**19**	1423	**81.06**	75.53	1642	43	IM	259
260	M	58	**20**	1556	**80.90**	66.—	1582	36	Alg	106	464	»	26	**20**	1493	**80.79**	76.19	1655	27	BB	225
284	E	42	**21**	1817	**80.87**	75.—	1844	63	E	59	430	»	36	**21**	1426	**80.70**	69.63	1626	64	E	298
127	Alg	34	**22**	1773	**80.85**	75.—	1857	28	M	371	243	Alg	44	**22**	1152	**80.62**	77.40	1655	57	»	441
337	?	60	**23**	1607	**80.68**	67.33	1673	24	E	399	486	?	27	**23**	1310	**80.60**	75.97	1641	56	»	299
239	E	50	**24**	1515	**80.23**	66.17	1700	33	»	379	376	E	29	**24**	1385	**80.59**	76.92	1602	31	»	398
123	»	45	**25**	1728	**80.22**	71.43	1755	31	»	106	502	»	59	**25**	1533	**80.33**	76.08	1615	27	»	142

Lisbonne, 15-7.°-1897. *Dr. F. F. de M.*

TABLEAU

Taille moyenne des Portugais contemporains, distribués par Provinces

Provinces (Caractères démonstratifs)	TAILLE Hommes	TAILLE Femmes	Hauteur Moyenne Basse	Moyenne millimètres
Minho	1627.95			
Traz-os-Montes.	1645.53			
Douro	1652.64			
Beira Alta	1630.15			
Beira Baixa	1646.83			
Extremadura	1634.55			
Alemtejo...	1625.34			
Algarve	1633.20			
Iles des Açores ..	1651.45		Au dessus de 1621mm.. 13.67%	100.00
Ile de Madère ..			De 1521mm jusqu'à 1620. 4.—%	
			Jusqu'à 1520..... 33.330%	
Moyenne générale ...	1639.—			
Envergure générale ..	1673.—			

M = Minho
TM = Traz-os-Montes
D = Douro
BA = Beira Alta
BB = Beira Baixa
E = Extremadura
A = Alemtejo
Alg = Algarve
IA = Ile des Açores
IM = Ile de Madère

Este quadro põe em evidencia:

1.º—que ao maior indice não corresponde a maior capacidade. Verificamos este enunciado em todo o quadro; mas accentuadamente em muitas unidades, como nos n.os 1–10–20–23–24... da série, em que os indices de brachycephalos teem capacidades muitissimo inferiores ás dos dolichocephalos dos mais exaggerados, taes como as capacidades da série em confrontação;

2.º—que a lei não póde ser applicavel ao sexo feminino, porque o quadro a abroga formalmente, como podemos ver n'um a um dos exemplares, e, em relevo, na confrontação da capacidade com os indices dos n.os 1–12–22–23... onde encontraremos verdadeiros disparates á lei;

3.º—que a lei não se accommoda a fórma alguma geometrica do craneo humano, pois que as duas demonstrações precedentes a annullam por completo;

4.º—que, quanto á relatividade proporcional entre o indice e a capacidade, vemos que a lei não tem applicação em absoluto—não ha proporcionalidade alguma entre os brachycephalos, nem nos mesaticephalos, nem nos dolichocephalos verdadeiros, tanto homens como mulheres, nem em todos comparados entre si.

SEGUNDA PROPOSIÇÃO

Tanquam propositione præcedente:—Se de facto *a capacidade cresce com a estatura dentro de uma mesma raça,* n'esse caso, como foi feito para a verificação das capacidades com os indices cephalicos, mudando estes em comprimentos femuraes, poderemos ou deveremos propôr *os mesmos quatro quesitos* na verificação do enunciado acima.

Se no individuo humano tomarmos para norma de comparação da estatura, entre uma série de exemplares, um osso longo qualquer dos membros podalicos, que será por exemplo o femur, sem duvida alguma que, em dois ou mais individuos comparados entre si nas suas altitudes, deverá corresponder o femur mais longo ao que fôr mais alto, ainda que variem os seus troncos, os seus pescoços e os seus diametros verticaes encephalicos.

Por consequencia, n'uma série de femures presupporemos pertencerem os mais longos a individuos mais altos do que aquelles a que pertençam os femures mais curtos.

N'esse conceito é que formei o quadro que segue. O nu-

mero de exemplares, os confrontos, a ordenação do comprimento femural do mais longo para o mais curto, finalmente, tudo é egual ao quadro precedente, só ha a substituir *indice cephalico* por *comprimento do femur*. Para ornar este quadro, ajuntei-lhe *outro* com os comprimentos ou extensões dos ossos dos membros thoraxicos e podalicos, contendo as médias, tanto geraes como do lado direito e esquerdo de homens e mulheres do povo portuguez, extrahidas por mim de parte do meu archivo de *esqueletometria e esqueletovaria,* estudo até hoje completamente inedito.

TABLEAU II

Sur 100 exemplaires de Portugais contemporains — 50 hommes et 50 femmes de squelettes complets —, en confrontation générale, montrant que la taille (relevée et ordonnée par la longueur du femur droit) n'a aucune influence sur le degré de capacité crânienne chez les sus-dits portugais

Hommes

CONFRONTATION

N.° du relevé	Province	Age	Cas	Capacité	Longueur du femur	Longueur du femur	Capacité	Age	Province	N.° du relevé
14	E	49	**1**	1595	**494**	496	1526	34	M	28
61	D	33	**2**	1620	**481**	500	1486	18	D	40
30	E	35	**3**	1830	**480**	481	1750	?	»	53
9	»	27	**4**	1734	**467**	476	1647	31	E	41
55	»	35	**5**	1673	**461**	461	1542	?	A	35
3	BB	36	**6**	1773	**459**	459	1560	27	M	21
18	BA	29	**7**	1525	**459**	466	1447	26	IA	64
44	Alg	51	**8**	1636	**457**	462	1555	60	D	37
26	M	43	**9**	1610	**455**	455	1573	34	»	25
42	E	25	**10**	1620	**454**	454	1490	29	E	51
11	»	33	**11**	1630	**445**	454	1530	23	M	31
1	»	34	**12**	1585	**445**	446	1225	30	E	12
54	»	46	**13**	1805	**444**	450	1526	19	»	32

Femmes

CONFRONTATION

N.° du relevé	Province	Age	Cas	Capacité	Longueur du femur	Longueur du femur	Capacité	Age	Province	N.° du relevé. Tombe 1166
20	M	20	**1**	1466	**448**	448	1538	69	E	(62)
53	E	64	**2**	1440	**440**	457	1419	25	D	3
10	IA	30	**3**	1482	**428**	484	1413	35	E	8
36	E	63	**4**	1478	**420**	420	1293	57	»	40
55	»	18	**5**	1462	**418**	429	1293	61	»	62
12	»	33	**6**	1476	**414**	424	1396	36	»	63
39	»	32	**7**	1472	**414**	417	1297	36	IM	56
33	»	28	**8**	1455	**410**	411	1352	21	E	60
7	»	24	**9**	1415	**410**	416	1412	58	IM	57
64	»	44	**10**	1416	**409**	409	1345	38	D	41
19	»	42	**11**	1588	**408**	413	1520	65	E	58
47	Alg	57	**12**	1480	**405**	418	1386	21	TM	13
11	E	38	**13**	1519	**399**	405	1266	51	E	42

5	D	40	**14**	1754	**443**	446	1503	25	M	17	37	»	33	**14**	1410	**398**	411	1407	22	»	1
16	TM	19	**15**	1594	**443**	448	1578	54	E	33	2	»	28	**15**	1493	**395**	400	1316	64	»	50
10	E	25	**16**	1534	**442**	451	1525	26	»	38	59	»	51	**16**	1471	**394**	402	1289	34	»	29
34	TM	22	**17**	1704	**438**	447	1406	39	»	63	21	»	34	**17**	1475	**393**	404	1245	38	»	48
* 60	E	59	**18**	1726	**434**	448	1604	73	»	15	51	»	63	**18**	1450	**393**	407	1300	34	D	46
13	D	30	**19**	1563	**433**	444	1392	54	»	65	65	»	66	**19**	1434	**393**	402	1392	30	»	45
6	E	32	**20**	1645	**432**	440	1386	37	D	8	32	»	23	**20**	1415	**387**	400	1405	34	E	4
19	»	36	**21**	1617	**432**	433	1436	30	»	59	14	»	21	**21**	1422	**384**	415	1340	23	»	15
57	»	22	**22**	1778	**431**	439	1625	19	E	39	25	»	22	**22**	1352	**378**	389	1300	32	»	44
20	Alg	33	**23**	1530	**428**	428	1426	24	»	24	52	»	25	**23**	1448	**367**	406	1373	26	»	23
43	A	?	**24**	1668	**426**	430	1421	42	»	48	26	»	27	**24**	1246	**360**	390	1243	24	TM	27
45	E	68	**25**	1640	**393**	422	1566	25	M	58	61	»	21	**25**	1482	**348**	398	1315	38	E	22

Lisbonne, 15-7.°-1897. *Dr. F. F. de M.*

TABLEAU

Moyennes de la longueur des os des membres thoraxiques et podaliques de 130 exemplaires de squelettes complets de Portugais contemporains — 65 ♂ et 65 ♀

			Hommes		Femmes			Hommes	Femmes
			Droit	Gauche	Droit	Gauche			
Membres	Thoraxiques	Humerus	320.7	317.5	286.6	284.5	Moyennes des deux os:	319.11	285.53
		Cubitus	253.6	253.4	226.5	224.7		253.43	225.61
		Radius	238.6	236.4	207.8	210.5		237.53	209.12
	Podaliques	Femur	445.8	446.1	401.7	401.9		445.94	401.82
		Tibia	367.–	365.8	330.3	329.7		366.45	330.—
		Péroné	360.9	361.9	323.7	323.8		361.41	323.78

O trabalhoso quadro prova com toda a clareza:

1.º—que ao maior comprimento femural não corresponde a maior capacidade—comparemos dentro da mesma série de homens o n.º 1 com o n.º 22, 3 com 23, 4 com 19... e egualmente na série de mulheres o n.º 1 com o n.º 24, 2 com 25, 13 com 22...—. Em todo o quadro *confrontativo* (das duas séries de 25) esta verdade é visivel; mas com toda a lucidez nos confrontos dos n.ºs 6-10-12-19-20... da série, onde não só a femures de egual comprimento correspondem capacidades com largos desvios, como tambem a femures mais longos do que outros lhes correspondem n'estes capacidades muitissimo superiores;

2.º—que no sexo feminino o facto é identico ao masculino em todo o quadro; mas com mais firmeza nos numeros confrontativos 4-5-7-13-17... da série, onde notamos factos semelhantes aos dos ♂;

3.º—que, pelas duas occorrencias precedentes, deduzimos que a lei não tem applicação a fórma alguma geometrica craneana feminina portugueza, nem a estatura alguma;

4.º—que, quanto á relatividade proporcional entre estatura e capacidade, a lei não é verdadeira em absoluto—não ha proporcionalidade alguma nem entre os individuos altos, nem nos medianos, nem nos baixos, quer homens, quer mulheres, quer em todos comparados entre si.

.....

IV

Imbuido no encanto e arrastado pelo attractivo que estas questões teem em mim, ia-me esquecendo do dever de jámais attribular os outros com as manifestações *alongadas* dos assumptos que nos agradam. Embora n'este caso digam de mim o que já dizia a todos o meu professor de grego Zenemvisses —Τῇ περὶ τὴν ανθρωπολόγον (?) σπουδῇ τὴν λύπην κατ-επραΰνετο (1)—, porque eu o entretinha com as minhas conversações sobre os estudos do homem, isso nada justifica o abuso da benevolencia com que acceitam as minhas rabugices, que outro nome não merecem as tiradas que precedem.

---

(1) Elle suavisava os seus enfados pelo estudo da anthropologia (versão).

Por essa razão, suspendo n'este ponto os meus enfados, mesmo porque não desejo tambem que de longe, e a occultas, como é costume em muitos circulos ou sociedades viciadas, me acoimem de—подъ лѣсомъ соломинку видитъ, а подъ носомъ бревна не замѣчаетъ (1)—, como sempre repetia o meu professor de russo, Dragomanow, quando os meus dizeres transudavam visos criticos, ainda que me não dominem agora semelhantes intuitos.

Como, porém,—Homo id quod prodit semper et ubique amat—, estas impertinencias dever-me-hão ser desculpaveis, attendendo a que teem por fim elucidar a idéa por mim emittida, de que *a capacidade craneana no ser humano é correlativa e proporcional ao volume do tronco, independente dos membros.*

E finalmente para concluir:—Com referencia ás proposições do dr. Le Bon, consequentes de investigações positivas proprias, julgo da maxima conveniencia recebêl-as sempre com uma interrogação; porque o conheci de perto, quando elle fazia parte commigo da Sociedade de Anthropologia de Paris.

Já não acontece o mesmo com as do meu prestimoso amigo e distinctissimo professor Léon Manouvrier, cuja technia e probidade scientifica é de absoluta integridade. Eis a razão pela qual os seus trabalhos sobre a reconstituição da estatura pelos ossos longos do esqueleto, cujo proseguimento de alguns d'esses estudos presenciei no Laboratorio de Broca em Paris, teem um valor por assim dizer inestimavel para a avaliação estatural *approximada* dos exemplares prehistoricos—edade do ferro, do bronze, da pedra polida, da pedra lascada e mesmo do terciario, por elle ha pouco tempo ainda tão accentuadamente posto em fóco—; porém, as mesmas proposições, applicadas para achar *com precisão* a relação da estatura dos contemporaneos com a sua capacidade, necessitam de observações multiplas e pacientes em vivos e mortos. D'estes está encarregado ha annos já o meu respeitavel amigo dr. Papillault, com quem ha dois annos estive na Sala de Dissecções da Escola de Medicina de Paris, onde fui estudar o seu methodo analytico e admirar o colossal trabalho de dimensões, feitas directamente sobre cadaveres.

---

(1) Ver em um dos olhos do seu proximo um argueiro, e não ver uma trave no seu (versão).

Hoje, agora, n'este momento, ao ler o Estudo dos «Cranios Portuguêses», feito por Antonio Aurelio da Costa Ferreira, podemos dizer sem hesitação que, em Portugal, é elle o corajoso continuador dos referidos investigadores francezes.

Presumo que, quandó este investigador estiver de posse de sufficientes observações pessoaes e alheias, vindas de operadores dignos de fé, as suas inducções deverão ser firmes, porque é escrupuloso, probo e altamente discreto, pelo que deve ser crédor da admiração e do respeito de todos, á frente dos quaes se collocará o

DR. FRANCISCO FERRAZ DE MACEDO.

Lisboa, 22 de julho de 1900.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

IDÉAL

I

Je ne vous aime pas, ma beauté sidérale,
dont le teint est si blanc et dont l'oeil est si noir,
car vous êtes pour moi le magique miroir,
où je lis clairement toute chose idéale!

Vos joues ont du printemps la fraîcheur matinale;
j'entends, si vous parlez, le souffle doux du soir;
l'haleine est le parfum d'un exquis encensoir;
le buste a de Cypris la ligne sculpturale!

J'admire votre corps si beau qu'un marbre antique;
mais c'est tout simplement pour voir l'âme angelique,
qui là dedans se cache: ainsi je troue l'éther,

et le ciel, du regard, pour voir surgir l'aurore...
Si je tombe en extase, enfin, devant la chair,
je ne vous aime point... puisque je vous adore!

II

L'âme humaine est l'expirer de la divine essence,
qui les mondes créa, et le vide en remplit;
mais nous ne savons guére où l'illusion finit,
nous ignorons encor même où le vrai commence!

Quoique fille de Dieu, elle est double — innocence
flambait dans une face; et l'autre, qu'obscurcit
une ombre, c'est l'orgueil satanique et maudit:
c'est le fruit défendu de l'arbre de science!

La femme a dans son coeur la meilleure des faces;
l'homme a gardé pour lui la source des disgrâces:
mais ce triste exilé du lointain paradis,

ayant perdu la clef du livre du destin,
et cherchant ce que Dieu lui a donné jadis,
trouva qu'elle est toujours—l'éternel feminin!

8 mars 1897. CORRÊA BARATA.

ESTUDOS SOBRE DAMIÃO DE GOES

(Cont. do n.º 8, pag. 510)

DOCUMENTOS

XXVIII

Carta de D. João III confirmando a doação que D. Manuel fez a Fruitos de Goes de uma courella no termo da Azambuja —28 de julho de 1524

«Dom J.º &c A quamtos esta minha carta vyrem faço saber que por parte de Fruytos de Goeez me foy apresemtada hũa carta delRey, meu senhor e padre, que santa glorya aja, de que o teor tall he: «Dom M.el per graça de D.s rey de Portugall e dos Algarues daquem e dalem maar em Africa, senhor de Guyne e da comquista, navegaçam comercio dEtiopia, Arabia, Persya e da India, a quamtos esta nosa carta vyrem fazemos saber que queremdo nos fazer graça e merce a Fruytos de Goeez, noso moço da guarda roupa, temos por bem e lhe fazemos merce daquy em diamte, em dias de sua vida, de hũa courella de tera que diz que as cheas cryaram junto com a poste do fumdo termo dAzambuja, que podera leuar rb té l (45 até 5o) alqueires de trygo de semeadura, e esto asy e pela maneira que a nos pertemce sem delle nos pagar cousa algũa, e elle será obrigado de o tapar todo a sua custa e de o trazer asy sempre tapado e aproueytado. E porém mandamos ao noso comtador da dita comarqua e a todolos outros nosos oficiaes e pesoas, a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento della pertemcer, que o metão em pose da dita courella de teraa e a leixem ter, lograr e pesoyr em dias de sua vida, como dito he, por quanto nos lhe fazemos asy della merce sem outra duuida nem embarguo algũu que lhe a ello seya posto. Dada em a nosa villa dAlmeirym a ix dias de novembro—Jorge Fernandez a fez—anno de myll b.e xb.» Pedimdome o dito Fruytos de Goees por merce que lhe comfirmase a dita carta e visto per mim seu requerymento, queremdolhe fazer graça e merce, tenho por bem e me praz de lha comfyrmar e ey por comfyrmada asy e da maneira que nella he conteudo. E porem mando que asy se cumpra e guarde. Dada em Evora a xx biij dias de julho—Gaspar Mendez a fez—de mill b.e xxiiij» (1).

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, liv. 21, fl. 165.

XXIX

Doação de umas terras na ilha do Fogo a Fruitos de Goes

«Dom Manuell &c A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que a nos diserom hora como hũ Pero Saco, morador na ilha do Foguo, sendo ouuidor na dita ilha, comprou certa fazẽda a hũ Martim Miguell, outro sy morador em a dita ilha, e asy oue de sesmaria, a qual fazenda ele perde pera nos por bem de nosas ordenaçomes e leix sobre tall caso feitas polla asy comprar sendo vedor, pollo quall, se asy he como a nos diserã e que helle por bem das ditas nosas ordenaçomes sobre tall caso feitas perde a dita fazemda pera nos e com direito nos a podemos dar a quem nosa merce for, temos por bem e nos apraz fazermos dela merce a Fruitos de Gois, sendo asy como elle diz e que per o dito caso se perde pera nos, como dito he. E porem mandamos... Dada em Lixboa a xxbiij dias de novembro—ElRey o mandou per o conde do Vimioso &c viador de sua fazenda—Andre Roiz a fez ano de ⁊ bᵉxbj» (1).

XXX

Carta de D. João III confirmando outra de D. Manuel em que nomeia Fruitos de Goes vedor dos fornos de S. Jorge da Mina—18 de agosto de 1524

«Dom Joam &c A quamtos esta minha carta virem faço saber que per parte de Frutos de Goes me foy apresemtado hũa carta delRey meu senhor e padre, que samta groria aja, da quall o teor tall hee: «Dom Manuell per graça de Dª Rey de Purtugall e dos Allgarues daquem e dalem mar em Afriqua, senhor de Guine e da comquista, nauegaçãa comercio dEtiopia, Arabia, Persya e da Imdia, a quãtos esta nossa carta virem fazemos saber que avemdo nos respeito aos seruiços que temos recebidos e ao diamte esperamos receber de Frutos de Goes, e por lhe fazermos mercee, temos por bem e nos praz queele teuese de nos em dias de sua vida des o primeiro dia de janeiro que ora pasou de bᵉxbiij em diante o oficio de vedor dos fornos da nosa cidade de sam Jorge da Mina com todo ho Ordenado e mantimento que o dito oficio em cada hum ano tem per noso Regimẽto, o qual ele mãdara la seruir per pesoa que seja auta pera iso, e bem asy nos praz que ele tenha na dita cidade em dias de sua vida duas escrauas no conto das per nos ordenadas pera estarem na dita cidade e ajam em cada hum ano todo ho ordenado em noso Regimento, o qual oficio de vedor do forno e asy as duas escrauas ele tinha de nos ẽquãto nosa merce fose per dous alluaras nosos per que lhe tinhamos de tudo feito merce, e ora avemos por bem que ele tenha tudo em dias de sua vida. E per esta mãdamos a Fernã Lopez Corea, que ora na dita cidade esta por capitão e a quall quer outro que ao diamte for que lhe

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manuel, liv. 10, fl. 7.

leixem ter e poer no dito oficio a pesoa que quiser e com quem se comcertar semdo auta e pertemcemte pera iso, ho qual leixara aver todo mantimento ordenado ao dito oficio asŷ e pella maneira que o dito Frutos de Goes ho ate ora avia per hum noso aluara e asy lhe leixem ter as ditas escrauas asy como as ate ora teue per outro noso alluara, os quaes forã rotos ao asynar desta. E mãdamos ao noso feitor e oficiaes da nosa Casa da Mina nesta cidade de Lixboa que lhe deixem la mãdar a pesoa com quem se asy comcertar e asy as ditas escrauas e lhe façã dar pera la ẽbarcação segumdo nosa hordenamça e faça registar esta nos liuros da dita casa pera se saber como lhe asy temos feito esta merce e a pesoa que asy la mãdar serlhea dado juramento na casa da Mina que bem e verdadeiramente sirva o dito oficio, e por sua guarda e firmeza dello lhe mãdamos dar esta carta per nos asynada e aselada do noso sello pemdemte. Dada em Lixboa a iij de julho—Gomez Pereira a fez ano de noso Senhor Ihũu Xº de mill bᵉxbiij.» Pedimdome o dito Fruitos de Goes por merce que lhe comfirmase a dita carta e visto per mim seu requerimento, querendolhe fazer graça e merce, tenho por bem de lha comfirmar e ey por comfirmada asy e da maneira que se nela contem e asy mãdo que se cumpra e guarde. Dada em Evora a xij dagosto Jorge da Fomseca a fez ano do noso Senhor Jhũ X.º de mill bᵉxxiiij» (1).

XXXI

Carta de D. Manuel permittindo a Fruitos de Goes que elle legue por sua morte a um seu filho as saboarias de Lamego, Vizeu e Alemquer. Confirmada por D. João III a 27 de julho de 1524

«Dom Joham &c A quãtos esta mynha carta vyrem faço saber que por parte de Fruytos de Goees me foy apresemtada hũa carta delRey meu senhor e padre, que samta glorya aja, de que o theor tall he: «Dom Manuel per graça de Dª Rey de Purtugall e dos Allguarues daquem e dalem maar em Afryca, de Guyne e da comquysta navegaçam comercio dEthyopia, Arabya Persya e da Imdya &c, a quamtos esta nosa carta vyrem fazemos saber que avemdo nos respeyto aos seruyços que temos recebydos e ao dyamte esperamos receber de Fruytos de Goees e por lhe nyso fazeremos merce temos por bem e nos praz que as saboaryas pretas das cidades de Llamego e Vyseu e da vylla dAllamquer e asy a terra da llezyra, que esta no termo dAzambuja, de que lhe temos feito merce per nosas cartas per seu fallecimento fiquy todo a hum seu filho que damtre elle e Isabel Perdygoa sua molher emtam ouuer, asy e pella maneira que as ditas saboaryas e tera ele ora de nos tem e por sua guarda e nosa llembramça lhe mãdamos dar esta carta per nos asynada e asellada do noso sello pemdemte. Dada em Lixboa a dous dias de julho—Gomez Pereyra a fez anno de noso Senhor Jhũ Xpo de myll e bᵉxbiij. E semdo caso que o dito Fruytos de Goes falleça prymeyro que a dita Isabel Perdygoa, sua molher, per que nos sejamos obrygado as ditas arras, que lhe temos seguradas per estas saboaryas e tera dAzambuja, segumdo se contem na

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 8, fl. 67 v.

carta que das ditas arras lhe mãdamos pasar, em tall caso avemos por bem que o filho que as ditas saboaryas ouuer daver nom aja cousa algũa dellas atee a dita sua may ser emtregue por ellas da parte a que lhe nos o foremos obrygado.» Pedymdome o dito Fruytos de Goes por merce que lhe comfirmase a dita carta, e visto per mym seu requerymento, queremdolhe fazer graça e merce, tenho por bem e lha confirmo e ey por comfirmada e mãdo que se cumpra e guarde asy e da maneira que se nella cõtem. Dada em Euora a vynte e sete de julho—Marcos Roïz a fez de mill e b^{e}xxiiij» (1).

XXXII

Carta de D. Manuel de 20 mil reaes de tença a Fruitos de Goes pelo seu casamento. Confirmação de D. João III

«Dom Joham &c A quãtos esta mynha carta vyrem faço saber que por parte de Fruytos de Goees me foy apresemtada hũa carta delRey meu senhor e padre, que samta glorya aja, de que o teor tall he: «Dom Manuel per graça de Dª Rey de Purtugall e dos Allguarues daquem e dallem maar em Afryca, senhor de Guyne e da comquysta navegaçam comercio dEthyopya Arabya Persya e da Imdia, a quãtos esta nosa carta vyrem fazemos saber que por parte de Fruytos de Goees, noso moço da guarda roupa, nos foy apresemtado hum noso alluara de certas merces que lhe comcedemos no tempo que se comcertou o casamento amtre elle e sua molher Isabel Perdigoa, amtre as quais era hũa que nos prazya de fazer merce ao dito Fruytos de Goes de vynte myll rs de temça tamto que a dita sua molher fose de idade de doze annos que o dito casamento fycara firme e vallyoso, e porque nos mostrou hum pubrico estormento de testemunhas que juraram pasar da dita idade de doze annos, avemos por bem e nos praz que o dito Fruytos de Goes tenha e aja de nos de temça em cada hum ano, de janeiro que pasou da era presemte de myll e b^{e}xxj em diamte os ditos vynte mill rs. E porem mãdamos aos veadores de nosa fazemda que lhos façam asemtar nos lyuros della e dar carta delles do dito janeiro em diamte em cada hum anno pera llugar domde lhe sejam bem pagos, e por certidam e firmeza dello lhe mãdamos dar esta carta por nos asynada e asellada do noso sello pemdemte. Dada em Lixboa a dezanoue dias de junho—Alluaro Neto a fez—anno do nacimento de noso Senhor Jhũ Xpo de myll e b^{e} e vynte e hum.» Pedymdome o dito Fruytos de Goes por merce que lhe comfirmase a dita carta e visto por mym seu requerymento, queremdolhe fazer graça e merce, tenho por bem e lha cõfirmo e ey por cõfirmada, e mãdo que em todo se cumpra e guarde como nella he cõteudo. Dada em Euora a xxiiij de julho—Amtonio Sanhudo a fez—anno de myll e b^{e}xxiiij» (2).

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doaçõe*s, liv. 25, fl. 130 v.
(2) Torre ds Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doaçõe*s, liv. 25, fl. 130 v.

XXXIII

A Anna de Guoes confirmaçam da doaçam de huma fazenda que Fruitos de Guoes, seu primo, lhe doou, a qual estaa na ilha do Foguo

«Dom Manuel etc a quantos esta nossa carta dc confirmaçam de doaçam virem fazemos saber que per ante nos foy apresentado huũ pruuico estormento de doaçam que parecia ser feito e asinado per Dioguo Leitam, pruuico tabaliam por nos em esta nossa cidade de Lixboa, aos doze dias do mes de junho do anno do nacimento de nosso senhor Jhũ Xpo de mil e quinhentos e dezoyto, em o qual se continha amtre as outras cousas que per Fruitos de Guoes, fidalguo de nossa casa, fora dito que era verdade que Pero Saco, morador na ilha do Foguo, sendo ouuidor pollo capitam da dita ilha, comprara certa fazenda de raiz em a dita ilha a huũ Martim Miguel, morador em ella, e por assi comprar a dita fazenda e a perder pera nos fezeramos della merce a elle Fruitos de Guoes, como se mostrava pella carta da merce, que fora mostrada ao taballiam que a dita doaçam fez, e que avendo elle Fruitos de Goes respeito ao parentesco e amizade que tinha com Anna de Guoes, sua prima, e por muitas booas obras que della tinha recebidas, elle dito Fruitos de Guoes lhe fazia, como loguo de feito fizera, liure e pura inreuogauel doaçam, amtre viuos valledoura do dito dia pera sempre aa dita Anna de Guoes de todos os ditos beẽs e fazenda contiudos em a dita carta de merce e bem assi da dita carta e de todo direito e auçam que na dita fazenda tinha e pudese ter, e ella fazer de todo como de cousa sua propia, prometẽdo de nunqua em ninhuũ tempo hir contra a dita doaçam, a qual doaçam lhe assi fez sendo solteiro pera ajuda do casamento da sobre dita, e sendo caso quo ella casase sem seu consentimẽto a dita doaçam que lhe assi fez lhe nom valese, segundo que todo esto e outras cousas milhor e mais compridamente em o dito estormento de doaçam eram comtiudas. Pedindome o dito Fruitos de Guoes por merce que lhe confirmasemos e aprouasemos e ouuesemos por bem firme e vallioso assi e pella guisa que nelle era contiudo. E nos vendo o que nos elle assi pedia com o dito estormento antes que lhe sobre isso desemos final despacho quisemos primeiramente saber por inquiriçam como ou por que maneira o dito Fruitos de Guoes fizera a dita doaçam. E por tanto mandamos primeiramente tirar inquiriçã de testemunhas per juramento dos avangelhos como e per que guisa o dito Fruitos de Goes fizera a dita doaçã e se o fizera per prema, ameaça, ou costramgimento, ou comluyo, e se tinha padre ou madre, filhos e filhas, netos ou netas, ou outros alguũs herdeiros que de direito ouuesem de herdar seus beẽs, e se ao tempo que fizera a dita doaçam estaua em seu siso e emtemdimento, as quaes deligencias forom feitas per nosso mandado e per carta nossa que pera iso pasamos, a qual deligencia e inquiriçam foy feita e acabada e per amte nos apresentada, e visto por nos huũ prazme com o nosso pase, e querendolhe fazer graça e merce, temos por bem de lhe confirmarmos, como de feito avemos por cõfirmada a dita doaçam que Fruitos de Goes fez aa dita Anna de Guoes, sua prima, da fazenda de Pero Saco, da ilha do Foguo, de que lhe nos fazemos merce por a elle perder, vista a deligencia que se fez nos casos acostumados. E porem vos mandamos que lhe cumpraes e guardeis e façais comprir e

guardar o dito estormento de doaçam em todo e per todo como nelle he comtiudo e segundo aqui por nos he confirmado e lhe nom vades nem consintaes hir cõtra iso em ninhuũa guisa que seja nõ embarguando quaes quer leis e direitos e costumes que isto posam embarguar por que nossa merce e võtade he de lhe a dita doaçam ser confirmada pella guisa que dito he com ẽtendimento que isto nom faça ninhuũ perjuizo a alguũs herdeiros lidimos, se os hi ha, e a outras quaes quer pesoas que alguũ dereito ajam nos ditos beẽs, e em testemunho desto lhe mandamos dar esta nossa carta asinada e aseellada do nosso sello pendente. Dada em a nossa muy nobre e sempre leal cidade de Lixboa a quatorze dias do mes de junho—elRey ho mandou per dom Dioguo Pinheiro, bispo da cidade do Funchal, primás das Indias, do seu conselho e desembarguo e seu desembarguador do paço e petições e &c.—Dioguo Velho a fez ano do nacimento de nosso Senhor Jhũ Xpo de mil e quinhentos e vinte huũ» (1).

(Continúa) SOUSA VITERBO.

---

(1) D. Manuel, *Misticos*, liv. 6, fl. clxxxix.

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.* — Cont. do n.º 8, pag. 512)

VNA DEL Pº DIOGO XIMENES SECRETARIO POR ORDEM DE NUESTRO Pº GENERAL CLAUDIO AQUA UIUA DE 30 DE DEZEMBRO DE 1586

Pax X*risti*. Entre las escrituras de momento que en el Archiuio de Roma seham de conseruar, ade ser quasi en primer lugar la historia del origen, y fundacion de cada Collegio, o casa dela cõpanhia en q*ue* breuemtº se diga, de q̃ tiempo se le dio principio, por quien, y con quanta rienta, i el aumento q̃ el mismo, ó otros hauran dado hasta el presente estado, En el qual tanbien se digan las leçiones, que leen, quales por obligacion, q*ua*les sin ella, con las demas obligaciones, y cargas q̃ tieue, y la gente q̃ sustenta, porque aun que esto hiseron en tiempos passados algunos uisitadores; todauia porque ni esto se hizo, sino delas menos prouincias; ni diestas seinbio escrito enla forma q̃ conuenia, pera hazerse liuro destas historias: sera necessario hazerse de una uez esta diligençia con el orden dicho. S. escriuiendolas ::: de la grandeza deste, y se fuesse maior reduziendolo a esta, y de ::: dela manera q̃ uan en esta nuestra carta. Esta relaçi ::: con alguna ocazion delos n*uest*ros q̃ u*en*gan á Roma, o de perg :::, o con los procuradores delas p*ro*uincias, guardando ::: deste sumario que enbiaran aun q̃ tengan la ::: registros antiguos pera que quando fuere ::: sepueda embiar emformacion cõseguinte a esta del ::: cargos q̃ auran crescido.

En la misma forma de pap*el*, pera poderse hazer liuro, conuiene se embien los uotos solemnes de p*ro*fessos, con sus simplices, y de coadiutores formados, y no en medio pliego, o enquarto, como suelen comunmente embiarse. Dios seia com V. R. De Roma alos 30 de diziembre de 1586.

Por Comission de N. P.e G*ener*al Diego Ximenes.

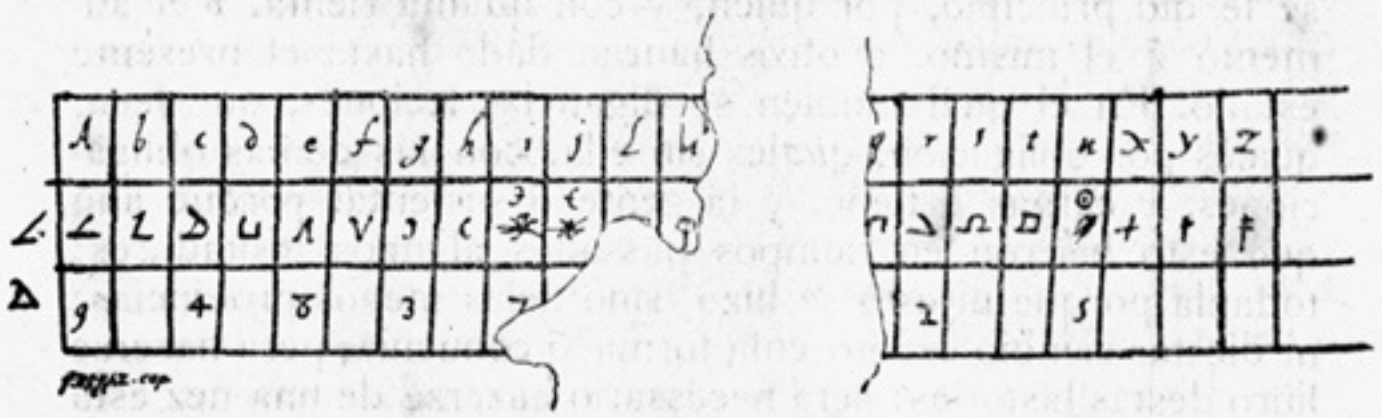
O proprio papel original de que se tresladou, o acima esta cozido no cabo deste liuro.

CAPITULO DE HŨA DO NOSSO P.e GERAL

Conçedese licençia para poder el Collegio de Bragua dar en recompensa dela huerta q̃ se dessea para cumplimento de su sitio censo de ciem ducados puesto sobre algun bien stabile del collegio conçertandose pero primeiro conel duenho dela huerta, q̃ todas las vezes q̃ se le dieren ciem ducados de iuro con seguridad bastante, sera obligado acceptarle, y se leuantara el tal censo constituido sobre la pieca q̃ el collegio para esso hauia deputado: porq̃ esta nos pareçe meior, y mas facil via de salir con esto, q̃ no la q̃. V. R. apresentaua en la suia de 25 de setiembre.

Ja se não vza desta cifra por ordem de : : :

ALFABETO EMBIADO AL PROVINCIAL : : : ALOS 23 DE MARÇO DE 87



Vom dupplicadas alg : : : eras pera q̃ se puedan variar, especial : : : se haze mas difficil el descifrar.

Nullas seran qualesquier : : :, y delas sobredichas las q̃ tuuieren vn punto encima, o debaxo θ 7 φ ω.

Vide fol. aliã cifrã ad longũ.

(Continúa).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

DIFFERENÇAS PHONETICAS DAS LINGUAS E DIFFERENÇAS ANATOMICAS DOS ORGÃOS DA FALLA

(Cont. do n.º 9, pag. 529)

V

Os auctores que se têem referido a differenças anatomicas como base de differenças phoneticas nas linguas têem considerado, em geral, sem duvida, apenas os orgãos em que a palavra se produz, os orgãos periphericos, como a larynge, a boca, as fossas nasaes. Todavia as observações memoraveis de P. Broca (1861–1864), que, em verdade, tinham sido precedidas d'outras, ainda que menos decisivas (como as de Bouillaud, 1825–1865; as de Marc Dax, 1836) provaram haver no cerebro uma parte, o pé da terceira circumvolução frontal esquerda (nos dextros), que aquelle celebre anthropologo chamou a séde ou centro da faculdade da linguagem articulada e que poderia chamar-se orgão cerebral da palavra, da linguagem phonetica, ou, melhor, parte do cerebro cuja integridade é necessaria á funcção integral dessa fórma de linguagem.

A reflexão e as investigações mostraram que deviamos considerar como muito complexo o que chamamos em geral funcção da linguagem, principalmente quando ás fórmas primitivas se junta a linguagem escripta. Distinguem-se a linguagem propriamente dita, fallada ou phonetica (acustica); a linguagem gesticulada ou mimica (optica); a linguagem tactil inventada para uso dos cegos-surdos-mudos e communicação delles com os normaes; a linguagem graphica (tambem optica). Em cada uma dessas diversas fórmas da linguagem, as quaes podem coexistir no mesmo individuo, ha que considerar varios momentos; assim na linguagem phonetica distinguimos, rela-

tivamente aos phenomenos centraes (psychicos), as imagens acusticas (percepção, reproducção), as imagens motrizes (dos movimentos proprios para a reproducção da palavra phonetica), as imagens (opticas, acusticas, tacteis, thermicas, olfactivas, gustativas, etc.) dos objectos que as palavras designam e as associações entre essas diversas imagens (ou representações, segundo o termo empregado pelos psychologos allemães). Se á linguagem phonetica se junta num individuo a graphica, complicam-se as associações desses elementos com as imagens opticas da escripta e as imagens dos movimentos necessarios para escrever. As investigações mostraram que o chamado centro de Broca, o pé da terceira circumvolução frontal esquerda, não era o unico interessado na complexidade desses phenomenos (1).

Trabalhos recentes, entre os quaes occupam um logar proeminente os de P. Flechsig (2), professor de psychiatria da Universidade de Leipzig, fizeram dar largos passos ao problema da distincção dos centros cerebraes de projecção, que são ao mesmo tempo centros sensitivos e motores, e os centros de associação. Tinha-se localisado o centro dos movimentos da lingua e duma parte dos musculos da face (todos menos os da fronte, palpebras e olhos) no quarto inferior das duas circumvoluções ascendentes, frontal e parietal, e no operculo de Rolando. O pé da terceira circumvolução frontal esquerda foi considerado por Testut como centro de associação da lingua fallada.

Segundo as palavras de Flechsig, «a capacidade de se representar os movimentos ou, melhor, a capacidade de sentir a posição dos orgãos interessados na linguagem (fallada) é alterada pela lesão da terceira circumvolução frontal», cujo pé entra na esphera de projecção tactil, emquanto o lobulo da insula é o centro de associação da linguagem articulada (3).

---

(1) Vid. uma curta historia dos trabalhos relativos á aphasia e aos centros cerebraes em Gilbert Ballet, *Le langage intérieur et les diverses formes de l'aphasie* (Paris, 1886), pagg. 71-74. O dr. Ferrand, *Le langage, la parole et les aphasies* (Paris, 1894), pagg. 199-229, dá uma bibliographia, aliás bastante incompleta, do assumpto. Para a bibliographia de 1894 ao presente, vid. *L'année psychologique*.

(2) P. Flechsig, *Gehirn und Seel*, 2.ª ed. (Leipzig, 1896); idem, *Études sur le cerveau*, trad. de L. Levi (Paris, 1898); L. Testut, *Traité d'anatomie humaine*, 3.ª ed., II, 277-284; A. Van Gehuchten, *Anatomie du système nerveux de l'homme*, 2.ª ed. (Louvain, 1897), pagg. 655-58, 685-705. Não conheço ainda a terceira edição desta ultima obra.

(3) Flechsig, *Études*, pag. 131; V. Gehuchten, *ob. cit.*, pagg. 693 e 699.

Vê-se, pois, que não póde fallar-se de orgãos da linguagem sem mencionar ou subentender a distincção entre os periphericos e os centraes. O glottologo não póde deixar de ouvir aqui os ensinos dos anatomistas, pathologistas e physiologistas, como o fazem os psychologos, e Techmer, entre outros, deu a attenção merecida ao assumpto na sua *Phonetik;* os vinte annos decorridos desde a publicação deste livro foram fecundos em resultados para a anatomia e physiologia cerebraes.

A questão da base organica das differenças dos systemas phoneticos das linguas enunciar-se-ha, pois, do seguinte modo:

Até que ponto é essa base

1) anatomica ..
- *a*) e reside nos orgãos periphericos,
- *b*) ou nos orgãos centraes,
- *c*) ou nos orgãos periphericos e centraes ao mesmo tempo;

2) funccional...
- *d*) e hereditaria (como disposição),
- *e*) ou adquirida pela imitação,
- *f*) ou hereditaria em parte, em parte adquirida;

3) combinatoria de 1 e 2.

Cada um desses aspectos da questão póde ser considerado:

A) relativamente a um momento dado da historia duma lingua;

B) relativamente a momentos successivos dessa historia.

Podemos suppôr que uma tendencia phonetica, um habito phonetico 1) tem base anatomica particular, ou 2) é de ordem puramente funccional, sem por isso deixar de ser ethnico, isto é, caracteristico dum povo ou duma divisão dum povo, e será tão ethnico se *d*) resultar duma transmissão hereditaria (pela geração), como se *e*) resultar da imitação, do mesmo modo que os costumes, as crenças, e tudo o que é um effeito educativo.

Podemos egualmente suppôr que *A*) o systema phonetico duma lingua ou dialecto, com todas as suas tendencias particulares, numa dada epoca, se explique pelas particularidades anatomicas dos orgãos da falla do povo a que pertence essa lingua ou esse dialecto, ou por um habito constituido, abstrahindo de toda a referencia ao passado; que *B*, 1) as tendencias e transformações phoneticas duma lingua ou dialecto, durante um mais ou menos longo periodo da sua existencia, se explique por uma constituição anatomica constante ou um habito de pronuncia invariavel (na base de articulação), ou que *B*, 2) as transformações dessa lingua ou dialecto, no periodo conside-

rado, resultem duma modificação anatomica ou duma modificação do habito de pronuncia, de caracter exclusivamente funccional. São possiveis subdivisões nessas hypotheses, que por brevidade omittimos.

Vamos considerar cada um dos pontos referidos em o nosso quadro acima.

VI

Os anthropologos, no intuito de determinar os caracteristicos das raças humanas, têem examinado, mais ou menos detidamente, os orgãos do corpo humano que interessam ao estudo da producção da falla. Como é sabido, pelo que respeita aos orgãos peripherico*s*, os que mais chamam a nossa attenção vêem a ser a larynge, a pharynge, a boca com as suas dependencias, a cavidade nasal, mas não devem deixar de ser estudados os pulmões, a caixa thoracica e a tracheia.

Notou-se que o desenvolvimento das fossas nasaes e cavidades accessorias (seio esphenoidal, seio do maxillar, seio ethmoidal) é mais completo nos typos dolichocephalos que nos brachycephalos (1). Este dado, porém, carece de confirmação. Dão-se aqui, porventura, contradições como as que se notam entre as dimensões relativas da abobada palatina e as dimensões relativas do craneo, a que abaixo se fará referencia. As differenças de fórma e de desenvolvimento das fossas nasaes e cavidades accessorias têem necessariamente como resultado differenças de timbre, etc., nas vogaes e consoantes cuja pronuncia depende dessas partes resonantes. Existem taes differenças, resultantes da idade, e ha evidentemente differenças da mesma natureza em individuos da mesma idade: resta apurar se estas dependem de differenças raciaes, se se acham, pelo menos em geral, sob a dependencia do indice cephalico. A verdade é que a phonetica ordinaria, ainda a mais minuciosa, abstrahe de differenças que podem ter razão de ser em particularidades das raças que compõem, por exemplo, a nossa população europea: estuda o dialecto duma communidade determinada, mais ou menos extensa, como povo, caracterisa-o como uma unidade, sem pensar em que haja divergencias resultantes da dolichocephalia, mesaticephalia, brachycephalia, etc. dos que fallam esse dialecto.

---

(1) G. H. v. Meyer, *ob. cit.*, pag. 82.

A morphologia do nariz, pelos importantes caracteres raciaes que ministra, chamou cedo a attenção dos anthropologos. A fórma e indice da abertura nasal, o indice nasal do craneo, as particularidades da raiz do nariz, o perfil deste, o aspecto da base, o indice nasal do vivo, a altura das narinas posteriores, têem sido objecto de numerosas observações em differentes typos humanos (1), sem que dahi se hajam tirado quaesquer conclusões relativamente ás differenças phoneticas das linguas falladas pelos representantes das raças observadas.

Na boca devia, num estudo comparativo do apparelho de phonação humano, nas diversas raças, ser cuidadosamente examinada a conformação da abobada do paladar, do veu palatino, do maxillar e do mandibular, dos dentes, da arcada alveolar e dental, superior e inferior, da lingua, dos labios e bochechas, e ainda das amygdalas e do isthmo.

Relativamente á região palatina, buscou Broca determinar as fórmas do bordo inferior ou alveolar (arcada alveolar superior), as quaes reduziu a quatro typos encontrados nos anthropoides:—fórmas de upsilon (υ) (de lados parallelos), e hyperbolica (de lados rectilineos divergentes, que portanto nunca se encontram);—fórmas elliptica (de lados que arqueiam para dentro na parte posterior) e parabolica (de lados divergentes, mas que se cavam um pouco, de modo que, prolongados, se encontram no infinito). As duas primeiras fórmas são raras nas raças humanas; as duas ultimas frequentes, a elliptica sobretudo nas inferiores, e a parabolica sobretudo nas superiores. Das medidas colhidas por Broca concluiu Topinard que a curva das arcadas alveolares não é um caracter seriario, mas sim um caracter indifferente, que só poderia utilisar-se para distinguir grupos secundarios. Com effeito, os diversos negros d'Africa apresentam-se nessas medidas com uma direcção inteiramente opposta á dos hottentotes, australios, etc., o que póde resultar dalguma particularidade anatomica local (2). Mas devia inquirir-se se esse caracter tem alguma importancia para a phonação e fazer o mesmo ácerca da curva dentaria, mais difficil de estudar nos craneos

---

(1) P. Topinard, *Éléments d'anthropologie générale* (Paris, 1885), pagg. 290-307, 954-55.

(2) Idem, *ibid.*, pagg. 955-58; idem, *L'anthropologie* (2.ª ed., Paris, 1877), pag. 266, em que as indicações divergem em parte, além de serem mais incompletas.

por causa da perda dos dentes, e ácerca da qual Topinard não apresenta dados, comquanto note o seu interesse.

Broca estudou tambem o indice palatino (relação centesimal da largura maxima para com o comprimento total da abobada do paladar) e a profundidade dessa abobada (1). Sabendo-se qual é a importancia dos contactos da lingua com a abobada palatina na producção dos phonemas, e a dessa abobada como parte da cavidade resonante buccal, é-se levado a attribuir, por hypothese, áquellas medidas especial importancia no assumpto que nos occupa. Infelizmente a comparação dos systemas phoneticos dalguns povos a que se referem taes medidas, estudados pela maior parte simplesmente nos livros, com os numeros respectivos, deixam-nos na incapacidade de formular juizo seguro sobre a existencia ou não existencia de qualquer correlação. Examinemos um exemplo.

Os bascos hispanhoes apparecem-nos ao lado dos chineses pelo indice palatino (75.2 nos primeiros, 75.5 nos segundos) e pela profundidade palatina (13.3 nos primeiros, 13.4 nos segundos) (2). Completemos essa comparação com os dados que respeitam á curva da arcada alveolar. A relação entre a largura maxima da arcada alveolar pelo lado de fóra (ao nivel da região molar)=100 e a largura da extremidade posterior da arcada, tambem pelo lado de fóra, na juncção da arcada exterior e da faceta por detrás do dente do siso, abaixo da articulação da apophyse pterigoidea, é de 81 nos craneos bascos de Zaraus e de 76 nos craneos chineses (a differença maior nos registos de Broca é de 89 nos negros d'Africa para 73 nos hottentotes, etc.). No contorno interior, a relação entre a largura da abobada palatina no primeiro molar=100 e a largura palatina posterior é de 106 nos bascos de Zaraus e 104 nos chineses (maior divergencia: 110, esquimós, para 96, neocaledonios); a relação com aquella largura da abobada palatina, no primeiro molar, e a largura anterior entre os caninos é de 58 nos bascos de Zaraus e 62 nos chineses (maior divergencia: 58, bascos de Zaraus, 66, tasmanios) (3).

Os numeros relativos aos bascos foram obtidos por Broca dos craneos do cemiterio de Zaraus (Guipuscoa), e as medições em individuos vivos da mesma localidade levaram a concluir a existencia de correlação perfeita; mas as investi-

---

(1) Topinard, *Éléments d'anthropologie*, pagg. 958–59.
(2) Idem, *ibid.*, pag. 958.
(3) Idem, *ibid.*, pag. 957.

gações de Broca e outros anthropologos, até ás mais recentes de R. Collignon, provaram a falta de homogeneidade de typo dos bascos. Em grosso, o basco hispanhol é dolichocephalo; o basco francês brachycephalo, ainda que a sua brachycephalia tenha natureza especial e derive de causa local. Nos proprios bascos da Hispanha se notam elementos heterogeneos; parece, porém, segundo R. Collignon, predominar nelles o que julga poder chamar o hispanhol medio, isto é, o typo que domina no centro da peninsula e no Valle do Ebro; ainda segundo o mesmo anthropologo, os dois grupos bascos (francês e hispanhol), divergindo, como já dissemos, pelo craneo cerebral, apresentam caracteres communs pelo que respeita ao craneo facial (1). Que divergencias extremas ha no meio dos bascos, relativamente ás medidas acima apresentadas, ignoramo-lo. Segundo as medidas de Broca o indice palatino é 79.6 e a profundidade da abobada do paladar 14, nos bascos de França; o primeiro diverge pois 4.4 do dos bascos de Hispanha. Pelo que respeita aos chineses, os numeros apresentados são médias obtidas pelo exame, de 28 craneos (se não erramos). Bastará essa indicação, quando se trata dum povo tão numeroso, cuja lingua se reparte em muitos dialectos? Outras objecções podem ainda fazer-se á pretenção de concluir qualquer coisa do confronto dos dados transcriptos para estabelecer relações entre o systema phonetico do basco e o do chinês, como resultantes de base anatomica semelhante, pelo que respeita, entende-se, ás particularidades da cavidade buccal, a que se referem esses numeros. E em verdade, comparando o quadro dos sons das suas linguas como no-los offerece, por exemplo Friedrich Müller, não vemos, da nossa parte, em que o que lhes é commum derive das particularidades alludidas. Talvez outros mais entendidos descubram o que nós não vemos. Em basco encontramos a vogal *ü* (*u* francês de *pure*); mas só no dialecto da Soule, onde se introduziu do francês; em chinês a mesma vogal ou proxima, mas como variante dialectal de *u*. Essa vogal demais existe em linguas de grupos ethnicos em que se apuraram numeros diversos dos que respeitam a bascos e chineses: assim o indice palatino dos parisienses modernos é 74.7, e a profundidade da abobada do paladar dos mesmos é 12.2. Em chinês, como em basco, achamos a serie de aspiradas *kh, th, ph*; mas no ultimo é só no dialecto da Baixa-Navarra que ellas occorrem,

(1) R. Collignon em *L'anthropologie*, v (1894), 276-287, etc.

e em bocas em que as medidas transcriptas divergem (se se lhes applicam as dos bascos franceses em geral, apontadas acima) das dos chineses. Em basco, como em chinês, achamos os sons *tch, ts* (susceptiveis de serem acompanhados de aspiração em chinês, mas não em basco); mas esses sons encontram-se nas linguas de povos que divergem daquelles emquanto ao indice palatino e profundidade da abobada do paladar, como tambem divergem nesses pontos os bascos franceses dos bascos hispanhoes, possuindo aliás em seus dialectos os sons referidos. O chinês e o basco têem de commum as nasaes velar, dental e labial (*ṅ, n, m*); mas o primeiro não tem o *n* (*nh, ñ*) palatal que possue o segundo. As duas linguas apresentam-nos o som *j* (mais ou menos o nosso *j* de *já,* etc.); mas no basco esse som é, segundo Friedrich Müller, a pronuncia francesa de *y* (consoante). Emfim para ficar menos incompleta a comparação, accrescentaremos que o basco tem os sons *lh* (hisp. *ll*), *l, r, rr,* que faltam no chinês, porque o som desta lingua que se transcreve *l,* ou tambem *r,* não é nem um nem outro e produz-se pondo contra as gengivas a parte média da lingua, sem tremulação perceptivel.

Pretendeu-se que a falta do phonema *ch* (como em nossa palavra *chapa*, na pronuncia do sul), no estonio, que o substitue por *s,* nas palavras extrangeiras, era devida a pouca profundidade da abobada palatina no povo que o falla. Encontra-se esta observação num livro dum medico ethnologo (1).

Topinard observa que parece haver relação geral entre o comprimento ou a largura da abobada palatina e o comprimento ou a largura do craneo; mas que surgem numerosas contradições determinadas por influencias que destroem a harmonia total (2).

Mencionaremos aqui uma particularidade de estructura da abobada palatina, que talvez não seja de todo indifferente para a phonação. A porção dessa abobada correspondente á sutura média fórma ás vezes uma saliencia antero-posterior que constitue o *torus palatinus* (*bourrelet de la voûte palatine* dos francezes, *Gaumenwulst* dos allemães). Essa saliencia ossea foi bem estudada nos ultimos tempos e diz-se que se observava particularmente nos craneos dos peruanos e ainos e que em França seria sobretudo frequente nos auvergneses (3).

---

(1) Adolf Bastian, *Sprachvergleichende Studien* (Leipzig, 1870), pag. XXIX, n.º 1.

(2) Topinard, *ob. cit.*, pag. 959.

(3) L. Testut, *ob. cit.*, 1, 218, em que se acham citados trabalhos, que

Na questão de que tratamos deve dar-se attenção ao prognathismo osseo nas suas variantes, principalmente por causa da direcção dos dentes (dependente da dos alveolos). Nos negros, como é sabido, os incisivos projectam-se para deante e dão logar a um prognathismo alveolo-dental. Têem de se considerar aqui o angulo maxillar de Camper, o facial, etc. (1). Mas achamos na interpretação dos dados difficuldades analogas ás que surgem no caso do indice palatino e da cifra da profundidade da abobada do paladar.

O prognathismo labial interessa-nos em alto grau. E' em primeiro logar um dos caracteres raciaes mais evidentes; e Topinard dá um processo para o medir, fazendo-o, pois, saír do dominio da pura estimativa (2).

Nesta parte encontramos, felizmente, observações dum glottologo, de bem fundada reputação.

Fallando dum som do otiihérero (lingua do grupo bantu, na Africa occidental allemã, ao sul de Angola), diz Brincker: «Só póde ser pronunciado exactamente pelos indigenas, porque para a sua pronuncia é necessaria uma lingua arredondada na extremidade e labios grossos e dilatados. O *th* inglês de *though* é só meio semelhante ao z_o (transcripção, dada por Brincker, do som referido), porque este é ainda mais surdo e pingue» (3).

A proposito da mudança de *v* em *p,* escreve Brincker: «Esse endurecimento de *v* em *p* depende do arbitrio de muitos hérero, que não querem ou não podem fechar os labios, por causa da rigidez e grossura, na pronuncia do *p*.» O mesmo auctor nota tambem que os nossos labios são talvez demasiado finos para a pronuncia exacta de *v* e *p,* á maneira dos otiambo (4).

Se as proposições de Brincker são exactas, temos aqui um exemplo da correlação entre particularidades phoneticas das linguas desses negros da Africa austral e o seu prognathismo

---

não vimos de Stieda sobre o *toro palatino,* de Calori e Coggi sobre a anatomia do paladar duro e de Eichholz sobre uma variante racial do *processo* palatino do maxillar.

(1) Topinard, *ob. cit.*, pagg. 863-913. Não vimos Renard, *Les variations ethniques du maxillaire inférieur* (These de Paris, 1880).

(2) Topinard, *ibid.*, pagg. 914-15. Não vimos A. Bloch, *Essai sur les lèvres au point de vue anthropologique* nos *Bulletins de la Soc. d'anthropol. de Paris*, 4.ª sér., t. IX (1893), fasc. 3.

(3) H. Brincker, *Wörterbuch und kurzgefasste Grammatik des Otjihérero* (Leipzig, 1886), pag. 316.

(4) Idem, *ibid.*, pag. 311.

labial (é conformação da lingua). Mas o que esse illustre missionario allemão diz da parte dos labios na pronuncia do *z* deixa duvidas, pois essa consoante não é labial, mas linguo-dental sonante (1). Doutro lado Brincker falla da difficuldade ou impossibilidade da pronuncia do *v* pelos hérero, como quem não chegou sobre o ponto a conclusão segura. No kimbundu, a julgar do que escreveu Heli Chatelain, o *p* e o *v* distinguem-se como em português e nada nos permitte suppôr que os labios dos angolenses divirjam bastante dos dos hérero.

Brincker tem uma theoria particular, que carece de confirmação, ácerca dos *clicks* (poppysmas) dos hottentotes, que suppõe da mesma natureza original que os prefixos das linguas bantu. «O prefixo bantu tii-, shi (xi)-, ši-, tshi (txi)»-, diz elle, é pronunciado por algumas tribus como *ki*-, o que é já quasi um poppysma, pelo menos uma fórma de transição para este. O cafre ou zulu, seguindo essa tendencia que se nota principalmente na costa oriental, mudaram alguns primitivos em poppysmas; não receberam estes dos hottentotes (2), mas crearam-nos no seu proprio idioma. Os bantu têem em todos os seus dialectos a tendencia de produzir o que consideram ser a euphonia do seu idioma, não como os hottentotes por meio da lingua (que nos ultimos possue uma extraordinaria mobilidade), mas por meio dos seus grossos labios, naturalmente adaptados para isso. A esses sons particulares pertencem as chamadas *médias nasaes:* mb, nd, ñt, ng, ñk, ni, etc. (3), que são de grande importancia na formação das syllabas como iniciaes harmonicas, porque representam os elementos, ou sobreviventes dos sons primitivos daquella fórma fundamental archetypa e como taes correspondem aos poppysmas» (4).

Essa passagem contém coisas que carecem de mais amplo commentario que o que o auctor nos dá. Como já notou Techmer, era necessario determinar a natureza dos sons intermediarios entre os usuaes, tidos por primitivos, e os poppysmas: estes, independentes da expiração, produzem-se com

---

(1) Techmer em *Internationale Zeitschrift für allgem. Sprachwissenschaft*, IV, 192.

(2) O modo de ver corrente relativamente aos poppysmas do zulu era que este os tinha recebido dos hottentotes.

(3) Não reproduzimos todos os sons da serie por difficuldades typographicas.

(4) H. Brincker, *Zur Sprachen-und Völkerkunde der Bantuneger*, em *Intern. Zeitschrift für allgem. Sprachwissenschaft*, V, 1 Hälfte, pag. 27.

uma rarefacção do ar; os primeiros, dependentes da expiração com uma condensação do ar. Deixando de lado a questão morphologica, que não nos interessa neste momento, notaremos que Brincker parece admittir uma intervenção intencional, com consciencia dum effeito euphonico a produzir, nas iniciaes particulares das linguas bantu, ainda que esse effeito seja tornado só possivel ou pelo menos muito facilitado em virtude da conformação dos labios dos que as fallam. Haveria aqui a combinação intima duma peculiaridade racial com um habito ethnico. Os hottentotes e buchimanos teriam substituido a actividade dos labios na producção daquelles sons iniciaes pela actividade da lingua (dependente duma peculiaridade racial?) na producção dos estalidos (note-se que tambem ha estalidos (poppysmas) labiaes). Mas a existencia, no zulu, de poppysmas (seja qual fôr a origem destes) parece indicar que elles não dependem nesses povos do sul d'Africa de particularidades anatomicas raciaes.

As observações de Brincker são pois insufficientes para nos permittirem uma conclusão segura.

O estudo da lingua, que em geral se considera como o orgão da falla por excellencia, nas diversas raças, devia ter merecido mais attenção do que se lhe tem dado até hoje. Notaram-se differenças na inserção do estylo-glosso e attribuiu-se até a um menor desenvolvimento nesse musculo a difficuldade dos negros em pronunciar o som *r* (1). A verdade é que se ouvem sons *r* na maior parte das linguas dos negros; é certo que, por exemplo, em otiambo falta (segundo Brincker) totalmente o *r*, substituido sempre por *l*, emquanto ao otiihérero falta o *l*; o *r* deste ultimo (segundo o mesmo auctor) é um som lingual bastante nitido, mas sem vibração prolongada, apenas com umas duas vibrações (?) da lingua.

Brincker, como vimos, refere-se á fórma arredondada da ponta da lingua dos negros bantu e, fallando do *t*, diz: «Esta dental acha-se em otiihérero, como em otiambo, em duas fórmas.... Para a analyse dos themas verbaes é de grande importancia a distincção na pronuncia de *t* e t͡. O *t* sem signal diacritico corresponde aproximadamente ao nosso *t* agudo em *tragen, Teil,* etc. O outro é produzido com aperto da extremidade da lingua contra os dentes da frente; um europeu raramente consegue reproduzir com toda a sua finura este t͡,

(1) A. Bordier, *La géographie médicale* (Paris, 1884), pag. 458.

porque a nossa lingua termina muito mais em ponta que a dos indigenas» (1).

Ignoramos se têem sido observadas differenças raciaes no veu palatino, amygdalas, isthmo. Differenças individuaes ha-as; assim as amygdalas apresentam variações notaveis de volume, segundo os individuos, até independentemente de causa pathologica.

Segundo Fournié, o isthmo da garganta contribue para a formação de todos os timbres que são mais particularmente produzidos por outras partes do tubo vocal; mas é o timbre guttural que deve exclusivamente os seus caracteres a essa região e resulta dum aperto demasiado consideravel do tubo na mesma, aperto que póde ser congenito ou resultado duma dilatação exaggerada das amygdalas ou ainda consequencia viciosa dum ensino mal dirigido. O exercicio póde fazer desapparecer o timbre guttural resultante de aperto congenito. Quando este tem por causa a dilatação das amygdalas, ha difficuldade na contracção do veu palatino e por tanto na occlusão das fossas nasaes; essa occlusão não se dá as mais das vezes, porque o esforço para a produzir se torna doloroso, e nesse caso a maior parte dos sons vão resvalar nas fossas nasaes, originando-se assim um timbre gutturo-nasal (2).

Um medico e linguista português diz ter encontrado «pessoas com hypertrophia das amygdalas e que em verdade offerecem particularidades de timbre e que conhece «um rapaz em quem (por effeito duma operação cirurgica) faltam as amygdalas, e que tem um timbre muito claro» (3). Não se deve aqui generalisar. Da nossa parte podemos indicar individuos, alguns até bem conhecidos em o nosso meio social, que têem amygdalas muito hypertrophiadas e cuja voz é bem clara, sem nenhum timbre gutturo-nasal ou simplesmente guttural. Doutro lado observei já a boca dum individuo cujo isthmo era notavelmente dilatado e cujas amygdalas eram muito pouco volumosas, mas cuja voz não apresentava um timbre perfeitamente claro. Aqui, como noutros casos da phonação, intervêem por certo factores compensatorios e a educação e o exercicio podem contrabalançar consideravelmente as condições anatomicas.

Não pudemos ver uma memoria, citada por Penka, sobre

---

(1) H. Brincker, *Wörterbuch*, etc., pag. 279.

(2) Édouard Fournié, *Physiologie de la voix et de la parole* (Paris, 1866), pagg. 476-77.

(3) J. Leite de Vasconcellos, *A evolução da linguagem* (These do Porto, 1886), pag. 17.

a larynge do negro e do branco (1). Bordier diz que a larynge dos negros lembra, em resumo, os sacos laryngeos do macaco (2).

As dimensões e outras particularidades da larynge apresentam muitas variantes segundo os individuos, os sexos e a idade (3). Resulta d'ahi a enorme variedade de vozes, que levou a dizer que havia tantas vozes quantos os individuos; todavia esse elemento não entra na determinação da diversidade dos systemas phoneticos das linguas e dialectos; aliás teriamos dentro do dominio de cada lingua de começar por distinguir dialectos de creanças, de adultos e de velhos; de homens e de mulheres; dialectos de tenores, de barytonos, de baixos, de sopranos, de contraltos, etc.: é que a falla depende essencialmente das modificações que a corrente expiratoria, havendo ou não vibração das cordas vocalicas, experimenta no apparelho resonador, acima da larynge. Quando esta funcciona só, produz-se a vogal cantada; na boca, independentemente de articulação laryngea, produz-se a vogal cochichada; pela combinação das articulações da larynge e da boca, produz-se a vogal fallada usual.

Não deve esquecer se, nas investigações que tenham por fim estabelecer que correlação exista entre as particularidades phoneticas da lingua dum povo e as particularidades de estructura dos orgãos phonadores respectivos, que a observação isolada duma parte desses orgãos póde levar a conclusões erradas: é mister estudar o conjuncto, a harmonia ou desharmonia dessas partes. E' possivel que naquelles orgãos se dêem compensações que destruam o effeito de differenças notadas com relação aos de outros povos, e, vice-versa, ao lado de semelhanças importantes num sentido, variações que produzam differenças onde se esperaria a identidade.

Como se vê, são muito escassos os dados que conhecemos para provar directamente as correlações acima referidas— entre as particularidades phoneticas da lingua dum povo e as particularidades de conformação dos orgãos phonadores respectivos. O resultado a que chegámos, se póde chamar-se resultado, é mais negativo que positivo e não discorda das palavras de Techmer transcriptas a pag. 526. Um resultado sério só

---

(1) G. D. Gibb, *Essential points of difference between the larynx of the Negro and that of the White* em *Mem. of the Anthropol. Soc.* London, 1866, II.

(2) A. Bordier, *ob. cit.*, pag. 459.

(3) É. Fournié, *ob. cit.*, 144-159.

poderá obter-se num laboratorio phonetico, munido dos apparelhos indispensaveis para as observações rigorosas da phonação e ao mesmo tempo dos instrumentos empregados na anthropometria, collaborando phonetistas e anthropologos na investigação, que incidiria sobre individuos de typos anthropologicos diversos, já das raças europeas, já das das outras partes do mundo. Estudar-se-hia nelles a producção de sons isolados, e dos sons no discurso seguido, e o resultado de exercicios tendo por fim reproduzir sons e palavras de linguas extranhas a esses individuos. Tal investigação não póde presentemente ser feita em Portugal, pela falta de recursos para estabelecer um laboratorio de phonetica experimental, que exige apparelhos muito caros. Temos um phonetista distincto, o sr. Gonçalves Vianna; mas este usa como meio de observação phonetica apenas o seu ouvido, os seus olhos, por ventura as suas mãos, e o chamado sentido muscular: a experiencia prova que, ainda nas melhores condições, esses meios são muito falliveis. Temos tambem anthropometristas, e o material mais necessario para as observações destes encontra-se já nalguns estabelecimentos publicos, assim como na posse dalguns particulares. Não falta tudo, pois. Neste país, por motivos diversos, entre os quaes a falta de recursos pecuniarios para ir estudar no extrangeiro é um dos mais frequentes, tentam-se, com todas as probabilidades de resultado mau ou insufficiente, pelo menos no começo, processos operatorios que noutros países se executam já com segurança resultante da experiencia continuada e modificada convenientemente. Em medicina e cirurgia esse habito, em que, triste é dizê-lo, intervem ainda a vaidade, a presumpção de acertar, esse habito é simplesmente criminoso quando se trata de operações perigosas, cuja technica no extrangeiro se obteve com sacrificio de vidas. Em vez de renovar aqui um aprendizado fatal muitas vezes, pela impericia dos operadores, para os operandos, deveria ir-se estudar essa technica onde ella está já bem estabelecida. Relativamente ao assumpto que temos hoje em vista, as observações dirigidas de modo menos conveniente, ou segundo uma technica que não permitta correlacionar estreitamente os resultados duns investigadores com os doutros, levariam a perda de tempo e a divulgação de conclusões erroneas ou imperfeitamente fundadas. L. Manouvrier diz que a technica anthropometrica não se aprende nos livros e julga indispensavel um aprendizado pratico (sob a direcção dum investigador experimentado, entende-se). Esse aprendizado, para o que tem os conhecimentos prévios imprescindiveis

de anatomia, é em verdade de curta duração (1). Ha hoje em Paris, no Collège de France, um laboratorio de phonetica experimental, dirigido pelo já citado abbade Rousselot: é alli naturalmente que devem ir adextrar-se os que queiram entregar-se ás investigações desse dominio; é alli que, sob a direcção daquelle mestre, devem ser feitos estudos que façam saír a questão, a que consagramos estas paginas, do estado embryonario em que se acha.

Pela *Grammatica comparada das linguas indoeuropeas* de K. Brugmann e B. Delbrück, cujo ultimo volume acaba de ser publicado neste ultimo anno do seculo XIX, póde ver-se que prodigioso trabalho de comparação, de analyse, de inducção, de determinação de principios se fez no espaço deste mesmo seculo e no dominio daquellas linguas. A sciencia do espirito alcançou aqui um resultado que, em rigor e solidez, nada tem que invejar á sciencia da natureza, e esse resultado obteve-o pelo estudo de textos, de grammaticas e vocabularios, apenas ajudada um pouco, na parte phonetica, dos trabalhos dos anatomistas e physiologistas. Será justo que estes, em pontos em que a sua sciencia se encontra com a da linguagem, prestem um auxilio ainda mais efficaz do que o que têem prestado até hoje.

VII

Considerámos precedentemente os orgãos da phonação apenas nas condições normaes: vejamos agora se o exame desses orgãos em condições anormaes nos ministra alguns dados para a solução desejada do problema. Sabemos que em muitas questões a physiologia tem achado na pathologia elementos fecundos de explicação.

E' bem conhecido que as inflammações e os tumores nasaes influem no timbre dos sons cuja pronuncia depende das fossas nasaes e seus annexos; da nossa parte, não observámos, porém, ainda nenhum caso em que essa alteração fosse muito consideravel, chegasse, por exemplo, a perturbar o caracter distinctivo dos sons nasaes.

O paladar póde apresentar varias anomalias, entre as quaes

---

(1) L. Manouvrier, *Aperçu de céphalométrie anthropologique* em *L'année psychologique,* V (Paris, 1899), pagg. 558-591.

lembraremos as *fendas palatinas,* divisões congenitas ou adquiridas do veu ou da abobada ossea do paladar.

No caso das fendas congenitas, a palavra é *fanhosa,* parte das consoantes não se articula bem e os sons todos experimentam modificações de resonancia, etc. que tornam a falla muitas vezes incomprehensivel. Ora esse resultado não está sempre em relação com as dimensões da fenda, de modo que esta póde ser consideravel sem alterar a falla nuns individuos tanto como noutros uma muito pequena fenda. Segundo as observações do dr. Chervin, essa contradição explica-se pela variabilidade das dimensões do espaço que existe entre a pharynge e o veu palatino: quando esse espaço é muito grande, a articulação das palavras é tão imperfeita que ellas não podem ser entendidas. Os remedios a que se recorre contra as fendas congenitas do paladar são a prothese ou a operação; mas a operação é insufficiente para dar á palavra caracteres que a aproximem o mais possivel da normal: para conseguir este resultado é mister recorrer ao tratamento orthophonico methodico; o timbre fanhoso não chega por esse tratamento a desapparecer por completo, mas a falla tornar-se-ha perfeitamente intelligivel. E' preciso naturalmente que os defeitos da pronuncia se corrijam na infancia, no caso da existencia de fenda palatina; mas não póde começar-se antes dos sete annos aproximadamente, quando a creança tem já o necessario desenvolvimento da intelligencia e da capacidade de attenção. Ensina-se-lhe a dirigir o mais possivel o ar para a boca e não para o nariz, como ella faz. Começa-se pelo estudo das vogaes, e passa-se ao das consoantes, de modo que cada uma seja articulada distinctamente; educa-se a respiração e a emissão da voz (1). Este tratamento ministra-nos uma prova importante da influencia da educação, do exercicio, sobre habitos ligados a condições organicas congenitas.

(Continúa). F. Adolpho Coelho.

---

(1) Hamon du Fougeray et L. Couëtoux, *Manuel pratique des méthodes d'enseignement spéciales aux enfants anormaux* (Paris, 1896), pagg. 260-64.

NOTAS D'UM PAE

(Cont. do n.º 9, pag. 543)

A Gigi, se não está bem, tudo a afflige; e, não tendo mais porque carpir-se, até do proprio chôro tira motivo para lamuria: «Ai! que estão a cahir-me as lagrimas.»

O comer e o coçar vai do começar, diz-se e é verdade. Porque? Porque a emotividade, excitando-se, provoca o desejo, que é a sua pressão sôbre toda a alma, e portanto sôbre a propria faculdade motriz posta primeiro em exercicio. Os macacos coçam-se furiosamente, até ferir-se.

Está claro que, em se comendo demais, a emotividade cança-se e o prazer cessa. Para o renovar, já ha de ser preciso forçar o trabalho digestivo pela ingestão de grandes massas ou de excitantes, á custa das fôrças de todo o organismo; e por ultimo nem mesmo assim, porque o proprio orgão não póde mais e enferma. Vem o enfraquecimento geral, vem a lesão organica. Veem as dôres.

O mesmo, quando se não guarda castidade.

Como para o som, para a luz, etc., ha tambem limites para o prazer. A temperança é a sua lei.

Uma creança, ao dar-nos uma coisa com uma das mãos, deixa cahir o que traz na outra. Não é sempre por desconcerto infantil. A causa póde ser exactamente o contrario, o rythmo dos dois braços.

O jantar numa loiça alegre sabe muito melhor. A's vezes, para abrir o apetite a uma creança, basta dar-lhe o leite por uma canequinha airosa.

A' busca de commoções, muitas vezes a gente nova se lança em aventuras e perigos.

E' para o que quasi sempre lêem romances e dramas. Pelo enredo.

Uma meia de sêda com *baguettes,* um trapo qualquer bordado, um berloque, um diche, sóbe vertiginosamente á cabeça da gente nova, principalmente raparigas, embriagando-as como se fôsse um vinho capitoso. Porque? porque concentra em si o espirito licoroso da civilização, d'uma vida superior, que é tão estonteante para a imaginação como um cheiro forte demais para os sentidos.

E' o unico prestigio tambem de varios auctores modernos e de varios modernismos insignificantes.

Um rapaz, durante toda uma longa viagem, não tira os olhos das botas novas, á ultima moda, que comprou ao partir. São o alvo principal da sua admiração.

Não ha presente para os frivolos como qualquer pequeno nada que se possa dizer *fino,* de *bom gôsto.*

Uma bagatella, uma frioleira d'essas enche o seu joven possuidor d'uma ventura paradisiaca, d'uma jactancia, só comparavel á do aulico oriental que foi admittido a vêr de longe o pé do seu soberano.

E até onde se póde levar o culto da civilização. E o peor é que se lhe não presta outro.

As creanças acham sobretudo graça ás palavras que não entendem. O que ellas as fazem rir! E como as repetem com gôsto! Será para se darem ares superiores, de mais edade, como os toleirões que desatam a rir do que não entendem? Ellas são effectivamente achacadas da toleima de parecerem grandes. Mas será tambem porque as mais crescidinhas sintam já vivamente a nota comica que ha em pronunciar vocabulos sem idéas? E' muito possivel.

Não se desdenhe o culto externo até á falta de decoro, até ao cynismo e impudor; mas tão pouco se exaggere o valor do ritual até á idolatria. Não ha dúvida que, a este respeito, o protestantismo representa um progresso.

Apeando-se da sua bicycleta um rapaz á porta da egreja

inglêsa para ouvir missa, exclama, entre ironica e escandalizada, ao pé de mim, uma catholica: «Que respeito!» Parecia-lhe uma quebra tremenda de todas as conveniencias.

E a superstição das ceremonias distinje em todos os costumes. Tambem, entre nós, se não toleraria que um rapaz, deixando o seu velocipede no vestibulo, entrasse com o traje de bicyclista para uma aula de ensino superior.

Em Coimbra, não é o guarda-mór, o proprio reitor se occupa disciplinarmente do vestuario dos academicos; e não ha muito que se correu a toda a pressa a substituir um edital-que,—nem se sabe como isso foi, como se praticou tal levian, dade em assumpto tão grave!—lhes permittia usar á sua escolha de gravata branca ou gravata preta. Só preta! E logo os estudos prosperaram. Confesso que a gravata de côr com a capa e batina preta não me parece de bom gôsto. Mas a branca....

Por isso Bagehot observava praticamente: Na constituição inglêsa ha uma parte verdadeiramente util, e outra parte simplesmente decorativa, que não é menos util.

Se um operario que não forra dois mil réis por mez, os joga na loteria, proclamam logo a corrupção do povo. Mas o pobre precisa tambem de emocionar-se. E que admira que elle procure as emoções viciosas, se lhe não permittem, instruindo-o e educando-o, os saudaveis gosos que proporcionam ao espirito as maravilhas da arte, da industria e da sciencia, e sobretudo as nobres agitações da vida civica?

Lembrem-se d'isto os que lhe recusam o voto.

E' como tambem ás raparigas do povo. Que outro divertimento lhes deixam senão os amores?

Mas não supprimem a loteria. Exploram-na. Até para exercerem a caridade!

Para algumas pessôas tudo é pretexto para emoções. «Oh!» «Ai!» «Hi!» exclamam continuamente. E tanto se torcem de riso como se desfazem em lagrimas. Transbordam de emotividade. Dêem-lhes, pois, em que a dispender bem: arte, familia, beneficencia.

*

Quando se abre um jornal português no estrangeiro, o que mais impressiona, é a paralysia da vida intellectual.

As cidades suissas reunem os confortos mais requintados das grandes povoações á encantadora singeleza das aldeias: conferencias, theatros, museus, bibliothecas, e quasi todas as casas emmolduradas em parques e jardins, com arvores, flôres e aves. O caracter suisso é tambem assim: mixto de intensa cultura e de rusticidade proposital.

No estrangeiro as pessôas com quem falamos, os jornaes que lemos e até as taboletas e os pregões que se nos mettem pelos olhos e pelos ouvidos, nos vão ensinando a lingua. Era parecido o methodo d'um condiscipulo meu. Quando tinha que decorar qualquer nomenclatura, escrevia-a com grandes lettras em tiras de papel que pendurava pelas paredes do seu gabinete. Pelo dia adeante, insensivelmente, ia olhando para ellas e fixando-as.

Ouço tantas vezes a juristas: A excepção prova a regra, porque toda a regra tem excepção. Pois, se toda a regra tem excepção, tambem esta.

Em que se entretem na aula um cabula intelligente, quando, não tendo já onde rabiscar a sua vagabundagem espiritual, contou todas as veias das mãos? Estuda a alma humana nas figuras do professor e dos condiscipulos e em si proprio. E' mesmo esse o unico estudo official de psychologia que temos. E vamos lá que não tem dado maus doutores!

Ha pessôas que, para mostrar o que sabem, dizem-no tão depressa, que logo mostram o que ignoram.

A Gigi, cheia de somno, mas sem vontade de dormir, procurando pretextos para justificar a choradeira que está imminente: «Não comi sopa!» Pudera! se a não quiz!

«Esta creança está com a cabeça tão quente!» diz a mãe, inquieta. E d'ali a pouco, por essa suggestão, a creança acha-se peor.

Nada de excessivos cuidados. Não nos commovamos pelos outros ao ponto de lhes communicarmos o nosso sobresalto. Os doentes, para sarar, precisam do socego interior que in-

funde a confiança nas proprias fôrças. Por isso comprehende-se o desabrimento de alguns contra tanta afflicção e tantos sustos. «Estou melhor! Deixem-me!»

A instabilidade de principios, que é o estado em que as nossas aulas deixam ou põem a maior parte dos espiritos, não póde deixar de repercurtir-se no caracter. E' assim que se chega a praticar o bem ou o mal, indifferentemente.

Ha pessôas que com a soltura das idéas fazem de si proprias uma meada que ninguem deslinda. Estonteiam, não se podem aturar.

Nas creanças, especialmente raparigas, é muita vez a *vis dicendi* e o estro dialectico o que tudo baralha e a todos ataranta, conservando-se ellas impavidas. A cabeça salta-lhes como as pernas, egualmente infatigavel. O peor é se essa prenda se torna num talento enredador, que ponha em balho tambem o dever.

Algumas raparigas tanto querem sempre justificar tudo o que fazem, que se tornam despejadamente trapalhonas. Mas, cautela com a repressão! não vão passar da desenvoltura da loquela ao silencio da hypocrisia!

Para o que póde servir a religião! Uma rapariga, assaz pecadora, lastimava-se da crueldade do seu amante: «Se Christo perdoou até aos que o mataram....» Era o seu argumento decisivo para a reconciliação.

Ha as creaturas especiosas que tudo torcem e envencilham não tanto para encobrir os seus deslises, como para evitar aos superiores o desgosto da verdade crua e nua. Mas toda essa casuistica anda tão perto da mentira, que dentro em pouco até a verdade se torna suspeita na bocca d'ellas.

Muitas pecadoras parece crerem que, enganando a terra, se preparam para tambem levar a melhor na côrte celeste. Estão fazendo cá o seu apprendizado.

Como a mulher, que é divinal, chega á dissimulação suprema! E não ha quem, como ella, tenha a insolente serenidade dos enganos. Os extremos tocam-se.

Ouça-se uma caixeira. Ninguem affirma mais desassombradamente que um panno grosso não é nada pesado para o verão, que uma bota larga ou apertada fica muito bem ao pé, que uma fita verde é mesmo da côr azul que se procura! E quantas vezes julga assim cumprir o seu dever! Ai! E' bem preciso alumiar a consciencia da mulher, para que ella não veja só no estreito recinto do interesse da sua familia ou do seu emprego.

Para que havemos d'ir á comedia moderna? Para no theatro nos encontrarmos com personagens ignobeis, com quem não quereriamos relações na vida real, sem termos sequer a vantagem de os ficar conhecendo melhor?

Nada de instruir sem educar. Um conhecido meu, muito amigo de bailar, mandou a filha tomar lições de dança com um mestre famoso. D'ali a pouco já a menina achava que o pae não sabia dançar á moda e deixava-o para saracotear-se com outros pares mais modernos. Foi o que o pobre homem lucrou. Custa muito a educar? Mas afinal paga-se sempre muito caro a instrucção só, sem educação.

A Gigi, arrastando uma cadeira para subir a ella: «Papá, deixe pôr esta flôr ao peito.» E depois, remirando-se na sua obra: «Está muito bem! papá, veja-se ao espelho.» Eu estava a ler com certo nervosismo os nossos jornaes politicos, e logo me passou.

Quando pertencemos a uma sociedade corrupta, os maus, se não arranchamos com elles, ficam desconfiados de nós. Que virá d'ali? dizem. Ainda que lhe não paguemos o mal com o mal, basta propugnarmos pelo bem, para nos terem na conta de inimigos declarados.

Certas pessôas levam a sua cortezia até fornecerem aos patifes argumentos para elles se desculparem das suas traficancias. Já é!

Será por indifferença e desdem, para se desquitarem d'elles o mais depressa possivel, que os desembaraçam? Mas ninguem deve ser indifferente ao mal.

Será por orgulho de quem não quer dar a confiança de mostrar que sabe que está tratando com patifes? Mas esse orgulho é um fingimento hypocrita.

Será para não ter de reconhecer o mal e condemná-lo? Mas é covardia.

Será para pôr os maus á vontade e poder ouvi-los e ficar conhecendo em toda a sua desfaçatez? Façam-no os velhacos. Mas os bons!

Quando vemos que os outros estão pretendendo enganar-nos e nós nos prestamos ao seu jogo, por mais artificiosa e fina que seja a nossa complacencia, arriscamo-nos muito a fazer figura de tolos. Se se quer ceder, é melhor silenciosamente, friamente.

E o maganão do insolente que, entre nós, muito de proposito, para humilhar quem o recebe em sua casa, se finge esquecido ou pretexta uma constipação para ficar com o chapeu na cabeça! D'ali a pouco, vem um terceiro, e admira-lhe a importancia. E, para a outra vez, já não está com ceremonia, não pede licença nem desculpa, e conserva-se coberto.

A delicadeza nunca deve confundir-se com a tolerancia pelo mal.

Nem por bondade se contemporize com o mal. As vacillações são pessimas á disciplina. Não evitando que a creança principie a praticar uma má acção, depois é uma lucta para a reprimir, porque ella reage com uma fôrça adquirida, tanto maior quanto maior tiver sido a fraqueza da nossa hesitação. E' já mesmo preciso vencer o seu *brio* combatente.

Uma pessôa da minha intimidade reprehendia a filha, porque não tinha seguido em linha recta para o collegio. Mas foram meia duzia de passos só a mais! observava-se-lhe. E' que d'esta vez deu apenas mais uma voltinha, mas para outra já será uma volta, na primeira occasião seguinte dará um passeio, e, não tardará que faça o que os francêses chamam *le chemin de l'écolier*. Os desmandos, ainda os mais insignificantes, o que têem de grave, é sobretudo a progressão que iniciam.

Ha quem diga para attenuar: «Foi a primeira vez que elle fez isso.» Mas o mau é precisamente principiar. Se ainda fôsse a ultima vez! Então é que se podia desculpar. E' verdade que se accrescenta: «Elle não torna mais!» Esse é que é o pro-

blema. De certo que, a principio, é ainda mais facil vencer o desregramento; mas é preciso combatê-lo.

Os que consentem tudo ás creanças, advirtam que ellas teimam por absurdos, de proposito para experimentar e fortalecer o seu imperio. O lemma da tyrannia é sempre: *volo, quia absurdum.*

Inglaterra.—Estabelecimentos de educação das creanças em perigo moral: numero de creanças recebidas—1:000 em 1846; 24:000 em 1894. Ao mesmo tempo os delictos de menores desciam de—14:000 em 1846 para 3:800 em 1894.

Ha muitas pessôas que não esquecem nunca o favor que receberam..., para o não perdoar. Não é preciso ter menos coração para receber do que para dar.

O melhor modo que temos ás vezes de obsequiar alguem, é acceitar o obsequio que essa pessôa nos quer fazer. Não é menos amavel receber do que dar.

Não ha separação mais profunda do que a moral. Duas pessôas que a vida levou uma para o bem e outra para o mal, por mais amigas que fôssem na sua juventude, ficam a uma distancia abysmosa entre si, muito maior do que se tivessem nascido em paizes antipodas.

A degeneração de muitos membros da nossa juventude escholar aterra. E a sua depravação moral, que mais parece ás vezes uma alienação, não póde deixar de tomar-se como um symptoma de profunda perturbação organica. Nem admira! E' a herança que a corrupção das classes dirigentes vai accumulando sôbre as novas gerações. E é tambem em varios casos a irritação do soffrimento, recalcada de paes a filhos, que irrompe nos netos. O odio mais suffocante, a má fé mais desaforada, o egoismo mais cruel, a presumpção mais insolente alastram-se entre nós com a brutalidade vivaz das hervas damninhas em terreno inculto.

A um contemporaneo ouvi por vezes que lhe cumpria vingar a espoliação de todos os seus antepassados. Imagine-se o que elle tinha que fazer.

E' bom de dizer: evite-se, reprima-se o mal. Mas como?

Eis o grande problema. E' a questão disciplinar, tão importante na eschola como na sociedade. Pois não ha senão um meio heroico, é a bondade sem fraqueza.

Os primeiros filhos soffrem sempre da inexperiencia dos paes. Raras são as pessôas que, quando casam, já chegaram á maioridade e madureza espiritual. As mais solicitas educam como tratam os medicos novos, que sobrecarregam os doentes de prescripções e enchem-nos de remedios.

Não ha remedio senão ter certa indulgencia com as creanças. Não se opprimam, a querer fazer logo d'ellas umas pessôas formaes. Coitadinhas! fatigam-se do sem número de cuidados a que as obrigam! Por exemplo, á mesa, para se não sujarem, para não sujarem tambem a toalha, para não deixarem cahir os pratos, etc., etc., incommodam-se tanto que acabam por não comer quasi nada. O que querem, é vêr-se d'ali para fóra.

Certos paes cuidam tanto dos filhos, que se descuidam muito de si, e depois os filhos já não querem apparecer em publico com elles. E ha maridos que fazem e soffrem o mesmo com as suas mulheres.

Lembram-me sempre as pobres mães que eu via em Lisboa, de lenço na cabeça, a fingir de creadas, atraz das filhas, todas lirós, de chapelinho.

E' o que acontece varias vezes com os pensionistas do estado no estrangeiro. A nação faz por elles sacrificios com que mal póde, e elles, em chegando cá, apodam-na de barbara. «Quem ha de trabalhar num paiz d'estes?»

E' o que acontece na vida publica. A nação dá demais aos politicos, e elles depois desprezam-na.

A dignidade do operario e do logista suisso. Está em sua casa, com a porta fechada. O seu estabelecimento não se prostitue ao publico. Com um sapateiro ou um alfaiate, ha as mesmas formalidades que com um medico ou um advogado entre nós. Se elle mora num andar superior, procura-o até lá, e, á entrada, tira logo o seu chapeu. Da sua parte tambem, á sahida, elle vem acompanhar-nos até á porta. Não precisa de fazer como o nosso negociante rico, que, para se dar im-

portancia, anda de cabeça coberta dentro da propria loja, como quem pretende passar por freguez de si mesmo.

Não ha na Suissa um tal ou qual torpor litterario? Industrias, artes, sciencias prosperam. Porque não tanto assim as lettras? Por não haver uma lingua unica propria? Porque as obrigações da vida ainda pesam muito, e ha pouco tempo para ocios? Ou porque aos dois sexos, reunidos já na eschola, falta ainda a sociabilidade do salão?

Nos paizes protestantes, o salão é ainda principalmente a egreja.

Os costumes democraticos, chamando os homens a reunir-se quasi exclusivamente entre si, fóra da influencia educativa da mulher, não permittiram ainda a perfeita constituição d'uma sociedade dada ao culto dos prazeres intellectuaes mais delicados.

Certamente não se pretenderá organizar essa sociedade á velha moda, como um luxo de priveligiados d'alta roda, de côrte. Nem é preciso. Para possuirem um verdadeiro *monde,* basta que as nações que têem reconhecido nobremente tantos direitos ao homem, os repartam equitativamente com a mulher. Nenhuma democracia é perfeita, sem que ella tome parte no seu governo. E quem mais preparada pelo seu poder de iniciativa para esse encargo, do que a mulher suissa? Na Europa nenhuma outra. Abram-se a ambos os sexos as assembléas politicas, e desde então a litteratura se esmaltará com todos os reflexos da graça de trato e de conversação feminina.

A educação que os nossos politicos vão dando ás gerações novas. Um rapaz, já dos seus 17 annos, estudante do lyceu, ouvindo-me condemnar as dictaduras, pergunta surprehendido: «Mas as dictaduras não são de lei?»

Entre nós até democratas appellam ás vezes para a dictadura!

Mas toda a dictadura, por mais benefica que pareça, é sempre um mal. Ninguem deve acceitar beneficio á custa da sua dignidade. E' verdade que os que proclamam a dictadura, pensam em fazê-la elles. Os serviços d'esses salvadores são como as desconsiderações de certos obsequiadores grosseiros. Antes não queriamos o favor.

A má educação é effectivamente uma preparação indispensavel para dictador.

Nós habituámo-nos tanto á illegalidade interior, que, ainda nas nossas relações com estrangeiros, não sabemos respeitar as formalidades legaes.—Ouçamos a sentença de Berne na questão do caminho de ferro de Lourenço Marques: «A incorrecção de Portugal, que compromette indisputavelmente a sua responsabilidade, reside antes na fórma do que no fundo.»

Que contraste entre uma nação escrupulosa e nós! Por isso tambem é ella quem nos julga.

Uma pequena nação como a Suissa consegue pelo seu esforço e dignidade converter-se na eschola do mundo e no seu tribunal.

Queixam-se da falta d'apoio da opinião! Mas qual é em Portugal a pessôa digna de respeito a quem o nosso povo o não tribute? Digam que infelizmente ellas são raras. Digam que infelizmente elle ainda não governa. A opinião publica é fraca, mas não tanto como a fazem.

Ouvi a um nosso estadista: «Só se agradecem os serviços pessoaes.» Engano! As clientelas são tão voluveis como a fortuna dos poderosos e têem até mesmo a tendencia para mudar para os novos pretendentes que as requestam pela primeira vez, porque são esses os que lhes pagam melhor. Os outros, os antigos, por muito larga que seja a sua munificencia, sempre mais ou menos descontam o que já deram.

Só o povo trabalhador é fielmente grato aos que o beneficiaram.

O conceito que, entre nós, os melhores espiritos formam do estado. Um dos nossos homens mais cultos contava-me o seu motivo de reconhecimento para com um ministro: Imagine que todos julgavam a minha pretensão illegal. Elle disse-me: «Mande-me a mim mesmo o seu requerimento.» E, d'ali a dias, communicava-me que eu já estava servido. Não se prendeu lá com pareceres de repartição.

Outro, jornalista, fazia este elogio do mesmo ministro: «O

predecessor tinha-me dito que era contra lei o que eu pedia, mas este, cheguei ao seu gabinete, e elle logo d'uma *campainhada* m'o mandou fazer.»

Tanto queria servir a todos, que veiu a tornar-se escravo dos pretendentes. A um governador civil, falando-me das suas relações com elle, ouvi: Imaginava que me havia de trazer enganado, para se não malquistar com outros; mas eu não estive com mais considerações. Um dia, rompendo pelo gabinete a dentro, gritei-lhe de chapeu na cabeça: «Não saio d'aqui sem a minha portaria assignada.» Foi logo!

Ai! o que tem de soffrer um pobre ministro dictatorial entre nós!

Varios os typos de intrigante politico, mas ha duas categorias bem frisantes. Num ministerio estavam assim distribuidas as pastas: havia o ministro palaciano para as cabalas de salão com a roda fina que se deixa enganar delicadamente, e o ministro rural para o tráfico de feira com os influentes incultos que se levam sempre um tanto pelo assarapantamento.

A elevação de certas creaturas aos conselhos da corôa em Portugal, não dá só vontade de não ser ministro, dá tambem vontade de o não ter sido.

Com o advento de mediocres aos cargos superiores, a massa obscura dos seus companheiros, que os trataram de perto e se julgam em bom direito seus eguaes, fermenta e azeda, perdendo todo o respeito pelas instituições vigentes.

O chefe do estado e os chefes dos partidos não comprehenderão que elles mesmos se desprestigiam com a cooperação politica de creaturas mal reputadas? E' preciso não levar longe demais a bonhomia com que uma vez Sampaio, ministro, respondeu á estranheza de Sousa Martins pela inferioridade de varios deputados: «Se elles valessem mais do que nós, eram elles que nos governavam.»

Ha pessôas que recebem os favores ministeriaes como homenagens devidas á sua gerarchia. Mas se os ministros são corruptos? Era melhor recusarem-lh'os, para não parecerem seus cumplices.

Numa sociedade commercial, a tendencia é para se consti-

tuir uma aristocracia da riqueza, que faz despesas por ostentação, para mostrar que os seus negocios prosperam. A propria mulher veste-se opulentamente para taboleta, para reclamo. E logo se estabelece ao lado d'essa aristocracia um bando de industriosos para a explorar. No Porto, por exemplo, certas modistas, quasi sempre francêsas, levam um dinheirão, muito mais caro do que em Lisboa, por qualquer *confecção*.

Um medico explicava-me: Levei muito dinheiro a este cliente, porque senão desacreditava-me, e elle, coitado! não podia contar o que tinha gasto com a sua molestia.

Um millionario a quem eu, conversando, dizia: «Não lhe parece bôa esta hospedaria?» qualificou-a com certo desdem: «E' modesta!» Ora era precisamente esse um dos motivos por que ella me parecia bôa.

Certos ricaços, por sumptuosidade, pagam tão caro aos empregados, que estes, exaggerando o preço dos seus serviços, acabam por lh'os não prestar; e, com todos os seus milhões, andam sempre a queixar-se de que nunca têem nenhum capaz.

E' um perigo pedir-lhes a indicação de fornecedores. Não os querem senão caros! E sobretudo gostam immenso de parecer magnificos á custa dos outros.

A superstição do luxo e a toleima aristocratica entre nós. Ninguem conte com cumprimentos, se se apear d'uma carruagem de 3.ª classe. Ainda me lembra a cara de varios patricios que iam com D. Antonio da Costa e commigo despedir-se d'um illustre estrangeiro, ao verem-no entrar para um compartimento d'esses.

E eu já tenho dito: Se se quer dormir, vá-se em 1.ª classe; mas, para ir entretido e ficar conhecendo o paiz e os seus costumes, não ha como a 3.ª Na 1.ª tudo é banal, como as classes dirigentes; só na 3.ª se encontra a originalidade e o pittoresco do nosso povo.

Até onde póde chegar o espirito mercantil! A varios negociantes do Brazil tenho ouvido, para apreciarem alguem: «E' muito bôa coisa!» De modo que o maior elogio que podem fazer a uma pessôa, é compará-la com uma coisa, com uma mercadoria.

O que tem contribuido tanto para a prosperidade commercial da Allemanha? O seu estudo das linguas, que põe em facil relação com ella os outros povos.

A *National Review* pergunta: «Porque é que os allemães estão a ponto de nos bater?» E não hesita em responder: «E' pela sua educação superior á nossa. E' pelo seu exercito permanente d'homens de sciencia.»

A sciencia, já antes da batalha, vai obrigando os inimigos da nação a pagarem-lhe no campo commercial os seus exercitos. Assim, desde que a sciencia allemã substituiu a *ruiva,* cultivada em França, por um producto chimico de sua invenção, é a tinta da Allemanha que serve para tingir as calças dos soldados francêses.

«O que uma pequena nação póde fazer!» exclamava admirativamente um allemão, quando juntos contemplavamos em Zürich uma das suas monumentaes escholas primarias. Um municipio! accentuei eu. Ao mesmo tempo que reflectia amargamente commigo: E com honra! Sem se abaixar a usurarios, e sem calotear ninguem.

A austeridade da administração democratica. As contas da confederação suissa relativas ao anno de 1899 fecharam-se com um saldo de dois milhões e meio de francos.

Em Portugal só em 1893 é que se póde dizer que não houve *deficit*.

A proporcionalidade do imposto é a sua equação mais simples, e, por isso mesmo, erronea, como todas as leis simples applicadas a phenomenos complexos.

Em Portugal não se querem senão grandes obras publicas, porque só essas dão grandes margens para esbanjamentos. E os ministros que as emprehendem, ganham fóros de larga iniciativa, como se o poder de iniciativa não consistisse pelo contrario em conseguir grandes resultados com pequenos meios.

Taes estadistas são, como as calamidades, o cholera, etc., um presente dos deuses para a clientela. Ella o que quer, está claro, é que se não olhe a despesas.

Um homem publico do nosso paiz confessava a outro: «Eu precisava de ser ministro!» Effectivamente com os dinheiros do thesouro elle em pouco tempo sobredourou a sua reputação. *Do ut des.* O seu direito economico não ia muito longe do d'uma creança.

Gigi substitue frequentemente o *este* por *meu*. Sentando-se no chão, ao pé de mim: «Papá, olhe o meu tapete.» Pudera! Não lhe damos nós quasi tudo que ella quer?

Quando uma creança começa a estragar um objecto, acuda-se-lhe logo, senão ninguem já se importará com elle, e dentro em pouco não haverá reparação possivel e ficará de todo inutilizado. Essa previdencia de bôa economia era o segredo de perfeito estado de conservação em que encontrei as aulas do Collegio militar, quando ha annos o visitei, sob a administração do coronel Nogueira.

Hespanha. Não olhem só para as dôres que a dilaceram; vejam tambem o esforço com que, em meio d'ellas, se debate pela sua renovação.

Cria-se o ministerio de instrucção publica. Dias a seguir, *El liberal* traz artigos de fundo sôbre o ensino, de Posada e Pulido, ao mesmo tempo que *El nacional* e *El español* se occupam tambem em artigos de fundo, um dia, da Eschola e da Educação social, e, outro, de Mozano. Chego a Barcelona. *El diluvio* traz um artigo do fundo, O ensino, e *Las noticias* outro sôbre as Reformas do ensino.

Senhoras, em Madrid, indo ellas mesmas buscar os seus filhos á eschola.

Pégo em *El liberal,* e leio no mesmo número que Silvella pronunciou um discurso sôbre a politica de reformas, Moret, em Sevilha, na festa dos Jogos floraes, Ascarate sôbre o socialismo na Associação da Imprensa, Simarro sôbre psychologia no Atheneu. E a *União nacional* continúa a reunir-se e a discutir.

Na Universidade Moguel explica os Lusiadas!

Luis Morote escreve *La morale de la derrota* e Joaquim Costa *La reconstitucion e europeizacion de España.*

Particulares, contribuindo para a propaganda educativa. Não falo já da *Institucion libre d'enseñanza,* cujos antigos alumnos se reunem todas as semanas ás sextas-feiras em volta de D. F. Giner, e não só professores, representantes de todas as classes; refiro-me ao que se faz ao seu lado. Simarro, por exemplo, tem em sua casa um laboratorio, muito frequentado, de histologia do systema nervoso.

Por varias partes, continuam todos os annos as colonias escholares; em Madrid, sob a direcção carinhosa de Cossio e de Rubio.

Ainda ha pouco, mal se estudava o francês, que era banido dos seminarios como a lingua de Voltaire. Hoje todos querem apprender o francês e o allemão e muitos tambem o inglês.

Mais do que isto: o estrangeiro traduz varias obras hespanholas.

Que gôsto nas construcções! Madrid, cheia de monumentos modernos: a Academia, o Banco de Hespanha, a Bolsa, a Bibliotheca, o palacio das Exposições, o ministerio do Fomento, o Museu de reproducções, o Asylo de surdos-mudos... Vê-se em que se tem gasto o dinheiro.

Em Barcelona o municipio fundou quatro museus, historico, historico-natural, technico e de reproducções artisticas, que dota com 1:500 pesetas annuaes, além d'um especialmente de pintura; e sustenta uma Eschola d'artes e officios e uma Eschola de musica. O *municipio,* note-se. A provincia tem o Instituto (lyceu) e uma Eschola de bellas-artes.

As deputações de Cadix, Cordova e Corunha mantêem dois lyceus, em vez d'um que é de obrigação de cada provincia. E em Figueras, Rens, Mahon, Baeza, Iapia e Gijon ha lyceus custeados pelos municipios.

Jornaes illustrados, a 10 e a 5 centimos, isto é, a 20 e a 10 réis.

Já depois de eu passar por Hespanha, o ministro de instrucção publica trata de dar autonomia ás Universidades.

(Continúa). BERNARDINO MACHADO.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

APONTAMENTOS DE MECHANICA

Interpretação geometrica de uma equação referida a eixos coordenados obliquos

E' sabido que quaesquer forças applicadas a um corpo sólido sempre podem ser substituidas por uma força unica e um conjugado, *força e conjugado resultantes.*

São (*)

$$\Sigma X,\ \Sigma Y,\ \Sigma Z \qquad (1)$$

as componentes d'esta força na direcção dos eixos coordenados, em cuja origem a suppomos applicada. E, quanto ao conjugado, podemos tambem consideral-o resultante de tres outros, respectivamente situados nos planos dos yz, xz e xy, e representados por outros tantos vectores ou eixos perpendiculares a esses mesmos planos e expressos por

$$\operatorname{sen}(y, z)\Sigma(yZ - zY),\ \operatorname{sen}(x, z)\Sigma(zX - xZ),\ \operatorname{sen}(x, y)\Sigma(xY - yX)$$

ou

$$L \operatorname{sen}(y, z),\ M \operatorname{sen}(x, z),\ N \operatorname{sen}(x, y), \qquad (2)$$

pondo

$$L = \Sigma(yZ - zY),\ M = \Sigma(zX - xZ),\ N = \Sigma(xY - yX).$$

Ora, procurando a condição analytica necessaria e sufficiente para que as forças propostas, ou, o que vale o mesmo, para que a força e o conjugado resultantes possam ser substituidas por uma força unica, acha-se que essa condição é expressa por

$$L\Sigma X + M\Sigma Y + N\Sigma Z = 0. \qquad (3)$$

(*) Representamos por (X, Y, Z), $(X', Y', Z')\ldots$ as componentes, na direcção dos eixos coordenados, das forças primitivamente applicadas ao corpo, e por (x, y, z), $(x', y', z')\ldots$ as coordenadas dos respectivos pontos de applicação d'essas forças; e denotamos por ΣX, ΣY,... as sommas $X + X' + \ldots$, $Y + Y' + \ldots$

Por outro lado tambem com facilidade se demonstra que a alludida substituição só póde effeituar-se, sendo a força resultante parallela ao plano do conjugado.

E d'ahi se conclue que a equação (3) deve exprimir a condição d'esse parallelismo.

E', evidentemente, indirecta a demonstração que assim se dá da significação geometrica da equação (3); póde porém essa interpretação ser tambem confirmada directamente. E a esse fim visam as duas demonstrações que vamos expôr.

*

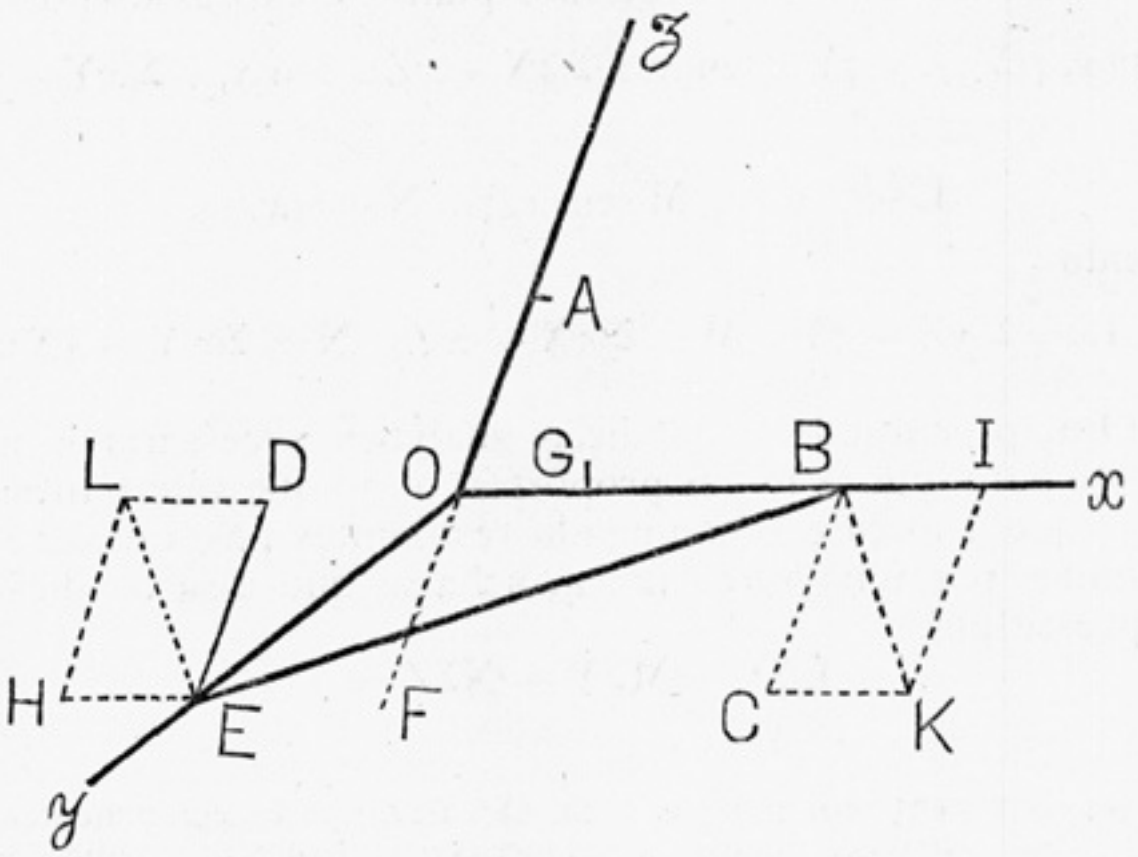
As equações da recta que representa a direcção da força resultante são evidentemente

$$x = \frac{\Sigma X}{\Sigma Z} z, \quad y = \frac{\Sigma Y}{\Sigma Z} z, \tag{4}$$

onde por x, y, z se designam as coordenadas correntes.

Passando agora a determinar a equação do plano do conjugado resultante, começaremos por suppôr que são positivos todos os tres conjugados (2).

N'esta hypothese póde o conjugado M sen (x, z) ser geome-



tricamente representado por AOBC, sendo OA ou Z_1 uma força determinada, posto que arbitrariamente escolhida, e OB

uma recta cujo comprimento a é dado pela relação

$$aZ_1 = M. \tag{5}$$

Quanto ao conjugado L sen (y, z), consideral-o-emos representado por DEOF, sendo ED $= Z_1$, e OE uma recta do comprimento b determinado por

$$bZ_1 = L. \tag{6}$$

D'este modo as duas forças, eguaes e oppostas, OA e OF destroem-se, e os dois conjugados precedentemente considerados ficam substituidos por um só, DEBC.

Finalmente, o conjugado N sen (x, y) será representado por HEOG, onde OG denota uma força cuja intensidade X_1 é deduzida da relação

$$X_1 b = N. \tag{7}$$

Agora, fazendo escorregar esta força X_1 ao longo do eixo dos xx, até que o seu ponto de applicação venha a coincidir com B, teremos assim n'este ponto duas forças BI $= X_1$ e BC $= -Z_1$, as quaes se comporão n'uma só BK, egual, parallela e contraria a EL, resultante das duas EH e ED.

Será pois LEBK o *conjugado resultante*.

Posto isto, para se obter a equação do plano d'este conjugado, bastará determinar os parametros α, β, γ, que entram na equação geral

$$z = \alpha x + \beta y + \gamma,$$

pela consideração de que o plano procurado deverá passar pelos tres pontos já conhecidos

$$B(a, o, o), \quad E(o, b, o), \quad K(a + X_1, o, -Z_1).$$

E assim acharemos

$$bzX_1 = Z_1 (ab - bx - ay). \tag{8}$$

Finalmente, obter-se-á a condição do parallelismo da recta (4) ao plano (8), substituindo n'esta ultima equação os valores de x e y expressos em funcção de z, dados por (4), e egualando depois a zero na equação resultante o coefficiente de z. D'este modo e attendendo a (5), (6) e (7), recahiremos em (3).

Scholio. Temos considerado positivos os conjugados componentes (2); mas a analyse e reducções precedentemente indicadas ainda poderão applicar-se em qualquer outro caso, para o que, podendo continuar a suppôr essencialmente positiva a força Z_1, deveremos dar a a, b e X_1 (sendo X_1 a força applicada em O e respectiva ao conjugado existente no plano dos xy) os valores e *signaes* que lhes forem assignados pelas relações (5), (6) e (7).

*

Sendo A e B os modulos indicativos dos comprimentos de duas rectas, e (A, B) o angulo que estas entre si formam, o producto A. B cos (A, B) tambem algumas vezes se denota por

$$A \mid B,$$

e então se denomina *producto interno* das rectas propostas.

Demonstra-se tambem que, se A e B representarem sommas geometricas d'outras rectas, isto é, se fôr (*)

$$A = [a_1 + a_2 + \dots], \quad B = [b_1 + b_2 + \dots],$$

obter-se-á o producto interno de $[a_1+a_2+\dots]$ por $[b_1+b_2+\dots]$, multiplicando estas expressões como se representassem sommas algebricas, e depois considerando os productos parciaes que assim se obtiverem como outros tantos productos internos dos respectivos factores (**).

(*) As sommas geometricas e as respectivas parcellas tambem frequentemente se denominam *resultantes* e *componentes*.

(**) Attendendo a que a projecção da resultante sobre qualquer direcção é egual á somma algebrica das projecções das componentes sobre essa mesma direcção e sentido, teremos

$$\begin{aligned} A \cos (A, B) &= a_1 \cos (a_1, B) + a_2 \cos (a_2, B) + \dots \\ &= \sum_i a_i \cos (a_i, B), \end{aligned}$$

e portanto

$$A \mid B = \sum_i a_i \, B \cos (a_i, B).$$

E por que tambem é

$$\begin{aligned} B \cos (a_i, B) &= b_1 \cos (a_i, b_1) + b_2 \cos (a_i, b_2) + \dots \\ &= \sum_j b_j \cos (a_i, b_j), \end{aligned}$$

será

$$A \mid B = \sum_i \sum_j a_i \, b_j \cos (a_i, b_j) = \sum_i \sum_j (a_i \mid b_j):$$

o que justifica a regra acima dada.

Posto isto, designando por P e G a força resultante e o eixo do conjugado tambem resultante, por X_1, Y_1 e Z_1 as componentes (1) de P, e por l, m, n os eixos representativos dos conjugados (2) componentes de G, e suppondo que são positivos X_1, Y_1, Z_1, l, m e n, teremos

$$\begin{aligned} P\,|\,G &= [X_1 + Y_1 + Z_1]\,|\,[l + m + n] = l\,|\,X_1 + m\,|\,Y_1 + n\,|\,Z_1 \\ &= l.\,X_1 \cos(l, x) + m.\,Y_1 \cos(m, y) + n.\,Z_1 \cos(n, z) \\ &= X_1\,L \operatorname{sen}(y, z) \cos(l, x) + Y_1\,M \operatorname{sen}(x, z) \cos(m, y) \\ &\qquad + Z_1\,N \operatorname{sen}(x, y) \cos(n, z) \\ &= X_1\,L \operatorname{sen}(y, z) \operatorname{sen}(x, yz) + Y_1\,M \operatorname{sen}(x, z) \operatorname{sen}(y, xz) \\ &\qquad + Z_1\,n \operatorname{sen}(x, y) \operatorname{sen}(z, xy). \end{aligned} \tag{9}$$

Ora, designando por H o volume do parallelipipedo determinado pelos tres eixos coordenados como arestas, tendo cada uma d'ellas a grandeza 1, facilmente se reconhece que é

$$H = \operatorname{sen}(y,z)\operatorname{sen}(x,yz) = \operatorname{sen}(x,z)\operatorname{sen}(y,xz) = \operatorname{sen}(x,y)\operatorname{sen}(z,xy),$$

e por tanto

$$P\,|\,G = H\,(LX_1 + MY_1 + NZ_1);$$

donde se infere a equivalencia das relações $LX_1+MY_1+NZ_1=0$ e $\cos(P, G)=0$, visto não ser nullo P nem G.

Scholio. Temos considerado positivos X_1, Y_1, Z_1, l, m, n, mas as conclusões a que chegámos egualmente subsistem em qualquer outro caso.

Com effeito, suppondo por exemplo que Z_1 era negativo, se designarmos por Z_2 o modulo d'essa quantidade, teremos

$$P\,|\,G = [X_1 + Y_1 + Z_2]\,|\,|\,[l + m + n] = l\,|\,X_1 + m\,|\,Y_1 + n\,|\,Z_2.$$

Ora (*) é

$$n\,|\,Z_2 = nZ_2 \cos(n, -z),$$

$$Z_2 = -Z_1, \quad \cos(n, -z) = -\cos(n, z),$$

(*) Designamos por $(n, -z)$ o angulo de n com o eixo dos zz negativos.

logo

$$n \mid Z_2 = n\, Z_1 \cos(n, z) = Z_1\, N \operatorname{sen}(x, y) \cos(n, z)$$
$$= Z_1\, n \operatorname{sen}(x, y) \operatorname{sen}(z, x\, y),$$

expressão identica á que anteriormente tinhamos achado para representar em (9) o termo dependente de Z_1.

L. C. ALMEIDA.

ERRATAS

No artigo publicado em o numero precedente d'este jornal sob o titulo —*Apontamentos de mechanica*— deverão fazer-se as seguintes correcções:

Pag.	*linha*	*errata*	*emenda*
547	13	ponto A	ponto dado
548	26	seja	sejam
»	27	$k = w$, teremos	$k = w$. Teremos

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

SAUDADE

Abre, Saudade, as tuas asas, sobre
Esta minha tristeza! Possa eu vê-las,
Neste ceu pardacento que me cobre,
As amorosas, tremulas estrellas!
Não ha poeta, Senhor, que seja pobre,
Quando sonha, levado em nuvens bellas...
E eu tive estrellas, sonhos, luar divino,
Por que te vi encher o meu destino!

Tive a candura angelica—essa graça,
Que de ti vinha espiritualisar-me.
Ninguem colheu mais rosas na desgraça,
Vinham os anjos todos emballar-me...
Ó musica suavissima, que passa,
Mas de que eu oiço eternamente o carme,
És tu que doiras ainda esta tristeza,
E me fallas do Amor e da Belleza!...

E esta Saudade, que eu adoro e canto,
Santa entre as Santas, ao fallar d'amores,
Leva-me longe, como por encanto,
A algum reino de lagos e de flores...
E vou seguindo, sem tristura ou pranto,
Como um troveiro atraz dos seus amores:
—E logo a lua antiga resplandece!
—E logo o vento os choupos estremece!...

E fico-me a sonhar, como fazia
Nos tempos idos, ao luar de Deus;
Escuto as harpas da Melancolia
Nas arvores, nos montes e nos ceus.

Esqueço-me da longa penedia
Por onde tenho andado e os sonhos meus,
E ponho-me a escutar almas errantes
Das montanhas, dos ventos soluçantes...

Oiço ainda tudo que foi bello e amado,
E que ainda hoje os passos me conduz,
Como um astro nos diz em ceu pesado
Donde é que nasce a matutina luz...
Cada sonho que amei, resuscitado,
Ei-lo que volta e fulgido reluz!
—Bate-me o coração, que fogo é este?
—Ó vento, que perfume me trouxeste?

... E tu refulges, ó Visão piedosa,
Toda de branco, como nas balladas,
A fallar-me na lenda religiosa
Das chymeras d'amor evaporadas.
E sempre a lua brilha, flor saudosa;
Uma ave canta musicas sagradas;
E era doce ficar a eternidade
Ouvindo o que me dizes, ó Saudade!...

JULIO BRANDÃO.

FULMEN

La contemplation de l'ombre, les passages de la nue au dessus du front pensif des sages, ont créé tous vos dieux.

V. Hugo, *L'epopée du ver.*

I

Encobrem pouco a pouco as nuvens o ceu todo:
a abobada de anil, agora côr de lodo,
não semelha um docel—é tecto de prisão:
a desbotada luz é quasi escuridão.
O sol já se eclipsou. A rija ventania,
a sibilar, sacode e quebra a ramaria,
e levanta de pó escuro torvelinho.
A fera ao seu covil, as aves ao seu ninho,
recolhem com presteza, em bandos apressados.
Começa de cahir em pingos compassados
a chuva. O ar pesado, electrico, sombrio,
produz em cada peito estranho calafrio,
e opprime o coração do pobre lavrador.
Reune pressuroso, o pavido pastor
o gado tresmalhado. Os nimbos gigantescos,
tomando estranha côr, medonhos e grotescos,
chocando-se uma vez, de outra separados,
lembram negros Titans, raivosos, empenhados
n'uma lucta mortal. O campo está deserto:
ao longe não se vê, e não se vê ao perto,
tão breve se estendeu espesso nevoeiro:
aperta mais e mais o gelido chuveiro.
Occulta artilheria trôa sinistramente,
rebôa pelo espaço, e finda lentamente.
Eis quando n'um só ponto o ceu se illuminou:
um momento fulgiu, e logo se apagou
o livido luzeiro. Avoluma ululando
o estrondo do trovão aereo, como quando
corre o leão rugindo á victima prostrada:
a chuva faz um mar da terra empapuçada.

Incendeia-se o ceu: aos lugubres ruidos
d'aquelle temporal misturam-se uns gemidos,
vagos, confusos sons, que partem cá de baixo
da choupana, do val, dos montes, do riacho.
De repente estalou um estampido secco:
uma fita de fogo, anticipando o echo
cahiu do ceu á terra: o raio, como o destino,
fez a choupana em pó, qual covarde assassino,
que mata e foge logo. Oh! tetrica visão!
Que gritos de terror, que enorme confusão
aos lividos clarões d'aquella tempestade!

II

Tremia de pavor a triste humanidade,
ao fusilar do raio nos fulgidos espaços;
e pensava que Deus os seus possantes braços
estendia do ceu p'ra castigar o mundo,
condemnado a morrer! Em seu terror profundo
ouvia a voz de Deus no funebre trovão,
e prostrada cahia de bruços sobre o chão!
—«Ó Deus, ó Pae, (dizia) Tu és omnipotente,
«e a tua creatura é barro simplesmente!
«Tu tiraste do nada o universo inteiro;
«fizeste o verme e o sol! Suspiro derradeiro
«do teu immenso peito, a trasbordar de amor,
«deste por companheira a feminina flôr
«ao homem triste e só! Sublime, incomparavel
«deste a razão e o amor ao pobre miseravel!
«D'astros crivaste o azul, em numero sem fim;
«a cada coração pozeste um serafim
«de guarda: ó Creador do ceu, Senhor da terra,
«do mar, do vendaval, das pestes e da guerra,
«tres vezes sacrosanto, e clemente, infinito,
«bemdito sejas Tu para sempre, bemdito!
«Tu és mil vezes justo em tua immensa ira:
«desconheci Jesus, e creio na mentira!
«Mas eu padeço, e soffro, e luto dia a dia,
«sou um forçado eterno... ó Filho de Maria,
«eu creio, eu creio em ti, derradeira esperança...»
N'isto brilhou no ceu o Arco da alliança!

III

Passaram gerações. Teimava a ignorancia
em crer que o Homem tinha uma grande importancia
ante as supremas leis do Ser inexprimivel,
eterno, justo, bom, ubiquo e invisivel.
Jupiter, Brahma, Allah, Tentates, Zeus, Osiris,
foram por sua vez donos do arco iris,
mandando o bem e o mal a todo o ente humano
tal qual do mundo antigo um rispido tyranno.
Vaidade e só vaidade!... Um dia aconteceu
de nuvens, de côr negra, ennovellar-se o ceu.
Da grande Philadelphia, as ruas populosas
desertas são em pouco: as turbas são medrosas.
Então um bom burguez, pensativo, apressado,
sahiu de casa e foi, sem o menor cuidado
de vento ou chuva, até um campo largo e aberto,
onde não poderia abrigar-se por certo.
Chegado, lança ao ar um grande papagaio
—um brinco de rapaz—desafiando o raio,
que das nuvens no seio occultante existe,
e dá-lhe corda, e corre... Um velho! Como é triste!
Passou um camponez: sorriu, disse comsigo,
—perdeu de certo o sizo aquelle pobre amigo!
Mas elle nada vê, senão a sua peça,
com uma ferrea ponta erguida na cabeça!...
No ar já paira emfim... Então uma faisca,
que, ao ver-se, é tal e qual do raio a ignea risca,
abala-o vivamente; e, alçando ao ceu a mão,
bradou:—«és meu, emfim, ó mystico trovão!
«Eu sou o Prometheu d'esta moderna edade.»—
Franklin tinha roubado o raio á divindade!

1897. CORRÊA BARATA.

ESTUDOS SOBRE DAMIÃO DE GOES

(Cont. do n.º 9, pag. 574)

DOCUMENTOS

XXXIV

Documentos ácerca dos bens dotaes de Isabel Perdigoa, mulher de Fruitos de Goes

«Dom Joam &c A quamtos esta minha carta virem faço saber que por parte de Fruitos de Guoes, fidalguo de minha casa, me foy apresemtado huũ meu aluara escryto em purgaminho per mym asynado e pasado per minha chancelaria, de que o theor tal he: Eu elRey faço saber a quamtos este meu aluara virem que por parte de Eytor Nunez, caualeiro de minha casa, me foy apresemtado hum aluara dellRey meu senhor e padre, que santa gloria aja, de que o theor tal he: Nos ElRey fazemos saber a quamtos este noso aluara virem que por parte da molher e herdeiros de Nuno de Syqueira e asy per parte dEytor Nunez, caualeiro de nosa cassa, nos foy apresemtado huũ noso aluara de mill e duzemtas coroas de casamento que de nos tinha ho dito N.º de Seqra, de que o theor tal he: Nos elRey fazemos saber a quamtos este noso aluara virem que por parte de Nuno de Sequeira, caualeiro de nosa casa, nos foy apresemtado hũ aluara delRey meu senhor, cuja alma Ds aja, do qual o theor tal he como se segue: Nos elRey fazemos saber a quamtos este noso aluara virem que nos desembarguamos ora a Nuno de Sequeira, caualeiro de nosa cassa, mill duzemtas coroas de seu casamento das de cemto vimte reaes a coroa segumdo nosa ordenamça, e por que loguo lhas nom podemos mamdar paguar lhe demos este pera sua guarda e avera a graça delas em quamto lhas nom pagarem segundo tinha per outro aluara delRey meu senhor e padre, que Deus tem. Feito em Evora a quatro de junho—Fernam dEspanha a fez—anno de noso Señor Jhũ X.º de mil iiije lxxxij.» Pedindonos o dito Nuno de Sequeira por merce que lhe cõfirmasemos o dito aluara na maneira sobre dita e visto per nos seu requerymento, e queremdolhe fazer graça e merce, temos por bem e lhe cõfirmamos e avemos por comfirmado asy e pela guisa e maneira que se em ella comtem, porque asy he nosa merce. Feito em Evora a xj dias de maio—Amdre Pirez o fez—de mil iiije lrbj., Pedimdonos os sobre ditos por merce que por quãto eles por noso prazer jaa tinham vemdidas as ditas coroas e temça que por ellas aviam ao dito Eytor Nunez nos prouuese as trespasarmos asy nele com a dita temça como eles erdeiros tudo tynhão e aviam, e visto per nos seu requerymento e asy huũ comtrato de vemda que nos apresemtou o dito Eytor Nunez, feito per Duarte de Sequeira, pubrico tabeliam nesta cidade de Lixboa, aos xiiijº dias deste presente mes de março da era de bcb anos,

per que se mostraua Fernão de Sequeira, herdeiro do dito Nuno de Sequeira per pᶜᵃᵃ (precuraçam) abastamte da molher que foy do dito Nuno de Sequeira e dos outros erdeiros vemder as ditas coroas e temça dellas ao dito Eytor Nunez, temos por bem e nos praz do dito comcerto e vemda e avemos por trespasadas as ditas coroas e temça delas no dito Eytor Nunez que as asy ouue pela dita guisa. E porem mandamos aos veadores da nosa fazenda que façam riscar dos liuros della a temça que os ditos erdeiros ora aviam pellas ditas mill duzemtas coroas e asemtar em nome do dito Eytor Nunez, ao qual pasaram daquy em diamte carta de desembarguo da dita graça por temça em quãto lhe nom forem pagas as ditas coroas pera lugar omde ajãa boo pagamento, e por firmeza de todo e seguramça lhe mandamos dar este noso aluara feito em Lixboa aos xbiij dias de março—Amdre Diaz o fez—ano de ¡bᵉb anos. E o dito aluara que os ditos erdeiros tinhão das ditas mil ijᵉ coroas foi roto peramte nos ao asynar deste. Pedimdome o dito Eytor Nunez por merce que lhe cõfirmase o dito aluara e visto per mim seu requerymento, queremdolhe fazer graça e merce tenho por bem e lho cõfirmo e ey por cõfirmado e mando que em todo se cumpra e garde como nele he conteudo. Feito em a minha cidade dEvora a xb dias dagosto—Antonio Sanhudo o fez—ano de mil bᵉ xxiiijᵒ. Com o qual aluara ele Fruitos de Guois apresemtou mais hũa certidam do juiz dos orfãos da villa dAlmada, de que o theor tal he: Samcho de Fereira caualeiro da casa delRey noso senhor, juiz ordynairo e dos orfãos na vila dAlmada e seus termos &c, faço saber aos que esta certidam virem como Fruitos de Guois, fidalgo da casa do dito senhor por parte da senhora Isabel Perdigoa, sua molher, he erdeiro em toda a fazenda que ficou per falecymento de Cᵃᵃ (Caterina) Delgada, que Deus tem, sua avoo, a quall Caterina Delgada, per ffalecymento de Caterina Delgada sua neta, filha dEytor Nunez Perdigam e Margarida Rodrigues, sua molher, outro sy defumtos, jemro e filha da dita Caterina Delgada avoo, erdou noue mil seis cẽtos rs de temça que o dito Eytor Nunez tynha obrigatoria, a qual temça o dito Fruitos de Guois erdou per falecymento da dita Caterina Delgada, e por asy pasar na verdade lhe mandey dar esta per mim asynada aos xxij dias de novembro—Amtonio de Cerveira esprivão dos orfãos da dita villa e termos a fez—de mil bᵉ xxxb anos. Pedimdome o dito Fruitos de Guois por merce que por quamto o dito Eytor Nunez era falecido e as coroas conteudas no dito aluara e temça dellas pertemciam a Isabel Perdigoa, molher delle Fruitos de Guois, a q̃ acõteceram per partylha segundo fez certo pella dita certidam, que lhe mandase dar carta em forma dellas, e visto seu requerymento com a dita certidam e como per bem della a dita temça pertemce a dita Isabel Perdigoa sua molher, e queremdolhe fazer graça e merce, ey por bem e me praz lhe cõfirmar as ditas ¯ijᵉ coroas, e quero que ela tenha e aja, em quãto lhe nom forem pagas, a temça separada que se nelas mõta, que sam noue mil bjᵉ rs cadano asy e da maneira que todo ate qui tinham e aviam os erdeiros do dito Eytor Nunez e mando a dom Rodrigo Lobo, do meu cõselho e vedor da minha fazenda, que faça asemtar os ditos dinheiros nos liuros della a dita Isabel Perdigoa e dar carta deles em cada hum ano de janeiro que vem de bᵉ xxxbij em diamte pera lugar omde lhe sejam bem pagos E o aluara que nesta carta acima vay emcorporado foy roto ao asynar della. Amtonio Soarez a fez em Evora a xbj dias do mes doutubro ano do nacymento de noso SenhorJhu X.º de ¯bᵉxxxbj» (1).

---

(1) D. João III, liv. 49, fl. 129.

A fl. 93 do livro 66 da mesma chancellaria acha-se reproduzido este documento apenas com differença no principio e no fim. No começo diz o seguinte:

«Dom Joham &c A quantos esta minha carta virem faço saber que por parte de Juliana de Guoes, filha de Fruitos de Guoes e de Isabel Perdiguoa, já defunta, me foy apresentada hũa minha carta per mym asinada e passada per mynha chancelaria, de que o trelado de verbo a verbo he o seguinte:...»

O remate é d'esta sorte:

«Pedindome a dita Juliana de Guoes por merce que por quanto nas partilhas que se fizerão antre ella e Fruitos de Guoes, seu pay, e os mais herdeiros da fazenda que ficou per falecimento da dita Isabel Perdiguoa, sua may, lhe pertencerão herdar os ditos noue mill e seis centos rs contheudos no padrão aquy treladado como se vyo per hũa certidão do doutor Ruy Guaguo dAndrade, juiz dos feitos de minha fazenda, lhe mandasse daar delles carta em seu nome, e visto per mym seu requerimento e asy a dita justificação, e querendolhe fazer graça e merce, tenho por bem e me praaz que a dita Juliana de Guoes tenha e aja de mym de tença de graça separada em cada hum ano, de janeiro que ora passou deste ano presente de quynhentos e cinquoenta em diante os ditos noue mill e seis centos rs em quanto lhe não forem paguas as ditas mil e duzentas coroas. E mando ao barão dAluito, do meu conselho e veedor de minha fazenda que lhos faça asentar nos liuros della e do dito janeiro em diante despachar em cada hum ano pera luguar onde delles aja bom paguamento E por firmeza dello lhe mandey daar esta minha carta per mym asinada e asellada do meu sello pendente. Simão Glz a fez em Lixboa aos xbj dias do mes de junho ano do nascimento de nosso Senhor Jhũ Xpo de mil bc l.ta E o padrão aquy treladado e justificação foy tudo perante mym roto ao asinar desta. Jorge de Figueiredo Correa o fez escreuer» (1).

XXXV

Carta nomeando Martim Alvares, creado de Fruitos de Goes, tabellião da villa d'Almada—1 de outubro de 1526

«Dom Joam &c a vos juizes, concelho e homes boõs da villa d'Almada' façovos saber que cõfiamdo eu da bomdade e descrisçam de Martim Aluez' criado de Fruitos de Goes, que nesto me seruira como cõpre a meu seruiço e o das partes, e querendolhe fazer graça e merce, tenho por bem e o dou em esa dita villa por tabaliã do judiciall e spriuã dante o oũuidor desa dita villa asy e pella maneira que o elle deve ser e o era Symão Defumado, que os ditos oficios tinha e se finou, e esta merce lhe faço per vertude de huũ meu aluara &c Dada em a vílla de Tomar ao primeiro dia doutubro—ElRey ho mãdou pello doutor João de Faria do seu conselho e chanceler mor em seus Reynos e senhorios—Bento Glz Banha a fez ano de noso Senhor Jhuũ Xpo de mill e bc xxbj» (2).

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doaçõe*s, liv. 66, fl. 93.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III. Livro 36 de *Doações*, fl. 151 v.

XXXVI

Carta regia de D. Sebastião, de 2 de junho de 1561, satisfazendo uma petição dos herdeiros e testamenteiros de Fruitos de Goes

«Eu elRey faço saber aos que este aluara virem que avendo eu respeito ao que na petição aquy junta dizem os erdeiros de Fruitos de Guoes, que Deus aja, e Damião de Guoes, seu testamenteyro, e vista a deligencia que o L.do Dioguo Gastão, do meu desẽbarguo e prouedor dos resydos e orfãos da comarca de Setuuel per meu mandado fez acerca do caso conteudo na dita petição, e sua enformação e parecer e como per ela se mostra serem o prior e beneficiados de Nosa Senhora do Castello da villa dAlmada cõtentes de tomarem a quintã de que na dita petição faz menção em lugar dos dous moyos de triguo de renda em cada hum anno, que Caterina Delgada, ja fallecida, mandou em seu testamento que se comprasem e desem ao dito prior e beneficiados por certas misas que mandou que lhe disesem na dita igreja, ey per bem e me praz que os ditos erdeiros e testamẽteyro de Fruitos de Guoes posão dar ao dito prior e beneficiados da dita igreja de nosa Senhora do Castello dAlmada a dita quintã em luguar dos ditos dous moyos de triguo de renda, que lhe asy a dita Caterina Delgada em seu testamento deixou e que o dito prior e beneficiados da dita igreja posão ter e posuir daquy em diamte pera sempre a dita quintã e propiedades dela e isto sem ẽbarguo da ordenação do segundo liuro titolo oitauo que despoem que as igrejas e ordẽs não posão ter nem pesoir nenhuns beẽs de raiz e cõtãto que a dita quintã e propiedades della não sejão em meus reguẽgos e terras jugadeyras nem beẽs que a mym sejão obrigados fazer algum foro ou trebuto, e mando a todas minhas justiças oficiaes e pesoas a que o conhecimento disto pertemcer que lhe cumprão e guardem e fação inteiramente comprir e guardar este meu aluara como se nelle cõtem, o qual ey por bem que valha e tenha força e viguor como se fôse carta feyta em meu nome per mym asynada e pasada por minha chancelaria sem ẽbarguo da ordenação do segundo liuro, titolo vinte, que diz que as cousas, cujo efeyto ouuer de durar mais de hum anno pasem per cartas e pasando per alluaras não valhão. Xpouão Lopez o fez em Lixboa a ij dias de junho de ¯jbc lxj. Dioguo de Proemça o fez escreuer» (1).

XXXVII

Visita á egreja de Santa Maria do Castello, da villa d'Almada, em 1533

«Estaa agora na dicta capella huũ retabollo dourado que he mayor que o alltar huũ pallmo de cada parte e tem seu guarda poo e guirllanda per cima todo douro e dazull e no meyo delle estaa huũa inmagem de Nossa Senhora de vullto com o menino no collo e da parte do evangelho

---

(1) D. Sebastião e D. Henrique, *Privilegios*, liv. 2, fl. 121 v.

a inmagem de Nossa Senhora da Saudação pimtada e da parte da ypistolla outra inmagem de Nossa Senhora dAssunção o quall rretauollo me disserã que custara em branco quarenta mill rs, os quaes se pagarã a custa de dom Joam Pimemtell comẽdador que foy desta comenda e a pintura custou outros quarenta mill rs, que pagou Fruitos de Goes por sua deuação e esta no meyo do dito retauollo em cima do alltar feito huũ sacrario muito bem obrado e rico e nõ esta nelle o sacramento, sendo mãdado na visitação passada que estiuesse ahii, ao que prouemos como se hadiante achara» (fl. 3 v.) (1).

Mandado da visitação 1.º d'agosto de 1533.

XXXVIII

Carta de Francisco de Macedo á rainha ácerca da casa do Espirito Santo d'Alemquer — 18 de setembro de 1540

«Sõra.—V. A. me escpreueu que compria a seu seruiço mãdarlhe o trelado do cõpromiso desta casa do escprito samto e asy quaes quer escprituras que falarem em como se ajam de gastar e despemder as remdas dela. Digo senhora que o trelado do compromiso e asy do Regimento que a Rainha dona Lianor e elRey dom M.el, que samta gloria ajam, ordenaram pera boa ordem e gouernãça da cassa e se gastarem as remdas do dito scprital fizeram este Regimento que lhe emvio o trellado dele e o propio que qua fiqua he asynado per elRey dom M.el e per ele se rege e guouerna o dito scprital nõ mando a Vosa A. o trelado de como esta casa do scprito sãto se edeficou milagrosamente pola Rainha dona Isall (*sic* por Isabell) molher que foy delRey Dom Denis, filha delRey dAraguã, que jaz em Samta Clara de Coĩmbra por que eu dise ja allgũas vezes a V. A. se o queria ver e ella me respomdeo que ja o sabia e por iso nã mãdo a V. A. o trellado. Praza ao scprito samto que queyra acrecemtar em lomgos dias de vida o seu Reall estado a seu samto seruiço. Da sua villa dAlamquer a xbiij dias de setembro de 1540 anos.=Francisco de Macedo.»

No sobrescripto—A Rainha nosa sõra.—De seu seruiço (2).

XXXIX

Carta d'el-rei D. Sebastião ácerca do pagamento de certo fôro d'umas terras que trazia Sebastião de Macedo, o filho, nas Lezirias d'Azambuja —14 de dezembro de 1575

«Eu ellRey faço saber aos que este meu alluara virem que Sebastyão de Macedo, fidallgo da casa do cardeal Iffante dom Anryque, meu muito amado e prezado tio, filho de Sebastião de Macedo, seu camareiro e guarda roupa, me enuiou dizer que o dito seu pai renunciara nelle hũa

---

(1) Torre do Tombo, *Ordem de S. Tiago*, n.º 262.
(2) Torre do Tombo, *Corpo chronologico*, parte 1.ª, maço 68, doc. 37.

poste de terra de quatro moyos de semeadura que esta nas leziras dAzãobuja, onde chamã as Quebradas, que o dito seu pay trazia em sua vyda ao terço e trinta allqueires de pão terçados dallças, da qual poste de terra lhe fora pasado carta em forma em sua vyda ao terço e allças como o dito seu pay trazia, e que elRey meu senhor e avô, que santa glloria aja, ouuera por bem que todalas terras das ditas leziras se desem ao terço somẽte sem mais allças e que asi as daua o contador das leziras e pahuis pello que de nenhũas terras que estão pegadas com a sua se paga mais que o terço e que somẽte elle paga allças alem do terço, pidindome que lhe fizese merce de aver por bem que da dita poste da tera pague daqui em dyante mais que o terço sem mais allças por as terras andarem canssadas e se não poder della pagar mais, e visto per mim seu requerimento e a informação que se deste caso ouue e como das terras que partem com as do dito Sebastião de Macedo se paga mais que o terço sem mais allças, ei por bem e me praz, por fazer merce ao dito Sebastião de Macedo, que daqui em dyante ẽquanto elle pessuir e tiuer a dita poste de terra não pague della os xxx alqueires de pão dallças e somente pagara o terço. E portanto mando.... J.º Allvez o fez em Lixboa a xiiijj de dezembro de ⁊ bᶜlxb. Alluaro Pirez o fez escreuer» (1).

XL

Licença a João Borges, cunhado de Sebastião de Macedo, juiz dos orfãos de Alemquer, para poder renunciar o officio —4 de outubro de 1550

«Eu elRej faço saber a quantos este meu aluara virem que eu ey por bem e me praz, por mo pedir Bastião de Macedo, camareiro do cardeal ifante, meu muito amado e prezado irmão, daar licença a Johão Borges, seu cunhado, juiz dos horfãos da villa dAlanquer que possa renunciar o dito officio em hũa pesoa, que casar com hũa sua filha, qual elle nomear, sendo auto pera o seruir, e a dita pesoa que estiuer concertado de casar com a dita sua filha, antes que case, sera obriguado de se hir apresentar aos meus desembarguadores do paço pera o examinarem, e achando que he auto pera seruir o dito officio lhe passarão disso certidão pera depois de ser com ella casado lhe ser passada carta em forma delle, mostrando renunciação do dito Johão Borges e a carta que do dito officio tem, e paguando primeiro os direitos ordenados. Fernão da Costa o fez em Lisboa a iiij dias doutubro de mil bᶜl.ᵗᵃ» (2).

XLI

Concessão de saboarias a Luiz de Goes—27 de maio de 1574

«Dom Sebastião &c Aos que esta carta virem faço saber que avendo eu respeito aos seruiços de Antonio Perdigão de Goes, fidalgo de minha

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique, *Doações*, liv. 16, fl. 415 v.

(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. João III, *Doações*, liv. 66, fl. 113 v.

casa, já falecido, e aos de Luis de Goes, seu irmão, que faleceo nas partes da India, ey por bem e me praz de fazer merce a Luis de Gois, filho do dito Antonio Perdigão das saboarias pretas das cidades de Lamego e Viseu e da villa dAlanquer cõ todos seus termos, assy e da maneira que a mym pertence e como as tinha, posuya e avia per hũa carta feita em primeiro doutubro do ano de mil bc lij o dito Antonio Perdigão seu pai, por cujo fallecimento vagarão cõ todos os priuilegios.... Dada em Lixboa a xx bij dias do mez de mayo—Alluaro Fernandez a fez anno de ĵ bc lxx mjo Mel Soarez a fez escreuer» (1).

XLII

Carta de D. Filipe nomeando Manuel de Macedo provedor da confraria do Espirito Santo de Alemquer, por morte de seu irmão. Carta de 13 de janeiro de 1584

«Dom Filipe &c faço saber aos que esta minha carta virem que por ora estar vago o officio de prouedor da confrarya ospital e casa do esprito samto da vila dAlanquer por falecimento de Sebastião de Macedo, e cõfiar de M.el de Macedo, seu irmão, fidalgo de minha casa, que nisso me seruirá bẽ e como cumpre a seruiço de noso Senhor e bẽ e aumento da dita cõfraria e ospital e avendo respeito a seruir ja o dito cargo Sebastião de Macedo seu pay e por mo enuiarẽ pidir os mordomos officiaes e confrades da mesma confraria, tenho por bem e faço merce ao dito Manuel de Macedo do dito officio de prouedor da cõfraria Hospital e casa do Sprito santo da dita vila dAlanquer, que elle seruira ẽ quanto o eu ouuer por bẽ e nã mãdar o contrario assi e da maneira e cõ todos os poderes e jurdição que o dito seu pai e irmão tiuerã pello Regimento e prouisois que pera isso forã dados e cõcedidos á dita confrarya e ospital e aos prouedores que antes delle forão por que de tudo ei por bem que elle Manuel de Macedo possa vsar e vse e se lhe cumprão e guardem inteiramente, e querendo lhe eu tirar o dito officio ou extinguillo por qual quer causa que seja, não ficará minha fazemda obrigada a lhe dar por iso satisfação allgũa, e mando ao prouedor da comarca da villa de Santarẽ e a quaes quer outras minhas justiças e officiaes a que o conhecimento disto pertencer que lhe dem a posse do dito officio e lho deixẽ seruir e delle vsar na maneira que dito he e elle Manuel de Macedo jurará em minha chancelaria aos santos evangelhos que bem e verdadeiramente o sirua, guardando em todo o seruiço de noso Senhor e meu e o que comprir ao bem da dita confraria e ospital e por firmeza de tudo lhe mandei dar esta carta por mym asinada e sellada do meu sello pẽdente. Dada na cidade de Lixboa aos xij dias do mes de janeiro—Antonio Roiz a fez anno de ĵ bclxxxiij. Simão Borralho a fiz escreuer» (2).

---

(1) D. Sebastião e D. Henrique, *Doações*, liv. 44, fl. 144 v.
(2) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Filipe I, *Doações*, liv. 4, fl. 271.

XLIII

Carta de D. Sebastião, confirmando a renuncia que Sebastião de Macedo fez em seu filho Manuel de Macedo da tença de 20:000 reaes que tinha com o habito de Christo — 20 de julho de 1568

«Dom Sebastiam etc — como governador etc. faço saber que elRey meu senhor e avo que santa gloria ajaa ouue por bem per hum seu alluara feito a dez dias do mes de janeiro do ano de mill e quinhentos cincoenta e hum que per falecimento de Bastiam de Macedo camareiro e guarda Roupa do cardeall Infante dom Anrrique meu tio ficasem os vinte mill reaes de tença cada anno que elle tinha com ho abito da dita ordem a hum seu filho pera os auer com o mesmo abito e para o dito Bastiam de Macedo os Renunciar e trespasar em Manuel de Macedo seu filho fidallgo de minha casa e caualeiro da dita ordem segundo vy per hum pubrico estromento de Renunciaçã que dezia ser feito na cidade de Lisboa per Antonio Pinheiro, tabelliam das notas em ella, aos noue dias do mes de junho deste anno presente de ⁊b.ᵉlxbiijº lhe mandei daar esta minha carta de padram, pela quall ey por bem e me praz, per fazer merce ao dito Manuel de Macedo que elle tenha e ajaa de minha fazenda do primeiro dia do mes de janeiro do anno que vem de ⁊b.ᵉlx e noue em diante os dito vinte mill reaes de tença em cada hum anno com ho abito da dita ordem, e portanto mando aos veedores de minha fazenda que lhos façam asentar no livro da fazenda da ordem e leuar cada anno no caderno das tenças do abito pera lhe serem pagos no meu tesoureiro mor ou em quem o dito cargo seruir, constando lhe primeiro per certidam nas costas deste de Antonio dAbreu, escriuam da chancellaria da dita ordem, de como no Registo da chancellaria do padram dos vinte mill reaes que Bastiam de Macedo tinha de tença com o dito abito que foi feito a xxiiijº dias dabrill do anno de b.ᵉxxix ffica posta verba que os Renunciou e trespasou no dito Manuel de Macedo, seu filho, a que mandei passar deles este padram e outra certidam de Gabriell de Moura de como no liuro das merces que tem em seu poder no asento do alluara de lembrança de que acima faz mençam fica posta outra tall verba, o quall alluara com ho padram do dito Bastiam de Macedo e estromento de Renunciaçã se Romperã ao asjnar desta minha carta de padram, que por firmeza de todo lhe mandej dar per mim asjnada e sellada com o sello pendente da dita ordem — Sjmão Borralho a fez em Sintra a xx dias do mes de julho ano do nacimento de nosso Senhor Jesus Christo de ⁊b.ᵉlxbiijº e o asento da dita tença que estava em nome de Bastiam de Macedo se Riscou do liuro da fazenda da ordem e eu Duarte Diaz o fiz escreuer.

A margem: — Não ha dauer Manuell de Macedo pagamento dos vinte mill reaes de tença que tem pelo padram deste Registo do ano presente de ⁊b.ᵉlxxbiijº em diante no thesoureiro mor por sua alteza aver per bem que do dito janeiro em diante lhe fosem pagos no almoxarifado dAlamquer e nã no thesoureiro mor. Em Lixboa a noue de junho 1578» (1).

---

(1) Chancellaria antiga da ordem de Christo, liv. 1.º, fl. 171.

XLIV

Carta de emprazamento feita pelo mosteiro de Alcobaça de certa agua a Manuel de Goes para construcção de moinhos para fazer papel —1 de outubro de 1537

«Em nome de Deus amen. Saibham quamtos este estromento de nouo ẽprazamẽto em fatiosym virem que no anno do nascimento de noso senhor Jhũ Xpo de mill e quynhemtos e trimta e sete annos, ao primeiro dia do mes doutubro em ho mosteiro dallcobaça demtre nelle aa porta de Samtiago dell, lugar acustumado pera o auto de que ao diante fara mẽção, estamdo ahy os reuerendos padres frey Amtonio dalljubarrota, prioll e frei Pedro daguiar, dom abade de Santa Maria da Estrella, e frey Amtonio Pinto sobprior e frey Amtonio de Campo Maior, cellareiro, e frey Joham devora, samcristão, e frey A.º ẽfermeiro, e frey Gaspar da Ilha, porteiro, monges e cõvẽto do dito mosteiro, todos jumtos em cabido e a cabido chamados e cabido fazendo, segumdo seu bom e antigo custume de sua ordem, e bem asy estamdo ahy Pero da Vydeira, capellão do Cardeall Iffamte noso senhor e veedor das remdas do dito moesteiro, peramte elles, em presẽça de mim tabeliam e testemunhas ao deamte nomeadas pareceo Manoell de Goes, fidalguo da casa delRey noso Senhor, e lhes requereo que lhe mãdasem fazer carta demprazamento em fatiosym da agoa da lleuada acyma dos moynhos da Feruẽça pera nella fazer hũs ẽgenhos pera fazer papell, por quãto sua alteza lhe fazia della merce segumdo mostraua per hum aluara que de sua alteza nas costas de hũa pitiçã que lhe fez tinha de que ho trellado da dita petiçã e aluara hum apos outro he o que se segue: «Pitiçã. Diz Manoel de Gois que elle pedio a vosa alteza que lhe fezese merce na levada da Feruẽça acyma dos moynhos que estam na Levada que he no caminho que vay dalcobaça pera Maiorgua de lugar e agoa pera fazer hũas moendas pera fazer papel, pello qual vosa alteza espreveo a Pero da Vydeira que com hos monges do mosteiro e pesoas que ho emtendesem comsultase e se emformase se estas moẽdas neste lugar podiam fazer perjuizo a algũa cousa e lho esprevese e Pero da Vydeira se emformou e ho comsultou como vosa alteza lho mãdara e levou a dita levada officiaes e mestres de fazer moẽdas pera ser mais verdadeiramemte ẽformado e milhor cõprir ho mãdado de vosa alteza, pede por merce a Vosa allteza por quamto as ditas moemdas não fazem perjuizo, amtes serã nobrecimento da terra, por nã aver neste Reyno nenhuns emgenhos de fazer papell, que lhe faça merce do lugar e agoa que da dita levada lhe pede em ẽffatiota e sem foro, avendo respeyto ao muito nobrecimento que estes ẽgenhos ham de ser pera a terra, pois não ha nenhum, e ha muita despesa que se ha de fazer nelles e ao gasto que ha de ter em trazer e mãter officiaes que pera iso haa de trazer de fora do Reino, no que vosa alteza a elle fara gramde merce e haa terra dara nobrecimento e asy aos moradores como a suas remdas dara proueyto.» «Nos o cardeal Iffãte etc fazemos saber a vos prioll e convẽto do noso moesteyro dallcobaça e bem asy a Pero da Vydeira, veedor do dito moesteiro, que nos vimos esta pitiçam, que com este noso aluara vay, que nos fez Manoell de Goes, e avemos por bem de lhe dar lugar que posa fazer estas moẽdas no lugar omde diz com foro em cada hum anno de hũa resma de papel

ẽfatiota e com as comdiçoĩs que elle Pero da Vydeira diz em sua carta —s—que se lhe meta por comdiçã no comtrato que elle sopricamte e seus descemdemtes sejam sempre obrigados a todallas perdas e danos que hos moinhos do moesteiro per ventura receberem per o tempo por causa destes ẽgenhos, os quaes fara da maneira que elle dise a Pero da Vydeira e pera iso nã se fara obra sem ordenamça de Pero da Vydeira pera ver se se faz asy como ho supricamte dise, e com estas cõdições e com as mais que nos taes comtratos custumaes poer lhe fares sua carta daforamento ẽ fatiot e pera iso vos damos e cometemos noso poder e autoridade e se farã duas cartas deste aforamẽto, hũa pera ficar no cartorio dese moesteiro e outra pera elle sopricamte. Amtonio Roiz ho fez em Lixboa a doze de setembro de mill e quinhẽtos e trymta e sete. E esto pera ẽgenhos de papell somente e nũca em nenhum tempo podera delles fazer moemdas nem ẽgenhos pera outra cousa senão pera papell e não fazẽdo perjuizo aas moẽdas do moesteiro como ho comuẽto e Pero da Vydeira nos espreverão.» O qual aluara hera asinado por sua alteza e pasado por sua chamcellaria, segumdo per elle parecia, e trelladado asy a dita pitiçã e aluara de sua alteza como dito he, os ditos prioll monjes e comvemto diserã que elles tinhã fallado e comsultado per deuersas vezes e tempos em seu cabido, sobre ho que o dito Manoell de Goes pede de lugar e agoa pera os ditos emgenhos de papell e ac'ıãdo que hera seruiço de Deus e proueito das rendas do dito moesteiro e emnobrecimento delle e do Reyno diserã que avẽdo respeito ao gasto que niso haa de fazer que elles emprazauão como loguo de feito emprazarão e derão de nouo em prazamento a dita agoa e lugar omde o dito sopricamte em sua pitiçã diz ao dito Manoell de Goes e a todos seus herdeiros que despois delle vierem com tall preyto e cõdiçam que dee de foro e pensão da dita agoa ao dito moesteiro em cada hum anno duas resmas de bom papell e mais sera obrigado a comprir as comdições da carta de Pero da Vydeira, veedor, que dizem que ho dito Manoell de Goes se obrigue a todas as perdas e danos que delle se podem recrecer ao moesteiro e vasallos delle e se os moynhos vierem em deminuiçã da remda por causa dos ditos ẽgenhos que elle Manoell de Goes e os que descẽderem sejam obrigados a satisfazer e paguar toda a perda e dano, segumdo que todo esto e outras cousas na dita carta sam comtheudas e ho dito Manoell de Goes nem pesoas despois delle nã serã ousados de vemderem trocarem, escaymbarem as ditas moẽdas nem parte dellas sem mãdado e autoridade do dito moesteiro e querẽdoas vẽder lho farão primeiro saber se as querem, e querendoas lhas darão menos a quaremtena do que outrem por ellas der e não as querẽdo então as vẽderã a quem quer que lhas comprar não semdo porem a pesoa nenhũa das defesas em dereito nem de maior estado e cõdiçã que elle ẽfatiota, e do preço ou preços porque vendidas forem darã a quarẽtena ao dito moesteiro como dito he e esto por quamtas vezes vendido for e recrecemdose algum preito e demãda asy sobre ho primcipall como sobre o acesorio que sejam citados e demãdados peramte o juiz dos direitos reaes deste moesteiro e per suas cartas citados e chamados domde quer que esteuerem e per suas sentenças exequtados e estarem por a dita sentença sem della apellarem nem agravarem pera o quall o dito Manoell de Goes em seu nome e das pesoas despois delle dise que renũciaua pera ello juiz de seu foro lex liberdades que por sy allegar posa aluaraes delRey gãçados e por gançar ydas por maar e por terra e dise ho dito Manoell de Goes que elle por este pubrico estromento demprazamento se obrigava per sy e seus bẽs remdas moves e de raiz avidos e por aver a todo ter e manter e comprir as comdições da dita carta e mais pera ello obrigou estas moẽdas as perder pera o dito moes-

teiro fazer dellas o que quizer e que bem teuer como cousa sua propia pera as dar a quem quiser e o dito prioll, monjes e comuẽto e veedor diserã que has ditas duas resmas de papell de foro em cada hum anno pagarã ao dito moesteiro por dia de samta Maria de setembro e começarã de fazer a primeira pagua do dia de samta Maria de setembro que hos ditos engenhos laurarem a hum anno primeiro seguinte e dahy por diamte em cada hum anno por outro tall dia de samta Maria de setembro e o dito Manoell de Goes de todo foy comtẽte e açeptou este ẽprazamẽto com todallas clausollas e comdições, penas e obrigações em elle comtheudas, e o dito prioll mõjes e comuẽto e veedor em seu nome e do dito senhor cardeall e seu moesteyro obrigarã os beẽs e rendas do dito senhor e seu moesteiro a lhe fazerem este ẽprazamento bom e de paz de quem quer que lhe em elle ou parte delle algũa duuida ou ẽbarguo poser asy em juizo como fora dell, tendo elle Manoel de Goes e pesoas despois delle todo ho comtheudo em este ẽprazamẽto e em fee e testimunho de verdade asy ho outorgarã louvarã e mãdarã fazer a presemte, da qual mãdarã tirar duas, ambas de hum theor, hũa pera a parte e esta pera ho moesteiro—testemunhas que presentes forã J.º Aluarez çapateiro e João Fernandes Bretão e Fernãdeanes Bretão moradores na dita villa e eu Jorge Fernandez Correa, tabelliam das notas e judiciall na villa dAljubarrota e seu termo e gerall nestes coutos dAllcobaça por elRey noso Senhor e tabelliam nesta villa dAllcobaça por autoridade delRey noso Senhor em logo de Lancarote Vieira, que esto esprevi e de minha nota tirei e aqui asynei de meu pubrico synall fiz que tall he» (1).

XLV

Carta de privilegio a Manuel de Goes para construir moinhos para fazer papel —10 de outubro de 1537

«Dom Joham &c A quamtos está minha carta virem faço saber que Manuell de Goees, caualeyro fidallguo de minha casa, me ẽvyou dizer que ell queria nestes Regnos fazer ẽgenhos de fazer papell, e por serem os primeyros que se fizesem avya de trazer oficiaes de fora asy pera fazerem os ditos emgenhos como o papell que lhe avyam de custar muyto e fazemdose tam asynha outro seria a custa e trabalho seu e o ganho dos que despoys hos fizesem, pedimdome ouuese por bem que em sua vida nenhũa pesoa podese fazer nem ter taes ẽgenhos, e vysto per mym seu requerimemto e queremdolhe fazer graça e merce, me praz diso comtamto que ell os faça demtro em dous annos primeyros seguymtes. Noteficoo asy a todas minhas justiças e oficiaes e pesoas, a que esta minha carta for mostrada e o conhecimemto della pertemcer, e lhes mãdo que em vida do dito Manuell de Goees nom comsemtão em meus Regnos fazer nem ter a outra algũa pesoa os ditos oficios (sic) nem fazer papell, fazemdo elle os seus demtro em dous annos, como dito he per esta que pera sua guarda lhe mãdey dar. Dada em a minha cidade de Lixboa a x dias doutubro—Amtonio Godinho a fez—anno do nacimemto de noso Senhor Jhuũ Xpo de mil b^{c} e xxxbij» (2).

---

(1) Torre do Tombo, livro 6.º de *Prazos de Alcobaça*, folio 237 v.
(2) D. João III, liv. 44, fl. 42.

XLVI

Carta de quitação aos herdeiros de Fruitos de Goes como guarda-roupa do infante D. Duarte — 6 de maio de 1566

«Dom Sebastião etc. Aquantos esta mynha carta de quytação virem faço saber que eu mandey tomar comta em meus comtos do Reyno e casa a Fruytos de Goes goarda roupa que foy de dom Duarte meu tio que Deus tem ho ano de b.ᵉRiij e pella recadasão de sua comta se mostra receber quatro bacios de prata e hum gomjll de prata e seis castiçaes de prata e hum timtejro de prata e hũa poejra de prata e hũa calldejra de prata e hũa campaynha de prata e hũ reljcarjo douro e cemto e hũ mjll e seis cemtos setemta e quatro reaes em dinheiro emtrando na dita comtia ꝟjiiijᵉlxxiiijᵒ reaes em que lhe foram avalyados algũas cousas que ficou deuendo per emceramento da comta e asy reçebeo mais outras muytas pecas e cousas de ceda e pano declaradas no dito emceramento que aquy não vem nomeadas por serem de muytos dizeres do qual dinheiro e cousas os erdeiros do dito Fruytos de Goes derão comta com emtrega sem ficarem devendo cousa algũa como mais comprjdamente he declarado na recadação e emceramento da dita comta que foy tomada por Francisco Leytão comtador dos ditos comtos e vista per Cosmo Rodriguez prouedor e portamto dou por quyte e lyure a todos os erdeiros do dito Fruytos de Goes do dito dinheiro e cousas e das mais declaradas no emceramento da dita comta posto que aquy não vam todas nomeadas pera que em tempo algũ não sejão por yso requerjdos citados nem demandados nos ditos comtos nem fora deles por de tudo terem dado comta com emtrega como dito he e mando aos vedores de mynha fazenda comtador mor dos ditos comtos e a todos os corregedores jujzes e justiças oficiaes e pessoas de meus Reynos e senhorjos a que ho conhecimento pertemcer que asy o cumprão e goardem e fação jmtejramente comprjr e goardar sem duvida nem embargo algũ que lhe a yso seja posto por que asy o ey por bem e por firmeza de tudo lhe mandey dar esta carta de quytação per mym asynada e aselada do meu selo pemdemte Manuel Romeu a fez em Lixboa a seis dias do mes de mayo ano do nacymento de noso Senhor Jhũ Xpto de ꝟb.ᵉlxbij» (1).

SOUSA VITERBO.

---

(1) Torre do Tombo, Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique, *Privilegios*, liv. 6, fl. 70 v.

A LENDA DE SANTO ELOY

Estudo critico de um manuscripto, do seculo XV, da Collecção Pombalina, existente sob o n.º 746 na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e pela primeira vez publicado

POR

Alfonso Hinoker

(Cont. do n.º 5, pag. 318)

III

Glossario do Manuscripto

A

aa (=á) nõ disse cousa alguma *aa* Rainha 30 *b*—AAS (=ás) nõ dando... auctoridade *aas* sanctas obras de deus 32 *b*—N. B. O Diccionario da Academia (1793) quer ver substituido o desdobramento da vogal *a* pelo accento agudo. Diz: Duarte Nunes costuma dobrar todas as vogaes, e assim diz: maa, paa, jaa, paadar, que certo me parece um desproposito; polo qué escreveremos: má, pá, já, pádar.

abade 6 *a*.

abadesa 6 *b*.

abastar (a + bastar) v. tr.—eram tantos que non os podiam *abastar* os dinheirros que o sancto de deus Eligio trazia 5 *a*—começou dar a todos avondosamente em tal maneira que todos forom *abastados* 9 *a*.

abondar (=abundar) ABUNDARE, v. n.—pareçialhe que nõ *abondaria* aquel ouro que sobejara da cadeira pera a sella 3 *a*—cf. prov. *aondar*.

absteer(-se) < abstener < ABSTINERE—non se podia *absteer* de chorar 28 *a* (cf. non se podendo teer 27 *b*).

abstinado (=obstinado) 21 *a*—cf. a palavra *austinado*.

acabado muy compridamente *acabado* ẽ a arte do seu ofiçio 2 *a*—joyas muy *acabadas* 6 *b*.

ACABADAMENTE cõprindo a rregra muy *acabadamente* em tal guisa que a todos era exemplo 6 *b*.

Acario 13 *b*, forma emendada de *Acano*. Erro de transcripção: n por ri. ACHARIUS (Surio e Acherio II 2). Vid. Introd. § 1.—A forma *Archario* encontra-se no Flos Sanctorum de Fr. Diogo do Rosario (1612).

accender(-se) gram chama se *acçẽdia* a cada parte da çidade 7 *b.* ACCESO, ACÉESO o lume *acçeso* 4 *a*—era em todos seus feitos *aceeso* em amor e desejo de deus 4 *b.*

acerca (a+cerca) CIRCA—prep. e adv.—asentouse açerca (=ao pé) d'el 8 *a*—misericordia açerca (=lat. in) dos pobres 4 *b*—ouvio que hi açerca eram muitos presos 16 *b.*

achegança (a+chegança) (=pertences)—dandolhe outrosy pera ajuda da obra todos direitos reaaes d'aquel meesmo luguar, e toda *achegãça* e cousas que lhe demandou e compridoiras erã a tal obra 6 *a.*

achegamento (a+chegamento) (=acção de se chegar) o defendiam do apertamento e *achegamento* da gente 29 *a*—esta cousa, sendo participada per seu *achegamento,* e comprehendendoa, faz bemaventurado o contemplador d'ella (D. Catherina Inf. Regr. 1 24).

acontecer (a+contecer) CONTINGERE, ant. hesp. *contir, cuntir, contescer* (inch.), hesp. mod. (a)contecer—*acõteçeo* que 9 *b.* ACONTHECER *acontheçeu* 15 *b.*

acontiçimento o *e* surdo representado por *i* (=aconteçimento) 32 *b.*

acordo tornando em seu *acordo,* conheçeo ẽ sy sua culpa 32 *b.*

acorrer acorresem 26 *a.*

acoutar(-se) (a+coutar) hesp. acotar; subst. couto, hesp. coto < CAUTUM=edicto; ainda BERCEO (Loar 37) usa a palavra neste sentido: um *coto* malo puso (deu [sc. Herodes] um mau edicto); d'ahi *couto*=determinação, fronteira. Cf. Diez, Dicc. etym.—Ouvi ao povo Casa Branca (Coimbra): «acoitado da chuva».

acquirir *acquirisse* 14 *a.*

acreçentar 9 *a.*

actento hiindo per meo da gente que era *actenta* ou prõta em esguardar os jogos e festas 20 *a.*

acuar (=recolher) (a+cuar) CULUS=cú; hesp. ital. *culo;* cat. fr. prov. CUL; d'ahi o v. fr. RECULER.

acustumado ho uso das suas vestiduras *acustumadas* era sempre tal que nẽ era de preço, nẽ muy desprazivel 5 *b*—gente mal *acustumada* 20 *b.*

acustumar (a+custumar) *acustumava* hir 30 *a.*—Etymol. vid. *custume.*

adormicer (=adormeçer) o E surdo representado por I, vid. acontiçimento—*adormicia* 4 *a.*

adro <ATRUM (por ATRIUM)=area ante aedem sacram (Charta ann. 1183). Cf. Ducange—hindo aa igreja de sam Germom confessor viio em ho *adro* huũ homẽ 9 *a.*

adubio (por *adubo*) ainda hoje forma pop.—31 *b.*

affam (a+ffam), v. afanar (=trabalhar muito) <HANER fr. ant. =trabalhar. O H francez tornou-se F nas linguas irmãs—hiia... a pee pellas lamas e augua sem d'esto aver cuydado nẽ *affam* 29 *a.*

afirmar *afirmado* 28 *b.*

aflicto foy cõ muytas pẽnas aflicto e perseguido 12 *b.*

afortunado (a+fortunado) não sendo este A a privativum—adversidades e combates da presente e AFORTUNADA vida d'este segre.

ainda 11 *b*—AYNDA 11 *b.*

ajunctamento ẽ algũas prinçipaes festas e *ajunctamentos* de seus povoos 2 *b.*

ajuntar *ajuntado* 24 *a*—AJUNCTAR mandou *ajũctar* conçelho 13 *a.*

al <ALID (=aliud), vocabulo do latim vulgar. *Aliud* produzia, nas linguas romanicas, l molhado. Cf. Groeber no seu Glossario das «Palavras

do latim vulgar nas linguas romanicas»—el ho esconjurou que emquanto vivesse, nõ dissese *al*, salvante que o senhor deus ho guareçeo 8 *b*—ficou el tam namorado d'ella que non sabya penssar em AL se non em demandalla (Cod. Alcob. n.º 266; fol. 161 rº).

alegre 3 *b*—ALLEGRE 2 *b*.

alevantar(-se) *alevantouse* 19 *a*—ALLEVANTAR 32 *b*.

alguem (subst.) ao lado de alguũ (subst.) < ALIQUEM, cf. hesp. alguien. Cf. Groeber: Glossario das «Palavras do latim vulgar nas linguas romanicas»—nõ queria que o *alguem* visse 24 *b*.

alguũ adj. e subst. < ALICUNUS (< alquis unus); hesp. *alguno*, fr. ant. *alcun*, fr. mod. aucun, ital. alcuno. Cf. Groeber: Glossario das «Palavras do latim vulgar nas linguas romanicas»—em *alguũ* pensamento 2 *a*—ẽ *algũas* prinçipaes festas 2 *b*—alguũ (neutro!) pouco comeo—sem lhe alguũ contradizer 17 *b*—que em sua vida nõ dissese aquello a alguũ 19 *a*.

alla (a+lla) < ILLAC, ant. hesp. allá.

alli (a+lli) < ILLIC—cujas reliquias ALLI eram 4 *b*—ALI 32 *b*—ALLY era *ally* de presente o que furtara 16 *b*—ALY *aly* acharas o que buscas 16 *b*—chegando *aly* 7 *a*.

alteraçom sem mudança nẽ alteraçõ de collor 3 *b*.

alveario—A forma ALMARIO do texto foi emendada para ALVEARIO. Erro graphico: troca do *ve* por *m*; vid. no texto, a nota, 2 *a*—cõ gram cura e cuydado em as entradanhas do *alveario* do seu coraçom o guardava 2 *a*.

alvoraçar (=alvoroçar, alvorotar). O A aqui na palavra alvoraçar =alvoroçar representa o som que se symbolisa ordinariamente por o. O o atono ouve-se ás vezes como se fosse E surdo; e este E surdo é aqui representado graphicamente por A atono. Cf. assosseguar e assesseguar; asperamente e asparamente. Temos então a seguinte scala: alvoroçar > alvoreçar > alvoraçar. Começou de se *alvoraçar* e lançar couces 32 *b*.

amercear(-se) (a+mercear); prov. *merceiar*—amerçeate de nos 21 *a*.

ameude (a+meude) < MINUTUS; hesp. menudo (=pequeno)—muy ameude 27 *b*.

ameezinhar (a+meezinhar) querendoo primeiro *ameeẓinhar* da alma que do corpo 22 *b*. Vid. meezinha (22 *b*).

amigua (=amiga) *amiguas* 24 *b*.

amo *amo* ou meestre 2 *a*.

amoestamento per pallavras nẽ per exẽplo nẽ *amoestamento* se demovia a nem huũ bemfazer 23 *b*.

amoestar *amoestouo* isso mesmo que orase cõ paçiẽçia 9 *a*—*amoestou* todos os circũstãtes que orasem 9 *b*—eram todos provocados e *amoestados* por esto aa compaixom 5 *b*.

angellico ho vultu *angellico* 5 *b*.

ãno per XV ãnos 15 *b*—ANNO 33 *a*.

ante (prep. de logar e de tempo) apresentou a sella *ante* elrrey 3 *b*—viio jazer *ante* o sepulcro do glorioso martir huũ homem 8 *a*—*ante* a sancta 10 *b*—qual nõ foy alguũ outro *ante* el em os reis de França 6 *a*—ante de dez dias 24 *b*—ante as ladaynhas 14 *b*.—E' só no portuguez que se conservou a palavra simples ANTE, emquanto as outras linguas romanicas teem só derivados de (ab+ante, de+ab+ante, in+ante). Vid. Körting, Dicc. das ling. romanicas.

antes antes de muytos dias 24 *b*—d'antes 10 *b*—veendo o sancto homẽ que nada aproveitava, mas *antes* elles mais se davam aos jogos 20 *b*—*antes* que naçese 25 *b*.

antre (=entre) <INTER. A derivação d'esta palavra de (inter+ante) não é admissivel, pois o AN aqui não é nada mais do que a representação graphica do som que se symbolisa em outras palavras por EN. Cf. ASPARAMENTE, e ASPERAMENTE—*antre* as outras cousas que lhe o sancto de deus Elligio pedio, foy huũa aldea 6 *a*—que sera esto *antre* tantos 8 *b*—deu a todos esmolla, e *antre* estes era huũ çego 10 *a*—falãdo *antre* sy 3 *b*—ÃNTRE 29 *a*.

antredicto <INTERDICTUM—antredise por causa legitima hũa igreja e posto ho *antredicto* partiose 21 *b*.

antredizer <INTERDICERE—antredise por causa legitima hũa igreja 21 *b*.

apareçer 30 *b*.

apparelhar <parelha * PARIUM (=par) (+ad)—voom *apparelhados* como bragantes e tafuis 5 *a*—veeo a huũ que avia a maão direita seca e encolheita, e *apparelhando* a outra pera receber a esmola disse 8 *b*—APARELHAR logo se aly chegarom e *aparelharom* pera o sepultar 11 *b*.

apartar(-se) <* ap-partare (de *pars*)=pôr á parte. Vid. apertamento; em apartar temos *a* por *e;* cf. a graphia de *antre* (=entre), *asparamente* (=asperamente)—apartava-se soo com elle 6 *a*.

apenas 29 *a*.

apertamento (=aperto) o defendiam do *apertamento* e achegamento da gente 29 *a*. Vid. apartar.

apos (a+pos) a forma simples POS não se encontra no Ms.—foi apos (=atraz) o servo de deus 21 *b*.

apostolo *apostolos* 20 *a*. Vid. appostollo.

apostura (=postura) (a+postura) tira ja, Senhora Raynha, os hornamentos sobejos e que nõ cure das ricas *aposturas* e joyas 30 *b*.

apousentar por se *apousẽtar* em casas religiosas 8 *a*.

appenas (=apenas) 32 *b*.

appostata 13 *b*.

appostolico per auctoridade *appostolica* 15 *b*.

appostollo 7 *a*. Vid. apostolo.

aqueecer < * AC-CONTINGESCERE—semelhante caso lhe *aqueeçeo* 9 *a*—AQUECEER como sooe a *aqueceer* 6 *a*.

aqueixar(-se) (a+queixar) se *aqueixava* 22 *a*.

aquel ẽ *aquel* tempo 7 *b*—*aquel* mais e mais braadava 10 *a*—AQUELLA lhe pareçia como se verdadeiramente andara em *aquellas* cousas 4 *b*—AQUELLO <(eccum+illum [=ello])—todo *aquello* que em a igreja das sanctas scripturas ouvia 2 *a*—dizia *aquello* por receber de mim mais esmolla 8 *b*—AQUELO conhecẽdo seer aquelo obra de deus 32 *b*.

aqueste <(eccum+iste) aqueste luguar, Senhor Rey, me conçeda a tua serenidade 6 *a*—AQUESTA aquesta entençom 19 *b*—AQUESTO non queiraaes, amigos, fazer *aquesto* na igreja 18 *a*.—N. B. Até o seculo XV tivemos as formas: ello, aquello, esso e esto.

aquy 6 *a*.

arguymento (=argumento). Esta graphia em harmonia com as palavras arguir, arguinte, arguyr, arguynte etc. Cf. aventuyrado (=aventurado)—*arguymentos* 13 *a*.

armilla <ARMILLUM; vid. Ducange: armillum=ornamentum bracchiorum.

asanhar aquelles carçereiros maaos diabolicamente se *asanhavã* 18 *a*.

asaz em aquella cãtidade que lhe pareçia *asaz*, a pedio a elrrey 6 *b*—*asaz* longo 29 *a*.

aseitança (=asectança=a+sectança) < SECTARI—nõ temendo as *aseitanças* do ymiigo, foy feito seu perseguidor 14 *b*.

asentar(se) *asentouse* açerca d'el 8 *a*.

aseseguar (=assessegar=assosseguar) < socego. Cf. a palavra *alvoraçar*—mandou... que se callasem e *aseseguasem* 22 *b*—ho cavallo... era muy mãso e *aseseguado* 32 *b*.

asparamente 22 *a*; *a* em logar de *e*: este *a* atono é a representação graphica do som que se symbolisa em outras palavras por *e* surdo; vid. ASPERAMENTE 22 *b*.

asperamente 22 *b*; vid. ASPARAMENTE 22 *a*.

assi ffez cadeira e sella ambas de ygual peso d'ouro, *assi* que cada hũa pesava tanto como el Recebera pera a cadeira 3 *a*—ASSY por vontade de deus *assy* foi feito que elle se foy aa corte 2 *a*—nõ se estrevẽdo o dicto meestre fazer semelhante obra *assy* sotil e nobre qual se requiria 2 *b*—a qual cousa sem duvida quis o senhor deus *assy* fazer 3 *a*—*assy* elle como todos 3 *b*—ASY muyto piadoso aos pobres, *asy* que todo cõ os pobres despendia 4 *b*.

atamento fforom logo de suppito deslegados todos os atamentos e prisoões dos presos 7 *b*.

ataude 28 *b*.

atee se dava aa contemplaçõ e sancta meditaçõ em a qual durava *atee* que se adormicia 4 *a*—dava todas as outras cousas de seu uso *atee* çinta 5 *a*—*atee* o presente tempo 12 *a*—foy com muytas pẽnas aflicto e perseguido *atee* seer por vezes açoutado 12 *b*.

aucto *auctos* muy cruees 21 *a*.

Audairio n. pr. parece ser a forma vulgar de *Audoeno*. Vid. 14 *a* (glossa) e Introd. § 1.

Audoeno forma emendada de *Audamo* (13 *b*). A emenda AUDAIRIO tambem é possivel. Vid. Introd. § 1.

augua (=agua) 16 *a* 29 *a*. Esta forma é vulgar no Sul (Lisboa); resulta de AGUA por propagação regressiva do *u*. Vid. Leite de Vasconcellos: Estudos de philologia mirandêsa, vol. 1.

Aureea n. pr. 6 *b*.

Aurelia n. pr. 13 *a*.

avante hiindo *avante* 9 *b*—d'aly *avante* 10 *a*.

aventurado 12 *b*.—Vid. aventuyrado (31 *a*)—AVENTURADAMENTE 24 *b*.

aventuyrado 31 *a*. Cf. arguymento (=argumento). Vid. Subsídios para um dicc. completo da língua portuguêsa por A. A. Cortesão: AVENTUIRA (=aventura). Vid. aventurado (12 *b*).

aver amavao muito e o *avia* em gram conta e stima 2 *a*—a deus prouve elle *aver* de saber meu conçepto 3 *b*—acha a cousa que muyto ama e *avia* perdida 5 *a*—veo ẽ seu coraçom hedificar aquella casa que el hi *ouvera* graçiosamente delRey 6 *b*—*aveo* per millagre de deus que 7 *a*—*aveeo* assy que 8 *a*—oo padre, *ave* de mi piedade 10 *a*—*avia* mais que dizer 22 *a*—*avendo* o sancto homem andar caminho 22 *b*—e assy *aveo* (=aconteceu) 23 *b*. Vid. HAVER.

aver(-se) em todas cousas que fazia, *se avya* muy sabedor 2 *a*.

azemalla 16 *b*.

azemel 16 *b*.

B

bailhar forma pop. por BAILAR—*baylhando* e cantando 20 *a*.

baixella (=baxella) (fig.): foy o virtuoso ourivez Eloy mudado ẽ saçerdote do Senhor deus por tal que lhe obrase *baixella* digna, nõ d'ouro nẽ prata, mas que lhe acquirisse poboo salvando a manada da boca do liom imiigo 14 *a*.

Baltidas n. pr. BATHILDIS (Surio II 35). Será a forma pop. de Bathildis?

baptizar *baptizou* 25 *b*.

baraço çingido có huũ pedaço de *baraço* ou de jũcos 5 *a*.

barom 9 *b*—*baroẽs* 3 *a*.

baydo (=banido) foi lãçado e *baydo* de todo o Regno 13 *a*.

beençom *beençõ* 30 *a*.

bemfazer (s. comp.) nẽ per exẽplo nẽ amoestamento se demovia a nem huũ *bemfazer* 23 *b*. Vid. noncura.

Bermadensy (n. pr.) VERMADENSIS (Acherio II 2) 14 *a*.

besta fugiam na primeira como *bestas* feras 15 *a*.

bollo *bollos* e fruyta 5 *a*.

bolso 5 *a*—BOLSSO 9 *b*.

bõo 8 *a*—BÕA 6 *b* pronúncia ainda pop. (Lisboa)—mir. *bono*,—*a*. Cf. Leite de Vasconcellos: Estudos de philologia mirandêsa.

botoque (=batoque) 19 *a* 30 *a*. Moraes: E' mais correcto *botoque* d'onde se diz *abotocar*.

braadar *braadando* cõ vozes de louvores 9 *a*—*braadou* aos serventes dizendo 11 *b*—BRAADO dava muy miseraveis *braados* 9 *a*.

bragante voom apparelhados como *bragantes* e tafuis 5 *a*.

Briço (n. pr.) BRICTIUS (Surio I 32).

(Continúa).

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.* — Cont. do n.º 9, pag. 576)

De vna de *nuestro* pº G. Claudio Aqua viua,
para el pº Sebastian de Morales provincial de 4 de hebrero de 87

Quitese del *collegio* de Braga la vzança de ir los maestros, al sabbado santo, a Roris a holgar, por no pareçer cosa decente q̃ avn no acabada la quaresma van los *nuestros* a recrear-se cõ tanta pressa.

E porq̃ sobristo se escreueo a Nosso P.e sua P.de respondeo o seguĩte ẽ hũa de 16 de Junho de 87 pª o mesmo P.e Prouĩcial.—Pareceme biẽ loq̃ o R. dize q̃ los Maestros pª aliuio de su trabajo puedã passado el primer dia dela pascua de resurrection ir ala quĩta mas de modo que em ello no aya alguna desedificacion delagẽte.

De hũa q̃ escreueo o pe Xemenez per cõmissão de nosso padre Geral a 30 de dezembro de 86 acerqua da historia q̃ se ha de mandar a Roma da fondacaõ deste Collegio; e acerqua de como se am de Mandar a Roma os votos dos professos e coadiutores formados; está esta carta cozida no fim deste liuro.

Mandouse esta fvndacaõ ao pe provincial em dezembro de 87 e o treslado della fiquou no Cartorio deste Collegio.

De ::: nosso Padre Geral Claudio Aqua ::: de Julho de 87.
pª o Padre ::: Moraes Prou.*inci*al.

Vimos la enfor ::: nos embio sobre las yglesias que perten ::: Braga, las quales andan alienadas, lo que se nos ::: de concertarse cõ el que las possee mostrandole q̃ no las tienẽ com buena consciencia. Y si permitte q̃ el collegio tome possession despues de tomada le hagan a el vicario, y le den loco stipendij todos los fructos, ola parte que pareciere. Mas si va per uia de pacto antecedente ala possession hagase este

o qualquiera otro concierto q̃ se hiziere con clausula sub beneplacito sedis ap*osto*licæ para euitar toda especie de simonia. Y si no quisiere concierto auisen aca del uerdadero valor. Y delo que bastara para poner dos vicarios perpetuos cõ autoridad del ordinario quedando lode mas al collegio, y entonces se uera si es conueniente, o no.

Esta resposta de N. Padre ueyo acerca das Igrejas de são Payo e santo Esteuão de Bastus q̃ por direito pertencẽ ao mostei*r*o de S.ta Maria de Vimieiro por serem suas anexas como se pode uer no t*itulo* deste mostei*r*o.

DE VNA DE N*uestr*O P.e CLAUD*io* AQUA VIUA PERA EL Pe MORALES PROVINCIAL DE 18 DE HEBRERO DE 88

Concedece licencia pera se emterrar, en la n*uestr*a Iglesia de Braga Joan de Guimaranes.

DE VNA DE N*uestr*O P.e CLAUDIO AQUA VIUA PERA EL Pe JOAM CORREA PROVINCIAL A 21 DE MARCO DE 88

A Anna Alz. puede V. R. Conceder la participacion de los merecimientos desa provincia.

DE VNA DEL P ::: AQ*ua* VIUA Pª EL ::: PROUINCIAL :::

Para euitar incõuenientes ::: delos n*uestr*os entercedan por parientes de otros, deseo q ::: para q̃ ni se haga sin consejo, y direcion del super ::: e metã enpedir officios ciertos tocantes al gouierno y ::: y q̃ nõ parece bien pedirlas los religiosos.

DE VNA DE N*uestr*O Pe CLAUD. AQ. VIUA Pª EL Pe JOÃO CORREA PROUINCIAL DE 21 DE MARCO DE 88

Pelo q̃ importa acustumbrarense ñros hermanos de Lexos apredicar cõ la modestia religiosa, y zelo delas animas dé V. R. ordem como em los collegios dessa prouincia aja algunos pes deputados q̃ oyan alos hermanos, q̃ predican en el refectorio, y despues comunicando entre si, y con el superior auize uno dellos al q̃ predico de lo q̃ iusgarẽ, q̃ deue ser aduertido, assi del boeno pera se aperficionar, como das faltas pª se emendar.

Hũ p.e dessa prouincia pergunta dos dudas, la primera Se los uotos q̃ los nouicios hazen por su deuocion obligã tanto como los q̃ hazẽ despues de acabarẽ el nouiciado, q.to es de pe dellos. A isto se responde, q̃ la Compa no poede proceder cõtra estos aunq̃ boluã al siglo, ni in foro exteriori tiene derecho alguno en ellos. Pero como son uotos hechos por su deuocion queda la obligacion in foro conscientiæ intra latitudinem delos uotos echos por su deuocion, y ansi no es coza tocante al inst.o, sino q̃ se ademedir con las reglas delos doctores, y ãssi conuiene q̃ se admittã con delecão, y por este respecto dize la regla 55 Magistri nouiciorum, q̃ no se hagã los uotos sin licencia, pera q̃ se mire bien la uirtude, y la firmeza en la uocacion del q̃ la pide antes de darsela.

La 2.a es: se hũ confessor q̃ no es deputado por el superior puede absoluer uno dela Comp.a à uenialibus, lo que se offerece es q̃ quamuis à purè uenialibus qualquiera sacerdote que absoluisse factum teneret, todauia em la Comp.a nó se permitte, confessarse com quem le pareciere, pues es coza cõtra la regla no confessarse cada uno con su confessor deputado: alende de q̃ no es coza segura, por q̃ podera acaeser q̃ algũ peccado interior paresca uenial, y como no podemos tã claram.te conoscer hasta donde ha lhegado la culpa sea re ipsa M. delqual no puede absoluer sino el proprio confessor, y que algun mortal exterior sea dudoso y siendo tenet absolutio impertita à proprio confessario deputato & ñ ab alio.

(Continúa).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

DIFFERENÇAS PHONETICAS DAS LINGUAS E DIFFERENÇAS ANATOMICAS DOS ORGÃOS DA FALLA

VII

(Cont. do n.º 10, pag. 592)

Além das fendas, a abobada palatina apresenta com frequencia vicios de conformação, taes como a profundidade exaggerada e a deformação ogival. Esses defeitos combinam-se as mais das vezes com estreiteza mais ou menos consideravel da abobada, a qual se considera como determinada por uma detenção do desenvolvimento geral do maxillar superior e produz muitas vezes desvios dos dentes. Notou-se ainda coincidencia da deformação ogival e da estreiteza consideravel da abobada palatina com outras anomalias de conformação. Entre estas menciona-se particularmente a saliencia da sutura media, o *toro palatino,* a que já nos referimos (pag. 584), e que Näcke classificou de novo signal de degeneração. Naquella sutura observam-se irregularidades mais ou menos consideraveis e ao nivel della a mucosa é muitas vezes deformada por uma fenda antero-posterior superficial. Viu-se nessas irregularidades o effeito duma evolução retardada; parece que tanto ellas como as fendas palatinas podem ser hereditarias. Classificam-nas como estigmas de degeneração. A divisão incompleta do veu do paladar combina-se algumas vezes com a bifidez da uvula, a qual se observa tambem separada (1).

---

(1) Ch. Féré, *La famille névropathique. Théorie tératologique de l'hérédité et de la prédisposition morbides et de la dégénérescence* (Paris, 1894), pagg. 179, 269-70.

Faltam-nos dados relativos aos effeitos que algumas dessas anomalias podem produzir na pronuncia.

«E' uma notavel providencia da natureza, diz um cirurgião norte-americano que se occupa de phonetica, que em muitos casos a destruição dum orgão não involve a destruição da funcção que elle realisa, e este é notavelmente o caso com a articulação vocal..... O paladar, tão importante na phonação, póde ser destruido e a sua perda compensada em grande escala por actividade augmentada dos musculos pharyngeos e novo uso dos musculos das narinas. Os phenomenos da articulação anormal são muitas vezes verdadeiramente notaveis. Na minha pratica de tratamento de lesões congenitas e accidentaes do paladar duro ou do molle, vi por assim dizer toda a concebivel variedade de deformação e observei aquelles phenomenos. Nos casos congenitos, a falta do paladar é muitas vezes compensada por uso extraordinario de outros orgãos de modo que pareceria impossivel. A inhabilidade da parte dalguns sujeitos para fazer esta compensação dá a maior variedade aos phenomenos, a ponto que é completamente impossivel declarar pela observação dum paladar defeituoso, sem auxilio do ouvido, qual o effeito na pronuncia do individuo. Nem as dimensões nem a fórma da deformação determinam o effeito na articulação em virtude do trabalho compensatorio dos outros orgãos.» O auctor cita um caso da pratica que illustra com uma figura. A falta do veu palatino, orgão tão importante na articulação normal, era compensado por uma actividade um tanto maior do constrictor superior da pharynge, e da lingua: a parte deste ultimo orgão que é interessada na articulação normal linguo-velar, recuava até encontrar uma parte da pharynge, á sua altura, que avançava sob a acção do constrictor: formava-se assim *o cul de sac* (expressão que emprega o citado auctor) acima das cordas vocaes, essencial á producção de *k* ou *g*, sem interposição do veu palatino (1).

Quando não se dá uma compensação, em casos de existencia de fenda palatina, uma parte do ar sáe pelo nariz, resultando dahi um timbre nasal em toda a falla, e será mais perceptivel o defeito quando se pronunciam sons que dependem duma compressão do ar na boca, como *p* e *b* (2).

---

(1) Norman W. Kingsley, *Illustrations of the Articulations of the Tongue* em *Intern. Zeit. f. allgem. Sprachwissenschaft*, III, 247-8.

(2) G. H. v. Meyer, *ob. cit.*, pag. 168; E. Koschwitz em *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie*, II, 1 (1891-94), pag. 39, menciona dois escriptos que interessam ao assumpto: Gutz-

O fallar nasal resulta muitas vezes duma occlusão velo-pharyngea insufficiente, isto é de que o veu do paladar não toca sufficientemente a parede posterior da pharynge. Nalguns casos é a rigidez do veu, a sua hypertrophia que lhe difficulta a mobilidade, noutros a dilatação das amygdalas que obsta á elevação do mesmo veu; mas nem sempre essas causas produzem o mesmo effeito. A elevação insufficiente do veu palatino póde emfim ser consequencia dum mau habito, e, se este habito está generalisado numa communidade ethnica, torna-se particularidade dialectal (1).

Mas para que haja boa pronuncia não é indispensavel que seja completa a occlusão da passagem para as fossas nasaes, como provaram as experiencias de Passavant, que verificou que o veu do paladar póde afastar-se até certo ponto da parede posterior da pharynge, sem que dahi resulte viciação da pronuncia, mas que passado esse ponto a voz se torna fanhosa. Na boa enunciação das vogaes é possivel um afastamento maior que na das consoantes (2).

Cita-se ainda um caso observado por Brücke, no qual a falta completa de veu palatino não era obstaculo a uma pronuncia sufficientemente pura; mas para isso recorria-se a meios especiaes (3).

Noutras circumstancias ha uma occlusão anormal da passagem para as fossas nasaes, como no caso duma rapariga observada por Czermak, na qual o veu palatino se juntava á parede posterior da pharynge, obstruindo por completo aquella passagem (4).

Segundo uma communicação do dr. Tholozan á Academia de Medicina de Paris (sessão de 8 de janeiro de 1884), nos districtos de Semnan e Firuz-Kuh, situados a cinco dias de marcha para leste de Teheran (Persia), os barbeiros fazem a excisão da uvula em quasi todas as creanças, como meio prophylactico das inflammações de garganta, muito frequentes naquelles logares. Dever-se-hiam estudar os effeitos subsequentes na pronuncia.

---

mann, *Zur Prognose und Behandlung der angeborenen Gaumendefekte* em *Monatsschrift für die gesamte Sprachheilkunde*, 1893, 3 e 4; Ad. Ritzert, *Ueber die Dyslalia nasalis aperta, besonders bei Gaumendefektlern* em *Phonetische Studien* (N. F. Bd. II), VIII, 1 e segg. Não pudemos ver essas publicações.

(1) G. H. v. Meyer, *ob. cit.*, pag. 169.
(2) Idem, *ibid.*
(3) Idem, *ibid.*
(4) Idem, *ibid.*

*

E' facto do dominio da mais vulgar observação que a perda dos dentes póde trazer modificações mais ou menos consideraveis na pronuncia, segundo a posição e o numero desses orgãos perdidos e ainda segundo os individuos, porque alguns realisam adaptações que corrigem ou pelo menos attenuam o defeito resultante dessa perda. O citado cirurgião norte-americano diz a esse respeito: «Os dentes podem ser destruidos subitamente, e o primeiro effeito parece desastroso; mas em breve os labios e a lingua se accommodam á mudança e a funcção dos dentes na articulação é aproximada ou inteiramente compensada» (1).

Ha mutilações ethnicas dos dentes a que póde attribuir-se influencia na pronuncia. Assim, segundo Brincker, ouve-se no otiihérero e ainda mais no otiambo um *s* particular, que os europeus muito difficilmente imitam e ser-se-hia inclinado a crer que esse som deriva o seu caracter do signal nacional daquelles povos, cortado como ∧ nos dois dentes incisivos superiores dianteiros. A questão exige, porém, mais attento exame (2).

Geralmente a fileira dentaria superior apresenta ligeira saliencia com relação á inferior, nos europeus normaes, faltando essa saliencia apenas em 1,58 % de casos observados, segundo Camuset, emquanto nos alienados essa proporção se elevaria a 20,42 %. Camuset julga que tal anomalia resulta dum desenvolvimento exaggerado do angulo symphisio: quanto mais aberto é esse angulo tanto mais para diante se dirigem os incisivos da fileira inferior, chegando até a exceder os da superior. Essa anomalia foi recentemente estudada por V. Giufrida-Ruggeri num artigo (3) que só conhecemos por uma analyse. Restaria observar se a referida particularidade, assim como outras anomalias dos dentes (4), têem alguma influencia na pronuncia. Os alienados, os idiotas, os imbecís apresentam perturbações, mais ou menos consideraveis, de linguagem (5),

---

(1) Kingsley, *loc. cit.*
(2) H. Brincker, *Wörterbuch*, etc., pag. 271.
(3) *Ueber die Anomalien des Unterkiefers* em *Centralblatt für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* Bd. IV (1899).
(4) Ch. Féré, *ob. cit.*, pag. 270.
(5) Vid. J. Seglas, *Des troubles du langage chez les aliénés* (Paris, 1892). Este auctor consagra apenas algumas linhas ás perturbações de linguagem resultantes de vicios de conformação dos orgãos periphericos (pagg. 190-91); Paul Sollier, *Psychologie de l'idiot et de l'imbécile* (Paris, 1891), cap. VII, pagg. 177-202 trata sómente das perturbações da linguagem dos idiotas que têem causa cerebral.

que são principalmente de origem central, havendo-as tambem de origem peripherica, que fôra conveniente estudar.

Ha individuos em quem a fileira dentaria superior avança bastante mais do que é normal relativamente á inferior. Num individuo adulto (um medico bem conhecido) em que se dava esse caso, havia muito sensivel interdentalismo e pronuncia geralmente obscura; mas quando elle fallava em publico o defeito chegava a corrigir-se notavelmente. Numa creança (de 11 annos quando a observámos), que apresentava a mesma anomalia de conformação, além de interdentalismo em menor grau, havia uma certa difficuldade na passagem das articulações, a qual se distinguia perfeitamente da gaguez, e cuja causa não podemos affirmar estivesse naquella conformação, podendo conjecturar-se simples coincidencia. Algumas muito curtas experiencias mostraram-nos que esses defeitos de pronuncia na creança referida eram corrigiveis pelo exercicio; mas a familia tirou-a da escola donde a conheciamos e não mais a vimos.

Considerou-se desde a antiguidade (e não foi só o povo inculto que o fez) o freio da lingua como causa de perturbações da falla ou difficuldade nessa funcção, males que se procurou evitar cortando aquelle freio, ainda quando não havia soldadura completa da lingua com o pavimento da boca. Praticava-se, e pratica-se ainda entre nós, como em muitos outros paises, a operação nos recem-nascidos para lhes obter, para o futuro, boa enunciação das palavras, e nas creanças que já fallam, quando apresentam defeitos de pronuncia, até em casos de gaguez. Fazem a operação parteiras, barbeiros e medicos d'aldeia (não sabemos se tambem medicos da cidade). A expressão *não tem freio na lingua,* applicada a quem falla com muito desembaraço, explica-se pelas ideias que se ligam a esse freio.

Antes de se ter reconhecido que varios defeitos de enunciação da palavra,—em primeiro logar a gaguez—, dependiam de causas puramente cerebraes ou psychicas, acreditava-se que elles resultavam de particularidades de conformação da lingua, e cirurgiões de nome, ha apenas cerca de meio seculo atrás, tentaram operações nesse orgão, naturalmente sem efficacia: a therapeutica desses defeitos está em exercicios de phonação methodicamente dirigidos.

O freio da lingua é uma prega da mucosa, que separa em duas metades lateraes, perfeitamente symetricas, a face inferior desse orgão; tem na maior parte dos casos fórma semilunar, com cavidade anterior, e cerca dum centimetro de

comprido por alguns millimetros de largo. Normalmente a lingua tem movimentos faceis e sufficientemente amplos: lateraes, com que chega a dilatar a bochecha; para a frente, de modo que sáe da boca alguns centimetros; debaixo para cima, chegando a tocar ou a aproximar-se com a ponta da linha de demarcação do paladar duro e do paladar molle, a arquear-se sobre o paladar até aos alveolos ou os dentes, etc. Mas ha casos pathologicos em que a motilidade da lingua deminue notavelmente.

Chama-se *ankylo-glossa* qualquer adherencia anormal da lingua, congenita ou adquirida, de que resulta maior ou menor immobilidade desse orgão, num ponto da boca. Póde haver adherencia superior, com o paladar, o que entra em o numero das raridades pathologicas; lateral (á direita ou á esquerda), que está no mesmo caso; e inferior, quando a lingua está fixada ao pavimento da boca. A ankylo-glossa inferior é ou total ou parcial. Quando a adherencia é total, caso em que parece até que a creança, em que elle se dá, não tem lingua, não póde aquella mammar e torna-se necessaria uma operação. Fóra dahi, segundo o dr. Chervin, que particularmente seguimos aqui pelo que respeita ao freio da lingua, a operação, que é perigosa, deve ser classificada de inutil: a ankylo-glossa parcial, o simples freio não são obstaculo á boa pronuncia (1).

Entre as anomalias da lingua menciona-se o desenvolvimento exaggerado ou deminuição consideravel de volume, que, segundo Féré, coincidem muitas vezes, quando são bem definidas, particularmente a segunda, com perturbações de articulação; além disso apontam-se a asymetria, a bifidez da ponta e a fenda media da face superior, que coincide algumas vezes com a perfuração da abobada do paladar e do veu e com o beiço-rachado (*bec-de-lièvre*) (2). Resta determinar se ha perturbações da pronuncia e quaes ligadas a esses vicios de conformação.

De interesse capital é sem duvida o estudo dos phenomenos que se dão no caso de falta congenita ou cirurgica da lingua. E' bem conhecida a excepcional importancia deste orgão na phonação: pelas diversas posições que toma na boca modificam-se as propriedades de resonancia desta cavidade, de

---

(1) Dr. Chervin, *Faut-il couper le frein de la langue?* (Paris, 1894). Extrait de *La Voix chantée et parlée*, 1894, févr. Esse artigo foi dirigido aos folkloristas no intuito de promover um inquerito sobre o costume de cortar o freio da lingua e as tradições que se lhe ligam.

(2) Ch. Féré, *ob. cit.*, pagg. 270-71.

modo que cada vogal adquire o seu caracter proprio; pelos contactos diversos (completos ou incompletos) da parte posterior, media ou da ponta do mesmo orgão com o veu palatino, ou o paladar duro, os alveolos ou os dentes, produzem-se as consoantes *k, g, ch, j, t, d, s, z,* etc.; *r* e *l* são denominadas linguaes por excellencia, pois resultam de vibração da lingua. Não se conceberia talvez a possibilidade da palavra articulada sem lingua, se os factos não se impusessem nesta questão.

A mais antiga das observações de que temos noticia, relativamente a falla sem lingua ou parte da lingua é do celebre cirurgião francês Ambroise Paré (1517–1590). Um individuo que perdera uma porção da lingua ficou tres annos sem fallar; mas estando um dia a beber por uma escudella de pau que lhe tocava nos dentes, sem duvida de modo que estabelecia communicação com a parte da lingua que lhe restava, fazendo-lhe cocegas um companheiro, soltou vozes intelligiveis, com espanto seu e dos que o ouviram, e, levado pela casual experiencia, fez fabricar um instrumento com fórma de disco, cavado em canal, que applicado á lingua mutilada permittia realisar as funcções que incumbem normalmente á lingua integra (1).

Muito citada é a observação feita na primeira metade do seculo XVII por um cirurgião de Saumur num rapazinho de oito a nove annos de edade, chamado Pierre Durand, que por gangrena resultante de ulceras produzidas pelas bexigas, tinha perdido a lingua; mas que realisava apesar disso todas as funcções da boca, incluindo a phonação. No logar correspondente á base da lingua perdida, apresentava esse rapazinho uma saliencia furciforme, muito apparente, que, sem duvida, tinha papel naquellas funcções (2).

Em 1742 commissarios da Royal Society de Londres exa-

---

(1) *Opera Ambrosii Parei* (Parisiis, 1582, fol.), lib. XXII, cap. V: Quae sit ars iuuandi eos qui ab amputata linguae portione fari nequeunt, p. 662. Na pagina seguinte ha figura e descripção do apparelho referido. Esse passo de Paré tem sido muitas vezes citado.

(2) Jacques Roland de Belebat, *Aglossostomographie ou description d'une bouche sans langue laquelle parle,* etc. (Saumur, 1630). Não vimos esse opusculo, citado por A. de Jussieu (vid. infra) e outros. O oratoriano Manuel Bernardes (fallecido em 1710) cita-o, memorando o caso do mancebo que fallava sem lingua, em a *Nova Floresta,* I (ed. Lisboa, 1759), pag. 217; mas talvez conhecesse só esse caso de F. M. Mersennus, *Harmonicorum Libri XII, in quibus agitur de sonorum natura,* etc. (Lutetiae Parisiorum, 1648, fol.), lib. VII, propos. 15, monitum, pag. 181.

minaram uma mulher de vinte annos que perdera a lingua na idade de quatro, em consequencia duma doença cancerosa do orgão; todavia essa mulher fallava tão corrente e distinctamente, segundo o relatorio dos referidos commissarios, como qualquer outra pessoa: pronunciava muito bem as vogaes e consoantes que mais pareciam exigir o soccorro da lingua (1).

Temos noticia bastante desenvolvida dum caso que offerece para nós certo interesse particular, por ter sido observado em Lisboa por Antoine de Jussieu, em 1817. Ser-nos-ha por isso desculpado que demos um extracto bastante longo do que escreveu aquelle naturalista.

Trata-se duma rapariga, nascida de paes pobres numa aldeia do Alemtejo, que fôra apresentada ao conde da Ericeira, em cuja casa A. de Jussieu a examinou, quando aquelle passava na dita provincia como commandante duma parte das tropas reaes na guerra contra a Hispanha. A rapariga tinha cerca de quinze annos de idade, no momento desse exame.

A' noite, á luz duma vela, e de dia á luz natural, verificou J. que no espaço ordinariamente occupado pela lingua havia apenas uma elevação com fórma de ponta de seio, de tres a quatro linhas acima do meio da boca; não teria quasi notado essa elevação, se o tacto não lhe tivesse comprovado a existencia della. Pela pressão do dedo sentiu uma especie de movimento de contracção e de dilatação, e pensou que, comquanto parecesse faltar o orgão da lingua, existiam ainda os musculos que a formam e são destinados ao seu movimento, visto que não havia nenhum vazio sob o mento e só podia attribuir áquelles musculos o movimento alternativo da dita elevação.

Conhecida a disposição das partes da boca com relação á lingua, o observador passou a examinar particularmente o modo por que aquella rapariga desempenhava cada uma das cinco funcções ordinarias a que o referido orgão é destinado. Limitar-nos-hemos a extractar o que respeita á linguagem.

«A rapariga fallava tão distincta e facilmente que não se poderia crer que lhe faltasse o orgão da palavra, se não se estivesse prevenido disso. Pronunciou não só todas as lettras do alphabeto (isto é, os sons ou os nomes das lettras), muitas syllabas separadamente, mas até uma serie de palavras que

---

(1) F. A. Longet, *Traité de physiologie*, 1 (Paris, 1861, 2.ª ed.), 2.ª partie, pag. 215.

enunciavam um raciocinio completo. J. notou, porém, que entre as consoantes havia algumas que ella pronunciava com maior difficuldade que outras, como C (k), G, T, S, Z, X (ks), L, N, R e que quando ella era obrigada a pronunciá-las lenta ou separadamente, o esforço que fazia para as produzir se manifestava por uma inflexão da cabeça, que fazia recuar o mento para a garganta ou larynge, como para a elevar e, apertando-a, aproximá-la dos dentes e pô-la ao nivel delles.

J. compara o caso por elle observado com o descripto pelo cirurgião Roland e nota a differença relativamente á elevação que restava na base da lingua, a qual na rapariga era arredondada e pouco sensivel. Demais Pierre Durand apresentava no queixo inferior uma fileira dupla de dentes, inclinados para dentro da boca, o que não se dava na alemtejana.

«Se em o numero das cinco funcções ordinarias da lingua que eu notei serem realisadas por essa rapariga, ha alguma mais digna que as outras das nossas observações, é sem duvida a da *falla,* principalmente depois que estamos certificados pelas sabias investigações de M. Dodart de que a glotte é o orgão da voz e que os sons differentemente modificados na boca formam a palavra.

«Essa singularidade duma boca que falla sem lingua deve levar-nos á persuasão de que não póde concluir-se que a lingua é um orgão essencial á palavra, pois que ha outros na boca que concorrem para esse uso e outros que podem supprir a falta dessa parte.

«A uvula, os canaes do nariz, o paladar, os dentes e os labios têem tal parte nessa funcção que nações inteiras se distinguem no seu modo de fallar pelo uso dominante de alguns desses orgãos.

«Pelo que respeita aos que podem fazer as vezes da lingua, não notei nenhum mais no caso do que os musculos que a teriam feito funccionar, se ella conservasse a sua integridade; principalmente os genio-glossos, que têem a origem na parte interna do mento e vêem inserir-se quasi na base da lingua. São esses musculos que junctamente com os genio-hyoideos e os milo-hyoideos, puxando para si o osso hyoide, do lado do mento, chegam a elevar a larynge e a aproximá-la dos dentes, de modo que o espaço entre as duas partes fica diminuido por essa contracção e a voz á saída da larynge é muito menos quebrada do que seria se a cavidade da boca fosse maior. E como nessa acção, os ditos musculos engrossam e adquirem, encurtando-se, um volume que se eleva até ao nivel dos dentes, tanto mais facilmente quanto elles não encontram na boca

nenhum obstaculo a esse movimento, parecem fazer as vezes do canal artificial que, da larynge até aos labios, é formado pela concavidade que recebe o nome de lingua, para levar a voz com menor interrupção fóra da boca» (1).

J. lembra o instrumento, de que falla Ambroise Paré, para supprir a falta da lingua, a fim de justificar o seu modo de ver, aliás imperfeito, das funcções desse orgão na falla e insiste no facto de que a rapariga não tinha evidentemente lingua e de que esta não se achava collada á parte inferior e collateral da boca. A capacidade da boca parecia maior, quando aberta; a uvula, quasi dupla do ordinario, custava a ver-se e extendia-se até a epiglotte, formando no fundo da garganta duas aberturas eguaes e arredondadas, em vez duma.

Hoje, dados os progressos da anatomia e da physiologia dos orgãos da palavra, far-se-hia de modo mais completo e rigoroso a observação dessa boca sem lingua e do seu funccionar na falla. Vê-se que os musculos do diaphragma buccal, genio-hyoideo, stylo-hyoideo e milo-hyoideo, cuja acção combinada normal impelle a lingua para cima, por um exaggero da sua acção vinham naquella rapariga a produzir contactos dentaes e palataes necessarios para a producção das consoantes respectivas, a modificar a fórma da cavidade buccal de modo que a sua resonancia (ou som proprio?), fundindo-se com as vibrações emanando da larynge, désse logar á formação das vogaes. Sem duvida a uvula, anormalmente desenvolvida, e a pharynge representavam no mesmo caso papel excepcional e substituitivo.

O celebre naturalista Huxley deu noticia duma observação do genero das que estamos reproduzindo, feita por elle.

Trata-se dum individuo cuja lingua tinha sido extirpada tão completamente quanto um cirurgião habil póde fazê-lo. Quando a boca estava bem aberta, via-se a face cortada da base da lingua coberta duma nova membrana mucosa e ao nivel dos arcos anteriores do veu palatino. Descobria-se com difficuldade a parte do dorso da lingua que restava; mas Huxley julgou distinguir algumas papillas com fórma de calice; não se via nenhuma na porção amputada da lingua que tinha

---

(1) M. de Jussieu, *Observation sur la manière dont une Fille sans Langue s'acquitte des fonctions qui dépendent de cet organe* em *Histoire de l'Académie royale des Sciences*, année 1718. *Mémoires* (Paris, 1741), pagg. 6-14. A primeira noticia que tivemos dessa observação foi-nos ministrada em 1865 pela obra de P. Flourens, *Éloges historiques* (Paris, 1857), pag. 166.

sido conservada em alcool e que parecia ter uns seis centimetros de comprimento.

O sujeito, X., quando tinha a boca aberta, não podia extender a lingua além da posição em que o observador a vira; disse que, com a boca fechada, a base da lingua podia ir muito mais adiante.

A conversação de X. era perfeitamente intelligivel; e as palavras *think, the, cow, kill* eram articuladas muito bem e com clareza; mas a palavra *tin* tornava-se *fin; tack—fack* ou *pack; dog—thog; dine—vine; dew—thew; cat—calf (caf); mad —madf; goose—gooth; big—pig; bich—pitch* com *ch* guttural (?).

Em resumo, segundo Huxley, só havia damnificados na pronuncia sons cuja formação pede o uso da lingua e, entre estes, os dois unicos que exigiam o emprego da ponta desse orgão estavam fóra da acção dos meios de X. Este transformava todos os *ts* e *ds* em *fs, ps, vs* ou *ths;* o *th* era sempre nitido; o *s* era mudado em *sh, l* em *r,* com maior ou menor gaguejo. Os *g* e *k* no começo das palavras eram bons; mas o *g* final era guttural. No primeiro caso a detenção imperfeita da corrente d'ar pela base da lingua não tinha importancia, porque o som fundia-se no da vogal seguinte; ao contrario, quando aquelle som era o ultimo, o defeito tornava-se subitamente sensivel (1).

Da observação de Huxley vê-se que o individuo examinado realisava de modo regular a articulação (contacto) linguo-velar e linguo-palatal posterior, quando iniciaes. O *tch* era articulado mais atrás que de ordinario; mas parece que o mesmo não se dava com o *sh* representante de *s,* pois o naturalista inglês nada indica de particular a esse respeito. E' singular que Huxley diga que a palavra *kill* era muito bem articulada e mais abaixo que *l* se mudava em *r* com maior ou menor gaguejo (talvez um *r* fortemente gutturalizado). O *l* inglês é alveolar; mas ha uma elevação guttural concomitante da parte posterior da lingua, pelo menos na pronuncia do *l* final, o que dá ao som um timbre baço (2); sem duvida no individuo observado realisava-se esse movimento em *kill,* de modo que, apesar da falta ou grande imperfeição do contacto alveolar (lateral), o som final adquiriria um caracter sufficientemente aproximado do ordinario.

---

(1) T. H. Huxley, *Leçons de physiologie élémentaire,* trad. par le dr. E. Dally (Paris, 1869), pagg. 207-8.

(2) W. Vietor, *Elemente der Phonetik* ², pag. 154.

A conservação dos sons representados por *th* em inglês (*think, th* surdo; *the,. th* sonante), na falla de X., não causa surpresa, visto que esses sons, a que se dá o nome de interdentaes, não são realmente pronunciados com a ponta da lingua entre os dentes, mas sim post-dentaes. Por isso talvez a observação de P. Passy sobre a contradicção dos sons chamados linguo-dentaes ou interdentaes com o systema geral de pronuncia inglesa não seja fundada (1). A producção desses sons por uma lingua mutilada e portanto fatalmente retrahida parece comprovar a objecção.

X. ora pronunciava *f* ora *p* por *t;* ora *th* ou *v,* ora *df* por *d:* havia pois incerteza na articulação. A serie das dentaes *td, sz* era a que realmente faltava na falla daquelle individuo.

E' natural que no caso de falta congenita de lingua as adaptações substituitivas para a pronuncia da lingua materna se façam de modo mais perfeito que no caso de ablação daquelle orgão e que a difficuldade das adaptações augmente com a idade.

Ha varios outros escriptos, que tratam de casos de perda ou ausencia congenita da lingua, mas que não pudemos examinar (2).

Os labios apresentam numerosas anomalias. A sua abertura póde ser demasiado extensa ou demasiado estreita. A's vezes são elles excessivamente curtos, deixando os dentes descobertos, ou excepcionalmente prolongados. Ha-os voltados para fóra em diversos graus (3). Alguns casos dessa natureza (excepto de labios muito compridos) que temos tido occasião de observar não pareciam ter influencia apreciavel sobre a pho-

---

(1) Vid. atrás pag. 522.

(2) Taes são os de Louis, *Mémoire physiologique et pathologique sur la langue* em *Mémoires de l'Académie de Chirurgie,* ed. 4.°, v, 486 (reproduz alguns factos que referimos acima) (citado por Longet, *loc. cit.*); Twisleton, *The Tongue not essential to Speech* (London, 1873) (citado por J. Leite de Vasconcellos, *A evolução da linguagem*, pag. 90); M. W. Schulten, *Totale Exstirpation der Zunge und deren Einwirkung auf die Sprache* em *Deutsche Zeitschrift für Chirurgie,* XXXV (1891), o qual mostra que muitas vogaes são ainda bem pronunciadas depois da extirpação da lingua; A. Alexandrow, *Ueber die Bedeutung der Sprachstörungen für die Sprachwissenschaft.* Antrittsvorlesung (Dorpat, 1886, 14 pag., 8.°); este ultimo auctor tinha já dado anteriormente uma descripção exacta dos sons da linguagem que podem ser produzidos depois da amputação da lingua em *Russ. fil. vêstnik,* 1884. Encontrámos noticia dos escriptos de Schulten e Alexandrow em H. Breymann, *Die Phonetische Literatur von 1876-95* (Leipzig, 1897), etc.

(3) Ch. Féré, *ob. cit.*, pag. 268.

nação. O mesmo não se dá quando existem divisões dos labios, porque então a phonação é, em regra, mais ou menos alterada. O beiço-rachado ou labio leporino (em francês *bec-de-lièvre*) offerece variantes. O labio leporino inferior é medio, o superior ordinariamente lateral e póde ser duplo (1).

Ha individuos em que se nota falta congenita das amygdalas. Não sabemos se em casos desses se observou alguma particularidade na phonação. Já nos referimos á hypertrophia e ablação desses orgãos (pag. 588).

Diremos agora alguma coisa dos casos em que a falla se produz sem vibração das cordas vocaes, ou em individuos de larynge integra ou naquelles em que este orgão foi extirpado.

Já fizemos referencia de passagem á voz cochichada (*voz clandestina*), em que a palavra é independente daquella vibração.

Na respiração tranquilla, a glotte, isto é, a passagem entre as cordas vocaes verdadeiras, acha-se desembaraçada, mas a abertura é maior na inspiração que na expiração. A posição media entre esses dois graus de abertura é a posição de indifferença das cordas vocaes. Os desvios dessa posição, mais importantes na producção da palavra, vêem a ser os seguintes: 1) abertura para o sopro (apertura, flatus), em que não se produz som nem ordinariamente ruido na larynge; 2) constricção aspiratoria (strictura, spiritus asper); 3) constricção de susurro (este em allemão chama-se *Flüster;* em francês, segundo Passy, *chuche,* palavra tirada, por derivação regressiva, de *chuchoter,* cochichar), na voz clandestina; 4) constricção, respectivamente fechamento (strictura, clausura), que dá logar á vibração das cordas vocaes, a formação da voz, e em que se fazem distincções de que abstrahiremos aqui (2). Este ultimo desvio da posição de indifferença é chamado por vezes simplesmente *articulação laryngea,* comquanto os outros desvios indicados sejam tambem articulações laryngeas (das cordas vocaes).

Na falla cochichada distinguem-se as vogaes, o que prova que as vogaes vozeadas recebem na cavidade buccal o seu caracter proprio, assim como se distinguem as consoantes *k* de *g, t* de *d, p* de *b, ch* de *j, s* de *z, f* de *v*. Ora na falla em voz alta ou propriamente vozeada *k, t, p, ch, s, f* são chamadas surdas, por serem pronunciadas sem vibração conco-

---

(1) Idem, *ibid.;* Testut, *ob. cit.,* 1, 180-81.

(2) F. Techmer, *Phonetik,* 1, 20-22; *Intern. Zeit. f. allg. Sprachwissenschaft,* 1, 63-4.

mitante das cordas vocaes; e *g, d, b, j, z, v* são chamadas sonantes por serem pronunciadas com vibração concomitante das cordas vocaes. Foi corrente longo tempo em phonetica que na falla em voz alta *g, d, b,* a que se dá tambem o nome de medias, vindo da antiguidade, eram sempre sonantes, e como taes se distinguiam das chamadas tenues *k, t, p*. Mas já em 1876 se affirmava que em dialectos allemães do sul e nos da Suissa se oppunha a uma tenue, de modo nenhum aspirada, uma consoante, correspondente a todos os respeitos á media allemã do norte, excepto em não ser acompanhada de vibração glottica, e que portanto devia ser posta na classe das medias. Tambem se foi levado pela evidencia a reconhecer a existencia de contínuas brandas (lenes) não sonantes, *j, z, v,* etc., a oppôr ás fortes *ch, s, f* (1). Nessas novas ideias teve grande influencia o notavel estudo de Winteler, *Die Kerenzer Mundart* (Leipzig, 1876), que infelizmente só conhecemos por analyses e citações.

Pretendia-se que nos referidos dialectos allemães *g, d, b* não se distinguiam respectivamente de *k, t, p* e ainda presentemente se admitte em geral que no fim das palavras em vez de *g, d, b* se pronunciam respectivamente *k, t, p,* até no allemão do norte. As observações de Weeks (2), com um instrumento, de sua invenção, mostraram que, *em todas as posições, k, t, p* se distinguem nos dialectos referidos respectivamente de *g, d, b* pela intensidade do sopro. Ainda que essas observações careçam de ampla confirmação, vêem sem duvida juntar-se a outras que provam a fallibilidade do exame phonetico desarmado de apparelhos.

Sievers distingue as medias surdas da falla corrente, em voz alta, das medias cochichadas, com que as quiseram confundir; estas ultimas são tambem, como já indicámos, desacompanhadas de vibração das cordas vocaes, portanto surdas, mas, como tambem já se disse, dá-se na voz cochichada a producção do susurro, chamado por Passy *chuche,* que aquelle phonetico allemão diz faltar inteiramente na pronuncia das medias surdas de que trata (3).

---

(1) Sievers, *ob. cit.* 1, pagg. 64-67.

(2) Weeks, *Recherches expérimentales de phonétique* em *L'année psychologique,* 1 (1894), 174-78.

(3) Um dialectologo e phonetista português negou a possibilidade de *voz cochichada* «sem participar das vibrações das cordas vocalicas»; «como é isso possivel, disse elle, se ha consoantes que dependem do movimento demorado dessas cordas, e taes consoantes se podem emittir em voz baixa?»

Annunciada como possivel no homem por Köberle em 1856, a extirpação da larynge foi reconhecida como realisavel nos

---

J. Leite de Vasconcellos, *ob. cit.*, pag. 13. O auctor, que ignorava os factos acima referidos, apurados já 10 annos antes na Allemanha, generalisou o que conhecia doutras linguas e é exacto com relação a ellas e negou o resultado de observações perfeitamente seguras, sem se dar ao trabalho de verificar experimentalmente se com effeito na *voz cochichada* havia vibrações das cordas vocaes ou não. A pag. 91 do mesmo opusculo diz elle: «Kussmaul cita factos de individuos privados de larynge, que se podiam fazer comprehender «par une sorte de chuchotement» produzido pelo ar encerrado na bôca e na pharynge; entre estes casos é notavel o duma doente de Czermak, que cochichando tambem não (?) distinguia o *b* do *p*, o *d* do *t*, e o *g* do *k*. Isto prova que ha uma voz cochichada que se fórma independentemente da larynge, o que parece ir de encontro ao que eu estabeleci a pagg. 12 e 30 (nota 2); mas, como na voz cochichada ordinaria eu distingo *b* de *p*, *d* de *t* e *g* de *k*, o que não póde ser sem concurso da glotte (cfr. pag. 30), concluo que essa voz cochichada de que falla Kussmaul é doutra especie.» Num escripto elementarissimo póde omittir-se a menção das medias surdas, mas de modo nenhum negar-lhes a existencia. O auctor citado commetteu nesses passos uma serie de erros fundamentaes, que provavam (com outros) que o seu opusculo de 1886 sobre a *Evolução da linguagem* era precoce, do que nós o prevenimos antes delle o publicar. Sem duvida o auctor reconhece hoje, pelo menos em parte, esses erros.

O sr. Gonçalves Vianna no seu opusculo—*Exposição da pronuncia normal portuguesa* (Lisboa, 1892), pag. 6, falla das medias surdas, que designa simplesmente pela expressão *medias*, afastando-se, a nosso ver, inconvenientemente da tradição, e que define: «são as brandas ciciadas, isto é, proferidas em segredo», accrescentando «e são peculiares de alguns dialectos allemães e do dinamarquês, em que substituem as brandas sonoras, etc.» Mais acima o mesmo auctor, relativamente á actividade da larynge, considera a *vibração* e o *folgo* ou *sopro;* não menciona porém a aspiração (allemão *Hauch*) nem o *susurro* (allemão *Flüster*, francês *chuche*); d'ahi resulta dividir elle os phonemas em *sonoros* ou *voz̧eados* (com vibração glottica) e *surdos* ou *aphonos* (sem essa vibração); entre as especies deste segundo genero põe *ciciadas;* e depois *medias*, para mais abaixo dar a definição que vimos das medias como ciciadas. Aquellas *ciciadas*, simplesmente, são sem duvida os phonemas que o auctor chama vogaes *ciciadas* e de que se occupou particularmente na *Revista lusitana*, 1 (1889), 312-319, e ainda os phonemas *j*, *z̧*, *v*, *l*, *r*, *nh*, *n*, *v* e *i* e *u* semivogaes, pronunciados sem vibração glottica; de modo que as medias ora se coordenam á sub-especie das ciciadas, ora se subordinam a ella. O sr. Vianna indica o que chama o *cicío* pelo signal (‘) anteposto á lettra representativa do phonema: exemplos ‘*a*, ‘*z̧;* não nos diz porém o que seja *cicío*. No *Diccionario* de Moraes *cicio* é apresentado como significando o mesmo que *ceceio* e este termo é definido: «o defeito no fallar ceceoso; como os hispanhoes pronunciam o *ce*, *ci*»; s. v. *ceceoso*, lê-se: «que não póde pronunciar a consoante *z̧* e diz *quissera*, por *quiz̧era*, tocando talvez com a lingua nos dentes superiores dianteiros; que tem o vicio do ceceio.» Nós ouvimos sempre chamar ceceoso o que substitue as dentaes *s*, *z̧* pelas chamadas interdentaes. Querendo traduzir o inglês

cães, depois das experiencias de Czerny em 1870, e já tres annos depois Bilroth, o cirurgião genial, a praticava no homem com inesperado exito. O operado, ainda que sem um orgão considerado como essencial para a voz, poude continuar a

---

whispered diriamos *cochichado* ou *susurrado* (em latim *susurrare* significa *cochichar*); por *cicio*, no caso em que se queira exprimir o ruido laryngeo da voz cochichada, diriamos pois *susurro*. Mas na pronuncia a alta voz ha, como observou Sievers e o sr. Vianna não considerou, não medias surdas com susurro, mas medias surdas sem susurro. Doutro lado, quando se classificam certas vogaes ou consoantes da falla em voz alta como vogaes ou consoantes proferidas em segredo cáe-se em «contradictio in adjecto», a não ser que se prove que, ao pronunciar esses phonemas, embora se enunciem os restantes em voz alta, se desce á voz clandestina. A vogal *e* em *testar*, segundo o sr. G. Vianna «é proferida sem voz, em segredo, ciciada (*Rev. lusit.*, I, 316).» Parece que portanto esse *e* não se ouviria á distancia a que não é perceptivel uma voz cochichada. O referido auctor indica a experiencia seguinte para apreciar as distincções que estabelece: colloque-se o experimentador, «em relação a uma pessoa que esteja fallando ou lendo sem enfase, mas com voz clara, a distancia tal que das palavras não sejam perfeitamente intelijiveis as consoantes, mas simplesmente as vogaes, e que portanto a atenção á pronuncia delas não seja distraída e prejudicada pelo interesse que deriva da intelijibilidade do discurso (*loc. cit.*).» Poderiam fazer ler-se combinações de syllabas sem sentido, para que não existisse tal distracção; mas a experiencia dá necessariamente resultados illusorios; basta lembrar que numa mesma falla ha consoantes que se ouvem a maior distancia que algumas vogaes. Segundo o quadro de O. Wolf, o *i* ouve-se apenas a uma distancia 7 vezes menor que aquella a que se ouve o *sch* allemão. Vid. M. E. Gellé, *L'audition et ses organes* (Paris, 1899), pag. 52-3. Resta o outro meio indicado pelo sr. Vianna: a apreciação subjectiva; mas que para esta o caracter das vogaes que elle chama *ciciadas* é pouco obvio patenteia-se já no facto de que um phonetista tão experimentado levou annos a estabelecer as suas theses no assumpto, já na nomenclatura empregada. Em 1882 fallava o nosso auctor em *O Positivismo*, IV, 165 apenas dum *i* «attenuado, brevissimo, reduzido, *whispered*»; no seu importante *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise* (Extrait de la *Romania*, t. XII; Paris, 1883), pag. 5, dizia: «Atone devant une continue palatale il (le *i*) se prononce *réduit*, c'est-à-dire plus bref et plus étouffé..... L'*i* atone devant ou après une voyelle, comme subjonctive de diphthongue, est encore plus bref.... Dans ces trois cas l'*i* atone se confond avec l'*e* atone en un son unique, qui est celui d'un *i* chuchoté (*whispered*).» (Não é por certo a quantidade que distingue as vogaes cochichadas das não cochichadas). Vem depois em 1889 o artigo citado da *Rev. lus.*, com uma generalisação de dados, resultante de investigação provocada por palavras do phonetista inglês Sweet. A nosso ver a nomenclatura empregada pelo phonetista português no caso sujeito carece de ser reformada, ainda quando se comprove pela phonetica experimental a sua determinação dos phonemas alludidos; mas essa determinação é indispensavel para que quaesquer discussões sobre este, como sobre muitos outros pontos, não sejam puras logomachias.

dirigir a falla aos seus semelhantes, munido duma larynge artificial construida pelo dr. Gussenbauer. Depois a operação foi-se reproduzindo na pratica, graças a novos resultados felizes das mãos de Bilroth, Heine, Schmidt, Langenbeck, etc. Em 1878 era tentada em Madrid com exito infeliz por D. Frederico Rubio; o mesmo succedia entre nós ha alguns annos.

Por 1893, em Paris, o dr. Perier extirpou a larynge dum doente e Aubry fabricou um apparelho para tornar possivel ao operado o uso da falla. E' um apparelho sonoro que emitte de modo contínuo, logo que se queira, uma mesma nota que os movimentos da lingua, dos labios, etc. modificam; compõe-se de duas partes: um tubo disposto para dar a nota escolhida e um folle para impellir o ar que põe em vibração a outra parte (1).

Individuos privados de larynge podem, sem larynge artificial, fallar com seus semelhantes, mas numa voz, a que falta portanto o susurro laryngeo, e que, se a corrente expiratoria fosse dirigida para a boca e bastante intensa, não seria clandestina.

Póde ser produzida experimentalmente uma falla puramente buccal, isto é, sem collaboração da larynge. Em 1830 Deleau introduziu no proprio nariz um tubo que descia até á pharynge e era percorrido por uma corrente d'ar, conseguindo fallar, sem concurso da larynge e não em voz cochichada, mais sim alto, graças á intensidade com que o ar era impellido no tubo. O experimentador fallava tambem ao mesmo tempo, empregando a corrente d'ar dos pulmões, de modo que, diz elle, fizeram ouvir-se duas palavras tão distinctamente e com tal pureza que as pessoas que assistiam á experiencia julgaram ouvir dois individuos que repetiam as mesmas phrases (2).

Lembraremos incidentemente que não está definitivamente apurado qual o verdadeiro papel da cavidade buccal na producção das vogaes. Em geral parece acceitar-se ainda a theoria de Wheatstone (1838) e Helmholtz (1858 e segg.), segundo a qual a boca é puramente um resonador com relação ás vogaes, que se distinguiriam pelo timbre, isto é, pelo reforçamento de taes ou taes hypertons do tom fundamental laryngeo. H. Milne Edwards dirigiu objecções a essa theoria. Segundo este natu-

---

(1) *Cosmos*, de 9 de setembro de 1893.

(2) Deleau, *Nouvelles recherches physiologiques sur les éléments de la parole, Mém. lu à l'Académie des Sciences*, 1830, citado por F. Techmer, *Intern. Zeit. f. allgem. Sprachwissenschaft*, v, 209.

ralista o tubo sonoro ou porta-voz do orgão da falla actua como resonador, como vibrador, e como obstructor (1). «O som acompanhador caracteristico quer da vogal *a*, quer de qualquer outra, por isso que é fixo para uma mesma vogal, seja qual fôr a tonalidade desta, não é provavelmente um harmonico da nota fundamental que varía, mas um som accessorio originado doutro modo e bastante fraco para não encobrir ou perturbar notavelmente o som laryngeo, apesar de ser apto para lhe modificar o timbre e imprimir-lhe o caracter da vogal correspondente» (2). Segundo esse auctor ha pois um verdadeiro *som buccal*. Idéas analogas foram expressas nestes ultimos tempos por Hermann, num escripto que só conhecemos por curta analyse. Segundo esta, esse investigador diz que para cada vogal são essenciaes um ou mais formantes de elevação quasi absoluta, independentes do tom fundamental da vogal cantada. O formante póde não ser harmonico com o tom fundamental e deve a sua origem ao ar que sáe da larynge e sopra na cavidade buccal, correspondente á vogal, como num assobio ou resonador (3).

Marage propôs recentemente outra theoria no Congresso das sociedades scientificas de França, que só conhecemos tambem, por emquanto, duma curta analyse (4).

Vejamos agora que conclusões nos permittem estabelecer os factos citados, relativamente á questão principal que nos occupa.

(Continúa). F. Adolpho Coelho.

---

(1) H. Milne Edwards, *Leçons sur la physiologie et l'anatomie comparée de l'homme et des animaux*, t. xii (Paris, 1876-77), pag. 538.

(2) Idem, *ibid.*, pag. 560.

(3) Hermann, em *Archiv für die gesamte Physiologie*, lxi, 169-204, apud E. Koschwitz, *ob. cit.*

(4) Vid. *Revue scientifique*, 23 juin, 1900, pagg. 794-5. Depois de estar composto este artigo, lemos duas notas de Marage sobre a formação das vogaes, uma nos *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des Sciences*, 1899. Premier semestre, tome cxxviii, n.º 11, 13 mars (Paris, 4.º); outra em *L'année psychologique*, vi, 485–492. Parte desta ultima nota é o que já conheciamos da *Rev. scientifique*.

NOTAS D'UM PAE

(Cont. do n.º 10, pag. 608)

Ai! quanto o physico é necessario ao moral! A Gigi bem quer acompanhar-me a pé, mas, coitada! a principio fala o coração e depois são as pernas.

Minha mãe, ainda enfraquecida d'uma grave molestia, parece que mal póde olhar por nada. Mas eu, que a conheço, metto-lhe uns poucos de netos em casa, e diz-me logo depois o Urbano que ella está muito melhor.

Uma rapariga entra de novo para um collegio. Não pensa, não fala senão na familia e nas suas amigas ausentes; as condiscipulas, para travarem intimidade, fazem-lhe confidencia de todos os seus casos e sonhos do coração. E, nesta sobreexcitação, neste estremecimento prolongado, nesta consumpção emotiva, a sua saude soffre, e o seu caracter, gastando-se e enfraquecendo tambem, pouco a pouco se torna caprichoso, dorido, obstinado, atrabiliario mesmo.

Uma professora procurava sempre a menina mais ajuizada do collegio para se lastimar dos destemperos e estonteamentos das outras discipulas, e o resultado foi aquella ficar tambem desarranjada dos nervos. Eram choques de mais para a sua delicada sensibilidade.

O mesmo succede com os romances pathologicos.

Um joven meridional não se encontra com uma rapariga sem uma languida titillação doentia. O que é o sangue? Não! o que é sobretudo a educação. Vivem tão afastados os dois sexos entre nós! E' preciso fazê-los conviver logo desde a eschola.

Quando pela primeira vez fui atraiçoado na minha amizade, o abalo emotivo que soffri, foi tão profundo, que me perturbou mesmo mentalmente.

*

«Sem duas horas por dia de exercicio violento, meu irmão não se acha confortavel» conta Bourget que lhe dissera a bordo uma passageira americana.

Zürich, fins de julho. Espalha-se por toda a cidade, em premio do seu carinho pelas arvores, o balsamico aroma das tilias em flor. E' delicioso.

Nihil est in intellectu, quod prius non fuerit in sensu. Mas, por estar nos sentidos, não se segue que chegue á intelligencia. Ella póde ter os materiaes alli ao pé, vê-los, discerni-los mesmo uma ou outra vez, mas não os possuir propriamente. Para essa posse precisa tambem d'um certo tempo de *sensibilização* sua.

Ameaça-se uma creança: «Ah! que se torna a fazer essa tolice....» E ella torna logo, para ver o que d'ali virá. Não é insubordinação; é curiosidade.

Como a Gigi instava por collo, inventei um comboyo, fazendo eu de locomotiva, a esbofar, e ella de carruagem, atraz. Mas no meio do caminho a carruagem interpellou a locomotiva: «Como é que o comboyo anda?» Foi peor do que levá-la ao collo. Custa muito mais a pegar no espirito do que no corpo das creanças E' um pezo de perguntas que mal se aguenta. E todas são como a minha, que, em eu hesitando na explicação, implacavelmente reclama: «E depois?»

A systematização é muita vez o erro, mas é ainda mais vezes a luz.

A fidelidade da memoria das creanças, ainda não conturbada pela lucta da concorrencia das idéas. A pedido da Gigi, eu repetia-lhe uma historia. E, chegando a certo lance, contei que um cãosito ladrara para outro: Se fizeres mal á minha menina, mordo-te. E a Gigi, restituindo-me á primitiva versão: «Salto-te.» Que era como eu lhe tinha dito da primeira vez.

E', quando soffremos, que sobretudo nos lembram os que nos amam e nos desejariamos com elles. A Gigi, cahindo, grita logo: «Quero a mamã!»

Longe vá o agouro! exclama o nosso povo. E tem alguma razão, porque o agouro é suggestão.

Um homicida involuntario. «Como V. está hoje pallido! disse-me um contemporaneo de Coimbra, quando eu era estudante, interessando-se pela minha saude. E depois: «Não é pallido, é amarello.» E ainda: «Não! está verde; verde é que está!» Que horror! Eu creio que ia passando effectivamente por todas essas côres.

Um rapaz, ao passar, bateu ruidosamente com a porta. E quem dos presentes se incommodou? Os mais novos. Quer dizer, os que fazem o mesmo. E' que a mocidade não é capaz ainda de paciencia; não se contém deante dos disparates dos outros, como não contém os seus proprios.

Lembram-me os partidos politicos; ninguem na opposição grita mais contra os erros ministeriaes, ninguem desvaira mais no poder. Verduras tambem. Andam sempre a remoçar-se e por isso não chegam nunca á madureza governativa.

«A Gigi estava ao sol», vem ella, toda vermelha, confessar-me. Não é insolente rebeldia. E' simplesmente a verdade.

Tão tuteladas e constrangidas são as creanças nos nossos climas, que não é sem perigo que se transferirão de repente para os costumes livres do norte. A liberdade póde subir-lhes á cabeça. Se, entre nós, não praticaram tolices, não foi por não quererem, mas simplesmente porque lh'as não deixaram fazer. Não educaram ainda a vontade. Não sabem fazer uso da liberdade, que precisa tambem de apprendizado.

Para ser livre, é preciso tê-lo já sido. Quer dizer, a liberdade é tão essencial ao homem, que nunca se deve captivá-la. Ampare-se, dirija-se, isso sim, nas suas vacillações, principalmente dos primeiros passos.

Para que servem extremos? Uma creança que nunca se põe á janella, sem que alguem a ampare, d'uma vez que se acha lá só, insensivelmente se julga ainda tão bem segura, que por pouco se não precipita á rua.

As proprias creanças pedem que as occupem: «A Gigi que vai fazer agora?»

Gigi é ainda a ordem. Como eu tivesse estado a escrever ao pé do seu logar á mesa, e ella vá almoçar, adverte-me para que se não entorne tinta: «Papá, feche o tinteiro.»

Quantas pessôas sérias neste mundo se devem tomar tanto a serio como á Gigi, quando, para se desculpar commigo, me responde gravemente: «Tenho que fazer, papá!»

Que é o falado talento pratico? E', se nos offerecem um prato todo enfeitado, importamo-nos com a comida e não com as flores? Mas ha mais goso em comer do que em vêr? Não! E' mais importante? Tanto como o corpo é mais importante do que a alma, tanto como a rocha é mais importante do que o ser vivo. De certo que póde viver-se mesmo sem espirito, é como vivem as plantas; e póde existir-se mesmo sem organização, é como são os mineraes. Mas, se o corpo precisa de todos os cuidados, porque é a base, o espirito não precisa de menos, porque é o coroamento. O verdadeiro talento pratico é o que realiza o preceito: *mens sana in corpore sana*.

O tal talento pratico representa uma degradação, não uma madureza. As creanças tambem ás vezes têem assomos d'isso. Dando á Gigi um papel de côr prateada que envolvia o chocolate, ella recusou-m'o: «O papel não se come, papá!»

O poder da graça. O hespanhol perdeu Cuba, mas a hespanhola tem conquistado o mundo feminino todo para o seu toucado.

O povo ainda é quem póde e sabe rir-se. E só elle tem, entre nós, direito a isso, porque é tão trabalhador e tão bom, que lhe não pezam culpas na consciencia.

Não bastam classificações scientificas. Os seres classificam-se tambem pela sua belleza, pelo seu encanto.

Está a trovejar. E a Gigi: «Quero sahir hoje.» Para nos ouvir. O que ella quer, é que lhe descrevam e circumstanciem bem os effeitos da trovoada! Vê que é occasião para uma bôa historia de horrores e sustos, e não a quer perder. Logo que lh'a contam, fica entretida, a ouvir, muito satisfeita.

Nem as brincadeiras são inoffensivas, quando em demasia. Tambem fatigam e enervam as creanças.

Na China, que é uma civilização fossilizada, uma rotina, uma tradição, a religião é sobretudo o culto dos mortos. A superstição do passado sustenta-a, aniquilando-a.

A ambição que as creanças têem de ser grandes e praticar grandes acções, empóla-lhes o estylo. A Gigi, enterrando-me na cabeça o chapeu que eu tinha ao pé de mim: «Ponha o seu chapeu. Eu *achei-o alli.*»

Que fonte de idéas na gente pobre! Como é original e vernacula!

Até certa edade, parece-nos que, se não sabemos tudo, não somos nada. Mais tarde, esta ancia, este ardor, modera-se, e resignamo-nos a ignorar a maior parte das coisas, contentando-nos com o que sabemos e com o que todos os dias podemos apprender de novo.

Ha pessôas tão amaveis, que não nos deixam um momento, esquecendo que nada se préza tanto como a liberdade, incluindo a liberdade de estar só.

Ha que crear um sentido, o da sociabilidade.

Comparemos uma pedra preciosa com uma rocha bruta. Sabem qual é a differença? E', diriamos, uma differença de cordialidade. E' como a que ha entre uma nação intimamente unida e outra quasi sem laços sociaes.

A Gigi gosta muito de ver as figuras que lhe estou mostrando, mas ainda gosta mais de mim: «Papá, chegue-se ao pé de mim!» diz ella, em meio da sua contemplação.

Ha melhor que fazer das fraquezas fôrças, é fazer d'ellas virtude e encanto. E como? Pela modestia. A Gigi, que precisa d'uma cadeira, recorre ao meu concurso. «Não posso, sem o papá.» Como é grato sentirmo-nos prestaveis a alguem! Pego-lhe logo pelas pernas e ella pelas costas, e ahi vamos os dois, a rir, muito contentes.

Certos homens de edade, para captarem as bôas graças feminis, imaginam remoçar-se, dando-se ares libertinos, fazendo-se passar por pessôas perigosas. Alguns é mesmo assim que tratam de radicar o affecto das esposas.

E' mais facil apprender o dever nos outros. E assim se começa. A Gigi, deitando conta ás cerejas: «Arthur, são para as creadas, não coma mais.» Mas ella por sua parte ainda

continúa a comê-las. Sósinha mesmo póde ficar com mais para si. Mas não vai tão longe o machiavelismo infantil.

Em Portugal os homens de bem não podem contar sequer com o elogio da opinião que se chama illustrada, porque esse elogio sôa como uma affronta aos poderosos.

São tantas vezes as santas das mães que egoistamente aconselham: «Para que te has de sacrificar? quem é que o faz por ti? Olha os outros como sabem levar a vida.» Ai! como falta a educação civica da mulher!

Em Portugal, só na capital ha já espirito publico. Em Lisboa, apparecendo de novo uma pessôa conhecida, logo sahirão ao seu encontro para a cumprimentar. No Porto, dirão de dentro das lojas, sem se mexer: «Olha Fulano, está mais gordo...» E, em Braga ou Coimbra, accrescentarão, desconfiados, farejando caso: «Um!... que virá elle cá fazer?»

E' pena que os homens mais distinctos não sejam perfeitos, porque as suas pechas pegam-se logo. Logo lh'as macaqueiam. Contou-me Camillo que, como Ricardo Brown, que era o Brumel da epocha, coxeasse um pouco, todos os janotas portuenses, para o imitar, se pozeram tambem a claudicar das pernas, ao andar.

Que trazem alguns sujeitos da sua viagem a Paris, Berlim ou Londres? Alguma idéa? Não. Uma especialidade de cigarro.

Outros, ainda peor, da visita ás principaes cidades não trazem senão vicios, e affixam-nos aristocraticamente.

Não é importuno quem quer. Lembro-me do desapontamento d'um amigo politico, pessôa do maior merito, que, depois de se cançar a pedir-me um favor ministerial, me ameaçava como qualquer massador «Pois não saio d'aqui sem V. me fazer isto», quando lhe respondi, muito satisfeito, «Nunca V. me disse nada mais agradavel, fica sendo meu hospede.» Desapontamento risonho, e, faço-lhe essa justiça, grato tambem.

A maior parte dos vicios dos pobres, elles tēem-nos, porque os não deixam saborear os prazeres legitimos.

Alguns, para calar a voz da propria consciencia, fazem pro-

jectos de regeneração futura, como os cabulas que promettem sempre que hão de estudar e resarcir o tempo perdido... para a epocha seguinte.

Uma rapariga, em Zürich, vai sósinha para o lago barquear com um rapaz das suas relações, como se fôsse tambem um rapaz, como um seu companheiro, um irmão. Conta comsigo e com o respeito dos outros.

Quasi que o unico castigo dos dirigentes é o ridiculo de serem lograd os.

Ha uma moralidade a tirar do ridiculo, ainda quando elle fere innocentes. E' que homens de bem não devem viver com pessôas que os possam lograr, por mais altamente collocadas que ellas estejam. Tal convivencia representa sempre, quando não um tráfico de consciencia, pelo menos um certo delirio de grandeza, uma superstição da grande roda, e ainda neste caso portanto uma fraqueza, uma baixeza de caracter.

Quando é, por extremo de amizade ou de amor, que alguem se deixa enganar, causa dó, não mofa e irrisão.

Eu, se não fôsse a minha familia e a gente modesta e pobre a quem quero bem, se o mundo se compozesse sómente das classes egoistas chamadas altas, eu já tinha morrido.

Os vicios, em pequena dóse, serão como que um aperitivo da virtude? E a felicidade, para ser completa, precisará, como a musica, d'essas dissonancias? O café, o licor, o charuto,— o que os elegantes chamam, com apreço, os pequenos vicios, sentindo que não haja mais para os saborear todos—, servirão para dar relevo e decoração á vida? Não! Todos os excitantes, pelo contrario, são alfinetadas que a desangram. Os prazeres organicos são legitimos, mas não hão de deixar estragos no corpo nem na alma, hão de contribuir para a plena expansão e florescimento de toda a nossa existencia.

Só a vida ociosa precisa de que os vicios a excitem. O trabalho dispensa prazeres facticios.

As pessôas que tudo fazem pelos outros, mas sem tacto, são como uma enfermeira que eu conheci, vigilante, pontualissima, infatigavel, mas com um bater de tacões desesperador. Ainda o tenho nos ouvidos.

Com moralidade, o problema da restauração das nossas fôrças é apenas difficil, questão de tempo; mas, com a corrupção de costumes, a sua solução é impossivel.

O poder da associação com os humildes! A liga até o oiro torna mais resistente e tenaz.

Nos paizes desmoralizados a linha recta é quasi sempre o caminho mais longo, e ás vezes morre-se no caminho. Mas vive-se e morre-se com honra.

Todas as almas delicadas preferem soffrer a que as livrem de embaraço, humilhando-as.

Como a Gigi é polida! Quer fazer a sua, mas sem offender, nem desagradar a ninguem. Pergunta-se-lhe porque não come mais, se não acha bom. «Gósto, mas não quero mais.»

Quando nos encarregamos d'um negocio, se temos que o confiar a alguem, julgamo-nos quites de cuidar mais d'elle e até o esquecemos, como se as nossas obrigações cessassem. A confiança que depositamos nos outros, não nos resgata das nossas proprias responsabilidades.

Aproveitar os homens é ao mesmo tempo captar a sua bôa vontade. Dão o serviço e ainda ficam obrigados por o poderem prestar. E' o que não sabem os nossos empertigados personagens, tão ciumentos da sua auctoridade.

Fechem-se, até certo ponto, os olhos ao mal,—discretamente, é claro—, para ver se se evita. Reconhecê-lo é, d'algum modo, acceitá-lo, tolerá-lo.

Cautela com a sua divulgação! Não vá o delinquente pensar: «Assim como assim! Se já sou tido nessa conta, para que hei de agora commedir-me e emendar-me?»

E' como quando a creança ainda mal começa a fazer uma tolice, e já lh'a attribuem. Então é que ella a leva ao fim mais depressa. Não se desflore o seu pudor.

Em vez de «Olhe o que está a fazer», incriminando-a, diga-se preceptivamente «Não faça tal!»

Accusar infundadamente uma pessôa é lançá-la no mal, pelo mal de que se julga que ella é capaz. Póde custar-lhe menos ficar debaixo d'uma censura do que levantá-la. Muitos não se sentem sequer com animo de luctar contra a opinião. E ha até os que tratam de a fazer verdadeira para se vingarem de quem a formúla. «Acha que sou assim? Pois sou!» E os brazileiros ainda reforçam: «Pois sou mesmo!»

Para dirigir uma machina, é mister conhecê-la. E, para dirigir uma creança, um homem? Serve quem quer?

Isto de querer que a eschola faça logo d'um rapazinho qualquer, mesmo de talento, um membro da classe dirigente da sociedade, é d'um absurdo! A superioridade conquista-se. A instrucção falta mesmo ao seu fim moral, convertendo-se num novo meio facticio de aristocratização.

Não será tão injusto como a herança, porque o estudo já representa trabalho, mas ainda encerra a porção de injustiça que provém da cega fortuna. Nem todos se podem demorar egualmente nas aulas até alcançarem um diploma superior. E não é só isto.

Bem sei que as nações que caminham na vanguarda do progresso, procuram attenuar o mal d'essas desegualdades, instituindo bolsas, pensões ou, como nós cá chamavamos e ainda hoje se chamam em Hespanha, becas, para os alumnos mais meritorios, que são pobres, proseguirem nos seus estudos. Mas como ha de apreciar-se unicamente nas aulas o merito de alguem? Ahi póde até certo ponto dizer-se que o homem só recebe e não dá. Não é, pois, o logar mais proprio para elle provar o seu valor. O justo é tornar as aulas accessiveis a todos que trabalham, ajudando o pobre a trabalhar. Haja então escholas, cursos e conferencias gratuitos, que elle os irá procurar. Não se tire para isso do lar, da vida, do trato social.

A questão educativa é essencialmente uma questão politica e economica.

Depois, que acontece á maioria dos diplomados? O publico não faz caso d'elles, não os procura, não os quer. Acontece-lhes o mesmo que a um orador bisonho, que reclamava silencio da camara dos deputados: «Peço attenção, sr. presidente!» Fontes observou a meia voz: «A attenção conquista-se, não se pede.»

Que sabem as nossas raparigas finas? falar o francês, o

inglês ou o allemão, isto é, muito menos, do que uma caixeira ou moça de restaurante suisso, que fala desembaraçadamente o francês, o italiano, e o allemão, quando não é tambem o inglês. E escusado é dizer que para tudo mais valem, em geral, muitissimo menos.

Alguem dizia-me lamentosamente: «Os nossos grandes homens não passam muita vez d'umas creanças grandes. Vou-lhe contar esta d'um eminente pedagogo, que é unico. Entrando commigo numa casa de educação, em dia de chuva, a primeira coisa que fez, foi limpar as botas com o lenço, e mettê-lo ao bolso. Olhe que cabecinha! E como aquillo andaria mais por dentro!»

Como a miseria chega por vezes a ser tambem miseria moral! Entrega-se a construcção d'um edificio a alguns operarios: calaceiam, espreguiçam-se. Gasta-se por isso demais com ella e ha necessidade de a suspender: escrevem nas portas «Embargada pela casa da moeda». Mas, coitados! quem lhes dá o ensino?

O governo japonez acaba de nomear uma commissão para estudar a reforma e simplificação da orthographia, abonando-lhe para principio 50:000 francos.

Os que procuram uma disciplina externa, governar a creança não pelo poder da verdade, pela delicadeza, e sobretudo pela attracção da justiça e bondade, mas pelo mando e arbitrio, encontram-se com esta consequencia pela frente: se lhe supprimem os gosos ou infligem soffrimentos, ella definha e adoece. Hão de prohibir-lhe o passeio, tirar-lhe a sobremesa? Mas o alimento e o exercicio são egualmente necessarios. Que fazer então? Permittir-lhe para a premiar os pequenos excessos e abusos de prazer? E' ao que realmente se chega.

Assim como, ao quente desabrochar da vida da planta, a flor tem os seus nectarios, assim tambem na infancia, quando é tão intenso o trabalho vital, tamanho e tão rapido o crescimento, o organismo distilla maiores quantidades de glycose. Demonstrou-o Claude Bernard. Por isso mesmo a creança gosta tanto d'assucar, inferiu Spencer. E como é egualmente doce o espirito da creança, doce desde o seu olhar! Não lh'o amargurem, que a atrophiam. Affaguem-no, dêem-lhe tambem doces.

E' preciso classificar os discipulos? De certo, como tudo. Mas não se faça por modo que os inferiores se deixem ficar para sempre commodamente nos seus logares.

Como vivem os nossos estudantes! Digo a um: «Sabe as industrias que tem Coimbra?» E elle: «Mas Coimbra tem industrias?»

O que é preciso, é ter personalidade. Para a não haver, nada mais adequado do que a engrenagem do lyceu, que é como uma d'essas machinas que recebem d'um lado a palha, e pelo outro a despejam já serrada e empacotada. Será esse para algumas creaturas o unico meio de as instruir? Antes, em todo o caso, deixá-las a formar por si a sua vontade, ainda que tenham de ficar mais ignorantes. Nem ficam.

Na Suissa, em volta dos professores do ensino superior, trabalham os do ensino medio, e acompanham-nos todos os do ensino primario. Aos simples mestre-escholas se devem, além da accumulação de materiaes importantes, descobertas preciosas. Citarei, por exemplo, a exploração da caverna diluviana de Schaffouse pelo sr. Merk. E assim se estabelece para todos os cidadãos a escala que os leva, como a Numa Droz, ha pouco fallecido, desde a regencia d'uma eschola sertaneja até á suprema dignidade de presidente da republica.

E assim se fazem muitos trabalhos. Por meio de questionarios e tabellas, que os professores primarios suissos preencheram conscienciosamente, é que se chegou a determinar a proporção, quasi egual, em que estão entre si em todos os cantões os dois typos europeus, loiro e moreno.

Em Portugal é preciso haver tres centros universitarios, pelo menos, Lisboa, Porto e Coimbra, não só como centros de ensino, mas tambem como centros de estudo. E com pouco mais pessoal se constituiam. Está-se no prejuizo de olhar só ás reclamações do ensino, e não se adverte que não ha nada quasi que nos não falte estudar, sólo e clima, flora e fauna, e o que somos, as nossas fôrças e faculdades com os nossos costumes e instituições. Os nossos maiores descobriram novos mundos, revelando em feitos deslumbrantes o genio português; mas d'então para cá tanto decahimos, que do que primeiro necessitamos, é de fazermos a descoberta de nós mesmos

e do que é nosso, para recompormos pacientemente, elemento a elemento, a grandeza d'esse genio atavico.

Influencia concentrica, technica e social, da eschola. A sociedade impõe-lhe a missão de formar uma classe superior, que só se póde recrutar na vida real pelo merito e distincção dos serviços; ella, pela sua parte, toma tanto tempo, com a replecção dos seus programmas, tão atochados, que o que sobra, é insufficiente para as necessidades e obrigações da vida.

Hoje reunem-se as creanças em escholas, porque se não póde levar o ensino a cada casa. Mas não se esqueça o que ha de facticio e provisorio nesta combinação. E' um simples expediente. Não se pretenda fazer da eschola um novo mundo para a creança, apartando-a do mundo real. Seria apenas um microcosmo, e d'elle não poderia sahir senão tambem um pequeno homem, um homunculo.

A Hespanha. Oviedo. O reitor da Universidade organiza colonias escholares de ferias. O professor Buylla escreve, de collaboração com os discipulos, monographias das classes populares.

Quem se importa em Coimbra de conhecer o operario, de saber que vida affectiva e intellectual é a sua, como é o seu lar, quaes as suas miserias e as suas justas revindicações sociaes?

Saberá a Faculdade de direito que ha em Coimbra associações de classes que ainda se não constituiram por ignorarem o teor legal dos estatutos?

Saberá a Universidade qual é a vida do coração, a vida moral, dos seus alumnos? saberá que influencia tem este meio de Coimbra sôbre os costumes academicos?

Véla ao menos pela sua saude? Já algum reitor se lembrou de verificar se os estudantes têem casa hygienica? Pois toda a Faculdade de medicina lh'o poderia dizer.

Em que se divertem os rapazes em Coimbra? A Universidade não lhes proporciona passeios e excursões, nem jogos athleticos, nem saraus litterarios, dramaticos e musicaes. Elles nem sempre podem dar-se esses entretenimentos. Que ha

de fazer então a maioria? Resta-lhes a libertinagem da galanteria, a liberdade dos prazeres crapulosos, da taberna, da tavolagem e do bordel. Ou não se divertem, e tambem mal podem estudar. Assim se vai accentuando de geração em geração o tom erotico e sombrio da nossa *sociedade*.

Não se póde bem dizer em pedagogia—faça-se primeiro o animal e depois o homem—, porque se têem logo deante os dois.

A eschola hoje ainda destece muito a vida social. E nem ao menos dentro de si mesma procura constituí-la.

O estudo é de certo delicioso, mas não no isolamento. No calor da camaradagem entre professores, da collaboração entre professores e discipulos, e da communhão de todos com o publico, com a nação, isso sim!

A sciencia não deve ser como o oiro escondido no coração das mumias egypcias, só accessivel aos bandidos; mas um sangue de vida, que das classes superiores se espalhe generosamente por todo o organismo social.

Porque é que, em Coimbra, professores e discipulos não hão de gosar em commum, que é como se gosam bem, os primores da arte e da natureza espalhados pela cidade e seus arrabaldes?

O ensino do futuro não ha de ser dado a escholares, mas a apprendizes, operarios, contramestres ou mestres. E' o que já se vai fazendo nas universidades populares. E haverá para os estudos superiores os gabinetes, laboratorios e officinas de investigação pessoal.

Os maus exemplos propagam-se, os maus habitos transmittem-se.

Em Portugal, como as gerações hereditariamente declinam, mal se podem fundar esperanças nos partidos novos. E' mesmo de recear que sejam peores. D'onde nos ha de vir, pois, o remedio? Da educação. Eduque-se principalmente o povo, e d'elle sahirá o patriotico partido do porvir.

Certos sujeitos, para terem importancia numa instituição, intrigam contra os seus chefes, decapitam-na, e depois ficam

elles sendo as suas principaes figuras. Simplesmente ninguem se importa mais com a instituição nem com elles. E' o que lucraram.

Os casamentos politicos entre nós fazem-se como os outros. Perto de minha casa, em Lisboa, havia um latoeiro solteirão e um vendedor de fructa avesso ás instituições. Um dia participou-me o latoeiro o seu proximo casamento com uma *senhora* que elle aos domingos, com o seu melhor fato, cortejava para um quarto andar; e quasi logo soube pela mulher do pequeno negociante de fructa que elle, a troco de serviços nas ultimas eleições, passara do seu *logar* para outro mais rendoso na alfandega.

A vida de familia reproduz a vida publica. O mesmo homem que, na politica, fará valer aos corruptos quanto lhe custa a sua transigencia por causa da honestidade de algum dos seus collaboradores, tirará partido da virtude da sua mulher para mais penhorar os devassos que receba e com quem trate em sua casa, apesar d'ella.

A patriota Gigi nacionaliza tudo: «Essa *Parodia* tem umas figuras engraçadas» diz-me ella, entregando-me um jornal allemão illustrado.

Fica-se pasmado da fraqueza moral das nossas classes dirigentes. Os que não traficam, não duvidam escravizar-se aos governos e até ás administrações estrangeiras, recebendo demais pelos serviços que realmente prestam, ou acceitando remuneração pelos serviços ficticios que só convencionalmente prestam. Com que cara ha de um personagem falar ao ministro que lhe manda pagar um aluguer que a sua casa não vale, ou ao director de companhia que lhe abona um vencimento pelo tempo em que elle esteve ausente, occupando-se d'outras funcções mais lucrativas?

E os que escrupulizam comsigo, não têem escrupulos com os outros. Se não escondem na sua mão o roubo, ajudam os ladrões a escondê-lo na d'elles, apertando-lh'a.

Encontrei uma berlineza casada com um parisiense. Assim se caminha para a paz universal. Mas elle já fala o allemão, e ella só agora vai apprender o francês; a filhinha não fala senão allemão.

Nós tambem fomos conquistados, em grande parte, pela mulher para Hespanha. Até a sua lingua ella nos impoz.

Não só o amor casa filhos de nações afastadas. A paixão commum da independencia póde unir povos bem diversos. Exemplo, a nação suissa.

O laço nacional é sobretudo moral. Nem a unidade da lingua é necessaria e basta para constituir uma nacionalidade.

Em Portugal assaltam-se logo os primeiros postos. Que escala de promoção ha, por exemplo, para professor de ensino superior? Pois ninguem o devia ser, sem ter praticado desde a eschola primaria.

Os raptos politicos não provam só a indisciplina do partido em que se fazem, demonstram sempre, além da miseria moral commum, a insufficiencia do partido que os faz.

E' para inutilizar adversarios? Que processo, erguendo-os logo á culminização do poder! O resultado é desacreditarem-se esses postos e as instituições.

As questões sociaes não são simples questões arithmeticas. Recordo-me de que, quando se tratava da reforma de constituição em 1884, eu e outros pretendiamos que o elemento electivo, para prevalecer, entrasse por mais de metade na composição da camara dos pares. Fontes, que nos ouvia, perguntou: «Qual o maior numero de pares que aos partidos tem sido necessario pedir á corôa para governarem, isto é, para cada um harmonizar a camara alta, de nomeação regia, com a camara popular electiva?» Não tinham sido precisos mais d'uns vinte e tantos, e Fontes já propunha a eleição de cincoenta. «E' que estas questões, concluiu elle, são mais complexas.»

Se os grandes intrigantes politicos vissem a sua caricatura nos pequenos intrigantes d'uma junta de parochia ou d'um gremio de sapateiros ou caixeiros, talvez se envergonhassem das suas insidias. São as mesmas ronhas e artimanhas, são os mesmos talentos obliquos. A differença é apenas uma questão de *toilette*. E são egualmente proprios para a ruina da nação.

Mas está claro que os grandes fazem muito maior mal.

O principio democratico que, em meio das suas incessantes guerras, Napoleão affirmou,—cada soldado leva na sua patrona o bastão de marechal—, é o que deve reger a escala dos accessos no campo das incruentas competições do trabalho.

Para que a humanidade progrida, é indispensavel que as nações se valorizem o mais possivel. O seu alargamento territorial só não basta. Como em agronomia, ha que fazer uma cultura intensiva. Por isso a federação dos povos é excellente, mas o ciume patriotico de cada um pelo seu engrandecimento não o é menos. Fundamentalmente, a associação vale o que valerem os associados.

Em Portugal ha a democracia da ignorancia.

Eu admiro a Suissa, que fraterniza latinos e germanos. E os Estados Unidos da America do Norte, que fundem em si brancos, amarellos, e negros? Que estupendo apparelho de socialização?

Que importam programmas e lemmas, se não estão inscriptos nos corações? Se todos os credos são falsos? Que importam bandeiras partidarias, se todas são bandeirolas eleitoraes?

A indifferença é a mãe do facciosismo. Prendem-se inadvertidamente a qualquer partido, e depois são arrebatados pelos vicios alheios de que se tornaram cumplices.

Os dirigentes accusam o povo de indifferença e apathia. Mas de quem é a principal culpa senão d'elles? Se o não movem, nem por palavras, nem por actos! Quando alguma rara vez se lhe dirigem, é para mutuamente se desacreditarem uns aos outros. O povo não está já para ser joguete e papão de ninguem. Elle bem sabe o que isso lhe tem custado.

Os agrupamentos politicos em Portugal não são partidos, são partidas. Não são feitos pelo paiz, mas feitas a elle, ou dadas á sua custa.

Fala-se de indifferença politica. Mas o publico enfada-se de instituições que não comprehende. Expliquem-lh'as. Eduquem-no.

Por onde é que se unem os homens em Portugal? Depois d'um discurso truculento d'um republicano livre pensador, ninguem o abraça tão effusivamente como um beato monarchico. Tolerancia? Não! negocios communs. Eis o que os interessa. Nenhum d'elles pensa a serio nem na patria, nem na outra vida.

Preservem-se os partidos da politica de tudo ou nada. Se não podem logo fazer o governo da nação, procurem fazer o do districto, do municipio, ou da simples parochia, procurem fazer o governo das associações ou, ao menos, o dos individuos. O que não possam obter ainda pela lei geral, procurem tê-lo pela persuasão local, associativa ou individual sequer.

Governo da opinião, mesmo para que, tomando o povo parte nos negocios publicos, tenha tambem a responsabilidade do seu mau exito, e não creia que os dirigentes podem tudo e são os culpados de todas as desgraças.

Em tudo se vai passando da politica naturalista para a politica livre, que é a unica que póde ser verdadeiramente moral. O homem, emquanto não resolve por si a lei, confia-a á natureza. E' a selecção natural antes da social. Assim se explica a herança da propriedade e a velha herança dos cargos, de que é ainda um resto a monarchia hereditaria. A natureza regula a successão.

O principio monarchico é sempre um mal, um fetichismo, uma menoridade e incapacidade publica; mas o rei, que o personifica, não tem culpa d'essa incapacidade, e não é justo por isso increpá-lo de inimigo do povo, das suas franquias. Pelo contrario, se elle exerce patrioticamente a sua magistratura, sem abuso nem excesso de poder, contribue tambem para a emancipação nacional, e só é inimigo, mas do proprio principio monarchico. Não ha dúvida, porém, que tal principio é em si um perigo, porque o está convidando, no seu interesse egoista, a desmandar-se.

O que, com a intervenção directa do povo na legislatura, se póde perder a principio na technica das leis, compensa-se desde logo moralmente pela educação politica da nação, e resarce-se mais tarde mesmo nessa perfeição technica.

Onde tudo se sacrifica á etiqueta, mesmo o prestigio da

auctoridade, como agora na Austria, é que a sociedade não tem solida base moral em que assente.—7-1900.

E' curioso observar como, á medida que a nação declina, os seus homens publicos erguem sôbre ella a fronte cada vez mais insolentemente. Parece mesmo epidemico: até muitos retratos de estudantes apresentam essa attitude. Julgam-se todos uns altos personagens para um paiz tão miseravel. Pois o que entre nós menos vale, são os grandes; e elles é que são os maiores culpados da nossa miseria.

E' nas terras onde domina a verdadeira plutocracia, a aristocracia material da riqueza, que a molestia do janotismo chega ao estado agudo. Guilherme Braga observou-o perfeitamente no Porto. O simples numero das gravatas, por exemplo, estabelece profundas desegualdades sociaes.

A um hespanhol que, jocosamente, accusava deante de mim Portugal de enriquecer os seus rios com a agua de Hespanha, eu respondi no mesmo tom: Não! nós não ficamos com ella, atiramo-la ao mar. E o mau é que realmente bem pouco caso fazemos d'ella.

Ha aristocracias que não valem mais do que o que custam no alfaiate ou na modista.

Na Suissa ha pobres? Todos lá têem de seu a fortuna publica. Só as magnificas escholas que para seus filhos possuem tanto pobres como ricos!

Certos ricos, que não são mais nada, á falta de condecorações, fazem ostentação da sua riqueza, e querem tudo caro, —medico, dentista, alfaiate, etc.—, para poderem mostrar que têem muito.

Tão caro o assucar entre nós! O nosso legislador não saberá quanto elle é necessario ás creanças?

Quando, feitas bem todas as contas, os pagamentos excedem as receitas, o solo da patria passa a mãos estrangeiras, e não póde, nem que a lei o estatua, como no Japão, ser propriedade exclusiva, privilegiada, dos nacionaes.

(Continúa). BERNARDINO MACHADO.

SULLA LEGISLAZIONE DI DRACONTE (1)

Le prime notizie su Draconte e sull'opera sua ci sono date da scrittori del V secolo, e dell'ultima parte di esso.

Certamente, il nome di lui e la conoscenza della sua attivitá legislativa venivano tramandati da tempo non recente. La memoria di un legislatore Draconte non si spense mai. Che tale ricordo fosse già molto debole, si vede da ció che Erodoto, bene informato dell'antica tradizione Ateniese, pur avendone l'occasione, non fa menzione mai di Draconte (2). Il fatto poi che Antifonte nei suoi λόγοι φονικοί (3), dove se ne presentava l'occasione anzi la necessitá, tacque di Draconte, mostra non tanto che questo nome fosse poco noto al popolo, quanto l'ignoranza dell'oratore, cui come agli altri era noto il nome, che fossero di Draconte i νόμοι φονικοί *allora in vigore,* Altrimenti egli non avrebbe mancato di ricordare e d'illustrare agli uditori la tradizione di Draconte, per quanto affievolita. Dunque fino a quel tempo si ignorava che Draconte fosse autore delle leggi criminali esistenti.

Da una breve indicazione di un frammento di Cratino (che risale all'a. 421 circa), menzionante leggi di Draconte e leggi di Solone su κύρβεις, rimaste oramai senza valore, pur accettata letteralmente—mentre sembra probabile che queste κύρβεις non esistessero, o meglio, il poeta non ne conoscesse l'esistenza e che egli, ponendo insieme Draconte e Solone e le loro leggi, mettesse insieme κύρβεις Soloniane, che sono certe, e Dracontiane, impropriamente—, si desume in ogni modo, che si

---

(1) La presente memoria non pare inutile agli studiosi; onde si pubblica, per la medesima ragione per cui sono stati pubblicati gli altri precedenti lavori dell'autore, non privi di qualche valore scientifico, anzi, a giudizio di molti Maestri (p. es. dell'illustre compianto Ad. Holm), abbondanti di osservazioni generali, e dimostranti piena conoscenza non solo degli autori moderni ma di tutte le fonti antiche.

(2) Del silenzio poi di Rucidide non c'é da far maraviglia (*Ziehen,* Die drakontische Gesetzgebung, in rhein. Museum, N. F., LIV., 3, p. 324, n. 1).

(3) Si sa che dei 15 pervenutici non tutti sono autentici (cf. *Talheins,* in Pauly-Wissowa Real-Encyclop. I, 2527 sg.).

sapeva l'esistenza di un legislatore Draconte, anteriore a Solone. Tale conoscenza era dovuta alla tradizione autentica (1). Con essa si connetteva l'altra notizia, che sotto il nome di lui andavano alcune leggi che *non erano piú in vigore,* conservate probabilmente non in documenti pubblici (2).

Altro non si puó affermare che si sapesse.

Verso la fine del secolo V si deliberó, con un'apposita decisione popolare dell'a. 409–8, di portare a conoscenza di tutti i cittadini, e naturalmente per uso giudiziario (onde si decretó che fossero esposte al pubblico, nello Στοὰ βασίλειος), alcune disposizioni criminali portanti il nome di Draconte (v. innanzi), che veramente nel loro contenuto non erano nuove, poichémeno le modificazioni apportate dal progresso dei costumi e delle idee il diritto criminale del V secolo era quello di etá antiche; ma erano regole presentate nel miglior modo possibile nell'antica formola, e col nome di Draconte principalmente: «τὸν Δράκοντος νόμον τὸν περὶ τοῦ φόνου» (3) (C. T. A. I. 61 Michel, Recueil d'inscr. gr., n. 78—Dareste, Recueil des inscript. jurid. grecques, sér. II, fasc. I, p. 1 sgg.—Haussoullier-Reinach. Dittenberger, Sylloge I², 52).

Non v'ha dubbio che questa redazione di leggi dette o credute di Draconte sia connessa col movimento generale legislativo che appare negli ultimi anni di quel secolo (4). Si conosce infatti una commissione, incaricata nell'a. 410 di compilare, scegliere fra le leggi Soloniane, e quindi anche Dracontiane, civé una commissione di συγγραφεῖς τῶν νόμων (5), uno dei quali dovette essere la Xenophanes ricordato nel plebiscito del 409–8 (6). (E accanto ai quali erano gli ἀναγραφεῖς addetti a trascrivere e pubblicare le accennate leggi (7). Ed

---

(1) Vedi U. v. *Wilamowitz-Möllendorff,* Aristoteles u. Athen, I, p. 58.

(2) Non potevano esser poste pubblicamente (sulla pietra) né nello Στοὰ βασίλειος né nel Pritaneo, come gli ἄξονες Soloniani. Gesso, non si comprenderebbe l'oscurata tradizione del legislatore. Nel 409-8 fu nello Στοά esposta una nuova redazione di una cosi detta legge di Draconte.

(3) É inutile voler mettere in raffronto l'espressione «la legge di Draconte» con l'altra «l'autica legge di Draconte», poiché non vi puó essere differenza.

(4) Puoi cf. *Ed. Meyer,* Forschungen zur alten Geschichte, II (1899), p. 116.

(5) Cf. coi dieci συγγραφεῖς αὐτοκράτορες che poco prima erano stati incaricati, nel tempo del colpo di mano oligarchico, di proporre una nuova costituzione.

(6) C. F. A. I, 61, v. 4; *Dittenberger,* cit. nota 3.

(7) C. F. A., v. 6.

é anche certo che v'ha relazione con le condizioni politiche del tempo. I vari partiti Ateniesi di allora tendevano — dopo la cattiva prova fatta dalla democrazia estrema — a restaurare la πάτριος πολιτεία, che vedevano chi nella costituzione di Clistene, chi nella Soloniana, chi in quella di Draconte. Quest'ultima fazione, che per un momento (nel 411) prevalse, era l'oligarchica. L'agitazione di essa contribuì certamente a risollevare e ad accrescere la fama del legislatore antecedente a Solone, creduto o fatto credere quindi meno democratico (o democratico piú temperato di Solone) (1). Pertanto la pubblicazione di leggi penali a lui ascritte fu mossa non tanto da interesse storico-antiquario quanto da desiderio e bisogno generale, suscitato dal risveglio di antiche memorie, che le recenti agitazioni politiche in gran parte determinarono.

Oltre della sopra ricordata legge criminale si ha una costituzione, portante anche il nome di Draconte, e che di certo é pure, come vedremo, in rapporto con le ora riferite condizioni politiche, essendo in corrispondenza non lieve col programma oligarchico. Tale πολιτεία, fondata o no su dati di epoca anteriore, fu attribuita a Draconte, nel tempo stesso circa (o prima o poi) in cui ebbe luogo la redazione novella della legge sul φόνος.

Da quest'etá in poi sorse maggior interessa per Draconte. Infatti questi é frequentemente ricordato dagli autori del IV secolo (specialmente da Demostene) relativamente a leggi penali. Perció si attribuirono a lui varie leggi (2), delle quali nessuno dubita che alcune siano estranee (3), e secondo noi, nessuna puó ammettersi con una relativa certezza (cioé nessuna puó farsi risalice ad epoca molto remota), poiché la tradizione anteriore tace, e, come si é veduto, non si sa ch'esistessero κύρβεις Dracontione prima del 409-8 (benché non sia del tutto esclusa altra forma di tradizione scritta).

Non occupandoci quindi di siffatte leggi, dobbiamo fermarci a studiare il diritto criminale in parte, e la costituzione politica, che nell'ultima parte del V secolo compariscono attribuiti a Draconte.

---

(1) Che a quest, época si riferisca anche il frammento di una lettura d. Alkiphron (come crede lo *Ziehen*, lav. cit., p. 333 sgg.) piuttostoché al IV secolo, non si puó dire, poiché non é provato che quest'autore attinga a fonte diversa dalla commedia nuova.

(2) P. es. una sull'educazione della groventú (Aeschin. C. Rimarch. § 5) etc.

(3) Anche *Ziehen*, l. c., p. 333.

*

Quanto alla πολιτεία, parlano soltanto Aristotele in Ἀθην. πολιτ. 4, che intende precisamente riferirsi a una nuova costituzione di Draconte (1), e un altro autore piú recente, di nessun credito ([Plat.], Axioch. 365) (2).

La notizia Aristotelica, sospetta per il modo stesso della espressione (perché é attribuita a Draconte quasi indirettamente) e contenente contradizioni e anacronismi non pochi (3), é un'aggiunta che non bene armonizza con la successiva esposizione (4).

Tenuto conto delle evidenti somiglianze fra questa presunta costituzione e le aspirazioni del partito oligarchico degli ultimi anni della guerra Peloponnesiaca (5), é da ritenersi che la notizia in questione si debba ad uno scritto di una fattura o ispirazione di quei clubs oligarchici (rimontante ad epoca anteriore o posteriore all'a. 411, o al 409–8), o ad una fonte da questo dipendente, non all'Attide (6). La costituzione ideale di una democrazia temperata (7), cui la fazione di Crizia, Teramene Ac. mirava o diceva di tendere, fu presentata come la πάτριος πολιτεία (8) anteriore a Solone, che bisognava restaurare, e ammessa come opera di Draconte, l'unico legislatore che si conoscesse di quell'epoca remota.

Non possiamo credere peró che in tutto in questa ricostruzione partigiana sia stato inventato. Non si deve negare che

---

(1) Questo brano non v' ha ragione per credere interpolato.

(2) Dove si parla di vere e proprie πολιτεῖαι di Draconte e Clistene.

(3) Cf. specialmente *Busolt*, Griech. Gesch. II², 39 sgg. nota, *G. De Sanctis*, Storia della repubblica Ateniese, p. 164 sgg., e anche *Pöhlmanos*, Grundriss d. Griech. Gesch.², p. 63 sg.

(4) Vedi *Wilamowitz*, op. cit., I, 57 sgg.

(5) Cf. in particolar modo *Busolt*, o. c., 38, n. 225, n. *Wilamowitz*, I, 77 sgg.

(6) Cf. Aristotel., Polit. II, 12, (9), 9—Plut., Sol. 17—Cosi credono quasi tutti i recenti scrittori (cf. anche *E. Herzog*, Ueber Aristot. Ἀθ. cap. IV, Progr. Tübingen 1892 etc.). Il *Meyer* peró (Forschungen zur alt. Gesch., II, 439) ammette per fonte Androzione (?).

(7) La quale nel 411 non fu in sostanza messa in esecuzione, quando la fazione oligarchico guinse per poco al potere, e i 400 sotto le parvenze di una democrazia temperata si impadronirono del governo. Vedi l'interessante capitolo di *E. Meyer*, o. c., 406 sgg., dove é studiato tutto il processo di questa rivoluzione dei 400, e si dimostra che il vero racconto storico é il Rucidideo, non quello dell' Aθ. πολ.

(8) Vedi in generale *Wilamowitz*, op. cit., II, cap. 4.°

ci siano alcuni elementi antichi, risalenti probabilmente al periodo presoloniarco, come la bule dei 401, che non é identica a quella Soloniana dei 400 (1).

Certamente noi non vogliamo dire che Draconte sia stato effettivamente autore di una costituzione (2). Ma la tradizione che gli attribuiva la codificazione del dritto comune, non poteva escludere che egli avesse potuto introdurre innovazioni politiche (ricordiamo p. es. i decemviri romani), o almeno codificare, anche senza mutare nella sostanza, le relazioni politiche esistenti (3). E su ció si fondarono coloro che attribuirono al leggendario legislatore una πολιτεία, che ha elementi recenti ma ne ha qualcuno innegabilmente antico, rimontante alla vetusta costituzione oligarchica, antecedente a Solone.

Laonde la notizia di una πολιτεία Dracontiana, cioé da lui non creata (come volevano far credere gli oligarchici della fine del V secolo) ma raccolta e conservata nei suoi νόμοι, deve ascriversi ad antica tradizione. Cosi questa assegnava a Draconte un'attivitá ampia, estesa a ogni ramo del diritto. Ma per poter conciliare ció col fatto che soltanto leggi criminali, e queste parzialmente, si conoscevano come opera di lui, si dovette ammettere che tutte le altre leggi erano state abolite da Solone (secondo l'Attide) (4). Tutto questo perció ha per noi valore meramente tradizionale.

*

A noi spetta ora esaminare solamente i νόμοι φονικοί presunti Dracontiani, e propriamente il νόμος che ci é conservato dal V secolo: cioé la legge περὶ τοῦ φόνου, che fu pubblicata, come si disse, nel 409–8 per decisione della bule e del demos Ateniese (5).

---

(1) *Wilamowitz*, I, p. 88, n. 25.

(2) Come credono motti. Vedi pure *Schoemann-Lipzius*, Griech. Alterthümer, I⁴, p. 339, n. 1; e la recente dissertazione di *I. Hofmann*, Studien zur drakontisch. Verfossung, Straubing., 1899.

(3) Aristotel. (Polit., l. c.) dicendo che Draconte fece νόμοι sul fondamento dell'esistente πολιτεία, indico che non creó una costituzione nuova, ma non esclude che anche lo πολιτεία fosse notata ed esposta nelle sue leggi.

Secondo la tradizione pertanto, egli si sarebbe occupata della riforma generale dello Stato.

(4) Seguita da Aristotel., Polit., l. c. (vedi Ἀθ. πολ. VII); Plut., Solon. 17.

(5) Puoi cf. specialmente *Gilbert*, Beiträge zur Entwickelung des griech. Gerichtsverfahrens u. d. griech. Rechtes, 1896 (Sahrb. f. kl. Philolog., XXII, Supplem., p. 485 sgg.).

Ce n'é pervenuto il πρῶτος ἄξων. Cioé della legge che andava sotto il nome di Draconte (1), si volle pubblicare una prima e sola tavola (poiché una seconda difficilmente puó credersi che si trovasse nell'ultima parte, o nella parte lacunosa delle 48 lines); e non si pubblicó una parte che doveva trovarsi notata antecedentemente, cioé quella concernente il φόνος ἐκ προνοίας (poiché la tavola rimastaci comincia con le parole καὶ ἐάμ μὴ ἐκ προνοίας), non essendovene in quel tempo bisogno, non perché le disposizioni in essa contenute non fossero piú in vigore, ma probabilmente invece perché non appariva nessuna differenza con le regole di diritto vigenti alla fine del secolo quinto.

*

L'iscrizione, che benché pervenutaci in miserevole stato, si é potuta restituire con una sicurezza in motti punti completa con l'aiuto degli oratori Ateniesi (specialmente di Demostene), tratta:

Nel § 1.°, del modo come sará il reo processato e giudicato, nel caso di omicidio non premeditato.

Nel § 2.°, della transazione (αἴδεσις) fra l'autore e i parenti dell'ucciso.

Nel § 3.°, dell'effetto retroattivo del beneficio di questo θεσμός, a quella specie di delitti precedentemente commessi.

Nel § 4.°, dell'accusa da parte della famiglia.

Nel §§ 6.° e 7.°, delle garanzie in favore dell'ἀνδροφόνος.

Nel § 9.°, delle garanzie per gli schiavi (?).

Nel § 10.°, dell'omicidio impunito per legittima difesa (2).

Il § 5.° é del tutto incerto. L'§ 8.° é molto dubbio; ma sembra che tratti di uno o piú casi di omicidio non premeditato o involontario, e si richiami alle disposizioni del § 1.° (sulle attribuzioni dei βασιλεῖς e degli ἐφέται).

Interessanti particolarmente sono i primi 4, di cui—astraendo dal § 3.° che contiene una disposizione transitoria per οἱ πρότερον κτείναντες—il § 1.° e il § 4.° riguardano l'accusa e interdizione che i parenti dell'ucciso (3) hanno il diritto di nuo-

---

(1) L'ἄξων deve riferirsi agl. ἄξονες non di Solone, ma di quelli che portavano il nome di Draconte (vedi *Dareste*, Recueil, etc., p. 9 sg.; *Ziehen*, rhein. Museum, N. F., LIV., 3, p. 329, n. 2 in fine).

(2) Qui si accenna anche al furto (cf. Xenoph., Oecon., XIV, 4 e 5).

(3) I parenti nel caso della πρόρρησις erano:

vere e pronunsiare (διώκειν, προεῖπεῖν) contro l'omicida. L'accusato (1) veniva sottoposto a processo, istruito e diretto (δικάζειν) dai βασιλεῖς, e deciso dagli ἐφέται (διαγνῶναι). Il § 2.° concerne la conseguente αἴδεσις, che hanno diritto di fare i parenti piú intimi, e in mancanza di questi, gli altri fino ai cugini, e mancando anche questi, dieci φράτερες scelti dagli ἐφέται (v. nota 2).

In tutto si tratta del caso dell'omicidio non premeditato, e nulla accenna all'omicidio ἐκ προνοίας, o al piú, l'espressione generica (come nel § 4.°) se applica al caso particolare del φόνος μὴ ἐκ προνοίας.

Infatti nel § 1.°, é detto che i magistrati devono occuparsi del φόνος (delle cause, o anche, ció che forse é da preferire, *dell'autore del* φόνος (2). E ove ci siá accusa, della βούλευσις cioé «ἢ ἐάν τις αἐτιᾶται ὡς βουλεύσανται» (come si deve supplire); perciocché émeglio dare a βουλεύειν il significato tecnico, giuridico (com'é negli autori) (3), di uccisione commessa con un mezzo qualunque diverso da quello diretto, mani stesse dello autore (4). Si ha perció in questo punto del § 1.° una contrapposizione fra l'omicidio non premeditato (κτείνειν) nel senso dell'uccisione di mano propria dell'autore direttamente, e l'omicidio conimesso altrimenti (βουλεύειν). E si puó credere di avere qui due

---

a) padre, figli, fratelli, zii—*b*) concorrendo i cugini e altri parenti—e *c*) i φράτερες.

Nel caso dell' ἄιδεσις erano:

a) padre, figli, fratelli—*b*) In mancanza, zii (e cognati e generi) e cugini—e *c*) In mancanza, i φράτερες.

In ambo i casi, i cugini sono nella 2.ª categoria. E anche pes questo, l'ἐντός di v. 21 deve intendersi nel significato esclusivo.

(1) Il vocabolo φεύγειν puó intendersi invece che nel senso di pena (esilio), in quello rispondente al linguaggio giuridico recente, di «essere accusato» (=in ius vocari). In tale modo appare piú chiaro l'ordine delle fasi successive del giudizio. Si noti che per l'autore di un φόνος ἀκούσιος dovrebbe dirsi non φεύγων ma ἐξεληλυθώς (vedi Leist, Graeco-ital. Rechtsgeschichte, 1884, p. 326, nota *g*).

(2) Poiché in v. 12 puó supplirsi anche «αἰτίου φόνου». E a questo nulla si oppone, giacché le parole αἴτιος φόνου di v. 27 indicano come qui «causa, autore». In quest'ultimo luogo v'é distenzione fra l'uccidere direttamente, di proprio mano, e l'essere causa, in un altro modo qualsiasi, della morte, e ció perché qui si tratta di omicidio voluto e premeditato. Mentre nel § 1.° si ha riguardo al φόνος non premeditato e involontario, e quindi ad un solo caso: all'esser autore dell'omicidio direttamente—e senza specificazione—.

(3) Vedi specialmente Andokid., de myster. 94. Cf. *Dareste,* Recueil, p. 16 sg.

(4) Ed é un significato piú ampio di quello dell'istigazione (cf. *Dareste* , id., p. 17, n. 3).

dello stesso fatto, cioé dell'omicidio non premeditato, due aspetti del medesimo concetto giuridico, vale a dire il φὺνος diretto e la βούλευσις (1). E nulla vi é di astruso e d'impossibile nell'ammettere che esistesse tanto la βούλευσις del φόνος ἐκ προνοίας quanto la βούλευσις del φόνος μὴ ἐκ προνοίας, le quali due forme erano considerate, almeno in diritto, altrettanto gravi quanto il φόνος diretto respettivamente (2); e perció alla βούλευσις speciale al φόνος non premeditato si estendeva il beneficio αἴδεσις (perché nelle parole della legge, v. 16-18 «ἄκοντα κτεῖναι» deve comprendersi anche la βούλευσις relativa).

Inoltre il § 2.° (relativo alla compensazione) si limita, com'é detto espressamente, al solo caso dell'omicidio giudicato ἄκων. Questo omicidio non premeditato non é del resto ben distinto dall'involontario. Piú tardi quando la distinzione sorse, si diede maggiore considerazione a quest'ultima specie di φόνος (3).

Tale beneficio dell' αἴδεσις (§ 3.°) fu esteso agli omicidi antecedenti, e a quelli soli non premeditati, poiché sarebbe stato impossibile e assurdo applicarlo a tutti i φόνος indistintamente.

Finalmente nei §§ 6.° e 7.° é contemplato, é vero, il caso di un omicidio (o per mani proprie del reo o per altro mezzo qualumque) senza dubbio premeditato (§ 4.°). Ma tale caso é intimamente connesso e dipendente da quello dell'omicidio non premeditato, onde rientra in esso.

(Continúa).

FRANCESCO P. GAROFALO,
Professore di storia antica.

---

(1) Cosi come nel § 6.ª si hanno due forme dello stesso fatto, dell'omicidio premeditato (cf. *Dareste,* Recueil, p. 117).

(2) Come si sa per il φόνος premeditato (Andokid., de myster. 94) e come si puó dire anche per l'altro.

(3) Vedi Demosthen. c. Mid., 43-44.

(4) Cf. *Dareste,* Recueil etc., p. 17.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

ESTUDOS SOBRE A MANDIBULA

A mandibula na serie dos mammiferos

1. Abstrahindo dos diversos orgãos que em varios grupos animaes são ordinariamente designados pelo nome de *mandibula,* applicamol-o aqui exclusivamente ao maior e mais forte dos ossos da face dos mammiferos, da qual occupa a região anterior, inferior e lateraes e denominado tambem *mandibular* e *maxillar inferior*.

Póde considerar-se este osso composto de uma parte anterior, média,—o *corpo*—e de dois *ramos,* posteriores e inclinados sobre aquelle.

O corpo é uma barra ossea dobrada sobre si mesma, de modo a tomar approximadamente a fórma symetrica de uma cunha embotada, cuja aresta, situada no plano antero-posterior do cranio é chamada a *symphise do mento*. As duas faces do corpo, externa e interna, são accidentadas pela existencia nellas de saliencias e reinterancias correspondentes a inserções de musculos, a glandulas, ou a canaes destinados á passagem de vasos. No bordo superior ou *arcada alveolar,* encontram-se os dentes inferiores, inseridos em alveolos de fórma e grandeza variavel. O bordo inferior, ou base da mandibula, não apresenta singularidades.

Os ramos continuam posteriormente os dois braços do corpo, sobre os quaes apresentam uma inclinação variavel. São placas approximadamente quadrilateras de fórma mais ou menos visinha do rectangulo. No angulo superior posterior

de cada ramo ha uma dilatação ossea chamada *condylo* mandibular ou apophyse condyliana; no anterior ha uma outra apophyse denominada *coronoide*. E' pelos condylos que a mandibula se articula com o resto da face.

O vertice do angulo formado pelo bordo posterior de cada ramo com o bordo inferior do braço correspondente, tem o nome de *gonion*.

2. A rapida descripção que fica feita comprehende a mandibula de todos os mammiferos.

Grandes são porém as differenças que separam as mandibulas dos differentes grupos, quer consideradas em si isoladamente, quer nas suas relações de posição e grandeza com o resto da face e com o cranio propriamente dicto.

Partindo das raças humanas mais elevadas para as inferiores, d'estas para os anthropoides e continuando a descer na escala, o exame do maxillar inferior vai mostrando variações, das quaes as de maior importancia são as que dizem respeito á posição da symphise do mento e á incidencia das metades do osso uma sobre a outra.

Supponhamos a mandibula assente pela base num plano horizontal. A linha symphisiana, vista de perfil, apresenta no homem das raças superiores uma saliencia caracteristica, vulgarmente chamada a ponta da barba, e descreve uma curva que cahe do seu ponto mais elevado (ponto alveolar) obliquamente para baixo e para deante, avançando sobre a vertical que passa por esse ponto. Nas raças humanas inferiores a saliencia é de cada vez mais reduzida e a região inferior da symphise vai-se retrahindo. Na mandibula de La Naulette (1) a saliencia é já pouco sensivel e a curva cahe obliquamente para baixo e para o lado posterior. Nos anthropoides e no resto da escala a saliencia é completamente nulla e a curva symphisiana foge de cada vez mais rapidamente para traz.

A incidencia das metades da mandibula está, como acima dissemos, sujeita tambem a uma variação notavel. A fórma de cunha que nos animaes inferiores é nitida pela pequenez do angulo dos braços, vai-o sendo de cada vez menos, de

---

(1) E' de prodigiosa antiguidade; remonta ao tempo do mamouth. De todos os restos humanos conhecidos é o que mais se approxima do typo dos anthropoides (Broca).

modo que no alto da escala e especialmente no homem só por uma generalização se approxima ainda a mandibula d'essa fórma.

A espessura do corpo relativamente á sua altura, a disposição e grandeza dos dentes, e outros caracteres de menos importancia soffrem tambem variações contínuas quando se sobe ou desce na escala dos mammiferos.

Considerada relativamente ao resto do cranio (resto da face e cranio propriamente dicto), a mandibula vai diminuindo de importancia dos grupos inferiores para os superiores. As relações do seu peso e dimensões para o peso e dimensões do cranio vão sendo successivamente menores. O seu avanço sobre o cranio anterior, na posição normal, vai-se reduzindo, até ao homem em que esse avanço (prognathismo) é minimo.

3. As transformações da mandibula a que resumidamente nos temos referido, devem considerar-se como consequencias immediatas das variações funccionaes da mandibula nos differentes grupos animaes.

Um animal do fundo da escala emprega-a como instrumento de lucta e de destruição das presas que depois esmaga e tritura no desempenho da sua outra funcção, a da mastigação.

Comprehende-se pois a necessidade de uma mandibula com a symphise recolhida na parte inferior, para que os dentes anteriores fiquem inclinados para deante e portanto em melhores condições para attingir e rasgar a presa. Além d'isso a mandibula deverá ser grande, forte e aguçada quanto possivel, para que constitua uma boa arma.

Subindo na escala vão apparecendo nos differentes grupos novos meios de ataque e de lucta; a mandibula vai sendo de cada vez menos necessaria para esse fim e servindo mais exclusivamente para a trituração dos alimentos até que no homem é essa a unica funcção que desempenha.

Vai por isso perdendo os caracteres guerreiros, que de uteis passam a ser desvantajosos. Os dentes modificam-se, a parte inferior da symphise avança, o angulo dos braços augmenta, as dimensões e peso diminuem, etc., e como compensação outros orgãos de mais valor podem desenvolver-se.

E' claro que estas variações têm limites, visto que a mandibula tem de conservar-se apta para a mastigação, que no homem tem já de ser auxiliada por meios industriosos, como são todos os que se empregam para a preparação dos alimentos.

4. Do que no n.º 2 deixámos dicto ácerca da configuração da mandibula na escala dos mammiferos, resalta claramente a importancia que offerece o seu estudo. Com effeito, quanto maior é a amplitude das variações de um caracter mais elle póde ser aprôveitado pela Anatomia comparada e pela Taxonomia.

No dominio especial da Anthropologia, a importancia d'esse estudo augmenta singularmente.

A mandibula de La Naulette (1) a que já nos referimos, approxima-se mais das dos anthropoides do que da do homem das raças superiores. Por este facto se aprecia a amplitude das variações apresentadas pela mandibula humana. Entre esses dois typos extremos, a transição é gradual e continúa na passagem pelos grupos intermediarios, apresentando-se os caracteres de cada grupo com sufficiente fixidez para que possam aproveitar-se com bom exito.

Um só ramo do maxillar inferior basta para distinguir por exemplo o antigo celta do antigo brachicephalo da Europa Occidental.

Sendo, além d'isso, um osso muito forte e resistente e facil de reconhecer pela sua conformação muito particular, é dos elementos com que mais se póde contar para os estudos paleontologicos. D'ahi a necessidade de o estudar cuidadosamente para que dos exemplares encontrados se possam tirar todas as indicações que elles podem fornecer.

Na Anthropologia criminal tem-se tambem ligado importancia ao estudo do maxillar inferior, considerado em relação ao resto do cranio. Observações feitas em cranios de assassinos parece levarem á conclusão de que a relação entre o peso da mandibula e o do cranio (indice cranio-mandibular), é mais elevado nos assassinos que nos exemplares ordinarios; o mesmo tem logar nas raças inferiores das quaes por este caracter se approximam os assassinos.

As variações com o sexo e com a edade, sendo tambem bastante sensiveis, exigem um estudo minucioso.

Concluindo: Debaixo de muitos pontos de vista, é de grande interesse para a Anthropologia o estudo reflectido e detalhado do maxillar inferior.

Terá a actividade dos investigadores correspondido a esse interesse? Responderemos com o sr. Topinard que não. Bas-

---

(1) Que hoje está provado que é humana, mas que chegou a ser considerada como tendo sido de um anthropoide.

tante se tem conseguido, mas pouco em relação ao que era para desejar e ao que em anthropometria para outros caracteres da face e do cranio propriamente dicto.

5. Como simples exercicio, de que fomos encarregados, fizemos no Gabinete de Anthropologia da Universidade algumas medidas em mandibulas da collecção de cranios portuguezes contemporaneos alli existentes.

Vamos apresentar os valores e resultados a que podemos chegar, precedendo-os das indispensaveis explicações para interpretação dos quadros finaes.

(Continúa). ALEXANDRE ALBERTO DE SOUSA PINTO.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

IDEAL PAGÃO

Quem te vê, seja quem fôr,
fica bebedo de amor!
Cantico dos canticos
(versão de *J. de Deus*).

I

Vae alto o dia já. De ebano sobre o leito,
que cobre egypcio linho, e purpura de Cós,
Cynthia repousa, e ostenta um corpo tão perfeito,
que vel-o, sem possuil-o, é um martyrio atroz!

Não ha marmorea estatua assim tão primorosa!
No templo de Amathonta, aonde foi sagrar
a sua vingindade—a turba louca, anciosa,
a deusa derribou, e pôl-a sobre o altar!

De onyx apparelhae lustrosa taça; enchei-a
de lyrios côr de aurora e rosas de carmim:
tereis perante vós a imagem da sereia,
que dorme, sonha, e exhala aromas de jasmim!

Duas nymphas—primor de bronze de Corintho!
sustêm na sua frente o espelho colossal:
a violeta perfuma o magico recinto,
onde a volupia tem encantos de Nestal!

Parece aquella estancia o templo d'Aphrodite!
De cedro, o tecto apoia em aureos capiteis
de columnata airosa: o fuste é lazulite:
pintaram a parede artisticos pinceis!

Encobre todo o chão, vindo de Bactriana,
riquissimo tapete: é um jardim em flôr!
Da quadra em derredor, coxins de seda indiana
dos olhos vem lembrar sacrificios de amor!

A prata, o ouro e o bronze em marmore encrustados;
estatuas d'alabastro; a turqueza, o rubi;
vasos de Caramina, e persicos brocados;
tudo o que é nobre, e raro, e bello, estava alli!

II

Pela porta entreaberta avançando a cabeça,
Nitocris, serva egypcia, os olhos divagou:
—és tu, Nitocris?
—Sim.
—Pentêa-me depressa,
erguendo meio corpo a deusa lhe tornou.

Desata-lhe o cabello, ungindo-o com pomadas
preciosas, cujo aroma a Arabia produziu;
as tranças torce, e ergueu, de nardo perfumadas;
de rosea fita, emfim, tres vezes as cingiu.

A tunica lhe veste: é de seda de Tyro
e linho de Judêa—dir-se-hia de setim;
depois a estola azul:—e entrega-lhe um papyro
que ella sorrindo lê, e que dizia assim:

1

Já brilha Vesper!. Hora mysteriosa!
Nos marmoreos degraus do teu santuario,
eis-me outra vez; e n'elles deposito
tremulo beijo!

2

Os teus cabellos negros, côr de amora,
quando os deslaças, são um nimbo olympico!
N'esse manto real deixa que eu roce
timidos labios!

3

Os teus olhos radiosos illuminam
mais do que a estrella a Venus consagrada:
a luz dos meus se apague n'elles pondo
trepidos labios!

4

A fresca bocca é urna de perfumes!
Oleos da Syria ou balsamos de Chypre
que são... Quero morrer n'ella pousando
languidos labios!

5

Adeus. Urania foge no horizonte.
Eu voltarei, eu voltarei ainda,
para depôr no marmore que pisas
tremulo beijo!

III

Illumina-lhe o rosto aquelle brilho vivo,
que doura, em mez de maio, esplendido arrebol:
o amor desponta emfim no coração esquivo...
Afoga-se no emtanto em mar purpureo o sol!

Desponta a lua cheia, e alegre, luminosa
de branda côr de opala o camarim tingiu!
Cynthia faz um signal, e a escrava cuidadosa
escuta-lhe o segredo, e rapida sahiu!

N'uma eburnea cadeira apoia os bellos braços:
pela janella aberta alonga o seu olhar,
que vaga na amplidão dos limpidos espaços...
Palpita o mar de Myrto aos beijos do luar!

De manso abre-se a porta, e Clytio lentamente,
extactico, indeciso, e timido avançou,
mais pallido que a lua, que as vagas mais fremente...
Então Cynthia se ergueu, sorriu, e assim fallou:

O' poeta, eu te saudo, e sê aqui bem vindo!
De louros és bem digno, inspirado cantor!
Não sou decerto irmã das musas do teu Pindo,
mas sei o que é belleza, e sei o que é amor!

Amor não é um bem, ó vate, que és um homem:
a posse da mulher não passa de illusão:
as ancias d'esta dôr a vida lhe consomem,
e tudo se desfaz em triste decepção!

Antes fitar de longe um ente bello e caro,
sem mesmo lhe pedir um transitivo olhar:
amor correspondido é falso, ou muito raro;
não sendo partilhado—é vilania amar!

O' pobre sonhador, essa razão altiva
assim escravisaste a sonhos de prazer!
Se em mim existe acaso o bem que te captiva
toma d'amor a taça, e bebe até morrer!

Expulsa finalmente os timidos receios:
eu sou a tua amante... e a tunica arrojou!
E Clytio, quando a viu, beijando-a entre os seios,
—amo-te, respondeu tremendo... e desmaiou!

1897. CORRÊA BARATA.

TRES POETAS PORTUGUEZES DESCONHECIDOS

A bibliographia hespanhola, sobretudo Gallardo, no seu *Ensayo de una Biblioteca,* e Salvá, no seu *Catalogo,* tem explorado, com cuidado e vantagem, as folhas preliminares dos livros, não só descrevendo, mas reproduzindo e extractando o que se acha mais digno de nota nas Licenças, Taxas, Privilegios, Advertencias, Prefacios e Poesias encomiasticas. Se não parecera falta de modestia citar o exemplo proprio, disseramos que nós mesmo das approvações subscriptas por Fr. Bertholameu Ferreira, o primeiro censor dos Lusiadas, constituimos uma monographia que ajuda a caracterisar a vida intellectual portugueza na segunda metade do seculo XVI, a partir de 1571, e que das poesias de auctores portuguezes em livros de escriptores hespanhoes formamos uma curiosa anthologia, que alguns especialistas collocam tambem no grupo dos cancioneiros. Quem colleccionasse as poesias avulsas de auctores portuguezes que se acham disseminadas pelas diversas obras do seculo XVII teria formado um volumoso e instructivo pantheon litterario, embora a prejudical-o, predominasse o tom da monotonia, visto as poesias laudatorias serem quasi todas vasadas no mesmo molde. Já temos colligido alguns materiaes n'este sentido, mas ainda é muito o que nos falta para alcançar a meta desejada.

Duarte Dias é um poeta portuguez dos fins do seculo XVI, cujos trabalhos litterarios são quasi tão ignorados entre nós como a sua vida. Sabe-se que era natural do Porto e que no serviço das armas hespanholas estivera fóra da patria, militando talvez em Italia, cuja lingua manejava com facilidade. Publicou em Madrid, nos annos de 1590 e 1592, um poema em hespanhol e uma collecção de versos, *Obras varias,* em portuguez e castelhano. O poema intitula-se: *Conquista que hizieron los poderosos y Catholicos Reys Don Fernando y Dona Isabel en el Reyno de Granada,* etc. Tanto um como outro livro vêm descriptos com bastante minudencia nas obras de Gallardo e dr. Garcia Peres.

O poema é precedido de poesias laudatorias de fr. Pedro de

Padilla, Pedro Liñan de Riaza, Pedraires Victoria, D. Alonso Fernandez de Meza, el lecenceado Manuel Francisco, Francisco Mendes de Medeiros, el doctor Francisco Diaz, cirujano del Rey nuestro señor Pedro de Medina.

Por esta lista se vê que Duarte Dias tinha bastantes relações no Parnaso e que não eram de todo despreziveis. Todas as poesias são escriptas em hespanhol e por poetas hespanhoes: exceptuam-se, porém tres, de patricios do auctor e em lingua de Camões. Nenhum d'elles tem o seu nome nos registos bibliographicos, nem deixaram, que saibamos, mais producções que estas, que, de certo, não são bastantes para levar um homem á gloria, mas que denunciam que elles não eram inteiramente inexperientes na materia e que cultivariam as musas com affecto mas sem alardo. O soneto do licenceado Manuel Francisco—um nome bem pouco poetico—merece especialisar-se, pois quasi se póde dizer um protesto contra o dominio hespanhol. Pelo menos é uma saudosa recordação da independencia de Portugal.

De nenhum dos tres encontramos até agora menção nos registos officiaes nem nos lembra tão pouco de os vêr figurar, ainda que passageiramente, em qualquer outra obra, o que não quer dizer que um dia não appareçam quando menos os esperemos. Pedraires ou Pedro Ayres de Victoria e Francisco Mendes de Medeiros eram patricios do auctor, portuenses como elle, referindo-se carinhosamente ao berço commum ao patrio Douro. Pedro Ayres de Victoria era mui provavelmente filho ou descendente d'um Henrique Ayres de Victoria, auctor da *Tragedia* da vingança que foy feita sobre a morte del Rey Agamenon, impressa em Lisboa por Germão Galharde aos 6 dias de novembro de 1555 e que vem descripta a pag. 179 e seguintes do 3.º volume do *Diccionario Bibliographico*.

A particularidade de um e outro terem os mesmos appellidos, sendo ambos do Porto, tornam sobremodo plausivel a nossa conjectura, sendo assim de crêr que a biographia de um se esclareça e se amplifique pela biographia do seu homonymo. Damos em seguida as producções dos tres sonetistas portuguezes.

PEDRAIRES VICTORIA

SONETO

Da natureza as obras taõ fermosas
ningẽ cõ tal espanto as celebrara
se a luz do Sol, a todos naõ mostrara
as suas perfeiçoẽns marauilhosas

As obras mais illustres e famosas
do tempo emfim o curso as acabara
se algũ alto ingenho naõ cantara
em rico verso, e Rimas sonorosas

De espanhoẽs o valor, e vnica gloria
com noua luz do voso raro estilo,
com voz que o claro tempo esta vencẽdo

Cantando esternizaẽs (sic), o q̃ memoria
era delles por vos resplandesendo
do nosso Douro, te o remoto Nilo.

FRANCISCO MENDEZ DE MEDEIROS

SONETO

Canten do nosso Douro celebrado
as Nimphas de Duarte mil louuores
e façaõlhe de rosas, e de flores
capelas dignas ao mais alto estado

Ofrecaãlhe as Camenas polo prado
em vasos de riquissimos lauores
da fonte de Aganipe seus licores
honra deuida a versos leuantados

A fama o nome seu eternizado
do Gangetico rio ao mar de Atlante
chame felices agoas as do Douro

E seu estilo graue, doce, e brando
(que faz que hum baixo peito se leuante)
lhe alcance para sempre fama e Louro.

DO LICENCIADO MANOEL FRANCISCO

SONETO

Cantas Duarte em verso peregrino
dando braueza a Marte, e lume a Apolo
como domou Castela o duro colo
do bellicoso Mouro Granidino

Bem mostra o teu estilo alto e diuino
que vences em riqueza ao Pactolo

pois a fama, que vai de polo a polo
mais valor tem que perlas, e ouro fino

Por ti se nos restaura o nome, e gloria
do braço Lusitano engrandescido,
com noua luz, a todo Portugal

Que de Hespanha alcançou delle victoria
tomando o que era seu, tu a tems vencido
ganhandolhe por arte ho natural.

Transcrevemos estes tres sonetos d'um exemplar do poema de Duarte Dias que appareceu á venda no leilão da livraria Merello.

SOUSA VITERBO.

BIBLIOGRAPHIA

Assistencia judiciaria — Serviços medico-legaes — Alienados criminosos — Notariado — Annotações aos diplomas que criaram estes serviços por ANTONIO FERREIRA AUGUSTO. Porto, 1900. 1 vol. in-8.º gr. de XII–591 paginas.

E' este o titulo de um novo e valioso trabalho do illustre magistrado superior do ministerio publico, o sr. dr. Ferreira Augusto. Os serviços estudados e annotados pelo distincto jurisconsulto foram criados ou remodelados em 1899 e 1900; são de data muito recente; alguns começam apenas a executar-se; e entretanto a energia no trabalho e a competencia superior sobre assumptos da sua especialidade profissional moveram o sr. dr. Ferreira Augusto a investir com uma empreza que a muitos outros se afiguraria insuperavel por se tratar de serviços de novo organisados, pouco ou nada conhecidos alguns, e todos imperfeitamente estudados na technica da sua applicação. O arrojo pôde ser commettido sem temeridade por um espirito educado na leitura dos melhores e mais recentes livros, e na pratica de serviços congeneres como chefe da magistratura do ministerio publico do norte do paiz. Trabalhador infatigavel, o sr. Ferreira Augusto não descansou um só instante, e enriqueceu a litteratura juridica com um livro cheio de ensinamentos uteis, que parece que só poderia ser escripto e publicado alguns annos depois de postos em execução os serviços que estudou.

O talentoso ministro da justiça sr. conselheiro José Maria de Alpoim, cujo poder de iniciativa é inegualavel, e que fez as mais rasgadas e proveitosas reformas em muitos serviços do seu ministerio, encontrou no sr. dr. Ferreira Augusto um grande e poderoso auxiliar na explicação das suas providencias governativas e na facilitação dos processos para a sua execução.

Deve alegrar-lhe a alma, premida sob a ingratidão dos que elle tão larga e generosamente beneficiou, o exemplo d'este singular funccionario, cheio de affectuosa dedicação pelo serviço publico, a quem sobeja o tempo das suas obrigações officiaes, pontualmente satisfeitas, para estudar no seu gabinete as altas questões em que assentam as ultimas reformas, e instruir os que lidam no fôro com os conhecimentos indispensaveis para a sua melhor adaptação pratica.

O livro do sr. dr. Ferreira Augusto occupa-se com effeito das mais importantes reformas introduzidas pelo distincto estadista nos serviços judiciarios. A epigraphe d'esta noticia bibliographica indica-as pela ordem por que são tratadas.

Em primeiro logar a lei de 21 de julho de 1899 sobre *assistencia judiciaria,* e o seu regulamento de 1 de agosto do mesmo anno, occupam a attenção do sr. Ferreira Augusto. Este novo instituto juridico é estudado nas suas origens, e a discussão parlamentar da proposta ministerial é aproveitada em todas as suas minudencias para a justa interpretação dos textos.

Segue-se a exposição da lei de 17 de agosto de 1899 sobre *serviços medico-legaes* e creação das *morgues,* cujo regulamento de 16 de novembro é tambem incluido n'este livro.

Estes diplomas contêm uma das mais importantes reformas judiciarias do paiz, cuja implantação era ha muito reclamada.

N'esta parte do livro e na seguinte, que trata dos *alienados delinquentes,* é onde a competencia excepcional e o estudo profundo da materia são affirmados de um modo inexcedivel pelo illustre funccionario superior do ministerio publico. Todas as questões que a este proposito se debatem nos tribunaes do paiz e estrangeiros são tratadas com grande proficiencia e desinvolvimento, dando-se copiosa noticia dos casos e das doutrinas, e esclarecendo-se todos os pontos com valiosas observações baseadas no judicioso criterio de quem tem exacto conhecimento d'estes serviços. E' esta a parte do livro que a magistratura e a advocacia vão ler com mais sofreguidão e apreciar no seu extraordinario e justo valor. O estudo é completo, e a exposição feita despretenciosamente, mas com a consciencia de quem sabe. Os que lerem encontram aqui, ao lado do preceito legal, a sua racional interpretação, ao lado da doutrina dos mestres a sua critica desapaixonada e segura, e ao lado da descripção dos factos o conselho e a lição que devem sem hesitação adoptar-se. Utilissima esta magnifica exposição, pode considerar-se perfeita no estado actual da sciencia medico-legal.

Para darmos uma ideia, embora superficial, da importancia dos assumptos tratados n'esta parte do livro, diremos que são desinvolvidamente expostas — as prevenções que devem tomar-se nos exames cadavericos; as condições que devem ter-se em vista para o reconhecimento da identidade da victima; os elementos mais importantes nos corpos de delicto em crimes de homicidio; como deve proceder-se nas autopsias; as especialidades relativas aos crimes de envenenamento, morte por asphyxia, estrangulação, suffocação, submersão, e enforcamento; as precauções que devem tomar-se na formação dos corpos de delicto por attentados ao pudor, estupro e violação, acompanhados ou não de infeccionamento venereo ou syphilitico; o infanticidio; o *alibi* em direito criminal; qual é a edade em que a mulher perde a faculdade de procrear; as cautelas que devem observar-se quando o hypnotismo fôr allegado nos tribunaes; a interdicção por demencia, e os exames medicos n'estes processos; os asylos para alienados criminosos; alguns casos vulgares de alienação mental criminosa, que podem apparecer perante os tribunaes, como o exhibicionismo, o delirio da chicana, a kleptomania, etc., etc.

Estamos longe de fazer uma indicação completa, mas sirva esta simples enumeração para mostrar a importancia, a originalidade e a delicadeza das questões e intrincados problemas que são estudados no precioso livro que temos diante de nós.

Depois d'estes assumptos apparece como fecho, para seguir a ordem chronologica dos diplomas, o decreto de 23 de dezembro de 1899 sobre *notariado*.

O estudo e exposição d'este serviço, cuja reforma será sempre uma das maiores glorias do sr. conselheiro Alpoim, têm muito valor mesmo depois das modificações que lhe foram introduzidas pelo ultimo decreto de 14 de setembro d'este anno. As bases fundamentaes em que assentou a reforma de 1899 foram conservadas, e pode dizer-se, sem offensa para ninguem, que as alterações feitas não affectam a substancia d'este serviço, e apenas o modificam em pontos de secundaria importancia.

O livro do sr. Ferreira Augusto, publicado antes do apparecimento do decreto de setembro, não podia comprehendel-o, mas esta omissão não chega a ser um defeito, porque as linhas geraes da reforma acham-se no decreto de 1899. Defeito grave é o espirito demolidor dos nossos governos: imprimindo ás instituições juridicas do paiz a instabilidade, que resulta de tanta reforma inutil, dentro de pouco tempo será impossivel

acompanhar opportunamente e de perto as transformações por que estão incessantemente passando. E o mal é maior do que muitos poderão imaginar.

O livro que apresentamos é pois uma das melhores e mais uteis publicações que, em materia juridica, têm apparecido nos ultimos tempos. O sr. Ferreira Augusto fez um bom serviço á jurisprudencia, e honrou distinctamente o elevado cargo que lhe foi confiado.

Assis Teixeira.

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.*—Cont. do n.º 10, pag. 640)

DE *vna* : : : PADRE CLAUDIO AQUA VIUA DE : : : DE 88 PERA EL P.º *Joam Correa* PROVINCIAL

Concedese s*ep* : : : iglesia al Abbad de bastus : : : participacion delos sufrag : : : desta provincia.

DE VNA DE : : : VIUA DE 18 DE ABRIL DE 88 PERA : : : JOAM CORREA *pro*VINCIAL

Conuiene q̃ V. R. auise a los superiores por la provincia q̃ no rompan en cosas de poco momento con los prelados, cabildos y otras personas de qualidad.

DE VNA DE ñRO Pe CLA. AQ.ª VI. PARA EL Pe JOAN CORREA PROV.al DE 8 DE AGOSTO

Perg.ta v. r. sy para guardar las reg.as 5 y 19 del procurador del Collegº bastara que vna de las llaues assy del arca donde estan los dineros como del Archiuio la tenga de ordinario el vice Rtor o ministro per cõmission del R.tor; se responde q̃ las regas se entiendẽ q̃ el Rtor tenga las tales claues y assy se deue vsar en los Collegos pequenos; pero en los grandes con autoridad del prov.al bastará tenerlas el vice-Rtor o Ministro.

Ala otra duda sy para guardar la reg.ª 66. del provin.al bastara q̃ los que hazen los votos acabados los dos años en el dia en q̃ los demas los renueuan los hagan en la misma missa pero primero q̃ los otros renueuen los suios, y vn poco apartados dellos; o es necess.º hazerlos en alguna otra missa. Alo q̃ se responde q̃ los deuen hazer en otra missa en la qual no se renueuen los votos.

An sy mismo la reg.ª 14 del portero se se entiende q̃ las llaues se lleuen al præposito o R.tor assy conuiene q̃ se haga

pero sy vuiesse alguna causa como del R.tor ser mal dispuesto y q̃ esso le hiziesse daño ala salud con cõmission del prov.al se poderan dar al vice Rtor o Ministro.

RESPONSA AD PROPOSITA A : : : PROU.æ LUSITANIÆ ANNO DOMINI 1589 : : :

1. Quoniam per Cruciatam suspensæ : : : omnes aliæ indulgentiæ & eius comissarius : : : acceperat, ipsas etiam indulg.as Mendicantiũ : : : petendũ a R. P. N. Generali (siquidem nostri inha : : : Cruciata) ut prouideãt de modo quo indulgentiarum : : :

R. Videbimus quid possit fieri.

2. Petitur a R. P. Generali ut colligi & examinari iubeat diuersos rerum spiritualium tractatus, meditationes & alios huiusmodi ueluti cõmentarios manuscriptos, qui in hac & alijs prouincijs inter nostros circũferuntur, quod uehementer timeat Cong.o ne sensim in Societatem inducatur alia orandi ratio a nostris spiritualibus exercitijs aliena. Illud etiam tota Cong.o a R. P. Gen. flagitandum censuit ut liber exercitiorum, quem nobis sanctæ memoriæ P. Ignatius composuit, purus ab omnibus annotationibus & additionibus conseruetur.

R. Laudamus studium Congregationis ut in re quam non leuis momenti iudicamus, quare cõmendamus P. Prouinciali ut diligenter uideat quænam meditationes circũferantur, & eas examinet, an sint instituto societatis accõmodatæ. In primis autem curet librum exercitiorum nostrorum conseruari purum ut adhuc est.

3. Quanuis Congregatio quæ in hac prouincia celebrata est anno 1584 a R. P. N. Generali obnixe petierit ut constitutio 4. p. cap. 10. n. 3. obseruetur quæ decernit, ut Collegijs coadiutores spirituales præficiantur quo. s. melius ij qui professi sunt suo muneri uacare possint, utque remedium aliquod S. P.tas adhiberet ne hic coadiutorum spiritualium gradus sũmopere Societati necessarius paulatim deficeret, cum perpauquos coadiutores spirituales habeamus ijs dotibus præditos, quas constitutiones nostræ desiderant, uiros nimirum non probatæ uirtutis modo, sed doctos etiam & in literis eruditos; uisum tamen est, : : : hoc idem a S. R. P.te sũmo animi affectu petendum esse.

R. Placet in hoc quoque congregationis zelus pro conseruando hoc gradu in Societate qui constitutionibus nostris adeo

consentaneus est, quare eo magis curæ esse debet P. Prouinciali, ut nobis tales ad hunc statum p*ro*ponat, qui possint deinde præesse Collegijs.

4. Visũ est ualde ::: a R. P. N. Gener. postulandũ, cũ *primu*m nobis reddun*tu*r literæ nostror*um* ex ::: ex ipsis res aliquas memorabiles, & quædam quasi fragmenta ::: rimi ad nostram alior*um*que ædificationem & consolationem, quod hic fi ::: notitiam personaru*m*, et alior*um* quæ ad hui*us*modi res ::: scandalo colligendas requiruntur. Aliter enim satis ::: et externor*um*, præcipueq*ue* multor*um* nobiliũ ac Regis minist ::: societate meriti, idque a nobis iure optimo requirunt, ægreq*ue* ::: rer*um* quæ a n*ost*ris geruntur in illis p*ro*uincijs, quas uel ::: audiũt, uel nimis sero; multum enim temporis elabi necesse est dum eiusmo*di* l*ite*ræ e Lusitania Romam mittun*tur*, & inde in Hispaniam transmissæ, typisq*ue* mandatæ ad nos perferuntur.

R. Concedimus ut fiat. Sed quia incõueniens esset, si eiusmo*di* res pri*us* ad Sũmũ Pont. deferrentur per externos quam per n*ost*ros, postquam huc miserint l*ite*ras, expectet*ur* aliquod temp*us* antequam istic euulgentur, v. g. quadraginta dies, aut aliq*uo*d ampli*us*. Præterea curet P. Prouincialis ut ita fideliter desumantur quæ edẽda sunt, ut nulla deinde in illis, et ijs quæ hic in urbe edentur uideri possit dissonantia.

5. Visum est item expedire ac petendũ a R. P. Gen. ut instituatur in aliquo collegio huius p*ro*uinciæ typographica officina ad imprimendas literas annuas Romanas Lusitane uersas ad ædificationem nostror*um* qui latine nesciũt, & ea indicar*um* literar*um* fragmenta de quib*us* modo dictum est, concl*usion*es item nostror*um* philosophicas ac theologicas, resq*ue* alias domesticas quas non expedit foris excudi.

R. Permittimus, P. Prouinciali modo quæ imprimenda erunt ostendantur prius illis ad quos id spectat. Quanquam in hoc considerandum iudicamus, quod in thesibus excudendis, nulla ratio est cur non possint foris excudi: idemq*ue* de l*ite*ris indicis, quando hæ quoq*ue* mox publicandæ sunt; p*ro* annuis uero solis non uidetur operæ pretiũ.

(Continúa).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

SCIENCIAS MORAES E SOCIAES

DIFFERENÇAS PHONETICAS DAS LINGUAS E DIFFERENÇAS ANATOMICAS DOS ORGÃOS DA FALLA

(Cont. do n.º 11, pag. 658)

VIII

Podem classificar-se os casos diversos de deformação dos orgãos periphericos da falla, de que fizemos menção sem duvida muito incompleta, em duas categorias, pelo que respeita á sua importancia emquanto ao effeito:

1) aquelles em que a funcção da palavra é perturbada mais ou menos consideravelmente, ainda que os individuos se façam entender;

2) aquelles em que essa funcção, em virtude de adaptações especiaes, produz effeito que não diverge ou diverge muito pouco, acusticamente, do alcançado pelos individuos normaes da mesma communidade.

Póde dizer-se, todavia, de modo geral, que, nos casos de vicio de conformação dos orgãos alludidos, se realisam as possiveis adaptações para que os phonemas se aproximem dos dos individuos normaes. Resulta isso: *a*) da tendencia para a conformação aos habitos geraes de linguagem da communidade (tendencia que não exclue nunca differenças individuaes ineliminaveis e é apenas um aspecto do processo complexo da *adaptação social*); *b*) das funcções vicariantes de partes do organismo.

a) Não inseriremos aqui um excurso sobre a *adaptação social,* nem sequer sobre o seu aspecto particular pelo que respeita a acquisição da linguagem. Nos linguistas, nos sociologos, nos psychologos ha sobre o assumpto, já nesse ponto de vista particular, já no geral, valiosas indicações, comquanto

não completas e nem sempre concordes. Para G. Tarde, como é sabido, o processo da adaptação social consiste essencialmente na *suggestão-imitação;* E. Durkheim exprime pela palavra *coerção* (*coercition, contrainte*) o conceito daquella adaptação.

Baldwin nota que os modos de ver de Tarde e de Durkheim divergem pouco no intimo, porque a *coerção* do segundo, pela sua natureza moral, é analoga ao que o primeiro chama *imitação* ou *suggestão-imitação.* O psychologo norte-americano vê no processo do desenvolvimento mental, que é ao mesmo tempo o da adaptação social, invenção e imitação; para elle a materia da organisação social é o pensamento, que tem por attributo essencial ser commum (*publicity*), e nasce da sua attribuição no espirito a um eu commum, e o methodo ou typo do funccionamento social é a imitação. Na base do processo da socialisação está o caracter social da alma humana, revelado pelo estudo genetico dos sentimentos. Tarde e Durkheim consideram o processo, por assim dizer, pelo lado exterior. Para outros investigadores a essencia da organisação social está na cooperação, ou como diz Th. Ribot, na solidariedade e reciprococidade de serviços, determinados pelas condições da existencia humana e variaveis como ellas. E deixaremos de lado outras muitas concepções do grande phenomeno (1).

E' innegavel que o processo da acquisição da linguagem se realisa principalmente pela imitação. A creança começa

---

(1) Vid. as diversas publicações de G. Tarde, especialmente *Les lois de l'imitation* (Paris, 1890; não temos presente a 2.ª ed.) e *Les lois sociales* (Paris, 1898); de E. Durkheim sobretudo *Les règles de la méthode sociologique* (Paris, 1895); James Mark Baldwin, *Social and Ethical Interpretations in mental Development* (New-York, 1897). Durkheim, *Le Suicide* (Paris, 1897), liv. I, cap. IV; restringe o papel social da imitação e busca distinguí-la doutros factos com que tem sido confundida, taes como a tendencia dos membros dum grupo para pensarem do mesmo modo e a necessidade que impelle um individuo a pôr-se em harmonia com a sociedade de que faz parte. Ambos esses factores têem importancia na linguagem; o segundo é um determinante energico da *imitação*, que nos apparece aqui, portanto, como um meio e não como causa. Baldwin fez um estudo profundo da imitação, que sem duvida não está ao abrigo de objecções, em *Le développement mental chez l'enfant et dans la race,* trad. de M. Nourry (Paris, 1897), chap. IX-XII. Entre os auctores recentes que se occupam dos factores da adaptação social, vid. ainda Th. Ribot, *La psychologie des sentiments* (Paris, 1896), 2.ª partie, chap. VIII; Harald Höffding, *Esquisse d'une psychologie fondée sur l'expérience,* trad. de L. Poitevin (Paris, 1900), VI, C.

em verdade por produzir sons espontaneos, que são analogos aos que mais tarde empregará na linguagem; mas esses sons, que chegam a formar syllabas repetidas como *mámá, pápá, bábá, dádá,* não são realmente palavras, não têem sentido: devemos ver nelles apenas meios de expressão de estados moderados de sentimento de prazer, tensão e excitação, como observa W. Wundt. Este eminente psychologo, contra as affirmações anteriores de varios investigadores, taes como H. Taine, H. Steinthal, G. J. Romanes, J. Sully, nega toda originalidade ás creanças na formação das palavras, depois duma analyse segura dos factos reunidos por elle e aquelles outros observadores: «Segundo todas essas observações, diz elle, as fórmas de palavras das creanças têem a sua origem pela maior parte, provavelmente até sem excepção, não nas proprias creanças, mas nas pessoas que as rodeiam e lh'as communicam» (1). Todavia, pelos exercicios espontaneos de que fallámos, a creança foi-se, por assim dizer, preparando para a imitação, até ao momento em que começa a reproduzir a linguagem dos que o cercam (e não a crear uma sua), guiada pela percepção acustica dos sons e pela percepção optica dos movimentos que os produzem. Wundt põe em relevo a importancia dessa segunda percepção, lembrando que as creanças cegas de nascença fallam mais tarde que as videntes; mas nota tambem um outro momento importante na questão: os defeitos da vista obstam á associação entre a palavra, o gesto e o objecto (2). Um outro observador pretende que na imitação dos sons a creança se guia exclusivamente pelo effeito acustico, alcançando muitas vezes a pronuncia de sons semelhantes ou eguaes aos dos adultos de modo bastante diverso daquelle por que

---

(1) W. Wundt, *Völkerpsychologie. Eine Untersuchung der Entwickelungsgesetze von Sprache, Mythus und Sitte.* Erster Band., *Die Sprache.* Erster Theil (Leipzig, 1900), pagg. 267-287. (Esta obra muito importante chegou-nos ás mãos depois de ter começado a imprimir-se este nosso estudo). Cf. H. Taine, *De l'intelligence* (7.º éd., Paris, 1895), I, 45-51, 357-83; H. Steinthal, *Einleitung in die Psychologie und Sprachwissenschaft* (Berlin, 1871), pagg. 138-44; W. D. Whitney, *La vie du langage* (Paris, 1875: *Bibl. scient. intern.*), pagg. 6-25; Bernard Perez, *Les trois premiers années de l'enfant* (Paris, 1878), cap. XV (ha outras edições posteriores); W. Preyer, *Die Seele des Kindes* (Leipzig, 1882), pagg. 259-359 (ha mais tres edições, pelo menos, e traducção francesa); G. J. Romanes, *Mental Evolution in Man* (London, 1888), pagg. 121-122, 134-44; H. Ploss, *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker,* 2.º Auflage (Berlin, 1882), II, 275-85; G. Compayré, *L'évolution intellectuelle et morale de l'enfant* (2.º éd., Paris, 1896), pagg. 218-254; J. Sully, *Studies of Childhood* (London, 1896), pagg. 133-90.

(2) W. Wundt, *obr. cit.,* pag. 299.

os ultimos os produzem (1). Póde haver aqui um resultado de habitos adquiridos na primeira producção espontanea de sons; em todo caso a influencia da percepção acustica é naturalmente muito superior á da percepção dos movimentos dos orgãos dos que lhe fallam, na acquisição da linguagem pela creança. Nos casos de vicios congenitos nos orgãos da phonação, a liberdade articulatoria, se assim podemos dizer, de que a creança goza, póde levar a adaptações taes que o mesmo effeito acustico se produza de modo muito diverso do que succede nos orgãos dos adultos e ainda das creanças normaes.

b) A litteratura medica offerece numerosos exemplos das funcções vicariantes de partes do organismo, a que acima nos referimos. Lembraremos sómente o que respeita ás funcções centraes. Entre as leis que dominam estas, enuncia Wundt as seguintes: *a*) *o principio da indifferença da funcção:* nenhum elemento realisa actos especificos, mas a fórma da sua funcção depende das uniões e relações desse elemento; *b*) *o principio da funcção vicariante:* desde o momento em que se acham em combinações ou uniões apropriadas, os elementos podem substituir aquelles cuja funcção está detida ou supprimida (2). Ha naturalmente limites mais ou menos estreitos á vicariedade das funcções, segundo os orgãos, e entre estes (escusado quasi seria dizê-lo) ha-os insubstituiveis. Sem duvida a plasticidade dos elementos nervosos centraes condiciona muito a vicariação dos orgãos periphericos.

Voltando ás duas categorias em que dividimos as anomalias dos orgãos da phonação, lembraremos que em casos da primeira póde conseguir-se por algum meio artificial que o effeito acustico da falla se aproxime do normal ou até se confunda com este; por exemplo, no caso duma operação, de prothese do paladar ou dentaria, de larynge artificial.

As duas categorias foram estabelecidas com relação ao effeito, não relativamente á causa; porque dados defeitos de conformação congenitos ou adquiridos, tão semelhantes quanto

---

(1) L. Treitel, *Ueber Sprachstörung und Sprachentwickelung hauptsächlich auf Grund von Sprachuntersuchungen in den Berliner Kindergärten* (Berlin, 1892), citado por E. Koschwitz, *obr. cit.*, 1 (1891-94), pag. 40.

(2) W. Wundt, *Psychologie physiologique*, trad. fr. de Rouvier, 1, 252. Sentimos não ter á mão a 4.ª ed. do original.

possivel, em diversos individuos, os resultados podem ser muito diversos, como vimos. Nas observações de Kingsley (pagg. 644 e 646) nota-se isso com relação ao paladar e aos dentes; nos casos de falta de lingua, ora os individuos chegam a fallar com notavel perfeição (caso de A. de Jussieu), emquanto ao effeito acustico, ainda que com esforço anormal; ora com alguma perturbação nesse effeito (caso de Huxley); ora carecem de recorrer a meio artificial para produzir a palavra (caso de Paré).

Como na falla, nos casos de orgãos periphericos normaes, ha nas condições anomalas differenças resultantes da maior ou menor capacidade de attenção espontanea e voluntaria, da direcção da educação dos individuos, etc. Assim o elemento individual tem aqui grande importancia.

Uma questão mais geral resalta dos factos apresentados para o problema que temos em vista: se, havendo notaveis vicios de conformação, alguns de caracter tão extremo como a falta de lingua, nos orgãos de phonação de individuos duma communidade ethnica, não obstando nelles á pronuncia senão normal, pelo menos satisfactoria do respectivo dialecto, não será maior a differença, relativa áquelles orgãos, entre esses individuos e os normaes da mesma communidade que a que existe entre os ultimos e os normaes representantes doutros typos humanos, de modo que estes mais facilmente que os referidos anormaes poderiam fallar o dialecto daquella communidade?

E'-se naturalmente inclinado a considerar uma anomalia muito consideravel como podendo produzir entre individuos duma communidade ethnica maior differenciação (limitamos sempre as nossas considerações aos orgãos da phonação) do que as existentes entre individuos normaes de diversas communidades daquella mesma natureza. Não póde todavia enunciar-se aqui uma proposição geral. Em regra as anomalias limitam-se a uma parte do apparelho de phonação; parece que não póde pois affirmar-se sem exame, se uma anomalia, ainda que bastante consideravel, terá mais importancia que uma somma de differenças nas diversas partes do mesmo apparelho, ainda que relativamente pouco consideraveis cada uma por si.

E' bem conhecido o principio da correlação das fórmas nos entes organisados, de Cuvier «por meio do qual cada ente poderia, em rigor, ser reconhecido por cada fragmento de cada uma das suas partes. Todo ente organisado, continúa o celebre naturalista, fórma um conjuncto, um systema unico e fechado, cujas partes se correspondem mutuamente e concorrem á

mesma acção definitiva por uma reacção reciproca. Nenhuma dessas partes póde mudar sem que as outras mudem tambem e por consequencia cada uma dellas considerada separadamente indica e dá todas as outras.» Applicado aos orgãos de phonação, esse principio far-nos-hia pensar que houvesse sempre, nos casos normaes, em cada variedade racial uma harmonia perfeita nas diversas partes desses orgãos; parece pois que uma anomalia, que incide sobre uma dessas partes, num determinado individuo, vem perturbar tal relação harmonica e que as condições que d'ahi resultam não podem comparar-se com rigor ás que se dão em apparelhos de phonação normalmente constituidos e que formam portanto systemas harmonicos. Esta objecção a uma resposta affirmativa á pergunta que acima enunciamos tem, todavia, menos peso do que ao primeiro aspecto se figura. Vejamos.

O principio de Cuvier está longe de ter uma applicação incondicionada em anthropologia, quer em resultado dos cruzamentos dos diversos typos raciaes, quer por outras causas. Já citámos uma observação de Topinard ácerca da desharmonia entre o cumprimento ou a largura da abobada palatina e o cumprimento ou largura do craneo (pag. 584). Os anthropologos classificam de *desharmonicos* certos typos craneanos. R. Collignon, num artigo em que nota, por exemplo, desaccordo entre o indice cephalico, o nasal e a côr dos cabellos em grupos de população francesa, escreveu: «Um caracter muito frequentemente encontrado póde, apesar da sua abundancia, ser ás vezes simplesmente adventicio ou superveniente e provar apenas um cruzamento anterior.

«Infelizmente as leis de hereditariedade que presidem á transmissão das conformações dos orgãos, das proporções do corpo, da côr, etc., são ainda muito imperfeitamente conhecidas por nós, e, em a nossa presente ignorancia, devemos repetir com o nosso amigo o sr. O. Ammon, que nas suas pacientes investigações nos recrutas de Baden chegou a conclusões numericas perfeitamente semelhantes ás nossas, que, na lucta entre hereditariedades contrarias, os caracteres anthropologicos se transmittem «cada um por si», em virtude de leis que por emquanto nos escapam» (1).

Não ha pois razão de pensar numa verdadeira harmonia dos differentes elementos dos orgãos da phonação em popu-

---

(1) R. Collignon, *Considérations générales sur l'association respective des caractères anthropologiques* em *L'Anthropologie*, III (1892), 43-54.

lações tão mixtas como são as europeas, ainda que devamos admittir uma harmonia funccional (1); doutro lado temos toda a razão de pensar que nos casos anomalos a que nos referimos tende-se a restabelecer uma harmonia nova, *sui-generis,* em virtude das funcções substituitivas que surgem nos orgãos em que se dá a anomalia. E assim a comparação que acima estabelecemos não deve rejeitar-se. Todavia não é realmente uma resposta affirmativa á pergunta que acima fizemos o que resulta immediatamente da consideração das anomalias referidas, mas sim uma prova da *consideravel variação possivel dos meios articulatorios para produzir os mesmos ou muito proximos effeitos acusticos.*

Outros factos podem ser invocados para confirmar esse principio.

A experiencia e a observação mostram que na pronuncia dum mesmo individuo ha numerosas oscillações, variantes nas articulações, sem que o effeito acustico as accuse, pelo menos ao ouvido não exercido.

«O abbade Rousselot estudou experimentalmente, por meio de apparelhos registadores e inscriptores, os sons da palavra e os movimentos complexos da lingua, do veu, da larynge, do thorax, etc., que os formam; como Rosapelly já em verdade tinha feito. Esse observador verifica as variações innumeras, individuaes e quotodianas nos sons das palavras pronunciadas, segundo o accento, a emoção, o logar da palavra na phrase, segundo que elle é pronunciado separadamente; os cambiantes observados são infinitos para um mesmo phonema, uma mesma syllaba, etc.; assim como mostram tão bem as experiencias phonographicas. Essas investigações continuam e têem o maior interesse pelo que respeita aos estudos glottologicos, da formação dos fallares locaes, da formação das palavras, das linguas e das suas modificações phonicas» (2).

Wundt (3) nota tambem que um mesmo som póde variar em diversos individuos dentro de certos limites sem que seja considerado como falso pelo que falla ou pelo que ouve, devendo distinguir-se dessa categoria de variantes as modificações phoneticas que dependem de condições objectivas, especialmente das differentes ligações dos phonemas. O mesmo auctor distingue as variações que se dão para um mesmo som na falla

---

(1) Vid. acima pagg. 520–22.
(2) M. E. Gellé, *obr. cit.*, pag. 96.
(3) W. Wundt, *obr. cit.*, 1, 365–6.

dum mesmo individuo das variações que se produzem na falla dos diversos individuos relativamente á pronuncia media da communidade a que pertencem. Ha, tanto num como noutro caso, quatro momentos a considerar: a variação espacial do logar de articulação, a temporal da duração do som, a intensiva da força do som e a qualitativa da sua elevação. No dominio doutros actos nossos revelam-se variações comparaveis ás da pronuncia individual, por exemplo na grandeza, successão e direcção dos movimentos da marcha. O phenomeno depende duma lei geral relativa aos estados de consciencia que W. James enuncia da seguinte fórma: «Nenhum estado, uma vez passado, póde voltar e ser identico ao que era antes» (1). Wundt diz que não se dá em geral reproducção das representações (mentaes) em sentido proprio, tanto quanto se entende por isso a renovação inalterada duma representação anterior; que, ao contrario, a representação que, num acto de memoria, volta de novo á consciencia é sempre diversa da anterior a que se refere e que seus elementos se repartem em regra por differentes representações anteriores (2). Baldwin, enunciando o principio mencionado de W. James, accrescenta que a renovação do mesmo estado de consciencia seria evidentemente impossivel, mas que o facto correlativo não parece tão geralmente conhecido. «Se não experimentamos nunca duas vezes a mesma coisa, podemos dizer que nunca praticamos duas vezes o mesmo acto. Como o novo estado de consciencia, corresponde a um antigo estado c mais um x qualquer, deve necessariamente produzir um novo x d'acção que ha de accrescentar-se á antiga acção a. Se todo estado de consciencia se exprime por $c+x$ e produz uma reacção $a+x$, nenhuma acção poderá pois reproduzir exactamente uma reacção anterior, o que não obsta, em verdade á sua fixação relativa pelo habito e a hereditariedade» (3). A variação das representações mentaes auditivas e motrizes dos elementos da falla produzem por isso variações na pronuncia. Como consideramos identicos estados de consciencia que aliás divergem em virtude da lei enunciada, escapam-nos differenciações minimas que se dão na pronuncia dos que ouvimos ou em a nossa propria. Quando os desvios do que póde cha-

(1) William James, *The Principles of Psychology* (London, 1891), I, 229-237, 480.

(2) W. Wundt, *Grundriss der Psychologie*[1] (Leipzig, 1896), pagg. 264-5.

(3) J. M. Baldwin, *Le développement mental*, pag. 203.

mar-se a articulação media não excedem os limites além dos quaes os effeitos acusticos deixam de ser percebidos como eguaes, pelo menos ao ouvido vulgar, mantem-se a unidade relativa, unica possivel, da lingua ou dialecto (no ponto de vista phonetico).

Uma serie de experiencias, extremamente faceis de repetir, mostra-nos como phonemas muito semelhantes ou perfeitamente eguaes podem ser produzidos com os orgãos do mesmo individuo nas condições usuaes, dum lado, ou artificialmente modificadas, doutro.

Bell tinha já feito a seguinte observação: «Abrindo a boca o mais possivel, retrahindo os labios de modo que se descubram os dentes, e emittindo depois a voz, produz-se o som *ah!* Continuando a emittir essa vogal, ao mesmo tempo que se fecha a boca com a mão esquerda, pondo os dedos na face direita e a palma na abertura, a cada grau de diminuição desta abertura, a qualidade do som muda e torna-se successivamente *ó, oh, u,* ao passo que a mão cobre a boca» (1).

Ignoramos se as seguintes experiencias foram já feitas por outrem:

a) Pondo os dedos nas commissuras dos labios, levemente abertos, e firmando-os contra os dentes, podem pronunciar-se muito distinctamente quaesquer vogaes (a, e, i, o, u, *ü* e *ö* do francês, etc.): as diversas fórmas especiaes de abertura dos labios, descriptas nos tratados de phonetica não são essenciaes para a producção dos diversos sons vocalicos;

b) Abaixando ou arregaçando o mais possivel com dois dedos o labio inferior, podem produzir-se muito nitidamente todas as consoantes labiaes (p, b, f, v) e as vogaes: os contactos ou aproximações necessarias realisam-se, todavia;

c) Obtem-se o mesmo resultado levantando o mais possivel o labio superior;

d) Atravessando sobre o labio inferior o index duma das mãos, podem ainda emittir-se os sons labiaes: o dedo realisa os contactos que usualmente se dão com o labio inferior. Esta experiencia é propria para fazer duvidar de que a grossura dos labios dos negros bantu lhes difficulte a pronuncia dalgumas labiaes (vid. pag. 585);

---

(1) *Bell's Elocutionary Manual,* pag. 21, apud Al. Bain, *Les sens et l'intelligence,* trad. fr. (Paris, 1874), pag. 275.

e) Applicando ao paladar uma peça de cera moldada superiormente por elle e concava na parte inferior, se a espessura da peça ao centro é de 5–7^{mm}, adelgaçando para o bordo que toca na arcada alveolar, podem pronunciar-se bem as vogaes *a, o, u,* e *e* bastante claro; mas o *i* torna-se muito obscuro. Com essa especie de paladar artificial, mas menos espesso, applicado ao natural, chega-se a pronunciar tambem o *i*. (A experiencia, pelo menos em nós, é um tanto desagradavel, porque provoca rapidamente o vomito, o que se dá tambem com as seguintes). O resultado é naturalmente variavel, segundo a profundidade da abobada palatina;

f) Introduzindo na boca uma espatula de c. 28^{mm} de largura e 3 de espessura maxima, de modo que vá tocar no paladar molle, tão posteriormente quanto possivel, articulam-se *s, z, t, d, ch, j,* claramente: a lingua só lateralmente toca nos dentes. Esta experiencia faz duvidar da observação de A. de Bastian ácerca da difficuldade da pronuncia de *ch* (*sh*) para os estnos, por causa de pouca profundidade da abobada palatina destes (vid. pag. 584);

g) Introduzindo o index na boca, pronunciam-se as vogaes normalmente, apreciando-se com o dedo as respectivas posições da lingua; depois deprima-se o mais possivel este orgão com o index, buscando pronunciar diversas vogaes: conhece-se assim o limite inferior da posição da lingua para que essas vogaes se tornem claras e vê-se quanto elle póde estar abaixo do normal.

Podem variar-se mais essas experiencias, extendendo-as a outros phonemas, com o mesmo resultado geral—comprovando o que as diversas categorias de factos que reunimos nos mostram: que os mesmos phonemas ou phonemas muito aproximados podem pronunciar-se em condições de articulação bastante diversas.

E' muito importante para a questão aqui discutida observar a pronuncia de linguas differentes da materna na boca de individuos de varias nacionalidades.

A regra mais geral é que quem falla uma lingua extrangeira adapta mais ou menos a phonetica dessa lingua á da propria. Todavia ha individuos que chegam a pronunciar com perfeição não só uma, mas até differentes linguas extrangeiras, sobretudo quando as apprendem na infancia. E' um facto conhecido dos que admittem aliás correlação intima entre as diversidades de systemas phoneticos e as diversidades de estructura dos

orgãos de phonação dos povos (vid. os passos citados de Osthoff e Passy, a pagg. 524 e 528). Infelizmente ainda neste dominio é muito escasso o material de observações que conhecemos. Referir-nos-hemos ás que temos feito.

Em Lisboa temos occasiões numerosas de ouvir fallar português a negros de diversas regiões da Africa, a indios, mestiços de brancos e chineses (macaistas), franceses, ingleses, allemães, etc. Conhecemos individuos de diversas nações europeas, ou das raças negras, dravida ou amarella, vindos na infancia ou na adolescencia para Portugal que nunca chegaram a pronunciar correctamente o português, revelando, quando o fallam, a sua proveniencia. Fôra muito vantajoso examinar individuos de proveniencia exotica que desde cedo tivessem feito uso exclusivo do português e estado fóra de contacto com outros da sua raça ou nação que fallassem mal português. Procurámos, mas não achámos sobretudo negros, indios e macaistas nestas condições. Temos ouvido negros pronunciarem bem muitos dos phonemas e ligações de phonemas que se tem affirmado estarem fóra do seu alcance, em virtude da conformação dos seus orgãos da falla, como *r, l, v,* as ligações de consoantes com *r* (*tr, pr,* etc.), *lh,* que elles substituem muito frequentemente por *y,* ou *j;* mas uma certa coloração caracteristica não desapparecera totalmente ainda nos melhores casos. O mesmo se dá com macaistas. Ultimamente observámos uma creança natural de Pondá (India portuguesa), de 10 annos de idade, e que está ha dois em Portugal, mas diz ter apprendido a ler com sua madrinha, filha de mãe originaria d'aqui: essa creança pronuncia o português muito correctamente, comquanto tenha bem accusado typo dravidico, de labios grossos, lembrando os dos pretos.

Individuos nascidos de paes ingleses ou allemães, que residem em Lisboa, fallam tão correctamente a nossa lingua como os nascidos de paes portugueses e creados aqui; e o que mais é, alguns daquelles individuos não têem pronuncia genuina da lingua de seus paes.

Interessa tambem ao nosso assumpto o exame da ventriloquia, que foi estudada methodicamente por Th. Flateau e H. Gutzmann. «A articulação dos ventriloquos differe muito da da voz ordinaria: os labios são um pouco entre-abertos, o labio inferior um pouco puxado para trás e encostado aos dentes do queixo superior, como para pronunciar o maior numero de vogaes e de consoantes sem movimento externo; sómente o *s* e *ch* é que são difficeis de pronunciar nessa posição e por isso substituem-nos as mais das vezes por um *t;*

pelo que respeita aos movimentos da lingua, a regra geral parece ser que o ventriloquo busca produzir esse movimento com a parte daquelle orgão mais posterior possivel» (1).

Quasi todas as observações e experiencias que se acham aqui reunidas convergem para nos impôrem a convicção de que o momento funccional, na phonação, prevalece em limites bastante largos sobre as diversidades anatomicas.

Por ultimo, lembraremos que o papagaio nos mostra no seu palrar, que por vezes tomamos pela falla dalgum rapazinho, como sons semelhantes, ouvidos até como eguaes, se produzem em orgãos muito dessemelhantes na conformação secundaria, ainda que constituidos pelos mesmos elementos fundamentaes.

Diz-se que a funcção faz o orgão; facilmente se admitte o principio da acção reciproca entre o orgão e a funcção. Póde suppôr-se que factores desconhecidos ou cuja influencia é muito obscura, determinam directamente uma certa conformação racial dos orgãos de phonação, que dispõe para um systema phonetico particular, incluindo a base de articulação, como a definimos, ou imprimem indirectamente ás articulações tal ou tal direcção em virtude de processos funccionaes de origem psychica, que vão reagir a seu turno sobre aquella conformação dos orgãos, modificando-a. Pensou-se que, por exemplo, a base de articulação da lingua inglesa fosse um resultado do clima ou duma moda tornada habito nacional, ou dos dois factores ao mesmo tempo: admittindo que assim seja, póde perguntar-se se, dependendo o desenvolvimento muscular do exercicio, não se deu nos musculos da lingua e da boca dos ingleses alguma modificação originada dos seus habitos de pronuncia e ainda se essa modificação não se transmittirá hereditariamente. A questão é complexa e presentemente insoluvel; teremos todavia occasião de voltar a ella.

Seja, porém, como fôr, a verdade é que um habito tradicional de pronuncia, como provam os factos, não é fatalmente imposto aos individuos duma communidade ethnica, não é necessariamente incompativel com a acquisição doutros systemas phoneticos.

---

(1) A. Binet, *L'année psychologique*, 1, 449: analyse de Th. Flateau e H. Gutzmann, *Die Bauchredner Kunst* (Leipzig, 1894).

IX

Considerámos até aqui os orgãos periphericos da linguagem ou da phonação. Temos de dirigir agora a nossa attenção para os orgãos centraes, isto é cerebraes da palavra.

Diversos tratados indicam os seguintes centros como interessados no phenomeno da linguagem:

1) O *centro de Broca,* a que já fizemos referencia (pagg. 577–78), chamado centro da *falla* ou da *linguagem articulada,* e de cuja integridade depende o integro exercicio da palavra fallada;

2) O *centro dos movimentos graphicos,* isto é, da palavra escripta, o qual segundo Exner e outros residiria no pé da segunda circumvolução frontal;

3) O *centro de Wernicke* ou auditivo-verbal, parte do centro ou esphera auditiva-geral, na primeira circumvolução temporal, da destruição do qual depende a surdez verbal ou incapacidade de comprehender as palavras ouvidas;

4) O *centro visual-verbal,* chamado tambem graphico-verbal, associado ao centro visual-geral ou esphera visual, centro que occupa a prega curva e cuja destruição produz a cegueira verbal ou incapacidade de comprehender a palavra escripta.

A' indicação desses centros juntou-se ultimamente a do seguinte:

5) O *centro de associação de Flechsig,* no lobulo da insula, o qual separa a esphera auditiva da esphera tactil, segundo o mesmo investigador, e é «o centro que reune num só todas as regiões corticaes, sensitivas e motrizes, cuja integridade é indispensavel á conservação da linguagem articulada e associa principalmente as impressões auditivas com as imagens (representações) motrizes dos labios, da lingua, do veu palatino e da larynge» (1).

Independentemente de objecções dirigidas contra a theoria geral das localisações cerebraes, ha-as dirigidas de modo particular contra a existencia dum centro especial dos movimentos graphicos, ou centro de Exner, admittido aliás por outros neurologistas eminentes como Charcot e Pitres. Nestes ultimos annos J. Déjerine e seu discipulo Mirallié sujeitaram a questão a novo exame, concluindo pela negativa; ao contrario Charlton

---

(1) Vid. as obras citadas a pag. 578, etc.

Bastian, auctor dum bem conhecido livro sobre o cerebro (*Bibliothèque scientifique internationale*), é pela affirmativa numa obra recente (1).

Admittida a existencia dum ou mais centros motores (de articulação e de graphia) e de centros sensoriaes da palavra, surgiram naturalmente theorias para explicar o seu funccionamento e as perturbações resultantes da sua alteração pathologica, theorias que em parte se resumiram em schemas das conducções e ligações de centros cerebraes, determinados ou suppostos. Lembraremos dentre esses schemas os de Baginsky, Wernicke, Spamer, Kussmaul, Charcot e Wundt. Este ultimo deu um schema do que elle chama as ligações do orgão da appercepção na *Physiologische Psychologie* e um relativo particularmente ás ligações dos suppostos centros da linguagem no volume I da *Völkerpsychologie*.

Pensou-se, por exemplo, que uma excitação auditiva S transmittida até ao centro da audição, a uma cellula ou a um grupo de cellulas A determinava nesta ou neste uma modificação A′, de modo que nessa cellula ou grupo de cellulas ficaria *armazenada, depositada* ou em *residuo* (empregaram-se essas diversas expressões) a *imagem* (*representação*) de S; se esta era uma excitação verbal, uma palavra (ou um phonema), a cellula ou grupo de cellulas attingido e modificado pertencia ao centro especial auditivo verbal. Imitada pelos orgãos de phonação essa palavra (ou phonema), a *imagem dos movimentos* necessarios para esse effeito, *armazenava-se, depositava-se* ou *ficava em residuo* a seu turno numa cellula ou grupo de cellulas do centro motor, etc. Tal armazenagem, deposito ou residuo era, para os que assim se exprimiam, a explicação do reapparecimento posterior da imagem, sem nova excitação partindo do exterior, por outras palavras a explicação da memoria das imagens auditivas e motrizes, etc. Essa linguagem e os conceitos que se lhe ligam ainda não desappareceram de parte das obras que tratam da questão. Assim Déjerine chama o centro de Broca «centro de armazenagem das imagens motrizes de articulação; na prega curva está para elle» o centro das imagens visuaes das lettras e das palavras; o centro de

---

(1) Ch. Mirallié, *De l'aphasie sensorielle* (Paris, 1896), analysado por A. Binet em *L'année psychologique*, III, 590-602; Ch. Bastian, *A Treatise on Aphasia and Other Speech Defects* (London, 1898), analysado por Ed. Claparède, *ibid.*, VI, 578-582.

Wernicke é «o centro das imagens auditivas.» Um psychologo como A. Binet repete essas expressões, sem observação critica.

Os investigadores não se contentaram com a ideia de centros geraes já da visão ou ainda da visão simplesmente verbal, já dos movimentos da palavra, etc.: quiseram fazer uma localisação rigorosa por elementos. Pensou-se que as representações estariam dispostas por camadas nas camadas das cellulas, de modo que a destruição duma camada destas importaria a destruição duma camada daquellas, até que essas imagens se incorporassem noutras cellulas. Chegou-se a calcular pelo numero das cellulas corticaes a quantidade de representações que a memoria dum individuo seria capaz de conservar. Applicada aos phenomenos da aphasia, essa hypothese dá resultados curiosos. Como se sabe, na aphasia amnesica chamada progressiva, desapparecem primeiro os nomes proprios, depois os substantivos; as partes mais abstractas do discurso, os verbos, os pronomes, os adverbios e proposições, conjuncções resistem mais; as interjeições são as ultimas a desapparecer. Assim um doente aphasico querendo fallar do seu barrete, dizia pondo a mão na cabeça: *aquillo que se póe aqui.* Dada a theoria da localisação rigorosa, devia admittir-se que as representações das diversas categorias grammaticaes de palavras estavam depositadas por camadas no cerebro, no centro respectivo, e que as lesões deste, por um acaso prodigioso, se produziam seguindo exactamente aquella ordem, que é quasi a que achamos nos tratados de grammatica (1).

Emquanto alguns se contentavam com admittir a existencia dum centro para cada palavra, outros iam mais adiante. Stricker suppôs que havia um centro para cada phonema e que os centros dos diversos phonemas duma palavra se ligavam por conducções, ainda mal determinadas, formando assim uma rede (2). Sem duvida, Stricker pensou que essa rede offerecia um caracter permanente, por outras palavras que os fios nervosos que reuniriam as cellulas se anastomosizavam; aquelle neurologista não o affirma expressamente, mas outros creram nessas associações permanentes das cellulas, com que se pretendia explicar associações das representações e dos elementos das representações. Techmer, emfim, indo adiante de Stricker, enunciou a hypothese da existencia de *centros de articulação*

---

(1) W. Wundt, *Psychologie physiologique*, trad. fr., 1, 237-39.

(2) S. Stricker, *Studien über die Sprachvorstellungen* (Wien, 1880), trad. fr. de Fréd. Schwiedland com o titulo *Du langage et de la musique* (Paris, 1885), pagg. 54-55, 126-27, etc.

e de que portanto a producção dum phonema dependia dum certo numero de centros elementares, a pronuncia duma palavra majs ou menos complexa dum numero muito consideravel desses centros.

«Inclino-me, diz elle, a acceitar que com cada articulação elementar se exerce tambem um centro elementar e que com as articulações combinadas, simultanea e successivamente, são percorridas differentes vias, que ligam os respectivos centros de articulação, e que são distinctas segundo a nacionalidade. Pelo habito formam-se no cerebro unidades complexas de grau secundario, terciario, etc., correspondentes aos sons, syllabas, palavras, de cujas unidades complexas a ultima existe em povos cuja escripta se faz por palavras, a penultima em povos cuja escripta é syllabica e a antepenultima em povos cuja escripta é phonetica. Isto não é sem duvida mais que uma hypothese, que não nos atrevemos a enunciar ha mais tempo, e que tambem não apontariamos aqui, se não tivessemos achado na hypothese dos centros dos sons de Stricker pontos de que os nossos modos de ver se afastam em parte ou com os quaes em parte se tocam» (1).

«Não me atrevo a adoptar um parecer, diz noutro logar o mesmo auctor, relativamente á questão se com o apprendizado de linguas extrangeiras se exercitam novos centros de sons, de palavras, e novas vias de ligação» (2). E numa nota cita: 1) o caso dum individuo que fallava francês, inglês e allemão, que era a sua lingua materna, estando costumado a fallar as duas primeiras com os seus filhos e mulher, mas que em consequencia duma pancada na cabeça perdeu o uso dessas duas primeiras; 2) o caso dum outro individuo, que por um accidente semelhante ficou incapaz de fallar a lingua inglesa, que era a sua usual, e voltou a fallar o flamengo, que deixara de empregar desde a infancia e parecia ter esquecido quasi completamente (3).

Se essas hypotheses de Techmer obtivessem demonstração, teriamos determinadas no cerebro as bases anatomicas das differenças phoneticas das linguas, e dada a explicação da possibilidade do apprendizado de linguas extrangeiras pela formação de novos centros. Ha, porém, muito que modificar nas doutrinas referidas das localisações cerebraes.

(Continúa).

F. Adolpho Coelho.

---

(1) Techmer, *Phonetik*, I, 211–12.
(2) Idem, *ibid.*, pag. 130.
(3) Idem, *ibid.*, pag. 207.

NOTAS D'UM PAE

(Cont. do n.º 11, pag. 676)

Todo o progresso consiste numa associação mais intima, numa ordem mais perfeita.

Depois do crystal, o organismo; e, na serie dos seres organicos, com o apparecimento do systema nervoso central, a vida attinge a sua suprema hierarchia.

Emquanto, na evolução philogenetica, o systema nervoso apenas preside parcelladamente, pelos seus plexos ganglionares, a um e outro apparelho, da digestação, da circulação, etc., a sua funcção é ainda só organica; mas, desde que, centralizando-se, preside a todo o organismo, elle assegura a unidade da vida organica, iniciando já tambem a sua missão espiritual. Começa por a assegurar, sentindo e movendo o organismo, passa a assegurá-la melhor, indo ao encontro dos objectos que actuam sôbre o organismo para tambem os sentir e mover; e acaba por a assegurar completamente pela antecipação ou previsão dos phenomenos do organismo e dos phenomenos do mundo externo que se correlacionam com elles. Assim nascem, no interesse organico, as faculdades da alma.

A alma exerce, pois, duas faculdades de relação, a sensibilidade e a motricidade, umas vezes com o organismo e outras com o mundo, e uma faculdade de correlação e nexo interior, que é a intelligencia. Quando a acção parte da alma para fóra, para o organismo ou para o mundo, é motriz; quando inversamente do mundo ou do organismo para a alma, é sensitiva. Mas, no caso das relações da alma com o organismo, as duas acções inversas ainda se não destrinçam realmente, e por isso a sensibilidade e a motricidade tomam primeiro o nome commum unico de emotividade. A emoção funde em si uma sensação e um movimento.

Não nos impressionam só os objectos externos, primeiro do nosso proprio organismo recebemos impressões. A vida orga-

nica abala profundamente a alma. Do seu impulso proveem as sensações emotivas: agradaveis, traduzem o equilibrio e bem-estar organico; desagradaveis, o contrario. No estado normal,—que aliás nunca se attinge perfeitamente—, conforme são saudaveis ou doentios, assim os actos da vida organica têem um echo de prazer ou de dôr com que nos emocionam.

Reciprocamente, o exercicio das nossas faculdades produz abalos organicos, e portanto ellas proprias geram tambem emoções.

A séde da intelligencia é o cerebro. Ella liga-se directamente com o mundo por meio dos nervos sensitivos e motores do apparelho cerebro-espinhal de que faz parte capital, e indirectamente com o organismo por meio, em geral, dos nervos sensitivos e motores do grande sympathico.

A vida animal, operando a sua propria concentração, equilibrando-se sôbre si, cria uma nova fôrça cerebral, que assegura por sua vez a unidade das suas faculdades. E' a vontade, a qual analogamente começa por ser uma fôrça que olha só á integridade da vida individual e pouco a pouco se vai tornando na fôrça moral ordenadora da sociedade e do universo inteiro.

Partindo da emotividade, que coordena os actos organicos, a alma alcança a sua supremacia, ao coordenar pela vontade as proprias acções na familia, na patria e na humanidade. Esta obra suprema de coordenação é o que se chama o bem. A' vida organica sobrepõe-se a vida animal, e a esta a vida moral. Pela vontade e moralidade é que o homem se affirma e engrandece.

Eis a escala da vida. Na base está a nutrição. O systema nervoso central accumula com a sua funcção espiritual a de nutrição, do mesmo modo que, por exemplo, o apparelho circulatorio a accumula com a sua funcção de circulação. Sem desenvolvimento organico, sem nutrição, não ha vida animal, nem automatica nem voluntaria; como, sem desenvolvimento animal, sem instrucção, não póde haver vida moral. E, para o incremento da vida animal, é absurda e contraproducente a pretensão de desenvolver a intelligencia sem as faculdades sensitivas e motrizes.

Não se infira d'aqui a subordinação da vida moral á vida animal, nem a da animal á organica. A interpendencia em que estão, não altera a sua hierarchia. Pela instrucção, e segundo o dever, é que principalmente havemos de satisfazer ás necessidades organicas. *Primum vivere, deinde philosophari,* é uma verdade historica; mas a reciproca já hoje tem os fóros d'uma verdade da civilização.

Toda a vida é ainda mysteriosa. Apenas entrevemos que deve haver uma fôrça de assimilação para o equilibrio movel, instavel, dos seres vivos, como ha nos crystaes uma fôrça de crystallização para o seu equilibrio estavel. E' uma fôrça ordenadora como esta, e, como ella, inexplicada ainda.

Em que consiste intimamente a vida animal? Menos o poderemos dizer. Parece que a vida animal dos nervos consiste num movimento vibratorio. E a do encephalo? Serão tambem vibrações. Assim como ha corpos diaphanos que apenas propagam a luz, e corpos propriamente luminosos que a geram, assim será a differença entre nervos e cerebro. Do cerebro irradia a luz esplendida da alma.

De todo o organismo depende a vida da alma, mas os musculos, immediatamente ligados ao systema nervoso, são orgãos de primeira importancia. Da sua robustez depende grandemente o desenvolvimento da emotividade, bem como o da motricidade e da sensibilidade. A fraqueza e desequilibrio muscular torna vertiginosa toda a vida animal.

Assim como a vida de reproducção não é mais do que um excesso da vida de nutrição, assim tambem a vida moral é um excesso, um arrojo, da vida animal.

O parallelismo entre a reproducção organica ou vida da especie e a reproducção animal ou vida moral tem feito com que muitos, confundindo-as, tentem explicar a virtude pela união generatriz. O que é certo, é que com o periodo da paternidade coincide em geral o periodo de maiores energias da alma; até a mulher, que se faz organicamente mais depressa, entra mais cedo na plenitude das suas faculdades. E, se ella tantas vezes se sacrifica na gestação, perdendo em vida animal pelo muito que despende em vida organica, não é por isso um ente condemnado ao exclusivismo d'uma missão simplesmente genital, porque muitas outras vezes, pelo con-

trario, parece que adquire pelo seu maior encargo organico na reproducção um poder tambem maior de tirar de si os mais preciosos dons moraes.

O que sabemos positivamente, é que, uma vez produzida a vida, ella a si propria se gera. E' pelo exercicio que o corpo e a alma se nutrem e reproduzem. Para nos desenvolvermos o unico meio é trabalhar. A ociosidade é a doença e a morte da alma, é a origem de todos os vicios; como o atrophiamento e suspensão do trabalho organico é a doença e a morte do corpo, seguida da putrefacção cadaverica. A vida não desapparece logo, mas baixa até ao vibrião.

Occuparmo-nos é o primeiro principio de toda a educação. Muitas creanças e adultos fazem diabruras e perversidades só por não terem nada que fazer. O segredo da disciplina está em trazer sempre occupados os educandos.

Infelizmente muitos mestres, para terem menos trabalho, e muitas mães, por não julgarem nunca bastantes os seus cuidados, reduzem de todos os modos a actividade infantil.

Para não haver o trabalho da vigilancia, supprime-se tudo ás creanças, e acaba-se por supprimi-las a ellas mesmas. Não se deixam brincar, para que não rasguem a roupa, não dêem cabo dos moveis, ou não pizem os canteiros do jardim; não se deixam sequer mexer, para que não vão fazer alguma *maldade*. Até as salas onde estariam com mais desafogo, lhes fecham, porque as podem sujar. Encurralam-se, empare-dam-se. Ha mais cuidado com as coisas do que com ellas. E, não só para que não dêem trabalho, mas tambem para que nos não incommodem, hão de estar, além de quietas, caladinhas. Deixá-las-hão ao menos metter-se a um canto, quietas e caladas, a ver figuras, a ler? Não, porque nem uns livros interessantes lhes dão. Têem medo de que os estraguem. Immobilidade absoluta!

D'aqui vem, com a atrophia das faculdades, a reacção de desespero com que as creanças se atiram a tudo e a todos, logo que se apanham á solta. A sua irrequietação torna-se tal, que por mais que os multipliquem, não ha depois castigos que as contenham. Eis como a falta de vigilancia concita fatalmente e desafia e gasta e inutiliza a mais severa repressão. E peor seria ainda que a atrophia se completasse sem reacção, produzindo o deperecimento da alma.

O excesso de cuidados, o mimo, produz os mesmos desastrosos resultados. Para que lhes não succeda mal algum, as pobres creanças ficam sem apprender nada. Não montam a cavallo, porque podem cahir; não nadam ou barqueiam, porque podem affogar-se; não se balouçam num trapezio, porque podem trambolhar; não pegam numa plaina ou numa enchó, porque podem ferir-se; não sahem sósinhas, porque podem perder-se; não jantam com os paes, para não comerem de tudo; nem vão á sala, para não ouvirem todas as conversas... E' um nunca acabar de interdicções.

Pois a verdade é que a creança ainda tem pouca fôrça para se magoar por si, e ainda não sente gôsto por certas conversações e certos alimentos excitantes, que só paladares embotados ou depravados saboreiam. Por quem são, deixem-lhes desembaraçados e livres os movimentos da alma, não lh'a enfaxem e comprimam!

Por causa d'este regimen, tentam as creanças fugir de casa e da aula para a vida das ruas. A vagabundagem é um vicio, mas é tambem o recurso espiritual das creanças. Por ella se vingam da estreiteza escholar e da vacuidade domestica.

Moderàmente, a actividade animal é fonte abundante de gosos. E' ver como as creanças se agitam por dentro e por fóra.

Diz-se a uma creança rabugenta «Vamos a ver se é capaz de pegar nisto sem o partir», ou, d'outra vez, «Será capaz de ver por este binoculo? etc.»; e passou-lhe a furia. «Vá buscar uma cadeira para ver da janella aquelle barco»; e logo muda, toda satisfeita, e mostra, ufana, como póde com a cadeira.

Nada consome tanto como a ociosidade. O desregrado ou excessivo exercicio, porém, provoca a dôr, que bem póde dizer-se a reacção que o organismo oppõe ao nosso desmando.

Em Portugal, algumas pessôas abastadas são tão dormentes, que me fazem o effeito de plantas, de pés de couve.

Espiritualiza-se até um collarinho, pela maneira de o pôr, engommadissimo, mas sem a rigidez immovel d'uma colleira.

A mãe, entrando no quarto da Gigi, que tem estado doente com uma *grippe,* recommenda: «Tirem d'ahi essas chicaras

e a lamparina.» E logo a Gigi: «E essas garrafas de remedio!»

—Em Coimbra, fins de outubro, 6 horas da manhã. As nuvens e o ar carminam-se luminosamente.—6 ¼. Todo o ceu toma uma côr fria.—7 ½ horas. As nuvens cerram-se numa caligem plumbea.

Coimbra, fevereiro. As pervencas resaltam d'entre as sebes, e, como choveu, um bando de margaridas se debruça alegremente para a agua, fazendo-lhe em torno uma festa. D'ao pé dos combros espalha-se o perfume subtil das violetas, denunciando-as. Que alegria a das creanças, quando vão dar com ellas! «Quantas!» dizem, colhendo. E ainda ficam muitas em botão, a convidá-las para outra vez.

Porque é que a Gigi, ao acordar, de manhã, se lastima aos irmãos de ter de ficar na cama? «E esta! estou doente, e não posso ir ao jardim.» Com saudades das suas flôres.

O que a sensibilidade das senhoras soffre com o minimo incommodo dos filhos! Sonham-no até. Chegando o Antonio do collegio, um dia de verão, mas ainda pouco mais das 9 horas, a mãe, que já parecia abafar por elle: «Que calor que está hoje, meu filho!»

A Rita fazia scena para se lhe arrancar um dos primeiros queixaes, sem ainda ninguem lhe haver tocado. Tirou-se-lhe, e diz ella muito admirada: «Eu pensava que doia.» Doia-lhe na imaginação.

Algumas pessôas precisavam de chloroformio, mas é para a sua imaginação, tanto exaggeram os seus terrores.

A imaginação scientifica; primeiras hypotheses. Domingos, depois de ver um moinho: «Papá, é do vento que os comboyos andam?»

A Gigi confessa a inconsciencia da sua edade. Porque fez isso? «Não sei.»

Ha creanças que precisam de entender antes de fazer uma operação qualquer. São as mais intellectuaes. Outras precisam de auxiliar-se da operação para mais facilmente entenderem.

Assim, para contar, hão de mexer com os dedos; para pensar, falar. E por esta phase, depressa ou devagar, passam todas.

A Gigi, que quer que eu lhe vá fazer uma construcção, pondera-me para que eu saia do meu quarto: «A creada vem arrumar, papá!»

Ha individuos que apprendem tudo, mas não criam nada, não têem a minima originalidade. São como uns optimos conductores electricos, por si não se electrizam. Diffundem as idéas, não as géram. Isolem-nos, deixem-nos ficar algum tempo a sós comsigo, a ver.

Annuncío: O sr. dr. Daniel vem ver a Gigi. «Se está melhor» completa ella, a suggestionar-me que já não precisa de medicamentos.

Ha rapazes muito amigos da sua familia, que lhe dão todas as suas lagrimas, mas não são capazes de, por amor d'ella, fazer mais um esforço de estudo. Dois dias de chôro, e voltam a espreguiçar-se um anno inteiro.

Não se perca, por tolo amor proprio, a occasião de aproveitar um bom aviso. A' mesa, um sujeito olhava e tornava a olhar para o filho, para que elle deixasse de esgrimir com o descanço do talher; mas o rapaz quiz fazer gala de independencia e autonomia deante dos mais convivas, que, distrahidos pela conversação, nem por tal davam, não se importou com a advertencia, e d'ahi a pouco entornava sôbre a toalha um calix, que, ao cahir, partia outro, succumbindo então ao peso da impressão geral.

E' que as creanças, amimadas, da vontade só têem as doenças, a susceptibilidade e o enfatuamento.

O amor da independencia. A's vezes, que a mãe a vai acompanhando para que ella não faça alguma tolice, a Gigi reage a tanta tutela: «A mamã fica!» E lá vai sósinha com o prato na mão para o entregar á creada, ou desapparece pela casa em busca dos irmãos, etc. Em Zürich até rompia, sem ninguem, pelas ruas fóra, para ir ao collegio ver a Nella. Intrepida!

Como os nossos tyrannetes, Gigi faz dictadura de tudo, até

de palavras. Não admitte que se use de certas expressões. «Não é assim!» clama. E o caso é que nisso mesmo por fim a pobre da mãe, para ella não chorar, porque póde ficar peor, sendo já tão fraquinha, tem de ceder. Exactamente como o nosso bom povo, a aturar os mandões; que não vão elles ainda peorar, ou seja caso que venham outros ainda peores.

Da sua inquietação provém em alguns espiritos a sua scentelha. Mas é morbida.

Quando certas pessôas, contando quaesquer objectos, dão pela falta d'algum, o que primeiro ha que procurar, não é esse objecto, é se ellas os contaram bem. Em vez de perdermos o nosso tempo, ellas que verifiquem.

Duas creanças, uma rica, outra pobre. Chamam-se para um recado: nunca a rica se levanta primeiro. Dá-se a ordem á rica: mas, ainda ella vai no principio do caminho, já a pobre, que espontaneamente se levantou, lhe passa adeante, e é quem leva o recado ao seu destino.

A realidade só se póde comprehender, estudando-a miudamente nos pormenores de cada caso. Em these, os nossos actos affiguram-se-nos muito mais faceis ou difficeis do que são. Quantos nos assoberbam, que logo, com surpreza, se nos atrevemos com elles, verificamos que nada custam! Outros, é o contrario.

Muitas senhoras estão sempre a dizer: «Esta creada é o destino da louça.» Mas, mal pegam em alguma peça, logo a deixam cahir e partir-se. Que faria, se andassem sempre a pôr-lhe as mãos, por mais que se habituassem a lidar com ella!

Muitas pessôas estudam como quem pretendesse subir por uma escada, partindo-a pelos degraus andados. O trambolhão é certo.

«O saber não occupa logar.» Occupa.

Estaco surprehendido das galas precoces d'uma arvore. Até agora em Coimbra eu contava os mezes pelas flôres, mas esta antecipação perturba-me. Uma mulher do campo restabelece a minha chronologia: «A ameixoeira, para que está

olhando, senhor, toda coberta de flôres, dá uns abrunhos vermelhos, que veem no cedo, pelo tempo das cerejas.»

A Gigi, que pretende livrar-se da nossa vigilancia para ir brincar para um pateo onde bate muito sol, já fechou a porta da sala do trabalho da mãe, e vem para fechar tambem a do meu escriptorio, quando se encontra com o meu olhar. Primeiro quer impôr-se: «Papá, fecho.» E, como eu recalcitre, acha esta razão decisiva: «Eu fechei aquella da mamã.» Tanto póde a lei da symetria, da uniformidade, até no desregramento!

Não é só pelo poder do habito vicioso que *abyssus abyssum invocat,* é tambem pela fôrça de attracção intellectual da lei da unidade e da synthese.

Ha tambem esta fôrça attractiva na paixão de muitos collecionadores.

Geographia sentimental. Mostrei no mappa á Gigi o logar onde estavamos em Zürich. E ella: «E onde está a Rita, papá?»

Como as coisas se *descobrem!* Que é do meu lapis? pergunto. E a Gigi, que se esqueceu de o tornar a pôr na minha banca, aonde o tinha ido buscar, acode logo: «Eu vou achar.»

A Gigi, jungindo o allemão e o português ao carro triumphal da sua loquela: «Vou pedir *wasser* (agua) á *Sophie* (creada allemã).»

A primeira leitura. A Gigi, com um manuscripto meu: «Eu sei ler.» E, olhando para o papel: «Papá Machado, mamã Machado, Rita Machado...» Eis os que as creanças procuram nos livros: assumptos familiares. Porque não lh'os dão?

Alguns oradores e escriptores fazem como os architectos que affogam os edificios em ornamentações.

Outros insistem demais nos seus effeitos, como que obrigando-nos a parar deante d'elles e a admirar-lh'os.

Os costumes suissos. Mas são os do nosso povo lavrador. As creanças vão sósinhas, a grandes distancias. A mulher anda por toda a parte e trabalha como o homem; e os dois con-

versam á vontade onde se encontram, e assim se approximam e casam. O jornaleiro e o proprietario estendem um para o outro as mãos. Lida-se muito, poupa-se muito. Madruga-se. Janta-se ao meio dia; se faz frio, ao pé do lume; se o tempo é de calor, á sombra das arvores. Deitam-se com as gallinhas. Ao domingo, descançam. Aos repiques festivos dos sinos, fazem as suas rezas; e lá vão, depois todos em ranchos, a grandes distancias, cantando e dançando. Que falta, pois, ao nosso lavrador para ser como o cidadão suisso? A instrucção, e, com ella, o civismo. Mas isso é a civilização.

A Suissa é a civilização, sem a maior parte dos seus vicios.

Diz-se modernamente que a historia não deve narrar só a vida dos reis e das classes dirigentes, mas tambem a do povo. Não basta ainda. E' preciso egualmente fazer a historia das creanças. Assim pensa a Gigi, e eu com ella. Tendo-lhe succedido uma aventura dramatica durante a minha ausencia, ella, logo que eu cheguei a casa, pediu a minha mulher: «Mamã, conte ao papá a historia da Gigi.»

Nessa historia entrava uma senhora terrivel, que a tinha fechado, e um *vovô,* que lhe veiu abrir a porta libertadoramente. Avô aqui não queria tanto dizer velho, como amigo.

Não ha como os fracos para amar as acções apparatosas. Assim se dão uma grata illusão de fôrça, como se se vissem a um espelho amplificador.

Mas nas creanças ha que desculpar, porque ha mais do que isso. Deixando-as, são capazes de abalar tudo e ensurdecer-nos, a bater com as portas, pelo prazer de se experimentarem, deliciadas com o reconhecimento da sua ainda mal perceptivel fôrça. Se se moderassem,—que não podem—, não davam tão cedo por si.

Consciencia moral. A Gigi vem contar que emprestou o carrinho ao pequeno Walter. E, segura do proprio merito da sua acção, é ella que revindica: «Diga, mamã, a Gigi é bonita.»

Associação de idéas pelo coração. A Gigi, em Zürich, vendo carruagens: «Agora estou melhor (de saude). Vamos dentro d'um carrinho á Rita?»

A justiça é o grande principio da ordem publica. Lembro-me de que, numa crise economica, bastou acabar-se com o abuso de dar trabalho por empenho, para serenarem os animos dos infelizes operarios.

Mas o que isso custou! Porque me lembro tambem d'um ministro de estado todo inflammado em coleras contra o meu amigo Folque, porque se não déra admissão immediata nas obras publicas a um seu recommendado, que teve de ficar, como qualquer outro, á espera de vez. Era de mais a mais um pedido de sua mulher, bradava truculento.

E' preciso não medir com tanto exaggero a justiça relativa, que se perca a noção das conveniencias, da justiça geral. Não façam como certos pintores minuciosos, que faltam á proporção das grandes linhas. Um conselho academico, por exemplo, não tem o direito de menoscabar em merito relativo um candidato ao magisterio que approva em merito absoluto. Póde preferir-lhe outro, póde graduá-lo em segundo ou terceiro logar, mas, quando o acceitar, ha de ser plenamente, sem o desconsiderar, sem ferir a sua dignidade de futuro professor.

Eu julgo mesmo que se deviam banir das formaturas os *rr*, que não servem senão para desauctorizar o estudante que os leva e o estabelecimento de ensino que lh'os deita. Já não falo da antipathia com que o alumno fica para sempre aos seus mestres, embora saiba bem que tristes consequencias sociaes d'ahi resultam para o ensino superior.

Ha quem, pelo gôsto de mostrar que deslinda as tramas dos corruptos, se envolve nellas, deixando-se seduzir por esse gôsto para uma especie de intimidade e connivencia até quasi ficar fazendo parte do mesmo bando. Por isso são ás vezes tão perigosos, e na proporção da sua finura, os agentes do governo enviados a tratar com a agiotagem plutocrata. O melhor, sempre, para os individuos como para as nações, é ter o minimo possivel de negocios com gente dúbia.

O realismo das torpezas do coração é tão necessario á litteratura como a pathologia á physiologia. E' a experimentação affectiva. O vicio e a virtude têem os mesmos factores. A differença é só uma questão de proporção. Assim como a doença, seja causada por acções physicas, seja por agentes organicos, provém do exaggero de alguns dos elementos sãos

com prejuizo dos outros, da falta de ponderação normal entre todos elles, tambem as aberrações no mundo moral não passam de desequilibrios.

Na Suissa, os estabelecimentos fecham ao meio dia, e desde as 8 horas da noite, para que a vida profissional não prejudique a vida de familia.

O que é o valor da verdadeira educação, vê-se na grandeza da Inglaterra e dos Estados Unidos. Podem ter os desvarios de fôrça dos poderosos, mas são as nações onde hoje mais brilha a luz moral.

A Quina, vem perguntar-me: «Papá, quando saro d'esta ferida?» «Não sei.» «Mas o Domingos diz que o papá sabe tudo!»

A Maria e a Quina são tão amigas, que vivem sempre em festa. Basta-lhes olharem uma para outra para logo ficarem derretidas no mais dôce enlevo.

Tambem o coração faz a sua educação intuitiva. A creança ama os paes, as outras creanças, os gatos, os passaros, as flôres, as pedrinhas. E como as pequenitas querem ás bonecas, isto é, a uns seresinhos já confiados á sua guarda e protecção! «Papá, dá um livro para a boneca ver figuras?» pede a Gigi.

Chamaram o Domingos para a sala de jantar; mas elle, em vez de comer, chora, porque está só. Não quer jantar sem os irmãos, que ainda não chegaram. Tanto a sociabilidade póde mais do que a fome!

A cadeia dos affectos. Cada creança parece querer sobretudo aos irmãos que lhe são mais chegados pela edade. A Gigi, vendo o Domingos a chorar, vai logo para elle e cobre-o de beijos. E, se ouço uma musica de risinhos no longo corredor, é ella que vem segurando pelas pontas das azas a irmã mais nova, a puxá-la para mais ligeiras correrias.

A nossa bôa gente. O albergue das creanças abandonadas tem collocadas em casas particulares 122 creanças. Pois só paga subsidios por 4; das 118, as familias que as receberam, não querem nada, dando-se por muito felizes por as terem comsigo, a alegrarem-lhes o lar. 1899.

Chegando nós a casa de minha mãe, onde está uma de nossas filhas mais velhas, a Gigi não se farta de a ver. E, repetidamente: «Oh, mamã! olha a Quina. Oh mamã! dá um beijo á Quina.»

Os filhos não nos dão só um ceu na vida. «Papá e mamã vão para o ceu», promette-nos o Domingos.

Os paes isolam tanto as creanças, que veem a soffrer profundamente, quando ellas depois os trocam por outras companhias. E é fatal. Até para sermos amados é preciso que não tyrannizemos os corações; senão corre-se o risco de que elles um dia se revoltem, ou que pelo menos se sintam jubilosos, ao desaffogarem-se dos nossos braços ciumentos. Umas pessôas da minha amizade, cujo filho nunca sahira de casa, a primeira vez que o metteram num collegio, vieram, além de muito saudosas, muito preoccupadas com o receio de que o pequeno não pudesse dar-se lá com saudades tambem; por isso apressaram-se a ir no dia seguinte pela manhã ver como elle estava. Mas qual não foi a sua estupefacção, ao ouvirem-no, chegando todo alegre, saltitante, apostrophá-las: «Já cá tenho muitos amigos!» Num instante improvizara novas amizades, com tamanho arrebatamento, que nem mais se lembrava dos paes. Tão ávido estava de sociedade!

A gentileza da Gigi, fazendo as honras da casa á pequenada de todos os outros andares e de todas as outras casas da rua onde moravamos em Zürich. Hontem foram uns dez rapazitos e meninas que ella me trouxe para os cumprimentos. Declinando o nome de cada um á porta do meu gabinete, afastava-se para os deixar passar; e, por fim, reunidos todos no salão, voltou ainda, sósinha, a deitar a cabeça para dentro, sorrindo-me effusivamente, como quem me agradecia o acolhimento feito ás suas visitas e desejava certificar-se bem pela minha physionomia do prazer que com ellas tinha esperado causar-me. Era um sorriso em busca d'outro.

E' tão graciosa a infancia, que a nossa ternura pelos filhos sempre mais ou menos no-los representa nos seus traços infantis. «A minha *pequena* tem 35 annos», dizia-me um velho professor suisso.

A Gigi, publicando os beneficios que lhe fazem: «Papá, olhe o dôce que me trouxe a Nella.»

Domingos, aproveitando a religião para humilhar o Dino, que é, dos mais velhos, o irmão logo chegado a elle: «Nosso Senhor é muito grande, é muito maior do que o Dino.» A Quina intervem: «Não, não é por isso, Nosso Senhor é grande por fazer grandes coisas, milagres, coisas boas.»

O ensino ha de dar a cada um a instrucção naturalista, —artistica, industrial e scientifica—, até ao conhecimento do homem physico, ao sentimento da sua belleza e á plenitude da sua acção sôbre a natureza, assim como a instrucção espiritualista toda,—artistica, industrial e scientifica tambem—, até ao conhecimento da alma humana, ao sentimento da sua belleza e á plenitude da sua acção sôbre as outras almas; e ha de elevar toda essa instrucção até ao cumprimento do dever, isto é, á mais alta potencia de vida.

A efficacia do mestre. Joga-se melhor com bons jogadores. Os grandes oradores elevam sempre o nivel geral da oratoria nos parlamentos.

A magia da assistencia. Vou-me segurando sósinho na bicycleta, a imaginar que um amigo meu a ampara por detraz; e, mal elle, que a deixou ir, m'o diz, desequilibro-me de todo.

Um professor d'um estabelecimento de ensino superior queixava-se d'um collega do quarto anno: «Elle mette os rapazes em raciocinios!» Que extravagancia, effectivamente!

Referia-me uma allemã, casada de pouco com um allemão, o mallogro das suas lições de francês ao marido: «Elle não apprende logo, eu começo a arreliar, a enfreniziar-me, e d'ali a pouco zangamo-nos os dois e deixamos. Não tenho paciencia!» E' effectivamente esse condão, a paciencia, o segredo do ensino.

Dêem ás creanças a liberdade e o recreio de falarem como sabem, despreoccupadamente, não estando sempre sôbre ellas a obrigá-las a pensar no que dizem e a corrigir-se. Nem tanta lição! Senão ellas emudecem, e deixam de alegrar com os seus gorgeios o interior domestico. Como depois os paes se resentem d'esta tristeza! Um lastimava-se-me, deitando as culpas á filha: «Ao pé de mim, está sempre calada.»

Ha maridos que fazem o mesmo ás mulheres. Tanto lhes

querem ensinar, que as seccam e hypnotizam; e, depois, morrem juntos de aborrecimento. Deixem-nas sahir-se com toda a originalidade dos seus improvisos, tão scintillantes, embora por vezes inconsequentes e desencontrados, que é o unico meio d'ellas tambem apreciarem e terem, tanto ou mais do que elles, o juizo e a ponderação.

O examinador é o inimigo. Expressão d'um aspirante d'alfandega, depois d'um exame de promoção: «Houve um chumbo tremendo!»

Que ultimo recurso ha para que uma creança doente tome o remedio? Não servem de nada artificios. O unico meio é dar-lh'o a mãe, pedir-lhe ella que o tome. Não ha outro, a não se usar d'um processo mais ou menos cirurgico, que póde raiar na dureza e brutalidade.

Os maus habitos contrahidos são quasi sempre a consequencia do desmazelo das familias, como o, tão feio, de metter o dedo no nariz, que provém da comichão que as creanças sentem, quando lh'o não lavam. E depois o que custa arrancá-los! Outro dia, vi um homem já dos seus 40 annos, que ainda não podia reflectir sôbre nada sem estar coçando as azas do nariz.

Será necessario delinquir para ter caridade pelos delinquentes? Não. Esse sentimento seria egoista, como que um modo de se pedir tambem indulgencia para si. Basta, para ter pena dos que fraquejam no caminho da vida, saber quanto elle custa, que esforços se têem de multiplicar para vencer todos os estorvos e obstaculos que difficultam a marcha para o alto, a ascensão para o bem.

A mudança de regimen da vida é como uma mudança de casa: deixa sempre estragos, além de representar uma perda de tempo. Quando está para mudar de professor, o estudante affrouxa no seu trabalho, porque não lhe importa já tanto desmerecer no conceito d'aquelle de quem vai separar-se, e o outro ainda não está ali ao pé para vigiar que elle se não descuide.

Uma senhora clamava de longe para a filhinha: «A menina cahe e eu não posso acudir-lhe.» Acudisse-lhe antes, prevenindo a tempo a quéda. E assim em tudo.

A viveza das creanças é exuberancia de vida, é expansão e crescimento. Não se suffoque e amorteça!

O movimento de promoção nas familias. Em Lyon, num restaurante, onde fômos jantar, a avó cosinhava, a filha servia á mesa, e a netta tocava piano na sala de visitas. Quando se fará tudo junto?

Ninguem tem o direito de associar-se para deixar a sociedade.

A decadencia das classes cultas vê-se em muitas partes, como um fatal producto morbido da sua educação egoista. Em França são ellas, com os seus lettrados, que atacam a republica. E quem a defende, é principalmente o povo, com os seus caudilhos fieis.

O povo é quem nos conduz para o futuro.

Quem é o meu influente politico. Entra-me no escriptorio o Walterli, todo risonho. E a Gigi, para mim, que me estava comprazendo de o ver: «Fui eu que o trouxe.»

A consequencia da centralização é o desmazelo das localidades, que não prestam os serviços, nem reparam se o estado os presta. Recordo-me d'um presidente da camara do Porto que nem sabia da existencia da secção de arte industrial estabelecida em 1891 no Instituto industrial d'aquella cidade por minha indicação. E hoje, abril de 1900, quem lá saberá que é uma secção com um só professor?

Pobres creanças portuguêsas que vão para collegios no estrangeiro! Quanto têem de soffrer da crueldade dos condiscipulos por causa do desconceito dos nossos governantes!

(Continúa).

BERNARDINO MACHADO.

SULLA LEGISLAZIONE DI DRACONTE

(Cont. do n.º 11, pag. 684)

La competenza giudiziaria relativamente agli accennati delitti era dei βασιλεῖς e degli ἐφέται. Agli uni spettava la funzione espressa dalla parola δικάζειν, significante—secondo il linguaggio antico—istruire, presiedere il giudizio [mentre il senso piú recente é quello di giudicare (1)]. Agli altri spettava διαγνῶναι, cioé giudicare, decidere.

I βασιλεῖς non possono essere l'arconte βασιλεύς soltanto. Ma devon essere non diversi dai βασιλεῖς menzionati nella legge d'amnistia Soloniane (Plut., Solon. 19; cf. anche lo psephisma di Patrokl. apd. Andokid, de myster. 18). E con molta probabilitá, sono i 4 φυλοβασιλεῖς (2) che con l'arconte βασιλεύς compariscono fin nel IV secolo con alcune attribuzioni giudiziarie nel Pritaneo (3). Bisogna peró notare, che i βασιλεῖς dell'axon Dracontiano non erano un tribunale, ma istruivano, dirigevano il processo, e determinavano da quale tribunale dovesse il fatto essere giudicato. Cioé presiedevano i tribunali, quello degli ἐφέται e gli altri. Si puó sul proposito richiamare l'attenzione

---

(1) Com'é nella recente redazione della legge citata da Demosth. (c. Aristokr. 22) a proposito della competenza della bule areopagitica. Non bisogna trascurare di fare questa differenza di significato secondo il tempo; e quindi non é lecito credere la legge predetta posteriore alla legge di Draconte e neppure a Solone (nella cui legge d'amnistia é detto δικάζειν secondo il linguaggio recente).

(2) Vedi Aristot., Polit. VI, 8, p. 1322 b.; e anche *Dittenberger*, Sylloge II², 616, v. 22.

(3) Aristot. Ἀθ. πολ. LVII, 4; Demosth. c. Aristokr. 76 etc. Cf. specialmente *Dareste*, Recueil etc. p. 12 sg. Che questo Tribunale del Pritaneo del IV secolo debba corrispondere a quello del tempo presoloniano (Plut., Solon. 19), lo credono molti. Vedi *Keil*, Die solon. Verfassung., 1892, p. 109 sgg. E contra, *Busolt*, Griech. Gesch. II², 159 sgg., che si fonda sopra un dato erroneo, che cioé il detto tribunale si occupasse dei crimini di tirannide.

sulla citata legge di Solone intorno all'amnistia, dalla quale furono esclusi ὅσοι ἐξ Ἀρείου πάγου ἢ ὅσοι ἐκ τῶν ἐφετῶν ἢ ἐκ πρυτανείου καταδικασθέντες ὑπὸ τῶν βασιλέων κτλ: Qui sembra che i βασιλεῖς piuttostoché col Pritaneo in particolare, si debbano connettere generalmente coi tre tribunali, cioé sia da credere che gli esclusi fossero coloro ch'erano stati giudicati da uno dei tre tribunali, presieduti ciascuno dai βασιλεῖς (1).

La competenza del collegio degli ἐφέται (dei 51 anziani) (2) si riferiva all'omicidio non premeditato (§ 1.°, vedi § 8.°) e a tutto quanto avesse con ció attinenza e dipendenza (nella αἴδεσις § 2.°), e al caso di omicidio di chi commise un omicidio non premeditato (§ 6.°, vedi sopra, p. 11). Questo tribunale giudicava della βούλευσις relativa all'omicidio μὴ ἐκ προνοίας, della quale secondo noi, si tratta nel § 1.°. Dell'altra specie di βούλευσις nulla vieta di ritenere che come dell'omicidio premeditato, si occupasse la bule Areopagitica (3). Anche ammettendo che la βούλευσις cui accenna il § 1.°, sia generica e comprenda anche il reato premeditato, non é necessariamente incluso, cli'essa fosse di competenza degli ἐφέται in tutto. Spettava ai βασιλεῖς determinare, volta per volta, chi dovesse giudicare, e rimettere la questione alla decisione degli ἐφέται, ove si trattasse dell'omicidio non premeditato (vedi anche § 2.°). Piú tardi si conoscono le attribuzioni degli ἐφέται estese ad altri casi. A loro apparteneva anticamente la giurisdizione sugli omicidi impuniti, cui accenna l'axon Dracontiano. Questa competenza pare acquista posteriormente; cioé sembra che sia stata prima sull'omicidio ἀκούσιος, poi per estensione, sul δίκαιος. A poco a poco si indeboli il diritto della vendetta, con la sostituzione della pena dell'esilio, e dell'assoluzione (4).

Che del φόνος ἐκ προνοίας e di altri reati gravi si occupasse anche allora la *bule Areopagitica* (ben differente dagli efeti) non si deve escludere, e bisogna ammettere che questo tribunale antico (senza dubbio anteriore a Solone) siasi conservato sempre (1 bis). Poiché il silenzio nel rimastoci axon della

---

(1) Forse ebbero piú tardi i βασιλείς ó φυλοβασιλεῖς competenza soltanto nel Pritaneo, e formarono questo tribunale (v. p. 739, n. 2).

(2) Rimandiamo ai lavori sugli efeti e sull'areopago, specialmente del *Lange* e del *Philippi*, e all'opera giá citata del *Gilbert*.

(3) Quanto al veneficio vedi innanzi.

(4) Nel caso del φόνος di uno schiavo cui pare si riferisca il § 9.° della legge, la competenza potrebbe essere piuttosto della bule. La qual cosa infirmerebbe l'opinione di chi nega la giurisdizione di essa almeno ei casi contemplati dalla legge predetta.

legislazione Dracontiana (1) non dice nulla in contrario (2). Anzi si puó con Demostene (c. Aristokr. 22) ammettere come legge Dracontiana, certamente antica (3), quella relativa alle attribuzioni della bule Areopagitica (4).

Gli avvelenamenti seguiti da morte rientrerebbero veramente nei casi della βούλευσις, intesa nel senso piú ampio dell'istigazione, ma comunemente si identificavano con gli omicidi. E come questi, dovevano essere sotto la giurisdizione o della bule Areopagitica o degli efeti. Se nella legge citata da Demosth. (l. c.) l'Areopago ha giurisdizione sui reati di veneficio mortale e senz'altra specificazione, puó ritenersi o che ció avvenisse solo in etá recente ovvero che la dizione di Demostene non sia precisa, e che si debba intendere che qui si tratti di veneficio intenzionale solamente, come il testo medesimo ce ne dá l'impressione (5). Nell'altro caso, di veneficio involontario—e in ogni modo, in epoca piú antica—la giurisdizione era *per diritto* degli efeti (6). Cosi p. es. nel caso cui si riferisce l'orazione di Antifonte περὶ τοῦ χορευτοῦ, che fu giudicato dinanzi al Palladio.

*

Da quanto si é veduto, risulta che giá era penetrata nel

---

(1) Da ció furono indotti gli autori (Plut., Solon. 19) a negare l'esistenza della bule prima di Solone (vedi *Busolt*, Griech. Alt.², p. 143).

(2) Dal fatto che nell'a. 409–8 fu pubblicato solamente l'axon relativo all'omicidio premeditato sul quale avevano giurisdizione gli efeti, non si deve ricavare che l'altro o gli altri axones, nei quali si riguardavano l'omicidio volontario o altri reati gravi, non fossero pubblicati perché oramai la giurisdizione fosse passata dagli efeti alla bule (*Dareste*, Recueil, p. 21). Tale pubblicazione non si fece, probabilmente perché era inutile pubblicare disposizioni, identiche a quelle in uso.

(3) Benché il testo sia piú recente. Infatti δικάζειν ha qui il significato recente (v. sopra, p. 737, n. 1).

(4) Sulle quali cf. *G. De Sanctis*, op. cit., p. 183 sgg. (1 bis). E non sia stato abolito o limitato nelle sue attribuzioni da Draconte. (Cf. il recente lavoro di *I. Hofmann*, Studien zur drak. Verf., Progr. Straubing, 1899, p. 29 etc.).

(5) Un'accusa di veneficio, giunta dinanzi alla bule, finí coll'assoluzione (Aristot., magna mor., 1188 b.), perché si costató che il fatto non era stato intenzionale. Questo prova non che qualunque specie di veneficio si dovesse giudicare dalla bule, ma piuttosto, che l'accusa fu presentata sotto il titolo di veneficio volontario, che si vide poi non esser tale.

(6) Per altro spettava, come abbiamo detto, ai βασιλεῖς rimandare, volta per volta, la causa al giudizio degli efeti o della bule.

*

diritto la fondamentale distinzione dell'omicidio μὴ ἐκ προνοίας da quello ἐκ προνοίας. Ma nella prima idea erano comprese e confuse varie forme (dell'omicidio involontario, dell'indiretto) (1), ed era quindi un'idea ancora negativa.

Durava ancora il diritto primitivo della vendetta della famiglia, ma era di molto temperato giá dall'influsso benefico della religione dall'intervento dello stato. Pertanto la nostra legge corrisponde ad un non lieve progresso rispetto all'etá Omerica.

Prima della legge, esisteva certamente l'αἴδεσις (ma la clausola sull'effetto retro attivo mostra che, almeno negli ultimi tempi, non era stato questo beneficio regolarmente osservato). Piú antiche erano anche le magistrature: il βασιλεύς, che per le sue attribuzioni sacre aveva competenza sulle δίκαι φονικαί; i βασιλεῖς ὁ φυλοβασιλεῖς (v. sopra); e la bule Areopagitica. Anche anteriormente dev'essere stato istituito il collegio dei 51 ἐφέται (2), e per effetto di lungo sviluppo; quantunque se ne attribuisca la creazione a questa legge (3), senza fondamento. In ogni modo, nulla si puó ricavare dal testo della legge, dove gli ἐφέται sono menzionati semplicemente, e nulla quindi gli antichi ne potevano sapere (perché niente apprendevano dalla legge). Nella redazione della legge, fatta verso la fine del V secolo, erano indicati gli ἐφέται tanto noti, *senz'altro*; onde non si puó dire che cosa ne fosse di loro due secoli prima. Forse potrebbe assegnarsi alla loro istituzione un'etá non molto lontana da quella dell'origine dei 6 tesmoteti, se non uguale, qualora fosse ammissibile un rapporto comune ad ambedue i collegi (4), cioé il rapporto del numero delle tre classi, e fosse credibile che anche le due classi dei georgi e

---

(1) Nell'axon Dracontiano si accenna anche all'omicidio per legittima difesa. Non si parla di quello involontario impunito (com'é in Demosth., c. Aristokr. 53). Non pochi scrittori recenti fanno una certa confusione tra il φόνος non premeditato punito con l'esilio, l'omicidio non soggetto a pena, e l'altro involontario.

(2) Sulle varie questioni dell'origine, etimologia e significato della parola etc. vedi i testi in *Busolt*, Griech. Gesch. II², 234, n. 1.

(3) Cioé a Draconte secondo la tradizione, naturalmente (Poll. VIII, 125; cf. Tim., Lex. Plat., 127).

(4) Non é accettabile per gli efeti il rapporto con le 4 φυλαί (cioé $51 = (4 \times 4 + 1) \times 3$), per la semplice considerazione che il collegio dei 51 doveva riunirsi tutto, non per $^1/_3$ rispettivamente, in ognuno dei luoghi assegnati secondo la natura del reato, e infatti nella legge Dracontiana, che tratta dell'omicidio non premeditato, sono menzionati i 51 ἐφέται.

demiurgi avessero ingerenza almeno—secondo noi—passiva, nell'elezioni alle cariche degli efeti e dei tesmoteti (1).

*

Dunque la legislazione scritta attribuita a Draconte rappresenta, in complesso, il diritto come si era evoluto in un lungo-periodo di tempo. Essa cioé conservó le regole del diritto consuetudinario, chiarendole e fissandole, imponendo l'obbligo generale della osservanza, val quanto dire, dando il carattere e valore di «legge.»

In questo consiste la grande innovazione, non esclusa qualche modificazione nella procedura; ma su tutto regna forte dubbio.

La codificazione (2) é attribuita dalla tradizione all'opera di un solo, e senza dubbio impropriamente. Giá nel secolo VII (3) esisteva il collegio dei θεσμοθέται (4), incaricati di stabilire per iscritto, applicare e sviluppare i principi del diritto consuetudinario (θέσμια) (5).

L'attivitá lenta e successiva di questa magistratura venne riassunta nel nome leggendario di Draconte (6).

Di lui la tradizione non posteriore al V secolo, nulla quasi conosceva (7). Solo si sapeva, che costui era stato prima di

---

(1) *Busolt*, op. e vol. cit., 179, nota.

(2) Che risponde alle necessitá dello sviluppo storico, e in parte anche alle tendenze ed aspirazioni delle classi inferiori. Certamente fu per le classi non aristocratiche il principio dell'emancipazione sociale e politica.

(3) Posteriormente, secondo Ἀθ. πολ. III, all'introduzione dell'arcontato annuo, posta dai cronografi nell'a. 683-2. Ma puó tale istituzione dei tesmoteti esser avvenuta prima di quest'época (vedi *Meyer*, Forsch. zur. alt. Gesch., II, p. 532).

(4) L'istituzione del quale segna un progresso delle classi inferiori, ove ammettiamo in base al numero messo in relazione con quello delle tre classi, un'ingerenza almeno passiva delle inferiori (v. indietro, p. 741). Cf. nota 2.

(5) Cf. Ἀθ. πολ. III, 4. Vedi particolarmente *E. Herzog*, Zur Verwaltungsgesch. des attisch. Staats, Diss., 1897, p. 10 sg.

(6) Crediamo superfluo discutere se realmente l'opera personale di questo tesmoteta rivestito di poteri straordinari si limitasse a raccogliere e forse a compiere l'opera dei tesmoteti (*Busolt*, Griech. Gesch., II², 177, 223, n. 1; 224, n. 1), o si estendesse a determinare per la prima volta principi di diritto, dando loro forza di legge (vedi *Ziehen*, in rheinisch. Museum LIV, 3, p. 335 sgg.).

(7) La leggenda sulla sua crudeltá sorse non dell'espressione νόμοι φονικοί interpretata col tempo erroneamente (nel senso di leggi sangui-

Solone, ma in un'epoca che non si poteva precisare, nella seconda metá del VII secolo (1), non comparendo nella lista degli arconti. Si credeva che fosse stato legislatore (2), il primo autore di una legislazione scritta (3) (in generale), della quale si conosceva la parte concernente il diritto criminale.

FRANCESCO P. GAROFALO,
Professore di storia antica

---

narie?!), ma semplicemente dal carattere arcaico delle leggi in confronto a quelle recenti, contenenti disposizioni piú miti. Forse non é stato estraneo l'ínflusso anti-oligarchico, in reazione a quello degli oligarchici del 411.

(1) La notizia dell' Ἀθ. πολ. IV, risalente all'Attide, lo posse nell'arcontato di Aristaichmos, di anno ignoto, «molto tempo prima di quello di Solone» (cf. *Wilamowitz*, Arist. u. Athen, I, 97 sg., n. 33).

(2) Cf. θεσμοθετήσαντος di Poll. (IX, 36, 8) che deve intendersi in senso generico.

(3) Aristotel., Ἀθ. πολ. XLI, 2; vedi Joseph. c. Apion. I, 5.

SCIENCIAS PHYSICO-MATHEMATICAS

ESTUDOS SOBRE A MANDIBULA

(Cont. do n.º 11, pag. 689)

Medidas feitas em mandibulas portuguezas

6. Nas suas Instrucções craniometricas aconselha Broca como medidas a affectuar na mandibula a determinação (pelo compasso) de dez cordas e (pelo goniometro) de dois angulos, além de medidas de curvas.

Procurámos fazer as doze medidas a que acabamos de nos referir. Além d'isso, notando desde as primeiras observações differenças sensiveis entre os valores encontrados nas duas metades symetricas da mesma mandibula, fizemos separadamente medidas nos dois braços do corpo e nos dois ramos.

Deu isso um total de dezoito medidas a effectuar em cada exemplar. O resultado foi que não pudemos medir senão um numero relativamente limitado. Foram ao todo 101, distribuidos do modo seguinte pelo sexo e edade:

Homens	Jovens	13
	Adultos	51
Mulheres....	Jovens	10
	Adultas	27
	Total.....	101

Incluimos nos adultos todos os homens com mais de 24 annos e todas as mulheres com mais de 23.

Excluimos sempre os exemplares de edade muito avançada e já deformados pela senilidade. Apenas dois homens do

quadro anterior excedem um pouco os 70 annos. No grupo de exemplares femininos nenhum excede esse limite.

Posto isto, vejamos como são organizados os quadros que vão nas paginas seguintes. No quadro A vão os exemplares masculinos, no B os femininos. Num e noutro a seriação foi feita por edades, que vão indicadas na columna II. Na columna I vão os numeros de ordem na collecção a que pertencem os cranios.

Procurámos dispôr as medidas por uma tal fórma que por ellas se possa facilmente fazer idéa da mandibula.

Nesse intuito começámos em primeiro logar por considerar as medidas que definem a base. São as das columnas III, IV, V e VI. Na columna III vão os valores da distancia entre os dois gonions, distancia que pudemos chamar a largura da base; na IV vai o seu comprimento ou distancia do ponto inferior da linha symphisiana (ponto symphisiano) ao meio da linha bigoniaca. Se a mandibula fôsse perfeitamente symetrica em relação ao seu plano medio antero-posterior, estas duas medidas definiriam já o triangulo da base, do qual representam um lado e a mediana tirada pelo vertice opposto. Como isso se não dá, inscrevemos nas columnas V e VI as dimensões dos dois braços do corpo, que são os outros dois lados do triangulo, o qual fica assim mais do que determinado.

Definida a base da mandibula, passámos a um grupo de medidas que indicam a altura das differentes regiões da mandibula acima d'essa base e as suas inclinações sôbre ella. São as das columnas VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV. Os valores da VII representam dimensões da corda symphisiana ou distancia do ponto alveolar ao symphisiano; os da VIII e IX representam alturas dos dois braços da mandibula nas regiões comprehendidas entre os ramos e o ultimo molar. Em X e XI vão os comprimentos dos ramos, contados desde a parte superior dos condylos até aos gonions. Nas duas columnas immediatas XII e XIII vão os angulos que fórma com a base uma linha tirada tangencialmente ao bordo posterior do ramo e ao condylo (angulo mandibular). Finalmente em XIV deviam ir os angulos formados com a base por uma linha tirada tangencialmente á saliencia da barba e passando pelo ponto alveolar (angulos ymphisiano); não, porém inscrevemos nella valores nenhuns, porque só conseguimos fazer um pequeno numero de medidas.

Passemos ao ultimo grupo de medidas dos quadros A e B. Representam distancias entre pontos da mandibula situados fóra da base. Os valores da XV e XVI são larguras dos ramos

(largura minima numa direcção perpendicular ao bordo posterior); os da XVII e XVIII são distancias da parte posterior dos condylos ás apophyses coronoides dos respectivos ramos; os da XIX representam distancias que separam dois orificios que ha na face externa do corpo symetricamente em relação á linha média (buracos do mento). Finalmente em XX vão valores das distancias dos dois condylos entre si, tomados dos pontos mais salientes para o exterior.

7. Com excepção dos valores das columnas IV, XII e XIII, todos os outros foram obtidos directamente pela applicação do compasso de corrediça ou craveira, seguindo os processos indicados por Broca.

Para a determinação do gonion servimo-nos de um compasso ordinario cujos dois ramos tornavamos tangentes um ao bordo inferior do braço da mandibula, outro ao posterior do ramo adjacente. O ponto do bordo situado na bissectiz do angulo do compasso era o que tomavamos como *gonion*.

Os valores da columna IV foram deduzidos dos das columnas III, V e VI por uma construcção graphica simples.

Os das columnas XII e XIII foram obtidos com a applicação de um goniometro mandibular existente no Laboratorio Anthropologico, construido pelo sr. João Salema e que é uma modificação do goniometro mandibular de Broca.

8. O quadro C não necessita de ser esclarecido. Os numeros da primeira columna conservam as significações indicadas no principio do quadro A.

Nas columnas seguintes vão as médias deduzidas dos quadros A e B, sempre acompanhadas do numero de observações de que resultaram.

Finalmente no quadro D transcrevemos uns valores obtidos por M. Renard para os indices dos ramos da mandibula (relação centesimal entre a largura e o comprimento), intercallando-lhe na altura devida os valores que as nossas observações deram.

Obtivemos esses valores, formando o indice de cada exemplar e tomando depois a média dos indices.

9. Cumpre-nos agora ver o que se poderá concluir dos valores que apresentamos. Limitar-nos-hemos a conclusões

muito geraes. O numero restricto de exemplares medidos e a pouca confiança que merecem as nossas observações em vista da pouca pratica que temos de anthropometria, faz com que sómente registemos os resultados nitidamente expressos nas series e que são em parte confirmações de resultados conhecidos.

Resumiremos pois as nossas conclusões ao seguinte:

—E' desnecessario o estudo separado das duas metades da mandibula. Os resultados finaes obtidos nos dois ramos são sensivelmente concordantes. Somos portanto levados a acreditar que as differenças por vezes muito importantes manifestadas nas observações isoladas não correspondem a causas systematicas; são variações puramente fortuitas.

O que convirá em qualquer serie de medidas é effectuá-las todas no mesmo ramo.

—A separação dos sexos é nitida na serie que estudámos. Além da grandeza absoluta menor no sexo feminino que no masculino, ha a notar os dois caracteres seguintes: *a*) angulo mandibular; é maior nas mulheres que nos homens, as nossas médias dão uma differença de dois gráus; *b*) indice dos ramos; é um pouco maior tambem nas mulheres que nos homens, nestes é portanto o ramo mais comprido e estreito que naquellas.

—A média dos angulos mandibulares nos exemplares jovens que medimos é superior á dos adultos tanto nos homens como nas mulheres. Este angulo diminue pois até á edade adulta.

O pequeno numero de mandibulas jovens que estudámos não nos permitte precisar mais a influencia da edade.

QUADRO A

HOMENS

N.° de ordem	Edade	MEDIDAS NA BASE				ALTURAS E INCLINAÇÕES ACIMA DA BASE								DISTANCIAS ENTRE PONTOS SITUADOS FÓRA DA BASE					
		Largura	Comprimento	Corda gonio-symphisiana		Altura do mento	Altura dos braços		Comprimento dos ramos		Angulo mandibular		Angulo symphisiano	Largura dos ramos		Corda condylo-coronoide		Distancia entre os buracos do mento	Corda bicondyliana
				E	D		E	D	E	D	E	D		E	D	E	D		
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
103	13	82	62	71	78	26	17	17	47	46	134	133	–	22	23	26	27	43	102
18	14	89	60	75	75	29	23	23	46	49	146	146	–	26	25	33	33	46	111
60	16	75	65	74	76	27	27	26	54	55	131	131	–	31	31	36	36	41	107
80	16	91	62	77	77	–	24	–	52	51	134	133	–	29	27	34	34	42	117
91	18	96	70	85	85	32	25	25	58	59	129	129	–	30	30	34	36	47	125
78	20	94	60	76	76	–	25	24	62	62	132	131	–	29	27	33	33	42	118
17	21	99	69	84	86	33	25	25	58	56	127	128	–	35	34	39	40	46	120
58	21	89	69	81	84	35	27	24	57	59	130	136	–	26	26	31	32	41	109
115	22	92	64	79	79	36	25	26	66	66	132	129	–	32	32	36	38	44	108
23	23	95	66	82	80	34	26	26	54	57	135	134	–	27	27	28	30	46	114
36	23	92	68	82	82	30	25	25	49	51	137	135	–	27	28	33	34	41	110
95	23	93	72	86	89	37	30	28	70	67	134	130	–	36	35	46	45	41	123
94	24	88	76	87	89	37	29	26	59	57	127	127	–	31	32	36	37	45	113
6	25	98	73	89	87	34	29	30	65	64	124	122	–	35	34	39	39	49	120
10	25	92	74	86	88	38	–	–	57	57	132	132	–	27	28	41	39	44	126
13	25	96	70	85	85	–	23	23	62	62	122	121	–	33	33	39	40	40	115
104	25	101	66	82	84	28	28	24	61	–	135	135	–	29	27	36	–	42	–
8	26	92	66	80	81	–	26	26	61	59	137	135	–	29	29	39	39	48	114
47	26	83	67	78	79	30	26	27	52	51	135	134	–	29	30	39	39	45	105
59	27	104	69	87	86	35	–	26	64	66	139	137	–	31	31	36	37	46	119
87	27	90	67	80	81	31	21	24	60	60	128	128	–	28	29	33	34	39	109
27	28	100	64	82	81	33	29	31	60	62	135	133	–	29	29	34	33	47	118
100	28	92	58	74	74	36	–	–	61	62	129	129	–	26	27	37	36	39	115
14	30	103	76	91	92	29	22	24	63	58	129	127	–	32	32	–	40	45	128
43	30	97	72	86	87	33	27	25	61	61	131	127	–	34	34	39	39	44	121
120	31	95	70	85	85	32	–	–	57	59	141	138	–	31	30	41	41	44	116
51	35	100	64	82	80	34	29	29	70	70	111	115	–	32	32	–	35	43	115
62	35	101	64	82	82	31	29	30	73	71	121	121	–	31	30	40	39	45	126
22	36	100	69	86	85	39	27	28	58	62	131	133	–	32	31	39	39	45	121
128	36	88	69	82	82	31	26	25	62	62	122	121	–	34	32	39	37	43	120
1	37	94	68	83	83	35	–	–	68	70	119	119	–	32	32	44	44	43	116

N.º de ordem	Edade	MEDIDAS NA BASE				ALTURAS E INCLINAÇÕES ACIMA DA BASE								DISTANCIAS ENTRE PONTOS SITUADOS FÓRA DA BASE					
		Largura	Comprimento	Corda gonio-symphisiana		Altura do mento	Altura dos braços		Comprimento dos ramos		Angulo mandibular		Angulo symphisiano	Largura dos ramos		Corda condylo-coronoide		Distancia entre os buracos do mento	Corda bicondyliana
				E	D		E	D	E	D	E	D		E	D	E	D		
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
16	39	90	68	80	83	38	26	27	56	60	133	133	–	30	29	34	33	–	113
15	41	92	74	86	88	32	31	33	66	68	128	125	–	34	36	40	42	48	110
29	42	103	70	86	86	32	25	28	63	62	122	122	–	35	35	41	41	52	126
55	45	96	68	82	84	–	–	25	57	59	126	125	–	34	35	–	–	44	118
63	45	104	67	85	84	33	29	29	64	63	123	125	–	33	32	38	41	45	129
84	45	109	78	94	96	–	–	24	62	63	127	126	–	36	36	43	45	46	130
89	45	89	59	73	74	33	25	26	60	61	130	130	–	26	26	33	36	43	107
97	45	100	75	90	90	33	28	–	64	62	122	121	–	32	32	42	42	46	122
123	47	94	66	81	81	38	28	28	66	67	125	124	–	29	28	40	41	45	122
3	48	99	71	86	87	35	24	26	60	62	127	126	–	31	32	41	42	46	118
24	48	96	64	80	80	–	26	–	54	57	139	139	–	30	30	39	39	43	121
90	48	99	70	86	86	–	26	26	58	58	126	122	–	32	32	40	42	43	116
113	50	94	64	80	79	–	–	–	58	60	140	141	–	23	23	41	42	42	125
28	52	103	73	89	90	37	26	26	60	62	137	134	–	35	35	43	43	47	119
46	52	100	70	85	87	37	30	28	66	65	126	126	–	37	37	45	45	50	124
53	54	103	70	88	87	37	25	30	57	59	121	122	–	31	32	39	39	46	128
105	55	109	79	94	97	34	–	–	59	57	142	138	–	29	31	43	45	50	117
7	56	103	64	82	82	–	–	–	61	62	133	129	–	27	29	42	42	41	122
35	56	84	75	87	85	33	30	29	67	66	130	128	–	35	34	43	42	45	122
57	56	105	68	85	87	33	–	–	65	65	128	127	–	33	33	39	42	43	116
5	57	98	72	87	87	30	–	–	61	61	123	123	–	31	34	38	38	43	121
37	57?	96	72	88	85	–	–	–	56	59	129	129	–	34	34	41	43	41	114
65	57	102	73	88	87	36	28	27	66	67	118	119	–	38	37	44	43	47	124
68	60	97	73	88	87	32	29	29	79	78	127	124	–	32	32	37	37	47	117
69	60	99	74	89	89	?	28	28	63	62	126	128	–	37	35	40	40	47	115
74	60	102	71	86	88	31	27	24	62	60	130	134	–	28	26	37	37	45	120
82	60	94	73	87	87	35	–	25	60	57	137	138	–	30	29	40	41	47	122
9	64	93	72	86	85	–	–	–	61	63	127	125	–	35	34	42	40	48	113
11	68	95	64	80	80	–	29	26	64	65	141	135	–	33	33	39	39	41	116
4	69	102	65	83	81	–	–	–	62	64	126	126	–	31	33	35	38	46	129
79	76	96	70	86	84	35	–	27	60	60	124	124	–	32	31	37	38	45	121
102	77	99	65	82	85	–	–	–	64	63	126	120	–	31	32	36	36	40	121
98	?	87	72	84	85	39	–	–	59	59	134	133	–	33	34	43	44	45	114

QUADRO B

MULHERES

N.º de ordem	Edade	MEDIDAS NA BASE				ALTURAS E INCLINAÇÕES ACIMA DA BASE							DISTANCIAS ENTRE PONTOS SITUADOS FÓRA DA BASE					
		Largura	Comprimento	Corda gonio-symphisiana		Altura do mento	Altura dos braços		Comprimento dos ramos		Angulo mandibular		Angulo symphisiano	Largura dos ramos		Corda condylo-coronoide		Distancia entre os buracos do mento	Corda bicondyliana
				E	D		E	D	E	D	E	D		E	D	E	D		
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
39	14	77	70	81	79	–	–	–	55	55	119	118	–	30	28	35	35	38	111
56	14	73	64	72	74	29	23	22	51	48	132	134	–	29	29	36	36	39	104
45	19	86	65	78	78	34	22	23	51	50	146	146	–	30	30	36	38	44	96
93	19	82	61	72	74	–	21	20	50	48	132	137	–	27	28	34	36	41	106
64	20	90	63	77	78	29	21	21	54	52	132	132	–	29	29	36	37	41	110
76	21	90	74	88	86	30	–	24	53	53	134	138	–	31	31	–	38	45	108
83	22	83	66	78	78	29	19	19	52	53	142	140	–	30	31	34	34	44	104
118	22	85	62	75	75	–	22	22	–	53	–	131	–	30	31	–	38	–	–
30	23	86	67	79	80	28	24	26	57	59	135	129	–	31	32	36	35	44	112
96	23	83	63	75	76	29	22	23	51	54	130	130	–	27	28	34	35	44	110
71	24	92	73	87	86	–	26	27	62	65	133	136	–	35	33	43	43	44	119
109	25	81	59	72	71	34	23	24	55	55	137	141	–	28	28	38	41	42	107
75	26	97	67	83	83	30	28	27	62	62	127	129	–	35	34	–	41	45	124
31	27	86	60	74	74	–	22	22	51	51	138	139	–	26	24	37	36	38	110
20	28	86	63	75	77	–	23	24	53	53	128	130	–	25	26	34	34	40	112
21	34	90	65	79	79	32	21	21	54	55	144	144	–	28	27	37	37	42	115
85	34	90	66	80	80	–	–	22	58	62	–	127	–	30	30	40	40	48	114
116	34	93	68	82	83	32	22	23	58	61	135	134	–	28	28	37	40	43	108
49	35	88	63	77	77	31	22	24	64	63	126	125	–	27	27	36	37	42	121
117	38	87	65	78	78	–	25	23	60	58	122	124	–	31	31	33	36	44	110
19	40	82	65	77	77	34	–	–	50	55	135	135	–	29	30	34	34	39	114
42	40	100	65	82	82	31	–	–	56	54	139	139	–	28	26	36	38	43	123
61	40	93	63	78	78	36	–	26	55	56	130	128	–	30	30	32	31	43	110
101	40	94	71	85	85	38	26	25	55	54	120	122	–	36	36	34	36	44	119
2	40?	85	58	72	72	32	–	22	54	55	132	131	–	26	26	–	34	40	111
88	45	80	64	76	76	–	–	–	52	51	128	128	–	27	27	35	35	40	109
111	45	89	68	82	81	23	–	–	51	51	122	124	–	28	27	33	35	44	112
26	46	87	61	74	76	33	26	28	64	63	134	131	–	28	28	37	37	44	120
107	50	92	65	79	77	–	26	26	59	59	124	125	–	33	33	39	42	45	118
81	50	87	63	76	77	33	23	24	56	57	135	135	–	27	27	33	33	45	112
77	60	80	67	77	79	–	–	–	51	51	142	142	–	26	26	37	36	42	109

N.º de ordem	Edade	MEDIDAS NA BASE				ALTURAS E INCLINAÇÕES ACIMA DA BASE								DISTANCIAS ENTRE PONTOS SITUADOS FÓRA DA BASE					
		Largura	Comprimento	Corda gonio-symphysiana		Altura do mento	Altura dos braços		Comprimento dos ramos		Angulo mandibular		Angulo symphysiano	Largura dos ramos		Corda condylo-coronoide		Distancia entre os buracos do mento	Corda bicondyliana
				E	D		E	D	E	D	E	D		E	D	E	D		
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
86	60	87	65	78	78	–	–	–	56	58	126	128	–	31	31	40	41	42	118
12	65?	81	63	76	73	–	23	25	50	52	121	122	–	30	31	40	40	39	103
66	65	97	65	81	81	31	29	30	55	56	128	128	–	31	31	33	33	47	123
70	66	87	63	76	77	32	33	–	55	55	–	–	–	27	24	38	36	42	116
92	70	90	64	80	77	31	26	25	56	56	134	134	–	29	30	34	36	47	112
99	70	92	72	84	87	–	–	–	62	61	129	129	–	30	30	38	41	43	118

QUADRO C

Designações dos quadros A e B	SERIE GERAL		HOMENS		MULHERES	
	Médias	N.º de observações	Médias	N.º de observações	Médias	N.º de observações
III	90	78	97	51	89	27
IV	67,7	78	69,3	51	64,8	27
V	82,5	78	84,6	51	78,5	27
VI	82,6	78	84,8	51	78,5	27
VII	33,3	53	33,8	37	32,1	16
VIII	26	49	27	32	24,3	17
IX	26	54	27	35	24,6	19
X	59,8	78	61,8	51	56,0	27
XI	60,3	77	62,2	50	56,6	27
XII	129	76	128	51	131	25
XIII	129	77	128	51	131	26
XIV	–	–	–	–	–	–
XV	30,7	78	31,5	51	29,2	27
XVI	30,6	78	31,6	51	28,9	27
XVII	38,2	73	39,3	48	36,3	25
XVIII	38,7	76	39,7	49	37,1	27
XIX	44	77	45	50	43	27
XX	118	77	119	50	115	27

QUADRO D

INDICE DO RAMO DA MANDIBULA

7 berberes	47,4		
13 merovingios	50,6		
78 portuguezes	51,4	Homens	E — 51,2
			D — 50,2
		Mulheres	E — 52,3
			D — 51,1
20 mediterraneos	52,6		
15 egypcios	52,6		
7 parias da India	54,5		
5 usbecks	55,3		
4 malaios	56,6		
13 neo-hebridos	56,7		
10 chinezes	57,3		
5 polynesios	60,9		
17 neo-caledonios	61,0		
23 negros d'Africa	65,3		

ALEXANDRE ALBERTO DE SOUSA PINTO.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES

O ARCHITECTO JOÃO DE CASTILHO

(Mais uma sua carta inedita)

No primeiro volume do nosso *Diccionario dos Architectos,* publicámos bastantes cartas ineditas do notavel architecto João de Castilho, de quem se ufana de descender o sr. visconde de Castilho. Algumas d'ellas descobrimol-as para assim dizer por palpite, porque se achavam inscriptas no Indice do *Corpo Chronologico* por um modo bem extravagante, que não denunciava uma grande pericia ou pelo menos uma grande attenção por parte do paleographo que decifrou as assignaturas. Foram attribuidas a Jeronymo de Castilho, Nuno de Castilho e até a fr. João de Castro!

Já depois de publicada a nossa obra, foi encontrada outra carta, que andava attribuida a Jeronymo de Castello. A que variedade de interpretações não deu logar a assignatura de João de Castilho, aliás de uma calligraphia que nada tinha de embaraçosa, como a de tantos dos seus contemporaneos!

Esta carta é de 8 de dezembro de 1535 e n'ella se queixa João de Castilho da carestia de trigo que se dava em Thomar, o que fazia com que os officiaes que trabalhavam na obra do convento a abandonassem pela falta de pão. Attribuia elle principalmente este mal ao convento ter dado de arrematação o celleiro a um christão novo. Esta carta, se é de pouca ou nenhuma importancia pelo lado artistico, é todavia de grande interesse pelo lado economico e social e por isso nos damos pressa em a estampar aqui, não sabendo quando a poderemos reproduzir no nosso *Diccionario,* que, por causa da typographia onde se imprime, não progride, ou antes permanece esta-

cionario, n'uma enfadonha hybernação sem esperanças de primavera proxima.

Eis o curioso documento:

«Senhor—Eu tenho medo que a gemte desta hobra asy hofeciais como a outra mais gemte me haõ de desemparar e deixar por fallta de paõ nesta villa por que ametade dos dias naõ se acha nella bocado ha vemder /e graças a deus nesta terra ha deoses como no tempo dos gemtios por que hadeuinhaõ ho que ha de vir e jsto saõ chrisptaõs nouos que tem thomado thodo ho triguo desta uilla asy de çelleiros como de comemdas /e ajmda per seus modos compraõ allgum se uem/e ho lleuaõ pouco a pouco pera a casa e por este Respeito se naõ acha na uylla paõ pera mamtimemto da gemte//por que ho celeiro desta casa Remeadua muito esta uilla e seu termo e aguora poucos dias ha por comcelho de thodos hos chrisptaõs nouos cometeraõ a huum delles que a Remdase ho çelleiro ao padre/ho quall jaa tinha metido e Recolhido em casa e por que ho padre lhe dese o triguo deste anno aRemdoulho por houtros dous annos //e como quer que ho aRemdasem ao padre a sua vomtade e por que he amiguo dacrecemtar aRemda do comvento/aRemdoulho do quall eu creo que lhe a elle ja pesa por ho ter aRemdado e diso estaõ thoda esta uilla e termo muyto escamdallyzados que dizem que ho paõ que elles llauraõ e semeaõ que he mujta sem Razaõ metello nas maõs de huum tirano pera hos esfollar/por que quando este çelleiro se uemdia pella casa punhase no que era Razaõ/e thoda ha houtra mais gemte vemdia emtaõ// e posto caso que ho padre ho fez em boa emtemçaõ e por proueito da casa vimte nem trimta mill reaes naõ lhe satisfaz nada/em perdaa pera ha casa/por que ho pouo he de vosa allteza e asy has fazemdas que tem verdadeiramemte gramde seruiço de deus e de vosa allteza seria por meio nyso/por que ogestedia ha huum mes que elles se comtemtaraõ de ho vemder a çimcoemta e a çimcoemta e çimco/e se deus for seruido de nos dar allgũa estrellydade de fome ajmda que ho vemdaõ a cruzado nem por yso hade abastar mais a terra/senaõ abastara pera roubar a vosa allteza por que ho que roubaõ ao seu pouoo a vosa allteza ho roubaõ/e ho seruiço de deus que vosa allteza nisto pode fazer que sera muito gramde he mamdar thomar ho çeleiro a este chrisptaõ nouo/e mamdallo emtregar a dous homens de bem que pagem a Remda ao padre per que elle estaa comsertado com elle e que ho Repartaõ por este pouoo asy como se vemdya no comuemto/e as pagas que elle he hobrigado a dar e pagar ao padre frei Amtonio hos mesmos que tomarem ho çeleiro lhe faraõ asy seus pagamemtos/e jsto me parece que vosa allteza deue de mamdar e sera muyto seruiço de deus por que doutra maneira naõ tera ho pouo nenhum Remedeo e perderseha noso Senhor acrecemte hos djas de vyda a vosa allteza como thodos desejamos deste thomar oge biij de dezembro de 1535=Joham de Castillo.

Sobrescripto=A ElRei Noso Senhor» (1).

SOUSA VITERBO.

---

(1) Torre do Tombo, *Corpo Chronologico*, parte 1.ª, maço 56, doc. 93.

ALEXANDRE HERCULANO

I

No dia 14 de setembro de 1878 baixou á sepultura na Azoia de Baixo, pequeno burgo das proximidades de Santarem, o cadaver de Alexandre Herculano (1). Portugal perdeu neste homem o mais inclito cidadão, o seu primeiro historiador, o mais extrenuo defensor das liberdades patrias, e um dos seus soldados mais valentes. Puritano austero, conservou até á morte a integridade das suas convicções politicas e religiosas. Talento privilegiado, legou ao seu paiz na historia, na litteratura, na poesia, na critica e na politica os documentos do mais entranhavel patriotismo, e o mais subido monumento erguido, ha tres seculos a esta parte, á gloria nacional.

Embalado no berço entre os brados da patria abandonada pelo seu soberano, e adormecido ao ruido das luctas d'um povo que sacudia com paixão um jugo estranho e tyrannico, o vulto infantil de Alexandre Herculano medrou sacudido pelas convulsões nervosas d'uma sociedade profundamente desorganisada, cresceu na adolescencia acarinhado pelas ondulações caprichosas, e sempre terriveis, d'uma reconstituição politica, e desabrochou na juventude opprimido pelas exacções odiosas e violentas d'uma usurpação execranda.

Havia retirado o Duque de Dalmacia do terreno portuguez, acossado pelos 30:000 inglezes de Wellesley e pelos 20:000 portuguezes de Beresford, e preparava-se a invasão de Massena, quando a 28 de março de 1810 nasceu em Lisboa Alexandre Herculano, filho de paes honrados. Os seus primeiros annos passou-os dedicados ao estudo das humanidades no Collegio dos Padres Congregados de S. Filippe Nery. Destinado a cursar as aulas universitarias quando, aos 17 annos, terminou estes estudos, viu então que a estrella do seu futuro começára de empallidecer, e principiou, em tão verdes annos, a experimentar os revezes implacaveis da sorte e os desgostos ineluctaveis da vida; revezes e desgostos que parecem perseguir acrisoladamente, do berço á campa, todos os que têm

---

(1) Falleceu ás 10 horas da noute do dia 13.

de ser fortes na lucta da existencia. Assim como nas batalhas se tempera o animo do soldado, e o valor enraiza e braceja vigorosos ramos com a diuturnidade do perigo, as adversidades da fortuna, os receios da incerteza e a dureza das privações; assim tambem aquelles que no mar da vida se viram sempre açoutados pelos ventos contrarios de borrascas inesperadas, sentem que o coração se lhes dilata pela tensão dos energicos sentimentos e das aspirações varonis.

O mallogrado academico soffreu o duro golpe de ver seu pae fulminado pela cegueira, em quanto seu avô, abastado em bens de fortuna, experimentava uma completa ruina, victima da sua honradez e dedicação. Nesta conjunctura não lhe succumbiu o animo; e para minorar a melancholia das suas cogitações e a tristeza do primeiro desengano dos seus sonhos juvenis, entregou-se com fervor ao estudo da paleographia, sciencia muito sua predilecta.

Mais tarde, por entre as agruras do desterro, exclamava elle:

—«E eu, que velo na vida, e já não sonho
«nem gloria, nem ventura,
«eu, que esgotei tão cedo, até ás fezes,
«o calix da amargura;
«eu, vagabundo e pobre, e aos pés calcado
de quanto ha vil no mundo,
«santas inspirações morrer sentindo
«do coração no fundo,
«sem achar no desterro uma harmonia
«de alma, que a minha entenda,
«porque seguir, curvado ante a desgraça,
«esta espinhosa senda?»

Havia muito já que mergulhára no occaso esse astro tremendo e fugitivo, chamado Napoleão I. Em Portugal, depois de sacudido o jugo dos seus marechaes, vária tinha corrido a scena politica. A onda da revolução passára sobre a face do paiz. Tinha soado a hora da morte para as velhas immunidades do absolutismo e para a omnipotencia clerical, já então aviltada até ao opprobrio e escarnecida até á affronta. A 24 de agosto de 1820 a grande voz do povo portuguez levantára até aos céos o brado da liberdade, e proclamára a sua autonomia politica e social. Não fôra, porém, tão radical a reforma que, operada a reconstituição politica, não deixasse de permanecer ainda o velho machinismo social com os privilegios dos nobres, o desfaçamento dos mosteiros, as sinecuras e prebendas, a provecta e ruinosa administração, e a inchada e estupida auctoridade dos capitães móres.

Nada se faz sem tempo. E, na vida dos povos, é muito difficil despedaçar num só dia as vestes que cubriram o corpo da sociedade por largos seculos, ainda mesmo quando ellas não passem d'uma libré infamante ou de andrajosos farrapos.

Ainda bem não fôra acceito o juramento de obediencia do rei profugo á constituição democratica d'um paiz, que nem lhe exprobrára a inaudita debilidade de o ter abandonado na hora do perigo; ainda soavam aos ouvidos dos representantes da nação as expressões de satisfação e prazer do principe D. Miguel, e a todos recordava a recusa da rainha D. Carlota Joaquina, quando a contra-revolução de 1823 se exhibiu asquerosa ao sol radiante de maio, assignalando-se pela hypocrita sujeição do infante ao rei, proclamado de novo absoluto.

Foi então que de todas as partes da Europa, da Inglaterra, da França e da Russia, os soberanos abriram os fechos de ouro de seus affectuosos corações para saudar este monarcha frouxo, que não sabia ao certo o que mais valia ser—se soberano absoluto, se rei constitucional. Os seus eguaes na Europa ainda não haviam comprehendido a força irresistivel da corrente caudalosa chamada evolução social, e o infante não tardou em significar tambem quanto lhe eram sympathicos os principios do despotismo e os meios por que elles se propagam, alvorotando as tropas por um falso pretexto, e ordenando, sem acatar a auctoridade do rei, seu pae, muitas prisões e deportações.

A revolta sanguinolenta de 1824 deu o ultimo golpe em D. João VI. A' regencia de D. Isabel Maria, pacifica, mas imbuida de todos os preconceitos do direito divino, succedera a de D. Miguel. Este principe dissolve as côrtes e convoca a reunião dos tres estados, que o declara rei legitimo. Por fim acceita esta dignidade por decreto de 4 de julho de 1828. As tropas protestam, e fórma-se a junta do Minho sob a presidencia do general Hyppolito da Costa. Então, o inclito principe ordena o bloqueio do Porto e publica uma proclamação annunciando que vae collocar-se á frente do exercito «a fim «de exterminar d'um só golpe e para todo o sempre esse «espirito revolucionario que havia tantos annos agitava a nação «e a expunha aos maiores perigos.»

Finalmente, a liberdade foi definitivamente sepultada com o cortejo das degradações e da emigração. E elle, o principe, prestou o juramento real segundo a formula de 1641, dando beija-mão e acceitando o preito de homenagem dos tres estados. Isto no paço; na rua levantava-se a forca, com applauso da canalha e da fidalguia. Estas duas classes têm o sestro de

se encontrarem muitas vezes de braço dado na estrada do crime ou do vilipendio.

Era em 1831. D. Pedro havia abdicado o throno do Brasil na pessoa de seu filho e dirigia-se para a Europa com sua filha. Em Lisboa tentam-se levantamentos militares contra o despotismo. Alexandre Herculano chegara ao vigesimo primeiro anno da sua existencia. Assistira ás façanhas do usurpador; ouvira os soluços dos condemnados; vira correr silenciosas as lagrimas dos expatriados; passára junto das prisões que trasbordavam do mais puro e generoso sangue portuguez; olhára os pontões do Tejo quasi afundidos ao peso dos infelizes que eram de sobejo nas bastilhas; assistiu porventura á execução do general Moreira e de muitos officiaes; lêra o infame decreto de 21 de agosto de 1829; e ouvira relatar, emfim, se as não presenciou, as execuções, seguidas de decapitação e fogueira, de muitos portuguezes em 1831.

Tomou, portanto, parte na tentativa de revolta do quarto regimento de infanteria, que não logrou bom exito. Foi esta a primeira manifestação de Alexandre Herculano no tocante ás suas idêas politicas. O grande homem, que havia assim desafogado a nausea do despotismo, não querendo entregar de bom grado a sua cabeça ao algoz, emigrou para Inglaterra. Tremendo de indignação, sorriu desdenhosa e ironicamente dos valentes caudilhos que deixava no solo da patria:

«Nós, homens fortes, servos de tyrannos,
«que sabemos tão bem rojar seus ferros,
«sem nos queixar, menosprezando a patria
«e a liberdade e o combater por ella.»

Profugo, comeu o pão negro do exilio e soffreu as miserias do abandono, mas com animo firme, amparado pelo fogo sagrado das suas crenças e alvoroçado pelos enthusiasmos da sua natureza ardente. Este espirito forte não curava a fronte ante os senhores e esperava:

«Eu não! — eu rujo escravo; eu creio e espero
«no Deus das almas generosas, puras,
«e os despotas maldigo. — Entendimento
«bronco, lançado em seculo fundido
«na servidão de gozo ataviada,
«creio que Deus é Deus, e os homens livres!»

A's vezes, como aos prophetas de Sião, a recordação dos baldões da patria afundia-lhe na imaginação as proprias miserias; e antevendo em desmanteladas e confusas ruinas a outr'ora senhora das nações, a conquistadora da Africa e da Asia, sentia marejar-se-lhe os olhos de lagrimas:

«Como assim jaz solitaria e queda
«esta cidade outr'ora populosa!
«Qual viuva ficou, e tributaria
«a senhora das gentes!»

Outras vezes, desesperando que os filhos

«da mais illustre das nações da terra»

soubessem vingal-a do seu opprobrio, exclamava:

«Não.—Bem como um cadaver já corrupto
«a nação se dissolve: e em seu lethargo
«o povo, involto na miseria, dorme.»

Dissipava-se a visão. O norte agudo, refrescando-lhe o ardor da fronte, acachoava ondas verde-negras em volta do lenho d'onde vira sumir-se a ultima terra da patria, e sibilava lugubremente no velame. Então, quasi que o tomava o desalento:

«Oh! morte, amiga morte! é sobre as vagas
«entre escarcéus erguidos,
«que eu te invoco, pedindo-te feneçam
«meus dias aborridos:
«quebra duas prisões, que a natureza
«lançou a esta alma ardente;
«que ella possa voar por entre os orbes
«aos pés do omnipotente.
«Sobre a náu, que me estreita, a prenhe nuvem
«desça, e estourando a esmague,
«e a grossa prôa dos tufões ludibrio
«solta, sem rumo vague!»

O proprio heroe conta com que alvoroto sentiu bater a hora, não da redempção, porque o havia de ainda decidir o vaivem das batalhas, mas a em que aquella imaginação fogosa e aquelle espirito robusto, recalcados na impotencia do isolamento, dessem largas á legitima defesa dos mais santos direitos, que não represalia de reaes offensas ou vindicta de positivos damnos:

«Mas quando o pranto me sulcava as faces,
«pranto de atroz saudade,
«Deus escutou do vagabundo as preces,
«d'elle teve piedade.
«Armas!»—bradaram no desterro os fortes
«como bradar d'um só:
«erguem-se, voam, cingem ferros; cinge-os
«indissoluvel nó.
«Com seus irmãos as sacrosantas juras,
«beijando a cruz da espada,
«repetiu o poeta:—Eia, partamos!
«ao mar!»—Partia a armada.»—

Alexandre Herculano, tendo passado da Inglaterra á França e d'ahi á Ilha Terceira, onde se alistou como voluntario no batalhão de D. Maria II, veio a Portugal na expedição do Mindello, a qual effectuou o seu desembarque em 1832, e fez a campanha até quasi ao fim da guerra civil. Permaneceu, porém, no Porto onde desempenhava o cargo de segundo bibliothecario da bibliotheca publica. Quando estalou a revolução de setembro de 1836, o soldado de D. Pedro IV recusou-se a falsear o juramento que havia prestado á constituição de 1826, offerecendo a sua demissão e exprimindo-se por estas palavras no seu officio de 17 de setembro dirigido ao presidente da Camara Municipal:—«A fé, que prometti guardar «á Carta Constitucional da monarchia sellei-a com as miserias «do desterro e com os padecimentos e riscos de soldado que «passei na emancipação da patria:—para a conservação de «um cargo publico não sacrificarei, portanto, nem a religião «do juramento, nem o orgulho que me inspiram as minhas «acções passadas—.»

Retirado á vida privada, deu começo á sua longa carreira litteraria, tendo apenas acceitado, em 1840, o diploma de deputado pelo Porto, e em 1852 a presidencia da primeira Camara Municipal de Belem e Olivaes, que possue actualmente um codigo de posturas, por elle organisado, digno de servir de modelo em todos os municipios do reino.

II

Nada ha, por certo, mais espinhoso do que apreciar o caracter de um homem que se não conheceu pessoalmente. Eu não conheci, de facto, a Alexandre Herculano, e nem apprendi os seus louvores da bocca da lisonja ou da adulação. Sem ter presenciado as luctas civis do meu paiz, sou, sem duvida, o mais incompetente d'entre os concidadãos de Alexandre Herculano para lhe esboçar, se quer, o contorno do majestoso vulto. Deixo, pois, tarefa tão ardua a outros que reunam ao trato do homem, no bem acabado quadro d'uma biographia completa, o estylo e o colorido, que faltam nesta resumida noticia.

Os particulares do caracter dos homens illustres, se algumas vezes se registram nas memorias do passado, esquecem muitissimas outras na historia dos benemeritos da patria. Que, de feito, não se harmonisam muitas vezes a aureola do talento, os vôos do genio ou os louros da heroicidade, com as multiformes e, não raro, variaveis feições que assume o temperamento dos grandes cidadãos.

Os desgostos, as contrariedades, os menosprezos, as injustiças, as ingratidões, as calumnias, as mil vicissitudes da vida, que occorrem numa carreira importante, imprimem ao fundo das propensões individuaes aspectos tão differentes de homem para homem, e mesmo tantas vezes mudaveis num só, que taes particularidades, se são uteis para a narrativa, de nada servem, geralmente, para a biographia. D'elle se póde affirmar, o que elle proprio escrevia de Mousinho da Silveira, o grande reformador da nossa constituição social e economica, —que ao vel-o presumil-o-iam um homem vulgar.

Todavia pelas obras que nos legou se deve e póde ajuizar sãmente. D'esta fórma, nada me parece mais facil do que avaliar das idêas e dos sentimentos do nosso inclito historiador. Na verdade, era elle tão nimiamente escrupuloso na coherencia e conformidade das suas idêas e acções, que não encontrareis uma nota dissonante nos seus escriptos. Lêde-os todos, desde a *Historia de Portugal* até á admiravel collecção de escriptos varios de polemica, de litteratura, de historia, etc. que elle appellidou *Opusculos:* Alexandre Herculano encontra-se todo em qualquer d'essas obras.

Não sei se algum esmerilhador de difficuldades achará nisto um defeito. Talvez, sonhando evolutivos desenvolvimentos na vida de um homem, supponha esta inflexibilidade de sentimentos e similhante integridade de opiniões menos conforme com o desenvolvimento progressivo das faculdades humanas. Eu acho virtude. Os genios caminham quasi sempre por vias estranhas ao commum dos homens; e, de mais, nesta comprehensão synthetica d'uma personalidade, a incoherencia é que seria estranhavel. Não é tão dilatada a vida de cada homem, que elle possa acompanhar a evolução social na sua curva immensa: essa vida, longa ou curta, passa-se apenas na representação de um elemento porventura infinitamente pequeno d'aquella curva. O que cada um tem obrigação de ser, é do seu tempo: e Alexandre Herculano foi-o.

Quando, acaso, se é colhido na existencia por uma d'essas revoluções que mudam a face das instituições e dos costumes, succede, por vezes, que um ou outro dos surprehendidos pela tempestade se converte á nova fé. Poucos são estes; e só são taes os que se entregaram, nas suas meditações, a pensar nas leis immutaveis que regem o destino das nações. A maioria é impenitente; e se a tolerancia das modernas consciencias os não condemna, é apenas por que elles são os inscientes das questões vitaes que fermentam no subsolo de cada epocha, e portanto da sua propria. Representantes d'um egoismo

estreito, e apenas capazes d'uma superficial comprehensão das cousas invisiveis, não presuppõem o vulcão que lhes mina os alicerces dos palacios: simplesmente blasonam da balofa grandeza que se lhes ha de desfazer em pó—nas ruinas da revolução ou na carcoma da sepultura.

Em politica, Alexandre Herculano foi toda a sua vida convicto liberal, e mais ainda, admirador da reforma de Mousinho da Silveira e da hombridade cavalheirosa de D. Pedro IV. Elle viu na obra d'esses dois grandes homens o que ella tinha de real—a demolição das velhas instituições: os dizimos, os direitos senhoreaes, os empregos hereditarios, a confusão do poder judicial e administrativo, a organisação militar do paiz, a censura, a omnipotencia do clero e das ordens monasticas, em summa, todos os attributos do despotismo, apoiado nas bayonetas. Defensor de todos os opprimidos—já da nudez e miseria do egresso, velho, cançado e pobre, rarissimo typo de honradez e boa fé, que a espaços elle ainda encontrou vagando no desconforto, como palha arremessada pela vaga revolta á praia deserta; já do povo privado de direitos e de pão—alevantou a sua voz generosa em favor d'ambos conclamando «dae-lhe o abrigo da sua velhice» a um, «dae-lhe a liberdade e o sustento dos filhos» a outro. Mas o povo que elle idolatrou, a classe desherdada a quem elle bradava «reparae, que vos roubam!» não era a populaça que de bom grado mendigava ás portas dos conventos, adoradora da ociosidade e do vinho, inimiga do trabalho, e serva voluntaria dos abbades, dos commendadores e dos capitães-móres: era a parte sã, util, intelligente e productora do paiz, desde o minimo agricultor até ao maior fabricante.

O mais conspicuo sabedor das origens do nosso paiz e o mais grave e honesto historiador das suas glorias, era Herculano egualmente e por força de razão o mais declarado inimigo das falsificações, da mentira, das suggestões do interesse e dos desvarios da ambição. A nenhuma d'estas fraquezas sacrificou jámais o grande homem a majestade da sciencia e o amor da verdade. Legitimamente orgulhoso perante uma turba de insignificantes nullidades que a deshoras lhe uivavam á porta, similhantes ao cão vadio, como desejando interromper-lhe as meditações ou perturbar-lhe o somno; nunca vergou ás caricias da vaidade, tão irresistiveis para os espiritos apoucados, mas que, não raro, impam de importancia e soberba. Por isso este espirito rectissimo, que não póde ser suspeito de retrogrado no tributo de admiração que votava ás nossas velhas reliquias, não amou a democracia desordeira

dos tribunos ruidosos da praça publica, ou dos polemistas enfeitados e rhetoricos da imprensa e da tribuna politica. Combateu sempre com energia a politica importadora de instituições extranhas, porventura lá fóra uteis e proveitosas, mas incompativeis, entre nós, com a indole e razão nacionaes. Não apoiou a revolução de 1836, porque lhe parecia que este novo liberalismo, demasiado susceptivel dos seus foros democraticos, seria a implantação d'uma arvore exotica que havia de bracejar dictaduras e revoltas na terra tão sua amada e de cujas tradições elle era tão orgulhoso.

A despeito dos seus interesses, jámais desmentiu o juramento que prestara á constituição de 1826, porque entendia que após a obra de demolição, começada por braços tão robustos, se tornava preciso edificar sobre as ruinas com egual esforço, mas d'um modo estavel, harmonico e sobretudo nacional, a independencia do paiz. E, em verdade, bem se tem visto quão improficuas têm sido taes implantações, já na instrucção, já na administração publica, quando rudemente e desafeiçoadas se atiram ao meio das instituições existentes, com as quaes não podem quadrar bem.

Elle odiou a centralisação politica e administrativa. E quem professa estes principios, não póde invejar os mais declarados partidarios do radicalismo liberal e dos direitos do homem. Mas a venalidade, a lucta apaixonada das ambições e as dictaduras dos partidos nunca lhe vasaram no coração a lia deleteria de seus filtros. O absolutismo dos reis ou o despotismo das facções eram-lhe do mesmo modo repugnantes. Recolhido obscuramente no seu gabinete, ou percorrendo incansavel os archivos dos municipios e mosteiros, por todo o paiz, trabalhava com desvelado amor nessa maravilhosa obra de reconstrucção de nosso passado, da nossa edade média, absolutamente ignorada ou systematicamente falsificada por frades e bispos, por ignorantes e por sabedores, ora de boa ora de má fé, —reconstituição muitas vezes mais difficil de que a divinação do futuro, segundo ûma phrase sua—emquanto estouravam na rua as luctas civis. Um homem tal podia, portanto, dizer affoutamente o que elle escreveu na biographia de Mousinho da Silveira: «Je tâcherai de respecter les individus vi-«vants, car la bienséance l'exige. Pour ce qui regarde les «groupes, les coteries, les factions, les partis, je me moque «de leurs colères! J'ai le courage de mes opinions, Dieu merci!»

(Continúa).

CORRÊA BARATA.

HERALDICA LITTERARIA

Se eu tivera saude e tempo, e além d'isso posses, porque só por milagre encontraria um editor, entregar-me-hia á elaboração d'uma obra que seria, creio, bastante curiosa e não de todo inutil para a historia da litteratura, da heraldica e até das artes—gravura e encadernação.

Intitular-se-hia *Heraldica litteraria* e comprehenderia tres partes.

Na primeira trataria dos *ex-libris* e seria precedida d'um resumo historico em que investigasse a origem e desenvolvimento d'esta especie bibliographica, qual o seu inventor e quem primeiro a introduziu em Portugal.

Os *ex-libris,* sendo de diversa natureza, poder-se-hiam descrever separada ou simultaneamente. Assim se poderiam formar as seguintes classes:

a) Os *ex-libris* manuscriptos, que são sem duvida os primitivos e que, não tendo valor artistico, valem todavia como autographos, como os de Christovão Alão de Moraes, abbade Garnier, Gaspar Barreiros, Cartuxa de Evora, etc.;

b) *Ex-libris* typographicos ou lytographados, contendo singelamente o nome do auctor, como os de Dom Lourenço de Lima, fr. Vicente Salgado, J. E. G. Rebello da Fontoura;

c) *Ex-libris* em fórma de sello ou carimbo, singelos, só com o nome, como os de *T. Norton* João Vieira Pinto, ou armoriados como os da casa de Lafões e de varias corporações litterarias e scientificas;

d) Finalmente, os *ex-libris* gravados, alguns dos quaes, pela belleza do desenho, pelo fino da gravura, são verdadeiros primores artisticos.

Descreveria estes *ex-libris* pela ordem alphabetica ou chronologica de seus possuidores, ou indistinctamente, mas n'este ultimo caso não deixaria de formular um indice ou mais de um, já pelos nomes ou appellidos, já pelas epochas. No caso de adoptar o ultimo systema não duvidaria encetar a lista por Barbosa Machado, o auctor da *Bibliotheca Lusitana,* sem duvida, em todos os sentidos, o nosso primeiro bibliophilo e bibliographo. Éra uma homenagem merecida.

No alto de cada pagina ou em folha separada, segundo o seu formato ou outra qualquer circumstancia recommendavel, a reproducção do *ex-libris,* e por baixo a biographia do seu possuidor, com a historia e o destino da sua livraria.

No fim d'este elencho incluiriamos a lista dos bibliophilos que chegaram a formar livrarias ou collecções notaveis, mas que não usaram de *ex-libris,* sabendo-se apenas da sua existencia ou por tradição ou pela publicação dos respectivos Catalogos.

A segunda parte compôr-se-hia da reproducção das armas, já de particulares, já de corporações, gravadas nas pastas das encadernações, como as do conde da Vidigueira, do marquez de Pombal, etc.

A terceira, finalmente, comprehenderia a reproducção dos brazões que se acham estampados nos frontispicios dos livros, e alguns dos quaes, como o dos Silvas, na obra do padre Ignacio Stafford, *Historia de la celestial vocacion del Padre Marcelo Francisco Mastrili,* são verdadeiras obras d'arte. Estas armas pertencem geralmente ás pessoas a quem a obra é dirigida, algumas das quaes concorreram para a sua publicação, Mecenas dos auctores.

Muitos dos *ex-libris* trazem o nome dos artistas que os desenharam e gravaram, por isso seria imperdoavel injustiça se não se addicionasse ao trabalho bibliographico propriamente dito, uma relação d'esses artistas, mencionando a epocha em que floresceram e os seus principaes trabalhos.

Entre nós são poucos os colleccionadores de *ex-libris* e só ha pouco tempo é que noto dispertada a attenção de alguns bibliophilos por esta interessante especialidade. Lá fóra são já numerosas as monographias a tal respeito, havendo revistas consagradas unicamente ao assumpto.

Qualquer que seja o ponto de vista sob o qual as encaremos, estas collecções sempre valem mais que muitas outras, que têm tão fervorosos adeptos, como por exemplo a dos sellos, e ultimamente a dos bilhetes postaes illustrados.

A historia dos *ex-libris* dar-nos-hia implicitamente a historia de muitos homens illustres, que tanto contribuiram, com o seu amor aos livros, para a conservação dos mais preciosos monumentos litterarios. D. Theotonio, duque de Bragança, Manuel Severim de Faria, D. fr. Manuel do Cenaculo, arcebispo de Evora, e o abbade Barbosa Machado, são benemeritos, cujos nomes se devem inscrever com letras de ouro no templo da sciencia. Nem todos os bibliophilos são da mesma capacidade intellectual e se podem enfileirar na mesma categoria,

mas o avaro alfarrabista, por mais sordido e mesquinho que seja, não se deve votar de todo ao desprezo, porque, se não franqueou em vida os thesouros que egoistamente escondera, se não lhes soube dar o devido apreço, se não desentranhou d'elles, em proveito proprio, nem sequer o precioso metal, ao menos contribuiu para arrebanhar muita cousa, que a ignorancia de uns e o desleixo de outros deixariam disseminar e perder.

Eis aqui ligeiramente traçados os lineamentos d'uma obra, que tanto concorreria para illustrar a historia do movimento intellectual portuguez, accentuando os serviços que prestaram á litteratura os mais prestimosos colleccionadores e qual o destino que tiveram as suas livrarias.

Se a mais provada e honrosa nobreza consiste no saber, por certo que a *Heraldica litteraria* deveria levar a primazia a todas as outras.

SOUSA VITERBO.

LIVRO DAS OBEDIENCIAS DOS GERAES

(*Inédito.* — Cont. do n.º 11, pag. 704)

6. Petitur etiam a R. P. Gen. cõmitti special*iter* uni de n*ost*ris in hac p*ro*uincia curã colligendi & scribendi res memoria dignas, ut prima illa apud nos Societatis initia, collegior*um* origines, nostror*um* nauigationes, labores & exempla uirtutũ resq̃. alias hui*us*mod*i*, quod iam antea tentatum Olyssipone Et Conimbricæ persequi per incuriam n*ost*ris destiterũt. Visum est autem id ualde expedire, 1.º ne multar*um* rer*um* illustriũ a primis illis hui*us* p*ro*uinc*iæ* parentib*us* gestar*um* memoria quam conseruant seniores, qui adhuc uiuunt, intermoriatur cum non leui iactura cæteror*um* quos ad imitationem non poterunt non ea exempla uehementer incendere. Deinde ut n*ost*ris fundatoribus lusitanis ::: gratos nos præbeamus cõmemorandis ipsor*um* singularibus benefic*jis* in so*cietat*em. 3.º ob ædificatiouem & consolationem nostror*um* nõ solum in Hispania, s*ed* etiam in alijs p*ro*uincijs: constat enĩ hanc narrationem ::: christ*ianæ* pietatis non par*um* ualituram ad solatiũ pi ::: tatem redarguendam. Erit præterea non par*um* utilis ::: historiam uniuersæ Societatis quæ paratur Romæ.

R. Placet idq̃. cõmendam*us* P. Prouinci ::: designet uiros idoneos, atq̃ etiam gratum nobis erit si nos sub inde ::: faciat de operis p*ro*gressu.

7. Petendum item uisum est a R. P. Generali ut scripta quædam de reb*us* huius p*ro*uinciæ & inter ea potissimũ originale ep*ist*olæ obed*ient*iæ quam S*anc*tæ mem*oriæ* P. Ignatius ad hanc p*ro*uinciam destinauit, quæq*ue* sibi cõmodata iandiu P. Petr*us* Ribadenera penes se habet, et quib*us* confecto iam libro de vita P. Ignatij minime eget, nobis restitui faciat: cum originale prædictæ ep*istol*æ hæc p*ro*uincia tanquam singulare donum, ac reliquias patris n*ost*ri, ut par est, semper uenerata fuerit, & in posterum conseruatum uelit: neq̃. aliter illud a nobis facile recuperari posse existimet.

R. Videtur æqua postulatio: ideoq*ue* mandabimus hoc negotium P. Procuratori Toletano, & nos etiam ipsi scribemus P. Ribadeneræ.

8. Petendum etiam a P. N. Gen. uisum est ut S. P.tas

specialem facultatẽ concedat, huius p*ro*uinciæ Prouinciali utendi n*ost*ro priuilegio, absoluendi nimirũ tum excõmunicatum ab hoc nominatim, tum a iure, sed nominatim denuntiatum, tum etiam notorium clerici percussorem; & prædictam facultatẽ suis subditis, uel per se immediate, uel per sup*erio*res cõmunicandi, ne confessarij n*ost*ri toties cogantur pænitentes ad alios religiosos mittere qui hac facultate præditi sunt; quod non sine aliqua offensione fit, dum eiusmo*d*i religiosi quod siãt societatem ipsor*um* priuilegijs potiri, occasionem habent existimandi n*ost*ros ob uitãdam molestiam eiusmo*d*i a se pænitentes repellere: tum etiam ne aduenas qui ex uarijs orbis partibus ad hoc regnum uentitant, in quib*us* non raro cessat omnis ratio scandãli, itemq̃. alios qui in loca transmarina nauigaturi, prius ad n*ost*ros expiandi animi *c*ausa confugiunt absolutionis beneficio destitutos interdũ dictas ob causas dimittant.

R. Hoc a nobis p*ro*hibitum fuerat ob eam causam quod. S. aliqui doctores & quidem graues in ea sententia erant, quod n*ost*ra facultas non extenderetur ad nominatim excõmunicatos. Quære placebit nobis ut P. Prouincialis iubeat hanc quæstionem istic quoq̃. diligenter ::: considerari, & deinde nos admoneat quæ sit eor*um* opinio, ut statu ::: quid agendum sit.

9. Quoniam tum inter n*ost*ros, tum etiam inter externos timebatur scandalum, si domus p*ro*fessa ::: uillam emptam nomine cuiusdam uuici, uisa est res p*ro*ponen ::: cum ratio*ni*b*us* in utramq*ue* partem.

R. Certum est non ::: dom*us* p*ro*fessæ habeant uineam ad recreationem, ::: constit*utio*n*e*s requirũt vere quia complures patrũ ex ::: ob quasdam peculiares eius conditio*n*es offensuran multos ::: etiam maior pars congreg*atio*nis in hoc inclinauit; uisa est nobis ::: ratio ad occurrendũ omnib*us* incõmodis, & fruendũ ijs cõmodis quæ ex hac uilla haberi posse dicuntur, ut retineatur & ematur nomine dom*us* p*ro*batio*n*is futuræ, ad cuius exsoluendum pretiũ nos etiam eam inuabim*us*, applicata subinde aliqua pecuniæ sũma, quam occasio obtulerit. Illudq̃ insuper ut p*ro*pter aliquas impensas quas dom*us* p*ro*fessa in ea fecit, maneat ei ius ad utendum ea ad suam recreationem p*ro* P. Prouincialis arbitrio: quin etiam siqu*is* aquæductus in urbem deducetur, liceat domui p*ro*fessæ aliquam partem ad se deriuare eius aquæ quæ est in uinea.

(Continúa).

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Affonso Costa, secretario — Bernardo Ayres — Eugenio de Castro — José Frederico Laranjo, 1.º redactor — Luciano Antonio Pereira da Silva — Manuel d'Azevedo Araujo e Gama.

O INSTITUTO

REVISTA SCIENTIFICA E LITTERARIA

fundada em 1852

Esta revista é orgão do INSTITUTO DE COIMBRA. Publica-se em cada mez um numero de 64 paginas ou mais. Doze numeros fórmam um volume, com o seu frontispicio, indices e capa especial.

Preço de cada numero ordinario..... 200 réis.

ASSIGNATURAS

Não se recebem senão por um anno. Envia-se cada numero pelo correio aos assignantes, franco de porte, para Portugal (metropole) e para Hespanha; para o nosso Ultramar e para os restantes paizes accresce a importancia dos sêllos.

Preço..... 2$000 réis.

VOLUMES PUBLICADOS

Alguns dos quarenta e seis volumes que formam a collecção completa do INSTITUTO, estão quasi esgotados, e por isso não se vendem senão a quem adquirir toda a collecção. Aquelles porém de que existem em deposito muitos exemplares, vendem-se pelo respectivo preço de assignatura: 1$500 réis cada um até o volume XLII, 2$000 réis qualquer dos seguintes.

Collecção completa..... 62$000 réis.